

Ilma Magalhães Alkimim

SERMÕES DE EUSÉBIO DE MATOS: EDIÇÃO CRÍTICA E ESTUDO

Volume 1

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Pós-Lit, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Estudos Literários.

Área de Concentração: Literatura Brasileira.  
Linha de Pesquisa: Edição e Recepção de Textos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Jacyntho Lins Brandão.

Belo Horizonte

2014

### ESCLARECIMENTO

Na versão impressa deste trabalho, constam os fac-símiles de edições príncipes utilizadas, para o leitor que desejasse consultar o texto-base. Para esta versão em pdf, entretanto, não foi possível mantê-los, devido ao direito de reprodução fac-similar das bibliotecas que guardam os originais. Atualmente, encontram-se disponibilizadas na Web, por outras organizações, versões digitais da maioria dos sermões aqui editados, as quais o leitor interessado pode acessar. Na presente data, os acessos podem ser feitos pelos links:

- <<https://archive.org/details/sermamdesoledade00mato>>;
- <<https://archive.org/details/eccehomopractica00mato>>;
- <<https://archive.org/details/sermoens00matt>>.

A autora,

Em 09 de julho de 2014.



pós-lit  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Faculdade de  
Letras - FALE



Tese intitulada "*Sermões*", de *Ensébio de Matos: edição crítica e estudo*, de autoria da Doutoranda ILMA MAGALHÃES ALKIMIM, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Estudos Literários.

**Área de Concentração:** Literatura Brasileira/Doutorado

**Linha de Pesquisa:** Edição e recepção de textos literários

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Jacyntho José Lins Brandão - FALE/UFMG - Orientador

Prof. Dra. Maria Cecília Bruzzi Boechat - FALE/UFMG

Prof. Dr. José Américo de Miranda Barros - FALE/UFMG

Prof. Dra. Valéria Maria Pena Ferreira - UFVJM

Prof. Dra. Alicia Duhá Lose - UFBA

Prof. Dra. Myriam Corrêa de Araújo Ávila  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG

Belo Horizonte, 9 de maio de 2014.

À Mãezinha.

## **AGRADECIMENTOS**

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), pela concessão de bolsa do Programa de Apoio à Pós-Graduação (PAPG), e de Doutorado Sanduíche, realizado na Universidade do Porto.

Ao Prof. Dr. Jacyntho Lins Brandão (UFMG), pela orientação, compreensão e apoio desde 2012 até o presente, especialmente por ter acolhido este trabalho já em curso.

Ao Prof. Dr. José Américo de Miranda Barros (UFMG), por me despertar o interesse pelo estudo de fontes primárias na área de Literatura Brasileira, por me apresentar a obra de Eusébio de Matos, pela orientação deste trabalho até 2012 e pelo cuidado de tê-la deixado em tão boas mãos a partir de então. Agradeço-lhe, ainda, por suas valiosas observações por ocasião do exame de qualificação deste trabalho.

Ao Prof. Francisco Topa (Universidade do Porto), pela co-orientação e pela supervisão durante o Doutorado Sanduíche.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cecília Bruzzi Boechat (UFMG), pelo exame e parecer do projeto de tese.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita Marquilhas (Universidade de Lisboa), pelo envio de material bibliográfico relevante para a pesquisa de aspectos linguísticos e ortográficos em textos seiscentistas.

Ao Gilson José dos Santos e ao José Euríalo dos Reis, por me incentivarem a realizar este trabalho e por me auxiliarem na tradução das citações latinas.

À Márcia Alkmim, pela digitalização dos fac-símiles das edições príncipes dos Sermões aqui editados.

Aos amigos e familiares, por me apoiarem e saberem entender as minhas ausências durante os últimos quatro anos.

*[...] a operação crítico-textual sempre permitirá o passo à frente; [...] o iniciado, ao entrar no grupo a que se associa por amor e devoção, vai ser um elo de uma continuidade que se honra de ser continuidade: cada um dá de si o melhor, para que, depois, o melhor possa ser melhorado por outrem. (HOUAISS. In: AZEVEDO FILHO, 1987, p. 10)*

## RESUMO

Este trabalho consiste na edição crítica dos sermões de Eusébio de Matos (1629-1692), antecedida por uma breve explanação sobre o autor e a sua obra, bem como pela descrição extrínseca de suas edições príncipes e pelo levantamento – por amostragem – de suas características intrínsecas. Na introdução, menciona-se a importância dos sermões para o conhecimento da prosa literária seiscentista. Menciona-se ainda a contribuição que a edição e o estudo desse gênero podem dar a áreas de pesquisa que levam em conta a literatura e sua relação com a cultura e a sociedade. No primeiro capítulo, informam-se dados da biobibliografia do autor e da recepção de sua obra. No segundo capítulo, apresentam-se a descrição bibliológica das edições príncipes dos sermões e as reflexões crítico-filológicas que nortearam as etapas do trabalho de edição, tais como a escolha do tipo, o estabelecimento dos seus critérios gerais e de suas normas específicas. No terceiro capítulo, expõe-se a edição crítica dos sermões, organizados por data de publicação e acompanhados de cópia fac-similar de suas edições príncipes. Por último, nas considerações finais, realiza-se uma apreciação dos objetivos propostos, do trabalho realizado e de seus possíveis desdobramentos. Anexos e apêndices acompanham este trabalho para complementar ou ilustrar informações.

## ***ABSTRACT***

This dissertation consists of a critical edition of Eusébio de Matos (1629-1692) sermons, introduced by a brief explanation about the author and its *oeuvre*, with an extrinsic description of his first editions presented in a sample scheme that also portrays intrinsic characteristics. In the introduction, it is highlighted the importance of the sermons for the background knowledge of the sixteenth century literary prose. It is also mentioned the contribution that an edition and a study of this genre can provide to the fields of research of literature and its relation with culture and society. In the first chapter, the biographical and bibliographical accounts of the author and the reception of his work are pointed out. The second chapter presents the descriptive bibliography of the first editions of the sermons and the critic-philological reflections that directed the phases of the editorial work, such as: the choosing of the kind, the establishment of the general criteria and its specific rules. The third chapter displays the critical edition of the sermons, organized by the date of publication followed by the facsimile copy of the first editions. The last part brings the final considerations of this study with an analysis of the objectives proposed in this work and its possible future bindings. There are attachments that complement and illustrate some information presented in this dissertation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|           |   |     |
|-----------|---|-----|
| FIGURA 1  | Folha de rosto – <i>Ecce Homo</i> (1677).....   | 641 |
| FIGURA 2  | Folha de rosto – <i>Sermão de Soledade</i> (1681).....  | 641 |
| FIGURA 3  | Folha de rosto – <i>Sermões</i> (1694).....   | 641 |
| FIGURA 4  | Folha de rosto – <i>Oração Fúnebre</i> (1735).....  | 641 |
| FIGURA 5  | Vinheta da folha de rosto [ <i>Ecce Homo</i> ].....   | 32  |
| FIGURA 6  | Primeira barra ornamental [ <i>Ecce Homo</i> ].....   | 32  |
| FIGURA 7  | Segunda barra ornamental [ <i>Ecce Homo</i> ].....  | 32  |
| FIGURA 8  | Primeira barra ornamental [ <i>Sermão de Soledade</i> ].....  | 34  |
| FIGURA 9  | Vinheta final [ <i>Sermão de Soledade</i> ].....  | 34  |
| FIGURA 10 | Vinheta da folha de rosto [ <i>Sermões</i> ].....   | 36  |
| FIGURA 11 | Barra ornamental do primeiro sermão [ <i>Sermões</i> ].....   | 37  |
| FIGURA 12 | Vinheta das páginas 350, 376 e 390 [ <i>Sermões</i> ].....  | 37  |
| FIGURA 13 | Vinheta da folha de rosto [ <i>Oração Fúnebre</i> ].....  | 38  |
| FIGURA 14 | Barra ornamental [ <i>Oração Fúnebre</i> ].....   | 39  |
| FIGURA 15 | Pretérito mais-que-perfeito do indicativo com valor de imperfeito do subjuntivo e de futuro do pretérito.....         | 70  |
| FIGURA 16 | Uso do pronome <lhe>com valor de plural.....  | 70  |
| FIGURA 17 | Advérbio <aonde> com valor locativo estático.....   | 71  |
| FIGURA 18 | Uso de <porque> como conjunção final.....   | 72  |
| FIGURA 19 | Ponto exclamativo e ponto final com valor interrogativo.....  | 73  |
| FIGURA 20 | Vírgula e ponto final com valor interrogativo.....  | 73  |
| FIGURA 21 | Fac-símile ( <i>recto</i> ) da carta do Pe. Reitor Francisco de Avellar ao Superior Geral da Cia de Jesus (1669)..... | 642 |
| FIGURA 22 | Fac-símile ( <i>verso</i> ) da carta do Pe. Reitor Francisco de Avellar ao Superior Geral da Cia de Jesus (1669)..... | 643 |
| FIGURA 23 | Fac-símile da folha de rosto do Ms. 920 – <i>Catál'gus Authorum Famosiorum</i> .....                                  | 644 |
| FIGURA 24 | Fac-símile do Ms. 920 – Menção a Eusébio de Matos (1) .....   | 645 |
| FIGURA 25 | Fac-símile do Ms. 920 – Menção a Eusébio de Matos (2).....  | 646 |
| FIGURA 26 | Fac-símile do Ms. 920 – Menção a Eusébio de Matos (3).....  | 647 |
| FIGURA 27 | Fac-símile do Ms. 920 – Menção a Eusébio de Matos (4).....  | 648 |

|           |  |     |
|-----------|--|-----|
| FIGURA 28 | Fac-símile do Ms. 920 – Menção a Eusébio de Matos (5).....   | 649 |
| FIGURA 29 | Fac-símile do Ms. 575 – Poema atribuído a Eusébio de Matos (1).....  | 650 |
| FIGURA 30 | Fac-símile do Ms. 575 – Poema atribuído a Eusébio de Matos (2).....  | 651 |
| FIGURA 31 | Fac-símile do Ms. 575 – Poema atribuído a Eusébio de Matos (3).....  | 652 |
| FIGURA 32 | Fac-símile do Ms. 575 – Poema atribuído a Eusébio de Matos (4).....  | 653 |
| FIGURA 33 | Fac-símile do Ms. 575 – Poema atribuído a Eusébio de Matos (5).....  | 654 |
| FIGURA 34 | Fac-símile do Ms. 575 – Poema atribuído a Bernardo Vieira Ravasco (1).....   | 655 |
| FIGURA 35 | Fac-símile do Ms. 575 – Poema atribuído a Bernardo Vieira Ravasco (2).....   | 656 |
| FIGURA 36 | Fac-símile do Ms. 575 – Poema atribuído a Bernardo Vieira Ravasco (3).....   | 657 |
| FIGURA 37 | Fac-símile do Ms. 575 – Poema atribuído a Bernardo Vieira Ravasco (4).....   | 658 |
| FIGURA 38 | Fac-símile do Ms. 575 – Poema atribuído a Bernardo Vieira Ravasco (5).....   | 659 |
| FIGURA 39 | Excerto das Aprovações à Suma” ou “Recompilaçam” das Maravilhas do<br>Venerável P. Joseph Anchieta, feita por Simão de Vasconcellos. Baía, 12<br>de junho de 1668. (Vitæ, 153, 457). Autógr. Port.”..... | 640 |
| FIGURA 40 | Fac-símile do Ms. CX/1-15 – <i>Sermão de S. Francisco Xavier</i> (1).....  | 660 |
| FIGURA 41 | Fac-símile do Ms. CX/1-15 – <i>Sermão de S. Francisco Xavier</i> (2).....  | 661 |
| FIGURA 42 | Fac-símile do Ms. CX/1-15 – <i>Sermão de S. Francisco Xavier</i> (3).....  | 662 |
| FIGURA 43 | Fac-símile do Ms. CX/1-15 – <i>Sermão de S. Francisco Xavier</i> (4).....  | 663 |
| FIGURA 44 | Fac-símile do Ms. CX/1-15 – <i>Sermão de S. Francisco Xavier</i> (5).....  | 664 |
| FIGURA 45 | Fac-símile do Ms. CX/1-15 – <i>Sermão de S. Francisco Xavier</i> (6).....  | 665 |
| FIGURA 46 | Fac-símile do Ms. CX/1-15 – <i>Sermão de S. Francisco Xavier</i> (7).....  | 666 |
| FIGURA 47 | Fac-símile do Ms. CX/1-15 – <i>Sermão de S. Francisco Xavier</i> (8).....  | 667 |
| FIGURA 48 | Fac-símile do Ms. CX/1-15 – <i>Sermão de S. Francisco Xavier</i> (9).....  | 668 |
| FIGURA 49 | Fac-símile do Ms. CX/1-15 – <i>Sermão de S. Francisco Xavier</i> (10).....   | 669 |
| FIGURA 50 | Fac-símile do Ms. CX/1-15 – <i>Sermão de S. Francisco Xavier</i> (11).....   | 670 |
| FIGURA 51 | Fac-símile do Ms. CX/1-15 – <i>Sermão de S. Francisco Xavier</i> (12).....   | 671 |
| FIGURA 52 | Fac-símile do Ms. CX/1-15 – <i>Sermão de S. Francisco Xavier</i> (13).....   | 672 |
| FIGURA 53 | Fac-símile do Ms. CX/1-15 – <i>Sermão de S. Francisco Xavier</i> (14).....   | 673 |
| FIGURA 54 | Fac-símile do Ms. CX/1-15 – <i>Sermão de S. Francisco Xavier</i> (15).....   | 674 |
| FIGURA 55 | Fac-símile do Ms. CX/1-15 – <i>Sermão de S. Francisco Xavier</i> (16).....   | 675 |
| FIGURA 56 | Pintura do forro da Capela Capitular do Convento do Carmo – Salvador,<br>Bahia.....  | 639 |
| QUADRO 1  | Grafias de <-eo> e <-io> em desinências verbais.....   | 51  |
| QUADRO 2  | Empregos distintos dos sinais de pontuação.....  | 73  |
| QUADRO 3  | Sinopse das normas de edição dos sermões de Eusébio de Matos.....  | 83  |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|                  |  |
|------------------|--|
| A.D.             | - <i>Ano Domini</i>  |
| a.C.             | - antes de Cristo  |
| al.              | - <i>alii</i>  |
| ARSI             | - <i>Archivum Romanum Societatis Iesu</i>                    |
| art.             | - artigo ou <i>artículo</i>                                  |
| BPE              | -Biblioteca Pública de Évora                                 |
| BPMP             | - Biblioteca Pública Municipal do Porto                      |
| c.               | - capítulo ou <i>caput</i>                                   |
| cf.              | - confira / confronto  |
| cód(s).          | - códice(s)  |
| col(s)           | - coluna(s) / <i>columna(s)</i>                              |
| cm               | - centímetro(s)  |
| D.               | - Dom  |
| ed.              | - edição / editora   |
| EUA              | - Estados Unidos da América                                  |
| ex.              | - exemplo  |
| FEH              | - fac-símile da edição príncipe do <i>Ecce Homo</i>          |
| FIG.             | - Figura   |
| FOF              | - fac-símile da edição príncipe da <i>Oração Fúnebre</i>     |
| FS               | - fac-símile da edição príncipe dos <i>Sermões</i>           |
| FSS              | - fac-símile da edição príncipe do <i>Sermão de Soledade</i> |
| <i>ibid.</i>     | - <i>ibidem</i>  |
| <i>i.e.</i>      | - <i>id est</i> / isto é                                     |
| l(s).            | - linha(s)   |
| <i>loc. cit.</i> | - <i>loco citato</i>   |
| ms(s).           | - manuscrito(s)  |
| <i>op. cit.</i>  | - <i>opus citatum</i>  |
| org(s).          | - organizador(es)  |
| p.               | - página(s)  |
| p. ex.           | - por exemplo  |

|             |  |
|-------------|--|
| <i>P.G.</i> | - Patrologia Grega                     |
| <i>P.L.</i> | - Patrologia Latina                    |
| q.          | - quæstio(nis)                         |
| quæst.      | - quæstio(nis)                         |
| <i>r</i>    | - <i>recto</i>                         |
| ref.        | - referente / referência               |
| resp.       | - Responsável                          |
| S.          | - São; Santo                           |
| s.d.        | - sem data                             |
| <i>s.l.</i> | - <i>sine loco</i>                     |
| <i>s.n.</i> | - <i>sine nomine</i>                   |
| séc(s).     | - século(s)                            |
| <i>seq.</i> | - <i>sequentia</i>                     |
| tb.         | - também                               |
| trad.       | - tradução                             |
| UFMG        | - Universidade Federal de Minas Gerais |
| UFPe        | - Universidade Federal de Pernambuco   |
| USP         | - Universidade de São Paulo            |
| <i>v</i>    | - <i>verso</i>                         |
| v.          | - volume                               |
| <i>Vd.</i>  | - <i>Vide</i>                          |
| <i>Vs.</i>  | - <i>Versus</i>                        |

## NOTAÇÕES

As transcrições fonéticas são feitas entre colchetes, de acordo com o Alfabeto Internacional de Fonética (cf. SILVA, 2001, p. 41). Fora do texto crítico, as transcrições grafemáticas são apresentadas entre parênteses angulosos. Os sinais utilizados no texto crítico são apresentados na seção 2.4 deste trabalho.

# SUMÁRIO

## VOLUME 1

|          |  |    |
|----------|--|----|
|          | <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 16 |
| <b>1</b> | <b>EUSÉBIO DE MATOS: DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS</b> .....                                 | 19 |
| 1.1      | O autor .....  | 19 |
| 1.2      | Suas obras .....   | 21 |
| 1.2.1    | Música e pintura .....   | 21 |
| 1.2.2    | Poesia .....   | 23 |
| 1.2.3    | Prosa.....   | 25 |
| 1.3      | Aspectos da recepção: a crítica literária dos sécs. XIX e XX.....                      | 27 |
| <b>2</b> | <b>ESTUDO CRÍTICO-FILOLÓGICO</b> .....   | 29 |
| 2.1      | Descrição Bibliológica.....  | 29 |
| 2.1.1    | Ecce Homo.....   | 30 |
| 2.1.2    | Sermão de Soledade.....  | 32 |
| 2.1.3    | Sermões, do Padre Eusébio de Matos.....  | 34 |
| 2.1.4    | Oração Fúnebre.....  | 37 |
| 2.2      | Texto-base e tipo de edição.....   | 39 |
| 2.3      | Reflexões que nortearam os critérios de edição.....                                    | 42 |
| 2.3.1    | A questão ortográfica em textos seiscentistas.....                                     | 42 |
| 2.3.2    | Características intrínsecas dos sermões e a prescrição (orto)gráfica de sua época..... | 46 |
| 2.3.2.1  | Variantes gráficas passíveis de atualização.....                                       | 47 |
| 2.3.2.2  | Variantes gráficas indicativas de fatos linguísticos.....                              | 60 |
| 2.3.2.3  | Tratamento da grafia em nomes próprios.....  | 67 |
| 2.3.2.4  | Aspectos de morfossintaxe e de pontuação.....  | 69 |
| 2.4      | Normas de edição.....  | 78 |
| 2.4.1    | Convenções.....  | 78 |
| 2.4.1.1  | Fac-símile.....  | 78 |

|          |   |           |
|----------|---|-----------|
| 2.4.1.2  | Siglas.....   | 78        |
| 2.4.1.3  | Aparato crítico.....  | 78        |
| 2.4.1.4  | Acréscimos, supressões, substituições e sinalização de trechos de difícil<br>leitura.....   | 79        |
| 2.4.2    | Apresentação gráfica.....   | 80        |
| 2.4.3    | Normas de transcrição.....  | 80        |
| 2.4.3.1  | Aspectos gráficos preservados do texto-base .....   | 80        |
| 2.4.3.2  | Aspectos gráficos atualizados.....  | 81        |
| 2.4.4    | Quadro sinóptico.....   | 83        |
| <b>3</b> | <b>EDIÇÃO DOS SERMÕES DE EUSÉBIO DE MATOS.....</b>  | <b>85</b> |
|          | Ecce Homo. Práticas pregadas no Colégio da Bahia às sextas-feiras à noite,<br>mostrando-se em todas o <i>Ecce Homo</i> .....  | 85        |
|          | Prática I. Dos Espinhos.....  | 85        |
|          | Prática II. Da Púrpura.....   | 97        |
|          | Prática III. Das Cordas.....  | 108       |
|          | Prática IV. Da Cana.....  | 119       |
|          | Prática V. Das Chagas.....  | 131       |
|          | Prática VI. E Última do Título de Homem.....  | 143       |
|          | Sermão de Soledade, e Lágrimas de Maria Santíssima Senhora Nossa (1681).  | 156       |
|          | Sermões, do Padre Eusébio de Matos (1694).....  | 175       |
|          | Sermão Primeiro, pregado no Mosteiro de S. Clara da cidade da Bahia na<br>profissão de duas Irmãs, filhas de um Capitão de Infantaria, no dia das Onze<br>mil Virgens, estando exposto o Santíssimo Sacramento..... | 175       |
|          | Sermão Segundo, pregado em a festa de Nossa Senhora do Rosário em o<br>primeiro domingo de outubro.....   | 217       |
|          | Sermão Terceiro do Mandato, pregado em o Convento do Carmo da cidade<br>da Bahia, donde é uso mostrar-se nos tais sermões o Santo Sudário.....  | 236       |
|          | Sermão Quarto pregado em a festa do Santíssimo Sacramento em o dia de S.<br>Miguel.....   | 262       |
|          | Sermão Quinto, pregado em a festa que faz a Justiça em a Primeira Oitava do<br>Espírito Santo no Convento de N. Senhora do Carmo da cidade da Bahia.....  | 284       |
|          | Sermão Sexto, pregado em a Terceira Dominga da Quaresma.....  | 303       |

|  |     |
|--|-----|
| Sermão Sétimo, pregado nas Exéquias dos Irmãos dos Passos de Cristo.....             | 320 |
| Sermão Oitavo, pregado na festa de Justiça na Primeira Oitava do Espírito Santo..... | 351 |
| Sermão Nono, das Soledades da Senhora.....   | 378 |

## VOLUME 2

|   |     |
|---|-----|
| Sermões dos Passos de Cristo S. Nosso, pregados em as tardes das sextas-feiras da Quaresma em o Convento de N. Senhora do Carmo da cidade da Bahia, por ordem dos Irmãos da Venerável Ordem Terceira da mesma Senhora. Sermão I. Do Passo do Horto..... | 407 |
| Sermão Undécimo, e segundo do Passo de Cristo na Coluna.....  | 432 |
| Sermão Duodécimo, e terceiro do Passo de Cristo na Coroação.....  | 457 |
| Sermão Décimo Tércio, e quarto do Passo do <i>Ecce homo</i> .....   | 481 |
| Sermão Décimo Quarto, e quinto do Passo de Cristo com a Cruz às costas....  | 505 |
| Sermão Décimo Quinto, pregado em a festa da Canonização de S. Maria Magdalena de Pazzi, estando o Santíssimo exposto, no Convento do Carmo da cidade da Bahia.....  | 530 |
| Oração Fúnebre nas Exéquias do ilustríssimo, e reverendíssimo senhor D. Estêvão dos Santos Bispo do Brasil.....   | 556 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....   | 608 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....  | 610 |
| <b>APÊNDICES</b> .....  | 639 |
| <b>ANEXOS</b> .....   | 641 |

## INTRODUÇÃO

A prosa barroca está representada em primeiro plano pela oratória sagrada dos jesuítas. O nome central é o do Padre Antônio Vieira (Lisboa, 1608 – Bahia, 1697). Figuras secundárias, mas de modo algum medíocres, o Padre Eusébio de Matos (Bahia, 1629-92), irmão do poeta Gregório, e o Padre Antônio de Sá (Rio, 1620-78).

Alfredo Bosi<sup>1</sup>

Na historiografia literária, frequentemente se salienta a importância da oratória sagrada – sobretudo, os sermões de Antônio Vieira, Antônio de Sá e Eusébio de Matos – para um melhor conhecimento da literatura em prosa do séc. XVII na América Portuguesa, visto que a prosa de ficção tenha sido uma manifestação literária rara durante a hegemonia do Barroco.<sup>2</sup> Além de Alfredo Bosi, em epígrafe, outros autores também destacam essa tríade de oradores, como Francisco Adolfo de Varnhagen (1867, p. 541), Ferdinand Wolf (1863, p. 11-13), Sílvio Romero (1949, t. 2º, p. 34), Massaud Moisés (2000, p. 66; 1985, v. 1, p. 195-217). Vieira já conta com uma fortuna crítica substancial e, a partir de 2008, seus sermões têm ganhado nova edição crítica, em Portugal, pelo empenho de uma grande equipe, sob a coordenação de Aníbal Pinto de Castro<sup>3</sup> e Arnaldo Monteiro do Espírito Santo, num projeto que visa à publicação de 15 volumes. Os sermões de Antônio de Sá estão editados na tese de doutoramento de Gilson José dos Santos, defendida em 2011, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Em sua dissertação de mestrado – na mesma instituição –, esse pesquisador já havia editado e estudado o belo *Sermão do Dia de Cinza*, do mesmo autor, o qual, posteriormente, voltou ao prelo, em edição para um público amplo. Faltava, pois, a edição crítica e o estudo da obra sermonária de Eusébio de Matos – trabalho vinculado à tese de doutoramento que aqui se apresenta.

Conforme Ferreira (2007, p. 17), o sermão constituiu um gênero de grande

---

<sup>1</sup> BOSI, 2002, p. 43.

<sup>2</sup> Dos poucos autores que cultivaram a prosa de ficção, citam-se apenas Alexandre de Gusmão (1629-1724), com a obra *História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito*, e, já no início do séc. XVIII, Nuno Marques Pereira (1652-1733[?]), com o *Compêndio Narrativo do Peregrino da América* (cf. MOISÉS, 1985, v. 1, p. 217-234). Entenda-se “prosa de ficção” como manifestação literária (conto, novela, romance, crônica, apólogo em prosa, texto teatral, etc.) distinta de narrativas de viagens, textos de cunho historiográfico, informativo, didático ou explicitamente doutrinário – embora se saiba que o caráter ficcional está presente também nessas manifestações, assim como o estatuto estético. Cf. tb. MOISÉS, 2004, p. 371-373.

<sup>3</sup> Consultor científico do projeto, falecido em 07 de outubro de 2010.

relevo, como instrumento fundamental do processo civilizatório na colonização da América Portuguesa, numa época de ausência de imprensa e de reduzido número de leitores. Veríssimo (1954, p. 61) aponta o sermão como “elemento de instrução pela discussão de problemas morais e noções de toda a ordem, que ao redor dele forçosamente surgiam”, e “um espetáculo aberto ao público, [...] em tempo em que à sociabilidade se deparavam poucos ensejos de exercer-se”. Dada a sua função sociocultural, para além da religiosa, a abordagem de sermões seiscentistas pode contribuir não somente para um melhor conhecimento da prosa literária na América Portuguesa, mas também para estudos concernentes a outras áreas do conhecimento que levam em conta a literatura e sua relação com a cultura e a sociedade. Os sermões como que abrem uma janela sobre o século XVII, tornando-o mais visível a pesquisadores de diversas áreas.

A edição e o estudo dos sermões de Eusébio de Matos ora apresentados ensejam, ainda, subsidiar outros estudos no domínio das Letras, dentre os quais: i) os de historiografia literária, ao viabilizar uma reavaliação do lugar desse autor no panorama literário nacional; ii) os de Crítica Textual, ao fomentar o debate acadêmico sobre o grau de conservadorismo efetivamente necessário para se obter uma edição fiável e legível, e possibilitar, pela disponibilização dos fac-símiles, a avaliação das normas de edição e sua aplicação, incitando novos julgamentos e propostas de leitura; iii) os estudos histórico-cronológicos do português brasileiro,<sup>4</sup> ao constituir *corpus* para pesquisa e *locus* de discussão sobre o português seiscentista; iv) o estudo do sermão como gênero discursivo e literário, sua estruturação, seus aspectos retórico-estilísticos, sua função sociocultural no processo civilizatório da América Portuguesa, etc. Nesse último aspecto, a obra sermonária aqui editada pode dar contributo também a pesquisadores da área de Ciências Humanas, ao disponibilizar, para suas reflexões, os textos de forma fidedigna e legível, acompanhados de notas elucidativas.

Antecede à edição do conjunto de sermões de Eusébio de Matos, apresentados no capítulo 3 deste trabalho, um estudo introdutório sobre o autor, o contexto de produção e recepção de sua obra – o que constitui o capítulo 1 –, e questões crítico-filológicas que emergiram dos textos-base, as quais orientaram a escolha do tipo de edição e dos critérios

---

<sup>4</sup> Dentre os vários projetos científicos sobre o português brasileiro, há o Projeto Nacional Integrado *Para a história do português brasileiro* (PHPB), dividido em equipes regionais por todo o país, cuja pauta inclui pesquisas para avaliar como tem sido o ritmo das mudanças linguísticas desde o século XVI, e sua relação com as alterações na organização da sociedade, partindo-se da premissa de que as línguas são fenômenos sociais, criadas, mantidas e alteradas pelas comunidades. Sobre esse projeto, confirmam-se os sites <<https://sites.google.com/site/corporaphpb/>>, <<http://www.lettras.ufrj.br/phpb-rj/>>, dentre outros.

adotados – abordadas no capítulo 2.

# 1 EUSÉBIO DE MATOS: DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS

## 1.1 O AUTOR

Eusébio de Matos, filho de Gregório de Matos e D. Maria da Guerra, ricos senhores de engenho,<sup>5</sup> nasceu em 1629, na Bahia. Como seus irmãos – o mais velho, Pedro de Mattos, e o mais novo, Gregório de Mattos Guerra –, Eusébio também estudou no colégio jesuíta, mas não foi enviado à Universidade de Coimbra, como eles.<sup>6</sup> Embora tenha se formado onde lecionou Vieira, é pouco provável que fosse aluno do grande pregador, como chegaram a afirmar Varnhagen (1867), Romero (1949), Motta (1930), Moisés (1985) e outros, já que Vieira saiu da Bahia quando Eusébio tinha apenas 11 anos, para onde retornou somente em 1681.

Aos 15 anos, Eusébio tornou-se jesuíta, e em 1677, aos 48 anos, deixou a Companhia, para se tornar, em 1680, na Ordem do Carmo, Eusébio da Soledade.<sup>7</sup> Muito se especulou sobre os motivos de sua saída da Companhia de Jesus: para Calmon (1949, p. 29), “comportamento irregular”; para Varnhagen (1867, p. 542), punição por “certo escândalo de um filho natural”. Diz ainda Varnhagen (*loc. cit*) que Vieira, ao saber de sua saída, teria dito: “Pois tão mal fizeram que tarde se criarão para a companhia outros Mattos”; e ao se inteirar dos motivos alegados, completou: “Creio bem que seja isso intriga; mas que não o fora, o padre Eusébio tem tal mérito, que convinha mais à companhia sustentá-lo com filhos e tudo, que privar-se de tão importante soldado”.

---

<sup>5</sup> As informações sobre os pais do autor se baseiam na biografia que o licenciado Manuel Pereira Rebelo fez de seu irmão, Gregório de Matos Guerra. Quanto ao nome do pai, o licenciado Rebelo diz que era Pedro Gonçalves de Mattos, mas Pedro Calmon, em *História da Literatura Bahiana* (1949, p. 30), corrige-o para Gregório de Matos, e esclarece: “Restabelecendo a verdade da filiação achando o seu registro de irmão da Santa Casa de Misericórdia da Bahia. [...] O pai do poeta, Gregório de Matos, foi homem abastado, tanto que figura nas Atas da Câmara da Bahia (1626-1640) com várias subscrições para as necessidades militares”. Fernando da Rocha Peres, em *Gregório de Mattos Guerra: uma re-visão biográfica* (1983, p. 35-36), deslinda, definitivamente, a situação: “Duas Marias, residentes em Salvador, mãe [...] e filha, ambas ‘da Guerra’, vão se casar com ‘os Mattos’, Pedro (avô) e Gregório (pai), cujo neto e filho vai nascer, na Bahia, [...] e chamar-se Gregório de Mattos e Guerra, o poeta, irmão do Jesuíta (depois Carmelita) Eusébio de Mattos, o orador sacro, e Pedro de Mattos, este plantador de canas”. Os três irmãos serviram a ordens religiosas e foram desligados delas.

<sup>6</sup> Pedro, o mais velho, não concluiu seus estudos em Coimbra, e tornou-se lavrador. O célebre irmão mais novo, Gregório, tornou-se Bacharel em Direito, e fez notável carreira.

<sup>7</sup> Esse fato lhe rendeu o trocadilho, em tom encomiástico, feito pelo censor da edição póstuma de seus Sermões (1694), o Frei Francisco da Natividade: “em esta solidão, e naquela Companhia, como em estados da perfeição, se conservou a sua perfeição no mesmo estado”.

Serafim Leite (1938-50, t. VIII, p. 360-361) dá a seguinte notícia sobre o autor:

Em 1669 quis El-Rei nomeá-lo seu pregador e chamou-o a Lisboa. Não acederam os Superiores do Brasil, dando, para não o desacreditar, duas razões públicas, a de fazer falta como Professor de Teologia e o tê-lo incumbido o pai, ao morrer, de um assunto, que só ele podia levar a cabo; mas ao P. Geral deram em particular uma terceira, a saber, que o P. Eusébio de Matos não possuía os requisitos morais indispensáveis para ocupar com dignidade tão alto emprego e honra. Frase e atitude que explicam, sem recurso a anedotas póstumas de autenticidade duvidosa, a sua posição dentro da Companhia e a sua vida, em que a virtude não se manteve à altura do talento.

No *Archivum Romanum Societatis Iesu*, encontra-se uma carta do Padre Reitor Francisco de Avellar, enviada ao Padre João Paulo Oliva, Superior Geral da Companhia de Jesus, em 29 de junho de 1669,<sup>8</sup> justificando por que não atenderia, de imediato, ao pedido do Príncipe de Portugal, de enviar os padres Eusébio de Matos e Antônio de Sá para serem pregadores da Corte Real, e recomendando o padre João Leitão em lugar deles. Diz a carta que Antônio de Sá estava em missão junto aos índios, e Eusébio de Matos fazia falta à província como professor de Teologia, além de que encontrava-se legitimamente impedido, em razão de uma causa deveras urgente: a morte de seu pai.<sup>9</sup> Nessa carta – ao menos nela – não há menção do assunto que o pai teria incumbido Eusébio de tratar, nem da terceira razão para não enviá-lo à Lisboa, mencionada por Serafim Leite (*loc. cit.*).

Em *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil (1549-1760)*, de Serafim Leite (1953, p. 216), Eusébio é assim referido: “Foi professor de Teologia e pregador insigne. Temperamento artístico, múltiplice, mas dispersivo” – isso porque, além de ser professor de Filosofia, Retórica, Teologia e Moral, Eusébio exerceu atividades como músico, pintor, matemático, orador e poeta. O próprio Vieira teria dito, a respeito dele, que “Deus se apostara em o fazer em tudo grande, e não fora mais por não querer”, segundo o registro de Diogo Barbosa Machado, no primeiro volume de sua Biblioteca Lusitana, de 1741 – uma das primeiras fontes de estudos para a obra de Eusébio de Matos.

Apesar de seu dinamismo, Eusébio nunca saiu da Bahia. A esse respeito, diz Frei João de Santa Maria, no prólogo da edição póstuma de seus Sermões (1694): “Supposto que não viesse a este Reino em pessoa, veio a fama do seu grande talento publicada não só pelos que o comunicaram, senão também por alguns Sermões que já se deram à imprensa”. Dá prova dessa fama o ms. cota 920, intitulado *Catal'gus Authorum Famosiorum Festivitatũ per annũ occurrentiũ ordine digestus, Prædicatoribus perutilis*, feito em Braga, em 1766, e hoje

---

<sup>8</sup> Cf. ANEXO B.

<sup>9</sup> A carta está em latim; o entendimento das informações apresentadas aqui é nosso.

sob a guarda da Biblioteca Pública Municipal do Porto.<sup>10</sup> Trata-se de uma coletânea de sentenças e passagens notáveis para sermões, de expositores da Bíblia, humanistas e sermonistas, além de fontes para sentenças e curiosidades úteis, e um calendário litúrgico. Dentre os *Auctores de Serm. Feriaes*, consta o nome de Eusébio de Matos como referência para sermões de *Sra. do Rosário, Dominica Spirit. Sanct., D<sup>a</sup> do demonio mudo, 1<sup>a</sup> Oct. Sp. Sti, O.S.M. Sacramento*, e de Matos apenas, para sermões de *Soledade / Dores, Passos, e Mandato*, cuja localização indicada pelo ms. é a mesma dos demais citados (tomo 1<sup>o</sup>). Conquanto não se possa afirmar categoricamente que o autor desses três últimos – referido apenas como Matos – seja o mesmo dos quatro primeiros, o fato de sermões de Eusébio de Matos constarem como modelares confirma a boa recepção dos mesmos.

Diferentemente dos dois grandes talentos que sempre lhe fizeram sombra – Gregório de Matos e Antônio Vieira –, Eusébio não abordava frontalmente questões sociais e políticas, e teve sua existência marcada pela discrição. Ferdinand Wolf (1863, p.11), ao compará-lo a seu célebre irmão, diz “Suas vidas, como seus escritos, formam um contraste completo”.<sup>11</sup> Se dos 33 anos que viveu na *Companhia* dos jesuítas pouco se sabe – além de algumas anedotas –, mais discretamente ainda viveu seus 12 anos finais, como Eusébio da *Soledade*. Até mesmo o sermão que publicou em 1681, após entrar para a Ordem do Carmo, ele o pregou quando ainda era jesuíta. Eusébio faleceu a 7 de julho de 1692.

## 1.2 SUAS OBRAS

### 1.2.1 Música e pintura

De sua produção artística, as escassas notícias que ainda circulam carecem de consistência, pois o anonimato era comum na arte sacra, e as crônicas e notas biográficas posteriores reproduziram o que se conservou pela tradição oral, mesclando realidade e imaginação.

---

<sup>10</sup> Cf. ANEXO C.

<sup>11</sup> “Leur vie forme comme leurs écrits un contraste complet”.

Na área da música, dizem alguns autores,<sup>12</sup> Eusébio dominava harpa, viola e harmônio, improvisava lundus, compunha música religiosa e cantos profanos ameníssimos sobre poesias suas, mas não há informações do que restou de suas composições musicais.

Como pintor, atribuem-se erroneamente a Eusébio a pintura existente no forro da sacristia do Convento de Nossa Senhora do Carmo – Bahia, os doze quadros de 50x30, pintados sobre lâminas de cobre, da sacristia da Catedral Basílica de São Salvador, representando a vida de Nossa Senhora,<sup>13</sup> e a fundação da denominada ‘escola baiana de pintura’,<sup>14</sup> sob influência de artistas trazidos por Maurício de Nassau. Estudos posteriores, entretanto, datam tanto as referidas pinturas como o surgimento de uma escola baiana de pintura no séc. XVIII – época em que Eusébio de Matos já havia falecido.<sup>15</sup> Não obstante, em *O Convento, a Igreja e a História dos Religiosos Carmelitas da Bahia* (1964), Frei André Maria Prat atribuiu a Eusébio de Matos a pintura do forro da Capela Capitular do Convento do Carmo (Salvador) e declarou: “Poucas e bem contadas obras possuímos do grande pintor bahiano, mais nosso do que qualquer outro, porque não freqüentou escolas estrangeiras e elevou, pelos próprios méritos pessoais, o nome do Brasil na Europa, onde era conhecido e aplaudido.” (p. 12). Com a desativação do Convento e do Museu do Carmo, de Salvador, não se tem notícia das obras mencionadas nessa publicação da própria Ordem, mas ainda se pode ver a referida pintura do forro.<sup>16</sup> Quanto à suposta influência holandesa sobre o pintor Eusébio, Teixeira Leite, em *A pintura no Brasil holandês* (1967), a declara improcedente,<sup>17</sup> pois o religioso teria pouco mais de 11 anos quando da passagem de um dos pintores flamengos pela Bahia, em 1641. Esse autor afirma: “Post, Eckhout e demais pintores de Nassau constituem um capítulo à parte na história da pintura brasileira, de vez que (ao contrário do que afirmam antigos autores) não tiveram alunos ou seguidores” (p. 31).

---

<sup>12</sup> Ver ACQUARONE, 1948, p. 146; ALMEIDA, 1942, p. 54; ARAÚJO, 2000, p. 199-200; MAZZA, 1944-1945, p. 22; VASCONCELLOS-CORRÊA, 2005, p. 239.

<sup>13</sup> Ver QUERINO, 1909.

<sup>14</sup> Eusébio de Matos foi tradicionalmente visto como “pai da pintura baiana” (Cf. BARDI, 1975, p. 47).

<sup>15</sup> Ver ARAÚJO, 2000, p. 108-11; PONTUAL, 1969, p. 499-500; REIS JÚNIOR, 1944, p. 48-52; SOBRAL, 2008, p. 512-513; ZANINI, 1983, p. 282.

<sup>16</sup> Cf. APÊNDICE A.

<sup>17</sup> TEIXEIRA LEITE, 1967, p. 115.

## 1.2.2 Poesia

Os trabalhos de Eusébio nos campos da música e da pintura permanecem como pura suposição. O que restou de sua produção literária, entretanto, teve melhor sorte.

Segundo Ferdinand Wolf, em *Le Brésil Littéraire – Histoire de la Littérature Brésilienne* (1863, p. 11), a lista dos poetas brasileiros consideráveis, cujas obras chegaram até nós, começa com os irmãos Matos, representantes, ao mesmo tempo, das duas divisões principais da poesia: a séria e a cômica. Francisco Adolfo de Varnhagen, ao apresentar a biografia de Eusébio no *Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1867, p. 540-546),<sup>18</sup> atribui a ele um poema que parodia um retrato de D. Brites,<sup>19</sup> o qual tem por fonte um poema de seu irmão, Gregório. José Maregelo de Osan,<sup>20</sup> publicou esse poema no 1º tomo do *Postilhão de Apolo* (1761, p. 252-255), mas o atribuiu a Bernardo Vieira Ravasco, e apresentou como sendo de Eusébio de Matos as dez estâncias que deram origem à paródia, possivelmente por se basear em manuscritos nos quais há essa atribuição. Há, por exemplo, o manuscrito sem data, cota 575 do Fundo Geral da Biblioteca Pública Municipal do Porto, sob o título *Poesias Várias*, que traz os poemas *Retrato de uma Dama, pello Padre Eusebio de Mattos*, e *Resposta de Bernardo Vieira pelos mesmos consoantes aplicados a um cadaver*.<sup>21</sup> Embora Varnhagen (*loc. cit.*) tenha interpretado como gratuita a atribuição da paródia a Bernardo Vieira Ravasco no *Postilhão de Apolo*,<sup>22</sup> antologias antigas e recentes ainda levam adiante essa informação.<sup>23</sup>

Em *Florilégio da Poesia Brasileira* (1850), Varnhagen publicou, além do citado poema (p. 8-10), nove composições líricas de temas religiosos, cuja atribuição de autoria

<sup>18</sup> Data da 2ª edição. Original publicado em 1846.

<sup>19</sup> No volume 2 do ms. L-15.2, da Biblioteca do Itamarati, que outrora pertenceu a Varnhagen, a paródia é expressamente atribuída a Eusébio de Matos (cf. TOPA, 2001, v. 1, t.1, p. 254, 264). Fragmentos desse poema também se encontram na coleção Darcy Damasceno, da Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro), sob a cota 26,3,67 (localização antiga: 26,2,7 nº10), com o título *Retratos de uma dama*.

<sup>20</sup> Pseudônimo anagramático de José Angelo de Moraes (cf. ANDRADE, 1999, p. 154).

<sup>21</sup> Cf. ANEXO D. O mesmo ocorre no ms 49-III-52, da Biblioteca da Ajuda (cf. TOPA, v.1, t. 1, p. 667).

<sup>22</sup> Cf. Calmon (1949, p. 26), Bernardo Vieira Ravasco esteve junto de Gregório de Matos em sua passagem por Portugal. Não parece tão gratuito, então, que um dos poemas daquele pudesse ser encontrado junto aos desse e aos de seu irmão Eusébio, como ocorreu outras vezes (cf. TOPA, 2001, v. 1, t. 1, p. 86, 180, 371, 510-511). A autoria do poema em causa carece, portanto, de ser mais bem esclarecida.

<sup>23</sup> Outras obras que tiveram o *Postilhão de Apolo* como fonte reproduziram essas informações sobre a autoria dos poemas. Cf., p. ex., FERREIRA, Nadiá Paulo. *Poesia Barroca – Antologia do século XVII em língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Ágora da Ilha, 2000, p. 55-58; CARVALHO, Maria do Socorro Fernandes. *Poesia de agudeza em Portugal: estudo retórico da poesia lírica e satírica escrita em Portugal no séc. XVII*. São Paulo: Humanitas; Edusp; Fapesp, 2007, p. 61-62; HATHERLY, Ana. *O ladrão cristalino: aspectos do imaginário barroco*. Lisboa: Cosmos, 1997, p. 112-113.

oscila entre os dois irmãos poetas (109-127). A razão para essa incerteza se deve ao fato de as poesias de Eusébio estarem “compreendidas nas de seu irmão Gregorio, por se terem encontrado nos papéis do espolio d’este; sendo mui provavel que elle houvesse adquirido as de Eusebio, achando-se na Bahia quando este falleceu, sem outro herdeiro” (*idem*, 1867, p. 543). Francisco Topa (2001), ao inventariar os testemunhos da poesia atribuída a Gregório de Matos, apontou alguns poemas comumente (ou até expressamente) atribuídos a Eusébio.

José Américo Miranda e Nilton de Paiva Pinto publicaram, em 2007, *A Paixão de Cristo Senhor nosso: desde a instituição do Sacramento na ceia até a lastimosa soledade de Maria Santíssima*. Trata-se dos poemas de Eusébio dispersos entre os atribuídos a seu irmão, registrados em diversos códices, os quais se encontram em instituições no Brasil, Portugal e Estados Unidos da América.<sup>24</sup>

Em 2011, Francisco Topa editou, estudou e publicou dois poemas inéditos encontrados em bibliotecas portuguesas – um soneto, em espanhol, e um romance intitulado *À Rosa* –, os quais confirmam que o autor não se limitava aos temas sacros.<sup>25</sup>

Há, ainda, um soneto em louvor a Simão de Vasconcelos,<sup>26</sup> não assinado, que Serafim Leite (1938-50, t. VIII, p. 361) atribui a Eusébio, por algumas frases idênticas às do seu parecer emitido em favor da publicação do livro daquele padre sobre a vida de José de Anchieta.<sup>27</sup> Esse soneto foi publicado nas páginas preliminares da referida obra, sob o título *Hum engenho ao autor do livro*, e, que se saiba, sua relação com o também mencionado parecer ainda não recebeu a devida análise.<sup>28</sup>

Segundo Serafim Leite,<sup>29</sup> Eusébio deixou também um poema em latim, sem data: *Poema epicum latinum in laudem Ven. Patris Joannis Almeida*. Informa Domingos Maurício Gomes dos Santos, em *Balanço cultural dos jesuítas no Brasil –1549-1760* (1955, p. 39-40), que o herói é um personagem histórico, “natural de Londres, missionário dos Carijós e asceta, morto como santo no Rio de Janeiro, em 1653, e ao qual Simão de Vasconcelos dedicou,

<sup>24</sup> Um dos manuscritos, do acervo de obras raras da Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro), foi digitalizado e pode ser consultado on-line em [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_manuscritos/literatura/mss\\_I\\_07\\_12\\_032.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/literatura/mss_I_07_12_032.pdf).

<sup>25</sup> TOPA, Francisco. Efímera de um só dia: dois poemas inéditos de Eusébio de Matos. In: *Patrimônio e Memória*. UNESP-FCLAs-CEDAP, v. 7, n. 1, p. 272-284, jun. 2011.

<sup>26</sup> Confira-se VASCONCELOS, Simão de. *Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta* [...]. Lisboa: Officina de Ioam da Costa, M.DC.LXXII.

<sup>27</sup> Cf. APÊNDICE B.

<sup>28</sup> Não foi localizado o referido parecer ou cópia dele nas obras de referência mencionadas por Serafim Leite, nem na Coleção Armário Jesuítico e Cartório dos Jesuítas da Torre do Tombo, nem nos documentos da Companhia disponíveis na Biblioteca Brotéria (Lisboa), onde o próprio Serafim Leite trabalhou, mas é praticamente certo que o documento existe, já que há cópia de uma página ilustrando o mencionado texto de Serafim Leite.

<sup>29</sup> Cf. LEITE, 1938, tomo VII, p. 342.

também uma biografia”.

A avaliação de historiógrafos e críticos sobre a qualidade do poeta Eusébio de Matos oscila de um extremo ao outro: “bom Poeta” (SÁ, 1724, p. 140); “Poeta [...] cujos versos eram tão discretos, como elegantes” (BARBOSA MACHADO, 1741, t. 1, p. 766); “grande poeta” (COSTA E SILVA, 1855, t. IX, p. 201), “mediocre” (VERÍSSIMO, 1954, p. 72; ROMERO, 1949, v. 2, p. 48), “fracos versos” (ROMERO, 1949, v. 2, p. 35). A seu favor, contudo, pesa o fato de que foi “o primeiro brasileiro que se deu à poesia religiosa” (VARNHAGEN, 1850, t. 1, p. XVIII), e de que a condição de jesuíta lhe restringia os temas. Sobre a qualidade da poesia dos inacianos em geral, afirma Santos (1955, p. 41) que esse nunca foi o ponto forte dos literatos jesuítas: “fora da poesia religiosa e do lirismo bucólico ou dos gêneros didáticos e cumprimentos de circunstância, mal se poderiam manifestar, numa colmeia de tão febril actividade, [...] outras expressões de emotividade estética”. Para Santos (*loc. cit.*), todavia, é justamente essa condição que suscita um tema digno de estudo: pesquisar em oradores da Companhia a sensibilidade lírica que nem a vida de ação, nem a aridez especulativa, recalçaram na alma. No que tange ao poeta Eusébio de Matos, os primeiros passos foram dados nessa direção por estudiosos como Francisco Adolfo de Varnhagen, José Maria da Costa e Silva, José Américo Miranda, Nilton de Paiva Pinto, Francisco Topa, já citados, e espera-se, com o que aqui se apresenta, contribuir para que o interesse por esse autor brasileiro seiscentista continue.

### 1.2.3 Prosa

Se sua poética apresenta dificuldades para a recolha, confirmação de autoria para o estudo de sua tradição e, conseqüentemente, o estabelecimento fidedigno de seu texto, sua prosa se mostra incomparavelmente mais organizada – embora postumamente, na sua maior parte, o que coloca outros problemas –, carecendo, apenas, de ser mais bem tratada, do ponto de vista ecdótico e crítico.

De seu espólio literário em prosa, foram publicadas, nos sécs. XVII e XVIII, as seguintes obras: um conjunto de seis sermões, intitulado *Ecce Homo, práticas pregadas no Colégio da Bahia às sextas à noite, mostrando-se em todas o Ecce Homo* (1677); o *Sermão de Soledade e Lágrimas de Maria Santíssima Senhora Nossa* (1681); os *Sermões* (1694), em número de 15, reunidos em um único volume por Frei João de Santa Maria, contemporâneo

de Eusébio, a partir do material encontrado em sua cela, após falecer; e a *Oração Fúnebre nas Exéquias do Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor D. Estevão dos Santos, Bispo do Brasil, a 14 de julho de 1672 (1735)*.<sup>30</sup>

Em 1923, voltaram uma vez ao prelo o *Ecce Homo*, pela Estante Clássica da *Revista de Língua Portuguesa*, e a *Oração Fúnebre*, no nº 25 dessa mesma revista. Desses, o primeiro ganhou ainda outra edição, publicada em 2007, por Miranda e Ferreira. O *Sermão do Mandato* (publicado nos Sermões, em 1694) recebeu nova edição em 1999, por Miranda e Boechat. Dos demais sermões, existem apenas as edições príncipes. Os aspectos extrínsecos<sup>31</sup> e intrínsecos<sup>32</sup> das edições príncipes serão tratados no capítulo 2 deste trabalho, assim como as normas da edição crítica do conjunto de sermões de Eusébio de Matos, devidamente justificadas.

Na etapa final de elaboração do presente trabalho, localizou-se na seção de cimélios da Biblioteca Pública de Évora, numa miscelânea sob a cota CX/1-15, um manuscrito apógrafo intitulado *Sermão Notavel de S. Fr<sup>co</sup>. X<sup>er</sup>. por Euzebio de Mattos. prégado na B<sup>a</sup>. onde o trasladey*. Trata-se de cópia anônima, sem data, feita na Bahia e levada a Portugal. O sermão, pregado no dia de S. Francisco Xavier, em vez de se apresentar como um discurso explicitamente laudatório, intenta justificar por que Xavier viveu em larguezas, ao contrário dos outros santos, que viveram em apertos. Diz o autor: “Não me atrevi a louvar-vos, por isso me atrevi a desculpar-vos, e se tão grande santo sois quando vos desculpam, qual sereis quando vos louvam?” Esse sermão inédito, por ter sido encontrado tardiamente, não foi incluído entre os aqui editados, mas está disponibilizado em cópia fac-similar, na seção de anexos deste trabalho,<sup>33</sup> na esperança de que desperte o interesse de algum leitor e seja também editado.

---

<sup>30</sup> Há exemplares dessas edições príncipes nos acervos de obras raras de algumas bibliotecas nacionais e universitárias, dentre os quais os das Bibliotecas Nacionais do Brasil, Portugal e Espanha, e os das bibliotecas da Universidade de São Paulo, Universidade Federal de Pernambuco, e da Brown University (EUA). A biblioteca da Revista Brotéria, em Lisboa, também guarda um exemplar do *Ecce Homo* (1677) e dos *Sermões* (1694), e a Biblioteca Pública Municipal do Porto possui um exemplar do Sermão de Soledade e Lágrimas [...] (1681), numa coletânea de sermões com o mesmo tema.

<sup>31</sup> Entenda-se: características físicas da obra (cf. HOUAISS, 1967, v. 1, p. 223, 230; LOSE *et al.*, 2009).

<sup>32</sup> Entenda-se: aquelas características ainda não ligadas à “língua”, mas sim às peculiaridades ortográficas, entendidas como as formas de escrever e de dispor e combinar os grafemas, criando fatos linguísticos ou gráficos a serem analisados (cf. HOUAISS, 1967, v. 1, p. 223; LOSE *et al.*, 2009).

<sup>33</sup> Cf. ANEXO E.

### 1.3 ASPECTOS DA RECEPÇÃO: A CRÍTICA LITERÁRIA DOS SÉCS. XIX E XX

Críticos literários do séc. XIX<sup>34</sup> sugeriram que sermonistas como Eusébio de Matos seriam imitadores de Vieira, tendo, portanto, valor menor. A esse juízo crítico, que ainda perdura em alguns meios,<sup>35</sup> contrapõe-se a avaliação da maioria dos que, pelo encargo de editar ou comentar, debruçaram-se sobre os sermões de Eusébio e enaltecera as qualidades do autor e seu estilo: “heróico talento” (Frei João de Santa Maria, 1694, [s.p.]); “estilo claro, e subido; distinto, e elevado; facundo e fecundo; fermoso, e agradável; valente, e Religioso; doce, e útil; picante, e deleitável; sublime, e perceptível; relevante, e puro; vário, e o mesmo; nada confuso para a inteligência, e muito difuso para o louvor” (Frei Francisco da Natividade, 1694, [s.p.]); “polimento de frase e sutileza” (Varnhagen, 1850, p. 63); “orador distinto, em plena posse de todos os requisitos e qualidades” (J. J. Nunes, 1923); “todas as virtudes da correção, propriedade, elegância e polidez” (Laudelino Freire, 1923, p. 63); “valioso pelo estilo e vernáculo fluente” (Massaud Moisés, 1985, p. 212); “pura eloquência, [...] expressão criadora, íntegra e total” (Carlos B. Kopke, 1986, p. 166). Para Massaud Moisés (1985, p. 191-192), Eusébio de Matos reuniu, mais do que qualquer outro religioso do seu tempo, múltiplos pendores e conhecimentos, os quais, de alguma forma, acabaram imprimindo características especiais à sua obra sermonária, diferenciando-o sensivelmente dos demais oradores do barroco brasileiro.

Mesmo em pleno séc. XIX, ao tratar do estilo dos autores seiscentistas, Costa e Silva (1855, p. 374) já defendia que “é tempo de julgar [...] com imparcialidade, de fazer justiça ao mérito, e de se examinarem suas obras, porque em grande parte delas há muito que aproveitar”. Sob essa perspectiva, a edição dos sermões de Eusébio de Matos vem propiciar o exame crítico de suas obras e a avaliação desses juízos de valor. Como bem lembra Rubens Borba de Moraes (1969, p. 9-10), por falta de edições integrais e fidedignas, autores do período colonial brasileiro não são lidos ou são mal avaliados e, conseqüentemente, deixam de compor o cânone literário e figurar na história da literatura na posição que deveriam ocupar. Diz, ainda, o bibliógrafo:

a maioria dos autores brasileiros dos tempos coloniais nunca teve uma segunda edição sequer. Toda a enorme produção de oratória religiosa dos séculos XVII e XVIII, tão importante e tão característica da cultura barroca, nunca foi reimpressa,

<sup>34</sup> Cf. ROMERO (1949, p.34-36 ), VERÍSSIMO (1954, p. 62-65), dentre outros.

<sup>35</sup> Cf. CALMON, 1949, p. 44; MOISÉS, 1985, v. 1, p. 212.

salvo um ou outro sermão.[...] Parece-me que a maioria dos que escreveram sobre nosso passado cultural não avaliaram, eqüitativamente, toda a variedade de gêneros de nossa produção intelectual.

Com a edição crítica dos sermões de Eusébio de Matos, que integra o capítulo 3 deste trabalho, espera-se contribuir para uma reavaliação do lugar desse autor no panorama literário brasileiro, além de dar contributo a pesquisadores de outras áreas do conhecimento que se interessam por aspectos da cultura do Brasil colônia no século XVII.

## 2 ESTUDO CRÍTICO-FILOLÓGICO

Neste capítulo, apresentam-se os apontamentos crítico-filológicos que nortearam o estabelecimento das normas de edição dos sermões de Eusébio de Matos, como: a descrição bibliológica das edições; a escolha justificada do texto-base e do tipo de edição; as reflexões linguísticas e concepções ortográficas que embasaram os critérios de transcrição, assim como os critérios aplicados ao registro de variantes e às notas.

### 2.1 DESCRIÇÃO BIBLIOLÓGICA

Também nomeada bibliografia descritiva, a descrição bibliológica constitui parte da filologia dos textos impressos e compreende a análise do livro como objeto material, originado pelo processo mecânico da imprensa. A descrição extrínseca<sup>36</sup> e o levantamento de características intrínsecas<sup>37</sup> do material textual permitem que se distinga entre edições e impressões, problemas e estados de uma edição em particular, intervenções editoriais, etc., complementando o conhecimento sobre as formas em que a obra circulou e a qualidade delas, o que contribui para o estabelecimento de um texto fiável.

A descrição bibliológica, considerada “a arte de tirar de um livro até o último pingo de informação relativa aos processos mecânicos de impressão” (SPAGGIARI e PERUGGI, 2004, p. 121), propicia a compreensão do processo de transmissão do texto (CAMBRAIA, 2005, p. 29), essencial para apuração de sua integridade, pela investigação da existência ou não de estágios diferentes de impressão de uma edição ou de contaminações, da relação ou não entre o texto impresso e seus elementos ornamentais, gráficos, seu suporte, sua organização etc. – aspectos que repercutem na sua legibilidade, portabilidade e manejo. Como afirma Chartier (1998, p. 18),

Esta encarnação do texto numa materialidade específica carrega as diferentes interpretações, compreensões e usos de seus diferentes públicos. Isso quer dizer que

---

<sup>36</sup> Entenda-se: a apresentação minuciosa de características físicas da obra (cf. HOUAISS, 1967, v. 1, p. 223, 300), o que caberia, na tradição manuscrita, à Codicologia.

<sup>37</sup> Conforme LOSE *et al.* (2009), as características intrínsecas são aquelas ainda não ligadas à “língua”, mas sim às peculiaridades ortográficas, entendidas como as formas de escrever e de dispor e combinar os grafemas, criando fatos linguísticos ou gráficos a serem analisados (cf. tb. HOUAISS, 1967, v. 1, p. 223, 300)

é preciso ligar, uns com os outros, as perspectivas ou processos tradicionalmente separados. O historiador deve poder vincular em um mesmo projeto o estudo da produção, da transmissão e da apropriação dos textos. O que quer dizer manejar ao mesmo tempo a crítica textual, a história do livro, e, mais além, do impresso ou do escrito, e a história do público e da recepção.

Todos esses aspectos, portanto, têm implicações na relação do leitor com o texto, uma vez que “a forma do objeto escrito dirige sempre o sentido que os leitores podem dar àquilo que leem” (CHARTIER, *ibidem*, p. 128).

A seguir, apresentam-se, em ordem de publicação, as descrições bibliológicas das edições existentes dos sermões de Eusébio de Matos, objeto deste trabalho, ora referidas pelas palavras iniciais de seus títulos.<sup>38</sup>

### 2.1.1 Ecce Homo

Além da edição príncipe, de 1677, o *Ecce Homo* conta com outras duas edições. A mais recente, de 2007, apresenta ortografia e pontuação atualizadas, afora alguns casos apontados em nota introdutória. Essa edição teve como base a anterior, publicada em 1923 na Estante Clássica da *Revista de Língua Portuguesa*, a qual, por sua vez, é reprodução fac-similar da edição príncipe, acompanhada de dados biográficos do autor e notas sobre aspectos variados do texto. Ambas as edições, portanto, derivam da primeira, descrita a seguir.<sup>39</sup>

A edição príncipe é composta de 80 páginas de aproximadamente 18,7 cm de comprimento por 13,5 cm de largura,<sup>40</sup> com reclusos nas margens inferiores, à direita, e organizadas em 10 cadernos em formato in-quarto, assim dispostos: A (p. 1); Aij (p. 3); Aiiij (p. 5); B (p. 9); Bij (p. 11); Biiij (p. 13);<sup>41</sup> C (p. 17); Cij (p. 19); Ciiij (p. 21); D (p. 25); Dij (p. 27); Diiij (p. 29); E (p. 33); Eij (p. 35); Eiiij (p. 37)); F (p. 41); Fij (43); Fiiij (p. 45); G (p. 49);

---

<sup>38</sup> Doravante, quando necessário, as edições fac-similadas dos sermões serão referidas por siglas compostas por F (= fac-símile) e as letras iniciais das duas primeiras palavras do título (p. ex. FEH, para edição fac-similada do *Ecce Homo*).

<sup>39</sup> Foram localizados 20 exemplares da edição príncipe na Biblioteca Nacional portuguesa – vários deles encadernados junto com obras do mesmo tipo – e 01 na Biblioteca Nacional brasileira. Outros foram localizados em bibliotecas universitárias, como a da USP (04) e da Brown University (01).

<sup>40</sup> Nos catálogos *on-line* de bibliotecas que possuem as edições príncipes em estudo, as informações sobre as medidas das páginas variam e se apresentam incompletas. Por essa razão, o tamanho das páginas, nesta e nas demais descrições, foi conferido e corrigido, após exame de exemplares em bibliotecas portuguesas.

<sup>41</sup> Na edição príncipe, caderno e página estão numerados erroneamente: a página está numerada como 15 em vez de 13, e o caderno assinado como Aiiij em vez de Biiij. O equívoco foi corrigido aqui, para não ser levado adiante. Também com essa intenção, ao que parece, a edição fac-similar de 1923 teve a numeração da página retocada, registrada como 13, mas não fez menção do fato.

Gij (p. 51); Giiij (p. 53); H (p. 57); Hj (59); Hiiij (p. 61); I (p. 65); Iij (p. 67); Iiiij (p. 69); K (p.73). O último caderno (K) apresenta apenas duas folhas. Deduz-se que nas duas restantes tenham sido impressas as páginas preliminares<sup>42</sup> – a folha de rosto e a dedicatória.<sup>43</sup> As seis práticas que constituem o *Ecce Homo* ocupam 73 páginas, numeradas a partir da terceira folha, na margem superior, à direita nas páginas ímpares e à esquerda nas pares.

A página de rosto traz os seguintes dizeres:<sup>44</sup> *ECCE HOMO.* | PRACTICAS | PREGADAS | NO COLLEGIO DA BAHIA AS | sextas feiras à noite , mostrandose em todas o | *Ecce Homo*: pello Padre Eusebio de Mattos, | Religioso da Companhia de Iesus, Mestre de | Prima da Sagrada Theologia. | *Offerecidas* | AO SENHOR | BENTO DE BEIA DE NORONHA, | Inquisidor Apostolico do Sancto Officio da Inquisição de | Lisboa, & Conego Prebendado na Sè desta Cidade, &c. | LISBOA. | Na Officina de IOAM DA COSTA. | M. DC. LXXVII. | *Com todas as licenças necessarias.*

O texto foi impresso em tinta preta, com caracteres romanos e itálicos, em coluna única, e paragrafação marcada por recuo da primeira linha em relação à margem esquerda. Não há notas nas margens laterais e inferiores, mas nas margens superiores repetem-se o número da prática (páginas pares) e seu respectivo título (páginas ímpares) – antigo recurso para agilização de consulta.

A edição é decorada com vinhetas, barras e letras capitulares ornamentais. A folha de rosto apresenta uma pequena vinheta de um anjo segurando o véu com a imagem do rosto de Cristo estampada, conhecido como véu da Verônica (FIG. 5). Há vinhetas com outros motivos ao final das práticas I, IV e V, usadas para preencher a mancha, quando o texto não o faz suficientemente. Barras ornamentais e capitulares marcam o início de cada seção. Destacam-se, especialmente, as barras antepostas à dedicatória e ao início do sermão, embora não tenham relação com os textos (FIG. 6 e 7).<sup>45</sup>

<sup>42</sup> Segundo Moraes (2005, p. 139-140), ao se colacionarem os cadernos e se encontrar apenas a metade do último, é provável que as folhas faltantes tenham sido usadas como preliminares.

<sup>43</sup> A página da dedicatória é assinalada com \*ij.

<sup>44</sup> Nesta transcrição, assinala-se a translineação original por barra vertical, mantém-se o uso de itálico e maiúsculas e uniformiza-se a variação de tamanho entre os tipos.

<sup>45</sup> Esses ornatos faziam parte do repertório do impressor João da Costa. O primeiro deles, inclusive, também utilizado pelo impressor francês Augustin Courbé, de quem João da Costa comprou material tipográfico. A origem francesa desse material explica a presença do brasão de armas francês no centro de um deles. Sobre a história da tipografia em Portugal, confirmam-se: RIBEIRO DOS SANTOS, 1812, t. VIII, parte I; CUNHA, 1896, v.I, c. VIII.



FIGURA 5 – Vinheta da folha de rosto. Fonte: FEH.



FIGURA 6 – Primeira barra ornamental. Fonte: FEH.



FIGURA 7 – Segunda barra ornamental. Fonte: FEH.

Os acidentes de impressão e os erros tipográficos, que podem ser considerados como tais, são poucos e, em sua maioria, dizem respeito a troca entre os tipos “a” e “e”, e “t” e “r”, não comprometendo a leitura. Na página 35, entretanto, ocorre a omissão do advérbio “não”, exigido pelo sentido da frase, o que pode ser atribuído tanto a lapso do tipógrafo como do autor. Os casos de flutuação gráfica, que fogem à classificação de erros ou acidentes de impressão, são apontados no tópico 2.3 deste trabalho.

### 2.1.2 Sermão de Soledade

A primeira e única edição do *Sermão de Soledade*, datada de 1681, é composta de 23 páginas de aproximadamente 19,5 cm de comprimento por 13,7 cm de largura, com reclamos nas margens inferiores, à direita, entre as páginas 3 e 22, e apresentando as seguintes assinaturas: Aij (p.3), Aiiij (p. 5), Aiiiij (p. 7), B (p. 17), Bij (p.19), Biiij (p.21), em que as letras

correspondem aos cadernos e os algarismos romanos às suas respectivas folhas. Além dessas, há uma folha em branco. Tais informações indicam que os cadernos são em formato in-oitavo, e não in-quarto, como dizem os catálogos das bibliotecas<sup>46</sup> em que ainda há exemplares.<sup>47</sup> O caderno A termina na página 7 e o B só começa na página 17, o que não faz sentido num caderno de 8 páginas (in-quarto), mas de 16 páginas (in-oitavo).<sup>48</sup> A obra ocupa as 16 páginas do primeiro caderno e, possivelmente, a metade do segundo, se o restante tiver sido cortado e usado para páginas preliminares e de proteção do miolo. A outra possibilidade é que apenas o segundo caderno seja em formato in-quarto.

A página de rosto traz os seguintes dizeres:<sup>49</sup> SERMAM | DE SOLEDADE, E LAGRIMAS DE | MARIA SANTISSIMA | SENHORA NOSSA | *PREGADO* | Na Sè da Bahia Metropoli do Brasil | no anno de 1674. | Pelo M.R.P.M. Fr. EUSEBIO DA SOLEDADE, | Religioso de N. S. do Monte do Carmo na Provincia do | Brasil, Lente de Prima da Sagrada Theologia | na mesma Cidade. | Mostrou no fim o Santo Sudario. | *DEDICADO* | A | PEDRO SANCHES FARINHA | *DO CONCELHO DE SUA ALTEZA, E SEU* | *Secretario das Merces, & Expediente, Alcaide Mór, & Capitão* | *Géral da Ilha Graciosa, Commendador da Ordem de Christo.* | LISBOA. | Na Officina de MIGUEL MANESCAL. | M. DC. LXXXI. | *Com todas as licenças necessarias.*

A impressão, feita em tinta preta, utilizou um repertório de tipos romanos antigos e itálicos, reservando-se os últimos para o texto de dedicatória, cabeçalhos e citações. Na mancha, o texto é organizado em colunas duplas e a paragrafação é marcada pelo recuo da primeira linha em relação à margem esquerda.

As páginas são numeradas a partir da terceira, na margem superior, à direita nas páginas ímpares e à esquerda nas pares. Há notas nas margens laterais nas páginas 5 a 22, relativas a citações bíblicas ou de doutores da Igreja, em sua maioria. A partir da página 6, na

---

<sup>46</sup> Segundo informa o *Dicionário do Livro* (FARIA e PERICÃO, 2008, p. 149-150) no verbete *FORMATO DE BIBLIOTECA OU CONVENCIONAL*, por oposição ao formato real dos cadernos segundo a dobragem das folhas que os compõem, adotou-se, para comodidade da classificação dos livros nas estantes, uma escala fixa de dimensões convencionalmente admitidas: In 12° = até 20 cm. de altura; In 8° = de 20-25 cm. de altura; In 4° = 25-35 cm. de altura; In fol. = 35-50 cm. de altura. Embora não se explicita se a dimensão considerada é a do formato bruto (dimensão da folha não aparada, nem posta em esquadria de modo especial), e essa classificação não seja tão usada atualmente, tal convenção pode explicar a discrepância entre os formatos dos cadernos de uma obra informados em catálogos de bibliotecas e o que se apura do exame das assinaturas dos cadernos.

<sup>47</sup> Foram localizados exemplares em bibliotecas nacionais de Espanha (01), Portugal (14) e do Brasil (01), e em bibliotecas universitárias, como as da USP (03), UFPe (01) e Brown, EUA (01).

<sup>48</sup> Rubens Borba de Moraes, em *O bibliófilo aprendiz* (2005, p. 139-140), descreve um caso idêntico de organização de cadernos in-oitavo.

<sup>49</sup> Nesta transcrição, assinala-se a translineação original por barra vertical, mantém-se o uso de itálico e maiúsculas e uniformiza-se a variação de tamanho entre os tipos.

margem superior das páginas pares está escrito “Sermão”, e nas ímpares “Da Soledade.”, expondo o título sinteticamente ao se abrir o volume.

São poucas as ornamentações. Há barras e letras capitulares ornamentais iniciando a dedicatória e o sermão, e uma vinheta ao final da obra. O monograma do nome de Jesus figura no centro da primeira barra ornamental (FIG. 8) e da vinheta final (FIG. 9). Esse símbolo se constitui da abreviatura latina do nome Jesus, da cruz e, na vinheta, também dos cravos representativos da Paixão de Cristo, e um círculo resplandecente circundando a cruz; tudo contido numa moldura oval suspensa por dois anjos, todos apoiados num florão.<sup>50</sup>



FIGURA 8 – Primeira barra ornamental. Fonte: FSS



FIGURA 9 – Vinheta final. Fonte: FSS.

Os acidentes de impressão e os erros tipográficos são raros e não comprometem a leitura. Os casos de flutuação gráfica, que fogem à classificação de erros ou acidentes de impressão, são apontados no tópico 2.3 deste trabalho, por condizerem com a ortografia e a pontuação da época, ou refletirem fatos linguísticos e/ou estilísticos.

### 2.1.3 Sermões, do Padre Eusébio de Matos

Dos 15 sermões publicados postumamente, em 1694, apenas o Sermão do Mandato recebeu nova edição, em 1999, com atualizações ortográficas e de pontuação, conforme critérios próprios, com vistas a tornar o texto acessível a um público mais amplo.

<sup>50</sup> Embora tenha sido adotado largamente como emblema jesuítico, a origem desse monograma remonta ao cristianismo primitivo. Portanto, esse ornato pode ter sido utilizado apenas por ser um símbolo cristão, ou ainda, para aludir ao fato de que o autor ainda era jesuíta quando proferiu o sermão, em 1674.

A edição de 1694 é composta de 408 páginas de cerca de 19 cm de comprimento por 13,5 cm de largura, distribuídas em 26 cadernos assinados: A (p. 1), Aij (p. 3), Aijj (p. 5), Aiiij (p. 7); B (p. 17), Bij (p. 19), Biiij (p. 21), Biiiij (p. 23); C (p. 33), Cij (p.35 ), Ciiij (p. 37), Ciiiij (p. 39);<sup>51</sup> D (p. 49), Dij (p. 51), Diiij (p. 53), Diiiij (p. 55); E (p. 65), Eij (p. 67) Eijj (p. 69), Eiiij (p. 71); F (p. 81), Fij (p. 83), Fiiij (p. 85) , Fiiiij (p. 87); G (p. 97), Gij (p. 99), Giiij (p. 101), Giiiij (p. 103); H (p. 113), Hij (p. 115), Hiiij (p. 117), Hiiiij (p. 119); I (p. 129), Iij (p. 131), Iijj (p. 133), Iiiij (p. 135); K (p. 145), Kij (p. 147), Kiiij (p. 149), Kiiiij (p. 151); L (p. 161), Lij (p. 163), Lijj (p. 165), Liiiij (p. 167); M (p. 177), Mij (p. 179), Miiij (p. 181), Miiiij (183); N (p. 193), Nij (p. 195), Niiij (p. 197), Niiiij (p. 199); O (p. 209), Oij (p. 211), Oiiij (p. 213), Oiiiij (p. 215); P (p. 225), Pij (p. 227), Piiij (p. 229), Piiiij (p. 231); Q (p. 241), Qij (p. 243), Qiiij (p. 245), Qiiiij (p. 247); R (p. 257), Rij (p. 259), Riiij (p. 261), Riiiij (p. 263); S (p. 273), Sij (p. 275), Sijj (p. 277), Siiiij (p. 279); T (p. 289), Tij (p. 291), Tiiij (p. 293), Tiiiij (p. 295); V (p. 305), Vij (p. 307), Viiij (p. 309), Viiiij (p. 311); X (p. 321), Xij (p. 323), Xiiij (p. 325), Xiiiij (p. 327); Y (p. 337), Yij (p. 339), Yiiij (p. 341), Yiiiij (p. 343); Z (p. 353), Zij (p. 355), Ziiij (p. 357), Ziiiij (p. 359); Aa (p. 369), Aaij (p. 371), Aaiij (p. 373), Aaiiij (p. 375); Bb (p. 385), Bbij (p. 387), Bbiiij (p. 389), Bbiiiij (p. 391); Cc (p. 401); Ccij (p. 403), Cciiij (p. 405). O último caderno tem 8 páginas impressas, e termina na p. 410. Há 2 páginas finais em branco, que parecem fazer parte desse mesmo caderno; as outras seis possivelmente foram cortadas e utilizadas para as páginas preliminares, como era habitual. A folha de rosto, dedicatória, prólogo, licenças e taboada dos sermões ocupam as 24 páginas iniciais, não numeradas.<sup>52</sup> As demais, que compreendem os sermões (p. 1-376), o índice dos lugares da Sagrada Escritura (p. 377-390) e o índice das cousas mais notáveis (p. 391-410), apresentam numeração na margem superior, à esquerda nas páginas pares, e à direita nas ímpares. A colação dos cadernos mostra, portanto, que 25 deles são em formato in-oitavo, e não in-quarto,<sup>53</sup> como dizem os catálogos das bibliotecas em que ainda há exemplares,<sup>54</sup> pois cada um – exceto o último – contém dezesseis páginas, e não oito.

A página de rosto traz os seguintes dizeres:<sup>55</sup> SERMOENS | DO PADRE MESTRE | Fr. EUSEBIO DE MATTOS, | Religioso de N. Senhora do Car- | mo da

<sup>51</sup> A letra de identificação do caderno foi repetida equivocadamente (“Cc”).

<sup>52</sup> As páginas iniciais da dedicatória, do prólogo e das licenças são assinaladas com \*ij,\* iij e \*iiiij, respectivamente. A 11ª e a 13ª páginas das licenças são assinaladas com \*\* e \*\*ij.

<sup>53</sup> Sobre variação na classificação dos cadernos, vide nota 46 deste capítulo.

<sup>54</sup> Foram localizados 02 exemplares na Biblioteca Nacional portuguesa e 01 na brasileira, 01 exemplar na biblioteca da Universidade de Toronto, e 01 na biblioteca da Revista Brotéria (Lisboa).

<sup>55</sup> Nesta transcrição, assinala-se a translineação original por barra vertical, mantém-se o uso de itálico e maiúsculas e uniformiza-se a variação de tamanho entre os tipos.

Provincia do Brasil. | PRIMEIRA PARTE. | LISBOA, | Na Officina de MIGUEL DESLANDES, | Impressor de Sua Magestade, Anno 1694. | *Com todas as licenças necessarias.* | A custa de Antonio Leyte Pereyra, Mercador de Livros.

O texto foi impresso em tinta preta, com caracteres romanos e itálicos, em duas colunas, 355 parágrafos numerados e marcados por recuo da primeira linha em relação à margem esquerda.<sup>56</sup> Há notas nas margens laterais, com referências das citações feitas. As margens inferiores apresentam reclamos à direita. As margens superiores repetem o número do sermão, nas páginas ímpares, e nas pares o seu respectivo título abreviado.

Após a taboada dos sermões, há um tipo de errata que adverte o leitor de um salto-bordão na p. 365, na composição da primeira coluna, e apresenta o trecho na ordem correta, ou seja, deslocando o conteúdo da 24ª linha (ou “regra”), para que ele fosse lido 4 linhas depois.

A edição é decorada com vinhetas, barras e capitulares ornamentais. As barras e capitulares marcam o início dos sermões; as vinhetas, o final, quando o texto não preenche suficientemente a mancha. A vinheta apresentada na folha de rosto contém o monograma do nome de Jesus ao centro (FIG. 10), assim como a barra ornamental que antecede o primeiro sermão (FIG. 11).<sup>57</sup> Dentre as outras vinhetas, a maior delas, em que três anjos ladeiam um escudo oval com uma palmeira no centro (FIG. 12), é uma imitação deslandesiana da marca tipográfica do impressor João da Costa, a qual, por sua vez, imitava a insígnia do impressor francês Augustin Courbé.<sup>58</sup>



FIGURA 10 – Vinheta da folha de rosto. Fonte: FS

<sup>56</sup> A numeração se repete entre último parágrafo do segundo sermão (54), e o primeiro parágrafo do terceiro sermão (54). Por isso, a numeração termina em 354.

<sup>57</sup> Uma vez que o autor já era carmelita à época da pregação, é possível que o monograma tenha sido usado apenas como símbolo cristão.

<sup>58</sup> Os tipógrafos introdutórios da imprensa em Portugal eram estrangeiros, e transmitiram suas arte a continuadores. A autorização para se ter uma fábrica de matrizes tipográficas em Portugal só foi concedida em 1732, para um francês, que se estabeleceu em Lisboa. A partir de então, foi limitada a importação de tipos estrangeiros, e as matrizes imperfeitas e/ou gastas com o tempo de uso passaram a ser substituídas mais facilmente (cf. MARQUILHAS, 1991, p. 12-13; MEIRINHOS, 2006). Isso pode esclarecer as falhas de impressão nas edições anteriores – p. ex., as causadas por tipos quebrados –, e o uso de elementos decorativos estrangeiros sem função distintiva de oficinas de impressão ou de ordens religiosas que as encomendavam.



FIGURA 11 – Barra ornamental do primeiro sermão. Fonte: FS



FIGURA 12 – Vinheta das páginas 350, 376 e 390. Fonte: FS

#### 2.1.4 Oração Fúnebre

A *Oração Fúnebre*, pregada em 1672, nas exéquias do Bispo D. Estêvão dos Santos, só foi publicada em 1735 – encadernada com obras do mesmo tipo, no primeiro tomo dos *Sermões de Exéquias de Bispos Portugueses*, organizados cronologicamente por Diogo Barbosa Machado. Em 1923, o número 25 da *Revista de Língua Portuguesa*, entre as páginas 111-143, apresentou nova edição desse opúsculo, sem identificação, normas ou notas do editor, com omissões e trocas de palavras, saltos-bordões e erros de composição diversos, como apresentar a folha de rosto e a dedicatória do *Ecce Homo* como sendo as da *Oração Fúnebre*,<sup>59</sup> estampar na margem superior das páginas ímpares o título daquele sermão, etc. Entre as páginas 249-251 da revista, há notícias sobre o autor e sua obra, assinadas por Laudelino Freire. A seguir, descreve-se a edição de 1735.

A edição é composta de 54 páginas – contando-se a folha de rosto, não numerada –, de cerca de 20,7 cm de comprimento por 14,5 cm de largura, em 7 cadernos assinados, em

formato in-quarto, distribuídos assim: A2 (p.3); B (p.9), B2 (p. 11), C (p. 17), C2 (p. 19); D (p. 25), D2 (p. 27); E (p. 33), E2 (p. 35); F (p. 41), F2 (p. 43); G (p. 49), G2 (p. 51). O último caderno tem duas folhas a menos que os demais.

A página de rosto traz os seguintes dizeres:<sup>60</sup> ORAÇAM | FUNEBRE | NAS EXEQUIAS | Do Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor | D. ESTEVAM DOS SANTOS | BISPO DO BRASIL | *Celebradas na Sè da Bahia a 14. de Julho | de 1672.* | DISSE-A | O P. M. EUSEBIO DE MATTOS | da Companhia de JESUS. | LISBOA OCCIDENTAL, | Na Officina de MIGUEL RODRIGUES, | Impressor do Senhor Patriarca. | Anno de M. DCC. XXXV. | *Com todas as licenças necessarias.*

O texto foi impresso em tinta preta, com caracteres romanos e itálicos, em coluna única, e paragrafação marcada por recuo da primeira linha em relação à margem esquerda. As páginas são numeradas a partir da terceira, na margem superior, à direita nas páginas ímpares e à esquerda nas pares. Há notas nas margens laterais, relativas a citações feitas. Nas margens superiores repete-se o título do sermão, sinteticamente.

A ornamentação da edição resume-se a duas vinhetas – uma na folha de rosto e a outra no final do sermão –, 01 barra ornamental e 01 letra capitular, no início do sermão. A vinheta apresenta o monograma do nome de Jesus (FIG. 13). A barra ornamental com um brasão de armas francês ao centro (FIG. 14) é muito semelhante à usada na impressão do *Ecce Homo*, apesar de serem de oficinas distintas.<sup>61</sup>

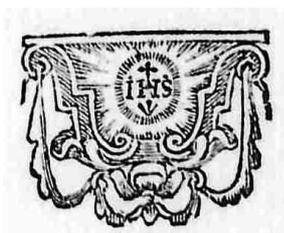


FIGURA 13 – Vinheta da folha de rosto. Fonte: FOF

<sup>59</sup> A *Oração Fúnebre* sequer tem uma seção de dedicatória, assim como a maioria desses sermões organizados por Barbosa Machado, por já estar implícito a quem se dedica.

<sup>60</sup> Nesta transcrição, assinala-se a translineação original por barra vertical, mantém-se o uso de itálico e maiúsculas e uniformiza-se a variação de tamanho entre os tipos.

<sup>61</sup> Sobre elementos decorativos estrangeiros sem função distintiva de oficinas de impressão, vd. nota 58 deste capítulo.



FIGURA 14 – Barra ornamental. Fonte: FOF

## 2.2 TEXTO-BASE E TIPO DE EDIÇÃO

O texto-base para o trabalho de edição que aqui se apresenta foi obrigatoriamente a edição príncipe de cada um dos sermões, por não se ter conhecimento de material autógrafo supérstite ou de seu sucedâneo, e pelo fato de apenas a *Oração Fúnebre*, o *Sermão do Mandato* e o *Ecce Homo* contarem com outras edições – descartáveis por derivarem de um modelo que ainda existe, embora úteis para elucidar passagens obscuras, ao apresentarem outras leituras e juízos sobre os textos em causa.

Para a escolha do tipo de edição, levaram-se em conta a história da transmissão dessa obra sermonária, os objetivos e o principal público a que se quer atender com sua edição.<sup>62</sup> Uma vez que o fac-símile das edições príncipes – legível – acompanha a nova edição, a realização de uma edição diplomática não se justifica. Uma edição modernizada, por sua vez, ao apresentar um alto grau de intervenção editorial, com vistas a tornar a leitura mais fluida, inviabilizaria seu uso para os estudos linguísticos. Eliminadas essas duas primeiras possibilidades, então, dois tipos se mostraram adequados: i) a edição interpretativa, por apresentar o grau máximo admissível de mediação realizada pelo editor, ao permitir a realização de uniformização meramente gráfica, preservando, tanto quanto possível, características fonológicas, morfológicas, sintáticas e lexicais, diferenciando-se, desse modo, de uma edição modernizada;<sup>63</sup> ii) a edição crítica, cujo texto estabelecido comporte suficientes elementos de fidedignidade e genuinidade, e seja acompanhado de aparato crítico.

Para Azevedo Filho, em *Iniciação em Crítica Textual* (1987, p. 16), a edição crítica é operação absolutamente necessária ao entendimento de um texto, ou à sua

<sup>62</sup> Sobre os objetivos e o público-alvo da edição, confira-se a introdução deste trabalho.

<sup>63</sup> Cf. CAMBRAIA, 2005, p. 95-103; RONCAGLIA, 1975, p. 89.

interpretação filológica, o que se afina com os objetivos do presente trabalho. Porém, para alguns autores, não se poderia classificar como *crítica* uma edição que não conte com outros testemunhos para o estabelecimento do texto (como é o caso da obra sermonária de Eusébio de Matos) e dependa apenas do juízo crítico como meio de restituir ao texto a genuinidade.<sup>64</sup> O que define uma edição crítica, para esses autores, é sua natureza politemunhal. Diferentemente, Azevedo Filho (*loc. cit.*) a distingue dos demais tipos de edição pelas etapas específicas que a caracterizam; a saber, as comumente indicadas em manuais de Crítica Textual e Ecdótica:<sup>65</sup> revisão; estudo da tradição dos textos; descrição e avaliação crítica das edições em análise; identificação dos pontos de variância e eleição do texto-base; elaboração das normas de edição; estabelecimento do texto, conforme as normas.

Ao distinguir a edição crítica das demais por suas etapas específicas, Azevedo Filho não a exime do cotejo entre cópias para identificação de variâncias, reafirmando, indiretamente, sua natureza politemunhal. Não obstante, para os casos em que há uma única fonte do texto, esse autor recomenda um tipo de edição que recorra a um sistema de convenções para transcrição e leitura do texto, e a sinais de pontuação atuais e adaptações ortográficas, equiparando seu resultado ao de uma edição crítica, “pois a interpretação do texto já lhe confere esse caráter.” (AZEVEDO FILHO, 1987, p. 30). Dessa perspectiva, é possível nomear de crítica uma edição monitemunhal. Corrobora esse entendimento o que diz Houaiss, em *Elementos de Bibliologia* (1967, v.1, p. 246), quando tece considerações sobre princípios estemáticos:

a inexistência de autógrafo [...] induz-nos a abandonar a pretensão de remontarmos ao original da obra, via de regra perdido, mas permite-nos trabalhar ou com o *codex unicus*, ou a eleger, quando a cronologia claramente o permite, o *codex optimus*, ou a tentar remontar ao arquétipo.

Mais adiante, ao tratar da edição crítica de autores modernos, esse autor diz (*ibidem*, p. 272):

Quando não resta o manuscrito, o autógrafo da obra, podem ocorrer também três hipóteses: (a) a excelente, pois se conta com a *princeps* e edições em vida; (b) a boa, em que se conta com a edição *princeps* e póstumas; e (c) a razoável, em que se conta unicamente com a *princeps*. Em todas as três hipóteses, a base para a constituição do texto crítico é, necessariamente, a edição príncipe.

Novamente, o cotejo de vários testemunhos dispostos num estema que remonte a um arquétipo, e esse ao original, não representa a única possibilidade, mas um dos caminhos para se editar criticamente. Situações em que se pode contar com a edição príncipe e as

<sup>64</sup> Cf., p. ex., CAMBRAIA, 2005, p. 104; SPAGGIARI e PERUGI, 2004, p. 24 ; RONCAGLIA, 1975, p. 81.

<sup>65</sup> Dentre os manuais, além de AZEVEDO FILHO (1987), confirmam-se SPINA (1994); BLECUA (2001), SPAGGIARI e PERUGI (2004) e CAMBRAIA (2005).

póstumas, ou apenas com a príncipe – como no caso da obra sermonária de Eusébio de Matos –, são avaliadas por Houaiss como boa e razoável, respectivamente.

Além de Houaiss e Azevedo Filho, outros autores também entendem que edição crítica é um texto apurado segundo as leis e as normas da Crítica Textual, pautando-se em vários testemunhos ou em um somente (cf. ARAÚJO, 1986, p. 197-198; SPINA, 1994, p. 86, 114; CARVALHO E SILVA, 1994, p. 60; MIRANDA, 2011, p. 88-90). Já Élide Lois, em seu artigo *Edições críticas* (2011, p. 78), aponta para a “necessidade de se reconsiderar o conceito de ‘edição crítica’”. Dessa perspectiva, a expressão edição crítica pareceu a mais adequada para denominar a edição dos sermões de Eusébio de Matos que ora se apresenta, cujo texto foi estabelecido com base na edição príncipe, seja por se tratar da única edição, seja por se tratar da melhor edição (a mais antiga, de que derivaram outras).<sup>66</sup> O impasse na escolha entre realizar uma edição interpretativa ou uma crítica, anteriormente apresentado, revelou-se, afinal, não tipológico, mas terminológico, já que ambas podem ser denominadas de crítica, se deixadas à parte as preferências exclusivas de um ou de outro manual a esse respeito. Como assevera Azevedo Filho (1987, p. 24), não há nenhuma fórmula que se possa universalmente aplicar a todas as obras, porque cada texto tem sua problemática específica, a depender da época e do estilo em que foi escrito. E pela problemática específica da obra sermonária de Eusébio, decidiu-se pela realização de edição crítica de natureza monotestemunhal.

Neste trabalho, assume-se a edição crítica monotestemunhal não apenas como o tipo adequado ao *corpus* em estudo, mas também como hipótese de trabalho, no sentido em que a toma Maurizio Perugi, em *Fundamentos da Crítica Textual* (SPAGGIARI e PERUGI, 2004, p. 69):

a bruta materialidade dos objetos – no nosso caso, a edição mais ou menos servil dum só testemunho – nunca pôde, nem poderá substituir o processo de racionalização, que constitui a única forma disponível ao pesquisador com vistas a tomar um conhecimento científico da realidade.

Uma edição crítica define-se como uma tentativa de dar conta dos fenômenos existentes, feita a partir daquilo que o editor conhece em torno das circunstâncias que os têm gerado. Neste sentido, reveste o caráter de uma atividade científica, pois procede aventando hipóteses com vistas a explicar os dados disponíveis e logo as testando em termos de capacidade de os explicarem. A tarefa do editor não consiste em formular provas absolutas, mas sim uma explicação plausível duma classe de fenômenos, o que é, aliás, o objeto primordial de qualquer estudo literário.

A partir dessas considerações, pode-se dizer que editar criticamente a obra sermonária de Eusébio de Matos não se mostra somente adequado, mas relevante e suficiente

---

<sup>66</sup> *Codex unicus* e *codex optimus*, respectivamente (cf. HOUAISS, 1967, v. 1, p. 246).

como trabalho de grau,<sup>67</sup> uma vez que sua realização constitui uma atividade científica, pressupõe coleta e tratamento de dados, processo de racionalização, testagem de hipóteses, explicações plausíveis de fenômenos, e, por fim, contribuição para, ao menos, uma área de conhecimento. Espera-se, pois, que a edição crítica dos Sermões de Eusébio de Matos seja contributo para pesquisas nas diversas áreas com as quais a literatura dialoga, para os trabalhos em Crítica Textual, mas, especialmente, para os estudos sobre o período de formação da Literatura Brasileira, em uma de suas manifestações: os sermões.

## 2.3 REFLEXÕES QUE NORTEARAM OS CRITÉRIOS DE EDIÇÃO

### 2.3.1 A questão ortográfica em textos seiscentistas

A flutuação na grafia e a busca pela regularidade perpassam todos os períodos da história da escrita portuguesa. Isso equivale a dizer que nem os textos do período fonético (sécs. XIII-XVI) corresponderam a simples transcrições da fala, nem os do (pseudo)etimológico (de metade do séc. XVI, a início do séc. XX) escaparam de refletir a oralidade, nem os do período simplificado (a partir do início do séc. XX) à conservação e à inovação linguísticas, movidas por forças internas e externas ao sistema.<sup>68</sup>

Apesar de o impacto da cultura clássica no Renascimento ter levado os escritores à tradução, imitação e assimilação de seus modelos, a partir do séc. XVI, o latim cedia espaço progressivamente à língua vernácula, cuja ortografia os gramáticos só haviam começado a sistematizar.<sup>69</sup> As conquistas ultramarinas impunham a necessidade de normalização da língua utilizada como superestrato, o que levou à publicação de dezenas de gramáticas e tratados de ortografia nos sécs. XVI e XVII. A tentativa de normalização ortográfica, feita a partir dos modelos gregos e latinos, sob os eixos descritivo e prescritivo, levava as

---

<sup>67</sup> Esse entendimento está em consonância com o que se propõe na linha de pesquisa na qual o presente trabalho se insere – Edição e Recepção de Textos Literários –, e em outros programas de pós-graduação de importantes universidades, como as Universidades de São Paulo (USP), de Coimbra, de Lisboa, do Porto, do Minho, entre outras.

<sup>68</sup> A esse respeito, confira-se, dentre outros trabalhos, MATEUS, 2002, p. 91-135.

<sup>69</sup> Cf. BUESCU, 1984; BAKHTIN, 1987.

etimologizações gráficas a se misturarem às grafias fonéticas.<sup>70</sup>

A grafia dessa fase é marcada pela profusão de consoantes dobradas, grupos consonantais como <ph>, <th>, <rh> e <ch> (com som de [k]), e letras como o <h>, <y>, <k> e <w>, sempre que ocorriam (ou se supunha ter ocorrido) nas palavras originárias. Essa escrita, ainda que justificada pela etimologia em vários casos, não representava uma realidade fônica distinta naquela época, razão pela qual não era unânime a opinião dos gramáticos em favor dela. As orientações ortográficas manifestavam a dicotomia entre a representação da fala e a restauração das formas greco-latinas, ao menos na escrita, como se depreende do que afirma Álvaro Ferreira de Vera, em sua *Orthographia ov modo para escrever certo na lingua portuguesa* (1631, fls. 1, 2):

Ortographia he arte de escrever as vozes com letras dividas à direita pronunçiação, e segundo sua orijem [...]. Porq̃ o escrever, como se pronũcia, he com a penna imittar a lingua, estampar com letras aquillo, que declaramos com palavras: (não acrescentando, nem diminuindo, pois não he necessario, antes fica sendo mais perfeito o modo de aquelle, que cõ esta arte imittar a natureza) [...]

Para esse ortógrafo, a escrita deveria respeitar a pronúncia e também a origem – entenda-se, grega e latina. Entretanto, sua própria grafia demonstra a dificuldade de se respeitar ambas, concomitantemente. Em seu pequeno tratado, o autor se detém várias vezes nas razões para se dobrarem as letras, mas as únicas relativas à pronúncia distinta apresentadas são as para <r>, <s> e <o> e <u>. As demais razões evidenciam a indistinção entre letras simples e dobradas na fala, pelo que era necessário normatizar seu uso.

Essa não correspondência entre a grafia prescrita e a fala já havia sido apontada pelos primeiros gramáticos e ortógrafos portugueses. Fernão d'Oliveira, na *sua Grammatica da Lingoagem Portuguesa* (1536, c. VI-XIX), tratou de letras e dígrafos não pronunciados, das condições para se empregar o <y> em vez de <i>, das razões para as letras dobradas não serem mudadas em simples e vice-versa, etc. Duarte Nunes de Leão, em sua *Ortographia da Lingoa Portuguesa* (1576), afirmou que a diferença de dobrar-se uma letra não fazia mudar o sonido que tivera sendo singela (fl. 11v), que o <h> não era pronunciado em português, a não ser peculiarmente em <ch>, <lh> e <nh> (fl. 7v-8v), que o <k> era letra sobeja e ociosa, etc.

A preocupação com o travestimento etimológico secundarizou a abordagem das questões gráficas de valor distintivo no vernáculo, resultando no tratamento assistemático e superficial de regras que, por exemplo, correlacionassem a grafia de ditongos nasais átonos e

---

<sup>70</sup> Sobre esse assunto, confirmam-se especialmente os trabalhos de ASSALIM (2007), MATEUS (2002) e MARQUILHAS (1987).

tônicos finais a determinadas desinências verbo-temporais, a grafia dos ditongos orais e sua realização sonora, o uso de <i>/<j> e <u>/<v> conforme representassem vogais ou consoantes, o emprego de acentuação gráfica e a tonicidade, etc. Como reflexo disso, os textos, especialmente até o séc. XVII, manifestam oscilações entre grafias concorrentes para representar um mesmo som, e a mesma grafia para sons diferentes, o uso assistemático de diacríticos, que deveriam conferir valor especial a letras ou conjuntos de letras, etc. Essas oscilações, somadas ao caráter etimologizante da escrita e à interferência da oralidade, fazem de textos seiscentistas, como os sermões de Eusébio de Matos, um desafio ao trabalho de edição. Não se justificaria, para as finalidades e para o público deste trabalho, realizar uma edição conservadora, que preservasse aspectos gráficos sem valor linguístico distintivo, como os já apresentados, nem uma edição que atualizasse toda a ortografia, sintaxe e pontuação, sob pena de dar a falsa impressão de que a norma culta escrita de outrora é a mesma da atual.

Tendo em conta as características da fase (pseudo)etimológica da ortografia portuguesa, o público e os objetivos a que se destinam a edição crítica da obra sermonária de Eusébio de Matos, tomaram-se, como critérios iniciais, uniformizar – pelos padrões atuais – aspectos meramente gráficos, como os da escrita etimologizante e os de oscilação gráfica na representação de um mesmo som, e conservar grafias correlacionadas a fenômenos de variação linguística do séc. XVII.

Ao se decidir pela conservação de grafias que pudessem refletir traços fonológicos, não se teve a vã pretensão de representar a real variedade da língua do autor ou de sua época, mas – mesmo que limitadamente – indícios de variações linguísticas, sem os quais não é possível pensar a língua diacronicamente. Acerca do limite de empreitadas desse tipo, cabem as palavras de Rita Marquilhas, em *Norma gráfica setecentista – do autógrafo ao impresso* (1991), que, ao cotejar originais de imprensa<sup>71</sup> e as edições príncipes de quatro autores, constatou a sobreposição de camadas ortográficas resultantes do trabalho dos corretores e da revisão de provas pelos autores, e concluiu que, sendo os autores, corretores e revisores homens de tradição librária, “Deles deve esperar-se sempre um tipo de ortografia onde ecoam palavras que se habituaram a ver escritas, e não sons do dialecto que aprenderam a ouvir e a falar.” (p. 98). Entretanto, pouco antes, ao tratar da acumulação de variantes

---

<sup>71</sup> Testemunhos que serviram, na tipografia, para a composição de um texto impresso.

substantivas<sup>72</sup> determinadas por correção voluntária, a autora afirma: “Mas se não encerra um valor documental, pode encontrar-se nela, pelo menos, um valor indiciativo” (p. 93). É justamente esse valor que justifica a conservação das grafias já mencionadas, as quais serão explicitadas nas seções seguintes deste capítulo.

Marquilhas, que há muito se dedica à Crítica Textual e à história da cultura escrita – especialmente dos sécs. XVII e XVIII em Portugal –, nos trechos acima citados e em outros trabalhos seus, salienta que, embora só se possa contar com testemunhos escritos para o conhecimento de estágios tão recuados da língua, há limitações que esses escritos apresentam para a apreensão da realidade linguística. Em *A faculdade das letras – leitura e escrita em Portugal no séc. XVII* (2000, p. 237), a autora alerta para o fato de que a grafia desses textos, além de ter sido influenciada pela tradição librária, pode também ser “uma representação ‘deslumbrada’ da língua escrita, altamente sensível às marcas de prestígio”. Para quem a examina, a ambiguidade reside no fato de não se saber se a variação gráfica se deu por influência do prestígio de uma variedade falada ou escrita. Mais adiante, remata a autora (p. 266):

Recurar a atestação de fenômenos fonológicos é o benefício mais óbvio que se pode retirar de fontes graficamente ‘cândidas’ como os documentos aqui divulgados. Mas também lhes poderá dirigir interrogações com outra motivação, morfológica ou sintática, por exemplo. Não se pode é nunca esquecer-se, ao interpretar este mesmo *corpus*, que ele reúne amostras de língua viciadas pelo deslumbramento do inábil pelos códigos da escrita.

Em *Textos portugueses do passado – para uma edição didáctica* (2000), Marquilhas reafirma que, ao se abordarem fontes do português medieval (sécs. XIII-XV) e do português clássico (sécs. XVI-XVIII), tem-se amostras muito limitadas de língua, mas “só é possível conhecer a língua antiga na sua forma escrita e em registos pouco variados, normalmente o literário e o administrativo, somente” (p. 26). Diante do exposto reiteradas vezes pela especialista, na realização da edição da obra sermonária de Eusébio de Matos, ora apresentada, não se perdeu de vista nem as limitadas fontes para o conhecimento da língua em outras épocas, nem a limitação que esses testemunhos escritos apresentam para o alcance de tal conhecimento. A partir dessa perspectiva, adotaram-se, como critérios gerais, a uniformização dos aspectos meramente gráficos e a preservação de grafias correlacionadas a

<sup>72</sup> Cf. MARQUILHAS (1991, p. 69-70), Walter W. Greg, em *The rationale of copy-text* (GREG, 1966), ao propor a distinção entre *substantives* e *accidentals*, previu que variantes substantivas resultassem de alterações de palavras e frases inteiras, afetando o significado ou a essência da expressão do autor. Mas opunha-lhes somente as variantes acidentais, para ele, meramente gráficas – alografias, pontuação, divisão de palavras, que afetam somente a apresentação formal –, deixando de fora uma categoria inteira de variantes gráficas motivadas pela alteração de normas linguísticas, e não pela alteração de normas da escrita. Marquilhas optou por estender o conceito de variação substantiva, incluindo substituições gráficas com correlatos na oralidade.

fenômenos de variação linguística, para, enfim, proceder à elaboração das normas específicas de edição do *corpus*, as quais são justificadas nas reflexões a seguir.

### 2.3.2 Características intrínsecas dos sermões e a prescrição (orto)gráfica de sua época

Quando se tem como objetivo produzir uma edição fiável e legível, a reflexão sobre o que se deve conservar ou modernizar na transcrição do texto-base – e por que –, assim como o que é ou não digno de nota, precede necessariamente a tomada de decisões iniciais, a fim de que as normas de edição sejam coerentes entre si, e também com o tipo de edição escolhido e a sua finalidade. Tendo isso em conta, para o presente trabalho foram revistas e avaliadas as normas propostas em outros trabalhos de mesma natureza e em manuais de Crítica Textual, além de obras de história da língua portuguesa e suas literaturas, o que não se mostrou suficiente, como já era esperado. Como último recurso, então, fez-se um levantamento, por amostragem, das características intrínsecas dos sermões, e seu confronto com a prescrição ortográfica da mesma época, a fim de embasar as decisões sobre a atualização ortográfica, a preservação de aspectos linguisticamente relevantes, e a constituição do aparato crítico. O *corpus* de amostragem escolhido foi o conjunto de seis sermões intitulado *Ecce Homo*.

A partir do exame do *corpus* de amostragem, as variantes foram agrupadas conforme os aspectos que as diferenciam da ortografia atual. Os grupos resultantes foram analisados e interpretados à luz de textos normativos do período clássico, e, quando possível, de estudos linguísticos pertinentes, sobretudo os diacrônicos. Dessa etapa, dois grandes grupos emergiram: o das grafias atualizáveis, isto é, aquelas cuja variação se mostrou meramente gráfica,<sup>73</sup> e por isso podem ser atualizadas no texto crítico; e o das grafias preserváveis, ou seja, aquelas que possam ser indiciativas de fenômenos linguísticos, e devem ser preservadas numa edição para um público acadêmico.

---

<sup>73</sup> As poucas exceções nesse grupo são apenas informadas no aparato crítico, e dizem respeito aos casos em que não se pôde descartar uma pronúncia erudita distinta influenciada pela tradição ortográfica latina ou portuguesa, ou à função distintiva do <h> entre hiatos antigos e ditongos modernos (p. ex. sahe / sai), ou ainda aos casos de retenções gráficas de formas arcaicas indicativas de fenômenos de variação linguística anterior (p. ex. <Cristaã>, <fee>, cuja grafia indica o hiato resultante da síncope das consoantes intervocálicas latinas <n> e <d>, respectivamente).

A variação gráfica dos nomes próprios, e os casos de morfossintaxe e de pontuação também foram agrupados e tratados separadamente, por demandarem a reflexão sobre outros aspectos, além do sonoro. A análise e a interpretação desses dois grupos, assim como as dos dois já mencionados, são comentadas nos tópicos a seguir. A localização dos exemplos apresentados será dada pelo número da página do fac-símile.

### 2.3.2.1 Variantes gráficas passíveis de atualização

#### a) *Sequências nasalizadas em desinências verbo-temporais e finais de vocábulos*

As orientações dos primeiros gramáticos e ortógrafos não são consensuais sobre a grafia das sequências nasalizadas. Gândavo (1574, fól.14r) prescreve:

E estes verbos & todos os mais no plural, quando falarem do passado que fizeram o accento na penultima se escreuerão com o m. Assicomo, alcançaram, louuaram, &c. E quando falarem do futuro que fizeram o accento na vltima, se escreuerão com ão, assicomo, alcançarão, louuarão, &c. Ou tambem se podem escreuer com m, quer falem do passado quer do por vir, distinguindo esta duuida com os mesmos accentos da maneira que acima digo.

Esse ortógrafo se referia, no final, ao acento agudo, cujo uso ele prescreveu para diferenciar formas verbais de passado e de futuro, quando homógrafas, no singular (p. ex., “agradecéra” e “agradecerá”).

Para Álvaro Ferreira de Vera (1631, fól. 25r-26v), com exceção dos vocábulos tam, quam, gram e Sam, todos os nomes e verbos deveriam ser grafados com *-ão*, por representar melhor o ditongo: “Polo que se quizermos escrever, como pronunciamos, terminemos no ditongo ão todos os verbos, & nomes Portugêses”. Para diferenciar as formas verbais de passado e de futuro homógrafas, dever-se-ia usar o acento circunflexo na penúltima sílaba da forma de passado (fól. 41r). No caso de desinência de plural dos nomes, os plurais poderiam se formar com *-ãos*, *-ões* e *-ães*. Para evitar a confusão causada por essas variantes, o ortógrafo sugere que se tome como modelo a formação de plurais em castelhano: os singulares em *-an*, *-ano* e *-on* resultavam nos plurais em <-anes> e <-anos> <-ones>, como em *capitan/capitanes*, *cuidadano/ciudadanos*, *sermon/sermones*. Pela correspondência entre as duas línguas, desses modelos derivariam os plurais corretos em português: *-anos* > *-ãos*; *-anes* > *-ães*; *-ones* > *-ões*.

No *corpus* de amostragem não há uma sistematicidade no uso de <-am> e <-ão> (e variantes), podendo o mesmo vocábulo ocorrer com uma outra terminação, como mostram as seguintes ocorrências verbais: <eraõ> (p. 2), <eram> (p. 2); <viram> (pret./p. 16), <viraõ>(pret./p. 16); <suprirãõ> (p.1), <suprirãm>(p. 3); <corraõ> (p.5), <corram>(p.5); <faõ>(p. 7), <fam> (p.7). Em formas nominais, ocorre o mesmo, além de o plural também poder variar entre <-ões> e <-õens>: <tãm> (p. 2), <taõ> (p. 2) <nam> (p. 1), <nãõ> (p.2), <entaõ> (p. 7), <entãm>(p.7), <perdaõ> (p.4), <perdam>(p.4), <tambẽ> (p. 15), <tambem> (p. 4); <inspiraçoens> (p. 9), <inspiraçoês> (p. 9). Os dados, assim como o confronto dos textos normativos da época dos sermões, indicam que essas variações no mesmo contexto de uso eram gráficas e, portanto, podem ser atualizadas em uma nova edição dos sermões, sem prejuízo de características linguísticas do texto.

#### b) *Duplicação e fusão de vogais*

Fernão d'Oliveira (1536, c. VIII ) prescreve que se dobrem as vogais <a>, <e> e <o> para indicar timbre aberto, e as mantenham simples para o timbre fechado.

Para João de Barros (1540, fól. 14v), o plural de palavras terminadas em vogal nasal deveria se formar pela duplicação da vogal acrescida de <-s>; mas, para os casos de <a>, <e> e <o> dobrados, o gramático sugere que sejam reduzidos a simples e acentuados graficamente, porque “nós queremos que ambas as vogáes façam hũa só syllaba o que nam pôde ser pois nam sam dithongos. E bẽm sey que por ser nouidade e o uso estar ãe contrário, será cousa trabalhõsa serẽ logo estas nouas figuras reçadas em nõssa orthografia” (fól. 43r).

Álvaro Ferreira de Vera (1631, fól. 30-32) dá como origem da duplicação de <a>, <e> e <o> a queda da consoante intervocálica latina e prescreve que nesses casos a vogal seja dobrada na escrita ou, se reduzida a simples, marcada com o acento circunflexo.

Williams (1991, p. 38, 104-105) resume essa questão da seguinte forma: na evolução do latim para o português, muitas palavras sofreram supressão das consoantes intervocálicas [l], [n], [d], [b], [v] e [g], resultando em diversas sequências hiáticas de vogais originalmente iguais ou que se tornaram tais por assimilação. Posteriormente, essas sequências hiáticas sofreram crase (fusão de duas vogais iguais), resultando nas formas modernas. Segundo Williams (1991, p.104-105), a crase teria se iniciado por volta de fins do

séc. XIII e se consumou em fins do séc. XV, tendo ocorrido mais cedo entre vogais átonas do que entre vogais das quais uma fosse tônica. Esse autor, entretanto, adverte (p. 38) que as vogais duplas

continuaram a ser usadas por tradição muito depois de se haverem contraído na pronúncia. Mais tarde foram usadas em lugar de uma vogal simples, para indicar nasalização ou talvez o alongamento da vogal nasalizada [...]. Foram usadas, também, em lugar de vogais tônicas simples, após a queda de consoantes intervocálicas outras [...].

Na amostra analisada, encontram-se os seguintes casos: <fec> (< fide, p. 52); <vee-fe> (< vidēre (flexionado), p. 39), <vem> (< vidēre (flexionado), p. 14); <Chrístiãas> (< christiāna p. 11), <maçãa> (< mattiāna, p. 70). Embora a grafia de hiatos e de crase de nesses itens resultem da síncope do <d> e do <n> na evolução do latim para o português, sua ocorrência possivelmente está desvinculada da pronúncia na época, uma vez que refletem uma mudança consumada num período anterior da língua. Por serem fatos meramente gráficos no séc. XVII, essas ocorrências são atualizadas no texto crítico, mas são registradas em aparato, por refletirem um fenômeno de variação cuja frequência, maior ou menor, tem sido um dos parâmetros dos estudos diacrônicos para datação aproximada de textos não datados, localizando-os num estágio da língua.

### c) Variação entre <i>, <j>, <y>

Nas primeiras obras normativas de ortografia, o uso de <i> para valor vocálico e <j> para valor consonantal já era prescrito. O uso de <y> com valor vocálico ou semivocálico concorria com o de <i> e resultava de escrita etimologizante. Confirmam-se alguns exemplos: Diz Gândavo (1574, fols. 18r-19r):

Deste j, comprido se vsará quando seruir de consoante [...]. Este y grego se seguirá sempre ã meyo de dição, q̄ndo acontecer entre duas vogaes, & nunca tera pronunçiação de consoante [...]. & noutra nenhũa parte se deue vsar, [...] saluo se for em cabo de dição diante de vogal, assicomo, Rey, darey, foy, muy, &c. [...] Este i, pequeno seruirá sempre em todas as mais partes que se offerecer.

João de Barros (1540, c. XIV) também atribui ao <y> característica de semivogal, “porq̄ ella não faz syllaba por si”. Observe-se que o gramático o utiliza em <syllaba> por razão etimológica.

Álvaro Ferreira de Vera (1631, fól 10v) distingue o uso de <i> e <j>, conforme sejam vogal ou consoante, e defende que o <y> seja usado somente quando a etimologia o justifica. Com um interessante exemplo, o autor ilustra o uso de <i> e <j>, e qualifica o <y> como ‘breve vogal’(fól. 22r-22v):

Esta dicção Caiado, que tem duas significações Portuguêsas, pergunto ao que se presar de bom orthographo: Como se deve escrever, que signifique bordão de pastor, & branqueado com cal? [...] porque se deve escrever assi, quando significa bordão, Cajado, & quando cuberto com cal assi, Caiado. A razão de se não escrever (nem hũ, nem outro) per y, he que a ditta letra a cerca de nos he breve vogal;

Na amostra analisada, todas as ocorrências de <j> têm valor consonantal, como em <juizo> (p. 10). O <y> é usado com valor vocálico ou semivocálico, como em <myfterio> (p. 5), <aly> (p. 3) e <inſpiray> (p. 3). O <i> é usado sem restrição, seja como vogal, semivogal ou consoante, como em <Juiz> (p. 4) e <inſpirai> (p. 3).

Pelo que dizem os ortógrafos e gramáticos citados, a grafia <mysterio> se justificaria apenas pela etimologia (*mysterium*). A grafia <aly> seria injustificável, seja pela característica sonora, seja pela etimologia, tal como as ocorrências de <i> com valor consonantal. Os casos de <i> e <y> em ditongos confirmam a concorrência desses grafemas para representar semivogal. Conclui-se que, na amostragem, não há valor fônico distintivo entre <y> e <i> (vogal ou semivogal), e não há justificativa linguística para as ocorrências de <i> com valor consonantal (<j>).

d) *Grafia de <o> em vez de <u>, e de <e> em vez de <i> átonos*

Nos dados da amostragem, os itens <eu> (p. 1), <meu> (p. 3), <íeu> (p. 5), <teu> (p. 44) e <deu> (p. 9) sempre são grafados com <-u> final, ao passo que as formas verbais de 2ª e 3ª conjugação, na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito, são sempre grafadas com as desinências <-eo> e <-io>, em vez de <-eu> e <-iu>, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 1: Grafias de &lt;-eo&gt; e &lt;-io&gt; em desinências verbais

| PESSOA         | NÚMERO   | TEMPO              | CONJUGAÇÃO  |  |
|----------------|----------|--------------------|---|--|
|                |          |                    | 2 <sup>a</sup>  | 3 <sup>a</sup>   |
| 3 <sup>a</sup> | SINGULAR | PRETÉRITO PERFEITO | <apareceo> (p. 5), <arrependeo> (p. 57),<br><bateo> (p. 7), <cedeo> (p. 26),<br><cometeo> (p. 46), <concedeo> (p.<br>49), <condescendeo> (p. 2), <creceo><br>(p. 65), <desapareceo> (p. 19),<br><encareceo> (p. 28), <intercedeo> (p.<br>66), <mouceo> (p. 2), <padecéo> (p. 50),<br><pareceo> (p. 53), <perdeo> (p. 40),<br><procedeo> (p. 26), <rendeo-se> (p.<br>34), <rompeo> (p. 1), <véceo> (p.64),<br><vio> (p. 6), <viuco> (p. 26). | <cahio> (p. 57), <cobrio-se> (p. 22),<br><cumprio> (p. 16), <diminuío> (p. 65),<br><Fingio> (p. 10), <ouuio> (p. 38),<br><Pedio> (p. 9), <permitio> (p. 26),<br><reduzio> (p.2), <remio> (p. 33),<br><restituhio> (p. 68), <reueftio> (p.<br>19), <fahio> (p. 50), <feruio> (p. 61),<br><vnio> (p. 62) |

Neste estudo, entende-se que os encontros vocálicos nessas desinências sejam ditongos, visto que há uma acentuada tendência de se evitar o hiato desde a fase arcaica do português,<sup>74</sup> fato já tratado por vários estudiosos da história da língua.<sup>75</sup> Entretanto, quer seja o <-o> final a semivogal de um ditongo, ou a vogal de um hiato, sua pronúncia não seria de [o], mas sim de [w] ou [u], por ser átono em posição final. Conforme Williams (1973, p. 61), a pronúncia do <-o> final como [u] remonta ao séc. XII.<sup>76</sup> Em sendo parte de ditongo, nesses casos, o <-o> final corresponde à semivogal [w], o que confirmam vários gramáticos e linguistas, desde o séc. XVI. Dentre eles, João de Barros (1539, fól. 7v), ao tratar das maneiras de se formar sílabas ditongadas orais, usou sempre <-i> e <-u> como semivogais. Nunes (1945, p. 73-74) afirmou que “Se *-e* e *-o* finais, de origem ou tornados tais posteriormente, vêm a pôr-se em contacto com a tónica, em consequência da queda de consoante intermédia, formam com ela os ditongos decrescentes: *-ai*, *-ei*, *-oi*, *-au* e *-eu*”. Cunha (1991, p. 913-927)<sup>77</sup> atesta que, em meados do séc. XVII, o segundo elemento do

<sup>74</sup> Segundo COUTINHO (1967, p. 110), há registros dessa tendência desde o latim vulgar.

<sup>75</sup> Cf., p. ex.: CÂMARA JUNIOR, 1976, p. 57-65; CARVALHO e NASCIMENTO, 1972, p. 54-56; COUTINHO 1967, p. 98-110; MATTOS E SILVA, 2001, p. 64-65), NUNES, 1945, p. 73 (nota 1), e p. 76; WILLIAMS, 1973, p. 61.

<sup>76</sup> Segundo Williams (*loc. cit.*), a “letra *u* aparece primeiro nas palavras em que o hiato existia em latim; apareceu muito depois em palavras em que o hiato ocorreu pela queda em português de uma consoante intervocálica. Desse modo, nos documentos medievais encontram-se as grafias *deus*, *meu*, etc., lado a lado com grafias como *ceo*, *mao* etc.”

<sup>77</sup> Data da primeira publicação, sob o título *Valor das grafias -eu e -eo do século XIII ao século XVI*, na miscelânea *Estudos Portugueses; homenagem a Luciana Stegagno Picchio*. O texto consultado para este trabalho é sua republicação de 2004, nas páginas 139-154 da coletânea de textos de Celso Cunha, *Sob a pele das palavras*, organizada por Cilene da Cunha Pereira.

ditongo [eɔ] já se tornara um [w] em todos os grupos de palavras em que ele ocorria – conclusão a que chegou após examinar as rimas em textos poéticos e de teatro, desde o período trovadoresco até as *Obras métricas* de D. Francisco Manuel de Melo (1665), especialmente as palavras com essa terminação que antes não rimavam entre si e passaram a rimar. Essas referências são suficientes para se julgar meramente gráfica a ocorrência de <-o> em vez de <-u> em ditongos orais, seja em desinências verbais, como as mencionadas, ou não, como nas ocorrências das palavras <Deosa> (p. 18), <Deos> (p. 67), <Cco> (p. 67), <Pharifeos> (p. 19); <Hebreo> (p. 38).

Quanto à ocorrência de <-e> e <-i> átonos finais, na amostra analisada, a maioria é de <-i> nas formas verbais na 2ª pessoa do plural, do presente do indicativo (4), do presente do subjuntivo (3), do imperativo negativo (1) e do imperativo afirmativo (12).<sup>78</sup> Por não discreparem das grafias atuais, dispensam comentários. Cabe comentar as exceções: as formas verbais na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, <vai> (p.22), <fa-he> (p. 54)<sup>79</sup> e <cahe> (p. 23). A primeira e a segunda já apresentavam o hiato <-ai> desde a passagem do latim para o português, pela síncope da consoante intervocálica nas formas verbais *uadit* (> vai) e *salit* (> sai);<sup>80</sup> a terceira, de fato, era da 2ª conjugação no latim e no português arcaico, mas o deslocamento para a terceira conjugação portuguesa ocorreu no séc. XIV (*cadēre* > caer > cair).<sup>81</sup> Sendo assim, a ocorrência de <-e> em vez de <-i> em textos do séc. XVII, como o aqui analisado, também é meramente gráfica.<sup>82</sup>

A tendência em pronunciar [e] e [o] átonos como [i] e [u] é atestada desde a gramática de Fernão d'Oliveira (1536, c. XVIII):

das vogaes antre u & o pequeno ha tanta vezinhança, q̄ quasi nos confundimos, dizendo hūs somir e outros sumir: & dormir ou durmir & bolir ou bulir & outras muitas partes semelhantes. E outro tanto antre .i. & e. pequeno como memoria ou memorea / gloria ou glorea. Ainda que eu diria que quando escreuemos .i. na penultima sempre ponhamos o accento nessa penultima seguindo-se logo a vltima sem anteposição de consoante como arauia & se a tal antepenultima assi d'vogaes puras não teuer o açêto não na escreueremos cõ .i. se não cõ .e. como glorea & memorea

<sup>78</sup> <alimentais> (p. 59), <ficais> (p. 21), <intentais> (p. 2), <mudais> (p. 23), <hajais> (p. 57), <tenhais> (p. 17), <viuais> (p. 29), <permitais> (p. 54), <acabai> (p. 52), <dai> (p. 9), <estai> (p. 20), <inpirai> (p. 3), <láçai> (p. 23), <mostrinos> (p. 12), <notai> (p. 31), <Olhai> (p. 30), <perdoai> (p. 35), <foltrai> (p. 34), <tomai> (p. 30), <tratai> (p. 70).

<sup>79</sup> Nessa ocorrência, a separação das sílabas se deu pela mudança de linha.

<sup>80</sup> Cf. WILLIAMS, 1973, p.60, 240-241.

<sup>81</sup> Cf. WILLIAMS, 1973, p. 224.

<sup>82</sup> A presença do <h>, contudo, pode ser indiciativa de hiato, onde atualmente é ditongo. Tendo essa possibilidade em conta, a grafia desses casos é atualizada no texto crítico, mas registrada no aparato.

Nessa passagem, além de atestar a variação de [e]/[i] e [o]/[u] átonos, o gramático, ao exemplificar a oposição entre <e> e <i> em *aravia* e *glorea / memorea*, prescreve que as últimas sejam escritas com <e>, porque nesses casos a vogal não é ‘pura’, como o <i> de *aravia*. Pode-se dizer que Fernão d’Oliveira usa, além da tonicidade, a distinção vogal/semivogal como critério para diferenciar a grafia com <e> e com <i> nos vocábulos em que ambas soariam como <i>. Em outro momento, ele privilegia o critério da tonicidade para definir a grafia com <e> ou <i>: “por̄ eu tenho q̄ a penultima pura ou vltima q̄l̄r que se escreve com .i. sempre tem o acento como .Maria. .ouuir. & as q̄ nam tem esse acento da dição escreuense com .e. pequeno & não cõ .i. como ja dissemos” (c. XXVII). Isso possibilita aventar que, em encontros vocálicos, a pronúncia de <i> semivocálico onde se grafava <e> ocorria desde o séc. XVI.

Sobre a pronúncia dos grafemas <-o> e <-e> finais, já afirmava Verney, no seu *Verdadeiro Metodo de Estudar [...]* (1746, v 1, p. 42-43):

Finalmente devo advertir a V.P. que estes seus nacionais, ainda falando, pronunciam mal muitas letras no-meio, mas principalmente nos-fins das-disçens. V.G. e final, pronunciam como *i*: como em *De-me, Pos-me, &c.* todo o final acabam em *u*: v.g. em *Tempo, Como, Buxo, &c.* cujos nomes quem quer pronunciar à Portugueza deve acabar em *u*.

Teyssier (2001, p. 71,72) afirma que a realização de [u] e [i] para tudo o que se escreve com *-o* e *-e* átonos finais já era regra no Brasil e em Portugal, no início do séc. XVIII.<sup>83</sup> Uma vez que as mudanças sonoras não se dão abruptamente, se a pronúncia alteada era categórica àquela época, é razoável admiti-la no último quartel do séc. XVII, quando os sermões de Eusébio de Matos começaram a ser publicados.

Da amostra analisada, restam, ainda, os casos de palavras com final <-aes>, que atualmente se grafa <-ais>: <cnfuaes> (p. 32), <efpaciaes> (p. 44), <matériaes> (p. 20), <Offi-ciaes> (p. 18),<sup>84</sup> <quaes> (p. 68) e <racionaes> (p. 56). As formas latinas dessas palavras terminavam em <-ales> e, com a síncope da consoante intervocálica [l], passaram a terminar no hiato <-aes> no período arcaico. Fernão d’Oliveira (1536, c. XIV), ao tratar da formação do plural de palavras terminadas em consoante, já prescrevia que “os acabados em .l. mudão essa letra l. ã .i. & acreçentão .s. q̄ e pprio do plural”. Já Álvaro Ferreira de Vera

<sup>83</sup> Conforme o autor, no Brasil, a pronúncia não mudou, mas, em Portugal, próximo do séc. XIX, o *-e* átono final, pronunciado como [i], ficou mais breve e mais fechado – “quase mudo”, na percepção de alguns.

<sup>84</sup> Nessa ocorrência, a separação das sílabas se deu pela mudança de linha.

(1631, fól. 44v.) defendia, nesses casos, o retorno à forma latinizada: “Nem os pluraes dos nomes acabarão em, is; senão em es”. Pode-se considerar, portanto, que as ocorrências de plurais em <-es> mencionadas não têm a ver com a pronúncia, mas com a escrita latinizada.

De tudo o que foi exposto aqui sobre grafias <e> em vez de <i> e <o> em vez de <u> átonos, conclui-se que ocorrências como as mencionadas não são indícios da pronúncia da época, pelo que não é necessário conservá-las no texto crítico.

#### e) *Variação entre <u> e <v>*

Na amostragem, percebem-se os usos do <v> para iniciar vocábulos, seja com valor consonantal, seja vocálico, como em <viciofa> (p. 19) e <vnico> (p. 19), e, em posição medial, apenas com valor vocálico, no item <I E S V S> (p. 1). O uso de <u> ocorre no interior dos vocábulos, como consoante ou vogal, como em <louuar> (p. 26), e no final, sempre como vogal, como em <acufou>(p. 19). Esse uso encontra respaldo em Gândavo (1574, fól. 20r): “Sempre em principio de qual quer dição se vsará deste v, meão, & em meyo sempre sera u, pequeno, ainda que sirua de consoante, assicomo, viuua, viuer, &c”. Embora se possa estabelecer alguma correlação entre o uso de <u> ou de <v> e sua posição na palavra, percebe-se que as oscilações gráficas existentes não representam variações sonoras, pelo que seu emprego pode ser uniformizado no texto crítico conforme a ortografia atual.

#### f) *Consoantes dobradas e dígrafos helenizantes*

De acordo com o que já foi exposto na seção 2.3.1 deste capítulo, era de natureza etimológica a justificativa dos gramáticos e ortógrafos para se dobrarem a maioria das consoantes na escrita. Partindo-se do princípio de que, na escrita, o que não tem valor distintivo não é linguisticamente relevante (a não ser que denote idiosincrasia do autor, como a pronúncia erudita de certos nomes),<sup>85</sup> concluiu-se que não há razão para manter, no texto crítico, consoantes dobradas em ocorrências como <succello> (p.2, relativo ao <c>

<sup>85</sup> Esse assunto é tratado adiante, na seção 2.3.2.3 deste capítulo.

geminado), <affectos>(p.4), <aggrauar> (p.6), <Elles> (p.10), <communica>(p. 10), <innumerauel>(p.1), <oppositos> (p.47) <fettas> (p.4), etc.

Pelo mesmo motivo, são atualizadas as grafias que apresentarem dígrafos helenizantes, como em **Catholico** (p. 1), **Christão** (p. 2), **triumpho** (p. 6).

g) *Variação entre grafemas representativos dos fonemas [s], [z] e [ʒ]*

Leonor Scliar-Cabral, em seu livro *Princípios do sistema alfabético do português do Brasil* (2003, p. 38), afirma: “Uma ou mais letras (ou grafemas) representam os fonemas e alguns de seus alofones (variantes do mesmo fonema), que resultam nas unidades que distinguem o significado na escrita”. Em todas as fases da história da língua portuguesa, houve sons representados por mais de um grafema e grafemas concorrentes para representação de um som, fato que ainda constitui uma das principais dificuldades ortográficas. A preocupação com a uniformização da escrita nos sécs. XVI e XVII não eximiu os mais cultos do problema. Na amostra analisada, encontram-se, por exemplo, variação entre <s> e <z> para representar [z], em ocorrências do mesmo vocábulo: <reprezenta- > (p.4) e <representa > (p.6), <amorozo > (p. 11) e <amorofô > (p.11). A troca entre <s>,<c>, <sc> para representar [s] também é comum, como em <finco>(p. 2) <necias>(p.71) <fceptro>(p.2).<sup>86</sup> Grafar <g> em vez de <j> para a representação de [ʒ] também ocorre, mesmo quando desrespeita a escrita etimológica, como em <fogeito > (< *subjectus* – p. 27).

Pelo exposto, não se considera que variações gráficas de <s>,<c>, <sc>,<sup>87</sup> <ç>, <ss> para representar [s], <s> e <z> para [z], <j> e <g> para [ʒ], e casos assim, possam atestar variação linguística, o que justifica a atualização dessas grafias no texto crítico.

<sup>86</sup> Não se localizou nenhum caso de <x> para representação de [z] ou [ʒ] que divergisse da norma ortográfica atual. Entretanto, fora dos sermões da amostragem, há caso <s> em vez de <x> para representar [s], em contexto em que a diferença gráfica é semanticamente relevante – <cfpirar > (para <expirar >) –, pelo que a ortografia é atualizada e as ocorrências apontadas em aparato.

<sup>87</sup> O -sc- latino inicial, seguido de -e- ou de -i-, recebeu um e- anteposto, como em *scūtum* > *escudo*, mas não em palavras eruditas, como *sceptrum* > *etro* (WILLIAMS, 1973, p. 76-77). O -sc- latino medial, seguido de -e- ou de -i-, resultou no som de x ([ʃ]) em palavras comuns, como em *peixe* < *pīscem*, mas não em palavras semi-eruditas, em que passou a ter o mesmo som de c ([s]), como em *nécias* (*ibidem*, p. 93, 108-109) – caso este que

h) *Emprego do <h>*

Antes do período simplificado da ortografia portuguesa, o <h> (exceto em dígrafos) era utilizado em respeito à etimologia ( p. ex. <homem> < *homīne(m)* – p. 2), como também para marcar hiato entre duas vogais diferentes no mesmo vocábulo (p. ex. <fahir> – p. 11). A princípio, é possível que o <h> não etimológico tenha sido empregado, em posição inicial, para encorpamento gráfico, como nos advérbios *hi* e *hu* do período arcaico (HOUAISS, 1967, v. 1, p. 263), para evitar hiato com a vogal final do vocábulo precedente e, mais tarde, esquecida essa função, tenha sido incorporado à grafia regular da palavra (cf. Williams, 1973, p. 35). Isso explicaria ocorrências como <hum> (p.2), <hir> (p. 43) e <he> (p. 50). Sobre o <h> em *he* (verbo), João Franco Barreto (1671, p. 134) lhe atribuiu valor diferencial, para que não se confundisse com a escrita da conjunção *e*, o que não encontra respaldo na prática escrita até o séc. XVII (inclusive na desse autor), em que o *ampersand* (&) era usado para representar a dita conjunção.

Na amostra analisada, encontra-se contudo, a ocorrência de <emisphereio>(p. 34), precedida de <outro>. Têm-se aqui as justificativas etimológica (a forma latina *hemisphaerium*) e funcional (o hiato com a vogal final da palavra precedente) para o emprego de <h>, mas ele não ocorre. Por não representar nenhuma função diferencial da qual não se prescindia ou som na pronúncia portuguesa – exceto ao compor os dígrafos <lh> e <nh>, em onomatopeias como *ha-ha-ha* e interjeições como *ah* e *oh* –,<sup>88</sup> e por não ser sempre respeitado na escrita segundo o critério etimológico, não há razão para que seu emprego em textos seiscentistas não possa ser atualizado em uma edição crítica.

i) *Encontros consonantais <-mpt->, <-ct->, <-gm->, <-gn->, <-mn->*

Segundo Edwin B. Williams, em *Do latim ao português* (1973, p. 40-41), assim

---

interessa à presente análise. Segundo Houaiss (1967, v. 1, p. 309), a pronúncia do *-sc-* medial como *x* ([ʃ]) no português padrão de Portugal ( como pronunciar “*naxer*” ou “*naxcer*”, “*dexer*” e “*dexcer*”, para as grafias *nascere* e *descere*) é relativamente **moderna**, por um refazimento ou restauração por influência gráfica. Por esse motivo, no presente estudo, não é considerada linguisticamente relevante a variação entre <c> e <sc> nesses contextos.

<sup>88</sup> Há consenso entre os antigos ortógrafos e gramáticos sobre isso. Sobre o <ph>, vide alínea “f” desta seção, que trata de dígrafos helenizantes.

como os dígrafos e o <y> gregos, os encontros consonantais <-mpt->, <-ct->, <-gm->, <-gn->, <-mn-> também marcam a escrita (pseudo)etimológica. Fernão d'Oliveira (1536) e João de Barros (1540) proscreeveram o uso de consoantes mudas no final de sílaba e de palavra, por não refletir a pronúncia portuguesa.<sup>89</sup> No *corpus* de amostragem, ora a grafia preserva esses grupos consonantais, ora os simplifica, como nas ocorrências <Santo>(p.8) e <Sancto> (p.10), <pratica> (p. 10) e <PRACTICA> (p. 10), <condemnação>(p. 57) e <condenaçaõ> (p. 71). Encontra-se, ainda, a forma <pronoflica> (p. 59), sem o <-g->, mas ele é preservado em todas as outras palavras em que o encontro consonantal <-gn-> ocorre (p. ex., <infignias> (p. 4), <dignidade> (p. 44), <ignorantes> (p. 15), etc). O <-p-> do grupo <-pt-> é, via de regra, preservado, em ocorrências como <Redempror>(p. 16) e <af-fumpto><sup>90</sup> (p. 4).

Sobre o uso de <-mn->, Álvaro Ferreira de Vera (1631, fól 13v) afirma que “os versados na lingua Latina sabem, & o usão na pronunciação & escriptura”. Tendo em conta, portanto, que esse é o caso do autor dos textos ora editados, decidiu-se pela atualização no texto crítico e pelo registro no aparato das primeiras ocorrências que apresentam esses encontros consonantais e consoantes mudas em final de sílaba, seguidas da expressão *passim*, por não se poder descartar sua pronúncia, ainda que artificial.

#### j) Sinais diacríticos

Os diacríticos são sinais gráficos que conferem às letras um valor fonológico especial (como os acentos grave, agudo, circunflexo e, ainda, o til, a cedilha e o apóstrofo), ou indicam justaposição de palavras que conservam, cada uma, sua integridade fonética – função do hífen. Entre os diacríticos, também figurava o trema, que assinalava a diérese – passagem de ditongo a hiato – e indicava que o <u> depois de <q> e <g> não era mudo (CÂMARA JR., 1964, p. 107). O trema não mais exerce essas funções, desde a implementação do último acordo ortográfico. As regras para o emprego desses sinais, a partir da simplificação ortográfica implementada no início do séc. XX, já sofreram duas alterações, após longos e

<sup>89</sup> Essa questão será melhor detalhada adiante, no tópico *Tratamento da grafia em nomes próprios*.

<sup>90</sup> Nessa ocorrência, a separação das sílabas se deu pela mudança de linha.

acalorados debates.<sup>91</sup> As dificuldades relativas à acentuação geralmente dizem respeito à orientação da pronúncia e à arbitrariedade de suas regras. Por exemplo, nem todas as sílabas tônicas são acentuadas, nem todos os timbres – abertos, fechados ou nasais – são assinalados graficamente. Se tais dificuldades estão presentes na atualidade, depois de tantos esforços de sistematização ortográfica, quanto mais entre os sécs. XVII e XVIII, época em que foram impressos os sermões de Eusébio de Matos.

A abordagem dos diacríticos neste trabalho focaliza os acentos grave, agudo e circunflexo, pelo destaque que os primeiros gramáticos e ortógrafos lhes deram. Antes, porém abordam-se brevemente os outros sinais.

Em obras normativo-prescritivas anteriores à segunda metade do séc. XIX, o trema era chamado de ápices, cimalhas ou diéresis, usado “sobre a vogal que queremos que retenha seu som, podendo-se ajuntar com a vogal seguinte” (VERA, 1631, fól. 40r). Duarte Nunes de Leão (1576, fól. 77v) ainda lhe acrescenta a função de diferenciar o <j> (ou “i longo”) do <î> vocálico, como em “caïado por branqueado, a diferença, de cajado, por bordão”.

Do apóstrofo, não houve mudança de uso desde o séc. XVI, entretanto, os ortógrafos enfatizam sua utilidade para evitar hiato intervocabular e cacófatos (cf. LEÃO, *ibid.*, fól. 67; VERA, *ibid.*, fól. 42).

Nas gramáticas e tratados ortográficos dos sécs. XVI e XVII, a cedilha não é tratada separadamente do <ç>, cujo uso difere do atual, por poder formar sílaba com todas as vogais, mesmo que desnecessariamente antes de <e> e <i>. João de Barros (1540, fól. 46) o recomenda, ainda, para indicar a pronúncia ceceada, e Álvaro Ferreira de Vera (1631, fól. 45r-45v) se esforça em diferenciar seu som do de <s> dobrado, contrapondo vocábulos como *paço* e *passo*, mas adverte que “a muita semelhança causa confusão, & sendo a diferença pouca”.

O til é tratado como sinal abreviativo, usado mais frequentemente quando se suprime <m> ou <n> e em ditongos nasais (cf. LEÃO, *ibid.*, fól. 24; VERA, 1631, fól. 24r).

Sobre o hífen, Rita Marquilhas, em seu artigo *O acento, o hífen e as consoantes mudas nas ortografias antigas portuguesas* (1987), afirma que ele foi praticamente esquecido pelos gramáticos até o séc. XIX, quando se tomou consciência da pertinência de seu uso no interior de formas compostas. O exame do que disseram as primeiras gramáticas e tratados ortográficos a respeito e o raro uso do hífen em textos até o séc. XVII comprovam isso.

---

<sup>91</sup> A esse respeito, confira-se, por exemplo CASTRO, 1987.

Duarte Nunes de Leão (*ibid.*, fól. 77v-78r) e Álvaro Ferreira de Vera (*ibid.*, fól. 40) lhe dão as mesmas funções e exemplos: juntar em um corpo duas diferentes dicções, como *passa-tempo*, *guarda-porta*, ou corrigir ajuntando o que se escreveu separado, por erro, como *confia-do*.

Os acentos gráficos – agudo, grave e circunflexo – mencionados por João de Barros (1540, fól. 43v), Gândavo (1574, fól. 13r-14v), Duarte Nunes de Leão (1576, fól. 17v, 66r), e Álvaro Ferreira de Vera (1631, fól. 14r, 41r-42v), ainda que iguais aos atuais, não tinham as funções de marcar a vogal tônica e o timbre da vogal sobre a qual incidiam, mas apenas função diferencial.

Afirma Álvaro Ferreira de Vera (*ibid.*, fól. 14r): “E assi não he necessario notar estas palavras com os accentos agudó & cincunflexô; se não nas dicções em que póde aver embaraço, e diferença na significação [...]”. Mais adiante (fól. 41r-42v), afirma o autor que esses acentos discerniriam formas verbais de passado (“*amára*”) e futuro (“*amarâ*”), e formas nominais (“troco”, com acento agudo opcional) das verbais (“trôco, que pronunciamos com tom baixo”).<sup>92</sup> Desses exemplos, depreende-se que o autor também não correlaciona os acentos aos timbres das vogais, pois alterna o uso de circunflexo e agudo em vogais abertas e fechadas. Na correlação entre tempos verbais e acentuação, a única sistematicidade parece ser o uso preferencial do acento agudo para as formas do singular do pretérito mais-que-perfeito, e do circunflexo para as formas do singular do futuro, como o fez também Duarte Nunes de Leão (*op. cit.*, fól. 66v). Tal uso difere do que antes prescreveu Gândavo (*op. cit.*, fól. 13v), que preferia o acento agudo para ambos os tempos verbais.

Quando muito, além do valor distintivo, o acento circunflexo podia indicar crase (cf. GÂNDAVO, *ibid.*, fól. 13r; VERA, *ibid.*, fól. 30v), função atualmente cumprida apenas pelo acento grave. Este, para Álvaro Ferreira de Vera, só era usado em advérbios e preposições latinas, “para tirar a duvida, se o são, pondose sempre no fim da dicção” (fól. 42r).

No séc. XVIII, João de Moraes Madureira Feyjó, em *Orthographia ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a Língua Portuguesa* (1734, p. 14) mantém essa mesma orientação: “Quanto ao uso destes Acentos, na nossa lingua, só he frequente, e precisamente necessário naquellas palavras, que se equivocão humas com outras”.

Segundo Rita Marquilhas (1987, p. 110),

A questão da acentuação tornou-se a partir daí [séc. XVIII], e até aos gramáticos oitocentistas, completamente pacífica. Instituiu-se o uso de, no caso de cada

<sup>92</sup> No fól. 14r, o autor usa o par “corvo”/“corvos” como exemplos de tom alto e baixo, respectivamente, o que hoje corresponde a pronúncias fechada e aberta.

contexto específico, se poder optar entre a marcação do acento e o silêncio em relação a ele. A única regra a respeitar seria a de se evitar ao máximo ambiguidades de sentido. E todos os ortógrafos dos séculos XVII e XVIII vêm testemunhar esse costume [...].

Em geral, a tentativa de normatização do uso da acentuação e dos diacríticos objetivou evitar ambiguidades, diferenciando formas homógrafas. Ter isso em conta é imprescindível para o tratamento desses aspectos numa edição crítica.

Se a justificativa para se preservarem fatos gráficos distintos dos atuais é a conservação de características da pronúncia da época dos textos, não parece haver razão para não se atualizar o uso de acentuação e a hifenização. No *corpus* de amostragem, os sinais grave, agudo e circunflexo são usados indistintamente, como mostram as seguintes ocorrências: <Só> (p. 2), <Sò> (p. 5); <vós> (p. 3), <vòs> (p. 3); <eftà> (p. 4), <eftà> (p. 6); <às> (p. 7), <âs> (p. 7); <jà> (p. 10), <jà> (p. 10). Por esses exemplos, poder-se-ia conjecturar que os sinais indicam a tonicidade, mas, em ocorrências como <Prègaçaõ> (p. 1) e <deixaràõ> (p. 1), seria preciso dizer que marcam o timbre aberto da vogal na primeira e a tonicidade na segunda. Isto é, não há sistematicidade no emprego dos sinais. Em uma ocorrência como <â redea fôlta> (p. 3), poder-se-ia dizer que o circunflexo marca a crase, como prescreviam Gândavo e Vera, mas em <moueruos à temor, ou à esperança> (p. 3), a crase já não explicaria as duas ocorrências do sinal grave. As raras ocorrências de hífen, na maioria das vezes, marcam ênclise: <vee-fe> (p. 39), <rendeo-fe> (p. 34), <cobrio-fe> (p. 22), mas a ênclise e a mesóclise ocorrem abundantemente sem hífen. A única ocorrência diferente de hífen é a do verbo <fobre-faem> (p. 5), cuja ideia de composição atualmente se perdeu.

Diante de tal assistemática e do que se expôs sobre a prescrição dos antigos gramáticos e ortógrafos sobre o problema da acentuação, um critério conservador da acentuação gráfica na edição crítica não se justificaria.

### 2.3.2.2 Variantes gráficas indicativas de fatos linguísticos

#### a) *Variação entre <a> e <e>*

João Franco Barreto, em *Orthographia da lingua portugueza* [...] (1671, p. 265),

qualifica grafias em que se troca <a> por <e> de “erradas” ou “toleradas”, podendo ser “melhoradas”, e apresenta uma lista de correção.

Segundo Said Ali (1964, p. 34), é rara a substituição de <a> por <e>. Contudo, no sermão analisado como amostra, encontram-se grafias como <de<sup>e</sup>emparo> (p. 23) e <pe<sup>a</sup>ra> (p. 22), esta ocorrendo mais frequentemente que sua variante <para> (p. 1).

b) *Variação entre <a> e <o>*

A grafia de <a> em vez de <o> ocorre apenas uma vez na amostra analisada: <Salama<sup>o</sup>> (p. 33), para o antropônimo Salomão, referente ao rei de Israel entre 970–931 a.C. Rafael Bluteau registra essa variante no seu *Vocabulário de Nomes Próprios*, integrante do Suplemento ao *Vocabulário Latino-Português* (1728, 2ª parte, p. 18, 44), e a emprega várias vezes em seu *Sermão no dia do nascimento de S. João Bautista* (1676, p. 78).

c) *Variação entre <o> e <e>*

Na amostra analisada, encontram-se as ocorrências de <va- lerofo><sup>93</sup> (p. 26), variante atestada anteriormente n’Os Lusíadas (1572), e <fermofo<sup>o</sup>ra> (p. 65), variante semierudita resultante da dissimilação da forma erudita *formosura*, e mais usual que essa no período arcaico.<sup>94</sup> Ambas, portanto, são indiciativas de fenômenos antigos de variação sonora.

d) *Variação entre <e> e <i>, e <o> e <u>*

Embora fuja ao escopo deste trabalho empreender estudos sobre variações entre vogais médias e altas, faz-se, a seguir, um breve comentário sobre fenômenos dessa natureza

<sup>93</sup> Nessa ocorrência, a separação das sílabas se deu pela mudança de linha.

<sup>94</sup> Cf. HOUAISS, 2002.

e as grafias que o apresentam, encontradas na amostra analisada.

Por influência da oralidade, pode haver variação gráfica de <e> para <i>, e de <i> para <e>. Embora o uso de <i> em vez de <e>, que se configura como alteamento da vogal, seja um fenômeno comum desde o período arcaico, ocorrências como <discredito> (p. 39) não são comuns na amostra analisada. Entretanto, o uso de <e> em vez de <i> é frequente, e pode tanto indicar uma pronúncia mais conservadora, próxima da latina, como em <Princepe> (< princeps – p. 66), <peor> (< peior – p. 54), como mais inovadora, abaixando a vogal que era alta originalmente, como em <vezinho> (< vicīnus – p. 22), <laberinto> (< labyrīthus – p. 34), <meudamente> (< minūta + mēntis – p. 54). Acerca da variação entre <o> e <u>, a grafia da vogal média em vez da originalmente alta ocorre, p. ex., em <lingoas> (< lingūa – p.10), <agoa> (< aqua – p. 47).<sup>95</sup>

Paul Teyssier, em *História da Língua Portuguesa* (2001), embora se ocupe mais do fenômeno de alteamento (p. 68-77), explica a passagem de <i> para <e> e de <u> para <o> como fenômeno de dissimilação (p. 74), isto é, quando um ou mais traços fonéticos em comum entre dois fonemas vizinhos (contíguos ou não) são trocados, tornando os dois fonemas diferentes, como em *dizia* > *dezia*, *futuro* > *foturo*.<sup>96</sup> Isso pode explicar a troca de <i> por <e> e de <u> por <o> na maioria das variantes supostamente inovadoras, e explica, inclusive, uma ocorrência como <fogeito>, se se conjecturar que o <o> final já tinha a pronúncia alteada, no séc. XVII, como mudança sonora em curso. Segundo Teyssier (p. 71), a pronúncia [u] para todo <-o> final é regra desde o séc. XVIII. Nos casos específicos de <lingoas> e <agoa>, saliente-se que a grafia de vogal média em vez de alta ocorre em posição postônica, o que não é um fator favorecedor do fenômeno, e que em <agoa> não há vogal alta próxima, para justificar o abaixamento da vogal <-u->. A explicação de Teyssier não é válida para esse caso.

Rosa Virgínia Mattos e Silva, em seu livro *O português arcaico: fonologia* (2001), não trata do fenômeno de abaixamento, aqui referido. No entanto, ao tratar da flutuação gráfica entre <e>/<i> e <o>/<u> em posição inicial absoluta ou pretônica (p. 59-60), a autora a define como indicadora do fenômeno de alteamento, condicionado pela presença de uma vogal alta na sílaba próxima, num processo fonético assimilatório conhecido como harmonização vocálica, isto é, quando uma vogal se torna foneticamente semelhante a

<sup>95</sup> Na amostra, esses itens sempre ocorrem com a vogal média em vez da alta, exceto o item <agoa>, que também ocorre como <agua> (p. 47).

<sup>96</sup> Exemplos dados pelo autor.

outra vizinha (geralmente a tônica). A harmonização vocálica explica, de certo modo, ocorrências como <rigurofo> (p. 4), em que o alteamento do <o> pode ser relacionado à presença de uma vogal alta <i> na sílaba anterior – embora átona, nesse caso –, mas não se aplica a ocorrências como <uberto> (p.10), em que a vogal mais próxima é tônica e não é alta. Há, portanto, outros fatores condicionantes, estruturais ou não, além da posição da vogal alteada em relação à tônica e da altura dessa tônica. Para um maior aprofundamento nessa questão, indicam-se os estudos de Viegas (1987, 2001).

O que se apurou sobre flutuação gráfica entre <e>/<i> e <o>/<u>, tanto em posição anterior como posterior à tônica, pode estar relacionado com a pronúncia, pois esses fenômenos de variação são antigos e ainda estão em curso. Vários estudos têm demonstrado que a posição em que a vogal média ocorre, em relação à tônica, é fator condicionante de sua alteração, seja favorecendo-a, seja inibindo-a. Destaque-se que o abaixamento em formas como <agoa> e <lingoas> é reprovado em tratados ortográficos da época (cf. GÂNDAVO, 1574, fól.16v; BARRETO, 1671, p. 265; VERA, 1631, fl. 44). Não convém, pois, descartar a possibilidade de essas formas serem pronunciadas, tanto quanto as alteadas.

#### e) Grafias representativas de ditongação e monotongação

Casos de ditongação não são frequentes na amostra avaliada. As formas <ameaçando> (p. 17) e <desgraçado> (p. 21 ) concorrem com <amieçando> (p. 38)<sup>97</sup> e <desgraciado> (p. 19). Ambas as ocorrências podem se dever à influência do espanhol, a qual, conforme Williams (1973, p. 29-30) foi marcante entre os sécs. XV e XVII – sobretudo nos textos literários –, e muito combatida pelos gramáticos e ortógrafos dos sécs. XVI e XVII. Essa parece ser a melhor explicação para a inserção da semivogal nesses casos, já que o [ɨ] não tem a função de desfazer hiato – tendência da língua portuguesa desde o período arcaico –, nem se identifica com o tipo de ditongação própria do português de algumas regiões, como as do Minho e do Douro, em que se ditongam [e] e [o] tônicos (CUNHA e CYNTRA, 1986, p. 17) – e não [e] átono, como em \**amieçando*, e [a] tônico, como em *desgraciado*.

Há, ainda, um tipo de ditongação que merece nota: a que ocorre em desinência

<sup>97</sup> Nessa ocorrência, a separação das sílabas se deu pela mudança de linha.

verbal de 2ª pessoa do plural do pretérito perfeito, pelo que se registram <padecesteis>(p. 55) <passasteis>(p. 55), <fizesteis>(p. 55), em vez de suas grafias terminadas em <-stes>. J. J. Nunes (1945, p. 322) diz tratar-se de uma pronúncia popular que “por analogia com igual pessoa do imperfeito do indicativo e de outros tempos, nos quais o fenómeno é normal, ditonga-se o *e* da terminação *-stes* (*amásteis, devésteis, partísteis*)”. No caso de <padecesteis>, <passasteis> e <fizesteis>, houve possivelmente a analogia com as formas do pretérito imperfeito do subjuntivo desses mesmos verbos: *padecêsseis, passásseis e fizésseis*. Quanto à ocorrência de <ha-uereis> (p. 9),<sup>98</sup> em vez de <haverdes>, encontra-se a explicação em Fernão d’Oliveira (1536, c. XXVI): “Tambem somos amigos de cortar as vozes; [...] nos verbos nas derradeyras syllabas das segũdas pessoas do plural que acabavaõ em des agora mudamos o .des em .is: & ajuntamolo em ditongo co a vogal que ficava antes: como fazeys por fazedes: & amais por amades”.

As ocorrências de formas monotongadas são mais frequentes, como <loco> (p. 58) <locura> (p. 58). <chea> (p.7) <alheas> (p. 20) <cadeas> (p. 31) <recco>(p. 30). Exceto os dois primeiros itens, que resultam da redução de um ditongo original, os demais casos apresentam hiatos formados pela síncope da consoante intervocálica na passagem do latim para o português, os quais foram desfeitos pela inserção de um <i> semivocálico no período arcaico. Os dois primeiros itens, portanto, indicam uma pronúncia inovadora a se refletir na escrita e os demais, a retenção de formas arcaicas no texto em português seiscentista.

Há um caso que não se pode classificar de monotongação, mas de flutuação entre a forma ditongada e a não ditongada: a forma latina *ex* concorre com *eis*, em função adverbial, como em <Ex aqui> (p. 55) <eis ahi> (p.69). Segundo Houaiss (2002), a origem de *eis* é controversa, podendo ter vindo do lat. *ex* (prep.) ou de *heis*, forma contrata de *haveis*, ou ainda do lat. *ecce* ('eis'). Cunha (1996, 2002) registra a forma ditongada já no séc. XIII, mas a não ditongada ainda no séc. XIV.

#### f) Variação entre <b> e <v>

A troca entre <b> e <v> já ocorria no latim, como comprovam as correções

<sup>98</sup> Nessa ocorrência, a separação das sílabas se deu pela mudança de linha.

prescritas no *Appendix Probi*, no séc. III A.D. (cf. SILVA NETO, 1977, p. 220-226): “*baculus non vaclus*”, “*bravium non bra[beum]*”, “*alveus non albeus*”, “*vapulo non baplo*”. Segundo Duarte Nunes de Leão (1576, fól. 4r), “Teem outro si esta letra .b. algũa semelhãça com o .u. consoante. Porque assi na lingoa Latina, como na nossa, muitas vezes se muda o .b. em .v. [...] O que muito mais se vee nos Gallegos, & em algũs Portugueses d’entre Douro & Minho”. Na amostra analisada, encontram-se <lauredas> (p.5) e <cobarde>(p. 26), que atestam essa variação.

g) *Variação entre <c> e <qu-> para o fonema [k]*<sup>99</sup>

João de Barros (1540, fól. 47v) afirma que a letra <q> é desnecessária, e “conuinha mais que a outra naçam desterrála da nõssa orthografia, e em seu logár empossar esta letera, c”. Nunes de Leão (1576, fól. 18) constata que muitos antigos julgaram ociosa a letra <q>, pelo que preferiram usar <c> em tudo, mas ele próprio diz: “esta differença há, que sempre depois do .q. segue hum .u. líquido, & sem força. O qual não se pode negar fazer algũa differença na pronunciação do .c. Porque de hũa maneira nos soa, aqua, & d’outra, aca”. Mais adiante, ele recomenda que a escrita respeite o étimo latino, em palavras como *qualidade*, *quantidade*, em vez de *calidade*, *cantidade*. Vera (1631, fól. 6v, 11, 15v, 16r) diz que <c> (exceto quando seguido de <e> ou <i>) e <q> se correspondem, isto é, soam como <k>. João Franco Barreto (1671, p. 155-156), além de reiterar o que declarou João de Barros, acrescenta: “sendo necessario e forçoso levar esta letra q diante de si u ao qual não sintimos sobre i, como sobre a”. Se não foi claro sobre o que defende, mais adiante, ao sugerir formas de “emmendar e melhorar as palavras” (p. 272), registra *calidade* e *cantidade* em lugar de *qualidade* e *quantidade*. Na amostra analisada, encontram-se duas ocorrências de <calificar>(p. 26, 52), e uma de <ca-lificado><sup>100</sup> (p. 63). Por indicar possivelmente uma variação sonora, a conservação da grafia de ocorrências desse tipo é importante.

<sup>99</sup> No Sermão Oitavo, encontram-se variantes com <-cq->: <acquirido> (l.341), <acquirir> (l. 399), indicativa de etimologização da escrita, já que em latim já havia as variantes *adquirere* e *acquirere* (cf. HOUAISS, 2002).

h) *Grafias representativas de metátese*

Quando dois sons adjacentes tomam posição reversa, diz-se que ocorreu metátese ou hipértese. O deslocamento de <r> em uma palavra ocorreu muitas vezes na evolução do latim para o português – como em *semper* > *sempre*, *tēnēbras* > *trevas*, *capistrum* > *cabresto* –, e ainda ocorre na pronúncia popular de algumas palavras. Na amostra, registram-se as formas verbais <per**tendemos**> (p. 50), <per**gunto**> (p. 16), e suas variantes, <per**tendeis**> (p. 2), <per**gunto**> (p. 20). O verbo ‘pretender’ advém do latim *prætendĕre*, e sua grafia, tal como se apresenta atualmente, tem sido atestada a partir do séc. XV pelos dicionaristas (cf. HOUAISS, 2002; CUNHA, 1986, p. 634). Houaiss (2002) atesta a variante ‘pertender’ no séc. XVIII, com base em Bluteau (1720). Este, por sua vez, apresenta o étimo, atesta a variação, mas, para apresentar a definição, remete o consulente às formas com ‘pre-’ (BLUTEAU, 1720, p. 452, 724; 1789, p. 193, 241). Assim sendo, pode-se conjecturar que a forma mais inovadora em relação ao étimo é a que apresenta metátese; ou seja, <per**tendermos**> (e não <per**tendeis**>). Já o outro verbo, ‘perguntar’, apresenta dois étimos latinos: *\*præcuntāre* (lat. vulgar) e *percontāre* (lat. clássico). Por haver duas fontes possíveis – uma erudita e uma popular –, não é possível afirmar se a metátese ocorre em <per**gunto**> ou em <per**gunto**>, mas em relação à grafia moderna, a que apresenta troca de lugar do <r> é <per**gunto**>, e essa forma ainda é dicionarizada (cf. HOUAISS, 2002).

i) *Demais casos*

Na análise, encontrou-se o substantivo <re**po**lta> (< *reposita* ou *repōsta* – p. 21, 32), variante arcaica, e o verbo <re**sp**ondo> (< *respondĕo* – p. 18), tal como se mantém atualmente. A relação que se conjectura é que a forma verbal influenciou na substantiva, que passou a apresentar um <-s-> em uma variante, desde o séc. XIII (cf. Houaiss, 2002). Na amostra, entretanto, as três ocorrências do substantivo são sem <-s-> o que indica uma preferência pela variante conservadora, mais próxima do étimo.

---

<sup>100</sup> Nessa ocorrência, a separação das sílabas se deu pela mudança de linha.

Outros itens que apresentam variantes linguisticamente relevantes são <affim>(p. 6) e <affi>(p. 15), <huma> (p.1) e <húa> (p.1). A forma <assi> está mais próxima do étimo (<ad sīc) e pode indicar uma pronúncia mais conservadora. A forma <huma>, cujo <h> não é etimológico, nem pronunciado, advém de *ūna*, cujo <n>, por volta do séc. X, nasalizou a vogal precedente e caiu, gerando a forma <ũa>. Segundo Williams (1973, p. 83), uma nasal labializada [m] desenvolveu-se entre o [u] tônico e o [a] final, gerando <uma>, que coexistiu com <ũa>. Ambas as variantes gráficas indicam formas alternativas de pronúncia, pelo que foram mantidas no texto crítico.

### 2.3.2.3 Tratamento da grafia em nomes próprios

Para que as normas de edição sejam coerentes entre si, a relação entre grafia e fonema dos nomes próprios segue a mesma linha de raciocínio desenvolvida para os demais itens lexicais: na escrita, o que não tem valor diferencial não é linguisticamente relevante.<sup>101</sup> Por exemplo, em <Salamaõ> (p. 33), ocorre a grafia de <a> em vez de <o>, variante indiciativa de pronúncia distinta, também utilizada por Rafael Bluteau em seu *Sermão no dia do nascimento de S. João Bautista* (1676, p. 78), que a registra várias vezes, assim como no seu *Vocabulário de Nomes Próprios*, integrante do Suplemento ao *Vocabulário Latino-Português* (1728, 2ª parte, p. 18, 44). As variantes <Hierufalem> (p. 1), <Hyerevias> (p. 25) e <Hieronymo> (p. 37) também comportam pronúncias distintas. *Hierusalem*, *Jerusalem* e *Ierusalem* são variantes abonadas em Bluteau (1713). Já no latim, havia duas variantes: *Jerusalem* (do grego *Hierousalēm*) e *Hierosolyma* (*idem* em grego). A variante com <H> inicial possivelmente se deu, desde o grego bíblico, pela interpretação do nome hebraico *Ierushaláim*<sup>102</sup> pela etimologia popular, que associa o primeiro elemento de composição desse nome com a palavra grega *hierós* (“santo”, “sagrado”). No português, *hierós* resultou no antepositivo *hier(o)-*, formador de palavras como *hierarquia* e *hieroglífico*, cujas variantes com <j->, *jerarquia* e *jeroglífico*, ainda são dicionarizadas (cf. BLUTEAU, 1789; HOUAISS,

<sup>101</sup> Esse princípio está em consonância com o que propõe Houaiss (1967, v. 1, p. 292), ao tratar dos critérios para edição crítica de autores modernos (i.e., a partir do séc. XVI). Aníbal Pinto de Castro, consultor científico do 1º volume da edição crítica dos sermões de Vieira, também seguiu esse princípio: “Como norma fundamental, optou-se por nunca ceder à actualização de grafias, quando estas implicassem uma realização fonética diferente daquela com que Vieira pronunciava as palavras. (In: VIEIRA, 2008, p. XIV).

<sup>102</sup> Transliteração adotada na Bíblia TEB (1994).

2002). As variantes com <j> no português se explicam pela queda do <h-> inicial latino e a consonantização do <i->. Pode-se conjecturar, portanto, que tal condição também explica as variantes *Hierônimo* (*hierós* + *-ônimo*, ‘nome sagrado’) e *Hieremias* (pelo latim *Ieremiae*, sem relação com *hierós*, mas com o qual pode ter sido associado, como ocorreu com *Jerusalém*). Pelo valor linguístico evidente, variantes como essas são matidas no texto crítico.

Há também variantes cujo valor linguístico é somente potencial, pela possibilidade de uma pronúncia erudita. São os casos de <Magdalena>(p. 18) em que o <g> pode ser pronunciado ou não;<sup>103</sup> <Iob> (p. 9), do qual Bluteau (1728, 2ª parte, p. 35) registra a variação –“Job, que às vezes se pronuncia Jó”, e <Ioseph> (p. 14), de que o mesmo Bluteau (*ibidem*, p. 34) registra “Joseph ou José”. Em <Abraham>(p. 6), o <h> pode ser insonoro, mas também pode ser aspirado (como na onomatopéia *ha-ha*, conforme já apontava Duarte Nunes de Leão (1576, fól. 7v). Em casos como esses, as ocorrências são atualizadas conforme a ortografia moderna no texto crítico, mas o aparato registra a forma encontrada no texto-base.

Nomes como <Dauid> (p. 16), <Iob> (p. 66) , <Achimolech> (p. 17), <Izac> (p. 6) e os já citados <Iob> (p. 9) e <Ioseph> (p. 14) remetem a outra questão, discutida desde os primeiros gramáticos e ortógrafos: em que letras se terminam as dicções em português. Fernão d’Oliveira (1536, c. XX) e João de Barros (1540, fól 42) eram contrários a que se acabassem as palavras em letras mudas,<sup>104</sup> pois tal prática não era portuguesa, mas Álvaro Ferreira de Vera (1631, fól 43) defendia que os nomes próprios fossem escritos com suas letras de origem.<sup>105</sup> Tendo isso em conta, decidiu-se pelo aportuguesamento desses nomes, como tradicionalmente já se faz, retirando a consoante final ou inserindo um <e> após ela, mas o aparato registra a forma encontrada no texto-base, por não ser possível descartar uma pronúncia erudita diferente.

<sup>103</sup> À parte dos textos em análise, nomes como Magda e Agda, por exemplo, geralmente conservam a pronúncia do <g>.

<sup>104</sup> *Fernão d’Oliveira*: “As nossas vozes acabão sempre em voz perfeita & desemperada o q̄ não cõsistẽ as letras mudas: mas ao contraio atão a boca & cortão as dições”. Mais adiante (c. XXIV), afirma que as “dições que trazemos doutras linguas escrevelas emos cõ as nossas letras [...] porq̄ todo o mais e empedimento aos q̄ não sabẽ essas lingoas donde ellas vierão: [...] porq̄ a nossa lingua não cõsinte acabar as nossas syllabas em .c. nem em outra alghũa letra muda”.

*João de Barros*: “nenhũa diçãm ou syllaba podemos escrever acabáda em muda, ainda que sejam hebreas ou bárbaras: como Iacob. Ioseph, por que todas as nõssas dições e syllabas se terminam nestas semivogães, l, m, r, s, z, e assi se pôdem terminar em totalas vogães: e com ellas formamos totalas peregrinas dições em a nõssa linguágem.”

<sup>105</sup> *Álvaro de Ferreira de Vera*: “Os nomes proprios se escrevão com as letras de sua origem: como David, Nazareth. E avendo dittongo o escusaremos: como Eneas, Etiopia; & não Æneas, Ætiopia”.

Em nomes que apresentam os dígrafos helenizantes <th>, <ch>, <ph>, como em <Ionathas> (p. 27) , <Christo> (p. 6), e os já citados <Achimelech> (p. 17) e <Ioseph> (p. 14), a pronúncia não se distingue das atuais, e, consoante a norma adotada para os demais itens lexicais que apresentam esses dígrafos, as grafias são atualizadas no texto crítico e não anotadas no aparato, caso não apresentem outro aspecto que justifique seu registro (p. ex. os casos de Joseph, Job, e Achimelech, já explicados).

Em nomes como <Sanfām> (p. 27), assim como em <Abrahām>(p. 6), o final <-am> corresponde ao ditongo tônico nasal <-ão>. Sobre essa terminação em nomes próprios, diz Bluteau (1728, 2ª parte, p. 16): “Nelles ha uma terminaçãõ, quando he em ão, porque se pronuncia em breve, como Christovão, e Estevaõ, que he propriamente Portugueza, como são muitos os nomes acabados em ão, e este acento he taõ difficil de pronunciar aos Estrangeiros [...]”. Trata-se, portanto, de um aspecto gráfico passível de atualização, assim como as alternâncias de <i> e <y> para representar [i] – em <Izayas> (p. 15), p. ex. –, e de <i> e <j> para representar [ʒ] – p. ex., em <Ioab> (p. 66).

Na edição dos sermões de Eusébio de Matos, aplica-se aos nomes próprios, portanto, as mesmas normas de transcrição dos demais itens lexicais: conservam-se variantes com valor linguístico evidente; atualizam-se grafias que não apresentam valor diferencial; e registra-se no aparato a primeira ocorrência da forma apresentada no texto-base, em que não se possa descartar uma pronúncia erudita diferente, mesmo que artificial.

#### 2.3.2.4 Aspectos de morfossintaxe e de pontuação

##### a) *Pretérito mais-que-perfeito do indicativo com valor de imperfeito do subjuntivo e de futuro do pretérito*

Na amostra analisada, é frequente o uso de verbos no pretérito mais-que-perfeito do indicativo (p. ex. conhecera, vivêramos, foram, fizéramos, trouxéramos) , com valor de pretérito imperfeito do subjuntivo (conhecesse, vivêssemos, trouxéssemos) e de futuro do pretérito (seriam, viveríamos, faríamos, conheceríamos), como atesta o trecho a seguir:

uação por amor do mundo! Oh quem bem conhecera o que he o mundo, & o que he a eternidade, que se nós viueramos neste conhecimento, outros foraõ nossos cuidados: Entaõ viueramos como homens, porque entaõ ainda fizemos mais por viuer à eternidade, do que fazemos por viuer ao mundo; mas não fazemos este discurso, porque não recorreremos ao juizo, que se nós trouxeramos sempre diante dos olhos o dia do juizo, nós conheceramos sempre que era cinza todo o mundo; mas que sejaõ taõ diuerfos nossos

FIGURA 15 – Pretérito mais-que-perfeito do indicativo com valor de imperfeito do subjuntivo e de futuro do pretérito. Fonte: FEH, p. 69.

Sobre esse uso, diz Evanildo Bechara, em uma de suas gramáticas (2006, p. 252, 253):

Emprega-se ainda o mais-que-perfeito simples em lugar do futuro do pretérito do indicativo e do pretérito do subjuntivo, o que serve hoje como traço estilístico de linguagem solene:

“(...) dizendo: Mais servira (= serviria), se não fora (= fosse) / para tão longo amor tão curta a vida” [LC]

“Que fora (= seria) a vida, se nela não houvera (= houvesse) lágrimas?” [AH]

Com essas abonações de Luís de Camões e Alexandre Herculano, fica atestado que não se trata de uma peculiaridade da linguagem do autor ou de sua época, mas de um recurso expressivo utilizado antes e depois dele, e ainda abonado pela gramática atualmente.<sup>106</sup>

#### b) *Uso de <lhe> com valor de plural*

A amostragem apresentou ocorrências do pronome <lhe> no singular indicando plural, como as do trecho seguinte:

*His: se reconheceis aos espinhos em seus imperios, se obedeceis à Coroa de espinhos: Venite, & sub umbra mea requiescite: Elles vos servirão de amparo; porém se lhe resistirdes, se lhe não derdes assenso: Si autem non vultis, dos mesmos espinhos*

FIGURA 16 – Uso do pronome <lhe> com valor de plural. Fonte: FEH, p. 10.

Para Assalim (2007, p. 187), essa é uma das marcas gramaticais arcaicas do português seiscentista apuradas nos documentos manuscritos e impressos que examinou. J. J. Nunes (1945, p. 249) explica que

mesmo nos escritores do período moderno da língua não é raro encontrar-se o singular, em vez do plural, embora referido a mais de uma pessoa, e esse uso ainda persiste, quando o pronome está seguido de *os* ou *as*, dizendo-se *lhos* e *lhas* em vez de *lhes os*, *lhes as*; também a linguagem popular hodierna conhece e emprega apenas o singular, quer referindo-se a um, quer a muitos indivíduos [...].

Não há razão, portanto, para considerar a ausência de marca de plural nesse tipo de ocorrência como erro ou idiosincrasia do autor, mas indicativo de uma variação linguística em curso desde o período arcaico.

c) *Uso de <aonde> em vez de <onde>*

É usual, mesmo na língua literária, *aonde* com valor de *onde* (CÂMARA JUNIOR, 1976, p. 120). A distinção, firmada na língua culta atual, nem sempre foi feita pelos escritores clássicos (CEGALLA, 1999, p. 30). Na amostragem, ocorrem casos como o seguinte:

suadir ꞑ Porèm para que eraõ as palauras aonde estauam  
as vistas. Trouxe Pilatos a publico hum homem Deos,

FIGURA 17 – Advérbio <aonde> com valor locativo estático. Fonte: FEH, p. 2.

Esse uso pelo autor não destoa do de sua época, mas da norma culta escrita atual, o que não justificaria alterá-lo na edição.

d) *Uso de <porque> como conjunção final*

O emprego de <porque> como conjunção final, equivalente a “a fim de que” ou “para que”, é pouco usado atualmente, mas ainda é abonado por alguns dicionários (cf. Houaiss, 2002, Fernandes, 1955). Nos sermões analisados, há ocorrências, como a do excerto seguinte:

---

<sup>106</sup> Confira-se também CINTRA, L.; CUNHA, C., 1996, p. 445-446; HOUAISS, 2002.

gem do *Esce Homo*: E em cada qual veremos que se mostra Christo muito amante, & muito riguroso, porque dessa forte em cada qual esperamos o perdão, & temamos o castigo, ou para melhor dizer, para que dessa forte saibamos evitar o castigo, solicitando o perdão.

FIGURA 18 – Uso de <porque> como conjunção final. Fonte: FEH, p. 4.

Note-se que na 2ª linha ocorre <porque> e na 4ª linha ocorre <para que> com a mesma função, em contextos semelhantes. Embora não seja uma variação frequente na atualidade, ainda é uma alternativa validada por obras normativas, razão pela qual suas ocorrências são mantidas na edição, e não assinaladas em aparato.

### e) Pontuação

Para Houaiss (1967, p. 293), pontuar é interpretar, e, “nenhuma *interpretatio* pode ser melhor que a do próprio autor”. Para o editor, a dificuldade de tratar a pontuação devidamente será maior, quanto maior for a sua distância temporal do autor que a empregou.<sup>107</sup> No caso dos sermões de Eusébio de Matos, junte-se a isso o fato de que o autor em questão não teve acesso às provas tipográficas das edições em vida, sequer foi o responsável pelos originais de imprensa<sup>108</sup> das edições póstumas, e, ainda, o fato de que os profissionais das oficinas tipográficas – corretores, compositores, revisores de provas – intervinham na pontuação proposta nos originais.<sup>109</sup> Em situações assim, dois critérios extremos são possíveis: ou se pontua à moderna, ou se conserva a pontuação original, seja ela a do autor, copista, tipógrafo ou revisor.<sup>110</sup> Conforme Houaiss (*ibidem*, p. 99), em princípio, a pontuação deve sempre ser respeitada, não só pelo que representa no texto em que foi empregada, mas também pelo que pode informar sobre a evolução do sistema de pontuação, seus valores etc. Ela deve ser respeitada, sobretudo, se o editor não se sentir suficientemente

<sup>107</sup> HOUAISS, 1967, v. 1, p. 98.

<sup>108</sup> Testemunhos que serviram, na tipografia, para a composição de um texto impresso.

<sup>109</sup> Segundo o que Marquilhas (1991) apurou no cotejo entre edições príncipes e originais de imprensa de alguns textos setecentistas, autores e profissionais de tipografia discordavam quanto à frequência do uso da pontuação e à força ou fraqueza dos sinais escolhidos (p. ex., ponto e maiúscula para pausa forte; ponto e vírgula ou dois pontos para pausa média; vírgula para pausa mínima). Conforme a autora, o corretor do texto de Tomas Caetano de Bem (1792) chegou a efetuar 119 correções de pontuação em 9 páginas, e o do texto de Manuel dos Santos (1727) fez 85 intervenções em 16 páginas.

<sup>110</sup> Conforme Parkes (1993 *apud* LIMA, 2004), até aproximadamente 1580, os tipógrafos foram responsáveis pela introdução de sinais de pontuação, especialmente do ponto-e-vírgula, para substituir outros sinais indicados nas cópias dos autores, como o *punctus elevatus*. Eles desenvolveram novas convenções que acentuaram o repertório geral de pontuação, empregando sinais existentes e desenvolvendo novos.

apto para enfrentar os problemas que ela apresenta. Quer se decida conservá-la ou não, o essencial é que o critério adotado seja explicitado e as passagens sem uma feição sistemática apreensível sejam, pelo menos, discutidas, “para que a edição crítica seja merecedora do nome.” (*ibidem*, p. 98).

Toda a pontuação requer um esforço interpretativo, especialmente quando outros sinais de pontuação assumem valor de interrogativo, como os do final do excerto abaixo:

**Chrifto**

**coroado de espinhos, he o que toma fobre sy a morte, para que nòs logremos a vida, toma fobre sy o castigo, para que nòs configamos o perdaõ ; ha mais ardente fineza! Ha mais estremado amor.**

FIGURA 19 – Ponto exclamativo e ponto final com valor interrogativo. Fonte: FEH, p. 6

A prescrição gramatical da época dava margem a essa variação na pontuação, pelo que se pode depreender do que orienta Gândavo (1574, fól. 10, grifos nossos): “Qvando for necessario escreuer algũa cousa em que se faça algũa *pregunta a modo de exclamação*, ou de qualquer maneira que seja, no fim della se porà hum ponto, & junto delle hum risco revolto pera cima”.

O ponto final e a vírgula em lugar do interrogativo também acontecem na amostra analisada, como se vê a seguir:

**não loís vòs**

**noſſo Redemptor, não fois vòs noſſo aduogado.**

FIGURA 20 – Vírgula e ponto final com valor interrogativo. Fonte: FEH, p. 66

Além desses, vários outros empregos distintos da pontuação podem ser inventariados, como os seguintes:

QUADRO 2 – Empregos distintos dos sinais de pontuação. Fonte: FEH.

| PONTUAÇÃO EMPREGADA | PONTUAÇÃO MODERNA CORRESPONDENTE | OCORRÊNCIA E LOCALIZAÇÃO |
|---------------------|----------------------------------|--------------------------|
| <;>                 | <?>                              | pois<br>(p.15)           |

| PONTUAÇÃO EMPREGADA | PONTUAÇÃO MODERNA CORRESPONDENTE | OCORRÊNCIA E LOCALIZAÇÃO   |
|---------------------|----------------------------------|--|
| <!>                 | <?>                              | pois<br>como no falar mal dos outros pôde cõsistir a discrição ! (p. 20)   |
| <?>                 | <!>                              | Iesus, que ferido, que lastimado que estais meu Deos,<br>& meu Senhor ? (p. 11)  |
| <. >                | <?><br>ou<br><!>                 | Deos não vos faltou<br>com os auxilios necessarios à vossa salvação ; vòs não admit-<br>tistes seus auxilios ; qual ha de fèr a consequencia. (p. 09)  |
| <: ><br>e<br>< >    | <?>                              | que coufa sam todas aquellas dores , que pa-<br>deceo aquelle corpo sacratissimo, nam sam todas effeitos de<br>nossas culpas : (p. 16)   |
| < ><br>e<br>< ; >   | <?><br>e<br>< . >                | pois logo quando se cumprio esta prophe-<br>cia de David, sabem quando, quando Christo tomou aquel-<br>la Capa aos hombros, porque todas nossas culpas esta Chri-<br>sto cubrindo com aquella Capa ; (p. 16) |
| < ; >               | <!>                              | & a quãtos<br>fe tirarão as capas no dia do Juizo que de culpas encubertas<br>fe descobrirão naquelle dia ; (p. 22)  |

Essa é uma amostra do que o leitor poderá encontrar nos Sermões de Eusébio de Matos e em outros da época.

Da pontuação empregada na obra sermonária editada neste trabalho, a das seis práticas que constituem o *Ecce Homo*, escolhidas como *corpus* de amostragem neste capítulo, é a que mais impôs dificuldade à leitura. Tendo em conta que as oficinas tipográficas tinham hábitos (orto)gráficos próprios – razão pela qual Marquilhas (1991, p. 9) diz não haver uma convenção ortográfica única no séc. XVIII, mas sim *ortotipografias* –, e que cada edição príncipe dos sermões foi feita em uma oficina diferente, julgou-se prudente examinar a pontuação de um texto de mesmo gênero, impresso na mesma oficina, em data próxima: *Primícias Evangélicas*, do Padre Rafael Bluteau, impresso na oficina de João da Costa, em 1676 – um ano antes do *Ecce Homo*. Em um exame superficial de 73 páginas dessa edição (a

mesma quantidade de paginas do *Ecce Homo*), encontraram-se: <?> em vez de <.> (p. 7, 51); <.> em vez de <?> (p. 19, 25, 48, 68); <;> em vez de <?> (p. 2); <:> em vez de <?> (p. 9, 51, 67); <,> em vez de <?> (p. 8, 29, 39); <:> em vez de <!> (p. 18); <.> em vez de <!> (p. 8); etc. Pelo visto, o nível de dificuldade da pontuação do *Ecce Homo* não difere significativamente do apresentado nos sermões de Bluteau, o que corrobora a hipótese da influência dos hábitos tipográficos nessas edições, inclusive na pontuação.

O Padre Vieira também teve seus sermões publicados no séc. XVII e pôde revisar muitos deles. Ao tratar da pontuação empregada por Vieira, diz Aníbal Pinto de Castro (In: VIEIRA, 2008, p. XIV): “O Padre Vieira usa um sistema de pontuação que corresponde ao débito oral do texto, ou seja, à sua configuração oratória pela *actio* retórica”. Para Castro, conquanto o sermão impresso não corresponda às circunstâncias e aos objetivos do discursado, sua pontuação ajuda a conservar seu ritmo “com todo o jogo de pausas e silêncios, o movimento fogado da invectiva, ou a lentidão pausada da meditação e dos momentos solenes” (*loc. cit.*). Por essa razão, Castro e sua equipe, ao elaborarem o primeiro volume da edição crítica dos *Sermões* de Vieira (*op. cit.*), mantiveram “escrupulosamente a pontuação original, excepto quando daí poderiam nascer dificuldades de leitura ou obscurecimento do sentido” (*ibidem*, p. XVI). No segundo volume, publicado em 2010, os critérios de edição<sup>111</sup> explicitam os contextos em que foi necessário intervir na pontuação, para evitar as mencionadas dificuldades: vírgula entre sujeito e predicado; vírgula entre o verbo e o objeto direto; vírgula entre o verbo regente e a oração completiva; ponto de interrogação por ponto final (interrogativas indiretas, segundo a norma latina do seu tempo). Para Castro e equipe, esses foram os contextos em que o sentido era comprometido pela pontuação, mas possivelmente as permutas de sinais cujos contextos asseguravam o sentido desejado seriam mais numerosas.

O próprio Vieira, mesmo reconhecendo que “com mudar um ponto ou uma vírgula, da heresia pode fazer fé, e da fé pode fazer heresia” (*Sermão da Terceira Domingo da Quaresma* (1655, § VI), mudava a pontuação de citações bíblicas em alguns sermões, adequando-as aos seus argumentos. Observe-se, por exemplo, um trecho do *Sermão de Santo Antônio* (§ VI Roma): “Os olhos da inveja são como os do sacerdote Heli, dos quais diz o texto sagrado que não podiam ver a luz do Templo, senão depois que se apagava: *Oculi ejus caligaverant, nec poterat videre lucernam Dei antequam extingueretur*”. Vieira mudou a

---

<sup>111</sup> VIEIRA, 2010, p. XXXI. Assinam os critérios dessa edição Aníbal Pinto de Castro e Arnaldo do Espírito Santo.

pontuação da frase e deu ao texto sagrado sentido muito diverso do que está na Vulgata (1605) – Liber Regvn I, c. 3, v. 2: “Factum est ergo in die quadam, Heli iacebat in loco suo, & oculi eius caligauerant, nec poterat videre: lucerna Dei antequam extinguietur, Samuel dormiebat in templo Domini, vbi erat arca Dei.” Na tradução da Vulgata pelo Padre Matos Soares (BSP), assim está: “Ora aconteceu certo dia que Heli estava deitado no seu aposento. Os seus olhos tinham-se escurecido e não podia ver. Antes que fosse apagada a lâmpada de Deus, Samuel dormia no templo do Senhor, onde estava a arca de Deus”. O texto bíblico não relaciona as vistas escurecidas de Heli e a lâmpada do Senhor. Outro caso semelhante é mencionado por Pécora (1994, p. 104-105), ao comentar o que diz Vieira no *Sermão nas Exéquias do Sereníssimo Infante de Portugal, D. Duarte, de Dolorosa Memória* (1649): “Mudando a pontuação e o sentido da Vulgata, [...] Antônio Vieira verdadeiramente consagra o lugar hierárquico ocupado pelo rei na monarquia, fazendo-o semelhante à divindade”. Pécora se refere ao trecho em que o pregador defende que “Os reis são de diferente especie que os outros homens”. Em ambos os casos, as mudanças foram autorais e intencionais, pois Vieira, ciente de que “os pontos e vírgulas determinam o sentido das palavras, e variados os pontos e vírgulas, também o sentido se varia” (VIEIRA, 1655, § VI), revisava seus textos antes de dá-los ao público. Ainda assim, seus editores julgaram conveniente intervir na pontuação de seus textos, em prol da clareza de sentido.

Embora a pontuação de Vieira seja a menos problemática das dos três autores aqui mencionados, não seria razoável atribuir ao acaso as semelhanças encontradas entre elas. À parte a discussão sobre o que é autoral, intencional, oficial ou acidental, parece haver uma lógica própria subjacente, tacitamente aceita, que leva a essas similaridades, e buscar seu entendimento sob o prisma da norma ortográfica atual mostrou-se um esforço vão. Se é fato que, para o leitor atual, a pontuação dos sermões não se mostre sempre prosódica, e não se depreenda facilmente uma lógica sintática que reja seu emprego, também é fato que seu uso não inviabilizou a compreensão dos textos pelos seus coevos.

Para Morris W. Croll, em seu texto *O estilo barroco na prosa* (1990), repontuar textos do séc. XVII em favor de uma maior precisão da frase os leva a perder sua força de expressão e flexibilidade de movimento, pois, para Croll, sua pontuação está relacionada à prosódia, à sintaxe, mas especialmente à maneira como as idéias em movimento se encadeiam espontaneamente à medida que são expressas. Essa ideia de espontaneidade na expressão do

pensamento parece ter sido buscada por Eusébio de Matos, ou ao menos a aparência dela, como se vê no seguinte trecho metalinguístico da *Oração Fúnebre* (1735):<sup>112</sup>

Contudo, já que é forçoso falar, falarei sem método, e sem discurso: o mesmo desconcerto de minhas palavras será a língua de minha dor [...]. As lágrimas serão os conceitos, os pasmos serão as ações, o sentimento será o assunto, o desconcerto será o estilo, as suspensões serão os períodos, os soluços serão as palavras.

Num estilo que busca comover para persuadir, os recursos coesivos do discurso são secundarizados, como o próprio Eusébio deixa a entender nesse mesmo texto, ao comentar as palavras de Cristo quando vê Jerusalém: “E que querem dizer estas palavras? Quanto à letra nada querem dizer; porém quanto significam menos, tanto significam mais; porque tanto mais sentido se mostrava o Senhor, quanto suas palavras faziam menos sentido”. A espontaneidade arquitetada e a pretensa eloquência silenciosa e desarticulada do exercício retórico são sentidas em vários pontos dos seus sermões, e é possível conjecturar que a pontuação seja uma das maneiras de alcançá-las. Contudo, essa não é uma particularidade da prosa de Eusébio. Segundo Croll (*op. cit.*), na retórica do séc. XVII, a complexidade e a liberdade tomavam lugar da simplicidade e do purismo quinhentista, resultando, por sua vez, numa prosa de conexões sintáticas soltas e informais ou ausentes, de limites imprecisos entre as sentenças, de uso exacerbado de parênteses, digressões e anacolutos.

Após se considerar a importância da pontuação, não só pelo que ela representa no texto, mas também pelo que informa sobre a evolução do sistema de pontuação e seus valores (HOUAISS, 1967), tendo-se também em conta a relação entre a pontuação, a natureza retórica dos sermões e a expressão de movimento das ideias ali postas, decidiu-se respeitar, na edição crítica dos Sermões de Eusébio de Matos, a pontuação original, ainda que não se saiba o quanto da pontuação autoral foi conservado. Como essa edição não se destina a um público amplo, mas a pesquisadores capazes de construir a coerência textual a despeito da pontuação, concluiu-se que sua atualização não seria imprescindível à inteligência do texto. Ao contrário, acredita-se que a pontuação original lhes permitirá uma melhor compreensão da literatura religiosa em prosa seiscentista, pelo ritmo que a pontuação conserva, em certa medida, da sua origem oratória.

---

<sup>112</sup> Ano de proferimento: 1672.

## 2.4 NORMAS DE EDIÇÃO

### 2.4.1 Convenções

#### 2.4.1.1 Fac-símile

Cada página da edição realizada é ladeada pelo fac-símile de sua correspondente na edição príncipe, disponibilizando-a para o leitor cuja necessidade de consulta ao texto-base seja imprescindível.

#### 2.4.1.2 Siglas

O texto-base é o da edição príncipe de cada sermão, representada por *A* no aparato crítico. Oito sermões receberam uma segunda edição, dos quais seis receberam ainda uma terceira edição. Os casos em que as segundas e as terceiras edições – doravante representadas por *B* e *C*, respectivamente – servem de abonação para alguma emenda ou comentário são citados na seção de notas do editor, no aparato.

#### 2.4.1.3 Aparato crítico

Para facilitar a intelecção do texto e seu melhor aproveitamento, a edição é acompanhada de aparato crítico negativo, paralelamente, junto à margem inferior, composto em duas partes. Na primeira parte, registram-se, em ordem alfabética, notas do editor, relativas a intervenções no texto não previstas nas normas de edição, casos especiais que exigiram decisões *ad hoc*, comentários sobre eventuais variantes, notas marginais do texto-

base (postas entre parênteses uncinados), traduções, referências<sup>113</sup> e explicações que facilitem o entendimento do texto. O conteúdo de algumas dessas notas se repete em outras, conforme a necessidade posta pelo texto, para evitar, tanto quanto possível, notas remissivas a outras distantes delas. Na outra parte do aparato, registram-se eventuais casos de acréscimo ou de intervenção na grafia do texto-base da seguinte forma: cada unidade registra o número da linha de ocorrência, a forma adotada no texto crítico (lema), um colchete de fechamento (separador), a forma não adotada e a sigla do texto em que ela se encontra. Os casos dúbios de atualização gráfica, em que não se pode descartar a relação entre a grafia apresentada no texto-base e uma pronúncia distinta – ainda que artificial –, são registrados no aparato, e seguidos de “*passim* (e formas cognatas)”, quando houver mais de uma ocorrência da palavra ou de formas derivadas e/ou flexionadas, nas quais incidam a mesma dúvida. Acidentes de impressão, gralhas e erros óbvios são corrigidos por conjectura, mas não são registrados no aparato.

#### 2.4.1.4 Acréscimos, supressões, substituições e sinalização de trechos de difícil leitura

Em eventuais casos de acréscimo de palavra ou trecho, a sequência é colocada entre colchetes duplos, e o aparato informa se a emenda é abonada por outro testemunho. Os casos de inserção, supressão ou substituição de letras ou sinais não alfabéticos para correção de erros entendidos como tipográficos e falhas de impressão não são assinalados no texto, nem registrados no aparato.

Os reclamos, por não terem outra função senão indicar ao encadernador a primeira palavra ou sílaba da página seguinte, não são considerados parte da obra editada, pelo que não são incorporados ao texto, nem citados no aparato crítico.

Em eventuais casos de leitura duvidosa (por suporte danificado, trecho apagado, ininteligível ou passível de melhor juízo), a sequência é colocada entre colchetes simples.

---

<sup>113</sup> Essas informações no aparato são relevantes porque indiciam o percurso intelectual do autor refletido no texto, propiciando uma melhor compreensão das bases de seus argumentos/raciocínios, da sua mundividência e da sua época. Além disso, as notas sobre intertextos têm utilidade como fonte indireta de dados sobre outras obras, temas, e outros autores, e as sobre os autotextos funcionam como uma correlação reiterativa de ideias disseminadas na obra, dando uma coerência ao conjunto.

#### 2.4.2 Apresentação gráfica

As capitulares não foram destacadas, nem as maiúsculas que eventualmente as seguem. O emprego de caracteres maiúsculos foi mantido como no texto-base, exceto no título dos sermões, nos quais foi atualizado. As citações, quando em itálico, foram mantidas em itálico. Quanto à divisão original do texto, foram mantidas a paragrafação,<sup>114</sup> transpaginação e outras eventuais divisões, exceto a composição em colunas e a translineação. As notas em corondel foram registradas na primeira seção do aparato.

A fim de facilitar a localização de trechos, a numeração das páginas é contínua desde o início deste trabalho, as linhas do texto editado são numeradas de 5 em 5, na margem esquerda, reiniciando a cada sermão, e as notas do editor se apresentam em ordem alfabética, reiniciadas também a cada sermão.

#### 2.4.3 Normas de transcrição

Para se ter um texto fiável e legível, a transcrição do texto-base foi feita com caracteres redondos e a ortografia foi modificada, visando à simplificação e à aproximação da forma atual, **exceto** nos casos em que aspectos gráficos do texto-base pudessem refletir motivação semântica, morfológica, fonológica ou sintática e, por isso, tivessem valor linguístico evidente ou potencial.

##### 2.4.3.1 Aspectos gráficos preservados do texto-base

Além das grafias indicadoras de fatos linguísticos, foram mantidos como no texto-base os seguintes aspectos, por não se poder descartar sua relevância linguística ou estilística e, ainda, por não comprometerem a legibilidade e inteção do texto:

- a) Uso de iniciais maiúsculas;
- b) Pontuação;
- c) Abreviaturas, **exceto**: a nota tironiana <&>, transcrita como <e> no texto português e como <et> nas citações latinas; o <q̄>, desdobrado como <qu->, seguido da vogal suprimida; o <;>, desdobrado como <-ue> em citações latinas no corpo do texto.
- d) Uso de <c-> em vez de <qu->,<sup>115</sup> como em <calificar> e formas cognatas, e em <cincoenta>.<sup>116</sup>

#### 2.4.3.2 Aspectos gráficos atualizados

Houve atualização – salvantes as exceções apontadas – nos seguintes casos:

- a) Consoantes dobradas, **exceto** as que permanecem no sistema ortográfico atual (çç, ss, rr);
- b) Consoantes mudas em final de sílaba e/ou de palavra, especialmente as não pronunciadas. Entretanto, por não se poder descartar sua pronúncia restaurada por via erudita ou por idiosincrasia do autor, as palavras que as apresentam (especialmente os nomes próprios) têm sua grafia adaptada à ortografia atual no texto crítico e sua primeira ocorrência no texto-base registrada no aparato, sinalizando para o leitor essa possibilidade, seguida de “*passim*”, quando ocorrer mais de uma vez.
- c) Dígrafos helenizantes (th, ph, rh, ch [k]). Todavia, por não se poder descartar uma pronúncia erudita ou idiosincrática de <-ph> e <th> em finais de nomes próprios, a primeira ocorrência desses nomes no texto-base é registrada no aparato crítico,

---

<sup>114</sup> Para solucionar esteticamente casos excepcionais em que uma única linha inicia o último parágrafo da página e não ocupa a extensão da mancha, mantém-se a linha com o parágrafo anterior, assinala-se a mudança de parágrafo por dupla barra vertical (||) e anota-se a ocorrência na primeira seção do aparato.

<sup>115</sup> Cf. Williams (1973, p. 76), o *qu-* latino seguido de [a] pretônico resultou em [k] (c-) no português, como em *calidade* (< *qualitātis*), *cantidade* (< *quantitātis*), *catorze* (< *quattuordēcim*), *caderno* (< *quaternum*). Dependendo de qual seja o item lexical, as obras atuais de caráter normativo da língua portuguesa ora legitimam as formas com [k] (c-) e [kw] (qu-), como nos pares *catorze/quatorze*, *caderno/quaderno* (HOUAISS, 2002), ora legitimam apenas a forma com [kw] (qu-), como em *quantidade* e *qualidade*, mas dicionários antigos, como o de Moraes Silva (1823, 1831) validam ambas as formas.

<sup>116</sup> A variante gráfica *cincoenta* (< *cinquaginta* < *quinquaginta*), única registrada em Bluteau (1789, t. 1, p. 273) e Moraes Silva (1823, t. 1, p. 414), possivelmente se deu pela influência de *cinco* (< *cinque* < *quīnque*). No vocabulário ortográfico de 1912, de Gonçalves Vianna, *cincoenta* figura ao lado de *cinquenta*, e essa variação continuou a ser aceita por várias décadas.

- sinalizando para o leitor essa possibilidade, seguida de “*passim*”, quando ocorrer mais de uma vez;
- d) <-ct->, <-mn->, <-mpt->, <-pt->, <-gm->, <-gn->, anotando-se no aparato, quando a grafia do vocábulo diferir da atual, a primeira ocorrência, seguida de “*passim* (e formas cognatas)”, quando houver mais de uma ocorrência da palavra ou de formas derivadas e/ou flexionadas;
- e) <-cq->, simplificado para <-q->;
- f) <y> com valor vocálico ou semivocálico, que é transcrito, no texto crítico, como <i>, exceto na grafia de ditongo <-ãÿ>, transcrito como <-ãe>;
- g) Uso de <e> em vez de <i> e <o> em vez de <u>, **exceto** em casos que não se possa descartar a possibilidade de refletirem o fenômeno de abaixamento da vogal alta para média, (p. ex.: *agoa* < *agua* < *aqua*);<sup>117</sup>
- h) <h>, em qualquer posição ou função. Nos casos em que o <h> intervocálico possa ser indício de hiato onde atualmente tem-se ditongo, a ocorrência é registrada em aparato;
- i) Oscilação entre <s> e <z>, para representarem o som [z] em qualquer posição, ou [s] em posição final; eventuais oscilações entre <s>, <c>, <sc>, <ss> e <ç> para representação do som de [s];
- j) Oscilação entre <j> e <g> para representarem o som [g];
- k) Oscilações entre <u> e <v> e <i> e <j>, que são transcritas, no texto crítico, segundo seus valores vocálico ou consonantal;
- l) Segmentação vocabular. O aparato crítico registrará os casos de palavras compostas, quando a forma adotada no texto crítico divergir da apresentada no texto-base, e ambas forem possíveis no contexto (p. ex., malogar/mal lograr; porventura/por ventura).
- m) Acentuação gráfica e diacríticos;
- n) Representação da nasalidade. Por exemplo: <-ão> em lugar de <-am>, <-ãm>, <-ãõ>, e vice-versa; <an> em vez de <ã>; <-ões> em lugar de <-oens>. Manteve-se, entretanto, a variação entre <(-)ũa> e <(-)uma>, porque podem representar realizações sonoras distintas.

<sup>117</sup> Cf. Williams (1973, p. 97), o *-qu-* latino, precedido de vogal e seguido de *-a* resultou em *-gu-* ([gw]). No chamado período fonético da língua, houve confusão da grafia *-gu-* por *-g-* ([g]), e os escribas do séc. XV começaram a usar *-guo-* por *-gu-* ([gw]), surgindo formas como *linguoa*, *daguoa*, isto é, *de aguo*

## 2.4.4 Quadro sinóptico

Com vistas a agilizar a consulta às normas de edição adotadas na edição, apresenta-se o quadro a seguir:

Quadro 3 – Sinopse das normas de edição dos sermões de Eusébio de Matos

| NORMAS                                 |   |
|--|---|
| PRINCÍPIO GERAL                        | Atualização gráfica sem modernização linguística.   |
| TEXTO-BASE                             | Edição príncipe (A)   |
| APARATO CRÍTICO                        | Negativo e composto.  |
| TRANSPAGINAÇÃO                         | Mantida.  |
| TRANSLINEAÇÃO                          | Não preservada.   |
| PARAGRAFAÇÃO                           | Mantida.  |
| SEGMENTAÇÃO VOCABULAR                  | Atualizada.   |
| RECLAMOS                               | Não registrados.  |
| HIFENIZAÇÃO                            | Atualizada.   |
| ITALICIZAÇÃO                           | Mantida.  |
| MAIÚSCULAS                             | Mantidas.   |
| CAPITULARES                            | Não destacadas.   |
| PONTUAÇÃO                              | Mantida.  |
| ACENTUAÇÃO / DIACRÍTICOS               | Atualizados.  |
| ABREVIATURAS                           | Mantidas. Exceções: nota tironiana <&> (ou <i>ampersand</i> ), transcrita como <e> no texto português, e como <et> nas citações latinas; <q̄>, desdobrado como <qu->, seguido da vogal suprimida; <;>, desdobrado como <-ue> em citações latinas no corpo do texto. |
| ACRÉSCIMOS, SUPRESSÕES E SUBSTITUIÇÕES | Acréscimos de palavras ou trechos, entre colchetes duplos; inserção, supressão e substituição de letras e sinais não alfabéticos para correção de erros e acidentes de tipografia, não assinalados nem registrados no aparato.                                      |
| LEITURAS DUVIDOSAS                     | Entre colchetes simples.  |
| NOMES PRÓPRIOS                         | Aplicam-se os mesmos critérios de transcrição dos demais itens lexicais. Entretanto, registra-se no aparato a primeira ocorrência da forma apresentada no texto-base, em que não se possa descartar uma pronúncia erudita diferente, mesmo que artificial.          |
| REPRESENTAÇÃO DA NASALIDADE            | Atualizada, exceto nos casos de <(-)ũa>.  |
| <U> E <V>/<I> E <J>                    | Transcritos segundo seus valores vocálico ou consonantal.   |
| <Y>                                    | Transcrito como <i>, exceto na grafia de ditongo <-ây>, transcrito como <-âe>.  |

(WILLIAMS, op. cit. p. 34). A ocorrência de <agoa> no conjunto de textos seiscentistas aqui editados pode refletir o abaixamento de [w] por influência da escrita ou a retenção gráfica de uma forma arcaica.

| NORMAS   |  |
|--|--|
| <H>  | Empregado conforme uso moderno.  |
| REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DE [s] E [z]                                 | Atualizada.  |
| REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DE [g].                                      | Atualizada.  |
| REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DE [k]                                       | Atualizada (exceção: uso de <c-> em vez de <qu->, como em <calificar> e formas cognatas, e em <cincoenta>.   |
| CONSOANTES DOBRADAS.   | Reduzidas a simples, exceto <ss>, <rr> e <çç>.   |
| CONSOANTES MUDAS, EM FINAL DE SÍLABA.                              | Empregadas conforme uso moderno. Casos de consoantes mudas em finais de nomes próprios têm a primeira ocorrência registrada em aparato, e é seguida de “ <i>passim</i> ”, quando ocorrer mais de uma vez no texto.   |
| <TH>, <PH>, <RH>, <CH> ([k])                                       | Atualizados. Casos de <-ph> e <-th> em finais de nomes próprios têm a primeira ocorrência registrada em aparato, na forma em que se encontra no texto-base, e é seguida de “ <i>passim</i> ”, quando ocorrer mais de uma vez no texto.                         |
| <-CT->, <-MN->, <-MPT->, <PT>, <-GM->, <-GN->                      | Atualizados, anotando-se no aparato, quando a grafia atestada diferir da adotada, a primeira ocorrência, seguida de “(e formas cognatas) A, <i>passim</i> ”, quando houver mais de uma ocorrência da palavra ou de formas derivadas e/ou flexionadas.          |
| VOGAIS DOBRADAS, RESULTANTES DE SÍNCOPE DE CONSOANTE INTERVOCÁLICA | Reduzidas a simples, se diferirem da grafia atual, registrando-se as ocorrências no aparato.   |
| VOGAIS SIMPLES, RESULTANTE DE FUSÃO DE VOGAIS IGUAIS               | Empregadas conforme o uso moderno, anotando-se no aparato quando a grafia atestada diferir da atual.   |
| GRAFIAS DE DITONGOS E HIATOS                                       | Atualizadas, exceto quando podem indicar fenômenos de ditongação, monotongação ou retenção gráfica de formas arcaicas. Casos em que o <h> serve para assinalar hiato onde atualmente se tem ditongo são atualizados no texto crítico e registrados no aparato. |
| VARIAÇÃO ENTRE <B> E <V>   | Mantida  |
| VARIAÇÃO ENTRE <A> E <E>   | Mantida.   |
| VARIAÇÃO ENTRE <O> E <E>   | Mantida.   |
| VARIAÇÃO ENTRE <E> E <I> ÁTONOS                                    | Mantida.   |
| VARIAÇÃO ENTRE <O> E <U> ÁTONOS                                    | Mantida.   |

Práticas pregadas no Colégio da Bahia às sextas-feiras à noite, mostrando-se em todas o *Ecce Homo*

---

PRÁTICA I.

Dos Espinhos.

*Ecce Homo. Joann.19.<sup>a</sup>*

5           Se quisesse Deus, Católico auditório, se quisesse Deus, que entre as escuridades  
destas noites, amanhecessem luzes a nosso desengano! Mas que luzes se podem esperar  
da Pregação, sendo para a empresa tão desluzido o Pregador! Não deixo de conhecer  
esta verdade, e contudo eu me animo a tão dificultosa empresa, porque me anima  
10           grandemente o estar presente a nossos olhos, aquele Alvo de nossos corações: Anima-  
me a presença daquela chagada figura do nosso amante JESUS, porque suprirão suas  
vistas, onde me faltarem as razões:<sup>b</sup> e os que se não moverem pelo que lhes propuser aos  
ouvidos, não deixarão de lastimar-se pelo que lhes representar aos olhos. Temos o  
exemplo entre mãos: Quis Pilatos mover à lástima, e à piedade o povo de Hierusalém,<sup>c</sup> e  
15           levando ao Senhor a uma varanda sobre ãa praça de gente inumerável, mostrou àquele  
povo endurecido, aquele Senhor chagado, e rompeu nas palavras que citei por Tema: *Ec-*

---

<sup>a</sup> Vulgata Latina (1605), doravante **VL**, *Evangelium secundum Ioannem*, c. 19, v. 5: (*Exiuit ergo Iesus portans coronam spineam, et purpureum vestimentum.*) *Et dicit eis: Ecce homo.* Bíblia Sagrada – Edições Paulinas (1986), doravante **BSP**: *Saiu, pois Jesus, trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. E (Pilatos) disse-lhes: Eis aqui o homem.*

<sup>b</sup> A respeito desta passagem, Miranda e Ferreira (2007) observam que, durante a pregação, a exposição da imagem de Cristo flagelado visava a auxiliar o pregador no convencimento do auditório – recurso também empregado nas demais práticas que compõem o *Ecce Homo*, pregadas às sextas-feiras, no Colégio da Bahia, como informa o subtítulo desse conjunto de sermões.

<sup>c</sup> *Hierusalem, Jerusalem e Ierusalem* são variantes abonadas em Bluteau (1713). Sobre a variação entre <Hier->, <Jer-> e <Ier->, confira-se a seção 2.3.2.3 deste trabalho.

---

<sup>1</sup> Prática] Practica A.

ce *Homo*. Pois Presidente Romano, todo esse é o aparato de vossa eloquência? A tão limitado período? Só a duas palavras reduzis a importância de vossa oração? Não vedes a rebeldia desses ânimos, que pretendeis mover? Pois como com tão poucas palavras os intentais persuadir? Porém para que eram as palavras aonde estavam as vistas. Trouxe Pilatos a público  
 20 um homem Deus, coroada a cabeça com bárbaro diadema de penetrantes espinhos, pendente aos ombros ãa injuriosa púrpura, lançada afrontosamente ãa corda ao pescoço, nas mãos atadas cruelmente um cetro de cana, o corpo todo à força de duros golpes, banhado em dilúvios de sangue: que triste! Que sentido! Que lastimoso espetáculo! Pois à vista de espetáculo tão lastimoso, para que era necessário maior eloquência? De que serviam as  
 25 figuras da Retórica, onde estava tão lastimosa figura? A que podiam mover as palavras, que melhor não movessem aquelas feridas? Que podiam intimidar as vozes, que melhor não persuadissem aquelas chagas? Onde falavam aquelas chagas não eram necessárias outras vozes, por isso Pilatos como teve que representar aos olhos, curou menos de persuadir aos ouvidos; por isso a matéria toda de sua oração, reduziu só a duas palavras: *Ecce Homo*.  
 30 Dir-me-ão, que contudo o povo se não moveu: Respondo, que se não moveu o povo, nem se abrandou, porque pedindo a Pilatos que lhes tirasse o Senhor de sua vista: *Tolle, Tolle*,<sup>d</sup> condescendeu Pilatos com as vozes do povo, e porventura que se lhe não tirasse o Senhor dos olhos, se lhes movessem os corações; mas dado caso que aquele auditório se não movesse, eu prego a mui diverso auditório, eu prego a um auditório tão Cristão, tão dócil, e  
 35 tão piedoso, que desconfiando de mim mesmo, do sucesso não desconfio, porque creio que à vista daquele Senhor tão maltratado, não haverá entre nós quem se não enternecesse,

---

<sup>d</sup> VL, Evangelium secundum Ioannem, c. 19, v. 15: *Illi autem clamabant : Tolle, tolle, crucifige eum. Dicit eis Pilatus: Regem vestrum crucifigam? Responderunt Pontifices: Non habemus Regem, nisi Cæsarem. BSP: Mas eles gritaram: Tira-o, tira-o, crucifica-o! Disse-lhes Pilatos: Pois eu hei de crucificar o vosso rei? Responderam os pontífices: Não temos rei, senão César.*

---

<sup>22</sup> cetro] sceptro A.

<sup>23</sup> espetáculo] espectáculo A, *passim*.

ainda quando em todo o mundo não houvera quem no-lo pregasse: e sendo isto assim certo, que importa que ao Pregador falte a suficiência, se no auditório sobra a piedade; e que importa que não dê eu ternuras que ouvir, quando dou chagas que ver, quando se não mover o coração  
 40 pelos ouvidos, mover-se-á pelos olhos, porque donde faltarem as palavras sentidas, suprirão as vistas lastimosas; e acabará convosco<sup>e</sup> a vista daquelas Chagas, o que vos não persuadir a evidência de minhas razões; especialmente porque de vós JESUS, e Senhor meu,<sup>f</sup> de vós espero que deis tal eficácia a minhas palavras, que obrem como se não foram minhas; inspirai Senhor tão altamente em meus discursos, que na mudança de seus procedimentos conheçam todos,  
 45 que se falei eu, obrastes vós, e nos corações dos que me ouvem, tão divinamente inspirai, que confessem todos as sem razões de suas vidas, na força de minhas razões. Obre Senhor vossa graça onde faltar minha eloquência, que entre estas escuridades melhor sairão vossas luzes; oh sintase o golpe de vosso soberano impulso nos tristes ecos de nossa combatida dureza; sintase vosso poder em nosso desengano, vossa graça em nossa resolução, na mudança de nossas  
 50 vidas a força de vossas misericórdias, e veja-se claramente, que sendo humana a diligência, foi superior a execução.

Porém eu não sei verdadeiramente, não sei a que haja de mover-vos com a presença daquela Imagem de Cristo; procurarei mover-vos a temor, ou à esperança? A temor do castigo, ou à esperança do perdão; para uma e outra cousa acho razões naquela mesma figura: acho ali razões  
 55 para esperar o perdão, porque aquela é a Imagem de Cristo enquanto homem: *Ecce Homo*: E Cristo enquanto homem é nosso fiador, e advogado, disse-o S. Paulo: *Quem proposuit Deus propitiatorem in sanguine ipsius*.<sup>g</sup> Acho ali também razões para temer o castigo; porque aquela é

<sup>e</sup> A expressão “acabar com alguém” equivale a “persuadi-lo”, conforme Bluteau (1789, v. 1º, p. 11-12) e Silva Pinto (1832).

<sup>f</sup> Observe-se a quebra da frase, por meio da qual o autor, que se dirigia ao auditório, passa a dirigir-se a Jesus. Esse tipo de construção sintática (anacoluto) é muito comum em discursos orais, como a pregação, e, no texto escrito, transmite a sensação de espontaneidade. Esse recurso retórico é frequente em textos literários, desde os medievais até os atuais – por exemplo, os que exploram a técnica de reprodução do fluxo da consciência.

<sup>g</sup> **VL**, Epistula ad Romanos, c. 3, v. 25: *quem proposuit Deus propitiationem per fidem in sanguine ipsius, ad ostensionem iustitiæ suæ, propter remissionem præcedentium delictorum*. **BSP**: *a quem Deus propôs como vítima de propiciação, em virtude do seu sangue por meio da fé, a fim de manifestar a sua justiça pela remissão dos delitos passados, [...]*.

a Imagem de Cristo enquanto homem: *Ecce Homo*: E Cristo enquanto homem é o fiscal de  
 60 nossas culpas, e o Juiz de nossas ações; disse-o o mesmo Cristo: *Tunc videbunt filium hominis*  
*venientem cum potestate, et Majestate magna.*<sup>h</sup> Temos logo naquela Imagem representado a  
 Cristo como Juiz, e como fiador: amante como fiador, rigoroso como Juiz; como Juiz para  
 temido, como fiador para buscado; qual há de ser agora a nossa empresa? Buscá-lo como  
 amante, ou temê-lo como rigoroso? Uma, e outra cousa havemos de fazer, buscá-lo, e temê-lo;  
 65 buscá-lo porque como amante nos assegura o perdão; temê-lo, porque como julgador nos  
 ameaça o castigo. Este vem a ser o assunto que seguirei estas noites, em cada uma delas  
 discorrerei sobre uma das insígnias daquela sagrada Imagem do *Ecce Homo*: E em cada qual  
 veremos que se mostra Cristo muito amante, e muito rigoroso, porque dessa sorte em cada  
 qual esperemos o perdão, e tenhamos o castigo, ou para melhor dizer, para que dessa sorte  
 saibamos evitar o castigo, solicitando o perdão.

70 E começando pela Coroa de espinhos digo: Primeiramente que nos devemos animar a  
 pedir o perdão de nossas culpas àquele Senhor, enquanto coroado de espinhos, porque está  
 assim mui amoroso, enquanto assim coroado acho eu que as pontas daquela coroa servem  
 indecisamente<sup>i</sup> a Cristo de setas para o coração, que<sup>j</sup> de espinhos para a cabeça, porque ao  
 mesmo passo que como instrumentos da crueldade, lhe estão ferindo a cabeça, como setas de  
 75 amor lhe estão atravessando o coração; naquela inclinação que fez Cristo na Cruz sobre o peito,  
 mostrou ao mundo a coroa de espinhos que tinha na cabeça, mas mostrou também com a cabeça  
 os afetos que tinha no coração; para descobrir os afetos foi meio mostrar os espinhos, e não podia  
 o mundo ver os espinhos, sem que juntamente visse os afetos; como seu amor lhe havia tecido

---

<sup>h</sup> VL, Evangelium secundum Lucam, c. 21, v. 27: *et tunc videbunt filium hominis venientem in nube cum potestate magna, et maiestate. BSP: Então verão “o Filho do homem vir sobre uma nuvem” com grande poder e majestade.*

<sup>i</sup> O advérbio <indecisamente> pode ser entendido como “irresolutamente”, “hesitantemente”, “vacilantemente”, “ambiguamente”. Isto é, as pontas daquela coroa serviriam à cabeça e ao coração.

<sup>j</sup> J. J. Nunes (1923, p. 82) afirma não conhecer exemplo igual do emprego de “que”, aqui apresentado. É razoável conjecturar que o termo equivalha a conjunção comparativa de superioridade, embora, no contexto precedente, não haja um “mais de” compondo com ele uma construção descontínua que relacione <setas para o coração> e <espinhos para a cabeça>.

---

<sup>65</sup> assunto] assumpto A.

<sup>77</sup> afetos] affectos A, *passim*.

80 aquela coroa, fez das pontas da coroa índices de seu amor, por isso com a cabeça apontou para o peito; e fez da cabeça coroada de espinhos, mostrador dos afetos, que havia no coração. Oh meu JESUS da minha alma! Oh meu amantíssimo JESUS, que lastimado, que ferido, que atormentado que estais! Mas ah Senhor, e como estais amoroso! Como estais enternecido! Como estais para buscado! Só os espinhos poderão impedir-nos o caminho de buscar-vos; mas sois vós tão amoroso, que quereis ter martirizada a cabeça, a troco de não termos nós molestados os pés, por isso os espinhos que puderam ser estorvo a nossos pés, pondeis vós sobre vossa cabeça: oh que amante que sois meu Deus! Oh como declaram bem as pontas dessa coroa os pontos de vosso amor! E que bem que se declara o fino de vossos afetos no agudo desses espinhos! Bem é verdade, que para lavar nossas culpas, ou para abrandar nossa dureza, brotam de vossa divina cabeça, e correm de vosso divino rosto setenta, e dous rios de sangue;<sup>k</sup> mas que importa que corram os rios, se não podem apagar os incêndios, que importa que corram os rios, se esses raios que sobressaem à cabeça, publicam que há incêndios de amor, que se ateam no coração. Lá apareceu Deus a Moisés, e apareceu-lhe cercado de espinhos, e lavaredas: *Vadam, et videbo visionem hanc*:<sup>1</sup> vamos ver este mistério: e que conveniência, que proporção<sup>m</sup> tem o fogo com os espinhos? Em Deus tem muita conveniência: os espinhos eram a matéria de sua coroa, o fogo eram os incêndios de seu amor, e em Deus andam mui acompanhados incêndios de amor, e coroa de espinhos: o mesmo é em Deus coroar-se de espinhos, que abrasar-se de incêndios: o mesmo é padecer na cabeça os espinhos de sua coroa, que sentir no coração incêndios de seu amor.

100 Pois se tão amoroso temos a Cristo, quando coroado de espinhos, quem duvida que nos concederá facilmen-

---

<sup>k</sup> Há, neste sermão, várias menções quantificadas dos sofrimentos físicos e emocionais de Cristo, que lhe foram impingidos na trajetória do Pretório até o Calvário. Ao que consta, esses números têm origem em uma cartilha de devoção à Via Sacra, da época das Cruzadas, que a tradição incorporou à 14ª estação (momento em que os discípulos vão embalsamar o corpo de Jesus e passam a contar os tormentos que ele sofreu), e a literatura posterior reproduziu com variações. Disso dão mostras os escritos atribuídos a São Vicente Ferrer, São Boaventura, Santa Gertrudes, Santa Brigite, Juan Aquilano, Orozco e Rodulfo, Padre Salmeron, e outros (cf. SANTIAGO, 1790, p. 235; ANÔNIMO, 1858, p. 387-389).

<sup>1</sup> VL, Líber Exodus, c. 3, v. 3: *Dixit ergo Moyses: Vadam, et videbo visionem hanc magnam, quare non conburatur rubus. BSP: Disse, pois, Moisés: Irei, e verei esta grande visão, (e verei) por que causa se não consome a sarça.*

<sup>m</sup> <conveniência [...] proporção> equivalem, respectivamente, a ‘ajuste entre partes, concórdia’ (sentido etimológico), ‘justa relação entre coisas; conformidade’ (HOUAISS, 2002).

te o perdão de nossas culpas? Antes imagino eu que assim coroado de espinhos, toma sobre si o castigo de nossas culpas, para que seu Eterno Padre nos conceda facilmente o perdão. São os espinhos o castigo de nossas culpas: *Spinās, et tribulos germinabis tibi:*<sup>n</sup> e se estes espinhos tem Cristo sobre sua cabeça, claro está, que para escusar-nos do castigo a nós, tem sobre si o castigo: notável força de amor! Que tome Cristo sobre si o castigo, para que nós consigamos o perdão! Levou<sup>o</sup> Abraão da espada para degolar a seu filho Isaque, e ao traçar do golpe, viu a um Cordeiro a cabeça cingida de espinhos: *Inter vepres hærentem cornibus:*<sup>p</sup> tomou logo o Cordeiro, fez dele o sacrifício, e Isaque que estava destinado à morte, ficou gozando da vida. Grave concurso de mistérios! Isaque destinado à morte, representa ao gênero humano; Abraão ameaçando o golpe, representa ao Eterno Padre resoluto a dar o castigo; o Cordeiro representa a Cristo, e para que Isaque não sinta o golpe, o Cordeiro se expõe ao sacrifício, para que nós não padeçamos o castigo, Cristo é o que sente o golpe, mas com esta advertência, que o Cordeiro estava coroado de espinhos: *Inter vepres hærentem;* Cristo coroado de espinhos, é o que toma sobre si a morte, para que nós logremos a vida, toma sobre si o castigo, para que nós consigamos o perdão; há mais ardente fineza! Há mais extremado amor.

Verdadeiramente, que quando vejo a Cristo assim coroado de espinhos, eu me persuado, que aquela coroa, ou vem a ser a láurea com que em ciência de amor se gradua Cristo, ou vem a ser o Diadema, com que celebra Cristo o triunfo de seu amor: e que estando aquele Senhor tão amoroso, tenhamos nós ânimo para o ofender! E que tenhamos coração para o agravar? Que esteja Cristo coroado de espinhos, e que vivamos nós coroados de rosas! E o que mais é, que cometendo as ofensas, não

---

<sup>n</sup> VL, Liber Genesis, c. 3, v. 18: *Spinās et tribulos germinabit tibi, et comedes herbam terræ.* BSP: *Ela te produzirá espinhos e abrolhos, e tu comerás a erva da terra.*

<sup>o</sup> <Levou>, do latim *levāre*, ‘erguer, segurar, sustentar’. Desde o latim, também havia a forma *elevāre*, com o mesmo significado.

<sup>p</sup> VL, Liber Genesis, c. 22, v. 13: *Leuavit Abraham oculos suos, viditque post tergum arietem inter vepres hærentem cornibus, quem assumens obtulit holocaustum pro filio.* BSP: *Abraão levantou os olhos, e viu atrás de si um carneiro preso pelos chifres entre os espinhos, e, pegando nele, o ofereceu em holocausto, em lugar de seu filho.*

---

<sup>106</sup> Abraão] Abraham A, *passim*; Isaque] Izac A, *passim*.

125 solicitemos o perdão? Pois fiéis não duvideis ser perdoados, porque está aquele Senhor mui amoroso: aqueles espinhos que atravessam a cabeça de Cristo, de tal maneira são instrumentos para o molestar, que juntamente são, ou estímulos para nos mover, ou arpões para nos atrair: parece que nos estão tirando<sup>q</sup> pelas capas; não permitem aqueles espinhos que passemos, sem que lancemos mão daquelas rosas: lancemos mão daquelas gotas de sangue, que essas são as rosas que brotam daqueles espinhos: enquanto temos ocasião de nos aproveitar daquele sangue aproveitemo-nos e aproveitemo-nos agora, porque agora é a ocasião.

130 Digo que agora é a ocasião, porque agora temos aquele Senhor como advogado, que quando o virmos como Juiz: oh Deus Eterno! Aqueles mesmos espinhos que servem agora de nos atrair, hão de servir então de nos atormentar, e se por nós estão agora armados, então os veremos armados contra nós: porque então nos há Deus de tomar mui estreita conta daqueles espinhos. São os espinhos daquela coroa uma representação das inspirações de Deus, e bem o mostrou assim Cristo nos Cantares, quando tendo a cabeça cheia de orvalho, bateu às portas daquela alma que dormia: *Aperi mihi Soror mea, quia caput meum plenum est rore*:<sup>r</sup> Notem. A alma dormindo é uma alma Cristã descuidada de sua salvação, Cristo com a cabeça cheia de orvalho, é Cristo coroadado de espinhos, e com a cabeça rociada de sangue: os golpes que Cristo dava às portas daquela alma, são as divinas inspirações, com que Deus nos bate às portas, e para  
135 que entendêssemos, que os golpes com que Deus bate às portas de uma alma, são efeitos daqueles espinhos, por isso vinha Cristo coroadado de espinhos, quando batia às portas daquela alma: aqueles golpes que sentimos no coração, aqueles remorsos da alma, aqueles estímulos da  
140

---

<sup>q</sup> Mesmo que puxando (cf. BLUTEAU, 1789, v. 2, p. 461).

<sup>r</sup> VL, Canticum Canticorum, c. 5, v. 2: *Ego dormio, et cor meum vigilat: vox dilecti mei pulsantis: Aperi mihi soror mea, amica mea, columba mea, immaculata mea: quia caput meum plenum est rore, et cincinni mei guttis noctium. BSP: Eu durmo, mas o meu coração vela; / eis a voz do meu amado, que bate: / Abre-me, irmã minha, amiga minha, / pomba minha, imaculada minha, / minha cabeça está rorejada, / e os meus anéis do cabelo impregnados de gotas da noite.*

---

<sup>137</sup> Cristã] Christã A, *passim*.

consciência, que vos parece que são, senão efeitos daqueles espinhos, que no mesmo passo que a Cristo lhe estão passando, e atravessando a cabeça, a nós nos estão pungindo os  
 145 corações; pois por isso digo, que nos há Cristo de tomar mui estreita conta daqueles espinhos, porque nos há de tomar mui estreita conta das divinas inspirações.

Considero eu a Cristo coroado de espinhos um Sol cingido de raios, servindo-lhe de raios os espinhos; porém o que agora são raios para nos ilustrar, algum dia hão de ser raios para nos consumir: porque tanto se hão de armar ao depois em nossa ruína, quanto conspiram  
 150 agora em nossa iluminação; enquanto aquele Senhor é nosso advogado, todas as divinas inspirações são em nosso favor, mas quando aquele Senhor for nosso Juiz, elas mesmas nos hão de servir de maior castigo. Disse Cristo, que o Espírito Santo havia de arguir ao mundo no dia do Juízo: *Cum venerit ille arguet mundum de peccato*;<sup>s</sup> pois valha-me Deus, não é o Espírito Santo o que mais favorece o mundo? Não é ele o que nos dá as divinas inspirações?  
 155 Pois como há de ser ele o que se há de pôr contra o mundo? Por isso mesmo: porque o Espírito Santo dá ao mundo as inspirações, por isso se há de armar contra o mundo; os que tiverem obrado, segundo as inspirações divinas, pouco terão que recear, mas aqueles que resistiram sempre às divinas inspirações, aqueles que nunca obedeceram aos auxílios divinos, ó quanto terão que temer, e quanto terão que recear!

160 Fiéis tende entendido que tocamos ao ponto de maior importância, que se pode trazer aos púlpitos, porque aqui topa todo o negócio de nossa salvação, aí não há salvação sem auxílios divinos: mas também resistindo nós aos auxílios divinos, não há salvação: se dando-vos Deus seus auxílios divinos, vós cooperastes, e obedecestes, ficam os

---

<sup>s</sup> VL, Evangelium secundum Ioannem, c. 16, v. 8: *Et cum venerit ille, arguet mundum de peccato, et de iustitia, et de iudicio.* BSP: *Ele, quando vier, convencerá o mundo, quanto ao pecado, à justiça e ao juízo.*

165 auxílios eficazes, e salvaste-vos; mas se vós lhe resististes, e não cooperastes, ficam os  
 170 auxílios suficientes, e perdeste-vos. O Espírito Santo, que nos inspira os meios de nossa  
 salvação, como ofendido nesta parte: *arguet mundum de peccato*; há de acusar-vos perante o  
 Tribunal divino, de lhe havêreis<sup>t</sup> resistido, e mal logrado<sup>u</sup> tantos auxílios: Ora dai conta a  
 Deus de tantos auxílios, quantos mal lograstes: a advertência que vos fez o Pregador, o  
 conselho que vos deu o amigo, a admoestação que vos fez o Confessor, parecer-vos-á que são  
 175 acasos, e são auxílios de Deus: estais determinado<sup>v</sup> a fazer ãa ofensa contra Deus, sentis uns  
 ditames da razão, que batalham contra vós mesmo;<sup>w</sup> estais na ocasião do pecado, sentis em  
 vossa alma uns certos reclamos da consciência, que é o que faço; como vivo, em que me  
 ocupo? valha-me Deus que hei de morrer, que hei dar conta a Deus; pois que determino; tudo  
 isto passa em um pecador, e que vos parece que é tudo isto, são golpes daqueles espinhos, são  
 180 iluminações daqueles raios, são auxílios de Deus, são inspirações do Espírito Santo: Ora dai  
 conta a Deus de ter resistido a tantos golpes, a tantas iluminações, a tantos auxílios, a tantas  
 inspirações; Deus não vos faltou com os auxílios necessários à vossa salvação; vós não  
 admitistes seus auxílios; qual há de ser a consequência.

180 Pois a esta causa vos advirto, que se bem naqueles espinhos tendes muito que esperar,  
 também tendes muito que temer, porque se agora estão armados em nossa defesa, também  
 desde agora estão armados contra nós, porque os divinos auxílios, de tal modo são favores, que  
 já trazem de mistura os castigos. Pediu Jó a seus amigos que se lastimassem dele: *Miseremini  
 mei, miseremini mei saltem vos amici mei*;<sup>x</sup> mas que causa tinha Jó para que se lastimassem dele  
 seus amigos? *quia manus Domini tetigit me*:<sup>y</sup> porque sentia em si toque de Deus, e toques de  
 185 Deus não são favores de Deus; pois por que se hão de lastimar os amigos de Jó, quando re-

<sup>t</sup> Forma arcaica correspondente a “haverdes” (2ª pes. pl. infinitivo flexionado), conforme o que diz Fernão d’Oliveira (1536, cap. XXVI) sobre a troca da desinência <-des> por <-is>.

<sup>u</sup> J. J. Nunes (1923) observa que, modernamente, o advérbio se une ao verbo, formando “malograr”.

<sup>v</sup> Embora o pronome <vós>, subentendido, recupere o sujeito <Fiéis> (l. 160), a concordância foi feita no singular; <estais determinado>. Conforme Bechara (2006, p. 425), “empregando-se *vós* em referência a uma só pessoa, põe-se no singular o adjetivo”. Esse não é o caso aqui, contudo, percebe-se que o emprego de *vós* para se referir a uma só pessoa pode acarretar a oscilação de formas verbais flexionadas ora no singular, ora no plural, relacionadas, na frase, à segunda pessoa do discurso. Confira-se outro exemplo nas linhas 133-134 da *Prática II – Da Púrpura*.

<sup>w</sup> Quanto à concordância, <mesmo>, como adjetivo de reforço contextual à referência feita pelo pronome antecedente <vós> (*i.e.*, no contexto, realça contra quem batalham uns ditames da razão sentidos pelo suposto interlocutor do sermonista), deveria ser flexionado no plural.

<sup>x</sup> VL, Iob, c. 19, v. 21: *Miseremini mei, miseremini mei, saltem vos amici mei, quia manus Domini tetigit me. BSP: Compadecei-vos de mim, compadecei-vos de mim, ao menos vós, meus amigos, / porque a mão do Senhor me feriu.*

<sup>y</sup> *Loc. cit.*

<sup>171</sup> ditames] dictames A.

<sup>175</sup> Santo] Sancto A, *passim*.

<sup>182</sup> Jó] Job A, *passim*.

cebe toques de Deus, porque os toques de Deus de tal maneira são favores, que já vêm ameaçando castigos: se lhe obedecestes não há maior ventura, mas se lhe resististes não há maior desgraça. Quando o Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos, apareceu em línguas de fogo: em línguas de fogo, aquelas línguas não eram dons do Espírito Santo, não eram  
 190 inspirações divinas? sim eram; pois por que de fogo, porque o fogo é o último castigo que há de padecer o mundo, e quando o Espírito Santo comunica ao mundo suas divinas inspirações, já lhe vem ameaçando o último castigo; pois alerta<sup>z</sup> fiéis, nos golpes daqueles espinhos temos as divinas inspirações, assi que adverti, que de tal maneira nos estão instimulando<sup>aa</sup> as almas, de tal maneira nos estão amorosamente ferindo, que já severamente  
 195 nos estão ameaçando, de tal maneira aqueles divinos raios estão infundindo iluminações, que já estão ameaçando incêndios, porque se não obedecéis ao império daquela Coroa, já estão os espinhos daquela cabeça divina arrojando o fogo do último juízo: assim o disseram algum<sup>bb</sup> hora os mesmos espinhos. Fingiu Joatão, que elegendo as árvores a um espinheiro por seu Rei, ele lhes propusera esta prática: *Si vere me Regem constituistis: venite, et sub umbra mea requiescite; si autem non vultis, egrediatur ignis de ramo, et devoret Cedros Libani.*<sup>cc</sup> Isto que disseram às árvores os espinhos, quando cingiram Coroa, nos está dizendo aquela Coroa de espinhos, e debaixo da metáfora desses espinhos, isto mesmo nos estão dizendo as inspirações de Deus: *Si vere me Regem constituistis: se reconheceis aos espinhos em seus impérios, se obedecéis à Coroa de espinhos: Venite, et sub umbra mea requiescite:*  
 200 Eles vos servirão de amparo; porém se lhe resistirdes, se lhe não derdes assenso: *Si autem non vultis, dos mesmos espinhos brotará fogo, que abra-se, e consuma até os mais altos Cedros do monte Líbano: Egrediatur ignis de ramo, et devoret Cedros Libani.*  
 205

<sup>z</sup> Em A, <â lerta> (*passim*), derivado do *all' erta* (expressão italiana). Em Bluteau (1712, p. 237), há registro de *alerta* no lema do verbete, e *à lerta*, no corpo do verbete.

<sup>aa</sup> Variante de 'estimulando', não encontrada nas obras consultadas para este trabalho.

<sup>bb</sup> Observe-se a apócope do "a" final de "alguma", que foi absorvido pela vogal inicial da palavra seguinte. Segundo J. J. Nunes (1923, p. 86), a expressão "algum hora" equivale, nesta passagem, a "outrora".

<sup>cc</sup> VL, Líber Iudicum, c. 9, v. 15: *Quæ respondit eis: Si vere me regem vobis constituitis, venite, et sub vmbra mea requiescite: si autem non vultis, egrediatur ignis de rhamno, et deuoret cedros Libani. BSP: Ele respondeu-lhes: Se vós deveras me constituís vosso rei, vinde e repousai debaixo da minha sombra; mas, se o não quereis, saia fogo do espinheiro e devore os cedros do Líbano.*

Pelo que Católico auditório, para escusarmos este castigo, que aqueles espinhos nos  
 210 estão ameaçando, obedeçamos aos impérios daquela Coroa de espinhos. Estão aqueles  
 espinhos puxando por nós, para que cheguemos a colher aquelas rosas, para que nos  
 aproveitemos daquele sangue, pera que busquemos a Cristo, e por que não obedeceremos aos  
 impérios daquela Coroa? Se algũa cousa no-lo pudera impedir, seria o temor do castigo;  
 porém temos hoje a Cristo tão amoroso, que não há causa de temor[;] o dia em que Cristo está  
 215 mais amoroso, é o dia em que se desposa com nossas almas, o dia em que se coroa de  
 espinhos, é o dia em que se desposa: *Coronavit eum mater sua in die desponsationis ejus*:<sup>dd</sup>  
 Logo hoje é o dia em que está mais amoroso, porque hoje é o dia em que se coroa de  
 espinhos; pois se hoje não temos que temer, cheguemos almas Cristãs: *Egredimini filia  
 Sion*,<sup>ee</sup> ponde os olhos naquele Senhor assim coroado de espinhos: *Videte Regem vestrum in  
 diademate*: Oh meu Jesus da minha alma: Oh meu amantíssimo Jesus, que ferido, que  
 220 lastimado que estais meu Deus e meu Senhor? mas ó como estais amoroso! Oh que bem se  
 manifesta o fino de vosso amor, na agudeza desses espinhos, oh que amorosamente nos detêm  
 esses espinhos para que colhamos essas rosas! Oh cabeça sacrossanta, algũa hora coroada de  
 Estrelas, e agora lastimada de espinhos, quem viu jamais os espinhos armados contra as rosas;  
 mas vede fiéis, vede aquele mar de sangue, que se derramou por nossas culpas: ali vão a  
 225 desembocar setenta, e dous rios de sangue, que descem daquela cabeça!<sup>ff</sup> Oh se nossas culpas  
 padeceram o último naufrágio na inundação daqueles rios; ah meu Deus, e quem duvida que  
 havíeis de sair tão ensanguentado depois de tratar os espinhos[?] porém nesse mar de sangue  
 nos estão prometendo os espinhos ãa maré de rosas: que para dar-nos essas rosas, padecestes  
 vós Senhor esses espinhos. Oh como sois amoroso meu Deus, e que

---

<sup>dd</sup> **VL**, Canticum Canticorum, c. 3, v. 11: *Egredimini et videte filia Sion regem Salomonem in diademate, quo coronavit illum mater sua in die dispensationis illius, et in die letitia cordis eius. BSP: Saí, filhas de Sião, e vede o rei Salomão / com o diadema de que sua mãe o coroou no dia do seu casamento, / e no dia do júbilo do seu coração.*

<sup>ee</sup> *Loco citato.*

<sup>ff</sup> Sobre os números neste sermão, vide nota “k” deste sermão.

---

<sup>222</sup> sacrossanta] sacrossancta A.

230 haja quem tenha coração para cometer culpas contra um Deus tão amoroso! Ó não seja  
assim fiéis, tratemos de emendar as vidas, um propósito firme de nunca mais ofender aquele  
Senhor, pedir-lhe perdão de nossas culpas, e como tão amoroso não negará o perdão. Mas  
mostrai-nos Senhor vossa face divina para perdoar nossas culpas; perdoai-nos Senhor por  
quem vós sois, perdão meu Deus de minha alma, misericórdia Senhor, para que assim  
235 alcancemos vossa graça, que é o penhor da Glória. *Amen.*

## PRÁTICA II.

### Da Púrpura.

*Ecce Homo. Joann.19.*<sup>a</sup>

Depois de tratarmos da sagrada Coroa de espinhos daquela Imagem sagrada, segue-se  
 5 agora tratarmos daquela Capa de púrpura, e sendo a púrpura divisa, que tanto segue a Coroa,  
 claro está, que o mesmo que dissemos da Coroa, havemos também de dizer da púrpura. Digo pois  
 que também Cristo com aquela Capa de púrpura, está mui para buscado, e mui para temido,  
 porque também com aquela Capa está mui amoroso, e mui severo, que essas são as  
 10 consequências de ser homem: *Ecce Homo*: A Arca do testamento mandava Deus, que estivesse  
 cuberta com ãa capa carmesim: *Extendentque desuper pallium hyacinthinum*,<sup>b</sup> dentro da Arca  
 estava o Maná, e a vara: o Maná que representava a misericórdia de Deus, e a vara que representava  
 sua Justiça, donde se segue, que estavam encerradas debaixo daquela Capa carmesim a Justiça, e a  
 misericórdia, assi também cá Cristo verdadeira Arca do testamento novo, está cuberto com aquela  
 Capa de púrpura, mas debaixo daquela Capa dissimula Cristo a vara de sua justiça, e encer-

---

<sup>a</sup> Vulgata Latina (1605), doravante **VL**, *Evangelium secundum Ioannem*, c. 19, v. 5: (*Exiuit ergo Iesus portans coronam spineam, et purpureum vestimentum.*) *Et dicit eis: Ecce homo.* Bíblia Sagrada – Edições Paulinas (1986), doravante **BSP**: *Saiu, pois Jesus, trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. E (Pilatos) disse-lhes: Eis aqui o homem.*

<sup>b</sup> **VL**, *Líber Numeri*, c. 4, v. 8: *extendentque desuper pallium coccineum, quod rursus operient velamento ianthinarum pellium, et inducent vectes.* **BSP**: *Estender-lhe-ão por cima um pano de escarlate, o qual cobrirão ainda com uma coberta de peles roxas, e colocarão os varais.*

---

<sup>1</sup> Prática] Practica A.

15 ra o perdão de sua misericórdia; porque justiça, e misericórdia são os mistérios, que se contêm  
debaixo daquela Capa; Ora vejamos ãa, e outra cousa.

Primeiramente devemos buscar a Cristo cuberto com aquela Capa de púrpura, para nos  
amparar com aquela Capa, porque está mui amoroso estando cuberto com aquela púrpura; de tal  
maneira cobre aquela púrpura a Cristo, que lhe descobre o amor, porque de tal maneira lhe tem  
20 cuberto o corpo, que lhe tem descuberto o peito: no ardente daquela púrpura se vê bem o  
abrasado de sua afeição, naquelas cores se veem bem seus afetos, porque de tal sorte, e com tanto  
excesso cresceram os incêndios de seu amor, que não podendo conter-se no peito, saíram a atear-  
se na Capa, vindo-se a descobrir nas resultâncias<sup>c</sup> da púrpura os ardores do coração.

Puseram os homens aquela púrpura a Cristo para afronta de sua pessoa, porém Cristo tirou  
25 dela créditos de seu amor, não só porque seu amor fica mais encarecido, quando mais injuriado,  
senão porque aquela Capa serve de divisa ao amor divino, para o distinguir do amor profano; O  
amor profano pintou a Antiguidade nu, e despido,<sup>d</sup> porém o amor divino deve pintar-se com Capa,  
e a razão da diferença é, porque o amor profano é amor menino, por isso nunca usou de Capa,  
porque sempre foi amor pequeno; mas o amor divino usa de Capa, porque é amor mui crescido; a  
30 grandeza do amor de Cristo lhe talhou aquela Capa, que mal pudera aparecer sem Capa, tão grande  
amor. José no Egito para mostrar a sua Senhora, quão pouco a amava, largou dos ombros a Capa;  
Cristo para mostrar o muito que nos ama, sustentou a Capa aos ombros. A Capa deixada de José,  
pareceu aos homens despojos de seu amor, e eram argumentos de seu desprezo; a Capa posta aos  
ombros de Cristo, parecia desprezo dos homens, e eram galas de seu amor. Ah fiéis, que amoroso

---

<sup>c</sup> Equivale a efeitos; algo produzido por uma causa (HOUAISS, 2002). Ferreira e Miranda (2007) sugerem para o trecho esta interpretação: “resulta que vieram a descobrir-se na púrpura os ardores do coração”.

<sup>d</sup> Referência à representação clássica do Cupido.

---

<sup>21</sup>veem] vem A; afetos] afectos A, *passim*.

<sup>31</sup> José] Joseph A, *passim*; Egito] Egipto A, *passim*.

35 Deus que temos; temos um Deus tão amoroso, que quando padece afrontas por nosso amor, faz galas das mesmas afrontas, e do mesmo pano de que os homens lhe talharam as injúrias, desse mesmo cortou as galas: que rara força de amor!

Sendo Cristo Senhor nosso, Monarca soberano do universo, cuja Opa Real<sup>e</sup> arrastando gloriosamente sobre as Hierarquias mais luminosas, apenas a merecem sustentar nos ombros os  
 40 Serafins mais ilustres; ignorantes os homens de tanta grandeza, por ludíbrio lhe puseram aos ombros, ou um pedaço de púrpura, ou ãa púrpura em pedaços; está tão amoroso Cristo, que essa mesma afronta de sua grandeza, quis que fosse a melhor librea<sup>f</sup> de seu amor. Lá disse Isaías, que quando os Anjos viram a Cristo cuberto com aquela púrpura[,] que desconhecendo-o, perguntaram quem era? *Quis est iste, qui venit tinctis vestibus?*<sup>g</sup> que estava Cristo com  
 45 aquela púrpura tão afrontado, que nem inda dos Anjos era conhecido; porém acrescenta o Profeta, que confessaram os Anjos, que estava o Senhor mui gentil com aquela púrpura; *formosus in stolla sua;*<sup>h</sup> pois como assi; Se os Anjos vendo a Cristo com aquela púrpura, o desconhecem por abatido, como o louvam de galhardo, como confessam que lhe está bem aquela púrpura? O caso é que os Anjos consideraram a Cristo, primeiro, quanto a sua grandeza,  
 50 depois, quanto a seu amor: quando consideraram a Cristo, segundo a sua grandeza, e o viram com aquela púrpura afrontosa, pareceu-lhes o Senhor tão abatido em sua grandeza, que o desconhecera por abatido: *Quis est iste, qui venit tinctis vestibus?*<sup>i</sup> Mas quando consideraram a Cristo segundo seu amor, e o viram com aquela púrpura injuriosa, tão gentilmente lhes pareceu com aquela gala de seu amor, que o louvaram de galhardo: *formosus in stolla sua*: de maneira  
 55 que aquela mesma Capa de Cristo desdizia muito de sua grandeza, e abonava grandemente

<sup>e</sup> Tipo de veste ou capa com aberturas em lugar das mangas (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>f</sup> Equivale a libré (subst. fem.): fardamento provido de galões e botões distintivos usados pelos criados de casas nobres e senhoriais (HOUAISS, 2002).

<sup>g</sup> VL, Liber Isaiaë, c. 63, v. 1: *Qvis est iste, qui venit de Edom, tinctis vestibus de Bosra? iste formosus in stola sua, gradiens in multitudine fortitudinis suæ. Ego, qui loquor iustitiam, et propugnator sum ad saluandum. BSP: Quem é este, que vem de Edom, de Bosra, com as vestiduras tingidas? Ele é formoso em seu traje e avança com muita fortaleza. Eu sou (responderá ele) o que falo a justiça, e venho para defender e salvar.*

<sup>h</sup> *Loco citato.*

<sup>i</sup> *Loco citato.*

a seu amor; para que o crédito de Cristo crescesse em seu amor, era força que diminuísse em sua grandeza; e está Cristo tão amoroso, que por ver seu amor acreditado, quis ter sua grandeza diminuída, e quis tomar aquela púrpura com abatimento de sua grandeza, só porque ela lhe servia de gala de seu amor.

60 E na verdade Cristãos, que sendo tão grande o amor de Cristo, não pudera descobrir outra melhor gala, que aquela púrpura, porque para um Deus tão amoroso, que gala podia vir mais acomodada, que ãa Capa; quando os filhos mais amantes de Noé, se quiseram mostrar mais amantes, puseram ãa Capa aos ombros, com que cobriram os defeitos de seu Pai; pois para Cristo se mostrar mais amante, que outra cousa devia fazer, senão tomar aquela Capa aos ombros com  
65 que cubrir nossos defeitos? dizia Davi, profetizando de Cristo, que Cristo nos havia de cubrir com seus ombros: *scapulis suis obumbrabit tibi*:<sup>j</sup> não se achará ocasião em que Cristo nos cubrisse com seus ombros! pois logo quando se cumpriu esta profecia de Davi, sabem quando, quando Cristo tomou aquela capa aos ombros, porque todas nossas culpas está Cristo cubrindo com aquela Capa; e se não pergunto, que cousa são aqueles golpes? aquelas chagas? aquele sangue?  
70 aquelas feridas? não foram execuções da impiedade dos homens? que cousa são todas aquelas dores, que padeceu aquele corpo sacratíssimo, não são todas efeitos de nossas culpas: É Texto expresso: *peccata nostra portavit, et pro nobis dolet: ipse autem vulneratus est propter iniquitates nostras*:<sup>k</sup> Pois se Cristo com aquela púrpura está cubrindo aquelas chagas, e se naquelas chagas estão as culpas dos homens, que muito<sup>l</sup> que diga eu, que com aquela Capa está  
75 Cristo cubrindo nossas culpas. Oh meu amantíssimo Jesus, meu Deus, e meu Redentor e se para cubrir nossas culpas tendes aos ombros essa Capa, quem deixará de conhe-

---

<sup>j</sup> VL, Liber Psalmorum, c. 90, v. 4: *Scapulis suis obumbrabit tibi: et sub pennis eius sperabis*. BSP: Com as suas espáduas te fará sombra, / e debaixo das suas asas estarás cheio de esperança.

<sup>k</sup> VL, Liber Isaiaë, c. 53, v. 5: *Ipse autem vulneratus est propter iniquitates nostras, attritus est propter scelera nostra: disciplina pacis nostræ super eum, et liuore eius sanati sumus*. BSP: Mas foi ferido por causa das nossas iniquidades, foi despedaçado por causa dos nossos crimes; o castigo que nos devia trazer a paz, caiu sobre ele, e nós fomos sarados com as suas pisaduras.

<sup>l</sup> A expressão “que muito”, frequente também nos sermões de Vieira, equivale a “que há de estranho”, “que admiração” (cf. *Léxicon*. In: VIEIRA, 2010, p. 643).

---

<sup>65</sup> Davi] David A, *passim*.

<sup>75</sup> Redentor] Redemptor A.

cer o amor que tendes? parece que como desvelado amante para rondar-nos as almas, saístes esta noite com essa Capa disfarçando vossa grandeza; mas que importa que vos rebuçais, se a mesma Capa que vos cobre, é a melhor divisa que vos manifesta? e quem deixará de conhecer-vos por  
 80 amante nosso, quando claramente se estão vendo no fino dessa púrpura as finezas de vosso amor? e no ardente dessa Capa os ardores de vossa afeição? Mas ah meu Deus, e que mal correspondemos a tão excessivo amor, e se não: *quare rubrum est vestimentum tuum*,<sup>m</sup> que tendes essa Capa aos ombros para cubrir nossas culpas, bem me está; porém por que há de ser essa Capa vermelha, porque se envergonha essa Capa de encobrir tantas maldades nossas, à vista  
 85 de nossas ingratidões; e que envergonhando-se essa Capa de encubri-las, não nos corramos nós de cometê-las? Oh quanto nos sofreis meu doce Jesus.

Pois estai certos, fiéis, que se não correspondermos de outra sorte a tão grande amor, que este mesmo amor se há de converter em indignação, porque aquela púrpura de tal maneira mostra a Cristo amoroso, que também o mostra severo; aquela Capa está de guerra, e em volta dos  
 90 favores está também ameaçando castigos. Quando Davi pediu armas a Aquimeleque, disse-lhe o Sacerdote, que fosse ao Templo, e que debaixo de ãa Capa acharia ãa espada: *Ecce hic gladius est involutus pallio*:<sup>n</sup> notável mistério, que sendo a Capa que está no Templo o amparo de nossas culpas, que debaixo dessa capa haja de estar escondida a espada, que sendo a Capa de Cristo todo o nosso amparo, se haja de dissimular debaixo daquela Capa? Si, debaixo daquela Capa está  
 95 escondida a espada; porque são fios da espada todos os fios daquela Capa, e a razão disto é, porque se naquela Capa temos muito que esperar, também temos muito que temer: se naquela Capa temos que esperar o amparo, também temos que temer o castigo, porque quando cada qual

---

<sup>m</sup> VL, Liber Isaiaë, c. 63, v. 2: *Quare ergo rubrum est indumentum tuum, et vestimenta tua sicut calcantium in torculari?* BSP: *Por que é, pois, vermelho o teu vestido, e as tuas roupas como as dos que pisam um lagar?*

<sup>n</sup> VL, Liber I Samuelis, c. 21, v. 9: *Et dixit sacerdos: Ecce hic gladius Goliath Philisthæi, quem percussisti in Valle terebinthi, est involutus pallio post ephod: si istum vis tollere, tolle. neque enim hic est alius hic absque eo. Et ait David: Non est huic alter similis: da mihi eum.* BSP: *O sacerdote disse: Eis aqui a espada de Golias, filisteu, que tu mataste no vale de Terebinto; está embrulhada num pano detrás do efó; se a queres levar, leva-a porque não há aqui outra senão esta. E Davi disse: Não há outra como esta, dá-ma.*

---

<sup>90</sup> Aquimeleque] Achimelech A.

de nós for chamado a juízo, há de dar àquele Senhor mui estreita conta daquela Capa, por isso de tal maneira está Cristo amoroso com aquela Capa, que juntamente está de guerra: *Ecce hic gladius est involutus pallio.*

Mas perguntar-me-ão sobre que matéria há de cair esta conta? sobre que matéria se nos há de tomar conta daquela Capa? respondo primeiramente, que se há de tomar conta a muitos de rebuçarem seus vícios com aquela Capa de Cristo; a Capa de Cristo é Capa de virtude, e com Capa de virtude revestir os vícios, que grave matéria para dar conta a Deus! Oh quantos ministros da Justiça, quantos Oficiais da República, quantos Superiores, quantos particulares executam a paixão, o ódio, a vingança com capa de zelo, com capa de ordenação, com capa de virtude; mas oh que apertada conta darão disto a Deus, assim os que o obram, como os que o permitem, que de Reinos, que de Impérios, que de Repúblicas se não têm destruído com pretexto de piedade, e religião, basta por exemplo a Cidade de Troia, onde entrou a ruína disfarçada em um sacrifício, que dentro daquela fatal máquina sacrificada à Deusa Palas,<sup>o</sup> se dissimulava sua última destruição, e que debaixo de tanta piedade se executasse tão lamentável ruína! Que assim se infame a piedade; ora dai conta a Deus de assim malquistar a virtude, dai conta a Deus de executar vossa paixão com capa de zelo nas devassas, nas visitas, nas residências; depois de tanta conta aos homens, dai agora conta a Deus.

O primeiro que usou mal da capa da virtude foi Lúcifer, acusando aos outros Anjos: *Acusabat illos ante conspectum Dei die, ac nocte;*<sup>p</sup> disse S. João no seu Apocalipse: a capa era de zelo, porém com ela encubriu sua condição luciferina: Censurou Judas a Madalena de não gastar com os pobres os unguentos preciosos, a capa era de caridade, porém com ela encubria sua ambição. Condenaram os dous Juízes a Susana, conforme sua ordenação, a capa era da lei, porém com ela

---

<sup>o</sup> Ref. ao Cavalo de Troia, lendário aparato de guerra dos gregos, mencionado especialmente na *Odisseia*, de Homero, e na *Eneida*, de Virgílio.

<sup>p</sup> **VL**, Apocalypsis Ioannis, c. 12, v. 10: *Et audiui vocem magnam in caelo dicentem: Nunc facta est salus, et virtus, et regnum Dei nostri, et potestas Christi eius: quia proiectus est accusator fratrum nostrorum, qui accusabat illos ante conspectum Dei nostri die ac nocte.* **BSP**: Ouvi uma grande voz no céu, que dizia: agora foi estabelecida a salvação, a força, o reino do nosso Deus e o poder do seu Cristo, porque foi precipitado o acusador de nossos irmãos, que os acusava de dia e de noite diante do nosso Deus.

---

<sup>117</sup> Madalena] Magdalena A.

120 encubriram sua vingança. Crucificaram os Fariseus a Cristo, a capa era de religião, porém com  
 ela encubriram seu ódio: Oh que de vezes se repete isto no mundo, que de vezes com capa de  
 virtude se disfarçam ódios, vinganças, ambições, e naturezas luciferinas; porém que se há de  
 seguir daqui? eu o direi: os Fariseus perderam-se, e os Juizes condenaram-se; perdeu-se Judas, e  
 condenou-se Lúcifer. Lúcifer foi o primeiro que no mundo se revestiu da capa de zelo; Lúcifer foi  
 125 o primeiro que em todo o mundo acusou; Lúcifer foi o primeiro que em todo o mundo se perdeu:  
 Oh quantos no dia do Juízo, quantos Anjos se verão acusados; mas quantos Luciferes se verão  
 perdidos! A verdade é, que o zelo de Deus foi Elias; desapareceu Elias largando a capa, e ficou só  
 no mundo a capa do zelo, no dia do Juízo se mandará restituir a capa a seu dono, e então se verão  
 ali enormidades, que se cubriam com esta capa.

130 Porém, não é só este o modo que há de capear os vícios, outro modo há igualmente  
 pernicioso, e vem a ser encubrir na Confissão as culpas, ou as circunstâncias delas; Oh que viciosa  
 capa: Ora demos que morra um pecador, assim com as culpas encubertas, e que assim seja chamado a  
 juízo: pecador desgraciado<sup>q</sup> por que não confessastes inteiramente todas tuas culpas? o único remédio  
 das culpas é a confissão; pois se cometestes as culpas, por que mal lograste<sup>r</sup> o remédio? que desculpa  
 135 se pode dar a este cargo, eu lhe não acho desculpa; poderia servir de desculpa o pejo natural, mas se  
 todos não tivéramos este pejo, se nos não corrêramos todos de descobrir nossas culpas a um homem  
 como nós, que merecimento teríamos em descobrir nossas culpas, a confissão é o Sacramento da  
 penitência, e como havia de ser penitência, se não fora mortificação, cometemos os pecados tão  
 licenciosamente, temos o remédio na confissão, e não havia de custar-nos algũa dificuldade o  
 140 remédio? assim às mãos lavadas havíamos de levar a absolvição, são

---

<sup>q</sup> Espanholismo? Confirmam-se ocorrências sem ditongação nas linhas 176 e 181 deste sermão.

<sup>r</sup> Segundo Cunha e Cintra (1999, p. 278-279), o uso de *vós* com referência a uma só pessoa é normal como tratamento de cerimônia em português antigo e clássico, e ainda é usado literariamente hoje. Seu emprego nesse trecho pode ter acarretado a oscilação de formas verbais flexionadas ora no singular, ora no plural (“confessastes [...] cometestes [...] mal lograste”>), relacionadas à segunda pessoa do discurso, singular (“pecador desgraciado [...] tuas culpas [...]”).

tão enormes nossas culpas, que nós mesmos nos corremos de as descobrir, e não nos havia de custar o perdão delas, ao menos esse pejo de as confessar? além de que pergunto assi, e que vergonha temos nós de confessar as faltas alheas, ainda mal, porque neste particular não há no mundo vergonha; pois mais nos devêramos nós correr de publicar as faltas alheas, que de confessar as próprias, e dou a razão; porque quando confesso meus pecados, faço um grande ato de virtude; quando publico os alheos cometo um gravíssimo pecado; e sobre ser pecado contra Deus, ainda pera com o mundo é vileza, e ignorância; é vileza porque faço ruins ausências a aquele a quem tal vez<sup>s</sup> mostro bom rosto, e que maior vileza? é também ignorância, porque em falar mal dos outros mostro, que não sei falar; ao menos mostro que não sei falar bem, e que maior ignorância! onde se vê mais a discrição dos homens, que no bem falar; pois como no falar mal dos outros pode consistir a discrição! Oh valha-me Deus senhores, que toscos juízos há no mundo! tão materiais hemos de ser, que nem ao menos saberemos conversar! faltam sucessos de guerra, mudanças de Monarquias, o curso das causas materiais, e outras mil matérias curiosas, por força havemos de falar em materialidades, na fraqueza deste, no defeito daqueloutro, que limitados discursos? Pois estai certos, que nenhum de nós murmura, que não seja murmurado; nenhum tem que notar, que não haja muito mais que notar nele: porque quando pera ser murmurado não tenha outro defeito mais que o murmurar, assaz tem em que justamente ser murmurado. Ora, ex aqui<sup>t</sup> como é mais pera envergonhar-nos de descobrir os pecados alheos, que o confessar os próprios; pois se contudo nos não envergonhamos de descobrir os pecados alheos, se nos não envergonhamos de cometer um pecado tão vil, na presença de tantos ouvintes, como nos envergonhamos de dizer a um Confessor, debaixo de sigilo, nossos pecados,

---

<sup>s</sup> Miranda e Ferreira (2007) sugerem que se entenda: “alguma vez”.

<sup>t</sup> No *Ecce Homo*, a forma latina *ex* concorre com *eis* (cf. Prática VI, ls. 180 a 188), em função adverbial. Sobre essa variação, confira-se a alínea “e” da seção 2.3.2.2 deste trabalho.

e se nos não envergonhamos de os cometer, como nos envergonhamos de os confessar? Dai lá disto reposta a Deus! isto não tem reposta.

165 O que resta daqui é, que quem se corre de confessar suas culpas, que fuja à ocasião de cometê-las, e escusará a vergonha de confessá-las; façamos este discurso; este tal pecado é tão enorme, que se o chegar a cometer, me hei de correr de o confessar, pera o confessar corro-me; pera o não confessar condeno-me; pois pecado tão enorme, cuja consequência é minha condenação; pecado tão enorme, que não hei de atrever-me a confessá-lo, como me atrevo eu a cometê-lo, este é o remédio, antes de cometida a culpa, porque depois de cometida só a confissão é o remédio, 170 porque de outra sorte ficais não só com a culpa, que cometestes, senão também com os outros pecados, que confessastes, e de mais com um sacrilégio, que cometestes, ficando sempre obrigados a refazer estas confissões; porque todas foram nulas, e de outra sorte não há salvação. Pelo que Cristãos confessemos de plano nossos pecados, e a menor circunstância deles: não paliemos nossas culpas, basta aquela Capa de Cristo pera cobrir-nos; porque é mui poderosa aquela Capa: quem 175 cubrir suas culpas com a capa de Cristo? oh bem-aventurado pecador; mas quem as cubrir com sua própria capa, oh pecador desgraçado! Dizia Davi, que eram bem-aventurados os que tinham os pecados encubertos: *Beati quorum remissæ sunt iniquitates, et quorum tecta sunt peccata:*<sup>u</sup> falava de pecados cubertos com a Capa de Cristo, que de tal maneira cobre, que juntamente perdoa, e os que têm os pecados cubertos com a capa de Cristo, estes se devem chamar bem-aventurados: *Beati quorum remissæ sunt, etc.* mas os que têm os pecados cubertos com capa, que os não deixa 180 perdoados, os que têm os pecados cubertos com sua própria capa, oh desgraçados pecadores! Bateu Deus às portas de ãa alma, e, resistindo ela a seus golpes, ausentou-se Deus de suas por-

---

<sup>u</sup> VL, Liber Psalmorum, c. 31, v. 1: *Beati, quorum remissæ sunt iniquitates: et quorum tecta sunt peccata.* BSP: *Bem-aventurados aqueles cujas iniquidades foram perdoadas / e cujos pecados são apagados.*

tas, deu-se ela finalmente por culpada, tomou a capa, e saindo em busca de Deus, executaram nela cruel vingança os ministros da divina Justiça: *Percusserunt me, vulneraverunt me, tulerunt pallium meum*:<sup>v</sup> reparo assi, esta alma ainda que culpada não ia em busca de Deus? pois se vai buscar o remédio, como encontra o castigo: direi: esta alma estando culpada embuçou-se, tomou a capa indo buscar a Deus, e quando ãa alma indo buscar a Deus pera remédio de suas culpas, lança sobre os ombros a capa, em vez do remédio encontra o castigo: *percusserunt me*; devera esta alma esperar que Cristo lhe lançasse a capa por cima, e pera isto havia de ir sem capa; indo culpada devia chegar-se a Deus descuberta, devia esperar que a cobrisse a capa de Cristo, e ela cobriu-se com sua própria capa: *pallium meum*; pois que se havia de seguir? que se havia de seguir, senão experimentar o castigo: *percusserunt me*, e por fim de tudo tirem-lhe a própria capa: *tulerunt pallium meum*: Oh como se verá no dia do Juízo representada esta tragédia? a quantos se dará o último castigo, porque levarão capa à Confissão, e a quantos se tirarão as capas no dia do Juízo que de culpas encubertas se descobrirão naquele dia; pois se assim se hão de descobrir perante todo o universo pera nossa confusão, não é mais conveniente, que se descubram agora ao Confessor pera nosso remédio! Em resolução fiéis, basta aquela Capa de Cristo pera nos cubrir, esperemos o perdão daquele Senhor, que aquela Capa basta pera nos amparar, porém se bem nossas culpas nos podem causar grandes temores; naquela púrpura podemos fundar grandes esperanças. Quando o Sol no seu Ocidente se põe entre púrpuras, promete serenidades: *Serenum erit, rubicundum est enim Cælum*,<sup>w</sup> pois se Cristo divino Sol de Justiça, quando mais vezinho a seu ocaso, está cercado de púrpura, que tempestades podemos temer, e que serenidades não podemos esperar.

Cheguemos pois almas Cristãs, cheguemo-nos a pedir o

---

<sup>v</sup> **VL**, Canticum Canticorum, c. 5, v. 7: *Inuenerunt me custodes qui circumeunt ciuitatem; percusserunt me, et vulnerauerunt me: tulerunt pallium meum mihi custodes murorum.* **BSP**: *Encontraram-me os guardas que rondam a cidade, / deram-me, e feriram-me. / Tiraram-me o meu manto os guardas das muralhas.*

<sup>w</sup> **VL**, Evangelium secundum Matthaeum, c. 16, v. 2: *At ille respondens, ait illis: Facto vespere dicitis: Serenum erit, rubicundum est enim cælum;* **BSP**: *Ele, porém, respondendo, disse-lhes: Vós, quando vai chegando a noite, dizeis: Haverá tempo sereno, porque o céu está vermelho.*

---

<sup>204</sup> Cristãs] Christãs A.

205 perdão de nossas culpas, que pera amparar-nos com aquela Capa nos está esperando aquele  
 Senhor; Oh meu Jesus de minha alma! Oh meu amantíssimo Jesus, que de vezes Senhor vos  
 temos ofendido, e que de vezes nos tendes amparado, que de culpas nossas não cubris com essa  
 Capa, mas que afetos vossos não descobris! Oh como estais amoroso quando mais injuriado, que  
 divinamente mudais as afrontas de vossa grandeza, em galas de vosso amor; mas descubri  
 210 Senhor, lançai dos ombros a Capa, e em vossas chagas veremos nossas culpas. Ah Cristãos! Ex  
 ali o divino Elias, quando mais arrebatado entre incêndios de seu amor, lança dos ombros a capa  
 pera prendas de sua afeição, pera remédio de nosso desamparo; porém se lançou dos ombros a  
 Capa de púrpura, nas costas lhe fica a púrpura do sangue, dos ombros lhe cai a Capa composta de  
 fios de púrpura, nas costas lhe fica a púrpura correndo em fios de sangue! Oh se caíramos nós em  
 215 ãa, e outra fineza! A Capa de púrpura cai pera nosso amparo, a púrpura de sangue corre pera  
 nosso remédio; a capa de púrpura cai pera cobrir-nos, a púrpura de sangue corre pera lavar-nos.  
 No Cenáculo largou Cristo as vestiduras pera lavar com água os pés dos seus Discípulos, agora  
 larga a Capa dos ombros pera lavar com sangue nossas culpas; Oh que de culpas tem que lavar  
 aquele sangue; Ex ali fiéis o que cubria aquela púrpura, culpas dos homens e finezas de Cristo, e  
 220 que mal que dizem junto a tantas finezas, tantas culpas! Oh quem nunca vos ofendera meu bom  
 Jesus! Oh quem sempre vos amara meu Jesus do meu coração; mas Senhor já que com essa Capa  
 cubris nossas culpas, cubri nossas ingratidões, perdoai-nos Senhor por quem vós sois; perdão  
 meu Deus da minha alma, misericórdia Senhor, pera que assim mereçamos vossa graça, que é o  
 penhor da Glória: *Ad quam nos perducat Dominus Iesus Christus. Amen.*<sup>x</sup>

---

<sup>x</sup> “À qual nos conduza o Senhor Jesus Cristo. Amém” (tradução nossa). Fórmula de encerramento de sermões e textos doutrinários, como a *Summa Theologica* (*quæst.* 189, *art.* 10), de S. Tomaz de Aquino.

---

<sup>213</sup> cai] cahe A, *passim*.

## PRÁTICA III.

## Das Cordas.

*Ecce Homo. Joann.19.*<sup>a</sup>

Também hoje temos a Cristo mui pera buscado, e mui pera temido, porque também  
 5 hoje o havemos de ver amante, e mui riguroso. É Cristo enquanto homem um Deus mui  
 humano, e há de ser enquanto homem um Juiz mui severo; e claro está que o havíamos de ver  
 hoje mui humano, e mui severo: pois hoje se nos propõe enquanto homem: *Ecce Homo*:  
 Continuando pois com a minha empresa, tratarei hoje de Cristo em prisões; e pera ir atado a  
 aquelas insígnias de Cristo, tratarei hoje de Cristo atado, tratarei daquelas cordas com que o  
 10 Senhor apareceu no Pretório de Pilatos, e nelas veremos, que sendo prisões de seu amor, são  
 instrumentos de sua indignação: Viu Ezequiel a Deus edificando a Cidade de Hierusalém,<sup>b</sup> e  
 viu que trazia nas mãos ãa corda; *funiculus ligneus in manibus ejus*,<sup>c</sup> viu também Hieremias<sup>d</sup>  
 a Deus destruindo a mesma Cidade, e viu que trazia ãa corda nas mãos: *tetendit funiculum*  
*suum*,<sup>e</sup> já estão na dificuldade: a mesma corda, o mesmo instrumento pera

<sup>a</sup> Vulgata Latina (1605), doravante **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 19, v. 5: (*Exivit ergo Jesus portans coronam spineam, et purpureum vestimentum.*) *Et dicit eis: Ecce homo.* Bíblia Sagrada – Edições Paulinas (1986), doravante **BSP**: *Saiu, pois Jesus, trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. E (Pilatos) disse-lhes: Eis aqui o homem.*

<sup>b</sup> *Hierusalem, Jerusalem e Ierusalem* são variantes abonadas em Bluteau (1713). Sobre a variação entre <Hier->, <Jer-> e <Ier->, confira-se a seção 2.3.2.3 deste trabalho.

<sup>c</sup> **VL**, Prophetia Ezechielis, c. 40, v. 3: *Et introduxit me illuc: et ecce vir, cuius erat species quasi species æris, et funiculus lineus in manu eius, et calamus mensuræ in manu eius: stabat autem in porta.* **BSP**: *Introduziu-me lá, e eis um homem, cujo aspecto era como de bronze, tinha numa das mãos um cordel de linho e na outra uma cana de medir; estava à porta.*

<sup>d</sup> Nos sermões de Eusébio de Matos, registram-se as variantes *Hyeremias (Ecce Homo)*, *Ieremias (Sermão de Soledade)* e *Jeremias (Sermão Nono)*. Embora não haja nenhuma relação etimológica entre as letras iniciais deste nome e o antepositivo *hier(o)-*, advindo da palavra grega *hierós* (“santo”, “sagrado”), a associação pode ter ocorrido pela semelhança com a forma latina de Jerônimo (*Hieronimus*, “nome sagrado”), e outros vocábulos formados com o antepositivo *hier(o)-* ou a ele associados pela etimologia popular (a exemplo do que ocorreu com o nome *Jerusalém* <*Ierusalem* <*Hierousalēm* <*Ierushaláim*). Sobre a variação entre <Hier->, <Jer-> e <Ier->, confira-se a seção 2.3.2.3 deste trabalho.

<sup>e</sup> **VL**, Lamentationes, c. 2, v. 8: *Cogitavit Dominus dissipare murum filiae Sion: tetendit funiculum suum, et non auertit manum suam a perditione: luxitque antemurale, et murus pariter dissipatus est.* **BSP**: *O Senhor resolveu destruir o muro da filha de Sião; / estendeu o seu cordel, / e não retirou a sua mão, / sem que ficasse tudo arruinado; / o antemuro gemeu, / e o muro também foi destruído.*

<sup>1</sup> Prática] Practica A.

15 tão diversas ações? Ezequiel vê a Deus edificando, Hieremias vê a Deus destruindo, ambos veem a mesma corda nas mãos de Deus? Si, que pelos mesmos fios por onde Deus nos ama nos castiga; por isso a mesma corda que serve a Deus para edificar, lhe serve também para destruir. Deus vem a edificar como benigno, e vem a destruir como rigoroso, e porque Deus com as cordas nas mãos é tão rigoroso como benigno, por isso usa de corda para edificar: *funiculus in manibus*  
 20 *ejus*, e usa de corda para destruir: *tetendit funiculum suum*, temos hoje que ponderar a Cristo com a corda nas mãos, e quem duvida que por aquela corda se não de medir juntamente nosso remédio, e nosso castigo, quem duvida que com aquela mesma corda se nos representa Cristo mui amante, e mui rigoroso? Ora vejamos a, e outra parte.

Primeiramente está Cristo mui amoroso atado com aquelas cordas, porque somente seu amor o pudera ter atado: *nullum vinculum*; diz S. Lourenço Justiniano: *Nullum vinculum Dei tenere possit, si charitatis vinculum defuisset*.<sup>f</sup> Se Cristo nos não amara, quem havia de atar as mãos de Cristo, sendo Cristo tão poderoso; quem senão seu próprio amor lhe pudera atar as mãos? notável caso: que sendo Sansão a guedelha de todo o esforço, Dalila a mulher fraca por tantas vezes lhe atasse as mãos; pois assim se deixa amarrar tão abalizado esforço? Quis Davi  
 30 louvar mais encarecidamente o esforço de Abner, e disse desta sorte: *Nequaquam ut mori solent ignavi mortuus est Abner; manus tuæ ligatæ non sunt, et pedes tui non sunt compedibus aggravati*.<sup>g</sup> Abner nunca viveu como cobarde, até na morte procedeu como valeroso, e isso por quê? Porque nunca se permitiu a prisões, ninguém lhe viu nunca atadas as mãos; morto si, mas não atado; cedeu aquele valor ao amor, porém não cedeu à prisão. De sorte que para Davi lhe calificar o esforço, encareceu-lhe a liberdade, e para exagerar o quanto pudera, disse  
 35

---

<sup>f</sup> “Nenhum vínculo poderia ter com Deus, se faltasse o vínculo da caridade” (tradução nossa). Referência a um trecho do cap. VI, *Tract. IV – De Charitate, Lignum vitæ: Nullum vinculum Filium Dei ad columnam tenere potuisset, si charitatis vinculum defuisset.* (JUSTINIANI, 1628).

<sup>g</sup> **VL**, II Samuelis, c. 3, v. 33-34: *Plangensque rex et lugens Abner, ait: Nequaquam vt mori solent ignavi, mortuus est Abner. Manus tuæ ligatæ non sunt, et pedes tui non sunt compedibus aggravati: sed sicut solent cadere coram filiis iniquitatis, sic corruisti. Congeminansque omnis populus fleuit super eum.* **BSP**: *O rei, pranteando e chorando Abner, disse: Abner não morreu como costumam morrer os cobardes. As tuas mãos não foram atadas, nem teus pés carregados de grilhões, mas caíste como se cai diante dos filhos da iniquidade.*

---

<sup>15</sup> veem] vem A.

<sup>29</sup> Davi] David A, *passim*.

que ninguém o atara: *Manus tuæ ligatæ non sunt*; Pois se em não ter as mãos atadas consiste o pundonor do esforço, tendo Sansão tão conhecido esforço, como permite a Dalila, que lhe ate as mãos? esses são os privilégios do amor, que não se permitindo a prisões o esforço, só o amor o pode pôr em prisões. Amava Sansão cegamente a Dalila, e pera mostrar àquele ídolo de sua cegueira, os extremos de seu amor, permitiu que apesar de seus brios lhe atasse as mãos, e que  
 40 fineza fora o entregar-se a prisões, se não tivera valor que acreditasse a fineza? Se não fora tão grande o valor de Sansão, podiam ser aquelas cordas testemunhas de sua fraqueza, mas sendo seu valor tão grande, não podiam ser aquelas cordas senão argumentos de seu amor. Pois sendo tanto mais avantajado o poder de Cristo, que o de Sansão, e se contudo o vemos com as mãos atadas,  
 45 que havemos de dizer, senão que seu amor lhe tem atadas as mãos! braços tão esforçados, e rendidos, mãos tão poderosas, e atadas? obra é de amor sem dúvida, como não foi falta de esforço, sem dúvida foi força de amor.

Com ser o amor ato da vontade, contudo não há de ser voluntário quem tem amor; tudo conquista o amor pera render ãa alma; porém a primeira cousa que conquista é a liberdade; ser  
 50 amante, e viver livre, mal se compadece;<sup>h</sup> porque mal vive em sua liberdade, quem vive sojeito às leis do amor, quem se não cativa não ama: porque amar é cativar-se, e aquele mais perfeitamente ama, que mais estreitamente se cativa. Amavam-se Jônatas, e Davi, e porque ambos se amavam, ambos entre si viviam presos, e atados: *Anima Ionathæ conglutinata est animæ David*,<sup>i</sup> contudo concordam todos em que Jônatas amava mais a Davi, do que Davi amava a Jônatas; por isso na  
 55 Escritura se encarece tanto mais o amor de Jônatas, que o amor de Davi, que seis vezes se diz expressamente, que Jônatas amava a Davi, e ãa só vez que Davi amava a Jônatas, e isso em

---

<sup>h</sup> Mesmo que harmoniza (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>i</sup> **VL**, Liber I Samuelis, c. 18, v. 1: *Et factum est cum conplesset loqui ad Saul: anima Ionathæ conglutinata est animæ Daudid, et dilexit eum Ionathas quasi animam suam. BSP: Aconteceu pois que, acabando Davi de falar com Saul, a alma de Jônatas ficou intimamente ligada à alma de Davi, e Jônatas amou-o como a sua própria vida.*

---

<sup>48</sup> ato] acto A.

termo imperfeito, e só por boca do mesmo Davi: *Ego te diligebam*,<sup>j</sup> pois isso por que razão? não viviam presas entre si aquelas duas vontades, não viviam aquelas duas almas atadas ambas entre si; pois por que razão se encareceu mais na Escritura o amor de Jônatas, que o amor de Davi; a  
 60 razão é, porque se bem viviam entre si atadas aquelas duas almas, contudo não foi Davi o que se cativou a Jônatas, Jônatas foi o que se cativou a Davi: *Anima Ionathæ conglutinata est animæ David*; e como aquele mais ama, que mais se cativa, como aquele tem mais amor, que tem menos liberdade, por isso foi mais encarecido o amor de Jônatas, porque teve menos liberdade que Davi. Pera maior confirmação comparemos o amor, que os homens têm a Deus na glória, com o amor  
 65 que lhe têm na terra, qual destes é o mais perfeito amor? Claro está que o amor que lhe têm na glória; e isso por quê? porque o amor que lhe têm na terra é livre, e o amor que lhe têm na pátria é necessário, e o amor sem liberdade é mais perfeito, que o amor com liberdade; por isso na glória donde se ama com menos liberdade, se ama com mais perfeição; por isso o amor que os homens têm a Deus na terra, é amor menos perfeito, e o que lhe têm na glória é mais perfeito  
 70 amor, logo bem dizia eu, que aquele tem mais perfeito amor, que tem menos liberdade: bem dizia que aquele mais perfeitamente ama, que mais rendidamente se cativa.

Pois se aquele é mais amante que vive menos livre, que muito<sup>k</sup> que diga eu, que quando Cristo se nos apresenta preso, então se nos encarece amante. É o Espírito Santo o amor divino, e reparo eu muito em que este amor se visse na criação do mundo somente sobre as águas,  
 75 *Spiritus Domini ferebatur super aquas*,<sup>l</sup> e por que razão se viu este amor somente nas águas? por que não em algum dos outros elementos; a razão verdadeira ele a sabe, o que eu sei é que entre todos os elementos, nenhum tem correntes senão as

---

<sup>j</sup> VL, Liber II Samuelis, c. 1, v. 26: *Doleo super te frater mi Ionatha, decore nimis, et amabilis super amorem mulierum. Sicut mater vnicum amat filium suum, ita ego te diligebam.* BSP: *Choro por ti, ó meu irmão Jonatas, o mais gentil e mais amável que o amor das mulheres. Eu amava-te como uma mãe ama o seu filho único.*

<sup>k</sup> A expressão “que muito”, frequente também nos sermões de Vieira, equivale a “que há de estranho”, “que admiração” (cf. *Léxicon*. In: VIEIRA, 2010, p. 643).

<sup>l</sup> VL, Liber Genesis, c. 1, v. 2. *Terra autem erat inanis et vacua, et tenebræ erant super faciem abyssi: et Spiritus Dei ferebatur super aquas.* BSP: *A terra, porém, estava informe e vazia, e as trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus movia-se sobre as águas.*

---

<sup>73</sup> Santo] Sancto (e formas cognatas) A, *passim*.

ágoas, e como o amor verdadeiro se vê nas prisões; por isso o divino amor se viu nas correntes. Pois quem deixará de conhecer o amor de Cristo, quando o vir entre prisões, quem pondo os  
 80 olhos naquelas cordas de Cristo, deixará de conhecer na perda de sua liberdade, os impérios de seu amor! Em toda a composição do corpo, não se acham outras cordas, mais que as cordas do coração, e por que causa o coração há de viver entre cordas, mais que as outras partes do corpo?<sup>m</sup> eu dissera que só o coração vive preso entre cordas; porque de todo o corpo a parte mais amorosa é o coração: e sendo o coração mais amoroso, quem duvida que havia de viver entre cordas! Oh  
 85 meu Jesus do meu coração, meu Jesus, e meu Redentor, e que bem vos competem as cordas, sendo vós tão amoroso! Todos Senhor vos veneram por cabeça do gênero humano; porém eu por muitos maiores títulos vos chamara nosso coração, não só porque a dispêndio de vosso sangue se formaram os espíritos de nossa vida, senão porque de todo este corpo místico sois vós a parte mais amorosa, e sendo vós todo nosso coração, que muito que vivais entre cordas? que muito  
 90 sendo tão grande vosso amor! E quem cuidara meu Deus, que podiam consistir nas grosserias as finezas, na grosseria dessas cordas, as finezas de vosso amor; porém quem há de cuidar, sendo as cordas que vos atam doces prisões de vosso amor, amorosos laços de vossa afeição: Oh que justo fora meu Deus da minha alma, que justo fora, que atadas vossas mãos com cordas, nossos olhos se desatassem em lágrimas, que bem se corresponderão as cordas, e as correntes; as cordas de  
 95 vossas mãos, e as correntes de nossos olhos! Oh sirvam Senhor vossas cordas de arrastar nossos afetos: *trahe me post te*:<sup>n</sup> vivamos presos meu Deus, vivamos unidos: *in funiculis Adam, in vinculis charitatis*,<sup>o</sup> e já que vós sois todo o nosso coração, assi por preso, como por amoroso, fazei meu doce Jesus, com que vos amemos todos de todo o coração.

---

<sup>m</sup> Referência a filamentos do coração que, em anatomia, denominam-se cordas tendíneas.

<sup>n</sup> **VL**, Canticum Canticorum, c. 1, v. 3: *Trahe me: post te curremus in odorem vnguentorum tuorum. Introduxit me rex in cellaria sua: exultabimus et lætabimur in te, memores vberum tuorum super vinum: recti diligunt te.* **BSP**: *Leva-me após ti: / nós correremos atrás do cheiro dos teus perfumes. / O rei introduziu-me nos seus aposentos interiores; / nós nos regozijaremos e nos alegraremos em ti, / lembradas de que os teus amores são melhores do que o vinho, / os (corações) retos amam-te.*

<sup>o</sup> **VL**, Prophetia Osee, c. 11, v. 4: *In funiculis Adam traham eos, in vinculis charitatis: et ero eis quasi exaltans iugum super maxillas eorum: et declinaui ad eum vt vesceretur.* **BSP**: *Atraí-os para mim com vínculos próprios de homens, com os vínculos da caridade; fui para eles como o que tira o jugo de cima dos seus queixos e aproximei-me deles para os nutrir.*

---

<sup>96</sup> afetos] affectos A.

100 Mas ah fiéis, que temo, temo que algum dia se desatem aqueles laços e que arrebetem  
aquelas cordas. A soga é o Emblema da justiça<sup>p</sup> (como todos sabem) pelo que se aquelas cordas  
de Cristo são agora prisões de seu amor, adverti, que também são instrumentos de sua justiça. Lá  
entrou Cristo ãa hora no Templo, e encontrando não sei que desordem, de ãas cordas fez açoute  
com que executou o castigo: *Et cum fecisset flagellum de funiculis, omnes ejecit de templo.*<sup>q</sup>  
105 Olhai que aquelas cordas podem ser nosso flagelo, e olhai que pode Cristo formar daquelas  
cordas açoute: *Quasi flagellum de funiculis* quando cada qual de nós for chamado a juízo perante  
aquele Senhor, que conta lhe daremos, de que estando ele atado com aquelas cordas, vivêssemos  
nós com tanta soltura? Cristo por nossas culpas atado, e nós tão desalmadamente a multiplicar as  
culpas! Oh que grande matéria pera dar conta a Deus? Cristãos qualquer pecado mortal não merece  
110 por castigo menos, que um Inferno; mas todavia quando cometemos as culpas como enleados, com  
receo da divina Justiça, parece que estamos enternecendo a divina misericórdia, porque como o cair  
é pensão<sup>r</sup> (bem infeliz de nossa natureza) em nossa própria fraqueza temos algũa desculpa, porém  
quem desarmadamente, e à rédea solta se entrega a todo o gênero de vícios, que esperança pode ter  
de sua salvação, um ginete<sup>s</sup> desenfreado onde para, senão em precipícios, desamarrado um baixel,<sup>t</sup>  
115 onde acaba, senão em naufrágios, e precipícios! não desejamos todos saber se nos salvaremos ou  
não; pois tomai este sinal, que é aprovado de todos os Santos Padres. Aquele que ofende a Deus a  
medo, e como atado, e ainda depois de o ofender fica como enleado de corrido,<sup>u</sup> o mais provável é  
que se salvará; mas aquele que desenvoltamente ofende a Deus, todo desempedido, mui solto, mui  
desenfadado, aqui há poucas esperanças do remédio, o mais provável é, que se há de perder, o mais  
120 certo é, que se há de condenar.

<sup>p</sup> A soga (corda grossa) remete ao poder de prender alguém ou executá-lo pela força. A expressão ligada à administração judiciária, “Senhor de Soga e Cutelo”, diz respeito àquele que tinha o poder de impor a pena máxima, e cortamento dos membros (cf. MORAES SILVA, 1823, p. 697).

<sup>q</sup> VL, Evangelium secundum Ioannem, c. 2, v. 15: *Et cum fecisset quasi flagellum de funiculis, omnes eiecit de templo, oves quoque, et boues, et numulariorum effudit aēs, et mensas subuertit.* BSP: *E, tendo feito um como azorraque de cordas, expulsou-os a todos do templo, e com eles as ovelhas e os bois, deitou por terra o dinheiro dos cambistas e derrubou as mesas.*

<sup>r</sup> Mesmo que ônus (cf. FERNANDES, 1955).

<sup>s</sup> Embora o vocábulo possa se referir ao animal de montaria ou ao cavaleiro, neste contexto se refere ao animal.

<sup>t</sup> Barco de grande porte e baixa parte do casco que fica acima da linha-d'água em plena carga (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>u</sup> A expressão equivale a “perplexo de vexame” (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>120</sup> condenar] condemnar (e formas cognatas) A, *passim*.

Oh que arriscadas que são, Católico auditório, que arriscadas que são as solturas de nossas vidas? que arriscado que vive um pecador solto: disse Cristo (que ainda entre os Cristãos tenho horror de o dizer, porém por que não direi eu o que disse Cristo), disse que ainda dos Cristãos eram mui poucos os que se haviam de salvar, e que os mais deles se haviam de perder: *Multi sunt vocati, pauci vero electi*.<sup>v</sup> e para Cristo explicar então a sorte dos que sendo Cristãos se haviam de perder, usou da Parábola de um Rei, que mandou atar de pés, e mãos a um seu convidado: *Ligatis manibus, et pedibus mittite eum in tenebras exteriores*,<sup>w</sup> de maneira que o convidado, que Deus mandou amarrar, esse representa a um Cristão, que se há de perder; pois por que causa representa a um condenado o pecador que Deus mandou amarrar? Oh desgraçada soltura; notai, se sendo ele pecador Deus o mandou amarrar, segue-se que apareceu solto diante de Deus sendo pecador; pois um pecador solto que podia vir a ser, senão um condenado; Esta é a sorte dos precitos, passar a vida em solturas, e pera que se hão de conhecer aqueles muitos que ainda de entre os Cristãos são precitos; porque os predestinados vivam em continuos apertos: Os justos vivem sempre atados. Vede um S. João Batista em correntes: *Ioannes in vinculis*.<sup>x</sup> Vede um S. Pedro em cadeas: *vinctus catenis*.<sup>y</sup> Vede um S. Paulo em prisões: *In carceribus*,<sup>z</sup> e o que mais é, vede aquele Senhor, a suma inocência, com ùa corda lançada afrontosamente ao pescoço, e as mãos atadas cruelmente com aquela corda; pois se as maiores santidades assi vivem, se as maiores santidades vivem entre prisões, como pretende um pecador salvar-se entre solturas? que dirão os homens no dia do juízo aparecendo com soltura diante de Cristo? e Cristo com aquelas cordas por amor dos homens, a culpa solta pera ser julgada pela inocência presa! terrível tribunal! Oh como

---

<sup>v</sup> VL, Evangelium secuncum Mattæum, c. 20, v. 16: *Sic erunt nouissimi primi, et primi nouissimi: multi enim sunt vocati, pauci vero electi*. BSP: Assim os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos, porque são muitos os chamados, e poucos os escolhidos.

<sup>w</sup> VL, *ibidem*, c. 22, v. 13: *Tunc dixit rex ministris: Ligatis manibus et pedibus eius, mittite eum in tenebras exteriores: ibi erit fletus, et stridor dentium*. BSP: Então disse o rei aos seus servos: Atai-os de pés e mãos, e lançai-o nas trevas exteriores; aí haverá pranto e ranger de dentes.

<sup>x</sup> VL, *ibidem*, c. 11, v. 2: *Iohannes autem cum audisset in vinculis opera Christi, mittens duos de discipulis suis, [...]*. BSP: Como João, estando no cárcere, tivesse ouvido falar das obras de Cristo, enviou dois de seus discípulos, [...].

<sup>y</sup> VL, Actus Apostolorum, 12, v. 6: *Cum autem producturus eum esset Herodes, in ipsa nocte erat Petrus dormiens inter duos milites, vinctus catenis duabus: et custodes ante ostium custodiebant carcerem*. BSP: Ora, na mesma noite em que Herodes estava para o apresentar (ao povo), Pedro dormia entre dois soldados, preso com duas cadeias; os guardas à porta vigiavam a prisão.

<sup>z</sup> VL, Epistula ad Corinthios II, c. 11, v. 23: *Ministri Christi sunt (vt minus sapiens dico) plus ego: in laboribus plurimis, in carceribus abundantius, in plagis supra modum, in mortibus frequenter*. BSP: são ministros de Cristo (falo como menos sábio), mais do que eles o sou eu; mais nos trabalhos, mais nos cárceres, em açoites sem medida, frequentemente em perigos de morte.

---

<sup>135</sup> Batista] Baptista A.

se confundirão então os pecadores? E por que nos não confundiremos agora? aquele Senhor com as mãos atadas por nossas culpas, e nós com tanta soltura ofendendo àquele Senhor! a santidade em prisões, e o pecado com solturas, que matéria pera nossa confusão.

145           Contudo não só tomará aquele Senhor estreita conta aos pecadores, que viveram soltos, senão também aos que viveram amarrados; soltos à culpa, e amarrados à culpa, todos hão de dar a Deus mui estreita conta. Toda a ofensa de Deus é matéria de que se há de dar mui estreita conta a Deus; porém os que vivem amarrados a seus vícios hão de dar conta a Deus muito mais estreita; que lástima, que confusão será no dia do Juízo, ouvir o ruído das cadeas, e o estrondo  
150 das correntes; de todos aqueles, que vivendo neste mundo amarrados a suas inclinações, no outro mundo aparecerão amarrados: Oh que se verá naquele último dia: Os excomungados, e ligados com censuras virão arrastando cadeas: os blasfemos, e perjuros trarão mordças: os homicidas algemas; os sensuais peas, e os difamadores correntes; os concubinários grilhões: os adúlteros esporas; os ladrões baraços: os murmuradores pegas, que estrondos, que ruído, que  
155 confusão! Ex todos perante o tribunal divino: pecadores desgraçados, e que prisões são essas, não vos pus todos em liberdade, quando a mim me ataram estas mãos; pois como vos vejo agora sem liberdade; não bastava cometer as culpas, senão admitir as prisões! Ah fiéis que não sei que reposta podem dar a Deus os prisioneiros do pecado; que criando-nos Deus em nosso livre alvedrio, que sendo nós senhores de nossa própria liberdade (ainda a respeito do mesmo  
160 Deus) que cativemos nossa vontade ao apetite, ao pecado, e ao Demônio; que caia um homem em ãa ocasião de pecado, desculpa tem em sua fraqueza; mas que viva amarrado à ocasião, que desculpa tem? não é senhor de sua vontade, por que se não solta, não

tem livre alvedrio, por que se não desembaraça? a maior lástima é, que sendo a confissão o lugar onde se deixam estes grilhões, sendo a confissão o lugar onde se soltam estas cadeas, tornam  
 165 muitos com as mesmas cadeas da própria confissão: fiéis desenganemo-nos, quem não leva da confissão um propósito, e ãa resolução mui firme de não continuar no pecado, não se confessou, vai ligado com as mesmas culpas; leva arrastando as mesmas prisões, e quem vive amarrado desta sorte, amarrado há de aparecer no Tribunal divino, triste daquele que lá aparecer amarrado:  
 170 *Vae homini illi,*<sup>aa</sup> se cá nesta vida lhe parecem doces estas prisões, algũa hora há de morrer, pois lá lhe achará o engano na outra vida, assi o disse Salamão: *Iniquitates suæ capiunt impium, et funibus peccatorum suorum constringitur, ipse morietur, et in multitudine stultitiæ suæ decipietur.*<sup>bb</sup>

Pecaram os Anjos, e sendo chamados a juízo, foram logo condenados; pecou o homem, e sendo no Paraíso terreal chamado a juízo, deu suas desculpas, e obrigou-se o Filho  
 175 de Deus a dar-lhe o remédio, agora pergunto: assim como o Verbo divino encarnado remiu o gênero humano, por que não remiu também a natureza Angélica? por que causa foram logo condenados os Anjos sendo chamados a juízo, grande confirmação do que digo, a natureza dos homens é mudável, e assi como comete a culpa, pode também deixar o pecado; por isso tratou Deus de seu remédio; porém os Anjos como são tão apreensivos, e amarrados à sua  
 180 opinião, não haviam de emendar-se; ali ferraram onde caíram, cometeram o pecado, e ali se amarraram; pois natureza tão amarrada ao pecado, perder-lhe as esperanças ao remédio, sendo chamada a juízo, há de sair condenada. Ah Cristãos, e que desgraça será dar a mesma causa, pera correr a mesma fortuna, o pecar será de homens, mas o amarrar ao pecado é de demônios, e será bem que lhe sigamos a sorte, que triste sorte; pois lhe imitamos a

---

<sup>aa</sup> “Mas ai daquele homem” (tradução nossa). Expressão presente nos evangelhos de Mateus (c. 26, v. 24) Marcos (c. 14, v. 21): *væ autem homini illi*.

<sup>bb</sup> **VL**, Liber Proverbiorum, c. 5, v. 22, 23: *Iniquitates suæ capiunt impium, et funibus peccatorum suorum constringitur. Ipse morietur, quia non habuit disciplinam, et multitudine stultitiæ suæ decipietur*. **BSP**: *O ímpio é presa das suas próprias iniquidades, / e é ligado com as cadeias dos seus pecados. Ele morrerá por falta de correção, / e se achará enganado pelo excesso da sua loucura.*

185 natureza. Em resolução fiéis, já que como homens pecamos, emendemo-nos como homens, rompam-se as prisões, desatem-se as cordas, deixemos alguma hora de viver atados à culpa, pois que por nossa culpa está aquele Senhor atado, antes que nos resolvamos<sup>cc</sup> em terra, resolvamos-nos, porque se nos resolvermos firmemente a não continuar no pecado, eu vos asseguro, que aquele Senhor vos conceda facilmente o perdão.

190 Não advertis naquela Imagem sagrada, como o divino amor lhe tem atadas as mãos? não advertis como não tem mãos para o castigo, vistas nossas culpas, parece que estava resolvida a divina Justiça a tomar delas vingança; porém ordena o amor, que as não castigue, e, posto que nossas culpas são tantas, e tão grandes, contudo rendeu-se finalmente Cristo, e cruzou os braços a seu amor; parece que dizendo-lhe desta sorte, aqui me tens rendido, mas rendido por amoroso; só  
195 a ti cruzaria os braços, desculpe-me quem me vir rendido, pelo que tenho de amante, quem conhecendo o valor de meus braços, me vir com os braços cruzados, não se admire, porque o mesmo amor, que me há de pôr os braços em uma Cruz, esse me pôs em cruz estes braços, esse me tem os braços cruzados! Oh meu Jesus da minha alma: Ora chegemo-nos, almas Cristãs, enquanto aquele Senhor tem as mãos atadas, aproveitemo-nos da ocasião, lancemos mão daquela  
200 corda, e sairemos do laberinto<sup>dd</sup> de nossas culpas, atemo-nos com aquelas prisões, e refrearemos a soltura de nossas vidas. Oh meu amantíssimo Jesus: divino prisioneiro de amor! Oh José preso para nossa redenção! Oh Isaque atado para o sacrifício! Oh Sol divino, que para ilustrar nossas almas atado às zonas de nosso amor, dais voltas a um, e outro hemisfério, que justo fora que atadas nossas mãos, se soltassem nossas lágrimas, mas para que as lágrimas se soltem, soltai a  
205 Capa Senhor! Ah meu Deus! Oh que espedaçado que estais meu doce Jesus! Oh dulcíssimo instro-

---

<sup>cc</sup> Miranda e Ferreira (2007) sugerem que se entenda “nos transformemos em terra, nos reduzamos a terra”, e chamam atenção para a antanáclase, ou diáfora, com o mesmo verbo empregado adiante com sentido diverso.

<sup>dd</sup> Alusão ao “fio de Ariadne” (mitologia grega), dado por ela mesma a Teseu, para que ele encontrasse a saída do labirinto do Minotauro.

---

<sup>198</sup> Cristãs] Christãs A.

<sup>201</sup> José] Ioseph A.

<sup>202</sup> redenção] redêpção A; Isaque] Isac A.

mento onde o amor pôs tantas cordas, pera imprimir tantos rasgos! Oh divino enfermo do amor, agora entendo que o amor vos atava os braços pera tirar-vos o sangue! Oh meu Deus, e meu Senhor, quando vosso amor dispunha tão fortes ataduras, quem duvida que já traçava tão copiosas sangrias! Oh Cristãos depois de considerar as cordas das mãos, vede as correntes de
   
 210 sangue; porventura que se não vos abalaram as cordas, vos movam as correntes, mova-vos o sangue, que se soltou; se os braços atados vos não moveram, se vos não moveram juntos todos os fios das cordas, mova-vos aquele sangue correndo em fio. Oh meu amantíssimo Jesus, tão apertado das mãos, e tão liberal do sangue? nas mãos tantos apertos, no sangue tanta largueza;
   
 215 mas sendo vós entre essas cordas todo o nosso coração, quem ignora que havíeis de dispender esse sangue para alentar nossa vida! Oh meu Deus, e vida minha: *funes ceciderunt in præclaris*,<sup>ee</sup> essas cordas de vossas mãos vinham caindo pera nosso remédio, porque nos estavam prometendo as abundâncias desse sangue! Oh quem nunca vos ofendera meu Deus de meu coração; mas vós com prisões, e nós com solturas! Oh quanto me pesa de haver-vos ofendido, e já pois Senhor, já que pera sermos perdoados temos tantas prendas nessas prisões, perdoai-nos meu bom Jesus
   
 220 enquanto não tendes mãos pera o castigo, concedei-nos Senhor o perdão, perdão meu Deus da minha alma, misericórdia Senhor, pera que com vossa misericórdia alcancemos a graça. *Amen.*

---

<sup>ee</sup> VL, Liber Psalmorum, c. 15, v. 6: *Funes ceciderunt mihi in præclaris: etenim hereditas mea præclara est mihi.*  
**BSP:** *As sortes me caíram em lugares deliciosos, / porque a minha herança (que é o próprio Deus) é excelente.*  
 Obs.: Várias traduções registram “cordel” para “funes” (“cordas”), o que faz mais sentido no contexto desta citação.

## PRÁTICA IV.

## Da Cana.

*Ecce Homo.* Joan.19.<sup>a</sup>

Só desta vez parece que [[não]]<sup>b</sup> veremos a Cristo amoroso, porque a insígnia que hoje hei  
 5 de ponderar, o representa todo severo: hei hoje de ponderar aquela Cana, que tem o Senhor nas  
 mãos, que com ser tão leve, tem muito que ponderar; e posto que a puseram na mão de Cristo com  
 título de Cetro, contudo daquela Cana disse engenhosamente S. Hierônimo,<sup>c</sup> que era a pena com  
 que Cristo escrevia nossas culpas: *Calamum tenebat in manu: ut sacrilegium scriberet*  
 10 *peccatorum;*<sup>d</sup> mas a meu intento disse S. Agostinho,<sup>e</sup> que aquela Cana de Cristo, era a vara de sua  
 justiça; *Dum arundinem imponunt virgam tradunt, et iudicem profitentur.*<sup>f</sup> E ou seja pena pera  
 escrever as culpas, ou seja vara pera executar a pena, segue-se que aquela Cana, sendo por ludíbrio  
 insígnia de Cristo, enquanto Rei, é por mistério insígnia de Cristo, enquanto Juiz: logo parece que não  
 veremos hoje a Cristo amante, senão todo riguroso. Ora com isto se representar assim, também hoje

---

<sup>a</sup> Vulgata Latina (1605), doravante **VL**, *Evangelium secundum Ioannem*, c. 19, v. 5: (*Exiit ergo Iesus portans coronam spineam, et purpureum vestimentum.*) *Et dicit eis: Ecce homo.* Bíblia Sagrada – Edições Paulinas (1986), doravante **BSP**: *Saiu, pois Jesus, trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. E (Pilatos) disse-lhes: Eis aqui o homem.*

<sup>b</sup> Como sugeriram Miranda e Ferreira (2007) ao realizarem a edição *C*, a falta desta palavra, imprescindível para o sentido deste trecho, indica um lapso do autor ou do tipógrafo.

<sup>c</sup> Bluteau, no *Vocabulário de Nomes Próprios* (1728, p. 33) registra Jeronymo, Hieronymo e Geronymo. Sobre a variação entre <Hier->, <Jer-> e <Ier->, confira-se a seção 2.3.2.3 deste trabalho.

<sup>d</sup> “Tinha na mão uma pena, para escrever o sacrilégio dos pecadores” (tradução nossa). Referência a um trecho do livro IV do comentário de S. Jerônimo ao evangelho de Mateus: *Sivi calamum tenebat in manu, ut sacrilegium scriberet Judæorum*. (HIERONYMI, tomus II, liber IV, In: GAUME, 1854, p. 171).

<sup>e</sup> Não foi possível localizar a fonte da citação nos textos de S. Agostinho consultados, mas o tomo 3º do *Despertador Christiano* [...] (1697, p. 314), de Joseph de Barzia y Zambrana, apresenta a mesma citação (inclusive seguida à de S. Jerônimo), e dá como referência “Aug. apud Matth. ser. 4”.

<sup>f</sup> “Enquanto empunham a pena, trazem a vara e proferem o julgamento” (tradução nossa).

---

<sup>1</sup> Prática] Practica A.

<sup>7</sup> Cetro] Sceptro A, *passim*.

15 havemos de ver a Cristo não só riguroso, mas também amante; porque posto que aquela vara seja  
 insígnia de Cristo, enquanto Juiz, contudo ainda está Cristo mui humano, porque aquela Cana é  
 insígnia de Cristo enquanto homem: *Ecce Homo*. Viu Isaías a vara alçada de Cristo: *Egredietur*  
*virga de radice Iesse*,<sup>g</sup> e viu que juntamente com a vara nascia uma flor: *Et flos de radice ejus*  
*ascendet*,<sup>h</sup> parece que não condiz o rigor da vara com a suavidade da flor, unidos tão distantes  
 20 extremos, rigor, e suavidade; mas o caso é que a vara que viu Isaías, não era vara de Cristo,  
 enquanto Deus, senão enquanto homem, enquanto homem descendente de Jessé: *de radice Iesse*,  
 e a vara de Cristo enquanto homem de tal maneira traz consigo o rigor, que leva de mistura a  
 suavidade, antes é tão piedosa, que amieçando castigos, brota em flores: *Et flos de radice ejus*  
*ascendet*, pois se a vara de Cristo é tão piedosa, que muito<sup>i</sup> que diga eu, que naquela Cana encerra  
 Cristo sua misericórdia, posto que seja a vara de sua justiça: especialmente quando é a vara da  
 25 justiça de Cristo enquanto homem: *Ecce Homo*.

Pera melhor entendermos a brandura, e suavidade daquela vara, pergunto assi: *Quid*  
*existis videre, arundinem vento agitatam*,<sup>j</sup> que é o que vedes naquela vara, ãa Cana que com o  
 vento se move; com o vento de nossos suspiros se move aquela Cana; notem, não diz que com o  
 os ventos se move, mas fala em singular, diz que se move com o vento: *vento agitatam*, com  
 30 um só suspiro se move aquela vara, a um só gemido se dobra, e que maior brandura: Vivia  
 castigado o povo Hebreu, mas abrandou-se finalmente a divina justiça, e tratou com Moisés de  
 seu remédio; porém por que causa se abrandou; *Audiui gemitum filiorum Israel*,<sup>k</sup> porque ouviu  
 um gemido dos filhos de Israel, se dissera o Senhor, que movido dos muitos suspiros do povo,  
 se abrandara, não era muito; mas que estando ofendido de to-

<sup>g</sup> VL, Liber Isaiaë, c. 11, v. 1: *Et egredietur virga de radice Iesse, et flos de radice eius ascendet*. BSP: Sairá uma vara do tronco de Jessé, e uma flor brotará de sua raiz.

<sup>h</sup> Loc. cit.

<sup>i</sup> A expressão “que muito”, frequente também nos sermões de Vieira, equivale a “que há de estranho”, “que admiração” (cf. *Léxicon*. In: VIEIRA, 2010, p. 643).

<sup>j</sup> VL, Evangelium secundum Matthæum, c. 11, v. 7: *Illis autem abeuntibus, cæpit Iesus dicere ad turbas de Ioanne: Quid existis in desertum videre? arundinem vento agitatam? BSP: Tendo eles partido, começou Jesus a falar de João às turbas: Que fostes vós ver ao deserto? Uma cana agitada pelo vento?*

<sup>k</sup> VL, Liber Exodus, c. 6, v. 5: *Ego audiui gemitum filiorum Israel, quo Ægyptii oppresserunt eos: et recordatus sum pacti mei*. BSP: Ovi o gemido dos filhos de Israel, que os egípcios têm oprimido; e lembrei-me da minha aliança.

35 do o povo de Israel, não ouvisse mais que um só suspiro em todo o povo, e que contudo se  
 abrandasse a um só suspiro; *audivi gemitum*, essa é a brandura da vara da justiça de Deus, é Deus  
 tão misericordioso, que a um só gemido que deu um pecador se abrandava sua justiça, por isso a  
 vara de Cristo é a Cana, que com o vento de um só suspiro se dobra, a um sopro de vento se  
 abala: *Arundinem vento agitatam*, com ser tão reta a vara de Cristo, não há vara que mais  
 40 facilmente se dobre; as varas das justiças do mundo não se dobram, senão com os muitos pesos;  
 porém a vara de Cristo dobra-se com um só pesar; as varas das justiças do mundo não se dobram,  
 senão pelo que suspiram; porém a vara de Cristo com um só suspiro se dobra, e vara que se dobra  
 tão facilmente, que maior brandura de vara; mas que maior prova de amor? Ali naquela vara se  
 vê acreditado o amor, e desacreditada a justiça: vê-se ali desacreditada a justiça; pois tão  
 45 facilmente se dobra aquela vara; por isso o amor de Cristo lhe deu por vara aquela Cana, para  
 significar-nos que aquela vara é de sua justiça; por dentro é um pouco de ar, por fora tudo  
 folhagem, porém neste mesmo descrédito da justiça, se vê acreditado o amor, pois puramente por  
 crédito de seu amor, desatende Cristo ao menoscabo de sua justiça, além de que mostrar brandura  
 nas insígnias de amor, é amor mui ordinário; porém mostrar amor nos instrumentos da justiça,  
 50 esse é o mais crescido amor, que Cristo se nos mostre amante nas insígnias de seu amor: que  
 muito vem a ser; mas que naquela Cana, que na vara de sua justiça, se nos mostre branda, e  
 amoroso, grande amor, grande ternura.

Entrou a Rainha Ester a falar a El-Rei Assuero, e indignado sumamente o Rei, caiu desmaiada  
 a Rainha: *Cumque furorem pectoris indicasset Regina corruit*;<sup>1</sup> Levanto-a<sup>m</sup> logo nos braços  
 55 compadecido o Rei, e depondo, ou a cólera, ou a Majestade, a animou com palavras mais ternas, que

---

<sup>1</sup> VL, Liber Esther, c. 15, v. 10: *Cumque eleuasset faciem, et ardentibus oculis furorem pectoris indicasset, regina corruit, et in pallorem colore mutato, lassum super ancillulam reclinauit caput.* BSP: Tendo ele levantado o rosto e manifestado em seus olhos cintilantes o furor de seu peito, a rainha desmaiou, e, trocando-se a sua cor em palidez, deixou cair a sua cabeça vacilante sobre a criada.

<sup>m</sup> Caso de redução de ditongo ( -ou > -o) – fenômeno comum desde o período arcaico. Sobre esse assunto, confira-se a alínea “e” da seção 2.3.2.2 deste trabalho.

---

<sup>39</sup> reta] recta ( e formas cognatas) A, passim.

<sup>44</sup> vê-se] vee-se A.

lhe ensinou o amor, e lhe ditou a piedade: *Sustentans eam ulnis suis, verbis blandiebatur*;<sup>n</sup> porém duvidosa inda Ester do amor de Assuero, continuou desmaiada; que faria neste caso Assuero, que faria pera desmentir sua cólera, pera acreditar seu amor! tocou a Ester amorosamente com a vara de seu Império, e aqui perdeu Ester o temor, aqui acabou o desmaio; *Tulit auream virgam, et posuit super collum ejus, quæ respondit*.<sup>o</sup> Quem tal cuidara, quando Assuero a sustenta amorosamente nos braços, quando em cada palavra lhe encarece mil finezas, e em cada período lhe explica mil sentimentos, duvida Ester de seu amor, supõe que dura sua indignação, e quando a toca com a vara de seu Império, instrumento de sua justiça, então dá crédito a seu amor, e com muita razão, porque tanto excesso de cólera, só podia desmentir com grande excesso de amor, e seus maiores excessos não consistem tanto nas demonstrações de amor, quanto nos instrumentos da justiça; dar os favores na mesma ação dos castigos, mostrar amor na vara de justiça, é o maior excesso de amor, e a razão é: porque a brandura do amor é repugnante ao rigor da justiça, e pera vencer esta repugnância, pera dar indícios de amor nas mesmas isenções da justiça, quem duvida que é necessário grande excesso de amor: logo bem dizia eu, que os maiores excessos de amor consistem nos mesmos instrumentos da justiça, por isso tornou em si, por isso não duvidou Ester de que já estivesse amoroso Assuero, quando na vara de sua justiça lhe deu mostras de seu amor: *Tulit virgam auream, et posuit super collum ejus, quæ respondit ei*.<sup>p</sup>

É a vara de Assuero mui semelhante àquela Cana de Cristo: porque assim como a vara de Assuero de tal sorte era vara, que lhe servia de Cetro: *tange sceptrum*,<sup>q</sup> assi também aquela Cana de Cristo de tal maneira é Cetro, que lhe serve de vara; *Virgam tradunt, et judicem profitentur*;<sup>r</sup> Pois assi como o amor de Assuero se media pela vara

<sup>n</sup> VL, Liber Esther, c. 15, v. 11-12: *Convertitque Deus spiritum regis in mansuetudinem, et festinus ac metuens exiliuit de solio, et sustentans eam ulnis suis, donec rediret ad se, his verbis blandiebatur: Quid habes Ether? Ego sum frater tuus, noli metuere. BSP: Mas Deus trocou em clemência o coração do rei, o qual, apressado e temeroso, saltou do trono, e, sustendo-a com seus braços até que voltou a si, a animava com estas palavras: Que tens, Ester? Eu sou teu irmão, não temas.*

<sup>o</sup> VL, *ibidem*, c. 15, v. 15-16: *Cumque illa reticeret, tulit auream virgam, et posuit super collum eius, et osculatus est eam, et ait: Cur mihi non loqueris? Quæ respondit: Vidi te domine quasi Angelum Dei, et conturbatum est cor meum præ timore gloriæ tuæ. BSP: E, como ela não falasse, tomou o cetro de ouro, pôs-lhe sobre o seu colo, beijou-a e disse-lhe: Por que não me falas? Ela respondeu-lhe: Eu vi-te, senhor, como um anjo de Deus e o meu coração turbou-se com o temor da tua majestade.*

<sup>p</sup> *Loc. cit.*

<sup>q</sup> VL, *ibidem*, c. 15, v. 14: *Accede igitur, et tange sceptrum. BSP: Aproxima-te, pois, e toca o cetro.*

<sup>r</sup> “trazem a vara e proferem o julgamento” (tradução nossa).

de sua justiça, assi também por aquela vara de Cristo se regula o extremo de seu amor, e que bem amorosíssimo Jesus, que bem se mede pela brandura dessa vara, a grandeza de vosso amor! Viu o vosso Discípulo mais amado, que com uma vara de Cana medíeis a grandeza dessa glória:

80 *Habebat mensuram arundineam, ut metiretur civitatem;*<sup>s</sup> porém com licença vossa, melhor se mede por essa Cana a grandeza de vosso amor, que a grandeza de vosso Reino; porque pera medir-se bem qualquer grandeza, deve medir-se como em si é na verdade; porque sendo em si tão grande, com esse Cetro de Cana fica bem diminuído, logo não se mede bem vosso Reino por essa Cana; pelo contrário vosso amor medido por essa Cana, mostra na verdade o que é, porque se

85 vosso amor é grande medido pela afronta dessa Cana, mostra que é grande amor: logo bem se mede vosso amor por essa Cana. E que por crédito de vosso amor, quisésseis meu Deus ver menos acreditado, e menos reputada vossa justiça, que assim se infame com a fragilidade desse Cetro, a firmeza de vosso Reino, que assim se desminta com a brandura dessa vara, a retidão de vossa justiça! Mas ai Senhor, e se não fora tão branda a vara de vossa justiça, quem se pudera

90 livrar da execução dessa vara? todas nossas esperanças se fundam nesses verdores, e sustentando-vos esses verdores, bem fundadas estão todas nossas esperanças; se na brandura dessa Cana, consiste o remédio de nossa dureza, estando em vossa mão a brandura dessa vara, claro está que em vossa mão está todo o nosso remédio. Oh tende mão Senhor em vossos rigores, pois tendes as branduras tanto à mão, supra vosso amor, onde faltar nosso merecimento, e onde mais crescer a

95 obstinação de nossas culpas, aí resulte a grandeza de vossas misericórdias.

Porém fiéis, não sei se tomamos ocasião daquela

---

<sup>s</sup> **VL**, Apocalypsis Ioannis, c. 21, v. 15: *Et qui loquebatur mecum, habebat mensuram arundineam auream, vt metiretur ciuitate; et portas eius, et murum. BSP: O que falava comigo tinha uma cana de ouro de medir, para medir a cidade, as suas portas e o muro.*

brandura pera continuar em nossa obstinação; pois adverti, que aquela vara, posto que seja tão branda, contudo é vara; a Cana é tão estéril, que não dá flores, nem frutos, mas não obstante sua esterilidade, ali está o amor de Cristo mui florente, e que será se depois das flores não colher  
 100 frutos? Se Cristo não tirar algum fruto, nem da suavidade de seu amor, nem da brandura daquela Cana, se aquela Cana foi tão infrutuosa por nossa negligência, como é por sua natureza, que será? Eu dizia que o amor de Cristo fizera com que aquela vara fosse tudo folhagem, e tudo vento; mas que será se nossas culpas fizerem com que aquela brandura seja tudo vento, e tudo folhagem? Lá mandava dizer a Ezequias o Rei dos Assírios que se não fiasse em bordão de Cana; *Ecce confides*  
 105 *super baculum arundineum*:<sup>t</sup> e isso por que razão? por que a Cana é mui enganosa? pode quebrar-se facilmente, e se inteira serve de arrimo, quebrada servirá de lástima, que as farpas servirão de setas, e de lanças as astilhas;<sup>u</sup> *Super quem si incubuerit homo, comminuta egredietur manus ejus, et perforabit eam*:<sup>v</sup> O mesmo digo eu agora a todo este Católico auditório, que nos não estribemos tanto na brandura daquela Cana: porque na mesma brandura está o princípio de sua fragilidade; não façamos tanto fundamento nas branduras da divina misericórdia, que a essas  
 110 finezas multipliquemos os pecados, porque com o muito peso de nossos pecados, pode facilmente quebrar aquela Cana; facilmente pode faltar aquela brandura, e, servindo-nos agora de arrimo, será o princípio de nossa destruição. Quiseram os antigos pintar a justiça mais rigurosa, e pintaram um Cetro com olhos,<sup>w</sup> aí não há Cetro que tenha olhos, senão a Cana de Cristo; pois  
 115 estai certos que na brandura daquela Cana está o maior rigor da justiça. Serpentes disse Cristo que eram os pecadores: *Genimina viperarum*.<sup>x</sup> A Cana disse

<sup>t</sup> VL, Prophetia Isaiaë, c. 36, v. 6: *Ecce confidis super baculum arundineum confractum istum, super Ægyptum: cui si innixus fuerit homo, intrabit in manum eius, et perforabit eam: sic Pharaos, rex Ægypti omnibus, qui confidunt in eo. BSP: Vejo que te apóias no Egito, esse bordão de cana rachada, na qual, se se firmar um homem, ela se lhe meterá pela mão e a transpassará; assim é o faraó, rei do Egito, para todos os que confiam nele.*

<sup>u</sup> Mesmo que estilha, estilhaço (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>v</sup> VL, Liber II Regum, c. 18, v. 21: *an speras in baculo arundineo atque confracto Ægypto, super quem, si incubuerit homo, comminutus ingredietur manum eius, et perforabit eam? sic est Pharaos rex Ægypti omnibus qui confidunt in se. BSP: Esperas porventura no Egito, que é um bordão de cana rachada, sobre o qual, se o homem se firmar, quebrando-se, lhe penetrará a mão e a transpassará? Assim é o faraó, rei do Egito, para todos os que confiam nele.*

<sup>w</sup> Não foi possível saber a que antiga representação pictórica da Justiça o autor se refere; a que mais se aproxima é a do cetro de Zeus, que era encimado por uma águia – símbolo de acuidade visual excelente.

<sup>x</sup> VL, Evangelium secundum Matthæum, c. 23, v. 33: *Serpentes genimina viperarum, quomodo fugietis iudicio gehennæ? BSP: Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação ao inferno?*

Plínio que tinha virtude contra as serpentes;<sup>y</sup> pois estai certos, que toda a virtude daquela Cana, se arma contra os pecadores.

120 Aquela vara tem dous extremos, tem princípio, e fim: no princípio encontraremos o maior extremo de suavidade, porém no fim acharemos o maior extremo de rigor. Quando lá Isaías viu que nascia a flor com a vara de Cristo, viu a flor ao pé da vara, *Et flos de radice ejus ascendet*:<sup>z</sup> As flores não brotam nas pontas das varas? como ao pé desta vara nasce a flor? Não vedes que era a vara da justiça de Cristo; pois por isso nasce a flor não na ponta, senão ao pé da vara; porque a vara da justiça de Cristo acaba em vara se começa em flor, e se agora lhe achamos a  
125 suavidade de flor, no cabo lhe acharemos o rigor da vara. Aquela esponja de fel, e vinagre, que deram a beber a Cristo, puseram-na em uma ponta de uma Cana: *Acceptam spongiam implevit aceto, et imposuit arundini*.<sup>aa</sup> Por força havia de ir o fel, e vinagre na ponta de uma vara? Si, e com grande mistério; porque a Cana de Cristo costuma rematar-se com fel, e vinagre, começa em suavidades acaba em amarguras. Ah fiéis, e como lhe acharemos as amarguras no cabo! Se fiados  
130 na brandura daquela vara multiplicamos as culpas, aquela mesma vara a que Cristo avinculou suas misericórdias, há de ser instrumento mais riguroso de suas vinganças, e tanto mais cruelmente há de executar as vinganças, quanto mais amorosamente dispensa as misericórdias. Representou Deus o dia do juízo a São João, e entrando em juízo mandou que lhe entregassem uma Cana, que lhe servia de vara, e que com ela medisse a todos que estavam no Templo: *Datus est mihi calamus virgæ similis, et dictum est mihi; metire Templum, et adorantes in eo*?<sup>bb</sup> A vara  
135 de justiça, feita vara de medir? e por que causa no dia do

<sup>y</sup> Ref. a Plínio, o Velho (23 a.C – 79 d.C), romano que escreveu *História Natural*, em 37 volumes, muitos deles dedicados a animais.

<sup>z</sup> Cf. nota “g” deste sermão.

<sup>aa</sup> **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 27, v. 48: *Et continuo currens vnus ex eis acceptam spongiam impleuit aceto, et imposuit arundini, et dabat ei bibere. BSP: Imediatamente, correndo um deles, tendo tomado uma esponja, ensopou-a em vinagre, pô-la sobre uma cana e lhe dava de beber.*

<sup>bb</sup> **VL**, Apocalypsis Ioannis, c. 11, v. 1: *Et datus est mihi calamus similis virgæ, et dictum est mihi: Surge, et metire templum Dei, et altare, et adorantes in eo. BSP: Depois foi-me dada uma cana semelhante a uma vara, e foi-me dito: Levanta-te e mede o Templo, o altar e os que nele adoram.*

Juízo se hão de medir os homens por uma Cana? Ora notai, aquela Cana tinha o rigor de vara, e aquela vara tinha a brandura de Cana: *Calamus similis virgæ*: e porque no dia do Juízo se hão de medir os rigores pelas branduras; por isso se hão de medir os homens por uma Cana que seja  
 140 vara: *Datus est mihi calamus similis virgæ, et dictum est mihi: metire templum, et adorantes in eo*. Oh que rigurosa medição nos espera a todos! todos os que estamos neste Templo havemos de ser medidos por aquela Cana; porque pelas branduras daquela Cana se hão de medir os rigores daquela vara; os rigores hão de ser à medida das branduras; à medida das piedades, se hão de executar as vinganças; porque no Tribunal divino tanto mais severa há de ser sua justiça, quanto  
 145 mais liberal foi sua misericórdia.

Será chamado a juízo (quero começar por mim), será chamado a juízo o Religioso, o Sacerdote; dá conta de teu estado; reduzi-te da confusão do mundo pera o sossego da Religião, comuniquei-te o claro conhecimento do que é Deus, e do que é o mundo; pus-te no caminho mais seguro da glória; dei-te os auxílios mais proporcionados à tua salvação, e como correspondestes a  
 150 tanta misericórdia? Será chamado a juízo o Monarca, o Príncipe, o Senhor, sendo igual a todos por natureza, eu te fiz a todos superior por dignidade, como me agradeceste este benefício? Será chamado a juízo o que possuía muitas riquezas, o que logrou muitos anos, e assim por esta ordem todos os que receberam especiais benefícios da mão de Deus! a juízo todos a juízo. A ti te dei as riquezas que possuístes, vivendo tantos vezinhos teus em pobreza; a ti te dei tão largos anos de  
 155 vida, quando tantas flores se cortaram em sua primavera: a ti te livreí desta, daquela doença, quando aquele outro acabou da mesma enfermidade: A ti livreí da

justiça; A ti de um perigo; A ti de um naufrágio; A ti dei a fazenda; A ti a saúde; A ti a sabedoria, e finalmente a vós todos dei o conhecimento de minha Fé, quando por falta deste benefício se condenaram tantos Hereges, e se perdem tantos bárbaros; e como correspondestes todos a tantos  
 160 benefícios: quando todas estas mercês vos haviam de pôr em maior obrigação pera me servirdes, daí mesmo tirastes matéria pera me ofenderdes; da riqueza, do valor, da saúde, da dignidade, tomastes ocasião pera maiores ofensas, quando o haviam de ser pera maiores serviços, e assim se pagam os favores, os benefícios, assim se correspondem; pois à medida das mercês, se executam as penas, e os castigos à medida das misericórdias. Oh quantos estimarão não ter gozado nesta  
 165 vida tantas felicidades, por não ter tanto de que dar conta na outra vida.

Pois quando assim se nos há de tomar conta da misericórdia de Deus a respeito de nossas pessoas, que conta daremos a Deus de sua misericórdia a respeito de nossas culpas? Não sei qual de nós deixará de sair culpado, quando pelas folhas daquela Cana nos correm a todos a folha,<sup>cc</sup> na Cana tanta brandura, e em nós tanta dureza! Deus a sofrer, e nós a pecar, quanto  
 170 mais espera o sofrimento divino, tanto mais se arroja o desaforo humano; Ora dai conta a Deus de seu sofrimento, de vos ter tanto tempo esperado, e de vós com tanto tempo vos não terdes arrependido; dai conta a Deus de tomar ocasião de sua misericórdia, pera não temer sua justiça! A justiça ofendida, a misericórdia agravada! Oh como temo que aquelas folhas da Cana, venham a ser folhas de espada; naquele dia se hão de confederar a justiça, e a misericórdia:  
 175 *Iustitia, et pax osculatæ sunt,*<sup>dd</sup> e pera onde apelaremos da justiça, estando também ofendida a misericórdia? Oh não irriteemos a divina paciência: Deus

---

<sup>cc</sup> Segundo Bluteau (1789, v. 1, p. 624), correr folha é “consultar por autoridade do juiz, os escritões do crime, para que respondam se tem no seu cartório querella daquelle, que corre folha”. Daí, a expressão “folha corrida”, designando atestado passado pelo serviço de registro criminal (HOUAISS, 2002).

<sup>dd</sup> **VL** Liber Psalmorum, c. 84, v. 11: *Misericordia et veritas obuiaverunt sibi: iustitia et pax osculatæ sunt. BSP: A misericórdia e a verdade se encontraram; / a justiça e a paz se oscularam.*

---

<sup>159</sup> condenaram ] condemnaram A.

a dissimular conosco<sup>ee</sup> um dia, e outro dia, e daí tomamos alento pera continuar um ano, e outro ano: o que havia de ser matéria pera nosso agradecimento, há de ser ocasião pera nossa temeridade? pois estai certos que naquele dia do Juízo há de servir a Deus seu sofrimento pera a justificação de seu castigo. Pecou Davi o pecado do adultério, e Deus não o castigou sobre o adultério, cometeu um homicídio, e então o castigou Deus; pois a que fim pera Deus castigar a Davi, espera que cometa um pecado sobre outro pecado? Sabem pera que; pera no dia do Juízo justificar a razão, com que lhe deu o castigo: assi o disse o mesmo Davi, *Tibi soli peccavi, et malum coram te feci; ut justificeris in sermonibus tuis, et vincas cum judicaris*.<sup>ff</sup> *tibi soli peccavi*: Ex aqui o primeiro pecado do adultério; *et malum coram te feci*: Ex aqui o segundo pecado do homicídio, e de Deus permitir sobre um pecado outro pecado, que se havia de seguir? Deus em sua sentença justificado; *Ut justificeris in sermonibus tuis*: e Davi no dia do Juízo vencido: *Et vincas cum judicaris*: Assi permite agora a misericórdia divina, que sobre um pecado se cometam outros; mas enquanto nós cá<sup>gg</sup> estamos tomando ocasião da misericórdia de Deus pera multiplicar os pecados; da mesma misericórdia está lá Deus fazendo matéria pera justificar os castigos: no dia do Juízo seremos todos medidos por aquela Cana de Cristo, e então veremos que se há de medir o rigor da vara pela brandura da Cana; então veremos que a medida da misericórdia há de ser a execução da justiça; não quero dizer com isto que não fundemos nossas esperanças na divina misericórdia; porém com esta distinção: quem depois de pecar se funda na misericórdia divina, funda-se bem, mas quem se funda na misericórdia divina pera pecar, mal se funda: funda-se mal quem na misericórdia divina se funda pera pecar; porque fazendo da misericórdia

<sup>ee</sup> Nesse contexto, mesmo que “deixar passar sem emenda” (BLUTEAU, 1789, v. 1, p. 445).

<sup>ff</sup> **VL**, Liber Psalmorum, c. 50, v. 6: *Tibi soli peccavi, et malum coram te feci: vt iustificeris in sermonibus tuis, et vincas cum iudicaris. BSP: Pequei contra ti só, e fiz o mal diante dos teus olhos, / para que sejais encontrado justo nas tuas palavras, / e venças quando fores julgado.*

<sup>gg</sup> Em A, registra-se <quâ>, variante entendida aqui como apenas gráfica, ao se considerar a evolução do termo: do lat. *eccum hãc, eccum* 'eis aqui' empregado como partícula enfática + *hac* 'por aqui', tornado *\*ecc'hac > \*eccá > \*acc'ha > arc. acá > cá* (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>180</sup> Davi] David A, *passim*.

ocasião pera o pecado, ofende a mesma misericórdia: funda-se bem quem depois de pecar apela  
 pera a divina misericórdia, porque é parte de lisonja solicitar o perdão da misericórdia divina.  
 Pelo que enquanto aquele Senhor está tão misericordioso, cheguemos almas Cristãs, cheguemo-  
 200 nos a pedir o perdão das culpas cometidas, que na brandura daquela Cana tem Deus avinculado  
 sua misericórdia.

Oh meu amantíssimo Jesus, e como em um sojeito uniste tão opostos extremos? na vara  
 da justiça a brandura da misericórdia, no Cetro a ignomínia, na fragilidade dessa Cana a firmeza  
 de vosso amor! Oh quem se aproveitara da brandura dessa Cana, pera não sentir o rigor dessa  
 205 vara, quem conhecera bem o benefício de tanta misericórdia pera não ofender vossa justiça, quem  
 conhecera bem a grandeza de vosso amor, pera não irritar vossa indignação! Mas ah meu Deus,  
 que porque não conhecemos bem o excesso de vosso amor; por isso vos ofendemos com tantos  
 excessos! Pois descobri Senhor, descobri as chagas, que por nós padeceste, em elas veremos o  
 quanto nos amastes! Oh meu Deus do meu coração, aquele Cetro de Cana não só foi instrumento  
 210 pera afrontar-vos, senão também pera ferir-vos: *Percutiebant caput ejus arundine*.<sup>hh</sup> Pois claro  
 está, que vendo-vos com a Cana, vos havíamos de ver ferido, depois de vos ver afrontado! Ah  
 Senhor, que se a vara em vossa mão promete branduras, as varas em vossos ombros executam  
 rigores; se de ãa pedra tirou ãa vara rios de ágoa, de vossos ombros tiraram as varas rios de  
 sangue! Oh que bem se seguem golpes de sangue, a golpes de varas; mas ó que melhor se  
 215 seguirão rios de lágrimas, a rios de sangue! Oh lavemos fiéis aquele sangue com nossas  
 lágrimas; pois aquele sangue se derrama pera lavar nossas culpas: as Canas movem-se com  
 água: *Moveri solet arundo in aqua*.<sup>ii</sup> Pois haja lágrimas pera lavar a-

---

<sup>hh</sup> **VL**, Evangelium secundum Marcum, c. 15, v. 19: *Et percutiebant caput eius arundine: et conspuebant eum, et ponentes genua, adorabant eum.* **BSP**: *E davam-lhe na cabeça com uma cana, cuspiam-lhe no rosto, e, pondo-se de joelhos, faziam-lhe reverências.*

<sup>ii</sup> **VL**, Liber I Regum, c. 14, v. 15: *et percutiet Dominus Deus Israel, sicut moueri solet arundo in aqua: et euellet Israel de terra bona hac, quam dedit patribus eorum, et ventilabit eos trans Flumen: quia fecerunt sibi lucos, vt irritarent Dominum.* **BSP**: *O Senhor Deus ferirá Israel, como uma cana costuma ser agitada nas águas; ele arrancará Israel desta excelente terra, que deu a seus pais, e os sacudirá para além do rio; porque consagraram bosques para irritarem o Senhor.*

---

<sup>199</sup> Cristãs] Cristãs A.

220 quele sangue, e moveremos aquela Cana com água de nossas lágrimas, a Cana abrandar-se com o vento: *Arundinem vento agitatam*,<sup>jj</sup> pois haja suspiros para sentir nossas culpas, e abrandaremos aquela Cana com o vento de nossos suspiros! Oh meu Deus, e meu Jesus, quem nunca vos ofendera mais; pois vos temos ofendido, pois estais tão amoroso, perdão meu Deus de minha alma, misericórdia Senhor, para que alcancemos vossa graça, melhor da glória. *Amen*.

---

<sup>jj</sup> Cf. nota “j” deste sermão.

## PRÁTICA V.

## Das Chagas.

*Ecce Homo.* Joan.19.<sup>a</sup>

5 Entre as sagradas divisas, com que o Senhor apareceu no pretório de Pilatos, nenhũa o persuade mais amante, nenhũa o representa mais severo, que aqueles golpes, aquelas Chagas, e aquele sangue; naquele sangue havemos de ver hoje o amor, e a severidade de Cristo, porque também hoje o reconhecemos por Juiz, e fiador; pois hoje também o vemos enquanto homem: *Ecce Homo*: Notável foi a diferença de fortunas, que tiveram no mar roxo<sup>b</sup> os Egípcios, e os Hebreus: aos Hebreus concedeu o mar liberal passagem, todos a pé enxuto chegaram a  
10 salvamento: e os Egípcios? naufragaram todos; pois no mesmo mar (e o que mais é) na mesma maré, uns se perdem, outros se salvam! O mesmo mar serve a uns de túmulo, e a outros de muralha? Si, porque o mar vermelho era ãa representação do sangue de Cristo, e o sangue de Cristo é juntamente benigno, e riguroso; pera uns é mar bonança, e pera outros tor-

---

<sup>a</sup> Vulgata Latina (1605), doravante **VL**, *Evangelium secundum Ioannem*, c. 19, v. 5: (*Exiit ergo Iesus portans coronam spineam, et purpureum vestimentum.*) *Et dicit eis: Ecce homo.* Bíblia Sagrada – Edições Paulinas (1986), doravante **BSP**: *Saiu, pois Jesus, trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. E (Pilatos) disse-lhes: Eis aqui o homem.*

<sup>b</sup> Lat. *russëus, a, um*, ‘vermelho escuro’ (cf. HOUAISS, 2002).

---

<sup>1</sup> Prática] Practica A.

15 menta; a uns serve de naufrágio, e a outros de salvação: de cada golpe daqueles que padeceu o Senhor brotava um rio de sangue, e de tantos, e tão cruentos, e tão caudalosos rios, que se havia de formar, senão um mar vermelho! por este mar de sangue de Cristo, pertendemos todos o porto da salvação; porém neste mesmo mar se salvam uns, e se perdem outros, que as ondas a uns ajudam, e a outros soçobram: e a razão é, porque como este mar verdadeiramente sagrado é o sangue da Paixão de Cristo, nele mostra Cristo muita paixão; pera uns é apaixonado de amante, 20 pera outros de colérico: e como Cristo assi avinculou a seu sangue seu amor, e sua ira; por isso igualmente favorece, e castiga com seu sangue; por isso naquele mar de sangue se salvaram uns, e se perderam outros; porém pera que procedamos com maior distinção, vejamos por si cada qual das partes.

25 Primeiramente com aquelas feridas representa Cristo o quanto nos ama, porque com elas nos explica o quanto por nós padeceu. É o amor um ato imanente,<sup>c</sup> e como os atos imanentes se padecem na alma, quando se produzem, segue-se que quem ama necessariamente padece: logo bem explica Cristo naquelas Chagas, que padece, os excessos com que nos ama; bem explica, porque são sinônimos amar, e padecer,<sup>d</sup> que quem não padece não ama; e tanto mais firmemente se ama, quanto mais rigurosamente se padece. Pintou a Antiguidade ao amor com asas,<sup>e</sup> porém 30 parece da primeira vista que saiu errada a pintura; o amor pera verdadeiro não há de ser firme? pois como se pinta o amor volante? Eu imagino que deram asas ao amor, não porque lhe estejam bem os voos, senão porque lhe acomodam bem as penas:<sup>f</sup> amor com penas,<sup>g</sup> este é verdadeiro amor; mas as penas não lhe servem tanto de asas pera voar, quanto lhe dão maiores asas pera crescer, porque sendo o amor um generoso sentimento da alma, visto está que tan-

---

<sup>c</sup> Conf. Houaiss (2002), ato imanente é o que produz um efeito no interior de si, na alma, e não em qualquer realidade externa ou material (na escolástica, diz-se de qualquer ação subjetiva, especialmente a da vida contemplativa que transforma o homem de fé).

<sup>d</sup> Sinonímia imperfeita, por via indireta, ao se equiparar “amar” a “ter paixão por”, e essa expressão, por sua vez, a “padecer”. A ideia de sofrimento está presente nos termos “padecer” (<\**patecēre*, incoativo de *pati*, ‘sofrer’) e “paixão” (*patior* < *passiōnis*, ‘sofrimento’), desde o étimo (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>e</sup> Referência à representação clássica do Cupido.

<sup>f</sup> penas < *penna*, ‘o que serve para voar’ (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>g</sup> penas < *poena*, ‘punição, sofrimento’ (*ibidem*). Atente-se para a antanáclase, ou diáfora, ao se empregar termos homônimos com sentido diverso.

---

<sup>25</sup> ato] acto (e formas cognatas) A, passim.

35 to mais cresce o amor, quanto mais se apura o sentimento. Pois se Cristo naquele sangue, naquelas feridas representa o quanto por nós padeceu, que muito<sup>h</sup> que diga eu, que com elas explica o quanto nos ama! assaz com aquele sangue exagera seu amor, pois com ele encarece sua pena; assaz acredita suas finezas, quando com letras de sangue escreve seus sentimentos.

São aquelas Chagas de Cristo, ou bocas, ou sangrias, ou respiradouros de seu amor; tinha  
40 Cristo o coração tão abrasado, tantos incêndios sentia no coração, que parece encerrava no peito novo Etna,<sup>i</sup> novo Mongibello:<sup>j</sup> e pera que tanto fogo não arrebentasse dentro em si mesmo, foi força rasgar aquelas aberturas por onde o coração respirasse: tanto incêndio no coração necessariamente causou febre, e foi a febre contínua, porque foi o amor constante; pois a tão intensa febre, quem duvida que se havia de seguir toda aquela multidão, ou de sangrias, ou de sarjaduras! Certo está que aquelas Chagas servem de desafio ao amor de Cristo, logo certo está  
45 que seu amor se descobre por aquelas Chagas: tantos excessos de amor não podiam explicar-se por ãa só boca, por isso foi necessário que em cinco mil Chagas,<sup>k</sup> se abrissem cinco mil bocas pera explicar tantos excessos; de bocas lhe servem a Cristo aquelas Chagas, que em corrente estilo das veias, em fluidas eloquências de sangue muda-se, mas encarecidamente persuadem os  
50 excessos de seu amor.

Saiu a alma santa em busca do divino Esposo, mas encontrando as guardas da Cidade, diz o Texto que a despiram, açoutaram e feriram; vendo-se ela assi tão maltratada, convocou as amigas que mais queria, e disse-lhes desta sorte: *Invenerunt me custodes, qui circumeunt ciuitatem, percusserunt me, vulnerauerunt me, tulerunt pallium meum: adjuro vos filiae Hyerusalem, si inveneritis dilectum meum, ut nuntietis ei, quia amore langueo.*<sup>l</sup> Quer dizer, donzelas de Sião, a mim me

<sup>h</sup> A expressão “que muito”, frequente também nos sermões de Vieira, equivale a “que há de estranho”, “que admiração” (cf. *Léxicon*. In: VIEIRA, 2010, p. 643).

<sup>i</sup> Vulcão ativo na Sicília (Itália).

<sup>j</sup> “Mongibello” e “Mongibeddu” são as designações do Etna peculiares à Itália e à Sicília.

<sup>k</sup> Há, nos sermões ora editados, várias menções quantificadas dos sofrimentos físicos e emocionais de Cristo, que lhe foram impingidos na trajetória do Pretório até o Calvário. Ao que consta, esses números têm origem em uma cartilha de devoção à Via Sacra, da época das Cruzadas, que a tradição incorporou à 14ª estação (momento em que os discípulos vão embalsamar o corpo de Jesus e passam a contar os tormentos que ele sofreu), e a literatura posterior reproduziu com variações. Disso dão mostras os escritos atribuídos a São Vicente Ferrer, São Boaventura, Santa Gertrudes, Santa Brigitte, Juan Aquilano, Orozco e Rodulfo, Padre Salmeron, e outros (cf. SANTIAGO, 1790, p. 235; ANÔNIMO, 1858, p. 387-389).

<sup>l</sup> VL, Canticum Cantorum, c. 5, v. 7, 8: *Inuenerunt me custodes qui circumeunt ciuitatem: percusserunt me, et vulnerauerunt me: tulerunt pallium meum mihi custodes murorum. Adiuro vos filiae Ierusalem, si inueneritis dilectum meum, vt nuntietis ei quia amore langueo.* BSP: *Encontraram-me os guardas que rondam a cidade, / deram-me, e feriram-me./ Tiraram-me o meu manto os guardas das muralhas. Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém, / que, se encontrardes o meu amado, / lhe digais que desfaleço de amor.*

<sup>49</sup> muda-se] muda sy A.

<sup>51</sup> santa] sancta A, *passim*.

despiram; eu estou açoutada, e ferida, peço-vos que, se encontrardes a meu querido Esposo, lhe deis conta de meu estado, dizei-lhe que se desengane já, que acabe de dar crédito a meu amor, pois por sua causa me açoutaram, e por seu respeito me feriram: de maneira que se apresentou chagada pera se encarecer amante, fez ostentação das chagas do corpo, pera solicitar créditos à chaga do coração, e representou a dor de suas feridas: *vulnerauerunt me* pera calificar as verdades de seu amor: *amore langueo*, verdadeiramente que eu acho mui ajustado este argumento da alma santa; porque o amor costuma significar-se em metáfora de ferida:<sup>m</sup> ferida lhe chamou o Poeta: *vulnus alit venis*,<sup>n</sup> mas porque este amor é o profano, também se chama ferida o amor divino, *vulnerasti cor meum*,<sup>o</sup> por isso ao amor lhe deram setas com que ferir,<sup>p</sup> porque o ferir é todo o empenho do amor, e é força que ande ferido, quem vive amante; logo com muita razão a alma santa para se encarecer amante; *amore langueo*, se representou ferida; *vulnerauerunt me*. Porém este mesmo argumento que fez a alma santa de seu amor pera com Cristo, pôde com muita mais razão fazer Cristo de seu amor pera com nossas almas? Oh que justo, e que amorosamente nos está dizendo aquele Senhor chagado: *amore langueo*, almas devotas, a quem tanto número de chagas pode ter enternecidas, assaz desmaiado me vedes, debilitadas as forças, e perdidos os alentos; porém não imagineis que estou desmaiado tanto por exausto de sangue, quanto por ferido de amor: *amore langueo*, por vosso amor me despiram: *tulerunt pallium meum*; por vosso amor me afrontaram: *percusserunt me*; por vosso amor me feriram: *vulnerauerunt me*, pois acabai já de confessar que tenho amor: *dicite quia amore languo*.<sup>q</sup> Pois quem deixará de dar crédito ao amor de Cristo, quando com a vista de tantas chagas solicita crédito a seu amor? Os escritos, e os créditos firmados com o próprio sangue fazem fé indubitável; pois se Cris-

<sup>m</sup> Como no soneto de Camões, “Amor [...] é ferida que dói [...]”.

<sup>n</sup> “alimenta uma chaga nas suas veias” (cf. VIRGÍLIO, *Eneida*, IV, 2).

<sup>o</sup> VL, Canticum Canticorum, c. 4, v. 9: *Vulnerasti cor meum soror mea sponsa, vulnerasti cor meum in vno oculorum tuorum, et in vno crine colli tui. BSP: Tu feriste o meu coração, irmã minha esposa, / tu feriste o meu coração com um só dos teus olhares, / e com um cabelo do teu pescoço. feriste o meu coração.*

<sup>p</sup> Nova referência ao Cupido, desta vez destacando-o como arqueiro.

<sup>q</sup> Dizei que desfaleço de amor (Canticum Canticorum, c. 5, v. 8, com variação. Cf. nota “I” deste sermão).

<sup>76</sup> fé] fee A.

to com o seu próprio sangue firma o crédito de seu amor, quem deixará de lhe dar crédito? Com cinco Chagas apareceu Cristo a Tomé, e logo Tomé lhe penetrou os segredos do coração: *Mitte manum tuam in latus meum*,<sup>r</sup> e quem duvida que por aquelas Chagas podemos nós penetrar os afetos do coração de Cristo! A Tomé mostrou Cristo cinco Chagas; porém a nós cinco mil;<sup>s</sup> pois se a Tomé se mostrou amoroso com cinco Chagas, quem duvida que com cinco mil Chagas se mostrará mais amoroso! é verdade que pera com Tomé requintou Cristo sua afeição, que por isso lhe disse amores em cinco Chagas, porém por cada um dos amores que disse a Tomé, em cada ãa das Chagas nos diz a nós mil amores; por isso se mostrou cinco Chagas a Tomé a nós nos representa cinco mil Chagas, Oh meu chagado! oh meu amantíssimo Jesus, que amores nos dizeis por tão repetidas bocas; mas oh meu Deus como estais pera vos dizer amores, nunca vosso amor me pareceu nem mais nobre, nem mais liberal; agora me parece mais liberal; pois chega a dar o próprio sangue das veias; agora me parece mais nobre, porque agora vejo que tem sangue: nunca vosso amor me pareceu, nem mais valente, nem mais entendido; nunca mais entendido, porque além de o ter entendido agora, agora que por tantas bocas me fala, me parece mais bem falante; agora que me representa as mais agudas dores, agora cuida me diz as maiores agudezas; nunca mais valente, porque sendo as feridas crédito da valentia, são abonos de vosso amor; valente amor o que assim se adorna com feridas! Na Coluna que foi baliza de seus trabalhos, pôs Hércules o *non plus ultra*,<sup>t</sup> de seu esforço: na Coluna em que padeceste esses golpes, pôde vosso esforço escrever o *non plus ultra* de vosso amor. Oh meu Deus do meu coração, que lastimado, que ferido, que despedaçado que estais; mas assi Senhor, assi lastimado vos quero, assi ferido vos amo, assi despedaçado vos adoro;<sup>u</sup> busquem outros vossas glórias,

---

<sup>r</sup> VL, Evangelium secundum Ioannem, c. 20, v. 27. *Deinde dicit Thomæ: Infer digitum tuum huc, et vide manus meas, et affer manum tuam, et mitte in latus meum: et noli esse incredulus, sed fidelis.* BSP: *Em seguida, disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo, vê as minhas mãos, aproxima também a tua mão, põe-na no meu lado; e não seja incrédulo, mas fiel.*

<sup>s</sup> Sobre os números neste sermão, vide nota “k”, desta Prática.

<sup>t</sup> “Não mais além” (tradução nossa). Expressão que equivale a ‘apogeu’. Referência ao mito de que Hércules teria formado o Estreito de Gibraltar, ao abrir caminho entre o Mediterrâneo e o Atlântico, com a força de seus ombros.

<sup>u</sup> Fórmula semelhante a essa, para se dirigir a Cristo, repete-se em outros sermões do autor, como no *Sermão da Soledade e Lágrimas* [...] (1681), entre as linhas 479 e 481.

---

<sup>80</sup> afetos] affectos A.

que eu adoro vossas Chagas, agora vos quero eu mais amar, quando estais menos pera ver, que agora me pareceis mais gentilmente vestido, quando vos vejo mais meudamente golpeado; mas  
 100 ah Senhor, e que justo fora que aos golpes, que se deram em vosso corpo, responderam os ecos em nossas almas, e que bem corresponderam a golpes de sentimento, ecos de compaixão, mas já que não sabemos nós compadecer-nos, vós Senhor vos compadecei de nós; não permitais meu Deus que esse sangue se mal logre, não permitais que se percam, os que vós remiste<sup>v</sup> com esse precioso sangue, que esse tesouro é de muito valor, e a melhor moeda que corre. Não é justo que  
 105 abranja o mortal castigo àquelas almas, cujas portas esmaltou o sangue do mais inocente Cordeiro. Adverti Senhor, que vos custamos muito, por nós derramastes esse sangue, por nós padecestes essas Chagas, e será contra direito que se percam, e que deixem de ser vossas, almas que vos custaram tanto sangue.

Mas ah fiéis, e que lástima será que assim suceda; triste cousa será, porém possível, e o peor é  
 110 que aquele mesmo sangue, que por nós derramou, esse mesmo se há de armar contra nós. O sangue dentro das veias é líquido, e mostra naturalmente brandura; porém aquele sangue está fora das veias, e o sangue fora das veias endurece-se, e perde a brandura, e o que mais é, que além de perder a brandura, nunca perde a cólera, que a cólera anda sempre de mistura com o sangue; o sangue de entre todos os humores é o mais vingativo,<sup>w</sup> que ao menos<sup>x</sup> golpe que sinta, acode a desafrontar-se o  
 115 sangue, tanto que ainda depois da morte sai o sangue como a tomar vingança, se está presente quem lhe tirou a vida. Morto estava Abel, e contudo ainda seu sangue clamava por vingança: *Sanguis fratris tui clamat ad me de terra*,<sup>y</sup> e se tão vingativo é o sangue de um Abel inocente, quão vingativo será o sangue do mais inocente Abel! Eu dizia que aquelas Chagas eram bocas por onde Cris-

<sup>v</sup> Uso do verbo no singular relacionado à 2ª pessoa do plural. Segundo Cintra e Cunha (1999, p. 278-279) o uso de *vós*, com referência a uma só pessoa, é normal como tratamento de cerimônia em português antigo e clássico, para expressar distância, apreço social, sobretudo quando se dirige a Deus. Nos sermões ora editados, percebe-se que esse emprego pode acarretar a oscilação de formas verbais flexionadas ora no singular, ora no plural, relacionadas, na frase, à segunda pessoa do discurso, como nesse caso: < não permitais [...] vós remiste >.

<sup>w</sup> Entre os sécs. IV e XVII, a teoria dos quatro humores era a principal fonte de explicação da saúde e da doença (cf. ROMA, 1753). Segundo ela, a saúde é mantida pelo equilíbrio entre sangue, fleuma, bile amarela e bile negra, humores procedentes, respectivamente, do coração, sistema respiratório, fígado e baço. O temperamento dos indivíduos era associado à predominância natural de um desses humores (cf. HUMOR. In: CABRAL e NICK, 2006, p. 156). O temperamento colérico é tradicionalmente associado à bile. À luz dessa teoria, portanto, não é possível entender por que o autor associa o sangue à cólera. Entretanto, por ser universalmente considerado o sangue como veículo da vida e, em certas culturas, o veículo da alma imortal, pode-se entender a referência feita, em seguida, ao desejo de vingança que sucede ao derramamento de sangue, como um instinto de defesa do indivíduo que permanece mesmo depois da morte.

<sup>x</sup> J. J. Nunes (1923, p. 102) observa, nesta passagem, o emprego do advérbio “menos” pelo adjetivo “menor”.

<sup>y</sup> VL, Liber Genesis, c. 4, v. 10: *Dixitque ad eum: Quid fecisti? vox sanguinis fratris tui clamat ad me de terra. BSP: E o Senhor lhe disse: Que fizeste? A voz do sangue de teu irmão clama da terra por mim.*

<sup>115</sup> sai] sahe A.

120 to nos dizia amores, e que será se forem bocas pera clamar vinganças. Cinco chagas deixou  
 Cristo em seu corpo depois de glorioso, mas pera que deixou estas Chagas? todos convêm em que  
 Cristo conservou estas Chagas, pera por elas se mover à misericórdia: tenho contra esta piedade  
 esta instância: o dia do Juízo não é dia de perdão, não é dia de misericórdia, e contudo inda nesse  
 dia há de conservar Cristo as Chagas: logo não são as Chagas de Cristo só pera motivo de perdão;  
 pois logo de que servirão as Chagas no dia do Juízo? eu cuido que de clamar vingança; cuido que  
 125 as cinco Chagas no dia do Juízo hão de ser as bocas por onde aquelas cinco mil Chagas se hão de  
 queixar, ou se não<sup>z</sup> suponhamo-nos entrados em juízo; e veremos a razão com que se queixam as  
 Chagas.

Aparecerá Cristo chagado no dia do Juízo, e entrando em contas conosco, repetirá  
 aquela antiga queixa que formava por Isaías. Apareceu este Senhor ensanguentado a Isaías e  
 130 todas suas queixas fundava, em que ele só estivesse ensanguentado; *Torcular calcavi solus, et  
 de gentibus non est vir mecum*,<sup>aa</sup> esta mesma queixa repetirá o Senhor no dia do Juízo e nos  
 arguirá desta sorte: Ex aqui as Chagas que padeci, e vós que padecêsteis por vossas culpas? que  
 penitências fizésteis? que mortificação passásteis?<sup>bb</sup> que dos Cilícios? que das disciplinas? que  
 das lágrimas? que da satisfação de tantas culpas; pois eu só ensanguentado? padecendo eu  
 135 chagas, em satisfação de culpas alheas, não fizésteis vós penitência em satisfação de culpas  
 próprias, tão açoutada a inocência, e a culpa tão pouco mortificada! Oh que apertado  
 argumento, verdadeiramente, que quando considero neste ponto, quando considero que são  
 tantas nossas culpas, e tão pouca nossa penitência, eu me persuado; que ou não temos juízo, ou  
 não cremos que o há de haver: Cremos que havemos de dar conta em juízo, e cometemos  
 140 culpas, e não fazemos penitência? Não sei complicar estes termos. Os

---

<sup>z</sup> Ambas as grafias *senão* e *se não* são corretas, quando empregadas com a acepção de “de outro modo; do contrário”, porque em orações em que há a ideia de alternativa (como um convite à verificação do contrário do que foi dito), pode-se usar a conjunção alternativa *senão*, ou a conjunção condicional *se* seguida do advérbio *não* (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>aa</sup> **VL**, Prophetia Isaiaë, c. 63, v. 3: *Torcular calcaui solus, et de Gentibus non est vir mecum: calcaui eos in furore meo, et conculcaui eos in ira mea: et aspersus est sanguis eorum super vestimenta mea, et omnia indumenta mea inquinavi. BSP: Eu pisei sozinho no lagar, e nenhum homem dentre os povos estava comigo; eu os pisei no meu furor, e os pisei aos pés da minha ira; o seu sangue salpicou nos meus vestidos e manchei todas as minhas roupas.*

<sup>bb</sup> Sobre a ditongação presente nas formas verbais <padecêsteis>, <fizésteis>, <passásteis>, confira-se a alínea “e” da seção 2.3.2.2 deste trabalho.

maiores Santos que houve no mundo foram aqueles espelhos da penitência, a quem o temor do juízo, ou fez monstros racionais, ou cadáveres viventes; e se os maiores Santos fizeram penitência com o temor do dia do Juízo, que se pode cuidar dos que sendo pecadores não fazem penitência; que se pode cuidar, senão, que não temem o dia do Juízo; pois estai certos que o dia do Juízo não há de vir ao mundo, senão quando totalmente faltar a penitência. Lá disse Cristo que  
 145 o dia do Juízo havia de chegar, quando os homens andassem secos; *arescentibus hominibus*,<sup>cc</sup> enquanto os homens choram suas culpas, enquanto houver lágrimas de penitência, não chegará o dia do Juízo: porque um dilúvio de fogo facilmente se apaga, com um dilúvio de água; porém em faltando as lágrimas da penitência, tanto que os homens andarem secos, chegará infalivelmente o  
 150 dia do Juízo: *arescentibus hominibus*.

Por esta causa cuido eu, que todo o rigor do dia do Juízo, se há de armar contra a falta da penitência; e ouçam a razão com que o fundo. No dia do Juízo há de vir Cristo a som de guerra, soará triste, e estrondosa ãa trombeta, a cujo horror, a cujos ecos se levantarão vivos, todos os mortos; aparecerá logo um bem ordenado exército, todo em hábito de penitência, porque todo  
 155 virá formado em hábito de tristezas, e de horrores; até o Sol com haver precedido tão luzidamente, virá cingido de um Cilício: *tanquam saccus silicinus*;<sup>dd</sup> A Lua como disciplinada virá banhada em sangue: *Luna convertetur in sanguinem*.<sup>ee</sup> O estandarte deste exército numeroso, será o sinal da Cruz, guião real da penitência: *tunc apparebit signum filii hominis*,<sup>ff</sup> e se este exército todo há de militar debaixo do estandarte da penitência; se por parte da penitência há de  
 160 vir este exército todo, que se há de cuidar? senão que há de fazer toda a guerra aos contrários, e aos inimigos da penitência.

Em confirmação desta verdade, eu me persuado, e cuido

---

<sup>cc</sup> **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 21, v. 26: *arescentibus hominibus præ timore, et expectatione, que superuenient vniverso orbi. nam virtutes cęlorum mouebuntur*: **BSP**: *mirrando-se os homens de susto, na expectação do que virá sobre todo o mundo, porque as virtudes dos céus se abalarão*.

<sup>dd</sup> **VL**, Apocalypsis Ioannis, c. 6, v. 12: *Et vidi cum aperuisset sigillum sextum: et ecce terræmotus magnus factus est, et sol factus est niger tamquam saccus cilicinus: et luna tota facta est sicut sanguis*: **BSP**: *Quando abriu o sexto selo, vi que sobreveio um grande terremoto. O sol se tornou negro como um saco de crina, a lua tornou-se toda (vermelha) como sangue*.

<sup>ee</sup> **VL**, Actus Apostolorum, c. 2, v. 20: *Sol convertetur in tenebras, et luna in sanguinem, antequam veniat dies Domini magnus et manifestus*. **BSP**: *O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o dia grande e glorioso do Senhor*.

<sup>ff</sup> **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 24, v. 30: *et tunc parebit signum Filij hominis in cęlo: et tunc plangent omnes tribus terræ: et videbunt Filium hominis venientem in nubibus cęli cum virtute multa, et maiestate*. **BSP**: *Então aparecerá o sinal do Filho do homem no céu, e “todas as tribos da terra chorarão” e verá o Filho do homem vir sobre as nuvens do céu com grande poder e majestade*.

que bem; eu me persuado que a condenação eterna se não segue infalivelmente a nenhum outro pecado, senão somente à falta de penitência; fizestes os maiores pecados que se cometem no mundo, não é infalível que vos hajais de condenar; deixais de fazer penitência, haveis de ser condenado, é infalível; pera vermos esta verdade, suponhamos (como devemos supor) que a penitência essencialmente não consiste nas lágrimas, jejuns, cilícios, ou disciplinas, que estes são atos imperados, ou efeitos da penitência; a penitência consiste essencialmente em um verdadeiro arrependimento de havermos ofendido a Deus: este arrependimento é penitência das culpas, e as outras mortificações são penitência das penas, porque com as outras mortificações satisfazemos à pena, e com o arrependimento apagamos a culpa. Isto assim suposto, demos que cometa um homem os mais enormes pecados, que se puderem imaginar, ainda não é infalível sua condenação, porque ainda tem o remédio na penitência; continua a vida, crescem os pecados, ainda tem o remédio na penitência, ainda não é infalível sua condenação; caiu este pecador enfermo de morte, ligado com as mesmas culpas, ainda não é certo que se haja de condenar: porque ainda se pode arrepender. Chegou finalmente aquele último instante, onde igualmente se participa o ser vivente, e parecer cadáver, onde indecisamente se remata a vida e se principia a morte, aqui consiste o ponto; se aqui se arrependeu verdadeiramente de todas as culpas, salvou-se; e contudo tinha cometido as maiores culpas, como supomos? logo as maiores culpas não se seguem infalivelmente à condenação.<sup>gg</sup> Ora demos que este homem em toda sua vida, não cometesse mais que um só pecado mortal, de que nunca teve arrependimento, se aqui, se neste último instante se não arrependeu, se não fez um ato verdadeiro de penitência, condenou-se, logo segue-se a condenação infalivelmente só à falta da penitência.

---

<sup>gg</sup> Miranda e Ferreira (2007) sugerem que se entenda: “às maiores culpas não se segue infalivelmente a condenação”.

<sup>163</sup> condenação] condemnação (e formas cognatas) A, *passim*.

185 E que sendo isto assi verdade, que sendo certo, que nos há Deus de tomar estreita conta da  
 penitência que fizemos, que nem façamos penitência, nem disso façamos conta, quando formos  
 chamados perante aquele tribunal divino, e nos fizerem cargo de nossas culpas, não é certo que  
 estimáramos então haver feito mui rigurosa penitência; pois agora por que a não fazemos? não é  
 certo que estimáramos então, que Deus nos dera mais dous anos de vida pera fazer penitência, e  
 por que a não fazemos agora que temos esses anos? dir-me-eis que já que no último instante da  
 190 vida basta um arrependimento, que nos arrependeremos no último instante da vida, e é bem que  
 tenhamos toda a vida pera pecar, e que esperemos pelo último instante pera nos arrepender? ãa  
 vida inteira pera o pecado, um instante indivisível pera o arrependimento, e por onde me consta a  
 mim? por onde vos consta a vós, que nos arrependeremos naquele último instante? que sabemos  
 se nos dará lugar a enfermidade, que sabemos se nos dará a morte lugar? temos pera nos  
 195 arrepender tão dilatados espaços da vida, e havemos de esperar por um indivisível antes da  
 morte? Vi a um grande Pregador usar nesta matéria de ãa grave comparação, e com ela quero  
 concluir este discurso.<sup>hh</sup> Se a um homem por suas culpas, condenado à morte, lhe dissessem que  
 lhe revogavam a sentença, se empregasse um tiro em ãa muralha; seria bem, que tendo todo o  
 corpo da muralha onde empregasse o tiro, fizesse a pontaria ao ponto mais superior da mais  
 200 levantada amea? não tivéramos a este homem por loco,<sup>ii</sup> homem sem juízo, não vês que por um  
 átomo que sobrelance<sup>jj</sup> o ponto, erraste em claro toda a pontaria? Não te val menos que a vida em  
 acertar o alvo, tens por alvo todo o lanço daquela estendida muralha, onde empregues o golpe  
 seguramente, e fazes pontaria ao último ponto indivisível de ãa amea! Pois esta mesma locura  
 considero eu naqueles que tendo todo o discurso<sup>kk</sup> da vida pera fazer peni-

<sup>hh</sup> Possível referência ao Sermão do Dia de Cinza (1669), de Antônio de Sá.

<sup>ii</sup> Sobre o fenômeno de redução de ditongo, confira-se a alínea “e” da seção 2.3.2.2 deste trabalho.

<sup>jj</sup> Não se encontrou esta forma verbal em dicionários, mas as formas substantivas “sobrelanço” e “lanço”.

<sup>kk</sup> O emprego de *discurso* por *decurso* era comum. Segundo Bluteau (1789, v. 1, p. 442), *discurso* podia significar “O espaço de tempo que corre”. Vieira também o utiliza com essa acepção, no *Sermão de São João Batista*, pregado em 1644 (§ II), e, antes dele, Duarte Nunes do Lião, em *Origem da Lingoa Portugueza* (1606, p. 1).

205 tência de suas culpas, esperam pelo último instante pera fazer penitência. Todos por nossas  
culpas estamos sentenciados à morte, esta sentença se revoga se acertarmos o ponto da  
penitência; temos pera este ponto todos os espaços da vida, e havemos de esperar pelo último  
instante da morte? naquele último instante não se acerta tão facilmente, aproveitemo-nos dos  
espaços da vida, e acertaremos o ponto.

210 Agora principalmente que aquele Senhor, pera nos recolher a todos, tem abertas tantas  
portas, em tantas Chagas abertas; agora que desata rios de sangue, pera lavar nossas culpas; agora  
é tempo de nos arrependermos, e agora é tempo de chorarmos. Cheguemo-nos pois almas Cristãs,  
que aquele Sol banhado em sangue pronostica serenidades! Oh meu Jesus da minha alma! meu  
Deus, e meu Redentor! Oh Pelicano divino,<sup>ll</sup> que a dispêndio de vosso sangue, alimentais nossa  
215 vida: parece que amor vos fez aljava sua;<sup>mmm</sup> pois mostram tantas feridas, que em vós depositou  
todas as setas, que com tanto extremo nos ameís; que nos ameís com tanto excesso! A nós que tão  
ingratos somos a vossas finezas, a nós que tão mal correspondemos a vosso amor! Oh descobri  
Senhor, descobri o sangue que por nós derramaste; descobri as Chagas que por nós padeceste,<sup>nn</sup> e  
pelos rastos de sangue iremos dar com o coração! Oh meu Jesus da minha alma, que lastimado,  
220 que ferido, que despedaçado que estais; mas se vós meu coração, estais tão despedaçado, quem  
duvida que de ver-vos, se me despedaça o coração! Oh preciosíssimo tesouro de nossa redenção;  
preço de nossa liberdade; resgate de nossas almas, alimento de nossas vidas. Ah fiéis! vede que  
inundação de golpes; vede que mares de sangue: *A planta pedis vsque ad verticem non est in eo  
sanitas:*<sup>oo</sup> Abrandar-se-á o mais duro diamante, com o sangue daquele Cordeiro, só nossos  
225 corações se não abrandam! lastimem-vos aquelas Chagas, entorneça-vos aquele sangue; se  
inocentes lavai aquele sangue com vossas lágrimas, se pe-

---

<sup>ll</sup> Conforme Chevalier *et al.* (2006, p. 705), antigamente acreditava-se que o pelicano alimentava os filhotes com a própria carne, o que fez dele símbolo do amor paternal e, no cristianismo, um símbolo de Cristo. O simbolismo ligado a Cristo também se funda na chaga do coração, de onde manam sangue e água, bebidas da vida. Diz Angelus Silesius (1624-1676), em *O Peregrino Querúbico* (*apud* CHEVALIER *et al*, *loc. cit.*): *Desperta, cristão morto, vê, no Pelicano que te rega com seu sangue e com a água de seu coração. Se a recebes bem... estarás em um instante vivo e salvo.*

<sup>mmm</sup> Nova referência ao Cupido, como arqueiro.

<sup>nn</sup> Sobre a concordância entre o pronome vós (subentendido) e os verbos, como nesse trecho, vide nota “v”.

<sup>oo</sup> **VL**, Prophetia Isaiæ, c. 1, v. 6: *A planta pedis vsque ad verticem, non est in eo sanitas: vulnus, et liuor, et plaga tumens, non est circumligata, nec curata medicamine, neque fota oleo. BSP: Desde a planta do pé até ao alto da cabeça, não há nele nada são; tudo é uma ferida, uma contusão, uma chaga entumecida, que não está ligada, nem se lhe aplicou remédio para a sua cura, nem foi suavizada com óleo.*

---

<sup>212</sup> Cristãs] Christãs A.

<sup>214</sup> Redentor] Redemptor (e formas cognatas) A, *passim*.

cadores lavai vossas culpas com aquele sangue; que aquele sangue por ora não pede justiça; clama misericórdia! Oh meu bom Jesus, sentimos Senhor haver-vos ofendido, nunca mais meu doce Jesus; damos em satisfação de nossas culpas essas feridas, esses golpes, todo esse sangue.

230 Vença Senhor a enormidade de nossas culpas, a grandeza de vosso amor; por esses membros feridos, por esse corpo despedaçado, por esse sangue Senhor, por vossas Chagas, por vossa sacratíssima paixão vos pedimos perdão de nossas culpas: perdão meu Deus da minha alma, misericórdia Senhor, para que alcancemos vossa graça, que é o penhor da glória: *Ad quam nos perducat, etc.*<sup>pp</sup>

---

<sup>pp</sup> Abreviação de *Ad quam nos perducat Dominus Iesus Christus. Amen* – fórmula de encerramento de sermões e textos doutrinários, como a *Summa Theologica* (*quæst. 189, art. 10*), de S. Tomaz de Aquino. “À qual nos conduza o Senhor Jesus Cristo. Amém” (tradução nossa).

## PRÁTICA VI.

### E última do título de Homem.

*Ecce Homo.* Joan.19.<sup>a</sup>

Até agora ponderamos as divisas misteriosas daquela sagrada Imagem do *Ecce Homo*, e  
 5 havendo já considerado todas, só me resta agora por último remate, tratar do título; porque  
 também à Cruz de Cristo serviu o título de remate. O título pois que Pilatos deu a Cristo, em seu  
 pretório foi o de Homem: *Ecce Homo*: E este é o título sobre que havemos de discorrer, e cujos  
 mistérios havemos hoje de decifrar, em cada qual das insígnias daquela Imagem do *Ecce Homo*,  
 vimos até agora o amor, e a severidade de Cristo, porém por nenhum daqueles títulos devemos  
 10 tanto considerar em Cristo amor, e severidade, quanto pelo título de Homem. Um Deus feito  
 homem? muito há aqui que esperar, mas muito há que temer; há muito que esperar, porque Cristo  
 enquanto homem é mui benigno: há muito que temer, porque Cristo enquanto homem é mui  
 riguroso. Lá viu S. João a Cristo enquanto homem, e viu em forma de Cordeiro, *Agnus*

---

<sup>a</sup> Vulgata Latina (1605), doravante **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 19, v. 5: (*Exiit ergo Iesus portans coronam spineam, et purpureum vestimentum.*) *Et dicit eis: Ecce homo.* Bíblia Sagrada – Edições Paulinas (1986), doravante **BSP**: *Saiu, pois Jesus, trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. E (Pilatos) disse-lhes: Eis aqui o homem.*

---

<sup>1</sup> Prática] Practica A.

15 *qui occisus est;*<sup>b</sup> e contudo o mesmo S. João o tornou a ver também, enquanto homem, e viu em  
 forma de Leão: *Leo de tribu Iuda,*<sup>c</sup> de maneira que Cristo enquanto homem é mui composto de  
 mansidão, e ferocidade; Ora o vereis com mansidão de Cordeiro, ora com a ferocidade de Leão;  
 aquele mesmo Senhor algum dia há de ser pera castigar-nos Leão: *Ecce Leo ascendet,*<sup>d</sup> se agora  
 para perdoar-nos é Cordeiro: *Ecce agnus Dei,*<sup>e</sup> porque aquele Senhor tem natureza de homem;  
 20 *Ecce Homo.* Por isso quando o mundo viu ao Verbo divino feito homem: *Verbum caro factum*  
*est,*<sup>f</sup> viu juntamente graças e verdades: *Plenum gratiæ, et veritatis,*<sup>g</sup> porque Cristo enquanto  
 homem comunica graças, e examina verdades; comunica graças como amante, e examina  
 verdades como julgador, porque ser amante, e ser julgador, são as propriedades de Cristo  
 enquanto homem: Ora vejamos ãa, e outra cousa.

25 Primeiramente digo que Cristo, enquanto homem nos mostra grandíssimo amor; porque  
 totalmente foi obra do amor, fazer-se homem! Deus fez-se homem no mistério da Encarnação, e o  
 mistério da Encarnação de quem foi obra? claro está que foi obra do Espírito Santo: *Spiritus*  
*Sanctus superveniet in te,*<sup>h</sup> e por que havia o Espírito Santo de obrar a Encarnação; porque a  
 Encarnação é mistério em que Deus se fez homem; o Espírito Santo é o amor pessoal de Deus, e  
 para que se visse que o fazer-se Deus homem, era totalmente obra do amor, por isso foi obra do  
 30 Espírito Santo o mistério em que Deus se fez homem. O amor difine-se: união entre dous  
 extremos; para haver amor, há de haver extremos, e há de haver união e quanto mais se apertam  
 os laços da união; tanto realçam mais os extremos do amor; mas quando se uniu Deus ao homem  
 mais apertadamente? nunca mais apertadamente, do que quando se fez homem: Só ali se uniu ao  
 homem substancialmente, ali se apertaram tanto, que nunca se apartaram: e foram tão estreitos

<sup>b</sup> VL, Apocalypsis Ioannis, c. 5, v. 12: *dicentium voce magna: Dignus est Agnus, qui occisus est, accipere virtutem, et diuinitatem, et sapientiam, et fortitudinem, et honorem, et gloriam, et benedictionem.* BSP: *os quais diziam em alta voz: Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber a virtude, a divindade, a sabedoria, a fortaleza, a honra, a glória e a bênção.*

<sup>c</sup> VL, *Ibidem*, c. 5, v. 5: *Et vnus de senioribus dixit mihi: Ne fleueris: ecce vicit leo de tribu Iuda, radix David, aperire librum, et soluere septem signacula eius.* BSP: *Então um dos anciãos disse-me: não chores; eis que o leão da tribo de Judá, da estirpe de Davi, venceu de maneira a poder abrir o livro e romper os seus sete selos.*

<sup>d</sup> VL, Prophetia Ieremiæ, c. 49, v. 19: *Ecce quasi leo ascendet de superbia Iordanis ad pulchritudinem robustam: quia subito currere faciam eum ad illam: et quis electus, quem præponam ei? quis enim similis mei? et quis sustinebit me? Et quis est iste pastor, qui resistat vultui meo?* BSP: *Eis que, como leão, subirá da soberba do Jordão à grande formosura, porque eu o farei correr subitamente a ela. Quem será o escolhido, que porei sobre ela? Porque, quem há semelhante a mim? Quem me poderá suster? Qual é o pastor que ousará resistir a minha face?*

<sup>e</sup> VL, Evangelium secundum Ioannem, c. 1, v. 29: *Altera die vidit Ioannes Iesum venientem ad se, et ait: Ecce agnus Dei, ecce qui tollit peccatum mundi.* BSP *No dia seguinte, João viu Jesus, que vinha ter com ele, e disse: Eis o cordeiro de Deus, eis o que tira o pecado do mundo.*

<sup>f</sup> VL, *Ibidem*, c. 1, v. 14: *Et Verbum caro factum est, et habitauit in nobis: et vidimus gloriam eius, gloriam quasi vnigeniti a patre, plenum gratiæ et veritatis.* BSP *E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória como de Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.*

<sup>g</sup> *Loc. cit.*

<sup>h</sup> VL, Evangelium secundum Lucam, c. 1, v. 35: *Et respondens Angelus dixit ei: Spiritus sanctus superueniet in te, et virtus Altissimi obumbrabit tibi. Ideoque et quod nascetur ex te Sanctum, vocabitur Filius Dei.* BSP: *Respondendo o anjo, disse-lhe: O Espírito Santo descerá sobre ti e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso mesmo o Santo que há de nascer de ti, será chamado Filho de Deus.*

<sup>26</sup> Santo] Sancto (e formas cognatas) A, *passim*.

35 os laços, tão bem lançadas foram as prisões, que dela resultou aquela recíproca correspondência, aquela amorosa comunicação de Deus, nas propriedades de homem; de homem nas propriedades de Deus; de tal maneira, que na verdade se deve afirmar, que aquele homem é Deus, e que aquele Deus é homem; pode haver união mais apertada; pois se quanto mais estreita a união, tanto mais se aperta o amor, unindo-se ao homem o mesmo Deus, tão estreitamente quando se fez homem, 40 que havemos de dizer, senão que em ser Deus homem, se vê o maior amor de Deus.

Para confirmar esta verdade, excito esta questão. Quando nos mostrou Deus mais amor, quando encarnou, ou quando nos remiu? quando se fez homem por nosso amor, ou quando por nosso amor deu a vida em ãa Cruz? parece que na Cruz mostrou mais amor, quando podia Deus dizer com mais verdade que nos amava, do que quando com toda a verdade, podia dizer que morria por nós; Se acaso não era então o Deus do amor, pois estava despido<sup>i</sup> na Cruz; ao menos 45 pois estava elevado no ar, padecia êxtasis de amor; aqueles braços abertos, aquele peito rasgado, aquele coração descoberto, aquele esperar-nos a pé quedo,<sup>j</sup> quando mais ofendido, aquele chamar-nos com a cabeça, quando mais agravado, não eram todos claros argumentos de seu amor! raro amor de um Deus crucificado, que entre os mesmos paracismos<sup>k</sup> de sua morte lhe não esquecessem ternuras de seu amor, e o que mais é, que fizesse carícias de seu amor dos mesmos 50 acidentes de sua morte! há mais calificado amor; pois com isto ser assim, tão grande amor nos mostra Deus em ser homem, que com ser tão grande o amor que Deus nos mostrou morrendo, ainda mais amor nos mostrou encarnando, e dou a razão. Porque primeiramente a fineza da Encarnação não é efeito da Cruz; a fineza da Cruz é consequência da Encarnação; logo ainda 55 houve maior fineza na Encarnação, que na Cruz: além disto

---

<sup>i</sup> Referência à representação clássica do Cupido, nu.

<sup>j</sup> Mesmo que “a pé firme; sem se mover ou abalar; sem se retirar; parado” (cf. *Léxicon*. In: VIEIRA, 2010, p. 642).

<sup>k</sup> Variante diacrônica de “paroxismos”. Houaiss (2002) atesta “parocismo” em 1697.

---

<sup>35</sup> tão bem] também A.

o amor vê-se na dificuldade; tanto maior é a dificuldade que se vence, quanto maior é o amor que se mostra: a maior fineza vê-se no maior impossível; porque pela vitória do impossível se regula o valor da fineza: o que posto, pergunto assi: onde venceu Deus maior dificuldade? na Cruz, ou na Encarnação? na Encarnação sojeitou-se às leis da morte o que era imortal; na Cruz o que já era mortal sojeitou-se à morte; maior distância há entre o imortal, e a morte; do que entre a morte, e o mortal. Sendo Deus imortal por natureza, claro está que maior dificuldade venceu em expor-se a morrer, do que em morrer sendo mortal; na Encarnação obrigou-se à morte o imortal, na Cruz o mortal se rendeu à morte: logo maior fineza obrou Deus na Encarnação que na Cruz, e pelo conseguinte não foi tão grande amor padecer a morte, como foi o fazer-se homem.

60  
65  
70  
75  
Contudo ainda eu acho mais encarecido o amor de Cristo na razão que diz S. Bernardo, que estava tão desfigurado Cristo que não parecia o que era, e pera que o mundo se persuadissem que era na verdade homem aquele monstro chagado, foi necessário a Pilatos afirmar que era homem: *Ecce Homo*, pois quem não reconhece grandíssimo amor em tão notável transformação! No mistério sacrossanto do Altar ãa cousa é a que veneramos, outra a que vemos; de ãa cousa são as aparências, de outra as realidades; e está ali Cristo tão transformado, que nem é o que parece, nem parece o que é; mas isso por que razão? porque o Sacramento do Altar é cifra do amor, e como o mais apurado amor se vê na maior transformação, como é propriedade dos amantes viver desfigurados, por isso Cristo no Sacramento onde faz ostentação de seu amor, não tem a figura do que é; por isso, são os acidentes tão diversos da substância, e as aparências tão opostas às realidades;<sup>1</sup> pois quem deixará de conhecer a Cristo por amante, quando naquela figura o vê tão desfigurado! tão desfigurado estava o Senhor

---

<sup>1</sup> No pensamento aristotélico e escolástico, acidentes são aspectos casuais ou fortuitos de uma realidade, que, por essa razão, é irrelevante para compreensão do que nela é essencial e imprescindível. Define-se por oposição à substância, que é o que se mantém permanente sob os acidentes múltiplos e mutáveis, subsistindo por si, com autonomia e independência em relação às suas qualificações e estados (cf. HOUAISS, 2002).

---

<sup>57</sup> vitória] victoria A.

naquela figura, tão corrido o aspecto, tão confusas as feições, tão perdidos os alentos, tão ensanguentado o rosto, e o corpo todo tão despedaçado, que nem figura tinha do que era: *Non erat ei species, neque decor*,<sup>m</sup> sendo imagem do Eterno Padre, e figura de sua substância, não só  
80 não parecia imagem de Deus, mas nem ainda tinha figura de homem, tanto que para crer o mundo que era homem, foi necessário a Pilatos afirmar que o era: *Ecce Homo*.

Mas ah meu Deus da minha alma, que quanto vosso amor diminuiu em vossa figura, tanto cresceu em sua realidade; donde, se acreditastes vosso amor, quando vos fizestes  
85 homem sendo imagem de um Deus; igualmente o acreditastes perdendo a figura de homem, porque claro está que foi grande amor o que vos tirou a semelhança de homem, pera que em nós se reformasse a estampa de Deus; contudo meu doce Jesus, posto que essas chagas vos tiraram a figura de homem, quando vos venero tão desfigurado com essas chagas, aprendendo de Tomé Discípulo vosso, não só vos reconheço por homem, senão que vos adoro por Deus: *Dominus meus, et Deus meus*,<sup>n</sup> antes aprendendo de Bernardo servo vosso, quando vejo vossa  
90 fermosura perdida, considero em vós maior fermosura; *Quam mihi decorus es in ipsa positione decoris*.<sup>o</sup> E que gentilmente<sup>p</sup> me pareceis Senhor! Oh como estais meu Deus pera querido, quando estais mais afeado, porque quando vos vejo mais afeado, então vos considero mais amante: *Quanto pro me vilior, tanto pro me charior*.<sup>q</sup> Mas Senhor já que unistes a vós mesmo<sup>r</sup> a natureza de homem, não permitais que se percam os que têm a vossa natureza;  
95 adverti meu Deus, e meu Redentor: adverti que por nossa causa padeceste o rigor desses espinhos; a afronta dessa Púrpura; a crueldade dessas cordas; o ludíbrio desse Cetro; o tormento dessas chagas: adverti meu Deus que por nós morrestes em ãa Cruz, e que por nós vos abatestes a ser homem, sendo vós verdadeiramente Deus: pois como

---

<sup>m</sup> VL, Prophetia Isaiaë, c. 53, v. 2: *Et ascendet sicut virgultum coram eo, et sicut radix de terra sitiendi: non est species ei, neque decor: et vidimus eum, et non erat aspectus, et desiderauimus eum*. BSP: *Ele subirá como o arbusto diante dele, e como raiz que sai de uma terra sequiosa; ele não tem beleza, nem formosura; vimo-lo, não tinha parecença do que era, e por isso não fizemos caso dele*.

<sup>n</sup> VL, Evangelium secundum Ioannes, c. 20, v. 28: *Respondit Thomas, et dixit ei: Dominus meus et Deus meus*. BSP: *Respondeu Tomé e disse-lhe: Senhor meu e Deus meu!*

<sup>o</sup> “Quão formoso és para mim nesta posição de formosura” (tradução nossa). Referência a um trecho do sermão XLV de São Bernardo de Claraval: *Quam mihi decorus es, Domine mi, in ipsa tui hujus positione decoris!* (In: SANCTI BERNARDI, t. III, 1835, p. 300.)

<sup>p</sup> Advérbio usado como adjetivo.

<sup>q</sup> “Quanto mais vilipendiado, tanto mais por mim amado” (cf. BERNARDI, v. II, 1726, col. 82).

<sup>r</sup> Sobre a concordância entre <vós> e <mesmo>: cf. Bechara (2006, p. 425), “empregando-se vós em referência a uma só pessoa, põe-se no singular o adjetivo”.

---

<sup>95</sup> Redentor] Redemptor A, *passim*.

<sup>96</sup> Cetro] Sceptro A, *passim*.

se hão de perder os que vós a tanto custo remistes, e os que vós com tanto excesso amastes? é possível doce Jesus meu, é possível que há de haver dia em que o pecador se não alegre, de ver esse divino rosto! essa face divina, esse centro de serenidades há de fulminar as vinganças! vós que vos fizestes homem para nos remir, vós sois o que haveis de condenar enquanto homem? não sois vós nosso Redentor, não sois vós nosso advogado.<sup>s</sup>

Assim é fiéis, mas por isso mesmo: porque Cristo se fez homem para nos remir, porque  
 105 Cristo se fez homem para advogar por nós, por isso mesmo nos há de julgar enquanto homem: *Tunc videbunt filium hominis*,<sup>t</sup> porque tanto mais rigurosa há de ser a vingança, quanto mais favorável foi a intercessão. Rebelou-se o Príncipe Absalão contra seu pai el-Rei Davi, e fugindo à justa indignação de seu pai, embaraçando-se a melena entre ãas ramas, ficou pendurado pelos cabelos; chegou nesta ocasião um soldado de Davi, e lastimou-se de ver o desgraçado Príncipe;  
 110 chegou Joabe pouco depois, e vendo ao Príncipe naquele embaraço, com três lanças lhe atravessou o coração; pois valha-me Deus, por que causa lhe tirou a vida Joabe, e não o outro soldado de Davi, por que causa pendente Absalão um soldado raso se compadece, e Joabe um General lhe tira a vida? sabem por quê, não é a razão menos que de S. João Crisostomo,<sup>u</sup> *Qui patrem ei reconciliauit, is ipsum interfecit*:<sup>v</sup> todas as vezes (que foram muitas) todas as vezes que Absalão se via fora da graça de Davi, Joabe era o que entercedia por Absalão, Joabe era o que fazia suas partes, o que advogava em sua causa, e o que o reconciliava com seu pai: *Patrem ei reconciliauit*, e que tirou Joabe de haver intercedido tantas vezes por Absalão? ver ultimamente a Absalão rebelado contra Davi; pois ninguém há de castigar Absalão, senão Joabe; o mesmo que intercedeu em seu favor, esse lhe há de dar o castigo: *Qui patrem ei reconciliauit, is ipsum interfecit*:

---

<sup>s</sup> Em <não sois vós nosso Redentor, não sois vós nosso advogado.>, a pontuação do texto-base foi mantida, embora o contexto pedisse o ponto de interrogação no final. Sobre o problema da pontuação nestes sermões, confira-se, neste trabalho, a seção 2.3.2.4 do capítulo 2, alínea “e”.

<sup>t</sup> VL, Evangelium secundum Marcum, c. 13, v. 26: *Et tunc videbunt Filium hominis venientem in nubibus cum virtute multa et gloria. BSP: Então verão o Filho do homem vir sobre as nuvens, com grande poder e glória.*

<sup>u</sup> Cf. CHRYSOSTOMI, t. V, 1836, p. 89.

<sup>v</sup> “Aquele que o reconciliou com seu pai, esse mesmo o matou” (tradução nossa).

---

<sup>107</sup> Davi] David A, *passim*.

<sup>110</sup> Joabe] Joab A, *passim*.

120 Oh como se verá no dia do Juízo representada esta tragédia de Absalão! Cristo enquanto homem  
 é o que intercede por nós, pois quem nos há de castigar há de ser Cristo, enquanto homem:  
 Estudou o divino Verbo no direito, e nas leis de seu amor, para advogar em favor de nossa causa;  
 por meio destes estudos veio o divino Verbo a fazer-se homem, feito já homem advogou primeiro  
 em nossa causa, porém depois de advogado há de subir a julgador, e por isso mesmo há de ser  
 125 exato julgador; porque foi diligente advogado, por isso há de saber ser homem, sendo julgador:  
*tunc videbunt filium hominis*, porque sendo advogado soube ser homem: *Ecce Homo*.

Mas que cargos nos fará Cristo naquele dia, que cargos nos fará? de que sendo ele homem  
 por natureza, infamásemos nós a natureza de homem: que fazendo-nos Deus homens, vivamos  
 como brutos, que obedeçamos às propensões do apetite, e resistamos aos ditames da razão!<sup>w</sup> Os  
 130 homens convêm com os brutos, e convêm com Deus, com Deus na razão, com os brutos nos  
 apetites, e que deixemos a conveniência com Deus, por ter conveniência com os brutos! Oh brutal  
 conveniência?<sup>x</sup> nisto se distinguem os homens dos brutos, que os brutos como têm alma mortal,  
 só desta vida tratam, e os homens como têm alma imortal, devem tratar da outra vida, por isso  
 criou Deus a todos os brutos inclinados para a terra, e os homens levantados para o Céu; porque  
 135 os brutos só tratam da vida da terra, e os homens devem trazer os olhos na outra vida do Céu: foi  
 advertência de um Gentio:

*Pronaque cum spectent animalia cætera terram  
 Os homini sublime dedit, Cælumque tueri  
 Iussit, et erectos ad sydera tollere vultus.<sup>y</sup>*

140 Vivia Nabucodonosor tão descuidado do Céu, tão esquecido de sua salvação, que em  
 castigo o transformou Deus em bruto, justo castigo, porque vive como bruto, quem se

---

<sup>w</sup> Sobre o problema da pontuação nestes sermões, confira-se, neste trabalho, a seção 2.3.2.4 do capítulo 2, alínea “e”.

<sup>x</sup> Idem.

<sup>y</sup> “Enquanto as demais criaturas ficam olhando a terra com cabeça baixa, ao Homem deu uma alevantada, e lhe mandou olhar o céu e fitar, com viso ereto, as estrelas” (tradução nossa). Citação de *Metamorphoseon, libri XV* (I, 84-86), de Ovídio.

---

<sup>125</sup> exato] exacto A.

<sup>129</sup> ditames] dictames A.

descuida do Céu, ao cabo de sete anos (claro está) que havia Nabucodonosor de ter uso de razão, e por isso lhe restituiu Deus a forma de homem ao cabo de sete anos; porém qual foi a primeira ação de homem que fez Nabucodonosor: *leuauí oculos meos*,<sup>z</sup> pôs os olhos no Céu, e de antes não punha os olhos no Céu? não: que vivia como bruto, e foi força pôs os olhos no Céu, quando viveu como homem. Pois se a vida do homem é trazer os cuidados no Céu, se a vida dos brutos é trazer os cuidados na terra, como vivemos nós como brutos sendo homens? tantos cuidados para a terra, e nenhum cuidado do Céu! Oh como no dia do juízo se hão de examinar nossos cuidados! Oh como aquele homem nos há de culpar de brutos, aqueles espinhos se armarão contra nós: aquela Capa denunciará guerra: aquelas cordas serão flagelo: aquela Cana será vara: aquelas chagas clamarão vingança: aquele sangue justiça, que fazendo-me eu homem (vos dirá aquele Senhor) que fazendo-me eu homem para que tu te salvasses, te não salvastes tu;<sup>aa</sup> por que não viveste como homem? quais foram todos os meus cuidados, senão a tua salvação? por ti padeci as afrontas desta Coroa, desta Púrpura, desta Corda, deste Cetro, e destas Chagas; por ti padeci cinco mil açoutes à Coluna, dos quais duzentos, e sessenta, e seis chegaram a descobrir meus ossos; na cabeça padeci setenta, e duas feridas: no rosto cento, e vinte bofetadas; cento, e vinte, e nove pancadas em todo o corpo, derramei em terra dezoito mil, e cento, vinte, e cinco gotas de sangue:<sup>bb</sup> fui posposto a Barrabás, fui sentenceado à morte, fui morto, fui sepultado: *Quid est quod debui ultra facere vineæ meæ, et non feci*:<sup>cc</sup> que mais devia eu fazer de minha parte, e tu de tua parte que fizeste: viveste como bruto, e não como homem, todos os cuidados para o mundo, e nada para tua salvação: Ora eis aí vês o mundo? porém, que é o que vês agora, um campo de Troia, um mar de cinzas,<sup>dd</sup> que de agora

<sup>z</sup> VL, Prophetia Danielis, c. 4, v. 31: *Igitur post finem dierum, ego Nabuchodonosor oculos meos ad cælum leuauí, et sensus meus redditus est mihi: et Altissimo benedixi, et viuientem in sempiternum laudauí, et glorificaui: quia potestas eius potestas sempiterna, et regnum eius in generationem et generationem.* BSP: Mas, depois que se passou o tempo, eu, Nabucodonosor, levantei os meus olhos ao céu, voltou-me o uso da razão, eu bendisse o Altíssimo, louvei e glorifiquei o que vive eternamente, porque o seu poder é um poder eterno, e seu reino estende-se de geração em geração.

<sup>aa</sup> Pronome de 2ª pessoa do singular relacionado a forma verbal de plural, <salvastes>. Segundo Cintra e Cunha (1999, p. 278-279) o uso de *vós*, com referência a uma só pessoa, é normal como tratamento de cerimônia em português antigo e clássico, para expressar distância, apreço social, sobretudo quando se dirige a Deus. Nos sermões ora editados, percebe-se que esse emprego pode acarretar a oscilação de formas verbais flexionadas ora no singular, ora no plural, relacionadas, na frase, à segunda pessoa do discurso, como nesse caso.

<sup>bb</sup> Há, nos sermões ora editados, várias menções quantificadas dos sofrimentos físicos e emocionais de Cristo, que lhe foram impingidos na trajetória do Pretório até o Calvário. Ao que consta, esses números têm origem em uma cartilha de devoção à Via Sacra, da época das Cruzadas, que a tradição incorporou à 14ª estação (momento em que os discípulos vão embalsamar o corpo de Jesus e passam a contar os tormentos que ele sofreu), e a literatura posterior reproduziu com variações. Disso dão mostras os escritos atribuídos a São Vicente Ferrer, São Boaventura, Santa Gertrudes, Santa Brigitte, Juan Aquilano, Orozco e Rodulfo, Padre Salmeron, e outros (cf. SANTIAGO, 1790, p. 235; ANÔNIMO, 1858, p. 387-389).

<sup>cc</sup> VL, Prophetia Isaiæ, c. 5, v. 4: *Quid est quod debui vltra facere vineæ meæ, et non feci ei? an quod expectaui vt faceret uas, et fecit labruscas?* BSP: *Que coisa há que eu devesse fazer mais à minha vinha, que lhe não tenha feito? Far-lhe-ia acaso injúrias em esperar que ela desse boas uvas, em lugar das labruscas que produziu?*

<sup>dd</sup> Referência à Troia destruída por um incêndio (cf. HOMERO, *Odisseia*, livro VIII; VIRGÍLIO, *Eneida*, livro II).

<sup>154</sup> Coluna] Columna A.

suas grandezas, que de seus edifícios, que de suas delícias, que de suas pompas? Em cinza, em pó veio a parar todo o mundo!

165 Ah fiéis como havíamos de ver todos os dias, que todo o mundo é ãa pouca de cinza, se todos os dias tivéramos ãa hora de juízo; quando houver um dia de juízo, então veremos que todo o mundo é pó, e cinza, e que sendo isto o mundo, e que sendo tão falsas suas promessas, tão enganosas suas esperanças, nos descuidemos tanto de nossa salvação por amor do mundo! Oh quem bem conhecera o que é o mundo, e o que é a eternidade, que se nós vivêramos neste conhecimento, outros foram nossos cuidados: Então vivêramos como homens, porque então ainda  
170 fizéramos mais por viver à eternidade, do que fazemos por viver ao mundo; mas não fazemos este discurso, porque não recorremos ao juízo, que se nós trouxéramos sempre diante dos olhos o dia do juízo, nós conhecêramos sempre que era cinza todo o mundo; mas que sejam tão diversos nossos cuidados, que amemos tão cegamente as cousas do mundo, que por elas nos descuidamos de nossa salvação, que havendo de viver como homens com os olhos no Céu, que  
175 vivamos como brutos com toda a inclinação à terra; Verdadeiramente católico auditório, verdadeiramente, que não sei por que razão nos cativamos do mundo, pelo mundo nos desvelamos, pelo mundo, que é um teatro de tragédias, ou um campo de batalhas, no mundo, ou se pode amar a honra, ou a vida, ou as riquezas, ou a fermosura, ou as delícias, quanto as honras do mundo: quis el-Rei Baltazar mandar fazer a Davi a maior honra, e que fez? Mandou  
180 que o incensassem como a Deus; eis aí que cousa é a maior honra, um pouco de fumo. Quanto à vida do homem, quis o mesmo Deus formar-lhe a vida, e assoprou-lhe no rosto: eis aí que cousa é a nossa vida: um pouco de ar. Quanto às riquezas; quis o demônio enca-

recer a Cristo as riquezas do mundo, e mostrou-lhe a terra toda; eis ai que cousa são as riquezas  
 todas do mundo, ãa pouca de terra. Quanto às fermosuras; a primeira que se viu no mundo foi  
 185 aquela maçã do Paraíso; por fora estava a fermosura, porém dentro estava a morte; eis aí as  
 fermosuras do mundo: maçãs do rosto, maçãs do Paraíso, seja assi; mas por fora muita fermosura,  
 por dentro muita caveira. Quanto às delícias do mundo, todas viu S. João que as trazia ãa mulher  
 em ãa taça de ouro, cheia de veneno; eis aí as delícias do mundo tão limitadas, que se dão por  
 taça, e se as aparências são de ouro, as realidades são veneno, e que sendo as cousas do mundo  
 190 fumo, ar, terra, morte, e veneno, nos desvelemos tanto pelas cousas do mundo: não quero dizer  
 com isto, que não trateis de vossa vida, de vossa honra, e de vossa fazenda, antes vos digo que o  
 contrário seria grave pecado; porém digo, que se algũa destas cousas do mundo, encontrar<sup>ee</sup> vossa  
 salvação, que primeiro está vossa salvação, que todo o mundo, e acrescento, que ainda quando os  
 cuidados do mundo sejam muito lícitos, ainda quando vossa salvação não perigue entre os  
 195 cuidados do mundo, que não trateis só do mundo, tratai também de vossa salvação; tomai cada  
 dia ãa hora para a alma, já que todos os dias dais ao mundo, porque o contrário, é viver como  
 brutos, e não como homens.

Adverti, que nos há Deus de tomar mui estreita conta, se vivemos como homens, ou como  
 brutos: se tratamos só desta vida, ou também da eternidade; se pusemos toda a inclinação em as  
 200 cousas da terra, ou se levantamos também os cuidados ao Céu: aqueles que se elevam nas cousas do  
 Céu estando na terra, no Céu têm seu centro, hão de vir a parar no Céu; mas aqueles que se inclinam  
 só às cousas da terra, e nada tratam do Céu, na terra têm seu centro, hão de vir a parar no centro da  
 terra. Aqueles que só tratam desta vida, e se descuidam em matérias de sua salvação, só um

---

<sup>ee</sup> Mesmo que ‘ir de encontro’, ‘chocar-se com’ (cf. HOUAISS, 2002), ‘ser contrário a’.

---

<sup>185</sup> maçã] maçã A.

trabalho não terão no dia do juízo, e é, que gastarão pouco tempo em dar conta a Deus; antes me  
 205 parece que serão condenados sem dar conta. Não está má a consolação. A parábola das dez  
 Virgens é ùa representação do dia do juízo, e reparo eu em que o divino Esposo cerrasse as portas  
 às Virgens néscias, sem lhes fazer cargo, nem lhes tomar conta, pois por que não tomou conta o  
 Senhor às virgens néscias? por quê? porque se deitaram a dormir sem se prepararem para  
 receberem o Esposo, e quem dorme, quem se descuida em matérias de sua salvação, não há que  
 210 lhe tomar conta; já se supõe sua condenação: *Clausa est janua*,<sup>ff</sup> pois alerta fiéis não durmamos  
 em matéria de tanta importância, não nos descuidemos no negócio de nossa salvação, não sejam  
 todos nossos cuidados pera a terra, que isso é de brutos, ponhamos os cuidados no Céu, que isso é  
 de homens; no Céu ponhamos todos os cuidados, pois Deus por sua infinita misericórdia nos  
 criou a todos para o Céu: os brutos só desta vida tratam, porque não têm outra vida, tratemos nós  
 215 da outra vida, pois somos homens: Vede que esta vida, e que este mundo enfim há de acabar, e  
 que nos resta ainda a outra vida; vede que todos havemos de morrer, todos havemos de ser  
 chamados a juízo, todos havemos de dar conta a Deus, e isto não são contos, não são fábulas, não  
 são novelas, são verdades puras; pelo que cuidemos nesta conta, tratemos da outra vida, que é o  
 que mais nos convém, salvemo-nos Cristão[s], que é o que mais nos importa, que este mundo cá  
 220 há de ficar, e nenhum galardão nos há de dar o mundo, o que resta é tratar das almas, porque a  
 salvação, ou a condenação há de durar por ùa eternidade, eternidade, eternidade.

Mas para que nossas culpas até agora cometidas, não sirvam de impedimento à nossa  
 salvação, presente temos aquele Senhor a quem pedir perdão de nossas culpas, porque  
 suposto que aquele Senhor, enquanto homem, há de ser o fis-

---

<sup>ff</sup> **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 25, v. 10: *Dum autem irent emere, venit sponsus: et quæ paratæ erant, intrauerunt cum eo ad nuptias, et clausa est ianua. BSP: Mas, enquanto elas foram comprá-lo, chegou o esposo, e as que estavam preparadas entraram com ele a celebrar as bodas, e foi fechada a porta.*

---

<sup>210</sup> alerta] â lerta A.

225 cal de nossas culpas, contudo também agora enquanto [[Deus]]<sup>gg</sup> é o fiador de nossa emenda; *Apparuit humanitas, et benignitas saluatoris Dei nostri*.<sup>hh</sup> Como em Deus houve o ser  
 homem: *Apparuit humanitas*, não pode faltar o ser benigno, *et benignitas*, não pode deixar de  
 ser benigno um Deus, que é tão humano: mal deixará de ter amor, mal pode ser desumano um  
 Deus que é homem, especialmente quando o fazer-se homem foi força de seu amor. Nem vos  
 230 causem terror aquelas insígnias de Cristo, porque aqueles espinhos, setas amorosas são;  
 aquela capa servirá de cobrir nossas culpas, aquelas cordas são amorosos laços, que lhe têm  
 atadas as mãos pera estorvar-lhe<sup>ii</sup> os castigos, o que parece vara é cana, em cujos verdores se  
 fundam nossas esperanças, porque se dobra a nossos suspiros, aquelas chagas são portas por  
 onde se nos concede entrada ao mais amoroso coração, e se nos envergonham as manchas de  
 235 nossa vida, bem se poderão lavar nos rios daquele sangue. Eia pois almas Cristãs: *Ecce*  
*Homo*, ali tendes um Deus mui humano, pera o perdão de vossas culpas, agora é tempo de  
 solicitar o perdão. E vós meu doce Jesus, vós que pera remédio de nossas culpas, tomastes as  
 pensões de nossa natureza, compadece-vos Senhor, dos que sendo homens, vos ofendem  
 sendo Deus: se como homens pecamos, como homens nos arrependemos; vós conheceis  
 240 Senhor quão fraca é nossa natureza, nós conhecemos quão grande é vossa piedade; pois  
 releve a grandeza de vossa piedade, os desacertos de nossa natureza! Oh meu Jesus da minha  
 alma, e se nos faltar a vossa misericórdia, quem se livrará de vossa justiça? Pois descobri  
 Senhor, largai a capa pera nosso amparo, e mostrai as chagas pera nosso remédio. Oh meu  
 chagado Jesus, como homem vos adoramos feito carne, e vos choramos desfeito em sangue,  
 245 mas era força, que amor que vos fez encarnado enquanto homem, com o próprio sangue vos  
 fizesse encarnado! Oh Cristãos; *Ecce Homo*, não cobrava o Paralítico saúde, porque

---

<sup>gg</sup> Como sugeriu J.J. Nunes (1923, p. 108), parece ser um lapso a falta da palavra “Deos” neste trecho da edição príncipe, que deveria haver para se contrapor a “homem”. Com base nessa conjectura, Miranda e Ferreira (2007) a inseriram na edição C e a presente edição adotou a lição.

<sup>hh</sup> VL, Epistola B. Pauli ad Titum, c. 3, v. 4: *Cum autem benignitas, et humanitas apparuit Saluatoris nostri Dei; BSP: Mas, quando se manifestou a bondade de Deus nosso Salvador e o seu amor pelos homens, [...].*

<sup>ii</sup> Forma metatética de “estorvar-lhe”.

---

<sup>235</sup> Cristãs] Christãs A.

não tinha um homem que o lavasse na água: *Non habeo hominem*,<sup>jj</sup> mas nós ali temos um homem, que para dar-nos saúde nos lavará com seu próprio sangue: *Ecce Homo*, cheguemo-nos nós também com nossas lágrimas a lavar aquele sangue, e a lavar nossas culpas, vede que ali  
 250 donde mais carregam as culpas, ali mais descarregaram os golpes! Oh meu doce Jesus, quem vos lastimou tanto meu Redentor? vosso amor, ou nossas culpas, nossas culpas, e vosso amor vos lastimaram meu Deus, e que nós vos ofendamos, sendo vós tão amoroso! Oh ingratidão dos homens; mas que vós ameis tanto, quando nós vos ofendemos! Oh raro amor de Deus! Pois Senhor já que tanto nos amais, perdoai-nos meu bom Jesus pelo tormento desses Espinhos, pela  
 255 afronta dessa Púrpura, pela crueldade dessas Cordas, pelo ludíbrio dessa Cana, pelo rigor dessas Chagas, pelo preço desse Sangue, pelos merecimentos infinitos de vossa santíssima Humanidade vos pedimos perdão de nossas culpas, perdão meu Deus da minha alma; misericórdia Senhor, para que por meio de vossa misericórdia, alcancemos nesta vida vossa graça, penhor da glória: *Ad quam nos perducatur, etc.*<sup>kk</sup>

260

*LAUS DEO*<sup>ll</sup>


---

<sup>jj</sup> VL, Evangelium secundum Ioannem, c. 5, v. 7: *Respondit ei languidus: Domine, hominem non habeo, ut cum turbata fuerit aqua, mittat me in piscinam: dum venio enim ego, alius ante me descendit. BSP: O enfermo respondeu-lhe: Senhor, não tenho uma pessoa que me lance na piscina, quando a água é agitada; enquanto eu vou, o outro desce primeiro do que eu.*

<sup>kk</sup> Abreviação de “À qual nos conduza o Senhor Jesus Cristo. Amém” (tradução nossa). Fórmula de encerramento de sermões e textos doutrinários, como a *Summa Theologica* (*quæst. 189, art. 10*), de S. Tomaz de Aquino.

<sup>ll</sup> “A Deus o louvor” (tradução nossa).

## Sermão de Soledade, e Lágrimas de Maria Santíssima Senhora Nossa\*

*SCISSÆ SUNT AQUÆ; ET TORRENTES in solitudine.* Esaia cap. 35.<sup>a</sup>

Sepultado finalmente o Redentor do mundo, e reduzido já o Autor da vida aos apertos de ãa sepultura, que se havia de seguir, senão sepultar-se a Mãe Santíssima de Deus nas angústias de ãa soledad?<sup>b</sup> Estando sepultado o Sol no maior apartamento da Lua, e interposta a terra da sepultura, entre a Lua, e o Sol, que tinha que ver, que havia de eclipsar-se a Lua? Tanto que o Divino Sol de Justiça chegou a seu ocaso, e se meteu no horizonte da sepultura, tanto que a Maria Santíssima se lhe encobriu com a terra o seu Divino Sol, eclipsada de dor, e de tristeza, acompanhada só de sua mágoa, se retirou a seu recolhimento, e ali só consigo, arrasados os olhos em lágrimas, cercado o coração de martírios, no silêncio da noite, saudosa, e solitária começou a ponderar as razões de seu sentimento, e a sentir o tormento de sua soledade.

Esta soledade pois, este tormento é o lastimoso assunto, sobre que hoje havemos de falar; mas por que havemos de falar hoje? Em ãa triste soledade, aonde com tanto silêncio correm desatadas as lágrimas, aonde mudo o sentimento, não só suspendeu as queixas, mas embargou os suspiros, por que se havia de permitir, que tivessem lugar as vozes? Entrou Agar em ãa soledade, e diz a Escritura, que *errabat in solitudine*:<sup>c</sup> não só quer dizer que andava perdida, senão também que andava errada; pois em que esteve o erro de Agar? em misturar vozes com lágrimas: *Levavit vocem suam, et fleuit*.<sup>d</sup> Estava Agar em ãa soledade triste, e saudosa, por um filho, que lhe morria ao pé de ãa árvore, e levantar a voz nesta lástima, e nesta soledade, quem duvida, que foi um grande erro? *errabat in solitudine*. Os males, e os pesares grandes quanto mais se calam, mais se encarecem: porque é descrédito do sentimento chegar a dizer-se, e é encarecimento da dor não poder explicar-se; especialmente nesta soledade só

\* Este título é apresentado na folha de rosto da edição príncipe.

<sup>a</sup> Vulgata Latina (1605), doravante, **VL**, Liber Isaia, c. 35, v. 6: *Tunc saliet sicut cervus claudus, et aperta erit lingua mutorum: quia scissæ sunt in deserto aquæ, et torrentes in solitudine.* Bíblia Sagrada – Edições Paulinas (1986), doravante, **BSP**: *Então saltará o coxo como um cervo e desatar-se-á a língua dos mudos; porque rebenarão mananciais de águas no deserto e torrentes na solidão.*

<sup>b</sup> <soledad>: única ocorrência no texto. Espanholismo?

<sup>c</sup> Nota marginal: <Genes. cap. 21. B,14.>. **VL**, Liber Genesis, c. 21, v. 14: *Surrexit itaque Abraham mane, et tollens panem et vtrem aquæ, imposuit scapulæ eius, tradiditque puerum, et dimisit eam. Quæ cum abisset, errabat in solitudine Bersabee.* **BSP**: *Abraão, pois, levantou-se de manhã, tomou pão e um odre de água, e pô-lo às costas de Agar, e entregou-lhe o menino, e despediu-a. E ela, tendo partido, andava errando pelo deserto de Barsabéia.*

<sup>d</sup> Genesis, c. 21, v. 16. **VL**: *Et abiit, seditque e regione procul quantum potest arcus iacere. dixit enim: Non videbo morientem puerum: et sedens contra, leuavit vocem suam et fleuit.* **BSP**: *E afastou-se, sentou-se defronte, a distância dum tiro de frecha; porque disse: Não verei morrer o menino; e, sentando-se em frente, levantou a voz, e chorou.*

<sup>2</sup> Redentor] Redemptor A, *passim*.

<sup>12</sup> assunto] assumpto A, *passim*.

sabe discretamente falar, quem sabe mudamente sentir; porque a soledade da Senhora, ou por sua grandeza, ou por sua lástima, é matéria só pera sentida, não é dor pera explicada, não havia esta soledade de se referir com vozes, só se havia de explicar com lágrimas; só lágrimas puderam ser intérpretes de sua dor, porque só as lágrimas com que se chora são as eloquências com que se explica: pois se é nosso singular intento assistir à Senhora nesta ocasião de sua mágoa, quanto mais acertado fora sentir com lágrimas sua dor, que inquietar com ruídos sua soledade? Contudo já que é forçoso falar, perdoai, ó muda soledade! perdoai, que minhas vozes profanem vosso silêncio; será parte de vossa dor interrompermos vossa quietação, e crédito de vossa grandeza andarmos errados em vossa imensidade.

Entrando pois por esta espaçosa soledade, que é o que vemos? O que lá viu o Profeta Esaías, cujas são as palavras do Tema,<sup>e</sup> que propus: viu ele em espírito profético ãa soledade; e como nos deixou em suspensão de quem era a soledade, que via, fica-nos lugar pera podermos acomodar suas palavras à soledade da Senhora. Nesta soledade viu o Profeta, que nem um só suspiro se dava, nem um só ai se percebia; só o silêncio envolto em lágrimas era toda a retórica daquela soledade; porque no meio de todo aquele silêncio só viu, que corriam mudamente rios, e correntes de lágrimas: *Scissæ sunt aquæ, et torrentes in solitudine*. Muito temos que reparar nestas lágrimas, que correm hoje por esta soledade; porém antes, que reparemos nas lágrimas, reparo primeiro nos golpes: *Scissæ sunt*; diz Esaías, que à força de golpes rebentavam as ágoas: os golpes, que a Senhora sentiu em sua soledade, claro está, que eram golpes de dor; mas quem deu esses golpes naquela soledade? Eu imagino, que eram golpes, que dava a mesma imaginação; porque se na soledade se apura o entendimento, que muito<sup>f</sup> fosse tão agudo pera ferir, aonde estava tão dilicado pera discorrer? Tanto que a morte roubou a Cristo dos olhos de Maria, diz S. João no seu Apocalipse, que se retirou a Senhora pera ãa soledade: *raptus est filius: et mulier fugit in solitudinem*;<sup>g</sup> e acrescenta logo, que se deram à Senhora ãas asas de Águia: *Datae sunt mulieri alæ duæ aquilæ magnæ*.<sup>h</sup> Nestas asas reparo: que à morte do Filho se seguisse a soledade da Mãe, está bem; mas que a Mãe tomasse asas de Águia pera ir sentir a morte do Filho, com que razão? Seja embora, que em sua soledade se vestisse a Senhora de asas pera carregar-se de penas; mas já que tomava as penas por solitária, assi como era Fênix em ser só, por que não vestiu asas de Fênix?

<sup>e</sup> O emprego da expressão <cujas são> equivale a “de quem são” (cf. BARATA, 1872, p. 65). O uso de “cujo é” é abonado em Bluteau (1789, v. 1, p. 353).

<sup>f</sup> A expressão “que muito”, frequente também nos sermões de Vieira, equivale a “que há de estranho”, “que admiração” (cf. *Léxicon*. In: VIEIRA, 2010, p. 643).

<sup>g</sup> Nota marginal: <Apoc. cap. 12. à 5, & d. 14.>. **VL**, Apocalypsis Ioannis, c. 12, v. 5-6: *Et peperit filium masculum, qui rectorus erat omnes Gentes in virga ferrea: et raptus est filius eius ad Deum, et ad thronum eius: et mulier fugit in solitudinem, vbi habebat locum paratum a Deo, vt ibi pascant eam diebus mille ducentis sexaginta*. **BSP**: *Ora, ela deu à luz um filho varão, que havia de reger todas as gentes com vara de ferro; e seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono, e a mulher fugiu para o deserto, onde tinha um retiro que Deus lhe havia preparado, para aí a sustentarem durante mil e duzentos e sessenta dias.*

<sup>h</sup> **VL**, *ibidem*, c. 12, v. 14: *et datae sunt mulieri duæ alæ aquilæ magnæ, vt volaret in desertum in locum suum, vbi alitur per tempus et tempora et dimidium temporis, a facie serpentis*. **BSP**: *mas foram dadas à mulher duas asas duma grande águia, a fim de voar para o deserto, ao lugar do seu retiro, onde é sustentada por um tempo, por dois tempos e por metade de um tempo, fora da presença da serpente.*

por que mais asas de Águia? por isso mesmo; porque se viu Fênix solitária, por isso quis ser Águia entendida, porque com a agudeza de Águia soubesse sentir a soledade de Fênix. A alma do sentimento é a agudeza da razão;<sup>i</sup> porque assi como a alma anima o corpo, assi a discrição aviva o sentimento: a dor tanto é mais aguda, quanto é mais entendida; porque tanto mais se esperta<sup>j</sup> o sensitivo, quanto mais se apura o racional:<sup>k</sup> pois pera Maria avivar as dores de sua soledade, que melhor meio, que apurar os discursos de sua discrição? quis melhor entender pera melhor sentir, e pera sentir mais o ver-se solitária como Fênix: *Fugit in solitudinem*; quis remontar-se entendida como Águia: *Data sunt mulieri alæ duæ aquilæ magnæ*.

60 Desta sorte como Águia entendida se achava Maria em sua soledade, considerando miudamente todas as circunstâncias de sua pena, recorrendo pela memória todas as razões de seu tormento; e quem duvida, que cada discurso, que penetrava, e feria o ponto de sua dor era um rigoroso golpe de sua alma? pois donde foram tão penetrantes os golpes, que muito fossem tão copiosas as lágrimas? Aquela pedra, de que Moisés tirou água no deserto, não há dúvida, que estava em ãa solidão, e contudo tinha as águas recolhidas em si; mas tanto que Moisés a feriu com golpes, logo rebentou em águas: *Percutiens silicem, egressæ sunt aquæ*.<sup>l</sup> Assi estava Maria em sua soledade, como pedra firme, e constante, recolhidas as lágrimas dentro do seu dilatado coração; porque as saudades de um filho ausente, ou pera falar mais ao próprio a lástima de um filho crucificado tinham<sup>m</sup> convertido o seu coração em um mar de lágrimas; *Magna est velut mare contritio tua*.<sup>n</sup> Cresciam as ondas ãas sobre as outras embaraçadas em si mesmas, porque a tormenta, que passava aquele magoado coração lhe fazia muito mais crescer as ondas; contudo ainda não brotavam as lágrimas, porque se repremiam as ondas daquele mar, quebrando-se nas margens de sua prudência; mas nesta firmeza de pedra chegou a consideração pera mais profundamente imprimir os golpes, levantando altamente os discursos: *percutiens silicem*. Estes foram os golpes, que nesta soledade padeceu o coração de Maria, golpes de entendimento solitário, agudo, e magoado; pois a golpes de consideração, que havia de responder senão ecos de lágrimas? *egressæ sunt aquæ*: se de ãa pedra insensível tiram águas os golpes de ãa vara, que tinha que ver que de ãa alma solitária haviam de tirar lágrimas golpes de tanta consideração? *Scissæ sunt aquæ: et torrentes in solitudine*. //° Ainda dou outro sentido às

<sup>i</sup> Essa afirmação se distancia da habitual oposição literária *razão vs. sentimento/alma*, e se conforma melhor à ideia aristotélica de que “a alma e o entendimento são o mesmo e são um dos corpos primários e indivisíveis” (ARISTÓTELES, 2010, v. 3, t. 1, p. 40).

<sup>j</sup> Espertar: despertar, estimular (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>k</sup> Vieira, no *Sermão nas Exéquias da S. D. Maria de Ataíde* [...] (1649), faz essa mesma afirmação, mas seu argumento vai além, ao dizer que o sensitivo apurado destrói a vida: “Quem entende muito, não pode sentir pouco, e quem sente muito, não pode viver muito. O homem he vivente, sensitivo, e racional: o racional apura o sensitivo, e o sensitivo apurado destroe o vivente. Mas como os homens igualmente amaõ a vida, e se prezaõ do entendimento, daqui vem, que se persuadem dificultosamente a esta triste Philosophia” (VIEIRA, 1685, p. 444).

<sup>l</sup> Nota marginal: <Num. Cap. 20 B. 11.>. **VL**: *percutiens virga bis silicem egressæ sunt aquæ largissimæ*. **BSP**: *ferindo duas vezes com a vara o rochedo, saíram dele águas copiosíssimas*.

<sup>m</sup> O verbo concorda com <as saudades de um filho ausente>.

<sup>n</sup> Nota marginal: <Thren. cap. 2. D. 13>. **VL**, *Lamentationes*, c. 2, v. 13: *Cui comparabo te? vel cui assimilabo te, filia Iesusalem? cui exæquabo te, et consolabor te, virgo filia Sion? magna enim velut mare contritio tua: quis medebitur tui? BSP*: *A quem te compararei, / ou a quem te assemelharei, / ó filha de Jerusalém? / a quem te igualarei, e como te consolarei, / ó virgem, filha de Sião? / É grande como o mar a tua tribulação; / quem poderá curar-te?*

<sup>o</sup> Mudança de parágrafo marcada atipicamente, cf. normas desta edição.

<sup>56</sup> esperta] experta A.

mesmas palavras: *Scissæ sunt*. Não só quis dizer o Profeta, que as ágoas desta soledade saíram à força de golpes, senão, que se partiram, e saíram divididas em duas partes; as ágoas por ãa parte, por outra parte as torrentes: assi que rebentavam ágoas divididas em duas partes: *Scissæ sunt aquæ, et torrentes*; nem só rebentavam divididas torrentes, e ágoas, senão que as mesmas ágoas se partiram também em duas torrentes: *Scissæ sunt aquæ*; e as mesmas torrentes se dividiram em duas ágoas: *scissæ sunt torrentes*: de maneira, que não era ãa só ágoa, nem ãa só torrente, eram duas torrentes, e duas ágoas, *aquæ, et torrentes*; e assi que vinham a ser quatro rios diferentes, que igualmente repartidos corriam por aquela soledade: *Scissæ sunt aquæ: et torrentes in solitudine*. De sorte, que naquela soledade havia um mar de amarguras, dous olhos de ágoa, e quatro rios de lágrimas; o coração de Maria era um mar tempestuoso donde se derivavam quatro caudalosos Rios; de todas estas ágoas Maria era a Madre, os olhos eram as fontes, e as lágrimas eram as ágoas: do mar do coração sobiam ocultamente as lágrimas, e pera rebentar por duas fontes se dividiam em duas partes: *Scissæ sunt aquæ, et torrentes*: Nas fontes dos olhos se tornavam a dividir as lágrimas, porque em cada ãa das fontes se dividiam em duas ágoas: *Scissæ sunt aquæ*, e na outra se dividiam também outras duas: *Scissæ sunt torrentes*; e assi que na soledade da Virgem Santíssima estavam as lágrimas correndo de quatro em quatro, porque ãa era a Madre, duas as fontes, e quatro os rios de lágrimas, que mudamente corriam pelos dilatados espaços daquela triste soledade, *Scissæ sunt aquæ: et torrentes in solitudine*.

Pera entendermos agora a profundidade, e grandeza destes quatro caudalosos rios será necessário, que tomemos ágoa de mais longe, e que vamos a buscar-lhe seus princípios, e nascimentos. Primeiramente não há dúvida, que assi como todos os rios trazem sua origem do mar,<sup>P</sup> assi também estes quatro rios de lágrimas são ágoas, que do mar saíam; porque nasciam do coração de Maria, como lágrimas mui nascidas do coração; e assi como a causa do mar, que se formava naquele coração era a morte do Filho, e a soledade da Mãe, não há que duvidar também, que esta morte, e esta soledade eram a primeira origem destes quatro rios de lágrimas; porém esta era a origem de todos em comum, e eu quisera saber mais especialmente o princípio, e nascimento de cada um deles em particular. Aqueles quatro rios tão célebres do Paraíso todos nascem de um mesmo princípio: *De loco voluptatis, id est*,<sup>Q</sup> (explica o

<sup>P</sup> Mitos genealógicos sobre o ciclo hidrográfico remontam à *Ilíada*, de Homero: do Oceano todos os rios procedem, todo o mar, fontes e nascentes profundas. Hesíodo, em *Teogonia*, dá os rios como filhos de Oceano (um dos titãs) e Tétis (deusa do mar) – dois símbolos das águas primordiais (cf. HACQUARD, 1996, p. 33, 34, 229, 253, 282).

<sup>Q</sup> Nota marginal: <Gen. cap, 2, B. 11.>. **VL**, Liber Genesis, c. 2, v. 10: *Et fluiius egrediebatur de loco voluptatis ad irrigandum paradisum, qui inde diuiditur in quattuor capita*. **BSP**: Deste lugar de delícias saía um rio para regar o paraíso, o qual se divide em quatro braços.

110 Abulense)<sup>f</sup> *de medio Paradisi*;<sup>s</sup> quer dizer, que todos aqueles quatro rios nascem do centro do  
 coração do Paraíso; e contudo, além deste nascimento comum, cada um daqueles quatro rios  
 tem seu princípio, e seu nascimento particular: *Qui inde dividitur in quatuor capita*:<sup>t</sup> de um  
 princípio nasce o Ganges, de outro brota o Nilo, de outro mana o Tigris, e de outro começa o  
 115 Eufrates: pois da mesma sorte os quatro rios desta soledade, cristalina competência<sup>u</sup> dos  
 quatro rios do Paraíso, posto que todos eles nasciam de um mesmo centro, e coração, cada um  
 deles tinha seu particular princípio: *Qui inde dividitur in quatuor capita*. Isto pois quisera eu  
 agora buscar nesta soledade, o princípio particular de cada um destes quatro rios. Dificultoso  
 empenho; porque como estes princípios estavam tão ocultos, e escondidos no coração, e alma  
 de Maria, quem, senão só ela, poderia dar razão de tão secretos princípios? contudo, ainda que  
 120 nos faltam notícias, não nos faltarão conjecturas. Ora vamos penetrando esta soledade, pera  
 buscarmos estes princípios.

Começando pois pelo primeiro rio de lágrimas, que corre por esta soledade, digo que  
 foi seu princípio a soledade da morte; quero dizer, faltar-lhe a morte à Senhora em sua  
 soledade. A morte de Cristo foi a causa da soledade da Senhora, e a causa de suas lágrimas foi  
 125 a soledade da morte: que Cristo padecesse a morte, e que a Maria lhe ficasse a vida? que  
 ficasse em soledade por morte de Cristo, que até a Maria a morte lhe faltasse naquela  
 soledade? oh que saudosa que está pela morte do Filho! oh que solitária que está pela ausência  
 da morte! *Moriabatur, et non poterat mori*:<sup>v</sup> diz Arnaldo Carnotense;<sup>w</sup> mas como pode isto  
 ser? como não podia morrer se ela morria? é que morria por morrer:<sup>x</sup> morria no desejo, e não  
 130 podia morrer na execução: morria, porque lhe faltava a vida: não podia morrer, porque não  
 chegava a morte. A vida, e a alma daquele saudoso coração, era a divina presença de seu  
 único Filho: pois se não dura o Filho, como não morre a Mãe? que se lhe apartasse a alma,  
 que se lhe acabasse a vida: e que contudo não chegasse a morte! oh triste condição! oh triste  
 estado! esta foi sem dúvida a primeira razão por que à Senhora lhe rebentaram as lágrimas,  
 135 ver que não chegava a morte, quando o filho acabava a vida: estar em tal soledade por morte  
 do filho, que até a mesma morte lhe faltasse naquela soledade.

Morreu Absalão pendente de ãa arvore; e recebendo a triste nova seu Pai  
 Davi, retirando-se do concurso da gente, começou a chorar sua morte: *contrista-*

<sup>f</sup> Denominação antonomástica para se referir, possivelmente, a Alfonso Tostado (séc. XV) – bispo de Ávila, teólogo e escritor castelhano, que deixou uma vasta obra (cf. ALFONSE TOSTAT. In: MANGENOT, 1903, t.1, v.1, cols. 921-923).

<sup>s</sup> Possível referência: TOSTATI, Alphonsi. *Commentaria in Genesim*. Venetiis: Apud Io. Baptistam, & Io. Bernardum Sessam, Fratres, 1596.

<sup>t</sup> Nota marginal: <Gen. loco proxime. citato>.

<sup>u</sup> Cf. Houaiss (2002), do lat. *competentia, ae*, ‘proporção, simetria; aspecto’.

<sup>v</sup> “Morria, e não podia morrer” (tradução nossa).

<sup>w</sup> Nota marginal: <Arnold Carno,>. Trata-se de Arnaldo Carnotense (séc. XII), autor do *Tract. de laudibus Mariæ*. Esse autor é também citado por Vieira, no *Sermão do Santíssimo Nome de Maria* (o primeiro do tomo XI), ao falar da soledade e das dores da Senhora.

<sup>x</sup> A expressão “morrer por” pode significar “desejar muito”, e faz mais sentido na frase <morria por morrer>, seguida de <morria no desejo> (cf. MORAES SILVA, t. II, 1831, p. 334).

<sup>138</sup> Davi] David A, *passim*.

140 *tus itaque Rex ascendit, et flevit;*<sup>y</sup> e dando a razão de suas lágrimas, disse entre ameadados suspiros, que o que mais sentia, e mais chorava era não morrer em lugar de Absalão: *Fili mi Absalom, Absalom fili mi, quis mihi tribuat ut ego moriar pro te?*<sup>z</sup> mas se isto dizia Davi na morte de um filho rebelde, com quanta maior razão o diria a Senhora na morte de seu amado Filho? *Quis mihi tribuat ut ego moriar pro te?* Oh Divino Absalão meu doce Filho, como se não trocou a morte pera que se trocasse a vida? ficáreis vós com a minha vida, e padecera eu a  
145 vossa morte: oh morte cruel! cruel pela vida, que destruíste, e cruel pela vida, que deixaste! se havias de tirar ãa vida, por que mais me mataste o Filho? por que lhe não mataste a Mãe? fizeras em mim a execução, que eu te agradecera a morte, só porque ele lograsse a vida; mas já que lhe tiraste a vida, como me não dás a morte? assi como houve um só amor, que unisse estas duas almas, como não houve ãa só morte, que levasse estas duas vidas! como me  
150 deixaste a vida, se me roubaste a alma? se me deixaste morta pera o gosto, como me deixas viva pera o tormento? o Filho morto, e a Mãe viva? oh triste Mãe! oh doce Filho! *Quis mihi tribuat ut ego moriar pro te?*

Quando Jó chorava a morte de seus filhos, disse que desejava ver-se metido na soledade de ãa sepultura: *Requiescerem cum Regibus, et cum consulibus, qui ædificant, sibi solitudines.*<sup>aa</sup> Parece que o sentimento lhe embarçava o discurso: se o sentimento de Jó era ver-se em soledade dos filhos, como desejava Jó mais soledades? não desejava mais, desejava outra; estava na soledade dos vivos, e queria a soledade dos mortos: ãa sepultura é a soledade dos mortos, ãa soledade é a sepultura dos vivos; mas com esta diferença, que na soledade de ãa sepultura falta o sentimento; e na sepultura de ãa soledade falta a morte; pois porque Jó  
160 desejava a morte em sua soledade, por isso desejava trocar a soledade dos vivos pela soledade dos mortos; pois isso desejava ãa soledade, que fosse ãa sepultura: *Requiescerem cum Regibus, et cum consulibus terræ, qui ædificant sibi solitudines;* mas qual seria a razão por que queria Jó trocar as soledades? a razão é, porque é muito mais de sentir a soledade dos vivos, que a soledade dos mortos; na soledade dos mortos há apartamento sem dor; na  
165 soledade dos vivos sente-se a dor do apartamento; a soledade dos vivos é pera nela se padecer, e a soledade dos mortos é pera nela se descansar: *requiescerem:* logo mais padecia Jó estando em soledade vivo, que se estivera em

---

<sup>y</sup> Nota marginal: <2. Reg. cap. 18. G 33.>. **VL**, II Samuelis, c. 18, v. 33: *Contristatus itaque rex, ascendit cœnaculum portæ, et fleuit. Et sic loquebatur, vadens: Fili mi Absalom, Absalom fili mi: quis mihi tribuat vt ego moriar pro te, Absalom fili mi, fili mi Absalom?* **BSP:** *Então o rei, cheio de tristeza, subiu ao quarto, que estava por cima da porta, e pôs-se a chorar. E, andando, dizia assim: Meu filho Absalão, Absalão, filho meu! Quem me dera ter morrido por ti, Absalão meu filho, filho meu, Absalão.*

<sup>z</sup> *Loc. cit.*

<sup>aa</sup> Nota marginal: <Job c. 2 B. 13. & 14.>. **VL**, Iob, c. 3, v. 13-14: *Nunc enim dormiens filierem, et somno meo requiescerem: Cum regibus et consulibus terræ, qui ædificant sibi solitudines:* **BSP:** *Porque agora, dormindo, estaria em silêncio, / e descansaria no meu sono, e juntamente com os reis e com os árbitros da terra, / que fabricam para si solidões;*

---

<sup>153</sup> Jó] Job A, *passim*.

soledade morto. Além de que se Jó estivera morto, fora menor sua soledade; porque ainda que estivera apartado dos filhos, estivera ao menos assistido da morte.<sup>bb</sup> Antes nem ainda dos  
 170 filhos estivera apartado; porque como os filhos estavam mortos, morrendo Jó estivera morto em companhia dos filhos; e estando vivo estava só sem filhos, e estava só sem morte: pois que muito que na sua soledade sentisse a vida? que muito, que desejasse a morte? *Requiescerem cum Regibus, et cum consulibus terræ, qui ædificant sibi solitudines.*

Por estas mesmas razões sentia a Senhora faltar-lhe a morte em sua soledade; porque  
 175 mais quisera acompanhar ao filho morta, do que ficar sem o filho viva. E verdadeiramente considerando o tormento da soledade, em que estava, melhor lhe estivera padecer o mal da morte, que padecer o mal da soledade. O grão de trigo, que não morrer, e ficar sem fruto (disse Cristo) que padeceria a desgraça de ficar só: *Nisi granum frumenti cadens in terram mortuum fuerit, ipsum solum manet;*<sup>cc</sup> pois que mal é o ficar só? é tão grande mal, que  
 180 contrapondo o Senhor ao mal da morte o mal da soledade, julgou que lhe fora mais conveniente ao grão de trigo, a troco de não padecer o mal da soledade, padecer antes o mal da morte: *Nisi granum frumenti cadens in terram, mortuum fuerit, ipsum solum manet.* Esta mesma maior conveniência podera achar a Senhora na morte, que lhe faltava em sua soledade; mas como a morte lhe causou a soledade, levando-lhe o filho, pera lhe causar maior soledade,  
 185 a não quis acompanhar, nem ainda a própria morte, e assi que nesta soledade não podia respirar a Senhora, porque não acabava de expirar; considerando-se eterna pera a dor, imortal pera o sentimento, viva pera a pena, morta pera o gosto; só pera os alívios morta, só pera os tormentos viva. Que triste, que lastimoso estado, aonde só a morte podera servir de alívio, e aonde chegava a faltar até o alívio da morte!

Na morte dos Inocentes (diz S. Mateus) que chorava Raquel: *Rachel plorans filios suos, et noluit consolari, quia non sunt.*<sup>dd</sup> Se Raquel era já morta quando morreram os Inocentes, como chorava Raquel? dizem, que foi grande excesso de dor chorar ainda depois de morta: eu digo, que chorar depois de morta foi grande parte de alívio: fundo-me no texto: *noluit consolari.* Não se quis alegrar: logo chorou porque quis: de sorte, que em seu querer, ou não querer estava, ou seu  
 195 pranto, ou seu alívio: logo as lágrimas de Raquel depois de morta eram por vontade, não eram

<sup>bb</sup> O parágrafo compreendido entre as linhas 153 e 173 está quase literalmente reproduzido no *Sermão da Soledade da Senhora*, publicado em 1758, pregado na Sé da Bahia pelo Rev. Dr. Joseph Antonio Sarre – um dos integrantes da Academia Brasileira dos Renascidos. Além desse, outros trechos reproduzem o sermão aqui editado, ou guardam notável semelhança com ele, o que constitui indício de sua recepção no sec. XVIII, ou de uma fonte comum aos dois. Corrobora essa ideia uma provável referência a este sermão (e a outros de Eusébio de Matos) em um catálogo ms. de autores famosos e suas obras, de utilidade para a pregação conforme o calendário litúrgico (vide ANEXO 2: *Catal'gus Authorum Famosiorum, Festivitatū per annū occurrentiū ordine digestus, Prædicatoribus perutilis.* Braccharæ, 24 Iunii, an' 1766). A prática de se adotar sermões de modelos para outros era comum, e havia publicações que a incentivavam, como o curioso *Thesouro de Pregadores dividido em varios Sermoens Universaes, donde se tiram Sermões particulares [...]* (1765), de Gaspar de Sousa, que ensina como operar com um mosaico de peças textuais, movendo-as ou inserindo outras adequadamente, para a “Fabrica do Sermão”, que “evita que se recitem Discursos Moraes por Panegyricos”.

<sup>cc</sup> Nota marginal: <Joan. cap. 12. d. 24.>. **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 12, v. 24-25: *Amen, amen dico vobis, nisi granum frumenti cadens in terram, mortuum fuerit; ipsum solum manet. si autem mortuum fuerit, multum fructum affert. Qui amat animam suam, perdet eam: e qui odit animam suam in hoc mundo, in vitam æternam custodit eam.* **BSP**: *Em verdade, em verdade vos digo que se o grão de trigo, que cai na terra, não morrer, fica infecundo; mas, se morrer, produz muito fruto. O que ama a sua vida, perdê-la-á, e quem aborrece a sua vida neste mundo, conservá-la-á para a vida eterna.*

<sup>dd</sup> Nota marginal: <Matth. cap. 2. c. 18. & Jer. 31. d. 15.>. **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 2, v. 18: *Vox im Rama audita est, ploratus et vlulatus multus: Rachel plorans filios suos, et noluit consolari, quia non sunt.* **VL**, Liber Ieremiæ, c. 31, v. 15: *Hæc dicit Dominus: Vox in excelso audita est lamentationis, luctus, et fletus Rachel plorantis filios suos, et nolentis consolari super eis, quia non sunt.* **BSP**, Mateus, c. 2, v. 18: “Uma voz se ouviu em Ramá, pranto e grande lamentação: Raquel chorando os seus filhos, sem admitir consolação, porque já não existem”. **BSP**, Jeremias, c. 31, v. 15: *Isto diz o Senhor: foram ouvidas no alto vozes de lamentação, de pranto e de choro, são de Raquel, que chora os seus filhos, e não quer ser consolada acerca deles, porque já não existem.*

<sup>186</sup> expirar] espirar A.

por tormento; alegrara-se se quisesa, não se alegrou porque não quis: *Noluit consolare*; e isso por quê? porque eram lágrimas depois de morta. Não assi a mais fermosa Raquel na morte do mais inocente filho, como não estava em sua mão deixar de sentir, não podia deixar de chorar: e é que Raquel chorava com alívio de morta, e Maria chorava com o sentimento de viva:  
 200 Raquel chorava a soledade dos filhos, mas em companhia da morte, e Maria em soledade da morte, chorava a soledade do Filho. Oh quanto mais solitária está Maria, do que Raquel! pois quanto mais copiosas, e quanto mais amargas seriam as lágrimas de Maria! que a morte lhe levasse o Filho! e que nesta cruel soledade lhe faltasse até a própria morte! oh quão justa, e quão profundamente correm as lágrimas por esta soledade! *Scissæ sunt aquæ; et torrentes in*  
 205 *solitudine*.

Deste nascimento do primeiro rio de lágrimas ficará fácil de dar no nascimento do segundo; e vem ele a ser soledade de soledade: porque se a Senhora estava em soledade da morte; segue-se, que estava em companhia da vida: logo não estava em total soledade: sim; mas isto se há de dizer da soledade da Senhora? parece, que é diminuí-la; antes é encarecê-la.  
 210 Todos pera encarecer a soledade da Senhora dizem, que ninguém em suas dores lhe fizera companhia; porém com licença de todos, a Senhora teve companhia em suas dores. Não esteve a Madalena junto ao Sepulcro chorando a ausência de seu Senhor? não esteve o Evangelista ao pé da Cruz sentindo a falta de seu Mestre? os Apóstolos todos não sentiram a morte de Cristo! E que fez todo o universo? o Sol escureceu-se de mágoa, o ar enlutou-se de sentimento, o véu do Templo rasgou-se de lástima, as pedras rebentaram de dor, a terra estremeceu com desmaios; e finalmente todas as creaturas sentiram a morte de seu Creador: logo teve a Senhora companhia em sua soledade! não se pode negar: logo não foi total a soledade da Senhora? assi é; mas nem por isso foi menor a sua soledade. Lementava Jeremias a soledade de Jerusalém; e dizia desta sorte: *Quomodo sedet sola civitas plena populo*.<sup>ee</sup> Oh quão solitária, que está Jerusalém cheia de povo: já vem a contradição; se estava cheia de povo, como estava solitária? por isso mesmo, porque a mesma companhia lhe fazia maior a soledade: A um coração magoado não lhe causa maior soledade a falta de companhia, senão a falta de soledade: *nunquam minus solus, quam cum solus*; disse o Príncipe da eloquência,<sup>ff</sup> nunca um triste coração está mais acompanhado, que quando está menos assistido: melhor  
 225 acompanha a um triste a soledade, que a companhia;

<sup>ee</sup> Nota marginal: <Thren. cap, I. A.I.>. **VL**, Lamentationes, c. 1, v. 1: *Quomodo sedet sola ciuitas plena populo: facta est quasi vidua domina Gentium: princeps prouinciarum facta est sub tributo*. **BSP**: Como assim está sentada solitária, / esta cidade (antes) cheia de povo? / Tornou-se como uma viúva; / a senhora das nações; / a princesa das províncias / ficou sujeita ao tributo.

<sup>ff</sup> Nota marginal: <Tullius>. Ref. a Marcus Tullius Cicero (séc. I a.C.), em *De officiis*, Liber III, [1] – *nec minus solum, quam cum solus esset* –, ou *De Republica*, Liber I,[27] – *numquam minus solum esse quam cum solus esset*. Tradução livre: “Nunca menos só, do que quando se está só”. S. Ambrosio (séc. V) retomou a famosa frase no seu próprio *De officiis* (P.L., 16, col. 145-146; *Epistola XLIX*. col. 1153), ligando-a ao ideal cristão de ascese. O isolamento dos interesses seculares, concretizado na prática do retiro espiritual, em diversas ordens religiosas, em diferentes graus, é condição *sine qua non* para exercitar o espírito, pela meditação, exame da consciência, contrição, confissão etc. O sentido que essa máxima toma neste sermão, entretanto, não se relaciona propriamente à ascese, mas ao sentimento de solidão, agravado em meio às gentes.

<sup>212</sup> Madalena] Magdalena A, *passim*.

porque se a companhia lhe não assiste, está só em soledade de companhia; e se até a soledade lhe falta, fica em soledade de soledade: pois como a maior soledade pera um triste coração consiste na falta de soledade, por isso Jeremias nas ruínas de Jerusalém a descreveu assistida, pera a lamentar solitária; por isto lhe encareceu a frequência, pera lhe exagerar a solidão: 230 *Quomodo sedet sola civitas plena populo?* mas daí que se seguiu? *plorans ploravit in nocte, et lacrymæ ejus in maxillis ejus*:<sup>eg</sup> Começou Hierusalém<sup>hh</sup> a chorar dobrado: *Plorans ploravit*; e a chorar sem interpolação; *et lacrymæ ejus in maxillis ejus*: Chorava ver-se arruinada, e chorava ver-se assistida; chorava a dor de sua soledade, e chorava ter companhia em sua dor, porque a mesma companhia lhe aumentava a soledade: *Quomodo sedet sola plena populo?*<sup>ii</sup> O 235 mesmo podemos dizer da Senhora acompanhada da soledade do filho: *Quomodo sedet sola!* que solitária, que está! tão solitária, que lhe faltou até a mesma soledade; como lhe faltou a companhia do filho não quisera consigo outra companhia; na soledade do filho quisera ãa total soledade, e como até esta soledade lhe faltou é dobrada a sua soledade: pois já que a soledade se dobrou, sejam as lágrimas dobradas: *Plorans ploravit*, chore a soledade do filho, e 240 chore o não se ver só em sua soledade: já que se não vê só sem companhia, nunca se veja só sem lágrimas; já que nesta soledade lhe falta até alívio de chorar só, chore continuamente, sem interpolação, e sem alívio; *et Lacrymæ ejus in maxillis ejus*.

Morreram Jônatas, e Saul, e sendo Jônatas tão amante de Davi, mandou Davi às filhas de Israel, que chorassem todas a morte de Saul, e não lhes mandou, que chorassem a morte de 245 Jônatas: *Filiæ Israel super Saul flete*:<sup>jj</sup> pois se Jônatas havia amado tanto a Davi, como não manda Davi que chorem a morte de Jônatas? A razão dizem, que foi porque como Jonatas em sua vida havia obrigado tanto a Davi, quis Davi tomar sobre si toda a dor de sua morte; e por isto não quis, que outrem chorasse a morte de Jônatas. Esta é a razão, que se dá por parte de Davi: porém eu imagino, que tomar Davi sobre si todo o sentimento na morte de Jônatas, não 250 foi pera maior dor, senão pera algum alívio: as finezas, que Davi devia a Jônatas, é certo, que o obrigavam à maior dor; pois pera buscar algum alívio à dor tão grande, que fez? fez glória do sentimento, quis ter a glória de chorar ele só a morte de Jônatas, e não quis admitir companhia em sua dor, pera que esta singularidade lhe servisse de alívio naquela morte. Porém se Davi alcançou esta glória, a Maria lhe faltou este

<sup>eg</sup> Lamentationes, c. 1, v. 2. **VL**: *Plorans ploravit in nocte, et lacrymæ ejus in maxillis ejus: non est qui consoletur eam ex omnibus charis ejus: omnes amici ejus spreuerunt eam, et facti sunt ei inimici.* **BSP**: *Chorou sem cessar durante a noite, / e as suas lágrimas correm pelas suas faces; / não há quem a console / entre os seus amados; / todos os seus amigos a desprezaram, / e tornaram-se seus inimigos.*

<sup>hh</sup> *Hierusalem, Jerusalem e Ierusalem* são variantes abonadas em Bluteau (1713). Sobre a variação entre <Hier->, <Jer-> e <Ier->, confira-se a seção 2.3.2.3 deste trabalho.

<sup>ii</sup> Idem nota “ee”.

<sup>jj</sup> Nota marginal: <Reg. 2. cap. I. D.24.>. **VL**, II, c. 1, v. 24: *Filiæ Israel super Saul flete, qui vestiebat vos coccino in deliciis, qui præbebat ornamenta aurea cultui vestro.* **BSP**: *Filhas de Israel, chorai sobre Saul, que vos vestia de escarlate entre as delícias, e que vos dava os ornamentos de ouro para vosso enfeite.*

<sup>234</sup> aumentava] augmentava A.

255 alívio: faltou-lhe na soledade do filho aquele único alívio da soledade; e como lhe faltou até este alívio, que muito, que crescesse mais o tormento? A mesma ambição de penas foi maior causa de lágrimas: quisera, que se não repartisse por ninguém o sentimento daquela morte; porque quisera pera si todo aquele sentimento; e tão ambiciosa estava de padecer, que quisera recolher em si todas as penas, pera as padecer ela todas; mas vendo que não era ela só a que sentia a morte de Cristo, rebentava em lágrimas de dor, não só porque sentia, senão porque não sentia só. As lágrimas, que Davi chorava por Jônatas, como tinham certo o alívio na glória de as chorar ele só, sempre se interrompiam com o alívio; porém as lágrimas de Maria, nem ainda tiveram o alívio de que as chorasse ela só: pois por isso sem cessar, sem nunca se interromperem corriam tão perenemente as lágrimas de Maria: por isso foram tão contínuas, que pareceram permanentes: *Et lacrimæ ejus in maxillis ejus.*

Quando o Redentor do mundo sobia ao Monte Calvário pediu às filhas de Jerusalém, que não chorassem por ele, senão por seus filhos: *Nolite flere super me, sed super filios vestros*:<sup>kk</sup> notável petição de Cristo: não eram mui justas aquelas lágrimas? e sobre mui justas, não muito devidas? não devemos chorar todos a morte de nosso Redentor? pois por que pede o Redentor do mundo, que lhe não chorem a morte? Notem as palavras: *Nolite flere super me, sed super filios vestros*: falava o Redentor do mundo com as mulheres de Jerusalém, e pedia-lhes, que não chorassem por ele, mas que cada qual chorasse por seus filhos; como se dissera, cada mãe chore só pelo filho que tem, e assi que por mim ninguém chore; porque só a Mãe afligidíssima, que tenho, só ela quero, que chore por mim. Maior dificuldade: pois como se não compadece o Senhor de sua afligidíssima Mãe? não basta que ela só tenha a dor de perder o filho, senão que só ela há de chorar esta dor? isto é querer-lhe acrescentar o tormento? não é senão querer-lhe solicitar o alívio: Via o Senhor, que o único alívio, que em sua soledade poderia ter sua afligidíssima Mãe, seria só chorar em soledade; via que o único alívio, que poderia ter a Senhora em suas lágrimas, era não terem suas lágrimas companhia; pois por isso, pera que ela tivesse algum alívio em suas penas, pedia o Senhor, que ninguém a acompanhasse em suas lágrimas. Pedia Jó, que o deixassem ficar só, porque queria chorar um pouco: *Dimitte ergo me, ut plangam paululum dolorem meum*:<sup>ll</sup> e por que razão estando só não choraria muito? porque quem chora só sempre sente menos, e quem

<sup>kk</sup> Nota marginal: <Lucæ cap, 23 D. 28.>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 23, v. 28: *Filiae Jerusalem, nolite flere super me, sed super vos ipsas flete et super filios vestros*. **BSP**: *Porém Jesus, voltando-se para elas, disse: Filhas de Jerusalém, não choreis sobre mim, mas chorai sobre vós mesmas e sobre vossos filhos.*

<sup>ll</sup> Nota marginal: <Job cap. 10. D. 20.>. **VL**, Liber Iob, c. 10, v. 20: *Nunquid non paucitas dierum meorum finietur brevis? dimitte ergo me, vt plangam paululum dolorem meum*: [...]. **BSP**: *Porventura o pequeno número dos meus dias não se acabará em breve? / Deixa-me, pois, que eu chore um pouco a minha dor, [...].*

285 chora acompanhado sempre chora mais; porque não só sente a dor que chora, mas sente a dor  
 de não chorar só; pois como Jó entendia, que chorando acompanhado sentiria mais, e  
 chorando só sentiria menos, como via, que a companhia lhe acrescentava a dor, entendeu, que  
 a soledade lhe diminuiria a pena; por isso pera chorar menos, pediu que o deixassem só:  
*Dimitte ergo me, ut plangam paululum dolorem meum.* Isto suposto, com razão pediu o  
 Senhor, que cada mãe chorasse só por seu filho, pera que por ele chorasse só sua Santíssima  
 290 Mãe; porque como desejava, que ela tivesse algum alívio em sua soledade, por isso pera seu  
 alívio pedia, que ninguém a acompanhasse em sua dor; porém como se não deu comprimento  
 a esta petição de Cristo, como lhe faltou à Senhora este alívio de sua soledade, crescia muito  
 mais a causa de sua dor. Na soledade do filho quisera estar a Senhora em ãa soledade total, só  
 sem assistência, sem companhia, porque a companhia de outras lágrimas lhe faziam ruído à  
 295 sua soledade; mas como na soledade do filho a mesma soledade lhe faltava, por isso  
 rebentavam as lágrimas com muito maior excesso, porque se via, não só na soledade do filho,  
 mas em soledade da mesma soledade: *Scissæ sunt aquæ; et torrentes in solitudine.*

Porém se havia quem acompanhasse a Senhora em sua soledade, ela mesma se não  
 acompanhava a si: porque de tal sorte abstraída estava de si mesma na soledade do filho,  
 300 que de si mesma estava em soledade; e este é o nascimento do terceiro rio de lágrimas;  
 soledade de si mesma. Fala S. João da soledade desta Senhora, e diz, que quando a morte  
 lhe roubara o Filho, que se retirara ela pera a sua soledade: *Raptus est filius ejus, et mulier  
 fugit in solitudinem:*<sup>mm</sup> (*Mulier*) aqui reparo; assi como diz, que morrera o filho: *Raptus est  
 filius;* por que não diz, que fugira a Mãe pera a soledade? por que diz somente, que ficara  
 305 em soledade ãa molher? *Mulier fugit in solitudinem;* porque verdadeiramente a Senhora não  
 era já Mãe na soledade; enquanto vivo o Filho, só tinha formalidade de Mãe, tanto que  
 faltou a existência do Filho, logo ficou sem a razão, e formalidade de Mãe. (É doutrina  
 assentada) bem; mas ao menos, por que não disse o Evangelista, que quem ficara na  
 soledade era Maria? Por que disse só que ficara ãa molher: *Mulier fugit in solitudinem?*  
 310 Porque Maria em sua soledade, nem era Maria, nem era Mãe: nem se pode  
 determinadamente averiguar o que era: era ãa só natureza no estado da solidão: *Mulier.* Era ãa

---

<sup>mm</sup> Nota marginal: <Apoc. loco supra citato.>. Ref. a Apocalypsis c. 12 (vd. notas “g” e “h”).

Idea solitária, que nem era singular, porque estava abstraída de si mesma, nem era comua,<sup>nn</sup> porque estando tão só estava mui singular: era ãa alma indeterminada, um espírito absorto, coração extático,<sup>oo</sup> que nem estava todo em si pera assistir com Cristo, nem todo estava com  
 315 Cristo pera padecer em si: era ãa molher sem individuação de Maria, sem propriedade de Mãe: finalmente ãa natureza solitária: *Mulier fugit in solitudinem*:

Despois de enterrar a dous filhos, e um esposo tornava pera sua pátria a fermosa Noemi; e tão trocada vinha do que fora, que admirados os que a conheciam se perguntavam uns aos outros: *Hæc est illa Noemi?*<sup>pp</sup> Esta é aquela Noemi? Pois se ela é esta, como  
 320 perguntam se é aquela? quem diz esta, fala da que está presente, quem diz aquela fala de outra passada: pois se ela é esta, como é outra? é que na soledade dos filhos tanto a si se havia trocado, e tão outra fora do que era, que se duvidava ainda, se era aquela mesma, que fora: *Hæc est illa?* Confirma este pensamento a reposta da propria Noemi: *Ne vocetis me Noemi, sed amaram*: não me chamem já Noemi, chamem-me a triste. Verdade é, que eu fui aquela  
 325 Noemi; mas já não sou aquela que fui; porque a soledade dos filhos, em que fiquei, assi como me tirou o ser, assi também me levou o nome: *Ne vocetis me Noemi, sed amaram*. Isto mesmo que aconteceu na soledade de Noemi, aconteceu também à Senhora em sua soledade: porque nós podemos fazer a mesma pergunta, e a Senhora nos pode dar a mesma reposta. Nós podemos perguntar, se é esta aquela Maria? *Hæc est illa?* aquela, que foi Mãe de Deus, esta é  
 330 aquela? mas já não é aquela, esta é outra: aquela foi Maria a Mãe Santíssima de Deus: esta nem é Maria, nem é Mãe: é uma cifra de penas, ãa idea de sentimentos, uma trágica sombra do que era, ãa memória triste do que fora: estas são as cinzas daquele ser, que algum tempo existiu, e já agora não tem ser; estrago daquela grandeza, que está agora em soledade de si mesma. Assi que nesta mesma conformidade nos pode responder a Senhora: *Ne vocetis me*  
 335 *Mariam, sed amaram*. Não me chamem já Maria, chamem-me a solitária: Já não sou a mesma que fui, porque estou em soledade de mim mesma: nesta triste soledade só vereis as ruínas do que fui, não tereis evidências do que sou; porque sou um corpo sem alma, ãa alma sem vida ãa vida sem coração sem alento, um alento sem entidade, ãa entidade sem ser; Oh triste ser! oh dura soledade!

340 Vendo-se pois a Senhora em soledade de si mesma, que magoada, que triste, que sentida estaria

<sup>nn</sup> Esse adjetivo, atualmente de dois gêneros, tem a forma feminina *comua* dicionarizada até o séc. XIX (cf. SILVA PINTO, 1832).

<sup>oo</sup> Extático: enlevado em êxtase; arrebatado.

<sup>pp</sup> Nota marginal: <Ruth. cap. I. D. 15.>. **VL**, Liber Ruth, c. 1, v. 19-20: *profectæque sunt simul, et venerunt in Bethlehem. Quibus vrbem ingressis, velox apud cunctos fama percebruit: dicebantque mulieres: Hæc est illa Noemi. Quibus ait: Ne vocetis me Noemi (id est, pulchram), sed vocate me Mara (id est, amaram), quia amaritudine valde repleuit me Omnipotens. BSP: Partiram juntas e chegaram a Belém. Tendo entrado na cidade, logo correu a notícia disso por todos, e as mulheres diziam: Esta é aquela Noemi. Ela disse-lhes: Não me chameis Noemi (isto é, formosa), mas chamai-me Mara (isto é, amarga), porque o Onipotente me encheu de extrema amargura.*

em sua soledade? quisera ser toda a que era pera se empregar em sentimentos toda; mas vendo que não era já Mãe, nem era já Maria, sentia ser só parte do que fora, porque quisera ser toda a que sentira, chorava aquela parte, que já não era, por ser parte sua, que não chorava; mas pera suprir a dor, que não padecia aquela parte, que faltava, de tal sorte dobrava a dor na outra parte que existia, que toda se transformava, e convertia em dor. Grande prova se me não engano: Querendo Jeremias buscar algũa semelhança à Virgem Santíssima em sua soledade, disse desta sorte: *Cui comparabo te? Vel cui assimilabo te virgo filia Sion? magna est enim, velut mare, contritio tua.*<sup>99</sup> Com quem vos compararei ó Virgem angustiada? Verdadeiramente a vossa dor é semelhante a um grande mar; sem dúvida, que de lástima perdeu o tino o sentido Profeta: se o intento de Jeremias era dar ãa semelhança à Virgem em sua soledade: *Cui comparabo te?* como foi dar semelhança à sua dor? *Magna est enim velut mare contritio tua.* É o que dizíamos: ainda que o intento do Profeta foi fazer com a Senhora uma comparação; contudo quando foi à comparação não achou a Senhora: pois logo, que achou? achou só a dor da Senhora; porque toda a Senhora se tinha convertido em dor: *Quæro Mariam* (diz S. Boaventura)<sup>100</sup> *et non invenio Mariam; invenio spinas, invenio flagela; quia tota conversa in ista.*<sup>101</sup> Nesta soledade diz o santo, não se acha Maria; só se acham dores, e martírios; porque está toda convertida em dores: pois por isso o Profeta quando queria comparar a Senhora: *Cui comparabo te?* porque achou a dor, e não a Senhora, se resolveu a comparar a dor: *Magna est velut mare contritio tua.* Diz que era sua dor semelhante a um mar, e com grande propriedade; porque o mar é o princípio dos Rios;<sup>102</sup> e esta dor da soledade de si mesma, quem duvida, que havia de ser princípio de lágrimas? quem duvida, que se havia de desfazer em lágrimas, quem se desfazia de si mesma? é o mesmo, que disse Isaías: *Scissæ sunt aquæ: et torrentes in solitudine;* diz que rebentavam nesta soledade Rios de lágrimas: pois de quem nasciam estes Rios? quem estava nesta soledade? ninguém estava; só se viam ali duros golpes de sentimento: *Scissæ sunt;* só se viam correr serenamente quatro rios de lágrimas *aquæ, et torrentes:* só se via um ermo solitário, uma soledade triste, tão só, que estando ali a Senhora, nem a mesma Senhora se via naquela soledade, porque de si mesma estava tão abstraída, que estava em soledade de si mesma: *in solitudine.*

Cheguemos finalmente ao nascimento do último Rio; e vem ele a ser, a soledade da presença de Deus: acha-se hoje Maria em

<sup>99</sup> Nota marginal: <Thren. cap. 2. D. 3.>. VL, Lamentationes, c. 2, v. 13: *Cui comparabo-te? vel cui assimilabo te, filia Ierusalem? cui exæquabo te, et consolabor te, virgo filia Sion? magna enim velut mare contritio tua: quis medebitur tui? BSP: A quem te compararei, / ou a quem te assemelharei, / ó filha de Jerusalém? / A quem te igualarei, e como te consolarei, / ó virgem, filha de Sião? / É grande como o mar a tua tribulação [...].*

<sup>100</sup> Nota marginal: <D. Bonav.>. Citação – não literal ou de outra fonte – de S. Boaventura, em *Stimulus Amoris*, parte I, cap. 3 (cf. BONAVENTURA [pseudo], 1490).

<sup>101</sup> “Busco por Maria e não a encontro: espinhos encontro, encontro flagelos: pois toda ela tornou-se nisso” (tradução nossa).

<sup>102</sup> Sobre os mitos do ciclo hidrográfico, vide nota “p” desta edição.

<sup>366</sup> só] se A.

sua soledade, ausente da vista de um Filho Deus, e sendo esta a soledade de Maria não pode haver mais rigorosa soledade; porque soledade de filho, muitas mães a padeceram; soledade de Deus, todos os danados a padecem; porém soledade de filho, e juntamente Deus, ou de Deus, e juntamente filho, só Maria unicamente, ninguém mais padeceu esta desigual soledade: 375 só do Eterno Padre se podia imaginar, que estava nesta soledade por morte de Cristo; porém o Eterno Padre nunca perdeu seu unigênito Filho, nem o podia perder; e assi, que nunca deixou, nem podia deixar de ser Pai: logo só Maria padeceu unicamente esta soledade da presença de um Deus Filho. Oh unicamente rigorosa soledade, sem par, sem exemplo, sem comparação.

Mas entrando a Senhora nesta incomparável soledade, que lágrimas lhe não 380 arrancariam do coração aquelas ausências de Cristo, e aquelas saudades de Deus? considerava-se a Senhora ausente da presença de Cristo, considerava-se apartada da vista de Deus; e aquelas tristes memórias de Cristo morto, aquelas firmes saudades de Deus ausente, quem duvida, que tantas lágrimas lhe tirariam dos olhos, quantos golpes lhe davam no coração? No deserto disse Deus a Moisés, que por se não pôr a risco de castigar o povo pelo 385 caminho da Palestina, que os não havia de acompanhar; mas que em seu lugar mandaria um Anjo, que os acompanhasse, e defendesse por todo o caminho: *mittam præcursorem Angelum, non enim ascendam tecum: ne forte disperdam te.*<sup>uu</sup> Ouvindo o povo esta resolução de Deus, diz a Escritura, que derramaram todos muitas lágrimas: *Audiensque populus sermonem hunc pessimum, luxit: et nullus ex more indutus est cultu suo.*<sup>vv</sup> Pois valha-me Deus; se Deus os havia de castigar, se o Anjo os há de defender, qual é a razão por que este povo chora? A 390 razão é, porque Deus se ausenta: tanto é pera chorar a ausência de Deus, que ainda quando Deus há de castigar, e um Anjo há de defender, ainda então se não supre cabalmente a assistência de um Deus, com a companhia de um Anjo; então solto o pranto, e perdido o decoro se deve chorar a ausência de Deus: *Audiensque populus semonem hunc pessimum,* 395 *luxit: et nullus ex more indutus est cultu suo.* Assi chorava o povo no deserto, sentindo a ausência de Deus; mas com quanta maior razão correm hoje as lágrimas por esta soledade, do que lá corriam no deserto! Se tão amargamente se chora a ausência de um Deus retirado, com quanta maior lástima se chorará a ausência de um Deus morto? se tão sentidamente se chora a ausência de um

<sup>uu</sup> Nota marginal: <Exod. cap. 33 A. 2.>.VL, Liber Exodus c. 33, v. 2-3: *et mittam præcursorem tui angelum, vt eiiciam Chananæum, et Amorrhæum, et Hethæum, et Pherezæum, et Heuæum, et Iebusæum, et intres in terram fluentem lacte et melle. Non enim ascendam tecum, quia populus duræ ceruicis es: ne forte disperdam te.* SBP: *Enviarei um anjo para teu precursor, e expulsarei o cananeu, o amorreu, o heteu, o ferezeu, o heveu e o jebuzeu, para que entres num país, onde corre leite e mel. Porque eu não subirei contigo, visto seres um povo de cerviz dura; não suceda que eu tenha que te exterminar no caminho.*

<sup>vv</sup> *Ibidem*, c. 33, v. 4. VL: *Audiensque populus sermonem hunc pessimum, luxit: et nullus ex more indutus est cultu suo.* BSP: *O povo ouvindo estas duras palavras, chorou; e nenhum vestiu as suas galas costumadas.*

400 Deus, de quem se esperavam castigos, com quanta maior mágoa se chorará a morte de um Deus, de quem se recebiam favores?

Com dous Anjos quis o Senhor substituir sua presença pera enxugar as lágrimas da Madalena; e contudo não se lhe enxugaram as lágrimas: *Mulier quid ploras?*<sup>ww</sup> perguntavam os Anjos: qual é a causa, oh triste Madalena, qual é a razão por que chorais? *Tulerunt Dominum meum:*<sup>xx</sup> sinto, e choro a ausência de meu Senhor; pois não estão aqui dous Anjos? 405 E como podem os Anjos suprir a ausência de Deus? que importa, que assistam Anjos em minha presença, se tenho a Deus em uma sepultura? *Tulerunt Dominum meum:* estou ausente de meu Deus, e meu Senhor; e é força, que ceguem com lágrimas os olhos, que não veem a Deus: assi estava junto ao Sepulcro a Madalena sentindo, e assi perseverava chorando: *Stabat foris plorans.*<sup>yy</sup> Mas se não podem enxugar-se as lágrimas de ãa Maria saudosa por um Deus, que era seu Senhor, como se hão de enxugar as lágrimas de outra Maria saudosa por um Deus, que era seu Filho? Maria Madalena estava junto ao Sepulcro, mas como era serva estava de fora: *Stabat foris plorans:* Maria Mãe de Deus estava ausente do Sepulcro, mas como era Mãe estava dentro; e não só estava dentro do Sepulcro com a saudade,<sup>zz</sup> com o pensamento, e com 415 a consideração, senão ainda com o seu próprio sangue; porque era sangue seu aquele santíssimo cadáver, que estava dentro do Sepulcro; pois quanto choraria quem era de dentro, se tanto chorou quem era de fora? Se tanto chorava a ausência de Deus quem era serva, quanto choraria a ausência de Deus quem era Mãe? Se este tormento, que padeceu a Senhora se distribuísse igualmente por todas as criaturas (diz S. Bernardo)<sup>aaa</sup> que de pancada acabariam todas: *Si dolor Virginis in omnes creaturas divideretur, omnes subito interirent.*<sup>bbb</sup> 420 pois se é tal a violência deste tormento, ainda repartido, que faria a Mãe Santíssima de Deus, sendo ela só a padecer junto este tormento? Assi como a glória, e a bem-aventurança consistem na vista de Deus, assi também na ausência de Deus consiste a pena de dano; nem pode haver maior pena; pois semelhante era a pena que com bem custosa experiência sentiu 425 Maria em sua soledade; porque como a soledade de Maria era perda da vista de um Filho Deus, não faz dúvida, que padecia em sua soledade um abismo de penas, ãa quase pena de dano, um como Inferno de tormento: se do filho, pelo desamparo, que padeceu

---

<sup>ww</sup> Nota marginal: <Joan. cap. 20 C.13.>. **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 20, v. 13: *Dicunt ei illi: Mulier, quid ploras? Dicit eis: Quia tulerunt Dominum meum; et nescio vbi posuerunt eum.* **BSP**: *Eles disseram: Mulher, por que choras? Respondeu-lhes: Porque levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram.*

<sup>xx</sup> *Loc. cit.*

<sup>yy</sup> **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 20, v. 11: *Maria autem stabat ad monumentum foris, plorans. Dum ergo fleret, inclinavit se, et prospexit in monumentum:* **BSP**: *Entretanto Maria (Madalena) conservava-se da parte de fora do sepulcro, chorando. Enquanto chorava, inclinou-se e olhou para o sepulcro, [...].*

<sup>zz</sup> Embora *soledade* e *saudade* tenham o mesmo sentido etimologicamente, neste sermão (e atualmente) essas palavras remetem a significados distintos: o primeiro, de retiro, solidão; o segundo, de “sentimento mais ou menos melancólico de incompletude, ligado pela memória a situações de privação da presença de alguém ou de algo” (HOUISS, 2002). O próprio autor, no *Sermão Nono, das Soledades da Senhora* (linhas 191-192), dá a seguinte definição de saudade: “Saudades são aquelas amorosas lembranças que ficam de um bem ausente; são aquelas tristes memórias que se conservam de um bem perdido”.

<sup>aaa</sup> Nota marginal: <D. Bernard.>. Embora o sermônista se refira a S. Bernardo, a citação é de S. Bernardino de Sena (1380-1444), *De exaltatione B. Virginis in Gloria*, *Serm. XIII*, art. II, cap. II (cf. BERNARDINI SENENSIS, 1650, p. 136).

<sup>bbb</sup> “Se a dor da Virgem se dividisse entre todas as criaturas, todas seriam subitamente destruídas” (tradução nossa).

---

<sup>408</sup> veem] vem A.

<sup>427</sup> dano]damno A, *passim*.

do Pai, se diz, que padecera dores do Inferno: *Dolores inferni circumdederunt me;*<sup>ccc</sup> que  
 430 reparamos, em certo modo, maior era o tormento de Maria, que o tormento do Inferno; porque  
 o tormento do Inferno é soledade de Deus, que os mesmos danados voluntariamente  
 quiseram; e o tormento de Maria é soledade de Deus, que os homens violentamente lhe  
 causaram: o tormento do Inferno é soledade de Deus, que não é filho, e o tormento de Maria é  
 435 soledade de um Filho, que é o mesmo Deus: a soledade do Inferno é de muitos, porque muitos  
 a padecem, a soledade de Maria, é de Maria somente, porque é soledade sem semelhança, que  
 só Maria unicamente a padeceu; pois em tão incomparável soledade, que muito, que fossem  
 tão excessivas as dores? que muito que fossem tão copiosas as lágrimas? *Scissæ sunt aquæ: et  
 torrentes in solitudine.*

Temos visto os quatro rios desta soledade, seus princípios, e nascimentos, caudalosa  
 440 emulação dos quatro rios do Paraíso; porque não havendo já penas com que competir, até com  
 as dilícias do Paraíso competiram em sua grandeza as penas desta soledade. Sendo ãa só, e  
 solitária a Madre de todas estas lágrimas, rebentaram de duas fontes tão abundantes de  
 pérolas, como de ágoas, da soledade da morte um dilatado Ganges, da soledade de soledade  
 um despenhado Nilo, da soledade de si mesma um arrebatado Tigris; e da soledade de Deus  
 445 um precipitado Eufrates; e cruzando-se impetuosamente estes quatro rios caudalosos,  
 inundaram, e cobriram de lágrimas os estendidos espaços desta triste soledade: *Scissæ sunt  
 aquæ: et torrentes in solitudine.* Oh que tormentoso, e inquieto deve lá estar o mar do  
 coração, quando correm cá tão abundantes as fontes, e tão caudalosos os rios; que dúvida faz,  
 que vai lá grande tormenta no mar? Se na soledade de Maria correm tão caudalosos os rios de  
 450 seus olhos, que dúvida faz, que está mui tempestuoso o mar de seu coração? foi a tempestade  
 tão grande, que a soçobrou: *Tempestus emersit me;*<sup>ddd</sup> de tal sorte, que na vastidão desta  
 soledade já não aparece mais, que entre repetidos golpes ãa inundaçãõ de lágrimas: *Scissæ  
 sunt aquæ: et torrentes in solitudine.*

Suposto pois, que tão atormentado está o coração de Maria, ou que está tão tormentoso  
 455 o mar de seu coração, depois de vermos os princípios dos rios, seguia-se ver agora a causa do  
 mar; porém a causa está sepultada: pois como é possível que vejamos a causa? oh quem tivera  
 daquele sagrado túmulo a divina causa deste tormentoso mar, e tirada a causa, não só

<sup>ccc</sup> Nota marginal: <Ps 17. A. 6.>. **VL**, Liber Psalmorum, c. 17, v. 6: *Dolores inferni circumdederunt me: præoccupauerunt me laquei mortis.* **BSP**: *Dores de inferno me cercaram; / surpreenderam-se laços de morte.*

<sup>ddd</sup> Nota marginal: <Ps. 68. A.3.>. **VL**, Liber Psalmorum, c. 68, v. 3: *Infixus sum in limo profundì: et non est substantia. Veni in altitudinem maris: et tempestas demersit me.* **BSP**: *Estou atolado num lodo profundo, e não há nele consistência. / Cheguei ao alto mar e a tempestade me submergiu.*

o mar se serenara, senão também se extinguiu! Vós ó caudelosos rios, vós que despenhados igualmente correis por esta soledade, combatei uniformemente a dureza daquela pedra, convertei as ternuras em violências: conquistai o mármore mais duro, com aquele mesmo ímpeto, com que nascestes do coração mais amoroso: batei aquela penha inexorável, escalai aquele muro inacessível, e vede se podeis tirar a golpes das entranhas daquela pedra, o penhor das entranhas de Maria. Oh pedra! oh mármore! que nem a tantos rios te abrandas! nem a tantas lágrimas te entristeces! Se te não abala ver-te combatido de ondas, como te não move ver-te banhado de lágrimas? que monte não fez eco aos suspiros? que pedra não rendeu obediência às ágoas? oh movam-te as lágrimas, abrandem-te os sentimentos de ã Mãe magoada, triste, e solitária; não se diga de tão santas, e tão repetidas lágrimas, que não puderam abrandar tanta dureza; cede por um pouco, e permite, que vejamos pera alívio de nossa dor, a causa de nosso tormento: cedeu finalmente o túmulo, e se bem conserva o cadáver, entregou contudo as mortalhas: se não concede que vejamos o original, permite ao menos, que vejamos o retrato.<sup>eee</sup>

Esta é a causa, fiéis, daquele mar, que se formou no coração de Maria; esta tempestade de tormentos, esta tormenta de chagas, esta inundação de feridas, estes dilúvios de sangue, esta é a causa daquele mar. À vista de tantos rios de sangue, à vista de tantos rios de lágrimas, quão justo, e quão dividido será, que nos embarace com lágrimas a vista? Choravam os filhos de Israel, vendo correr os rios de Babilônia: *Super flumina Babylonis illie sedimus, et flevimus*;<sup>fff</sup> e com quanta razão devemos nós chorar também vendo correr rios de lágrimas, e vendo correr rios de sangue? que coração deixará de enternecer-se, e de estilar-se<sup>ggg</sup> pelos olhos à vista deste espetáculo de chagas, e na consideração deste emblema de sentimentos. Ó meu Deus do meu coração, meu Jesu, e meu Redentor, que chagado, que ferido, que despedaçado, que estais! mas assi, Senhor, assi chagado vos quero, assi ferido vos amo, assi despedaçado vos adoro. Quem vos tratou assi, meu Deus da minha alma, vosso amor, ou nossas culpas? Oh quanto vos maltrataram nossas culpas! oh quanto vos obriga vosso amor! oh Virgem Santíssima, oh afligidíssima Mãe! vede, se vos permitem as lágrimas, vede se conheceis estas sombras: *Vide utrum tunica filij tui, sit an non?*<sup>hhh</sup> mas quem senão um Sol deixaria sombras por sua ausência? nem é muito, que ficassem as sombras em sangue, quando vivia o Sol em carne. Mas se desconheceis, porque vos cegam as lágri-

<sup>eee</sup> A exposição do sudário é algo comum à maioria dos sermões que tratam da soledade e/ou das dores de Maria.

<sup>fff</sup> Nota marginal: <Ps. 136. A.1.>. **VL**, Liber Psalmorum, c. 136, v. 1: *Super flumina Babylonis, illic sedimus et fleuimus: cum recordaremur Sion. BSP: Junto dos rios de Babilônia, ali nos assentamos a chorar, / lembrando-nos de Sião.*

<sup>ggg</sup> Cf. Houaiss (2002), consumir-se aos poucos, por sofrimento; derramar lágrimas.

<sup>hhh</sup> Nota marginal: <Genes. cap. 37 G. 32,>. **VL**, Liber Genesis, c. 37, v. 32: *mittentes qui ferrent ad patrem, et dicerent: Hanc inuenimus: vide vtrum tunica filij tui sit, an non. BSP: mandaram-na levar ao pai e dizer-lhe: Encontramos esta túnica; vê se é a túnica de teu filho, ou não.*

<sup>480</sup> espetáculo] espectáculo A.

mas, se desconheceis este cadáver chagado; este, Senhora, é o retrato de vosso Filho querido:  
 490 mas de tal sorte é o retrato de vosso querido Filho, que este é o retrato também de vosso  
 magoado coração: vede-vos neste espelho desluzido, e aqui vereis vosso coração retratado:  
 nem importa, que esteja feito em pedaços o espelho: antes assi representa melhor o vosso  
 coração feito em pedaços. Este é, Senhora, o vosso dulcíssimo Jesu, que tão expresso tendes  
 em vosso magoado coração: esta cabeça cruelmente ensangoentada, estes olhos mortalmente  
 495 eclipsados, estas faces discortesmente ofendidas, esta boca amargamente fechada, este  
 coração amorosamente aberto, estes braços suavemente rendidos, estas mãos tiranamente  
 rasgadas, estes joelhos barbaramente feridos, estes pés rigorosamente atravessados, todo este  
 corpo ensangoentado, assi aberto a açoutes, assi despedaçado a feridas, esta é aquela mesma  
 imagem, que tendes esculpida em vosso coração por sentimento, e em vossa alma por amor:  
 500 pois vede se neste painel está bem retratado vosso coração.

E pera que o vejais mais claramente, vede por estoutra parte; e que vereis? que assi  
 como este pano está trespassado de sangue, assi vosso coração está trespassado de dor: assi  
 como neste pano está impressa esta imagem ensangoentada, assi em vosso coração está  
 esculpida esta mesma imagem: e assi como aqui vedes um mar de sangue, assi vosso coração  
 505 é um mar de lágrimas. Oh, ajuntai, Senhora, este mar de lágrimas a este mar de sangue; pera  
 que em tantos mares lave o mundo tantas culpas! Oh almas Cristãs, aqui temos correntes de  
 sangue pera nos prendermos com Deus! razão é, que vivamos mui unidos com Deus, quando  
 nos correm tantas obrigações de sangue, lavemos nossas culpas com este sangue, porque neste  
 cadáver despedaçado não há já lugar pera mais feridas; e assi, que já nos não fica lugar pera  
 510 mais culpas: lavemos este sangue com nossas lágrimas, pera que padeça naufrágio o peso de  
 nossas culpas, neste mar de misericórdia; mas voltai Senhor: *Ostende faciem tuam, et salvi  
 erimus.*<sup>iii</sup> Ó meu amantíssimo Jesu, amor meu, e vida minha! Oh quanto me pesa meu Deus,  
 de vos ter ofendido! Oh quem nunca vos ofendera meu Deus! dos pecados, que contra vós  
 temos feito vos pedimos perdão, Senhor, por todos os tormentos, que representa este divino  
 515 retrato: perdoai-nos, Senhor, e Deus nosso; perdoai-nos por este preciosíssimo sangue, por  
 vossa Santíssima Paixão, pelas lágrimas, e soledade de vossa afligidíssima Mãe: E vós ó  
 Mãe afligidíssima, já que vos molesta nossa companhia, ficai, Senhora em vossa soledade;

---

<sup>iii</sup> Nota marginal: <Ps. 79. A. 4. & b-8.>. **VL**, Liber Psalmorum, c. 79, v. 4, 8: *Deus conuerte nos: et ostende faciem tuam, et salui erimus.* [...] *Deus virtutum conuerte nos: et ostende faciem tuam: et salui erimus.* **BSP**: *Ó Deus, converte-nos, / mostra-nos o teu rosto, e seremos salvos.* [...] *Deus dos exércitos, restaura-nos, / mostra-nos o teu rosto, e seremos salvos.*

---

<sup>506</sup> Cristãs] Christãs A.

520 mas pera que vos acompanhe a mesma causa de vossa dor, fique em vossa companhia este retrato de vosso Filho, lastimosa prenda de vossa saudade; neste pano ensangoentado tereis um lenço, Senhora, em que podereis, ou enxugar as lágrimas, ou ensangoentar o coração, ajuntareis estes rios de sangue com estes rios de lágrimas; e correrão por esta soledade água de lágrimas, e torrentes de sangue: *Scissæ sunt aquæ: et torrentes in solitudine.*

LAUS DEO.<sup>iii</sup>

---

<sup>iii</sup> A Deus o louvor.

**Sermão Primeiro, pregado no Mosteiro de S. Clara da cidade da Bahia na profissão de duas irmãs, filhas de um Capitão de Infantaria, no dia das Onze mil Virgens, estando exposto o Santíssimo Sacramento.**

---

*Quinque autem ex eis erant prudentes, Et ornaverunt lampades suas: Et intraverunt cum eo ad nuptias.* Matth. 25. in cap.<sup>a</sup>

5 Grande dia amanheceu hoje ao mundo, e por força havia de ser tão grande o dia, pois ali temos tão parado o Sol (Soberano Senhor sacramentado). O maior dia, e o maior triunfo que o mundo viu, foi aquele em que o Sol esteve parado no meio do Céu, enquanto o famoso Capitão Josué dos impulsos do seu braço fiava os créditos de seu valor: *Non fuit antea, nec postea tam longa dies.*<sup>b</sup> Maior triunfo, e maior dia, dissera eu que teve hoje o mundo, porque o Sol, que está parado, é Divino, o Céu em que pa-

---

<sup>a</sup> Vulgata Latina (1605), doravante **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 25, v. 2, 7, 10. *Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes. [...] et ornauerunt lampades suas. [...] venit sponsus: et quæ paratæ erant, intrauerunt cum eo ad nuptias [...].* Bíblia Sagrada – Edições Paulinas (1986), doravante **BSP**: *Cinco delas eram insensatas, e cinco prudentes. [...] e prepararam as suas lâmpadas. [...] chegou o esposo, e as que estavam preparadas entraram com ele a celebrar as bodas [...].*

<sup>b</sup> Nota marginal: <Iosue 10. 14>. **VL**, Liber Iosue, c. 10, v. 14: *Non fuit antea nec postea tam longa dies, obediens Domino voci hominis, et pugnante pro Israel.* **BSP**: *Não houve nem antes nem depois um dia tão longo, obedecendo o Senhor à voz de um homem, e pelejando por Israel.*

rou é o estrelado, e o Josué que o fez parar movido de mais altos impulsos, hoje assegura ao seu nome mais gloriosos troféus, porque sobre as militares empresas em que vitorioso sempre rendeu a tantos, hoje se venceu a si mesmo, e sobre tanto sangue inimigo derramado nas campanhas em serviço do Rei, hoje em serviço do Senhor corta por seu próprio sangue, ajuntando gloriosamente aos ardores os obséquios, aos despojos os sacrifícios, e aos alentos de Soldado, os cultos, e piedades de Cristão. Mas para que não pareça que este dia excedeu só ao maior que o mundo viu nos cálculos da natureza, veremos os seus excessos na maioria da graça. O maior dia, e o maior triunfo, que teve o mundo nos hemisférios da graça, foi, a meu ver, aquele, que lhe prometeu o Profeta Oseas, em o qual o mesmo Deus se havia de desposar na terra com tal ostentação de seu poder, e com tanta glória de seu amor, que três vezes lhe foi necessário, para se crer a sua grandeza, ratificar a sua verdade: *Et erit in die illa, ait Dominus, sponsabo te mihi in fide, et sponsabo te mihi in justitia, et sponsabo te mihi in sempiternum.*<sup>c</sup> Maior dia teve o mundo hoje que ver, e muito maior triunfo temos hoje todos que admirar: porque se a grandeza daquele dia consistiu em que nele houvesse Deus de celebrar uns desposórios que foram ratificados três vezes; neste mesmo dia celebra hoje o mesmo Deus nem menos que três desposórios: três desposórios hoje? Sim: uns pela parábola do Evangelho, outros pela circunstância do dia, e outros mais pela solenidade da ação: pela ação, porque já se vê que é de duas generosas, e discretíssimas almas, que professando o estado Religioso, souberam hoje triunfar do mundo, e desposar-se com Deus: pelo dia, porque já se sabe que

---

<sup>c</sup> Nota marginal: <Osee 2 19.>. **VL**, Prophetia Osee, c. 2, v. 16, 19: *Et erit in die illa, ait Dominus vocabit me: Vir meus: et non vocabit me ultra, Baali. [...] Et sponsabo te mihi in sempiternum: et sponsabo te mihi in iustitia, et iudicio, et in misericordia, et miserationibus.* **BSP**: *E nesse dia, diz o Senhor, ela me chamará seu esposo e não me chamará mais Baal. [...] Então me desposarei contigo para sempre, desposar-me-ei contigo em justiça e juízo, em misericórdia e clemência.*

---

<sup>25</sup> solenidade] solemnidade (e formas cognatas) A, *passim*.

30 é das onze mil Virgens, aquelas onze mil galhardas Bretanhezas,<sup>d</sup> que rendendo constantemente as vidas entre laureados triunfos, mereceram os divinos desposórios: pelo Evangelho enfim, porque claro está que é de cinco Virgens prudentes, as quais em forma de triunfo, e à custa de todo o luzimento acompanharam hoje, e assistiram aos desposórios de Cristo: *Et intraverunt cum eo ad nuptias*.<sup>e</sup> Pois dia em que o mesmo Deus celebra no mundo entre três triunfos três desposórios, que maior dia para o mundo? e que maior dia para Deus?

35 Ora conferindo eu as maiores circunstâncias de todos estes três castíssimos desposórios, e achando por parte do Esposo, que sempre é o mesmo Cristo, e por parte das Esposas, que todas são Virgens, todas prudentes, e todas vigilantes, facilmente me vim a persuadir, que a parábola das Virgens do Evangelho, foi ãa profecia de todo o triunfo das onze mil Virgens, e que o seu triunfo foi ãa representação das duas almas, que hoje vemos consagradas a Deus com a mesma resolução que as onze mil Virgens, e com a mesma  
40 prudência, que as cinco Virgens do Evangelho. Considerando porém neste ternário de Virgens, se em tão grande semelhança podia haver algũa diferença, achei que havia muita diferença entre toda esta semelhança: pois em quê? Digo, que nos números, nos merecimentos, e nos desposórios: é verdade que na virgindade, na prudência, e na vigilância todas foram semelhantes; porém nos números, nos merecimentos, e nos desposórios, digo,  
45 que foram diferentes; e isso é o que havemos de ver, e o que eu hoje pertendo mostrar: antes não só mostrarei que houveram desigualdades,<sup>f</sup> e diferenças em todas estas circunstâncias, senão que nessas mesmas diferenças mostrarei também, que as

---

<sup>d</sup> Ref. à lenda medieval das onze mil virgens da comitiva de Santa Úrsula, mortas pelos hunos em Colônia, Alemanha, em data entre os sécs. III e V. Segundo os martirólogos romano e lusitano, o dia de se homenagear essas virgens mártires é 21 de outubro (cf. PACHECO, 1748, p. 396).

<sup>e</sup> **VL**, *Evangelium secundum Matthæum*, c. 25, v. 10: *Dum autem irent emere, venit sponsus: et quæ paratæ erant intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua. BSP: Mas, enquanto elas foram comprá-lo, chegou o esposo, e as que estavam preparadas entraram com ele a celebrar as bodas, e foi fechada a porta.*

<sup>f</sup> Verbo haver com acepção de existir, mas com flexão número-pessoal. Conforme Cintra e Cunha (1999, p. 527-528), o verbo *haver* é impessoal quando significa “existir” e se flexiona somente na 3ª pessoa do singular, não obstante se documente seu uso no plural por célebres escritores, como Machado de Assis (“Ali haviam vários deputados que conversavam de política” – *A mulher de Preto*, capítulo IV) e Camilo Castelo Branco (“Houveram muitas lágrimas de alegria” – *Vingança*, capítulo VIII).

50 onze mil Virgens excederam às Virgens do Evangelho; e que as duas de hoje são o resumo, ou o requinte das onze mil Virgens; de maneira que excessos, e requintes são toda a matéria do Sermão. Nas cinco Virgens do Evangelho fundaremos a matéria, nas onze mil descobriremos os excessos, e nas duas veremos os requintes. Este é hoje o meu assunto, vamos com o nosso Tema.

55 *Quinque autem ex eis erant prudentes.* Primeiramente começando pelos números, diz o Evangelho, que as Virgens prudentes não foram mais que somente cinco; e quem não crê o quanto as excederam em número as onze mil Virgens? É verdade que o número de onze mil escrevem os Arisméticos<sup>g</sup> com cinco letras, ou cinco caracteres; mas que importa que as letras sejam somente cinco, se essas cinco letras importam onze mil? Temos logo quanto aos números, que as onze mil excederam às cinco: mas qual é o líquido, ou o resumo do número de onze mil? Está evidente: As cinco letras com que se escreve o número de onze mil, sabido  
60 é que são duas unidades, e três cifras;<sup>h</sup> as cifras por si só não têm valor algum; que é logo o que fica líquido do número de onze mil? Já se vê que são duas unidades: pois esse é o resumo das onze mil Virgens, todas elas se resumem em duas; e porque a conta não perca por falta de prova, eu lhe quero dar o Autor. Foi o caso, que desejoso certo Príncipe devoto das onze mil Virgens, de trazer sempre consigo ãa estampa de todas as onze mil, mandou chamar ao  
65 artífice mais perito na arte, e entregando-lhe um anel lhe disse, que na pedra dele lhe esculpisse todas as onze mil Virgens. E que faria o artífice como tão perito para reduzir um número tão grande a ãa esfera tão pequena? Fez o mesmo que ensina o número; esculpiu

---

<sup>g</sup> Variante antiga – séc. XV – de ‘aritmético’ (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>h</sup> Entenda-se ‘zeros’ (cf. HOUAISS, 2002).

---

<sup>51</sup> assunto] assumpto A.

na pedra do anel uma torre, ou palácio com duas portas, ãa à entrada, outra à saída; em ãa  
 70 esculpiu ãa virgem, que ia saindo da torre, com uma seta que lhe atravessava a garganta; na  
 outra, outra virgem, que ia entrando, atravessada também com outra seta, e nada mais  
 esculpiu. Desta sorte apresentou<sup>i</sup> o anel, o qual recebeu o Príncipe, e considerando atentamente,  
 disse assim: Aqui vejo esculpida ãa torre com duas portas, e nelas vejo que estão só duas  
 virgens, e as demais que vos encomendei onde estão? As demais, Senhor (respondeu o  
 75 Artífice) estão dentro desse palácio, porque nestas duas que se veem, se encerram as demais.  
 Pois como assim? Desta maneira: Esse palácio, ou por estreito, ou por alto, ou por ilustre  
 representa o seu martírio: essa virgem que vai saindo, como não leva outra diante, é a primeira  
 que saiu do martírio para a glória, que é S. Úrsula;<sup>j</sup> e a outra que vai entrando, como não deixa  
 atrás nenhuma, é a última que entrou da vida para o martírio, que é S. Córdula;<sup>k</sup> e como entre a  
 primeira, e última necessariamente se encerram, e se devem contar todas, por isso digo, que  
 80 dentro dessa torre estão encerradas, e que nestas duas Virgens se contêm, e se resumem todas  
 as onze mil Virgens.

Eis aqui claramente mostrado como todas as onze mil Virgens se encerram em duas;  
 mas se acaso duvida alguém deste resumo, por parecer invento de um só Artífice, vejam  
 como não é, senão consideração de todo o mundo. O mundo todo deu por brasão às onze  
 85 mil Virgens ãa coroa, ãa seta, e duas palmas: e por que há de ser este o seu próprio, e  
 glorioso brasão? Já sei que a seta significa, que os instrumentos do seu martírio foram setas;  
 também sei que a coroa significa a coroa da glória que todas alcança-

---

<sup>i</sup> Forma aferética de “apresentar” (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>j</sup> Sobre S. Úrsula, confira-se nota “d”.

<sup>k</sup> Uma das virgens mártires, que acompanhavam Santa Úrsula (cf. ALMEIDA, 2011, p. 113-156).

---

<sup>74</sup> veem] vem A.

ram, e mereceram pelo seu martírio; porém as duas palmas que significam? Se é ãa só seta, e ãa só coroa, por que são as palmas duas? Poderá dizer alguém, que é, porque elas todas, e  
 90 cada ãa delas mereceram duas palmas, ãa por Virgens, e outra por Mártires; porém contra isto está, que como já têm a coroa por Mártires, parece ser, que não têm as palmas senão só por Virgens: pois se sendo onze mil Mártires não têm mais que ãa só coroa, por que razão por onze mil Virgens, não hão de ter só ãa, senão duas palmas? É o que dizíamos; porque as onze mil Virgens todas se resumem em duas. ãa só coroa, ãa só seta, e ãa só palma bem se vê que  
 95 não seria o brasão de todas elas juntas, senão somente de cada ãa delas; logo para ser próprio, e cabalmente o brasão inteiro de todas as onze mil Virgens, haviam de ser sequer as palmas onze mil, mas onze mil palmas como haviam de caber em um só brasão? Pois que traça para que caibam todas? Ponham-se só duas palmas, porque como todas as onze mil Virgens se encerram em duas, com se pintarem as palmas de duas delas, se significa bem claramente, que  
 100 esse é o inteiro brasão de todas as onze mil; assim como todas se resumem em duas unidades, assim também se significam todas em só duas palmas.

Que de milhares haverá no Céu de Anjos, de Querubins, e de Serafins? Se houvéssemos pelo menos de contar o número dos milhares pelo número dos Céus, sendo onze os orbes celestes,<sup>1</sup> houvéramos de achar, que quando menos haverá nos Céus onze  
 105 mil Serafins, onze mil Querubins, e onze mil Anjos, e contudo no trono de Deus não viu Isáias mais que só dous Serafins: *Seraphim stabant, sex alæ uni, et sex alæ alteri.*<sup>m</sup> No oráculo do Templo não mandou Deus que se vissem mais que só

<sup>1</sup> Segundo o modelo ptolomaico, o universo era formado por onze orbes (esferas), com a Terra por centro (cf. ALMEIDA, 1781, p. 217-222). Essa concepção também se apresenta em *Os Lusíadas*, canto X, estância 76-91.

<sup>m</sup> Nota marginal: <Isai. 6.1.>. **VL**, Liber Isaiae, 6, v. 2: *Seraphin stabant super illud: sex alæ uni, et sex alæ alteri: duabus velabant faciem eius, et duabus velabant pedes eius, et duabus volabant. BSP: Os serafins estavam por cima do trono; cada um deles tinha seis asas; com duas cobriam a face, com duas cobriam os pés e com duas voavam.*

dous Querubins: *Duos quoque Cherubim*:<sup>n</sup> na glória da ressurreição não viu a Madalena no sepulcro de Cristo mais que só dous Anjos: *Et vidit duos Angelos*:<sup>o</sup> pois se há tantos mil Anjos, tantos mil Querubins, e tantos mil Serafins, como não assistem às glórias de Deus, mais que só dous Serafins no trono, dous Querubins no Templo, e dous Anjos no sepulcro? O caso é, que Anjos, Querubins, e Serafins todos assistem a milhares às glórias de Deus: *Millia millium ministrabant ei, et decies millies centena millia assistebant ei*:<sup>p</sup> porém de todos esses mil somente dous se viam assistir às suas glórias, não porque lhe assistissem dous somente, senão porque todos esses mil se resumiam em dous, e nesses dous que se diz, se diz também que assistiam todos. Pois assim como lá se não viam mais, assim cá, nem mais, nem menos.

Todas as onze mil Virgens foram onze mil Serafins pelos excessos de seu amor, todas foram onze mil Querubins pelos prodígios de sua discrição,<sup>q</sup> e todas foram onze mil Anjos pelos privilégios de sua pureza, e ainda pelos extremos de sua fermosura; mas sendo tantas mil, se lhe pintam duas palmas, porque todas se vêm a resumir em duas: onze mil são as palmas, porque as Virgens são onze mil; porém pintam-se só as palmas das duas Virgens principais, porque essas duas são o mais calificado, e o mais puro, essas são o requinte, e o resumo de todas as onze mil Virgens.

Porém, que duas Virgens são estas, que de todo o número das onze mil Virgens foram o mais puro, e o mais calificado naquele próprio dia de seu ilustre martírio, e soleníssimo triunfo? Bem claro está que foram as duas principais de todas elas, a primeira, e a última, Santa Úrsula, e Santa Córdula; porém no dia de hoje, digo, que são essas duas generosas al-

<sup>n</sup> **VL**, Liber Exodus, c. 25, v. 18: *Duos quoque Cherubim aureos et productiles facies, ex vtraque parte oraculi. BSP: Farás também dois querubins de ouro batido nas duas extremidades do oráculo.*

<sup>o</sup> Nota marginal: <Ioan. 20 12.>. **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 20, v. 12: *Et vidit duos angelos in albis, sedentes, vnum ad caput, et vnum ad pedes vbi positum fuerat corpus Iesu. BSP: e viu dois anjos vestidos de branco, sentados no lugar onde fora posto o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés.*

<sup>p</sup> **VL**, Prophetia Danielis, c. 7, v. 10: *Fluvius igneus, rapidusque egrediebatur a facie eius. millia millium ministrabant ei, et decies millies centena millia assistebant ei: iudicium sedit, et libri aperti sunt. BSP: De diante dele saía um impetuoso rio de fogo; eram milhares de milhares os que o serviam, e mil milhões os que assistiam diante dele. Assentou-se para julgar e foram abertos os livros.*

<sup>q</sup> Cf. Bluteau (1789, v. 1, p. 442), “o discernimento do que é exato, verdadeiro, bom”.

<sup>108</sup> Madalena] Magdalena A, *passim*.

130 mas, que professando hoje com tanto desprezo do mundo o estado da Religião, se consagram  
 para servas, e para esposas de Cristo; e de tal maneira copiaram em si o mais puro, e o mais  
 heroico de todas as onze mil Virgens, que com razão se podem contar nas duas unidades do  
 seu número, e merecidamente se lhes podem atribuir as duas palmas do seu brasão. Oh que  
 heroicas, e venturosas ambas! pois não só lograram a ventura de que Cristo as admitisse por  
 Esposas, senão que a lograram neste dia, no dia das onze mil Virgens, no dia em que  
 135 chegaram a parecer entre tantas mil, as duas mais heroicas, as duas principais, e as duas mais  
 insignes Esposas de Cristo, como são Santa Úrsula, e Santa Córdula; porém as duas que ele  
 hoje admite por Esposas, por ãa propriedade que têm de mais, parece, são mais próprias  
 Esposas de Cristo, ou ao menos mais se parecem ambas com as duas Esposas mais próprias de  
 Cristo, do que ainda as duas principais, e as duas mais heroicas de todas as onze mil Virgens.  
 Não pareça temeridade, nem ainda encarecimento, porque não digo que o são, senão só, que o  
 140 parecem: nem falo em toda a entidade, senão só em ãa circunstância; mas que circunstância  
 vem a ser esta? É, que sendo as duas principais das onze mil Virgens Esposas digníssimas de  
 Cristo, contudo não foram Irmãs, senão só companheiras; e as duas que ele hoje recebe por  
 Esposas, não são só companheiras, senão que ambas são Irmãs: que dúvida faz logo, que por  
 esta circunstância, de algum modo parecem suas mais próprias Esposas? ou pelo menos não  
 145 faz dúvida que se parecem nesta circunstância com aquelas, que são suas duas Esposas mais  
 próprias. Eu o provo.

Desposou-se Esaú a um mesmo tempo com duas

donzelas Heteas, uma por nome Judite, outra Basemate;<sup>f</sup> e diz a Escritura que passados alguns anos se desposou também seu Irmão Jacó com outras duas donzelas, ãa Lia, e outra Raquel; 150 porém sendo certo que Esaú com nenhum cabedal entrou para ter as duas esposas que teve, é muito para reparar nos muitos anos de serviços, e de merecimentos com que a mesma Escritura nos encarece que entrou Jacó para ter, e alcançar as suas duas esposas, por sinal que ainda assim avaliava seu amor por breve tempo todo o tempo do seu serviço: *Et videbantur illi 155 dies pauci præ amoris magnitudine*:<sup>s</sup> pois que mais tinha Esaú do que Jacó? Por certo que Jacó era sujeito de muito maiores prendas, e merecedor de muito maiores venturas, e como tal já a este tempo tinha ganhado o morgado de Esaú: demais que as duas esposas de Esaú, não só eram estrangeiras ambas, senão, como diz Josefo,<sup>t</sup> ambas Princesas; e as duas esposas de Jacó, não só eram por sangue ambas primas suas, senão que por fortuna eram ambas duas pastoras; 160 pois se contudo se dão as duas esposas a Esaú sem que lhe custem nenhuns serviços, por que razão se não dão a Jacó as suas duas esposas, senão comprando-as ele tanto à custa de seus trabalhos, e depois de tantos anos de serviços, e merecimentos? A razão é de Ricardo Vitorino,<sup>u</sup> o qual seguindo a S. Bernardo, e a Santo Tomás, diz que nas duas esposas de Jacó ia Deus a representar as duas mais próprias esposas de Cristo,<sup>v</sup> e é assim, porque as duas mais próprias esposas são as suas duas Igrejas Militante, e Triunfante:<sup>w</sup> Lia representava a Igreja 165 Militante, não só por mais fecunda, senão porque pela mesma etimologia de seu nome quer dizer a esposa que trabalha, *laboriosa*: e Raquel representava a Igreja Triunfante, não só por

---

<sup>f</sup> Nota marginal: <Gen. 26.34.>. **VL**, Liber Genesis, c. 26, v. 34: *Esau vero quadragenarius duxit vxores, Iudith filiam Beeri Hethæi, et Basemath filiam Elon eiusdem loci. BSP: Ora Esaú, tendo quarenta anos, tomou por mulher Judite, filha de Beeri, heteu, e Basemat, filha de Elon do mesmo país.*

<sup>s</sup> Nota marginal: <Gen. 29.20.>. **VL**, Liber Genesis, c. 29, v. 20: *Seruiuit ergo Iacob pro Rachel septem annis: et videbantur illi pauci dies præ amoris magnitudine. BSP: Jacó, pois, serviu sete anos por Raquel; e estes lhe pareceram poucos dias pela grandeza do amor (que lhe tinha).*

<sup>t</sup> Nota marginal: <Joseph. l. I antiq. C.18>. Referência à *Antiquitates Judaicæ*, texto do historiador judeu Flávio Josefo – séc. I (cf. JOSEFO, 2004, c. 17).

<sup>u</sup> Nota marginal: <Rich. à S. Vict. l. 3 p. I. c. I.>. Referência ao teólogo agostiniano, da Abadia de São Victor (Paris), que viveu no séc. XII, deixando vários escritos. (cf. RICHARD OF ST. VICTOR. In: The Original Catholic ENCYCLOPEDIA. Disponível em: <[http://oce.catholic.com/index.php?title=Richard\\_of\\_St.\\_Victor](http://oce.catholic.com/index.php?title=Richard_of_St._Victor)>. Acesso em 02 ago. 2013).

<sup>v</sup> Referência aos tratados alegóricos sobre o Tabernáculo, *Benjamin Maior* e *Benjamin Minor*, de Ricardo Vitorino (cf. RICHARDI A SANCTO VITORE, in: MIGNE, *PL*, t. 196, 1855).

<sup>w</sup> Igreja Triunfante é a designação para os que já estão no céu. Igreja Militante designa os cristãos que ainda vivem e lutam para perseverar em sua fé (cf. BRAATEN; JENSON *et al*, 2007, volume 2, p. 209, 211, 249).

---

<sup>148</sup> Judite] Judith A; Basemate] Basemath A.

<sup>149</sup> Jacó] Jacob A, *passim*.

<sup>162</sup> Vitorino] Victorino A.

mais fermosa, senão porque quer dizer a esposa que vê a Deus, *Videns principium*:<sup>x</sup> não temos logo que duvidar em que as duas esposas de Jacó representassem as duas esposas mais próprias de Cristo; duvido porém por que razão sendo tantas, e tão beneméritas todas as esposas de Cristo, entre todas elas se hão de chamar as suas duas Igrejas, as suas duas mais próprias esposas? A razão é que dá S. Paulo; porque ãa, e outra foi comprada com o próprio sangue de Cristo: *Quam acquisivit sanguine suo*:<sup>y</sup> todas as cousas compradas, visto está que de direito são mais próprias, e assim que todas as outras esposas de Cristo como não são suas a título de compradas, senão só de oferecidas, ainda que são suas próprias esposas, verdadeiramente não são as mais próprias; porém as Igrejas Militante, e Triunfante, essas sim, essas são verdadeiramente não só esposas próprias, senão as mais próprias esposas, porque enfim essas lhe são devidas, e ambas a título de compradas. Pois como os desposórios de Cristo com as suas duas Igrejas, e suas mais próprias esposas lhe haviam de custar tanto, e ele as havia de comprar com os seus próprios merecimentos, por isso Jacó para os representar com toda a propriedade, comprou também, e mereceu ambos os seus desposórios à custa dos seus serviços.

Bem está, porém que tinham demais as duas esposas de Jacó, do que as duas de Esaú para serem compradas, e para assim representarem as duas esposas mais próprias do Cristo? Se é porque as esposas de Jacó eram duas, também eram duas as de Esaú; se é porque as de Jacó eram duas pastoras, mais tinham as de Esaú, que eram duas Princesas: por que razão logo se não representam as duas esposas

---

<sup>x</sup> “Vendo o princípio” (tradução nossa).

<sup>y</sup> **VL**, Actus Apostolorum, c. 20, v. 28: *Adtendite vobis, et vniverso gregi, in quo vos Spiritus Sanctus posuit episcopos, regere Ecclesiam Dei, quam acquisiuit sanguine suo*. **BSP**: *Atendei a vós mesmos e a todo o rebanho, sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para governardes a Igreja de Deus, que ele adquiriu com o seu próprio sangue*.

mais próprias de Cristo nas duas de Esaú, senão nas duas de Jacó? Está bem clara a razão. As duas esposas de Jacó bem sabem todos, que eram filhas do mesmo pai, e ambas irmãs; porém as duas esposas de Esaú consta que não eram irmãs, senão filhas de diversos pais: *Esau vero duxit uxores, Judith filiam Beerī Hethæi, e Basemath filiam Elon.*<sup>z</sup> E entre as esposas de Cristo tanto assim consiste a razão de serem suas mais próprias esposas na circunstância de serem duas irmãs, que por isso as suas duas esposas mais próprias se não representam nas duas esposas de Esaú, senão nas duas de Jacó, porque as duas de Jacó eram irmãs, e não as duas de Esaú: e na verdade as duas Igrejas de Cristo quem não sabe que são duas Irmãs, e ambas filhas do mesmo Deus? Esse foi também o mistério por que na presença de Cristo se representam juntamente a Igreja Militante na vida ativa de Marta, e a Triunfante na vida contemplativa de sua irmã Madalena:<sup>aa</sup> por força haviam de ser duas irmãs as que representassem as duas Igrejas, porque as duas Igrejas verdadeiramente são duas irmãs: *Martha satagebat: et huic erat soror nomine Maria.*<sup>bb</sup> Com razão logo para Deus representar ao mundo nas duas esposas de Jacó as duas mais próprias esposas de Cristo, dispôs altamente que ambas fossem irmãs, e ambas compradas com os seus serviços, porque também as duas Igrejas de Cristo ambas são irmãs, e ambas compradas com os seus merecimentos: são irmãs ambas, porque as mais próprias para serem esposas de Cristo, são as que são duas irmãs; e são ambas compradas, porque as que são duas irmãs, essas são as suas esposas mais próprias.

Oh admirável excelência de ambas as Igrejas de Cristo! Nas outras esposas todas, o desposarem-se com Cristo nesta vida é o seu merecimento delas,

---

<sup>z</sup> Nota marginal: <Gen 26. 34>. **VL**, Liber Genesis, c. 26, v. 34: *Esau vero quadragenarius duxit vxores, Iudith filiam Beerī Hethæi, et Basemath filiam Elon eiusdem loci.* **BSP**: *Quando Esaú completou quarenta anos, tomou como esposas Judite, filha de Beerī, o heteu, e Basemat, filha de Elon, o heteu.*

<sup>aa</sup> Maria, irmã de Lázaro, é identificada como Maria Madalena na tradição católica. Vieira, no *Sermão da Ressurreição de Cristo*, pregado em 1658, também a identifica como Madalena.

<sup>bb</sup> Nota marginal: <Luc. 19. 39. 40.>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 10, v. 39-40: *Et huic erat soror nomine Maria, quæ etiam sedens secus pedes Domini, audiebat verbum illius. Martha autem satagebat circa frequens ministerium: quæ stetit, et ait: Domine, non est tibi curæ, quod soror mea reliquit me solam ministrare? dic ergo illi, vt me adiuuet.* **BSP**: *Esta tinha uma irmã, chamada Maria a qual, sentada aos pés do Senhor, ouvia a sua palavra. Marta, porém, afadigava-se muito na contínua lida da casa; e apresentou-se (diante de Jesus), dizendo: Senhor, não se te dá que minha irmã me tenha deixado só com o serviço da casa? Dize-lhe, pois, que me ajude.*

---

<sup>196</sup> ativa] activa (e formas cognatas) A, *passim*.

e na outra é o prêmio do seu maior merecimento; porém nas duas Igrejas, como Cristo com os seus próprios merecimentos as comprou para esposas, o desposar-se Cristo com ambas, não só é prêmio do merecimento delas, senão prêmio também dos merecimentos de Cristo. Oh mil vezes admirável excelência! Isto é o que admira o mundo todo nas duas Igrejas; e isto é o que hoje devemos admirar nas duas irmãs. Não acomodo, porque não é necessário explicar o que por si se deixa entender; só digo que elas são as duas esposas de Cristo, em que se vêm a resumir todas as onze mil Virgens, as quais claro está que sendo onze mil, excederam em número às Virgens prudentes do Evangelho, porque estas não foram mais que cinco: *Quinque autem ex eis erant prudentes.*

*Et ornaverunt lampades suas.* Este foi todo o merecimento das Virgens do Evangelho; pois quem não vê o quanto as onze mil Virgens as excederam também no merecimento? Todo o merecimento das Virgens do Evangelho consistiu no dispêndio que fizeram, e na fazenda que sacrificaram a Deus no ornato das suas lâmpadas; e o merecimento das onze mil Virgens em que consistiu? Nas vidas que sacrificaram a Deus; pois que tem que ver sacrifício com sacrifício? que tem que ver o sacrifício da fazenda com o sacrifício das vidas? Claro fica logo também o excesso que fizeram as onze mil Virgens, às Virgens do Evangelho, não só no número, senão também no merecimento. Visto pois que todo o excesso do seu merecimento consistiu nas vantagens do seu sacrifício, e visto que o seu sacrifício consistiu no seu martírio, saibamos agora qual foi o ponto mais heroico, o mais sublime, e o mais requintado do martírio das onze mil Virgens. Cuidará alguém, que consistiu na sua

morte, mas não é assim, porque ainda que nela consiste o martírio, o mais árduo do martírio não consiste no morrer; pois em quê? Em estar morrendo, consiste naquele ponto composto da morte, e da vida, em que nem ainda se deixa de viver, nem ainda se acaba de acabar: e é  
230 evidente; porque para o martírio ser próprio, e verdadeiro martírio, visto está que se há de padecer, para se padecer há-se de sentir, para se sentir há-se de viver: logo em todo o rigor, o maior rigor do martírio não consiste em aquele último instante em que já se morre, senão naqueles espaços em que ainda se vive; consiste em estar agonizando antes de morrer, em estar morrendo antes de expirar; enfim não consiste tanto o seu rigor em perder a vida, e  
235 padecer a morte, quanto em estar sentindo a morte, e estar logrando a vida. Isto é o que me parece, segundo a boa razão, e se assim é como parece, sendo este o requinte do martírio das onze mil Virgens, bem claramente se deixa ver este requinte nas duas Religiosas almas, que em vivo, e amoroso sacrifício, ou entre incêndios vivos de amor, se rendem, e consagram hoje aos altares soberanos de Cristo; porque, que outra cousa é o estado  
240 Religioso que professam, senão propriamente um continuado martírio, onde de tal maneira se equivoca a vida com a morte, que se vive com todos os paracismos<sup>cc</sup> da morte, e se morre com todos os sentimentos da vida? Se acaso o mundo se não persuade que isto é assim, saibam pelo menos todas as almas Religiosas, que assim deve de ser, porque assim devemos viver os Religiosos todos, como se fôramos mortos para o mundo, e assim devemos ser  
245 mortos, que vivamos para Deus; para tratar do que é mundo, totalmente mortos, para merecer com Deus, para amá-lo, e para servi-lo, verdadeiramente vivos:

---

<sup>cc</sup> Cf. Aulete, “(ant.) o mesmo que *paroxismo*” (PARACISMO. In: iDICIONÁRIO Aulete. Disponível em <<http://aulete.uol.com.br/paracismo>>. Acesso em 10 mai. 2014).

não sou eu o que o digo, senão S. Paulo, o maior exemplar de todos os Religiosos: *Quasi morientes, et ecce vivimus.*<sup>dd</sup>

250 Porém como isto de estar morrendo se acha também em outra qualquer morte, segue-se, que não é esse o requinte do martírio: pois qual poderá ser o seu mais próprio requinte? Dirá alguém, que consiste na vontade com que se padece; mas ainda não é isso o em que consiste, e provo: porque todos os Santos penitentes, e Anacoretas se mortificam voluntariamente, e padecem por sua vontade, e contudo só são penitentes, e não são mártires: logo ainda que para o martírio se requer a vontade, é certo não consiste nela o heroico do martírio; pois logo em que havemos de dizer que consiste? Falando assim em 255 comum, digo, que em padecer por vontade própria, o que quer executar a vontade alheia: o tirano executa tudo quanto quer que o mártir padeça; e o mártir quer padecer tudo quanto quer o tirano, e neste querer o mártir tudo que o tirano quer, nisto digo que consiste o maior ato, o maior ponto, e o maior sacrifício do mártir; e a razão é: porque por boa razão, muito 260 maior repugnância da vontade se deve experimentar em querer padecer os tormentos todos quantos outrem quizer, do que só em querer padecer tormentos; pois como a maior vitória que se alcança, consiste na maior repugnância que se vence, bem claro fica, que o mais heroico do martírio não consiste tanto em que o mártir queira padecer voluntariamente, quanto em que a sua vontade se conforme com a vontade de quem o faz padecer. Eu não sei 265 com certeza que esta seja a verdade, porém assim o mostra a razão; e se porventura é assim, ser este ponto o mais árduo do sacrifício de todos os Mártires, foi também o mais alto ponto do martírio das onze mil Virgens; e quem deixa de ver também o

---

<sup>dd</sup> Nota marginal: <2. Cor. 6. 9.>. **VL**, Epistula II ad Corinthios, c. 6, v. 9: *quasi morientes, et ecce viuimus: vt castigati, et non mortificati*. **BSP**: *como moribundos, mas ainda agora vivos; como castigados, mas não amortecidos*.

---

<sup>261</sup> vitória] victoria A, *passim*.

estado que hoje professam, e o sacrifício que de si mesmas hoje fazem, como vítimas do amor, essas duas Esposas de Cristo? Os maiores mestres do estado Religioso todos nos advertiram, e ensinaram, que o nosso estado é um martírio; basta por todos S. Gregório Nazianzeno,<sup>ee</sup> o qual admirando a vida de S. Basílio, chamou aos Religiosos, verdadeiros Mártires vivos: *Vivi Martyres*: pois em que consiste este martírio dos Religiosos? E já que o nosso estado se deve chamar martírio, por que nos não chamaram Mártires mortos, senão Mártires vivos? Porque entre Mártires vivos, e Mártires mortos há esta diferença bem notável: que os Mártires depois já de mortos, e martirizados, ainda que os seus cadáveres estão sujeitos à vontade dos tiranos, já eles não são obrigados a conformarem-se com a sua vontade, porque já são mortos; e enquanto são vivos, não somente estão sujeitos à vontade dos tiranos, senão que se devem conformar com as suas vontades; antes não só se devem conformar, senão que o devem querer; devem gozosa, e generosamente estar querendo todos aqueles tormentos, com que o seu próprio tirano os quiser estar martirizando. Pois esta é a maior dificuldade dos Mártires vivos; e esta a maior obrigação dos Religiosos verdadeiros; devem não só sujeitar-se à vontade de seus Prelados, senão, que se devem resignar na sua vontade; antes não só se devem resignar com o que eles ordenam, senão que devem querer o mesmo que eles querem. *O mirum sacrificium*, exclama neste caso S. Pedro Crisólogo,<sup>ff</sup> *ubi corpus sine corpore, et sine sanguine sanguis offertur!*<sup>gg</sup> Oh admirável sacrifício, onde de tal sorte se cativam as liberdades, se prendem, se martirizam, e se sujeitam os alvedrios, que sem que os corpos se matem, nem o sangue

---

<sup>ee</sup> Nota marginal: <Naziãz. orat. 20.>. Ref. a Gregorius Nazianzenus. *Funebris oratio em laudem Basilii Magni Caesareae in Cappadocia episcopi* (cf. MIGNE, *P.G.*, v. 36, 1858, col. 499).

<sup>ff</sup> Nota marginal: <Chris. ser. 108>. Ref. S. Petri Chrysologi. *Sermo CVIII* (cf. MIGNE, *P.L.*, v. 52, 1846, col. 500).

<sup>gg</sup> “Ó sacrifício admirável em que é oferecido um corpo sem corpo, sangue sem sangue” (tradução nossa).

---

<sup>268</sup> vítimas] victimas A, *passim*.

se derrame, em todo o rigor se pode verificar, que se corta pela carne, e sangue! Admirável  
 290 sacrifício mil vezes, que com ser incruento, é contudo martírio, com ser permanente, é  
 holocausto, com ser vital, é sacrifício: e sendo tão voluntário, para ser meritório se consagra a  
 não ser voluntário: que muito é logo,<sup>hh</sup> que se chamem os Religiosos verdadeiros Mártires  
 vivos? antes parece que com mais alta, ou mais dificultosa resignação, que os próprios  
 Mártires: porque os Mártires querem padecer o que os tiranos querem, conhecendo que  
 obedecem, sim, por amor de Deus, mas que obedecem à violência dos tiranos; e os Religiosos  
 295 devem querer o que os Prelados querem, persuadindo-se firmemente, não que obedecem a  
 homens, senão que neles obedecem a Deus: há mais admirável modo de sacrifício? Pois este é  
 o estado da Religião; e há quem no-lo diga? Sim, o mesmo S. Paulo: *Obedite præpositis  
 vestris, et subjacete eis, facientes voluntatem Dei ex animo, cum bona voluntate servientes,  
 sicut Domino, et non hominibus.*<sup>ii</sup>

300 Está mui bem, mas ainda este requinte me não satisfaz, porque posto que esta  
 resignação da vontade seja o encarecimento do martírio, é certo que em todos os martírios se  
 acha geralmente esta mesma resignação, e nós não buscamos o requinte de todos os martírios  
 em comum, senão o mais próprio, e mais especial requinte. Não me parece que pode haver  
 outro maior, nem pode ser outro, senão o que disse Vicent;<sup>jj</sup> diz ele, que quando as onze mil  
 305 Virgens se embarcavam para a Bretanha Menor,<sup>kk</sup> estando ainda na Grão Bretanha, revelara  
 Deus a Santa Úrsula, que derrotada a Armada do tempo aportariam às praias de Colônia, onde  
 todas seriam martirizadas em defesa da sua pureza; e acrescenta o Santo Dou-

---

<sup>hh</sup> A expressão “que muito”, frequente também nos sermões de Vieira, equivale a “que há de estranho”, “que admiração” (cf. *Léxicon*. In: VIEIRA, 2010, p. 643).

<sup>ii</sup> Nota marginal: <Hebr. 13 17. Ephes. 6 6. 7.>. VL, Epistula ad Hebræos, c. 13, v. 17: *obædite præpositis vestris, et subjacete eis. Ipsi enim peruigilant, quasi rationem pro animabus vestris reddituri, vt cum gaudio hoc faciant, et non gementes: hoc enim non expedit vobis.* Epistula ad Ephesios, c. 6, v. 6-7: *non ad oculum servientes, quasi hominibus placentes, sed vt servi Christi, facientes voluntatem Dei ex animo, cum bona voluntate servientes, sicut Domino et non hominibus.* BSP, Hebreus c. 13, v. 17: *Obedecei aos vossos superiores e sede-lhes sujeitos, porque eles velam, como quem há de dar conta das vossas almas, para que façam isto com alegria, e não gemendo, o que não vos seria vantajoso.* Efésios, c. 6, v. 6-7: *não os servindo só quando sob as suas vistas, como por agradar aos homens, mas como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus, servindo-os com boa mente, como se servissem o Senhor e não os homens.*

<sup>jj</sup> Nota marginal: <Vincêt. Velov. in Spec. Hist. l. 20.c.4n>. Ref. ao *Speculum Historiale*, de Vincentius de Bellovacensis, ou Vicent de Beauvais – sécs. XII-XIII (cf. BELLOVACENSIS, 1473).

<sup>kk</sup> Oeste da França.

---

<sup>304</sup> Vicent; diz] Vicent diz A.

tor, que comunicando a S. Princesa às suas onze mil Virgens esta mesma revelação, todas elas receberam a nova celestial com grandes alvoroços, e demonstrações de alegria, sendo certas, que navegavam já não como o mundo dispunha a desposar-se na terra com os homens, senão na glória com Deus. Isto que refere é na minha opinião o requinte do amor, e a fineza mais calificada do martírio das onze mil Virgens; porque caminharem para o martírio, sabendo de certo, e conhecendo para onde caminhavam, que maior fineza de amor? que maior circunstância de martírio? Dir-me-ão que em todos os Mártires se acha também esta mesma circunstância, e parece que assim é; porque como para o merecimento se requer a liberdade, e para a liberdade se requer a advertência, bem se vê que sem advertência não há merecimento: todos os Mártires padecem merecendo, logo todos têm conhecimento do que padecem: como digo eu logo que nas onze mil Virgens em especial o conhecimento do seu martírio foi o requinte do seu merecimento? Respondo, que é verdade que todos os Mártires advertiram, e conheceram, que padeciam martírio, porém em que tempo o conheceram? No mesmo tempo em que já o padeciam: e as onze mil Virgens muito antes do tempo, quando o mundo se persuadia, que todas elas se iam a desposar, conheciam elas todas que não navegavam senão a padecer; e que quando este conhecimento lhes pudera servir de embaraço, e as pudera suspender, que este mesmo as obrigasse a navegar! oh que grande encarecimento de seu sacrifício! que admirável crédito de seu valor, e realce de seu merecimento!

Notável cousa é, e assaz notada, que estando Isaque posto já ao sacrifício, e Abraão ia já a descarregar o golpe, o qual suspen-

---

<sup>326</sup> Isaque] Isaac A, *passim*;

<sup>327</sup> Abraão] Abrahão A, *passim*.

330 dido pelo Anjo, não louvasse o Anjo a ação daquele sacrifício, que era de ambos, pela parte que tocava a Isaque, senão só pela que tocava a Abraão: *Quia fecisti rem hanc, et non pepercisti filio tuo unigenito propter me.*<sup>ll</sup> Notável cousa! Se o pai era que sacrificava, também o filho era o sacrificado: se o pai sacrificava ao filho obedecendo a Deus, também o filho obedecia a Deus em obedecer ao pai: se o pai pelo amor de Deus se sacrificava a ficar sem filho, também o filho se sacrificava a perder a vida, e a perder o pai, por amor do pai, e por amor de Deus: se o pai estava vendo que a vítima que ele mesmo sacrificava, era seu próprio  
335 filho, também o filho estava vendo que seu próprio pai era o mesmo que o sacrificava: se o pai se estava compungindo de que ele mesmo tirasse a vida a quem tinha dado o ser, também o filho estava experimentando, que quem lhe tinha dado o ser, esse mesmo lhe tirava a vida: enfim se o pai desembainhando a espada, e traçando o golpe ia já a tirar-lhe a vida, também o  
340 filho compondo o pescoço, e inclinando a cabeça, ia já a padecer a morte. Tudo isto sacrificava o pai, e tudo isto sacrificava o filho; pois se de ãa, e outra parte igualmente sacrificavam ambos tudo isto, por que não louva o Anjo o sacrifício de ambos? por que não louva o sacrifício do filho, senão só o do pai? *Quia fecisti rem hanc.*

Bem sei as várias razões que se tem dado sobre esta dúvida, porém quando vejo que dous Doutores tão grandes como S. João Crisóstomo, e S. Zenon Veronense<sup>mmm</sup>  
345 chegaram a dizer, que eles não achavam diferença entre sacrifício, e sacrifício, considero que para acharmos esta diferença, não havemos de comparar estes dous sacrifícios já no monte, senão ainda no caminho: quando ambos estavam já no monte

---

<sup>ll</sup> Nota marginal: <Gen 22.16.>. **VL**, Liber Genesis, c. 22, v. 16: *Per memetipsum iuravi, dicit Dominus: quia fecisti hanc rem, et non pepercisti filio tuo vnigenito propter me.* **BSP**: *Por mim mesmo jurei, diz o Senhor: porque fizeste tal coisa, e não perdoaste a teu filho único por amor de mim.*

<sup>mmm</sup> Nota marginal: <Zen. Veron ser 2 de Abrahã> (cf. MIGNE, *P.L.*, t. XI, 1845, cols. 420-425).

tratando já de dar o sacrifício à execução, é verdade que dificultosamente se poderá descobrir  
 350 diferença no caso, quanto mais excesso; porém quando ambos caminhavam para o monte do  
 sacrifício, não faz dúvida que foi bem grande a diferença: e qual foi? Foi que naqueles três  
 dias de caminho, o pai como ia a cumprir o preceito de Deus, sabia mui bem que ia a fazer-lhe  
 sacrifício do filho; e o filho como ia sem notícias do preceito, totalmente ignorava que ele ia a  
 ser vítima do sacrifício, consta da mesma Escritura: *Cumque duo pergerent simul, dixit Isaac*  
 355 *patri suo: ecce ignis et ligna: ubi est victima holocausti?*<sup>m</sup> Diz, que caminhando ambos, um  
 com o fogo, e outro com a lenha, perguntara Isaque pela vítima, e que dúvida faz que se ele o  
 soubera, o não perguntara? Nem de balde nota o mesmo Texto, que Abraão levava o fogo,  
 Isaque carregava a lenha: *Tulit quoque ligna holocausti, et imposuit super filium suum: ipse*  
 360 *vero portabat in manibus ignem:*<sup>oo</sup> pois qual vinha a ser aí o mistério? por que mais levava  
 Abraão o fogo, do que a lenha? e por que mais levava Isaque a lenha, do que o fogo? Porque  
 no fogo ia a luz, na lenha ia o peso; e porque na verdade só Abraão era o que levava a luz, e  
 tinha o conhecimento do sacrifício, por isso Abraão não leva a lenha, senão o fogo, e Isaque  
 não leva o fogo, senão a lenha; em suma, que caminhando ambos para o monte, o pai sabia  
 que ia a matar, e o filho não sabia que ia a morrer: pois por isso os louvores daquela ação se  
 365 deram todos ao Pai, e não ao filho. Tanto mais faz à grandeza, e ao encarecimento do  
 sacrifício o caminhar para ele já antevendo-o, do que ir para ele, mas ignorando-o; ainda não  
 digo bem; tanto mais faz ao seu encarecimento o antevê-lo já quando se caminha,

---

<sup>m</sup> Nota marginal: <Gen. 22. 7.>. **VL**, Liber Genesis, c. 22, v. 6-7: [...] *cumque duo pergerent simul, dixit Isaac patri suo: Pater mi. At ille respondit: Quid vis fili? Ecce, inquit, ignis et ligna: vbi est victima holocausti?* **BSP**: [...] *E, enquanto ambos caminhavam juntos, disse Isaac a seu pai: Meu pai. E ele respondeu: Que queres, filho? Eis, disse (Isaac), o fogo e a lenha, mas onde está a vítima para o holocausto?*

<sup>oo</sup> **VL**, *op. cit.*, c. 22, v. 6: *Tulit quoque ligna holocausti, et inposuit super Isaac filium suum: ipse vero portabat in manibus ignem et gladium. Cumque duo pergerent simul. BSP: Tomou também a lenha do holocausto, e pô-la sobre Isaac, seu filho; ele, porém, levava nas mãos o fogo e o cutelo. E, enquanto ambos caminhavam juntos [...].*

do que o conhecê-lo só então quando se padece, que conhecendo no monte ambos igualmente, Abraão o sacrifício que fazia, e Isaque, que ele era a vítima do sacrifício, que quando parecia que mais era em Isaque o ser sacrificado, do que Abraão o sacrificar, como se o sacrifício de  
370 Isaque o não fora à vista do sacrifício de Abraão, não se louvou o sacrifício de Isaque, só porque caminhou ignorando; e só se deram os louvores ao sacrifício de Abraão, por nada mais, senão só porque caminhou sabendo.

Essa é a energia com que diz o Anjo: *Quia fecisti*: diz que louva a Abraão não tanto pelo que faz, quanto pelo que fez; porque o que faz, é o sacrifício na execução, e o que fez,  
375 foi, que levando a luz, e tendo o conhecimento, caminhou contudo para o sacrifício: *Quia fecisti rem hanc, et non pepercisti filio tuo*.

E para que vejamos com maior evidência o quanto depende a essência de um perfeito sacrifício, do antecipado conhecimento, pergunto: Se Deus havia mandado a Abraão que lhe sacrificasse o filho tirando-lhe a vida, por que razão lhe mandou depois, que lhe não desse a  
380 morte? Se acaso o monte Calvário não é o mesmo monte Moriá, como diz S. Agostinho que é, alegando a S. Jerônimo; pelo menos todos os Santos Padres concordam, que o monte Moriá foi o famoso teatro, em que se representava ao mundo o trágico, e amoroso sacrifício, que depois se havia de ver no monte Calvário: porque ali Abraão resoluto a dar a morte a seu filho Isaque, representava ao Eterno Padre entregando à morte a seu Unigênito filho; e Isaque  
385 obediente à vontade de Abraão, representava ao Filho Unigênito de Deus, obediente até a morte à vontade de seu Eterno Padre; logo para ser em tudo perfeita a representação, devia em tu-

do acomodar-se à realidade; e como Cristo padeceu com efeito a morte, e Isaque não padeceu, segue-se que ficou imperfeita a representação; pois por que razão quereria Deus que ficasse assim imperfeita? Se com efeito se havia de dar a morte a Cristo, por que não quis Deus que se desse também a morte a Isaque? Porque quem visse morrer no sacrifício a Isaque, poderia imaginar que o seu sacrifício era perfeita representação da morte, e sacrifício de Cristo; e porque verdadeiramente o não era, por isso, para que o mundo se não enganasse com a morte de Isaque, não quis Deus que Isaque chegasse a padecer morte. Mas se Isaque padecesse morte com efeito, em que se enganava o mundo, se cuidasse que o sacrifício de Isaque era representação perfeita da morte de Cristo? Enganava-se, porque ainda no caso que Isaque morresse, ainda assim o sacrifício de Cristo não ficava perfeitamente representado no sacrifício de Isaque; e por quê? Porque ainda lhe faltava a principal circunstância de perfeito sacrifício: e que circunstância era esta? Era que no sacrifício de Isaque ainda que quando foi à execução o pai, e o filho, ambos tiveram conhecimento do sacrifício; contudo antes dele, só o pai teve este conhecimento, e não o filho: e no sacrifício de Cristo, tanto o Filho, como o Pai, ambos previam o sacrifício, e em ambos se antecipou o conhecimento; e tanto assim consistiu a perfeição do sacrifício de Cristo em que não só o Pai, senão também o Filho antevisse, e assim antevisto o quisesse, que por falta deste conhecimento deixou de ser o sacrifício de Isaque perfeita representação do sacrifício de Cristo.

405 E que bem soube reparar na força desta circunstância o Evangelista S. João! o qual diz que posto já no Horto o Senhor, e resignado já com a Divina vontade, chegaram os ministros da sua prisão, e

caminhando o Senhor para eles, adverte o Evangelista, que sabia, e conhecia mui bem tudo quanto ia a padecer quando começou a caminhar: *Sciens omnia, quæ ventura erant super eum, processit*:<sup>pp</sup> e que razão havia, ou que necessidade de que o Evangelista nos fizesse esta advertência? É que ia a encarecer a fineza, e o merecimento da Paixão Santíssima de Cristo; e como sabia que o maior encarecimento da sua Santíssima Paixão consistia em não dar passos para o sacrifício, senão depois, e com perfeito conhecimento dele, por isso reparou no conhecimento para encarecer o sacrifício; e por isso para logo dizer o quão finamente se ia a sacrificar, antes de tudo, e como prefação do que havia de referir, disse primeiro, que já conhecia tudo o que havia de padecer, e então depois de conciliado o crédito a tudo o mais que havia de dizer, então disse que começou a caminhar: *Sciens processit*.

Está provado, mas ainda não está encarecido, e para o encarecer de algũ modo, reparo em que estas palavras disse o Evangelista depois de todas aquelas tristezas, e depois de todas aquelas agonias, que Cristo padeceu na Oração do Horto; e donde nasciam tantas tristezas, e tantas agonias? Tudo nascia da dificuldade que sentia o Senhor em conformar-se com a vontade, e preceito de seu Eterno Padre: *Si possibile est, transeat à me calix iste*.<sup>qq</sup> Estranha dificuldade! Não é certo que desde o primeiro instante de sua conceição se conformou sempre Cristo com a vontade de seu Eterno Padre? Assim o disse ele mesmo por boca de Davi: *Tunc dixi: Ecce venio: In capite libri scriptum est de me, ut facerem voluntatem tuam: Deus meus volui, et legem tuam in medio cordis mei*.<sup>rr</sup> Pois se assim é, por que mais no Horto se lhe dificultou tanto esta conformidade? Dir-me-ão, que por ser morte então a ma-

---

<sup>pp</sup> Nota marginal: <Joan 18 4.>. **VL**: Evangelium secundum Ioannem, c. 18, v. 4: *Jesus itaque sciens omnia, quæ ventura erant super eum, processit, et dicit eis: Quem quæritis. BSP: Jesus, que sabia tudo o que estava para lhe acontecer, adiantou-se, e disse-lhes: A quem buscais?*

<sup>qq</sup> Nota marginal: <Mat 26. 39.>. **VL**: Evangelium secundum Matthæum, c. 26, v. 39: *Et progressus pusillum, procidit in faciem suam, orans, et dicens: Pater mi, si possibile est, transeat a me calix iste. verumtamen non sicut ego volo, sed sicut tu. BSP: E, adiantando-se um pouco, prostrou-se com o rosto em terra, orando e dizendo: Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não (se faça) como eu quero, mas sim como tu queres.*

<sup>rr</sup> Nota marginal: <Psal. 39. 8. 9.>. **VL**: Liber Psalmorum, c. 39, v. 8-9: *tunc dixi: Ecce venio. In capite libri scriptum est de me ut facerem voluntatem tuam: Deus meus volui, et legem tuam in medio cordis mei. BSP: Então eu disse: Eis que venho; / está escrito de mim na cabeceira do livro: Em fazer a tua vontade, Deus meu, comprazo-me / e a tua lei tenho no íntimo do coração.*

---

<sup>423</sup> Davi] David A, *passim*.

téria do preceito; mas não é assim, porque sendo tão grande o amor de Cristo para com os homens, e dependendo de sua morte a nossa redenção, não se pode entender de seu amor, que repugnasse padecer a morte: pois logo que repugnava? Repugnava não padecer a morte  
 430 absolutamente, senão do modo, e com a circunstância que o Eterno Padre queria que a padecesse, isto é o que o Senhor queria dizer naquelas palavras: *Transeat a me calix iste*: como se dissera o angustiadíssimo Senhor: Pai meu, eu não repugno absolutamente padecer a morte, porque bem sei que nela está o remédio dos homens, se vós quereis que eu a padeça, também eu o quero, porém este gênero de morte, do modo que vós quereis, isso é o que  
 435 repugno; não repugno a substância, repugno o modo; não repugno a morte, repugno esta morte: *Transeat a me calix iste*. Mas de que modo queria o Eterno Padre que Cristo padecesse a morte? Do mesmo modo que ele a padeceu, resignando a sua vontade, e sojeitando-se a obedecer não só à vontade de Deus, senão também à vontade dos homens; e o que mais é, à vontade dos mesmos homens que o faziam padecer, e que não sabiam advertir, que se lhes  
 440 obedecia, era por sua própria vontade: tudo isto denota aquela resposta de Cristo à instância de Pilatos: *Nescis quia potestatem habeo crucifigere te?*<sup>ss</sup> *Non haberes potestatem adversus me ullam, nisi tibi datum esset desuper.*<sup>tt</sup> Pois este modo de padecer era o que se fazia tão dificultoso a Cristo; sacrificar-se a padecer não só conformando-se em tudo com o que ordenava seu Eterno Padre, senão também com o que os homens quisessem dele dispor, e  
 445 ordenar, esta era toda a repugnância, esta era toda a dificuldade: e com razão o obrigou a consideração deste ponto a suar gotas de sangue, porque sojei-

---

<sup>ss</sup> Nota marginal: <Ioan. 19. 10.>. **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 19, v. 10: *Dicit ergo ei Pilatus: Mihi non loqueris? nescis quia potestatem habeo crucifigere te, et potestatem habeo dimittere te?* **BSP**: *Então disse-lhe Pilatos: Não me falas? Não sabes que tenho poder para te soltar, e também para te crucificar?*

<sup>tt</sup> **VL**, *ibidem*, c. 19, v. 11: *Respondit Iesus: Non haberes potestatem aduersum me vllam, nisi tibi datum esset desuper [...].* **BSP**: *Respondeu Jesus: Tu não terias poder algum sobre mim, se te não te fosse dado do alto. [...]*

---

<sup>428</sup> redenção] redêpção A, *passim*.

tar-se ãa vontade a outra, sendo a outra Divina, assim o pede a ordem, e a subordinação da natureza; porém sendo a outra humana, e sendo talvez, como foi na causa de Cristo, não só desabrida, senão apaixonada: intolerável, e incompatível subordinação.

450 Mas enfim depois de algũa resistêcia, venceu o Senhor toda a repugnância, e como tão obediente filho, se veio finalmente a conformar em ir a padecer, não já do modo que ele queria, senão assim, e do mesmo modo que queria seu Eterno Padre: *Non sicut ego volo, sed sicut tu: fiat voluntas tua.*<sup>um</sup> Desta maneira vencida já toda a dificuldade, deu o Senhor os primeiros passos para o sacrifício da sua prisão. Já o Evangelista nos havia  
455 dito, que estava vencida a maior dificuldade; logo já estava dito o maior encarecimento do sacrifício: pois logo como depois de o encarecer com a conformidade, o encareceu ainda mais com a sabedoria? *Sciens*. Grande confirmação de tudo o que tenho dito! Aí não há dúvida, que nesta conformidade, e resignação de Cristo consistiu todo o merecimento do seu sacrifício, porque enfim, na vontade consiste todo o merecimento; e  
460 pelo conseguinte não há dúvida também que o maior, e o mais alto encarecimento que se pode dizer do merecimento, e sacrifício de Cristo, é dizer-se que chegou, por conformar-se com a vontade de Deus, a sojeitar-se também à vontade dos homens; porém é tal a força que tem um anticipado conhecimento para sublimar ainda ao mais alto, e mais encarecido sacrifício, que sendo esta sua conformidade o seu maior encarecimento, ainda o seu conhecimento o chegou  
465 a fazer maior; e a razão está clara: porque se o ponto mais dificultoso da conformidade fora ignorado, que dúvida faz, que não fora o merecimento tão subido? Logo o

---

<sup>um</sup> Nota marginal: <Mat 26. 39.>. **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c, 26, v. 39, 42: [...] *non sicut ego volo, sed sicut tu*. [...] *fiat voluntas tua*. **BSP**: *não* (se faça) *como eu quero, mas sim como tu queres*. [...] faça-se a tua vontade.

maior ponto do merecimento consiste, não tanto na aceitação da vontade, como na previsão do entendimento; prever, e contudo aceitar, este é todo o ponto, e este o maior merecimento. Com razão logo o Evangelista depois de estar tão encarecido o sacrifício de Cristo pela vitória da conformidade, quando parece que se não podia mais subir, para o sobir ainda mais, o encareceu ultimamente pela circunstância da previsão: *Sciens omnia, quæ ventura erant super eum, processit*:<sup>vv</sup> sobre tudo o mais, e sobre o que era mais que tudo, a circunstância do conhecimento nos deu a conhecer a grandeza do sacrifício. Sim, porém Cristo não podia conformar-se perfeitamente em tudo com a vontade de seu Eterno Padre, sem estar juntamente prevendo, e conhecendo tudo; logo na mesma ação em que se nos diz, que Cristo se conformou, se nos diz também que o conheceu; pois logo se já isto se supõe, para que no-lo diz? Porque é ponto tão relevante do sacrifício, e do merecimento de Cristo o ir-se a sacrificar, antevendo já o que ia a padecer, que se bem o podíamos já inferir, não quis contudo o Evangelista fiar o conhecimento da contingência do nosso discurso, porque julgou que sendo esse o ponto da maior importância, se não devia deixar nessa contingência; antes julgou que não satisfaria a toda a grandeza do ponto, se só o remetesse aos discursos da razão, e o não segurasse com a certeza da fé, e por isso depois das conformidades do Horto, disse clara, e expressamente, que sabendo Cristo o que ia a padecer, que então começou a ir: *Sciens omnia, quæ ventura erant super eum, processit*.<sup>ww</sup>

485 Com parecer que já está encarecido, ainda não está bem ponderado; pelo que depois de reparar no *Sciens*, reparo agora no *Processit*, e reparo, por que usou o Evangelista mais

---

<sup>vv</sup>**VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 18, v. 4: [...] *sciens omnia, quæ ventura erant super eum, processit* [...]. **BSP**: [...] *sabia tudo o que estava para lhe acontecer, adiantou-se* [...].

<sup>ww</sup> Nota marginal: <Ioan 18. 4.> (idem nota “pp”).

deste termo? por que não usou de outro qualquer, senão deste? Falando o Evangelista dos passos que deu o Senhor na entrada do Horto, diz assim: *Venit in villam, quæ dicitur Gethsemani*:<sup>xx</sup> falando dos passos que deu dos Discípulos para o Eterno Padre, diz: *Progressus est pusillum*:<sup>yy</sup> falando dos passos que deu de seu Eterno Padre para os Discípulos, diz: *Venit ad Discipulos suos*:<sup>zz</sup> pois por que razão falando dos passos que deu para a prisão, não diz *venit*, ou *progressus est*, senão *processit*? Para satisfazer a esta dúvida, devemos primeiro advertir, que deste mesmo termo usam todos os Teólogos quando falam da processão do Verbo Eterno; o que suposto, bem fácil fica já de entender o mistério com que o Evangelista não usou nesta ocasião de outro termo, senão do que usou, e a razão por que não disse senão *processit*. Todo o empenho do Evangelista era encarecer o sacrifício de Cristo o quanto ele pudesse encarecer, e porque sabia que o maior encarecimento do seu sacrifício era a antecipação do seu conhecimento, por isso antes de dizer que se foi entregar, disse primeiro que já conhecia tudo o que ia a padecer: *Sciens omnia, quæ ventura erant super eum*. Porém advertindo que poderia cuidar o mundo que este conhecimento de Cristo começava só daquele ponto da Oração do Horto, para nos dar a entender o quanto mais antigo, e quanto mais antecipado era este seu conhecimento, que fez? Quando foi a dizer-nos, que deu os primeiros passos a fazer entrega da sua própria liberdade, usou como divino Teólogo daquele mesmo termo, com que se explica a sua eterna processão: *processit*: como se quisera dizer: Saiba o mundo todo, que foi Cristo tão fino, e andou tão heroicamente amante, que se foi sacrificar sabendo: *Sciens*: e para que se admire o quão

---

<sup>xx</sup> Nota marginal: <Mat. ubi supra>. **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c, 26, v. 36: *Tunc venit Jesus cum illis in villam, quæ dicitur Gethsemani* [...]. **BSP**: *Então foi Jesus com eles a uma granja, chamada Getsêmani* [...].

<sup>yy</sup> *Ibidem*, c. 26, v. 39. **VL**: *Et progressus pusillum* [...]. **BSP**: *E, adiantando-se um pouco* [...].

<sup>zz</sup> *Ibidem*, c. 26, v. 40: **VL**: *Et venit ad discipulos suos* [...]. **BSP**: *Depois foi ter com seus discípulos* [...].

anticipado foi nele o conhecimento com que foi, advirto que já desde a eternidade teve este conhecimento, porque foi para a prisão, assim, e com aquele mesmo conhecimento com que procede na eternidade: nenhum tempo, nem ainda um só instante conheceu o Pai este sacrifício primeiro que o Filho o conhecesse; porque se desde a eternidade o conheceu o Pai quando produziu ao Filho, também desde a eternidade o conheceu o Filho quando procedeu do Pai; nem nisto há que duvidar, porque se o Pai o conheceu desde então, porque então produzia a Sabedoria eterna, sendo o Filho a mesma Sabedoria produzida, pouco tem que ver, que assim como o conhecia o Pai, o conhecia o Filho; e assim que o conhecimento que Cristo teve de que ia a padecer por nosso amor, não foi só naquela hora em que ia a padecer, porque o conhecimento que teve naquela hora, foi aquele mesmo que teve na eternidade, aquele mesmo conhecimento com que procedeu *ab æterno*<sup>aaa</sup> quando foi produzido, esse mesmo teve quando foi a ser sacrificado, e por isso, para que assim o tenham todos entendido, por isso usou o Evangelista do mesmo termo com que se diz que procedeu na eternidade, para dizer que foi para a prisão: *Sciens processit*.

Aqui se me oferece também ãa resposta a aquela dúvida de todos: por que razão havendo de encarnar uma das três divinas Pessoas, encarnou mais o Verbo divino, do que algũa das outras? Digo que a razão me parece que é, porque suposto o divino decreto, visto está que a Pessoa que havia de encarnar, havia de ser a que nos havia de remir, e a que para nos remir se havia de sacrificar; e visto está também, que para ser tão digno o merecimento, esse havia de ser em tudo o mais alto sacrifício; pois porque na verdade o

---

<sup>aaa</sup> “Desde sempre” (cf. HOUAISS, 2002).

que mais havia de calificar a grandeza do sacrifício, havia de ser a circunstância do conhecimento, e o conhecimento se atribui mais ao Verbo divino, por isso de entre as divinas Pessoas o Verbo divino houve de ser o que havia de encarnar, e o que nos havia de remir, para  
530 que assim pela propriedade da sua sabedoria, ficasse mais sublimado o sacrifício da nossa redenção. O Pai, a quem como creador doía mais a ofensa, de ver é que não devia dar a satisfação, senão que a ele é que se lhe havia de dar: restavam o Filho, e o Espírito Santo; o Filho que procede do entendimento, é todo Sabedoria, o Espírito Santo que procede pela vontade, é todo Amor, e tendo aquele sacrifício do Amor tantas dependências da Vontade, de  
535 tal maneira se calificou sobretudo pelas luzes da Sabedoria, que para ser perfeitíssimo sacrifício, não houve de tocar ao Espírito Santo, a quem se atribui o Amor, senão ao Verbo divino, a quem se atribui o Entendimento: pois por isso empenhado o Evangelista em declarar aos olhos do mundo, e em nos encarecer o sacrifício do Filho de Deus, pôs advertidamente todo o cuidado em nos mostrar quão antecipado foi o seu conhecimento quando começou a ir,  
540 e foi para o sacrifício: *Sciens processit*.

Este foi o ponto mais relevante, em que mais se calificou o sacrifício de Cristo; e também este mesmo ponto foi em sua proporção o em que se requintou, e mais se encareceu o sacrifício das onze mil Virgens; e sendo na verdade este o próprio requinte do seu sacrifício, que muito é que digamos, que no Religioso sacrifício em que hoje se consagram a Deus essas  
545 duas entendidas almas, se vê também, e se viu o mesmo ponto, e o mesmo requinte? Contudo ainda acho ãa grande diferença entre todos estes sacrifícios, e é, que no sacri-

fício de Abraão todo o conhecimento era da parte do pai, e nenhum da parte do filho; e no sacrifício das onze mil Virgens todo o conhecimento era da parte das filhas, e nenhum da parte dos pais: só no sacrifício de Cristo acho que da parte do Pai, e da parte do Filho foi igual  
550 o conhecimento; pois isso é o que admiro no sacrifício de hoje; que conhecendo o Pai o quanto sacrificava a Deus no apartamento das filhas, e que conhecendo as filhas o quanto lhe sacrificavam na ausência do Pai, que contudo por ãa, e outra parte se cortasse igualmente pelo amor natural para fazer-se o sacrifício a Deus! oh que entendido, que discreto, e que premeditado sacrifício! tanto mais calificado, quanto mais entendido; e tanto mais subido,  
555 quanto mais premeditado. Em outras ocasiões poderá suceder, que se consagram almas a Deus arrebatadas, sim, do seu afeto, mas ignorantes do seu sacrifício, e em tal caso será o sacrifício fino, mas não o mais refinado, porque o fogo em que se abrasam os holocaustos mais perfeitos, não só é ativo, senão também luminoso, nem só se vê nos incêndios, senão ainda mais nos resplandores. Pois no sacrifício de hoje, onde se consagram a Deus duas  
560 almas, sobre tão resolutas, tão entendidas, que tanto lhe sacrificaram nas notícias, quanto agora nas experiências! Hoje que as duas almas que se consagram a Deus, tão antecipadamente souberam conhecer o estado que desejavam professar, que puderam nelas gloriosamente competir com o recato o juízo, com a clausura a prudência, e com os pasmos da modéstia os extremos da discrição! que havemos de dizer, senão que no sacrifício de  
565 ambas se vê hoje heroicamente o mais alto ponto do mais alto sacrifício? Digamos logo que as onze mil Virgens excederam às cinco do Evangelho, e que nas duas de ho-

---

<sup>556</sup> afeto] afecto A.

je se vê o requinte das onze mil; nas duas se vê o requinte das onze mil, porque o seu requinte consistiu no seu conhecimento; e nas onze mil se vê o excesso que fizeram às cinco do Evangelho, porque as onze mil sacrificaram a luz das vidas, e as cinco fizeram só sacrifício da luz das lâmpadas: *Et ornaverunt lampades suas.*<sup>bbb</sup>

570

*Et intraverunt cum eo ad nuptias.*<sup>ccc</sup> Aqui acabo de ver o quanto as onze mil Virgens excederam às cinco do Evangelho; porque aqui vejo que não só as excederam nos números, nem só nos sacrifícios, senão também nos desposórios; e senão vejamos o que diz o Evangelho. Diz no princípio, que as cinco Virgens saíram a encontrar-se com o Esposo, e mais com a Esposa: *Exierunt obviam sponso, et sponsæ,*<sup>ddd</sup> e diz agora ultimamente que também os acompanharam, e entraram com eles a celebrar-lhe os seus desposórios: *Et intraverunt cum eo ad nuptias:* segue-se logo que ainda que entraram, não entraram como esposas, senão só a celebrar-lhe os desposórios; entraram às vodas de Deus, sim, mas não a celebrar desposórios com Deus, senão os desposórios de Deus. E as onze mil Virgens? Todas elas foram esposas digníssimas de Cristo, as quais entraram todas não só a celebrar os desposórios de Deus, senão a ser todas esposas suas, e a celebrar os desposórios com Deus: claro fica logo que as onze mil Virgens excederam às cinco do Evangelho até nos desposórios.

575

580

Porém em desposórios com Deus, que se pode requintar? Que mais se pode dizer, senão só, que foram desposórios com Deus? Pois eu digo que ainda foram mais; mais que desposórios com Deus? dá-se caso em que ainda possam sobir mais os desposórios? Sim: os desposórios das onze mil Virgens ainda foram mais sobidos do que só precisamente desposórios com Deus; e isso como, ou por quê? Porque foram des-

585

---

<sup>bbb</sup> Idem nota “a”.

<sup>ccc</sup> Idem nota “a”.

<sup>ddd</sup> **VL**, *Evangelium secundum Matthæum*, c. 25, v. 1: *Tunc simile erit regnum cælorum decem virginibus: quæ accipientes lampades suas, exierunt obviam sponso et sponsæ. BSP: Então será semelhante o reino dos céus a dez virgens, que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do esposo.*

posórios com Deus no dia da sua maior glória, e de seu maior triunfo; e desposórios com Deus no dia em que ele está mais glorioso, e mais triunfante, que dúvida faz que são desposórios mais realçados do que precisamente desposórios com Deus? Por isso a Alma santa para encarecer os desposórios mais solenes de Cristo, advertiu que eram celebrados no dia do seu maior triunfo, e no dia da sua maior glória: *Videte Regem Salomonem in diademate, in die desponsationis illius, et in die lætitiæ cordis ejus.*<sup>eee</sup> Mas qual é a razão por que digo que o dia das onze mil Virgens é para Deus o dia do seu maior triunfo? A razão é, porque é o dia das onze mil Virgens; é ele o dia das onze mil Virgens? pois esse é o dia do maior triunfo de Deus. Prova? Sim.

Naquele dia em que Davi entrou vitorioso com a cabeça do Gigante pelas ruas de Jerusalém, diz S. Agostinho, e com ele os Santos PP.<sup>fff</sup> que se representava o maior dia do maior triunfo de Cristo, e é muito para reparar nos vivas, e nas aclamações com que as mulheres de Jerusalém celebravam todas aquele famosíssimo triunfo: *Percussit Saul mille, et David decem millia.*<sup>egg</sup> Saul rendeu a mil, e Davi a dez mil. Tanto havia em que reparar no mistério, e na consonância daquelas vozes, que até ao mesmo Saul deram muito em que reparar: *Dederunt David decem millia, et mihi mille dederunt;*<sup>hhh</sup> porém não é esse o meu reparo. Saul reparou em que a ele lhe atribuíssem só mil, dando a Davi dez mil: Eu reparo, por que haviam de dar esses mil a Saul; se o triunfo era de Davi, e não de Saul, por que se atribuem mil a Saul? Não basta que se atribuam dez mil a Davi? Não basta: e por quê? Porque como ali se representava a Cristo no dia do seu maior triunfo, necessariamente se havia de can-

---

<sup>eee</sup> Nota marginal: <Cant. 3. 11.>. **VL**, Canticum Canticorum, c. 3, v. 11: *Egredimini et videte filiæ Sion regem Salomonem in diademate, quo coronavit illum mater sua in die desponsationis illius, et in die lætitiæ cordis eius.* **BSP**: *Saí, filhas de Sião, e vede o rei Salomão, / com o diadema de que sua mãe o coroou no dia do seu casamento, / e no dia do júbilo do seu coração.*

<sup>fff</sup> Abreviatura correspondente a “Padres”, nesse contexto.

<sup>egg</sup> Nota marginal: <I Reg. 18. 8.>. **VL**, Liber I Samuelis, c. 18, v. 7: [...] *Percussit Saul mille, et David decem millia.* **BSP**: [...] *Saul matou mil e Davi dez mil.*

<sup>hhh</sup> **VL**, *ibidem*, c. 18, v. 8: [...] *Dederunt David decem millia, et mihi mille dederunt* [...]. **BSP**: [...] *Deram dez mil a Davi e a mim mil* [...].

tar naquele dia o número mais próprio do maior triunfo de Cristo; pois para que se entendesse, que o número do maior triunfo de Cristo havia de ser sem dúvida aquele, em que as almas  
610 rendidas ao seu amor fizessem o número de onze mil, por isso para que ali se representasse o seu mais triunfante dia neste glorioso número, não bastou que se atribuíssem só dez mil a Davi, senão que foi necessário, que se atribuíssem de mais, mil a Saul: *Percussit Saul mille, et David decem millia.*

Mas com estar dada a repostada, ainda me fica esta dúvida. Pois já que Davi  
615 representava a Cristo no dia do seu maior triunfo, e já que o número de onze mil é o mais próprio do maior triunfo de Cristo, por que se não atribuíram a Davi todos os onze mil, senão, mil a Saul, e só os dez mil a Davi? Sim, e agora se verá qual é a razão por que o mais próprio dia do maior triunfo de Cristo é aquele, em que o seu amor chegou a render onze mil almas; e é, porque o render juntas onze mil almas é o triunfo mais próprio, e mais  
620 especial unicamente do seu amor. Ora vejam. É verdade que naquele dia do maior triunfo de Davi se representava o dia do maior triunfo de Cristo; e é verdade mais, que no número de onze mil almas rendidas se cifra inteiramente o seu maior triunfo; porém não se atribui todo esse número também a Davi, porque o triunfo deste número de mil sobre dez mil é tão próprio todo do amor de Cristo, que só a ele lhe toca, e só para ele é o mais especial, e tão  
625 especial só para ele, que nem por sombras permite, que outra força alguma possa de ãa só vez triunfar de todo este número. Bem: mas se o maior triunfo de Cristo consiste em triunfar de onze mil almas juntas de tal maneira que nem ainda por representação pode

630 outrem triunfar juntamente de onze mil, de que modo havia Davi de representar o maior  
 triunfo do amor de Cristo? Por belo modo: para que se veja que no triunfo de Davi se  
 representava o maior dia do maior triunfo de Cristo, cante-se gloriosamente que nesse dia  
 ficaram rendidas onze mil almas; mas para que se veja, que só singularmente o amor de Cristo  
 pode render juntamente todo o número de onze mil, reparta-se o número, e divida-se entre  
 Saul, e Davi: já que Davi é o que alcançou o triunfo, e o que representa a Cristo, cante-se  
 635 embora que do número de onze mil ele venceu a maior parte; mas não se cante, que ele só  
 venceu todo o número, senão que Davi venceu dez mil, e que os outros mil venceu Saul:  
*Percussit Saul mille, et David decem millia.*

Parece que o mesmo Davi entre os aplausos de seu triunfo não deixou de reparar neste  
 mistério, porque falando depois à letra do maior triunfo de Cristo, disse que o carro do seu  
 triunfo, que é particularmente seu, sobre ir carregado de palmas, e de coroas, constava de onze  
 640 mil almas: *Currus Dei decem millibus multiplex, millia lætantium.*<sup>iii</sup> Mas por que não disse  
 logo que eram onze mil por todos, senão que eram mil, sobre dez mil? Porque não ia só a  
 dizer qual era o triunfo especial só de Cristo, senão que ia também a dar a razão, por que havia  
 de ser esse o seu especial triunfo: para dizer qual era o triunfo especial só de Cristo, disse que  
 era aquele em que o seu carro triunfal constava de onze mil almas; e para dar a razão por que  
 645 havia de ser este o seu triunfo especial, dividiu o número, e disse que eram mil sobre dez mil;  
 mas onde está aí a razão? Direi: o número de dez bem sabem todos, que é o mais perfeito, o  
 remate, e o complemento de todos os números,<sup>iii</sup> e pelo conseguinte,

---

<sup>iii</sup> Nota marginal: <Ps. 67. 18.>. **VL**, Liber Psalmorum, c. 67, v. 18: *Currus Dei decem millibus multiplex, millia lætantium* [...]. **BSP**: *O carro de Deus vai rodeado com muitos milhares, / são milhares que se alegram.* [...].

<sup>iiii</sup> Modernamente, entende-se que número perfeito é aquele igual à soma dos seus divisores inteiros, positivos e diferentes dele próprio. O número 10, então, não se enquadraria nessa categoria. Entretanto, para Pitágoras e seus seguidores, *dez* era o número perfeito (cf. VITRUVIUS, M. *De Architectura*, Book III, c. 1, par. 5-6). Os pitagóricos acreditavam que *dez* é o número da *Tetraktys*: “a soma dos quatro primeiros números (1 + 2 + 3 + 4). Tem um sentido de totalidade, de conclusão, termo, remate. O sentido de volta à unidade, depois do desenvolvimento do ciclo dos nove primeiros números. A dezena era, para os pitagóricos, o mais sagrado dos números, o símbolo da criação universal, sobre a qual eles prestavam juramento, evocando-o da seguinte forma: A *Tetraktys*, na qual se encontram a fonte e a raiz da eterna Natureza (MONA [MONOD-HERZEN G.-E, *L’Alchimie méditerranéenne, ses origines et son but, la Table d’Emeraude*. Paris, 1963], p. 26). Se tudo deriva dela, tudo a ela retorna: ela é, então, também, uma imagem da totalidade do movimento” (cf. CHEVALIER *et al.*, 2006, p. 333-334).

bem devem também saber, que o número de onze ainda tem mais perfeição que esse mais  
 650 perfeito, porque ainda levanta de ponto sobre o número de dez; e assim que por esta conta os  
 maiores triunfos que se podem alcançar, são os de dez mil; e se houver um triunfo de onze  
 mil? esse será singularmente maior sobre todos os maiores: empenhado pois Davi em mostrar  
 um triunfo que fosse singular só de Cristo, com que razão o havia de mostrar?  
 Necessariamente havia de mostrar um triunfo seu, que fosse maior que todos os maiores  
 655 triunfos; mas para mostrar este triunfo singularmente maior que todos, que havia de fazer? O  
 mesmo que fez para dizer somente que alcançara um dos maiores triunfos, disse que era  
 triunfo de dez mil almas; e para claramente dizer, que ainda era maior que todos os maiores,  
 acrescentou mais outros mil; com que veio a concluir, que o triunfo de onze mil era próprio, e  
 singular só de Cristo, e por isso judiciosamente ajuntou no dia do seu mais especial triunfo, e  
 do seu mais triunfante carro, mil sobre [[dez]] mil: *Currus Dei decem millibus multiplex,*  
 660 *millia lætantium.*

E verdadeiramente que maior triunfo se pode considerar, ou se podia ver, que o que  
 veria a Corte celestial naquele felicíssimo dia, em que viu entrar entre assombros de  
 fermosura pelas portas do firmamento aquele fermosíssimo, e triunfante esquadrão de onze  
 mil donzelas, que com onze mil coroas, e onze mil palmas, seguindo o seu glorioso  
 665 estandarte, sorteado de branco pela sua pureza, e de encarnado pelo seu martírio, sobiam  
 majestosamente pelas onze esferas do Céu, a ser entre os astros onze mil estrelas, entre os  
 Anjos onze mil Serafins, para Deus onze mil filhas, e para Cristo onze mil esposas? Oh com  
 quanta razão naquele dia entre sagrados epitalâmios, e vitória das congratulações,

670 solenizando o triunfo do amor de Cristo em alternadas vozes a dous coros todos os Anjos, cantariam de ãa parte o que se cantou a Davi: *Percussit Saul mille, et David decem millia*; e da outra o que Davi cantou: *Currus Dei decem millibus multiplex, millia lætantium!* Temos logo que o dia do maior triunfo de Cristo, foi o dia das onze mil Virgens, e sendo esse o dia dos seus desposórios, bem digo, que os seus desposórios não foram só com Deus precisamente, senão com Deus no dia do seu maior triunfo.

675 Mas se nesta circunstância esteve o ponto mais glorioso dos desposórios das onze mil Virgens, quem não vê hoje o mesmo na circunstância do dia, que elegeram essas duas almas para os seus sagrados desposórios? Dirá contudo alguém, que o desposarem-se com Cristo no dia das onze mil Virgens, não é desposarem-se com Cristo triunfante, senão só com Cristo no dia que foi do seu maior triunfo. Digo que não é senão desposarem-se com  
680 Cristo triunfante; senão torne Davi a profetizar a grandeza deste dia: falava ele segundo a opinião de Clemente Romano<sup>kkk</sup> com o mesmo Cristo, e entre várias vitórias, que lhe profetizava, lhe dizia, que viria tempo em que onze mil almas feridas todas de setas, ou fossem do seu martírio, ou do seu amor, ficariam rendidas ao seu lado, e que todas ficariam às suas mãos direitas: *A sagitta volante in die cadent a latere tuo mille, et decem millia a dextris tuis.*<sup>lll</sup> À primeira vista parece que não há que duvidar na inteligência desta profecia; porque se as almas rendidas haviam de ser em número onze mil, e se todas elas haviam morrer feridas de setas, que tem que ver, que falava o Profeta do triunfo de Cristo no dia das onze mil Virgens? Mas ainda tenho duas dúvidas em duas palavras. A primeira é, que Cris-

---

<sup>kkk</sup> Nota marginal: <5. Const c. 14.>. Ref. a Clemente I, quarto Papa (séc. I).

<sup>lll</sup> Nota marginal: <Ps. 90. 6. 7.>. **VL**, Liber Psalmorum, c. 90, v. 6-7: *A sagitta volante in die [...]. Cadent a latere tuo mille, et decem millia a dextris tuis [...].* **BSP**: *nem a seta que voa de dia, [...]. Cairão mil ao teu lado, / e dez mil à tua direita [...].*

to tem dous lados, um direito, e outro esquerdo: pois por que não disse o Profeta que as onze mil Virgens haviam de cair mortas, e ficar rendidas por ambos os lados Cristo, senão por um só lado? *A latere tuo*. A segunda dúvida é, que Cristo não tem mais que ãa mão direita somente: pois por que não disse o Profeta que as onze mil Virgens haviam de ficar à mão direita de Cristo, senão às duas mãos direitas? *A dextris tuis*.<sup>mmm</sup> Enquanto à primeira dúvida está bem clara a reposta; diz que todas as onze mil Virgens caíram rendidas a um só lado de Cristo, porque pareceria desigualdade, que ficando umas para a parte do coração, e do lado aberto, ficassem outras para o outro lado; todas caíram para onde mais inclinaram, e como a inclinação, e amor de todas foi para a pureza, e para o martírio, por força, e por natural simpatia houveram todas de cair para a parte do lado aberto, por onde misteriosamente saíram, no sangue representando o martírio, e na água representando a pureza: ou senão digamos, que como todas eram esposas tanto do coração de Cristo, necessariamente lhe haviam de ficar todas para a parte do coração. Mas não parece tão fácil a reposta da segunda dúvida: porque ainda que é certo, que ficando-lhe todas da parte do coração, e voltando-se o Senhor recebeu a todas como suas verdadeiras esposas; contudo, também é certo que com ãa só mão direita se foi desposando, e as foi recebendo a todas: como diz logo o Profeta, que estava o Senhor com duas mãos direitas? *A dextris tuis*. Não posso negar que é verdade, que com só ãa mão direita recebeu Cristo por esposas suas as onze mil Virgens; porém como Santa Úrsula, e Santa Córdula foram as duas principais, e mais singulares de todo o

---

<sup>mmm</sup> O autor induz seu público a entender como plural a expressão *a dextris tuis* (“à tua direita”), e apóia os argumentos seguintes nessa proposição.

número das onze mil, dissera eu, que por singularidade teve Cristo naquele dia duas mãos  
 710 direitas para as dar ambas a cada ãa das duas, assim como Deus por singularidade da Rainha  
 das Virgens a recebeu também com duas mãos direitas: *Astitit Regina a dextris tuis.*<sup>nnn</sup> Mas se  
 cada ãa das onze mil Virgens recebeu a Cristo com uma só mão direita, por que razão a cada  
 ãa das duas principais não recebeu também com ãa só mão, senão com duas? Seja-me lícito,  
 715 pelo privilégio do dia, poder dizer o que cheguei a considerar. Digo que naquele dia  
 soleníssimo do triunfo das onze mil Virgens, dando-lhe Cristo a mão direita como a suas tão  
 queridas esposas, recebeu contudo a cada uma das duas principais com duas mãos direitas,  
 porque cada ãa delas recebia com uma mão pelo que eram, e com a outra, pelo que  
 representavam, e como o que ambas representavam eram essas duas novas Esposas de Cristo,  
 considero que já naquele próprio dia das onze mil Virgens estava Cristo desposando-se com  
 720 estas duas esposas, que ele já então estava prevendo; prevendo que neste dia das onze mil  
 Virgens as havia de receber por esposas na realidade, já então naquele mesmo dia as recebia  
 em representação, agora as recebe em si mesmas; então as recebia nas duas que as  
 representavam, agora as recebe dando-lhes a mão; então dava a mão de que as recebia, agora  
 executa o que representava então; e como já então como triunfante as estava recebendo, por  
 725 isso digo que as recebe agora, não só no dia que foi do seu maior triunfo, senão com a mesma  
 glória que teve naquele dia, com a circunstância, com o título, e com a glória de triunfante.

Só se me oferece ãa dúvida contra esta minha consideração, e  
 é, que os desposórios que Cristo

---

<sup>nnn</sup> **VL**, Liber Psalmorum, c. 44, v. 10: [...] *Astitit regina a dextris tuis* [...]. **BSP**: [...] *A rainha está à tua destra* [...].

730 celebrou com as onze mil Virgens, foram na glória, os que agora celebra são na terra, e na  
 Glória visto está que se desposa Cristo como triunfante pelo estado que tem de glorioso;  
 porém na terra donde não existe enquanto glorioso, como havemos de dizer que se desposa  
 como triunfante? E que fora se não estivera presente a este religioso sacrifício aquele  
 santíssimo mistério? É verdade que com as onze mil Virgens se desposou Cristo no Céu, e  
 que hoje se desposa na terra, porém sendo certo, que com elas se desposou no Céu no estado  
 735 de glorioso, também é certo, que os desposórios que hoje celebra na terra, são na existência de  
 sacramentado; e quem não sabe, que nada menos triunfante está Cristo na terra enquanto  
 sacramentado, do que está no Céu enquanto glorioso? É o que diz S. Elígio:<sup>ooo</sup> *Sacramento*  
*corporis Domini totus subjugatus est mundus, neque enim,*<sup>ppp</sup> continua Onesto Expositor dos  
 Evangelhos, *neque enim Christus in Eucharistia, atque in Cælo minus triumphat.*<sup>qqq</sup> Antes por  
 glória do Sacramento, já que até agora não dissemos nada dele, deem-me licença para que me  
 740 detenha mais um nada, e para que prove que no dia das onze mil Virgens mais triunfante  
 parece enquanto sacramentado na terra, do que enquanto glorioso no Céu. Ora vejam.

Aos onze capítulos do Livro dos Macabeus, como em honra do número de onze se  
 refere, que sendo-lhe forçoso a Judas Macabeu resistir às tiranias de Lísias General de  
 Antíoco,<sup>rrr</sup> necessariamente se houve de pôr em campo; vendo porém a limitação de suas  
 745 forças à vista do poder, e do numeroso exército de Lísias, começou a conhecer que ainda que  
 era forçosa a batalha, que era desigual a empresa, senão quando lhe aparece um celestial Ca-

---

<sup>ooo</sup> Nota marginal: <S. Elig. homil. 8 in Cœn. Dom.>. Ref. S. Eligii Noviomensis Episcopi. *Homiliae* (cf. MIGNE, *P. L.*, v. 87, 1863, col. 593-654).

<sup>ppp</sup> “O mundo todo foi subjugado pelo sacramento do corpo do Senhor, pois [...]” (tradução nossa).

<sup>qqq</sup> “pois, na Eucaristia, Cristo não triunfa menos do que no céu” (tradução nossa).

<sup>rrr</sup> Esse episódio é narrado no capítulo 3 do livro I Macabeus – especialmente a partir do v. 32, e no capítulo 11 de Antiquidades Judaicas, por Josefo.

---

<sup>739</sup> deem-me] dem-me A.

valeiro, o qual vestido todo de branco, e posto na vanguarda como Capitão de todos, e segurando-lhes a vitória, os animou a dar a batalha: *Apparuit præcedens eos eques in veste candida, armis aureis, hastam vibrans*.<sup>sss</sup> Com esta vista, e com esta segurança se animaram os Macabeus, e tanto assim se animaram na certeza de que Deus havia de ser o que havia de pelejar, que rompendo, e desbaratando todo o exército inimigo, degolaram, e deixaram naquele dia mortos, não menos que onze mil dos contrários: *Habentes de Cælo adiutorem, et miserantem super eos Dominum, irruentes, prostraverunt ex ijs undecim millia*.<sup>ttt</sup> Este foi o caso, e o meu reparo é, que na ocasião deste triunfo viesse Deus vestido de branco, *in veste candida*. Deus vestido de branco é Deus sacramentado; Deus vindo do Céu, é Deus glorioso; pois já que Deus naquela ocasião vinha do Céu triunfar na terra, por que não veio na mesma forma em que está no Céu? por que não veio em forma de glorioso, senão em forma de Sacramentado? Não se podia melhor mostrar o que vou a dizer. Era aquele triunfo de Deus, triunfo que Deus alcançava de onze mil almas: *Prostraverunt ex ijs undecim millia*. E no dia, ou no triunfo de onze mil almas, comparado Cristo sacramentado na terra consigo mesmo glorioso no Céu, tanto mais triunfante está enquanto sacramentado, que para se mostrar ao mundo mais triunfante, não aparece na terra neste dia, do modo com que está glorioso no Céu, senão do modo com que está sacramentado na terra; valia-se das cores que veste enquanto sacramentado, para mais encarecer o triunfo que celebra enquanto glorioso, porque parece que julgou que mais dignamente celebrava a grandeza do triunfo saindo a público com as galas do Sacramento; ou pelo menos

---

<sup>sss</sup> Nota marginal: < 2 Mach. 11 68.>. **VL**, Liber II Maccabæorum, c. 11, v. 8: *Cumque pariter prompto animo procederent, Ierosolymis apparuit præcedens eos eques in veste candida, armis aureis hastam vibrans*. **BSP**: *Quando marchavam todos juntos com ânimo resolutivo, apareceu, ainda perto de Jerusalém, um homem a cavalo, que ia adiante deles, vestido de hábitos brancos, com armas de ouro, brandindo uma lança.*

<sup>ttt</sup> *Ibidem*, c. 11, v. 10-11. **VL**: *Ibant igitur prompti, de cælo habentes adiutorem, et miserantem eos Dominum. Leonum autem more impetu irruentes in hostes, prostraverunt ex eis vndecim millia peditum, et equitum mille sexcentos [...]*. **BSP**: *Marchavam em ordem de batalha, com este auxiliar vindo do céu, por misericórdia do Senhor. Como leões, lançando-se impetuosamente sobre os seus inimigos, mataram onze mil homens da sua infantaria, mil e seiscentos de cavalaria [...]*.

digamos, que ou glorioso no Céu, ou sacramentado da terra, sempre está tão igualmente triunfante, que para mostrar o quão triunfante está no Céu, não lhe é necessário aparecer em forma de glorioso, basta-lhe aparecer em forma de sacramentado: *In veste candida*.

770 Parece que bastava o dito, e o ser hoje o Esposo um Deus sacramentado, para prova do que eu dizia, que hoje o Esposo não é só Deus precisamente, senão Deus triunfante; porém se acaso não basta a maior circunstância do dia, ponhamos os olhos na mesma substância da ação; e que cousa é o estado religioso, que hoje professam essas duas triunfantes almas, senão  
775 aquele resoluto, e incruento sacrifício, em que rendem aos pés, e ao sagrado dos altares de Cristo todas as grandezas, e todas as esperanças do mundo? Pois dia em que Cristo vê sacrificado a seus pés todo o mundo inteiro; dia em que o amor de Cristo se vê tão preferido ao amor do mundo, e tanto assim, que tão gloriosamente triunfa de tantas, e tão bem fundadas promessas, de tantas, e tão bem nascidas esperanças; que dia de maior glória, e de maior triunfo para Cristo? Digamos logo que hoje o divino Esposo não é precisamente só Divino,  
780 porque não é só Deus precisamente, senão também triunfante. Com que seja a última conclusão, que se as onze mil Virgens excederam também nos desposórios às cinco Virgens do Evangelho, que as duas foram também nos desposórios o requinte das onze mil Virgens: as duas foram o requinte das onze mil, porque se desposaram com Deus triunfante; e as onze mil excederam às cinco do Evangelho, porque as onze mil entraram com Deus a ser suas esposas,  
785 e as cinco entraram somente a festejar os desposórios de Deus: *Et intraverunt cum*

*eo ad nuptias.*

Tenho acabado o Sermão, cumprido para o tempo, mas breve para o dia; e já que por abreviar (Divino amante, e soberando Esposo das almas) já que por abreviar falei hoje tão pouco dos vós, permiti-me que acabe falando convosco, por ventura que falando convosco, 790 vos mostre eu que sempre falei de vós. Hoje Senhor que vos vejo desposado no Céu, e desposado na terra, no Céu enquanto glorioso, na terra enquanto sacramentado, no Céu com onze mil Virgens, ou onze mil Mártires, e na terra com duas almas, perfeito, e claríssimo resumo de todas as onze mil; hoje Senhor, que vos vejo tão gloriosamente desposado, vos dou os parabéns de ver o vosso amor, ou seja no Céu, ou na terra, tão amorosamente 795 correspondido. Nem sempre vos havíeis de ver só amado no Céu, também hoje vos vedes amado na terra, e tão pontualmente amado, que em tudo se correspondem, o sacrifício inefável que oferecis a nossas almas nessa custódia, e o religioso sacrifício que duas almas vos oferecem hoje nesta clausura. Nesta pontualidade da sua correspondência fundo eu a satisfação da minha falta, porque de tal maneira se correspondem convosco, que sem eu o 800 imaginar, em tudo o que disse delas, falei sempre de vós. Disse que eram duas esposas, e era em correspondência de que nesse mistério vos sacramentastes em duas espécies. Disse que se sacrificaram a um estado composto da vida, e da morte, e era em correspondência de que nesse sacrifício ajuntastes a morte com a vida. Disse que se rendiam, e se sujeitavam as vontades próprias a vontades alheas, e era em correspondência de que nesse Divino pão vos 805 consagrastes a estar sujeito à vontade de quem vos consagra. Disse que antevendo o sacrifício, o

anticiparam no conhecimento, e era em correspondência, de que nesse sacrifício do altar previstes, e antecipastes o sacrifício da Cruz. Disse finalmente, que se desposaram convosco triunfante, e só nesta sua felicidade parece que faltou a sua correspondência; porque por isso ficaste triunfante, porque ficaram rendidas elas; mas como poderiam corresponder ao vosso amor, senão ficando ambas rendidas, e o vosso amor triunfante de ambas? Por isso a mim me parecia que em certo modo ainda mais triunfante estais hoje na terra, do que estais no Céu: porque no Céu estais gozando daquele famoso triunfo, que alcançastes do mundo neste dia; e na terra estais hoje atualmente triunfando, de quem triunfou do mundo: ou para melhor dizer, no Céu, e na terra estais hoje mesmo pelo martírio das onze mil Virgens gozando do triunfo que já alcançastes, e pelo sacrifício das duas, alcançando um triunfo atualmente; e não sei de que estareis hoje mais gozoso, se do triunfo já alcançado, se de atualmente estar alcançando o triunfo. Este é, Senhor, hoje o triunfo de vosso amor, esta a correspondência de vossas esposas, e esta a glória dos vossos desposórios. Pela solenidade deles vos pedimos todos, que a exemplo de tão heroica ação, saibamos todos ponderar que cousa é mundo, para que assim, depois de celebrarmos estes vossos desposórios da graça, entremos também a celebrar os vossos desposórios da Glória: *Quam mihi, et vobis, etc.*<sup>uuu</sup>

---

<sup>uuu</sup> Abreviação da fórmula de encerramento de sermões, *Quam mihi et vobis praestare dignetur Dominus Deus Omnipotens*. Tradução nossa: “A qual o Senhor Deus Onipotente se digne conceder a mim e a vós”.

## Sermão Segundo, pregado em a festa de Nossa Senhora do Rosário, em o primeiro domingo de outubro.

---

*Extollens vocem quædam mulier de turba, dixit illi: Beatus venter qui te portavit, Et ubera quæ suxisti. Luc. cap. 11.<sup>a</sup>*

Entre as maiores solenidades da Mãe Santíssima de Deus, sendo para todos a festa do Rosário a invocação mais ordinária, bem creio eu que para os Pregadores ela de todas é a mais dificultosa; mas que muito,<sup>b</sup> sendo ela ãa cifra, e um compêndio de todas! De todas as flores da terra nenhũa mais bela que a Rosa, nenhũa mais merecedora de aplausos, mas também nenhuma mais armada de espinhos; pois isto que se vê na Rosa, se vê também no Rosário; porque assim como na encarnada esfera de uma Rosa fez a natureza a elegante recopilação de todas as flores; assim também no breve círculo de um Rosário colocou a graça o sagrado compêndio de todos os mistérios; e assim que sendo tão arrisca-

---

<sup>a</sup> Vulgata Latina (1605), doravante **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 11, v. 27: *Factum est autem, cum hæc diceret: extollens vocem quædam mulier de turba, dixit illi: Beatus venter, qui te portavit; et ubera quæ suxisti. Bíblia Sagrada – Edições Paulinas (1986), doravante **BSP**: Aconteceu que, enquanto ele dizia estas palavras, uma mulher, levantando a voz do meio da multidão, disse-lhe: Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos a que foste amamentado.*

<sup>b</sup> A expressão “que muito”, frequente também nos sermões de Vieira, equivale a “que há de estranho”, “que admiração” (cf. *Léxicon*. In: VIEIRA, 2010, p. 643).

---

<sup>3</sup> solenidades] solemnidades A, *passim*.

do o colher a fermosura de uma Rosa, não é de admirar que nos seja tão dificultoso o tratarmos da festa do Rosário; porque assim como a gentileza da Rosa se acautelou entre espinhos, assim a festa do Rosário se preveniu de dificuldades; a Rosa retirando-se a nossas mãos, o Rosário sobrelevando-se a nossos discursos; a Rosa como compêndio de todas as flores, o Rosário como cifra de todos os mistérios.

15 Contudo assim como o mimo, e a fermosura da Rosa nos costuma atrair os ânimos para romper os espinhos; assim as excelências, e a grandeza do Rosário nos deve solicitar as atenções para vencer as dificuldades; pelo que assim como sem atender ao estorvo dos espinhos colhemos a fermosura da Rosa, assim também sem reparar nas dificuldades da festa,  
 20 eu me quero arrojar a discorrer sobre as excelências do Rosário; e para que não vamos buscar o assunto mais longe, este mesmo nome do Rosário nos servirá hoje de assunto. Festa do Rosário? E por que razão se há de celebrar esta festa com este nome? Dizem comumente que se deve chamar Rosário, porque as preces, e as orações que se oferecem à Senhora, são verdadeiramente  
 25 ãa coroa de Rosas, com que a Senhora se adorna, ou se coroa; assim o considerou S. Gregório Niceno:<sup>c</sup> *Verba supplex offeram, et ab horto suavissimo contextam coronam, qua tuum exornem caput ó Domina, proferam.*<sup>d</sup> E para que esta consideração não carecesse de fundamento, muitas vezes se tem visto que as preces, e as Ave Marias que pronunciam os devotos do Rosário, sendo rezas, se convertem em Rosas, tresladadas prodigiosamente das bocas dos devotos para a cabeça da Senhora, e gloriosamente transformadas as preces de seu Rosário  
 30 em Rosas de sua coroa; porém disso mesmo é a minha admira-

---

<sup>c</sup> Nota marginal: <D. Greg. Nicen Orat. de Deip. Virg. >. Embora a referência seja a Gregório Niceno, a citação foi localizada na obra de Gregório Nazianzeno (cf. MIGNE, *P.G.*, v. 38, 1862, col. 336).

<sup>d</sup> “Com as súplicas que lhe oferecerei, apresentarei uma coroa tecida do que há de mais suave no meu jardim, com que te adorne a fronte, ó Senhora ” (tradução nossa).

---

<sup>21</sup> assunto] assumpto A, *passim*.

ção: e por que razão se hão de converter as preces oferecidas à Senhora mais em coroa de Rosas, do que em outra qualquer coroa? por que não em grinalda de pérolas? por que não em diadema de estrelas? por que mais em capela de Rosas? Fundemos este meu reparo nas palavras do nosso tema.

35 *Extollens vocem quaedam mulier de turba, dixit illi: Beatus venter qui te portavit.* Diz que uma mulher querendo louvar a Cristo, louvara com as vozes a sua Santíssima Mãe. E se bem repararmos, acharemos que isto mesmo que vemos no Evangelho, se acha também no Rosário; porque, que outra cousa é o Rosário, senão vozes da Igreja com que louva a Senhora para vir a dar nos louvores de Cristo? Louvamos, e dizemos nas orações do Rosário, que é bem-aventurada a Senhora: *Benedicta tu in mulieribus*,<sup>e</sup> e daqui vimos a concluir, e a louvar também a Cristo de Bem-aventurado: *Et benedictus fructus ventris tui*:<sup>f</sup> logo o mesmo vem a ser os louvores do Rosário, que as vozes do Evangelho: *Beatus venter qui te portavit*: porém quem deu, quem levantou essas vozes? Diz o mesmo Evangelista que foi ãa mulher, a qual dizem os Expositores que se chamava Marcela: pois por força se havia de chamar Marcela quem representava as vozes do Rosário? Sim; porque o nome de Marcela é um composto de dous nomes, compõe-se de mar, e do Céu: e para quê? Para que assim ficasse entendido que as orações do Rosário, ou são nascidas no mar, ou são formadas no Céu: se nascidas no mar, logram a natureza de pérolas; se fomadas no Céu, gozam a jurisdição de estrelas: parece logo que havíamos de dizer que o Rosário da Senhora mais se havia de chamar ou grinalda de pérolas, ou diadema de estrelas, do que capela de Rosas?

---

<sup>e</sup> **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 1. v. 28, 42: *Et ingressus Angelus ad eam dixit: Ave gratia plena: Dominus tecum: Benedicta tu in mulieribus. [...] et benedictus fructus ventris tuis.* **BSP**: *Entrando o anjo onde ela estava, disse-lhe: Deus te salve, cheia de graça; o Senhor é contigo. [...] Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre.*

<sup>f</sup> *Loc. cit.*

E para maior confirmação reparemos nas mesmas palavras de Marcela: *Beatus venter qui te portavit, et ubera quæ suxisti*. Chama-se a Senhora no Evangelho de hoje feliz, ditosa, e bem-aventurada, para que assim entendamos neste dia, que da devoção do Rosário assim como a nós nos provêm grandes venturas, assim também à Senhora lhe resultam  
55 grandes felicidades: mas que felicidades podem resultar à Senhora da devoção do Rosário, sendo ele composto de Rosas? Bem sei que é a sua pompa, e a sua fermosura grande; mas quem ignora que no mesmo extremo de sua fermosura consiste o desengano de sua vaidade? Quem duvida que na mesma ostentação de sua pompa se funda a brevidade de sua duração? Essa foi a maior cegueira do mundo que mais notou Salamão, que sendo as Rosas de tão  
60 pouca dura, pusessem os homens a sua felicidade em coroar-se de Rosas: *Coronemus nos Rosis antequam marcescant*:<sup>§</sup> pois logo como se coroa a Senhora de Rosas, quando no Evangelho se lhe cantam felicidades? *Beatus venter qui te portavit*. Daqui se segue, segundo parece, que muito melhor se ajustara o Evangelho à festa, se disséramos que a Senhora se coroava neste dia de pérolas, ou de estrelas, do que dizendo que se coroa de  
65 Rosas, porque ainda deixando à parte a sua brevidade, fermosura por fermosura, que menos fermosas são as pérolas, ou que menos fermosas são as estrelas? Quanto melhor se encarecera o preço, e a valia do Rosário, e pelo conseguinte a felicidade da Senhora, se disséramos que era o seu Rosário ãa coroa formada de pérolas? Quanto melhor se exagerara o esplendor, e o lustre do Rosário, e pelo conseguinte a felicidade da Senhora, se  
70 disséramos que o seu Rosário era ãa coroa tecida de estrelas? Ora amplifique-

---

<sup>§</sup> Nota marginal: <Sapiēt 2 8.>. **VL**, Liber Sapientiæ, c. 2, v. 8: *Coronemus nos rosis, antequam marcescant: nullum pratum sit; quod non pertranseat luxuria nostra*. **BSP**: Coroemo-nos de rosas, antes que murchem; / não haja prado algum em que a nossa intemperança se não manifeste.

mos esta matéria, e apuremos esta razão.

Primeiramente fazendo a comparação entre Rosas, e pérolas, ainda quando lhe queiramos conceder semelhança na fermosura, quem lhe poderá negar a desigualdade no preço? Que importa que pertenda a Rosa fazer ostentação de riquezas, vestindo púrpuras em  
75 trono de esmeraldas; ou que importa que digam os cultos que encerra minas de ouro em cofres de rosicler, se na realidade é nenhum o seu preço, e nenhũa a sua valia? Pelo contrário, quem não sabe conhecer o preço, e a valia da pérola? Por ãa só pérola sabemos que o mais inteligente mercador chegou a dar toda a sua fazenda: *Inventa una pretiosa margarita vendidit omnia, quæ habuit, et emit eam*:<sup>h</sup> logo mais se devera considerar que era o Rosário formado de  
80 pérolas, do que tecido de Rosas; porque sendo o Rosário tão útil para nós, e tão poderoso para com a Senhora, quem deixará de conhecer o seu preço na sua utilidade, e a sua valia na sua intercessão?

Dizia Davi que ele havia de cantar sempre os seus salmos, e que assim iria todos os dias fazendo pagamento a Deus: *Sic psalmum dicam nomini tuo in sæculum sæculi, ut reddam vota mea de die in diem*.<sup>i</sup> Dous reparos faço nestas palavras de Davi: primeiro, que diga Davi que quer pagar a Deus: *Ut reddam*: e que deve Davi a Deus para lhe pagar? Segundo, que lhe queira pagar com salmos: *Sic psalmum dicam*: pois com salmos se paga a Deus? Em quanto ao primeiro reparo, bem sei que muitos eram os benefícios que Davi devia a Deus; porém como todos eles lhe foram liberalmente dados, e de nenhum modo vendidos, visto está que se bem  
90 Davi os devia agradecer, que contudo os não devia pagar: pois logo que era o que Davi havia de

---

<sup>h</sup> Nota marginal: <Mat. 13. 46.>. **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 13, v. 46: *Inventa autem vna pretiosa margarita, abijt, et vendidit omnia quæ habuit, et emit eam*. **BSP**: *e, tendo encontrado uma de grande preço, vai, vende tudo o que tem e a compra*.

<sup>i</sup> Nota marginal: <Ps. 60. 9>. **VL**, Liber Psalmorum, c. 60, v. 9: *Sic psalmum dicam nomini tuo in sæculum sæculi: vt reddam vota mea de die in diem*. **BSP**: *Assim eu cantarei um salmo ao teu nome pelos séculos, / para cumprir sem cessar meus votos*.

---

<sup>83</sup> Davi] David A, *passim*; salmos] psalmos A, *passim*.

pagar a Deus? Era só a salvação, e a eterna Bem-aventurança. Razão: porque dando-nos Deus tudo o mais liberalmente, só a salvação nos dá por seu justo preço, e só a Bem-aventurança compramos a Deus, porque essa só é a mercancia de Deus, a nossa salvação, e a sua Bem-aventurança; por isso na Escritura se chama de ordinário mercancia: *Merces tua nimis:*<sup>j</sup>  
 95 *gaudete, et exultate, quoniam merces vestra copiosa est in Cælis.*<sup>k</sup> Com esta repostada do primeiro reparo cresce agora a dificuldade do segundo: porque se Davi queria comprar-lhe a Deus a glória, e pagar-lhe a Bem-aventurança, como lha havia de pagar em salmos? *Sic psalmum dicam:* a sua glória não costuma Deus vendê-la senão por seu justo preço; e que levantado será o preço da glória, tendo ela o peso da eternidade! *Eternum gloriæ pondus:*<sup>l</sup> pois  
 100 logo como se persuadia Davi que com os seus salmos havia de pagar a glória? Com razão se persuadia; porque quando os seus salmos na estimação de Deus se não reputassem tanto pelo que eram, sempre se haviam de avaliar em muito pelo que representavam: os salmos de Davi bem sabido é que representam o Rosário da Senhora, porque assim como o Saltério consta de cento e cinquenta salmos, assim o Rosário da Senhora consta de cento e cinquenta Ave  
 105 Marias; e por esta razão os Sumos Pontífices Pio V. e Gregório XIII.<sup>m</sup> nas Bulas que expediram em favor do Rosário,<sup>n</sup> lhe deram ambos o nome de Saltério: pois eis aí a razão por que Davi entendeu, que com o seu Saltério podia pagar a glória; porque verdadeiramente é o preço do Rosário tão estimável, e tão grande a sua valia, que sendo a glória de tanto preço, se compra contudo por seu justo preço pela devoção do Rosário.  
 110 E que de exemplos se têm visto no mundo

<sup>j</sup> Nota marginal: <Gen. 17 1.>. **VL**, Liber Genesis, c. 15, v. 1: *His itaque transactis, factus est sermo Domini ad Abram per visionem dicens: Noli timere Abram, ego protector tuus sum, et merces tua magna nimis.* **BSP**: *Passado isto, falou o Senhor a Abrão numa visão, dizendo: Não temas, Abrão, eu sou o teu protetor, e a tua recompensa (será) excessivamente grande.*

<sup>k</sup> Nota marginal: <Matt 5. 12.>. **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 5, v. 12: *gaudete et exultate quoniam merces vestra copiosa est in cælis sic enim persecuti sunt prophetas qui fuerunt ante vos.* **BSP**: *Alegrai-vos e exultai, porque é grande a vossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas, que existiram antes de vós.*

<sup>l</sup> “Peso eterno da glória” (tradução nossa).

<sup>m</sup> 225° e 226° papas (séc. XVI).

<sup>n</sup> Carta Apostólica *Consueverunt Romani Pontifices*, de Pio V, em 1569. Bula *Monet Apostolus*, de Gregório XIII, em 1573 (cf. VENTURINI, 1732).

<sup>103</sup> Saltério] Psalterio A, *passim*.

em justificação desta verdade? Que de Almas têm alcançado a Bem-aventurança por meio desta devoção? Todos temos contas com Deus, porém no seu livro de razão aqueles que lá têm mais Rosários, esses são os que têm melhores contas, porque como os Rosários são de tanto preço, nas contas dos Rosários se avança tanto, que por ajustamento de contas sempre Deus fica a dever a glória a quem teve com ele contas de Rosários: por isso Davi como quem

115 via nos números do seu Saltério, e nas harmonias de sua harpa uma tão ajustada representação do Rosário, não obstante ser tão alto o preço da eterna glória, julgou contudo que a podia comprar com o preço do seu Saltério: *Sic psalmum dicam nomini tuo in sæculum sæculi, ut reddam vota mea de die en diem.*

120 Suposto pois que é tão grande o preço do Rosário, e de tanta valia a sua estimação; sendo as Rosas de tão pouca valia, e valendo as pérolas tão alto preço, quem não dirá que muito mais propriamente se explicaria a entidade do Rosário se se dissesse que era ãa madeixa de pérolas, do que dizendo-se que é ãa capela de Rosas? Lá viu S. João no seu Apocalipse a celestial Jerusalém cercada toda de portas, as quais diz que eram formadas de

125 pérolas: *Et duodecim portæ duodecim margaritæ sunt, et singulæ portæ erant ex singulis margaritis:*<sup>o</sup> porém se se formam de pérolas as portas da glória por onde o Céu se abre; quanto mais as preces do Rosário, que são o preço com que o Céu se compra? O certo é que assim como a celestial Jerusalém é figura da Senhora, como dizem comumente os Expositores; assim também podemos imaginar que as portas que cercavam toda a Cidade

130 eram figura do Rosário que está rodeando a Senhora: pois se se forma de pérolas todo o circuito das portas, por que não será o círculo do

---

<sup>o</sup> Nota marginal: <Apoc. 18. 16.>. **VL**, Apocalypsis Ioannis, c. 21, v. 21: *Et duodecim portæ, duodecim margaritæ sunt, per singulas: et singulæ portæ erant ex singulis margaritis: et platea civitatis aurum mundum, tamquam vitrum perlucidum.* **BSP**: *As doze portas eram doze pérolas; cada porta era (feita) de uma pérola, e a praça da cidade era de ouro puro, como vidro transparente.*

Rosário formado também de pérolas? As pérolas, diz Plínio<sup>p</sup> que se formam do orvalho caído do Céu, o qual recolhido nos seios da madrepérola, ali se abriga, e se compõe, porque ali se purifica, e se congela,<sup>q</sup> logrando desta sorte a concha no meio do profundo mar o ofício de guarda-joias, como sempre fecunda de riquezas: *Traduntque partum concharum esse margaritas pro qualitate roris accepti.*<sup>r</sup> E que diremos que são as Orações do Rosário, sendo ditames ensinados por Deus, senão rocios caídos do Céu? Concebidos pois estes celestiais rocios, e encerrados no peito daquela divina Madre, que no meio do mar da graça é assombro da natureza: *Cogitabat qualis esset ista salutatio conferens in corde suo:*<sup>s</sup> que havemos de dizer senão que sendo preces, se formam aljôfares, e que sendo orações, se congelam pérolas? Diga-se logo que o Rosário da Senhora impropriamente se chama Rosário, porque sendo as Rosas de tão pouca valia, com muita maior razão se chamariam as suas orações pérolas, do que se chamam Rosas; principalmente porque coroando-se a Senhora de pérolas, como então seria a coroa mais preciosa, então com maior razão se chamaria Bem-aventurada: *Beatus venter qui te portavit.*

Porém quando queiramos dizer que na valia das pérolas não ficavam ainda cabalmente encarecidas as excelências do Rosário, ou quando por desigual não admitamos a alegoria das pérolas, por que se não havia de introduzir a metáfora das estrelas? Se fizermos comparação entre as estrelas, e as Rosas, acharemos que o que nas estrelas são raios, na Rosa são espinhos, e o que na Rosa são nácares, e púrpuras, nas estrelas são luzes, e resplandores; de sorte, que a Rosa sendo tanta a sua fragrante pompa, e

<sup>p</sup> Nota marginal: <Plin. l. 9. c. 35.>. Cf. PLINIUS SECUNDUS, 1481 [l. IX, c. xxxv].

<sup>q</sup> Neste contexto, corresponde a “coalha” (cf. MORAES SILVA, 1831, v. 1, p. 438).

<sup>r</sup> “Diz-se que o parto das conchas, segundo a qualidade de orvalho que nelas entra, são as pérolas” (tradução nossa).

<sup>s</sup> Nota marginal: <Luc. 1. 29>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 1, v. 29; c. 2, v. 19: [...] *Quæ cum audisset, turbata est in sermone eius, et cogitabat qualis esset ista salutatio. [...] Maria autem conseruabat omnia verba hæc, conferens in corde suo. BSP: Ela ao ouvir estas palavras, perturbou-se e discorria pensativa que saudação seria esta. [...] Maria conservava todas estas coisas, meditando-as no seu coração.*

<sup>137</sup> ditames] dictames A.

a sua encarnada ambição, por mais que se preze de bela, é certo que não pode gloriar-se de luzida; porque visto é que tanto lhe faltou de luz, quanto lhe sobrou de fermosura; sendo pois as estrelas sobre tão fermosas, tão luzidas, e sobre tão belas, tão resplandecentes, quem não confessará que o Rosário da Senhora se explicava mais propriamente em metáfora de estrelas?

155 Quiseram os Anjos explicar as excelências da Senhora, e disseram que era tão luzida como a Aurora, tão fermosa como a Lua, e tão resplandecente como o Sol; e concluindo tudo, disseram que era tão poderosa como um exército: *Quæ est ista quæ progreditur quasi Aurora consurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol, terribilis ut castrorum acies ordinata?*<sup>†</sup> Nestas

160 últimas palavras reparam comumente, por que razão deram os Anjos este nome de exército à Senhora? e reparam com razão; porque quando, ou em que mistério se viu nunca que a Senhora tivesse propriedades de exército? A resposta desta dúvida é bem ordinária neste dia: neste mesmo dia o primeiro Domingo de Outubro se deu aquela batalha naval, e sucedeu aquela memorável vitória, quando no mar de Lepanto ficaram destruídas as forças do Turco;<sup>‡</sup>

165 e como a batalha se deu em nome da Senhora, e a vitória se alcançou por invocação do Rosário, com razão dizem neste dia que se deve à Senhora o nome de Exército: *Terribilis ut castrorum acies ordinata*: porém aqui tenho eu agora o meu reparo: por que se dá à Senhora do Rosário o nome de Exército? Por que razão no mesmo tempo lhe dão o nome de Aurora, o nome de Lua, e o nome de Sol? Com grandíssima razão. Dá-se o nome de Exército à Senhora

170 do Rosário, porque verdadeiramente assim como um exército consta de três terços,<sup>§</sup> assim

---

<sup>†</sup> Nota marginal: <Cât. 6.9.>. VL, Canticum Canticorum, c. 6, v. 9: *Quæ est ista, quæ progreditur quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut sol, terribilis ut castrorum acies ordinata?* BSP: *Quem é esta, que avança como a aurora quando se levanta, formosa como a Lua, brilhante como o Sol, terrível como um exército formado em batalha?*

<sup>‡</sup> Batalha contra o Império Otomano, vencida, a 7 de outubro de 1571, pela esquadra reunida pelo Papa Pio V. A esquadra, comandada por D. João da Áustria, era formada por forças navais da Santa Sé, de Veneza e de Espanha (cf. BATALHA DE LEPANTO. In: INFOPÉDIA. Disponível em <[http://www.infopedia.pt/\\$batalha-de-lepanto](http://www.infopedia.pt/$batalha-de-lepanto)>. Acesso em 10 ago. 2013). Para perpetuar a lembrança dessa vitória, o Papa Gregório XIII, sucessor de Pio V, consagrou o dia 7 de outubro à Nossa Senhora da Vitória, ou a Festa do Rosário (cf. LEÃO XIII, 1883).

<sup>§</sup> Conforme Houaiss (2002), “corpo de tropas dos exércitos português e espanhol dos sécs. XVI e XVII, que corresponde ao atual regimento”.

também o Rosário consta de outros três; mas para que se entendesse que os três terços do Rosário são igualmente luzidos que poderosos, que fez? Comparou-se o primeiro terço dos mistérios gozosos<sup>w</sup> aos risos da Aurora: *Quasi Aurora consurgens*; comparou-se o segundo terço dos mistérios dolorosos aos desmaios da Lua: *Pulchra ut Luna*: comparou-se o terceiro terço dos mistérios gloriosos aos resplandores do Sol: *Electa ut Sol*: e desta sorte compondo-se o Rosário da Senhora de três terços lustríssimos, veio a lograr merecidamente o nome de um exército não só a todo excesso poderoso, mas a todo extremo luzido: *Terribilis ut castrorum acies ordinata*.

Eis aqui o quanto tem de luzido o Rosário da Senhora; e sendo as estrelas tão luzidas, quem não dirá que com toda a propriedade explicaríamos a excelência do Rosário, se disséssemos, não que era capela de Rosas, senão que era zona de estrelas? A esta Senhora viu S. João no seu Apocalipse, e viu que estava no Céu cercada de Sol, pisando a Lua, e toucada de estrelas: *Signum magnum apparuit in Caelo: mulier amicta Sole, et Luna sub pedibus ejus, et in capite ejus corona stellarum duodecim*.<sup>x</sup> Entendo o mistério do Sol, e da Lua, mas o das estrelas não entendo: e por que razão se coroava a Senhora de estrelas? Pisava a Lua, porque essa é a propriedade da Senhora do Rosário pisar as Luas Otomanas, como por ludíbrio das suas meias Luas:<sup>y</sup> cercava-se dos raios do Sol, porque essa é também a sua propriedade, que se na terra se rodeia com circunferência de Rosas, no Céu se adorna com cerco de raios; isto é o que representam os raios do Sol, e os minguentes da Lua; porém coroa de estrelas, que mistério tem? Tem já bem pouco que entender o mistério: *Duodecim stellae*

---

<sup>w</sup> Segundo a tradição católica (cf. PAULO II, 2002), os chamados mistérios são a contemplação de quinze passagens da vida de Jesus e de Maria, de especial relevância para a doutrina da salvação. Os quinze mistérios se dividiam em: cinco gozosos (a anunciação do Anjo a Nossa Senhora; a visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel; o nascimento de Jesus no presépio de Belém; a apresentação do menino Jesus no Templo; o encontro do menino Jesus no Templo, entre os Doutores); cinco dolorosos (oração e agonia de Jesus no Jardim das Oliveiras; a flagelação de Jesus; a coroação de espinhos; Jesus a caminho do Cálvário e o encontro com Sua Mãe; a crucificação e morte de Jesus); e cinco gloriosos (a ressurreição de Jesus Cristo; a ascensão de Jesus ao Céu; a descida do Espírito Santo sobre Nossa Senhora e os apóstolos, reunidos no Cenáculo; a assunção de Nossa Senhora ao Céu em corpo e alma; a coroação de Nossa Senhora, como rainha do céu e da terra). Em 2002, o Papa João Paulo II acrescentou a esses mais cinco mistérios: os luminosos (o batismo de Jesus no Jordão; o milagre das Bodas de Caná; o anúncio do Reino de Deus; a transfiguração de Jesus; a instituição da eucaristia).

<sup>x</sup> Nota marginal: <Apoc. 12 1.>. **VL**, Apocalypsis Ioannes, c. 12, v. 1: *Et signum magnum paruit in caelo: Mulier amicta sole, et luna sub pedibus eius, et in capite eius corona stellarum duodecim*. **BSP**: *Depois apareceu no céu um grande sinal: uma mulher vestida de Sol, com a Lua debaixo de seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça*.

<sup>y</sup> Referência à lua crescente nas bandeiras islâmicas.

existimarem esse Rosas pulcherrimas globorum depreciorum sanctissimi Rosarij,<sup>z</sup> diz Cartagena;<sup>aa</sup> diz que a coroa de estrelas são os globos, ou as contas do Rosário da Senhora, como que se para formar-se o Rosário se enfiassem luzes, e para fabricar-lhe a coroa se engrazassem<sup>bb</sup> estrelas: *Et in capite ejus corona stellarum duodecim*. Segue-se logo que com  
 195 muito maior propriedade se chamaria o Rosário formado de estrelas, do que de Rosas; porque se na terra é um círculo de Rosas, no Céu é ãa faixa de estrelas, e sendo tanto maiores os acertos do Céu, visto está que com muito maior acerto se diria que é o Rosário ãa meada de estrelas, do que dizendo-se, que é uma capela de Rosas; principalmente porque a breve sorte das Rosas quem a não lastima? Pelo contrário, a sorte, e a ventura das estrelas quem a não  
 200 conhece? Quem pode nunca ter ventura sem estrela? Logo de estrelas devíamos coroar a Senhora, porque verdadeiramente de necessidade a devemos considerar luzida, pois no Evangelho a achamos bem-aventurada: *Beatus venter qui te portavit*.

Temos visto as razões que há por onde o Rosário da Senhora se devia considerar antes um fio de pérolas, ou um ramal de estrelas, do que ãa capela de Rosas; porém não obstante  
 205 todas estas razões, venho a resolver ultimamente, que o Rosário da Senhora se chama com toda a propriedade Rosário, porque a verdade é que melhor se explica a sua essência considerando-se formado de Rosas, do que de pérolas, ou de estrelas; e para que não pareça que o digo sem fundamento, cuido eu que nesta eleição se soube acomodar a piedade dos fiéis à vontade da Senhora, porque se eu me não engano, cuido que a mesma Senhora se não  
 210 agradaria tanto das preces do Rosário, quando elas tivessem o custo

---

<sup>z</sup> “Eu estimaria que as doze estrelas são como as mais formosas rosas das contas de oração do sacratíssimo rosário” (tradução nossa).

<sup>aa</sup> Nota marginal: <Cartha. hom 4.>. Cf. CARTHAGENA, t. IV, l. XVI, 1616.

<sup>bb</sup> Conforme Houaiss (2002), “Fazer passar (contas) por fio (de metal ou outro material)”.

das pérolas, ou o luzimento das estrelas, como tendo o asseio, a fragrância, e a composição das Rosas. Ûa das mais naturais figuras da Senhora do Rosário já sabem todos que é a bela Aurora trazendo nos braços ao Sol: *Quasi Aurora consurgens*: mas que faz a Aurora? Despreza as pérolas, porque lança de si os orvalhos à terra, e afronta as estrelas, porque as  
 215 escurece no Céu, e quando assim nasce menoscabando pérolas, e estrelas, vemos que no mesmo tempo aparece banhada de púrpuras, e coroada de Rosas: *Roseis invecta quadrigis*:<sup>cc</sup> pois isto que vemos todos os dias ao romper da Aurora, isto é o que vemos também na solenidade deste dia: não é de admirar que o Rosário da Senhora se componha mais de Rosas, que de pérolas, ou de estrelas; porque sendo Aurora Maria Santíssima, força era que no dia de  
 220 hoje desprezasse pérolas, eclipsasse estrelas, e que somente se coroasse de Rosas.

Porém qual poderá ser a razão disto? Qual poderá ser a razão por que a Senhora estima em mais a devoção do Rosário aplicada em forma de Rosas, do que de pérolas, ou de estrelas? Várias eram as razões que me ocorriam, porém em honra dos três terços do Rosário apontarei brevemente três razões: e começando pela primeira, digo que a mesma Senhora se serve mais de  
 225 que o seu Rosário se componha de Rosas; porque as pérolas criam-se no mar, as estrelas no Céu; e as Rosas? só elas nascem na terra: pois por isso se há de compor o Rosário não de pérolas, nem de estrelas, senão de Rosas? Sim; e isso por quê? Porque no dia de hoje se deve dar à Senhora cabalmente o nome de ditosa, feliz, e bem-aventurada: *Beatus venter qui te portavit, etc.* Ora notem: a Senhora na eterna Bem-aventurança logra a coroa da graça assim infusa, como

---

<sup>cc</sup> “Conduzida numa quadriga da cor de rosa” (tradução nossa). Possíveis fontes: cf.: SENECA [1390-1472], 1932; MENAGII, 1687, p. 126.

230 merecida, e como é a medida do mar imenso de sua graça, seja embora tecida de pérolas do  
 mar: logra mais na Bem-aventurança a maior coroa da glória correspondente a tanta graça, a  
 qual como no Céu se lhe deu, seja embora composta de estrelas do Céu; porém como ainda  
 assim com esta coroa de estrelas formada no Céu de sua glória, e com esta coroa de pérolas  
 nascida no mar de sua graça, ainda se não considera a Senhora cabalmente bem-aventurada,  
 235 enquanto não tem na terra a coroa de nossa devoção.

Viu-se bem claramente esta verdade, quando Cristo satisfez às queixas de Marta nas  
 maiores felicidades de Maria: *Maria optimam partem elegit.*<sup>dd</sup> Admirável proposição! Se  
 Maria estava na presença de Cristo gozando da contemplação de Deus, e se nisto consiste toda  
 a bem-aventurança eterna, com que razão diz Cristo que Maria goza só parte da bem-  
 240 aventurança? *Optimam partem.* Com grandíssima razão: não veem que Marta estava  
 necessitada do favor de Maria, e que contudo lhe não pedia seu favor, mas antes em vez de  
 petições formava queixas: *Reliquit me solam?*<sup>ee</sup> pois uma vez que se não fazem petições a  
 Maria, por mais que goze da contemplação de Deus, não se diga que goza a bem-aventurança  
 toda; diga-se só que goza parte da bem-aventurança: *Optimam partem elegit.* Sim: porém  
 245 Marta não pedia a Cristo que lhe alcançasse de Maria seu favor? É verdade: *Dic ergo illi ut  
 me adjuvet;*<sup>ff</sup> porém nisso mesmo esteve a pouca advertência de Marta, porque nisso esteve a  
 menor glória de Maria: o complemento da glória, e bem-aventurança de Maria consiste na  
 petição dos homens, e em que se valham de sua intercessão para com Deus, e como Marta em  
 vez de lhe fazer a ela as petições, formava dela as queixas, como Marta em

---

<sup>dd</sup> Nota marginal: <Luc. 10. 32.>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 10, v. 42: *Porro vnum est necessarium. Maria optimam partem elegit, quæ non auferetur ab ea. BSP: Entretanto uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que lhe não será tirada.*

<sup>ee</sup> **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 10, v. 40: *Martha autem satagebat circa frequens ministerium: quæ stetit, et ait: Domine, non est tibi curæ, quod soror mea reliquit me solam ministrare? dic ergo illi, vt me adiuuet. BSP: Marta, porém, afadigava-se muito na contínua lida da casa; e apresentou-se (diante de Jesus) dizendo: Senhor, não se te dá que minha irmã me tenha deixado só com o serviço da casa? Dize-lhe, pois, que me ajude.*

<sup>ff</sup> *Loc. cit.*

---

<sup>240</sup> veem] vem A.

250 vez de pedir o favor de Cristo por intercessão de Maria, pedia o favor de Maria por intercessão de Cristo: *Dic ergo illi ut me adjuvet*; por isso com razão por mais que Maria goza da bem-aventurança de Deus: *Sedens secus pedes Domini*;<sup>88</sup> não se há de dizer senão que gozava só parte da bem-aventurança: *Maria optimam partem elegit*.

255 Consistindo pois toda a essência do Rosário nas preces que fazemos à Senhora pedindo a sua intercessão, necessariamente havemos de dizer que na devoção do Rosário consiste o ser inteira, e cabal a bem-aventurança da Senhora: pois para que assim se entenda, e que neste dia a nossa devoção dá o último complemento à sua bem-aventurança, veja-se neste dia que sobre a coroa que a sua graça lhe forma no mar, e que sobre a coroa que a sua glória lhe forma no Céu, também a nossa devoção lhe forma ãa coroa na terra; e para isto não seja  
260 esta última coroa do mar formada de pérolas; não seja coroa do Céu fabricada de estrelas; porém seja ãa coroa da terra tecida de Rosas, porque desta sorte se verá que neste dia fica a Senhora perfeitamente ditosa, e cabalmente bem-aventurada: *Beatus venter qui te portavit*.

A segunda razão por que o Rosário da Senhora deve ser composto, não de pérolas, nem de estrelas, senão de Rosas, é, porque as estrelas duram eternidades, as pérolas duram séculos, e as Rosas não duram mais que um só dia, sendo tão curta a sua vida,  
265 como grande a sua vaidade, para que assim se iguale em nossa admiração a fermosura com que nascem, e a brevidade com que morrem; porque a mesma púrpura que lhe serviu de mantilhas, lhe serve também de mortalhas; e o mesmo dia que lhe serviu de berço, lhe serve também de sepultura: porém parece que não tem lugar

---

<sup>88</sup> **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 10, v. 39: *et huic erat soror nomine Maria, quæ etiam sedens secus pedes Domini, audiebat verbum illius*. **BSP**: *Esta tinha uma irmã, chamada Maria a qual, sentada aos pés do Senhor, ouvia a sua palavra*.

270 esta razão; antes parece que o contrário havia de ser; parece que devia ser perpétua a devoção  
do Rosário, e que por isso ao menos se formasse de perpétuas;<sup>hh</sup> mas porque as Rosas não  
duram mais que um só dia, por isso deve o Rosário compor-se de Rosas? Sim, e dou a razão:  
porque se a coroa que a nossa devoção forma à Senhora se fabricasse de pérolas, ou de  
estrelas, ficaria perpétua a sua coroa, e pelo conseguinte cessaria a nossa devoção; pois para  
275 que a devoção do Rosário nunca cesse, antes para que todos os dias se repita, que remédio?  
Consideremos que a Senhora deve sempre estar coroada de nossas orações, as quais devemos  
considerar que são como Rosas, e como as Rosas todos os dias murcham, necessário é que  
todos os dias se renovem, porque desta sorte suprimindo-se nas Rosas a fragilidade de sua  
existência pelo benefício de nossa repetição, nem deixará de ser perpétua a coroa da Senhora  
280 que lhe forma a nossa devoção, nem em nós cessará nunca a devoção da Senhora: em nós não  
cessará nunca a devoção, porque todos os dias renovaremos as Rosas; e na Senhora será  
perpétua a coroa, porque será perpétuo o Rosário; e verdadeiramente para que a Senhora se  
chamasse hoje cabalmente Bem-aventurada, cuido eu que de força se havia de formar a sua  
coroa não de pérolas que durassem séculos, nem de estrelas que competissem eternidades,  
285 senão de Rosas que se renovassem todos os dias; porque ser a Senhora louvada todos os dias  
por meio do seu Rosário, que maior glória, que maior Bem-aventurança para a Senhora?

Lá quis Deus encarecer a Jó a grandeza de sua glória, e disse-lhe que os Anjos o louvavam  
todas as manhãs: assim se entendem aquelas palavras de Deus: *Cum me laudarent simul astra  
matutina:*<sup>ii</sup> porém como se podem entender estas palavras? para haver manhãs há de haver noi-

---

<sup>hh</sup> Conforme Houaiss (2002), mesmo que *sempre-viva* (*Ammobium alatum*). Esse dicionário registra o ano de 1720 como data da primeira ocorrência do vocábulo, apoiado no *Vocabulario portuguez e latino*, de Rafael Bluteau. Essa data pode ser recuada para 1694, com base na presente abonação.

<sup>ii</sup> Nota marginal: <Job. 38. 7.>. **VL**, Liber Iob, c. 38, v. 7: *Cum me laudarent simul astra matutina, et iubilarent omnes filii Dei? BSP: quando os astros da manhã me louvavam juntos, / e quando todos os filhos de Deus estavam transportados de júbilo?*

---

<sup>287</sup> Jó] Job A, *passim*.

290 tes; pois se a glória é um só dia da eternidade, e se lá não há noites, como há manhãs? Direi: é  
verdade que na glória não há noites nem manhãs, porque tudo é um só dia; mas é tão grande  
parte da glória, e é encarecimento da Bem-aventurança tão grande ser louvado todos os dias,  
que ainda na mesma glória, onde não há mais que um só dia da eternidade, para os Anjos  
acrescentarem a glória de Deus, em todos os instantes estão considerando novas manhãs, para  
295 que assim de algum modo lhe darem a glória de o louvarem todos os dias; e por isso Deus  
para encarecimento de sua glória diz que os Anjos o louvam todas as manhãs: *Cum me  
laudarent simul astra matutina*. Porém esta glória, e esta Bem-aventurança que goza Deus no  
Céu por indústria dos Anjos, goza também a Senhora no seu Rosário pela devoção dos  
homens; porque como os louvores, e as Orações do Rosário têm o nome de Rosas,  
300 necessariamente se lhe hão de repetir todos os dias os mesmo louvores, e as mesmas Orações;  
e desta sorte sendo de Rosas esta devoção, e sendo todos os dias repetida, que muito é que por  
meio dela se chame a Senhora Bem-aventurada? *Beatus venter qui te portavit*.

A terceira, e última razão por que o Rosário da Senhora se compôs mais de Rosas, que de  
pérolas, ou de estrelas, é, porque a integridade do Rosário não está cabalmente explicada nem nas  
305 pérolas, nem nas estrelas, senão somente nas Rosas. Provo: porque as estrelas do Céu quando  
muito representarão os mistérios gloriosos, e de algum modo também os gozosos, porém não  
representam os dolorosos: da mesma sorte as pérolas, quando muito representarão os mistérios  
gozosos, e de algum modo também os dolorosos, porém não representam os gloriosos: e

as Rosas? tudo representam; representam os mistérios gozosos no verdor das folhas;  
 310 representam os mistérios dolorosos na aspereza dos espinhos; representam os mistérios  
 gloriosos na fermosura das cores, no mimo, na cópia das suavidades: logo bem dizia eu, que o  
 Rosário da Senhora não está tão adequadamente representado, nem nas pérolas, nem nas  
 estrelas, como somente nas Rosas. Esta é agora a razão por que as pérolas que viu S. João em  
 seu Apocalipse eram somente doze: *Duodecim margaritæ*: e as estrelas que viu eram também  
 315 doze somente: *Duodecim stellarum*: por mais que as pérolas quiseram rodear a celestial  
 Jerusalém, nunca puderam passar de doze: por mais que as estrelas quiseram coroar aquela  
 mulher celestial, nunca puderam chegar a quinze; mas como chegariam a representar todos os  
 quinze mistérios do Rosário,<sup>jj</sup> se só à Rosa compete o representar todos os mistérios? antes  
 ainda das Rosas sabemos que a Senhora se não comparou senão somente às Rosas de Jericó:  
 320 *Quasi plantatio Rosæ in Jericho*:<sup>kk</sup> e a razão é bem achada, e bem repetida; porque como  
 refere de vários Autores o Doutíssimo João André, as Rosas de Jericó constam de cento, e  
 cinquenta folhas em representação de cento e cinquenta Ave Marias:<sup>ll</sup> *In Jericho crescunt  
 Rosæ centum, et quinquaginta folia habentes*:<sup>mmm</sup> pois como só as Rosas, e não as pérolas, nem  
 as estrelas representem inteiramente todo o Rosário da Senhora, justamente se considera que o  
 325 Rosário é ãa coroa não de pérolas, nem de estrelas, senão de Rosas: *Quase plantatio Rosæ in  
 Jericho*.

Sirva-nos ultimamente o Evangelho de provarmos também esta razão: *Beatus  
 venter qui te portavit*. Diz a Igreja no dia do Rosário que a Senhora é Bem-  
 aventurada; mas como podera a Senho-

<sup>jj</sup> Sobre os mistérios do rosário, vide nota “w” deste sermão.

<sup>kk</sup> **VL**, Liber Ecclesiastici, c. 24, v. 18: *quasi palma exaltata sum in Cades, et quasi plantatio rosæ in Iericho*.  
**BSP**: *Cresci como palmeira de Cades, / e como as plantas das rosas de Jericó*.

<sup>ll</sup> Nota marginal: <Rich. à S. Laur. l. 12. partic. 4 C 5>. Ref. a *De Laudibus Mariæ*, de Richardus de S. Laurentio, liber 12, particula 4, cap. 5, 1493.

<sup>mmm</sup> “Em Jericó crescem rosas com cento e cinquenta pétalas” (tradução nossa).

330 ra chamar-se inteiramente Bem-aventurada neste dia, se o seu Rosário se não compusera de Rosas? A mais cabal representação da Bem-aventurança da Senhora que reconhecem os Expositores em toda a Escritura, é a escada de Jacó: e com razão; porque os degraus com que ia sobindo toda a escada, representavam os graus da glória por onde a Senhora foi sobindo, e para que se entendesse que sobre o último grau da glória da Senhora não há mais que Deus somente, 335 por isso sobre o último degrau da escada viu Jacó que estava o mesmo Deus: *Et Dominum innixum Scalæ*:<sup>nm</sup> isto suposto, pergunto agora: e de quantos degraus constava a escada de Jacó? Disse S. Bernardino,<sup>oo</sup> que constava de quinze degraus, representação dos quinze mistérios: *Quindecim gradibus constabat scala Jacob, tot enim sunt mysteria redemptionis*:<sup>pp</sup> de maneira que para aquela escada representar inteiramente todos os graus da glória, e da Bem-aventurança da Senhora, e uma glória tão superior, sobre a qual só se acha Deus, foi necessário que subisse desde Jacó até Deus, e desde a encarnação do Verbo, até a coroação da Senhora; foi necessário que subisse por quinze degraus representando os quinze mistérios para que assim se entendesse que no Rosário composto de quinze mistérios se funda a Bem-aventurança adequada da Senhora, sobre a qual não há mais que Deus: *Et Dominum innixum scalæ*: pois como não as 340 pérolas, nem as estrelas, senão só as Rosas representam todos os mistérios do Rosário, bem claramente se segue que só as Rosas poderão compor o Rosário da Senhora, e que justamente se chama a Senhora Bem-aventurada no dia em que se coroa de Rosas: *Beatus venter qui te portavit*.

Estas são as razões que se me representam por onde o Rosário da Senhora se chama Rosário, e

---

<sup>nm</sup> Nota marginal: <Gen. 28 12.>. **VL**, Liber Genesis, c. 28, v. 13: *et Dominum innixum scalæ dicentem sibi: Ego sum Dominus Deus Abraham patris tui, et Deus Isaac: Terram, in qua dormis, tibi dabo et semini tuo. BSP: E o Senhor apoiado na escada, que lhe dizia: Eu sou o Senhor Deus de Abraão, teu pai, e Deus de Isaac; darei a ti e à tua descendência a terra em que dormes.*

<sup>oo</sup> Referência a S. Bernardino de Sena, 1380-1444.

<sup>pp</sup> “Em quinze degraus consiste a escada de Jacó, pois tantos são os mistérios da redenção” (tradução nossa).

---

<sup>332</sup> Jacó] Jacob A.

350 por onde se não deve chamar, nem grinalda de pérolas, nem diadema de estrelas, senão capela de  
Rosas; porém se o vosso Rosário, ó soberana Virgem, e Mãe Santíssima de Deus, se o vosso  
Rosário é vossa coroa, porque por meio dele procuramos a vossa intercessão, dignai-vos  
Senhora de interceder por todos aqueles que vos chegam a pedir: duas cousas unicamente vos  
pedimos em vosso santíssimo Rosário: ãa, que rogueis por nós no discurso<sup>99</sup> de nossa vida;  
355 outra, que rogueis por nós na hora da nossa morte; e já que fazeis glória de que vos peçamos,  
fazei glória também de pedir por nós, e em honra de vosso Rosário; pedi Senhora a vosso  
Unigênito filho, que no discurso de nossa vida nos lembremos das contas que lhe havemos de  
dar, e que na hora da nossa morte tenhamos bem ajustadas estas contas, para que assim por  
vossa intercessão no discurso da vida procuremos a graça, e na hora da morte passemos à glória:  
360 *Quam mihi et vobis præstare dignetur etc.*<sup>100</sup>

---

<sup>99</sup> O emprego de *discurso* por *decurso* era comum. Segundo Bluteau (1789, v. 1, p. 442), *discurso* podia significar “O espaço de tempo que corre”. Vieira também o utiliza com essa acepção, no *Sermão de São João Batista*, pregado em 1644 (§ II), e, antes dele, Duarte Nunes do Lião, em *Origem da Lingoa Portuguesa* (1606, p. 1).

<sup>100</sup> “A qual [o Senhor Deus Onipotente] se digne conceder a mim e a vós” (tradução nossa).

## Sermão Terceiro do Mandato, pregado em o Convento do Carmo da cidade da Bahia, donde é uso mostrar-se em os tais sermões o Santo Sudário.

---

*Sciens Jesus quia venit hora ejus ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* Joann. 13.<sup>a</sup>

5 Chegada finalmente aquela hora, em que o Filho do Eterno Padre se havia de partir deste mundo, e em que havia de ausentar-se daqueles a quem tanto quisera, naquelas últimas despedidas, diz o Evangelista S. João, que muito mais os amara: *In finem dilexit eos*. Estes são os termos, estas as cláusulas com que hoje nos encarece os extremos do amor de Cristo o Secretário de seu coração, e este é o sentido que dão comumente os

---

<sup>a</sup> Vulgata Latina (1605), doravante **VL**, *Evangelium secundum Ioannem*, c. 13, v. 1: *Ante diem autem festum Paschæ, sciens Iesus quia venit hora eius ut transeat ex hoc mundo ad Patrem: cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* Bíblia Sagrada – Edições Paulinas (1986), doravante **BSP**: *Antes do dia da festa da Páscoa, sabendo Jesus que tinha chegado a sua hora de passar deste mundo ao Pai, tendo amado os seus, que estavam no mundo, amou-os até ao extremo.*

Expositores a estas suas palavras: *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos*. Porém como pode isto ser? O amor perfeito inteiramente é aquele que não pode ser mais do que é, e como Cristo sempre amou aos homens com amor inteiramente perfeito, segue-se que nunca os pôde amar nem mais, nem menos do que os amou: pois logo se no discurso<sup>b</sup> da vida os não amou nada menos *Cum dilexisset*: como nos diz o mesmo Evangelista que no fim da vida os amou muito mais? *In finem dilexit eos*. A esta dúvida respondem S. João Crisóstomo, S. Cirilo, Eutímio, e Teofilato, que é verdade que o amor de Cristo, quanto à substância, fora sempre igual a si mesmo, e tão perfeito no fim, como no princípio; porém que quanto aos sinais, e demonstrações, que fora muito maior no fim, porque no fim deu Cristo muito maiores e mais evidentes sinais de seu amor. Este é o sentido mais literal, e mais acomodado ao texto de São João: *In finem dilexit eos, id est, In fine vitæ maiora, et illustriora signa dilectionis exhibuit*.<sup>c</sup>

E verdadeiramente que foi assaz necessária esta resolução de Cristo, porque se bem o considerarmos, acharemos que sempre o crédito do amor de Cristo perigou no conhecimento dos homens; ou porque o amor se impossibilitou em sua mesma grandeza, ou porque o conhecimento se impediu em nossa mesma ingratidão. Sentindo pois o divino amante de nossas almas, que sobre faltar-lhe a seu amor a fortuna de correspondido, lhe sobreviesse também a desgraça de ignorado; vendo que ainda seu amor vivia entre dúvidas depois de tantas, e tão largas demonstrações, *Cum dilexisset*: que havia de fazer, senão declarar-se de remate com as últimas demonstrações de seu amor? *In finem dilexit eos*. Sansão nunca che-

---

<sup>b</sup> O emprego de *discurso* por *decurso* era comum. Segundo Bluteau (1789, v. 1, p. 442), *discurso* podia significar “O espaço de tempo que corre”. Vieira também o utiliza com essa acepção, no *Sermão de São João Batista*, pregado em 1644 (§ II), e, antes dele, Duarte Nunes do Lião, em *Origem da Língua Portuguesa* (1606, p. 1).

<sup>c</sup> “Ele os amou até o fim; isto é, no final de sua vida, ele apresentou maiores e mais notórios sinais de seu amor” (tradução nossa). Nota marginal: < Sylveir. tomo 5. l. 7. q. 13 n. 19.>, em referência a Fr. Joannes da Sylveira (1592-1687), autor de vários comentários bíblicos, tratados e sermões (cf. CARMELITANO, 1754).

gou a declarar todos os mistérios de seu coração, nem chegou nunca a fazer as últimas demonstrações de seu amor, enquanto viu a Dalila ingrata, senão depois que a viu duvidosa: *Quomodo dicis quod amas me?*<sup>d</sup> Pois da mesma sorte o nosso divino Nazareno, Sansão divino, facilmente se compusera com nossa ingratidão; porém vendo nossa ignorância, declarou-se de remate: *In finem dilexit*; e desejoso de que seu amor, já que não conseguia a satisfação de pagado, tivesse ao menos a glória de conhecido, tratou por últimas despedidas de dar aos homens sinais de seu amor, tão claros, e tão evidentes, que ficassem totalmente certos, inteirados, e sem dúvida nenhuma de seu amor. Isso é o que dizem as palavras do nosso tema; e isso é o que nelas nos quis dizer o Evangelista S. João: *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos*.

Tirada assim esta dúvida do Evangelho, entro agora em maior dúvida. Suposto que aqueles maiores excessos de amor, que Cristo fez no fim da vida, foram os maiores sinais que deu de seu amor, duvido agora, não qual fosse o maior sinal; (porque o tratar das maiorias foi já empresa de engenho maior) mas duvido qual foi o mais claro, e o mais evidente sinal do amor de Cristo? Os sinais verdadeiramente foram muitos, e vários, a qual maior, a qual mais evidente; mas como o discorrer sobre todos seria quase impossível, trataremos somente dos principais, e veremos qual foi o mais evidente de todos: veremos qual foi aquele sinal de amor que deixou aos homens totalmente certificados, e sem dúvida nenhuma do amor de Cristo. Ora entremos a averiguar esta questão.

Primeiramente parece que o sinal mais evidente do amor de Cristo foi aquela portentosa ação, aquele raro exemplo de

---

<sup>d</sup> Nota marginal: <Iudic. 16 15>. **VL**, Liber Iudicum, c. 16, v. 15: *Dixitque ad eum Dalila: Quo modo dicis quod amas me, cum animus tuus non sit mecum? Per tres vices mentitus es mihi, et noluisti dicere in quo sit maxima fortitudo tua. BSP: Dalila disse-lhe: Como dizes tu que me amas, quando o teu coração não está comigo? Tens-me mentido por três vezes e nunca me quiseste dizer em que consiste a tua grandíssima força.*

humildade, quando o mesmo Senhor rendido, e ajoelhado aos pés de seus Discípulos, lhes foi a todos lavando, e enxugando os pés: *Et cœpit lavare pedes Discipulorum;*<sup>e</sup> pelo menos este parece que foi o pensamento de S. João, porque, como já dissemos, todo o intento de S. João no Evangelho deste dia foi querer persuadir ao mundo todo, que no fim de sua vida dera Cristo os mais claros sinais de seu amor, e acabando de o dizer: *In finem dilexit eos*, como para prova do que dizia entra logo a descrever esta portentosa ação, e todas as circunstâncias dela: *Surgit a Cœna: ponit vestimenta sua, et cum accepisset linteum, etc.*<sup>f</sup> E que mais nos diz hoje no Evangelho? Que mais havia de dizer? Não era o intento do Evangelista dizer que no fim da vida dera Cristo os mais claros sinais de seu amor? pois para seu intento que maior prova? com descrever esta ação tem provado, e conseguido seu intento.

Para Deus dar a conhecer claramente a Gedeão quais eram os mais valentes Soldados do seu exército, mandou que os examinasse nas ágoas de um rio: *Duc eos ad aquas, et ibi probabo illos.*<sup>g</sup> Assim hoje em ãa bacia de água dá Cristo claramente a conhecer a valentia de seu amor, e naquele trêmulo espelho representa hoje ao claro a mais valente afeição; e a razão é; porque de Cristo lavar os pés a seus Discípulos se segue necessariamente que tinham os Discípulos manchados os pés: e que hoje andassem rodando por terra tantas finezas sem embargo de tantas manchas! que se rendam liberdades onde se adoram perfeições, pode ser crédito do juízo; mas que se sacrifiquem rendimentos onde se reconhecem manchas! que pode ser senão impulso do amor? que havendo nos homens tantas manchas, e que tendo Cristo advertência para as ver, que tivesse ainda amor para as

---

<sup>e</sup> **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 13, v. 5: *Deinde mittit aquam in peluim, et cœpit lavare pedes discipulorum, et extergere linteo, quo erat præcinctus. BSP: Depois lançou água numa bacia, começou a lavar os pés dos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido.*

<sup>f</sup> **VL**, *Ibidem*, c. 13, v. 4: *surgit a cena, et ponit vestimenta sua: et cum accepisset linteum, præcinxit se. BSP: levantou-se da ceia, depôs o seu manto, e, pegando numa toalha, cingiu-se com ela.*

<sup>g</sup> Nota marginal: <Iudic. 7. 4.>. **VL**, Liber Iudicum, c. 7, v. 4: *Dixitque Dominus ad Gedeon: Adhuc populus multus est, duc eos ad aquas, et ibi probabo illos: et de quo dixerò tibi vt tecum vadat, ipse pergat: quem ire prohibuero, revertatur. BSP: O Senhor disse a Gedeão: Ainda é muita gente, leva-os às águas, e lá os provarei; aquele que eu te disser que parta contigo, esse vá, e a quem eu proibir, volte para trás.*

lavar! que naquela água se não apagassem aquele incêndio! que lutando tantas manchas dos  
 70 homens contra o amor de Cristo, que contra todas prevalecesse o amor, e que obrigasse a  
 Cristo a que com o joelho em terra se confessasse rendido às mesmas manchas! valente força  
 de amor!

Mas para que se veja com maior evidência o quanto o amor de Cristo se deu a  
 conhecer nesta ação, é de advertir que aquele lavatório dos pés era ãa cousa, e representava  
 outra: era lavatório de pés, e representava o lavatório das culpas; por outros termos  
 75 representava o Sacramento da Confissão: por isso o Senhor lavou os pés aos Discípulos antes  
 de instituir o augustíssimo Sacramento do altar, como significando que naquele lavatório de  
 pés se representava o lavatório das culpas que deve preceder ao Sacramento. Suposto pois que  
 aquele lavatório representava a confissão, segue-se que o mesmo era lavar o Senhor no  
 Cenáculo com suas mãos as manchas dos Discípulos, que lavar na confissão com seus  
 80 merecimentos as culpas dos homens: pois que mais claro argumento do amor de Cristo?  
 Cristo sabia mui bem que era infinito o valor de seus merecimentos, e o poder de suas mãos:  
*Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus:*<sup>h</sup> e que Cristo quando em desagravo de seu Eterno  
 Padre devera aplicar contra nós todo seu poder, e todo seu valor, que pelo contrário aplicasse  
 todo o poder de suas mãos para purificação de nossas manchas, e todo o valor de seus  
 85 merecimentos para remédio de nossas culpas! que mais eficaz prova, que mais evidente sinal  
 de seu amor?

Deu-se por ofendido El-Rei Saul de que Davi faltasse por alguns dias à  
 obrigação de assistir no paço, e acudindo seu filho Jônatas a livrar da culpa a Davi,  
 lhe disse Saul assim: *Nunquid ignoro quia diligis*<sup>i</sup>

---

<sup>h</sup> **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 13, v. 3: *sciens quia omnia dedit ei Pater in manus, et quia a Deo  
 exiuit, et ad Deum vadit. BSP: Sabendo que o Pai tinha posto em suas mãos todas as coisas, que saíra de Deus  
 e ia para Deus [...].*

<sup>i</sup> Nota marginal: <I Reg. 20. 30.>. **VL**, Liber I Samuelis, c. 20, v. 30: *Iratus autem Saul adversum Jonathan,  
 dixit ei: Fili mulieris virum ultro rapientis, numquid ignoro quia diligis filium Isai, in confusionem tuam, et in  
 confusionem ignominiosae matris tuae? BSP: Mas Saul, irado contra Jônatas, disse-lhe: Filho de má mulher, não  
 sei eu que amas o filho de Isai, para confusão tua e para confusão de tua indigna mãe?*

---

<sup>87</sup> Davi] David A, *passim*.

90 *filium Isai?* Jônatas, eu tenho entendido o quanto amais a Davi. Reparo na ocasião, e no motivo por que se certificou Saul. Se bem discorrerem por todas as finezas de Jônatas, acharão que nunca Saul disse que sabia de seu amor para com Davi mais que somente nesta ocasião. Uniu-se a alma de Jônatas à alma de Davi, e de tal sorte lhe entregou todo o domínio de sua liberdade, que lhe votou com juramento a firmeza de seu amor: em confirmação deste  
95 juramento chegou Jônatas a ser o primeiro exemplar da maior amizade, padecendo por amor de Davi todas aquelas dificuldades, todas aquelas contradições, e todos aqueles pesares que sabemos, obrando por seu respeito todas aquelas finezas, todos aqueles extremos, e todos aqueles impossíveis que admiramos; e sendo todos aqueles excessos notórios a Saul, nunca Saul chegou a dizer que sabia do amor de Jônatas, porque consultando a variedade dos  
100 corações humanos, sempre ficava como suspenso, e duvidoso daquele amor; mas tanto que Saul viu que Jônatas se empenhava em livrar da culpa a Davi, não pôde duvidar do amor de Jônatas: *Nunquid ignoro quia diligis filium Isai?* Mas qual foi a razão disto? A razão foi, porque Saul era pai de Jônatas; Davi era vassalo de Saul: Saul estava ofendido, Davi estava culpado, e posto Jônatas entre o pai, e o vassalo, claro está que pela obrigação de filho devera  
105 vingar a ofensa do pai: pois que quando Jônatas era obrigado a desagravar ao pai da ofensa, que se empenhasse em livrar ao vassalo da culpa! que havia já aí que duvidar? certo se estava que amava Jônatas a Davi. Mas que seria se a ofensa de Saul não fora só desconfiança, senão também realidade? E que seria se Jônatas com dispêndios de seu próprio sangue se em-

110 penhasse na justificação de Davi? Não chegou a tanto empenho o filho de Saul, mas essa vem a ser a fineza do Filho de Deus; porque no Sacramento da Confissão nos lava Cristo das culpas com seu próprio sangue: pois duvide-se embora do amor de Cristo, ainda no mistério da Encarnação, onde com mais estreitos laços que Jônatas com Davi, se uniu o Filho de Deus com a natureza dos homens; duvide-se embora em todas as finezas que obrou antes da hora da morte, e em todos os trabalhos que padeceu por todo o discurso da vida, mas em chegando a  
 115 esta ação, não há que duvidar do amor de Cristo: no Sacramento da Confissão onde nos livra das culpas, ou no lavatório dos pés onde nos lava das manchas, aqui, onde o amor de Cristo se declarou com tanta evidência, não há que duvidar do amor de Cristo.

Ainda não está ponderado o mais fino desta ação, e para melhor o ponderarmos, passemos o pensamento da bacia para a toalha: *Cœpit lavare pedes Discipulorum, et  
 120 extergere linteo quo erat præcinctus.*<sup>j</sup> Grande mistério faz o Evangelista de que Cristo não enxugasse os pés a seus Discípulos com outra toalha, senão com a mesma com que estava cingido; porque depois de dizer que Cristo se cingira com ãa toalha, *Et cum accepisset linteum, præcinxit se,*<sup>k</sup> faz advertência que com essa mesma com que estava cingido enxugara os pés a seus Discípulos: *Et extergere linteo, quo erat præcinctus.* Ora reparemos  
 125 no mistério. E que necessidade havia de cingir-se o Senhor com aquela toalha? ou já que a cingiu, por que não enxugou os pés a seus Discípulos com outra, senão com a mesma com que estava cingido: *Et extergere linteo, quo erat præcinctus?* Direi: Se o Senhor não tivera cingido aquela toalha, ou se enxugara os pés a seus Discípulos com outra toalha

---

<sup>j</sup> VL, Evangelium secundum Ioannem, c. 13, v. 5: *Deinde mittit aquam in pelvim, et cœpit lavare pedes discipulorum, et extergere linteo, quo erat præcinctus.* BSP: *Depois lançou água numa bacia, começou a lavar os pés dos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido.*

<sup>k</sup> VL, *ibidem*, c. 13, v. 4: *surgit a cena, et ponit vestimenta sua: et cum accepisset linteum, præcinxit se.* BSP: *levantou-se da ceia, depôs o seu manto, e, pegando numa toalha, cingiu-se com ela.*

130 que não tivera cingido, ficariam as manchas dos pés fora de Cristo, e impressas somente na toalha; e estando Cristo cingido com a mesma toalha, em que haviam de ficar as manchas? ficavam as manchas dos pés da parte do mesmo Cristo: pois que o amor de Cristo no lavatório de nossas culpas não só nos lave das manchas que temos, mas que ainda tome sobre si nossas manchas! que maior declaração de amor?

135 Aquele livro fechado, e cheio de mistérios que viu S. João no seu Apocalipse, dizem S. Bernardo, e S. Pascásio que era o livro dos mistérios do amor de Cristo; por isso ninguém o pode abrir senão só o Cordeiro, porque só o mesmo Cristo pode explicar os segredos de seu amor: sim, mas Cristo não assistia no trono somente como Cordeiro, também assistia como Leão, e o que mais é, também assistia como Deus: pois por que não  
140 abriu os mistérios daquele livro enquanto Deus, ou enquanto Leão? por que razão explicou, e deu a conhecer ao mundo os segredos de seu amor somente enquanto Cordeiro? No mesmo Texto acharemos a razão. Diz o Texto, que lavando-se as almas dos homens no sangue do Cordeiro, ficaram todas alvas, limpas, e purificadas: *Laverunt stolas suas, et dealbaverunt eas in sanguine agni*.<sup>1</sup> Notem: Se as almas dos homens ficaram alvas, e puras, porque lavaram suas manchas no sangue do Cordeiro, segue-se que no sangue do Cordeiro ficaram as manchas dos homens: assim é: pois por isso se diz que Cristo não abriu o livro  
145 fechado de seu amor senão enquanto Cordeiro: porque enquanto Cristo não chega a tomar sobre si nossas culpas, não poderá dar a conhecer suas finezas; mas tanto que para nos lavar a nós de nossas manchas toma sobre si nossas culpas, então sem dúvida nenhuma

---

<sup>1</sup> Nota marginal: <Apoc. 7. 14.>. **VL**, Apocalypsis Ioannis, c. 7, v. 14: *Et dixi illi: Domine mi, tu scis. Et dixit mihi: Hi sunt, qui venerunt de tribulatione magna, et lauerunt stolas suas, et dealbauerunt eas in sanguine Agni. BSP: Respondi-lhe: Meu Senhor, tu o sabes. E ele disse-me: Estes são aqueles que vieram da grande tribulação, lavaram os seus vestidos e os embranqueceram no sangue do Cordeiro.*

150 faz patentes ao mundo os escondidos segredos de seu amor: *Dignus es Domine accipere librum, et aperire signacula ejus, quoniam redemisti nos Deo in sanguine tuo.*<sup>m</sup> Vários exemplos de amor se têm visto no mundo, de muitos que por livrarem da culpa a seus amigos se imputaram a si mesmos a culpa: sinal foi calificado de seu amor; mas quanto mais calificado fora se houvesse um exemplo no mundo de quem tomasse sobre si não somente as culpas alheas, senão também as ofensas próprias? Pois esse é o raro exemplo de amor que  
155 hoje veneramos em Cristo; porque no Sacramento da Confissão toma sobre si nossas culpas, as quais são suas ofensas: e que Cristo para livrar das culpas aos homens se faça ele o culpado, sendo ele o mesmo ofendido! que mais evidente sinal do amor de Cristo? Pois como no lavatório dos pés se viu a representação desta fineza, parece que havemos de dizer que o mais evidente sinal de seu amor foi o lavatório dos pés: *In finem dilexit, et cœpit lavare pedes*  
160 *Discipulorum.*

Mas com isto se representar assim, digo que o lavatório dos pés não foi o sinal mais evidente: mais evidente sinal foi a instituição do Sacramento do Altar: que o lavatório dos pés não fosse o sinal mais evidente, disse-o o mesmo Cristo a S. Pedro: *Quod ego facio tu nescis modo:*<sup>n</sup> mas como assim? Pôde S. Pedro entender os mistérios da divindade de  
165 Cristo: *Tu es Christus Filius Dei vivi,*<sup>o</sup> e não pôde entender a fineza de ver ajoelhada a divindade: *Tu mihi?* Pôde S. Pedro pisar as ágoas e passear sobre os mares: *Ambulabat super aquas,*<sup>p</sup> e aqui soçobrado do mistério não pode tomar pé em quatro dedos de água: *Tu mihi lavas pedes?*<sup>q</sup> E por que razão? Porque era tão profundo o mistério, e tão incompreensível a fineza, que tendo S. Pedro só respeitos para a admirar: *Tu*

---

<sup>m</sup> Nota marginal: <Apoc. 5. 9.>. **VL**, Liber Apocalypsis Ioannem, c. 5. v. 9: *et cantabant canticum novum, dicentes: Dignus es Domine accipere librum, et aperire signacula eius: quoniam occisus es, et redemisti nos Deo in sanguine tuo ex omni tribu, et lingua, et populo, et natione.* **BSP**: *Cantaram um cântico novo, dizendo: Digno és, Senhor, de receber o livro e de romper os seus selos, porque foste morto e nos resgataste para Deus com o teu sangue, de toda a tribo, povo língua e nação.*

O erro da citação latina em A – <est> em vez de <es> – foi corrigido na presente edição.

<sup>n</sup> **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 13, v. 7: *Respondit Jesus, et dixit ei: Quod ego facio, tu nescis modo, scies autem postea.* **BSP**: *Respondeu Jesus e disse-lhe: O que eu faço, tu não o compreendes agora, mas compreendê-lo-ás depois.*

<sup>o</sup> **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 16, v. 16: *Respondens Simon Petrus dixit: Tu es Christus, filius Dei viui.* **BSP**: *Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo.*

<sup>p</sup> **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 14, v. 29: *At ipse ait: Veni. Et descendens Petrus de nauicula, ambulabat super aquam vt veniret ad Iesum.* **BSP**: *Ele disse: Vem. Descendo Pedro da barca, caminhava sobre a água para ir a Jesus.*

<sup>q</sup> **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 13, v. 6: *Venit ergo ad Simonem Petrum. Et dicit ei Petrus: Domine, tu mihi lauas pedes?* **BSP**: *Chegou, pois, a Simão Pedro. Pedro disse-lhe: Senhor, tu lavares-me os pés?*

170 *mihi*: não teve capacidade para a entender: *Tu nescis modo. Scies autem postea*,<sup>r</sup> disse o Senhor a S. Pedro, que se naquela ação não alcançava os mistérios de seu amor, que os entenderia depois; e depois do lavatório dos pés que se seguiu? A instituição do Sacramento: logo mais evidente fica o amor de Cristo na instituição do Sacramento, que no lavatório dos pés: e a razão é manifesta; porque posto que o render-se Cristo aos pés de seus Discípulos foi verdadeiramente impulso de seu amor, contudo foi disfarçada a fineza, porque se fez a título de humildade; porém a fineza que Cristo fez no Sacramento foi expressamente a título de fineza, porque deixar-se ficar conosco por não poder ausentar-se de nós, buscar traça para ficar, quando era forçoso o partir, um prodígio de amor tão declarado que nome pode ter senão de amor? Por isso não entendendo S. Pedro os mistérios do amor de Cristo no lavatório, os poderia entender depois no Sacramento: *Quod ego facio tu nescis modo, scies autem postea*.

180 E ainda comparando o Sacramento do Altar com o lavatório dos pés enquanto lavatório de culpas: comparando o Sacramento do Altar com o Sacramento da Confissão, ainda digo que é mais evidente sinal do amor de Cristo o Sacramento do Altar: a razão pudera ser; porque na Confissão nos dá Cristo perdão da culpa, o qual não é tão infalível argumento de amor, como de misericórdia: e no Sacramento dá-se-nos Cristo a si mesmo, e visto está que a entrega de si mesmo não pode ser senão por força de amor: mas eu quero conceder como devo que a Confissão não só é sinal de misericórdia, senão também de amor, ainda digo que o Sacramento é sinal mais evidente de amor que a Con-

---

<sup>r</sup> **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 13, v. 7: *Respondit Jesus, et dicit ei: Quod ego facio, tu nescis modo, scies autem postea. BSP: Respondeu Jesus e disse-lhe: O que eu faço, tu não o compreendes agora, mas compreende-lo-ás depois.*

---

<sup>177</sup> conosco] comnosco A.

fissão: provo; porque posto que na Confissão se nos comunica a primeira graça, e nos admite  
 190 Deus à sua amizade, no Sacramento continua-se a amizade, porque nele se aumenta a graça, e  
 assim que a Confissão é sinal do amor que começa, e o Sacramento é sinal do amor que  
 continua; pois quem duvida que com maior evidência se declara o amor pelos sinais de que  
 continua, do que pelos sinais de que começa? O amor em seus princípios pode ser ímpeto, em  
 195 sua continuação sempre é firmeza; pelo que a notícia que se tem do amor em seus princípios  
 sempre foi opinião, mas em sua perseverança sempre foi evidência: logo por mais que se  
 signifique o amor que começa, ainda se não poderá crer; mas nas demonstrações de que  
 continua, já aí se não pode duvidar.

Adoeceu de amor a Esposa divina, e sentindo o primeiro acidente, só pediu remédios  
 para seu achaque: *Fulcite me floribus quia amore languet*;<sup>s</sup> porém não obstantes os remédios,  
 200 mal convalescente de seu mal foi por alguns tempos continuando na mesma enfermidade;  
 tornou a sentir outro desmaio, e então pediu às filhas de Jerusalém que fizessem a saber<sup>t</sup> a seu  
 divino Esposo, que ela estava enferma de amor: *Si inveneritis dilectum meum, dicite ei quia  
 amore languet*.<sup>u</sup> É comum reparo por que não mandou a Alma santa estas notícias a seu  
 divino Esposo quando lhe deu o primeiro acidente, senão quando lhe deu o segundo? Várias  
 205 são as repostas que se dão a este reparo. Eu darei também a minha. Digo que não mandou a  
 Alma santa avisar de sua enfermidade ao seu divino Esposo, quando lhe deu o primeiro  
 acidente, porque entendeu que como era o primeiro sinal de sua fé, ainda poderia o Esposo  
 duvidar de seu amor: mandou avisar do segundo acidente, porque julgou que já o Es-

---

<sup>s</sup> VL, Canticum Canticorum, c. 2, v. 5: *Fulcite me floribus, stipate me malis: quia amore languet*. BSP: *Confortai-me com flores, / fortalecei-me com frutos, / porque desfaleço de amor*.

<sup>t</sup> Atualmente, não se usa a preposição na expressão “fizessem a saber”, como salientam Miranda e Boechat (1999), em nota à edição B.

<sup>u</sup> VL, Canticum Canticorum, c. 5, v. 8: *Adiuro vos filiae Ierusalem, si inueneritis dilectum meum, vt nunciatis ei quia amore languet*. BSP: *Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém, / que, se encontrardes o meu amado, / lhe digais que desfaleço de amor*.

---

<sup>190</sup> aumenta] *augmenta* (e formas cognatas) A, *passim*.

210      poso divino não teria que duvidar: o primeiro acidente de amor era sinal de amor que  
começava, e como o sinal de amor que começa não é sinal infalível de amor, por isso a Esposa  
divina receosa de que se não desse crédito à sua verdade, não mandou logo notícias de sua fé;  
porém o segundo acidente foi sinal de que o mal continuava, e como o sinal de amor que  
continua é sinal infalível de amor, por isso a Esposa divina fiando seu crédito de sua  
215      constância, e da firmeza de sua enfermidade, e verdade de sua afeição, quando chegou a dar  
um sinal de que seu amor continuava, segura já de que seu amor não podia ser duvidado,  
mandou confiadamente dar aviso, e notícias de seu amor: *Dicite ei quia amore langueo.*

      Este mesmo conceito que formava a Esposa divina de seu amor para com Cristo,  
formou também Cristo de seu amor para com a Esposa. Ambos os Sacramentos da  
Confissão, e da Comunhão sabem os Teólogos que são sinais sensíveis da divina graça, e  
220      pelo conseguinte da amizade divina: concedeu pois Cristo à sua Igreja por sinal de seu  
amor o Sacramento da Confissão; mas como a Confissão é o sinal da primeira graça,  
entendeu que ainda ali se podia duvidar de seu amor: pois para que se não duvidasse, que  
fez? Por sinal de seu amor desmaiou nos acidentes da Eucaristia, e como naqueles  
acidentes continua o mesmo amor que começou na Confissão, segue-se que poderão  
225      embora duvidar de seu amor na Confissão, mas na Eucaristia já se não poderá duvidar: e  
assim também pela mesma razão poderia a cabeça da Igreja ignorar o amor de Cristo no  
lavatório: *Tu nescis modo*; mas não tinha que duvidar depois no Sacramento: *Scies autem  
postea.* Para Deus significar ao mundo logo em seus princípios os excessos de seu

amor ordenou que o Espírito Santo, que é amor divino, andasse sobre as águas no princípio do mundo; porém adverte o Texto sagrado que andava o Espírito Santo debaixo de escuridades: *Tenebrae erant super faciem abyssi, et Spiritus Domini ferebatur super aquas:*<sup>v</sup> andaram os tempos, continuaram os anos, e com eles continuaram as finezas, e para Deus dar ao mundo outro sinal de seu amor, tornou o mesmo Espírito Santo ao mundo, e apareceu no Cenáculo entre raios de luz, e línguas de fogo: *Apparuerunt dispertitae linguae tanquam ignis, seditque super singulos eorum.*<sup>w</sup> Vejam que diferente é de si mesmo o amor divino quando começa, e quando continua: quando começa vem na tibieza das águas, *super aquas*; quando continua vem com violências de fogo, *tanquam ignis*: quando começa é ímpeto, *ferebatur*; quando continua é firmeza, *seditque*, e por isso quando começa só se explica entre escuridades, *tenebrae erant*, e quando continua, vem em luzes para se ver, em línguas para se explicar, em fogo para se descobrir: *Apparuerunt dispertitae linguae tanquam ignis, seditque super singulos eorum*. Aqui temos vivamente representado o amor de Cristo no lavatório, e no Sacramento: no lavatório, lavando-se em águas, *super aquas*; e no Sacramento, consumindo-se em fogo, *tanquam ignis*: no lavatório começou, *cæpit lavare*, e começou com ímpeto arrojando-se aos pés, *ferebatur*; no Sacramento continuou com firmeza, *seditque*, assentando-se nos corações, *in me manet, et ego in illo:*<sup>x</sup> segue-se logo que assim como o amor de Deus começou nas águas entre escuridades, *et tenebrae erant*, e continuou no Cenáculo entre luzes, *tanquam ignis*; que assim também o amor de Cristo ficou menos declarado entre as águas do lavatório, e muito mais entendido nas luzes do Sacramento;

---

<sup>v</sup> Nota marginal: <Gen. 1. 2.>. **VL**, Liber Genesis, c. 1, v.2: *Terra autem erat inanis et vacua, et tenebrae erant super faciem abyssi: et Spiritus Dei ferebatur super aquas*. **BSP**: A terra, porém, estava informe e vazia, e as trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus movia-se sobre as águas.

<sup>w</sup> Nota marginal: <Act. 2. 3>. **VL**, Actus Apostolorum, c. 2, v. 3: *Et apparuerunt illis dispertitae linguae tanquam ignis, seditque supra singulos eorum*. **BSP**: Apareceram-lhes repartidas umas como línguas de fogo, e pousou sobre cada um deles.

<sup>x</sup> Nota marginal: <Joan. 6. 56.>. **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 6, v. 57: *qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem, in me manet, et ego in illo*. **BSP**: O que come a minha carne e bebe o meu sangue, permanece em mim e eu nele.

250 e por isso São João para dar evidente sinal do amor de Cristo, disse que Cristo continuara hoje seu amor, e que amara sobre ter amado: *Cum dilexisset, dilexit.*

255 Contudo ainda digo que com ser o Sacramento a esfera do amor, nem ainda o Sacramento foi o sinal mais evidente do amor de Cristo, porque a Cruz de Cristo foi mais evidente sinal que o Sacramento; e porventura que por essa razão se chame a Cruz por excelência o sinal de Cristo: *Tunc apparebit signum filii hominis.*<sup>y</sup> Que o Sacramento não seja  
 260 sinal evidente, prova-se: porque o Sacramento é mistério de fé, e com fé não pode haver evidência: o Sacramento é cifra de mistérios escondidos; logo mal podem os afetos de Cristo estar ali declarados. Mas abstraindo desta razão, abstraindo de que o Sacramento seja de sua natureza mistério escondido, comparando só a fineza de um sacrifício com a fineza de outro,  
 265 ainda digo que o sacrifício da Cruz é mais infalível argumento, e mais evidente sinal do amor de Cristo, que o sacrifício do Altar. Bem sei que vou contra a opinião de todos, mas fundo a minha opinião em duas razões: primeira: porque se o ficar Cristo no Sacramento foi fineza, também foi comodidade, e o morrer Cristo na Cruz foi totalmente fineza: ficar Cristo no Sacramento foi também comodidade e conveniência para Cristo; porque ficando no Sacramento escusou o mal da ausência, e aliviou o rigor da saudade: pelo contrário, o  
 265 morrer na Cruz foi tudo fineza, porque só para nós foi toda a conveniência: convinha a nosso remédio que Cristo morresse por nós; porém o morrer Cristo era partir-se, era ausentar-se, e que Cristo quisesse na morte perder o bem da vida, e padecer o mal da ausência, só porque o nosso remédio dependia de sua

---

<sup>y</sup> Nota marginal: <Mat. 24. 20.>. **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 24, v. 30: *et tunc parebit signum Filii hominis in cælo: et tunc plangent omnes tribus terræ: et videbunt Filium hominis venientem in nubibus cæli cum virtute multa, et maiestate.* **BSP**: *Então aparecerá o sinal do Filho do Homem no céu, e “todas as tribos da terra chorarão” e verão o Filho do Homem vir sobre as nuvens do céu com grande poder e majestade.*

---

<sup>256</sup> afetos] affectos A, *passim*.

270 morte, que mais evidente sinal de seu amor? A outra razão é: porque o sacrifício do Altar é para aumento da graça, e o sacrifício da Cruz é para o remédio da culpa: logo a fineza da Cruz foi feita pelos homens no estado da culpa, e a fineza do Sacramento foi aplicada aos homens postos no estado da graça? Assim é: pois pergunto: qual é sinal de amor mais evidente, amar a um amigo, ou a um inimigo? amar Deus a quem está em sua graça, ou ao mesmo autor de sua ofensa? Amar a um amigo não é tanto fineza, como obrigação: amar a um inimigo, será

275 cegueira, não duvido; mas quem duvidará que essa é a fineza? Pois como a fineza da Cruz foi feita para remédio da culpa, e em benefício dos mesmos ofensores de Cristo, e a fineza do Sacramento foi para aumento da graça, e feita em benefício dos amigos; bem se segue, e bem digo eu, que mais evidente sinal de amor é a Cruz, que o Sacramento.

Sentou-se a Esposa de Cristo ao pé da Cruz, e diz que à sua sombra comera do

280 Sacramento: *Sub umbra illius quem desideraveram sedi, et fructus ejus dulcis gutturi meo.*<sup>z</sup> Notem: Se comia o Sacramento à sombra da Cruz, segue-se que a Cruz fazia sombra ao Sacramento; donde se segue também que a claridade estava da parte da Cruz, e da parte do Sacramento ficava a escuridade: logo estava mais clara a fineza da Cruz, e mais escura a do Sacramento. Um, e outro mistério considerava a Igreja Católica Esposa querida de Cristo, e

285 quando ia a persuadir-se que o Sacramento era todo fineza, via que também era comodidade, pois era remédio da ausência; via mais que era obrigação, pois era para aumento da graça, e assim ficava a fineza entre dúvidas, e o Sacramento entre escuridades, *sub umbra*: mas quando a Esposa

---

<sup>z</sup> Nota marginal: <Cât. 2. 3>. **VL**, Canticum Canticorum, c. 2, v. 3: *Sicut malum inter ligna silvarum, sic dilectus meus inter filios. Sub umbra illius, quem desideraveram, sedi: et fructus eius dulcis gutturi meo.* **BSP**: *Como a macieira entre as árvores dos bosques, / assim é o meu amado entre os jovens. Sentei-me à sombra daquele a quem tanto desejava; / e o seu fruto é doce à minha boca.*

divina considerava a fineza da Cruz, via que a fizera Cristo por seus próprios inimigos, via também que a fizera a todo o discômodo<sup>aa</sup> próprio; pois aqui que havia que duvidar de finezas? Ficava logo a luz, e a claridade da parte da Cruz: *Sub umbra illius quem desideraveram sedi*. Bem creio, e confesso que a fineza do Sacramento foi singularmente grande, porém como o adora a fé entre cortinas, cativa-se a razão entre dúvidas: *Quomodo potest hic nobis carnem suam dare ad manducandum?*<sup>bb</sup> Mas a fineza da Cruz foi tão patente, que não somente a adora a fé, senão também que a reconhece a razão: *Maiorem charitatem nemo habet ut animam suam ponat quis pro amicis suis.*<sup>cc</sup>

O autor daquela lançada que se deu no peito de Cristo já sabem que foi Longuinhos; porém Longuinhos quem foi? Dizem Santo Agostinho, e Santo Isidoro, Beda, e Usuardo, que foi um homem cego. Grande confirmação do que dizemos! A um Deus morto em ãa Cruz até os cegos lhe estão penetrando os segredos do peito, até os cegos lhe estão descobrindo os afetos do coração. Abrindo-se pois, e descobrindo-se na Cruz aquele centro de amores, aquela oficina de afeições, quem deixará de ver mui claramente naquele descoberto coração todo o amor que se encerra naquele amoroso peito? Finezas tão evidentes, que até um cego as descobre; amor tão descoberto, que até a olhos fechados se atina, quem poderá duvidar de tão evidente amor? Confirmemos tudo com o Evangelho. Para S. João dizer que Cristo nos dera hoje um sinal evidente de seu amor, disse que amara até o fim: *In finem dilexit eos*: e que quis dizer nisto o Evangelista? Quis dizer, como explica Santo Agostinho, que amara até morrer, que amara para encarecimento até dar a vida.<sup>dd</sup> Segue-se logo que o sinal mais evidente do amor de Cristo foi sem dúvida o padecer a

<sup>aa</sup> Cf. Houaiss (2002), descômodo é o mesmo que incômodo.

<sup>bb</sup> **VL**, *Evangelium secundum Ioannem*, c. 6, v. 53: *Litigabant ergo Iudæi ad inuicem, dicentes: Quomodo potest hic nobis carnem suam dare ad manducandum.* **BSP**, *ibidem*, c. 6, v. 52: *Disputavam, pois, entre si os judeus, dizendo: Como pode este dar-nos a comer a sua carne?*

<sup>cc</sup> **VL**, *Evangelium secundum Ioannem*, c. 15, v. 13: *Maiorem hac dilectionem nemo habet, vt animam suam ponat quis pro amicis suis.* **BSP**: *Não há maior amor do que dar a própria vida pelos seus amigos.*

<sup>dd</sup> Nota marginal: <August. tom. 9. in Ioan. tract. 55>. Cf. AUGUSTINUS, t. III, in: MIGNE, *P.L.*, 1864, v. 35, col. 1784-1787.

morte: *Maiorem charitatem nemo habet ut animam suam ponat quis pro amicis suis.*

310 Não obstante todas estas razões, ainda me parece que nem ainda a morte de Cristo  
foi o sinal mais evidente de seu amor, porque também a fineza da morte se obrou entre  
eclipses, e escuridades: *Tenebræ factæ sunt super universam terram.*<sup>ee</sup> O mesmo Senhor  
disse na Cruz, que os homens não entendiam aquele mistério: *Non enim sciunt quid*  
*faciunt:*<sup>ff</sup> pois meu Senhor da minha alma, não sabem muito bem os homens que eles vos  
315 estão tirando a vida? É verdade, mas isso mesmo é não saber: para entenderem os homens o  
mistério daquela morte, haviam de entender que não era violenta, senão muito voluntária;  
havam de entender que aquela morte era mais execução do amor, que da crueldade; pois  
como eles imaginavam que aquela morte eles mesmos a faziam, *faciunt*, bem se segue que  
não entendiam a fineza daquela morte: *Non enim sciunt*. Suposto pois que nem ainda na  
320 Cruz conheceram os homens com evidência o amor de Cristo, onde havemos nós por  
derradeiro de achar o sinal mais evidente de seu amor? Eu digo que na sepultura, nos toques  
daquela pedra se hão de ver mais claramente os quilates de sua afeição; e para que se veja o  
fundamento com que o digo, digo assim: Vendo o amor de Cristo que não acabavam os  
homens de convencer-se, vendo que não acabavam de conhecer a verdade de suas finezas,  
325 nem acabavam de ver suas verdades, recolhido à sepultura de Cristo, quis fiar todo o seu  
crédito de um retrato, retratando de morta cor a Cristo morto; para acabar perfeitamente este  
retrato, fez das mortalhas o quadro, da morte as sombras, do sangue as cores, dos afetos os  
pincéis, das feridas os rasgos, das chagas os golpes, do sofrimento a va-

---

<sup>ee</sup> Nota marginal: <Luc. 23 44.>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 23, v. 44: *Erat autem fere hora sexta, et tenebræ factæ sunt in vniversam terram vsque in horam nonam.* **BSP**: *Era então quase a hora sexta, e toda a terra ficou coberta de trevas até à hora nona.*

<sup>ff</sup> **VL**, *ibidem*, c. 23, v. 34: *Iesus autem dicebat: Pater, dimitte illis: non enim sciunt quid faciunt. Diuidentes vero vestimenta eius, miserunt sortes.* **BSP**: *Jesus dizia: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. Dividindo as suas vestes, sortearam-nas”.*

330 lentia, das finezas o primor; e desta sorte deixou perfeitamente acabado o retrato de Cristo morto por derradeiro sinal do amor de Cristo. Este retrato pois de Cristo morto, este transunto de um Deus amortalhado, aquela derradeira prenda de seu amor, aquela lastimosa figura do seu Sudário, esse digo por última resolução, que foi o sinal mais evidente do amor de Cristo. Ora provemos esta verdade primeiramente com o nosso tema.

335 *In finem dilexit eos.* Diz S. João que quando Cristo ia mais para o fim, tanto mais declarava seu amor: vendo que se chegava o fim da vida, declarou seu amor no lavatório dos pés: foi mais para o fim, declarou-se mais com o Sacramento: chegou ultimamente ao fim, declarou-se mais com a morte: passou além do fim, chegou a entrar na sepultura, e aí se declarou muito mais; por isso onde S. João diz, *In finem dilexit eos*, tresladou S. Jerônimo, *Ultra finem dilexit;*<sup>88</sup> quer dizer, que deu o sinal mais evidente de seu amor depois da morte: 340 *Ultra finem:* pois como o sinal de seu amor que Cristo nos deu depois de sua morte foi o santíssimo Sudário, por isso digo que o Sudário de Cristo foi o mais evidente sinal de seu amor: não nego que fossem maiores finezas, como na realidade foram, o lavatório, o Sacramento, e a Cruz; porém eu não trato das maiorias, senão das evidências, e digo que o Sudário de Cristo foi o sinal mais evidente de seu amor, porque foi a prenda que nos deixou 345 depois de sua morte: *Ultra finem dilexit eos.* Para darmos agora a prova com a razão, reparemos naquela palavra: *Dilexit:* em todas as ações do presente Evangelho fala o Evangelista de presente: *Surgit a Cæna: ponit vestimenta sua: mittit aquam in pelvim: cœpit lavare pedes discipulorum:* pois assim como diz levanta-se da cea, despe as vesti-

---

<sup>88</sup> “Amou-os até o fim e além” (tradução nossa).

---

<sup>330</sup> transunto] transumpto A, *passim*.

350 duras; lança água na bacia, começa a lavar os pés dos Discípulos, por que não diz também, e  
 chegada a última hora ama a seus Discípulos, senão chegada a hora amou: *Dilexit eos*? Com  
 muita razão: porque o amor presente ainda pode deixar de ser, o amor passado já não pode  
 deixar de haver sido, e assim que o amor não se conhece tão certamente quando se nos diz que  
 é, senão quando se nos diz que foi; pois como o intento de S. João era dizer que Cristo dera  
 355 em sua morte os sinais mais evidentes de seu amor, por isso não diz que Cristo ama, senão  
 que Cristo amou: *In finem dilexit eos*. Suposto isto, bem clara fica a razão por que eu digo que  
 o santíssimo Sudário é sinal mais evidente do amor de Cristo que todos os outros sinais: no  
 lavatório estava-se vendo que Cristo atualmente estava amando: no Sacramento também se  
 via que Cristo de presente amava: na Cruz via-se também que atualmente amava Cristo; e no  
 360 Sudário? estamos vendo que Cristo amou: *Ultra finem dilexit*, estamos vendo os sinais  
 daquele antigo amor, estamos vendo as demonstrações daquela passada afeição, isto é o que  
 vemos naquela última prenda do Sudário de Cristo: logo mais se conhece o amor de Cristo  
 pelo que nos mostra o Sudário, do que se conheceu no lavatório, no Sacramento, e na Cruz.

Chorou Cristo a morte de Lázaro, e vendo os circunstantes aquele tão claro sinal  
 de amor, assentaram consigo que havia sido muito grande o amor de Cristo: *Ecce*  
 365 *quomodo amabat eum*:<sup>hh</sup> pois ainda agora o conhecem? E enquanto Lázaro vivia não lhe  
 assistia sempre Cristo dando sempre os sinais do muito que amava a Lázaro? pois por que  
 o não conheceram então? por que mais o conhecem agora? Porque aquelas assistências  
 passadas eram sinais do amor quando era presente, e es-

---

<sup>hh</sup> Nota marginal: <Joan. 11 36.>. **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 11, v. 36: *Dixerunt ergo Iudæi: Ecce quomodo amabat eum. BSP: Disseram por isso os judeus: Vejam como ele o amava.*

---

<sup>358</sup> atualmente] actualmente (e formas cognatas) *A, passim.*

tas lágrimas presentes são sinais daquele amor que já é passado; então no tempo passado dava  
370 Cristo sinais de seu amor atual, agora de presente dá os sinais daquele antigo amor; pois agora  
é que são mais evidentes os sinais: o amor é como o bem, porque assim como o bem se não  
conhece senão depois de perdido; assim também se não crê, nem se conhece o amor senão  
depois de passado; e a razão deve ser; porque como é tão inconstante o coração humano, por  
375 se veem demonstrações de que se amou; e por isso os circunstantes que assistiram a morte de  
Lázaro não conheceram com evidência o amor de Cristo quando em outro tempo dava sinais  
de que atualmente amava, senão quando depois de sua morte deu sinal de que tinha amado:  
pois como o lavatório, o Sacramento e a Cruz eram sinais de que Cristo atualmente amava, e o  
santíssimo Sudário é sinal de que Cristo antigamente amou; bem claro fica que o sinal mais  
380 evidente do amor de Cristo é sem dúvida o seu santíssimo Sudário.

Ainda não é esta a mais eficaz razão: a razão mais eficaz é, porque o amor de Cristo  
representado no Sudário se nos deu a conhecer depois de tantas vezes se duvidar: que depois  
de nos dar Cristo sinais de seu amor tão evidentes no lavatório, no Sacramento, e na Cruz, que  
contudo ainda ficasse em dúvida seu amor! não sei se é fraqueza de nosso conhecimento, se  
385 força de nossa ingratidão: pois que vendo Cristo a seu amor não somente tão mal  
correspondido, senão ainda tão duvidado, que vendo Cristo o crédito de seu amor perigar entre  
nossas dúvidas, ainda porfiasse em dar-nos no seu retrato sinal de suas finezas! que mais

---

<sup>374</sup> veem] vem A, *passim*.

evidente sinal de seu amor? Quando Abraão levou da espada para fazer a Deus sacrifício de seu próprio filho, disse-lhe o mesmo Deus estas palavras: *Nunc cognovi quod times Deum*:<sup>ii</sup> 390 querem dizer na frase da Escritura: Abraão, agora conheço decerto que me amais: ainda agora? Sim: *Nunc cognovi*: e Deus não sabia de antes que o amava Abraão? antes para mostrar que era grande a dúvida, quis fazer aquela experiência: *Tentavit Deus Abraham*:<sup>jj</sup> notável dúvida em Deus! Quando as três divinas Pessoas da Santíssima Trindade apareceram na terra, e se foram a hospedar na casa de Abraão, sabemos que Abraão lhes lavou os pés: 395 *Afferam pauxillum aquæ, et lavate pedes vestros*:<sup>kk</sup> sabemos que Abraão os sentou à sua mesa: *Ponamque buccellam panis, et confortate cor vestrum*:<sup>ll</sup> sabemos que Abraão no maior rigor do dia os fez descansar à sombra da sua árvore: *Requiescite sub arbore*: e que contudo sobre estes sinais de amor que Abraão tinha dado a Deus, que sobre Abraão lhe lavar os pés, sobre 400 lhe dar o seu pão, sobre o aliviar na sua árvore, que ainda Deus mostrasse ter tantas dúvidas! que ainda andasse a fazer tão custosas experiências! *Tentavit Deus Abraham*: não sei em que podiam fundar-se estas dúvidas de Deus. Mas se Deus, a nosso modo de entender, se Deus ategora<sup>mmm</sup> duvidava, por que razão não duvida agora? Com grandíssima razão: já Deus agora não duvida, porque vê agora que Abraão depois de ver a seu amor tantas vezes duvidado, ainda persiste em dar este último sinal de seu amor: que vendo Abraão seu amor 405 duvidado tantas vezes, no lavatório, no pão, e na árvore, que ainda se resolvesse por último sinal de seu amor a fazer sacrifício de seu filho! que se resolvesse a banhar em sangue o seu mesmo natural retrato para testemunho de seu amor! que se resolvesse a

---

<sup>ii</sup> Nota marginal: <Gen. 22. 12.>. **VL**, Liber Genesis, c. 22, v. 12: *Dixitque ei: non extendas manum tuam super puerum, neque facias illi quidquam: nunc cognoui quod times Deum, et non pepercisti unigenito filio tuo propter me. BSP: E* (o anjo) disse-lhe: *Não estendas a tua mão sobre o menino e não lhe faça mal algum; agora conheci que temes a Deus e não perdoaste a teu filho único por amor de mim.*

<sup>jj</sup> **VL**, *ibidem*, c. 22, v. 1: *Qvæ postquam gesta sunt, temptavit Deus Abraham, et dixit ad eum: Abraham, Abraham. At ille respondit: Adsum. BSP: Passado isto, tentou Deus a Abraão, e disse-lhe: Abraão, Abraão. E ele respondeu: Aqui estou.*

<sup>kk</sup> **VL**, *ibidem*, c. 18, v. 4: *sed afferam pauxillum aquæ, et lavate pedes vestros, et requiescite sub arbore. BSP: Mas eu trarei um pouco de água, e lavaí os vossos pés, e descansai debaixo desta árvore.*

<sup>ll</sup> **VL**, *ibidem*, c. 18, v. 5: *Ponamque buccellam panis, et confortate cor vestrum, postea transibitis: idcirco enim declinastis ad seruum vestrum. Qui dixerunt: Fac vt locutus es. BSP: E vos servirei um pedaço de pão, e refazei as vossas forças, e depois continuareis o vosso caminho; porque para isso viestes para o vosso servo. E eles responderam: Faze como disseste.*

<sup>mmm</sup> Segundo Aulete, advérbio composto (antigo e popular), formado por *até* + *agora*, com o mesmo significado dessa expressão, sem a contração (cf. ATEGORA. In: iDICIONÁRIO Aulete. Disponível em <<http://aulete.uol.com.br/ategora>>. Acesso em 14 ago. 2013). Miranda e Boechat (1999), em nota à ed. *B*, observam que, pelo emprego de “atêgora” nesse trecho, mostra-se mais agudamente a relação antitética entre ‘tudo o que já foi’ e ‘o que é’ – ou seja, o ‘agora’.”

---

<sup>388</sup> Abraão] Abraham A, *passim*.

banhar em sangue sua imagem natural, para testemunho de sua inteira verdade! à vista de ãa  
 410 resolução tão valente depois de ãa fé tão duvidada, que tinha já Deus que duvidar do amor de  
 Abraão? Não há já que duvidar: *Nunc cognovi*. Pois da mesma sorte: assim como se houve  
 Deus no conhecimento do amor dos homens, assim se devem haver os homens no  
 conhecimento do amor de Deus: duvidaram os homens do amor de Cristo no lavatório dos  
 pés, duvidaram na mesa do Sacramento, duvidaram na Árvore da Cruz, e que sobre tantas  
 415 dúvidas continuasse Cristo as finezas! que sobre ver tantas vezes duvidado seu amor em sinais  
 tão evidentes de sua afeição, que ainda Cristo nos deixasse por último sinal de seu amor seu  
 próprio retrato banhado em sangue! não há já que duvidar de seu amor: *Nunc cognovi*.

E que com efeito a Igreja Católica ficasse certa, e inteirada do amor de Cristo à  
 vista de seu santíssimo Sudário, se eu me não engano, cuido que consta da mesma  
 Escritura. Ora deem-me atenção. Chorava a Alma Santa a ausência de seu divino Esposo,  
 420 e explicando seu sentimento entre lágrimas, e suspiros, lhe disseram as filhas de  
 Jerusalém, que ou lhes mostrasse ou lhes descrevesse o seu amado tirado pelo seu amado:  
*Qualis est dilectus tuus ex dilecto o pulcherrima mulierum?*<sup>nm</sup> E que quer dizer o amado  
 tirado pelo amado? Quer dizer o retrato do mesmo amado, e por ele é que perguntavam as  
 filhas de Jerusalém, sendo certas que não havia de ausentar-se o Esposo divino, sem  
 425 deixar a sua querida Esposa para alívio de sua saudade a prenda de seu retrato; por isso  
 lhe perguntam: *Qualis est dilectus tuus ex dilecto?* A esta pergunta das donzelas de  
 Jerusalém, esforçando a dor, e rompendo o silêncio a Esposa soberana de Cristo

---

<sup>nm</sup> Nota marginal: <Cāt 5. 9.>. **VL**, Canticum Canticorum, c. 5, v. 9: *Qualis est dilectus tuus ex dilecto, o pulcherrima mulierum? qualis est dilectus tuus ex dilecto, quia sic adiurasti nos?* **BSP**: *Que tem o teu amado a mais que os outros amados, / ó formosíssima entre as mulheres? / Que tem o teu amado a mais que os outros, / para que assim nos conjures?*

respondeu desta sorte: *Dilectus meus candidus, et rubicundus*:<sup>oo</sup> Esse meu amado por quem me perguntais, ou esse retrato de meu amado é branco, e encarnado: são matizes de sangue em campos de linho: *Caput ejus aurum optimum*:<sup>pp</sup> a cabeça posto que banhada em rios de sangue, está cuberta de ondas de ouro: *Comæ ejus sicut elatæ palmarum*:<sup>qq</sup> sobre a coroa da cabeça se veem agudas pontas de ásperos espinhos: *Oculi ejus sicut columbæ super rivulos aquarum*,<sup>rr</sup> os olhos brandos, e modestos, banhados em rios de lágrimas, e de sangue: *Genæ illius sicut areolæ aromatum*:<sup>ss</sup> as duas faces são dous divididos quadros de jasmins secos, e de Rosas murchas: *Labia ejus lilia distillantia myrrham*,<sup>tt</sup> a boca é um roxo lírio cheio de amarguras: *Manus illius tornatiles plenæ hyacinthis*:<sup>uu</sup> as mãos como estiveram pendentes em duas pontas de ferro, parece que foram feitas ao torno, mas engastadas em dous rubis: *Venter ejus eburneus distinctus sapphiris*:<sup>vv</sup> o corpo é de marfim na brancura, mas tão cuberto de nódoas azuis, que parece esmaltado de Safiras: *Crura illius columnæ marmoreæ, quæ fundatæ sunt super bases aureas*:<sup>ww</sup> as colunas são de mármore ensanguentado, e os pés de ouro batido: *Species ejus ut libani, electus ut cedri*:<sup>xx</sup> a estatura alta, grave, e soberana como Cedro do monte Líbano: e finalmente todo o retrato move a lágrimas, porque todo move a saudades: *Et totus desiderabilis*.<sup>yy</sup>

Depois de assim descrever a Esposa divina aquele misterioso retrato que lhe deixou no Santo Sudário o seu divino Esposo, conclui desta maneira: *Talis est dilectus meus, et ipse est amicus meae filiae Jerusalem*:<sup>zz</sup> Este que vos descrevi, ó donzelas de Jerusalém, este é o retrato de meu amado, e ele é meu verdadeiro amante: *Et ipse est amicus meus*.<sup>aaa</sup> Aqui reparo: Se lerem todo o livro dos Cânticos, acharão que

<sup>oo</sup> **VL**, Canticum Canticorum, c. 5, v. 10: *Dilectus meus candidus et rubicundus, electus ex millibus*. **BSP**: O meu amado é cândido e rubicundo, / escolhido entre as mulheres.

<sup>pp</sup> **VL**, *ibidem*, c. 5, v. 11: *Caput eius aurum optimum: comæ eius sicut elatæ palmarum, nigrae quasi corvus*. **BSP**: A sua cabeça é o ouro mais puro; / seus cabelos são como ramos novos das palmeiras, / negros como um corvo.

<sup>qq</sup> *Loc. cit.*

<sup>rr</sup> **VL**, *ibidem*, c. 5, v. 12: *Oculi eius sicut columbæ super rivulos aquarum, quæ lacte sunt lotæ, et resident iuxta fluentia plenissima*. **BSP**: Os seus olhos são como as pombas junto dos regatos, / que foram lavadas em leite, / e que se conservam junto das grandes correntes de água.

<sup>ss</sup> **VL**, *ibidem*, c. 5, v. 13: *Genæ illius sicut areolæ aromatum consistæ a pigmentarijs. Labia eius lilia distillantia myrrham primam*. **BSP**: As suas faces são como uns canteiros de plantações aromáticas, / escrínios de perfumes. / Os seus lábios são lírios, / que destilam a mirra mais preciosa.

<sup>tt</sup> *Loc. cit.*

<sup>uu</sup> **VL**, *ibidem*, c. 5, v. 14: *Manus illius tornatiles aureæ, plenæ hyacinthis. Venter eius eburneus, distinctus sapphyris*. **BSP**: Suas mãos são de ouro, feitas ao torno, / cheias de jacintos. / O seu ventre é de marfim, / guarnecido de safiras.

<sup>vv</sup> *Loc. cit.*

<sup>ww</sup> **VL**, *ibidem*, c. 5, v. 15: *Crura illius columnæ marmoreæ, quæ fundatæ sunt super bases aureas. Species eius ut Libani electus ut cedri*. **BSP**: Suas pernas são colunas de mármore, / assentadas em bases de ouro, / o seu aspecto é como o do Líbano, / é elegante como os cedros.

<sup>xx</sup> *Loc. cit.*

<sup>yy</sup> **VL**, *ibidem*, c. 5, v. 16: *Guttur illius suavissimum, et totus desiderabilis: talis est dilectus meus, et ipse est amicus meus, filiae Jerusalem*. **BSP**: A sua garganta é suavíssima, / e todo ele é para se desejar; / tal é o meu amado, tal é o meu amigo, / ó filhas de Jerusalém.

<sup>zz</sup> *Loc. cit.*

<sup>aaa</sup> *Loc. cit.*

450 nunca a Esposa divina chamou a Cristo seu amante mais que somente nesta ocasião; recebeu a Esposa divina de seu divino Esposo mil favores em mil finezas, mas ou cega de sua desconfiança, ou duvidosa de seu merecimento, em nenhuma ocasião lhe chamou seu amante, senão sempre seu amado: *Dilectus meus, quem diligit anima mea, etc.*<sup>bbb</sup> Viu-se no lavatório dos pés: *Lavi pedes meos:*<sup>ccc</sup> viu-se na mesa do Sacramento: *Introduxit me in cellam vinariam:*<sup>ddd</sup> viu-se à sombra da Cruz: *Sub umbra illius quem desideraveram sedi,*<sup>eee</sup> e contudo  
455 nunca se acabou de persuadir que Cristo era seu amante, senão sempre seu amado: *Dilectus meus, quem diligit anima mea*; porém tanto que viu o retrato de Cristo, ali descobriu seu amor com tantas demonstrações de evidente, que já lhe não pode negar o título de seu amante: *Et ipse est amicus meus*. E a última razão de tudo é; porque os outros sinais são objetos da fé, o Sudário é objeto da vista, e como é mais evidente aquilo que se percebe pela vista, que aquilo  
460 que se adora pela fé, por isso a Igreja Católica, Esposa merecida de Cristo, reconhecendo o amor de Cristo entre escuridades no lavatório, no Sacramento, e na Cruz, só no Sudário conheceu com evidência seu amor: *Et ipse est amicus meus*.

Suposto pois que só das vistas fiamos as evidências: vinde cá meu doce Jesus, e entre estas confusões do vosso retrato veremos as verdades do vosso amor; porventura que  
465 duvidarão se sois vós, porque sendo vós Imagem de Deus, não tendes agora nem a figura de homem: mas este é Cristãos: *Dilectus meus candidus, et rubicundus*: estes esmaltes roxos nestes campos brancos, este é o verdadeiro retrato do nosso amante verdadeiro: *Talis est dilectus meus, et ipse est amicus meus*: não temos já que duvidar do amor

---

<sup>bbb</sup> “O amado da minha alma” (tradução nossa).

<sup>ccc</sup> **VL**, Canticum Cantorum, c. 5, v. 3: *Expoliaui me tunica mea, quomodo induar illa? lavi pedes meos, quomodo inquinabo illos? BSP: Despojei-me da minha túnica, e hei de vesti-la novamente? / Lavei os meus pés, e hei de tornar a sujá-los?*

<sup>ddd</sup> **VL**, *ibidem*, c. 2, v. 4: *Introduxit me in cellam vinariam, ordinavit in me caritatem. BSP: Ele introduziu-me na dispensa do vinho, / ordenou em mim o amor.*

<sup>eee</sup> **VL**, *ibidem*, c. 2, v. 3: *Sicut malus inter ligna silvarum, sic dilectus meus inter filios. Sub umbra illius, quem desideraueram, sedi: et fructus eius dulcis gutturi meo. BSP: Como a Macieira entre as árvores dos bosques, / assim é o meu amado entre os jovens. Sentei-me à sombra daquele a quem tanto desejava; / e o seu fruto é doce à minha boca.*

---

<sup>458</sup> objeto] objecto A, *passim*.

de Cristo à vista deste sinal de seu amor; não temos já que duvidar de sua verdade, onde o  
 470 crédito de seu amor está firmado com letras de seu sangue. Oh meu Deus do meu coração,  
 meu Jesus, meu Redentor, que chagado, que ferido, que despedaçado que estais! Mas assim  
 Senhor, assim chagado vos quero, assim ferido vos amo, assim despedaçado vos adoro: quem  
 vos tratou assim, meu Deus da minha alma, vosso amor, ou nossas culpas? Oh quanto vos  
 obriga vosso amor! Oh quanto vos maltratam nossas culpas!<sup>fff</sup> Oh cabeça sacrossanta, como  
 475 trocastes o diadema de raios em coroa de espinhos! Sem dúvida que pôs os espinhos sobre a  
 cabeça, para que nós não magoássemos os pés. Oh olhos divinos, tão cegos de sangue, como  
 de amor! quem vos eclipsou divinos olhos? Sem dúvida que cerrou os olhos para não ver  
 nossas culpas. Oh boca sagrada, se tantas vezes vos abristes para inspirar suavidades, como  
 agora vos fechastes para conservar amarguras? Sem dúvida que fechou a boca para não formar  
 480 queixas de nossas ingratidões. Oh braços onipotentes, se ategora estendidos em ãa Cruz, como  
 estais cruzados agora? Sem dúvida que de rendidos estão cruzados. Oh mãos divinas, se  
 ategora trespassadas com cravos, como agora abertas com rubis? Sem dúvida que de liberais  
 estão abertas. Oh lado sacrossanto, Tesouro de soberanos afetos, Sacrário de divinas afeições,  
 quem vos feriu, quem vos rasgou tão cruelmente? Sem dúvida que abriu o peito para nos  
 485 meter no coração.

Aqui tendes Almas Cristãs este divino retrato do nosso amoroso Jesus, este sagrado  
 transunto do nosso amorosíssimo Salvador, este cadáver ensanguentado, assim aberto a  
 açoutes, assim despedaçado a feridas; este é o nosso Jesus, este é o nosso Deus

---

<sup>fff</sup> O trecho entre as linhas 472 e 476 se repete, com pouca variação, no *Sermão de Soledade*, do autor. Ao se comparar a peroração de vários sermões nos quais se expõe o Sudário ao final, encontram-se semelhanças como essa.

---

<sup>471</sup> Redentor] Redemptor A, *passim*.

<sup>480</sup> onipotentes] omnipotentes A.

e o nosso Redentor. Estampai Almas Cristãs, estampai esta figura em vossos corações por  
 490 sentimento, em vossas Almas por amor. E para que mais se dobre a lástima, vede por estoutra  
 parte. Oh que lástima! Oh que rigor! Aqui onde carregaram as culpas, aqui mais  
 descarregaram os golpes; mas como não daria aos golpes as costas, se virou as costas por não  
 ver nossas culpas? Oh chegai, Fiéis, lavai com este sangue vossas culpas, lavai com vossas  
 495 lágrimas este sangue: se neste cadáver não há já lugar para mais feridas, que lugar nos fica  
 para mais ofensas? Quem haverá que tenha ainda coração para ofender a um Deus tão ferido?  
 Quem haverá que tenha ainda valor para magoar a um Deus tão chagado? Oh se padecesse  
 naufrágio o peso de nossas culpas neste mar de misericórdias! Mas voltai Senhor: *Ostende*  
*nobis faciem tuam, et salvi erimus.*<sup>egg</sup> Oh meu amantíssimo Jesus! meu Deus, e meu Redentor!  
 Oh quanto me pesa, meu Deus, de vos ter ofendido! Oh quem nunca vos ofendera meu Deus  
 500 do meu coração! De todos os pecados que contra vós temos feito vos pedimos perdão meu  
 bom Jesus: perdoai-nos Senhor por todos os tormentos que representa este vosso santíssimo  
 retrato; e perdoai-nos pelo amor que nele se representa; por este preciosíssimo sangue, por  
 este santíssimo cadáver, pelos merecimentos de vossa santíssima paixão, e pelos poderes de  
 vossa divina misericórdia, para que assim alcancemos a graça, penhor da eterna glória: *Ad*  
 505 *quam,*<sup>hhh</sup> *etc.*

---

<sup>egg</sup> **VL**, Liber Psalmorum, c. 79, v. 4: *Deus converte nos: et ostende faciem tuam, et salvi erimus.* **BSP**, *ibidem*, c. 79, v. 4: *Ó Deus converte-nos, / mostra-nos o teu rosto, e seremos salvos.*

<sup>hhh</sup> Abreviação da fórmula de encerramento “*Ad quam nos perducatur Dominus Iesus Christus. Amen*”. Tradução nossa: “À qual nos conduz o Senhor Jesus Cristo. Amém”.

## Sermão Quarto pregado em a festa do Santíssimo Sacramento em dia de S. Miguel.

---

*Hic est panis, qui de Cælo descendit. Joann. 6.<sup>a</sup>*

Se algum dia se pudera imaginar que estava o Céu envejoso da terra, fora sem dúvida na presente solenidade; porque toda ela parece verdadeiramente ãa declarada competência,<sup>b</sup> ou ãa gloriosa emulação que faz hoje a terra ao Céu; contudo a verdade  
 5 é, que não está hoje o Céu nem envejoso, nem competido, senão tresladado, e transferido. Como a Igreja é de S. Pedro, sem dúvida que o glorioso Príncipe dos Apóstolos abriu hoje as portas do Céu, para que todo ele descendo à terra se visse tresladado nesta Igreja: desceram primeiramente as nuvens desmentidas em pompas, desceram as estrelas transformadas em luzes, desceu a harmonia das esferas na  
 10 suavidade das vozes,<sup>c</sup> desceu o resplendor dos Planetas na magnificência dos aparatos,

---

<sup>a</sup> Vulgata Latina (1605), doravante **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 6, v. 50: *Hic est panis de cælo descendens: vt si quis ex ipso manducauerit, non moriatur*. Biblia Sagrada – Edições Paulinas (1986), doravante **BSP**: *Este é o pão que desceu do Céu, para que aquele que dele comer não morra*.

<sup>b</sup> Mesmo que competição. Cf. Bluteau (1789, v. 1, p. 296), disputa.

<sup>c</sup> Reflexo da teoria pitagórica da harmonia das esferas, que relaciona a matemática, a distância e os movimentos regulares dos astros, e a harmonia musical (cf. JACCQUEMARD, 2006).

---

<sup>3</sup> solenidade] solemnidade (e formas cognatas) *A*, *passim*.

desceu o firmamento no culto, a glória na suntuosidade, a Bem-aventurança na grandeza, a santidade na devoção, e enfim desceram as Hierarquias de todos os Anjos em companhia de São Miguel, cujo é o dia;<sup>d</sup> e desceu toda a santíssima Trindade por concomitância do Santíssimo Sacramento, cuja é a festa; porque enfim também o Sacramento desceu do Céu à terra: *Hic est panis, qui de Cælo descendit*. Esta é brevemente a suma de toda esta solenidade; e sendo toda ela emprego assaz merecido de nossa admiração, ainda tenho mais que admirar-me das palavras do nosso tema.

*Hic est panis, qui de Cælo descendit*: Pão que desceu do Céu? E com que razão se podem verificar estas palavras do mistério sacrossanto do Altar? Ou nós havemos de considerar ao Sacramento enquanto pão, ou enquanto corpo de Cristo: se o considerarmos enquanto pão, na terra se cria; se o considerarmos enquanto corpo de Cristo, na terra se consagra. Bem é verdade que todos os dias desce Cristo do Céu a sacramentar-se na terra; porém Cristo sacramentado não desce, nem desceu do Céu: não desceu, porque cá na terra se instituiu; não desce, porque cá na terra se sacramenta: na terra teve a sua primeira instituição, na terra tem toda a sua existência: pois logo com que verdade se pode dizer, que desceu do Céu à terra: *Hic est panis, qui de Cælo descendit*? Para satisfazer a esta dúvida, busquei a exposição destas palavras de Cristo, e em nenhum Autor as achei melhor comentadas que nos Salmos de Davi. Diz ele assim: *Panem Cæli dedit eis, panem Angelorum manducavit homo*:<sup>e</sup> quer dizer: Verdadeiramente o Sacramento do Altar se deve chamar pão do Céu: *Panem Cæli*: porque verdadeiramente é pão dos Anjos: *Panem Angelorum*. Esta é a exposição mais autori-

---

<sup>d</sup> O emprego da expressão <cujo é> equivale a “de quem é” (cf. BARATA, 1872, p. 65), e é abonado em Bluteau (1789, v. 1, p. 353). Vieira também a utiliza no *Sermão da Quarta Domingo da Quaresma* (§ 6), pregado em 1657.

<sup>e</sup> **VL**, Liber Psalmorum, c. 77, v. 24-25: *Et pluit illis manna ad manducandum, et panem cæli dedit eis. Panem angelorum manducavit homo: cibaria misit eis in abundantia. BSP*: *Fez chover sobre eles maná para comerem, / e deu-lhes um pão do céu. O homem comeu o pão dos anjos; / enviou-lhes manjares com abundância.*

---

<sup>11</sup> suntuosidade] sumptuosidade A.

<sup>28</sup> Salmos] Psalms A; Davi] David A.

zada das palavras do nosso tema; porém ainda assim confesso, que se achei dúvida no Texto, ainda a tenho maior na exposição. E com que verdade, ou com que fundamento se há de chamar o mistério sacrossanto da Eucaristia pão dos Anjos? Só então se poderá chamar pão dos Anjos, quando eles ou o pudessem consagrar, ou o pudessem receber; porém os Anjos, até  
 35 Santo Tomás com ser o Doutor Angélico, ensina, e mostra com toda a evidência, que não podem nem consagrar, nem receber o corpo santíssimo de Cristo: pois se assim é, e se este Sacramento é sustento, e regalo dos homens, por que razão se há de chamar pão dos Anjos: *Panem Angelorum manducavit homo?* A resposta desta dúvida, e a razão desta verdade há de ser todo o empenho desta ação, para que assim satisfaçamos juntamente ao dia, e à festa: ao  
 40 dia, que é dos Anjos; e à festa, que é do Sacramento. Pelo que baste de exórdio, e vamos a buscar esta razão.

Primeiramente a resposta mais vulgar é, que este mistério augustíssimo se deve chamar pão dos Anjos, porque verdadeiramente nos é necessária a consciência, e a pureza de Anjos para dignamente recebermos tão soberano, e tão celestial mistério. É esta verdade tão certa,  
 45 que mais necessário fora persuadi-la, que prová-la; porque supostos os princípios de nossa fé, que Cristão haverá a quem não seja já presente que só ãa consciência Angélica poderá ser a disposição devida para iguaria tão celestial? O primeiro pai de todos os crentes já sabem todos que foi Abraão; e todos sabem também que o mesmo Deus em três distintas Pessoas se hospedou ãa hora em sua casa, e à sua mesa: *Apparuit ei Dominus sedenti in ostio tabernaculi*  
 50 *sui, etc.*<sup>f</sup> porém é muito para reparar, que sendo Deus, e sendo divinas as Pessoas que

---

<sup>f</sup> Nota marginal: <Gen. 18. 1.>. **VL**, Liber Genesis, c. 18, v. 1: *Apparuit autem ei Dominus in conuallē Mambre sedenti in ostio tabernaculi sui in ipso feruore diei. BSP: E o Senhor apareceu-lhe no vale de Mambré, quando ele estava sentado à porta da sua tenda, no maior calor do dia.*

---

<sup>48</sup> Abraão] Abraham A, *passim*.

naquele dia se hospedaram em casa de Abraão, lhes chame contudo a Escritura homens, e juntamente Anjos: homens: *Apparuerunt ei tres viri*:<sup>g</sup> Anjos: *Venerunt Angeli*.<sup>h</sup> Valha-me Deus por quem é! Se é Deus quem aparece a Abraão: *Apparuit ei Dominus*, por que lhe não aparece como é em forma de Deus? e já que há de mudar a forma, por que lhe não aparece ou só na forma dos homens, ou só na forma dos Anjos? Por que razão se lhe mostra na figura dos Anjos: *Venerunt Angeli*, se já se lhe tinha manifestado na aparência dos homens: *Apparuerunt ei tres viri*? Se Abraão não hospedara então a Deus com o convite que lhe ofereceu, porventura que nos não fora tão fácil a resposta; porém sendo tão esplêndido o convite, quem não achará nele a razão? Ora notem: Todo aquele soleníssimo convite, como era sacrifício que Abraão oferecia a Deus, visto está que era representação do Sacramento, onde Cristo juntamente é convite, e sacrifício: é conforme à Glosa Ordinária<sup>i</sup> do mesmo Texto: *Vitulus tener, et saginatus corpus Christi est, quod pro mundi salute Deo oblatum est*:<sup>j</sup> pois eis aí a razão de nossa dúvida: Era Abraão o pai de todos os crentes, e como Deus naquela mesa de Abraão se sentava por representação na mesa do Sacramento, para que todos os crentes aprendessem o como haviam de chegar a tão soberana mesa, que fez Deus? Tomou ali a figura humana, e tomou a figura Angélica, para que assim ficasse advertido a todos, que para chegarmos a este celestial convite, havemos de ser homens, e juntamente havemos de ser Anjos.

Pois havemos de ser Anjos sendo homens? Sim: sendo homens na realidade, havemos de ser Anjos na consciência; ãa, e outra cousa havemos de ser; porque só então receberemos dignamente este

<sup>g</sup> VL, Liber Genesis, c. 18, v. 2: *Cumque eleuasset oculos, apparuerunt ei tres viri stantes prope eum quos cum vidisset, cucurrit in occursum eorum de ostio tabernaculi, et adorauit in terram. BSP: E, tendo levantado os olhos, apareceram-lhe três homens que estavam em pé junto dele; logo que os viu, correu da porta da tenda ao seu encontro, e prostrou-se por terra.*

<sup>h</sup> VL, *ibidem*, c. 19, v. 1: *Veneruntque duo Angeli Sodomam vespere, sedente Lot in foribus ciuitatis. Qui cum vidisset eos, surrexit, et iuit obuiam eis: adoravitque pronus in terram, [...]. BSP: Sobre a tarde chegaram os dois anjos a Sodoma, quando Lot estava assentado às portas da cidade. E ele, tendo-os visto, levantou-se, e foi ao seu encontro, e prostrou-se por terra, [...].*

<sup>i</sup> Nota marginal: <Gloss. in 18. Gen.>. Ref. a *Quæstiones in Vetus Testamentum*, de S. Isidoro (cf. ISIDORI, t. V, In: MIGNE, P.L., 1862, v. 83, col. 244).

<sup>j</sup> “Bezerro tenro e cevado é o corpo de Cristo, oferecido a Deus para a salvação do mundo” (tradução nossa).

divino manjar, quando juntamente formos na realidade, na substância, e por essência homens; mas na consciência, na pureza, e por imitação Anjos: ainda não disse bem: se fora possível, parece que nos quer Deus tão puros para este soberano convite, que se fora possível devíamos ser na realidade verdadeiramente Anjos, e só na aparência figuradamente homens: colhe-se do mesmo Texto: *Apparuerunt tres viri, venerunt Angeli*: já devem de reparar na diferença: de 75 maneira que para as pessoas da Santíssima Trindade nos ensinarem o modo, e a pureza com que havíamos de receber o Sacramento, tomaram a figura de homens, e tomaram a forma de Anjos; mas com esta diferença, que enquanto Anjos, diz a Escritura que realmente eram Anjos que vieram: *Venerunt Angeli*; e enquanto homens? Diz que eram somente homens que 80 apareceram: *Apparuerunt viri*: parece sem dúvida que por encarecimento nos quis Deus dar a entender, que para tão alto mistério, se fora possível, devêramos ser Anjos na natureza, e na realidade, e somente homens na aparência, e na representação; mas já que assim não é possível, ao menos sejamos embora na natureza homens por realidade, porém na consciência justo é que sejamos Anjos por imitação: muito mais justo fora que fôssemos tão puros na 85 consciência, e tão ajustados com Deus, como se verdadeiramente tivéssemos de homens só as semelhanças, e de Anjos as realidades; mas ao menos tenhamos de sua pureza sequer alguma semelhança, porque enfim ainda que este divino mistério foi instituído para iguaria, e regalo dos homens, contudo é certo que deve ser recebido com consciência, e pureza de Anjos: isso é o que quer dizer a exposição do nosso tema: *Panem Angelorum manducavit homo*. ||<sup>k</sup> Esta é a razão

---

<sup>k</sup> Mudança de parágrafo marcada atipicamente, cf. normas desta edição.

90 mais vulgar por onde dizem que o mistério da Eucaristia se deve chamar pão dos Anjos; porém a mim me não satisfaz, porque como a consciência dos Bem-aventurados é sem dúvida tão pura como a dos Anjos, parece que havemos de dizer que suficientemente estava declarada esta propriedade do Sacramento, com se chamar pão dos Bem-aventurados: *Fru mentum electorum*:<sup>1</sup> logo algũa razão há mais particular por onde além de se chamar pão dos Bem-aventurados, se chama tão especialmente pão dos Anjos: *Panem Angelorum manducavit homo*? E qual será esta razão?

Parece em segundo lugar que a razão é, porque o modo com que os Anjos estão em lugar, é também o modo com que Cristo está no Sacramento: é doutrina sem controvérsia; porque os Anjos estão em lugar por *ubi* difinitivo: quero dizer: cada Anjo está no seu lugar, todo em todo o lugar, e todo em qualquer parte dele: e este também é o modo prodigioso com que Cristo assiste no Sacramento, todo em toda a hóstia, e todo em qualquer parte dela. Oh que rara excelência, que admirável fineza do Sacramento! que o mesmo que faz um Anjo para o serviço de Deus na esfera do seu lugar, faça também Cristo para benefício dos homens naquela cândida esfera! A maior fineza que se pode considerar na prontidão dos Anjos para o serviço de Deus, é, que estando um Anjo todo em todo o seu lugar, esteja todo em qualquer parte dele, tão pronto todo para seu serviço em qualquer parte, quanto está inteiramente em todo o lugar: e que isto mesmo que faz um Anjo sendo espírito para o serviço de Deus, faça também Cristo sendo corpo para benefício dos homens!<sup>m</sup> Que um espírito esteja difinitivamente em lugar, essa é a propriedade do espírito; mas que um corpo esteja em lugar difinitivamente, quem

---

<sup>1</sup> VL, Prophetia Zachariæ, c. 9, v. 17: *Quid enim bonum eius est, et quid pulchrum eius, nisi frumentum electorum, et vinum germinans virgines?* BSP: *Porque qual é o bem dele, e qual a sua formosura, senão o pão dos escolhidos e o vinho que gera virgens?*

<sup>m</sup> Este é o sentido da expressão teológica *Ubi Definitivo*, dita acima. Segundo Bluteau, no *Vocabulário Português e latino* (1712, p. 326), dizem os teólogos que Cristo se sacramentou com *Ubi Definitivo*, que “he um modo o qual poem a cousa indivisivelmente no lugar toda em todo, & toda em qualquer parte; de maneyra, que em qualquer parte do lugar está o peyto, está a cabeça, estão as mãos, & está o corpo todo. E não se Sacramentou o Senhor com *Ubi Circũscriptivo*, que he um modo, o qual poem a cousa repartidamente no lugar, parte em parte, & parte em todo, de sorte, que donde estão as mãos não está a cabeça, onde está a cabeça, não está o peyto, & cada parte do corpo está em sua parte do lugar. [...] O *Ubi Circũscriptivo* he proprio dos corpos, & o *Ubi Definitivo* he proprio dos Espiritos”.

---

<sup>105</sup> prontidão] promptidão (e formas cognatas) A, *passim*.

duvida que quanto tem de prodígio, tanto tem de admiração? Que tanto se empenhe Cristo sacramentado para benefício dos homens, quanto pesa na estimação dos Anjos o serviço de Deus! E que julgando os Anjos que para o serviço de Deus deve estar cada qual deles todo inteiro em qualquer parte do lugar, que assim Cristo para benefício dos homens não só se nos dê sacramentado todo indivisivelmente em toda a hóstia, mas todo inteiramente em qualquer parte! admirável fineza do amor de Cristo!<sup>n</sup>

Quando o Espírito Santo desceu sobre o Cenáculo dos Apóstolos, diz o sagrado Cronista que apareceram várias línguas de fogo, as quais se sentaram todas, cada qual em cada um dos Apóstolos; porém são notáveis as palavras com que o diz: *Apparuerunt dispertitæ linguæ tamquam ignis, seditque supra singulos eorum*:<sup>o</sup> diz que apareceram divididas as línguas, e que se sentou sobre cada um dos Apóstolos: parece que não havia de dizer assim: parece que havia de dizer que as línguas apareceram, e se sentaram; mas apareceram, e sentou-se: *Apparuerunt, seditque*? Sim; porque como o Espírito Santo era quem descia, necessariamente se havia falar em singular, e dizer-se que se sentou, para que assim se entendesse, que quem se sentou foi o mesmo Espírito Santo: *Seditque supra singulos eorum... repleti sunt omnes Spiritu Sancto*.<sup>p</sup> Bem: mas assim como o Espírito Santo foi quem se sentou sobre as cabeças, assim também ele foi o que se repartiu em línguas; e se ele se repartiu, como se diz que todo ele se sentou? Se se repartiu em línguas para todos, como se sentou todo em cada um: *Seditque supra singulos eorum*? Essa vem a ser a excelência do Espírito Santo, e essa a propriedade que tem de amor divino, que se divide sem se dividir, porque quando se reparte, não

---

<sup>n</sup> Embora o *topos* todo/parte seja comum na literatura da época, nota-se, nesse trecho, pela concisão, especial semelhança com versos do poema *Ao braço do mesmo menino Jesus quando apareceu*, de Gregório de Matos: “Em todo o Sacramento está Deus todo / E todo assiste inteiro em qualquer parte, / E feito em partes todo em toda a parte, / Em qualquer parte sempre fica o todo.” Para Wölfflin (1879), a ideia de partes subordinadas a um conjunto (ou fusão das partes em um todo indiviso) é uma das categorias que contrapõem o tipo de representação barroca ao renascentista – de coordenação de figuras autônomas em um conjunto (cf. COUTINHO, 1994, p. 246). Teria havido, então, uma evolução da pluralidade para a unidade. Segundo Hansen (2004, p. 267), entretanto, o tema *unidade de um corpo na pluralidade de membros* já era comum antes do séc. XVII, na poesia dos sécs. XV, XVI, e pode ser encontrado até mesmo no séc. XIII, na *Summa Theologica* de S. Tomaz de Aquino.

<sup>o</sup> Nota marginal: <Act. 2.3.>. **VL**, Actus Apostolorum, c. 2, v. 3: *Et apparuerunt illis dispertitæ linguæ tamquam ignis, seditque supra singulos eorum*. **BSP**: *Apareceram-lhes repartidas umas como línguas de fogo, e pousou sobre cada um deles*.

<sup>p</sup> **VL**, *ibidem*, c. 2, v. 4: *et repleti sunt omnes Spiritu Sancto, et cæperunt loqui varijs linguis, prout Spiritus Sanctus dabat eloqui illis*. **BSP**: *Foram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar várias línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem*.

135 é para se diminuir, senão para se multiplicar; por isso estando dividido nas línguas, e não se  
 sentando mais que ãa só sobre cada ãa das cabeças, ainda assim se sentou sobre cada um todo  
 o Espírito Santo, porque em cada ãa das línguas estava todo: *Apparuerunt dispertitæ linguæ...  
 seditque supra singulos eorum*: porém ainda tenho aqui que reparar, porque as línguas, como  
 se foram flamantes adornos, ou repartidos esmaltes daquela luminosa esfera, diz o Texto  
 sagrado que estavam espalhadas, e divididas por toda a casa; a qual diz o mesmo Texto que  
 estava cheia do Espírito Santo: *Et replevit totam domum ubi erant sedentes*:<sup>q</sup> pois se todo o  
 Espírito Santo ocupava o vão da casa, e se as línguas eram como partes de todo aquele vão,  
 140 como estava todo o Espírito Santo em cada ãa das línguas? Mas que outra cousa havia de  
 fazer o Espírito Santo sendo ele formalmente o mesmo amor divino? Necessariamente havia  
 de comunicar-se todo a todos os Apóstolos, e todo a cada um deles, e não satisfeito com esta  
 ostentação de sua grandeza, necessariamente sendo as línguas de fogo as celestiais porções, e  
 as partes resplandcentes daquela casa felicíssima, necessariamente havia de estar o Espírito  
 Santo não só todo em toda a casa: *Replevit totam domum*; mas também todo em cada ãa das  
 145 línguas, e em cada ãa das partes: *Apparuerunt dispertitæ linguæ... seditque supra singulos  
 eorum*.

150 Eis aqui o que fez o Espírito Santo no Cenáculo, e eis aqui o que faz o corpo do  
 Santíssimo no Sacramento; o Espírito Santo por imensidade, e o corpo do Santíssimo por fineza;  
 o Espírito Santo seguindo as propriedades de Espírito, e o corpo do Santíssimo vencendo as  
 repugnâncias<sup>f</sup> de corpo: assim se faz no Sacramento o amor de Cristo êmulo glorioso

---

<sup>q</sup> VL, Actus Apostolorum, c. 2. v. 2: *et factus est repente de cælo sonus, tamquam aduenientis spiritus vehementis, et repleuit totam domum vbi erant sedentes*. BSP: *e, de repente, veio do céu um estrondo, como de vento que soprava impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados*.

<sup>f</sup> Mesmo que oposição, contrariedade da vontade (cf. MORAES SILVA, 1831, t. 2, p. 627).

não menos que do amor de Deus: porque assim como o Espírito no Cenáculo se comunicou todo a todos os Apóstolos, e todo a cada um deles; assim o corpo de Cristo no Sacramento se dá todo a todos, e todo a cada um: e assim como o Espírito Santo assistiu no Cenáculo todo em toda a casa, e todo em cada ãa das línguas; assim Cristo no Sacramento assiste todo em  
 155 toda a hóstia, e todo em cada ãa das partes; de maneira que não satisfeito Cristo com se dar no Sacramento todo a todos, e todo a cada um, para mais liberalmente se dar, a cada um se dá no Sacramento todo em toda a hóstia, e todo em qualquer parte dela; de tal sorte, que em qualquer ponto indivisível da hóstia se nos dá, e se nos comunica todo Cristo inteiramente: há mais generosidade? há maior fineza de Cristo? Pois se assim imita Cristo no Sacramento para  
 160 benefício dos homens o modo com que os Anjos assistem em qualquer lugar para o serviço de Deus; que muito é, que este diviníssimo Sacramento se chame pão dos Anjos? Que muito que se chame pão Angélico este pão celestial? *Panem Cæli dedit eis: panem Angelorum manducavit homo.*

Esta razão com parecer a mais verdadeira, não é contudo a mais própria, porque  
 165 assim como os Anjos assistem difinitivamente na esfera de seu lugar; assim também cada qual das nossas almas se constitui em lugar difinitivamente toda em todo o corpo, e toda em qualquer parte dele; pois que mais era necessário para declarar-se esta propriedade do Sacramento, do que chamar-se manjar das almas: *Refectio animarum*?<sup>s</sup> Logo alguma razão há mais particular por onde se chama pão dos Anjos: *Panem Angelorum*? E qual será esta  
 170 razão? Parece em terceiro lugar, que a razão é, porque só os Anjos nos ensinam os respeitos

---

<sup>s</sup> A expressão *refectio animarum* foi empregada por São Boaventura, São Tomás de Aquino e outros santos teólogos, pelo que foi incorporada à Lítania do Santíssimo Sacramento (cf. *Litaniæ de Venerabili Sacramento*, p. 41. In: *Sacræ litanie variæ cum brevi píaque quotidiana exercitatione*, 1618).

devidos, e os amorosos termos com que devemos servir, e adorar a inefável consistência de um Deus sacramentado; e para que vejamos este prodigioso modo que os Anjos nos ensinam, ponhamos os olhos no trono de Isaías, e nele veremos soberanamente exposto o augustíssimo mistério do Santíssimo Sacramento: *Vidi Dominum super solium excelsum et elevatum...*

175 *Sanctus, Sanctus, Sanctus:*<sup>t</sup> digo que este é o mistério que estava exposto, porque ele é por antonomásia o Senhor: *Vidi Dominum*, e ele é nomeadamente o Santíssimo, *Sanctus, Sanctus, Sanctus*: na presença pois deste santíssimo mistério diz o Profeta que vira dous Serafins, os quais com duas asas cobriam os olhos, e que estendiam outras duas asas: *Duabus velabant, et duabus volabant.*<sup>u</sup> Ora qual seria o intento destes dous abrasados Serafins? a que fim cobriam

180 os olhos? a que fim estenderiam as asas? Poderá parecer que estendiam as asas para voar à presença do mesmo Deus, e que contudo cobriam os olhos para não cegar aos raios de tão divina presença; porém se o Senhor estava sacramentado, visto é que estava escondido: logo não era necessário cobrir os olhos para não cegar aos raios: mais: os Serafins já estavam assistindo no mesmo trono de Deus: *Stabant super illud:*<sup>v</sup> logo não era necessário bater as asas para chegar ao

185 trono: pois logo por que razão estendiam as asas, e por que razão vendavam os olhos? A razão é; porque assim se venera, e assim se adora o mistério Santíssimo do Altar: para venerarmos devidamente este soberano mistério, devemos fechar os olhos, e descobrir os peitos; porque devemos cegar os entendimentos, e render as vontades: isto é saber venerar este santíssimo mistério, cativar os discursos, e entregar os corações: e porque os dous entendidos Se-

---

<sup>t</sup> Nota marginal: <Isai. 6. 1.>. **VL**, Liber Isaiaë, c. 6, v. 1-3: *In anno, quo mortuus est rex Ozias, vidi Dominum sedentem super solium excelsum et elevatum: et ea quæ sub ipso erant, implebant templum. Seraphin stabant super illud: sex alæ vni, et sex alæ alteri: duabus velabant faciem eius, et duabus velabant pedes eius, et duabus volabant. Et clamabant alter ad alterum, et dicebant: Sanctus, sanctus, sanctus, Dominus Deus exercituum, plena est omnis terra gloria eius. BSP: No ano em que morreu o rei Ozias, vi o Senhor sentado sobre um alto e elevado trono; as franjas do seu vestido enchem o templo. Os serafins estavam por cima do trono; cada um deles tinha seis asas; com duas cobriam a sua face, com duas cobriam os pés e com duas voavam. Clamavam um para o outro e diziam: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus dos exércitos, toda terra está cheia da sua glória.*

<sup>u</sup> *Loc. cit.*

<sup>v</sup> *Loc. cit.*

190 rafins queriam que o mundo o tivesse assim entendido, por isso estendiam as asas, e cobriam os olhos; por isso estendiam as asas, descobrindo, e como entregando os peitos; e cobriam os olhos, como rendendo, e cativando os discursos:<sup>w</sup> *Duabus velabant: duabus volabant*.

195 Desta maneira nos ensinam os Anjos o como devemos venerar ao mistério santíssimo da Eucaristia, e considerada bem a mesma essência do mistério, este é sem dúvida o verdadeiro modo de o venerar; porque sendo o mistério da Eucaristia por excelência o mistério da fé, sendo um mistério tão escondido, onde não somente não vemos o que adoramos, mas adoramos contra o que vemos, quem duvida que no rendimento de nossos discursos consiste a veneração de seus respeitos? e sendo ele o manjar de nossas almas, quem duvida que sobre lhe rendermos os entendimentos, lhe devemos entregar os corações? Se  
200 pusermos os olhos em Cristo morto na Cruz, veremos que tem o peito rasgado, e a cabeça inclinada sobre o peito: mas por que ajunta Cristo a rasgadura do peito com a inclinação da cabeça? Porque assim nos quis Cristo ensinar na Cruz os respeitos que se lhe devem no Sacramento: tinha Cristo o Sacramento encerrado no peito, porque o havia recebido no Cenáculo, e como quem divinamente entendia que os respeitos devidos ao Sacramento  
205 consistem em que os entendimentos se lhe rendam, e em que os corações se lhe abram, por isso tributando igualmente ãa, e outra veneração ao Sacramento que encerrava no peito, inclinou-lhe a cabeça, como rendendo-lhe os discursos, e descobriu-lhe o peito, como entregando-lhe a posse de seu coração.

Porém que muito<sup>x</sup> que Cristo assim respeitasse ao Sacramento na

---

<sup>w</sup> Isto é, renunciando ao uso da razão (cf. BLUTEAU, 1789, v. 1, p. 246, 442).

<sup>x</sup> A expressão “que muito”, frequente também nos sermões de Vieira, equivale a “que há de estranho”, “que admiração” (cf. *Léxicon*. In: VIEIRA, 2010, p. 643).

210 Cruz, se essa vem a ser a essência, ou ao menos a propriedade do Sacramento? *In me manet, et ego in illo*,<sup>y</sup> diz Cristo: diz que ele fica em nós, e que nós ficamos nele: admiráveis palavras! Que ele fique em nós, bem entendendo; porque lhe devemos abrir os peitos para o receber nos corações; porém que nós fiquemos nele também? pois isso de que maneira? Não ficando nós em nós; porque não somente lhe devemos entregar os corações, senão que

215 também lhe devemos render os entendimentos. São as espécies do Sacramento pão, e vinho: pois de um pão tão delicioso, que se havia de esperar senão que os corações se ocupassem? e de um vinho tão extático que se havia de seguir senão que os entendimentos se rendessem? Tem o Sacramento da Eucaristia muito de fineza, e muito de mistério, e a tanta fineza que coração deixará de render-se? a tão grande mistério que entendimento deixará de eclipsar-se?

220 Justo é logo, que obrigados da fineza lhe entreguemos os corações, e justo é que absortos do mistério lhe rendamos os entendimentos; e desta sorte se verá que ele fica recebido em nós, e nós ficamos absortos nele: *In me manet, et ego in illo*. Eis aqui os amorosos respeitos com que o Sacramento do Altar deve ser tratado de todos nós: e não é este propriamente o estilo com que os Anjos veneram ao Sacramento? se cobrem os olhos, não é para cativar os discursos? se descobrem os peitos, não é para entregar os corações? Diga-se logo, e com razão, que este celestial mistério não obstante ser sustento dos homens, se deve chamar pão dos Anjos: *Panem Cœli dedit eis: panem Angelorum manducavit homo*.

225

Só esta terceira razão poderia parecer a mais própria, contudo como este estilo de adoração se

---

<sup>y</sup> **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 6, v. 57: *qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem, in me manet, et ego in illo*. **BSP**: *O que come a minha carne e bebe o meu sangue, permanece em mim e eu nele*.

atribui só a dous Serafins, ainda me parece que não é esta a própria razão por que o mistério da Eucaristia se chama pão dos Anjos; pelo menos se esta razão é a própria, ainda considero que não é a principal: pois qual será? Respondo, que a meu ver a principal razão por onde o mistério da Eucaristia se deve chamar pão dos Anjos, é sem dúvida, porque o Príncipe de todos eles o glorioso S. Miguel, e todos eles em seguimento de seu glorioso Príncipe tomaram, e têm por sua singular empresa a existência, a verdade, e a veneração deste sempre augustíssimo mistério. Para desempenho do que digo: digo primeiramente, que de certo não podem averiguar os Doutores qual foi o ponto da controvérsia que tiveram entre si São Miguel, e Lúcifer; porque ainda que dizem comumente que debateu o ponto sobre a união hipostática,<sup>z</sup> e divindade de Cristo, contudo não é fé, senão discurso, e nesta incerteza cuido eu que também poderemos dizer a nossa opinião; pelo que não obstante a sentença mais vulgar que os Anjos contenderam sobre a Encarnação do Verbo, a mim me parece que contenderam sobre o mistério do Altar, e para que se veja o fundamento com que o digo, discorro assim.

Primeiramente a primeira figura do Sacramento que houve em todo o mundo, bem sabido é que foi o fruto da vida que Deus plantou no Paraíso: para defender aquele peregrino fruto, bem sabido é também que está um Anjo posto da mão de Deus: mas qual será este Anjo? Diz Pantaleão Diácono,<sup>aa</sup> que é S. Miguel: pois qual seria a razão por que escolheu Deus a S. Miguel por guarda daquele fruto? Bem sei que não podemos de certo dar esta razão: mas que podemos conjecturar senão que viu Deus o gênio

---

<sup>z</sup> Controvérsia cristológica sobre a simultaneidade das naturezas divina e humana em Jesus (cf. DUPOIS, 2004, p. 128-152).

<sup>aa</sup> Nota marginal: <Apud. Viegas in 12 Apoc. sect. 17>. Referência a *Narratio miraculorum Michaelis Archangeli*, de Pantaleão, diácono de Constantinopla. (cf. PANTALEON DIACONUS, in: MIGNE, P.G., v. 140, col. 483-592, 1887).

de S. Miguel, e que conforme o gênio lhe encarregou o ofício? que havemos de dizer senão que como Deus viu a galhardia com que S. Miguel defendeu a veneração do Sacramento no Céu, que por isso o mandou defender o fruto da vida no Paraíso? O certo é, que posto São Miguel em campo contra os desvanecimentos de Lúcifer, bem sabem todos que o não seguiram um, nem dous Anjos, senão que todos os Anjos bons seguiram, e defenderam a parte de S. Miguel: *Michael, et Angeli ejus præliabantur cum Dracone*:<sup>bb</sup> pois se todos os Anjos o seguiram, que havemos de dizer senão que defendiam a veneração, e a existência do pão dos Anjos? Eu me declaro com um exemplo.

Quando Cristo no deserto contendeu com o Demônio, estavam os Anjos à vista, ou admirando a batalha, ou esperando a vitória, e conseguida ela, diz o Evangelista que com iguarias do Céu chegaram a servir à mesa do Senhor: *Ecce Angeli accesserunt, et ministrabant ei*:<sup>cc</sup> *Ministrabant cibum, et potum*,<sup>dd</sup> expõe Santo Tomás, e S. Boaventura:<sup>ee</sup> porém quantos Anjos lhe serviram à mesa? Não o diz o Evangelista, porque lhes não achou número; só diz, que os Anjos o serviram, para que assim entendêssemos que o serviram todos os Anjos. Aqui agora o meu reparo: e por que razão o serviram todos? Para se efetuar o mistério da Encarnação veio um só Anjo: *Missus est Angelus*:<sup>ff</sup> para livrar a Cristo das mãos de Herodes, veio um só Anjo: *Ecce Angelus Domini apparuit in somnis*:<sup>gg</sup> para aliviar a Cristo nas agonias do Horto, veio um só Anjo: *Apparuit Angelus de Cælo confortans eum*:<sup>hh</sup> para divulgar a Ressurreição de Cristo, apareceram quando muito dous Anjos: *Vidit duos Angelos sedentes*:<sup>ii</sup> e outros dous apareceram em sua glóriosa Ascensão:

<sup>bb</sup> Nota marginal: <Apoc. 12 7>. **VL**, Apocalypsis Ioannis, c. 12, v. 7: *Et factum est prælium magnum in cælo Michael, et angeli eius præliabantur cum dracone, et draco pugnat, et angeli eius*. **BSP**: Houve no céu uma grande batalha: Miguel e os seus anjos pelejavam contra o dragão, e o dragão com os seus anjos pelejava contra ele.

<sup>cc</sup> **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 4, v. 11: *Tunc reliquit eum diabolus: et ecce angeli accesserunt, et ministrabant ei*. **BSP**: Então o demônio deixou-o; e eis que os anjos se aproximaram e o serviram.

<sup>dd</sup> “Servindo comida e bebida” (tradução nossa).

<sup>ee</sup> Nota marginal: <D. Bon. c 14. de vita Christ.>. Referência a *Vitæ Christi*, de S. Bonaventura Bagnoregis, 1221-1274 (cf. BONAVENTURA, 1511).

<sup>ff</sup> Nota marginal: <Luc. 1. 26.>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 1, v. 26: *In mense autem sexto, missus est Angelus Gabriel a Deo in ciuitatem Galilææ, cui nomen Nazareth*. **BSP**: Estando Isabel no sexto mês, foi enviado por Deus o anjo Gabriel a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré.

<sup>gg</sup> Nota marginal: <Matt. 1 20>. **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 1, v. 20: *Hæc autem eo cogitante, ecce Angelus Domini apparuit in somnis ei, dicens: Ioseph fili David, noli timere accipere Mariam coniugem tuam: quod enim in ea natum est, de Spiritu Sancto est*. **BSP**: Andando ele com isto no pensamento, eis que um anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos, e lhe disse: José, filho de Davi, não temas receber em tua casa Maria, tua esposa, porque o que nela foi concebido é (obra) do Espírito Santo.

<sup>hh</sup> Nota marginal: <Luc. 22 43.>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 22, v. 43: *Apparuit autem illi Angelus de cælo, confortans eum. Et factus in agonia, prolixius orabat*. **BSP**: Então, apareceu-lhe um anjo do céu, que o confortava. Posto em agonia, orava mais instantemente.

<sup>ii</sup> Nota marginal: <Joan. 20. 12.>. **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 20, v. 12: *et vidit duos angelos in albis, sedentes, vnum ad caput, et vnum ad pedes, vbi positum fuerat corpus Iesu*. **BSP**: E viu dois anjos vestidos de branco, sentados no lugar onde fora posto o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés.

270 *Ecce duo viri astiterunt juxta illos:*<sup>jj</sup> de sorte que para servirem a Cristo em outro qualquer  
 mistério, vem um até dous Anjos; e para servirem à mesa de Cristo, todos os Anjos vêm: pois  
 qual poderia ser a razão da diferença? Qual havia de ser? Era aquele convite celestial figura do  
 divino Sacramento; ou porque a mesa era de Cristo, ou porque o manjar era dos Anjos, e para  
 que se entendesse que quando um só até dous Anjos serve a Cristo nos outros mistérios, todos  
 os Anjos juntos se ocupam em servi-lo no mistério da Eucaristia: ou para que se entendesse  
 275 Sacramento; por isso não se achando mais que um até dous Anjos nos outros mistérios, se  
 acharam contudo no convite do deserto juntos todos os Anjos: *Ecce Angeli accesserunt, et  
 ministrabant ei.*

280 Daqui venho a tirar por consequência o fundamento da minha opinião, porque se para  
 servir a Cristo nos outros mistérios não assistem todos os Anjos, e se só lhe assistem todos  
 quando é para o servirem no Sacramento do Altar, sendo certo que todos eles se puseram em  
 campanha contra os intentos de Lúcifer; bem se segue que todo o empenho dos Anjos foi  
 defender a existência, e a veneração do Sacramento. E verdadeiramente neste caso do deserto  
 se viu bem representada a batalha do Paraíso; porque ali se viu Cristo no meio de duas  
 opiniões contrárias, de ãa parte combatido, da outra venerado; de uma parte tentado do  
 285 Demônio, de outra assistido dos Anjos; de ãa parte o Demônio contendia que fosse o seu pão  
 feito de pedras, da outra contendiam os Anjos que fosse o seu manjar pão de delícias: enfim  
 retirou-se o Demônio, triunfou Cristo, e ficou no campo como vitorioso o pão

---

<sup>jj</sup> Nota marginal: <Act. 1. 10.>. **VL**, *Actus Apostolorum*, c. 1, v. 10: *Cumque intuerentur in caelum euntem illum, ecce duo viri astiterunt iuxta illos in vestibus albis*. **BSP**: *Como estivessem olhando para o céu, quando ele ia subindo, eis que se apresentaram junto deles dois personagens vestidos de branco.*

dos Anjos, dando-se os vivas, e cantando-se os aplausos a tão divino, e a tão soberano pão: *Ecce Angeli accesserunt, et ministrabant ei*. Eis aqui a contenda dos Anjos com o Demônio no deserto: pois por que não diremos também que esta mesma foi a contenda do Paraíso? Mas para que é argumentarmos com as conjecturas, quando temos tanto à mão as evidências? Para que é buscarmos o fundamento na semelhança, quando temos o caso na Escritura?

Diz S. João no seu Apocalipse, que S. Miguel, e os Anjos todos de sua vitoriosa esquadra batalharam no Céu contra o Demônio: *Michael, et Angeli ejus præliabantur cum Dracone*:<sup>kk</sup> *tantæ ne animis Cælestibus iræ*?<sup>ll</sup> Que até no Céu, que até entre os Anjos houvesse discórdias? E qual foi a causa da guerra dos Anjos? O mesmo S. João nos há de dizer esta causa: *Signum magnum apparuit in Cælo, mulier amicta Sole et Luna sub pedibus ejus, et in capite ejus corona stellarum duodecim, et in utero habens*:<sup>mmm</sup> diz que vira ãa mulher celestial, que estando cercada dos raios do Sol, tinha concebido em suas puríssimas entranhas ao mesmo filho de Deus: contra o filho desta misteriosa mulher diz o Evangelista que se armara o Dragão, não só para o vencer, senão para o tragar: *Draco stetit ante mulierem, quæ erat paritura, ut cum peperisset, filium ejus devoraret*:<sup>nn</sup> e esta diz S. João que foi toda a causa da guerra que houve no Céu: *Et factum est prælium magnum in cælo*.<sup>oo</sup> Não temos que duvidar nem quem fosse a mulher, nem quem fosse o filho; porque bem claro está que a mulher era a Mãe Santíssima de Deus, e que o filho era Cristo filho da Virgem Santíssima; porém faz-me dúvida o modo com que o Dragão se avançou contra o filho da Virgem: *Ut filium ejus devoraret*: e por que não diz o Evangelista que o quisera vencer, ou que o quisera destruir, senão que

<sup>kk</sup> **VL**, Apocalypsis Ioannis, c. 12, v. 7: *Et factum est prælium in cælo Michael, et angeli eius præliabantur cum dracone, et draco pugnabat, et angeli eius*. **BSP**: Houve no céu uma grande batalha: Miguel e os seus anjos pelejavam contra o dragão, e o dragão com os seus anjos pelejava contra ele.

<sup>ll</sup> Esta frase não está na citação do Apocalipse, acima, mas na *Eneida*, de Virgílio, com pequena variação: *Tantæne animis cælestibus iræ?* (cf. VIRGILII, *Æneidos*, Liber Primus, l. 15).

<sup>mmm</sup> Nota marginal: <Apoc 12 1.>. **VL**, Apocalypsis Ioannis, c. 12, v. 1-2: *Et signum magnum apparuit in cælo: Mulier amicta sole, et luna sub pedibus eius, et in capite eius corona stellarum duodecim, et in vtero habens, clamabat parturiens, et cruciabatut vt pariat*. **BSP**: Depois apareceu no céu um grande sinal: uma mulher vestida com o sol, com a lua debaixo de seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça. Estava grávida, e clamava com dores de parto e sofria tormentos para dar à luz.

<sup>nn</sup> **VL**, Apocalypsis Ioannis, c. 12, v. 4: [...] *et draco stetit ante mulierem, quæ erat paritura; vt cum peperisset, filium ejus deuoraret*. **BSP**: [...] Depois o dragão parou diante da mulher, que estava para dar à luz, a fim de devorar o seu filho, logo que ela o tivesse dado à luz.

<sup>oo</sup> Idem nota “bb”.

o quisera tragar? pois há mistério em que o filho da Virgem pode ser tragado? Sim, o mistério em que pode ser comido: segue-se logo que todo o deslumbramento do Dragão foi contra aquele mistério em que Cristo pode ser comido, e pelo conseguinte que na diferença deste mistério debateu todo o ponto de S. Miguel contra o Dragão; e como em nenhum outro mistério pode Cristo ser comido senão onde o adoramos sacramentado, bem claro fica que defender a existência, e a veneração de Cristo sacramentado, foi todo o ponto dos Anjos, e todo o empenho de S. Miguel: *Draco stetit ante mulierem, ut devoraret filium ejus: Michael, et Angeli ejus præliabantur, etc.*<sup>pp</sup>

E para que melhor realce a probabilidade deste meu parecer, fundemos ultimamente a sua verdade no mesmo principal fundamento da contrária, e mais vulgar opinião: o principal fundamento em que se estribam os Doutores que dizem que a controvérsia dos Anjos foi sobre o mistério da Encarnação, são aquelas palavras de S. Paulo: *Et cum iterum introducit primogenitum in orbem terræ, dicit, adorent eum omnes Angeli Dei.*<sup>qq</sup> Destas palavras de S. Paulo, e principalmente daquela palavra, *iterum introducit*, colhem os Doutores, que Cristo Senhor nosso foi duas vezes dado ao mundo: a primeira na criação dos Anjos, quando lhes foi revelado o mistério da Encarnação: e a segunda no nascimento de Cristo quando se deu à execução esse mistério; donde vem a concluir que por isso pecaram os Anjos que caíram, porque não obedeceram ao preceito que se lhes impôs sobre o mistério da Encarnação: *Et dicit, adorent eum omnes Angeli Dei.* Agora para fundar sobre este mesmo Texto a minha opinião, argumento assim: Os Anjos que caíram é certo que não co-

---

<sup>pp</sup> Idem notas “kk” e “nn”.

<sup>qq</sup> Nota marginal: <Heb. 1. 6.>. **VL**, Epistula as Hebræos, c. 1, v. 6: *Et cum iterum introducit primogenitum in orbem terræ, dicit: Et adorent eum omnes Angeli Dei.* **BSP**: *E novamente, quando introduz o seu Primogênito no mundo: “Todos os anjos de Deus o adorem”?*

meteram o pecado senão quando se lhes pôs o preceito, o qual preceito é certo também que se  
 330 lhes não pôs senão quando Cristo foi dado ao mundo segunda vez: *Et cum iterum introducit, dicit, adorent eum*: sed sic est,<sup>rr</sup> que o pecado dos Anjos não sucedeu quando foi a execução do mistério, senão na mesma criação dos Anjos: segue-se logo que na mesma criação dos Anjos se lhes pôs Cristo duas vezes, e que da segunda vez se lhes impôs o preceito de adorarem a Cristo: *Et cum iterum introducit primogenitum, dicit, adorent eum omnes Angeli Dei* mas quais foram os dous mistérios em que o Eterno Padre propôs aos Anjos a seu Unigênito filho dado duas vezes ao mundo? Digo que o primeiro foi o mistério da Encarnação, e o segundo foi o mistério da Eucaristia; porque em ambos foi Cristo dado ao mundo: na Encarnação: *Ut filium suum unigenitum daret*,<sup>ss</sup> e na Eucaristia: *Panem Cæli dedit eis*:<sup>tt</sup> e neste segundo mistério, neste mistério soberano em que o Eterno Padre deu ao mundo  
 340 segunda vez a seu Unigênito filho, neste digo que pôs preceito aos Anjos que adorassem a Cristo como verdadeiro Deus: *Et cum iterum introducit primogenitum in orbem terræ, dicit, adorent eum omnes Angeli Dei*: pois como toda a controvérsia dos Anjos foi sobre a obediência deste preceito de Deus; parece que por boa consequência devemos confessar que sobre a adoração do mistério da Eucaristia foi toda a divisão, e diferença dos Anjos.

345 Confirmemos este pensamento com a mesma execução. Quando Cristo nasceu na terra, diz o Evangelista que todos os Anjos, formando um luzidíssimo exército dividido em alas, se puseram todos em campo a som de guerra: e acrescenta, que de todos aqueles esquadrões volantes vinha por General o Príncipe dos Anjos: *Facta est cum Angelo multitudo*<sup>uu</sup>

---

<sup>rr</sup> “mas assim é” (tradução nossa).

<sup>ss</sup> Nota marginal: <Joan. 3. 16.>. **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 3, v. 16: *Sic enim Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret: ut omnis, qui credit in eum, non pereat, sed habeat vitam æternam. BSP: Porque Deus amou de tal modo o mundo, que lhe deu seu filho Unigênito, para que todo o que crê nele não pereça, mas tenha a vida eterna.*

<sup>tt</sup> Nota marginal: <Psal 77. 24.>. **VL, BSP: VL**, Liber Psalmorum, c. 77, v. 24: *Et pluit illis manna ad manducandum, et panem cæli dedit eis. BSP: Fez chover sobre eles maná para comerem, / e deu-lhes um pão do céu.*

<sup>uu</sup> Nota marginal: <Luc. 2. 13.>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 2, v. 13: *Et subito facta est cum angelo multitudo militiæ cælestis, laudantium Deum, et dicentium. BSP: Subitamente apareceu com o anjo uma multidão da milícia celeste, louvando a Deus e dizendo:[...].*

350 *militiæ Cælestis*: pois por que se não puseram os Anjos em campo quando o Verbo encarnou, senão quando Cristo nasceu? Se foi para mostrarem que a sua contenda não havia sido sobre a Encarnação, também não havia sido sobre o nascimento: pois por que mais se formam em campo quando se executa o nascimento, do que quando se executa a Encarnação? Direi: Cristo nascia em Belém, que na exposição de S. Gregório Magno<sup>vv</sup> quer dizer casa de pão: *Bethlem domus panis interpretatur*;<sup>ww</sup> com que havemos de dizer que já Cristo nascido  
355 representava a Cristo sacramentado, e que aquele mesmo Deus, que ali nascia entre palhas, era o trigo celestial que se nos havia de dar em pão: pois para que se visse no mundo que a contenda que haviam tido entre si todos os Anjos em sua criação, não havia sido tanto sobre o mistério da Encarnação, quanto sobre o mistério da Eucaristia, por isso, quando foi à execução dos mistérios, no mistério da Encarnação não saíram os Anjos a campo; mas no mistério do  
360 nascimento, ali onde se dispunha em sombras a verdade, e a existência do Sacramento do Altar, como preparando-se com armas nas mãos para a defesa de tão alto Sacramento, já desde ali se puseram os Anjos em campo, e já desde ali formou S. Miguel o exército dos Anjos: *Facta est cum Angelo multitudo militiæ Cælestis*.

365 E verdadeiramente que sobre este sacrossanto mistério fosse toda a dissensão dos Anjos, e que a dúvida que altercaram entre si, fosse toda sobre este alvo de dúvidas, assim parece que o persuade ainda a mesma razão; porque no mistério da Encarnação ainda que Cristo é verdadeiramente homem, também é realmente Deus: logo não se lhe faria tão dificultoso ao Demônio adorar a Cristo por Deus no mistério da Encarnação, nem seria neces-

---

<sup>vv</sup> Nota marginal: <D. Greg. Magn. Hom 8.>. Ref. a Gregorius Magnus, *Homiliæ Octava – Homilia lectionis eiusdem habitæ ad populum in Basilica beatæ Mariæ, in die natalis Domini* (cf. GREGORII, 1550).

<sup>ww</sup> “Belém significa casa de pão” (tradução nossa).

370 sário a Deus pôr-lhes preceito que adorassem a Cristo por Deus nesse mistério, principalmente  
quando então se propunha a todos os Anjos ainda na mesma entidade da união hipostática  
toda a excelência do mistério, toda a superioridade da Encarnação: porém no mistério  
santíssimo da Eucaristia não está Cristo formalmente enquanto Deus, senão só enquanto  
homem expressamente; antes, *ex vi verborum*,<sup>xx</sup> só está enquanto corpo de homem, e  
375 sobretudo está Cristo debaixo das espécies de um pouco de pão, ainda que acreditando seu  
amor, todavia como desmentindo sua grandeza, e que contudo se visse o Demônio obrigado a  
adorar no Sacramento a Deus! esta foi sem dúvida toda a força do preceito de Deus, esta sem  
dúvida foi toda a relutância do Demônio, e esta toda a causa de seu pecado, e de sua perdição.  
380 Pelo contrário S. Miguel divinamente ilustrado, como ainda no disfarce do pão soube  
reconhecer a soberania do mistério, e como naquele círculo de alvuras soube adorar o centro  
da divindade, esse sem dúvida havemos de dizer que foi todo o cuidado, todo o merecimento,  
e todo o triunfo de São Miguel: *Draco stetit ante mulierem, ut devoraret filium ejus: Michael,*  
*et Angeli ejus praeliabantur cum Dracone.*

Esta cuida que deve ser a razão por que todo aquele exército de Anjos que pôs S.  
385 Miguel em campo no nascimento de Cristo, de tal maneira vinham marchando para  
Belém, que vinham juntamente cantando: *Facta est cum Angelo multitudo militiae*  
*Cœlestis laudantium Deum*.<sup>yy</sup> como vinham a defender o Sacramento, traziam armas, e  
porque já o haviam defendido, celebravam vitórias: eram formados esquadrões, e eram  
alternados coros, porque vinham em coros cantando a antiga vitória, e vinham em es-

---

<sup>xx</sup> “pela força das palavras” (tradução nossa).

<sup>yy</sup> Idem nota “uu”.

---

<sup>378</sup> relutância] reluctancia A.

390 quadros dispondo-se a contínua batalha: vinham em esquadrões marchando para Belém em  
 defesa do Sacramento: *Facta est cum Angelo multitudo militiæ Cælestis*; e vinham em coros  
 cantando vitórias: *Laudantium Deum*: para assim mostrarem que a vitória que vinham  
 cantando em coros, era alcançada em defesa do mesmo Sacramento quando em sua criação  
 se haviam formado em esquadrões: *Michael, et Angeli ejus præliabantur cum Dracone*.  
 395 Tiremos logo por consequência de todo este discurso que a principal razão por que o  
 Sacramento se chama pão dos Anjos, é porque todo o empenho dos Anjos foi defender no Céu  
 ao Sacramento, e por isso verdadeiramente se deve chamar pão do Céu, porque  
 verdadeiramente é pão dos Anjos: *Panem Cæli dedit eis: panem Angelorum manducavit*  
*homo*: é verdade que de lá não desceu consagrado, mas de lá desceu defendido; e porque no  
 400 Céu o defenderam os Anjos, por isso com toda a verdade se pode dizer que é pão que desceu  
 do Céu: *Hic est panis, qui de Cælo descendit*.

Esta é, todo poderoso Deus, e Senhor nosso, esta é a causa por que em dia de S.  
 Miguel se celebra vossa inefável existência com tanta grandeza, com tanta Cristandade, e  
 com tanta demonstração, para que assim conheça o mundo que sendo vós o sustento, e o  
 405 regalo dos homens, sois também todo o cuidado, todo o merecimento, e toda a glória dos  
 Anjos; e esse, Senhor, será hoje o maior encarecimento de vossa glória, que a glória dos  
 Anjos em parte é hoje maior que a vossa, porque é tanta a vossa grandeza, e a vossa  
 soberania tanta, que ainda mais se devem os Anjos gloriar de haver-vos defendido a vós,  
 do que deveis gloriar-vos vós de vos veres defendido dos Anjos; mas sendo maior a sua  
 410 glória, maior é a vossa fineza, que mais fazeis vós sen-

do corpo, e ainda fizéreis mais sendo espírito, em assistir em qualquer ponto dessa hóstia para benefício dos homens, do que fazem juntos todos os Anjos em assistir em qualquer parte para o serviço de Deus, porque enfim toda a vossa presença para conosco é fineza, e toda a sua assistência para convosco é obrigação. Eia pois, amorosíssimo Senhor, já que sois a iguaria do Céu, e o pão dos Anjos, comunicai-nos a consciência dos Anjos, para que dignamente recebamos esse pão do Céu, e para que possamos subir ao mesmo Céu donde quisestes descer, enquanto vos rendemos os entendimentos, e vos entregamos os corações, vós Senhor nos assisti com vossos soberanos auxílios, como fonte que sois da graça, e como penhor que sois da glória: *Quam mihi, et vobis, etc.*<sup>zz</sup>

---

<sup>zz</sup> Abreviação da fórmula de encerramento de sermões, *Quam mihi et vobis præstare dignetur Dominus Deus Omnipotens*. Tradução nossa: “A qual o Senhor Deus Onipotente se digne conceder a mim e a vós”.

**Sermão Quinto, pregado em a festa que faz a Justiça em a Primeira Oitava do Espírito Santo no Convento de N. Senhora do Carmo da cidade da Bahia.**

---

*Hoc autem est iudicium: quia lux venit in mundum.* Joann. cap. 3.<sup>a</sup>

No dia de ontem desceu o Espírito Santo do Céu à terra em línguas de fogo; hoje desce em raios de luz: ontem que desceu ao Cenáculo dos Apóstolos, desceu em línguas de fogo, porque desceu para abrasar corações; hoje que vem assistir aos Tribunais da  
 5 Justiça, desce em raios de luz, porque vem a ilustrar entendimentos; antes se bem repararmos, acharemos que já no dia de ontem descendo em línguas de fogo, já vinha em forma de luz; e senão reparemos nas palavras do Texto: *Apparuerunt dispertitæ linguæ tanquam ignis:*<sup>b</sup> não diz que eram línguas de fogo, senão como de fo-

---

<sup>a</sup> Vulgata Latina (1605), doravante **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 3, v. 19: *Hoc est autem iudicium: quia lux venit in mundum, et dilexerunt homines magis tenebras, quam lucem: erant enim eorum mala opera.* Bíblia Sagrada – Edições Paulinas (1986), doravante **BSP**: *A condenação está nisto: A luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más.*

<sup>b</sup> **VL**, Actus Apostolorum, c. 2, v. 3: *Et apparuerunt illis dispertitæ linguæ tanquam ignis, seditque supra singulos eorum.* **BSP**: *Apareceram-lhes repartidas umas como línguas de fogo, e pousou sobre cada um deles.*

10 go, *tanquam ignis*: e por quê? Porque eram línguas de luz, eram na realidade luz, e só na  
 aparência fogo; pareciam de fogo, porque abrasavam os corações, mas eram de luz, porque  
 ilustravam os entendimentos: *Seditque supra singulos eorum*.<sup>c</sup> Mas se o intento do Espírito  
 Santo era abrasar em amor divino os corações dos Apóstolos, por que não desceu realmente  
 como fogo ateadado em seus corações, senão mais propriamente como luz assentada sobre suas  
 15 cabeças? A razão a meu ver é; porque os Apóstolos são os Julgadores do mundo: *Sedebitis et  
 vos judicantes*;<sup>d</sup> e ali no Cenáculo estavam já como postos em Tribunal: *Et replevit totam  
 domum ubi erant sedentes*:<sup>e</sup> e para que se entendesse no mundo que a propriedade do Espírito  
 Santo é assistir em forma de luz a todos os Julgadores, por isso já ontem desceu como luz  
 sobre as cabeças dos Apóstolos, *tanquam ignis*; porque hoje havia de assistir a todo este  
 Tribunal em forma de luz: *Quia lux venit in mundum*.

20 Eu bem sei que estas palavras do nosso tema no sentido literal falam de Cristo  
 verdadeira luz do mundo: *Ego sum lux mundi*;<sup>f</sup> porém hoje com grandíssima  
 propriedade as aplica a Igreja Católica ao Espírito Santo, que igualmente é também luz  
 verdadeira: *O lux beatissima: veni lumen cordium*:<sup>g</sup> e digo que com grandíssima  
 25 propriedade lhe dá hoje a Igreja Católica o nome de luz; porque ainda que o Espírito  
 Santo é verdadeira luz do mundo, contudo nunca parece que com mais propriedade  
 exercita o nome de luz, do que quando assiste aos Tribunais da Justiça. Na criação do  
 mundo, na Encarnação do Verbo, e no Bautismo de Cristo também desceu o Espírito  
 Santo do Céu à terra, e contudo não desceu em forma de luz, senão em figura de  
 pomba: pois por que razão desceu mais ao Cenáculo dos Apóstolos em

<sup>c</sup> Vide nota anterior.

<sup>d</sup> Nota marginal: <Mat. 19. 28. >. **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 19, v. 28: *Iesus autem dixit illis: Amen dico vobis, quod vos qui secuti estis me, in regeneratione, cum sederit Filius hominis in sede maiestatis suæ, sedebitis et vos super sedes duodecim, iudicantes duodecim tribus Israel*. **BSP**: *Jesus disse-lhes: Em verdade vos digo que, no dia da regeneração, quando o Filho do homem estiver sentado no trono da sua glória, vós, que me seguistes, também estareis sentados sobre doze tronos, e julgareis as doze tribos de Israel*.

<sup>e</sup> Nota marginal: <Act. 2 2.>. **VL**, Actus Apostolorum, c. 2. v. 2: *et factus est repente de cælo sonus, tanquam aduenientis spiritus vehementis, et replevit totam domum vbi erant sedentes*. **BSP**: *e, de repente, veio do céu um estrondo, como de vento que soprava impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados*.

<sup>f</sup> Nota marginal: <Joan. 8. 11.>. **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 8, v. 12: *Iterum ergo locutus est eis Iesus, dicens: Ego sum lux mundi: qui sequitur me, non ambulat in tenebris, sed habebit lucem vitæ*. **BSP**: *Outra vez lhes falou Jesus, dizendo: Eu sou a luz do mundo; o que me segue não andará nas trevas, mas terá a luz da vida*.

<sup>g</sup> “ Oh luz bendita, vem, luz dos corações!” (tradução nossa). Trecho de *Veni Sancte Spiritus*, ou “Sequência de Pentecostes”, presente no Missal Romano (cf. CLEMENTIS VIII, 1625, p. 351-352) e no Compêndio de Catecismo da Igreja Católica (cf. RATZINGER, 2005).

30 forma de luz? Já fica dada a razão. Os Apóstolos eram os Juizes do mundo, e ainda que o  
Espírito Santo sempre é luz verdadeira, quando assiste ao Tribunais da Justiça, então é que  
mais especialmente toma forma de luz. Com razão logo a Igreja Católica lhe dá o nome de luz  
quando assiste ao Tribunal da Justiça: *Quia lux venit in mundum*. Suposto pois que hoje o  
Espírito Santo para assistir a este retíssimo Tribunal desceu à terra em forma de luz, para  
35 entendermos os documentos que dá, e a Justiça que ensina, veremos hoje as propriedades da  
luz, e nelas veremos as obrigações da Justiça; e como a graça é a luz principal, e maior  
ilustração do Espírito Santo, para vermos as propriedades da sua luz, procuremos os auxílios  
da sua graça. *Ave Maria*.

40 *Hoc autem est iudicium:  
quia lux venit in mundum.  
Loco ut supra.<sup>h</sup>*

Ainda que nas propriedades da luz ensina o Espírito Santo as retidões da Justiça, e  
ainda que o Espírito Santo assiste hoje à Justiça em forma de luz, não é o meu intento dizer  
que o Espírito Santo vem hoje dar ditames de justiça a este retíssimo Tribunal; porque os  
45 ditames do Espírito Santo se veem aqui tão seguidos, e tão executados, que bem mostra a  
experiência que o Espírito Santo não dá hoje os seus ditames, senão que este retíssimo  
Tribunal em todos os seus acertos se ajusta aos ditames do Espírito Santo: pelo que declaro  
que as propriedades da luz, e os acertos da Justiça sobre que hoje pertendo discorrer, não são  
para matéria de conselho para tão reto Tribunal, senão para motivo de advertência a todo o mun-

---

<sup>h</sup> “Como no lugar acima [citado]” (tradução nossa).

<sup>34</sup> retíssimo] rectissimo (e formas cognatas) *A*, *passim*.

<sup>44</sup> ditames] dictames *A*, *passim*.

<sup>45</sup> veem] vem *A*, *passim*.

50 do, e para que o mundo conheça a grandíssima pontualidade com que este augustíssimo Tribunal se ajusta aos arbítrios, e ditames do Espírito Santo.

Para haveremos pois de discorrer sobre as propriedades da luz, e delas tirarmos os acertos da Justiça, havemos primeiro de supor que a justiça se pinta com três propriedades, ou divisas da sua retidão: a primeira, é ãa espada na mão direita: a segunda, uma balança na mão  
55 esquerda: a terceira, ãa venda em os olhos:<sup>i</sup> supostas estas três divisas da Justiça, entremos agora pelas propriedades da luz.

A primeira propriedade da luz é ser benigna: que cousa mais benigna, que cousa mais favorável do que a luz? que qualidade mais branda, mais suave, e mais amorosa? ela é a alegria dos campos, a respiração das flores, a harmonia das aves, a delícia dos olhos, a  
60 fermosura dos astros, e enfim o contentamento de todo o mundo: pois esta propriedade da luz há de ser também a propriedade da Justiça; porque a Justiça deve ser tão branda, tão amorosa, e tão benigna como a luz. Bem conheço que muitos serão de mui contrário parecer; porque como veem na mão da Justiça desembainhada ãa espada, totalmente se persuadem que a Justiça toda deve ser rigores, toda crueldades, e toda execuções; mas o certo é que se engana  
65 quem assim o imagina; porque a Justiça verdadeira há de ser Justiça, e não crueldade, e para não ser crueldade, deve temperar-se com a brandura, e só com ela será Justiça; e porque sei que a espada da Justiça é a que obriga a imaginar que toda a Justiça deve ser rigor, quero que nos sirva de prova a mesma espada.

Pergunto assim: E para que se armou com ãa espada a mão da Justiça? Já sabem  
70 todos que para significar o seu rigor: pois por que se não pinta a

---

<sup>i</sup> Conforme Chevalier *et al.* (2006, p. 526, 527), “a espada e a balança são atributos tradicionais da Justiça: a balança, semelhante àquela que a simples pena de Maat bastava para equilibrar no tribunal de Osíris, está aqui perfeitamente imóvel. A espada, direita e implacável, como o fiel da balança, servirá para punir os maus. Já se observou, a esse propósito, que a espada e a balança são também *os símbolos das duas maneiras pelas quais, segundo Aristóteles, se pode ver a Justiça. A espada representa o seu poder distributivo (Iustitia suum cuique tribuit); a balança, sua missão de equilíbrio (social)*”.

figura da Justiça com um cutelo, senão com ãa espada? o instrumento mais próprio do rigor da Justiça não é o cutelo?<sup>j</sup> que razão haverá logo, para que não pintem com cutelo a Justiça? por que mais a pintam com ãa espada? Com grandíssima razão. Entre o cutelo, e a espada há esta diferença, que o cutelo é inflexível, é tanta a sua dureza que a nada se dobra, e se porfiam a que se dobre, arrebenta; e a espada? toda é pelo contrário; a espada com ser tão rigorosa, é muito branda, quanto mais se dobra, tanto tem de melhor espada, e o que é mais de admirar, que ainda que a vejamos dobrar-se, não deixa nunca de ficar mui reta: de sorte que a espada é branda, a espada dobra-se, e contudo sempre é reta, e sempre é espada: pois assim há de ser a Justiça; espada, sim, mas que se dobre; reta, sim, mas que se abrande; enfim há de ser como raio da luz, é raio, mas benigno; é raio, mas é de luz.

Anunciando o Profeta Malaquias a vinda do Verbo divino ao mundo, disse que havia de vir como Sol de Justiça no seu Oriente: *Orietur vobis Sol Iustitiæ*:<sup>k</sup> reparo nestas palavras, que para o Profeta encarecer a retidão da Justiça chame a Cristo Sol, não em outro qualquer ponto, senão no Oriente, *Orietur*: que para encarecer a sua Justiça lhe chame Sol? Com grandíssima razão; porque na luz consiste a Justiça: porém por que lhe não chama Sol de Justiça no ponto do meio-dia, ou no ponto do ocaso, senão no ponto do Oriente? Direi: No ponto do meio-dia está mui ardente o Sol, está muito intenso o seu calor, e mui veemente o seu incêndio; e no Oriente? está o Sol mui benigno, muito brando, e muito favorável, e como o Profeta pretendia encarecer os acertos da Justiça de Cristo, por isso o não considerou como Sol de Justi-

<sup>j</sup> Cf. Moraes Silva (1823, t. 1, p. 697), os antigos usavam a expressão “Senhor de Soga e Cutelo” para se referir àquele que tinha o poder de impor a pena máxima, e cortamento dos membros.

<sup>k</sup> Nota marginal: <Malach. 4. 2.>. **VL**, Prophetia Malachiæ, c. 4, v. 2: *Et orietur vobis timentibus nomen meum Sol iustitiæ, et sanitas in pennis eius: et egrediemini, et salietis sicut vituli de armento. BSP: Mas para vós os que temeis o meu nome, nascerá o sol da justiça, e estará a salvação sob as suas asas; vós saireis então e estareis como novillo de uma manada.*

90 ça no meio-dia, onde o Sol está mais rigoroso, senão como Sol de Justiça no Oriente, onde o Sol está mais brando: *Orietur vobis Sol Iustitiæ*. Porém no ocaso não é igual a brandura do Sol? pois por que razão não chamou o Profeta Sol de Justiça a Cristo no ocaso, senão Sol de justiça no Oriente? Por duas razões: primeira, porque no ocaso, ainda que está brando o Sol, já no meio-dia tem sido rigoroso, e a brandura depois do rigor, já não é brandura, porque enfim  
 95 já se tem executado o rigor: a segunda razão é, porque o Sol no seu ocaso de tal maneira está brando, que já no mesmo dia não há de ser rigoroso: pois por isso o Profeta não põe a retidão da Justiça na brandura do Ocaso, senão na brandura do Oriente; porque no Oriente de tal maneira está brando o Sol, que está ameaçando os rigores do meio-dia. Esta é a propriedade do verdadeiro Sol de Justiça, nem há de estar no meio-dia, onde tudo é rigor, nem no ocaso,  
 100 onde tudo é brandura; há de ser Sol no Oriente, onde o mundo tema o rigor que ameaça, e onde contudo ilustre com branduras ao mundo: *Orietur vobis Sol Iustitiæ*.

Mas qual será a razão por que o Sol da Justiça há de ter a brandura do Oriente, e não o rigor do meio-dia? A razão deu pontualmente o mesmo Profeta: *Et sanitas in pennis ejus*:<sup>1</sup> Este Sol de Justiça, diz o Profeta, não vem para destruição do mundo, senão para  
 105 seu remédio, e para sua conservação: pois Justiça que é para a conservação do mundo, não há de ter os rigores do meio-dia; há de ter as branduras do Oriente: não é luz que vem para abrasar, porque não vem para destruir; é luz que vem para luzir, porque vem para remediar: *Orietur vobis Sol justitiæ, et sanitas in pennis ejus*. É tão certo este ditame, que se o mesmo Deus houvesse de governar ao mundo somen-

---

<sup>1</sup> Idem nota “k”.

110 te com os rigores da sua justiça sem as branduras da sua misericórdia, não faz dúvida nenhuma que se destruíra todo o mundo; e para que não pareça encarecimento, vamos à experiência, e veremos a prova.

Castigou Deus ao mundo todo com o dilúvio de água, e do mesmo modo o há de castigar com o dilúvio de fogo; mas qual é a diferença destes dous dilúvios? É bem notável a sua diferença: castigou a primeira vez ao mundo com o dilúvio de água, e depois de executar o castigo, tornou outra vez a continuar o mundo: castigará segunda vez ao mundo com dilúvio de fogo, e reduzindo tudo a cinza, acabará o mundo todo por ãa vez: pois qual é a razão de uma diferença tão notável? um, e outro dilúvio não são ambos execuções da divina Justiça? pois se no primeiro dilúvio se não destruiu o mundo de todo, por que mais no segundo dilúvio há de ficar todo o mundo destruído? ou se no segundo dilúvio se há de destruir todo o mundo, por que não ficou também destruído no primeiro? Porque no primeiro dilúvio de tal maneira se executou a justiça, que também houve misericórdia; e no segundo não há de haver misericórdia alguma, porque tudo há de ser justiça: no primeiro de tal maneira se executou a justiça, que também houve misericórdia, porque ainda que todo o mundo ficou afogado nas ágoas do dilúvio, ainda houve misericórdia para oito almas, ainda houve ãa arca de Noé, e ainda houve misericórdia de Deus: pelo contrário no dilúvio de fogo, nem a uma só vida se há de perdoar, todo o mundo inteiramente há de padecer as mesmas chamas, e todo se há de reduzir às mesmas cinzas: pois eis aí a razão, porque conservando-se o mundo no dilúvio de água, se há de destruir com o dilúvio de fogo; e é, porque a

130 Justiça sem misericórdia não é para remediar, é para destruir, e a Justiça com misericórdia, só  
 essa não é para destruir, senão para remediar. Mas qual é o intento da verdadeira Justiça? Não  
 está claro que ainda nas execuções dos castigos não é o seu intento a destruição dos povos, e  
 das Respúblicas,<sup>m</sup> senão a sua paz, e a sua conservação? Logo claro está também que a  
 perfeita Justiça deve acompanhar-se da misericórdia: o rigor exaspera, a brandura remedeia; e  
 135 como a Justiça se introduziu no mundo para remédio, e não para destruição, bem se segue que  
 há de haver misericórdia para haver justiça.

Nenhã justiça pode haver mais justa, nenhum castigo pode ser mais ajustado do que  
 aquele que vem pela mão de Deus, e contudo é muito de reparar que o mesmo Deus  
 renunciou todo o direito da Justiça, e o entregou todo a seu Santíssimo Filho: *Pater non*  
 140 *judicat quemquam, sed omne iudicium dedit Filio:*<sup>n</sup> pois por que razão não há de julgar o  
 mundo o Pai, senão o Filho? o Pai não é Deus? não é sábio? não é reto? não é justo? pois  
 por que mais há de julgar o Filho, do que o Pai? A razão deu-a o mesmo Filho: *Quia Filius*  
*hominis est:*<sup>o</sup> o Filho de tal maneira é Deus, que juntamente é homem: sobre a essência de  
 divino, tem também a natureza de humano, e isto de ser humano é ãa circunstância tão  
 145 relevante para ser Julgador, que até no mesmo Eterno Padre onde se acham infinitamente  
 todos os atributos de divino, só porque lhe faltou a circunstância de humano, parece que não  
 diz bem o ofício de Julgador: parece que melhor diz o ofício no Filho, só porque nele se  
 ajuntou a natureza de humano sobre os atributos, e a essência de divino: *Pater non iudicat*  
*quemquam, sed omne iudicium dedit Filio, quia filius hominis est.*

---

<sup>m</sup> Variante idêntica ao étimo, ainda registrada em Moraes Silva (1831, t. 2, p. 638).

<sup>n</sup> Nota marginal: <Ioan. 5. 22.>. **VL**, *Evangelium secundum Ioannem*, c. 5, v. 22: *Neque enim Pater iudicat quemquam: sed omne iudicium dedit Filio.* **BSP**: *O Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o poder de julgar.*

<sup>o</sup> **VL**, *Evangelium secundum Ioannem*, c. 5, v. 27: *et potestatem dedit ei et iudicium facere, quia Filius hominis est.* **BSP**: *e deu-lhe o poder de julgar, porque é Filho do homem.*

150 Para última confirmação deste discurso, reparo: por que razão há de ser o Espírito Santo o Presidente, e árbitro da Justiça? a jurisdição da Justiça não se funda no poder? pois se o atributo especial do Eterno Padre é a divina Onipotência, por que se não escolheu para Presidente da Justiça ao Eterno Padre? Mais: os acertos da Justiça não se fundam todos no juízo, na prudência, e na sabedoria? pois se ao Verbo Eterno se atribui mais especialmente a

155 sabedoria de Deus, por que se não elegeu para Presidente da Justiça ao Verbo? e já que se não elegeu nem ao Eterno Padre, nem ao Verbo divino, por que mais se elegeu ao Espírito Santo? Porque o Espírito Santo, como procede da vontade, todo é amor, e sendo partes tão principais da Justiça o poder, e a sabedoria, tanto conduz o amor, e a piedade para a Justiça, que preferindo-se ao poder, e à sabedoria, só porque o Espírito Santo é amor, o mais próprio

160 Presidente da Justiça deve ser o Espírito Santo. Oh que bem governado Tribunal onde este amor assiste! Oh que acertado juízo onde preside este amor! Por isso ao Tribunal dos Apóstolos não desceu o Espírito Santo como fogo, senão como luz, *tamquam ignis*: por isso como luz benigna assiste hoje o Espírito Santo a este retíssimo Tribunal: *Quia lux venit in mundum*.

165 A outra propriedade da luz é ser apressada, e de tal maneira é a pressa propriedade da luz, que parece nela se vê contra toda a Filosofia que há moto instantâneo;<sup>p</sup> porque apenas aparece a luz no Oriente, quando todo este hemisfério, e todos os seus Horizontes no mesmo instante se veem banhados de luz. Rasga-se ãa nuvem no Céu, e logo no mesmo instante se vê o relâmpago, sendo que daí a muito se

170 ouve o trovão: dispara-se ãa peça na terra, e primeiro se vê o

---

<sup>p</sup> A natureza do movimento dos corpos e a velocidade da luz eram questões filosóficas em discussão durante a chamada revolução científica (sécs. XVI-XVIII), por pensadores como Descartes, Newton, Galileo e Kepler. Embora não se possa delinear aqui essa discussão, é interessante perceber seus ecos nesse ponto do sermão. No primeiro dos diálogos que constituem a obra *Discorsi e Dimostrazioni Matematiche* [...], de Galileo (cf. GALILEI, Giornata Prima, in: *Opere*, v. VIII, 1811), os interlocutores Sagredo e Simplicio discutem a questão sobre a “velocità del lume” – se instantânea, momentânea ou temporânea –, e a base da reflexão também é, entre outras, a observação do relâmpago, dos raios de luz do sol, do som e da chama de um tiro de artilharia, como neste sermão. Pode-se dizer que o autor do sermão conheceu a obra, o que é curioso, se se considerar que, à época, ela possivelmente já figurasse no *Index Librorum Prohibitorum*.

---

<sup>152</sup> Onipotência] Omnipotencia A, *passim*.

fogo do que se ouça o estrondo: de maneira que relâmpago, e trovão tudo é no mesmo tempo: fogo, e estrondo tudo é no mesmo ponto, e contudo primeiro se vê o relâmpago, e primeiro se vê o fogo; porque essa é a propriedade da luz, é tão apressada, que parece instantânea, e é tão veloz, porque isso é ser luz. Esta é a propriedade da luz, e esta deve ser também a propriedade da Justiça.

175

Mas dirá alguém que a segunda mão da Justiça está armada contra esta propriedade da luz, porque na mão esquerda da Justiça, que é o que vemos? Ûa balança: e que significa esta balança que tem na mão? Significa que as resoluções da Justiça devem ser tomadas com muito peso, e com toda a ponderação: tomar o peso às cousas, e ponderar a gravidade, e as circunstâncias delas, que dúvida faz que demanda tempo, e vagar? pois logo como digo eu que a velocidade da luz deve ser parte da Justiça? Ora vejam como na mesma balança da Justiça se representa a velocidade da luz. Todas as cousas ajustadas com a verdade, e com a razão são aquelas que se levam por peso, conta, e medida: pois por que se não pinta a Justiça com a Arismética<sup>9</sup> numerando contas, ou com ùa vara tomando medidas, senão com ùa balança tomando peso? Porque nas contas, e nas medidas sempre há de haver algum vagar, e no peso tudo é velocidade, apenas se põe o peso na balança, quando arrebatadamente de ùa parte se inclina, e da outra se levanta; pois esta velocidade da balança, há de ser a velocidade da Justiça: tudo se ha de pesar; tudo se há de ver; tudo se há de ponderar, mas tudo com velocidade, porque esta é a propriedade da luz, e nela consiste a formalidade da Justiça.

180

185

190

Segunda vez nos há de abrir os olhos, e dar a conhecer esta verdade o

---

<sup>9</sup> Variante diacrônica de Aritmética (cf. HOUAISS, 2002).

mesmo Sol do Profeta Malaquias. Diz que o Sol de Justiça trazia a saúde, e o remédio nas penas: *Et sanitas in pennis ejus*: o que nós vemos é Sol com luzes; porém Sol com asas? quem viu jamais com asas ao Sol? Pois logo como diz o Profeta que o Sol de Justiça não somente havia de vir com luzes, senão também com asas? É que não falava o Profeta do Sol da natureza, senão do Sol da Justiça, e o Sol da Justiça há de correr tão arrebatado, que não só  
 195 pareça que vem correndo, senão também que vem voando. Ora notem: o curso do Sol material é tão veloz, e tão arrebatado, que como dizem os Astrólogos, corre em cada hora trezentas e oitenta mil légoas,<sup>r</sup> e contudo deve o Sol de Justiça ser tão veloz que ainda todo este curso do Sol, sendo tão arrebatado, ainda para o Sol da Justiça lhe vem a ser vagaroso, sobre estes  
 200 passos tão apressados do Sol da natureza, se devem ainda acrescentar asas ao Sol da Justiça: mas por que razão? Porque nisso é que está o remédio, em que não só venha correndo, senão voando: *Et sanitas in pennis ejus*. E reparem que às asas com que a Justiça há de voar não lhe deu o Profeta o nome de asas, senão de penas, nos despachos das penas é que está o voo das asas, nas asas é que está o remédio, porque nas pressas é que se vê a luz, e nelas é que se vê a  
 205 Justiça: *Orietur vobis Sol Justitiae, et sanitas in pennis ejus*.

É tão natural propriedade da Justiça esta circunstância da pressa, que quando os vagares não sejam matéria para a censura, pelo menos sempre o devem ser para a admiração: estar ãa causa parada, as partes suspensas, e o pleito sem correr, que cousa mais para admirar? Parou o rio Jordão para dar passagem à Arca do Testamento; e  
 210 admirado Davi de ver o rio parado, rompeu nestas pala-

---

<sup>r</sup> Essa mesma afirmação fez Vieira, no Sermão do Nascimento da Virgem Maria (§ VI), pregado em 1657.

---

<sup>210</sup> Davi] David A, *passim*.

vras: *Et tu Jordanis quia conversus es retrorsum.*<sup>s</sup> Davi admirou-se de ver parado o Jordão, eu  
 admiro-me de ver admirado a Davi: assim como Davi soube que o Jordão se suspendeu em  
 uma muralha de águas, não soube também que o mar Roxo<sup>t</sup> se formou em duas muralhas?  
 pois se se não admira de ver a suspensão do mar, por que mais se admira de ver a suspensão  
 215 do rio? Dirá alguém que se não admirou de ver o mar suspenso, porque soube que ali obrava o  
 braço de Deus para dar passagem ao Povo de Israel: e não sabia também que parar o Jordão  
 foi empenho do mesmo braço para dar passagem ao mesmo Povo? pois por que mais se  
 admira de ver parado o rio, vendo por ambas as partes parado o mar? A razão da diferença é,  
 que o Jordão segundo a sua etimologia val o mesmo que *fluvius judicij*: quer dizer, rio de  
 220 juízo:<sup>u</sup> por rio havia de correr, por juízo não havia de parar; e que quando por dous títulos  
 tão forçosos devia correr o Jordão, que em vez de correr se visse parar! esta foi a admiração  
 de Davi. Em todo o tempo era muito justa a sua admiração; porém naquela ocasião foi  
 muito mais justa, porque naquela ocasião passava a Arca do testamento; e que se incluía na  
 Arca? As táboas da Lei, e a vara de Moisés: e que à vista das Leis, à vista da vara deixasse  
 225 o juízo de correr! grande matéria para se admirar. E para que melhor vejamos a razão com  
 que se admira Davi, reparemos nas palavras com que se admira: *Et tu Jordanis quia  
 conversus es retrorsum*: não diz que se admira de ver o Jordão parado, diz que se admira  
 porque o Jordão tornou para trás: *Conversus es retrorsum*: parece que não havia de dizer  
 assim, porque tanto que a Arca do testamento chegou ao rio Jordão, para poder passar  
 230 livremente, bastava que as águas desta parte corresse, como correram, para o mar,

<sup>s</sup> Nota marginal: <Ps. 113 2>. **VL**, Liber Psalmorum, c. 113, v. 3: *Mare vidit, et fugit: Iordanis conversus est retrorsum*. **BSP**, *ibidem*, c. 114, v. 5: *O mar o viu, e fugiu; / o Jordão recuou para trás*.

<sup>t</sup> Do lat. *russĕus, a, um* ‘vermelho escuro’ (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>u</sup> A etimologia dada aqui não coincide com a que se conhece atualmente. Conforme Houaiss (2002, verbete JORDANIENSE), “*Jordão*, gr. *Iordánēs*, lat. *Jordānes, Jordānis*, hebr. *Yardēn*, quase sempre precedido do artigo *hayyardēn*, de orig. e signif. discutíveis, com maior aceitação para o v. *yārād* ‘descer’, em alusão ao grande declive desse rio”. Segundo J. D. Douglas *et al.* (1990, v. 2, p. 859), a depressão do rio Jordão, formada em resultado de uma fenda, é a mais baixa do planeta, e “o nome ‘Jordão’ (em heb. *yardēn*) mui apropriadamente significa ‘o descedor’”. O significado citado pelo sermoneiro consta de uma lista de nomes hebraicos, caldeus e gregos, e suas interpretações (*Hebraicorum, Chaldaeorum, Græcorumque Nominum Interpretatio*), que acompanhava algumas edições da Vulgata Clementina (cf. BIBLIA, 1605, 1675).

e bastava que as águas de estoutra parte ficassem detidas, e suspensas enquanto passava a Arca do testamento: pois logo por que não diz Davi que as águas desta parte só pararam, senão que retrocederam? Por que não diz só que ficaram suspensas, senão que tornaram para trás? Porque o Jordão (torno a dizer) é rio de juízo: para o juízo, não só é parar, é retroceder,  
 235 deixar de correr a causa, é tornar o juízo para trás, não só é estar parado, mas é para ficar corrido, e não só é para que se admire Davi, senão para que se admire todo o mundo, *Et tu Jordanis quia conversus es retrorsum.*

Bem conheço que as causas, e a averiguação delas depende de tempo, e de vagar, estes vagares ninguém os condena, antes todo o mundo os louva, os vagares que se estranham, e de  
 240 que o mundo se queixa, são aqueles que nascem do descuido, da negligência, e da omissão, e se se dá caso em que talvez por arte, e por indústria se retardem as causas, e se deixem de tomar as resoluções, não somente seriam os vagares para admirar-se, senão também para repreender-se, porque assim como é obrigação dos Ministros examinar com toda a ponderação todas as causas; assim também dar expediência às partes, aos pleitos, e às sentenças é sua  
 245 igual obrigação.

Quem mais Senhor do mundo do que Deus? e contudo de que maneira julga Deus as causas do mundo? Vejamos o que diz o Profeta Daniel: *Iudicium sedit, et libri aperti sunt*:<sup>v</sup> diz se sentará Deus no Tribunal de sua Justiça, e que pegará nos livros, ou para ver o ponto, ou para examinar o fato: e acrescenta o mesmo Profeta, que o trono de Deus  
 250 estava sobre ãs rodas, as quais diz que eram de fogo: *Thronus ejus flamæ ignis: rotæ ignis accensus*.<sup>w</sup> Notável trono, e notável Tribunal! Tri-

---

<sup>v</sup> Nota marginal: <Dan 7. 10.>. VL, Prophetia Danielis, c. 7, v. 10: *Fluuius igneus, rapidusque egrediebatur a facie eius. millia millium ministrabant ei, et decies millies centena millia assistebant ei: iudicium sedit, et libri aperti sunt.* BSP: *De diante dele saía um impetuoso rio de fogo; eram milhares de milhares os que o serviam, e mil milhões os que assistiam diante dele. Assentou-se para julgar e foram abertos os livros.*

<sup>w</sup> VL, *ibidem*, c. 7, v. 9: *Aspiciebam donec throni positi sunt, et antiquus dierum sedit: vestimentum eius candidum quasi nix, et capilli capitis eius quasi lana munda: thronus eius flammæ ignis: rotæ eius ignis accensus.* BSP: *Estava eu atento ao que via, até que foram postos uns tronos, e o Ancião dos (muitos) dias sentou-se; o seu vestido era branco como a neve e os cabelos da sua cabeça como a pura lã; o seu trono era de chamas de fogo e as rodas deste trono um fogo ardente.*

---

<sup>249</sup> fato] facto A.

bunal sobre rodas? Se a Justiça de Deus se assentou: *Iudicium sedit*; segue-se que foi para ver muito de assento os autos, e os livros, *et libri aperti sunt*: pois se o mesmo Deus se põe de assento no seu Tribunal do Juízo, que razão há para que tenha rodas o seu Tribunal? Deus há  
 255 de estar assentado como imóvel, e há de ser móvel, e há de andar sobre rodas o Tribunal de Deus? Sim, que isso mesmo é ser Tribunal de Deus, Tribunal que anda, Tribunal que não para, e Tribunal que para andar em ùa roda viva caminha sobre muitas rodas: *Rotæ ignis accensus*. E reparem que a matéria destas rodas era de fogo; e por quê ? Porque o fogo é o elemento mais ativo, mais eficaz, e mais executivo que todos os outros elementos: esses hão  
 260 de ser os Ministros do Tribunal da Justiça, hão de ser tão ativos, que pareçam fogosos, hão de ser tão eficazes, que pareçam repentinos, hão de ser tão executivos, que pareçam acelerados: *Et rotæ ignis accensus*.

Este era o trono, ou o Tribunal da Justiça de Deus, e esta foi a Justiça que ensinou na terra o Espírito Santo: é verdade que se assentou como em Tribunal, *seditque*, porém formado  
 265 em chamas de fogo, *tamquam ignis*: e para mostrar a velocidade com que vinha, diz que veio com estrondo tão repentino que se antecipou à mesma luz: *Factus est repente de Cælo sonus tamquam advenientis Spiritus*:<sup>x</sup> o estrondo sempre costuma ser tão vagaroso, que sempre se ouve depois da luz; porém na vinda do Espírito Santo não só foi apressada a luz, também foi repentino o estrondo: *Factus est repente de Cælo sonus*: enfim vinha ensinar os acertos da  
 270 Justiça, por isso veio com as pressas da luz: *Quia lux venit in mundum*.

Ainda que a luz tem outras muitas propriedades; contudo, como as

---

<sup>x</sup> VL, Actus Apostolorum, c. 2, v. 2: *et factus est repente de celo sonus, tamquam aduenientis spiritus vehementis, et repleuit totam domum vbi erant sedentes*. BSP: *e, de repente, veio do céu um estrondo, como de vento que soprava impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados*.

---

<sup>259</sup> ativo] activo A, *passim*.

divisas da Justiça são somente três; e como das três Pessoas da Santíssima Trindade o Espírito Santo, que é a terceira, é também a última, seja a última propriedade da luz, a que por ordem é a terceira: e qual é esta propriedade? É ser a luz universal: a luz não é somente para o dia no Sol, também é para a noite nas Estrelas; não é só para os montes, também é para os vales; não é só para os grandes, e poderosos, também é para os pequenos, e humildes; e o que mais é, não é só para os bons, e para os justos, também é para os maus, e para os pecadores: *Qui Solem suum oriri facit super bonos, et malos.*<sup>y</sup> Esta a meu ver é a mais soberana propriedade da luz; e esta deve ser a principal parte da Justiça: assim como a luz sem exceção de pessoas, nem de estados, nem de fortunas, para todos é universal; assim a Justiça sem exceção alguma deve ser universal para todos, tanto para os grandes, como para os pequenos, tanto para os ricos, como para os pobres, tanto para os humildes, como para os poderosos, tanto para os estranhos, como para os naturais, para todos deve ser igual a Justiça, porque a Justiça, sob pena de ser injustiça, deve ser igual, e universal para todos: *Super bonos et malos.*

Parece que contra este documento<sup>z</sup> da luz está a última divisa da Justiça; porque a sua última divisa, é a cegueira, ãa venda nos olhos é a última divisa da Justiça: logo a Justiça não deve ser universal para todos. Provo: porque quem está com os olhos vendados, não se governa senão pelo tato das mãos, e como nem todos podem ser tocados com as mãos, segue-se que a Justiça não pode ser igual para todos. Respondo, que esta mesma divisa nos significa esta propriedade, porque para isso se vendaram os olhos da Justiça, para que a Justiça se não governe

---

<sup>y</sup> Nota marginal: <Matt. 5. 45.>. **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 5, v. 45: *vt sitis filij patris vestri, qui in cælis est: qui solem suum oriri facit super bonos et malos: et pluit super iustos et iniustos.* **BSP**: *Deste modo sereis filhos do vosso Pai que está nos céus, o qual faz nascer o sol sobre maus e bons, e manda a chuva sobre justos e injustos.*

<sup>z</sup> Mesmo que máxima, princípio, preceito doutrinal (cf. BLUTEAU, 1789, v. 1, p. 452).

---

<sup>288</sup> tato] tacto A.

pelos olhos; se a Justiça se governara pelo que vê, não fora Justiça; a Justiça não deve governar-se pela grandeza das pessoas, senão pelo merecimento das causas, não há de olhar para as pessoas, nem para as fortunas, nem para as qualidades, nem para as valias, e enfim para nada deve olhar; porque como estas singularidades se não acham em todos, não fora universal a Justiça, se não prescindira destas singularidades: pois para ser universal, que remédio? Não olhe para as pessoas, atenda somente para as causas, e para isso feche os olhos, e abra os discursos,<sup>aa</sup> e só deste modo será Justiça, porque só deste modo será universal.

Ultimamente nos há de também ilustrar este discurso o Sol do Profeta Malaquias. Diz o Profeta para encarecer a Justiça de Cristo, que Cristo há de ser Sol de Justiça: *Orietur vobis Sol Justitiæ*: e não diria mui bem se lhe chamasse espelho, ou estrela, raio, ou flor da Justiça? Pois por que lhe não chamou flor, raio, estrela, ou espelho, senão Sol? Porque os espelhos são de seus donos particulares: as estrelas ãas são do Norte, outras do Sul, ãas alumeam em um Hemisfério, outras em outro: os raios têm ponto fixo onde vão ferir: as flores têm sítios determinados onde costumam nascer: o Sol sendo tão singular, é todo universal, corre todo o Zodíaco, chega a ambos os Trópicos, ilustra ambos os Hemisférios, e enfim é todo universal para todos: pois como neste ponto de ser universal consiste o todo da Justiça, por isso Malaquias para dar a conhecer ao mundo a Justiça de Cristo, disse que havia de ser como o Sol: *Orietur vobis Sol Iustitiæ*.

Com vários exemplos pudéramos mostrar a importância desta universalidade da Justiça; porém já que os Apóstolos foram os principais Ministros sobre quem desceu

---

<sup>aa</sup> Nesse contexto, discurso corresponde a “raciocínio, uso da razão” (cf. BLUTEAU, 1789, v. 1, p. 442).

o Espírito Santo, vejamos este exemplo nos mesmos Apóstolos. Para Julgadores do mundo escolheu Cristo a doze Apóstolos: *Sedebitis et vos iudicantes*:<sup>bb</sup> e para os fazer acertados Julgadores, de pescadores de peixes os fez pescadores de homens: *Faciam vos fieri piscatores hominum*:<sup>cc</sup> porém é de reparar que os Apóstolos de Cristo não eram pescadores de cana, senão pescadores de rede: *Mittentes retia in mare: reficientes retia sua*:<sup>dd</sup> pois que mais tem com o ofício de verdadeiros Julgadores o ser pescador de redes, ou o ser pescador de cana? Está bem claro o que tem de mais: a cana do pescador é mui diferente sendo para peixe grande, do que sendo para peixe pequeno, a cana com o peixe pequeno não se dobra, antes fica muito reta, e com o peixe grande, toda se torce, toda se dobra, e talvez também se quebra: de maneira que a pesca da cana, não é igual para todos, é ãa para os grandes, outra para os pequenos: e a pesca das redes? para todos é igual, grandes, e pequenos, graúdo, e miúdo a tudo abrangem, tudo abarcam, tudo cercam, tudo levam, e tudo compreendem as redes: pois por isso Cristo não escolhe para Julgadores do mundo pescadores de cana, senão pescadores de redes; porque a Justiça para ser Justiça há de ser igual, e para ser igual há de ser para todos; se é favorável para uns, seja para todos favorável; se é rigorosa para os pequenos, seja para os grandes rigorosa; se é expediente para os grandes, seja também para os pequenos; e enfim não atenda a Justiça se é grande ou pequeno, senão só ao que é Justiça.

Assim formou Cristo aos Julgadores do mundo, para assim os conformar com os ditames de Deus. Deus, como todos sabem, é o supremo Juiz de todo o mundo, e quando

---

<sup>bb</sup> **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 19, v. 28: *Iesus autem dixit illis: Amen dico vobis, quod vos qui secuti estis me, in regeneratione, cum sederit Filius hominis in sede maiestatis suæ, sedebitis et vos super sedes duodecim, iudicantes duodecim tribus Israel.* **BSP**: *Jesus disse-lhes: Em verdade vos digo que, no dia da regeneração, quando o Filho do homem estiver sentado no trono da sua glória, vós, que me seguistes, também estareis sentados sobre doze tronos, e julgareis as doze tribos de Israel.*

<sup>cc</sup> Nota marginal: <Matt. 4. 19.>. **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 4, v. 19: *et ait illis: Venite post me, et faciam vos fieri piscatores hominum.* **BSP**: *E disse-lhes: Segui-me e eu farei de vós pescadores de homens.*

<sup>dd</sup> **VL**, *Ibidem*, c. 4, v. 21: *Et procedens inde, vidit alios duos fratres, Iacobum Zebedæi, et Iohannem fratrem eius, in nauî cum Zebedæo patre eorum, reficientes retia sua: et vocauit eos.* **BSP**: *Passando adiante, viu outros dois irmãos, Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam numa barca juntamente com seu pai Zebedeu, consertando as suas redes, e chamou-os.*

330 o vier a julgar, por que parte virá Deus? Esta dúvida teve Davi pondo-se a considerar por donde viria Deus a julgar o mundo: perguntou se viria pela parte do Oriente, e diz que não. *Neque ab Oriente:*<sup>ee</sup> se virá, diz, pela parte do Ocaso? Responde da mesma sorte: *Neque ab Occidente:*<sup>ff</sup> se virá pelo Setentrião? se virá pelo Meio-dia? se virá pelos vales? se virá pelos montes? Por nenhũa destas partes virá: *Neque a desertis montibus:*<sup>gg</sup> pois por onde há de vir?

335 Por nenhuma parte: e por quê? Porque há de vir como Juiz: *Quoniam Deus Iudex est:*<sup>hh</sup> pois porque Deus há de vir como Juiz, por isso não, há de vir por parte algũa? Sim; porque se viera por algũa parte, viera já parcial, e quem vem como verdadeiro Juiz, por nenhũa parte vem, vem como indiferente, vem como igual, vem como absoluto, e vem como universal, só deste modo vem, quem vem como Juiz; e por isso Deus, que é o exemplar de todos os Juizes,

340 quando vier a julgar o mundo, como há de vir como justo Juiz, há de vir como Juiz universal: *Neque ab Oriente, neque ab Occidente, neque a desertis montibus, quoniam Deus Iudex est.*<sup>ii</sup>

Só nos falta confirmarmos também este último discurso com a vinda do Espírito Santo. Confirmo, e acabo. Diz o Texto, que descera o Espírito Santo sobre os Apóstolos, e que se sentara igualmente todo sobre todos: *Seditque supra singulos eorum.*<sup>jj</sup> Eu cuidava

345 que como S. Pedro era cabeça de toda aquela congregação, o Espírito Santo se comunicasse mais a S. Pedro, ou mais a S. João, por ser o Discípulo mais amado; ou mais a S. Mateus, por ser entre os Evangelistas o primeiro; e assim discorrendo pelos mais Apóstolos poderia haver razões para se comunicar a uns menos, e a outros mais; porém igualmente todo a todos? qual seria a razão? A razão é;

---

<sup>ee</sup> **VL**, Liber Psalmorum, c. 74, v. 7, 8: *Quia neque ab Oriente, neque ab Occidente, neque a desertis montibus: quoniam Deus iudex est. BSP: Porque nem do oriente, nem do ocidente, / nem pelos montes desertos (vos virá auxílio), porque o juiz é Deus. / A este humilha, e àquele exalta.*

<sup>ff</sup> *Loc. cit.*

<sup>gg</sup> *Loc. cit.*

<sup>hh</sup> *Loc. cit.*

<sup>ii</sup> *Loc. cit.*

<sup>jj</sup> **VL**, Actus Apostolorum, c. 2, v. 3: *Et apparuerunt illis dispersitæ linguæ tamquam ignis, seditque supra singulos eorum. BSP: Apareceram-lhes repartidas umas como línguas de fogo, e pousou sobre cada um deles.*

---

<sup>333</sup> Setentrião] Septētriaõ A.

350 porque em se assentar como luz, mostrou que era Juiz, e Presidente das Justiças, e ãa vez que vinha como Juiz, havia de ser todo para todos: foi Juiz, *Seditque?* pois há de ser igual em todos, *Supra singulos eorum*: enfim vinha como luz, e era força que viesse como universal: *Quia lux venit in mundum*.

355 Tenho acabado de mostrar os ditames da Justiça nas propriedades da luz, e quando parece que só o Espírito Santo é o que nos inculca estes ditames, acabo agora de entender, quando acabo, que toda a Santíssima Trindade nestas três propriedades da luz nos inculca as três divisas da Justiça: na onipotência do Pai se inculca a espada, na sabedoria do Filho se entrega a balança, no amor do Espírito Santo se intima a cegueira; mas todas estas três divisas da Justiça com as três excelências da luz, a espada com a misericórdia, a balança com a  
360 pressa, a cegueira com a universalidade: o mesmo Espírito Santo como Autor destes ditames, e árbitro das Justiças assista com sua superior influência a todo este retíssimo Tribunal, para que assim como sabem seguir ao Espírito Santo nos acertos da Justiça, solicitem também alcançar os auxílios de sua Divina graça, para merecer o prêmio da eterna Glória: *Quam mihi et vobis, etc.*<sup>kk</sup>

---

<sup>kk</sup> Abreviação da fórmula de encerramento de sermões, *Quam mihi et vobis præstare dignetur Dominus Deus Omnipotens*. Tradução nossa: “A qual o Senhor Deus Onipotente se digne conceder a mim e a vós”.

## Sermão Sexto, pregado em a Terceira Domingo da Quaresma.

---

*Erat Jesus ejiciens Dæmonium, Et illud erat mutum. Luc. II.<sup>a</sup>*

Em todo o tempo deverão os Pregadores pregar ao mundo matéria que o nosso descuido reduziu a este só tempo. Estamos em o tempo santo da Quaresma, tempo em que a Igreja obriga a todos ao Sacramento da Penitência: estamos na terceira Domingo, dia em que os Pregadores persuadem aos ouvintes o Sacramento da Confissão. Por isso São Paulo chama a este tempo, tempo de remédio, e chama a este dia, dia de saúde: *Ecce nunc tempus acceptabile: ecce nunc dies salutis:*<sup>b</sup> porém se todo o tempo é de enfermidade, por que não seria todo o tempo de remédio? Nas enfermidades do corpo todas as vezes que padecemos o mal, procuramos logo o remédio: e quanto maiores males são as enfermidades da culpa, que os achaques da nature-

---

<sup>a</sup> Vulgata latina (1605), doravante **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 11, v. 14: *Et erat eiciens dæmonium, et illud erat mutum. Et cum eiecisset dæmonium, locutus est mutus, et admiratæ sunt turbæ.* Bíblia Sagrada – Edições Paulinas (1986), doravante **BSP**: *Estava Jesus expelindo um demônio, o qual era mudo. Depois de ter expelido o demônio, o mudo falou e as multidões ficaram maravilhadas.*

<sup>b</sup> Nota marginal: <2 Cor. 2>. **VL**, Epistula B Pavli Apostoli ad Corinthios Secvnda, c. 6, v. 2: *Ait enim: “Tempore accepto exaudiui te, et in die salutis adiuui te. Ecce nunc tempus acceptabile, ecce nunc dies salutis.* **BSP**: *Porque ele diz: “Eu te ouvi, no tempo aceitável, e te ajudei, no dia da salvação”. Eis agora o tempo aceitável, eis aqui agora o dia da salvação.*

10 za? Pois se todas as vezes que padece enfermidades o corpo, lhe buscamos o remédio, por que  
 não trataremos do remédio todas as vezes que sentimos enfermidades da alma? Se a todo o  
 tempo, e todos os dias estamos caindo no mal da culpa, por que não trataremos do remédio da  
 Confissão a todo o tempo, e todos os dias, e não sei se diga que a todas as horas, e a todos os  
 instantes? Mas oh desgraça, e oh descuido da humana natureza, que buscando com tantas ânsias o  
 15 remédio das enfermidades do corpo, assim se descuida, e se dilata no remédio da sua maior  
 enfermidade! Considerando, e conhecendo a Igreja Católica este nosso universal descuido, aplicou  
 ao menos para o remédio da Confissão este tempo santo da Quaresma, e o dia que os Pregadores  
 escolheram para persuadir<sup>c</sup> este remédio é o dia de hoje, porque hoje temos no Evangelho a um  
 Demônio fazendo emudecer a um homem, e a Cristo fazendo falar a um homem emudecido pelo  
 20 Demônio: *Erat Iesus ejiciens Dæmonium, et illud erat mutum.*

Este Evangelho conclui o Evangelista São Lucas, referindo a admiração das turbas, e  
 ainda que todos convenham nesta sua admiração, eu não hei de admirar-me hoje com as  
 turbas; antes pelo contrário, das turbas é que venho hoje admirar-me. E senão digam-me: de  
 que se admiraram as turbas? Dir-me-ão, que se admiraram de ver a Cristo fazer falar a um  
 25 mudo; mais me admirara eu de ver a Cristo emudecer a um falador: é verdade que fazer  
 Cristo falar a um mudo foi obra de sua divina Onipotência; porém também foi obra  
 acomodada à postulância da nossa natureza: quanto maior é a repugnância contra a natureza,  
 tanto maior é o prodígio da Onipotência: fazer falar a um mudo, é o que a

---

<sup>c</sup> Nesse contexto, mesmo que indicar (cf. HOUAISS, 2002).

---

<sup>26</sup> Onipotência] Omnipotencia A, *passim*.

30 natureza pede; fazer emudecer um falador, é o que a natureza repugna: logo mais se podiam admirar as turbas de ver a Cristo emudecer a um falador, do que de ver restituir a fala a um mudo: pois logo de que se admiraram as turbas?

35 Dir-me-ão que se admiraram de ver a um Demônio mudo: mais fundada me parece esta admiração; porque sendo a soltura da língua propriedade tão diabólica, como foi possível que houvesse um Demônio que tivesse refreada a língua? Os homens que são soltos da língua, na realidade não vivem como homens, falam como Demônios: parece logo digno de admiração que houvesse um Demônio que emudecesse, e calasse para confusão dos homens: contudo ainda não é esta causa digna de admiração; porque o Demônio não era mudo, era um Demônio que tinha a um homem emudecido; e ainda que é propriedade do Demônio fazer falar aos homens, quando este homem havia de falar para seu bem, que o Demônio o fizesse emudecer para seu mal, não é para admirar no Demônio: pois logo de que se admiraram as turbas.

40 Parece que se admiraram de que este homem se deixasse emudecer do Demônio: que a este homem lhe importasse falar, e que contudo se deixasse emudecer? grande matéria de admiração! Assim é: por isso eu digo que me não admiro com as turbas, senão que me admiro das turbas: se as turbas achavam que era para admirar-se que este homem deixasse emudecer-se, como se deixam emudecer as turbas? Se os homens se admiram de que um Demônio tenha emudecido a um homem; como se não admiram os homens todos de si mesmos vendo-se emudecidos pelo Demônio? Os homens que estão mudos para confessar suas culpas, os homens que vivem mudos para o

50 Sacramento da Confissão, que vos parece que os tem mudos? quem senão o Demônio? Pois disto é que me admiro, este é o meu pasmo, esta a minha admiração. Direis que vos não emudece o Demônio, senão que há outras muitas causas que vos emudecem. Ora eu hei de impugnar hoje estas causas, e hei de mostrar que quem vos emudece não é senão o Demônio: para que eu vos persuada esta verdade, e para que vos aproveite esta doutrina, peçamos primeiro a Deus que nos assista com sua divina graça. *Ave Maria.*

55 *Erat Iesus ejiciens Dæmonium, et illud erat mutum.*  
Loco supra.<sup>d</sup>

60 Temos a um homem emudecido pelo Demônio, e quando todos se admiram de que o Demônio o emudecesse, eu não me admiro senão dos que se admiram; porque estando tão emudecidos como ele, têm por novidade verem a este homem emudecido: já vejo que me perguntam, quais são os homens a quem o Demônio tem emudecido? Respondo, que são todos aqueles que deixam de confessar as suas culpas. Assim o disse Estela:<sup>e</sup> *Efficit mutum hominem Dæmon, ut ne queat Sacerdoti confiteri sua peccata.*<sup>f</sup> Contra esta verdade tão certa, e tão experimentada costumam responder os emudecidos com três desculpas; estas quero eu hoje ouvir, e estas pertendo eu hoje impugnar.

65 E começando pela primeira: dizem todos os emudecidos para o Sacramento da Confissão, que quem os emudece, não é o Demônio, senão o pejo, e a vergonha da enormidade de suas culpas. Valha-me Deus! não tiveste pecador vergonha de as cometer, e tens vergonha de as confessar? Ora vê como te não emudece o pejo, senão o Demônio; para persuadir esta verdade ha-

<sup>d</sup> “Lugar acima [citado]” (versículo-tema do sermão).

<sup>e</sup> Nota marginal: <Stella in II. c. Luc.>. Possivelmente, referência à obra de Diego de Estela (ou Didacus Stella, 1524-1578), *In Evangelium S. Lucæ. Enarrationes* (cf. BLEIBERG; IHRIE; PÉREZ, 1993, v. 1, p. 571-572). Esse livro consta do *Index Librorum Prohibitorum* (1660, p. 33), do Papa Clemente VIII, e em edições posteriores.

<sup>f</sup> “O demônio emudece o homem, para que não seja capaz de confessar os seus pecados ao Sacerdote” (tradução nossa).

70 vemos de supor, que no Sacramento da Confissão podem concorrer duas sortes de pejo: um pejo da intrínseca natureza da Confissão, e merecimento dela, o qual infunde Deus; outro pejo que dificulta, e impossibilita a confissão, o qual causa o Demônio: se o pejo que tendes de vossas culpas é infundido por Deus, necessariamente vos haveis de confessar; se o pejo que tendes de vossas culpas é causado pelo Demônio, necessariamente haveis de emudecer: segue-se logo que se emudeceis, é porque vos emudece o Demônio. Vamos ao primeiro pejo infundido por Deus.

75 Agradou-se Deus de ãa alma, e querendo dar o motivo do seu agrado, disse que era ãa alma que tinha as duas faces como dous pedaços de romã: *Quasi fragmen mali punici, sic genæ tuæ*:<sup>g</sup> parecia-me a mim que para se louvar o rosado das faces, se havia de explicar pelo encarnado das rosas: pois por que as não comparou Deus com a beleza das rosas, senão com os pedaços da romã? Direi o que me parece: Deus foi aqui a mostrar o quanto se agrada de que uma alma se corra,<sup>h</sup> e se envergonhe de suas culpas, e como no sangue que sai às faces se verifica o pejo do coração, por isso Deus para mostrar que se agradava de que ãa alma tivesse pejo de suas culpas, disse que se agradava de ver a cor de suas faces: ainda não está solta a dúvida: e nas rosas não está também o encarnado das faces? pois por que não explicou Deus a cor das faces pelo encarnado das rosas? por que mais o explicou pelo despedaçado das romãs?

80 Vejam o mistério: as rosas é verdade que representam o pejo das faces, como representam as romãs; porém com esta diferença, que as rosas mostram o encarnado, não só estando abertas senão também estando fechadas; porém as romãs não mostram a cor do sangue se-

---

<sup>g</sup> Nota marginal: <Cant 4 3.>. **VL**, Canticum Canticorum, c. 4, v. 3: *Sicut vitæ coccinea, labia tua: et eloquium tuum, dulce. Sicut fragmen mali punici, ita genæ tuæ, absque eo, quod intrinsecus latet. BSP: Os teus lábios são como uma fita de escarlata; e o teu falar é doce. / Assim como é o vermelho da romã partida, assim são as tuas faces, / através do teu véu.*

<sup>h</sup> Mesmo que tornar-se vexada, envergonhar-se (cf. HOUAISS, 2002).

---

<sup>80</sup> sai] sahe A.

não abrindo-se, e explicando-se: pois eis aí a razão por que Deus quando se agrada do pejo de ãa alma, não quer que as faces de ãa alma se vistam de cor como a rosa, senão como a romã: correr-se ãa alma, e envergonhar-se de sua culpa, e contudo fechar-se, isso é cor da rosa, não é o de que Deus se agrada; correr-se ãa alma de sua culpa, e envergonhar-se dela, e contudo arrebentar de dor, despedaçar-se de pena, abrir-se, e explicar-se, mostrar a cor de seu pejo, e contudo abrir-se, padecer o sentimento do seu pecado, e contudo explicar-se, esta é a cor da romã, e este o pejo de que se agrada Deus; por isso não explicou o seu agrado pela cor da rosa, senão pela cor da romã:

95 *Quasi fragmen mali punici, sic genæ tuæ.*

Dirá contudo alguém, que custa muito vencer este pejo; mas não custasse; por isso mesmo é merecimento, porque é custoso: custou ao Redentor do mundo o perdão de nossas culpas o sangue de suas veas, não nos custaria a nós o sangue de nossas faces? tão fácil é alcançar o perdão, que nos não haja de custar padecer algum pejo? No louvor que o Esposo divino deu às faces daquela alma, não pôs a maior força no purpúreo, senão no despedaçado: *Quasi fragmen*: se ao encarnado da romã lhe não custara despedaçar-se para abrir-se, porventura que se não agradara Deus tanto da romã: se ao pejo que tem ãa alma para abrir-se ao Confessor lhe não custara fazer de si pedaços, porventura que se não agradara Deus tanto desse pejo: logo para Deus se agradar, necessariamente se há de o pejo vencer, necessariamente se há de a consciência abrir, e se há de a alma explicar; e pelo conseguinte se se fecha ãa alma, se se não explica a consciência, se se não descobre o interior, pejo tão fechado, não é este o pejo de que Deus se agrada, nem se po-

100

105

---

<sup>97</sup> Redentor] Redemptor A.

de dizer que o causa Deus: pois logo quem diremos que o causa? Sabeis quem? O Demônio: quando o pejo vos fecha a boca, o Demônio vos causa o pejo.

Pecou Adão, e envergonhado de si mesmo, e de sua própria culpa, diz o Texto sagrado  
 110 que por se não atrever aparecer diante de Deus fugira de sua presença, e se fora esconder no meio  
 dos bosques do Paraíso. *Abscondit se Adam a facie Domini in medio ligni Paradisi:*<sup>i</sup> dous pejos  
 teve aqui Adão: o primeiro me parece muito justo; o segundo me parece muito suspeito: o  
 primeiro é muito justo; porque se envergonhou de si mesmo quando se viu despido da graça:  
 115 *Cognoverunt se esse nudos*<sup>j</sup> parece-me suspeito o segundo; porque se envergonhou de Deus de  
 tal sorte, que fugiu do próprio Deus: *Abscondit se Adam a facie Domini:* toda a ação que se faz  
 desviando-se, e fugindo de Deus ãa alma, não pode ser unida, nem conforme com Deus: segue-se  
 logo, que não foi causado por Deus este segundo pejo de Adão, pois era pejo fugindo, e  
 apartando-se de Deus: pois logo quem lhe causou aquele pejo? Para responder a esta dúvida  
 reparo, que entrando Deus pelos bosques do Paraíso em busca de Adão, também lá achou a  
 120 Serpente dentro dos mesmos bosques: e quem levou a Serpente a esconder-se com Adão, ou para  
 melhor dizer, quem levou a Adão? Quem senão a Serpente? A mesma Serpente que o tinha guiado  
 para a culpa, o guiou também para o bosque, e por isso Deus achou também a Serpente, onde achou  
 Adão: não é logo de admirar que o pejo que teve Adão do seu pecado fosse desviando-se de Deus;  
 pois era pejo causado pelo Demônio: mas que se seguiu desse pejo? Entrou Deus em contas com  
 125 Adão, com Eva, e com a Serpente, que todos achou juntos nos bosques do Paraíso, e

---

<sup>i</sup> **VL**, Liber Genesis, c. 3, v. 8: *Et cum audissent vocem Domini Dei deambulantis in paradiso ad auram post meridiem, abscondit se Adam et uxor eius a facie Domini Dei in medio ligni paradisi.* **BSP**: *E tendo ouvido a voz do Senhor Deus, que passeava pelo paraíso, à hora da brisa, depois do meio-dia, Adão e sua mulher esconderam-se da face do Senhor Deus no meio das árvores do paraíso.*

<sup>j</sup> **VL**, *ibidem*, c. 3, v. 7: *Et aperti sunt oculi amborum: cumque cognouissent se esse se nudos, consuerunt folia ficus, et fecerunt sibi perizomata.* **BSP**: *E os olhos de ambos se abriram; e, tendo conhecido que estavam nus, coseram folhas de figueira, e fizeram para si cinturas.*

sendo que a Serpente falou tanto quando induziu para a culpa, emudeceu totalmente quando foi para a confissão: Adão que se havia de confessar culpado, lançou a culpa a Eva, Eva que se havia de confessar culpada, lançou a culpa à Serpente; parece que a Serpente ainda que mais muda andou mais advertida,<sup>k</sup> porque não lançou a sua culpa a ninguém, ainda que não confessou a sua culpa.

130

Eis aqui o que faz o pejo causado pelo Demônio, pejou-se Adão, pejou-se Eva, e daí se seguiu não confessar a sua culpa Adão, nem confessar Eva a sua culpa. Oh desgraçados filhos de Adão, e Eva, que quanto vos deixais enganar da Serpente para o pecado, tanto vos deixais levar da Serpente para o pejo, e quanto vos cega o engano do pejo, tanto se vos impossibilita o remédio da Confissão! Abri pois os olhos, e adverti que se o pejo é causado por Deus, forçosamente vos haveis de confessar; e se é causado pelo Demônio, forçosamente haveis de emudecer. Envergonhou-se o Publicano de levantar os olhos a Deus: *Nolebat oculos ad Cælum levare*,<sup>l</sup> e daí se seguiu confessar-se pecador: *Propitius esto mihi peccatori*.<sup>m</sup> Envergonhou-se a Madalena de que Deus pusesse nela os olhos: *Stans retro secus pedes Domini*,<sup>n</sup> e daí se seguiu confessar-se pecadora: *Lacrymis cœpit rigare pedes ejus: remittuntur ei peccata multa*.<sup>o</sup> segue-se logo que se confessais a vossa culpa, o pejo que tendes dela é causado por Deus; e se a não confessais, o pejo que tendes dela é causado pelo Demônio. Enfim emudeceis, porque o Demônio vos emudece: *Erat Iesus ejiciens Dæmonium, et illud erat mutum*.

135

140

145

A segunda desculpa que costumam dar os homens que se não confessam, vem a ser, que ainda não é tempo; porque dizem que fora do artigo da morte o tempo da Quaresma é o tempo que a Igreja Católica assinou para o

---

<sup>k</sup> Mesmo que prudente (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>l</sup> Nota marginal: <Luc. 18 13.>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 18, v. 13: *Et publicanus a longe stans, nolebat nec oculos ad cælum levare: sed percutiebat pectus suum, dicens: Deus propitius esto mihi peccatori*. **BSP**: *O publicano, porém, conservando-se a distância, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Meu Deus, tem piedade de mim pecador*.

<sup>m</sup> *Loc. cit.*

<sup>n</sup> Nota marginal: <Luc 7. 38.>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 7, v. 38: *et stans retro secus pedes eius, lacrimis cœpit rigare pedes eius, et capillis capitis sui tergebat, et osculabatur pedes eius, et unguento unguebat*. **BSP**: *e, estando a seus pés por detrás dele, começou a banhar-lhe os pés com lágrimas, enxugava-os com os cabelos da sua cabeça, beijava-os e os ungia com bálsamo*.

<sup>o</sup> *Loc. cit.*

---

<sup>138</sup> Madalena] Magdalena A.

Sacramento da Confissão; porém não me pode satisfazer esta razão, nem esta repostas, nem esta desculpa: é verdade que ninguém está obrigado ao preceito da Confissão senão no tempo da Quaresma; porém, valha-me Deus! não havemos de fazer o que nos importa senão por força de preceito? Um homem que se acha enfermo, será bem que se não cure de sua enfermidade senão quando lhe puserem preceito que se cure? um homem que se acha carregado com um grande peso, será justo que não largue esse peso que o carrega<sup>p</sup> senão quando lhe puserem preceito que o largue? um homem que sabe que o acusam de algum crime, será razão que se não livre do crime de que o acusam senão quando lhe puserem preceito que se livre? um homem que tem um inimigo que lhe está tirando a vida, será conveniente que se não defenda de seu inimigo senão quando lhe puserem preceito que se defenda? que homem com entendimento o poderá dizer? que homem com juízo o poderá praticar? Pois isto diz, isto pratica quem dilata a confissão do seu pecado.

E senão, que cousa é o pecado senão enfermidade da alma? Pois homem, como esperas pelo preceito para te curares dessa enfermidade? Que cousa é o pecado senão um peso, ãa carga, ãa opressão? Homem, não sentes o peso do teu pecado? pois como esperas pelo preceito para largar esse peso? Não te acusa a própria consciência? pois como esperas pelo preceito para te livrar de quem te acusa? Não vês que o teu pecado te tira a vida, e te mata para toda a eternidade? pois como esperas pelo preceito para te defenderes de quem te mata? Não sabes que a confissão é o remédio dessa enfermidade, e o alívio desse peso, o livramento de quem te acusa, e a defesa de quem te

---

<sup>p</sup> Mesmo que sobrecarrega (HOUAISS, 2002).

170 mata? pois como esperas pelo tempo de preceito para o remédio, para o alívio, para o livramento, e para a defesa da confissão? Ora quem se não confessar por esta razão, cuidou eu que me há de confessar esta verdade, que ãa alma que se acha em pecado, ainda que não tenha preceito da Igreja que se confesse logo, que contudo é vontade de Deus que se confesse: e que cousa é preceito de Deus senão ãa explicação de sua vontade? pois que importa que Deus vos ponha esse preceito, se vós sabeis que essa é a sua vontade? O certo é que se expõe a grande castigo de Deus quem falta à sua vontade por não ser ainda chegado o tempo; e senão, vede-o claramente.

175 Viu Cristo ãa figueira copada toda de folhas, e ornada de verduras, e desejando comer de seus frutos, diz o Evangelista, que chegando Cristo mais de perto não achara figos na figueira, porque ainda não era tempo de figos: *Non erat tempus ficorum*:<sup>q</sup> e que faria Cristo neste caso? Diz o mesmo Evangelista, que lhe lançara a maldição, e que logo secara a figueira: *Nunquam ex te nascatur fructus*;<sup>r</sup> *et statim aruit*:<sup>s</sup> cruel parece esta ação de Cristo, porque o mesmo Evangelista diz que ainda não era tempo de figos, e se ainda não era tempo, não tinha a figueira obrigação: pois se a figueira não estava ainda obrigada a dar figos, como castiga Cristo 180 com tanto rigor esta figueira? Porque ainda que não estava obrigada segundo a ordem do tempo, estava obrigada segundo a vontade de Cristo, Cristo queria que a figueira tivesse figos, e figueira que não corresponde à vontade de Cristo, ainda que não esteja obrigada segundo a ordem do tempo, já que faltou à sua vontade, sinta a sua maldição: *Nunquam ex te nascatur fructus; et statim aruit*. Oh pecador emudecido que te desculpas com o tempo, como te-

---

<sup>q</sup> Nota marginal: <Marc. 11. 13.>. **VL**, Evangelium secundum Marcum, c. 11, v. 13: *cumque vidisset a longe ficum habentem folia, venit si quid forte inveniret in ea. Et cum venisset ad eam, nihil invenit præter folia: non enim erat tempus ficorum*. **BSP**: *E, tendo visto ao longe uma figueira que tinha folhas, foi lá ver se encontrava nela alguma coisa; quando chegou a ela, nada encontrou senão folhas; porque não era tempo de figos*.

<sup>r</sup> **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 21, v. 19: *Et videns fici arborem vnam secus viam, venit ad eam: et nihil invenit in ea nisi folia tantum, et ait illi: Numquam ex te fructus nascatur in sempiternum. Et arefacta est continuo ficulnea*. **BSP**: *Vendo uma figueira junto do caminho, aproximou-se dela, e não encontrou nela senão folhas, e disse-lhe: Nunca mais nasça fruto de ti. E, imediatamente, secou a figueira*.

<sup>s</sup> “E imediatamente [a figueira] secou” (tradução nossa).

185 mo que Deus te lance a sua maldição, e que sejas mal-aventurado por toda a eternidade, porque não correspondeste à vontade de Deus! Cuidas que estás mudo para a confissão, porque não é ainda tempo de preceito, e é engano o que cuidas, quem te emudece não é o tempo, quem te emudece é o Demônio, não deixas de confessar-te porque o tempo ainda te não obriga, senão porque o Demônio te engana.

190 Contudo eu não me escandalizo tanto daqueles que dilatam a confissão para o tempo da Quaresma, senão daqueles que a dilatam para a hora da morte. Dizem muitos ignorantes, a quem o Demônio traz emudecidos, que na hora da morte tratarão fazer ãa verdadeira confissão: e é racional, é Cristão quem diz isto? É possível que haveis vós de deixar a confissão, que é o remédio da maior importância para a salvação da alma, para ãa hora, e para ãa hora tão chea de contingência? para ãa hora em que podeis estar sem juízo, porque vo-lo pode perverter a enfermidade? para ãa hora em que podeis não ter memória, porque vo-la pode tirar a aflição? para ãa hora em que estais sem forças, porque vo-las têm debilitado as sangrias?<sup>t</sup> para ãa hora em que vos faltam os alentos, porque vo-los têm estragado as dores? para esta hora guardais o Sacramento da penitência? para esta hora guardais o remédio de vossa salvação? Oh desgraçados de vós os que o guardais para esta hora! Mas quero que com todas estas aflições que vos pode causar a enfermidade, tendes lugar para vos confessar: ãa confissão dilatada como pode ser perfeita, e verdadeira confissão? Por isso Eu dizia que o mesmo Demônio que no discurso<sup>u</sup> da vida vos aconselhava que ainda não era tempo, que na hora da morte vos há de dizer que já não é tempo. Daqui fi-

<sup>t</sup> Sobre a prática da sangria para tratamento de diversos sintomas, cf. Roma (1753, p. 93-102).

<sup>u</sup> O emprego de *discurso* por *decurso* era comum. Segundo Bluteau (1789, v. 1, p. 442), *discurso* podia significar “O espaço de tempo que corre”. Vieira também o utiliza com essa acepção, no *Sermão de São João Batista*, pregado em 1644 (§ II), e, antes dele, Duarte Nunes do Lião, em *Origem da Língua Portuguesa* (1606, p. 1).

205 ca fácil de conhecer a verdade do meu discurso, que quem vos emudece não é o tempo, senão o Demônio; porque o Demônio é o que vos persuade que ainda não é tempo, o Demônio bem conhece que já é tempo para o vosso remédio, mas vós vos persuadís que ainda não é tempo, porque andais tomados, e assistidos do Demônio.

210 Entrou Cristo na região dos Gerasenos, e saindo-lhe ao encontro dous endemoninhados, começaram a clamar assim: *Quid tibi et nobis fili Dei? Venisti huc ante tempus torquere nos?*<sup>v</sup> Eu cuidava ategora<sup>w</sup> que estas palavras disseram os Demônios a Cristo, mas advertindo com alguma atenção nas palavras do Evangelista, vejo que o Evangelista faz distinção entre as palavras que disseram os Demônios, e as palavras que disseram os endemoninhados; porque falando distintamente do que disseram os Demônios, diz que pediram a Cristo licença para se meterem em os corpos de uns animais que ali andavam pascendo: *Dæmones autem dixerunt: si nos ejicis, mitte nos ingregem porcorum:*<sup>x</sup> e falando dos endemoninhados, diz que eles foram os que disseram a Cristo que os vinha atormentar antes de tempo: *Occurrerunt ei duo Dæmonia habentes, sævi nimis, et clamabant dicentes: Venisti huc ante tempus torquere nos?*<sup>y</sup> Muito temos aqui que reparar: primeiramente havendo de falar a Cristo assim os Demônios, como os endemoninhados, por que não disseram os Demônios a Cristo, que ainda não era tempo? porque ainda que os Demônios digam aos homens que ainda não é tempo para tratarem do seu remédio, contudo bem conhecem eles que já é tempo pois se o não disseram os Demônios, por que o disseram os endemoninhados? Porque eram endemoninhados: homens tomados, e assistidos dos Demônios

215

220

---

<sup>v</sup> Nota marginal: <Matt. 8. 29.> (os números 2 e 9 estão virados em A). **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 8, v. 29: *Et ecce clamauerunt dicentes: Quid nobis, et tibi, Iesu fili Dei? Venisti huc ante tempus torquere nos? BSP: Puseram-se a gritar, dizendo: Que tens tu conosco, Filho de Deus? Vieste aqui atormentar-nos antes do tempo?*

<sup>w</sup> Segundo Aulete, advérbio composto (antigo e popular), formado por *até + agora*, com o mesmo significado dessa expressão, sem a contração (cf. ATEGORA. In: iDICIONÁRIO Aulete. Disponível em <<http://aulete.uol.com.br/ategora>>. Acesso em 09 fev. 2014).

<sup>x</sup> **VL**, *ibidem*, c. 8, v. 31: *Dæmones autem rogabant eum, dicentes: Si ejicis nos hinc, mitte nos in gregem porcorum. BSP: Os demônios rogavam-lhe, dizendo: Se nos expulsas daqui, manda-nos para a vara de porcos.*

<sup>y</sup> **VL**, *ibidem*, c. 8, v. 28-29: *Et cum venisset trans fretum in regionem Gerasenorum, occurrerunt ei duo habentes dæmonia de monumentis exeuntes, sævi nimis, ita vt nemo posset transire per viam illam. Et ecce clamauerunt dicentes: Quid nobis, et tibi, Iesu fili Dei? Venisti huc ante tempus torquere nos? BSP: Quando Jesus chegou à outra margem do lago, à região dos gadarenos, saíram-lhe ao encontro dois homens endemoniados, que saíam dos sepulcros, e eram tão furiosos que ninguém ousava passar por aquele caminho. Puseram-se a gritar, dizendo: Que tens tu conosco, Filho de Deus? Vieste aqui atormentar-nos antes do tempo?*

225 nunca se persuadem que é tempo do seu remédio; era tempo para estarem assistidos dos Demônios, e não era tempo para serem aliviados por Cristo: os Demônios conheciam que era tempo, e por isso o não disseram; os endemoninhados disseram que ainda não era tempo, porque estavam assistidos dos Demônios.

230 Mas reparo eu ainda, que estes endemoninhados eram dous: *Duo Dæmonia habentes*: e com que mistério, ou com que razão? Para que assim se visse que aqueles para cujo remédio ainda não é tempo, são de duas sortes: uns são aqueles para quem ainda não é tempo do remédio, porque ainda não é tempo da Quaresma; outros são aqueles para cujo remédio ainda não é tempo, porque ainda não é tempo da morte; mas a verdade é que ou sejam uns, ou outros, não tratem de seu remédio, não é porque ainda não seja tempo, senão porque tem em si ao Demônio: *Duo Dæmonia habentes*. E por isso o homem do Evangelho estava mudo, não porque não fosse tempo de falar, senão porque o Demônio o fazia emudecer: *Erat Iesus ejiciens Dæmonium, et illud erat mutum*.

240 A última desculpa que dão os mudos para a confissão, é toda Teológica, e Cristã, e fundada toda em escrúpulos de consciência, e dizem assim: A confissão para ser perfeita, há de ser com verdadeiro arrependimento das culpas, e propósito firmíssimo da emenda: logo quem não tiver este verdadeiro arrependimento, e este firme propósito, não fará confissão verdadeira: de que servirá logo confessar-me, senão de acrescentar às culpas de minha descomposta vida a nova culpa de ãa sacrílega confissão? pois se não estou para confessar-me, para que me hei de confessar? Um diz, que está tão amarrado à ocasião de sua culpa, que de nenhum modo

245 a pode largar: outro diz, que tem em si a fazenda alhea de que vive, e de que se sustenta, e que de  
 nenhũa sorte a pode restituir: outro, que está tão agravado, e tão deliberado à vingança, que em  
 nenhum caso pode ceder. E se com estes impedimentos, dizem eles, fica a confissão não somente  
 nula, senão sacrílega, quanto melhor será não tratar da confissão?

Eis aqui a última desculpa dos mudos, e quanto mais fundada, tanto mais enganosa. Vinde  
 250 cá homens, dizei-me: por que não confessais vossas culpas? Dizeis que porque estais impedidos;  
 e é boa razão esta para um Cristão? deixai o impedimento, e confessai-vos, que para isso é a  
 confissão, para remédio do pecado que vos põe esse impedimento; e senão respondi-me: Está  
 um homem dentro em ãa casa de que faz toda a estimação, por seu asseio, e por sua arquitetura:  
 demos que se ponha fogo à casa em que está: que fará este homem? será bem que se não livre do  
 255 incêndio pelo amor que tem à casa? Quem duvida que há de deixar a casa para se livrar do  
 incêndio? Pois isto mesmo que deve fazer quem tem amor à casa por se não queimar, deve fazer  
 quem ama a ocasião por se não perder. Vai um ladrão carregado do dinheiro que roubou, quando  
 vê que o vem seguindo a Justiça, se conserva o dinheiro que leva, vai impedido para fugir das  
 mãos da Justiça, se quer fugir da Justiça, há de largar o dinheiro: que fará este homem? Quem  
 260 ignora que há de largar o dinheiro para escapar da Justiça? Pois isto mesmo que faz o ladrão que  
 quer fugir, isto mesmo deve fazer o pecador para se livrar. Vai o Cossario<sup>z</sup> seguindo o pobre  
 baxel,<sup>aa</sup> e quando já o vai entrando, de repente se arma contra ele ãa cruel tempestade: que fará  
 neste caso o resoluto Cossario? se segue ao inimigo, perde-se,

---

<sup>z</sup> Variante diacrônica de “corsário” (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>aa</sup> Cf. Houaiss (2002), “barco de grande porte e baixas obras mortas [parte do casco do navio que fica acima da linha-d'água em plena carga]”.

---

<sup>253</sup> arquitetura] architectura A.

se foge da tormenta, perde a ocasião de tomar ao inimigo: que fará? Que tem que ver que há de largar ao inimigo para escapar da tormenta? Pois isto mesmo que faz o Cossario por se não perder, isto deve fazer o vingativo para se salvar.

Suposta assim a verdade, e a proporção destes exemplos, digam-me agora os que se não confessam, se é para admitir-se a razão com que se desculpam? Bem vejo que dizem com razão, e com verdade que não fica válida a confissão que se faz com algum impedimento; mas por que não hão de lançar de si esse impedimento para que fique válida a confissão? Se o impede a ocasião do pecado, lance de si a ocasião, e confesse-se, se o embaraça a fazenda alheia que em si tem, restitua o alheio, e confesse-se, se o estorva o pensamento da vingança, já que quer que Deus lhe perdoe, perdoe a seu inimigo, e confesse-se, e dessa sorte não terá impedimento para fazer a sua confissão. Ora vejam o que sucedeu a Davi.

Resolveu-se Davi a sair a campo com o Gigante, e revestindo-se de valor, se vestiu também com as armas de Saul: armado assim Davi, quis provar a dar dous passos adiante, mas era tão grande o peso das armas de Saul, que não podia mover-se Davi: *Non possum sic incedere*.<sup>bb</sup> e que faria Davi neste caso? deixaria de entrar na batalha, porque não podia andar? Não o permitia assim nem o seu valor, nem a sua resolução: pois que havia de fazer se verdadeiramente não podia andar? Quê? Lançar de si o impedimento: *Et deposuit ea*.<sup>cc</sup> Via-se Davi impedido para a batalha do Gigante com as armas de Saul, e se não lançasse de si o impedimento, nunca venceria ao Gigante: pois que remédio para o vencer, senão lançar de si o impedimento? Lançou o peso, e alcançou o triunfo: *Deposuit ea, et processit adver-*

---

<sup>bb</sup> Nota marginal: <I Reg 17 39.> . VL, Liber I Samuelis, c. 17, v. 39: *Accinctus ergo David gladio eius super vestem suam, cœpit tentare si armatus posset incedere: non enim habebat consuetudinem. Dixitque David ad Saul: Non possum sic incedere, quia non usum habeo. Et deposuit ea.* BSP: Cingindo, pois, Davi, com a espada de Saul sobre os seus vestidos, começou a experimentar se poderia andar assim armado porque não estava acostumado. Ele disse a Saul: Eu não posso caminhar assim, porque não tenho uso (disto). Depôs as armas.

<sup>cc</sup> *Loc. cit.*

---

<sup>274</sup> Davi] David A, *passim*.

*sus Philisthæum.*<sup>dd</sup>

285 Isto é o que fez Davi para vencer ao Gigante, e libertar ao povo; e isto é o que deve fazer qualquer Cristão para triunfar do pecado, e libertar a sua alma, deve revestir-se do valor de Davi, e se lhe serve de estorvo o impedimento de algum pecado, lance de si o impedimento como Davi, e desta sorte poderá alcançar o triunfo, se lançar de si o impedimento; e se não quer desempedirse, segue-se que a razão de se não confessar não é por escrúpulo que tenha da consciência, senão  
290 pelo amor que tem ao pecado. De todo este discurso se colhe com evidência a verdade com que eu dizia, que quem vos emudece não é a vossa desculpa, senão o Demônio, porque se quem vos emudece não é o escrúpulo, senão o pecado: quem vos causa o amor desse pecado senão o Demônio? Logo o Demônio é quem vos emudece. Com vários exemplos pudera provar esta verdade, mas por não irmos mais longe, vamos ao mudo do nosso Evangelho.

295 Ofereceram a Cristo um homem mudo: e quem teria mudo<sup>ee</sup> a este homem? Está o falar tão arriscado no mundo, que nos pudéramos persuadir que por escrúpulo não podia falar; porém não era mudo por escrúpulo, senão por impedimento; e este impedimento quem lho pôs? porventura a natureza? Não foi senão o Demônio, lançou Cristo o Demônio, cessou o impedimento: *Cum eiecisset Dæmonium, locutus est mutus*. Eis aqui os impedimentos do mudo  
300 do Evangelho, e eis aqui os impedimentos que a tantos trazem mudos, não são impedimentos de escrúpulo, não são impedimentos da natureza, são impedimentos que o Demônio vos põe; com que vimos a concluir, que quem vos tem mudos é o Demônio: *Erat Iesus ejiciens Dæmonium, et*

---

<sup>dd</sup> **VL**, Liber I Samuelis, c. 17, v. 40: *et tulit baculum suum, quem semper habebat in manibus: et elegit sibi quinque limpidissimos lapides de torrente, et misit eos in peram pastorem, quam habebat secum, et fundam manu tulit: et processit adversum Philisthæum. BSP: Tomou o seu cajado, que trazia sempre na mão, escolheu na torrente cinco pedras bem lisas, colocou-as no surrão de pastor que trazia consigo, tomou a funda na mão e saiu contra o filisteu.*

<sup>ee</sup> Equivale, aqui, ao participio de emudecer.

*illud erat mutum.*

305 Tenho acabado o Sermão, e de todo ele só quisera que vos ficasse impresso na alma, que quem fez falar ao mudo foi Cristo, e quem o fez mudo foi o Demônio; e como o Demônio só atende à nossa perdição, e Cristo solícita tanto o nosso remédio, ficai certos que a confissão é todo o nosso remédio, e que estar mudo um pecador é toda a sua perdição: Deus no-lo dê assim a conhecer a todos, para que já que estamos no santo tempo da Quaresma, nos resolvamos com todas as veras<sup>ff</sup> de nossas almas a fazer ãa verdadeira confissão com verdadeiro arrependimento  
310 de nossas culpas, propondo firmemente, enquanto a vida nos dura, ãa verdadeira emenda de nossas vidas, e só por este meio alcançaremos neste mundo a graça, e no outro a glória: *Quam mihi, et vobis præstare dignetur etc.*<sup>gs</sup>

---

<sup>ff</sup> A expressão “com todas as veras” corresponde a “com a máxima sinceridade” (cf. VERAS, in *DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa*. Disponível em <<http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx?pal=veras>>. Acesso em 09 fev. 2014).

<sup>gs</sup> Abreviação da fórmula de encerramento de sermões, *Quam mihi et vobis præstare dignetur Dominus Deus Omnipotens*. Tradução nossa: “A qual o Senhor Deus Onipotente se digne conceder a mim e a vós”.

## Sermão Sétimo, pregado nas Exéquias dos Irmãos dos Passos de Cristo.

---

*O vos omnes qui transitis per viam, attendite, Et videte si est dolor, sicut dolor meus.* Threnor. I.<sup>a</sup>

Jerusalém aquela celeberrima Cidade, que sendo admiração do mundo, chegou também a ser o mimo de Deus, depois de se ver por sua adoração tão venerada, chegou por suas culpas a ver-se de todo destruída; de tal sorte, que sendo Jerusalém o maior  
5 emprego da admiração, o maior motivo da lástima foi, e é agora Jerusalém. Entre as suas ruínas formando as suas queixas, e entre as suas queixas as suas deprecações, rompeu nas palavras que citei por tema: *O vos omnes, qui transitis per viam, attendite, et videte si est dolor, sicut dolor meus.* Isso é no sentido literal; no sentido místico Jerusalém gloriosa representa a Igreja triunfante, Jerusalém perseguida representa a  
10 Igreja militante;<sup>b</sup> e da mesma sorte Jerusalém gloriosa representa a ãa alma

---

<sup>a</sup> Vulgata Latina (1605), doravante **VL**, Lamentationes, c. 1, v. 12: *O vos omnes, qui transitis per viam, attendite, et videte si est dolor sicut dolor meus: quoniam vindemiauit me vt locutus est Dominus in die iræ furoris sui.* Bíblia Sagrada – Edições Paulinas (1986), doravante **BSP**: *Ó vós todos os que passais pelo caminho, / atendei e vede / se há dor semelhante à minha dor; / porque o Senhor me vindimou, / como tinha dito, / no dia da ira do seu furor.*

<sup>b</sup> Igreja Militante designa os cristãos que ainda vivem e lutam para perseverar em sua fé, em contraponto à Igreja Triunfante – designação para os que já estão no céu (cf. BRAATEN; JENSON, *et al*, 2007, v. 2, p. 209, 211, 249).

colocada no Céu, e Jerusalém perseguida representa a ãa alma padecendo na terra; e se Jerusalém perseguida representa a ãa alma padecendo na terra, que representará Jerusalém posta por terra, e arruinada? Que havia de representar senão a ãa alma padecendo debaixo da terra? Assim explica as palavras do nosso tema o doutíssimo à Lapide,<sup>c</sup> seguindo a S. João Crisóstomo: *Hæc eadem, et plura dicit anima in Purgatorio*:<sup>d</sup> de sorte que Jerusalém gloriosa representa as almas premiadas no Céu, Jerusalém perseguida representa as almas molestadas no mundo, e Jerusalém arruinada representa as almas castigadas debaixo da terra. Temos logo em Jerusalém representado o Purgatório; que muito<sup>e</sup> logo que treslademos hoje para as bocas das almas do Purgatório as palavras de Jerusalém? *O vos omnes qui transitis per viam, attendite, et videte si est dolor, sicut dolor meus.*

Suposto pois que as almas do Purgatório são hoje as que falam, e as que dizem estas palavras, vejamos com quem falam, e ouçamos o que dizem. Primeiramente falam sem exceção algũa com todos quantos vivemos neste mundo transitório, e estamos nesta vida mortal: isso é, *O vos omnes, qui transitis per viam*: pois já que com todos falam, que nos dizem? Dizem que atendamos, e que vejamos a sua dor: isso é, *attendite, et videte si est dolor sicut dolor meus*: pois não bastava que nos dissessem que atendêssemos, ou não bastava que nos dissessem que víssemos? Não bastava, porque ver, e atender são cousas mui diferentes, e são cousas mui diversas a vista, e a atenção: atender às cousas é pôr nelas o cuidado, ou ter cuidado delas; vê-las, é conhecê-las, ou considerá-las; ambas estas cousas nos pedem hoje a todos as almas do Purgatório; que atendamos às suas penas com o

<sup>c</sup> Nota marginal: <á Lap. in I c. Thren. vers. 12.>. Ref. a *Commentaria in Jeremiam Prophetam, Threnos et Baruch*, do Padre Cornélio à Lapide, jesuíta, expositor das Escrituras (cf. LAPIDE, 1621).

<sup>d</sup> “Essas mesmas coisas, e muitas outras, diz a alma no Purgatório” (tradução nossa).

<sup>e</sup> A expressão “que muito”, frequente também nos sermões de Vieira, equivale a “que há de estranho”, “que admiração” (cf. *Léxicon*. In: VIEIRA, 2010, p. 643).

cuidado, e com o remédio, e que vejamos as suas penas com o conhecimento, e consideração, o cuidado é o que pedem, a consideração aconselham, e tudo isto é o que nos dizem: *Attendite, et videte, si est dolor sicut dolor meus*: mas já que as almas do Purgatório falam hoje com todos universalmente, vejamos a razão que têm para falar com todos, e vejamos a  
 35 razão que têm para nos dizer a todos o que nos dizem. Esta há de ser toda a matéria deste Sermão, e como não pedem já remédio para a culpa, senão para a pena, menos dificultoso nos será pedir intercessão para a graça. *Ave Maria*.

*O vos omnes, qui transitis per viam, etc.*

40 Duas cousas contêm estas palavras ditas pelas almas do Purgatório: ãa nos pedem, outra nos aconselham: pedem-nos que atendamos à sua dor para que a remediemos, e para que nos aproveitemos; aconselham-nos que a vejamos. E começando pela sua petição: a quem pedem, e com quem falam? Falam com todos os homens, falam com todos os mortais, falam com todos os que vivemos neste mundo: isso quer dizer: *O vos omnes qui transitis per viam*.  
 45 E por que razão hão de falar com todos? Com grandíssima razão: falam as almas do Purgatório com os que vivemos neste mundo, e de todos solicitam o remédio; porque quantos nele vivemos temos obrigação de acudir ao remédio das almas do Purgatório. Eu dizia até agora que as almas pedem; agora digo que mandam, porque não dizem, pedimos que atendais, senão, atendei: *Attendite*: e por que razão falam mandando, se verdadeiramente estão pedindo? Porque falam com todos quantos vivemos neste mundo, e como todos temos  
 50 obrigação de socorrer as almas do Purgatório, de tal maneira nos pe-

dem, que não somente movem a nossa piedade, senão que nos lembram a nossa obrigação, *attendite*.

Mas em que se funda esta obrigação dos homens? Em que se havia de fundar? São homens, são mortais? logo a respeito dos mortos a sua piedade é dívida, a sua misericórdia é obrigação. Chegou Cristo à sepultura de Lázaro para o ressuscitar, e diz o Evangelista que  
 55 começara a romper em suspiros, e a desatar-se em lágrimas: *Infremuit spiritu, et lacrymatus est Jesus*:<sup>f</sup> e por que razão chora Cristo? Dir-me-ão que porque vê morto a Lázaro: pois se o vê morto, não o há de ver logo ressuscitado? Assim é; mas se o há de ressuscitar como Deus, tem obrigação de o chorar como homem; Cristo é homem, e é Deus, e se como Deus usava  
 60 com Lázaro da sua misericórdia, como homem deve mostrar em Lázaro a sua obrigação: ressuscite pois a Lázaro pelo poder que tem a título de Deus, e chore a Lázaro pela obrigação que tem a título de homem: Lázaro é morto, Cristo é homem, deve logo Cristo chorar a Lázaro: tudo é de São Cirilo Alexandrino:<sup>g</sup> *Flebat eum Dominus, et lacrymas solvebat pro parte humanitatis, quem resuscitaturus erat per potentiam divinitatis*.<sup>h</sup> Reparem naquela  
 65 palavra, *lacrymas solvebat*; não só quer dizer que desatava as lágrimas, senão que as pagava; como Cristo era homem, e Lázaro era morto, a Lázaro pelo que tinha de morto devia Cristo pagar o tributo das lágrimas pelo que tinha de homem; bastava ser homem para lhas dever, e para lhas pagar: *Flebat eum Dominus, et lacrymas solvebat pro parte humanitatis*.

Esta lição aprendeu de Cristo pontualmente aquele Discípulo seu que usou na morte a  
 70 maior piedade com Cristo; foi ele José, e é de advertir que descrevendo o Evan-

---

<sup>f</sup> Nota marginal: <Joan. 11. 33>. VL, Evangelium secundum Ioannem, c. 11, v. 33, 35: *Iesus ergo, vt vidit eam plorantem, et Iudæos qui venerant cum ea, plorantes, infremuit spiritu, et turbavit se ipsum [...]. Et lacrymatus est Iesus. BSP: Jesus, porém, vendo-a chorar, a ela e aos judeus, que tinham ido com ela, comoveu-se profundamente e perturbou-se [...]. Jesus chorou.*

<sup>g</sup> Nota marginal: <Cyrill. in II c. Ican. c 20. tom. I.>. Ref a *Comentarius in Lucam* [c. XX] de Cirillus Alexandrinus (cf. CIRILLUS ALEXANDRINUS In: MIGNE, P.G., v. 72, t. V, 1864, col. 882-894).

<sup>h</sup> “O Senhor, pelo que tinha de humano, chorava e estilava lágrimas por quem houvera de ressuscitar com o poder da sua divindade” (tradução nossa).

---

<sup>70</sup> José] Joseph A, *passim*.

gelista o ato de piedade que usou com Cristo quando lhe deu a sepultura, o que mais encareceu nele foi a sua justiça: *Et ecce vir erat nomine Ioseph, qui erat Decurio, vir bonus, et justus.*<sup>i</sup> Reparo em que duas vezes lhe chama homem: a primeira, *Et ecce vir*: a segunda, *vir bonus, et justus*: por que se há de chamar homem duas vezes? Porque duas vezes foi homem, 75 ãa, porque o era por natureza; outra, porque mostrou que o era: estava Cristo morto e ele foi o que tratou de dar sepultura a Cristo, e é tão própria dos homens esta piedade, que quem usa de piedade para com um morto, esse mostra verdadeiramente que é homem: era homem pela natureza que tinha: *Et ecce vir*: na piedade que usou mostrou que o era: *vir bonus*: pois se a sua ação foi piedade, como a atribui o Evangelista à justiça: *Vir bonus, et justus*? Porque era 80 homem, e a piedade que se usa com os mortos é tão devida nos homens, que ainda que é piedade, deve chamar-se justiça, e o homem que a faz, ãa vez que é homem, não só a faz como piedoso: *Vir bonus*, senão também como justo: *Vir bonus, et justus*.

E para que se veja com maior evidência que esta é a obrigação de todos os homens, pergunto: Que homens pode haver em quem se não ache esta obrigação? Dirão 85 que nos Bárbaros, e nos Infiéis: pois aí se verá como abrange a todos os homens, que até nos Infiéis, e até nos Bárbaros se acha, os que são infiéis para os vivos, até esses são fiéis para os defuntos. Que gente mais infiel para os Hebreus que os Egípcios, e contudo sendo infiéis para eles enquanto vivos, os souberam chorar depois de mortos: *Flevit eum Egyptus septuaginta diebus.*<sup>j</sup> Que homens mais bárbaros que os Heteus? e contudo não há 90 entre os Heteus quem possa proibir o benefício dos mortos:

---

<sup>i</sup> Nota marginal: <Luc. 23. 50.>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 23, v. 50: *Et ecce vir nomine Ioseph, qui erat decurio, vir bonus et iustus*. **BSP**: Então um homem chamado José, que era membro do Sinédrio, varão bom e justo [...].

<sup>j</sup> Nota marginal: <Gen. 50. 3.>. **VL**, Liber Genesis, c. 50, v. 3: *Quibus iussa expleantibus, transierunt quadraginta dies: iste quippe mos erat cadaverum conditorum. flevitque eum Ægyptus septuaginta diebus*. **BSP**: Enquanto eles cumpriam a ordem, passaram-se quarenta dias; porque era este costume praticado com cadáveres embalsamados; e o Egito chorou-o durante setenta dias.

---

<sup>71</sup> ato] acto (e formas cognatas) *A*, *passim*.

*Nullus te prohibere potest, quin sepelias mortuum tuum.*<sup>k</sup> Porém que muito? ainda que eram Infiéis, ainda que eram Bárbaros, contudo eram homens, e basta esta razão de homens vivos para se darem por obrigados à piedade para com os mortos. Por isso com razão à piedade que se usa com os mortos chamaram Santo Tomás, Santo Agostinho, S. Paulino, e S. Bernardo ato  
 95 de humanidade, porque enfim é ato próprio da humana natureza a piedade para com os mortos, e por isso falam os mortos com todos: *O vos omnes, qui transitis per viam.*

Porém ainda que todos os homens devem esta piedade aos mortos, contudo como nesta ação falam mais especialmente as almas do Purgatório, e só os Cristãos com os seus sufrágios podem remediar aquelas benditas almas, digo em segundo lugar que elas falam hoje, e falam  
 100 sempre com todos os Cristãos, e se me não engano, cuido que assim se nos explicam quando nos falam: *O vos omnes, qui transitis per viam*: esta palavra, *per viam*, significa esta presente vida, e neste sentido falam as almas com todos os mortais; porém esta mesma palavra mais rigorosamente considerada, como significa o caminho, e o verdadeiro caminho de nossa salvação é a fé, e a Cristandade, podemos considerar que falam as almas do Purgatório com  
 105 todos os Cristãos, porque falam com todos os que acertamos com o verdadeiro caminho: *O vos omnes, qui transitis per viam.*

Daqui se segue que todos os Cristãos, universalmente todos somos obrigados a socorrer as almas do Purgatório, ainda quando não houvera outro título algum, só pelo nome que temos de Cristãos: somos Cristãos: logo somos obrigados a procurar o remédio  
 110 das almas do Purgatório: a razão fundamental desta doutrina é;

---

<sup>k</sup> Nota marginal: <Gen. 15. 9.>. **VL**, Liber Genesis, c. 23, v. 6: *Audi nos domine, princeps Dei es apud nos: in electis sepulchris nostris sepeli mortuum tuum: nullusque prohibere te poterit quin in monumento eius sepelias mortuum tuum.* **BSP**: *Senhor, ouve-nos: Tu és entre nós um príncipe de Deus; sepulta o teu defunto nas nossas mais belas sepulturas, e ninguém te poderá proibir que sepultes o teu defunto no seu monumento.*

porque aqueles são os verdadeiros Cristãos, que seguem a doutrina de Cristo: e qual é a sua doutrina? É a caridade para com os próximos: e só esse, diz o mesmo Cristo, mostrará ser meu discípulo, que tiver esta caridade: *In hoc cognoscent omnes quia discipuli mei estis, si dilectionem habueritis ad invicem*:<sup>1</sup> porém se mostra ser Cristão, e Discípulo de Cristo quem é piedoso para com os vivos, quanto mais se o for para com os mortos? Infinita foi a misericórdia de Cristo para com os vivos; porém quem duvidará que para com os mortos andou muito mais adiantada a sua misericórdia? Todo o sangue de Cristo foi derramado pelos vivos, e pelos mortos, porém o seu preço primeiro se aplicou ao benefício dos mortos, do que ao remédio dos vivos: *In sepulturam peregrinorum, quia pretium sanguinis est*.<sup>m</sup> A alma de Cristo depois de sua morte, antes que Cristo ressuscitasse para os vivos, já tinha descido para os mortos: *Descendit primum in inferiores partes terræ*:<sup>n</sup> segue-se logo que a misericórdia de Cristo primeiro é para os mortos, que para os vivos: logo quem professa a Lei de Cristo, para mostrar que segue a sua Lei, o seu primeiro cuidado deve ser o benefício dos mortos.

Joseph ab Arimatæa, de quem já falamos, era discípulo de Cristo, porém oculto; e por onde se veio a conhecer depois que era seu discípulo? Tanto que o viram tratar da sepultura de Cristo morto: bem inferiram os que o conheceram; porque quem trata de fazer benefícios a um morto, que pode ser senão discípulo de Cristo? Foi ponderação de Hugo Cardeal:<sup>o</sup> *Erat discipulus Christi, sed occultus; sed circa funeris extrema manifestavit discipulatum*.<sup>p</sup> Isto que aconteceu a José discípulo de Cristo, se vê também em toda a Cristandade, e em toda a Igreja Ca-

<sup>1</sup> Nota marginal: <Joan. 13 35.>. **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 13, v. 35: *In hoc cognoscent omnes quia discipuli mei estis, si dilectionem habueritis ad invicem*. **BSP**: *Nisto reconhecerão todos que sois meus discipulos, se tiverdes amor uns aos outros*.

<sup>m</sup> Nota marginal: <Mat. 27. 8.>. **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 27, v. 6, 7: *Principes autem sacerdotum, acceptis argenteis, dixerunt: Non licet eos mittere in corbonan: quia pretium sanguinis est. Consilio autem inito, emerunt ex illis agrum figuli, in sepulturam peregrinorum*. **BSP**: *Os príncipes dos sacerdotes, tomando as moedas de prata, disseram: Não é lícito deitá-las na arca das esmolos, porque são preço de sangue. E, tendo consultado entre si, compraram com elas o campo do oleiro, para sepultura dos estrangeiros*.

<sup>n</sup> Nota marginal: <Ephes. 4 9.>. **VL**, Epistula ad Ephesios, c. 4, v. 9: *Quod autem ascendit, quid est, nisi quia et descendit primum in inferiores partes terræ?* **BSP**: *Ora, que significa que subiu, senão que também antes tinha descido aos lugares mais baixos da terra?*

<sup>o</sup> Nota marginal: <Hug. in 23. D. Luc.>. Ref. ao comentário do cap. 23 do evangelho de Lucas, por Hugo de Sancto Caro (Hugonis Cardinalis), séc. XIII (cf. HUGONIS DE SANCTO CHARO, 1669, p. 271).

<sup>p</sup> “Era discípulo de Cristo, se bem que oculto; contudo, próximo do final do funeral, manifestou o seu discipulado” (tradução nossa).

130 tólica; porque essa foi a divisa de toda a Igreja Católica, ocupar-se toda em benefício dos  
mortos, seguindo os exemplos de Cristo. E senão, qual é a diferença entre a Lei da Graça, e a  
Lei Escrita a respeito dos mortos? Na Lei Escrita, e ainda na Lei da Natureza sempre os vivos  
tiveram piedade para com os mortos; porém em que mostravam essa piedade? Nos prantos,  
135 nos lutos, na soberba das inscrições, na magnificência dos epitáfios, nas sepulturas que  
erigiam,<sup>q</sup> nas pirâmides que levantavam, enfim todo o benefício era para os corpos; pelo  
contrário, em que consiste a piedade para com os mortos na Lei da Graça? Nos sacrifícios, nos  
sufrágios, nas preces, e nas Orações, e enfim todo o benefício é para as almas: pois donde veio  
à Lei da Graça este maior cuidado das almas, que dos corpos? Donde havia de vir, senão que  
essa é a Lei da Cristandade? Somos Cristãos, seguimos a Lei de Cristo? logo devemos socorrer  
140 as almas do Purgatório.

Falava Cristo em nome de Esposo divino com toda a Igreja Católica, e dizia  
assim: *Quæ habitas in hortis, amici auscultant, fac me audire vocem tuam:*<sup>r</sup> quer dizer:  
Vós Esposa minha, que habitais entre os jardins, levantai a voz para que Eu vos ouça,  
porque os amigos estão esperando que levanteis a voz. Duvido aqui, que Esposa de  
145 Cristo é esta que habita nos jardins, e que amigos são estes que esperam pela voz da  
Esposa? Responde Hugo Florense,<sup>s</sup> que a Esposa nos jardins é a Igreja Militante,<sup>t</sup> e os  
amigos que esperam pela sua voz são as almas do Purgatório: *Debemus habitare in  
hortis, id est in Ecclesia militante, et amici nostri in Purgatorio positi volunt audire  
nostræ piæ supplicationis vocem, qui sumus in horto meritorum.*<sup>u</sup> Com razão querem  
150 logo os amigos ouvir a voz da Esposa; porque como as almas do Purgató-

---

<sup>q</sup> Variante de “erigiam”. Bluteau (1713, p. 187) registra: “EREGER, ou Eregir. Vid. Erigir”.

<sup>r</sup> Nota marginal: <Cant. 8. 13.>. **VL**, Canticum Canticorum, c. 8, v. 13: *Quæ habitas in hortis, amici auscultant: fac me audire vocem tuam.* **BSP**: *Ó tu, que habitas nos jardins, / os nossos amigos estão atentos; / faz-me ouvir a tua voz.*

<sup>s</sup> Nota marginal: <Hugo Flor in idem cap.>. Vide. nota “o”.

<sup>t</sup> Sobre a designação Igreja Militante, vide nota “b” deste sermão.

<sup>u</sup> “Hemos de habitar nos jardins, isto é, na Igreja Militante; e nossos amigos, no Purgatório, querem ouvir a súplica piedosa dos que estamos no jardim dos méritos” (tradução nossa).

---

<sup>134</sup> lutos] luctos A; inscrições] inscripções A.

rio dependem tanto das Orações da Igreja, com razão estão sempre esperando pelas suas vozes; porque sempre estão dependendo das suas Orações: *Amici auscultant*: porém se as almas do Purgatório são as que querem ouvir as vozes da Igreja, como diz Cristo à mesma Igreja que levante as vozes, porque ele as quer ouvir: *Fac me audire vocem tuam*? Aí se verá  
 155 como a piedade da Igreja para com as almas do Purgatório toda nasce da Lei, e doutrina de Cristo. As almas do Purgatório, diz Cristo falando com toda a Igreja, todas estão esperando que me rogueis, e que me peçaís por elas, e Eu vos ordeno que me peçaís; elas esperam ouvir as vossas vozes, e as vossas Orações dirigidas a mim, e Eu vos mando que levanteis as vozes, e me façaís Orações por elas: *Fac me audire vocem tuam*: de maneira que as almas do  
 160 Purgatório esperam pelas Orações da Igreja: *Amici auscultant*; e Cristo ordena à mesma Igreja que lhe faça essas Orações: *Fac me audire vocem tuam*: logo é obrigação universal de toda a Igreja Católica, e de toda a Cristandade pedir a Deus pelas almas do Purgatório, essa é a obrigação da Cristandade, porque esse é o preceito de Cristo: *Fac me audire vocem tuam*. Tiremos logo de todo este discurso, que se fazer benefícios às almas do Purgatório é doutrina,  
 165 e preceito de Cristo, todo o que se preza de Cristão, e de filho da Igreja deve não faltar às almas do Purgatório com os seus benefícios; e porque esta é a obrigação de toda a Cristandade, por isso as almas do Purgatório pedem o alívio de seu tormento a todos os que acertaram com o verdadeiro caminho: *O vos omnes, qui transitis per viam*.

Porém ainda que esta obrigação é universal a todos os Cristãos, em uns  
 170 Cristãos para com outros pode haver alguma ra-

zão mais especial: e qual é essa razão? É a da pátria: os que são da mesma pátria, da mesma língua, e da mesma nação são mais obrigados a socorrer com seus sufrágios às almas do Purgatório que forem da mesma nação, da mesma língua, e da mesma pátria. Lá chamou Deus a Moisés desde a Sarça, e ali lhe ordenou, que fosse livrar aos Hebreus do cativeiro do Egito:

175 *Perge igitur, et ego ero in ore tuo: vade, et revertere in Egyptum.*<sup>v</sup> Reparo aqui, por que pôs Deus este preceito a Moisés: por certo que não era o negócio tão livre de dificuldades que se não pudesse livrar de obediências, nem era a expedição tão livre do perigo que se não pudesse escusar do preceito: ir falar a um Rei sobre um negócio de tão pesadas consequências, que maior perigo? Entrar em um ponto de tão consideráveis circunstâncias, que maior dificuldade? Porque

180 no negócio a que Moisés havia de ir, tudo se havia de vencer: Moisés ia a libertar o povo de Deus que estava no cativeiro do Egito: o povo de Deus no cativeiro do Egito representava as almas dos Fiéis no cárcere do Purgatório, e é negócio de tanta importância a liberdade das almas, que à custa de todo o perigo se deve tratar do seu remédio; e por isso manda Deus a Moisés que vá tratar da liberdade do seu povo, sem atender ao seu perigo: *Perge igitur,*<sup>w</sup> *et vade.*<sup>x</sup> Bem está:

185 mas este preceito de Deus por que razão se havia de pôr a Moisés? faltaria outrem a quem se pôr? por força Moisés havia de ser quem executasse este preceito? qual seria a razão que teria Deus? O mesmo Moisés conheceu a razão: *Vadam, et revertar ad fratres meos in Egyptum:*<sup>y</sup> Moisés sendo Hebreu vivia livre como filho adotivo da filha de Faraó, todos os outros Hebreus estavam cativos; de sorte que o livre, e os cativos todos eram da

---

<sup>v</sup> Nota marginal: <Exod 4. 12.>. **VL**, Liber Exodus, c. 4, v. 12, 19: *Perge igitur, et ego ero in ore tuo: doceboque te quid loquaris. [...] Dixit ergo Dominus ad Moysen in Madian: Vade, et revertere in Ægyptum: Mortui sunt enim omnes qui querebant animam tuam. BSP: Vai, pois, e eu estarei na tua boca, e te ensinarei o que deverás dizer. [...] Ora, o Senhor disse a Moisés, em Madian: Vai, e volta ao Egito, porque morreram todos aqueles que procuravam a tua alma.*

<sup>w</sup> *Loc. cit.*

<sup>x</sup> “e vai” (tradução nossa).

<sup>y</sup> **VL**, Liber Exodi, c. 4. v. 18: *Abijt Moyses, et reuersus est ad Iethro socerum suum, dixitque ei: Vadam et reuertar ad fratres meos in Ægyptum, vt videam si adhuc viuant. Cui ait Iethro: Vade in pace. BSP: Moisés partiu, e voltou para Jetro seu sogro, e disse-lhe: Eu irei, e voltarei aos meus irmãos no Egito a ver se ainda estão vivos. Jetro disse-lhe: Vai em paz.*

---

<sup>174</sup> Egito] Egypto A, *passim*.

<sup>188</sup> adotivo] adoptivo A.

190 mesma nação, todos da mesma língua, todos da mesma pátria, todos da mesma profissão: pois o livre socorra aos cativos, o Hebreu que vive em sua liberdade, vá livrar aos Hebreus que estão em cativeiro, e vá Moisés tratar da redenção dos Hebreus, e para que entenda Moisés que esta é a sua obrigação, não vá só por piedade de homem, vá por preceito de Deus: *Perge igitur: vade, et revertere in Egyptum.*

195 E para que levantemos a consideração a pensamentos mais altos, passemos da redenção dos hebreus que Deus encomendou a Moisés, à redenção de todo o mundo, que o mesmo Deus encomendou ao nosso Redentor. Assim como Deus ordenou a Moisés que fosse remir aos Hebreus, assim ordenou a seu Filho que viesse remir o mundo: foi Moisés remir aos Hebreus da pena do cativeiro, e veio o Filho de Deus a remir-nos, não só do  
200 cativeiro da culpa, senão também do cativeiro da pena. E qual foi a primeira disposição que Deus fez para que o Filho nos remisse? Dispôs, que o Verbo divino encarnasse: profunda disposição de Deus! E que dependência tinha a redenção dos homens da Encarnação do Filho de Deus? por força para nos remir havia de encarnar? Por força; porque como a nossa redenção para ser meritória havia de ser por força de preceito: *Factus obediens usque ad*  
205 *mortem;*<sup>z</sup> e como o Verbo divino não era capaz de preceito, enquanto Filho de Deus, para nos remir por preceito de Deus foi necessário que encarnasse, e tomasse a natureza de homem. Mas parece que não basta esta razão; porque para obedecer a Deus pudera tomar a natureza de Anjo: pois por que mais tomou a natureza de homem? Porque quis Deus que tivesse Cristo obrigação de remir-nos, e para nos remir por obrigação,

---

<sup>z</sup> Nota marginal: <Philip. 2 8.>. **VL**, Epistula ad Philippenses, c. 2, v. 8: *Humiliavit semetipsum factus obædiens vsque ad mortem, mortem autem crucis.* **BSP**: *Humilhou-se a si mesmo, feito obediente até a morte, e morte de cruz!*

---

<sup>192</sup> redenção] redêpção (e formas cognatas) A, *passim*.

210 havia de ter a mesma natureza: queria Deus que Cristo remisse aos homens não só por força de seu preceito, senão também de sua obrigação: pois para isso que remédio? não tome a natureza dos Anjos, que são nascidos, e têm pátria no Céu, tome a natureza dos homens, nasça, e tenha a pátria na terra, porque desta sorte, sendo da mesma natureza, do mesmo sangue, da mesma língua, e da mesma pátria, ele se dará por obrigado a remir as almas dos

215 homens. Eis aqui a razão por que Cristo se deu por obrigado a remir da culpa as almas do mundo: e eis aqui a razão por que eu dizia que a pátria, a língua, e a nação nos devem obrigar a remir da pena as almas do Purgatório.

Contudo ainda que os homens são todos obrigados só por homens, e ainda que mais especialmente são obrigados os Cristãos, e dos Cristãos mais especialmente os naturais, de

220 todos eles os que são muito mais obrigados a favorecer os mortos, são os amigos, os que foram amigos sendo vivos, esses são mais obrigados a socorrer aos amigos depois de mortos. Por isso lá Jó, viva representação de ãa alma do Purgatório, pedia aos amigos que ao menos eles o socorressem; porque faltando todos, pelo menos não devem faltar os amigos: *Miseremini mei, miseremini mei saltem vos amici mei*:<sup>aa</sup> a razão desta maior dívida é, porque

225 os amigos para serem verdadeiros, devem mostrar-se verdadeiros amigos; e em que hão de mostrar os amigos que verdadeiramente são amigos? Respondo, que só na morte o podem mostrar: quem mostra que é amigo depois da morte, só este mostra que foi amigo durante a vida; porque pelo contrário, quem se não mostrou amigo depois da morte, mostra com bem grande evidência que no tempo da vida verdadeiramente não era amigo; e assim é verda-

---

<sup>aa</sup> Nota marginal: <Iob 19. 21.>. **VL**, Liber Iob, c. 19, v. 21: *Miseremini mei, miseremini mei, saltem vos amici mei, quia manus Domini tetigit me*. **BSP**: *Compadecei-vos de mim, compadecei-vos de mim, ao menos vós, meus amigos, / porque a mão do Senhor me feriu*.

---

<sup>222</sup> Jó] Job A.

230 deiramente; porque a verdadeira amizade não se acaba com a vida, segue a alma, e continua depois da morte.

Morreu o Emperador Teodósio, que até os Emperadores morrem, e escolhendo-se digno Orador para tão augustas exéquias, foi nomeado o seu grande amigo Santo Ambrósio:<sup>bb</sup> no fim da sua funesta Oração disse o Santo, e Doutor eloquentíssimo desta maneira: *Dilexi, et ideo prosequor eum usque ad regionem vivorum, nec deseram, donec fletu, ac precibus inducam Virum quo sua merita vocant, in montem Domini sanctum.*<sup>cc</sup> Quer dizer, se o soubermos explicar: Morreu o Emperador Teodósio, e como eu o amei em vida, quero mostrá-lo na morte, portanto não hei de descansar, até que com minhas lágrimas, e minhas orações o ponha no lugar devido a seus merecimentos. Todas estas palavras do Santo Doutor são dignas de toda a veneração; porém acho que é muito digna de reparo aquela palavra, *dilexi*, se Santo Ambrósio queria mostrar com as suas preces que ainda depois da morte continuava a sua amizade, *prosequor*: por que não diz, quero mostrar que também agora o amo, senão, quero mostrar que o amei: *Dilexi, et ideo prosequor?* Com grande fundamento, e com grande razão; porque quem não ama na morte, é sinal que não amou na vida, e é necessário na morte mostrar que ama, para mostrar que na vida também amou: *Dilexi, et ideo prosequor.*

Esta Filosofia de amor parece que estudou Santo Ambrósio na escola de Cristo; porque o mesmo Cristo para fazer argumento de que tinha amado na vida, fundava a prova no que amava na morte. Isto se viu claramente no amor que Cristo mostrou que tinha a Lázaro depois de morto, porque ainda depois de morto Lázaro foi amigo na boca de

<sup>bb</sup> Nota marginal: <D. Amb cõcione in obit Theod.>. Cf. AMBROSII, *Opera Omnia*. tomus IV, liber II, 1836, p. 196.

<sup>cc</sup> “Amei-o; por isso, o persigo até a região dos viventes, e não o deixarei até que, a custo de choro e preces, faça entrar [este] homem onde os seus méritos o chamam: no Monte Santo do Senhor” (tradução nossa).

250 Cristo: *Lazarus amicus noster dormit*:<sup>dd</sup> mas que faria Cristo depois da morte de Lázaro para  
 mostrar que era amigo? Diz o Evangelista que chorara Cristo, diz que suspirara, diz que  
 levantou os olhos para o Céu, e falou com o Eterno Padre, diz que mandou levantar a  
 sepultura, e que mandou aos Apóstolos que tirassem as mortaldas, e as ataduras de Lázaro, e  
 enfim diz que restituiu a vida, e que Lázaro ressuscitou. Admirável piedade de Cristo! Lázaro  
 255 morto, Lázaro atado, Lázaro debaixo da terra, Lázaro entre os horrores da sepultura representa  
 a ãa alma ligada entre as penas do Purgatório: Cristo chorando, e sentindo, Cristo com os  
 olhos no Céu pedindo, e rogando, Cristo mandando aos Apóstolos que soltassem a Lázaro,  
 representa a um Cristão rogando a Deus pelas almas, e aplicando os sufrágios dos Sacerdotes  
 para as soltarem de suas penas: e enfim Lázaro ressuscitado, e restituído da sepultura para a  
 260 vida representa a ãa alma do Purgatório livre da pena, e ressuscitada para a glória: pois por  
 isso diz Cristo que é amigo até depois da morte, *Lazarus amicus noster*: depois da morte do  
 amigo saber sentir-lhe a morte, saber pôr os olhos no Céu procurando-lhe o perdão, saber  
 encomendá-lo aos Sacerdotes encarregando-lhes a soltura, e enfim saber procurar-lhes a  
 livrança da pena, e a entrada na glória, isso é ser amigo: *amicus noster*.

265 Mas reparem aqui que vendo os circunstantes todas estas demonstrações de  
 amizade, não disseram, bem mostra Cristo como é amigo de Lázaro, senão, bem  
 mostra como foi seu amigo: porque não disseram, eis aqui quanto o ama, senão, eis  
 aqui quanto o amava: *Ecce quomodo amabat eum*:<sup>ee</sup> pois se Cristo nesta presente ação  
 mostra que atualmente ama, por que não dizem, eis aqui

---

<sup>dd</sup> **VL**, *Evangelium secundum Ioannem*, c. 11, v. 11: *Hæc ait, et post hæc dixit eis: Lazarus amicus noster dormit: sed vado vt a somno excitem eum.* **BSP**: *Assim falou e, depois disto, disse-lhes: Nosso amigo Lázaro dorme; mas vou despertá-lo.*

<sup>ee</sup> **VL**, *ibidem*, c. 11, v. 36: *Dixerunt ergo Iudæi: Ecce quomodo amabat eum.* **BSP**: *Disseram por isso os judeus: Vejam como ele o amava.*

270 como o ama atualmente? Senão, eis aqui quanto o amava? Porque quem mostra na morte que ama, não somente mostra que ama de presente, mostra que amou; porque quem amou na vida, este só ama na morte: *Ecce quomodo amabat eum*.

Nem pareça que esta demonstração de amor que deu Cristo, foi só impulso da piedade, senão também Lei da natureza, porque esta demonstração deu Cristo não só como Filho de  
 275 Deus, senão como filho de Davi; porque já Davi havia dado esta mesma demonstração. Morreu Saul, e morreu Jônatas, e na sua morte chorou todo o povo em companhia de Davi: *Omnesque viri qui erant cum eo, planxerunt, et fleverunt;*<sup>ff</sup> porém como este pranto tão universal era também pela morte da maior parte do Exército, escolhendo Davi segundo dia para o pranto, chorou com todos a morte de Jônatas, e de Saul, e depois mandou às filhas de  
 280 Jerusalém que chorassem a morte de Saul: *Super Saul flete;*<sup>gg</sup> e ele só consigo se pôs a chorar a morte de Jônatas: *Doleo super te frater mi Ionatha.*<sup>hh</sup> Repararam aqui comumente os Expositores, por que razão chorou Davi três vezes: a primeira com todos por Saul, por Jônatas, e por todos os mortos do Exército: a segunda com todos, porém só por Saul: a terceira só por Jônatas, e ele só? Responde o Abulense,<sup>ii</sup> que quis Davi mostrar o seu amor  
 285 na morte, como havia sido na vida: na vida amou a todos geralmente, por isso na morte primeiro chorou geralmente a todos: na vida amou mais especialmente a Saul, e a Jônatas, por isso na morte chorou a Jônatas, e a Saul mais especialmente; e enfim na vida amou a Jônatas mais especialmente que a todos, e que a Saul, e por isso na morte muito mais especialmente chorou a Jônatas: assim se mostra na morte o mais, ou menos

---

<sup>ff</sup> Nota marginal: <2 Reg. 1 12.>. **VL**, II Samuelis, c. 1, v. 12: *et planxerunt, et fleuerunt, et ieiunauerunt vsque ad vesperam, super Saul, et super Ionathan filium eius, et super populum Domini, et super domum Israel, eo quod corruissent gladio. BSP: Prantearam, choraram e jejuaram até à tarde por causa de Saul, de Jônatas, seu filho, do povo do Senhor e da casa de Israel, porque tinham perecido à espada.*

<sup>gg</sup> **VL**, *ibidem*, c. 1, v. 24: *Filiae Israel super Saul flete, qui vestiebat vos coccino in deliciis, qui præbebat ornamenta aurea cultui vestro. BSP: Filhas de Israel, chorai sobre Saul, que vos vestia de escarlata entre as delícias, e que vos dava os ornamentos de ouro para vosso enfeite.*

<sup>hh</sup> Nota marginal: <2 Reg. 1 14.>. **VL**, *ibidem*, c. 1, v. 26: *Doleo super te frater mi Ionatha decore nimis, et amabilis super amorem mulierum. Sicut mater vnicum amat filium suum, ita ego te diligebam. BSP: Choro por ti, ó meu irmão Jônatas, o mais gentil e mais amável que o amor das mulheres. Eu amava-te como uma mãe ama o seu filho único.*

<sup>ii</sup> Denominação antonomástica para se referir, possivelmente, a Afonso Tostado (séc. XV) – bispo de Ávila, teólogo e escritor castelhano, que deixou uma vasta obra (cf. ALFONSE TOSTAT. In: MANGENOT, 1903, t.1, v.1, cols. 921-923).

---

<sup>275</sup> Davi] David A, *passim*.

290 que se amou na vida. São palavras do Abulense:<sup>jj</sup> *Specialiter plangit Ionatham, quia specialius eum diligebat*:<sup>kk</sup> não diz, chora mais a Jônatas, porque o ama mais, senão, chora, porque o amou mais: *Quia specialius eum diligebat*: quem mostra que ama na morte, não só mostra que ama, mostra que amou: sinal é logo que não amou na vida, quem não amou na morte.

295 Porém para que confirmemos esta doutrina com a ação mais generosa de Davi, vejamos neste caso a sua maior ação. Eu não me admiro neste caso de que Davi chorasse a morte de Jônatas, admiro-me de que chorasse a morte de Saul: que chorasse a morte de Jônatas! enfim havia Jônatas sido seu amigo em vida, e não era muito que o lamentasse na morte; mas que havendo Saul sido tão cruel, e tão declarado inimigo de Davi, que Davi chorasse a morte de Saul? Porém não é ainda isso o que mais me admira em Davi; porque enfim ainda que era seu inimigo, era seu Rei: mas que Abner, que era um Soldado, fosse em vida tão grande inimigo de Davi, e que contudo Davi sentisse com tantos extremos a morte de Abner? Mas ainda não é isso o que mais me admira em Davi; porque enfim ainda que era seu inimigo, não era seu obrigado: mas que Absalão, sendo filho de Davi, fosse tão rebelde, tão desobediente a seu Pai, e tão temerário, que se atrevesse contra a sua honra, contra a sua Coroa, e contra a sua vida, e que contudo Davi chorasse a morte de Absalão? parece que tão grande piedade só podia caber no grande coração de Davi: mas o certo é que aqui nos quis mostrar Davi o quanto se deve aos mortos toda a piedade; deve-se tanto, que o ódio só pode durar enquanto dura a vida, depois da morte nem aos inimigos se deve ter ódio: pois se até com os inimigos se deve a piedade depois da morte, quanto mais se deverá aos amigos? O

<sup>jj</sup> Nota marginal: Abul. in 2 Reg. q. 17.>. Ref. a *Commentaria in Liber II Regum* de Afonso Tostado (cf. TOSTATI, t. 6, pars 3, p. 12, 1613).

<sup>kk</sup> “Especialmente pranteava Jônatas, porque o amava [de modo] ainda mais especial” (tradução nossa).

ódio deve acabar-se com a vida; a amizade deve continuar-se até depois da morte, e esta é a obrigação da verdadeira amizade: *Miseremini mei saltem vos amici mei*.

Mas ainda que os amigos tenham tanta obrigação de socorrer aos mortos, maior é a obrigação que têm os parentes: muito bem sei procedem alguns parentes tão esquecidos desta  
 315 sua obrigação, que tem mostrado a experiência, que talvez mais val um amigo, que um parente; porém isto é o que é, e não o que devera ser, o que devera ser é, que os parentes ainda são mais obrigados do que os amigos; e a razão está bem clara; porque os amigos são obrigados a socorrer as almas de seus amigos só pelo título de amigos, e os parentes devem  
 320 doer-se das almas de seus parentes pelo título de parentes, e mais pelo título de amigos.

Estava a Alma Santa padecendo entre as asperezas dos montes, e entre o horror das  
 325 feras, e do meio de tão grande pena a chamou o Esposo divino para a coroa: *Veni de cubilibus Leonum, de montibus Pardorum, et coronaberis*.<sup>ll</sup> E que causa teria o Esposo divino para com tantas ânsias chamar a Alma Santa para a coroa? Que maior causa que querer livrá-la da pena? Queria livrá-la da pena, porque com ela se lhe magoava o  
 330 coração: *Vulnerasti cor meum Soror mea Sponsa, vulnerasti cor meum*.<sup>mmm</sup> Ora eu não reparo já em que o coração do Esposo divino se magoasse tanto da pena da Alma Santa; porém reparo em que se magoasse duas vezes de ver a sua pena: *Vulnerasti cor meum*, eis aqui a primeira vez: *Vulnerasti cor meum*, eis aqui a segunda: pois por que razão se magoa o Esposo divino duas vezes? Porque na Alma Santa achava duas razões, achava  
 330 nela a razão do amor, e a razão do parentesco; a razão do amor, porque era amiga: *amica*

---

<sup>ll</sup> Nota marginal: <Cât. 4>. **VL**, Canticum Canticorum, c. 4, v. 8: *Veni de Libano sponsa mea, veni de Libano, veni: coronaberis de capite Amaná, de vertice Sanir et Hermon, de cubilibus leonum, de montibus pardorum. BSP: Vem do Líbano, esposa minha, / vem do Líbano, / vem, e serás coroada; / (vem) do alto do monte Amaná, / do cume do Sanir e do Hermon, / das cavernas dos leões, / dos montes dos leopardos.*

<sup>mmm</sup> **VL**, *ibidem*, c. 4, v. 9: *Vulnerasti cor meum soror mea sponsa, vulnerasti cor meum in vno oculorum tuorum, et in vno crine colli tui. BSP: Tu feriste o meu coração, irmã minha esposa, / tu feriste o meu coração com um só dos teus olhares, / e com um cabelo do teu pescoço.*

335 *mea*: a razão do parentesco, porque era Irmã, *Soror mea Sponsa*: de maneira que toda a razão porque o Esposo divino procurava livrar da pena, e dar a coroa à Alma Santa, é porque se doía dela pelo título do amor, e pelo título do parentesco: *Vulnerasti cor meum soror mea sponsa, vulnerasti cor meum*: logo os parentes devem doer-se dos parentes para livrá-los da pena, e para procurar-lhes a coroa mais ainda do que se foram só amigos: das almas dos amigos devem doer-se só pelo título de que são amigos; mas das almas dos parentes devem doer-se por dous títulos, porque são amigos, e porque são parentes.

340 Esta dobrada obrigação que têm os parentes a seus parentes mortos, se vê claramente no sentimento que têm os parentes nas moléstias dos parentes vivos: pergunto: Se virmos padecer a um parente, e a um amigo, cuja moléstia havemos de sentir mais?<sup>nm</sup> Claro está que a do parente; porque a pena do amigo sinto só pelo título de amigo, e a pena do parente sinto-a pelo título de amigo, e pelo título de parente; como tenho dobrada razão para o amar, tenho dobrada razão para a sentir: pois se eu tenho dobrada razão para sentir as penas do parente vivo, quanto maior a terei para sentir as penas do parente morto?

345 Chorava Jacó a nova que se lhe havia dado da morte de seu filho José, e depois de alguns dias de sentimento juntando-se os outros filhos, e vindo aliviar o sentimento do Pai, diz o Texto, que Jacó não quisera aceitar, nem ouvir as razões de alívio que lhe davam os filhos vivos; porque diz que com as suas lágrimas queria chegar até onde estava seu filho morto: *Noluit consolationem accipere, sed ait, descendam ad filium meum lugens in Infernum*:<sup>oo</sup> com razão dizia Jacó que queria derramar lágrimas na morte de

---

<sup>nm</sup> Segundo Houaiss (2002), “na atualidade, é apontado como barbarismo o emprego de *cujo* no lugar de *que*, *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais*”.

<sup>oo</sup> Nota marginal: <Gen 37. 35.>. **VL**, Liber Genesis, c. 37, v. 35: *Congregatis autem cunctis liberis eius vt lenirent dolorem patris, noluit consolationem accipere, sed ait: Descendam ad filium meum lugens in infernum. Et illo perseuerante in fletu [...]. BSP: Tendo-se juntado todos os seus filhos para suavizarem a dor do pai, ele não quis admitir consolação, mas disse: Chorando, descerei para meu filho ao inferno. E, enquanto ele perseverava no pranto [...].*

---

<sup>345</sup> Jacó] Jacob A, *passim*.

José; porque como supunha que José estava no Purgatório: *In Infernum*; e como sabia que com as lágrimas dos vivos se aliviavam no Purgatório as penas dos mortos, já que enquanto vivo não podia descer ao Purgatório com a pessoa, queria descer ao Purgatório com as lágrimas: *Descendam ad filium meum lugens in Infernum*: porém contra esta razão que tinha  
 355 Jacó para querer aliviar as penas do filho morto, estava a pena que dava aos filhos vivos; porque não querer admitir-lhes a sua razão, quem duvida que era causar-lhes grande pena? pois se tanto procura aliviar as penas do filho morto, como não atende à pena que dá aos filhos vivos? Mas enfim era filho morto, e devendo sentir-se muito as penas dos parentes vivos, tanto mais se devem sentir as penas dos parentes mortos, que ainda que Jacó não possa aliviar  
 360 as penas do filho morto sem pena dos filhos vivos, não atende à pena que dá aos filhos vivos: *Noluit consolationem accipere*, só por acudir às penas do filho morto: *Descendam ad filium meum lugens in Infernum*.

Mas oh que bem soube José corresponder a esta piedade de Jacó! que bem que soube o filho desempenhar-se desta obrigação que devia ao Pai! Soube depois Jacó a  
 365 certeza do caso, e que seu filho estava vivo, e feito Viso-Rei do Egito, e indo buscar ao filho para o ver em vida, lá enfim encontrou a morte; à morte de tão piedoso Pai, diz o Texto sagrado, que estivera presente o filho, e tanto que expirou, diz que começara a dar mostras de seu amor nos excessos de seu sentimento: *Quod cernens Joseph ruit super faciem patris flens, et deosculans eum*.<sup>pp</sup> Oh que bem (torno a repetir) que bem soube  
 370 corresponder o filho às finezas que devia ao Pai! E que mal que correspondem às obrigações que devem a seus pais muitos que não merecem o nome de

---

<sup>pp</sup> Nota marginal: <Gen 50 1>. **VL**, Liber Genesis, c. 50, v. 1: *Quod cernens Ioseph, ruit super faciem patris flens et deosculans eum*. **BSP**: José, vendo isto, lançou-se sobre o rosto do pai, chorando-o e beijando-o.

filhos! Tanto cuidado para herdar-lhes as suas fazendas, e tanto descuido em lembrar-se de suas almas! tanta cortesia, ou tanta lisonja para com os pais enquanto vivos, tanto esquecimento, ou tanta ingratidão para com os pais depois de mortos! Pois eu sou de opinião  
 375 que se aos pais vivos se deve todo o amor, e todo o respeito, aos pais mortos ainda se deve dobrado amor: e por quê? Porque são parentes mortos: veja-se claramente nesta mesma ação de José.

Estava Jacó morrendo, estava José assistindo, contudo não diz a Escritura que fizesse José nenhum extremo de amor: enfim expirou Jacó, e então começaram os extremos de José:  
 380 *Quod cernens Joseph ruit super faciem patris flens, et deosculans eum*: foi advertência de Cartusiano:<sup>99</sup> *Ostendens in mortuo quam vehementer amavit viventem*.<sup>100</sup> de crer é, que quem tanto ama a seu pai na vida, que também o havia de amar no artigo de sua morte; e de crer é que com todo o extremo estaria sentindo o ver a seu pai morrendo: pois por que não faz a  
 385 Escritura menção do sentimento que mostrou José no ponto em que seu pai estava morrendo; senão do amor, e do sentimento que teve depois de o ver morto? Porque Jacó morrendo ainda estava vivo, e tanto maior é o sentimento, e o amor que se deve ao pai depois de morto, do que ao pai enquanto vivo, ainda que esteja morrendo, que comparado amor com amor, e sentimento com sentimento, a respeito dos extremos que fez José depois de ver morto ao pai,  
 390 amor, nem o sentimento de José quando viu ao pai morrendo, por se ocupar toda em descrever o seu sentimento depois que viu ao pai morto: *Quod cernens Ioseph ruit super faciem pa-*

---

<sup>99</sup> Nota marginal: <Carth. in 50 c. Gen. art. 103.>. Possível referência a Ludolfo de Saxônia (séc. XIII-XIV), ou o Cartusiano – assim chamado por ter vivido a maior parte da sua vida como cartuxo (cf. BARREIRO, 2007, p. 351-368).

<sup>100</sup> “Mostrando, na morte, o quanto ele o amava em vida” (tradução nossa).

*tris flens, et deosculans eum.* Estes são os verdadeiros filhos, e estes os verdadeiros parentes, saber doer-se das penas dos parentes mortos ainda mais do que dos mesmos parentes vivos, saber doer-se deles pelo título de amigos, pelo título de parentes, e pelo título de mortos; e por  
395 isso eu dizia, que a maior obrigação que temos, é doer-mo-nos das penas que na outra vida padecem as almas dos parentes; a obrigação que temos às almas dos amigos, é só de amor, a que temos às almas dos parentes, como é do amor, e do sangue, é dobrada obrigação.

Mas ainda que os parentes mais especialmente são obrigados a lembrar-se de seus parentes; abaixo de pais a respeito de filhos, e de filhos a respeito de pais, os que mais  
400 particularmente são obrigados, são os irmãos para com os irmãos; e porque a razão que eu pudera dar está fundada no parentesco, e é razão que já tenho dado, pede a presente ação que passemos dos irmãos por sangue para os irmãos por fraternidade. Estes são neste piedosíssimo ato os devotíssimos Irmãos dos Passos santíssimos de Cristo, e estes digo que são os mais obrigados a este piedoso sacrifício, e a toda esta religiosa ação: seguem os Passos de Cristo com  
405 a Cruz às costas pela rua da amargura? pois para mostrar que o seguem, devem procurar o remédio das almas do Purgatório, que isso é seguir os passos de Cristo. E senão digam-me: Para onde caminha Cristo com a sua Cruz às costas? e a que caminha? A remir todas as almas do mal da culpa, e do mal da pena: logo todos os que seguem os passos de Cristo pela rua da amargura, para mostrar que os seguem, devem ir a remir as almas, da culpa não, porque isto só tocou a  
410 Cristo na Cruz: logo ao menos devem remi-las da pena, para seguir os passos da Cruz de Cristo.

Comumente reparam todos que razão haveria para que só as três Marias fossem ao Sepulcro de Cristo; e ainda que cada qual dá engenhosamente a sua razão, a mim me parece que a verdadeira está tão clara, que só ela se deve ter por verdadeira. Todas as três Marias seguiram os passos de Cristo pela rua da amargura, todas assistiram à morte de Cristo: ali viram que o termo dos passos de Cristo era remir as almas, e que a remir as almas das penas em que estavam foram dirigidos os primeiros passos que deu a alma de Cristo: assim o disse São Paulo: *Descendit primum ad inferiores partes terræ*:<sup>ss</sup> pois almas que seguiram os passos de Cristo pela rua da amargura, almas que viram os primeiros passos da alma de Cristo desde o trono da Cruz, se viram que os mortos eram o primeiro emprego de seus passos, que outra coisa haviam de fazer senão dirigirem os seus primeiros passos à sepultura de Cristo morto? Disse São Pedro Crisólogo,<sup>tt</sup> que Cristo sobira à Cruz, e padecera a sepultura: *Crucem ascendit, sepulturam patitur*:<sup>uu</sup> parece que trocou os termos: como Cristo estava vivo quando esteve na Cruz, essa havia de dizer que padeceu; e como estava morto quando foi para a sepultura, a essa podia dizer que sobiu: mas que sobiu à Cruz, e que padeceu na sepultura? Eu não sei a razão que o Santo teve, mas darei a minha razão. Diz o Santo Doutor, que Cristo sobiu à Cruz, porque fez da Cruz cadeira onde sobiu, para dali ensinar a todos os que seguiram seus passos pela rua da amargura; que tratar do remédio dos mortos é o primeiro emprego de seus passos: diz mais, que Cristo padecia na sepultura, não porque ali padecesse, mas porque ali representava aos mortos quando padecem, e porque ali representava as penas dos

---

<sup>ss</sup> Nota marginal: <Ephes. 4 9.>. **VL**, Epistula ad Ephesios, c. 4, v. 9: *Quod autem ascendit, quid est, nisi quia et descendit primum in inferiores partes terræ?* **BSP**: *Ora, que significa que subiu, senão que também antes tinha descido aos lugares mais baixos da terra?*

<sup>tt</sup> Nota marginal: <Chrisol Serm. 65>. Cf. **CHRYSOLOGO**, *Sermones*, 1758.

<sup>uu</sup> “Sobe à cruz, padece a sepultura” (tradução nossa).

430 mortos; por isso aquelas três devotas almas como haviam ouvido a lição que lhes deu na Cruz, buscaram a representação que fazia na sepultura: buscaram a Cristo na sepultura pelo que tinha de morto, porque seguiram seus passos enquanto vivo.

Porém é de advertir que entre todas estas devotas almas a que mais zelosamente assistiu à sepultura de Cristo foi a Madalena: as outras chegaram, e voltaram; a Madalena chegou, perseverou, e assistiu: *Stabat ad monumentum foris plorans*:<sup>vv</sup> pois por que mais perseverou a Madalena do que as outras? Se é porque havia seguido os passos de Cristo, as outras também haviam seguido seus passos: que mais teve logo a Madalena? É que a Madalena era mais devota de seus passos, porque sempre andou mais unida a seus pés: desde a primeira hora que a Madalena buscou a Cristo, foi abraçando-se com os seus divinos pés: 440 *Lacrymis cœpit rigare pedes ejus*; e depois: *Sedens secus pedes Domini*:<sup>ww</sup> quem tanto se abraça a seus pés, sinal é que mais lhe há de seguir os passos; e como quem melhor segue os passos de Cristo, é quem melhor se aplica ao benefício dos mortos, por isso a Madalena é a que mais perseverou junto ao Sepulcro de Cristo, porque ela é a que melhor segue os passos de Cristo: *Sedens secus pedes Domini: stabat ad monumentum foris plorans*.

445 Daqui tiraremos um sinal evidentíssimo por onde conheçamos quais são os Irmãos mais zelosos da Irmandade dos Passos de Cristo: aqueles que mais tratam do benefício das almas, esses são os Irmãos mais zelosos dos passos; e aqueles que forem descuidados dos passos, igualmente hão de ser descuidados das almas. Lá corriam, e davam passos para a sepultura de Cristo São

---

<sup>vv</sup> **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 20, v. 11: *Maria autem stabat ad monumentum foris, plorans. Dum ergo fleret, inclinavit se, et prospexit in monumentum. BSP: Entretanto, Maria (Madalena) conservava-se da parte de fora do sepulcro, chorando. Enquanto chorava, enclinou-se e olhou para o sepulcro [...].*

<sup>ww</sup> Nota marginal: <Luc. 7. 38.>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 7, v. 38: *et stans retro secus pedes eius, lacrimis cœpit rigare pedes eius, et capillis capitis sui tergebat, et osculabatur pedes eius, et vnguento vnguebat. BSP: e, estando a seus pés por detrás dele, começou a banhar-lhe os pés com lágrimas, enxugava-os com os cabelos da sua cabeça, beijava-os e os ungia com o bálsamo.*

---

<sup>434</sup> Madalena] Magdalena A, *passim*.

450 Pedro, e São João, e diz o Evangelista que ao princípio iam iguais nos passos: *Currebant pariter*;<sup>xx</sup> porém como com o tempo tudo cansa, primeiro chegou à sepultura de Cristo São João, do que São Pedro: *Præcurrit citius Petro, et venit prior ad monumentum*:<sup>yy</sup> pois se ao princípio começaram com tanta igualdade, como se viu depois tão grande diferença? Tudo nasce do maior, ou menor fervor com que se seguem os passos da Paixão de Cristo: os passos de sua santíssima Paixão começaram desde o Horto, São João, como mais zeloso, seguia-os mais de perto, São Pedro como mais tímido seguia-os mais de longe: *Sequebatur eum a longe*:<sup>zz</sup> com esta dificuldade chegaram ao Pretório, e seguindo desde ali S. João até o Calvário, São Pedro divertido<sup>aaa</sup> com os seus descuidos deixou ali de lhe seguir os passos: *Exivit foras*:<sup>bbb</sup> pois São João, que foi mais zeloso no seguimento dos passos de Cristo, esse há de chegar à sepultura de Cristo primeiro do que S. Pedro; e S. Pedro como seguiu mais tibiamente os seus passos, ainda que o morto seja o mesmo Cristo, há de ter mais vagares em buscar ao morto: São Pedro para o morto é mais vagaroso, porque para os passos foi mais tímido; S. João, como foi mais zeloso nos passos, andou para o morto mais adiantado: *Præcurrit citius Petro, et venit prior ad monumentum*.

465 Eis aqui a razão por que eu dizia que pelo zelo para com os mortos se deve medir, e regular o zelo para com os passos, e é bem fundada a razão; porque como os passos de Cristo vão tão dirigidos ao remédio das almas, bem se deixa ver que a obrigação das almas anda complicada com a obrigação dos passos: donde se segue, que quem se descuida da ãa, falta à outra obrigação, e ninguém deixará de fazer ambas, quando houver de fazer ãa.

---

<sup>xx</sup> Nota marginal: <Joan. 20 4.>. **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 20, v. 4: *Currebant autem duo simul, et ille alius discipulus præcurrit citius Petro, et venit primus ad monumentum*. **BSP**: *Corriam ambos juntos, mas o outro discípulo corria mais do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro*.

<sup>yy</sup> *Loc. cit.*

<sup>zz</sup> Nota marginal: <Mat. 26. 58.>. **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 26, v. 58: *Petrus autem sequebatur eum a longe, vsque in atrium principis sacerdotum. Et ingressus intro, sedebat cum ministris, vt videret finem*. **BSP**: *Pedro seguia-o de longe, até ao átrio do príncipe dos sacerdotes. E, tendo entrado, sentou-se com os servos para ver o fim*.

<sup>aaa</sup> Cf. Houaiss (2002), “distraído, desatento, alheado”.

<sup>bbb</sup> Os evangelhos dizem que Pedro seguia a Jesus de longe (Mt., c. 26, v. 58: *Petrus autem sequebatur eum a longe*; Mc., c. 14, v. 54: *Petrus autem a longe secutus est eum*; Lc., c. 22, v. 54: *Petrus vero sequebatur a longe*). A expressão <Exivit foras> não está nessas fontes, mas na obra *Vita Jesu Christi*, de Ludolphi de Saxonia – o Cartusiano –, já citado anteriormente: *Deinde post negationem, timens Petrus inter Judæos diu stare, exivit foras ante atrium et gallus cantauit*. (cf. LUDOLPHI DE SAXONIA, R.P. *Vita D. N. Jesu Christi*. Pars. II, c. LX, p. 593, 1729).

470 Nestes dous pontos se encerra toda a obrigação dos Irmãos dos Passos, em seguir os passos de  
 Cristo que vai a morrer, e em assistir ao remédio das almas dos Irmãos que morreram; e  
 porque não pareça que eu sou o que aponto esta obrigação, vejam como as almas são as que a  
 dizem, e a apontam. *O vos omnes, qui transitis per viam*: falam com todos os que vivem: isso  
 quer dizer, *O vos omnes, qui transitis per viam*: falam com todos os Cristãos, que esses são os  
 475 que estão postos em via, e no verdadeiro caminho: *O vos omnes, qui transitis per viam*: e  
 ultimamente para apertar a maior obrigação, falam com todos os que dão passos, e falam com  
 todos os que caminham pela sacra via, ou pela rua da amargura: *O vos omnes, qui transitis per  
 viam, attendite*.

Temos ouvido o que nos mandam as almas do Purgatório; vejamos agora o que nos  
 480 aconselham: e que nos aconselham? Que vejamos: *Videte*: mas que havemos de ver? O seu  
 estado, a sua dor, e o seu tormento: *Si est dolor sicut dolor meus*: pois por que nos não  
 aconselham que o consideremos, ou que o meditemos, senão que o vejamos: *Videte*? Porque a  
 conveniência que nós havemos de ter das suas penas em satisfação de nossos sufrágios, não é  
 tão grande tirada da consideração, como tirada da vista. Querem as almas do Purgatório pagar-  
 485 nos o remédio que nos pedem para suas penas, e considerando qual era a maior paga que nos  
 podiam dar, acharam que a não havia maior que mandar-nos ver; e não seria o mesmo  
 mandar-nos considerar? pois por que nos não mandam que consideremos, senão que vejamos:  
*Videte*?

Antes de responder a esta dúvida, será necessário que vejamos que cousa é o Purgatório,  
 490 e aí veremos o porque nos mandam as almas que vejamos. Viu São João no seu Apo-

calipse representado o Purgatório, e diz que era um mar de vidro cheio de fogo: *Et vidi tamquam mare vitreum mixtum igne.*<sup>ccc</sup> Que seja o Purgatório cheio de fogo, está bem; mas que seja formado de vidro, com que razão? É vidro, e é fogo, porque para as almas é tormento, e por isso é fogo; mas para os vivos é espelho, e por isso é vidro. Pois eis aí a razão  
 495 por que as almas querem que não somente consideremos o Purgatório, senão também que o vejamos: *Videte*. Ora notem: Quem põe os olhos em um espelho para o ver, não vê ao espelho somente, senão que se vê a si mesmo representado no espelho: isso é o que querem as almas do Purgatório, que vejamos o Purgatório, para que nos vejamos, para que advirtamos que pena, que dor, e estado será o nosso no Purgatório.

500 Agora para que vejamos qual há de ser o nosso estado em que nos havemos de ver, ponhamos os olhos nas almas do Purgatório, e vejamos qual é o seu estado. *Videte* (dizem elas) *si est dolor, sicut dolor meus*: Vede se há dor semelhante à minha; e esta dor em que me vedes, essa é a mesma em que vos haveis de ver. Valha-me Deus! que dor será esta das almas do Purgatório, que não tem semelhança, nem igualdade, nem comparação? Será porventura a  
 505 morte por onde passaram? Se essa é a sua dor, bem dizem que nos vejamos como em espelho; porque é infalível que como todos somos mortais, todos havemos de passar aquela última hora, e aquela derradeira dor. Ah Fiéis, que pouco nos lembramos daquela hora! pois ponhamos os olhos neste túmulo, e ele nos servirá de espelho, ali nos veremos representados, porque enfim essas cinzas, e essas sombras é o tudo em que nos havemos de ver convertidos.  
 510 Porém não é essa a dor maior das almas do Purgatório; porque elas não fa-

---

<sup>ccc</sup> Nota marginal: <Apoc. 15 2>. **VL**, Apocalypsis Ioannis, c. 15, v. 2: *Et vidi tamquam mare vitreum mistum igne, et eos, qui vicerunt bestiam, et imaginem eius, et numerum nominis eius, stantes super mare vitreum, habentes citharas Dei*. **BSP**: *Vi um como mar de vidro misturado de fogo; e os que venceram a besta, a sua imagem e o número do seu nome, estavam sobre o mar de vidro, tendo cítaras divinas*.

lam da dor que já passaram, falam de presente, falam da dor que estão passando: *Si est dolor, sicut dolor meus*: pois qual será esta dor?

Dizem as almas, que é ãa dor que não tem semelhante: *Si est dolor, sicut dolor meus*. Eu cuido que não só lhes hei de dar dor semelhante, senão outra maior: a dor do Inferno é maior que a do Purgatório, porque a maior dor que podem ter as almas do Purgatório é não verem a Deus: os condenados nem veem a Deus, nem o hão de ver enquanto Deus for Deus; as almas do Purgatório ainda que o não veem, têm certeza que o hão de ver: pois logo se há maior dor que a sua, como dizem que não há semelhante dor: *Si est dolor, sicut dolor meus?* Ainda o torno a dizer, que a sua dor não tem semelhante: *Si est dolor, sicut dolor meus*. Pois a dor do Inferno não é maior que a do Purgatório? Respondo, que as almas do Purgatório não falam da maior pena, falam da maior dor: *Si est dolor*: a pena, e o tormento do Inferno não faz dúvida que é maior do que a pena do Purgatório, porque é pena de dano por toda a eternidade; porém a dor que têm as almas do Purgatório, é ãa dor tão grande, que nem há maior, nem há semelhante, nem ainda no mesmo Inferno: e que dor é esta? É a dor das culpas, e esta dor não têm as almas do Inferno, porque estão impenitentes, e somente têm dor das penas: de maneira que as almas do Purgatório têm dor de penas, e têm dor de culpas: quanto à dor das penas, maior a têm as almas do Inferno; quanto à dor das culpas, maior a têm as almas do Purgatório: donde se segue que a maior dor de todas as dores é a das almas do Purgatório; porque a dor das culpas é muito maior que a dor das penas, e como a culpa é maior mal do que a pena, claro está que não dói tanto o

---

<sup>516</sup> veem] vem A, *passim*.

<sup>523</sup> dano] damno A.

mal da pena, como o mal da culpa.

Chegou o Profeta Natã da parte de Deus intimar a Davi os grandes castigos que Deus havia decretado contra sua pessoa, e é de admirar a generosidade de ânimo com que o grande Rei ouviu mudamente a sentença de seus castigos. Passou avante o Profeta a ler-lhe o processo das culpas pelas quais Deus justamente o havia sentenciado àquelas penas, fez-lhe 535 cargo do caso de Bersabé, e da morte de Urias, e então o Rei movido de dor, e de sentimento, rompeu neste suspiro: *Peccavi Domino*.<sup>ddd</sup> Ai de mim, que ofendi a Deus! Admirável dor, e admirável sentimento! pois não lhe dói que Deus o castigue, e só lhe dói haver ofendido a Deus? não lhe dói o ver-se castigado, e só lhe dói o havê-lo ofendido? Sim; que o maior mal, 540 isso é o que mais lhe dói, e como a culpa é maior mal do que a pena, tendo tanto valor para ouvir a sentença das penas, não pode dissimular a pena na relação das culpas. Esta pois é a diferença que vai da dor do Inferno à dor do Purgatório, que a dor do Inferno é somente de penas, a dor do Purgatório é também das culpas, e como maior é a dor das culpas do que a dor das penas, com razão dizem as almas do Purgatório que não tem semelhante a sua dor: *Si est* 545 *dolor, sicut dolor meus*.

Porém sem irmos mais longe, aqui mesmo lhe mostro semelhante: Não está aí Davi que teve dor de suas culpas? Mas que digo só Davi? não se doeram de suas culpas ã Madalena, um S. Pedro? S. Pedro como Mestre de tantos penitentes, a Madalena como exemplo de tantas arrependidas? Os penitentes todos não tiveram dor de suas culpas? Pois 550 como dizem as almas do Purgatório que não tem semelhante a sua dor: *Si est dolor, sicut dolor*

---

<sup>ddd</sup> Nota marginal: <2 Reg. 12 13>. **VL**, Liber II Samuelis, c. 12, v. 13: *Et dixit David ad Nathan: Peccavi Domino. Dixitque Nathan ad David: Dominus quoque transtulit peccatum tuum: non morieris.* **BSP**: *Davi disse a Natã: Pequei contra o Senhor. Natã respondeu a Davi: Também o Senhor perdoou o teu pecado; não morrerás.*

*meus?* Por isso mesmo o dizem: porque Davi, S. Pedro, a Madalena, e os mais penitentes todos, todos tiveram dor de suas culpas a tempo que lhes servia de remédio a sua dor, tiveram a dor no tempo de sua vida, e por isso lhes serviu a sua dor de remédio; porém as almas do Purgatório estão padecendo a dor de suas penas, porque em vida não tiveram tanta dor, quanta  
555 era necessária para ser satisfação de suas penas, e para ser dor de suas culpas, agora no Purgatório estão tendo a dor de suas culpas, e contudo não lhes serve de remédio essa dor: pois que servindo a dor de remédio das culpas, e de reparo das penas, que as almas do Purgatório estejam padecendo essa dor sem lhes servir de remédio, que maior pena? que maior dor?

560 Duas vezes sabemos que chorou a Madalena, ãa aos pés de Cristo enquanto vivo, outra junto ao Sepulcro depois de morto; porém é mui grande a diferença destas lágrimas da Madalena, porque das primeiras lágrimas diz o Evangelista que só começaram: *Lacrymis cœpit rigare pedes ejus*; e quando vai a falar das segundas, diz que esteve continuando em derramar lágrimas, e mais lágrimas: *Stabat ad monumentum foris*  
565 *plorans*: chorava, e perseverava: pois se bastou começar aos pés de Cristo, por que razão ao sepulcro de Cristo há de perseverar? Eu não sei outra maior razão, senão que no Sepulcro de Cristo devia de ter maior dor; porém disto mesmo se pode pedir a razão: e por que teve maior dor junto ao Sepulcro de Cristo? Se junto ao Sepulcro a sua dor era pela morte de seu Mestre, aos pés de Cristo a sua dor era pela morte de sua alma, e com  
570 ser a morte de Cristo tão digna de toda a dor, ainda merece mais dor a morte de ãa alma, do que a morte de Cristo: pois por que razão tem a Madalena maior dor da

morte de Cristo, do que teve da morte de sua alma? Eu darei por ela a razão: A morte da alma da Madalena pode-se remediar com a sua dor, a morte de Cristo não se podia remediar com  
 575 nenhũa dor da Madalena: pois por isso na morte de Cristo tem maior dor do que teve pela morte de sua alma: porque doer-se para dar remédio à dor, isso é remédio; doer-se sem que a dor tenha remédio, essa é a dor: chora a Madalena mais ãa dor, do que outra; porque a primeira dor de suas culpas com se começar a chorar teve remédio: *Cœpit rigare pedes ejus: remittuntur tibi peccata tua;*<sup>eee</sup> porém a segunda dor não tinha remédio nas suas lágrimas, por mais que as suas lágrimas perseverassem com a sua dor: *Stabat ad monumentum foris*  
 580 *plorans.*

Esta mesma diferença que há entre a primeira, e a segunda dor da Madalena, é a diferença que tem entre si a dor que têm de suas culpas os vivos, e a dor que têm de suas culpas os mortos: a dor que têm os vivos de suas culpas é remédio delas: pois como pode ser  
 585 tão grande dor o que é remédio? A dor que têm os mortos de suas culpas não lhes pode já servir de remédio: pois que maior dor? Com razão logo podem dizer aos vivos que a sua dor não somente não tem maior, senão que não tem igual: *Si est dolor, sicut dolor meus.*

Dirá alguém, que aqui mesmo temos igual dor: em quem? Na mesma Madalena, que também teve ãa dor que lhe não serviu de remédio; mas o certo é que não é semelhante a sua dor: provo: porque ainda que a dor da Madalena não serviu de remédio à  
 590 morte de Cristo, é porque nem lhe podia servir de remédio, com nenhũa dor podia a Madalena prevenir o não padecer esta dor; mas que as almas do Purgatório estejam padecendo a dor de suas culpas sem lhes servir de remédio, quando

---

<sup>eee</sup> VL, Evangelium secundum Lucam, c. 7, v. 48: *Dixit autem ad illam: Remittuntur tibi peccata.* BSP: *E a ela disse: São-te perdoados os pecados.*

em sua vida puderam ter o remédio na sua dor? que padeçam agora sem remédio ãa dor, porque não tiveram a dor que lhes podia servir de remédio? esta dor das almas do Purgatório não tem semelhante, só se acha entre ãas, e outras almas do Purgatório: *Si est dolor, sicut dolor meus.*

Eis aqui Cristãos por que querem as almas do Purgatório que nos vejamos no Purgatório como em um espelho: a maior dor que têm as almas do Purgatório é terem a dor de suas culpas, quando já lhes não serve de remédio, e quando puderam prevenir esse remédio tendo em sua vida a dor dessas culpas: pois Cristãos, *Videte*: ponde os olhos no Purgatório, considerai-vos nele como em espelho; a maior dor que lá havemos de ter, é ter lá ãa dor sem remédio, quando cá nos podia servir de remédio essa mesma dor: nesta mesma ocasião em que acudimos às almas do Purgatório com o remédio de suas penas, procuremos para nós o remédio de nossas dores, procuremos todos ter ãa dor eficaz das nossas culpas, porque com esta dor evitaremos todas as penas, evitaremos as penas do Inferno, evitaremos as penas do Purgatório; com esta dor alcançaremos a graça, e mereceremos a glória: *Quam mihi, et vobis præstare dignetur Pater, et Filius, et Spiritus Sanctus. Amen.*<sup>fff</sup>

---

<sup>fff</sup> Fórmula de encerramento de sermões: “A qual o Pai, o Filho e o Espírito Santo se dignem conceder a mim e a vós” (tradução nossa).

## Sermão Oitavo, pregado na Festa da Justiça na Primeira Oitava do Espírito Santo.

---

*Hoc autem est iudicium: quia lux venit in mundum... qui autem facit veritatem, venit ad lucem.*  
Joan. 3.<sup>a</sup>

Sendo a festa do Espírito Santo no dia de ontem tão luzida, e no de hoje tão autorizada, e sendo já tão sabido entre os Pregadores desta festa qual deve ser a matéria deste dia, eu me  
5 não sei ainda determinar<sup>b</sup> sobre que matéria devo discorrer. A festa é do Espírito Santo, e é da  
Justiça: é do Espírito Santo, porque ele é o que se celebra; e é da Justiça, porque ela é a que  
hoje celebra ao Espírito Santo: mas qual é a matéria que tratam os Pregadores no dia de hoje?  
São as obrigações da Justiça: e por que não hão de ser as excelências do Espírito Santo? Em  
todas as outras festas que se fazem, todo o empenho dos Pregadores é encarecer as excelências  
10 dos Santos que se festejam, e não sei que fosse nunca seu empenho tratar das obrigações

---

<sup>a</sup> Vulgata Latina (1605), doravante **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 3, v. 19, 21: *Hoc est autem iudicium: quia lux venit in mundum, et dilexerunt homines magis tenebras, quam lucem: erant enim eorum mala opera. [...] qui autem facit veritatem, venit ad lucem, vt manifestentur opera eius, quia in Deo sunt facta.* Bíblia Sagrada – Edições Paulinas (1986), doravante **BSP**: *A condenação está nisto: A luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más.[...] mas aquele que procede segundo a verdade, chega-se à luz, a fim de que suas obras sejam manifestas como feitas segundo Deus.*

<sup>b</sup> o pronome <me>, nesse caso, parece não ter relação com a forma verbal <sei>, mas sim com <determinar>, que, na acepção de *decidir(-se)*, *resolver(-se)*, pode ser pronominal (cf. HOUAISS, 2002). Essa estrutura sintática com o pronome <me> deslocado – mas relacionado com o verbo *resolver* – também é usada por Gregório de Matos, no poema *Joana – Achando se o poeta em huma festividade na Igreja de Sam Francisco* [...]: “Dão agora em contender / sobre qual Moça é mais bela, / Joana, se a parentela, / e eu me não sei resolver: [...]” (cf. MATOS, *A cidade e seus pícaros*, in: AMADO (org.), v. V, 1969, p. 1066).

dos que festejam aos Santos; pois se em todas as outras festas é assim, por que não há de ser assim também nesta festa? tão pouco há que dizer em louvor do Espírito Santo, que como que se a Justiça fosse misericórdia, mendiguemos o remédio na Justiça? Que se apele para a Justiça nos casos da violência, é de lei natural; mas que até nas matérias dos Sermões

15 apelemos para a Justiça? quanto a mim não é de receber esta apelação. Por esta razão desejava eu fazer hoje um panegírico, cujo glorioso argumento fossem só os atributos, e as excelências do Espírito Santo, sem de nenhum modo me intrometer nas obrigações da Justiça, principalmente porque pregando eu perante um Tribunal de tão retos, e ajustados Ministros, quem duvida que ao menos, quando não fosse culpa, seria desatenção toda a advertência? E

20 que tínhamos nós para advertir, onde tudo é para venerar? Que lugar nos fica para os conselhos, onde tudo é matéria para os aplausos? Como se hão de dar documentos<sup>c</sup> aos que podem ser exemplares? Como se hão de inculcar ditames da Justiça aos mesmos que a mesma Justiça pudera propor ao mundo para ideas da retidão? Contudo sem embargo de ãa, e outra razão, está em contrário o costume, porque o costume introduzido neste dia é, que os

25 Pregadores desta festa nos cansemos todos, e nos empreguemos em discorrer sobre as obrigações da Justiça: pois que havemos de fazer entre o costume, e a razão? Se sigo a razão de me empenhar todo nos louvores do Espírito Santo, falto ao costume; se sigo o costume de me ocupar somente nos documentos da Justiça, falto à razão: pois que havemos de fazer?

Para me ver livre de tão grande embaraço, tomei para o dia de hoje um

30 novo acordo; e o acordo é este: *Hoc autem*

---

<sup>c</sup> Mesmo que princípios, preceitos doutriniais (cf. BLUTEAU, 1789, v. 1, p, 452).

---

<sup>18</sup> retos] rectos (e formas cognatas) *A*, *passim*.

<sup>22</sup> ditames] dictames (e formas cognatas) *A*, *passim*.

*est iudicium*:<sup>d</sup> que para não faltar nem ao costume, nem à razão, farei o que devo de direito, e de justiça. A Justiça, segundo a definiu Justiniano,<sup>e</sup> *Est constans, et perpetua voluntas jus suum unicuique tribuendi*:<sup>f</sup> pois isso faremos, daremos a cada qual o que é seu, e assim que satisfazendo às disposições da Justiça, para dar a cada qual o que lhe toca de direito, 35 trataremos primeiro do Espírito Santo, como pede a razão, e dele diremos as suas excelências; depois falaremos com os Ministros da Justiça, como é costume, e do modo que soubermos lhes apontaremos as suas obrigações. Porém como as excelências do Espírito Santo são infinitas, e as obrigações da Justiça são quase inumeráveis, já que não é possível nem ainda referi-las todas, ao menos para satisfazermos às partes, veremos em primeiro lugar qual é a maior excelência do Espírito Santo: em segundo lugar veremos qual é a maior obrigação da 40 Justiça: desta sorte terão o Espírito Santo, e a Justiça cada qual a sua parte do Sermão, e cada qual a sua parte do tema: a parte do Sermão que toca ao Espírito Santo, é a sua maior excelência; a que toca à Justiça, é a sua maior obrigação: a parte do tema que toca ao Espírito Santo, é: *Quia lux venit in mundum*; a que toca à Justiça é: *Qui autem facit veritatem, venit ad lucem*. Tenho proposto, entremos no discurso.

*Quia lux venit in mundum*. Estas palavras dizia Cristo Senhor nosso falando de si mesmo; porque ele foi a verdadeira luz que no mistério da Encarnação desceu do Céu para ilustrar toda a terra: *Erat lux vera, quæ illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum*.<sup>g</sup> Porém estas mesmas palavras que Cristo dizia de si, e que no sentido 50 literal se entendem da vinda do Verbo divino; hoje as aplica a

<sup>d</sup> “Este agora é o parecer:” (tradução nossa).

<sup>e</sup> Cf. JUSTINIANUS. *Digestorum Seu, Pandectarum, Liber Primus*. In: FREIESLEBEN, t. I, 1748, col. 127.

<sup>f</sup> “É a constante e perpétua vontade de dar a cada um o que é seu” (tradução nossa).

<sup>g</sup> Nota marginal: <Ioan. 1. 9>. **VL**, *Evangelium secundum Ioannem*, c. 1, v. 9: *Erat lux vera, quæ illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum*. **BSP**: (O Verbo) era a luz verdadeira, que ilumina todo o homem que vem a este mundo.

Igreja Católica à vinda do Espírito S. porque também ele entre as aparências de fogo desceu ao mundo em forma de luz: *Et apparuerunt dispertitæ linguæ tamquam ignis.*<sup>h</sup> Explicado assim, e aplicado o nosso tema, sem irmos mais longe, me fica já fácil de dar o meu parecer sobre a nossa questão da maior excelência do Espírito Santo; e o meu parecer é este: *Hoc autem est iudicium:* que entre todas as excelências do Espírito Santo, a maior de todas elas é ser ele a luz que veio ao mundo: *Quia lux venit in mundum.* Ainda não estou explicado, e para que nos expliquemos, saibamos em que foi o Espírito Santo luz. Isto havemos de ver na mesma vinda do Espírito Santo.

Estava recolhido no Cenáculo todo o Colégio Apostólico, eis que de repente desce o Espírito Santo, e desatado em bela pompa de chamas, ou sagrada inundação de luzes, diz o Texto que encheu toda a casa, e se pôs sobre as cabeças de cada um dos Apóstolos: *Et replevit totam domum ubi erant sedentes, seditque supra singulos eorum.*<sup>i</sup> Reparo no lugar que encheu, e no lugar que tomou: encheu a casa, e sentou-se sobre as cabeças. E que necessidade tinha esta luz divina de sentar-se sobre as cabeças, se já tinha chea toda a casa? Mais: E por que razão se não sentou sobre outra parte? por que se não pôs ou sobre as línguas, ou sobre os corações, senão sobre as cabeças? A razão é; porque quis mostrar o como era luz do mundo: Cristo, e o Espírito Santo ambos vieram ao mundo para suas luzes, e quis mostrar o Espírito Santo que se Cristo era luz da fé, ele era a luz da Justiça. Ora vejam. Os doze Apóstolos de Cristo são os doze Julgadores do mundo: *Sedebitis et vos iudicantes;*<sup>j</sup> assim que a casa em que estavam congregados os Apóstolos, era como conferência, ou

<sup>h</sup> Nota marginal: <Act. 2. 3.>. **VL**, Actus Apostolorum, c. 2, v. 3: *Et apparuerunt illis dispertitæ linguæ tamquam ignis, seditque supra singulos eorum.* **BSP**: *Apareceram-lhes repartidas umas como línguas de fogo, e pousou sobre cada um deles.*

<sup>i</sup> **VL**, Actus Apostolorum, c. 2, v. 2, 3: *et factus est repente de cælo sonus, tamquam aduenientis spiritus vehementis, et replevit totam domum ubi erant sedentes. [...] seditque supra singulos eorum.* **BSP**: *e, de repente, veio do céu um estrondo como de vento que soprava impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam [...] sentados. [...] pousou sobre cada um deles.*

<sup>j</sup> Nota marginal: <Mat. 19 28.>. **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 19. v. 28: *Jesus autem dixit illis: Amen dico vobis, quod vos qui secuti estis me, in regeneratione, cum sederit Filius hominis in sede maiestatis suæ, sedebitis et vos super sedes duodecim, iudicantes duodecim tribus Israel.* **BSP**: *Jesus disse-lhes: Em verdade vos digo que, no dia da regeneração, quando o Filho do homem estiver sentado no trono da sua glória, vós, que me seguistes, também estareis sentados sobre doze tronos, e julgareis as doze tribos de Israel.*

Tribunal de Ministros da Justiça, que também chamamos casa a este retíssimo Tribunal: donde para dizer-nos São Lucas que os Apóstolos estavam como Juízes postos em Tribunal, fez particular advertência de que estavam sentados, e sentados em casa: *Replevit totam domum ubi erant sedentes*. Pois para o Espírito Santo mostrar que ele era luz do mundo, e para  
75 mostrar o em que era luz, que fez? Mostrou que era luz da Justiça, e para isso, como a casa era Tribunal, entrou gloriosamente ilustrando toda a casa: *Et replevit totam domum*: e como os que estavam na casa eram Julgadores do mundo, e estavam em forma de Julgadores: *Ubi erant sedentes*, para ilustrar-lhes os entendimentos, sentou-se-lhes sobre as cabeças: *Seditque supra singulos eorum*: encheu primeiro a casa, e sentou-se depois sobre a cabeça de cada um  
80 dos Apóstolos; porque o Espírito Santo, como divina luz da Justiça, não só assiste a todo o Tribunal em comum, senão que ilustra a cada um dos Ministros em particular: *Supra singulos*. Sentou-se enfim sobre a cabeça de cada um, estando todos como em Tribunal, e sentados na mesma casa; porque ainda que talvez suceda que o Espírito Santo não assista aos ditames de algum Ministro fora do Tribunal; contudo devemos persuadir-nos que estando todos em  
85 Tribunal, e postos em forma de júizo, aí lhes assiste mui especialmente o Espírito Santo em forma de luz: *Et replevit totam domum ubi erant sedentes: et apparuerunt dispetitæ linguæ tanquam ignis: seditque supra singulos eorum*.

Isto assim suposto, agora se verá a razão por que eu dizia que a maior excelência do Espírito Santo é o título de luz; e a razão é: porque o Espírito Santo em tanto é luz do  
90 mundo, em quanto é luz da Justiça, e ser ele a luz da Justiça, esse digo

que é sem dúvida entre as maiores a maior excelência do Espírito Santo: a maior excelência de todas? Sim: torno a dizer que a sua maior excelência é ser a luz da Justiça: *Quia lux venit in mundum*. Esta minha proposição com ser tão verdadeira, à primeira vista parece dificultosa; porque as excelências do Espírito Santo (ainda falando no sentido em que falamos que é *ad extra*,<sup>k</sup> e por ordem a nós) ainda nesse sentido não somente são cada qual infinita em si, senão que são todas infinitas em número: nunca pudéramos acabar, ainda quando somente as intentássemos referir. Pois entre tantas, e tão grandes excelências, como se há de conhecer a maior delas? Que razão pode haver, sendo infinitas as excelências do Espírito Santo, para que possamos afirmar entre todas elas, que ser o Espírito Santo a luz da Justiça, essa é a maior excelência de todas? Para dar esta razão digo assim: Aí não há dúvida que entre as excelências pessoais do Espírito Santo, a maior de todas elas *ad intra*,<sup>1</sup> e a respeito de Deus, é ser ele o termo perfectivo, e o último complemento de toda a Santíssima Trindade em ordem a si: logo da mesma sorte entre as excelências atributais do mesmo Espírito Santo, a maior de todas elas *ad extra*, e para conosco, será também o ser ele termo perfectivo, e o último complemento da Trindade por ordem a nós. Mas qual pode ser a ação por onde o Espírito Santo se constitui complemento da Trindade por ordem a nós? Qual pode ser senão a inspiração, e o ditame da reta, e verdadeira Justiça? Segue-se logo que essa deve ser entre todas a maior excelência do Espírito Santo.

Assim se segue; mas por onde nos consta a nós que o Espírito Santo é o complemento da Trindade enquanto luz da Justiça? Provo desta maneira:

---

<sup>k</sup> O autor emprega as expressões *ad intra* e *ad extra*, neste contexto, para se referir, respectivamente, a atributos imanentes e transcendentais do Espírito Santo. Ou seja: suas qualidades intrínsecas, como pessoa da Trindade – “a respeito de Deus” –, e seus atributos em relação ao mundo e aos seres – “por ordem a nós” (cf. AD EXTRA. In: *Catholic Dictionary*. Disponível em <<http://dictionary.edtme.com/Adextra>>. Acesso em 12 nov. 2013; AD EXTRA – AD INTRA. In: MORA, 1978).

<sup>1</sup> Vide nota anterior.

Todas as ações de Deus por ordem às criaturas, sendo indivisas, e comuas<sup>m</sup> a todas as três pessoas da Santíssima Trindade, é certo que ainda assim se atribuem algũas mais especialmente a cada qual das pessoas. Nestes termos se atribuem a criação do mundo ao Pai, a redenção do homem ao Filho, e a providência da Justiça ao Espírito Santo; de sorte que  
 115 atribuindo-se ao Pai a criação do mundo, e ao Filho a redenção do homem; ao Espírito Santo pertence mais particularmente a direção da Justiça, pela qual se conserva o homem, e se governa o mundo. Pois pergunto agora: E se no mundo que creou o Eterno Padre, não houvera a Justiça que dita o Espírito Santo, que fora do mundo? Se nele não houvera Justiça, que importara ao mundo que Deus o creara? não é certo que se confundira? e se depois de remidos  
 120 os homens pela morte que padeceu o Filho, se não observara entre eles a Justiça que dispõe o Espírito Santo, que fora dos homens? Se entre eles se não observara a Justiça, que importara ao gênero humano que Cristo o remira? não é certo que se condenara? Vamos primeiro ao mundo creado, depois iremos ao mundo remido, e na Justiça de ambos os mundos veremos claramente que ainda em ordem a nós o complemento da Santíssima Trindade é sem dúvida o  
 125 Espírito Santo.

Começando pois pelo mundo creado: creou Deus ao mundo; mas de que maneira o creou? Estavam os elementos todos embaraçados entre si, tão rudes, e tão indigestos todos, que ali se não via mais que ãa massa sem disposição, ou um globo sem artifício, porque tudo era ali um caos de escuridades, e um abismo de confusões: *Et tenebræ erant super faciem abyssi:*<sup>n</sup> estando assim o mundo neste abismo, chegou o Espírito Santo: *Spiritus Domini ferebatur super aquas;*<sup>o</sup> e daí que se seguiu?

---

<sup>m</sup> O adjetivo “comum”, atualmente de dois gêneros, tem a forma feminina *comua* dicionarizada até o séc. XIX (cf. SILVA PINTO, 1832).

<sup>n</sup> Nota marginal: <Gen.1. 2.>. **VL**, Liber Genesis, c. 1, v. 2: *Terra autem erat inanis et vacua, et tenebræ super faciem abyssi: et Spiritus Dei ferebatur super aquas.* **BSP**: *A terra, porém, estava informe e vazia, e as trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus movia-se sobre as águas.*

<sup>o</sup> *Loc. cit.*

---

<sup>114</sup> redenção] redêpção (e formas cognatas) *A, passim.*

Imediatamente apareceu no mundo a fermosura da luz: *Et facta est lux*;<sup>p</sup> e com a luz que trouxe o Espírito Santo, imediatamente se viu a distribuição da Justiça: *Et divisit lucem a tenebris*;<sup>q</sup> separadas as trevas, e reconhecida a luz, logo se repartiram os lugares, e se dividiram os tempos; para o dia se deu um tempo, para a noite outro; as noites, e os meses se encarregaram à Lua, os dias, e os anos ao Sol; consignou-se um lugar para o Céu, outro lugar para a terra; este se demarcou em duas partes iguais; para esta parte se acomodaram as águas, e a terra se arrumou para estoutra parte; para ali se estendeu o ar, para acolá se elevou o fogo: no Céu se engastaram as Estrelas, na terra se fixaram as plantas: entre as plantas se assentou a habitação dos brutos, no ar a região das aves, na água o centro dos peixes; e para se dar cabeça a toda esta monarquia, o homem se nomeou para senhor de tudo: *Ut præsit piscibus maris, et volatilibus Cæli, et bestijs, universaque terræ*.<sup>r</sup> Está bem feito agora tudo isto? Agora sim que se acabou já todo aquele embaraço, e confusão: agora sim que está já tudo posto em seu lugar, e tem cada qual o que é seu: agora sim que está tudo acomodado a contento das partes, e tudo distribuído com paz, com ordem, com justiça, e com razão. Pois se agora está o mundo assim, por que se não fez logo ao princípio como agora? Porque ao princípio obrava o Eterno Padre com a eficácia da Onipotência *In principio creavit Deus*;<sup>s</sup> agora entrou de mais o Espírito Santo com a luz da Justiça: *Spiritus Domini ferebatur super aquas: et facta est lux, et divisit lucem a tenebris*, e tanto assim se aperfeiçoam com as disposições da Justiça as obras da Onipotência; tanto mais perfeito fica o mundo que creou o Eterno Pai, depois que nele entrou a Justiça que

---

<sup>p</sup> **VL**, Liber Genesis, c. 1, v. 3: *Dixitque Deus: Fiat lux. Et facta est lux.* **BSP**: *E Deus disse: Exista a luz. E a luz existiu.*

<sup>q</sup> **VL**, *ibidem*, c. 1, v. 4: *Et vidit Deus lucem quod esset bona: et diuisit lucem a tenebris.* **BSP**: *E Deus viu que a luz era boa; e separou a luz das trevas.*

<sup>r</sup> **VL**, *ibidem*, c. 1, v. 26: *Et ait: Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram: et præsit piscibus maris, et volatilibus cæli, et bestijs, universæque terræ, omnique reptili quod mouetur in terra.* **BSP**: *E (por fim) disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, e presida aos peixes do mar, e às aves do céu, e aos animais selváticos, e a toda a terra, e todos os répteis, que se movem sobre a terra.*

<sup>s</sup> **VL**, *ibidem*, c. 1, v. 1: *In principio creavit Deus cælum et terram.* **BSP**: *No princípio Deus criou o céu e a terra.*

---

<sup>147</sup> Onipotência] Omnipotencia A, *passim*.

dita o Espírito Santo, que aquele mesmo mundo, que ainda agora saiu das mãos do Eterno Pai um monstro, um abismo, um embrião, agora depois da assistência do Espírito Santo, agora tem a perfeição, a harmonia, e a compostura de mundo.

155 Mas ainda não está encarecido, vejam a diferença que vai de ãa cousa a outra. Antes da chegada do Espírito Santo creou Deus aquele primeiro mundo, ou primeiro abismo, e diz o Texto que o creou o Eterno Padre junto com o Verbo divino: isso quer dizer, *In principio creavit Deus, idest, in Verbo creavit Pater*;<sup>t</sup> e contudo com se ajuntarem para a criação do mundo o Pai com o Filho, estava ainda o mundo tão imperfeito, que sem recomendação algũa, só diz o Texto que Deus o creou: *In principio creavit Deus*: chegou logo o Espírito

160 Santo para dar complemento a tudo o que obrava o Pai com o Filho, e depois de sua felicíssima chegada, desde a primeira obra que Deus fez até a última, não só diz o Texto que Deus lhe dera a existência, senão que lhe vira a perfeição: *Vidit Deus lucem quod esset bona: vidit Deus cuncta quæ fecerat, et erant valde bona*.<sup>u</sup> Notável diferença! Pois antes da vinda do Espírito Santo não vê Deus a bondade no que obra, e depois da sua vinda, então é

165 que lhe acha a bondade? Sim: *Et erant valde bona*. Antes da vinda do Espírito Santo bondade tinham as obras de Deus, porém como obrava só a Onipotência, era ãa bondade ainda imperfeita, e só transcendente, e por isso Deus a não avaliou por bondade; porém depois da vinda do Espírito Santo já então obrava a Onipotência acompanhada da Justiça; desde então começou Deus a dispor como justo o mesmo que tinha feito como poderoso;

170 e como a luz da Justiça com que assiste o Espírito Santo, é a

<sup>t</sup> “No princípio criou Deus, isto é, pela Palavra o Pai criou” (tradução nossa).

<sup>u</sup> **VL**, Liber Genesis, c. 1, v. 4, 31: *Et vidit Deus lucem quod esset bona: et diuisit lucem a tenebris. [...] Viditque Deus cuncta quæ fecerat: et erant valde bona. Et factum est vespere et mane, dies sextus. BSP: E Deus viu que a luz era boa; e separou a luz das trevas. [...] E Deus viu todas as coisas que tinha feito, e eram muito boas. E fez-se tarde e manhã: sexto dia.*

que aperfeiçoa as ações da Onipotência com que obra o Eterno Padre, daí vem que não achando Deus bondade no que obrava dantes, a achou no que fez depois; dantes não lhe achava nem ainda bondade, depois lhe achou até perfeição. Entrou o Espírito Santo: *Spiritus Domini ferebatur: igitur*:<sup>v</sup> vejam a consequência que ultimamente tira o mesmo Texto: *Igitur perfecta sunt*:<sup>w</sup> depois então lhe deu a perfeição: *Perfecti sunt Cæli, et terra: complevitque Deus*:<sup>x</sup> então lhe pôs o complemento: *Complevitque Deus opus suum quod fecerat*.<sup>y</sup>

175  
180  
185  
190

Passemos agora do mundo creado para o mundo remido. E qual foi o empenho de Deus para a formação do Redentor do mundo? Entrou o Pai: *Virtus Altissimi obumbrabit tibi*:<sup>z</sup> encarnou o Filho: *Quod nascetur ex te Sanctum, vocabitur Filius Dei*:<sup>aa</sup> e a tudo como complemento sobreveio o Espírito Santo: *Spiritus Sanctus superveniet in te*:<sup>bb</sup> bem diz que sobreveio, porque parece que superabundou: e para que era necessária aqui a vinda, e a assistência do Espírito Santo? para o mistério não bastava que encarnasse o Filho? para o prodígio não bastava que concorresse o Pai? pois para que foi necessário que assistisse o Espírito Santo? Foi necessário, disse o mesmo Deus ao Profeta Isaías: foi necessário que o Espírito Santo assistisse à encarnação do Verbo divino, e formação do Redentor do mundo, para que o seu próprio Redentor fosse juntamente o seu Juiz: *Dedi Spiritum meum super eum, et iudicium gentibus proferet*.<sup>cc</sup> Bem está: mas que necessidade havia de que o Redentor fosse Juiz? não bastava que fosse Redentor? Direi: bastava para a suficiência da redenção; mas para a eficácia, e complemento dela não bastava: para a suficiência bastava que o Pai aceitasse por Redentor ao Filho; porém

<sup>v</sup> “O Espírito do Senhor se movia; assim [...]” (tradução nossa).

<sup>w</sup> “assim perfeito é” (tradução nossa).

<sup>x</sup> **VL** Liber Genesis, c. 2, v. 1-2: *Igitur perfecti sunt cæli et terra [...]. Complevitque Deus [...]. BSP: Assim foram acabados o céu e a terra [...]. E Deus acabou [...].*

<sup>y</sup> **VL**, *ibidem*, c. 2, v. 2: *Complevitque Deus [...] opus suum quod fecerat [...]. BSP: E Deus acabou [...] a obra que tinha feito [...].*

<sup>z</sup> Nota marginal: <Luc. 1. 15.>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 1, v. 35: *Et respondens Angelus dixit ei: Spiritus Sanctus superueniet in te, et virtus Altissimi obumbrabit tibi. Ideoque et quod nascetur ex te Sanctum, vocabitur Filius Dei. BSP: Respondendo o anjo, disse-lhe: O Espírito Santo descera sobre ti e a virtude do Altissimo te cobrirá com a sua sombra; por isso mesmo, o Santo que há de nascer de ti, será chamado Filho de Deus.*

<sup>aa</sup> *Loc. cit.*

<sup>bb</sup> *Loc. cit.*

<sup>cc</sup> Nota marginal: <Isai. 42.1>. **VL**, Liber Isaiaë, c. 42, v. 1: *Ecce seruus meus, suscipiam eum electus meus, conplacuit sibi in illo anima mea: dedi spiritum meum super eum, iudicium Gentibus proferet. BSP: Eis o meu servo, eu o ampararei; o meu escolhido, no qual a minha alma pôs a sua complacência; sobre ele derramarei o meu espírito, ele espalhará a justiça entre as nações.*

para o complemento foi necessário que o Espírito Santo instituísse Juiz ao mesmo Redentor.

E para que se veja esta verdade com toda a evidência, já devem saber todos que para a eficácia, e complemento da nossa redenção não bastam só os merecimentos da parte de Cristo, senão que é necessária também a cooperação da nossa parte: pois que meio haveria para que  
 195 da nossa parte se tratasse também da cooperação? O meio foi dispor Deus o mistério da Encarnação com tão alta providência, que naquele mesmo mistério onde o mundo recebia o seu redentor, aí mesmo visse o mundo que se lhe instituía o seu Juiz: *Omne iudicium dedit Filio,*<sup>dd</sup> *quia filius hominis est:*<sup>ee</sup> como se dissera o mesmo Deus: E que importa que da minha parte se faça um Redentor do mundo, se bem averiguadas as contas, é certo que o mundo há  
 200 de faltar da sua parte? Pois que remédio a tão grande dano? Grão remédio: no mesmo ponto que o mundo vê a minha misericórdia, nessa mesma ação tema também a minha justiça: entendam todos os homens, e veja o mundo todo, que esse mesmo Deus que os vai a remir, esse mesmo os há de julgar. Desta sorte darão os homens complemento à obra da redenção; porque desta sorte obrarão como devem, e se salvarão os homens, conhecendo que hão de ser  
 205 julgados depois de remidos; e que há de ser seu exatíssimo Juiz esse mesmo Deus, que agora é seu amorosíssimo Redentor.

Esta foi a razão por que o Eterno Padre escolheu a Cristo para Julgador dos homens naquele próprio mistério, em que o divino Verbo encarnou para Redentor do mundo; e para que o mundo assim o entendesse, vejam na mesma obra da redenção como  
 210 confirmou o Filho o mesmo que dispôs o Pai. Obrou o Filho a nossa re-

---

<sup>dd</sup> Nota marginal: <Joan. 5 22.>. **VL**, *Evangelium secundum Ioannem*, c. 5, v. 22: *Neque enim Pater iudicat quemquam: sed omne iudicium dedit Filio.* **BSP**: *O Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o poder de julgar.*

<sup>ee</sup> **VL**, *ibidem*, c. 5, v. 27: *et potestatem dedit ei et iudicium facere, quia Filius hominis est.* **BSP**: *E deu-lhe o poder de julgar porque é Filho do homem.*

---

<sup>205</sup> exatíssimo] exactissimo A.

denção morrendo em ãa Cruz, e se bem atentarmos, acharemos que ali mesmo de tal maneira morre como Redentor, que se há juntamente como Juiz: foi ponderação de Santo Ambrósio:<sup>ff</sup> *Unus a dextris, et alter a sinistris, quia sic erit in die judicij*:<sup>gg</sup> porque se lançarmos os olhos para a mão direita de Cristo crucificado, veremos ao Bom ladrão um predestinado que se salva; se os lançarmos para a mão esquerda, veremos ao Mau ladrão um réprobo que se condena: há mais viva representação do Juízo final? salvando-se uns, condenando-se outros, salvando-se os predestinados que ficam à mão direita, e perdendo-se os réprobos que ficam à mão esquerda? E a que fim quis o Senhor representar ao mundo que estava julgando, naquela mesma ação em que o estava remindo? A que fim, senão para que o temesse o mundo? e para que este temor do castigo que há de executar como Juiz, desse eficácia ao remédio que estava obrando como Redentor? Pois isto que fez o Redentor para dar eficácia à obra da redenção quando a executava, isto mesmo foi o que traçava o Eterno Pai, quando a dispunha: quis que a obra da redenção se lograsse com fruto, e com efeito, e por isso com altíssima providência no mesmo mistério da Encarnação em que se concebia o nosso Redentor, aí mesmo ordenou que se formasse o nosso Juiz: *Omne judicium dedit Filio, quia filius hominis est*.

Agora depois de conhecida esta verdade, fica clara a razão por que eu dizia que assistir o Espírito Santo à formação do Redentor do mundo, foi dar complemento à obra da redenção: para se formar o Redentor não era necessária especial assistência do Espírito Santo, bastava que o decretasse, e concorresse o Pai, bastava que viesse, e encarnasse o Filho; porém para se dar complemen-

<sup>ff</sup> Nota marginal: <Amb in 23 D Luc tom. 3.>. Ref. a *Commentaria in Evangelium Secundum Lucam*, de S. Ambrósio. (cf. AMBROSII, *Operum* [...], t. III, 1616, p. 105).

<sup>gg</sup> “Um à sua direita e o outro à esquerda, porque será no dia do juízo” (tradução nossa).

to à redenção, não bastava toda aquela infinita misericórdia, era necessário que soubesse o mundo que também havia justiça; não bastava que houvesse Redentor do mundo, era necessário que fosse Juiz o mesmo Redentor. Pois como a direção da Justiça pertence ao Espírito Santo, assistiu o Espírito Santo à formação do Redentor do mundo, constituindo-o  
235 supremo Juiz, para o consumir perfeito Redentor, e desta sorte se viu que para a obra da redenção, sobre o decreto do Pai, e sobre o merecimento do Filho, para complemento de tudo sobreveio a assitência do Espírito Santo: *Spiritus Sanctus superveniet in te.*

De todo este discurso vimos a tirar que ou consideremos o mundo creado, ou consideremos o mundo remido, o complemento da Santíssima Trindade em ordem ao mundo,  
240 é o Espírito Santo enquanto luz da Justiça. Oh que grande crédito da Justiça! que superior excelência do Espírito Santo! Com razão dizia eu logo que ser ele a luz da Justiça, essa entre todas é a sua maior excelência: assim como as luzes na pintura servem às valentias de realce, nas peças de ouro servem aos quilates de lustre, e nos Horizontes da terra servem aos montes de coroa; assim no Espírito Santo o título de luz da Justiça é tanto sobre tudo, que é todo o  
245 realce da valentia de suas excelências, é todo o lustre dos quilates de seus atributos, e é finalmente o timbre, e a coroa dos montes de suas perfeições. Não sei se reparam na dificuldade das palavras com que se referem as três vindas do Espírito Santo de que até agora falamos: a primeira vinda foi, quando o mundo se creou, e diz o Texto que andava o Espírito Santo sobre as águas que cercavam todo o mundo: *Ferebatur super aquas*: a  
250 segunda foi, quando encarnou o Verbo divino, e diz que viera o

Espírito Santo sobre a Senhora: *Superveniet in te*: a terceira foi, quando o Espírito Santo entrou no Cenáculo, e diz que se pusera sobre os Apóstolos: *Seditque supra singulos eorum*. Valha-me Deus! Sempre sobre? sobre o mundo? sobre a Senhora? e sobre os Apóstolos? como pode ser? Aquelas águas sobre que andava o Espírito Santo, eram a circunferência, o

255 âmbito, e a superfície de todo o mundo; dali para riba o espaço que havia era só possível, e imaginário: logo por cima das águas não havia, nem há lugar algum: pois logo como andava o Espírito Santo por cima? e o que mais é, como dentro daquela superfície das águas se continha todo o lugar que existe na natureza; segue-se que toda a imensidade de Deus estava dentro daquela superfície, e que só ali assistia atualmente o mesmo Deus: logo ali assistia também

260 realmente o mesmo Espírito Santo: pois se das águas adentro estava o Espírito Santo, como andava ele mesmo sobre as águas: *Super aquas?* porventura andava sobre si mesmo? Mais: quando foi na Encarnação do Verbo divino é certo que estava a Senhora chea do Espírito Santo: *Gratia plena*;<sup>hh</sup> porque estava chea de Deus: *Dominus tecum*.<sup>ii</sup> pois se dentro da Senhora estava o Espírito Santo, como veio ele mesmo sobre a Senhora: *Superveniet?*

265 porventura veio sobre si mesmo? Ultimamente quando o Espírito S. entrou no Cenáculo, todos os Apóstolos ficaram cheios do Espírito Santo: *Et repleti sunt omnes Spiritu Sancto*.<sup>jj</sup> pois se dentro dos Apóstolos estava o Espírito Santo, como se sentou ele mesmo sobre os Apóstolos: *Supra singulos?* porventura sentou-se sobre si mesmo? Todos estes três reparos têm a mesma dificuldade, e assim que a todos satisfaço com a mesma reposta.

270 Digo que aí se verá o quanto maior exce-

---

<sup>hh</sup> **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 1, v. 28: *Et ingressus angelus ad eam, dixit: Ave gratia plena: Dominus tecum: Benedicta tu in mulieribus*. **BSP**: *Entrando o anjo onde ela estava, disse-lhe: Deus te salve, cheia de graça; O Senhor é contigo*.

<sup>ii</sup> *Loc. cit.*

<sup>jj</sup> **VL**, Actus Apostolorum, c. 2, v. 4: *et repleti sunt omnes Spiritu Sancto, et cœperunt loqui varijs linguis, prout Spiritus Sanctus dabat eloqui illis*. **BSP**: *Foram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar várias línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem*.

---

<sup>259</sup> atualmente] actualmente A, *passim*.

lência é do Espírito Santo ser a luz da Justiça, do que todas as outras suas infinitas, e  
perfeitíssimas excelências. No mundo, na Senhora, e nos Apóstolos estava inteiramente  
todo o Espírito Santo, e pelo conseguinte todas as suas excelências se achavam juntas  
dentro do mundo, dentro da Senhora, e dentro dos Apóstolos; porém o Espírito Santo  
275 assistiu à criação do mundo para luz da Justiça; assistiu à Senhora na Encarnação para  
formar o Julgador de todo o mundo; assistiu aos Apóstolos no Cenáculo para os instituir  
Ministros, e adjuntos do mesmo supremo Julgador. Pois excede tanto neste Espírito divino  
a excelência de ser a luz da Justiça a todas as outras mais excelências, que esta só é tanto  
maior que todas as outras juntas, que reduzindo-se todas as outras a caber dentro do mundo,  
280 dentro da Senhora, e dentro dos Apóstolos, a excelência de ser luz da Justiça, como  
impaciente de limites, e como digna de maiores, e mais espaçosas esferas, não se abrevia  
por dentro, senão que se dilata por fora; nem só se dilata por fora, senão que se sobreleva  
por cima: a excelência de ser luz da Justiça fica por cima de todas as mais excelências, e é  
sobre tudo o mais: o mesmo Espírito Santo, enquanto luz da Justiça, parece que é sobre si  
285 mesmo; parece que por este título é maior que o mesmo Espírito Santo; por isso estando  
todo dentro do mundo, dentro da Senhora, e dentro dos Apóstolos, tanto se elevou sobre si  
mesmo enquanto luz da Justiça, que como realce da pintura andava sobre todo o mundo:  
*Ferebatur super aquas*: como lustre do ouro assistiu sobre a Senhora: *Superveniet in te*: e  
como coroa dos montes se sentou sobre os Apóstolos: *Seditque supra singulos eorum*. Fique  
290 logo por conclusão, *Hoc autem est judicium*, que entre as infinitas excelên-

cias do Espírito Santo, a maior de todas elas em ordem ao mundo, é ser o Espírito Santo a luz da Justiça: *Quia lux venit in mundum*.

Depois de vermos a maior excelência do Espírito Santo, segue-se vermos agora a maior obrigação dos Ministros da Justiça. Porém sendo elas tantas, e tão relevantes todas, quem poderá divisar a maior delas? Ora ainda que sejam tantas as obrigações de um Ministro da Justiça, e ainda que sejam outros tantos os pareceres sobre qual delas é a maior, entre todos eles me atrevo a dizer que só o meu voto neste particular é o verdadeiro; e o meu voto é este: *Hoc autem est iudicium*:<sup>kk</sup> que assim como a maior excelência do Espírito Santo é ser a luz da Justiça; assim a maior obrigação dos Ministros da Justiça é viver, e conservarem-se na graça do Espírito Santo. Grande ponto! Grande obrigação! Já que entramos na segunda parte do discurso, vamos à segunda parte do tema: *Qui autem facit veritatem, venit ad lucem*.<sup>ll</sup> Estas palavras construídas ao pé da letra querem dizer, que quem obra bem, anda às claras; porém consideradas mais profundamente, muito mais querem dizer: aquela palavra (*veritatem*) significa a justiça; porque a justiça é a que define, e descobre a verdade: e aquela palavra (*lucem*) significa a graça; porque a graça é a que ilustra os entendimentos, e a que ilumina as almas como verdadeira luz; com que todas as palavras juntas vêm a dizer, que o Ministro que faz verdadeira justiça, é só aquele, que vive, e anda em graça: isso é: *Qui autem facit veritatem, venit ad lucem*.

Eis aqui a principal obrigação de um Ministro da Justiça, este há de ser o seu maior cuidado, porque esta é entre todas a sua maior obrigação. Todos os Cristãos somos obrigados a viver em graça de Deus; porém os Minis-

---

<sup>kk</sup> “Este agora é o parecer:” (tradução nossa).

<sup>ll</sup> “Mas quem pratica a verdade vem para a luz” (tradução nossa).

tros da Justiça ainda são muito mais obrigados, é dobrada a sua obrigação: ãa por Cristãos, e  
 outra por Ministros: por Cristãos, para merecerem a glória; por Ministros, para administrarem  
 a Justiça. Pois assim como a sua, e a nossa obrigação sobre todas, enquanto Cristãos, é  
 315 procurar a divina graça; assim também enquanto Ministros essa mesma sobre todas deve ser a  
 sua maior, e a sua principal obrigação. E na verdade se se desse caso em que algum Ministro  
 das Justiças do mundo não andasse em graça de Deus, como seria possível, não estando  
 atualmente em graça, que administrasse retamente a Justiça? Quem não soubesse corrigir<sup>mmm</sup> as  
 culpas próprias, como havia de emendar as alheas? Com quanta razão se lhe poderia dizer:  
 320 *Ejice primum trabem de oculo tuo?*<sup>nn</sup> Quem se não soubesse reger a si, como poderia governar  
 aos outros? Com quanta razão também se lhe diria: *Medice cura te ipsum?*<sup>oo</sup> E enfim se o  
 Espírito Santo é o que inspira acertos da Justiça, como poderia acertar o Ministro que não  
 tivesse em si ao Espírito Santo? *Nisi Spiritus Sanctus sit in nobis, et in nostra conscientia,*  
 325 *ejus scientia non potest esse in nobis,*<sup>pp</sup> disse bem acertadamente Santo Agostinho:<sup>qq</sup> *Nisi*  
*Spiritus Sanctus* (torno a repetir) *nisi Spiritus Sanctus sit in nobis, et in nostra conscientia,*  
*ejus scientia non potest esse in nobis.* Bem sei que para se formar um Ministro perfeito é  
 necessária a ciência, a qualidade, a inteireza, a misericórdia, a vigilância, a expediência, e  
 dissera eu também a fazenda, e a fortuna sobre o poder, e a jurisdição; porém digo que sem a  
 graça de Deus tudo isto é nada, e tudo isto tem quem vive na graça de Deus: *Quærite primum*  
 330 *regnum Dei, et justitiam ejus, et hæc omnia adjicientur vobis:*<sup>rr</sup> Procurai vós (diz Cristo) viver  
 na graça de Deus, e logo tereis todas essas prendas, e todas essas proprie-

<sup>mmm</sup> Forma antiga de ‘corrigir’ ou ‘correger’, registrada em Bluteau (1789, p. 333-334).

<sup>nn</sup> Nota marginal <Luc. 6. 42.> **VL**, *Evangelium secundum Lucam*, c. 6, v. 42: *Aut quomodo potes dicere fratri tuo: Frater sine eiiciam festucam de oculo tuo: ipse in oculo tuo trabem non videns? Hypocrita, ejice primum trabem de oculo tuo: et tunc perspicias vt educas festucam de oculo fratris tui. BSP: Ou como podes tu dizer a teu irmão: Deixa, irmão, que eu tire do teu olho o argueiro, não vendo tu mesmo a trave que tens no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e depois verás para tirar o argueiro do olho de teu irmão.*

<sup>oo</sup> Nota marginal<Luc. 4. 23.>. **VL**, *Evangelium secundum Lucam*, c. 4, v. 23: *Et ait illis: Vtique dicetis mihi hanc similitudinem: Medice cura te ipsum: quanta audiimus facta in Capharnaum, fac et hic in patria tua. BSP: E disse-lhes: Sem dúvida que vós me aplicareis este provérbio: Médico, cura-te a ti mesmo: todas aquelas grandes coisas que ouvimos dizer que fizeste em Cafarnaum, faze-as também aqui na tua pátria.*

<sup>pp</sup> “A não ser que o Espírito Santo esteja em nós, e na nossa consciência, seu conhecimento não pode estar em nós.” (tradução nossa).

<sup>qq</sup> A citação como aqui apresentada não foi localizada, mas parece sintetizar o que diz Agostinho no capítulo 5 do tratado 74 (*In Evangelium Joannis Tractatus*): *Vos autem, inquit, cognoscetis eum, quia apud vos manebit, et in vobis erit. Erit in eis ut maneat, non manebit ut sit: prius est enim esse alicubi, quam manere. Sed ne putarent quod dictum est, apud vos manebit, ita dictum quemadmodum apud hominem hospes visibiliter manere consuevit; exposuit quid dixerit, apud vos manebit, cum adiunxit et dixit, in vobis erit. Ergo invisibiliter videtur: nec si non sit in nobis, potest esse in nobis eius scientia. Sic enim a nobis videtur in nobis et nostra conscientia: nam faciem videmus alterius, nostram videre non possumus; conscientiam vero nostram videmus, alterius non videmus. Sed conscientia nunquam est, nisi in nobis: Spiritus autem sanctus potest esse etiam sine nobis; datur quippe ut sit et in nobis. Sed videri et sciri quemadmodum videndus et sciendus est, non potest a nobis, si non sit in nobis.* (AUGUSTINI, In: MIGNE, P.L., 1845, col. 1828-1829).

<sup>rr</sup> Nota marginal: <Matt. 6, 33.>. **VL**, *Evangelium secundum Matthæum*, c. 6, v. 33: *Quærite ergo primum regnum Dei, et iustitiam eius: et hæc omnia adjicientur vobis. BSP: Buscai pois, em primeiro lugar, o reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão dadas por acréscimo.*

dades. Reparem de caminho na palavra com que Cristo fala na graça; chama-lhe Justiça, *et justitiam ejus*: a Justiça, e a graça vivem entre si tão complicadas, que ambas igualmente se chamam Justiça, parece que se não distinguem ambas; mal poderá logo haver justiça, onde  
 335 faltar a graça, e pelo contrário, só onde houver graça podemos crer que se achará justiça: mas se o Ministro tiver todas as outras condições, e qualidades que constituem um perfeito Ministro? torno a dizer, que sem a divina graça tudo é nada, a graça é a que dá vida, e valor a tudo.

Ûa das causas mais controversas que se viram no mundo, foi aquele renhidíssimo  
 340 pleito que houve no Egito entre o povo Hebreu, e El-Rei Faraó: Faraó sustentava a sua regalia; o povo clamava pela sua liberdade: Faraó tinha adquirido<sup>ss</sup> o direito da posse; o povo tinha por si a lei da natureza. Nestes termos correu esta causa tantos anos, que não havendo quem a decidisse entre os homens, foi afecta<sup>t</sup> a Deus; e a quem escolheria Deus para Comissário seu, e Julgador nesta causa? Escolheu a Moisés; mas vejamos de que sorte o instituiu Julgador.  
 345 Primeiramente deu-lhe todas as instruções quantas eram necessárias para ùa expedição tão importante, e tão dificultosa: entregou-lhe logo a vara; nela lhe delegou toda a Onipotência por jurisdição, e depois de feitas todas estas diligências, por fim de tudo lhe mandou meter a mão no seio: *Mitte manum tuam in sinum tuum.*<sup>uu</sup> Admirável diligência de Deus! Quando Deus nomeou a Moisés para Ministro seu, já aquela divina eleição assentava sobre um grande merecimento;  
 350 porque neste grande Ministro tudo era grande: em Moisés havia grande qualidade, grande sabedoria, grande valor, grande zelo, grande experiência, grande piedade, grande

---

<sup>ss</sup> Particípio de ‘a(d)quirir’. Cf. Houaiss (2001), a forma “adquirir coexistiu com a(c)quirir e acabou por suplantá-la”.

<sup>t</sup> Conforme Moraes Silva (1823, t. 1, p. 57), “affecto” (adj.) significa “Remettido a algum tribunal, ou juiz”.

<sup>uu</sup> Nota marginal: <Exod 4 6>. **VL**, Liber Exodus, c. 4, v. 6: *Dixitque Dominus rursum: Mitte manum in sinum tuum. Quam cum misisset in sinum, protulit leprosam instar niuis. BSP: E outra vez disse o Senhor: Põe a tua mão no teu seio. E, pondo-a no seio, tirou-a leprosa, (branca) como a neve.*

---

<sup>340</sup> Egito] Egypto A, *passim*.

cautela, e grande resolução, que todas estas partes refere a Escritura de Moisés. Pois se em Moisés se achavam juntas todas estas partes, e se sobre elas já Moisés tinha a vara, se já tinha a jurisdição, que tinha mais Deus que fazer, ou que tinha mais que examinar? Ainda tinha que  
 355 fazer mais; porque ainda tinha que examinar a consciência de Moisés: *Mitte manum tuam in sinum tuum*. Mas que faz ao caso o ponto da consciência? Antes aí consiste todo o ponto: porque a alma do Julgador é a vida de suas prendas, a sua vida é a alma de suas ações, e enfim na sua consciência consiste toda a essência de suas propriedades: todas elas sem uma consciência muito pura, e muito ajustada com Deus, tudo é nada; porque tudo depende dela, e  
 360 nela é que consiste tudo. E senão, vejamos o que sucedeu a Moisés quando o examinava Deus: meteu ele a mão no seio, e tirou-a cheia de lepra: *Quam cum misisset in sinum, protulit leprosam*. Nada temos feito Moisés, ainda não estás para Julgador. Como não Senhor? não sabeis vós as minhas partes, e não tenho eu já os vossos poderes? Nada temos feito; porque todos estes poderes sobre todas essas partes, tudo isso com essa consciência, tudo é nada:  
 365 torna a meter a mão na consciência: *Retrahe manum tuam in sinum tuum: retraxit, et protulit iterum, et erat similis carni reliquæ*.<sup>vv</sup> meteu segunda vez a mão no seio, e para prova de que tinha limpa a consciência, mostrou que tinhas as mãos limpas. Agora sim, diz Deus, agora ratifico eu, e confirmo Julgador a Moisés: agora que ele está na minha graça, assistirei eu à sua justiça: *Perge igitur, et ego ero in ore tuo*.<sup>ww</sup>

370 Neste caso verão os Julgadores quanto mais é a graça de Deus que tudo o mais, tudo o mais é nada sem a graça de Deus, e a graça de Deus é o tu-

---

<sup>vv</sup> **VL**, Liber Exodus, c. 4, v. 7: *Retrahe, ait, manum in sinum tuum. Retraxit, et protulit iterum, et erat similis carni reliquæ*. **BSP**: *Torna a pôr, disse (o Senhor), a tua mão no teu seio. Tornou a pô-la, e tirou-a de novo, e era semelhante à outra carne*.

<sup>ww</sup> **VL**, *ibidem*, c. 4, v. 12: *Perge igitur, et ego ero in ore tuo: doceboque te quid loquaris*. **BSP**: *Vai, pois, e eu estarei na tua boca, e te ensinarei o que deverás dizer*.

do, ou quando menos deve ser sobre tudo. E para que melhor se verifique este ponto no seu maior encarecimento, pergunto: Entre todos os cuidados quantos têm os Ministros todos que servem aos Príncipes do mundo, qual deve ser o seu maior cuidado? Sabidamente, o maior  
 375 cuidado, e ainda a melhor parte dos Ministros é viver na graça dos Príncipes: não quero para Autor desta política, nem a Plínio,<sup>xx</sup> nem a Cassiodoro,<sup>yy</sup> senão ao mesmo Espírito Santo, porque também ele expressamente diz que o Ministro, que sabe ser Ministro, é só aquele que vive na graça do Príncipe, que aquele que não atende à sua graça, totalmente é inútil para Ministro: *Acceptus est regi minister intelligens: iracundiam ejus inutilis sustinebit.*<sup>zz</sup> A razão  
 380 desta doutrina querem algũs que seja; porque, quantos Ministros haveria no mundo de bem grandes partes, e merecimentos, a quem porque faltou a graça dos Príncipes, tudo o mais lhes faltou? E pelo contrário, quantos Ministros haveria que com merecimentos muito desiguais tiveram grande nome de Ministros, só porque tiveram a graça dos Príncipes? Porém a razão verdadeira é; porque sendo os Príncipes Cristãos tão retos todos, tão justos, tão prudentes, e  
 385 tão Católicos, bem claro está que não conservarão na sua graça senão só aqueles Ministros que se ajustaram à sua obrigação. O mesmo Espírito Santo nas mesmas palavras em que nos deu esta doutrina, nos dá também esta razão: notem as palavras: *Acceptus est regi minister intelligens*: não só quer dizer que o Ministro que sabe ser Ministro, é só aquele que vive na graça do Príncipe, senão que o Príncipe só tem na sua graça ao que sabe proceder como Ministro: e  
 390 pelo contrário, o que não corresponder às obrigações de Ministro, descairá da graça do

---

<sup>xx</sup> Ref. a Plínio, o Jovem, ou Caio Plínio Cecílio Segundo (sécs. I-II), insigne orador, jurista e político romano, sobrinho de Plínio, o Velho, autor de *Naturalis Historia* (cf. PLINIUS CÆCILIVS SECUNDUS (CAIVS). In: A new and general BIOGRAPHICAL DICTIONARY, v. VII, 1795, p. 418).

<sup>yy</sup> Cassiodoro, ou Flavius Magnus Aurelius (sécs. V-VI) foi um grande estadista e escritor romano, notável por seus conhecimentos jurídicos, como também das artes liberais e de outras matérias (cf. CASSIODORO SENATORE. In: ISTITUTO di stutto su Cassiodoro e sul medioevo in Calabria. Disponível em <<http://www.cassiodoro.it/CASSIODORO.htm>>. Acesso em 25 mar. 2014). Obras de Cassiodoro estão publicadas em MIGNE, P.L., t. LXIX, LXX, 1848- 1865.

<sup>zz</sup> Nota marginal: <Prov. 14 35.>. VL, Liber Proverbiorum, c. 14, v. 35: *Acceptus est regi minister intellegens: iracundiam eius inutilis sustinebit.* **BSP:** *O ministro inteligente é agradável ao rei, / o inútil sentirá a sua ira.*

Príncipe: *Iracundiam ejus inutilis sustinebit.*

Justo é logo que o maior cuidado dos Ministros sobre todos os cuidados, e a sua maior obrigação seja procurar a graça dos Príncipes: assim é; porém agora torno a perguntar assim: E qual importa mais a um Ministro, a graça de Deus, ou a graça do Príncipe? Entre Cristãos é escusada esta pergunta; mas não falando só como Cristãos, 395 senão como políticos, quem poderá duvidar que muito mais importa a graça de Deus? Entre tantas quantas se me oferecem, darei só esta razão: porque o Ministro que estiver na graça do Príncipe, há de perder a graça do Príncipe, se estiver fora da graça de Deus; e o que estiver fora da graça do Príncipe, estando em graça de Deus há de adquirir a graça do 400 Príncipe. Os dous maiores Ministros que se conheceram no mundo foram José, e Amã, Amã no Império dos Persas, José na Corte de Faraó: Amã<sup>aaa</sup> aquele Minистраção<sup>bbb</sup> de Assuero, colocado no trono, vivia na graça do Príncipe, mas fora da graça de Deus; e em que parou a fortuna de Amã? Acabou miseravelmente a privança fora da graça de Deus, e fora da graça do Príncipe: pelo contrário, José aquele grã Ministro de Faraó, lá metido em 405 um cárcere, vivia na graça de Deus, mas fora da graça do Príncipe; porém como viveu, e como acabou José? Acabou gloriosamente a vida na graça do Príncipe, e em graça de Deus: logo muito mais importa aos Ministros (falando ainda politicamente) muito mais lhes importa a graça de Deus, do que a graça do Príncipe; porque a graça de Deus assegura a graça do Príncipe, e a graça do Príncipe não assegura a graça de Deus; e o que mais é de 410 admirar, nem ainda a si mesma se assegura. Pois agora sobre a experiência desta verdade

---

<sup>aaa</sup> Conforme narra o Livro de Ester, Assuero, imperador persa, constituiu Aman como autoridade sobre todos os príncipes que tinha. Sobre Aman e Assuero, cf. **BSP**, Ester, c. 1, v. 1-4; c. 3-8, *passim*.

<sup>bbb</sup> Moraes Silva (1831, t. 2, p. 316) se pauta em Vieira para abonar essa expressão. Esse aumentativo é empregado por Vieira no *Sermão da Terceira Domingo do Advento* (1690) e no *Sermão Histórico e Panegírico nos Anos da Rainha D. Maria Francisca de Sabóia* (1668) – neste último, também se referindo a Amã. Francisco José freire (ou Cândido Lusitano, 1719-1773), em suas *Reflexões sobre a Língua Portuguesa* (1842, p. 118), observa que “só também no jocoso, no familiar, e no satyrico é que devem ter uso aquelles nomes que com a terminação em *ão* ou em *asso* tem força de superlativos,” mas “ocasiões haverá, em que estes termos augmentativos terão bom lugar em discurso grave” – como é o caso dos sermões.

---

<sup>400</sup> José] Joseph A, *passim*.

fundo eu o maior encarecimento desta obrigação; porque se toda a obrigação de um Ministro, e se todo o seu cuidado deve ser portar-se tão ajustadamente que se conserve na graça do Príncipe; sendo a graça de Deus tanto mais, quanto maior obrigação terá de viver em graça de Deus? A graça dos Príncipes importa mais aos Ministros que tudo o mais: a graça de Deus  
 415 importa mais do que a graça dos Príncipes: logo a graça de Deus importa, e é até do que é mais que tudo, nisso consiste tudo, na graça de Deus.

Por todas estas razões me persuado, e se devem persuadir todos os Julgadores do mundo, que a sua maior obrigação é viver na graça de Deus. Isto é o que dita a própria razão. *Gratia regnat per justitiam*: isto é o que clama a mesma graça: *Per me reges regnant, et legum conditores justa decernunt: per me Principes imperant, et potentes decernunt justitiam.*<sup>ccc</sup> Porém já que o Espírito Santo é o que inspira aos Ministros a verdadeira justiça, nele mesmo será justo que vejam a sua maior obrigação. E para que a vejam eles, reparo eu, por que há de ser o Espírito Santo a luz, o árbitro, e o Autor da Justiça? parece que este atributo mais convinha ao Eterno Padre, porque lhe toca o poder? parece que mais convinha  
 420 ao Verbo divino, a quem pertence a sabedoria? e parece que a nenhuma das Pessoas convinha menos do que ao Espírito Santo, porque enfim é todo amor? pois logo por que se não atribui a direção da Justiça nem ao Padre, nem ao Verbo divino, senão mais especialmente ao Espírito Santo? Com grandíssima razão; porque entre as divinas Pessoas qual delas é a fonte, e princípio da divina graça? não é o Espírito Santo? pois quem senão  
 425 ele havia de ser o inspirador da verdadeira justiça? já que tem a  
 430

---

<sup>ccc</sup> Nota marginal: <Prov. 8. 15.>. **VL**, Liber Proverbiorum, c. 8, v. 15-16: *Per me reges regnant, et legum conditores iusta decernunt: Per me principes imperant, et potentes decernunt iustitiam.* **BSP**: *Por mim reinam os reis, / e por mim decretam os legisladores o que é justo. Por mim imperam os príncipes, / e os poderosos decretam a justiça.*

graça a seu cargo, corram as Justiças por sua conta: não se vejam divididas graça, e justiça, tudo esteja na mão do Espírito Santo. Oh quanto importa às Justiças do mundo que vivam na graça de Deus! tanto mais lhes importa a graça do que o poder, do que a sabedoria, e do que tudo o mais, que só aquela divina Pessoa, a quem toca infundir a graça, só a ela lhe toca regular a Justiça; porque parece por encarecimento, que até o mesmo Deus não pudera inspirar aos Ministros os acertos da Justiça, sem os prevenir primeiro com as assistências da graça; e por isso o Espírito Santo, como ele é o que pode mais especialmente preveni-los da graça, ele é o que tem em si mais especialmente o inspirar-lhes a justiça, ele é o que inspira a justiça como Espírito, porque ele é o que infunde a graça como Santo.

435  
440 Disse que todos os Ministros para procederem retos na justiça, devem ser prevenidos da graça, e esta palavra (prevenidos) não a disse acaso, senão com toda a reflexão; porque é tão relevante obrigação que têm os Ministros da Justiça de viver em graça, que primeiro há de ser neles o estado da graça, do que toda a administração da Justiça: sendo as obrigações, e as expediências da Justiça tantas, tão grandes, e tão importantes todas, o ponto da graça está primeiro, os acertos da Justiça serão depois; porque só estando o Ministro prevenido da graça, só então poderá acertar nos arbítrios, e disposições da justiça. Quem poderá calificar esta doutrina senão o mesmo Espírito Santo? Em todo o mundo não pode haver República governada, nem com maior, nem com melhor justiça do que aquela que viu Ezequiel representada nos quatro animais, que tiravam<sup>ddd</sup> pelo  
445  
450 carro de Deus; porque sendo ãa Águia veloz, e remontada, um Boi tardio, e rasteiro, um

---

<sup>ddd</sup> Mesmo que puxavam (cf. MORAES SILVA, t. 2, p. 807).

homem benigno, e prudente, e um Leão feroz, e arrebatado, eles se temperavam, eles se compunham, e andavam tanto a ponto, que igualmente emparelhados caminhavam todos sempre com o mesmo concerto, e sempre ao mesmo compasso: *Ambulabant pariter*:<sup>eee</sup> mas donde nasceria que quatro animais, cada qual de tão diferente natureza, assim se ajustassem  
 455 todos com tão maravilhosa proporção? Tudo vinha das rodas do carro; porque o Espírito Santo governava as rodas: *Ubi erat impetus Spiritus, illuc gradiebantur; et Spiritus vitæ erat in rotis*:<sup>fff</sup> não podia ser menos; porque tanta igualdade, tanto acerto, e tanta justiça, que tinha que ver que só a podia governar o Espírito Santo? Oh que bem que procedem os animais! Quando o Espírito Santo governa as rodas, que bem se governa o carro! O carro de Deus era  
 460 uma República Cristã: os animais diferentes eram os diversos estados de ãa República:<sup>egg</sup> as rodas que moviam o carro, e sobre as quais o carros se sustentava, como iam cheas de olhos, eram as Justiças formadas de Ministros; e tanto que o Espírito Santo assiste nas rodas, logo há governo no carro, e conformidade nos animais: *Ambulabant pariter: ubi erat impetus Spiritus, illuc gradiebantur; et Spiritus vitæ erat in rotis*.

465 Ora já que estas rodas eram as Justiças, saibamos quantas eram, e de que modo estavam? Eram duas, e estava ãa dentro da outra, e o Espírito Santo estava em ambas e duas: *Quasi rota in medio rotæ, et Spiritus vitæ erat in rotis*.<sup>hhh</sup> Bem; mas em qual destas duas rodas se pôs primeiro o Espírito Santo? Já se vê que na primeira delas: pois qual delas era a primeira, a de dentro, ou a de fora? O Profeta diz que a de dentro; porque não diz que viu ãa  
 470 roda, que cercava outra por fora, senão viu ãa roda dentro de ou-

---

<sup>eee</sup> Nota marginal: <Ezech. 1 19>. **VL**, Prophetia Ezechielis, c. 1, v. 19: *Cumque ambularent animalia, ambulabant pariter et rotæ iuxta ea: et cum eleuarentur animalia de terra, elevabantur simul et rotæ*. **BSP**: *Quando os animais andavam, andavam também as rodas junto deles; quando os animais se elevavam da terra, também as rodas se elevavam juntamente*.

<sup>fff</sup> **VL**, *ibidem*, c. 1, v. 12, 21: [...] *vbi erat impetus spiritus, illuc gradiebantur [...] quia spiritus vitæ erat in rotis*. **BSP**: *para onde os impelia o ímpeto do espírito, [...] porque o espírito de vida estava nas rodas*.

<sup>egg</sup> No *Sermão Nono, Das Soledades da Senhora*, o autor diz de “uma República composta de diversos estados, Eclesiástico, nobreza, e povo”. Vieira, no *Sermão de Santo Antônio* (1642), apresenta a mesma definição para República.

<sup>hhh</sup> **VL**, *ibidem*, c. 1, v. 16, 21: [...] *quasi sit rota in medio rotæ. [...] quia spiritus vitæ erat in rotis*. **BSP**: [...] *como de uma roda que está no meio doutra roda [...], porque o espírito de vida estava nas rodas*.

tra: *Rota in medio rotæ*: a de dentro foi a primeira que se lhe representou: logo a de dentro era a primeira: logo a primeira em que assistiu o Espírito Santo era a de dentro. Altíssimo documento do Espírito Santo! As Justiças compõem-se de duas rodas, ãa é a de dentro, outra a de fora: em ambas se acha o Espírito Santo, para que assim vão bem governadas as Justiças; 475 porém com esta diferença bem notável, que na roda de dentro deve estar o Espírito Santo por assistência, na de fora por impulso: na de dentro por realidade, na de fora por consequência: primeiro há de haver Espírito Santo por dentro, para que haja Espírito Santo por fora; porque o Espírito Santo não governa pela banda de fora, se não posto primeiro pela parte de dentro: primeiro assiste na roda de dentro, e daí é que move a roda de fora: procurem pois os 480 Ministros da Justiça mais que tudo, e primeiro que tudo, procurem em primeiro lugar ter o Espírito Santo dentro em si, dentro em suas almas, e em suas consciências, e logo no governo de fora se verão os impulsos do Espírito Santo: tanto que houver este cuidado nas rodas, logo haverá concerto, e compostura no carro: *Ambulabant pariter, et ubi erat impetus Spiritus, illuc gradiebantur; et Spiritus vitæ erat in rotis.*

485           Ultimamente quero confirmar a importância desta obrigação com a mesma vinda do Espírito Santo. Desceu o Espírito Santo sobre os Apóstolos, e como os vinha a instituir Julgadores do mundo, para lhes inspirar os acertos da justiça, se lhes comunicou em línguas de luz, e para lhes ilustrar os entendimentos, se lhes sentou sobre as cabeças: *Seditque supra singulos eorum*: porém para que se visse que não bastava esta diligência, acrescenta o Texto 490 que todos os Apóstolos ficaram confirmados em graça, e cheios do Es-

pírito Santo: *Et repleti sunt omnes Spiritu Sancto*. Temos logo que para serem Julgadores os Apóstolos, não lhes bastava a luz da justiça, senão que lhes era necessário o estado da graça: temos que lhes não bastava a luz nas cabeças, senão que lhes era necessária a graça nas almas; e enfim que lhes não bastava o Espírito Santo por fora, senão que sobre isso lhes era também  
 495 necessário o Espírito Santo por dentro; e verdadeiramente para tudo era necessário o Espírito Santo: porém onde seria mais necessário, por dentro, ou por fora? nas almas, ou nas cabeças? Reparem com admiração no que diz o mesmo Texto: As cabeças tocou-lhas: *Seditque supra singulos eorum*; e as almas? encheu-lhas: *Repleti sunt omnes Spiritu Sancto*. Valente confirmação de tudo o que temos dito. Para ambos os fins, e com ambos os intentos desceu o  
 500 Espírito Santo, para ilustrar-lhes as cabeças, e para santificar-lhes as almas; porém como quem sabia o quanto mais importa aos Julgadores a graça nas almas, do que a luz nas cabeças, tanto mais se empenhou em infundir-lhes nas almas a graça, do que em dar-lhes às cabeças a luz, que sentando-se nas cabeças só por fora, somente as tocou: *Seditque supra singulos eorum*; e empregando-se todo nas almas por dentro, totalmente as encheu: *Et repleti sunt*  
 505 *omnes Spiritu Sancto*. Fique logo por última conclusão de ambos estes dous discursos: *Hoc autem est iudicium*:<sup>iii</sup> que a maior excelência do Espírito Santo é ser a luz da Justiça: *Quia lux venit in mundum*: e a maior obrigação dos Ministros da Justiça é viverem na graça do Espírito Santo: *Qui autem facit veritatem, venit ad lucem*.

Tenho acabado o Sermão: já que ser a luz da Justiça é a maior excelência do  
 510 Espírito Santo, vós ó Espírito divino, eterna luz, ditame incompreen-

---

<sup>iii</sup> “Este agora é o parecer.” (tradução nossa).

sível, vós a quem as Justiças todas reconhecem por Árbitro, veneram por Autor, e adoram por Deus, vós lhes assisti Senhor com as inspirações de vossa eterna Justiça, e com os raios de vossa soberana luz: *Veni Sancte Spiritus, et emitte cœlitus lucis tuæ radium.*<sup>iii</sup> Mas já que a sua maior obrigação é viver na vossa divina graça, para que assim cabalmente possam  
 515 corresponder aos ditames da vossa justiça satisfazendo às leis de sua obrigação: *Veni lumen cordium, lava quod est sordidum, riga quod est aridum, sana quod est saucium.*<sup>kkk</sup> Porém já que a vossa graça não só lhes é necessária como a Ministros, senão também como a Cristãos, a todos nós nos assisti com vosso divino concurso, e a todos nos ilustrai com vossa superior assistência: *O lux Beatissima, reple cordis intima tuorum fidelium.*<sup>lll</sup> Vinde Espírito divino,  
 520 descei Paráclito<sup>mmmm</sup> soberano, e tão desatado em chamas, como repartido em luzes, assisti como luz a nossas almas, purificai como chama as nossas consciências, e como tudo inflamai os nossos corações, para que com o favor de vossa divina graça mereçamos o prêmio da eterna Glória: *Quam mihi, etc.*<sup>nnn</sup>

---

<sup>iii</sup> “Vinde, oh Santo Espírito, e mandai do céu um raio da vossa luz.” (tradução nossa). Este e os dois trechos seguintes são partes de *Veni Sancte Spiritus*, ou “Sequência de Pentecostes”, presente no Missal Romano (cf. CLEMENTIS VIII, 1625, p. 351-352) e no Compêndio de Catecismo da Igreja Católica (cf. RATZINGER, 2005).

<sup>kkk</sup> “Vinde, Luz dos nossos corações, lavai o que é impuro, regai o que está seco, curai o que está ferido” (tradução nossa).

<sup>lll</sup> “Oh beatíssima luz, enchei profundamente os corações dos vossos fiéis” (tradução nossa).

<sup>mmmm</sup> Do gr. *paráklētos*, 'que é chamado em socorro', 'advogado, defensor, intercessor' (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>nnn</sup> Abreviação da fórmula de encerramento de sermões, *Quam mihi et vobis præstare dignetur Dominus Deus Omnipotens*. Tradução nossa: “A qual o Senhor Deus Onipotente se digne conceder a mim e a vós”.

## Sermão Nono, das Soledades da Senhora.

---

*Quomodo sedet sola? facta est sub tributo Domina gentium: Et lacrymæ ejus in maxillis ejus.* Threnorum I.<sup>a</sup>

5 Assim com estas palavras lamentava o Profeta Jeremias o triste estado da Cidade de Jerusalém entre as ruínas de sua destruição; e com estas mesmas palavras quisera eu ponderar a dor, e os sentimentos da Virgem Santíssima entre as lágrimas de sua Soledade: bem sei o excesso que vai de Maria solitária a Jerusalém destruída; mas bem sabem todos que de ordinário se costumam explicar as dores de Maria pelas mágoas de Jerusalém: pelo que com estas palavras nos explicaremos hoje; e não só porque há grande parte de semelhança entre Jerusalém destruída na morte do seu amado Josias, e entre Maria solitária na morte do

---

<sup>a</sup> Vulgata Latina (1605), doravante **VL**, Lamentationes, c. 1, v. 1-2: *Quomodo sedet sola ciuitas plena populo: facta est quasi vidua domina Gentium: princeps prouinciarum facta est sub tributo. Plorans plorauit in nocte, et lacrimæ eius in maxillis eius: non est qui consoletur eam ex omnibus charis eius: omnes amici eius spreuerunt eam, et facti sunt ei inimici.* Bíblia Sagrada – Edições Paulinas (1986), doravante **BSP**: *Como assim está sentada solitária, / esta cidade (antes) cheia de povo? Tornou-se como uma viúva; / a senhora das nações; / a princesa das províncias / ficou sujeita ao tributo. Chorou sem cessar durante a noite, / e as lágrimas correm pelas suas faces; / não há quem a console / entre os seus amados; / todos os seus amigos a desprezaram, / e tornaram-se seus inimigos.*

10 seu querido Jesus, senão mais especialmente porque posto que o Profeta no sentido literal  
 descrevia a destruição de Jerusalém, bem sabido é que debaixo desta figura profetizava  
 misteriosamente a dor, e a soledade da Mãe Santíssima de Deus. Porém como me será  
 possível explicar esta dor, e esta soledade? explicar aquela dor cujo encarecimento consiste  
 em se não saber explicar: reduzir a vulgaridades da língua a grandeza daquela mágoa, que a  
 15 Senhora fiou só dos segredos de seu coração, como me será possível? Ategora<sup>b</sup> imaginava eu  
 que o vir a profanar com vozes o silêncio desta soledade era ação menos atenta; agora me  
 persuado que é também empresa impossível: porque como é possível que cheguem as nossas  
 vozes a explicar a dor, que nossos discursos<sup>c</sup> nunca chegaram a compreender? O mesmo  
 Profeta Jeremias empenhado em declarar ao mundo o tormento desta soledade, pegando na  
 20 pena com que havia de escrever este tormento, e olhando para a Senhora, que queria  
 descrever, entre o horror, e a lástima, ou de compadecido, ou de assombrado rompeu nesta  
 admiração: *Quomodo sedet sola?* Que só, e que solitária que está! Pois de que modo está  
 solitária? Não é esse o ponto para se referir, só é matéria para se admirar: *Quomodo sedet  
 sola?* E na verdade se a mesma Senhora em sua soledade não pôde explicar sua dor senão só  
 25 com o pranto, e com o silêncio, bem visto está, que com muito maior razão só com pasmos, e  
 admirações podemos explicar o tormento de sua Soledade; porque caber na breve esfera de um  
 coração lastimado todo o peso, e toda a imensidade de tão desigual tormento, este lastimoso  
 assunto não é matéria que se haja de reduzir aos estilos da eloquência, quando muito somente se

---

<sup>b</sup> Segundo Aulete, advérbio composto (antigo e popular), formado por *até* + *agora*, com o mesmo significado dessa expressão, sem a contração (cf. ATEGORA. In: iDICIONÁRIO Aulete. Disponível em <<http://aulete.uol.com.br/ategora>>. Acesso em 14 ago. 2013).

<sup>c</sup> Neste contexto, mesmo que raciocínio, uso da razão (cf. BLUTEAU, 1789, v. 1, p. 442).

---

<sup>28</sup> assunto] assumpto A, *passim*.

30 poderá fiar aos horrores da admiração; por isto o Profeta vendo a Senhora em sua soledade, em vez de a descrever, tratou somente de admirar: *Quomodo sedet sola?*

Mas todavia posto que o Profeta não descreveu a soledade da Senhora pelo que era em si, descreveu contudo a principal consequência, e efeito da soledade: e qual foi esta consequência? O mesmo Profeta a declarou: disse que em sua soledade ficara a Senhora tributária, pagando o tributo ao mar de seu amargo pranto: *Facta est sub tributo Domina gentium, et lacrymæ ejus in maxillis ejus*. Com razão deu o Profeta ao rigor deste tormento este nome de tributo, porque tributo é um tormento composto de dor, e de dispêndio; é um tormento que obrigando a dispender, dá muito que sentir: e como a Senhora em sua soledade teve tanto que sentir, e tanto que dispender; como o seu tormento se compunha da dor de sua soledade, *Quomodo sedet sola?* e do dispêndio de suas lágrimas, *et lacrymæ ejus in maxillis ejus*, com razão deu o Profeta nome de tributo ao rigor de seu tormento: *Facta est sub tributo Domina gentium*. Esta foi a principal consequência da soledade da Senhora que nos refere o Profeta Jeremias, ficar a Senhora em sua soledade tributária de sua dor; e aqui se vê que a consequência, sim, descreveu-a, porém a soledade, admirou-a; porque entendeu judiciosamente que o tormento da soledade da Senhora, era só assunto para se admirar: *Quomodo sedet sola?* e que só os efeitos dela eram matéria para se dizer: *Facta est sub tributo Domina gentium, et lacrymæ ejus in maxillis ejus*.

Seguindo pois este mesmo estilo, fique a Senhora enquanto solitária para emprego de nossos assombros, e somente en-

quanto tributária seja o assunto de nossos discursos. Grande, e lastimoso assunto! E  
 50 verdadeiramente que se houvéssomos de ponderar a natureza deste tributo que a Senhora  
 pagou em sua soledade, veríamos que este foi de todos os tributos o mais tirânico, e o mais  
 custoso: o mais tirânico, porque o paga somente ãa afligidíssima Mãe, sendo ela a Senhora de  
 todo o mundo, sem que a pudessem libertar das pensões<sup>d</sup> de tributária, nem ainda as  
 soberanias de Senhora: *Facta est sub tributo Domina gentium*: o mais custoso, porque é  
 55 tributo que se paga em lágrimas, que nas faces da Senhora não só foram derretida prata, mas  
 ou desatadas pérolas, ou sucessivos diamantes: *Et lacrymæ ejus in maxillis ejus*: porém nem  
 ainda há de ser o meu cuidado ponderar o preço, nem a tirania deste tributo que hoje se paga  
 nesta soledade; todo o meu cuidado será somente saber hoje quem paga este tributo. Bem sei  
 que a Alma Santíssima da Senhora foi a que nesta sua soledade ficou só a tributária de sua  
 60 dor; porém ãa alma tem diversas faculdades, e operações: uma alma vê com os olhos, discorre  
 com o entendimento, e ama com o coração: pois qual destas faculdades da alma, qual destas  
 foi a que pagou este tributo? os olhos, porque não viam a Cristo, o entendimento pelo que  
 discorria, ou o coração pelo que amava? Fundemos no tema este reparo. O mesmo Profeta  
 Jeremias para nos propor a Senhora como tributária, representou-a debaixo da metáfora de uma  
 65 Cidade: *Quomodo sedet sola Civitas plena populo?* ãa Cidade é ãa República composta de  
 diversos estados, Eclesiástico, nobreza, e povo: destes três estados de uma República, um  
 somente paga os tributos, e ficam isentos os demais estados:<sup>e</sup> pois da mesma sorte nesta solitária

---

<sup>d</sup> Mesmo que obrigações, encargos, ônus (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>e</sup> Saliente-se, aqui, a definição de cidade pela de república, e os estados que a compõem. Vieira, no *Sermão de Santo Antônio* (1642), apresenta a mesma definição – “a república é uma união de três estados, eclesiástico, nobreza e povo”. Entretanto, diferentemente de Eusébio de Matos, Vieira não se mantém neutro quanto ao pagamento de tributos somente pelo povo: “o estado eclesiástico deixe de ser o que é por imunidade, e seja o que convém à necessidade comum. [...] Tanta é a imunidade das pessoas e bens eclesiásticos; mas estamos em tempo, em que é necessário cederem de sua imunidade para socorrerem a nossa necessidade. [...] O estado da nobreza também é isento por seus privilégios de pagar tributos; [...]. É justo que os que se sustentam dos bens da coroa, não faltem à mesma coroa com seus próprios bens.” (cf. VIEIRA, 1672). Essa diferença de posicionamento confirma o que disse Moisés (1985, p. 210) a respeito de Eusébio de Matos: “a política e as questões sociais, que tanto ocuparam a Vieira, não lhe interessaram”.

70 Jerusalém celeste, nem todos os estados devem pagar tributo: pois qual o deve pagar, os olhos,  
o coração, ou o entendimento? O entendimento representa o estado Eclesiástico, por mais  
espiritual, por mais sublime, e por mais acertado: o coração representa a nobreza, ou porque a  
nobreza é o coração do povo, ou porque o sangue mais calificado reside no coração: os olhos  
representam o povo, ou por mais ocupados, ou por mais vulgares, ou também por mais  
chorosos: pois qual destes três estados, qual destas faculdades da Alma Santíssima da Senhora  
(torno a perguntar) qual destas foi a que principalmente pagou as pensões deste tributo? os  
75 olhos, o entendimento, ou o coração? Dias há que trago esta dúvida comigo; hoje havemos de  
ver se a podemos averiguar.

Primeiramente parece que parte principal que nesta triste soledade pagou o tributo ao  
sentimento, foi sem dúvida o coração da Senhora; porque quem duvida que sendo ele a parte  
mais amorosa, seria também a porção mais magoada? Na imposição do tributo das saudades  
80 observa-se mui diferente estilo, que nos outros ordinários tributos: nos outros tributos sempre  
paga mais, quem mais pode; mas no tributo das saudades sempre paga mais, quem mais ama;  
e como nas leis da natureza o coração é a parte da alma, que mais ama, bem claro fica que no  
tributo das saudades quem mais o paga, é sempre o coração; e verdadeiramente que sendo o  
coração da Senhora sobre tão amoroso, tão amante daquele seu tão prezado Filho, que dúvida  
85 faz que por sua ausência, a parte mais saudosa, mas sentida, e mais magoada havia sempre de  
ser aquele amorosíssimo coração? ||<sup>f</sup> Lá disse o Espírito Santo pelo Profeta

---

<sup>f</sup> Mudança de parágrafo marcada atipicamente, cf. normas desta edição.

Oseas, que havia de falar ao coração da Senhora quando estivesse em sua soledade: *Ducam eam in solitudinem, et loquar ad cor ejus.*<sup>g</sup> Dous reparos faço aqui: primeiro, por que havia o Espírito Santo de assistir à Senhora em sua soledade? Segundo, por que mais assistiu, e falou ao coração da Senhora? Quanto ao primeiro, responde Santo Anselmo,<sup>h</sup> que foi necessário que o Espírito Santo com sua especial assistência acompanhasse a Senhora em sua soledade, porque de outra sorte não era moralmente possível que tivesse a Senhora, nem alento para tanta dor, nem vida para tanto sentimento: *Non crediderim te potuisse tot cruciatus sustinere, quin vitam amitteres, nisi ipse Spiritus vitæ, et Spiritus consolationis te confortaret, et consolaretur.*<sup>i</sup> Daqui fica já fácil a resposta ao segundo reparo. Digo pois que na soledade da Senhora lhe assistiu o Espírito Santo mais especialmente ao coração, porque sendo o Espírito consolador, e assistindo à Senhora em sua soledade, para de algum modo a aliviar em suas penas, necessariamente havia de assistir com o alívio, e consolar aquela parte que estivesse mais afligida, e que se achasse mais necessitada: pois porque verdadeiramente o coração da Senhora foi a parte mais ansiada, e mais afligida em sua soledade, e porque todo o rigor da soledade carregou mais especialmente sobre aquele afligidíssimo coração, por isso justissimamente a parte mais assistida, e mais animada pelo Espírito Santo foi o coração da Senhora: *Ducam eam in solitudinem, et ibi loquar ad cor ejus.*

Mas se o coração da Senhora para aturar seu tormento necessitou da especial assistência do Espírito Santo: que cruel seria a dor, que rigoroso seria o tormento que padeceu, e sentiu aquele saudoso coração? A mesma Senhora

---

<sup>g</sup> Nota marginal: <Osee 2. 14>. **VL**, Prophetiæ Osee, c. 2, v. 14: *Propter hoc, ecce ego lactabo eam, et ducam eam in solitudinem: et loquar ad cor eius.* **BSP**: *Por isso eu a atrairei docemente a mim, conduzi-la-ei à soledade e lhe falarei ao coração.*

<sup>h</sup> Nota marginal: <D. Ans. de Excel. V. Mar. c. 5 tom 3>. Referência a *De excellentia gloriosa Virginis Mariæ*, liber unus, c. 5 (cf. ANSELMUS, 1612, p. 217).

<sup>i</sup> “não creia que tu poderias ter suportado tantos tormentos a ponto de que não perdesse a vida, a não ser que o próprio Espírito da vida, Espírito da consolação, te reconfortasse e consolasse” (tradução nossa).

revelou a Santa Brígida,<sup>j</sup> que fora tão cruel o tormento que seu coração chegou a padecer, que esteve quase a ponto de estalar, e parece que se lhe queria dividir: *Cor meum quasi scindebatur præ tristitia*.<sup>k</sup> Notável agonia de coração! Ora que razão haveria para que um

110 coração se quisesse dividir estando tão ansioso de padecer? Parece primeiramente que foi força da emulação. Estava o cadáver santíssimo de Cristo depositado no coração da terra, podendo estar mais dignamente recolhido no coração da Senhora: *Sic erit Filius hominis in corde terræ*;<sup>l</sup> e vendo o coração da Senhora a dita,<sup>m</sup> e a felicidade do coração da terra, sagradamente envejoso, como arrebatando de dor, ou pretendia rasgar-se preparando

115 lugar onde o mesmo Senhor se recolhesse, ou desejava partir-se abrindo porta por onde sua dor se manifestasse: pudéramos também dizer, que se quis dividir o coração por força da saudade: a saudade pedia que o coração se arrancasse do peito da Senhora, e fosse a sepulturar-se no mesmo túmulo do Senhor; porém pedia a razão, que em ocasião de tanta dor, onde a Senhora tinha tanto que chorar, lhe assistisse o coração para a ajudar a sentir: pois

120 para que se não faltasse nem à força da saudade, nem à obrigação do sentimento, pretendia dividir-se em duas partes o coração, para que assim uma parte fosse assistir ao Senhor em sua sepultura, e outra parte ficasse sentindo com a Senhora em sua soledade: porém a mais fundada razão por que se quis dividir o coração da Senhora, cuido eu que foi por força do sentimento: assim o colho das palavras da mesma Senhora: *Quasi scindebatur præ tristitia*.

125 Ora notem: Ajuntaram-se naquele coração por afeto todos os tormentos, todas as dores, e todos os martírios que Cristo padeceu por realidade; ali se ajuntaram a

---

<sup>j</sup> Nota marginal: <Revel. S. Brig. l. 1. c. 10>. Cf. *Revelationes Selectæ S. Birgittæ* (†1373). In: HEUSER, 1851, p. 133.

<sup>k</sup> “Meu coração está como dilacerado pela dor” (tradução nossa).

<sup>l</sup> VL, *Evangelium secundum Matthæum*, c. 12, v. 40: *Sicut enim fuit Ionas in ventre ceti tribus diebus, et tribus noctibus; sic erit Filius hominis in corde terræ tribus diebus, et tribus noctibus*. BSP: *Porque, assim como “Jonas esteve no ventre da baleia três dias e três noites”, assim estará o Filho do homem passará três dias e três noites no seio da terra*.

<sup>m</sup> Neste contexto, mesmo que sorte favorável, ventura (HOUAISS, 2002).

---

<sup>125</sup> afeto] affecto A, *passim*.

Cruz, a coluna, a lança, a esponja, os cravos, os espinhos, os açoites, as prisões, e finalmente todos os cruéis instrumentos da Paixão sacratíssima de Cristo: sobre estes tormentos de Cristo se acumularam ali também naquele mesmo coração os sentimentos, e os martírios todos da mesma Senhora: ali se ajuntaram as ânsias, as angústias, as tristezas, as saudades, a pena, a mágoa, a dor, a comiserção, e finalmente os sentimentos todos que padeceu a Senhora em sua soledade; todos estes tormentos juntos, estes martírios todos oprimiam, e ocupavam tão violentamente aquele afligidíssimo coração, que não cabendo tanta dor em tão breve esfera, quis o coração arrebentar de dor; ou por não sentir seus tormentos tão inteiro, ou para dilatar os espaços onde coubessem todos os tormentos: *Quasi scindebatur præ tristitia*. Esta foi a rigorosa opressão, este o lastimoso estado em que se viu o coração da Senhora; e sendo assim tão cruel, que muito<sup>n</sup> que diga eu que o coração da Senhora foi a parte que nesta soledade pagou maior tributo ao sentimento? que muito? quando o Espírito Santo, como quem bem conhecia que o coração era o mais angustiado, assistiu mais principalmente a tão angustiado coração? *Ducam eam in solitudinem, et loquar ad cor ejus*.

Sendo pois o coração da Senhora nesta soledade triste a parte mais sentida, e a mais magoada, necessariamente havemos de dizer pelo mesmo consequente, que a parte mais executada pelo tributo das lágrimas foi também o mesmo coração; porque sendo o coração da Senhora a parte mais carregada de dores, e de pesares, que tinha que ver que ele era o que devia chorar? As saudades que sentia a Senhora em sua soledade, ou por sua grande dor eram enfermi-

---

<sup>n</sup> A expressão “que muito”, frequente também nos sermões de Vieira, equivale a “que há de estranho”, “que admiração” (cf. *Léxicon*. In: VIEIRA, 2010, p. 643).

dade que padecia, ou por sua muita opressão eram peso que carregava: pois se o coração principalmente padecia todo o mal, e carregava todo o peso; bem visto é que por razão do mal que padecia, ele havia de ser quem pelos olhos se havia de sangrar; e que por razão do peso que carregava, ele era quem devia suar pelos olhos. São as lágrimas nas horas da ausência, ou correios da alma que costuma enviar o sentimento; ou fiadores do sentimento que costumam abonar ãa alma: pois se o coração da Senhora era a parte mais quebrada, quem duvida que só o coração era obrigado a dar aqueles fiadores do sentimento? e se o coração era a parte mais saudosa, quem duvida que aqueles correios da alma só os devia mandar o coração? Todos os Devotos Contemplativos deste doloroso mistério dizem, que a soledade da Senhora se representou naquela lança, que feriu o lado de Cristo no Calvário: com razão: porque assim como aquela lança foi a ferir o coração de Cristo; assim também a soledade da Senhora a parte que mais lhe magoou, já vimos que foi o coração: mas reparo em que o coração de Cristo lançasse sangue, e juntamente água: *Exivit sanguis, et aqua:*<sup>o</sup> e que mistério tem lançar água além do sangue? um coração pode lançar sangue, pois logo como lançou também água? Direi: lançava sangue pelo que era; lançava água, pelo que representava: era o coração de Cristo ferido na Cruz, e como tal lançava sangue; representava o coração de Maria trespassado na soledade, e como tal lançava água: para que assim se entendesse que as lágrimas que chorou Maria em sua soledade, eram sim destiladas pelos olhos, mas eram mui nascidas do coração: ou para que assim se entendesse que o tributo de suas lágrimas, que pagou em sua soledade,

---

<sup>o</sup> Nota marginal: <Joan 19. 54.>. **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 19, v. 34: *sed vnus militum lancea latus eius aperuit, et continuo exiuit sanguis, et aqua. BSP: mas um dos soldados traspassou-lhe o lado com uma lança e imediatamente saiu sangue e água.*

165 foi o mesmo coração destilado em lágrimas: *Lancea latus ejus aperuit, et exivit aqua.*<sup>p</sup> Algum  
 dia me lembra a mim que comparava eu neste mesmo dia as lágrimas da Senhora aos quatro  
 rios do Paraíso,<sup>q</sup> e agora me persuado que as comparava bem; porque aqueles quatro rios diz o  
 Texto que nasciam do meio do Paraíso: *de medio Paradisi:*<sup>r</sup> treslada o Abulense:<sup>s</sup> *de corde*  
 170 *Paradisi:*<sup>t</sup> quer dizer, que nasciam todos do coração do Paraíso: e que bem nasciam! porque  
 como aqueles tão celebrados rios representavam por aquele deserto as lágrimas da Senhora em  
 sua soledade; para que se visse que eram mui nascidas dos coração as lágrimas da Senhora,  
 claro está que todos aqueles rios haviam de nascer de um coração: *de corde Paradisi:* a dor da  
 soledade sabem todos que era um mar de amarguras que flutuava no coração da Senhora:  
 175 *Magna est enim velut mare contritio tua:*<sup>u</sup> as lágrimas eram os rios que nasciam deste mar; e  
 por isso porque lá andava tão tormentoso o mar, apareciam cá tão caudalosos os rios: pois se o  
 mar da soledade estava no coração da Senhora, e se as lágrimas eram os rios que nasciam  
 daquele mar; bem se segue que lá do coração nasciam as lágrimas: fique logo por conclusão  
 deste discurso, que a parte mais oprimida da pensão das saudades, e a parte mais executada  
 pelo tributo das lágrimas, foi sem dúvida o coração: *Facta est sub tributo Domina gentium.*  
 180 Contudo eu tenho nesta matéria grande dúvida; imagino que o coração não foi o  
 principal tributário, nem das lágrimas, nem das saudades: pois logo quem? Entendo que o  
 entendimento; porque quem nasceu para mais entender, quem duvida que foi para mais sentir?  
 Houve de encarnar ãa das três divinas Pessoas, e é comum reparo, por que mais

---

<sup>p</sup> Cf. nota anterior.

<sup>q</sup> Referência ao *Sermão da Soledade e Lágrimas de Maria Santíssima, Senhora Nossa* (1674), impresso em 1681, e re-editado no presente trabalho.

<sup>r</sup> Cf. Gênesis, c. 2, v. 9-10.

<sup>s</sup> Denominação antonomástica para se referir, possivelmente, a Alfonso Tostado (séc. XV) – bispo de Ávila, teólogo e escritor castelhano, que deixou uma vasta obra (cf. ALFONSE TOSTAT. In: MANGENOT, 1903, t.1, v.1, cols. 921-923).

<sup>t</sup> Nota marginal: <Abul. in 2. Gen. q. II.>. Possível referência: TOSTATI, Alphonsi. *Commentaria in Genesim*. Venetiis: Apud Io. Baptistam, & Io. Bernardum Sessam, Fratres, 1596.

<sup>u</sup> Nota marginal: <Thren. 2. 13.>.VL, Lamentationes, c. 2, v. 13: *Cui comparabo te? vel cui assimilabo te, filia Iesusalem? cui exæquabo te, et consolabor te, virgo filia Sion? magna enim velut mare contritio tua: quis medebitur tui? BSP: A quem te compararei, / ou a quem te assemelharei, / ó filha de Jerusalém? / a quem te igualarei, e como te consolarei, / ó virgem, filha de Sião? / É grande como o mar a tua tribulação; / quem poderá curar-te?*

---

<sup>173</sup> flutuava] fluctuava A.

encarnou o Verbo divino; porém quem senão ele havia de encarnar? Deus encarnava para  
185 padecer pelos homens, e como o Verbo divino é a mesma intelecção de Deus, a quem senão a  
ele havia de tocar o padecer? Não nego que também costuma sentir o coração, porém o  
coração não pode sentir senão a dor material; e como todas as razões de sentimento que  
padeceu a Senhora em sua soledade tocavam só à parte inteligível, segue-se que sobre o  
190 entendimento carregou toda a dor da soledade: e senão pergunto: Quais foram os tormentos  
que padeceu a Senhora? Primeiramente padeceu a dor de suas saudades: e saudades que vêm a  
ser? Saudades são aquelas amorosas lembranças que ficam de um bem ausente; são aquelas  
tristes memórias que se conservam de um bem perdido: pois se as saudades são lembranças,  
se as saudades são memórias, sendo as memórias, e as lembranças operações do  
entendimento, a quem senão ao entendimento toca padecer as saudades? Logo se o tributo que  
195 pagou a Senhora nesta rigorosa ausência foram as saudades do seu amado Jesus; bem se segue  
que seu entendimento foi quem principalmente pagou este tributo.

Mais. O outro tormento que padeceu a Senhora em sua soledade, foi a  
consideração da morte, e circunstâncias que agravaram a paixão sacratíssima de Cristo:  
recolheu-se a Senhora a seu retiro, e ali acompanhada só de sua dor, e só consigo, entre  
200 o pranto, e o silêncio, se pôs a recorrer pela memória as sem-razões daquela morte, e as  
causas de sua soledade; ali se pôs a considerar, que lhe morrera em ãa Cruz um Filho  
único, inocente, divino, atormentado, vendido, açoutado, escarnecido; ali se pôs a  
considerar na crueldade da prisão, na tirania dos açoutes, na barba-

205 ridade dos espinhos, no rigor dos cravos, no ludíbrio da púrpura, na injúria da cana; ali se pôs  
 a considerar na multidão das feridas, na imensidade das chagas, na impiedade da lança, na  
 amargura da esponja, no tormento da coluna, na afronta da Cruz: e que dor lhe causaria à  
 Senhora a consideração de todas estas afrontas, e de todos estes tormentos? Mas esta dor  
 quem a padecia senão a consideração? Logo na soledade da Senhora quem padeceu toda a  
 210 pena foi só seu entendimento. Descreve São João no seu Apocalipse a soledade desta Senhora,  
 e diz que lhe deram ãs asas de Águia para assistir em sua soledade: *Raptus est filius ejus,<sup>v</sup> et  
 datae sunt mulieri alae duae Aquilae magnae,<sup>w</sup> et mulier fugit in solitudinem.<sup>x</sup>* Reparava aqui,  
 por que razão havia a Senhora em sua soledade de tomar asas de Águia: que fosse Águia a  
 Senhora, enquanto fosse vivo o divino Sol de justiça, bem está; mas depois de defunto o Sol?  
 215 ao Sol costumam as Águias beber-lhe os resplandores; porém contemplar-lhe os paracismos?<sup>y</sup>  
 se quis vestir-se de asas para carregar-se de penas, não tomaria com mais propriedade ou asas  
 de pomba como mais saudosa, ou asas de Fênix como mais solitária? pois logo por que mais  
 asas de Águia? Porque as Águias são o símbolo dos entendidos, e como pelos discursos se  
 apuram os sentimentos, para que entendêssemos nós que a Senhora padeceu em sua soledade  
 com todos os sentimentos de entendida, ou que só enquanto entendida padeceu, por isso em  
 220 sua soledade a representou São João com asas, e com voos de Águia: *Datae sunt mulieri alae  
 duae Aquilae magnae, et mulier fugit in solitudinem.*

E verdadeiramente que para S. João encarecer a dor, e o sentimento da Senhora  
 no retiro de sua soledade, não sei com que

<sup>v</sup> Nota marginal: <Apoc. 11 14>. **VL**, Apocalypsis Ioannis, c. 12, v. 5: *Et peperit filium masculinum, qui recturus erat omnes Gentes in virga ferrea: et raptus est filius eius ad Deum, et ad thronum eius:[...].* **BSP**: *Ora, ela deu à luz um filho varão, que havia de reger todas as gentes com vara de ferro; e o seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono, [...].*

<sup>w</sup> **VL**, Apocalypsis Ioannis, c. 12, v. 14: *et datae sunt mulieri duae alae aquilae magnae, vt volaret in desertum in locum suum, vbi alitur per tempus et tempora et dimidium temporis, a facie serpentis.* **BSP**: *mas foram dadas à mulher duas asas duma grande águia, a fim de voar para o deserto, ao lugar do seu retiro, onde é sustentada por um tempo, por dois tempos e por metade de um tempo, fora da presença da serpente.*

<sup>x</sup> **VL**, *ibidem*, c. 12, v. 6: *et mulier fugit in solitudinem, vbi habebat locum paratum a Deo, vt ibi pascant eam diebus mille ducentis sexaginta.* **BSP**: *e a mulher fugiu para o deserto, onde tinha um retiro que Deus lhe havia preparado, para aí a sustentarem durante mil e duzentos e sessenta dias.*

<sup>y</sup> Mesmo que paroxismo (cf. PARACISMO. In: **iDICIONÁRIO Aulete**. Disponível em <<http://aulete.uol.com.br/paracismo>>. Acesso em 15 nov. 2013).

maior encarecimento o pudera fazer do que significando que padecera com o entendimento;  
 225 porque, que dor de maior consideração pode haver do que a dor da mesma consideração? As  
 feridas tanto são mais penetrantes, quanto mais agudos são os instrumentos com que se fazem,  
 e quanto mais se levantam os instrumentos com que se imprimem; e que instrumento mais  
 agudo que um entendimento delicado? que instrumento mais levantado que um discurso bem  
 230 sobido? Segue-se logo que a dor mais aguda é a que causa um discurso, e que o golpe mais  
 penetrante é o que imprime um entendimento: e assim que a dor do coração, grande é, porque  
 é mui sensível; porém a do entendimento é muito maior, porque é muito mais considerável: já  
 se o entendimento se achar em ãa soledade, onde os conceitos são mais agudos, e os discursos  
 são mais sobrelevados, quem duvida que serão mais penetrantes os golpes do entendimento?  
 Logo mais encarecida fica a dor da Senhora dizendo-se que foi dor do entendimento, do que  
 235 dizendo-se que foi dor do coração: por isso São João acertadamente descrevendo a soledade  
 da Senhora, para a encarecer magoada, a exagerou entendida; por isso a considerou com asas  
 de Águia no retiro de sua soledade: *Data sunt mulieri alæ duæ Aquilæ magnæ, et mulier fugit  
 in solitudinem.*

Remontada pois esta Águia generosa aos retiros de sua soledade, assim como seu  
 240 entendimento foi o principal tributário que pagou as penas, assim também havemos de  
 dizer que seu entendimento foi o principal tributário que derramou as lágrimas; porque  
 lágrimas tão secretamente vertidas, e pelo conseguinte, tão discretamente choradas, de  
 quem podiam ser senão lágrimas do entendimento? Plantou Deus

no Paraíso a Árvore da Vida; depois logo a Árvore da Ciência; e então logo imediatamente  
 245 brotaram os quatro rios do Paraíso: esta é a ordem com que o Texto sagrado descreve a  
 disposição das duas Árvores, e o nascimento dos quatro rios: *Lignum etiam vitæ in medio  
 Paradisi, lignumque scientiæ boni, et mali, et fluuius egrediebatur de loco voluptatis, qui inde  
 dividitur in quatuor capita.*<sup>z</sup> Notem a ordem do Texto: *Lignum etiam vitæ in medio Paradisi*,  
 eis aqui primeiro a Árvore da Vida: *Lignumque scientiæ boni, et mali*, eis aqui logo a Árvore  
 250 da Sabedoria: *Et fluuius egrediebatur de loco voluptatis, qui inde dividitur in quatuor capita*,  
 eis aqui imediatamente o nascimento dos quatro rios: pois por que razão nasceram os rios, e as  
 Árvores por esta ordem? por que não nasceram os rios logo depois da Árvore da Vida, senão  
 imediatamente da Árvore da Ciência? Grande confirmação do que digo. O Paraíso naquele  
 deserto era figura da Senhora nesta soledade; a Árvore da Vida figura do coração, que é o  
 255 princípio da vida; a Árvore da Ciência figura do entendimento, que é a oficina da ciência; os  
 quatro rios eram figura das lágrimas da Senhora, que como fontes perenes estavam brotando  
 de quatro em quatro: pois por isso os quatro rios não brotavam logo da Árvore da Vida, senão  
 depois da Árvore da Ciência; porque as lágrimas da Senhora em sua soledade mais  
 propriamente nasceram dos discursos de seu entendimento, que das angústias de seu coração.  
 260 É verdade que o coração estava feito um mar de lágrimas; e é verdade também que como  
 o vento dos suspiros se represava todo sobre o coração, estava mui tempestuoso o mar: porém  
 bem podem haver tormentas no mar, sem que caiam chuvas do Céu; porque visto é que no Céu se

---

<sup>z</sup> Nota marginal: <Gen. 2. 9>. **VL**, Liber Genesis, c. 2, v. 9-10: *Produxitque Dominus Deus de humo omne lignum pulchrum visu, et ad vescendum suave: lignum etiam vitæ in medio paradisi, lignumque scientiæ boni et mali. Et fluuius egrediebatur de loco voluptatis ad irrigandum paradisum, qui inde diuiditur in quattuor capita.* **BSP**: *E o Senhor Deus tinha produzido da terra toda a casta de árvores formosas à vista, e de frutos doces para comer; e a árvore da vida no meio do paraíso, e a árvore da ciência do bem e do mal. Deste lugar de delícias saía um rio para regar o paraíso, o qual dali se divide em quatro braços.*

formam, e do Céu é que caem todas as chuvas: logo ainda que o coração corresse mar  
 tormenta, nem por isso é forçoso nascerem as lágrimas do coração; mas vejam como aqueles  
 265 chuveiros de lágrimas nasciam todos do entendimento. Estando assim o coração da Senhora  
 em ãa tormenta desfeita, nublou-se o entendimento da Senhora, que como tão celestial, e tão  
 superior, era o Céu daquele mar, por sinal que como lhe faltava o Sol, então se lhe escureceu o  
 dia: as nuvens eram de tristeza, e estava todo aquele Céu cuberto de nuvens; estas pois  
 embecendo em si todos os tormentos da Alma, e todas as amarguras do coração, cheas de dor,  
 270 e prenes de sentimento, começaram a desatar-se pelos olhos, ou em lágrimas a dilúvios, ou  
 em dilúvios de lágrimas; e posto que eram derivadas do coração, bem mostravam contudo que  
 eram nascidas do entendimento, e não só do entendimento nascidas, mas no entendimento  
 formadas, ou já pela razão com que brotavam, ou já pela discrição com que corriam. Diga-se  
 275 pois que ainda que o mar estava no coração, que contudo as lágrimas nasciam do  
 entendimento: assim o deu a entender a Santa Brígida<sup>aa</sup> a mesma Senhora, que todas as suas  
 lágrimas resultavam de seu entendimento, e nasciam de sua consideração: *Quando  
 considerabam clavos, manus, et pedes, tunc oculi mei lacrymis replebantur.*<sup>bb</sup> Fique logo por  
 conclusão deste discurso, que a porção da Alma da Senhora que principalmente pagou tributo  
 a suas lágrimas, e a suas saudades, foi sem dúvida o entendimento da Senhora: *Facta est sub*  
 280 *tributo Domina gentium.*

Contudo, ainda esta resolução tem sua dúvida; ainda me persuado que não  
 foi o entendimento o principal tributário, nem das penas, nem das lágrimas: pois  
 logo qual havemos de dizer que foi o prin-

<sup>aa</sup> Nota marginal: <S Brig. ubi sup.>. Vide nota “j”.

<sup>bb</sup> “Quando eu vi os cravos, mãos e pés, então meus olhos se encheram de lágrimas” (tradução nossa).

285 cipal tributário? Se ao povo somente costumam abranger os tributos, e se os olhos, como  
dizíamos, representam ao povo, que tinha que ver, que este tributo só o haviam de pagar os  
olhos? Porém como este fundamento será talvez sem razão: busquemos nova razão que nos  
sirva de melhor fundamento; argumento assim: Toda a pena, toda a dor, todo o tormento, que  
neste seu retiro padeceu a Senhora, foi a ausência, e a soledade do Senhor; esta soledade não a  
padeceu o coração, esta soledade não a padeceu o entendimento, só os olhos padeceram esta  
290 soledade: logo esta pena só a pagaram os olhos. À primeira vista parecerá a proposição que  
digo menos verdadeira, mas eu a mostro a olhos vistos, e provo desta sorte: Estar em  
soledade, é estar em ausência: logo quem tem a Cristo presente, não está em soledade de  
Cristo: o entendimento da Senhora tinha a Cristo mui presente por lembrança: o coração da  
Senhora tinha a Cristo mui presente por amor; porque posto que Cristo estava sepultado,  
295 estava contudo mui impresso naquele entendimento, e muito dentro daquele coração: logo  
nem o coração, nem o entendimento estavam em soledade de Cristo; só aos olhos da Senhora  
faltava Cristo de todo com sua presença, só os olhos estavam totalmente em ausência, e  
soledade de Cristo: logo só os olhos padeciam rigorosamente toda a soledade: não deixo de  
conhecer que foi grande o sentimento do coração, e que foi grande a pena do entendimento;  
300 porém digo que a pena do entendimento, e o sentimento do coração, não foi porque a soledade  
a padecessem eles, senão por acompanharem aos olhos na dor de sua soledade. Assim o disse  
profundamente Davi: *Conturbatum est cor meum: dereliquit me virtus mea, et lumen oculo-*

---

<sup>302</sup> Davi] David A.

rum meorum, et ipsum non est mecum.<sup>cc</sup> Singulares palavras! de sorte que faltando a luz, e estando a Senhora em ausência do Sol, *et ipsum non est mecum*; o coração não há dúvida que ficou turbado: *conturbatum est cor meum*: o entendimento é verdade que ficou desfalecido: *dereliquit me virtus mea*; mas isso não porque se ausentasse a luz, nem da presença do entendimento, nem da presença do coração; senão, porque a seus olhos lhes faltava a luz, ou porque se lhe ausentara a luz de seus olhos, *et lumen oculorum meorum, et ipsum non est mecum*: logo com razão dizia eu, que posto que nesta soledade o coração, e o entendimento  
305  
acompanharam aos olhos na sua dor, que contudo somente os olhos padeceram em si toda a dor da soledade.

Nesta mesma conformidade havemos de dizer, que assim como é certo que os olhos somente padeceram o tormento da soledade, assim também é certo que só os olhos pagaram o tributo das lágrimas; e a razão é, não só porque as lágrimas são o tesouro dos olhos, senão porque quem havia de pagar o tributo, senão quem era devedor ao sentimento? Pois como só os olhos padeciam a ausência, quem devia as lágrimas, senão somente os olhos? Notável mistério foi que derramando a Senhora tantas lágrimas em sua soledade, *et lacrymæ ejus in maxillis ejus*, que ao pé da Cruz não derramasse ãa só lágrima, *Stabat juxta Crucem*: assim explicou Santo Ambrósio<sup>dd</sup> a energia destas palavras: *Stantem lego, flentem non lego*:<sup>ee</sup> pois se tanto chora na Cruz de sua soledade, por que não chora também ao pé da Cruz? Para darmos  
315  
reposta a este reparo nas lágrimas da Senhora, façamos este reparo mesmo nas lágrimas da Madalena. Sendo a Madalena tão amante de Cristo, não consta do Evangelho que chorasse no  
320

---

<sup>cc</sup> **VL**, Liber Psalmorum, c. 37, v. 11: *Cor meum conturbatum est, dereliquit me virtus mea: et lumen oculorum meorum, et ipsum non est mecum. BSP: O meu coração está conturbado, / a minha força desamparou-me; / e a própria luz dos meus olhos não está comigo.*

<sup>dd</sup> Nota marginal: <Amb cap. 23. Luc.>. Ref a *De Obitu Valentianini Consolatio*. de S. Ambrósio (cf. MIGNE, *P.L.*, t. 16, 1845, col. 1371).

<sup>ee</sup> “Estava de pé junto à Cruz: leio que [a Virgem Maria estava] de pé, não leio que chorando” (tradução nossa).

---

<sup>322</sup> Madalena] Magdalena A, *passim*.

Calvário, só nos consta que derramou muitas lágrimas junto ao Sepulcro: *Stabat ad monumentum foris plorans*:<sup>ff</sup> pois se tanto chora junto ao Sepulcro, por que não chora também  
 325 ao pé da Cruz? Ou já que não chorou ao pé da Cruz, por que mais chora tanto junto ao Sepulcro? A razão é; porque na Cruz ainda via a seu Mestre, e a seu Senhor, e no Sepulcro já o não via: bem é de crer que à vista daquele tão lastimoso espetáculo teria o coração mui magoado, e o entendimento mui sentido; porém ainda que o vê-lo era seu tormento, o vê-lo  
 330 ainda era seu alívio, e por isso enquanto os olhos tinham que ver, não tinham ainda tanto que chorar; mas tanto que o Senhor se lhe ocultou aos olhos em ãa sepultura, tanto que seus olhos chegaram a não ver a seu Senhor, claro está que já então como os olhos padeciam, já então deviam lágrimas os olhos: não é o pensamento menos que de Santo Agostinho:<sup>gg</sup> *Oculi qui Dominum quæsierunt, et non invenerunt, jam lacrymis vacabant, plus dolentes quod fuerat de monumento sublatus, quam quod fuerat in ligno occisus*.<sup>hh</sup>

335 Passando pois das lágrimas de uma Maria para as lágrimas de outra, passando das lágrimas de Maria Madalena para as lágrimas de Maria Santíssima, respondo da mesma sorte, e digo, que na Cruz não chorou a Senhora, porque ainda os olhos tinham presente ao Senhor; e chorou na soledade, porque já tinha ao Senhor ausente de seus olhos: pois se até os próprios olhos, de quem são próprias as lágrimas, se até eles não choraram senão  
 340 depois que não viram; sendo certo que sempre a Senhora teve mui presente a Cristo nos afetos de seu coração, e nas lembranças de seu entendimento, e sendo certo outrossi que só aos olhos faltou a presença de Cristo; que havemos de dizer, se-

---

<sup>ff</sup> Nota marginal: <Ioan 20 11>. **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 20, v. 11: *Maria autem stabat ad monumentum foris, plorans. Dum ergo fleret, inclinavit se, et prospexit in monumentum*. **BSP**: *Entretanto Maria (Madalena) conservava-se da parte de fora do sepulcro, chorando. Enquanto chorava, inclinou-se e olhou para o sepulcro*.

<sup>gg</sup> Nota marginal: <D Aug. tr 121. in Ioan.>. Ref. a *Tractatus CXXI in Ioannis Evangelium*, de S. Agostinho (cf. MIGNE, *P.L.*, t. 35, 1864, col. 1955).

<sup>hh</sup> “Os olhos, que ao Senhor buscaram e o não encontraram, já se debulhavam nas lágrimas mais se condoendo porque [o Senhor] fora levado do sepulcro, que porque morto no madeiro”. (tradução nossa).

---

<sup>327</sup> espetáculo] espectáculo A.

não que as lágrimas que corriam por esta soledade, eram só tributo que pagavam os olhos? que havemos de dizer, senão que nesta ausência de Cristo só os olhos pagaram o tributo de seu amargo pranto, porque só os olhos padeceram a dor de sua rigorosa soledade? É toda a razão de suas lágrimas que deu a mesma Senhora pelo Profeta Jeremias: *Idcirco ego plorans, et oculus meus deducens aquas, quia longe factus est a me qui consolabatur me.*<sup>ii</sup> Por última confirmação: já sabem todos que a Arca do Testamento foi expressa figura da Virgem Santíssima; e naquela ocasião prodigiosa em que a Arca do Testamento atravessou no deserto as águas do Jordão, entendo eu que mais especialmente representava a Senhora entre as águas de seu pranto no deserto de sua soledade; porque assim como as lágrimas da Senhora iam todas dirigidas ao seu morto, e sepultado Jesus: assim também as águas do Jordão corriam a sepultar-se no mar morto; e assim como as lágrimas da Senhora formaram na sua soledade um dilatado mar: assim também as águas do Jordão correram ao mar, que chamavam da soledade: *Steterunt aquæ ad instar montis intumescentes; quæ autem inferiores erant, in mare solitudinis, quod nunc vocatur mortuum, descendebant.*<sup>jj</sup> Isto posto, reparo aqui na diferença com que se achava a Arca do Testamento no meio daquelas águas: de maneira, que no meio do Jordão estava tudo enxuto, porque ali se viam as águas divididas: da parte de cima estavam as águas suspensas; da parte inferior corriam as águas arrebatadas; e pelo meio ou diferença de todas estas águas ia atravessando a Arca do Testamento: e por que razão caminhava assim com esta diferença? Com grandíssima razão: porque o meio, ou o coração do rio representava o coração da Senhora: a parte superior

---

<sup>ii</sup> Nota marginal: <Thren. 1. 16.>. **VL**, Lamentationes, c. 1, v. 16: *idcirco ego plorans, et oculus meus deducens aquas: quia longe factus est a me consolator, conuertens animam meam: facti sunt filij mei perdit, quoniam inualuit inimicus. BSP: Por isso eu choro, / os meus olhos derramam rios de lágrimas, / pois se afastou de mim o consolador, que podia tornar-me a vida. / Os meus filhos pereceram, / porque o inimigo prevaleceu.*

<sup>jj</sup> Nota marginal: <Josue 3 16.>. **VL**, Liber Josue, c. 3, v. 16: *steterunt aquæ descendentes in loco vno, et ad instar montis intumescentes apparebant procul, ab vrbe quæ vocatur Adom vsque ad locum Sarthan: quæ autem inferiores erant, in Mare solitudinis (quod nunc vocatur mortuum) descenderunt, vsquequo omnino deficerent. BSP: as águas, que vinham de cima, pararam num só lugar, e levantando-se à maneira dum monte, descobriram-se de longe, desde a cidade que se chama Adom, até o lugar de Sartan; e as que desciam continuaram a correr para o mar do deserto (que agora se chama mar Morto), até que faltaram de todo.*

representava os discursos de seu entendimento; e a parte inferior representava o sentido dos olhos: pois com razão corriam só para o mar da soledade as águas da parte inferior; para que assim ficasse entendido, que para correrem ao mar do pranto da Senhora, e para tributarem ao mar de sua amargura, e de sua soledade, que as lágrimas do entendimento, como demais assombradas, estiveram detidas; as do coração, como demais exaustas, ficaram enxutas; só as inferiores, só as lágrimas dos olhos, como demais sentidas, correram precipitadas: *Quæ autem inferiores erant, in mare solitudinis, quod nunc vocatur mortuum, descenderunt*. Fique logo por conclusão deste discurso, que nesta soledade que a Senhora padeceu, quem pagou todo o tributo foram os olhos da Senhora: *Facta est sub tributo Domina gentium: et lacrymæ ejus in maxillis ejus*.

Temos acabado de ouvir as partes, e de todas temos ouvido as razões: qual havemos de dizer agora que foi a parte mais magoada, e que nesta rigorosa soledade pagou o maior tributo ao sentimento? Respondo por última conclusão, que quem pagou nesta soledade todo este tributo, nem foram só os olhos, nem foi só o entendimento, nem foi só o coração; e digo que toda a Alma Santíssima da Senhora foi a que pagou inteiramente todo este tributo da soledade: o coração, o entendimento, e os olhos foram os ministros por cujas mãos se pagou o tributo do sentimento; mas verdadeiramente a Alma Santíssima da Senhora foi a que pagou todo o tributo: do entendimento eram as saudades, do coração eram as dores, dos olhos eram as lágrimas: porque os discursos formavam-se no entendimento, as penas sentiam-se no coração, e as lágrimas arrebentavam dos olhos; porém a Alma era a que se enleva-

va em discursos, a Alma era a que se consumia em penas, a Alma era a que se destilava em  
 lágrimas; porque da Alma nasciam os discursos do entendimento, na Alma carregavam as  
 385 penas do coração, da Alma corriam as lágrimas dos olhos, e enfim todo o tributo  
 inteiramente era pranto, era dor, era sentimento da Alma, de tal sorte, que ela toda era a que  
 ponderava, a que sentia, e a que chorava; porque ela toda indivisivelmente discorria com o  
 entendimento, ela toda chorava com os olhos, ela toda padecia com o coração. Comparou o  
 390 Santo Velho Simeão esta soledade da Senhora a ãa espada penetrante, e disse que a Alma  
 da Senhora se havia de trespassar com ãa rigorosa espada: *Et tuam ipsius animam  
 pertransibit gladius:*<sup>kk</sup> e por que não disse que a espada a havia de ferir, senão que a havia  
 de trespassar: *Pertransibit?* Porque ferir, é magoar ãa só parte; e trespassar, é passar de  
 parte a parte, e é não deixar parte nenhũa por ferir; e como na Alma da Senhora não houve  
 parte nenhũa que ficasse igualmente ferida, por isso se diz que ficou totalmente trespassada:  
 395 *Et tuam ipsius animam pertransibit gladius.* Segue-se logo, que para falarmos com acerto  
 nesta matéria, havemos de dizer ultimamente, que este tributo da soledade, que o pagou  
 inteiramente a Alma da Senhora, porque não houve parte daquela Alma, que não pagasse  
 igualmente este tributo, sendo ela nesta rigorosa soledade a única, a principal, e a própria  
 tributária das lágrimas, das saudades, e das dores; porque só por sua conta corria o pagar  
 400 nesta triste soledade as lágrimas dos olhos, as saudades do entendimento, e as dores do  
 coração. Esta é a resolução de todo o meu discurso, porque esta é a resolução do nosso  
 tema; pois o Profeta Jeremias descrevendo este tributo da soledade da Se-

---

<sup>kk</sup> Nota marginal: <Luc. 2. 15.>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 2, v. 35: *et tuam ipsius animam  
 pertransibit gladius, vt reuelentur ex multis cordibus cogitationes.* **BSP**: *E uma espada trespassará a tua alma, a  
 fim de se descobrirem os pensamentos escondidos nos corações de muitos.*

nhora, não fez distinção nenhuma das partes que o pagavam; por isso sem expressão das partes disse só distintamente, que a Senhora pagava este tributo: *Facta est sub tributo Domina gentium: et lacrymæ ejus in maxillis ejus.*

405

Porém como o Profeta de algum modo atribuiu mais as lágrimas aos olhos, *et lacrymæ ejus in maxillis ejus*: já que o dispêndio das lágrimas, e o rigor da soledade com alguma propriedade mais tocou aos olhos da Senhora, justo será que nesta soledade demos algum alívio a seus olhos; se bem temo que será maior causa de seu tormento, o mesmo instrumento de seu alívio. Não poderei eu, ó Virgem Santíssima, e afligidíssima Mãe, não poderei aliviar vossos olhos com a presença do original; mas visto que os retratos servem de alívio nas ausências, aqui ofereço a vossos olhos este ensanguentado retrato: tormento seria vosso que sendo vós tão soberanamente Senhora, vos visse o mundo tão rigorosamente tributária: *Facta est sub tributo Domina gentium*: mas deste vosso tormento achareis aqui o vosso alívio; porque, que muito que sendo vós Senhora do mundo, pagásseis tributo a vosso sentimento, se aqui vedes o Senhor do mundo pagando tributo à nossa mortalidade? Oh que cruéis, mas que preciosos tributos! Vosso Filho pagando tributos à morte em tanto destilado rubi, vossa Alma pagando tributos à dor em tanto derretido aljôfar, rubis, e aljôfares se ajuntam para o custo do vosso sentimento, para o preço de nossa redenção. Ó Virgem Santíssima! ó afligidíssima Mãe!

410

415

420

suspendei por um pouco as lágrimas, e ponde os olhos um pouco neste divino transunto, neste ensanguentado retrato. Este, Senhora, é o retrato, não sei se de vosso Filho, se de vossa Alma; parece mais de vossa Alma; porque assim como este retrato está

---

<sup>419</sup> redenção] redempção (e formas cognatas) A, *passim*.

<sup>420</sup> transunto] transumpto A.

todo despedaçado de chagas; assim está também vossa Alma toda trespassada de dores; porém  
 por isso mesmo me parece mais o retrato de vosso Filho, porque se parece tanto com vossa  
 425 Alma; e não só porque era toda a vossa Alma o vosso querido Filho, senão porque estas  
 sombras nesta vossa soledade tanto mais o retratam vivo, quanto mais o representam morto;  
 mas do modo que for, este é o retrato do vosso amado Filho, este é o retrato do vosso doce  
 Jesus, neste espelho vos podereis hoje ver, e nesta estampa o podereis contemplar: pelo que se  
 até agora derramáveis lágrimas para lhe chorar a ausência, derramai lágrimas agora, para lhe  
 430 lavar as chagas; porém como por tão chagado, está tão desconhecido, porventura que nem as  
 chagas que vedes, nem as lágrimas que chorais, vos permitam conhecer este retrato sem  
 figura, esta aparência sem semelhança, esta imagem sem proporção. Mas Senhora, esta cabeça  
 que ensanguentou a coroa, estes olhos que eclipsou a morte, estas faces que maltrataram as  
 afrontas, esta boca que atormentaram as marguras, estes braços que renderam as prisões, estas  
 435 mãos, e pés que trespassaram os cravos, este peito que rasgou a lança, este coração que  
 descobriu o amor, este corpo todo assim chagado, assim ferido, assim despedaçado, este é o  
 vosso querido Filho, este é o vosso doce Jesus, este é o nosso Deus, e o nosso Redentor; e  
 para que por todas as partes o contempleis, vede por estoutra parte.<sup>11</sup>

440 Ó Almas Cristãs, chegai a lavar este sangue com vossas lágrimas, chegai a lavar  
 vossas culpas com este sangue; aqui vereis na multidão destas feridas o número de  
 nossos pecados; aqui vereis na imensidade destas chagas o efeito de nossas culpas. Oh  
 Fiéis! como não desistimos alguma hora de continuar

---

<sup>11</sup> O trecho indica a prática comum de se expor o sudário ou a imagem do *Ecce Homo* ao final de alguns sermões, especialmente os que tratam da soledade da Senhora.

445 tantas culpas, sequer pela lástima de acrescentar tantas chagas? Oh se acabáramos algum dia  
de ofender a um Deus que tanto padeceu por nós! Oh se acabáramos algum dia de conhecer o  
quanto devemos a Deus! Oh se acabáramos de acumular a multidão de tantas culpas para que  
algum dia nos aproveitasse o preço de tantas chagas! Mas Senhor, para que vossas chagas nos  
aproveitem, *Ostende nobis faciem tuam, et salvi erimus.*<sup>mm</sup> Oh meu dulcíssimo Jesus! Oh meu  
Deus da minha alma! meu Senhor do meu coração! Oh quem sempre vos amara, quem nunca  
450 vos ofendera meu Deus, e meu Senhor! mas já que tanto vos ofendemos, não possam mais  
nossas ofensas, que vossas misericórdias, perdoai-nos Senhor o que somos por quem vós sois,  
perdoai-nos por este sangue, por estas chagas, por estas feridas, pelos tormentos todos de  
vossa Paixão sacratíssima, e o que mais vos moverá, pelas lágrimas, e soledade de vossa  
Santíssima Mãe, para que assim alcançando vossa divina misericórdia, mereçamos a graça, e  
depois a Glória. Amém.

---

<sup>mm</sup> **VL**, Liber Psalmorum, c. 79, v. 20: *Domine Deus virtutum conuerte nos: et ostende faciem tuam, et salui erimus.* **BSP**: *Converte-nos, Deus dos Exércitos, / serena teu rosto e seremos salvos.*

Ilma Magalhães Alkimim

SERMÕES DE EUSÉBIO DE MATOS: EDIÇÃO CRÍTICA E ESTUDO

Volume 2

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Pós-Lit, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Estudos Literários.

Área de Concentração: Literatura Brasileira.  
Linha de Pesquisa: Edição e Recepção de Textos Literários.  
Orientador: Prof. Dr. Jacyntho Lins Brandão.

Belo Horizonte

2014



# SUMÁRIO

## VOLUME 1

|          |  |    |
|----------|--|----|
|          | <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 16 |
| <b>1</b> | <b>EUSÉBIO DE MATOS: DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS</b> .....                                 | 19 |
| 1.1      | O autor .....  | 19 |
| 1.2      | Suas obras .....   | 21 |
| 1.2.1    | Música e pintura .....   | 21 |
| 1.2.2    | Poesia .....   | 23 |
| 1.2.3    | Prosa.....   | 25 |
| 1.3      | Aspectos da recepção: a crítica literária dos sécs. XIX e XX.....                      | 27 |
| <b>2</b> | <b>ESTUDO CRÍTICO-FILOLÓGICO</b> .....   | 29 |
| 2.1      | Descrição Bibliológica.....  | 29 |
| 2.1.1    | Ecce Homo.....   | 30 |
| 2.1.2    | Sermão de Soledade.....  | 32 |
| 2.1.3    | Sermões, do Padre Eusébio de Matos.....  | 34 |
| 2.1.4    | Oração Fúnebre.....  | 37 |
| 2.2      | Texto-base e tipo de edição.....   | 39 |
| 2.3      | Reflexões que nortearam os critérios de edição.....                                    | 42 |
| 2.3.1    | A questão ortográfica em textos seiscentistas.....                                     | 42 |
| 2.3.2    | Características intrínsecas dos sermões e a prescrição (orto)gráfica de sua época..... | 46 |
| 2.3.2.1  | Variantes gráficas passíveis de atualização.....                                       | 47 |
| 2.3.2.2  | Variantes gráficas indicativas de fatos linguísticos.....                              | 60 |
| 2.3.2.3  | Tratamento da grafia em nomes próprios.....  | 67 |
| 2.3.2.4  | Aspectos de morfossintaxe e de pontuação.....  | 69 |
| 2.4      | Normas de edição.....  | 78 |
| 2.4.1    | Convenções.....  | 78 |
| 2.4.1.1  | Fac-símile.....  | 78 |

|          |   |           |
|----------|---|-----------|
| 2.4.1.2  | Siglas.....   | 78        |
| 2.4.1.3  | Aparato crítico.....  | 78        |
| 2.4.1.4  | Acréscimos, supressões, substituições e sinalização de trechos de difícil<br>leitura.....   | 79        |
| 2.4.2    | Apresentação gráfica.....   | 80        |
| 2.4.3    | Normas de transcrição.....  | 80        |
| 2.4.3.1  | Aspectos gráficos preservados do texto-base .....   | 80        |
| 2.4.3.2  | Aspectos gráficos atualizados.....  | 81        |
| 2.4.4    | Quadro sinóptico.....   | 83        |
| <b>3</b> | <b>EDIÇÃO DOS SERMÕES DE EUSÉBIO DE MATOS.....</b>  | <b>85</b> |
|          | Ecce Homo. Práticas pregadas no Colégio da Bahia às sextas-feiras à noite,<br>mostrando-se em todas o <i>Ecce Homo</i> .....  | 85        |
|          | Prática I. Dos Espinhos.....  | 85        |
|          | Prática II. Da Púrpura.....   | 97        |
|          | Prática III. Das Cordas.....  | 108       |
|          | Prática IV. Da Cana.....  | 119       |
|          | Prática V. Das Chagas.....  | 131       |
|          | Prática VI. E Última do Título de Homem.....  | 143       |
|          | Sermão de Soledade, e Lágrimas de Maria Santíssima Senhora Nossa (1681).<br>.....   | 156       |
|          | Sermões, do Padre Eusébio de Matos (1694).....  | 175       |
|          | Sermão Primeiro, pregado no Mosteiro de S. Clara da cidade da Bahia na<br>profissão de duas Irmãs, filhas de um Capitão de Infantaria, no dia das Onze<br>mil Virgens, estando exposto o Santíssimo Sacramento..... | 175       |
|          | Sermão Segundo, pregado em a festa de Nossa Senhora do Rosário em o<br>primeiro domingo de outubro.....   | 217       |
|          | Sermão Terceiro do Mandato, pregado em o Convento do Carmo da cidade<br>da Bahia, donde é uso mostrar-se nos tais sermões o Santo Sudário.....  | 236       |
|          | Sermão Quarto pregado em a festa do Santíssimo Sacramento em o dia de S.<br>Miguel.....   | 262       |
|          | Sermão Quinto, pregado em a festa que faz a Justiça em a Primeira Oitava do<br>Espírito Santo no Convento de N. Senhora do Carmo da cidade da Bahia.....  | 284       |
|          | Sermão Sexto, pregado em a Terceira Dominga da Quaresma.....  | 303       |

|  |     |
|--|-----|
| Sermão Sétimo, pregado nas Exéquias dos Irmãos dos Passos de Cristo.....             | 320 |
| Sermão Oitavo, pregado na festa de Justiça na Primeira Oitava do Espírito Santo..... | 351 |
| Sermão Nono, das Soledades da Senhora.....   | 378 |

## VOLUME 2

|   |     |
|---|-----|
| Sermões dos Passos de Cristo S. Nosso, pregados em as tardes das sextas-feiras da Quaresma em o Convento de N. Senhora do Carmo da cidade da Bahia, por ordem dos Irmãos da Venerável Ordem Terceira da mesma Senhora. Sermão I. Do Passo do Horto..... | 407 |
| Sermão Undécimo, e segundo do Passo de Cristo na Coluna.....  | 432 |
| Sermão Duodécimo, e terceiro do Passo de Cristo na Coroação.....  | 457 |
| Sermão Décimo Tércio, e quarto do Passo do <i>Ecce homo</i> .....   | 481 |
| Sermão Décimo Quarto, e quinto do Passo de Cristo com a Cruz às costas....  | 505 |
| Sermão Décimo Quinto, pregado em a festa da Canonização de S. Maria Magdalena de Pazzi, estando o Santíssimo exposto, no Convento do Carmo da cidade da Bahia.....  | 530 |
| Oração Fúnebre nas Exéquias do ilustríssimo, e reverendíssimo senhor D. Estêvão dos Santos Bispo do Brasil.....   | 556 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....   | 608 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....  | 610 |
| <b>APÊNDICES</b> .....  | 639 |
| <b>ANEXOS</b> .....   | 641 |

Sermões dos Passos de Cristo S. Nosso, pregados em as tardes das sextas-feiras da Quaresma em o Convento de N. Senhora do Carmo da cidade da Bahia, por ordem dos Irmãos da Venerável Ordem Terceira da mesma Senhora.

Sermão I. Do Passo do Horto.

---

*Recogitate eum, qui talem sustinuit a peccatoribus adversus semetipsum contradictionem.* Ex Paulo ad Hebr. 12.<sup>a</sup>

5 Se no mar, e na tormenta da Paixão santíssima de Cristo puderam navegar tão confiadamente os discursos, como podem os sentimentos, bem nos pudéramos atrever não só ao cuidado de tão superior assunto, mas ainda ao desempenho de tão misteriosa ação; porém sendo os tormentos de Cristo tão sobrelevados a nossos

---

<sup>a</sup> Vulgata Latina (1605), doravante **VL**, Epistula ad Hebræos, c. 12, v. 3: *Recogitate enim eum, qui talem sustinuit a peccatoribus aduersum semetipsum contradictionem: vt ne fatigemini, animis vestris deficientes.* Bíblia Sagrada - Edições Paulinas (1986), doravante **BSP**: *Considerai, pois, aquele que sofreu tal contradição dos pecadores contra si, e não vos deixareis cair no desânimo.*

---

<sup>5</sup> assunto] assumpto A, *passim*.

discursos, quanto o foram a nossos merecimentos, e sendo eles aquele mar tempestuoso onde o mesmo Verbo divino encarnado chegou a soçobrar-se; que juízo, ou que entendimento poderá dar um só passo sem perder-se? Com que segurança poderá navegar a inteligência humana, onde padeceu naufrágio a mesma Sabedoria divina? *Veni in altitudinem maris, et tempestas demersit me.*<sup>b</sup> Contudo se é certo, como é, que nesta mesma tempestade da Paixão de Cristo consistiu a salvação do mundo, por que há de ter nela receios de perder-se, quem só nela funda as esperanças de salvar-se? Seguramente posso eu logo empregar os meus discursos na consideração destes tormentos, principalmente, porque quando me falte a piedade para os sentir, sobra em mim a experiência para os ponderar; e porque isto é o que no nosso tema nos está persuadindo a todos o Apóstolo S. Paulo, que uma, e muitas vezes empreguemos a consideração nos tormentos, e paixão de Cristo: *Recogitate eum, qui talem sustinuit a peccatoribus adversus semetipsum contradictionem.*

E verdadeiramente não sei eu, Católico auditório, que objeto possa ser mais digno da consideração dos homens, que uns tormentos de tanta consideração? Não sei que outro argumento pudéramos descobrir os que nos prezamos de Cristãos, e do nome de Jesu Cristo, que seja mais merecedor de nossos discursos, do que a consideração de seus tormentos? Sendo a paixão de Cristo aquela oficina de dores, onde à força de sentimentos se apurou o mesmo divino Verbo, ou a mesma Sabedoria divina: onde acharão as discrições<sup>c</sup> humanas melhor que sentir, que onde a Sabedoria divina teve tanto que padecer? É certo que da mesma sorte que o juízo

---

<sup>b</sup> Nota marginal: <Ps. 68. 3.>. **VL**, Liber Psalmorum, c. 68, v. 3: *Infixus sum in limo profundi: et non est substantia. Veni in altitudinem maris: et tempestas demersit me.* **BSP**: *Estou atolado num lodo profundo, e não há nele consistência. / Cheguei ao alto mar, e a tempestade me submergiu.*

<sup>c</sup> Mesmo que discernimentos, arbítrios (cf. BLUTEAU, 1789, p. 442).

aviva a dor, assim também a lástima apura ao juízo: pois como a paixão santíssima de Cristo é a matéria que mais lastimosamente nos deve solicitar os sentimentos, ela é sem dúvida também a que mais merecidamente nos deve suspender as atenções. No Paraíso plantou Deus a Árvore da Vida, e junto a ela plantou logo em sua correspondência a Árvore da Sabedoria: assim era justo que fosse; porque como a Árvore da Vida representava a Cruz, e paixão de Cristo, e a Árvore da Ciência cifrava em si as agudezas, e discursos do entendimento, justo era que a Árvore da Sabedoria já desde o princípio do mundo estivesse correspondendo à Árvore da Cruz, para que assim nos significasse Deus que deviam corresponder nossas considerações a suas penas, e os discursos do nosso entendimento aos tormentos de sua paixão. Em confirmação desta verdade falando Cristo do mistério da Eucaristia, disse que os homens haviam de ser Águias à vista de tão alto mistério: *Ubicumque fuerit corpus, ibi congregabuntur et Aquilæ*:<sup>d</sup> mas a que fim hão de ser Águias? Várias são as razões que aqui se consideram; porém quanto a mim a razão é; porque como a Eucaristia é um compêndio dos tormentos, e paixão de Cristo, *Recolitur memoria passionis ejus*:<sup>e</sup> quer Cristo que assim como remontando-se<sup>f</sup> a Águia, se emprega toda nos raios do Sol; assim na consideração de seus tormentos nos empenhemos todos como Águias: *Ibi congregabuntur et Aquilæ*. Que é ver remontar-se generosamente ãa Águia, e deter-se na contemplação do Sol? tão extática, e tão absorta se suspende, que ou parece que fio a fio lhe está examinando os raios, ou que raio a raio lhe está como bebendo os resplandores: pois assim quer Cristo que se enlevem nossos discursos na contemplação de seus tor-

<sup>d</sup> Nota marginal: <Mat. 24 28.>. VL, Evangelium secundum Matthæum, c. 24, v. 28: *Vbicumque fuerit corpus, illic congregabuntur et aquilæ*. BSP: *Em qualquer lugar, em que estiver um cadáver, juntar-se-ão as águias.*

<sup>e</sup> “Repete-se a memória de sua paixão” (tradução nossa). Verso do *Sacrum Convivium* (cf. QUARTI, 1700, p. 214), canto litúrgico atribuído a S. Tomaz de Aquino (cf. AQUINATIS, *Summa Theologica, quæst. LX, art. III*, 1867, p. 503).

<sup>f</sup> Neste contexto, equivale a “elevar ao monte, aos altos” (MORAES SILVA, 1831, t. 2, p. 617).

mentos; quer que nossos pensamentos em sua contemplação tão altamente se remontem, e tão elevadamente se empenhem, que sendo por natureza homens, por imitação sejamos Águias, e sendo homens para os sentir, sejamos Águias para os contemplar; por isso diz que em sua contemplação devemos converter-nos em Águias: *Ibi congregabuntur et Aquilæ*; e por isto nos persuadem as palavras do nosso tema, que ãa, e muitas vezes consideremos a paixão de Cristo: *Recogitate eum, qui talem sustinuit contradictionem*.

Visto pois que os tormentos, e a paixão de Cristo hão de ser todo o emprego da nossa consideração, a primeira cousa em que pudéramos considerar, era que S. Paulo lhe não chame paixão, nem tormentos, senão contradição: *Qui talem sustinuit adversus semetipsum contradictionem*: porém não é este o ponto de maior dificuldade; porque se na paixão de Cristo admirou novamente a natureza tantas repugnâncias<sup>s</sup> da razão, se ali se viu padecer o impassível, e morrer o imortal; que outra cousa havemos de dizer que foi a paixão de Cristo, senão uma conspiração de implicâncias, e ãa cifra de contradições? O ponto pois em que eu faço o meu singular reparo é, que no concurso de tantas, e tão incompatíveis contradições, quantas se contêm na paixão de Cristo, nos fale o Apóstolo somente em ãa contradição singular, e isso sem nos dizer, nem explicar qual seja esta contradição; e o que mais é, por tais termos fala o Apóstolo, que supõe, sem se explicar, que já o devemos de entender: essa é a força que têm aquelas palavras, *Qui talem sustinuit contradictionem*. Notável, e singular contradição deve ser esta! contradição que sem ser explicada, já se supõe entendida, sem dúvida que esta deve ser por

---

<sup>s</sup> Neste contexto, mesmo que contrariedades, incompatibilidades, objeções, oposições (cf. MORAES SILVA, 1831, v. 2, p. 627).

antonomásia a contradição da paixão de Cristo: pois qual será entre tantas esta tão notável, e tão singular contradição? Aqui consiste todo o ponto do nosso tema, e toda a matéria do meu assunto.

70 Pelo que ainda que são muitas, e mui diversas as opiniões dos Expositores neste lugar; eu entendo, com licença de todos, e digo que esta contradição de que trata S. Paulo, é sem dúvida o não concorrerem os homens da sua parte com os merecimentos da paixão de Cristo. É verdade que por mais diligência que fiz, não achei Autor que me desse esta exposição; contudo, como tenho toda esta Quaresma para desempenho do que digo, torno a dizer, que a falta da cooperação da parte dos homens é sem dúvida a contradição que S. Paulo nos manda  
75 considerar, e sobre que todos ãa e mil vezes devêramos discorrer: *Recogitate eum, qui talem sustinuit a peccatoribus adversus semetipsum contradictionem.*

Para fundamento do que digo, devemos supor em primeiro lugar como doutrina certa, que a falta da cooperação da parte dos homens é ãa contradição manifesta que se faz aos merecimentos de Cristo, porque é uma opposição, ou resistência que se faz à eficácia de tão  
80 altos merecimentos; por isso daqui resultam aqueles dous termos contraditórios dignos de se chorarem por toda a eternidade, a saber, ser Cristo Redentor de todo o mundo, e não ser Redentor de todo o mundo; porque faltando os homens da sua parte, é Cristo Redentor de todos quanto à suficiência, e não é Redentor de todos quanto à eficácia: é Redentor de todos quanto é da sua parte no valor, e no merecimento; e não é Redentor de todos por nossa culpa  
85 no fruto, e na execução. Devemos mais supor em segundo lugar, que esta é sem dúvida a maior contradição da paixão de Cristo, porque a razão o dita assim,

---

<sup>81</sup> Redentor] Redemptor (e formas cognatas) A, *passim*.

<sup>86</sup> dita] dicta (e formas cognatas) A, *passim*.

e porque assim o supôs também em profecia o Santo Velho Simeão. Falava ele à letra da paixão santíssima de Cristo, e disse assim: *Ecce positus est hic in ruinam, et in resurrectionem multorum, et in signum cui contradicetur*:<sup>h</sup> queria dizer que Cristo havia de ser um alvo de contradições, e para prova diz que ainda supostos os infinitos merecimentos de sua santíssima paixão, ainda assim sendo muitos os que se haviam de salvar, seriam também muitos os que se haviam de perder: pois isto é ser alvo de contradições? Ser Cristo Redentor de todos, e não ser Redentor de muitos, não é ãa contradição somente? Sim é; mas entendeu o Santo Velho judiciosamente, que para provar que Cristo havia de ser um alvo de muitas contradições, bastava especificar a maior delas; e porque julgou que a maior de todas as contradições quantas padeceu o Redentor do mundo em sua paixão santíssima, é o não cooperarem todos para sua salvação; porque julgou que o salvarem-se uns, e condenarem-se outros, é a maior contradição que se faz ao nome, e aos merecimentos de Redentor; por isso só por haver dito que uns se haviam de salvar, e outros se haviam de perder: *Ecce positus est hic in ruinam, et in resurrectionem multorum*, só com especificar esta contradição tão notável, se deu por satisfeito para dizer que seria o Redentor do mundo um alvo de contradições: *Et in signum cui contradicetur*.

Isto assim suposto que esta é a maior de todas as contradições da paixão de Cristo, e suposto mais que o Apóstolo S. Paulo fala em ãa contradição por antonomásia a maior delas, bem se segue que a contradição de que fala o Apóstolo S. Paulo, deve ser sem dúvida esta mesma de que fala o Santo Velho Simeão. Porém pa-

---

<sup>h</sup> Nota marginal: <Luc. 2 24>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 2, v. 34: *Et benedixit illis Symeon, et dixit ad Mariam matrem eius: Ecce positus est hic in ruinam, et in resurrectionem multorum in Israel; et in signum, cui contradicetur*. **BSP**: Simeão os abençoou e disse a Maria, sua mãe: *Eis que este (Menino) está posto para a ruína e para a ressurreição de muitos em Israel, e para ser alvo de contradição.*

ra maior confirmação deste meu pensamento, e para fundarmos a matéria de todo o nosso discurso, digo assim: É certo, como já advertimos, que esta contradição de que fala São Paulo, é por antonomásia a contradição da paixão de Cristo, assim o significam as mesmas palavras do Apóstolo: *Qui talem sustinuit contradictionem*: pois por que razão julgaria o Apóstolo S. Paulo que esta contradição que ele nos manda considerar, é a contradição por antonomásia? Sem dúvida que por uma de duas razões: ou é, porque à vista da singular contradição de que trata S. Paulo, desaparecem todas as mais contradições da paixão de Cristo; ou é, porque sendo as demais contradições divididas pelos passos da paixão, só esta singular contradição de que ele trata, se acha sempre inseparavelmente em todos os passos da paixão: pois para que se veja que a contradição que S. Paulo nos manda considerar nas palavras do nosso tema, é a falta de nossa cooperação, esse será todo o meu empenho, que a falta da cooperação da parte dos homens é ãa contradição tão universal, que se acha em todos os passos da paixão de Cristo, e tão singular, que à sua vista desaparecem todas as mais contradições que padeceu Cristo em sua santíssima paixão. Esta é toda a matéria que pertendo tratar esta Quaresma, e para que seja com algum proveito de nossas almas, e melhoramento de nossas consciências: Vós ó Espírito divino, eterna luz, ditame incompreensível; vós Senhor me assiti com as influências de vossa divina graça, e suavidades de vossa superior assistência: inflamai Senhor meu espírito, ilustrai meu entendimento, e nos corações de todos nós tão altamente inspirai, que sintam nossos corações o poder de vosso divino auxílio, e as eficácias de vosso soberano im-

pulso: bem conheço que é desigual o instrumento para tão superior empresa; mas nisso mesmo se vejam as valentias de vossa graça, que por meios tão abatidos se executem as assistências de vossa misericórdia.

130 Começando pois pelo mistério do Horto, e primeiro passo da paixão, muitas são as repugnâncias, e contradições que nele se representam, e a primeira, é aquela mesma repugnância que Cristo começou a sentir, temendo o cális<sup>i</sup> que havia de passar: *Cæpit pavere, et tædere*.<sup>j</sup> Entrou o Redentor do mundo pelas espessuras daquele monte, acompanhado de três Discípulos, e retirado mais um pouco entre as sombras daquele arvoredo, entrou na consideração dos tormentos que havia de padecer, e sendo de todos eles cada acidente um  
135 horror, cada circunstância um susto, diz o Texto sagrado que começou Cristo a temer: *Cæpit pavere, et tædere*. Considerando bem este temor de Cristo, não faz dúvida que é ùa grande contradição de seu amor; porque bem considerada a valentia de seu amor, e a generosidade daquele amoroso coração, não sei como nele se puderam compadecer<sup>k</sup> tão grande amor com temor tão grande. É o amor um afeto tão alentado, que o não acovarda nenhum perigo; porque  
140 como desde menino foi sempre creado com as armas na mão,<sup>l</sup> de tal sorte perdeu o medo ainda à mesma morte, que assim como implicaria que a morte temesse a alguém, assim também implicaria que temesse o amor; porque o amor já sabem que é tão intrépido como a morte: *Fortis est ut mors dilectio*:<sup>m</sup> isto é falando indistintamente de qualquer amor; pois que será falando do amor de Cristo? É o amor de Cristo tão agigantado nas forças, que quando não  
145 houvesse outra razão para pintar-se menino todo outro qualquer amor,

---

<sup>i</sup> Bluteau (1789, t. 1, p. 217-218) registra as variantes *calis*, *cales*, *calice*, e o plural *calizes*. No *Vocabulário Português e Latino* (1713, p. 62), esse autor observa: “CALIS ou cáliz. O p. Ant. Vieira sempre escreve Calis com S, & nam com Z, no cabo. [...] *Calix, cis*. [...]”

<sup>j</sup> Nota marginal: <Marc. 14 33.>. **VL**, *Evangelium secundum Marcum*, c. 14, v. 33: *Et assumit Petrum, et Iacobum, et Iohannem secum: et cæpit pavere, et tædere*. **BSP**: *Levou consigo Pedro, Tiago e João; e começou a sentir pavor e angústia*.

<sup>k</sup> Mesmo que harmonizar-se (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>l</sup> Referência à representação clássica do Cupido, retomada adiante, ao fim desta página.

<sup>m</sup> Nota marginal: <Cât 8. 6>. **VL**, *Canticum Cantorum*, c. 8, v. 6: *Pone me vt signaculum super cor tuum, vt signaculum super brachium tuum: quia fortis est vt mors dilectio, dura sicut infernus æmulatio: lampades eius, lampades ignis atque flammarum*. **BSP**: *Põe-me como selo sobre teu coração, / como um selo sobre o teu braço, / porque o amor é forte como a morte; / o zelo do amor é tenaz como o inferno; / as suas chamas de fogo, / uma chama do Senhor*.

---

<sup>139</sup> afeto] afecto A, *passim*.

<sup>143</sup> indistintamente] indistinctamente A.

bastava comparar-se com o amor de Cristo para parecer menino; porque enfim, *Exultavit  
 ut Gigas ad currendam viam:*<sup>n</sup> pois se amar, e temer em outro qualquer amor são termos  
 que se contradizem; que contradição não será em tão agigantado amor? Ora com isto se  
 150 representar assim, eu entendo que não foi esta a contradição de que trata S. Paulo no  
 nosso tema, antes digo que se bem o ponderarmos, não houve aqui contradição: é verdade  
 que à primeira vista parece que este temor de Cristo foi covardia de seu amor, mas a  
 verdade é que este mesmo temor foi argumento de sua maior valentia, e que não fora o  
 amor de Cristo tão alentado, se Cristo não houvera temido: dou a razão; porque se Cristo  
 padecera os tormentos de sua paixão sem primeiro os haver temido, disséramos somente  
 155 que seu amor tivera forças para padecer os tormentos, mas não disséramos que as tivera  
 para vencer o temor: e temendo Cristo padecer? segue-se que seu amor não só teve  
 esforço para pôr o peito a todos os tormentos da paixão, senão também para vencer, e  
 atropelar o mesmo temor dos tormentos: pois que mais alentado amor? Com ser o temor  
 formalmente a mesma covardia, é bem averiguado que não há paixão mais valerosa que o  
 160 temor, porque ainda as mais celebradas constâncias a que nenhum outro valor pudera  
 arrastar, sabemos que só o temor de algum perigo as pode vencer; e que contudo sendo  
 tão valente o temor, nos amasse Cristo com um amor tanto mais valente, que apesar do  
 mesmo temor se avançasse seu amor a padecer tanto número de tormentos, e tormentos  
 não só cruelmente executados, mas ainda tão fundadamente temidos, quem duvida que  
 165 esta foi a maior valentia do amor de Cristo? ||<sup>o</sup> Se advertirmos

---

<sup>n</sup> Nota marginal: <Ps. 18 6>. **VL**, Liber Psalmorum, c. 18, v. 6: *In sole posuit tabernaculum suum: et ipse  
 tamquam sponsus procedens de thalamo suo: Exultavit ut gigas ad currendam viam, a summo caelo egressio  
 eius. BSP: Estabeleceu o seu tabernáculo no sol; / e ele mesmo é como um esposo que sai do tálamo. / Dá saltos  
 como gigante para percorrer o seu caminho.*

<sup>o</sup> Mudança de parágrafo marcada atipicamente, cf. normas desta edição.

para as proezas mais heroicas ou de César, ou de Alexandre, acharemos que a sua maior valentia não consistiu nos Exércitos que romperam, nem nos Reinos que conquistaram: pois em que consistiu? Em que avisados ambos por carta da morte que os esperava, a Alexandre no veneno, e a César no Senado, tendo ambos na mão os avisos de sua morte como fundamentos

170 de seu temor, apesar do temor triunfantes ambos, Alexandre pôs a taça à boca, e César pôs o peito ao punhal. Oh valor digno de um César, digno de um Alexandre! Mas este mesmo valor consagraram divinamente os dous maiores assombros da valentia, cada qual deles com a espada na mão, o grande Profeta Elias na Lei Escrita, e o Apóstolo S. Paulo na Lei da Graça; mas onde esteve o maior esforço de Elias? onde esteve o maior valor de São Paulo? Ninguém

175 porá dúvida em que o maior esforço de Elias esteve em chegar ele mesmo a desafiar a morte: *Petivit animæ suæ, ut moreretur*:<sup>p</sup> e que o maior valor de S. Paulo esteve em buscar a morte ele mesmo: *Vado in Jerusalem: et nunc ecce ego scio quia amplius non videbitis faciem meam*:<sup>q</sup> porém aqui se oferece esta dúvida, que muitos outros desejaram a morte como S. Elias, e muitos outros se ofereceram à morte como S. Paulo: pois logo que singularidade teve o valor de S.

180 Paulo, ou o esforço de Elias? Vejam a singularidade: Elias quando desafiou a morte, ia fugindo para livrar a vida: *Timuit ergo Elias, et surgens abiit*:<sup>r</sup> e S. Paulo quando foi oferecer a vida, já havia fugido da morte: *Per fenestram dimissus sum, et sic effugi manus ejus*:<sup>s</sup> pois eis aí a ventagem de Elias, e eis aí o excesso de São Paulo. Que outros muitos se oferecessem intrepidamente à morte sem o receio dela, seja embora argumento de seu grande esforço;

<sup>p</sup> Nota marginal: <3 Reg. 19 4>. **VL**, Liber I Regum, c. 19, v. 4: *et perrexit in desertum, via vnus diei. Cumque venisset, et sederet subter vnam iuniperum, petiuit animæ suæ vt moreretur, et ait: Sufficit mihi Domine, tolle animam meam: neque enim melior sum, quam patres mei.* **BSP**: Andou pelo deserto um dia de caminho. E, tendo ido sentar-se debaixo de um junípero, desejou para si a morte e disse: Basta-me de vida, Senhor, tira a minha alma; porque eu não sou melhor do que meus pais.

<sup>q</sup> Nota marginal: <Act. 20 20.>. **VL**, Actus Apostolorum, c. 20, v. 22, 25: *Et nunc ecce alligatus ego Spiritu, vado in Ierusalem; quæ in ea eventura sint mihi, ignorans: [...] Et nunc ecce ego scio, quia amplius non videbitis faciem meam vos omnes, per quos transiui prædicans regnum Dei.* **BSP**: Agora eis que eu, ligado pelo Espírito, vou a Jerusalém, não sabendo as coisas que ali me hão de acontecer [...]. Agora eis que sei que não tornareis mais a ver a minha face todos vós, entre os quais passei pregando o reino de Deus.

<sup>r</sup> **VL**, Liber I Regum, c. 19, v. 3: *Timuit ergo Elias, et surgens abiit quocumque eum ferebat voluntas: venitque in Bersabee Iuda, et dimisit ibi puerum suum.* **BSP**: Elias, pois, teve medo, e, levantando-se, foi para onde o seu desejo o levava; chegou a Bersabéia, de Judá, e ali despediu o seu criado.

<sup>s</sup> Nota marginal: <2. Cor. 11. 33>. **VL**, Epistula II ad Corinthios, c. 11, v. 33: *et per fenestram in sporta dimissus sum per murum, et sic effugi manus eius.* **BSP**: mas desceram-me numa cesta por uma janela, ao longo da muralha, e assim escapei das suas mãos.

185 porém não é esse o crédito de maior esforço: que Elias, e que S. Paulo, temendo ambos perder a vida, vencessem ambos o temor da morte, aqui consiste a valentia de ambos, e aqui consiste a maior valentia: razão: porque oferecer-se a morrer sem haver temido a morte, é vencer só o amor da vida; porém temer a morte, e oferecer-se a morrer, se bem se nota, é triunfo dobrado, porque é vencer em ãa mesma ação não somente o amor da vida, mas também o temor da morte; pois este sim, este é dobrado valor, porque é dobrado triunfo.

Este é o valor de um César, e de um Alexandre; este é o valor de um Elias, e de um São Paulo; e este enfim, se bem com superiores ventagens, é o valor do amor de Cristo, e este, se me não engano, o maior brasão de seu valor. Bem sabem todos que a Cruz é o brasão, e o estendarte de Cristo, e que por isso até no fim do mundo aparecerá com este estendarte: *Tunc apparebit signum Filij hominis*:<sup>†</sup> porém duvidei muitas vezes, por que razão não tomaria Cristo por troféu de sua vitória nenhum outro instrumento de sua paixão, senão o estendarte da Cruz? Fundemos a dúvida: Não foi a lança o instrumento com que se consumou a vitória de Cristo? Logo a lança, como último instrumento de sua vitória, devia ser a maior divisa de sua valentia: pois por que mais fez Cristo o seu estendarte da Cruz, do que da lança? E para que cresça a dificuldade: Não é certo que Cristo padeceu o tormento da Cruz, dando-lhe as costas como temeroso? e não é certo que padeceu o golpe da lança, dando-lhe o peito como alentado? Assim é; mas por isso mesmo, porque Cristo padeceu o golpe da lança a peito descoberto como quem a não receava, e porque padeceu o tormento da

---

<sup>†</sup> Nota marginal: <Mat. 24 30.>. **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 24, v. 30: *et tunc parebit signum Filij hominis in cælo: et tunc plangent omnes tribus terræ: et videbunt Filium hominis venientem in nubibus cæli cum virtute multa, et maiestate*. **BSP**: *Então aparecerá o sinal do Filho do homem no céu, e todas “as tribos da terra chorarão” e verão o Filho do homem vir sobre as nuvens do céu com grande poder e majestade.*

205 Cruz, dando-lhe as costas como quem a temia, por isso é que fez troféu, não da lança, senão  
da Cruz: para padecer a lança, mostrou que tinha valor; porém levando o golpe, mas não  
vencendo o temor; pois não seja troféu a lança: para padecer a Cruz, mostrou que tinha temor,  
é verdade; mas mostrou que tinha alento, não só para padecer a Cruz, senão também para  
vencer o temor; mostrou que tinha temor da Cruz, porque lhe dava as costas como quem  
210 fugia; mostrou que tinha alento para vencer o temor, porque morria a pé quedo,<sup>u</sup> como quem a  
não receava: pois instrumento onde Cristo não somente vence o amor da vida, senão também  
o temor da morte, este tão glorioso instrumento, este seja o brasão de suas valentias, e este só  
seja o estendarte de seus triunfos: *Signum Filij hominis*. Segue-se logo que da mesma sorte os  
temores que Cristo padeceu no Horto, não contradizem as valentias de seu amor, antes muito  
mais acreditam, e encarecem suas valentias; e temos satisfeito à primeira contradição que se  
215 nos representava nas palavras, *Cœpit pavere*.

*Et progressus pusillum procidit in faciem suam.*<sup>v</sup> Entrado assim o Redentor do  
mundo do temor de sua paixão, diz o Texto sagrado que ajoelhando perante seu Eterno  
Padre, e abaixando o rosto como quem não ousava pôr os olhos no Céu, se debruçara  
todo sobre a terra; e a razão deste mistério dizem os Expositores que foi, porque como  
220 Cristo tinha tomado sobre si todas as culpas dos homens, cobriu o rosto como  
envergonhado de tantas culpas: *Procidit in faciem suam*: e caiu sobre a terra como  
oprimido do peso dela: *Et procidit super terram*.<sup>w</sup> Contudo não obstante esta razão dos  
Expositores, grande contradição parece, que os ombros Onipotentes

---

<sup>u</sup> Mesmo que “a pé firme; sem se mover ou abalar; sem se retirar; parado” (cf. *Léxicon*. In: VIEIRA, 2010, p. 642).

<sup>v</sup> **VL**, *Evangelium secundum Matthæum*, c. 26, v. 39: *Et progressus pusillum, procidit in faciem suam, orans, et dicens: Pater mi, si possibile est, transeat a me calix iste. Verumtamen non sicut ego volo, sed sicut tu. BSP: E, adiantando-se um pouco, prostrou-se com o rosto em terra, orando e dizendo: Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice. Todavia, não (se faça) como eu quero, mas sim como tu queres.*

<sup>w</sup> **VL**, *Evangelium secundum Marcum*, c. 14, v. 35: *Et cum processisset paululum, procidit super terram: et orabat, vt si fieri posset, transiret ab eo hora. BSP: Tendo-se adiantado um pouco, prostrou-se por terra e pedia que, se era possível, se afastasse dele aquela hora.*

---

<sup>223</sup> Onipotentes] Omnipotentes (e formas cognatas) A, *passim*.

de um Deus caíssem com o peso das culpas dos homens. Não vivem os homens tão carregados  
 225 de culpas sem sentirem o peso com que vivem, e ainda sem repararem em matérias de tanto  
 peso? pois se os homens nem ainda sentem o peso das culpas próprias, como fraquea um Deus  
 com o peso das culpas alheas? pode haver maior contradição para as forças de um Deus?  
 Parece que não pode haver; mas o certo é que não foi contradição: bem vejo que parecem  
 230 termos que se contradizem, ser Deus, e cair, ser Onipotente, e desmaiar; porém se o peso era  
 do pecado, que muito<sup>x</sup> é que caísse, que muito é que desmaiasse um Deus? Qualquer pecado  
 mortal em razão de ofensa contra Deus, ensina Santo Tomás, que é matéria de peso infinito.<sup>y</sup>  
 Por isso Davi reparando na carga de suas culpas, advertiu que pesavam sobre suas forças:  
*Iniquitates meae supergressae sunt caput meum: et quasi onus grave gravatae sunt super me.*<sup>z</sup>  
 235 Noto a palavra, *super me*. É tão certo ser o peso do pecado infinito, que pesa indefinidamente  
 sobre as nossas forças, sobre as nossas posses, e como todo o nosso ser é finito, pesa sobre  
 todo o nosso ser: *gravatae sunt super me*. Sendo pois infinito o peso do pecado, que importa  
 que sejam infinitas as forças da Onipotência, se carregavam sobre suas forças infinitas culpas,  
 e cada qual de peso infinito? Que outra coisa obrigou a Deus a descer do Céu à terra senão o  
 240 haver tomado sobre si os pecados dos homens? Pois se os pecados que Deus tomou sobre si  
 pesaram tanto sobre seus ombros, que desde o Céu deram com ele em terra na Encarnação;  
 que muito é que no Horto dessem com ele por terra? que muito, sendo infinito o peso dos  
 pecados? Cesse pois a admiração de vermos a Cristo caído com o peso de nossas culpas, e

---

<sup>x</sup> A expressão “que muito”, frequente também nos sermões de Vieira, equivale a “que há de estranho”, “que admiração” (cf. *Léxicon*. In: VIEIRA, 2010, p. 643).

<sup>y</sup> Nota marginal: <D. Tho. 3 p. q. 1 art. 2.>. Possível referência: AQUINATIS, Thomae. *Tertiam Partem Summae Theologicae*. Antverpiæ: Ioannem Keerbelgium, 1612.

<sup>z</sup> Nota marginal: <Ps. 37. 5.>. **VL**, Liber Psalmorum, c. 37, v. 5: *Quoniam iniquitates meae supergressae sunt caput meum: et sicut onus graue grauatae sunt super me*. **BSP**: *Porque minhas iniquidades se elevaram acima da minha cabeça, / e, como carga pesada, me oprimiram*.

caindo sobre nós mesmos, de nós mesmos somente nos admiremos, e de não sentirmos tão enorme peso: que vivam os homens tão carregados de culpas, sem sentirem delas nem o peso, nem o pesar? que vivam os homens tão carregados de culpas, sem caírem com elas nem na conta, nem na razão? grande afronta do nosso sentimento! grande motivo de nossa admiração! Se os pecados que Cristo tomou sobre si, tanto pesaram, e oprimiram tanto, como não pesam os pecados que os homens têm sobre si? Se tanto pesam pecados que Cristo toma para remediar, como não pesam pecados que os homens tomam para cometer? Se sobre ombros divinos tanto pesam pecados alheios, como sobre forças limitadas não pesam pecados próprios? O peso do pecado que cometeram os Anjos, sendo um só pecado, deu com eles no Inferno desde o Céu; e onde dará com os homens o peso de tantos pecados somente desde a terra? Se são os nossos pecados de tanto peso que deram com Cristo por terra remediando-os; onde darão com os homens os pecados cometendo-os? E que assim vivam os homens esquecidos de si mesmos, como se não carregaram tão grave peso! Que não sintamos este peso, e esta carga do pecado! Que se oprimam as forças infinitas, e gema um Deus com o peso do pecado; e que as forças limitadas do homem não sintam um peso infinito! Esta é a admiração, este o pasmo: que quanto é cair Cristo em terra com o peso de nossas culpas, não é essa a admiração.

260 Principalmente porque Cristo não tinha só sobre seus ombros a carga de nossos pecados, senão também em seu peito o peso de seu amor: *Amor meus, pondus meum*,<sup>aa</sup> diz Santo Agostinho;<sup>bb</sup> diz que todo o amor é um peso, e que to-

---

<sup>aa</sup> “Meu amor, meu peso” (tradução nossa).

<sup>bb</sup> Nota marginal: <Aug. 13 Confess. c. 9.>. Cf. AUGUSTINI, *Confessionum* – Liber XIII, caput IX, 1679, p. 392.

do o amante se inclina para onde propende seu amor: *Illuc feror, quocunque feror*:<sup>cc</sup> pois se o amor de Cristo propendia para o mundo, que tinha que ver que havia Cristo inclinar para a terra? Aqui se viu repetida, ou verificada a parábola do Pródigo, quando o amoroso pai caiu sobre o arrependido filho, e quando na mesma ação com que caía, mostrou os excessos com que o amava: *Cecidit super collum ejus, et osculatus est eum*:<sup>dd</sup> pelo que fundadamente podemos considerar, que como o amor é ãa inclinação natural ao bem que se ama, sem dúvida aquela inclinação de Cristo sobre a terra foi como peso, ou como impulso de seu amor, porque foi sem dúvida, ou querer admiti-la a si lançando-lhe os braços como em testemunho de sua afeição; ou querer dar-lhe os últimos abraços como em prenda de sua despedida. Se já não foi, que como o Céu estava ameaçando castigos sobre a terra, quis interpor-se o piedosíssimo Senhor, e cair sobre a terra, como oferecendo as costas ao castigo, e como emparando-a, e defendendo-a dos castigos que ameaçava o Céu. Oh que valente amor quando caído! que generoso quando desmaiado! Diga-se pois que o cair Cristo no horto não contradiz à sua Onipotência; porque posto que as forças da Onipotência sejam infinitas, contudo achava-se Cristo com dous pesos ambos grandes, e infinitos ambos: achava-se com o peso de nossas culpas, e com o peso de seu amor; e no concurso de tão graves pesos, que muito é que arrastada a Onipotência, aquele mesmo Senhor que na Encarnação baixou do Céu, no Horto caísse por terra? Se deposta a majestade se prostrou por terra aos pés de seus Discípulos no Cenáculo; que muito é que vencida a Onipotência, caísse por terra no Horto? E temos também satisfeito à contradição que representava nas palavras, *Cecidit super terram*.

<sup>cc</sup> “Vou-me para onde quer que eu seja levado [por ele]” (Agostinho, *op. cit.*, tradução nossa).

<sup>dd</sup> Nota marginal: <Luc. 15. 20.>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 15, v. 20: *Et surgens venit ad patrem suum. Cum autem adhuc longe esset, vidit illum pater ipsius, et misericordia motus est, et accurrens cecidit supra collum eius, et osculatus est illum*. **BSP**: *Levantando-se foi para seu pai. Quando ele estava ainda longe, seu pai viu-o, ficou movido de compaixão, e, correndo, lançou-lhe os braços ao pescoço e beijou-o.*

285 *Et factus est sudor ejus sicut guttæ sanguinis decurrentis in terram.*<sup>ee</sup> Estando assim o  
 amorosíssimo Senhor, ou abraçando-se, ou enternecendo-se com a terra, e considerando ou  
 nas afrontas, ou nas consequências de sua paixão, de improviso intercidentes os pulsos, e  
 abertos os poros, rotas as veas, e desordenadas as artérias, diz o Texto sagrado que começara a  
 suar sangue tão copiosamente, que chegou a banhar a terra: mas que muito, se sustentava a um  
 mesmo tempo, divino Atlante<sup>ff</sup> de dous pesos infinitos, aos ombros o peso de nossas culpas, e  
 290 no coração o peso de seu amor? Da carga de tão graves pesos que se havia de seguir senão  
 suar? Era seu amor a sua enfermidade; e sendo as nossas culpas enfermidade nossa, também  
 ele a padecia como sua: pois com duas enfermidades, e ambas mortais, que muito é que  
 brotasse em tão veementes suores? que muito é que tomasse tão copiosas sangrias?<sup>gg</sup> Contudo  
 aqui se nos representa ãa contradição bem notável, e é, que por razão natural o medo costuma  
 congelar<sup>hh</sup> o sangue no coração: pois logo como era possível que temendo Cristo, suasse  
 295 sangue? Se suava, estava o sangue líquido, e se temia, estava o sangue congelado; sangue  
 líquido, e sangue congelado são termos opostos: pois se na verdade temia, como na verdade  
 suava? Respondo, que é verdade que havia contradição nestes termos, porém que o amor  
 venceu esta contradição; porque ainda que o temor avocasse, e contraísse o sangue ao coração  
 300 de Cristo, contudo como no mesmo coração residia o amor, sendo o amor um afeto tão  
 ardente, todo chama, e todo incêndio, era preciso, que quando o sangue por causa do medo se  
 contraísse, que por força do amor se desatasse: batalhavam naquele combatido coração, como

---

<sup>ee</sup> **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 22, v. 44: *Et factus est sudor eius, sicut guttæ sanguinis decurrentis in terram.* **BSP**: Tomado de angústia, Jesus rezava com mais insistência. O seu suor tornou-se como gotas de sangue, que corriam até à terra.

<sup>ff</sup> Cf. Houaiss (2002), Atlante, do grego *Átlas, antos*, pelo latim *Atlas, antis*, é um deus (titã) da teogonia grega primitiva, que sustentava as colunas do céu e detinha o oceano (chamado, por isso, *Atlântico*).

<sup>gg</sup> Sobre a prática da sangria para tratamento de diversos sintomas, vd. ROMA, 1753, p. 93-102.

<sup>hh</sup> Neste contexto, corresponde a “coalhar” (cf. MORAES SILVA, 1831, t. 1, p. 438).

dous elementos contrários, o amor, e o medo: o medo como frio, congelava o sangue para que não corresse; o amor como incêndio, impelia ao sangue para que se derramasse, e como o amor venceu ao medo, todo o sangue que no coração de Cristo ia a congelar-se por causa do

305

medo, todo se resolveu a correr por impulsos do amor.

Um dos maiores prodígios que se admiram na paixão de Cristo, foi o sangue que Cristo derramou do lado depois de morto: *Exiuit sanguis, et aqua*:<sup>ii</sup> mas quem obrou este prodígio? quem tirou aquele sangue? Todos sabem que foi Longuinhos, quando lhe feriu o peito; mas não sei se sabem todos quem foi, ou a quem representava Longuinhos: Longuinhos disseram Santo Isidoro, e S. Gregório Nazianzeno, que era um moço cego, ou, como outros

310

querem, mal visto: donde eu venho a inferir que Longuinhos era ãa figura do amor muito expressa, e muito natural; porque um mancebo cego, que vibrando as armas, faz a pontaria a um peito, e emprega os golpes em um coração, que outra cousa representa senão ao amor?<sup>jj</sup>

315

Segue-se logo que o amor foi quem do cadáver de um Deus morto pôde tirar sangue vivo: e quanto mais congelado estaria o sangue na Cruz em Cristo já defunto, do que no Horto em Cristo só desmaiado? quanto mais congelado estaria depois dos destroços da morte, do que entre as ânsias do temor? E contudo pôde o amor tirar sangue de Cristo morto na Cruz; que muito é logo que o pudesse desatar em Cristo desmaiado no Horto? Não duvido eu, conforme a razão natural, que o sangue, por causa do medo, fugindo das veas acudisse todo ao coração de

320

Cristo; porém como ali mesmo naquela oficina de ternuras, e naquele centro de afeições,

---

<sup>ii</sup> **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 19, v. 34: *Sed vnus militum lancea latus eius aperuit, et continuo exiuit sanguis, et aqua.* **BSP**: *mas, um dos soldados traspassou-lhe o lado com uma lança e imediatamente saiu sangue e água.*

<sup>jj</sup> Nova referência a Cupido, aqui como arqueiro cego.

como ali naquele coração se ateava a ardente chama de seu amor, quem duvida que todo o sangue que o temor pretendesse congelar, que tanto o amor devia resolver?<sup>kk</sup> Em resolução, o que sei é, que ali no coração de Cristo animado já o sangue com os alentos de seu amor, como tornando em si de seu desmaio, quase se deu por afrontado de haver temido, e acudindo ao  
 325 rosto como envergonhado, ou de corrido<sup>ll</sup> começou a correr, ou de picado<sup>mmm</sup> se saiu a desempenhar; como se dissera: Eia Senhor, se está empenhado vosso amor na redenção do mundo, tomai alento em vosso desmaio, que aqui me tendes pronto para vosso desempenho: se o corpo teme ser atormentado, se teme ser afligido, eu não temo ser derramado, já não reparo nos estragos de meu ser, com que se logrem os créditos de vosso amor, antes para que  
 330 vejam os homens que hei de ser derramado mais por força de vosso amor, que por violência de sua execução, já agora anticipadamente, antes que chegue a violência que me há de derramar, já desde agora começarei a correr: *Et factus est sudor ejus sicut guttae sanguinis decurrentis in terram*. Eis aqui a amorosa causa dos suores de Cristo, e eis aqui desfeita a contradição das palavras do Texto, *Factus est sudor ejus sicut guttae sanguinis decurrentis in*  
 335 *terram*.

*Et orabat, dicens: Pater mi, si possibile est, transeat a me calix iste.*<sup>nn</sup> Esta vem a ser a petição que o Redentor do mundo fazia no Horto a seu Eterno Padre: e posto que vulgarmente se entenda que Cristo nestas palavras pedia ser dispensado no preceito de sua morte, e paixão; contudo a verdade é, que Cristo não recusava o preceito: e provo: porque  
 340 se o recusara, pedira, ou dissera, não chegue a mim o cális;<sup>oo</sup> e Cristo não disse, não

---

<sup>kk</sup> Aqui, a acepção de resolver é “dissolver pouco a pouco” (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>ll</sup> Mesmo que envergonhado (cf. BLUTEAU, 1789, v. 1, p. 336).

<sup>mmm</sup> Mesmo que estimulado, pungido (MORAES SILVA, 1831, t. 2, p. 467).

<sup>nn</sup> **VL**, *Evangelium secundum Matthæum*, c. 26, v. 39: *Et progressus pusillum, procidit in faciem suam, orans, et dicens: Pater mi, si possibile est, transeat a me calix iste. Verumtamen non sicut ego volo, sed sicut tu. BSP: E, adiantando-se um pouco, prostrou-se com o rosto em terra, orando e dizendo: Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia não (se faça) como eu quero, mas sim como tu queres.*

<sup>oo</sup> Idem nota “i”

---

<sup>327</sup> pronto] prompto A, *passim*.

chegue a mim, senão, passe de mim: *Transeat a me*: e que quer dizer, passe de mim o cális? Quer dizer: O cális de minha paixão eu o aceito, venha a mim embora, mas não fique só em mim, bebam também os homens este cális, comece por mim, e passe de mim aos homens: assim o explicou Santo Hilário:<sup>pp</sup> *Quod autem rogat, ut a se transeat, non ut ipse prætereatur*  
 345 *rogat, sed ut in alteros accedat*:<sup>qq</sup> porém sendo tão justa esta petição que o Senhor fazia, e instando o Senhor três vezes, em nenhuma delas foi despachada a sua petição: há maior contradição que esta? rogar o mesmo Filho de Deus sem ser ouvido? pedir sem ser despachado? há maior contradição? Sim, a causa por que não era despachado, ainda era maior contradição: e qual era esta causa? Eu o direi. O que Cristo pedia era, que o seu cális passasse  
 350 dele aos homens; ou por outros termos, que os homens cooperassem com ele, e entrassem a beber o mesmo cális; porém este despacho não dependia só da vontade, e concurso de Deus, senão igualmente da vontade, e cooperação dos homens; e não é certo que nem todos os homens haviam de cooperar com os merecimentos da paixão de Cristo? ainda mal:<sup>rr</sup> pois eis aí a causa por que pedindo Cristo, lhe não deferia Deus à sua petição: ah sim? Pois eis aí a  
 355 contradição que se fez a Cristo, e eis aí a contradição que nos manda considerar S. Paulo: *Recogitate eum, qui talem sustinuit a peccatoribus contradictionem*.

Mas oh que rigoroso tormento! oh que lamentável dor! que dura contradição! haver Cristo de levar ele só um cális tão amargoso sem a cooperação dos homens, é um trago este tão duro de levar, que todos os tormentos quantos Cristo padeceu em satisfação de nossas culpas,  
 360 comparados todos com este só tormento de os padecer ele só, todos eles juntos não chegam a ser

---

<sup>pp</sup> Nota marginal: <D. Hil. in Matt Can. 31.>. Ref. a *Commentarius in Evangelium Matthæi*, de S. Hilário (cf. MIGNE, P.L., t. IX, 1844, col. 1068).

<sup>qq</sup> “Quando, porém, pede que possa passar dele [o cálice], não pede que seja passado adiante dele próprio, mas [sim] que [o cálice] chegue aos outros” (tradução nossa).

<sup>rr</sup> Mesmo que infelizmente (cf. BLUTEAU, 1789, v. 1, p. 46).

tormento tão penoso, como este só único tormento, porque todos os mais tormentos juntos vêm a ser um só em comparação deste, e este único vem a ser dobrado a respeito de todos os outros juntos. Grande lugar, se me não engano. Queixava-se Cristo de todos os tormentos de sua paixão, e dizia assim: *Torcular calcavi solus, et de gentibus non est vir mecum*.<sup>ss</sup> Os tormentos de minha paixão dizia o Senhor eu os padeci só, ninguém os padeceu comigo. Supérfluas parecem estas segundas palavras: com o Senhor dizer que padeceu ele só, não estava já entendido que ninguém padeceu com ele? pois para que diz que ninguém padeceu com ele, *Et gentibus non est vir mecum*, se tinha já dito que ele só padeceu: *Torcular calcavi solus*? Aí se verá o excesso de dor que causou em Cristo a falta de cooperação dos homens sobre todas as outras dores. De duas dores se queixava o Senhor naquela ocasião, da dor que padecia em seus tormentos, e de ser ele só quem os padecia; mas notem a diferença que vai de dor a dor, e de tormento a tormento: a todos os tormentos quantos Cristo padeceu, a todos juntos chamou um só lagar de sangue: *Torcular*: e assim como os explicou com ãa só palavra, assim também os sentiu com ãa só queixa: *Torcular calcavi*: porém quando foi a explicar a dor de padecer ele só, aqui foi dobrada a queixa, porque foi dobrada a dor; por isso depois de se queixar a primeira vez, *Calcavi solus*, repetiu a segunda, *et de gentibus non est vir mecum*: de maneira que comparados todos os tormentos juntos, quantos Cristo padeceu, com a dor de ele só os padecer, em sua comparação todos os outros tormentos, sendo inumeráveis, no sentimento de Cristo não foram mais que um só tormento, *Torcular*; e a circunstância de Cristo

---

<sup>ss</sup> Nota marginal: <Isai 63 5>. **VL**, Liber Isaiaë, c. 63, v. 3: *Torcular calcaui solus, et de Gentibus non est vir mecum: calcaui eos in furore meo, et conculcaui eos in ira mea: et aspersus est sanguis eorum super vestimenta mea, et omnia indumenta mea inquinavi*. **BSP**: *Eu pisei sozinho no lagar, e nenhum homem dentre os povos estava comigo; eu os pisei no meu furor, e os pisei aos pés da minha ira; o seu sangue salpicou os meus vestidos e manchei todas as minhas roupas*.

380 padecer só em comparação de todos os tormentos juntos, esse só foi dobrado tormento:  
*Calcavi solus, et de gentibus non est vir mecum.*

E para que se veja com evidência a razão desta verdade, apontarei duas razões: a primeira é: porque os outros tormentos deram-se, e acabaram-se; a paixão de Cristo é cousa pretérita, é um tormento que já passou: assim o dizem as mesmas palavras: *Torcular calcavi:*  
 385 e o tormento de padecer Cristo só? é dobrado tormento, porque é tormento passado, *Calcavi solus,* e é tormento presente, *et de gentibus non est vir mecum:* *non est:* ainda atualmente se acha quem não coopere com a paixão de Cristo, porque ainda atualmente há quem da sua parte falta com a sua cooperação. Oh eterna dor, eterno sentimento! A segunda razão é; porque não acompanhando nós a Cristo nas suas penas, e não cooperando com ele para a  
 390 satisfação de nossas culpas, fica malogrando-se o fruto da paixão de Cristo: donde se segue, que se nós acompanháramos a Cristo com a penitência de nossas culpas, tivera Cristo este alívio de ver o fruto de suas penas, porque no gozo de ver seus tormentos logrados, diminuía a dor dos tormentos padecidos; mas sendo pelo contrário, não acompanhando nós a Cristo em seus tormentos, fica Cristo sobre a dor dos tormentos padecidos, com a dor dos tormentos malogrados. Vejam se é dobrada a dor: que muito é logo que fosse dobrada a queixa?  
 395 *Torcular calcavi solus, et de gentibus non est vir mecum.*

Ambas estas razões penetrava altamente o Redentor do mundo, e sobre tudo considerava a contradição que delas se seguia ao seu glorioso nome de Redentor; porque não cooperando todos para a obra da redenção,

---

<sup>386</sup> atualmente] actualmente A, *passim*.

400 não vinha ele a ser com efeito Redentor de todos, e assim prevendo entre as aflições do Horto estas tão perigosas, e de nós tão mal entendidas consequências, instava com seu Eterno Padre que obrassem os homens da sua parte, e o ajudassem a beber o cálix de sua paixão: *Transeat a me calix iste*; porém como o despacho deste requerimento não dependia só da vontade do Eterno Padre, senão também da vontade dos homens, não deferia o Eterno Padre à petição de Cristo,

405 pelo que indo a ver o que achava nos homens, achou que estavam dormindo, e descansando: *Sic non potuistis una hora vigilare mecum?*<sup>u</sup> É possível que me não haveis de acompanhar? basta que eu só hei de padecer? que sendo as culpas dos homens, que eu só as hei de pagar, e que os homens se lancem a dormir? e então de que hão de aproveitar os meus merecimentos aos homens? e que assim se contradiga a execução, e eficácia dos meus merecimentos? Tornava

410 segunda vez a seu Eterno Padre: *Transeat a me calix iste*: Senhor, já que é vosso altíssimo decreto que a eficácia da redenção dos homens consista igualmente em minha morte, e em sua cooperação, não deixem eles de cooperar, que eu pronto estou para morrer: porém voltando segunda vez para os homens: *Iterum invenit eos dormientes*.<sup>uu</sup> Entre estas ânsias, e entre estas aflições torna terceira vez a seu Eterno Padre, e insta terceira vez: *Abijt, et oravit tertio eundem sermonem dicens: Pater, si possibile est, transeat a me calix iste*.<sup>vv</sup> Pai, e Senhor meu, se me não

415 deferis como Senhor, atendei-me como Pai: eu não repugno aceitar o cálix pelo que tem de desabrido, senão pelo que terá de desacompanhado: como é possível que haja eu só de estar padecendo, e que estejam os homens descansando? Como se permite,

---

<sup>u</sup> **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 26, v. 40: *Et venit ad discipulos suos, et invenit eos dormientes, et dicit Petro: sic non potuistis vna hora vigilare mecum?* **BSP**: *Depois foi ter com seus discípulos, encontrou-os dormindo e disse a Pedro: Visto isto, não pudeste vigiar uma hora comigo?*

<sup>uu</sup> **VL**, *ibidem*, c. 26, v. 43: *Et venit iterum, et invenit eos dormientes: erant enim oculi eorum grauari.* **BSP**: *Foi novamente, e encontrou-os dormindo; porque os seus olhos estavam pesados.*

<sup>vv</sup> **VL**, *ibidem*, c. 26, v. 44, 39: *Et relictis illis, iterum abijt, et oravit tertio, eundem sermonem dicens [...] Pater mi, si possibile est, transeat a me calix iste. verumtamen non sicut ego volo, sed sicut tu.* **BSP**: *Deixando-os, foi de novo, e orou terceira vez, dizendo as mesmas palavras. [...] Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não (se faça) como eu quero, mas sim como tu queres.*

sendo só suas as culpas, que sejam só minhas as penas? quanto mais, de que aproveitarão aos  
 420 homens as minhas penas, se forem só minhas? como Senhor? e que padecendo eu tantas  
 dores, se hajam de perder tantas almas? almas por quem eu hei de perder a vida, é possível  
 que se não de perder? é possível que se há de malograr o preço de meu sangue, e o valor de  
 meu merecimento? que sendo eu o Redentor de todo o mundo, se haja de ver ãa contradição  
 de não ser eu o Redentor de todos? e isto porque nem todos não de acompanhar ao Redentor?  
 425 Oh não seja assim, meu Deus, quanto é da minha parte pronto estou para dar mil vidas porque  
 se não perca ãa só alma: dispõe vós Senhor que obrem os homens da sua parte, para que se  
 não percam tantas almas por quem vou sacrificar a vida: *Transeat a me calix iste.*

Esta era a petição que fazia a seu Eterno Padre o amorosíssimo Jesus, e como nem os  
 homens respondiam a seus suspiros, nem o mesmo Deus satisfazia a suas vozes, achando-se  
 430 só ali nos retiros daquela muda soledade, no silêncio daquela triste noite, e entre as sombras  
 daquele saudoso arvoredo, mudamente lhe respondiam às suas vozes, ou às suas queixas, as  
 árvores com sussurros, os vales com ecos, os montes com gemidos, o Céu com o silêncio, e a  
 terra com a suspensão: no meio de todos estes horrores considerava o Senhor só consigo a  
 contradição que se fazia ao preço de seu sangue, e ao valor de nossa redenção; e como ali  
 435 naquela soledade se apurava mais o juízo, é certo que crescia mais a dor, e quanto se sobiam  
 os discursos, tanto mais se aumentavam os sentimentos; mas não sei qual sentia mais, se ver  
 tantos merecimentos que se haviam de malograr, se ver tantas almas que

---

<sup>436</sup> aumentavam] augmentavam A.

se haviam de perder? Se ver a desgraça, e condenação de tantas almas, se não ver o logro, e fruto de tantos merecimentos? O que sei é, que de não concorrerem os homens a beber o cális  
 440 de Cristo, se segue aquela fatal contradição de ser Cristo verdadeiramente Redentor de todo o mundo universo, e não ser Redentor de todo o mundo: sei mais que no comum sentido dos Santos Padres, esta contradição fatal, e esta consideração de que nem todos se haviam de salvar, sendo ele o Salvador de todos, esta foi a que causou em Cristo todas aquelas ânsias, todas aquelas tristezas, todas aquelas angústias, turbando-se a alma, afligindo-se o  
 445 entendimento, desfazendo-se o coração; e como que se para chorar tão grande dano não bastaram só dous olhos, diz S. Bernardo<sup>ww</sup> que todo o corpo de Cristo se rasgou em olhos para chorar: *Non solum oculis, sed quasi membris omnibus flevisse videtur.*<sup>xx</sup> e como que não bastara que tantos olhos chorassem rios de água, para sentir tanto mal choraram lágrimas de sangue: *Et factus est sudor ejus sicut guttæ sanguinis decurrentis in terram.*

450 Eia pois Católico auditório: *Recogitate eum, qui talem sustinuit a peccatoribus adversus semetipsum contradictionem*: consideremos aquele Senhor, que em tão justo requerimento padece tão injusta contradição. Oh! cheguemos almas Cristãs, e ajuntando a aquelas lágrimas de sangue o sangue do coração delido em lágrimas, aliviemos aquele Senhor no meio de suas penas com a pena, e com a dor de nossas culpas. Ó meu Deus, e meu Redentor, como é possível meu  
 455 Deus, que sendo vós o centro das alegrias, sejais agora a cifra das tristezas? Como é possível que vos veja eu caído por terra, quando me estais abrindo o Céu? Mas

---

<sup>ww</sup> Nota marginal: <D. Bern. ser 3 de Ramis>. Ref. a *Feria IV. Dominica Palmarum. Sermo Tertius. De quinque diebus, Processionis, refectionis, Passionis, Requiescentis, & Resurrectionis* (cf. BERNARDIS, S. *Opera Omnia*, v. I, 1690, col. 882).

<sup>xx</sup> “E não apenas os olhos, mas, por assim dizer, parece que todos os seus membros choraram (tradução nossa).

---

<sup>445</sup> dano] damno A.

como o vosso amor nos pôs convosco em igual balança, força era desse convosco por terra, para que nós da outra parte nos levantássemos ao Céu. Mas enquanto o Redentor do mundo está tão caído, e tão angustiado, vós ó Serafim supremo, ó celestial Paraninfo, no meio de tão mortais agonias, e de tão extremas aflições animai vós a esse Senhor a padecer, já que os  
460 homens o não sabem acompanhar; porém esse cális de amarguras não é necessário não que o ofereçais a esse Senhor: pronto está esse Senhor para levar esse cális; pelo que passe esse cális aos homens Espírito celestial; porque esta vem a ser toda a ânsia desse Senhor, que passe o cális aos homens. Oh que grande afronta nossa, Fiéis, que grande confusão! que devendo a  
465 Cristo a redenção de suas culpas os homens, e não os Anjos, que venham a sentir suas penas os Anjos, e não os homens! que os Anjos o venham a confortar, e que os homens lhe não hajam de assistir! Oh não seja assim Católico auditório, assistamos a aquele Senhor, ou já de obrigados, ou já de compadecidos, e pois ele para remédio de nossas culpas assim se oferece a todo o rigor de suas penas, acompanhemo-lo em suas penas para satisfação de nossas culpas; e  
470 para que com efeito emprendamos Senhor esta vossa assistência, e nossa satisfação, vós Senhor, que como entregando-vos ao castigo nos estais solicitando o perdão, vós meu Bom Jesus, meu Deus, e meu Redentor, vós Senhor nos concedei o perdão de nossos pecados, pelas angústias que sentistes, pelas tristezas que padecestes, e pelo sangue que suastes; perdoai-nos Senhor por vossa santíssima paixão, e por vossa santíssima misericórdia, para que alcancemos  
475 a graça, penhor da glória: *Quam mihi et vobis præstare dignetur, etc.*<sup>yy</sup>

---

<sup>yy</sup> Abreviação da fórmula de encerramento de sermões, *Quam mihi et vobis præstare dignetur Dominus Deus Omnipotens*. Tradução nossa: “A qual o Senhor Deus Onipotente se digne conceder a mim e a vós”.

---

<sup>470</sup> emprendamos] emprêdamos A.

## Sermão Undécimo, e segundo do Passo de Cristo na Coluna.

---

*Recogitate eum, qui talem sustinuit a peccatoribus adversus semetipsum contradictionem. S. Paul. ad Hebræos 12.*<sup>a</sup>

Depois de considerarmos a Cristo no Horto, segue-se agora que o vejamos atado; porém atado a ãa coluna, e padecendo o tormento dos açoutes, se é que cinco mil açoutes se pode chamar um só tormento.<sup>b</sup> Mas oh quão justo, e quão devido fora que enquanto no átrio de Pilatos se ouvem tão duros golpes, que se ouvissem de nossa parte, e lhe fizessem eco, ainda mais nossos suspiros, que nossos discursos! Contudo como a golpes de sentimento se pode também responder com ecos de discrição,<sup>c</sup> bem se nos poderá permitir que hajamos hoje de discorrer, principalmente, porque também hoje nos manda S. Paulo considerar: *Recogitate eum, etc.* ||<sup>d</sup> Agora para ver-

---

<sup>a</sup> Vulgata Latina (1605), doravante **VL**, Epistula ad Hebræos, c. 12, v. 3: *Recogitate enim eum, qui talem sustinuit a peccatoribus adversum semetipsum contradictionem: vt ne fatigemini, animis vestris deficientes. Bíblia Sagrada – Edições Paulinas (1986), doravante **BSP**: Considerai, pois, aquele que sofreu tal contradição dos pecadores contra si, e não vos deixareis cair no desânimo.*

<sup>b</sup> No *Ecce Homo*, deste pregador, também há menção aos cinco mil açoutes, dentre outros sofrimentos físicos e emocionais de Cristo, que lhe foram impingidos na trajetória do Pretório até o Calvário. Ao que consta, esses números têm origem em uma cartilha de devoção à Via Sacra, da época das Cruzadas, que a tradição incorporou à 14ª estação (momento em que os discípulos vão embalsamar o corpo de Jesus e passam a contar os tormentos que ele sofreu), e a literatura posterior reproduziu com variações. Disso dão mostras os escritos atribuídos a São Vicente Ferrer, São Boaventura, Santa Gertrudes, Santa Brigite, Juan Aquilano, Orozco e Rodulfo, Padre Salmeron, e outros (cf. SANTIAGO, 1790, p. 235; ANÔNIMO, 1858, p. 387-389).

<sup>c</sup> Mesmo que discernimento, agudeza (cf. Léxico. In: VIEIRA, 2010, p. 635).

<sup>d</sup> Mudança de parágrafo marcada atipicamente, cf. normas desta edição.

---

<sup>4</sup> coluna] column A, *passim*.

mos esta contradição que envolve o mistério de um Deus açoutado a uma coluna, digo que os Evangelistas a entenderam bem, e a deram assaz a entender no modo com que referiram este mistério; porque o referiram tão sucintamente, que parece que tendo a pena horror ao que havia de escrever, não somente o não chegou a explicar, mas apenas o pôde referir. S. Lucas, sendo tão miúdo em todas as circunstâncias da paixão, totalmente passou em silêncio este tormento dos açoutes. S. João como se não atinara com os executores deste tormento, disse que Pilatos açoutara a Cristo: *Apprehendit Pilatus Jesum, et flagellavit.*<sup>e</sup> S. Mateus não disse que o açoutaram, senão que Pilatos o entregara açoutado: *Jesum flagellatum tradidit eis:*<sup>f</sup> nestes termos o disse também S. Marcos: *Et tradidit Jesum flagellis cæsum:*<sup>g</sup> de maneira que nenhum dos Evangelistas descreveu expressamente este mistério dos açoutes, porque ou o calaram, ou o supuseram: pois que podemos nós conjecturar deste estilo dos Evangelistas, senão que consideraram quanto contradiz à razão ser Deus, e ser açoutado? e que por isto suspenderam a pena, porque os suspendeu a admiração? Suposta pois esta brevidade com que os Evangelistas escreveram este mistério, para nós o considerarmos com menos brevidade, me pareceu ponderar as principais profecias que se acham na sagrada Escritura sobre este tormento de Cristo, e desta sorte discorrendo por cada ãa das profecias, daremos na nossa verdadeira contradição.

E começando pela primeira profecia, diz assim: *Congregata sunt super me flagella, et ignoravi.*<sup>h</sup> São palavras de Cristo nos Salmos de Davi, e querem dizer: Estavam repetindo-se, e multiplicando-se sobre mim os açoutes, porém eu o não sabia: *Et*

---

<sup>e</sup> **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 19, v. 1: *Tunc ergo apprehendit Pilatus Iesum, et flagellavit.* **BSP**: *Pilatos tomou então Jesus e mandou-o flagelar.*

<sup>f</sup> **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 27, v. 26: *Tunc dimisit illis Barabbam: Iesum autem flagellatum tradidit eis vt crucifigeretur.* **BSP**: *Então soltou-lhes Barrabás; e, depois de fazer flagelar Jesus, entregou-lho para ser crucificado.*

<sup>g</sup> **VL**, Evangelium secundum Marcum, c. 15, v. 15: *Pilatus autem volens populo satisfacere, dimisit illis Barabbam, et tradidit Iesum flagellis cæsum, vt crucifigeretur.* **BSP**: *Então Pilatos, querendo satisfazer o povo, soltou-lhes Barrabás. Depois de fazer açoitar Jesus, entregou-o para ser crucificado.*

<sup>h</sup> Nota marginal: <Ps. 34. 15>. **VL**, Liber Psalmorum, c. 34, v. 15: *Et aduersum me lætati sunt, et conuenerunt: congregata sunt super me flagella, et ignoravi.* **BSP**: *Alegaram-se e juntaram-se contra mim; / amontoaram-se sobre mim desgraças, sem que eu soubesse.*

---

<sup>29</sup> Davi] David A, *passim*.

*ignoravi*. Não sabia? como? Despem afrontosamente a um Deus, atam-no rigorosamente a ãa coluna, começam desapoderadamente revezados os sacrílegos ministros a imprimir naquele corpo sacratíssimo não menos que cinco mil açoutes, e contudo não o sabia Cristo: *Et ignoravi?* Descarrega sobre aquele delicado corpo cruenta tempestade de açoutes, correm  
 35 daquele corpo despedaçado roxos<sup>i</sup> dilúvios de sangue, e tinta em púrpura a neve, banhados de rubi os alabastros, não há vea naquele corpo que não arrebe em sangue, nem sangue que não arrebe das veas, não há parte naquele corpo que não seja ãa chaga, e as feridas se embarçam de tal sorte, que já todo aquele corpo parece ãa só ferida: *A planta pedis usque ad verticem non est in eo sanitas;*<sup>j</sup> e contudo não o sabia Cristo: *Et ignoravi?* Rasgam-se as veas,  
 40 rompem-se as artérias, cai a carne em postas, corre o sangue em mares, e de tal maneira se entram os açoutes por todo aquele corpo sagrado, que se abre todo o corpo a açoutes: *Dinumeraverunt omnia ossa mea;*<sup>k</sup> e contudo não o sabia Cristo: *Et ignoravi?* Esta parece que deve ser a contradição que Cristo padeceu no tormento dos açoutes; porque padecer açoutes sem o saber, é padecer, e não sentir: pois como se compadece<sup>l</sup> não sentir, e padecer?  
 45 não está claro que se contradizem estes termos? não está claro que contradiz esta ignorância assim a sensibilidade dos açoutes, como a mesma sabedoria de Cristo? Claro está: mas por isso venho a resolver que Cristo não padeceu esta contradição; porque Cristo não teve, nem podia ter tal ignorância: pois logo como afirma o mesmo Cristo, *Et ignoravi?* Darei duas explicações a esta profecia, e com elas desfarei toda esta contradição. ||<sup>m</sup> Primeiramente di-

<sup>i</sup> Do lat. *russĕus, a, um* ‘vermelho escuro’ (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>j</sup> Nota marginal: <Esai. 1. 6.>. **VL**, Liber Isaiaĕ, c. 1, v. 6: *A planta pedis vsque ad verticem, non est in eo sanitas: vulnus, et liuor, et plaga tumens, non est circumligata, nec curata medicamine, neque fota oleo. BSP: Desde a planta do pé até ao alto da cabeça, não há nele nada são; tudo é uma ferida, uma contusão, uma chaga entumescida, que não está ligada, nem se lhe aplicou remédio para a sua cura, nem foi suavizada com óleo.*

<sup>k</sup> **VL**, Liber Psalmorum, c. 21, v. 18: *dinumerauerunt omnia ossa mea. Ipsi vero considerauerunt et inspexerunt me. BSP: Contaram todos os meus ossos. / E eles mesmos me estiveram considerando e olhando.*

<sup>l</sup> Mesmo que ser compatível, harmonizar-se (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>m</sup> Mudança de parágrafo marcada atipicamente, cf. normas desta edição.

<sup>40</sup> cai] cahe A, *passim*.

50 go, que dizer Cristo que ignorava que o açoitaram, não é porque realmente o ignorasse, senão porque há pecados no mundo tão exorbitantes, que parecem incríveis; tão opostos à mesma razão, que cabendo na malícia dos homens, parece que não cabem no conhecimento de Deus. É bem achado o lugar. Quando no monte Olivete vieram a prender a Cristo, perguntou Cristo a Judas, a que vinha: *Amice, ad quid venisti?*<sup>n</sup> e à mais turba perguntou, a quem buscavam: 55 *Quem quæritis?*<sup>o</sup> E não sabia Cristo que Judas o vinha a entregar? não sabia que os Fariseus o vinham a prender? Assim o advertiu o mesmo Evangelista: *Sciens omnia quæ ventura erant super eum, processit, et dixit, quem quæritis?*<sup>p</sup> Pois se Cristo sabia, como perguntava? e se o perguntava, como diz o Evangelista que o sabia? Perguntava-o, disse Ruperto;<sup>q</sup> porque há culpas no mundo, que cabendo no atrevimento humano, parece que não cabem no 60 conhecimento divino: perguntava-o, não porque da parte de seu conhecimento faltasse luz para o ter alcançado, mas porque da parte do objeto havia implicância para ser crido; porque o chegarem aqueles homens a prender a Cristo, foi um arrojamento dos homens tanto contra as leis da justiça, tanto contra os ditames da razão, que conhecendo-o Cristo mui bem, *Sciens omnia, quæ ventura erant super eum*, contudo o mesmo Cristo o não acabava de entender, 65 porque se não acabava de persuadir: *Quem quæritis, inquit, quia revera talem persecutionis modum lux refugit, veritas nescit, salus ignorat.*<sup>r</sup>

Mas se o entedimento de Cristo se achou como duvidoso na injustiça da prisão, com quanto maior causa estaria como perplexo no tormento da coluna? Dizia Davi que nem os males podem chegar a Deus, nem os açoites

---

<sup>n</sup> Nota marginal: <Luc 40. 50.>. **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 26, v. 50: *Dixitque illi Iesus: Amice, ad quid venisti? Tunc accesserunt, et manus iniecerunt in Iesum, et tenuerunt eum. BSP: Jesus disse-lhe: Amigo, a que vieste! Então avançaram, lançaram mão de Jesus, e prenderam-no.*

<sup>o</sup> **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 18, v. 4: *Iesus itaque sciens omnia, quæ ventura erant super eum, processit, et dicit eis: Quem quæritis? BSP: Jesus, que sabia tudo o que estava para lhe acontecer, adiantou-se, e disse-lhes: A quem buscais?*

<sup>p</sup> Nota marginal: <Ioan 18. 4>. *Loc. cit.*

<sup>q</sup> Nota marginal: <Rupert. in 18. Ioan. l. 13.>. Ref. a *Comentariorum in Evangelium Ioannis, libri XIII, do abade Ruperto* (cf. RUPERTI, *Liber XIII*, p. CCCXXXIII, 1526).

<sup>r</sup> “Ele diz: A quem buscais? pois que, em verdade, a uma tal sorte de perseguição a luz escapa, a verdade desconhece, a salvação ignora” (tradução nossa).

---

<sup>61</sup> objeto] objecto A.

<sup>63</sup> ditames] dictames A.

70 podem chegar ao seu trono: *Non accedet ad te malum, et flagellum non appropinquabit tabernaculo tuo.*<sup>s</sup> E que trono de Deus é este a quem os açoutes não podem chegar? Responde Santo Agostinho, que é a humanidade santíssima de Cristo:<sup>t</sup> *Tabernaculum Dei caro est, in carne habitat Verbum:*<sup>u</sup> de maneira que assim como os males não podem chegar a Deus, assim na mesma proporção os açoutes não deviam chegar a Cristo donde se segue,

75 que assim como implica à mesma razão que a Deus cheguem os males, assim não devia caber em nenhum entendimento que a Cristo chegassem açoutes: que muito<sup>v</sup> é logo que não coubessem eles no entendimento de Cristo? Entre os assombros que viu S. João no seu Apocalipse, diz que mortificados os raios, e abatidos os resplandores, estava açoutada a terceira parte do Sol: *Et percussa est tertia pars Solis.*<sup>w</sup> Com razão o refere o

80 Evangelista por assombro; porque aparecer açoutada a terceira parte do Sol, não é um horror sanguinolento? não é ãa resplandecente monstrosidade? Mas se foi assombro que aparecesse açoutado o Sol material; quanto maior assombro será o ser açoutado o Sol de Justiça? Se foi pasmo que se açoutasse o Sol, ainda só a terceira parte; quanto maior pasmo será que se açoutasse inteiramente o Sol? Que Deus em ãa coluna guiasse ao povo

85 Hebreu pelo mar Vermelho, e que agora o mesmo povo soçobre em outra coluna ao mesmo Deus em um mar de sangue? Neste mar se entrava Cristo com a consideração, e flutuando o mesmo juízo, quase se soçobrava em tão tempestuoso mar: *Tempestas demersit me:*<sup>x</sup> não tomava aqui pé o entendimento de Cristo, e quase que naufragava: desgovernava ali todo o discurso, e parece que se perdia, não porque Cristo

---

<sup>s</sup> Nota marginal: <Ps. 60 10> (o nº 9 está virado). **VL**, Liber Psalmorum, c. 90, v. 10: *Non accedet ad te malum: et flagellum non appropinquabit tabernaculo tuo.* **BSP**: *O mal não virá sobre ti, / e o flagelo não se aproximará da tua tenda.*

<sup>t</sup> Nota marginal: <August. tom 4 q. 17.>. Ref. a *Enarratio in Psalmum XC*, de S. Agostinho, (cf. AUGUSTINI, *Opera Omnia*, t. 4, in: MIGNE, P.L., 1865, v. 37, col. 1163).

<sup>u</sup> “O tabernáculo de Deus é carne, em carne habita o Verbo” (tradução nossa).

<sup>v</sup> A expressão “que muito”, frequente também nos sermões de Vieira, equivale a “que há de estranho”, “que admiração” (cf. *Léxicon*. In: VIEIRA, 2010, p. 643).

<sup>w</sup> Nota marginal: <Apoc 8. 12.>. **VL**, Apocalypsis Ioannes, c. 8, v. 12: *Et quartus Angelus tuba cecinit: et percussa est tertia pars solis, et tertia pars lunæ, et tertia pars stellarum, ita vt obscuraretur tertia pars eorum, et diei non luceret pars tertia, et noctis similiter.* **BSP**: *O quarto anjo tocou a trombeta; foi ferida a terça parte do sol, a terça parte da lua e a terça parte das estrelas, de maneira que se obscureceu a sua terça parte e o dia perdeu a terça parte do seu brilho, assim como também a noite.*

<sup>x</sup> Nota marginal: <Ps. 68 4.>. **VL**, Liber Psalmorum, c. 68, v. 3: *Infixus sum in limum profundi: et non est substantia. Veni in altitudinem maris: et tempestas demersit me.* **BSP**: *Estou atolado num lodo profundo, e não há nele consistência. / Cheguei ao alto mar, e a tempestade me submergiu.*

---

<sup>87</sup> flutuando] fluctuando A.

90 o deixasse de entender, mas porque se não acabava de persuadir, *et ignoravi*. Tudo é conforme à exposição que deu a estas palavras Teofilato: *Tam insolens fuit hostium flagitium, ut cujus vis cordati hominis excedat cogitationem.*<sup>y</sup>

A outra exposição destas mesmas palavras é, que o dizer Cristo que ignorava o tormento dos açoites, não foi porque rigorosamente o ignorasse, senão porque nele se portou  
 95 com tanto silêncio, como que se realmente o não sentisse: assim o considerou Eutímio: *Sic patitur mansuetus, et in tantum silet dum percutitur, ut ignorare verbera videatur:*<sup>z</sup> e na verdade como podia Cristo na ordem natural ter perfeito conhecimento do que passava, sem dar demonstração do que sentia? Qual será o bronze, que tocado não rompa em vozes? Qual será o penhasco, que ferido não responda em ecos? Que Céu despedaçado do raio não fez  
 100 estrondos? Que ar açoutado dos ventos não formou ruídos? Pois se assim se queixa o insensível, como se não queixará o racional? se se queixa o insensível, que não só não conhece a causa, mas ainda não sente a dor: como se não queixará o racional, que não só sente a dor, mas também pondera a causa? Se brama o Céu, se geme o ar, se se lamenta até um bronze, se se queixa até um penhasco: como padece Cristo um tormento tão sensível, e tão  
 105 afrontoso, como padece à coluna cinco mil açoites, sem que um tormento tão sensível lhe arranque do peito nem uma só queixa, nem um só ai, nem um só suspiro? Aqueles mesmos açoites, e aquelas mesmas varas gemendo como de compassivas, sentiam com latidos os golpes que davam: aquelas mesmas paredes, aquelas mesmas abóbedas retumbando como de magoadas, lamentavam com ecos os açoites que ouviam: e que

---

<sup>y</sup> Nota marginal: <Theoph. Epist. 41. Bibliot. Patr.>. “Tão inaudito foi o crime dos inimigos, que ultrapassa a compreensão de qualquer homem que seja cordato” (tradução nossa).

<sup>z</sup> Nota marginal: <Euthim in Ps. 34>. “A mansidão suporta de tal modo, e emudece enquanto é golpeada, que [mais] parece ignorar as pancadas” (tradução nossa).

110 sendo Cristo o atormentado, se não ouvisse ali nem ãa só queixa de Cristo? As mesmas  
 chagas em um corpo ferido disse S. Pedro Crisólogo<sup>aa</sup> que eram bocas: *Ut tot essent pauperis*  
*ora, quot vulnera:*<sup>bb</sup> e no corpo de Cristo disse Ruperto que eram línguas: *Quot in Christi*  
*corpore plagæ, tot linguæ:*<sup>cc</sup> e que com tantas línguas, e tantas bocas padecesse Cristo aquele  
 115 tormento com tanto silêncio, e tanta suspensão? Pois se em um tormento tão rigoroso assim  
 reprime as queixas como se o não sentira: *Ego autem sicut mutus non aperiens os suum:*<sup>dd</sup> que  
 muito é que diga Cristo, que assim o padece, como se o não soubera, *et ignoravi?*

Oh com quanto maior razão se admirariam os Discípulos de Cristo neste tormento  
 dos açoutes, do que lá se admiraram naquela sua tormenta! Enfureceu-se o mar, batiam as  
 ondas a barca, bradavam os Discípulos ao Céu, e quando eles se estavam queixando, diz o  
 120 Evangelista que estava Cristo dormindo: *Ipse vero dormiebat:*<sup>ee</sup> chegam então admirados  
 os Discípulos a Cristo, e dizem assim: *Magister, non ad te pertinet quia perimus?*<sup>ff</sup> É  
 possível, Senhor, que vós dormindo a estas horas? Em ãa tormenta desfeita, em um  
 perigo do mar assim estais insensível a suas ondas, e assim desatento a nossas queixas?  
 Vós assim dormindo, como se este perigo vos não tocara a vós: *Non ad te pertinet?*  
 125 Porém se os Discípulos se admiraram de ver desacordado a Cristo em um mar de águas,  
 que seria de o ver desentendido em um mar de sangue? Se se admiraram de o ver sem  
 sentidos em ãa tormenta do mar, quanto mais se admirariam de o ver como insensível em  
 um tormento de açoutes? Se se admiraram de ver que não atendia a suas queixas em uma  
 barca açoutada das ondas, quanto mais se admirariam de ver, que sendo

<sup>aa</sup> Nota marginal: <Ch[r]is. Ser. 1[2]1>. Ref. a *Sermones in evangelia de dominicis et festis aliquot solemnioribus totius anni, insignes et pervetusti* (cf. CHRYSOLOGO, Sermo CXXI, 1627).

<sup>bb</sup> “Para que tantas fossem as bocas do pobre, quantas as suas chagas” (tradução nossa).

<sup>cc</sup> Nota marginal: <Rupert tom. 1 de vict. v [CIC] 28>. “Quantas [são as] feridas no corpo de Cristo, tantas [são as] línguas” (tradução nossa).

<sup>dd</sup> Nota marginal: <Ps. 37 14>. **VL**, Liber Psalmorum, c. 37, v. 14: *Ego autem tamquam surdus non audiebam: et sicut mutus non aperiens os suum. BSP: Mas eu, como um surdo, não ouvia; / e, como um mudo, não abria a boca.*

<sup>ee</sup> Nota marginal: <Matth. 8 14>. **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 8, v. 24: *et ecce motus magnus factus est in mari, ita vt nauicula operiretur fluctibus, ipse vero dormiebat. BSP: Eis que se levantou no mar uma grande tempestade, de modo que as ondas alagavam a barca. Ele dormia.*

<sup>ff</sup> **VL**, Evangelium secundum Marcum, c. 4, v. 38: *Et erat ipse in puppi super ceruical dormiens: et excitant eum, et dicunt illi: Magister, non ad te pertinet, quia perimus? BSP: Jesus estava dormindo na popa, sobre um travesseiro; então eles acordaram-no e disseram-lhe: Mestre, não se te dá que pereçamos?*

130 ele mesmo o açoutado, não formava nem uma só queixa? Se se admiraram enfim de ver a  
 Cristo sem acordo,<sup>eg</sup> como se lhe não tocara o perigo: *Ipsse vero dormiebat*: quanto mais se  
 admirariam agora de ver a Cristo sem demonstração, e como sem conhecimento de que lhe  
 tocavam os açoutes? *Et ignoravi*. Porém posto que o mesmo Cristo significasse esta falta de  
 demonstração com nome de ignorância, a verdade é que o não queixar-se Cristo do tormento  
 135 dos açoutes, não foi falta de notícia, senão sobra de paciência; antes acrescento, que não só foi  
 sofrimento de dores, senão ambição de penas; porque, que outra cousa foi o não se queixar de  
 tanto padecer, senão não querer o desafogo de se queixar? Considerou Cristo que padecia  
 aqueles açoutes pelos homens, e como avarento das dores que padecia, fazendo brio do  
 sentimento, não quis fiar dos ares as suas dores: dores padecidas por tão amorosa causa não  
 140 quis Cristo que lhe saíssem do peito, nem em queixas, nem em suspiros, porque amando aos  
 homens por quem padecia aquelas dores, quis amar até as mesmas dores que padecia pelos  
 homens; com que veio Cristo a soportar com tanto silêncio os açoutes que padecia, que  
 pareceu que os ignorava, não porque realmente os não conhecesse, e os não sentisse, senão  
 porque padeceu os açoutes estando tão imóvel, como se os não sentira, e parecendo tão  
 145 insensível, como que se os não conhecera: *Congregata sunt super me flagella, et ignoravi*.

A segunda profecia que se acha sobre este mistério, são também ãas palavras de Cristo, nas  
 quais se queixa que esta dor, e este tormento dos açoutes o traz sempre diante dos olhos: *Quoniam  
 ego in flagella paratus sum, et dolor meus in conspectu meo semper*.<sup>hh</sup> Nesta profecia se

---

<sup>eg</sup> Mesmo que consciência (HOUAISS, 2002).

<sup>hh</sup> **VL**, Liber Psalmorum, c. 37, v. 18: *Quoniam ego in flagella paratus sum: et dolor meus in conspectu meo semper*. **BSP**: *Pois estou preparado para o castigo, / minha dor está sempre diante de mim*.

representa ãa contradição bem manifesta; porque se Cristo diz que quando padeceu os  
 150 açoutes, os estava ignorando, *Et ignoravi*: como diz que sempre os está vendo: *Et dolor meus  
 in conspectu meo semper?* Porém como já explicamos os termos em que se há de entender  
 esta ignorância, busquemos nestas mesmas palavras outra contradição: *Et dolor meus in  
 conspectu meo semper*. Diz que a dor dos açoutes sempre a tem diante dos olhos: mas como é  
 possível que dure tanto esta dor? A dor que Cristo padeceu nos açoutes, como a padeceu há  
 155 tantos séculos, bem visto está que é ãa dor já passada: e que cousa é ter sempre esta dor diante  
 dos olhos? É ter sempre presente a mesma dor: pois como pode ser dor presente, e dor  
 passada? Não repugnaram<sup>ii</sup> tanto estes termos, se Cristo falara das chagas que recebeu na  
 Cruz, porque ainda depois de glorioso conserva atualmente as cinco chagas; porém as chagas  
 da coluna, é certo que as não conserva: pois se não conserva as chagas, como conserva a dor:  
 160 *Et dolor meus in conspectu meo semper?*

Com isto se representar assim: respondo, que esta profecia não contradiz a  
 verdade, nem há contradição nos termos dela; porque ainda que Cristo de presente não  
 padeça a dor dos açoutes na realidade, ainda mal porque a padece na representação; e  
 senão, pergunto como padeceu Cristo o tormento dos açoutes? Como o havia de padecer?  
 165 Repetindo, multiplicando aqueles bárbaros ministros uns açoutes sobre outros açoutes,  
 ãas feridas sobre outras feridas, uns golpes sobre outros golpes, ãas chagas sobre outras  
 chagas, com que veio aquele sacratíssimo corpo a padecer por nosso amor não menos que  
 cinco mil açoutes. Eis aqui o modo com que foi açoutado; mas de que

---

<sup>ii</sup> Neste contexto, <repugnaram> equivale a “se oporiam” (cf. MORAES SILVA, 1831, v. 2, p. 627).

---

<sup>158</sup> atualmente] actualmente (e formas cognatas) *A*, *passim*.

170 modo o vemos todos os dias ofendido? Não vemos que se ofende a Deus todos os dias acrescentando-se culpas sobre culpas, ofensas sobre ofensas, pecados sobre pecados? E não é isto ãa representação contínua, ou ãa perpétua renovação dos açoutes que Cristo padeceu? Pois por isso eu digo que ainda hoje persevera a dor dos açoutes por representação; e por isso se queixa Cristo que ainda hoje padece, ou se lhe representa a mesma dor: *Et dolor meus in conspectu meo semper*.

175 Mas oh com quanta razão se queixa Cristo! E para que vejamos esta razão, ponderemos a sua queixa: *Et dolor meus in conspectu meo semper*. Só a esta dor dos açoutes chama Cristo a sua dor: *dolor meus*; e as outras dores da paixão não foram também dores de Cristo? Sim foram; mas como a dor que Cristo mais sente, é a repetição de nossas culpas, por isso só chama sua dor a renovação de suas chagas: *dolor meus*: mas se as chagas  
 180 foram muitas, como causaram ãa só dor: *dolor meus*? Aí se verá o quão justa, e quão fundada é a queixa de Cristo: que não baste ao atrevimento dos homens serem as suas culpas tão repetidas, senão que nem ao menos sejam interpoladas? que tão contínuas sejam as culpas dos homens, que pareçam por contínuas ãa só culpa? que causando tantas dores a Cristo, pareçam por continuadas ãa só dor: *dolor meus*? Oh com quanta razão se queixa  
 185 Cristo! *Et dolor meus in conspectu meo semper*. Mas oh que cegos, e que mal advertidos andamos em renovarmos os açoutes de Cristo, e em repetirmos as ofensas de Deus! Os pecados, Fiéis, são enfermidades da alma, e assim como nas enfermidades são mui perigosas as recaídas, assim nas culpas são muito arriscadas as reincidências: as nossas

190 culpas são feridas, são golpes com que apuramos o sofrimento de Deus: e que de ùa ferida  
esperemos seu sofrimento, bem está; mas que pode esperar quem persiste em renovar-lhe as  
feridas?

Queixava-se Cristo para com seu Eterno Padre deste tormento da coluna, e queixava-se  
de que os homens lhe haviam dado feridas sobre feridas: *Super dolorem vulnerum meorum  
addiderunt*:<sup>jj</sup> não se queixa das feridas que lhe deram, queixa-se de lhe renovarem as feridas:  
195 *addiderunt*: estas feridas renovadas que Cristo cá estava padecendo, pede a seu Eterno Padre  
que ele as fosse lá contando, não só por feridas sobre feridas, senão também por ofensas sobre  
ofensas: *Appone iniquitatem super iniquitatem eorum*:<sup>kk</sup> e aqui acrescenta logo o mesmo  
Cristo, e pede a seu Eterno Padre que os autores daquele tormento fossem riscados do livro da  
vida: *Et deleantur de libro vitæ*.<sup>ll</sup> Formidável consequência! de sorte que o mesmo é nos  
200 homens cometer culpas sobre culpas, que acrescentar em Deus feridas sobre feridas: *Super  
dolorem vulnerum meorum addiderunt: Appone iniquitatem super iniquitatem eorum*: mas se o  
mesmo é repetir as ofensas, que renovar as feridas, o mesmo é renovar-lhe a Deus as feridas, e  
repetir-lhe as ofensas, que merecer a eterna condenação: *Et deleantur de libro vitæ*. Formidável  
consequência outra vez! Notem que pede Cristo a seu Eterno Padre que os que cometem culpas  
205 sobre culpas, sejam riscados do livro da vida, que val o mesmo que do livro da predestinação:  
pois como pode isto ser? Se estes homens hão de ser riscados do livro da predestinação, segue-se  
que já estavam assentados nesse livro: pois se já estavam assentados nele, como hão de ser  
riscados? Os que estão assentados no livro da predestinação, são os predestina-

---

<sup>jj</sup> Nota marginal: <Ps. 68. 27>. **VL**, Liber Psalmorum, c. 68, v. 27: *Quoniam quem tu percussisti, persecuti sunt: et super dolorem vulnerum meorum addiderunt*. **BSP**: *Portanto perseguiram aquele que tu feriste, / e agravaram a dor das minhas chagas*.

<sup>kk</sup> Nota marginal: <Ps. 68. 38>. **VL**, *ibidem*, c. 68, v. 28: *Appone iniquitatem super iniquitatem eorum: et non intrent in iustitiam tuam*. **BSP**: *Permite que juntem maldade sobre maldade, / e não cheguem a entrar nos caminhos da tua justiça*.

<sup>ll</sup> **VL**, *ibidem*, c. 68, v. 29: *Deleantur de Libro viuentium: et cum iustis non scribantur*. **BSP**: *Sejam riscados do livro dos viventes, / e não sejam inscritos com os justos*.

dos, são os escolhidos de Deus: pois se são os predestinados, como se hão de perder? se são os  
 210 escolhidos, como se hão de condenar? Oh que matéria para nosso horror! Oh que  
 encarecimento para nossa confusão! É o mal da repetição das culpas tão arriscado, é tão  
 perigoso mal, que, *si dicere fas est*,<sup>mm</sup> se por impossível houvera predestinados, que sem  
 emenda de suas vidas fossem sempre repetindo as mesmas culpas, não obstante o divino  
 decreto; porque neste caso não seria absoluto; essa predestinação se havia [[de]] revogar, e até  
 215 esses predestinados se haviam de perder: *Appone iniquitatem super iniquitatem eorum, et  
 deleantur de libro vitæ*.

Cristãos, não nos enganemos com a misericórdia de Deus: Deus por sua infinita  
 misericórdia espera-nos um dia, e outro dia, espera-nos um ano, e outro ano, e parece que  
 tomamos ocasião de sua misericórdia para alentarmos a nossa malícia; não nos enganemos  
 220 Cristãos, porque porventura que para justificação de sua justiça disponha Deus as esperas de  
 sua misericórdia: quanto mais, que esta repetição de nossas culpas já não parece tanto  
 confiança de sua misericórdia, quanto porfia de nossa temeridade: Deus a esperar-nos um ano,  
 e outro ano, e nós a ofender a Deus todos os dias? não é isto porfiar com Deus? pois com  
 Deus queremos porfiar? Assim como Hércules escreveu em duas colunas o *non plus ultra*<sup>nn</sup> de  
 225 seus trabalhos, e assim como Sansão pôs em duas colunas o remate de suas valentias,<sup>oo</sup> assim  
 o nosso Hércules divino, assim o nosso Sansão Nazareno pudera com seu próprio sangue  
 escrever em ãa só coluna o remate, e o *non plus ultra* de suas finezas; e assim pudéramos nós  
 também fixar na mesma coluna o *non plus ultra*, e o termo de nossas culpas; mas pare-

---

<sup>mm</sup> “Se é lícito dizer” (tradução nossa).

<sup>nn</sup> “Não [há nada] mais além” (tradução nossa). Expressão que equivale a ‘apogeu’. Referência ao mito de que Hércules teria formado o Estreito de Gibraltar, ao abrir caminho entre o Mediterrâneo e o Atlântico, com a força de seus ombros.

<sup>oo</sup> Segundo narra o capítulo 15 do Livro dos Juízes, Sansão morreu ao se vingar dos seus maiores inimigos, derrubando as duas colunas centrais do templo de Dagon, para que o edifício desabasse sobre eles.

ce que porfiamos com Cristo, porque assim como Cristo depois da coluna passou avante em  
 230 seus tormentos, e *plus ultra*<sup>pp</sup> por nossas culpas; assim queremos passar avante, e *plus ultra*  
 com suas ofensas. Oh não seja assim Fiéis, que não é razão que porfiemos nós em multiplicar  
 as ofensas contra quem porfia em prosseguir as finezas; e para que vejamos a grosseria desta  
 nossa sem-razão, reparemos que o multiplicarmos contra Deus as culpas, é renovar-lhe a  
 Cristo as feridas; e reparemos mais, que estas feridas renovadas são ãa dor, que anda muito  
 235 nos olhos de Cristo: *Et dolor meus, etc.*

A terceira profecia que acham os Expositores sobre este mistério da coluna, são  
 aquelas palavras do mesmo Cristo: *Supra dorsum meum fabricaverunt peccatores*:<sup>qq</sup> e nesta  
 profecia parece que está bem manifesta a contradição; porque em toda a Arquitetura cuidava  
 eu que não podia haver termos mais opostos, que destruir, e fabricar; e se bem repararmos na  
 240 crueldade daqueles bárbaros executores deste tormento de Cristo, acharemos que segundo a  
 sua porfia, era toda a sua tenção destruir a golpes todo o sagrado edifício daquele inefável  
 composto: pois se o estavam abrindo a açoutes, se o estavam arruinando, se o estavam  
 desfazendo, se o estavam destruindo, como diz o mesmo Cristo que estavam fabricando:  
*Supra dorsum meum fabricaverunt?* Respondo, que ainda que estes termos sejam contrários  
 245 nas leis da Arquitetura, são contudo muito vulgares nos estilos da impiedade: nas leis da  
 Arquitetura é verdade que são termos opostos destruir, e levantar; mas nas leis da impiedade,  
 fazer, e destruir, tudo vem a ser o mesmo: porque os homens ímpios, e perversos quanto  
 intentam fazer para si, tudo é para se destruir, e quando che-

---

<sup>pp</sup> “mais além” (tradução nossa).

<sup>qq</sup> Nota marginal: <Ps. 128. 3>. **VL**, Liber Psalmorum, c. 128, v. 3: *Supra dorsum meum fabricaverunt peccatores: prolongaverunt iniquitatem suam. BSP: Sobre o meu dorso trabalharam os pecadores; / prolongaram a sua iniquidade.*

---

<sup>238</sup> Arquitetura] Architectura A, *passim*.

gam a destruir aos outros, para eles só isso é o fazer. Isto é o que lá sucedeu àquele famoso  
 250 Avarento, que não sabendo o que havia de fazer de quanta riqueza possuía, disse assim: *Scio quid faciam: destruam horrea mea*.<sup>tr</sup> Já sei, diz ele, já sei o que hei de fazer da minha fazenda, hei de desfazer, e hei de destruir os meus celeiros: pois isto é fazer? destruir? Sim; que há gênios de homens que o seu destruir, esse só é o seu fazer: *Scio quid faciam: destruam horrea mea*.

255 Eis aqui a errada Arquitetura da perversa condição dos homens; porém Deus, que dos mesmos erros da nossa malícia queria tirar os acertos do nosso remédio, dispôs altamente neste tormento de Cristo, já que nos homens o seu fazer era destruir, que aqui o seu destruir fosse fabricar. E se eu me não engano, entendo que procederam aqui as disposições muito  
 260 ajustadas com as regras da Arquitetura; e senão, pergunto: quem houvesse de fazer, ou de levantar umas portas em algum edifício por todas as partes fechado, não lhe seria forçoso romper as paredes para fabricar as portas? Logo praticado é na Arquitetura fazer rompendo, e fabricar destruindo. Pois isso é o que dispôs a piedade de Deus neste tormento de Cristo: era Cristo um suntuoso edifício da divina misericórdia, porque era o templo de Deus: *Loquebatur de templo corporis sui*:<sup>ss</sup> era Cristo um magnífico palácio do divino amor, porque era a morada  
 265 do Espírito Santo: *In ipso inhabitat plenitudo divinitatis*;<sup>tt</sup> porém como Deus não admitia aos pecadores, nem naquele palácio havia portas, nem naquele templo havia entradas: pois que traça para fabricar portas no palácio do amor? que remédio para fazer entradas no templo da misericórdia? Que traça, senão romper as paredes para fabricar as por-

---

<sup>tr</sup> **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 12, v. 18: *Et dixit: Hoc faciam: Destruam horrea mea, et maiora faciam: et illuc congregabo omnia quæ nata sunt mihi, et bona mea*. **BSP**: *E disse: Farei isto: Demolirei os meus celeiros, fá-los-ei maiores, e neles recolherei todas as minhas novidades e os meus bens*.

<sup>ss</sup> Nota marginal: <Ioan. 2 21.>. **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 2, v. 21: *Ille autem dicebat de templo corporis sui*. **BSP**: *Ora ele falava do templo de seu corpo*.

<sup>tt</sup> Nota marginal: <Coloss. 9>. **VL**, Epistula ad Colossenses, c. 2, v. 9: *quia in ipso inhabitat omnis plenitudo diuinitatis corporaliter*. **BSP**: *Porque nele habita, corporalmente, toda a plenitude da divindade*.

tas? Que remédio, senão destruir o edifício para franquear as entradas? Isso é o que fizeram os golpes naquele sagrado edifício; parece que rompiam chagas, e faziam portas; parece que faziam feridas, e fabricavam entradas. Diga-se logo que aquele destruir, foi fazer, e diga-se que aquele romper, foi fabricar: *Supra dorsum meum fabricaverunt peccatores.*

Oh quanto devemos, Católico auditório, quanto devemos a Cristo, e quanto devemos a seu amor, pois tanto à custa de seu sangue nos quis fazer patentes as portas por onde retirando-nos da divina justiça, nos recolhêssemos ao sagrado da divina misericórdia! O asilo, e o refúgio dos delinquentes sabemos todos que ou são os coutos, ou são os sagrados: de coutos servem os palácios, de sagrados servem os templos; e tudo temos hoje, templo, e palácio: templo, porque hoje fundado sobre uma coluna temos o templo de Deus: *Et thronus meus in colūna:*<sup>uu</sup> palácio, porque hoje no passo dos açoutes temos o paço do amor: *Media charitate constravit:*<sup>vv</sup> é verdade que antes de se erigir esta coluna, já este palácio gozava os privilégios de couto, e já este templo tinha as imunidades de sagrado; porém como ategora<sup>ww</sup> estava tão fechado este sagrado edifício, e como hoje se rasga, e fabrica em tanto número de chagas tanta multidão de portas, desde hoje é que começarão a ter as almas dos homens onde esconder-se, e homiziar-se da justiça de Deus. Queixava-se Davi a Deus Nosso Senhor que concedendo-nos em sua misericórdia um couto, e um refúgio onde escapássemos de sua justiça, estivesse contudo tão longe, e tão distante este refúgio: *Altissimum posuisti refugium tuum:*<sup>xx</sup> mas donde colheu Davi que estava mui longe este refúgio da misericórdia? não está sa-

<sup>uu</sup> Nota marginal: <Eccl. 24 7> **VL**, Liber Ecclesiasticus, c. 24, v. 7: *Ego in altissimi habitavi, et thronus meus in columna nubis.* **BSP**: *Eu habitei nos lugares mais altos, / e o meu trono é sobre uma coluna de nuvens.*

<sup>vv</sup> Nota marginal: <Cât. 3. 10>. **VL**, Canticum Canticorum, c. 3, v. 10: *columnas eius fecit argenteas, reclinatorium aureum, ascensum purpureum: media charitate constravit propter filias Ierusalem.* **BSP**: *Fez-lhe as colunas de prata, / o reclinatorio de ouro, / os degraus de púrpura; / no meio estendeu tapetes preciosos, / em atenção às filhas de Jerusalém.*

<sup>ww</sup> Segundo Aulete, advérbio composto (antigo e popular), formado por *até* + *agora*, com o mesmo significado dessa expressão, sem a contração (cf. ATEGORA. In: iDICIONÁRIO Aulete. Disponível em <<http://aulete.uol.com.br/ategora>>. Acesso em 14 ago. 2013).

<sup>xx</sup> Nota marginal: <Ps 50 9>. **VL**, Liber Psalmorum, c. 90, v. 9: *Quoniam tu Domine spes mea: Altissimum posuisti refugium tuum.* **BSP**: *Porque (disseste): Tu és, Senhor, a minha esperança. / Puseste o Altíssimo por teu refúgio.*

bido que a qualquer hora, e em qualquer lugar que um pecador se arrepender, lhe há de  
 valer logo a misericórdia divina? pois logo com que fundamento diz Davi que está como  
 290 inacessível este refúgio da misericórdia? Vejam o seu fundamento: *Et flagellum non  
 appropinquabit tabernaculo tuo.*<sup>yy</sup> Como se dissera Davi: Senhor, bem conheço que  
 qualquer pecador que chegar arrependido a prostrar-se diante do trono de vossa divindade,  
 que aí há de achar o refúgio em vossa misericórdia; porém Senhor, ainda está mui  
 295 dificultoso o refúgio de vossa misericórdia: *Altissimum posuisti refugium tuum*; porque  
 ainda não chegaram açoutes ao trono de vossa divindade: *Et flagellum non appropinquabit  
 tabernaculo tuo*: logo tiro eu por consequência: logo tanto que os açoutes chegassem ao  
 trono, não havia dificuldades no refúgio? Assim se infere, e bem se viu ser assim; porque  
 antes do tormento dos açoutes, ainda que a humanidade santíssima de Cristo como trono  
 verdadeiro de Deus era o refúgio dos pecadores, contudo era refúgio sem portas; porém já  
 300 agora depois dos açoutes já é um refúgio de nossas almas, onde acharemos tantas portas  
 rasgadas, quantas são as chagas abertas; bem se viu ser assim; porque tanto que no átrio de  
 Pilatos se atreveu a crueldade dos homens a abrir com açoutes o trono da mesma divindade,  
 aí mesmo se viu estar com as mãos atadas à coluna o divino Sol de justiça: segue-se logo  
 que já não há dificuldade no refúgio da misericórdia; porque já chegaram os açoutes ao  
 305 trono da divindade: já não está fechado o refúgio dos pecadores; porque já se franqueou em  
 portas, depois que se abriu em chagas: e como já no corpo de Cristo açoutado estão as  
 portas matizadas em sangue, já desde hoje tem a natureza humana onde

---

<sup>yy</sup> Nota marginal: <Ps. 60 10> (o nº 9 foi virado). **VL**, Liber Psalmorum, c. 90, v. 10: *Non accedet ad te malum:  
 et flagellum non appropinquabit tabernaculo tuo.* **BSP**: *O mal não virá sobre ti, / e o flagelo não se aproximará  
 da tua tenda.*

assegurar-se da justiça divina.

Houve Deus de castigar ao Egito matando em uma noite todos os primogênitos, e  
 310 mandou aos Hebreus que rubricassem as portas com sangue do Cordeiro, porque se não faria a  
 execução onde houvessem portas tintas em sangue: *Et sument de sanguine ejus, et ponent in  
 super liminaribus: Videbo sanguinem, et transibo vos, nec erit in vobis plaga disperdens:*<sup>zz</sup>  
 pois se gozam de tanta imunidade os que se emparam de umas portas tintas em sangue de um  
 Cordeiro, e se tanto respeito guarda a justiça divina a umas portas de pedra matizadas em  
 315 sangue; que será, quando o edifício é o templo de Deus, e o palácio do amor? Que será,  
 quando as portas são chagas, quando o Cordeiro é Cristo, e quando o sangue é de tão  
 inocente Cordeiro? Bem sei que disse Guerrico Abade,<sup>aaa</sup> que andando uma alma como  
 homiziada, e temerosa da divina justiça, devia valer-se, e emparar-se das chagas de Cristo  
 crucificado; porque entendeu devotamente que um Deus crucificado era um sagrado para os  
 320 pecadores, e que todos nos devemos acolher a este sagrado. *Pone tibi latibulum in  
 Crucifixo, ab ipso fuge ad ipsum, a iudice ad Redemptorem, a tribunali ad Crucem:*<sup>bbb</sup>  
 porém eu entendo que mais propriamente se deve chamar nosso refúgio Cristo à coluna, que  
 Cristo na Cruz; e para prova vejam o que sucedeu no deserto. Caminhava por aquela  
 vastidão da Palestina o povo de Deus, e molestado dos ardores do Sol, que faria Deus para  
 325 os emparar de tanto ardor? Diz a Escritura que os ia sempre cobrindo com uma nuvem em  
 forma de uma coluna: *Dominus autem præcedebat eos per diem in columna nubis.*<sup>ccc</sup> Reparo  
 aqui, por que razão comporia Deus esta nuvem mais em forma de coluna,

---

<sup>zz</sup> Nota marginal: <Exod. 12 7>. **VL**, Liber Exodus, c. 12, v. 7, 13: *Et sument de sanguine eius, ac ponent super vtrumque postem, et in superliminaribus domorum, in quibus comedent illum. [...] Erit autem sanguis vobis in signum in ædibus in quibus eritis: et videbo sanguinem, et transibo vos: nec erit in vobis plaga disperdens quando percussero Terram Ægypti.* **BSP**: *E tomarão do teu sangue, e po-lo-ão sobre as duas ombreiras e sobre a verga das portas das casas, em que eles o hão de comer. [...] O sangue, porém, será para vós um sinal (em vosso favor) nas casas em que morardes; eu verei o sangue, e passarei adiante; não haverá em vós a praga destruidora, quando eu ferir a terra do Egito.*

<sup>aaa</sup> Nota marginal: <Guerric. ser. 4 in die[t alm.]>. Cf. GUERRICI, *Dominica Palmare – Sermo IV*, in: BERNARDI, *Appendix seu tomus VI: Completens sermones Guerrici Abbatis Ignaciensis ejus discipuli*, 1690, col. 997).

<sup>bbb</sup> “Põe no Crucifixo o teu refúgio: dele mesmo acode para ele mesmo – do Juiz para o Redentor, do Tribunal para a Cruz” (tradução nossa).

<sup>ccc</sup> Nota marginal: <Exod. 13 21.>. **VL**, Liber Exodus, c. 13, v. 21: *Dominus autem præcedebat eos ad ostendendam viam, per diem in columna nubis, et per noctem in columna ignis: vt dux esset itineris vtroque tempore.* **BSP**: *O Senhor ia adiante deles para lhes mostrar o caminho, de dia numa coluna de nuvem, e de noite numa coluna de fogo, para lhes servir de guia num e noutro tempo.*

---

<sup>309</sup> Egito] Egypto A.

do que em forma de Cruz? E para fundamento do meu reparo: no mesmo deserto mandou Deus que aquela vara de Moisés, que era a figura da Cruz, fosse o instrumento milagroso com que se abrisse o mar Vermelho: no mesmo deserto para contraveneno das Serpentes mandou Deus que se pusesse ãa Serpente de bronze sobre um madeiro, figura da Cruz: pois se serve ãa figura da Cruz para abrir o mar, e o caminho, se serve ãa figura da Cruz para curar do veneno e das Serpentes; por que não servirá também a forma da Cruz para emparar dos raios do Sol? por que mais há de ser a forma da coluna? Direi: Não são os raios do Sol símbolo da divina justiça? Sim são; ou já seja pela atividade com que ferem, ou pela retidão com que executam: *Orietur vobis Sol iustitiæ*:<sup>ddd</sup> ah sim? Pois a forma da coluna, e não a figura da Cruz é a que há de defender, e emparar dos raios do Sol: a Cruz sirva embora de instrumento para abrir o caminho pelo mar Vermelho da paixão, sirva embora de remédio para curar as mordeduras da antiga Serpente; porém para emparar, e defender ao povo dos raios do Sol da justiça, a coluna é a que mais propriamente há de servir; porque o refúgio mais próprio em que os pecadores se podem assegurar da justiça divina, não é tanto a Cruz, como a coluna; e a razão é bem evidente; porque na Cruz não recebeu Cristo mais que cinco chagas, e na coluna recebeu cinco mil; e como mais facilmente nos podemos recolher em um sagrado que tiver mais portas abertas, segue-se que mais facilmente acharemos entrada no sagrado da coluna, que no refúgio da Cruz, porque enfim é sagrado de mais portas, e como estas se fabricaram nas mesmas chagas que se abriram, com razão diz Cristo que os pecadores ainda quando o abriram a açoutes, e parece que o destruíram,

---

<sup>ddd</sup> Nota marginal: <Malach 1. 11.>. **VL**, Prophetia Malachiae, c. 4, v. 2: *Et orietur vobis timentibus nomen meum Sol iustitiæ, et sanitas in pennis eius: et egrediemini, et salietis sicut vituli de armento. BSP: Mas para vós que temeis o meu nome, nascerá o sol da justiça, e estará a salvação sob as suas asas; vós saireis então e estareis como novilho de uma manada.*

---

<sup>335</sup> retidão] rectidão A.

então verdadeiramente fabricaram: *Supra dorsum meum fabricaverunt peccatores.*

350 Sobre todas estas profecias que ategora ponderamos, acho ainda um lugar na Escritura, onde este mistério da coluna parece que está representado não só como em figura, senão também como em profecia. Sucedeu o caso no deserto, quando Moisés dando golpes com ãa vara, tirou água de uma pedra; mas é de reparar, que então fez Deus mui especial menção de que ele havia de estar sobre a pedra: *En ego stabo ibi coram te supra petram:*<sup>eee</sup> e como explica-o à Lapide, em ãa coluna: *In columna nubis.*<sup>fff</sup> Todo este misterioso sucesso convêm  
355 comumente os Intérpretes sagrados que foi uma figura jeroglífica, ou profecia enigmática do tormento dos açoutes que Cristo havia de padecer; porque Deus na coluna da nuvem representava a Cristo atado a ãa coluna: Moisés dando golpes com a vara, representava ao povo Hebreu açoutando a Cristo: e a pedra sobre que estava Deus, representava o átrio de Pilatos onde estava Cristo em ãa coluna de mármore sobre o pavimento da pedra. Eis aqui a  
360 mais própria figura do mistério da coluna, e eis aqui agora toda a contradição deste mistério: em estar Deus sobre a pedra consiste toda a contradição; por isso fez também especial menção de estar na coluna sobre a pedra: *En ego stabo ibi coram te supra petram.*

Digo que na pedra consistiu toda a contradição, porque sendo Cristo açoutado sobre um pavimento de pedra, visto está que sobre pedras caía o sangue de Cristo açoutado: e que  
365 maior contradição para o sangue de Cristo? Se o sangue de Cristo açoutado cair sobre corações empedernidos, que fruto se poderá colher de seu santíssimo san-

---

<sup>eee</sup> **VL**, Liber Exodus, c. 17, v. 6: *En ego stabo ibi coram te, supra petram Horeb: percutiesque petram, et exhibit ex ea aqua, vt bibat populus . Fecit Moyses ita coram senioribus Israel. BSP: Eis que eu estarei lá diante de ti sobre a pedra de Horeb. Ferirás a pedra e dela sairá água, para que o povo beba. Moisés assim fez na presença dos anciãos de Israel.*

<sup>fff</sup> Nota marginal: <à Lap. [s]up. idẽ cap>.

gue? Do Céu vemos cair cada dia as águas, e os rocios com aquela igualdade distributiva que vemos, e contudo as águas que caem sobre a terra, fazem fruto, mas não assim as águas que caem sobre as pedras: mas isso por que razão? ou as águas do Céu caem sobre a terra, ou  
370 caem sobre as pedras, não têm a mesma virtude? Sim têm: não são as mesmas águas? Sim são: pois por que se colhe o fruto das águas que caem sobre a terra, e não das águas que caem sobre as pedras? Está bem clara a razão: A terra de sua natureza é fecunda, concorre da sua parte com as disposições necessárias para as produções, e assim é força que dê frutos, porque obra da sua parte; mas a pedra? é estéril, é infecunda: pois que importa que as águas sejam do  
375 Céu, se a pedra não recebe, antes lança de si as águas? Que importa, se não há disposições na pedra? Isto é o que acontece às águas do Céu, e isto se vê também no sangue de Cristo: é o sangue de Cristo um rocio celestial, que cai em nossos corações, de sua parte com a mesma virtude, mas com grande diferença da nossa parte: e por quê? Porque se os corações são de carne, colhe-se fruto do sangue de Cristo; e se são de pedra? nenhum fruto se colhe de seu  
380 preciosíssimo sangue: e que maior contradição para o sangue de Jesu Cristo, que ser derramado sem fruto? Cristo é Salvador de todos os homens por meio de seu sangue preciosíssimo; porém se o seu sangue cai sobre corações de pedra, fica o sangue de Cristo sem fruto, e fica frustrado o título de Salvador de todos que se deve a Cristo: e que esta contradição façam as pedras ao nome de Salvador? Oh dura condição das pedras!

385 Mas oh que justo, e que profundo seria o sentimento de Cristo quando amarrado à coluna esti-

vesse vendo que o seu preciosíssimo sangue, um resultava perdido, outro corria malogrado, um se derramava por ãa coluna de mármore, outro se estendia por todo aquele pavimento de pedra! Que derramando-se o meu sangue, diria o Senhor, que derramando-se o meu sangue para dele se colher o fruto da salvação, que assim corra por estas pedras sem esperanças de fruto! Que  
390 sendo o meu sangue o remédio de todos, que nem a todos haja de servir de remédio! Que há de haver a quem não valha nem todo este mar de sangue! Porém não é esta a maior contradição, ainda considero outra maior, e é, que para os corações de pedra não somente o sangue de Cristo não servirá de remédio, senão que servirá de naufrágio: parece contradição impossível, mas vejamo-lo claramente na diferença que há entre o sangue que se derramou no Horto, e o sangue  
395 que se derramou no átrio: o sangue que se derramou no Horto, recebeu-se dentro na terra: *decurrentis in terram*, com que ficou a terra fertilizada do sangue; e o sangue que se derramou no átrio? visto está que como as pedras o não podiam embeber em si, ficou o sangue nadando sobre as pedras, e pelo conseguinte ficaram as pedras afogadas em sangue. Oh desgraça merecida das pedras! que sendo o sangue de Cristo aquele mar de misericórdia que serviu a  
400 toda a terra de seu purificatório, que só às pedras servisse de naufrágio! Oh desgraça das pedras outra vez!

Quando os Hebreus passaram o mar Vermelho, ia em seu seguimento Faraó Rei dos Egípcios, e ia Deus em uma coluna de nuvem no meio de ambos os Exércitos: abriu-se neste tempo o mar, e passando a pé enxuto todos os Hebreus,  
405 congregando-se outra vez as águas, ali ficaram sepul-

tados todos os Egípcios. Valha-me Deus! que o mesmo mar sirva a uns de muralha, e a outros de sepultura? E o que mais é de reparar, que na mesma maré uns passem a salvamento, e outros padeçam naufrágio? Aquele mar Vermelho não representava o sangue de Cristo? E estando Deus em ãa coluna de nuvem, não representava aquele mar o sangue que Cristo  
 410 derramou à coluna? Não estava Deus naquela coluna igualmente entre os Egípcios, e os Hebreus? Pois por que razão salvando-se os Hebreus, se perdem os Egípcios? A razão é muito literal; mas por isso mesmo é muito verdadeira. Os corações dos Egípcios diz o mesmo Texto que estavam empedernidos contra Deus: *Induratum est cor Pharaonis, et seniorum ejus*:<sup>888</sup> e corações endurecidos contra a vontade de Deus, como lhes poderia valer, nem ainda todo um  
 415 mar de sangue de Cristo? A pedra de sua natureza resiste ao mar, mas também no mar se vai a pique por sua própria natureza: pois corações cuja natureza é resistir, que dúvida faz que se não de perder? Os Hebreus iam acompanhando ao mesmo Deus, e em seguimento de sua santíssima vontade; e os Egípcios caminhavam resistindo à vontade de Deus: de maneira que os Hebreus cooperavam, e os Egípcios resistiam: que muito é logo que servindo o mar de  
 420 sangue aos Hebreus de remédio, lhes servisse aos Egípcios de naufrágio? Que muito é logo que no mesmo mar se visse tão notável contradição, que sendo Cristo Salvador de todos os homens, se não salvassem todos? Se os Hebreus acompanhavam, que muito é que se salvassem? E se os Egípcios resistiam, que muito é que se perdessem?

Eis aqui a contradição que se segue ao sangue de Cristo, de faltar a

---

<sup>888</sup> Nota marginal: <Exod. [7.] 22.> **VL**, Liber Exodus, c. 7, v. 22: *Feceruntque similiter malefici Ægyptiorum incantationibus suis; et induratum est cor Pharaonis, nec audiuit eos sicut præceperat Dominus. BSP: Os magos do Egito fizeram coisa semelhante com os seus encantamentos; e o coração do faraó endureceu-se, e não os ouviu, como o Senhor tinha mandado.*

425 disposição da parte dos homens; e eis aqui a maior contradição que se faz aos merecimentos de seu preciosíssimo sangue. Pelo que, Fiéis, cedamos um pouco da nossa parte, cesse a dureza de nossos corações, para que neles obre com fruto o sangue de Jesu Cristo: façam  
algũa impressão em nossos corações os açoutes que Cristo padeceu por nosso amor, que  
430 ainda que sejam corações de pedra, eles obrarão como corações de carne: obremos da nossa parte nós, que Deus não há de faltar da sua parte: *Potens est Deus de lapidibus istis suscitare filios Abrahæ.*<sup>hhh</sup> Aquela pedra sobre que Deus apareceu no deserto, notaram curiosamente os Expositores, que depois de receber os golpes em si, teve duas mudanças notáveis: primeira, que sendo dantes pedra, *supra petram*,<sup>iii</sup> tanto que sentiu os golpes da vara, como se concebera fogo em suas entranhas, se mudou logo em pederneira: *Percussit*  
435 *bis silicem*:<sup>iii</sup> segunda, que sendo pedra, e pederneira, se começou logo a desatar em águas: *Et egressæ sunt aquæ largissimæ.*<sup>kkk</sup> Ora donde nasceria que ãa pedra fria concebesse fogo, e que ãa dura pederneira se desfizesse em água? Deem-me atenção: Deus estava na coluna de nuvem sobre a pedra: *En ego stabo supra petram in columna nubis*; e assim que levantando Moisés a vara para chegar com os golpes à pedra, de necessidade havia primeiro  
440 de alcançar com a vara, e passar com os golpes pelo mesmo Deus; havendo pois estes golpes da vara tocado primeiro em Deus, chegavam depois à pedra, e nela fizeram tanta impressão, que como diz Santo Agostinho, ali ficaram impressos, e esculpidos os golpes da vara: pois eis aí a razão por que a pedra mudando a natureza, sendo tão fria, concebeu fogo por dentro, e sendo tão dura, se desfez em água por fora: pedra

---

<sup>hhh</sup> Nota marginal: <Matt 3. 9>. **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 3, v. 9: *Et ne velitis dicere intra vos: patrem habemus Abraham. dico enim vobis quoniam potens est Deus de lapidibus istis suscitare filios Abrahæ.* **BSP**: *E não queirais dizer dentro de vós: Temos Abraão por pai, porque eu vos digo que Deus pode fazer destas pedras filhos de Abraão.*

<sup>iii</sup> “sobre a pedra” (tradução nossa). **VL**, Liber Numeri, c. 20, v. 10: *congregata multitudine ante petram* [...]. **BSP**: *e, tendo reunido a multidão diante deste rochedo* [...].

<sup>iii</sup> **VL**, Liber Numeri, c. 20, v. 11: *Cumque eleuasset Moyses manum, percutiens virga bis silicem, egressæ sunt aquæ largissimæ, ita vt populus biberet et iumenta.* **BSP**: *Moisés, tendo levantado a mão, ferindo duas vezes com a vara o rochedo, saíram dele águas copiosíssimas, de sorte que bebeu o povo e os animais.*

<sup>kkk</sup> *Loc. cit.*

---

<sup>437</sup> Deem-me] Dem-me A.

445 em que fazem tão alta impressão os golpes, e os açoites que passaram por Deus em ãa coluna, pedra que havendo respeito a que aqueles golpes tinham tocado em Deus, cede, e se abranda aos impulsos de tão poderosos golpes, esta pedra tão singular, força era que mudando a frialdade, e perdendo a dureza, por dentro se abrasasse em fogo, e por fora se destilasse em água: *Percussit bis silicem, et egressæ sunt aquæ largissimæ.*

450 Eia pois Católico auditório, posto que nossos corações sejam de pedra, cedamos um pouco a Deus: façam algũa impressão em nossos corações os golpes, e os açoites que passaram por Cristo, que eu fico<sup>III</sup> que nossos corações perdendo a frialdade, se inflamem em incêndios de amor, e perdendo a dureza, se desfaçam em lágrimas de sentimento: mas porque nossos corações se movem mais pelo que veem, do que pelo que ouvem: *Recogitate eum, qui talem sustinuit a peccatoribus adversus semetipsum contradictionem.* Oh meu Deus, meu Jesus, meu Redentor! Vede almas Cristãs, vede, e considerai aquele Senhor assim atado à coluna, assim aberto a açoites, assim mudo entre tantas dores, assim imóvel entre tantos sentimentos: aquelas chagas, Fiéis, são as nossas culpas, aqueles golpes são os nossos pecados: e que nós com tanta impiedade, estando aquele corpo tão despedaçado, e  
 460 tão ferido, assim acrescentemos culpas sobre culpas, sem advertirmos que acrescentamos chagas sobre chagas! Oh que se aquele Senhor não tivesse mão naquela coluna sobre quem se sustenta toda a fábrica do Céu, temo sem dúvida que para castigar nossas culpas caíra o Céu sobre a terra: acompanhemos pois Cristãos as dores daquelas chagas com ãa verdadeira dor de nossas culpas, e para que fiquem lavadas as nossas

---

<sup>III</sup> Mesmo que afianço (cf. BLUTEAU, 1789, v. 1, p. 613).

---

<sup>454</sup> veem] vem A.

<sup>456</sup> Redentor] Redēptor A, passim.

465 culpas, choremos as nossas culpas naquelas chagas. Oh Senhor! oh meu amorosíssimo Jesus!  
 se haveis de estar tão mudo com essas feridas, para que abristes em tantas feridas tantas  
 bocas? Sem dúvida que por estas bocas ou estais mudamente formando queixas de minha  
 ingratidão, ou estais encarecendo mudamente as finezas de vosso amor. Cinco mil versos  
 compôs Salamão,<sup>mmmm</sup> parece que em correspondência dessas vossas cinco mil bocas, para que  
 470 assim respondesse a cada chaga um verso, a cada ferida ãa canção: mas ah Senhor, e quem  
 pudera responder, não digo eu com cinco mil versos às vossas cinco mil chagas, mas dizer a  
 cada chaga cinco mil amores! porém como poderá dizer amores a vossas chagas, quem apenas  
 se atreve a pedir-vos o perdão de suas culpas? Contudo como agora se abrem em vosso corpo  
 tantas portas de piedade, e como agora correm em vosso sangue tantos mares de misericórdia,  
 475 agora Senhor é tempo de que vós nos concedais o perdão: bem vemos Senhor que são grandes  
 as nossas culpas, bem vemos que nós somos os que vos maltratamos com essas chagas; porém  
 Senhor, maior é a misericórdia de cada ãa de vossas chagas, do que a enormidade de todas as  
 nossas culpas; pelo que Senhor, todos vos pedimos nos perdoeis; todos vos pedimos  
 misericórdia por essas chagas que padecesteis, por esse sangue que derramastes, pelas dores de  
 480 vossa coluna, pelos merecimentos de vossa paixão, para que assim alcancemos a graça,  
 penhor da glória: *Quam mihi, et vobis, etc.*<sup>mmn</sup>

---

<sup>mmmm</sup> Cf. **BSP**, I Reis, c. 4, v. 32, “Propôs também Salomão três mil parábolas; e os seus cânticos foram mil e cinco”. A menção ao número de cinco mil possivelmente se deve a uma glosa, como demonstra um discurso moral de Don Francisco Ignácio de Porres, publicado em 1648: “Cinco mil versos cantó Salomon, dice advertida la Glosa” (cf. PORRES, 1648).

<sup>mmn</sup> Abreviação da fórmula de encerramento de sermões, *Quam mihi et vobis præstare dignetur Dominus Deus Omnipotens*. Tradução nossa: “A qual o Senhor Deus Onipotente se digne conceder a mim e a vós”.

## Sermão Duodécimo, e terceiro do Passo de Cristo na Coroação.

---

*Recogitate eum, qui talem sustinuit a peccatoribus adversus semetipsum contradictionem. S. Paul. ad Hebræos 12.<sup>a</sup>*

Assim como nas suas colunas escreveu Hércules o *non plus ultra*<sup>b</sup> de seus trabalhos: e assim como Sansão pôs também nas suas colunas o *non plus ultra* de suas  
 5 valentias;<sup>c</sup> assim o nosso Hércules divino, assim o nosso Sansão Nazareno, dizia eu a sexta-feira passada que pudera com seu próprio sangue escrever na sua coluna o remate de suas dores, e o *non plus ultra* de suas finezas; porém como o amor de Cristo excedia tão conhecidamente nas forças a Hércules, e nas finezas a Sansão, ambicioso de mais  
 10 da coluna para as dores, e tormentos da coroação. Pelo que a coroa-

---

<sup>a</sup> Vulgata Latina (1605), doravante **VL**, Epistula ad Hebræos, c. 12, v. 3: *Recogitate enim eum, qui talem sustinuit a peccatoribus adversum semetipsum contradictionem: vt ne fatigemini, animis vestris deficientes. Bíblia Sagrada – Edições Paulinas, (1986), doravante **BSP**: Considerai, pois, aquele que sofreu tal contradição dos pecadores contra si, e não vos deixareis cair no desânimo.*

<sup>b</sup> “Não [há nada] mais além” (tradução nossa). Expressão que equivale a ‘apogeu’. Referência ao mito de que Hércules teria formado o Estreito de Gibraltar, ao abrir caminho entre o Mediterrâneo e o Atlântico, com a força de seus ombros.

<sup>c</sup> Segundo narra o capítulo 15 do Livro dos Juízes, Sansão morreu ao se vingar dos seus maiores inimigos, derrubando as duas colunas centrais do templo de Dagon, para que o edifício desabasse sobre eles.

---

<sup>3</sup> colunas] columnas A, *passim*.

ção de Cristo é o sagrado mistério sobre que hoje devo discorrer, e nele acharemos também a mesma contradição que S. Paulo nos manda considerar: *Recogitate eum, etc.*

Porém são tantas as contradições que concorrem neste mistério, que não sei como  
 15 havemos de entender qual de todas elas seja a principal; porque na verdade se distintamente  
 considerarmos as partes todas deste tão cruel como aparatoso tormento que Cristo padeceu por  
 nosso amor, acharemos que todas elas igualmente foram contradições feitas a Cristo; e senão,  
 ponderemos o caso. Perguntou Pilatos a Cristo se era Rei, e respondeu-lhe o Senhor que o seu  
 Reino não era deste mundo: *Regnum meum non est de hoc mundo*:<sup>d</sup> inferiu Pilatos: *Ergo Rex*  
 20 *es tu?*<sup>e</sup> Logo vós sois Rei? Isto mesmo inferiam os circunstantes: Este homem supõe que tem  
 Reino no outro mundo: logo por bons termos nos diz de si que é Rei: pois de que modo, e por  
 que estilo havemos nós de contradizer o que ele diz? Vejamos que execrando<sup>f</sup> modo. Depois  
 que o Império do mundo passou dos Assírios para os Romanos, diz Macróbio,<sup>g</sup> e o mostra  
 agora a experiência, que a investidura Imperial consistia em quatro solenidades: na púrpura,  
 no cetro, na coroa, e na adoração. Pois para aqueles sacrílegos ministros desmentirem, e  
 25 contradizerem a Cristo, que fizeram? A púrpura de que o vestiram, foi de pedaços; o cetro que  
 lhe entregaram foi de cana; a coroa que lhe puseram foi de espinhos; a adoração que lhe  
 tributaram foi de escárnios: *Et genuflexo ante eum illudebant ei*:<sup>h</sup> e não foi tudo isto  
 contradizer o sagrado Império, e a sempre augusta Monarquia de Cristo? Púrpura de  
 pedaços, cetro de ludíbrios, coroa de tormentos, e adoração de escárnios,

<sup>d</sup> Nota marginal: <Joan 18 36.>. **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 18, v. 36: *Respondit Iesus: Regnum meum non est de hoc mundo. si ex hoc mundo esset regnum meum, ministri mei vti que decertarent vt non traderer Iudæis: nunc autem regnum meum non est hinc. BSP: Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, certamente que os meus ministros se haviam de esforçar para que eu não fosse entregue aos judeus; mas o meu reino não é daqui.*

<sup>e</sup> **VL**, *ibidem*, c. 18, v. 37: *Dixit itaque ei Pilatus: Ergo rex es tu? Respondit Iesus: Tu dicis quia rex sum ego. Ego in hoc natus sum, et ad hoc veni in mundum, vt testimonium perhibeam veritati: omnis qui est ex veritate, audit vocem meam. BSP: Disse então Pilatos: Logo tu és rei? Respondeu Jesus: Tu o dizes, sou rei. Nasci, e vim ao mundo para dar testemunho da verdade; todo o que está pela verdade, ouve a minha voz.*

<sup>f</sup> Cf. Bluteau (1789, tomo 1º, p. 580), “digno de execração”.

<sup>g</sup> Ref. a Ambrosius Aurelius Theodosius Macrobius – ou Flavius Macrobius Ambrosius Theodosius –, séc. IV-V (cf. **MACROBII**, *Opera*, 1628).

<sup>h</sup> Nota marginal: <Luc. 23 36.>. **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 27, v. 29: *et plectentes coronam de spinis, posuerunt super caput eius, et arundinem in dextera eius. Et genu flexo ante eum, illudebant ei, dicentes: Ave rex Iudæorum. BSP: Depois, tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha sobre a cabeça, e na mão direita uma cana E, dobrando o joelho diante dele, o escarneciam, dizendo: Salve, ó rei dos judeus.*

<sup>23</sup> solenidade] solemnidade (e formas cognatas) A, *passim*.

<sup>24</sup> cetro] sceptro A, *passim*.

30 não é tudo contradizer a verdade da Monarquia de Cristo, e ainda a sua mesma verdade? Os  
 mesmos executores desta injuriosa ação disseram que Cristo em se supor Rei, contradizia a  
 César: *Qui se regem facit, contradicit Cæsari*.<sup>i</sup> porém com quanta maior verdade podemos nós  
 dizer que eles contradiziam a Cristo, do que eles afirmavam que Cristo contradizia a César?  
 35 Cristo não contradizia a César; porque nem Cristo dizia que César não era Rei, nem dizia que  
 a ele lhe tocava o Reino de César; antes dizia de si que neste mundo não tinha Reino: *Regnum  
 meum non est de hoc mundo*: eles sim contradiziam a Cristo; porque havendo Cristo dado a  
 entender que tinha Reino no outro mundo, que outra cousa foi injuriarem a Cristo com a  
 indecência da púrpura, com a liviandade do cetro, com os martírios da coroa, e com os  
 escárnios da adoração, que outra cousa foi senão contradizerem a Cristo, desmentindo a sua  
 40 verdade, e contrariando a sua Monarquia? Segue-se logo que a púrpura, cetro, coroa, e  
 adoração tudo foram contradições feitas a Cristo.

Ora com tudo isto se representar assim, digo primeiramente que Cristo não  
 padeceu na púrpura contradição. O fundamento com que o digo é; porque Cristo em  
 tanto é verdadeiro Rei em quanto é verdadeiro Salvador. Por isso no título da Cruz  
 45 primeiro estava o nome de Salvador: *Jesus Nazarænus*,<sup>j</sup> e sobre ele assentava o título de  
 Rei: *Jesus Rex Judæorum*.<sup>k</sup> Logo se aquela púrpura assim despedaçada se pusesse aos  
 ombros de outro qualquer Rei, não faz dúvida que contradizia ao título, porque  
 encontrava o decoro: não há dúvida que fora contradição da coroa, porque seria afronta  
 da majestade; porém aos ombros de um Rei Salvador tão longe

---

<sup>i</sup> Nota marginal: <Ioan 19 12>. **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 19, v. 12: *Et exinde quærebat Pilatus dimittere eum. Judæi autem clamabant dicentes: Si hunc dimittis, non es amicus Cæsaris. omnis enim, qui se regem facit, contradicit Cæsari. BSP: Desde este momento, procurava Pilatos soltá-lo. Porém os judeus gritavam: Se soltas este, não és amigo de César, porque todo o que se faz rei, declara-se contra César.*

<sup>j</sup> **VL**, *ibidem*, c. 19, v. 19: *Scriptis autem et titulum Pilatus: et posuit super crucem. Erat autem scriptum: Iesus Nazarenus, Rex Iudæorum. BSP: Pilatos escreveu um título e pôs sobre a cruz. Estava escrito nele: Jesus Nazareno, Rei dos Judeus.*

<sup>k</sup> *Loc. cit.*

50 está de nos deixar em opinião de que é Rei fingido, que antes essa é toda a segurança de que é  
 Rei verdadeiro. A razão está bem evidente; porque se aquela púrpura fora rica, inteira, e  
 preciosa, só víramos a ostentação da capa na majestade da púrpura: e sendo assim rasgada?  
 sendo assim rota, e assim despedaçada? claro está que por entre aquelas mesmas rasgaduras se  
 55 estavam descobrindo, e aparecendo aquelas chagas que Cristo padeceu para nosso remédio, e  
 aquele sangue que derramou para nossa redenção: pois quem nos mostra a púrpura do sangue  
 entre as roturas da púrpura, quem entre as roturas da púrpura nos mostra as rasgaduras da  
 carne, quem nos mostra as chagas que padeceu para salvar-nos, não está visto que é nosso  
 verdadeiro Salvador? pois visto está também que é nosso verdadeiro Rei.

Quando Cristo chegou triunfante ao Céu, repararam os Anjos em duas cousas:  
 60 primeira, que Cristo sobisse com chagas: *Quia sunt plagæ istæ in medio manuum tuarum?*<sup>1</sup>  
 Segunda, que sobisse com a púrpura tinta em sangue: *Quis est iste qui venit de Edon tinctis  
 vestibus, formosus in stola sua?*<sup>m</sup> O Abulense<sup>n</sup> tresladou, *tinctis, et scissis vestibus:*<sup>o</sup> como se  
 repararam os Anjos em que Cristo sobisse ao Céu com a púrpura rasgada, e ensanguentada.  
 Ora façamos este mesmo reparo que fizeram os Anjos: e que tem que ver chagas com glórias?  
 65 pois se Cristo sobia para gozar de glórias, por que razão quis aparecer com chagas? Mais: que  
 tem que ver ãa púrpura rasgada, para um triunfo tão solene? Pois se Cristo sobia com tão  
 plausível triunfo, como sobia com ãa púrpura ensanguentada, e rasgada? Respondo: quando  
 Cristo chegou às portas do Céu, como havia tantos séculos que estavam fechadas aquelas eter-

---

<sup>1</sup> Nota marginal: <Zach. [1]3 6.>. **VL**, Prophetiæ Zachariæ, c. 13, v. 6: *Et dicetur ei: Quid sunt plagæ istæ in medio manuum tuarum? Et dicet: His plagatus sum in domo eorum, qui diligebant me. BSP: Então lhe será dito: Que chagas são essas no meio das tuas mãos? E ele responderá: Fizem-me estas chagas em casa daqueles que me amavam.*

<sup>m</sup> Nota marginal: <Isai 63. 1>. **VL**, Liber Isaiaë, c. 63, v. 1: *Quis est iste, qui venit de Edom, tinctis vestibus de Bosra? iste formosus in stola sua, gradiens in multitudine fortitudinis suæ. Ego, qui loquor iustitiam, et propugnator sum ad saluandum. BSP: Quem é este, que vem de Edom, de Bosra, com as vestiduras tingidas? Ele é formoso em seu traje e avança com muita fortaleza. Eu sou (responderá ele) o que falo a justiça, e venho para defender e salvar.*

<sup>n</sup> Ref. a Alfonso Tostado Ribera, bispo de Ávila (razão da antonomásia “Abulense”).

<sup>o</sup> “com vestes vermelhas e rasgadas” (tradução nossa).

---

<sup>55</sup> redenção] redempção (e formas cognatas) A, *passim*.

nas portas, bateram os de fora dizendo que vinha o Rei da glória: *Aperite portas principes vestras, et introibit Rex gloriæ*:<sup>p</sup> porém os de dentro como duvidando, pediram os sinais por onde conhecessem que era o verdadeiro Rei: *Quis est iste Rex gloriæ*?<sup>q</sup> Pois que sinais havia Cristo de mostrar de que era verdadeiro Rei, senão os sinais de que era verdadeiro Salvador? Mas que sinais havia de mostrar de que era verdadeiro Salvador, senão as chagas que padeceu, e o sangue que derramou? Que sinais havia de dar, senão chagas abertas entre rasgaduras ensanguentadas? Estes foram os sinais que deu no átrio de Pilatos, de que era verdadeiro Rei, e verdadeiro Salvador; e para que assim se entendesse, por isso para mostrar que estes eram os sinais verdadeiros, por isso no dia de seu maior triunfo se esmaltou de chagas em vez de Estrelas, por isso se vestiu das rasgaduras da púrpura em vez de telas de glória; porque julgou que aquela púrpura rasgada, e por entre ela aquelas chagas abertas, quanto o encareciam de verdadeiro Salvador, tanto o asseguravam de verdadeiro Rei: *Et introibit Rex gloriæ*.

Para confirmarmos este pensamento, passemos da glória para a Cruz, e reparemos naquela inclinação que fez Cristo com a cabeça: *Inclinato capite tradidit Spiritum*.<sup>r</sup> Ponderou este mistério Juglar,<sup>s</sup> e disse que inclinara Cristo a cabeça sobre o peito, como apontando para o lugar em que queria se lhe desse a lançada: *Nec dum abunde doloribus saginatus adhuc locum novo vulneri designavit*.<sup>t</sup> Sim; mas depois de consumada a redenção, que necessidade havia de que Cristo levasse a lançada do peito? Pois logo por que razão apontou ele mesmo que lhe dessem aquela lançada? Quanto a mim a razão foi, porque como Cristo

<sup>p</sup> Nota marginal: <Ps. 23. 7.>. **VL**, Liber Psalmorum, c. 23, v. 7: *attollite portas principes vestras, et eleuamini portæ æternales: et introibit rex gloriæ*. **BSP**: *Levantai, ó príncipes, as vossas portas, / levantai-vos, ó portas eternas, / e entrará o Rei da glória*.

<sup>q</sup> **VL**, *ibidem*, c. 23, v. 8: *Quis est iste rex gloriæ? Dominus fortis et potens: Dominus potens in praelio*. **BSP**: *Quem é este Rei da glória? / É o Senhor, forte e poderoso, o Senhor poderoso nas batalhas*.

<sup>r</sup> **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 19, v. 30: *Cum ergo accepisset Iesus acetum, dixit: Consummatum est. Et inclinato capite tradidit spiritum*. **BSP**: *Jesus, tendo tomado o vinagre, disse: Tudo está consumado. E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito*.

<sup>s</sup> Nota marginal: <Iugl. Elog. 14>. Ref. ao Elogium XXXIV, *Inclinato capite moritur*, de Aloysius Juglar, ou Luigi Giuglaris, jesuíta, 1607-1653 (cf. IVGLARIS, *Elogiorvm*, 1668, p. 175-177).

<sup>t</sup> “Não bastasse estar todo em dores, ainda assinalou lugar para nova ferida”. (tradução nossa).

90 tinha sobre a Cruz o título de Rei, *Rex Judæorum*, e não Rei de modo ordinário, senão Rei Salvador, *Jesus Nazarænus*, considerou Cristo que para ostentar-se Rei, já tinha a coroa nos espinhos, já tinha o cetro nos cravos, já tinha trono na Cruz, e já tinha a púrpura no sangue; porém que para ser Rei Salvador, era necessário que se vissem chagas entre a púrpura, e como a púrpura do sangue lhe tinha confusas, e cubertas todas as chagas, significou com a inclinação da cabeça, que entre a púrpura do sangue lhe fizessem patente aquela chaga do peito, para que assim por aquela chaga se entendesse que era verdadeiro Rei, porque por ela se via que era verdadeiro Salvador. Porém ainda me fica esta dúvida: e não estavam bem patentes em toda aquela inundação de sangue as quatro chagas das mãos, e dos pés? pois por que razão quis Cristo que de mais se lhe ferisse o peito, e que entre a púrpura do sangue ficassem descobertas não menos que cinco chagas? Agora fecharei o pensamento. Considerou o Senhor que no átrio de Pilatos com as rasgaduras da púrpura, parecendo estragos da majestade, esteve tão longe de parecer Rei fingido, que antes com elas se acreditou de verdadeiro Rei; e tanto assim se afirmou o Senhor nesta verdade, que quis usar desta mesma traça, para se mostrar verdadeiro Rei aos homens, e verdadeiro Rei aos Anjos; aos homens na Cruz, e aos Anjos na glória. Porém no átrio de Pilatos entre aquelas rasgaduras da púrpura estava Cristo mostrando cinco mil chagas: e na Cruz não podia mostrar cinco mil chagas, porque as confundia a afluência do sangue: da mesma sorte na glória não podia também mostrar cinco mil chagas, porque as apagou a gala da imortalidade: pois que remédio para ao menos substituir ou representar

95

100

105

cinco mil chagas? O remédio foi, descobrir cinco chagas na Cruz, e conservar cinco chagas na glória, e desta sorte com este número de cinco chagas, suplemento de cinco mil, foi Cristo adorado por verdadeiro Rei na Cruz: *Rex Judæorum*: e foi recebido por verdadeiro Rei na glória: *Et introibit Rex gloriæ*. Diga-se pois que tão longe esteve a púrpura, por despedaçada, de contradizer a Cristo de Rei verdadeiro, que antes ela o acreditou de verdadeiro Rei; porque as suas roturas eram bocas que o publicavam verdadeiro Salvador.

A outra insígnia com que quiseram contradizer a verdade da Monarquia de Cristo, foi a novidade do cetro, porque com ele quiseram dar a entender que mal se podia sustentar sobre a fragilidade de ãa leve cana todo o peso de ãa Monarquia; contudo a verdade é, que nem no cetro houve contradição; porque sendo Cristo Rei Salvador, não contradiz o cetro de cana ao título de Rei: se Cristo fora Rei, sem ser Salvador, então contradissera o cetro ao título, porque desdissera a liviandade<sup>u</sup> da soberania; mas sendo Rei a título de Salvador, tão longe está o cetro de cana de contradizer ao título de Rei, que antes desdissera, se não fora cetro de cana. Para vermos o fundamento desta verdade, saibamos quais são as propriedades da cana? Temos quem nos diga estas propriedades não menos que o mesmo Deus, e o mesmo Cristo: Deus disse pelo Profeta Aías, que a propriedade da cana era mover-se na corrente das águas: *Sicut moveri solet arundo in aqua*:<sup>v</sup> e Cristo disse que a cana tinha por propriedade mover-se a qualquer vento: *Arundinem vento agitatam*:<sup>w</sup> eis aqui as propriedades do cetro do nosso Rei, e do nosso Salvador. O cetro de todos os outros Reis é estável, é imóvel,

---

<sup>u</sup> Neste contexto, o sentido empregado é o etimológico: propriedade do que é pouco pesado, ligeiro, veloz, inconstante, pouco firme, mais flexível (c. HOUAISS, 2002; MORAES SILVA, 1831, t. 2, p. 231)

<sup>v</sup> Nota marginal: <3. Reg. 14 15.>. **VL**, Liber I Regum, c. 14, v. 15: *et percutiet Dominus Israel, sicut moueri solet arundo in aqua: et euellet Israel de terra bona hac, quam dedit patribus eorum, et ventilabit eos trans Flumen: quia fecerunt sibi lucos, vt irritarent Dominum*. **BSP**: *O Senhor Deus ferirá Israel, como uma cana costuma ser agitada nas águas; ele arrancará Israel desta excelente terra, que deu a seus pais, e os sacudirá para além do rio, porque consagraram bosques para irritarem o Senhor*.

<sup>w</sup> Nota marginal: <Matt. 11 7.> **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 11, v. 7: *Illis autem abeuntibus, cœpit Iesus dicere ad turbas de Joanne: Quid existis in desertum videre? arundinem vento agitatam?* **BSP**: *Tendo eles partido, começou Jesus a falarde João às turbas: que fostes vós ver ao deserto? Uma cana agitada pelo vento?*

130 é inflexível, a nada se dobra, a nada se abranda, a nada se comove; porém o cetro do nosso Rei augustíssimo é de qualidade tão branda, que se move com a corrente de nossas lágrimas, e se abala com o vento de nossos suspiros: *Moveri solet arundo in aqua: Arundinem vento agitatum*. Oh que flexível, e que piedoso é o cetro do nosso soberano Rei! Notem aquela palavra, *vento*, e aquela palavra, *in aqua*: não diz águas: não diz ventos: fala em singular: *vento: in aqua*; porque para mover ãa cana basta qualquer vento, basta qualquer água: assim para mover o cetro de Cristo, como sejam lágrimas nascidas do coração, basta ãa só lágrima, como sejam suspiros arrancados da alma, basta um só suspiro; mas que outra cousa havia de ser, se é cetro de um Rei, que é juntamente Salvador?

135 Havendo Deus de libertar ao povo de Israel do cativeiro do Egito, disse a Moisés que ele estava determinado a libertar o seu povo, porque ouvira um seu gemido: *Ego audivi gemitum filiorum Israel, ideo dic filijs Israel:<sup>x</sup> Ego Dominus qui educam vos.<sup>y</sup>* Da mesma forma determinando Deus remir ao mundo do cativeiro do pecado, diz Isaías que o faria Deus, por não ter coração para ver nem ãa só lágrima do mundo. *Præcipitabit mortem in*  
 140 *sempiternum, et auferet Deus lacrymam ab omni facie.<sup>z</sup>* Valha-me Deus! e que em todo um povo não ouvisse Deus mais que um só gemido: *Audivi gemitum?* que em todo o mundo não visse Deus mais que ãa só lágrima: *Auferet lacrymam?* Mas não é esse o meu espanto: porque que outra cousa se havia de esperar da insensibilidade dos homens, e da dureza do mundo? O meu espanto é da misericórdia de Deus: que se comovesse Deus a libertar o povo por um só

---

<sup>x</sup> **VL**, Liber Exodus, c. 6, v. 5-6: *Ego audivi gemitum filiorum Israel, quo Ægyptij oppræsserunt eos: et recordatus sum pacti mei. Ideo dic filijs Israel: Ego Dominus qui educam vos de ergastulo Ægyptiorum, et eruam de seruitute: ac redimam in brachio excelso, et iudicijs magnis.* **BSP**: *Ouvi os gemidos dos filhos de Israel, que os egípcios têm oprimido, e lembrei-me da minha aliança. Por isso, dize aos filhos de Israel: Eu sou o Senhor, que vos tirarei de sob o jugo dos egípcios, e vos livrarei da escravidão, e vos resgatarei com o braço estendido e com grades júzoz.*

<sup>y</sup> *Loc. cit.*

<sup>z</sup> Nota marginal: <Isai. 25. 8.>. **VL**, Liber Isaiaë, c. 25, v. 8: *Præcipitabit mortem in sempiternum, et auferet Dominus Deus lacrymam ab omni facie, et opprobrium populi sui auferet de vniversa terra: quia Dominus locutus est.* **BSP**: *Aniquilará a morte para sempre; o Senhor Deus enxugará as lágrimas de todas as faces e tirará de cima de toda a terra o opróbrio do seu povo, porque o Senhor falou.*

---

<sup>135</sup> Egito] Egypto A, *passim*.

145 gemido: *Audivi gemitum?* que se comovesse a remir o mundo por uma só lágrima: *Auferet lacrymam?* Ah Fiéis, que bom Deus que temos! que piedoso! que benigno! que misericordioso! Mas isto mesmo que veneramos em Deus, acharemos também em Cristo. Chegaram a seus pés ainda que em distintas ocasiões um cego, e a Madalena, cega também tanto do amor, como das lágrimas: ambos pediram a Cristo remédio, o cego para o mal da

150 cegueira que padecia, e a Madalena para as suas antigas cegueiras: o cego pedia com brados, e a Madalena com lágrimas, e sendo assim que não havia quem pudesse estorvar os brados do cego: *At ille multo magis clamabat:*<sup>aa</sup> sendo assim que nadavam os pés de Cristo nas lágrimas de Madalena: *Lacrymis cæpit rigare pedes ejus;*<sup>bb</sup> é muito de reparar, que fizessem os Evangelistas tão especial menção do primeiro brado que o cego deu: *Coepit clamare;*<sup>cc</sup> e da

155 primeira lágrima que a Madalena derramou: *Cæpit rigare:* se eram tão abundantes as lágrimas da Madalena, se eram tão repetidos os brados do cego, por que razão fazem os Evangelistas tão especial menção do primeiro brado do cego, e da primeira lágrima da Madalena? A razão é; porque os Evangelistas não foram só a referir os brados, e as lágrimas com que o cego, e a Madalena procuraram mover a Cristo, senão que foram também a mostrar o motivo que

160 bastou para Cristo se mover, e como para mover-se Cristo bastou o primeiro, e um só brado do cego, por isso S. Marcos fez menção do primeiro brado: *Cæpit clamare:* e assim também como para mover-se Cristo bastou só a primeira, e ãa só lágrima da Madalena, por isso S. Lucas fez reparo na primeira lágrima: *Cæpit rigare.* ||<sup>dd</sup> De sorte que é

---

<sup>aa</sup> Nota marginal: <Marc 10 48.>. **VL**, Evangelium secundum Marcum, c. 10, v. 48: *et comminabantur ei multi vt taceret. At ille multo magis clamabat: Fili David miserere mei. BSP: Muitos repreendiam-no para que se calasse. Mas ele gritava mais ainda: “Filho de David, tem piedade de mim!”*

<sup>bb</sup> Nota marginal: <Luc 7. 38.>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 7, v. 38: *et stans retro secus pedes eius, lacrimis cæpit rigare pedes eius, et capillis capitis sui tergebat, et osculabatur pedes eius, et vnguento vnguebat. BSP: e, estando a seus pés por detrás dele, começou a banhar-lhe os pés com lágrimas, enxugava-os com os cabelos da sua cabeça, beijava-os e os ungia com bálsamo.*

<sup>cc</sup> **VL**, Evangelium secundum Marcum, c. 10, v. 47: *Qui cum audisset quia Iesus Nazarenus est, cæpit clamare, et dicere: Iesu fili David, miserere mei. BSP: Quando ouviu dizer que era Jesus Nazareno, começou a gritar e a dizer: Jesus, Filho de Davi, tem piedade de mim!*

<sup>dd</sup> Mudança de parágrafo marcada atipicamente, cf. normas desta edição.

---

<sup>148</sup> Madalena] Magdalena A, *passim*.

165 tão piedoso Deus, que costuma mover-se a ãa só lágrima, e a um só suspiro; e assim também se move Cristo, como verdadeiro Deus: mas agora pergunto eu: E que razão houve para que Deus se compadecesse do povo por um só gemido, e do mundo por ãa só lágrima? Que razão houve para que Cristo por um só brado deferisse ao cego, e por uma só lágrima perdoasse à Madalena? Direi: Deus ouviu o gemido do povo como Salvador: *Ego Dominus, qui educam vos*; e como Salvador se compadeceu também do pranto do mundo: *Præcipitabit mortem in sempitenum*: pois para que se entendesse que é propriedade de um Deus Salvador abrandar-se a ãa só lágrima, e mover-se de um só gemido; por isso para libertar o povo se moveu de um só gemido: *Audivi gemitum*; e para remir o mundo se moveu de ãa só lágrima: *Auferet lacrymam*. Na mesma conformidade Cristo atendeu como Salvador aos brados do cego: *Fides te salvum fecit*:<sup>ee</sup> e às lágrimas da Madalena atendeu também como Salvador: *Remittuntur tibi peccata tua*: *Fides tua te salvam fecit*:<sup>ff</sup> pois se obrava como Salvador, que tinha que ver que havia de deferir no primeiro brado do cego: *Cæpit clamare?* e que tinha que ver que se havia de obrigar da primeira lágrima da Madalena: *Cæpit rigare?* Sendo pois certo que para mover a um Deus Salvador basta ãa só lágrima, e um só suspiro; e sendo certo outrossim que Cristo a título de Salvador é verdadeiro Rei: de todo este discurso vimos a concluir, que o cetro de cana nas mãos de Cristo não contradiz, antes concorda com o título de verdadeiro Rei, porque condiz com a piedade de verdadeiro Salvador; pois é um cetro que se abranda a ãa só lágrima: *Moveri solet arundo in aqua*; e é um cetro que se move a um só suspiro: *Arundinem vento agitatam*.

170

175

180

---

<sup>ee</sup> **VL**, Evangelium secundum Marcum, c. 10, v. 52: *Iesus autem ait illi: Vade, fides tua te saluum fecit. Et confestim vidit, et sequebatur eum in via.* **BSP**: *Jesus disse: “Podes ir, foi a tua fé que te curou”. No mesmo instante o cego começou a ver de novo e seguia Jesus pelo caminho.*

<sup>ff</sup> **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 7, v. 47, 50: *Propter quod dico tibi: Remittuntur ei peccata multa, quoniam dilexit multum. Cui autem minus dimittitur, minus diligit. [...] Dixit autem ad mulierem: Fides tua te saluam fecit: vade in pace.* **BSP**: *Pelo que te digo: São-lhe perdoados muitos pecados, porque muito amou. Mas, ao que pouco se perdoa pouco se ama. [...] Jesus disse à mulher: A tua fé te salvou; vai em paz.*

Só a coroa de espinhos, como está tão armada de asperezas, parece que faz alguma  
contradição; porém ainda digo que não houve contradição nem ainda na coroa de espinhos:  
185 antes acrescento, que se alguma contradição se podia considerar, seria ou na púrpura, ou no  
cetro, mas na coroa não se pode considerar a contradição. Para prova, reparo em que Cristo  
não estivesse na Cruz, nem com a capa de púrpura, nem com o cetro de cana, senão somente  
com a coroa de espinhos: pois assim como Cristo esteve com a coroa na Cruz, por que razão  
não conservou também a púrpura, e a cana? Por que razão conservou somente a coroa? Com  
190 justíssima razão. Sobre a Cruz estava o título de Rei: *Rex Judæorum*; e julgou Cristo que no  
juízo dos homens poderia parecer que com o título de Rei não condiziam, nem cetro de cana,  
nem estragos de púrpura; por isso como na Cruz melhorou de trono, quis também melhorar de  
cetro, e quis melhorar de púrpura, tomando por cetro os cravos, e vestindo por púrpura o  
sangue; porém a coroa de espinhos, essa, sim, conservou, porque entendeu que com o título de  
195 Rei não desdizia, antes com galharda proporção concordava a coroa de espinhos. Não duvido  
eu que ãa coroa de espinhos na cabeça de outro qualquer Rei em vez de ornato servirá de  
ludíbrio; mas sendo Cristo Rei Salvador, que outro diadema lhe havia de competir senão  
coroa de espinhos? Agora descubro eu ãa nova razão por que Cristo inclinou a cabeça na  
Cruz: tinha Cristo sobre a cabeça o título de Rei Salvador: *Jesus Nazarænus Rex*: e para que o  
200 mundo visse a justiça com que lhe convinha o título, que fez? Inclinou a cabeça, para que se  
visse a coroa, e se combinasse com o título; como se dissera Se alguém duvida do título,  
olhe para a coroa, porque considerando-se que acabo a vida ten-

do sobre a cabeça ãa coroa de espinhos, ninguém duvidará que morro dignamente com esse título de Rei Salvador que aí me fica sobre a cabeça: *Et inclinato capite tradidit Spiritum.*

205 Lá apareceu Deus a Moisés, e apareceu-lhe em ãa sarça cercada de espinhos: pois entre espinhos aparece Deus? Sim, que vinha então a tratar com Moisés de remir o povo do cativo do Egito, e um Deus que trata de remir o povo, *Descendi ut liberem*,<sup>es</sup> justamente se deve coroar de espinhos: *Apparuit ei Dominus in medio rubi*.<sup>hh</sup> No sacrifício de Abraão estava o Cordeiro coroado de espinhos: *Inter vepres hærentem cornibus*;<sup>ii</sup> e por quê? Porque o golpe do sacrifício que estava destinado para Isaque, foi executado no Cordeiro: pois Cordeiro que salva a Isaque da morte perdendo a vida, justo foi que se coroasse de espinhos, pois morria como Salvador de Isaque, ou como coroado Emblema do nosso verdadeiro Salvador. Com razão logo para Cristo mostrar na Cruz que merecidamente gozava o título de Rei Salvador, *Jesus Nazarenus Rex*, com razão acaba a vida mostrando a cabeça coroada de espinhos: *Et inclinato capite tradidit Spiritum.*

215 Porém qual poderá ser a razão disto? Qual poderá ser a razão por que foi necessário para Cristo gozar o título de Rei Salvador, que padecesse primeiro o tormento de ãa coroa de espinhos? Eu darei a razão. Os espinhos já sabem que são o castigo do homem, porque para esse efeito os produziu Deus; assim o disse o mesmo Deus ao primeiro homem: *Spinās, et tribulos germinabit tibi*.<sup>jj</sup> daqui veio a dizer S. Anselmo,<sup>kk</sup> que como o Demônio faz troféu de nossos males, e se coroa de nossos castigos, que os espinhos eram a mesma gloriosa coroa do Demônio: *Supplicijs hominum coronatus, et*

---

<sup>es</sup> Nota marginal: <Exod. 3. 8>. **VL**, Liber Exodus, c. 3. v. 8: *et sciens dolorem eius, descendi vt liberem eum de manibus Ægyptiorum, et educam de terra illa in terram bonam, et spatiosam, in terram quæ fluit lacte et melle, ad loca Chananæi, et Hetthæi, et Amorrhæi, Pherezæi, et Heuçi, et Iebusæi*. **BSP**: *Conhecendo a sua dor, desci para o livrar das mãos dos egípcios, e para o conduzir daquela terra para uma terra boal e espaçosa, para uma terra onde corre o leite e o mel, nas regiões do cananeu, do heteu, do amorreu, do ferezeu, do heveu e do jebuseu.*

<sup>hh</sup> **VL**, Liber Exodus, c. 3. v. 2: *Apparuitque ei Dominus in flamma ignis de medio rubi: et videbat quod rubus arderet, et non comburetetur*. **BSP**: *O Senhor apareceu-lhe numa chama de fogo (que saía) do meio de uma sarça, e (Moisés) via que a sarça ardia, sem se consumir.*

<sup>ii</sup> Nota marginal: <Gen. 22. 13.>. **VL**, Liber Genesis, c. 22, v. 13: *Leuauit Abraham oculos suos, videntque post tergum arietem inter vepres hærentem cornibus, quem assumens obtulit holocaustum pro filio*. **BSP**: *Abraão levantou os olhos, e viu atrás de si um carneiro preso pelos chifres entre os espinhos, e, pegando nele, o ofereceu em holocausto, em lugar de seu filho.*

<sup>jj</sup> Nota marginal: <Gen 3. 18.>. **VL**, Liber Genesis, c. 3, v. 18: *Spinās et tribulos germinabit tibi, et comedes herbam terræ*. **BSP**: *Ela te produzirá espinhos e abrolhos, e tu comerás a erva da terra.*

<sup>kk</sup> Nota marginal: <D. Ans. in 13. Apoc.>. Ref. a *In Apocalypsin Enarrationes*, de S. Anselmo (cf. ANSELMI, *Opera Omnia*, 1612)

---

<sup>208</sup> Abraão] Abraham A.

<sup>210</sup> Isaque] Isac A, *passim*.

225 *omni spinarum genere redimitus adversarius hominis triumphavit.*<sup>ll</sup> Sendo pois Cristo verdadeiro Salvador dos homens, não só quanto à culpa, senão também quanto à pena, segue-se que não só os havia de remir dos pecados, senão também dos castigos: pois como os espinhos eram o castigo dos homens, que mais gloriosa ação para Cristo nos remir desse castigo, que chegar-se vitoriosamente ao Demônio, e despojando-o dos espinhos que trazia sobre a cabeça, fazer triunfo, e coroar-se com esses mesmos espinhos? Assim o fez o Salvador do mundo, e desta sorte os mesmos espinhos de que nos libertou, o ficaram acreditando de  
230 verdadeiro Salvador.

Oh que glória! oh que triunfo! que os mesmos espinhos que serviram de coroa ao Demônio, lhe sirvam a ele agora de coroa para glória de seu poder, para crédito de seu triunfo! Entrou Davi triunfante na Cidade de Rabá, e por despojo tirou a coroa da cabeça do ídolo de Melchão, e dela fez para si ãa coroa: *Tulit autem David coronam Melchon de capite ejus, fecitque sibi inde diadema.*<sup>mmm</sup> Era Davi a figura de Cristo, era o ídolo simulacro do Demônio, e se foi glória para Davi, se foi circunstância de seu triunfo coroar-se com a mesma coroa do ídolo devastado; que glória, que triunfo não seria para Cristo coroar-se com a mesma coroa do Demônio vencido? Mas advirtam que Davi não se coroou com a coroa do ídolo, na forma em que estava, serviu-se da matéria, mas mudou-lhe a forma, porque mandou fundir o ouro da coroa do ídolo, e dele fez para si nova coroa: assim consta do mesmo Texto: *Tulit coronam, fecitque sibi inde diadema.* Este foi o triunfo del-Rei Davi, e este foi o triunfo do nosso verdadeiro Rei, coroou-se dos espinhos, sim, mas ainda que se serviu da  
240

---

<sup>ll</sup> “[o Senhor] coroadado de suplicios dos homens, cingido de toda sorte de espinhos, triunfou [então] o Adversário do homem” (tradução nossa). Obs.: Na edição, corrigiu-se <redemitus> para <redimitus>.

<sup>mmm</sup> Nota marginal: <I Par. 20. 2.>. **VL**, Liber I Paralipomenon, c. 20, v. 2: *Tulit autem David coronam Melchom de capite eius, et inuenit in ea auri pondo talentum, et preciosissimas gemmas, fecitque sibi inde diadema: manubias quoque vrbis plurimas tulit.* **BSP**, I Crônicas, c. 20, v. 2: *David tirou a coroa de cima da cabeça de Melcom, e encontrou nela o peso dum talento de ouro, pedras preciosíssimas, de que fez para si um diadema; levou também muitos despojos da cidade.*

---

<sup>233</sup> Davi] David A, *passim*.

matéria, mudou-lhe a forma: porque os espinhos na cabeça do Demônio serviam-lhe de coroa em forma de nosso castigo; e na cabeça de Cristo? servem-lhe de coroa em forma de nosso remédio; de tal maneira, que por serem os espinhos escândalos dos pés dos homens, quis  
 245 Cristo pôr os espinhos sobre sua cabeça, só porque nós não magoássemos os pés. Oh que fineza de seu amor! Mas oh que glória de seu triunfo? Da Rosa quiseram já dizer que alcançara o reinado das flores, porque atendendo a que as flores se não magoassem, ajuntou a si todos os espinhos: mas quanto maior glória é de Cristo estorvar a moléstia dos pés dos  
 250 vassallos, pondo os espinhos sobre a cabeça, do que foi a pompa da Rosa prevenir o mimo das flores ajuntando os espinhos ao pé? Quanto maior triunfo é para Cristo formar dos espinhos a coroa, do que é vaidade para a Rosa estar pisando os espinhos? Que importa pois que aqueles bárbaros ministros coroassem a Cristo com espinhos para seu desprezo, se eles lhe serviram para seu triunfo? Que importa que com eles procurassem acrescentar-lhe a pena, se eles lhe serviram de aumentar-lhe a glória?

Mostrou Deus a S. João em seu Apocalipse ãa representação da glória, e medindo-lhe os estádios um Anjo, achou que continha doze milhares: os fundamentos diz que eram doze: as portas doze: de portais lhe serviam doze pedras preciosas: por guardas de todas elas assistiam doze Anjos, e em todas elas estavam esculpidos os nomes dos<sup>nm</sup> doze tribos.<sup>oo</sup>  
 260 Admirável mistério! E que mistério terá que a glória se componha de tanto número de doze? ou já que tantas vezes há de ter este número, por que razão o há de ter seis vezes? doze milhares de estádios, doze fundamentos, doze portais, doze pedras preciosas,

---

<sup>nm</sup> Segundo Moraes Silva (1831, t. 2, p. 838), *tribu* é substantivo masculino, o que explica aqui a expressão <dos doze tribos>.

<sup>oo</sup> Nota marginal: <Apoc. 2 21.>. VL, Apocalypsis Ioannis, c. 21, v. 10-20: [...] *et ostendit mihi ciuitatem sanctam Ierusalem descendentem de caelo a Deo, habentem claritatem Dei: [...] Et habebat murum magnum et altum, habentem portas duodecim: et in portis Angelos duodecim, et nomina inscripta, quę sunt nomina duodecim tribuum filiorum Israel. [...] Et murus ciuitatis habens fundamenta duodecim, et in ipsis duodecim nomina duodecim Apostolorum Agni. [...] Et ciuitas in quadro posita est, et longitudo eius tanta est quanta et latitudo: et mensus est ciuitatem de arundine aurea per stadia duodecim millia: et longitudo, et altitudo, et latitudo eius, æqualia sunt. [...] Et fundamenta muri ciuitatis, omni lapide pretioso ornata. Fundamentum primum, iaspis: secundum, sapphirus: tertium, calcedonius: quartum, smaragdus: quintum, sardonix: sextum, sardius: septimum, chrysolithus: octavum, berillus: nonum, topazius: decimum, chrysoprasus: vndecimum, hyacinthus :duodecimum, amethystus. BSP: [...] e mostrou-me a cidade santa, Jerusalém, que descia do céu, de junto de Deus, a qual tinha a claridade de Deus; [...] Tinha um muro grande e alto com doze portas, e nas portas doze Anjos e uns nomes escritos, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel. [...] O muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro. [...] A cidade é quadrangular, tão comprida como larga. Mediu a cidade com a cana de ouro até doze mil estádios; o seu comprimento, a sua altura e a sua largura, são iguais. [...] Os fundamentos do muro da cidade (eram) ornados com toda a qualidade de pedras preciosas. O primeiro fundamento (era) de jaspe; o segundo de safira; o terceiro de calcedônia; o quarto de esmeralda; o quinto de sardônica; o sexto de sárdio; o sétimo de crisólito; o oitavo de berilo; o nono de topázio; o décimo de crisópraso; o undécimo de jacinto, o duodécimo de ametista.*

---

<sup>255</sup> aumentar-lhe] aumentarilhe A.

doze Anjos, e os nomes de doze Tribus? que mistério terá seis vezes o número de doze? Vejam o mistério: O número de doze seis vezes, se me não engano, são setenta e dous; e não são setenta e dous os espinhos da coroa de Cristo?<sup>pp</sup> Sim são: pois para que se entendesse que os setenta e dous espinhos não serviram a Cristo de afronta, senão de glória, por isso se há de compor a glória do número de setenta e dous; porque assim como a glória se compõe de setenta e dous números, assim a coroa de setenta e dous espinhos foi para Cristo a sua coroa de glória.

270 Eis aqui o como se alucinaram os inimigos de Cristo, pois pondo-lhe a coroa de espinhos por seu maior desprezo, o Senhor se coroou com eles por seu maior triunfo, servindo-lhe aqueles mesmos espinhos não já de afronta, e de pena, senão de crédito, e de glória: mas que muito que se enganassem assim neste seu intento, se também se cegaram no principal intento com que a puseram? Porque se o seu principal intento foi contradizer o reinado de Cristo, se o seu principal intento foi mostrar que com a coroa de espinhos não era Cristo Rei verdadeiro, pouca agudeza foi entre tantos espinhos; muito pelo contrário foi; porque como Cristo é Rei enquanto Salvador, essa mesma coroa de espinhos, que só competia a um verdadeiro Salvador, essa mesma o coroou como verdadeiro Rei; e para que com toda a evidência se veja esta verdade, já que falamos no número de setenta e dous espinhos, reparemos neste mesmo número. E que razão haveria para que a coroa de Cristo se compusesse do número de setenta e dous espinhos? É bem misteriosa a razão: notem: O mundo todo quando foi na divisão da torre de Babel, dividiu-se em setenta e

---

<sup>pp</sup> No *Ecce Homo*, deste pregador, também há menção à coroa de setenta e dois espinhos, dentre outros sofrimentos físicos e emocionais de Cristo, que lhe foram impingidos na trajetória do Pretório até o Calvário. Ao que consta, esses números têm origem em uma cartilha de devoção à Via Sacra, da época das Cruzadas, que a tradição incorporou à 14ª estação (momento em que os discípulos vão embalsamar o corpo de Jesus e passam a contar os tormentos que ele sofreu), e a literatura posterior reproduziu com variações. Disso dão mostras os escritos atribuídos a São Vicente Ferrer, São Boaventura, Santa Gertrudes, Santa Brigitte, Juan Aquilano, Orozco e Rodulfo, Padre Salmeron, e outros (cf. SANTIAGO, 1790, p. 235; ANÔNIMO, 1858, p. 387-389).

duas línguas, donde se reformaram setenta e duas nações principais, de que se compõe todo o mundo: assim o dizem S. Boaventura, S. Jerônimo, S. Irineu, e S. Agostinho; e que por isso para conquistar todo o mundo, elegera Cristo setenta e dous discípulos: *Designavit Dominus et alios septuaginta duos*:<sup>99</sup> compondo-se pois todo o mundo de setenta e duas principais nações,<sup>100</sup> que outra cousa foi coroar-se Cristo com setenta, e dous espinhos, senão querer significar que com aquela coroa de setenta e dous espinhos domina inteiramente, e é Rei universal de todo o mundo? Diga-se pois que tão fora está a coroa de espinhos de contradizer ao título de Rei verdadeiro, que antes ela é a que declara, e publica a Cristo por verdadeiro Rei: *Jesus Nazaræus Rex*.

Depois de vestida a púrpura, depois de entregue o cetro, e depois de posta a coroa, dizem os Evangelistas sagrados que toda aquela ímpia multidão, postos os joelhos em terra, saudavam, e adoravam a Cristo; porém por escárnio, e por zombaria, com tantas afrontas, e com tantas contumélias, quantas devemos calar por reverência, como as devemos sentir por obrigação: *Et genuflexo ante eum illudebant ei*.<sup>101</sup> Ategora<sup>102</sup> dizia eu que não foram contradições para Cristo nem a púrpura, nem o cetro, nem a coroa; porém agora nesta adoração sacrílega, agora digo que nela padeceu Cristo a verdadeira contradição, e verdadeiramente que a mesma adoração se estava contradizendo a si mesma; porque se era culto, como era ludíbrio? como era reverência, se era afronta? se era desacato, como era adoração? Aqui pois nesta mesma contradição que estes homens se faziam a si mesmos, se vê claramente a contradição que faziam a Cristo: porque para Cristo ser Salvador daqueles

<sup>99</sup> Nota marginal: <Luc 10 1.>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 10, v. 1: *Post hæc autem designavit Dominus et alios septuaginta duos: et misit illos binos ante faciem suam, in omnem ciuitatem et locum, quo erat ipse venturus*. **BSP**: *Depois disto, o Senhor escolheu outros setenta e dois e mandou-os dois a dois adiante de si por todas as cidades e lugares onde ele estava para ir*.

<sup>100</sup> Esse número de nações se baseia no relato de Gênesis 10, que lista o nome de setenta e dois descendentes de Noé, como pais das nações depois do dilúvio Diz o versículo 32: “Estas são estas as famílias de Noé, segundo os seus povos e as suas nações. Delas saíram todas nações na terra depois do dilúvio.” Conforme Douglas *et al* (1962, v. 2, p. 1092), a crença em uma tabela das nações a partir desse relato remonta ao séc. XIII a.C.

<sup>101</sup> Nota marginal: <Mat 27. 29.>. **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 27, v. 29: *et plectentes coronam de spinis, posuerunt super caput eius, et arundinem in dextera eius. Et genu flexo ante eum, illudebant ei, dicentes: Ave rex Iudæorum*. **BSP**: *Depois, tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha sobre a cabeça, e na mão direita uma cana. E, dobrando o joelho diante dele, o escarneciam, dizendo: Salve, ó rei dos judeus*.

<sup>102</sup> Segundo Aulete, advérbio composto (antigo e popular), formado por *até* + *agora*, com o mesmo significado dessa expressão, sem a contração (cf. ATEGORA. In: iDICIONÁRIO Aulete. Disponível em <<http://aulete.uol.com.br/ategora>>. Acesso em 14 ago. 2013).

homens depois de o haverem ofendido com tantas afrontas, claro está que deviam aplicar da sua parte ãa verdadeira adoração; porém se eles em vez de adorarem a Cristo com todas as  
 305 veras,<sup>uu</sup> o adoravam com tantos fingimentos, quem duvida que frustravam o título de Salvador que se deve a Cristo? *Illudebant ei*. Falava o mesmo Cristo da adoração destes homens, e dizia assim: *Pretium meum cogitaverunt repellere, ore suo benedicebant, et corde suo maledicebant*.<sup>vv</sup> Quer dizer quando meus inimigos me honravam com a boca, e me desprezavam com o coração, então verdadeiramente contradiziam a eficácia da sua redenção:  
 310 *Pretium meum cogitaverunt repellere*: pois nisto é que consiste o contradizer-se ao preço do sangue de Cristo? Sim; porque para se não contradizer ao preço de seu sangue, para se lograr o fruto de nossa redenção, devem concordar entre si as verdades do coração com as palavras da boca: e como aqueles inimigos de Cristo fingindo acatamentos na boca, faltavam às verdades do coração, que outra cousa se havia de seguir senão contradizer, rejeitar, e resistir  
 315 ao preço do sangue de Cristo? *Pretium meum cogitaverunt repellere: ore suo benedicebant, corde suo maledicebant*.

Porém oh provera à divina Majestade que só no átrio de Pilatos padecera Cristo esta contradição! mas ainda mal,<sup>ww</sup> que tantas vezes, e com dano de tantas almas se está vendo no teatro do mundo representada esta mesma farsa, ou esta mesma tragédia! E senão, que cousa é  
 320 postrar-se um Cristão diante de Deus pedindo-lhe perdão de suas culpas, sem ter ãa verdadeira dor para merecer o perdão? Que cousa é ajoelhar-se um Cristão aos pés de um Confessor confessando a Deus as culpas de sua vida, mas sem verdadeiro propósito de sua emenda?

---

<sup>uu</sup> Mesmo que “de modo totalmente verdadeiro; de coração aberto” (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>vv</sup> Nota marginal: <Ps. 6 5.>. **VL**, Liber Psalmorum, c. 61, v. 5: *Verumtamen pretium meum cogitauerunt repellere, cucurri in siti: ore suo benedicebant, et corde suo maledicebant*. **BSP**: *Certamente meditaram tirar-me a minha dignidade: / corri sedento; / com a sua boca me bendiziam, / e com seu coração me maldiziam*.

<sup>ww</sup> Mesmo que infelizmente (cf. BLUTEAU, 1789, v. 1, p. 46).

---

<sup>318</sup> dano] damno A.

Que cousa é prometer a emenda com a boca, mas faltar-lhe a verdade no coração? Que cousa é tudo isto, senão ãa dor simulada, ãa emenda enganosa? Que cousa é tudo isto, senão ãa genuflexão falsa, e ãa adoração fingida? porque se não é verdadeira a dor, como pode ser a adoração verdadeira? Se não vai deveras o propósito, como será deveras a adoração? e se nem a dor, nem o propósito vai deveras, que havemos de dizer, senão que toda a confissão vai de burlas? Pois enganemo-nos Cristãos, que para um pecador alcançar de Cristo que seja com efeito seu verdadeiro Salvador, em tudo há de ser mui verdadeiro: não basta pôr-se de joelhos, como por demais: não basta bater nos peitos, como por cerimônia: não basta pôr-se aos pés do Confessor, como por costume: havemos de tomar todas estas cousas muito deveras, e com todas as veras: devemos ter ãa dor, e um arrependimento de nossos pecados muito deveras: devemos ter um propósito, e uma resolução de nossa emenda muito de veras: tudo isto havemos de tomar com todo o afeto de nossas almas, e com todas as veras de nossos corações, porque de outra sorte sendo só a confissão de boca sem a verdade do coração, resistimos, e contradizemos ao preço do sangue de Cristo: de outra sorte será Cristo Salvador quanto à suficiêcia, mas quanto à eficácia não será Salvador.

A nossa salvação diz Davi que depende da ajuda de Deus: *Deus adiutor noster in æternum*:<sup>xx</sup> assim é, e assim o devemos de confessar; porque mal pudéramos nós alcançar a vida eterna, se nos não assistisse Deus com os auxílios de sua divina graça, e se nos não ajudasse com os merecimentos de sua santíssima paixão; porém contra isto

---

<sup>xx</sup> Nota marginal: <Ps 61 9.>. **VL**, Liber Psalmorum, c. 61, v. 9: *Sperate in eo omnis congregatio populi, effundite coram illo corda vestra: Deus adiutor noster in æternum. BSP: Esperai nele vós todos que constituís o povo; / expandi diante dele vossos corações; / Deus é o nosso protetor eternamente.*

---

<sup>334</sup> afeto] affecto A.

está (acrescenta logo o mesmo Davi) que há homens, os quais examinados em balança, se acham fingidos, e menos verdadeiros: *Veruntamen mendaces filij hominum in stateris, ut decipiant ipsi de vanitate in idipsum*:<sup>yy</sup> de maneira (reparemos bem nestas palavras de Davi)

345 de maneira que havendo Deus que nos ajuda para a vida eterna, *Deus adjutor noster in aeternum*, contudo contra isso mesmo está, e contra a eficácia desse mesmo adjutório, que postos em balança, se acham menos verdadeiros muitos homens: *Veruntamen mendaces filij hominum in stateris, ut decipiant ipsi de vanitate in idipsum*. Ora que homens serão estes, cujo fingimento, e cuja pouca verdade contradiz à eficácia, e faz contra o adjutório

350 que temos em Cristo para a vida eterna? Ou que balança será esta onde se examina o seu fingimento, e se descobre a sua pouca verdade? Direi de que modo entendo toda esta alegoria de Davi, e confesso que a não sei entender de outro modo. Esta balança entendo eu que é o exame da divina justiça, onde para se nos conceder a vida eterna, se pesa a cooperação dos homens com os merecimentos de Cristo: de ãa parte desta balança se põe

355 o pesar de nossas culpas, da outra parte se põe todo o peso de suas dores: dores, e pesares são os dous pesos desta balança; as dores da parte de Cristo, e o pesar da parte dos homens: isto suposto, se se pusesse nesta balança só o arrependimento da nossa parte, sem que da outra parte se pusesse algum outro peso, claro está que ficaria o nosso arrependimento como perdido, e lançado aí por terra, e que pelo conseguinte ficaria

360 desigual, e descomposta toda a proporção da balança: pois que remédio? O remédio é ajudar-nos Cristo da outra parte da balança com as dores, e merecimentos de sua

---

<sup>yy</sup> Nota marginal: <Ps. 61 10>. **VL**, Liber Psalmorum, c. 61, v. 10: *Veruntamen vani filij hominum, mendaces filij hominum in stateris: vt decipiant ipsi de vanitate in idipsum*. **BSP**: *Vaidade são os filhos dos homens, / mentirosos os filhos dos homens postos em balanças. / Todos eles juntos são mais leves que a (mesma) vaidade.*

paixão; porque desta sorte pondo-se de ãa parte o pesar de nossas culpas, e da outra o peso de suas dores, e elevando os merecimentos que há da parte de Cristo o arrependimento que está da nossa parte, então fica a balança em equilíbrio, então se vê a fermosura, e a igualdade da  
 365 balança, e nesta igualdade, nesta correspondência de ambas as partes, em que o peso da vida eterna pontualmente consiste: *Æternum gloriæ pondus*;<sup>zz</sup> aqui se vê como em balança que Cristo nos eleva, e nos ajuda para a vida eterna: *Deus adjutor noster in æternum*: porém contra este mesmo adjutório de Cristo, *Verumtamen in idipsum*, contra isso está que talvez se acham homens falsos na balança: *Verumtamen mendaces filij hominum in stateris*: aqui agora  
 370 o nosso ponto: E que faz ao caso a falsidade dos homens? Que faz? Faz tudo: para ficar igual a balança, deviam pôr-se dores verdadeiras da parte de Cristo, e dores verdadeiras da parte dos homens; mas se de uma parte da balança se põem dores verdadeiras, e se da outra parte se põem arrependimentos fingidos; se da parte dos homens se põem só pesos falsos, e aparentes, pondo-se da parte de Cristo merecimentos de tanto peso, que dúvida faz que fica descomposta  
 375 a fermosura, e desordenada a proporção da balança? E que dúvida faz que fica como frustrado, e posto por terra todo o adjutório que havia da parte de Cristo? Com razão diz logo Davi que contra o adjutório de Cristo se acha na balança de Deus a pouca verdade dos homens: *Deus adjutor noster in æternum: Verumtamen mendaces filij hominum in stateris, ut decipiant ipsi de vanitate in idipsum*.  
 380 Bem se infere de todo este discurso o quanto importa que seja verdadeiro o nosso arrependimento, que seja verdadeiro o

---

<sup>zz</sup> Nota marginal: <2 Cor 4 17.>. **VL**, Epistula II ad Corinthios, c. 4, v. 17: *id enim, quod in præsentis est momentaneum et leue tribulationis nostræ, supra modum in sublimitate æternum gloriæ pondus operatur in nobis*. **BSP**: *Porque o que presentemente é para nós uma tribulação momentânea e ligeira, produz em nós um peso eterno de uma sublime e incomparável glória.*

nosso propósito, que seja verdadeira a nossa confissão, para que seja Cristo com efeito nosso Salvador verdadeiro; e bem se infere que para conseguirmos o perdão de nossas culpas, e a salvação de nossas almas, que deve ser a nossa verdade, não só proferida com a boca, senão mui nascida do coração. Estanto em Babilônia cativo El-Rei Manassés, depois de cair em gravíssimos pecados, que para uma alma é a maior Babilônia, conhecendo o que deve um pecador obrar da sua parte para que Deus use com ele de sua misericórdia, dizem que chegando-se a Deus, e confessando as suas culpas, dizia desta maneira: *Peccaui super numerum arenæ maris, et multiplicatæ sunt iniquitates meæ, et nunc flecto genua cordis mei ad te Domine.*<sup>aaa</sup> Quer dizer: Senhor, confesso que pequei, confesso que fui tão desatento nos caminhos do pecado, que já são as minhas culpas mais que as areas do mar: porém Senhor, já agora diante de vosso acatamento dobro os joelhos do meu coração: *Flecto genua cordis mei: genua cordis mei?* os joelhos do meu coração? e o coração tem joelhos? pois se é certo que os não tem, como diz El-Rei Manassés que põe diante de Deus os joelhos do seu coração? Oh! deixai, deixai dizer a Manassés, que se não teve modo no pecar, soube o modo de se arrepender: conheceu Manassés que para um pecador se salvar não basta ajoelhar-se diante de Deus de qualquer modo; conheceu que para se salvar um pecador, deve necessariamente confessar suas culpas diante de Deus, arrependendo-se não só de boca, senão ajoelhando-se, e confundindo-se<sup>bbb</sup> muito deveras, e muito de coração; por isso sem que o coração tenha joelhos, disse com toda a verdade que confessava suas culpas pondo diante de Deus os joelhos do coração: *Et nunc flecto ge-*

---

<sup>aaa</sup> Nota marginal: <Orat. Manass in fine lib. Reg>. “Pequei em número superior aos grãos de areia do mar, e minhas transgressões são múltiplas, e agora eu dobro os joelhos do meu coração a ti, ó Senhor” (tradução nossa). A Oração de Manassés, considerada texto não canônico, só consta no apêndice de vulgatas antigas, por se supor apresentar a oração a respeito da qual há referência em II Crônicas, c. 33, v. 11-19 (cf. BÍBLIA, Tradução Ecumênica – TEB. São Paulo: Loyola, 1994, p. 1528, nota “1”).

<sup>bbb</sup> Cf. Bluteau (1789, v. 1, p. 309), “Perturbar a alma com temor, respeito, veneração, [...] conhecimento do nosso nada, com vergonha, &c.”.

*nua cordis mei ad te Domine.*

Este foi o modo de adoração com que depois de tantos pecados mereceu salvar-se el-Rei Manassés: e este é, Cristãos, o modo com que deve ajoelhar-se diante de Deus quem  
 405 pretende salvar-se: hoje principalmente que temos que ver, e adorar a um Deus com ãa púrpura, com um cetro, e com ãa coroa; hoje que temos que adorar a um Deus que foi adorado por escárnio: *Illudebant ei*; que Cristão haverá que em desagravo daqueles escárnios o não procure adorar com todas as veras? que Cristão haverá? Sendo cativa pelos Filisteus a Arca do Testamento, e estando posta no seu templo do Ídolo do Dagão, naquela noite diz a Escritura  
 410 que se comoveu tão rendidamente o Ídolo, que ao outro dia amanheceu postrado em terra, e feito em pedaços: *Invenerunt Dagon jacentem super faciem suam in terra coram Arca Domini: caput autem Dagon, et duæ palmæ ejus abscissæ erant.*<sup>ccc</sup> Oh quanto temos que aprender nestes rendimentos, e nestes estragos de um Ídolo! Reparo assim: Um Ídolo não é um corpo de pedra assistido de um Demônio? pois por que razão diante da Arca do  
 415 Testamento se postra até um demônio? por que razão se despedaça até ãa pedra? É admirável a razão: vede: A Arca do Testamento estava cuberta com ãa capa cor de púrpura: *Extendentque desuper pallium totum hyacinthinum.*<sup>ddd</sup> em si tinha a vara de Arão: *In Qua virga Aaron quæ fronderat.*<sup>eee</sup> e sobre si tinha ãa coroa: *Faciesque supra coronam auream per circuitum.*<sup>fff</sup> com que venho a dizer que a Arca do Testamento com a púrpura, com a vara,  
 420 e com a coroa, era com toda a propriedade ãa figura, ou imagem de Cristo com coroa, com cetro, e com púrpura: pois à vista de ãa tão divina imagem, à vista de ãa figura cuberta de púrpura sustentando um cetro, e cingida com ãa coroa, que muito<sup>eee</sup> é que se postrasse por terra

<sup>ccc</sup> Nota marginal: <I Reg 5 4.>. **VL**, Liber I Samuelis, c. 5, v. 4: *Rursumque mane die altera consurgentes, inuenerunt Dagon iacentem super faciem suam in terram coram arca Domini: caput autem Dagon, et duæ palmæ manuum eius abscissæ erant super limen.* **BSP**: No dia seguinte, tendo-se levantado novamente de manhã, encontraram Dagon que jazia de bruços diante da arca do Senhor; mas a cabeça de Dagon e as duas mãos estavam cortadas sobre o limiar da porta.

<sup>ddd</sup> Nota marginal: <Num 4. 6.>. **VL**, Liber Numeri, c. 4, v. 6: *et operient rursum velamine ianthinarum pellium, extendentque desuper pallium totum hyacinthinum, et inducent vectes.* **BSP**: Cobri-la-ão ainda com uma coberta de peles roxas, estenderão por cima um pano todo de jacinto e colocarão os varais.

<sup>eee</sup> Nota marginal: <Hb 9 4.>. **VL**, Epistula ad Hebræos, c. 9, v. 4: *aureum habens thuribulum, et arcam testamenti circumtectam ex omni parte auro, in qua urna aurea habens manna, et virga Aaron, quæ fronderat, et tabulæ testamenti.* **BSP**: contendo o turíbulo de ouro e a arca do testamento, coberta de ouro por todas as partes, na qual estava uma urna de ouro contendo o maná e a vara de Aarão, que tinha florescido, e as tábuas do testamento.

<sup>fff</sup> Nota marginal: <Exod. 25. 11.>. **VL**, Liber Exodus, c. 25, v. 11: *Et deaurabis eam auro mundissimo intus et foris: faciesque supra, coronam auream per circuitum.* **BSP**: Revesti-la-ás e ouro puríssimo por dentro e por fora; farás sobre ela uma coroa de ouro em roda.

<sup>eee</sup> A expressão “que muito”, frequente também nos sermões de Vieira, equivale a “que há de estranho”, “que admiração” (cf. *Léxicon*. In: VIEIRA, 2010, p. 643).

até ãa estátua feita de pedra? que muito era que se desfizesse em pedaços até um corpo apoderado do Demônio? *Ecce Dagon jacebat in terra ante Arcam Domini*. Mas se assim  
 425 diante de ãa figura de Cristo com púrpura, com cetro, e com coroa, se assim se postra até ãa estátua, cujo corpo é ãa pedra; se assim se despedaça até um corpo, cuja alma é um Demônio; que não deve fazer um coração sensível, e ãa alma remida com o sangue de Jesu Cristo?

Eia pois Católico auditório, agora postrados todos por terra, e agora de arrependidos despedaçados: *Recogitate eum qui talem sustinuit a peccatoribus adversus semetipsum*  
 430 *contradictionem*. Oh meu Deus, meu Jesus, e meu Redentor! Eia almas Cristãs: *Videte regem vestrum in diademate*;<sup>hhh</sup> ali temos que adorar o nosso verdadeiro Rei, e verdadeiro Salvador com ãa coroa de espinhos, com um cetro de cana, e com uns despojos de púrpura; ali temos que adorar a imagem do nosso Redentor com púrpura, com cetro, e com coroa; e se à vista de ãa representação daquela imagem ãa estátua de pedra se desfez em pedaços, como à sua vista  
 435 não estalam de dor corações que não são de pedra? Um coração contrito na verdadeira etimologia val o mesmo que um coração despedaçado,<sup>iii</sup> e assim que adoremos aquele Senhor com os corações despedaçados de contritos, ou tanto deveras contritos, que pareçam de dor corações despedaçados. Oh que maravilha é, Senhor, que à vossa vista se não despedacem os nossos corações! Oh meu Jesus, meu Redentor da minha alma, meu Rei, e meu Salvador! queria  
 440 Senhor chegar-me hoje a pedir-vos mercês como verdadeiro Rei; mas quanto me anima a vossa grandeza, tanto me acovarda a minha desconfiança; porque como estou vendo as minhas cul-

---

<sup>hhh</sup> **VL**, Canticum Cantorum, c. 3, v. 11: *Egredimini et videte filiæ Sion regem Salomonem in diademate, quo coronavit illum mater sua in die disponsionis illius, et in die lætitiæ cordis eius*. **BSP**: Saí, filhas de Sião, e vede o rei Salomão / com o diadema de que sua mãe o coroou no dia do seu casamento, / e no dia do júbilo do seu coração.

<sup>iii</sup> Cf. Houaiss (2002), do “lat. *contrītus, a, um* ‘esmagado, triturado, abatido’”.

pas nessas vossas chagas, cuido que vos sentastes aí não só como em trono, mas como em Tribunal, para tomar de assento residência<sup>jjj</sup> de minhas ações, ou já para formar processo contra minhas culpas. Esse cetro de cana cuido que é vara de justiça: essa capa de púrpura  
445 cuido que publica guerra contra nossas ofensas: esta coroa de espinhos cuido que se arma de raios contra minhas ingratidões. Mas Senhor, reparai, ainda que vos ofendo com minha vida, reparai que vos custei vosso sangue. Oh meu chagado Jesus! como vos vejo com as mãos atadas, e com as chagas abertas, já cuido que esses espinhos me prometem nesse mar de sangue ãa maré de Rosas; já cuido que essa cana verde é o seguro de minhas esperanças; e já  
450 cuido que essa capa tinta em vosso sangue, e inflamada de vosso amor, servirá de encobrir as minhas culpas, pois serve de cobrir as vossas chagas. Pelo que meu Deus, meu suavíssimo Jesus, eu vos adoro por meu Rei verdadeiro, e como hoje é o dia de vossa coroação, e o dia de concederes mercês, aqui me postro a vossos pés pedindo-vos por mercê o perdão de meus pecados; conheço Senhor, e publicamente confesso que são meus pecados mais do que as  
455 areas do mar: *Peccavi super numerum arenæ maris*; mas o mar de vosso sangue bem pode trasbordar sobre as areas: aqui me tendes meu amorosíssimo Senhor, aqui me tendes ajoelhado a vossos pés de todo o meu coração: *Et nunc flecto genua cordis mei ad te Domine*. Pelo que Senhor, meu Deus, e meu Redentor, vós me perdoai pelos tormentos dessa coroa, pelos ludíbrios dessa cana, pelo sangue dessas cinco mil chagas,<sup>kkk</sup> pelos merecimentos de  
460 vossa santíssima paixão, para que assim alcancemos a graça, penhor da glória: *Quam mihi, et vobis præstare dignetur, etc.*<sup>lll</sup>

---

<sup>jjj</sup> Cf. Moraes Silva (1831, t. 2, p. 633), a expressão tomar residencia corresponde a “indagar, examinar, tirar informação”.

<sup>kkk</sup> Sobre o número dos flagelos que Cristo sofreu, vide nota “pp” deste sermão.

<sup>lll</sup> Abreviação da fórmula de encerramento de sermões, *Quam mihi et vobis præstare dignetur Dominus Deus Omnipotens*. Tradução nossa: “A qual o Senhor Deus Onipotente se digne conceder a mim e a vós”.

## Sermão Décimo Tércio, e quarto do Passo do *Ecce homo*.

---

*Recogitate eum, qui talem sustinuit a peccatoribus adversus semetipsum contradictionem. Ex Paul. ad Hebræos 12.*<sup>a</sup>

Hoje sobe o Redentor do mundo do átrio para o Pretório, e como sobe com as mesmas divisas de sua dor, também hoje a dor, e o tormento sobe. No átrio padeceu o Senhor os  
 5 açoutes da coluna, e os martírios da coroação; e ao Pretório sobiu com as mesmas insígnias da coroação, e com as mesmas chagas da coluna; mas posto que sempre foram as mesmas, contudo dentro do átrio eram afrontas menos públicas, e sobre o Pretório visto está que se fizeram mais patentes: as afrontas no melhor juízo dos homens tanto mais se sentem, quanto  
 10 se segue que sobindo o Senhor para o Pretório onde as causas de sua dor se fizeram mais públicas, que com ele juntamente sobiu muito de ponto a sua dor.

---

<sup>a</sup> Vulgata Latina (1605), doravante **VL**, Epistula ad Hebræos, c. 12, v. 3: *Recogitate enim eum, qui talem sustinuit a peccatoribus adversum semetipsum contradictionem: vt ne fatigemini, animis vestris deficientes. Bíblia Sagrada – Edições Paulinas (1986), doravante **BSP**: Considerai, pois, aquele que sofreu tal contradição dos pecadores contra si, e não vos deixareis cair no desânimo.*

<sup>3</sup>Redentor] Redemptor (e formas cognatas) A, *passim*.

<sup>5</sup> coluna] columna A, *passim*.

Entre as revelações de Santa Brígida<sup>b</sup> acharemos que repara a devotíssima Santa com grandíssima ponderação na dor, e no sentimento que padeceu Cristo no átrio de Pilatos quando se viu despido para ser açoutado: *Sicut natus est sic stabat, et patiebatur erubescientiam nuditatis suæ*:<sup>c</sup> porém se tanto sentimento causou ao Senhor o ver-se despido dentro das paredes do átrio; que seria sobre as varandas do Pretório? Que sentimento seria o do Senhor vendo-se na publicidade daquelas varandas, e à vista daquela imensa multidão despido, açoutado, com as mão atadas, com ãa cana na mão, com ãa corda ao pescoço, aos ombros uns estragos da púrpura, na cabeça ãa coroa de espinhos? *Et patiebatur erubescientiam*. Estando assim o Senhor Jesus com os olhos no chão de afrontado, com o sangue nas faces de corrido,<sup>d</sup> e olhando um povo imenso para aquele espetáculo chagado, então Pôncio Pilatos Presidente, e Viso-Rei de Judea, em voz alta, e inteligível disse assim: *Ecce homo*: Eis aqui o homem. E eis aqui Fiéis o mistério sobre que hoje havemos de discorrer, e que S. Paulo nos manda hoje considerar: *Recogitate eum, qui talem sustinuit à peccatoribus adversus semetipsum contradictionem*.

Considerou devota, e profundamente S. Bernardo<sup>e</sup> estas duas palavras, *Ecce homo*,<sup>f</sup> e achou nelas tantos mistérios, ou tantas contradições que ponderar, que eu não sei como as havemos de entender. Diz pois o Santo Doutor que estas duas palavras, *Ecce homo*, se devem entender assim: *Ecce homo plusquam homo, minus quam homo: supra hominem, infra hominem: intra hominem, extra hominem: sub homine, circa hominem: pro homine, contra hominem*.<sup>g</sup> Se ategora<sup>h</sup> era necessária explicação para as palavras do Presidente, agora é muito mais necessária para

<sup>b</sup> Nota marginal: <R[e]vel. S Brig I. c. 10.>. Ref. a *Qualiter Christus est flagellatus mortique adiudicatus*, de Santa Brígida (cf. BRIGITTA, *Revelationes Selectæ*, c. XVI, 1851, p. 159).

<sup>c</sup> “Estava de pé assim como nasceu, e sofria a vergonha de sua nudez” (tradução nossa).

<sup>d</sup> Mesmo que envergonhado (cf. BLUTEAU, 1789, v. 1, p. 336).

<sup>e</sup> Nota marginal: <D. B[e]rn. ap[u]d [L]yream de imi[t]a[t]. Christi c. 8.>. Citação de S. Bernardo, a partir do texto *De Imitatione Iesu Patientis*, libri III, caput VIII, de Adrien Van Lyere (cf. HADRIANI, *Libri septem*, 1655, p. 158).

<sup>f</sup> Nota marginal: <Ioan 19 5>. **VL**, *Evangelium secundum Ioannem*, c. 19, v. 5: (*Exiuit ergo Iesus portans coronam spineam, et purpureum vestimentum.*) *Et dicit eis: Ecce homo*. **BSP**: *Saiu, pois, Jesus trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. E (Pilatos) disse-lhes: Eis aqui o Homem*.

<sup>g</sup> “Eis o homem mais do que um homem, menos do que um homem; acima do homem, muito menor do que o homem; dentro do homem, fora do homem; sob o homem, sobre o homem; a favor do homem, contra o homem.” (tradução nossa).

<sup>h</sup> Segundo Aulete, advérbio composto (antigo e popular), formado por *até* + *agora*, com o mesmo significado dessa expressão, sem a contração (cf. ATEGORA. In: *iDICIONÁRIO Aulete*. Disponível em <<http://aulete.uol.com.br/ategora>>. Acesso em 14 ago. 2013).

<sup>21</sup> espetáculo] espectáculo A.

a mesma explicação: e como é possível que em Cristo no Pretório de Pilatos, ou que nesta só  
 35 palavra, *Ecce homo*, afirmada de Cristo, como é possível que se incluam termos tão opostos, e  
 entre si tão encontrados? *Homo plusquam homo, minus quam homo*: mais que homem, e  
 menos que homem, como se há de isto entender? *Supra hominem, infra hominem*: homem que  
 fica muito mais acima de homem, e muito mais abaixo de homem, como se pode isto  
 concordar? *Intra hominem, extra hominem*: está dentro do homem, e está fora do homem? que  
 maior oposição? *Sub homine, circa hominem*: está debaixo do poder do homem, e contudo  
 40 está cercando todo o homem? que maior implicância? *Pro homine, contra hominem*: está em  
 favor do homem, e contudo está contra o homem? que maior contradição? Em Deus, sendo ãa  
 só entidade simplicíssima, ensina Santo Tomás que necessariamente havemos de admitir  
 termos contraditórios, porque sendo a Essência divina indistinta do Eterno Padre, e sendo  
 realmente o mesmo, contudo devemos dizer que o Eterno Padre, e não a Essência divina  
 45 produz ao Verbo Eterno; e pelo contrário devemos também dizer que a Essência divina se  
 comunica ao Verbo, e não o Eterno Padre. A razão de tudo isto nos ensina o mesmo Angélico  
 Doutor que é; porque como Deus é ãa entidade infinita, e por infinita equivalente a muitas  
 entidades, daqui vem que sem implicância da razão, sendo Deus ãa entidade simplicíssima,  
 admite predicados contraditórios, como são produzir, e não produzir, comunicar-se, e não se  
 50 comunicar. Esta é a excelência que por Deus ser infinito, singularmente se acha em Deus: pois  
 que? havemos de dizer que uma excelência que compete à entidade de Deus, essa

---

<sup>43</sup> contraditórios] contradictorios A, *passim*; indistinta] indistincta A.

mesma se comunica em Cristo com título de homem? Logo pelo conseguinte devêramos também dizer, que esta palavra, *Ecce homo*, afirmada de Cristo, pois admite termos tão contraditórios, que sem dúvida contêm mistérios infinitos? Quanto a mim, eu digo que não  
 55 duvidara de o dizer; porém como S. Paulo nos fala em ãa só contradição, *qui talem sustinuit contradictionem*; digo que de todas as contradições quantas S. Bernardo considera nesta palavra, *Ecce homo*, uma só de todas elas, é a verdadeira contradição. Ora vejamos esta verdade discorrendo por todas elas.

*Ecce homo, plusquam homo, minus quam homo*. Nesta palavra, *Ecce homo*, diz S.  
 60 Bernardo que havemos de entender, que Cristo no Pretório de Pilatos era mais que homem, e menos que homem: parece que se contradizem estes termos; porque sendo Cristo mais, como podia ser menos? ou sendo menos, como podia ser mais? O mesmo Santo se explica com as seguintes palavras, *supra hominem, infra hominem*. Ora notem: Naquela figura lastimosa em que Cristo apareceu no Pretório de Pilatos, estava de ferido tão desfigurado,  
 65 que não tinha de homem nem a semelhança, nem a figura: *Ego sum vermis, et non homo:<sup>i</sup> Vidimus eum non habentem speciem:<sup>j</sup>* e tanto assim estava desfigurado, ou já por chagado ou já por abatido, que para Pilatos mover aqueles homens a alguma piedade, foi necessário afirmar-lhes que Cristo era homem: *Ecce homo*: por isso diz S. Bernardo que Cristo estava menos do que homem, *minus quam homo*; porque estava tão abatido, que não tinha nem  
 70 aparências de homem, *infra hominem*: porém neste mesmo abatimento, e neste mesmo parecer menos do que era, mostrou Cristo que padecia tanto sobre as forças de homem, *supra hominem*, que nisso mesmo mostrou que era mais do que homem:

---

<sup>i</sup> Nota marginal: <Ps. 21. 7.> **VL**, Liber Psalmorum, c. 21, v. 7: *Ego autem sum vermis, et non homo: opprobrium hominum, et abiectio plebis*. **BSP**: *Eu, porém, sou verme, e não um homem, / o opróbrio dos homens e a abjeção da plebe*.

<sup>j</sup> Nota marginal: <Isai. 53. 2.>. **VL**, Liber Isaiaë, c. 53, v. 2: *Et ascendet sicut virgultum coram eo, et sicut radix de terra sitiienti: non est species ei, neque decor: et vidimus eum, et non erat aspectus, et desideravimus eum*. **BSP**: *Ele subirá como o arbusto diante dele, e como raiz que sai de uma terra sequiosa; ele não tem beleza, nem formosura; vimo-lo, não tinha parecença do que era, e por isso não fizemos caso dele*.

*pluquam homo*. Hei de explicar-me com um exemplo de Jó, que nas aflições de Cristo sempre foi o seu mais vivo exemplo.

75 Começa a escrever o sagrado Historiador<sup>k</sup> a vida, e tormentos deste pacientíssimo Varão, e começa desta maneira: *Vir erat nomine Job, et erat vir ille, etc.*<sup>l</sup> Quer dizer: Havia um homem chamado Jó, e este era homem: parece que não era necessária esta advertência; porém sim era necessária, porque Jó no meio daqueles seus infortúnios estava tão ferido, e tão chagado, como diz a mesma Escritura: *A planta pedis usque ad verticem:*<sup>m</sup> estava já tão  
80 outro do que era, estava tão mudado do que fora, que já aquele homem Jó, nem parecia Jó, nem parecia homem; parecia um cadáver vivente, parecia uma chaga viva, ou parecia um monstro de chagas, em tanto extremo, que aqueles mesmos que mais o conheceram, já agora o não conheciam: *Audientes tres amici, venerunt singuli de loco suo, cumque elevassent oculos suos, non cognoverunt eum.*<sup>n</sup> Estando pois Jó tão desconhecido, e tão  
85 desfigurado, que muito é<sup>o</sup> que a Escritura, para no-lo dar a conhecer, diga que era homem? *Vir erat*. Pois da mesma sorte, que muito é que Pilatos afirmasse que Cristo era homem, estando tão desfigurado do que era? *Ecce homo, minus quam homo*. Porém ainda me fica esta dúvida: Se era necessário que a Escritura nos dissesse que Jó era homem, porque ele de chagado não parecia o que era, não bastaria que o dissesse ãa só vez? pois por que razão  
90 nos diz duas vezes, que Jó era homem? *Vir erat nomine Job, et erat vir?* Para satisfazer a esta dúvida, excito outra. Refere a mesma história, que quando os amigos de Jó no meio de suas calamidades o foram visitar, que levantaram os olhos para o ver: *Cumque elevas-*

<sup>k</sup> Cf. Houaiss (2002), “que ou aquele que narra qualquer acontecimento; que ou quem conta histórias”.

<sup>l</sup> Nota marginal: <Iob. 1. 1.>. **VL**, Liber Iob, c. 1, v. 1: *Vir erat in terra Hus, nomine Iob, et erat vir ille simplex, et rectus, ac timens Deum, et recedens a malo*. **BSP**: *Havia na terra de Hus um homem, chamado Jó, o qual eria sincero e reto, temia a Deus e fugia do mal*.

<sup>m</sup> Nota marginal: <Iob. 2. 7.>. **VL**, *ibidem*, c. 2, v. 7: *Egressus igitur Satan a facie Domini, percussit Iob vlcere pessimo, a planta pedis vsque ad verticem eius*. **BSP**: *Satanás, pois, tendo saído da presença do Senhor, feriu Jó com uma chaga horrível, desde a planta do pé, até ao alto da cabeça*.

<sup>n</sup> Nota marginal: <Iob 2 11.>. **VL**, *ibidem*, c. 2, v. 11-12: *Igitur audientes tres amici Iob omne malum, quod accidisset ei, venerunt singuli de loco suo, Eliphaz Themanites, et Baldad Suhites, et Sophar Naamathites. Condixerant enim, vt pariter venientes visitarent eum, et consolarentur. Cumque eleuassent procul oculos suos, non cognouerunt eum, et exclamantes plorauerunt, scissisque vestibis sparserunt puluerem super caput suum in caelum*. **BSP**: *Ora três amigos de Jó, tendo ouvido todo o mal que lhe tinha sucedido, foram (ter com ele) cada um do seu lugar: Elifaz de Teman, Baldad de Suas, e Sofar de Naamat. Porque tinham combinado irem juntos visitá-lo e consolá-lo. Tendo, pois, de longe levantado os olhos, não o conheceram, e, exclamando, choraram e, rasgados os seus vestidos, lançaram pó ao ar sobre as suas cabeças*.

<sup>o</sup> A expressão “que muito”, frequente também nos sermões de Vieira, equivale a “que há de estranho”, “que admiração” (cf. *Léxicon*. In: VIEIRA, 2010, p. 643).

<sup>73</sup> Jó] Job A, *passim*.

95 *sent oculos suos, non cognoverunt eum.* Cuidava eu que naquele estado quem pusesse os  
 olhos em Jó, de necessidade havia de abaixar os olhos; porém levantar? Em outro tempo, e em  
 outra fortuna, quando Jó estava sobre o trono de suas felicidades, força era que então se  
 levantassem todos os olhos que o vissem; mas agora, quando Jó não só se acha no estado mais  
 ínfimo da fortuna, senão no lugar mais abatido da terra: *Sedens in sterquilinio*;<sup>p</sup> como é  
 possível agora que se levantem os olhos que hão de ver a Jó: *Cumque elevassent oculos?* Não  
 100 dizíamos nós que Jó estava tão desfigurado, que não parecia homem, *non cognoverunt eum?*  
 pois homem que tanto chegou a padecer, que chegou a não parecer homem, homem que teve  
 forças para tanto padecer, e para poder aturar tanto, este homem quando está mais abatido,  
 então está mais levantado; este homem que assim padece sobre as forças de homem, mais que  
 homem é, quando padece: levantem-se pois os olhos, que o houverem de ver, porque é objeto  
 105 mais levantado que homem: *Cumque elevassent oculos suos.* Eis aí agora toda a razão por que  
 a Escritura diz duas vezes de Jó que era homem: *Vir erat, et erat vir*: diz da primeira vez que  
 era homem; porque Jó não tinha semelhança do que era: diz o mesmo segunda vez; porque Jó  
 em parecer menos que homem, na realidade mostrava que então era muito mais do que dantes  
 era, e tanto mais, que por isso com razão para que Jó não fosse avaliado por algum Deus, foi  
 necessário advertir segunda vez que contudo Jó era puro homem. Tudo é de S. João  
 110 Crisóstomo:<sup>q</sup> *Nec frustra Job describitur homo, ne scilicet in tanta patientia crederetur Deus.*<sup>r</sup>  
 Com razão diz logo S. Bernardo, e sem que implique a razão, que no Pretório de Pilatos era

---

<sup>p</sup> VL, Liber Iob, c. 2, v. 8: *qui testa saniem radebat, sedens in sterquilinio.* BSP: *Sentado num monturo, raspava a podridão com um pedaço de telha.*

<sup>q</sup> Nota marginal: <Chrys. tom. 1. de patiẽ. hom. 2. [1]>. Citação de *De Patientia, et quo mortui non amare lugendi sint*, de João Crisóstomo (CHRYSOSTOMUS, *Opera Omnia*, t. IX. In: MIGNE, P.G., t. LX, 1862, col. 723-736).

<sup>r</sup> “Não é sem razão que Jó é descrito como um homem, para que evidentemente, sendo tanta a sua paciência, não seja reputado como Deus”. (tradução nossa).

---

<sup>103</sup> objeto] objecto A, *passim*.

Cristo menos que homem, e mais que homem, *plusquam homo, minus quam homo*: era menos do que homem, porque não tinha aparências do que era, *infra hominem*: mas por isso mesmo porque chegou a padecer tanto, que sendo homem não parecia o que era, nisso mesmo mostrou  
115 que era muito mais do que homem, *supra hominem*. Agora para que vejamos o quanto mais era, combinemos o que a Escritura disse de Jó, com o que Pilatos disse de Cristo. A Escritura vendo que Jó não parecia o que era, disse que era homem: *Erat vir*: assim também Pilatos vendo que Cristo não parecia homem, afirmou, e assegurou que o era: *Ecce homo*. Segunda vez tornou a Escritura a dizer que Jó era homem: *Et erat vir*; porém Pilatos não disse que  
120 Cristo era homem mais que ãa só vez: pois assim como a Escritura disse segunda vez de Jó que era homem, por que o não afirma Pilatos de Cristo também segunda vez? Respondo: Como Jó em parecer menos que homem, mostrou que era mais, foi necessário advertir que contudo era homem, porque não parecesse Deus: *Ne crederetur Deus*:<sup>s</sup> porém de Cristo só ãa vez se advertiu que era homem, porque o não parecia: *Ecce homo*: e não se advertiu segunda  
125 vez, porque em Cristo o parecer menos, foi parecer tanto mais: foi tanto mais sobir o chegar a perder as aparências de humano, que foi mostrar verdadeiramente as realidades de divino: de maneira, em Cristo o não parecer homem no Pretório de Pilatos, foi mostrar que era muito mais que puro homem, e que era verdadeiro Deus: pois por isso Pilatos como não podendo negar esta verdade de que ali se mostrava Cristo verdadeiro Deus, não pôde  
130 ratificar, nem afirmar segunda vez que Cristo era só homem. Antes acrescento, que ainda quando Pilatos afirmava de Cristo que era homem, aí mesmo afirmava que era

---

<sup>s</sup> Vide nota “1”.

juntamente Deus, e não puramente homem; porque um homem que sendo tão inocente, estava por nossas culpas tão ferido, e tão chagado, ainda que era homem, que podia ser senão Deus?

Viu o Centurião a Cristo na Cruz, e diz S. Lucas que lhe chamara homem: *Vere hic homo justus erat*:<sup>1</sup> mas S. Mateus pelo contrário diz que lhe chamara Deus: *Vere Filius Dei erat iste*:<sup>2</sup> parece que aqui se encontram<sup>v</sup> os Evangelistas; porque ou o Centurião chamou a Cristo Deus, ou lhe chamou homem: se lhe chamou homem, como diz um Evangelista que lhe chamara Deus: *Vere Filius Dei erat iste?* e se lhe chamou Deus, como diz outro Evangelista que lhe chamara homem: *Vere hic homo?* Ambos falaram como Evangelistas; porque Cristo era Deus, e homem juntamente, e quando assim o não conhecêramos por fé, ainda se pudera alcançar pela razão; porque como Cristo sendo tão inocente, estava por amor de nós na Cruz tão desfigurado, chamar-lhe Deus, ou chamar-lhe homem, tudo vinha a ser o mesmo: por isso os Evangelistas sem contradição, dizendo um que o Centurião lhe chamara homem: *Vere hic homo justus erat*; disse outro que lhe chamara Deus: *Vere Filius Dei erat iste*. Porém reparo que o Centurião não diz de Cristo na Cruz que é Deus, senão que era: *Filius Dei erat*. E Cristo não é Deus na Cruz? Claro está: pois por que não diz o Centurião, é, senão, era? Entendo que o Centurião não fala só do que vê na Cruz, senão também do que viu no Pretório, e como no Pretório já tinham declarado a Cristo por homem: *Ecce homo*, por isso o Centurião não só diz de Cristo o que é, senão o que era; como querendo dizer, que se lá no Pretório era homem, *homo justus erat*, já desde então dava Cristo a entender que era

<sup>1</sup> Nota marginal: <Luc. 23. 47.>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 23, v. 47: *Videns autem Centurio quod factum fuerat, glorificauit Deum, dicens: Vere hic homo iustus erat. BSP*: O centurião, vendo o que tinha acontecido, glorificou a Deus, dizendo: Na verdade este homem era justo.

<sup>2</sup> Nota marginal: <Mat. 28 54.>. **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 27, v. 54: *Centurio autem, et qui cum eo erant, custodientes Iesum, viso terræ motu et his quæ fiebant, timuerunt valde, dicentes: Vere Filius Dei erat iste. BSP*: O centurião e os que com ele estavam de guarda a Jesus, vendo o terremoto e as coisas que aconteciam, tiveram grande medo e diziam: Na verdade, este homem era o Filho de Deus.

<sup>v</sup> Neste contexto, encontrar é o mesmo que ir de encontro, chocar-se com (HOUAISS, 2002).

Deus: *Filius Dei erat.*

Em confirmação desta verdade, me lembra que a sexta-feira passada dizia eu que o Ídolo do Dagão se prostrara por terra, e se desfizera em pedaços diante da Arca do Testamento, porque em representação de Cristo estava a Arca do Testamento presa, e cuberta com ãa capa  
 155 cor de púrpura, e porque tinha dentro ãa vara, e por cima ãa coroa; porém agora reparo que tem ãa grande instância o que eu então dizia, e vem a ser, que os Filisteus, em cujo poder estava a Arca do Testamento, não fizeram aquelas demonstrações que fez o Ídolo: pois se se postra por terra o Ídolo, por que se não postram também os Idólatras? por que mais se desfaz em pedaços ãa estátua de pedra, que os mesmos homens? Será porventura, porque diante de  
 160 ãa figura de Cristo com púrpura, com cetro, e com Coroa são os homens mais endurecidos que as pedras? Ainda não é essa a verdadeira razão: pois qual é? Eu a darei. Aquele Ídolo era adorado por Deus, era ãa divindade fingida: a Arca do Testamento cativa com coroa, vara, e púrpura, era uma expressa figura de Cristo preso, e atado no Pretório de Pilatos: pois para que se entendesse que Cristo preso, e com as insígnias do Pretório, quando não tinha nem  
 165 aparências de homem, então mostrava realidades de Deus, por isto se desfaz, e se despedaça o Ídolo do Dagão à vista da Arca do Testamento; porque Cristo preso com púrpura, cetro, e coroa se mostra tão verdadeiro Deus, que até à vista de ãa figura sua, até à vista de ãa sua representação todo o Deus fingido se postra, toda a divindade falsa se desfaz: *Dagon autem jacebat pronus in terram ante Arcam Domini.*<sup>w</sup>  
 170 E na verdade se distintamente discorrermos por todas as insígnias com que Cristo apareceu no Pretório de Pilatos, facilmente entenderemos que

---

<sup>w</sup> **VL**, Liber I Samuelis, c. 5, v. 3: *Cumque surrexissent diluculo Azotij altera die, ecce Dagon iacebat pronus in terra ante arcam Domini: et tulerunt Dagon, et restituerunt eum in locum suum. BSP: No outro dia, tendo-se levantado os de Azoto, eis que Dagon jazia com o rosto por terra diante da arca do Senhor; tomaram Dagon e repuseram-no no seu lugar.*

---

<sup>160</sup> cetro] sceptro A, *passim*.

todas são divisas de Deus; e senão, qual era a primeira insígnia de Cristo? Ûa coroa de espinhos. Lá apareceu Deus a Moisés, e apareceu-lhe cercado de espinhos: *In medio rubi*:<sup>x</sup> pois por quê? Porque então se definia o mesmo Deus: *Ego sum qui sum*:<sup>y</sup> e como as propriedades acompanham a definição, justo era que Deus que então se definia, se cercasse de espinhos, para que se visse que são os espinhos propriedades de Deus. E que mais trazia Cristo? Ûa capa de púrpura. Lá se definiu o mesmo Deus em outra ocasião, e disse de si que era ùa flor do campo: *Ego flos campi*:<sup>z</sup> mas que espécie de flor? Leu a Interlinha: *Ego sum Rosa*:<sup>aa</sup> e por que mais Rosa, do que outra flor? Porque ùa púrpura rasgada é toda a ambição da Rosa, e ùa púrpura ensanguentada é toda a pompa de Deus. E que mais trazia Cristo? Ûa cana. Ûa cana sabemos que se deu a S. João no Apocalipse para medir o templo de Deus: *Et datus est mihi calamus similis virgæ*:<sup>bb</sup> pois a medida do lugar de Deus há de ser ùa cana? Sim; porque a cana é toda a proporção de Deus. Que mais trazia Cristo? Ûas cordas. Com ùas cordas disse Deus que havia de atrair ao seu conhecimento aos homens, tirando-os da gentilidade, e da idolatria: *In funiculis Adam traham illos, in vinculis charitatis*:<sup>cc</sup> e por que os havia Deus de atrair com cordas? Porque as cordas o dariam a conhecer por verdadeiro Deus. E que mais trazia Cristo? Vinha cuberto de chagas. E que fez São Tomé quando viu as chagas de Cristo? não o conheceu então? não o adorou por verdadeiro Deus? Assim o confessou o mesmo Santo: *Dominus meus, et Deus meus*.<sup>dd</sup> De maneira que espinhos, púrpura, cana, cordas, e chagas, tudo são divisas de Deus,<sup>ee</sup> tudo são propriedades de sua essência, tudo braços de sua

<sup>x</sup> Nota marginal: <Exod. 3. 2.>. **VL**, Liber Exodus, c. 3, v. 2: *Apparuitque ei Dominus in flamma ignis de medio rubi: et videbat quod rubus arderet, et non combureretur*. **BSP**: *O Senhor apareceu-lhe numa chama de fogo, (que saía) do meio de uma sarça, e (Moisés) via que a sarça ardia, sem se consumir*.

<sup>y</sup> **VL**, *ibidem*, c. 3, v. 14: *Dixit Deus ad Mosen: EGO SVM QUI SVM*. *Ait: Sic dices filijs Israel: QVI EST, misit me ad vos*. **BSP**: *Deus disse a Moisés: Eu sou aquele que sou. E disse: Assim dirás aos filhos de Israel: Aquele que é enviou-me a vós*.

<sup>z</sup> Nota marginal: <Cânt. 2. 1.>. **VL**, Canticum Canticorum, c. 2, v. 1: *Ego flos campi, et lilium conuallium*. **BSP**: *Eu sou a flor do campo, / e a açucena dos vales*.

<sup>aa</sup> Cf. *Canticum Canticorum, Vetus Tralatio*, c. 2, v. 1. In: *BIBLIA SACRA*, [...] Vatabli [...]. *Latina interpretatio duplex est: altera vetus, altera nova*, t. II, 1745, p. 201.

<sup>bb</sup> Nota marginal: <Apoc. 11 1.>. **VL**, *Apocalypsis Ioannis*, c. 11, v. 1: *Et datus est mihi calamus similis virgæ, et dictum est mihi: Surge, et metire templum Dei, et altare, et adorantes in eo*. **BSP**: *Depois foi-me dada uma cana semelhante a uma vara, e foi-me dito: Levanta-te e mede o Templo de Deus, o altar e os que nele adoram*.

<sup>cc</sup> Nota marginal: <Osee 1[1] 4.>. **VL**, *Prophetia Osee*, c. 11, v. 4: *In funiculis Adam traham eos, in vinculis charitatis: et ero eis quasi exaltans iugum super maxillas eorum: et declinaui ad eum vt vesceretur*. **BSP**: *Atraí-os para mim com vínculos próprios de homens, com os vínculos da caridade; fui para eles como o que tira o jugo de cima dos seus queixos e aproximei-me deles para os nutrir*.

<sup>dd</sup> Nota marginal: <Ioan. 20 28.>. **VL**, *Evangelium secundum Ioannem*, c. 20, v. 28: *Respondit Thomas, et dixit ei: Dominus meus, et Deus meus*. **BSP**: *Respondedeu Tomé e disse-lhe: Senhor meu e Deus meu!*

<sup>ee</sup> Nesta página do sermão, o autor retoma, quase na mesma ordem, a explanação sobre as divisas de Cristo feita no *Ecce Homo* (1677), de sua autoria.

divindade. Isto é cada ãa destas insígnias per si só; e que serão todas juntas? Logo então se mostrou Cristo verdadeiro Deus, quando apareceu no Pretório de Pilatos com capa de púrpura, com cetro de cana, com coroa de espinhos, afrontado com cordas, e cuberto de chagas: então é verdade, que não pareceu que era homem, porque pareceu menos do que era: *Infra hominem,*  
 195 *minus quam homo*; porém por isso mesmo, por isso então se mostrou que era mais que puro homem, e por isso mostrou então que era verdadeiro Deus: *Plusquam homo, supra hominem.*

*Ecce homo: intra hominem: extra hominem:* é a segunda explicação que dá o Santo Doutor às palavras *Ecce homo:* e parece ãa expressa contradição; porque estar fora, e estar dentro, visto está que são termos que se contradizem: pois logo como diz S. Bernardo que no  
 200 Pretório de Pilatos está Cristo dentro de nós, e fora de nós: *Intra hominem: extra hominem?* Respondo, que se não contradizem estas palavras, e temos o exemplo no mesmo Pretório. A coroa de espinhos com que Cristo apareceu no Pretório, não está claro que para lhe cingir a cabeça, a cercava pela parte de fora? e contudo não é certo também que aquele bárbaro diadema atravessava a cabeça do Senhor penetrando-a com setenta e dous espinhos<sup>ff</sup> pela parte  
 205 de dentro? Logo não contradiz a razão que o mesmo amorosíssimo Senhor a respeito de nossas almas nos fique pela parte de dentro, e nos fique pela parte de fora; porque tendo-nos dentro em seu coração, fica ele pela parte de fora: *extra hominem;* e tendo-o nós a ele em nossas almas, fica ele da parte de dentro: *intra hominem.* Por meio do Sacramento do altar disse Cristo que o homem fica dentro dele, e ele fica dentro do homem: *In me*<sup>gg</sup>

---

<sup>ff</sup> No *Ecce Homo*, deste pregador, também há menção à coroa de setenta e dois espinhos, dentre outros sofrimentos físicos e emocionais de Cristo, que lhe foram impingidos na trajetória do Pretório até o Calvário. Ao que consta, esses números têm origem em uma cartilha de devoção à Via Sacra, da época das Cruzadas, que a tradição incorporou à 14ª estação (momento em que os discípulos vão embalsamar o corpo de Jesus e passam a contar os tormentos que ele sofreu), e a literatura posterior reproduziu com variações. Disso dão mostras os escritos atribuídos a São Vicente Ferrer, São Boaventura, Santa Gertrudes, Santa Brigite, Juan Aquilano, Orozco e Rodulfo, Padre Salmeron, e outros (cf. SANTIAGO, 1790, p. 235; ANÔNIMO, 1858, p. 387-389).

<sup>gg</sup> Nota marginal: <Ioan. 56>. **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 6, v. 57: *qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem, in me manet, et ego in illo.* **BSP**: *O que come a minha carne e bebe o meu sangue, permanece em mim e eu nele.*

210 *manet, et ego in illo*: pois isto mesmo que por realidade sucede no Sacramento, por que não  
 poderá também por afeto suceder no Pretório? Assim como Cristo quanto é *ex vi verborum*,<sup>hh</sup>  
 só enquanto homem está no Sacramento; assim também no Pretório está só enquanto homem:  
*Ecce homo*: logo assim como no Sacramento está dentro de nós, e nós dentro dele, assim  
 também poderá ser o mesmo no Pretório. Oh se assim nos resolvêssemos nós a ter em nossas  
 215 almas aquele Deus chagado, e aquele homem Deus, quanto ele procura ter dentro em seu  
 coração todas as almas de todos os homens! Aquelas chagas abertas com que Cristo apareceu  
 no Pretório, que outra cousa vêm a ser, senão portas abertas por onde o nosso Redentor nos  
 quer recolher em seu coração? Admirável desejo de nos recolher em si, abrir em si tantas  
 portas para nos recolher! Pois se à custa de tantas chagas nos deseja recolher todos em seu  
 220 próprio coração, como nós em igual correspondência não recolheremos em nossos corações a  
 um Deus, que para recolher nossas almas abriu em tantas chagas tantas portas? Considerou a  
 Alma Santa a Cristo enquanto chagado, *Fasciculus myrrhæ*;<sup>ii</sup> e então o considerou para  
 querido: *Dilectus meus mihi*.<sup>jj</sup> mas não só o considerou para emprego de seu amor, senão  
 também para depósito de seu coração: *Inter ubera mea commorabitur*. Devida  
 225 correspondência! Procura Cristo chagado recolher nossas almas em seu coração? pois  
 procurem também as nossas almas ter em seus corações a Cristo chagado: *Fasciculus myrrhæ  
 dilectus meus mihi, inter ubera mea comorabitur*.

Disponhamos-nos pois almas Cristãs, disponhamo-nos a que Cristo nos admita em  
 seu coração, disponhamo-nos a trazer em nossos corações a Cris-

---

<sup>hh</sup> “Por força das palavras” (tradução nossa).

<sup>ii</sup> Nota marginal: <Cant. 1. 13.>. **VL**, Canticum Canticorum, c. 1, v. 12: *Fasciculus myrrhæ dilectus meus mihi, inter vbera mea commorabitur*. **BSP**: *O meu amado é para mim como um ramalhete de mirra, / colocado sobre o meu peito.*

<sup>jj</sup> *Loc. cit.*

---

<sup>211</sup> afeto] affecto A, *passim*.

230 to, e veremos o como é possível que esteja Cristo, *intra hominem, extra hominem*: dentro de  
 nossas almas, porque os nossos corações o não lancem fora; por fora de nossas almas, porque o  
 seu amoroso coração todas as terá dentro. Bem vejo que esta correspondência de afetos, e esta  
 troca de corações devem nossas almas a Cristo em qualquer outro estado, e em qualquer outro  
 235 mistério; porém quando considero a um Deus chagado com o título de *Ecce homo*, então me  
 parece que esse é o mistério mais próprio, em que Cristo nos recolha em si, e em que nós  
 recolhemos a Cristo: *Ecce homo: intra hominem, extra hominem*. Lutava ãa noite Deus com  
 Jacó, e ainda que Jacó se viu assaz apertado, Deus ali foi o mais rendido: *Contra Deum fortis  
 fuisti*. Se bem repararmos nesta luta de Jacó com Deus, acharemos, que ali ficou Deus da parte  
 de dentro, e da parte de fora: *intra hominem, extra hominem*: da parte de dentro, enquanto Jacó  
 240 lhe lançava os braços para o recolher a si; da parte de fora, enquanto Deus lançava os braços, e  
 lutava por recolher Jacó: mas que razão haveria para que assim lutassem Deus, e o homem?  
 Deus por recolher em si ao homem, o homem por recolher em si Deus? A razão a meu ver é;  
 porque ainda que quem lutava com Jacó era Deus: *Contra Deum fortis fuisti*;<sup>kk</sup> contudo era um  
 Deus que era juntamente homem: *Ecce vir luctabatur cum eo*;<sup>ll</sup> antes não só era um homem  
 245 Deus, mas era um homem Deus com o título de *Ecce homo*: isso quer dizer em toda a latinidade,  
*Ecce vir*: pois se aquele homem Deus tinha o título de *Ecce homo*, que muito que lutasse por ter  
 dentro de seus braços a Jacó? e que muito que lutasse Jacó para o ter dentro de seus braços?  
*Ecce vir luctabatur cum eo*. Com razão dizia eu logo que Cristo com o título de *Ecce ho-*

---

<sup>kk</sup> Nota marginal: <Gen. 32 28.>. **VL**, Liber Genesis, c. 32, v. 28: *At ille, nequaquam, inquit, Iacob appellabitur nomen tuum, sed Israel: quoniam si contra Deum fortis fuisti, quanto magis contra homines prævalebis?* **BSP**: *Porém ele disse: De nenhuma sorte te chamarás Jacó, mas Israel; porque, se contra Deus foste forte, quanto mais o será contra os homens.*

<sup>ll</sup> **VL**, *ibidem*, c. 32, v. 24: *mansit solus: et ecce vir luctabatur cum eo usque mane.* **BSP**: *Ficou ele só; e eis que um homem lutou com ele até pela manhã.*

---

<sup>237</sup> Jacó] Jacob A, *passim*.

250 *mo* é o que mais propriamente nos procura ter dentro em si, e a quem nós mais devidamente  
 havemos de ter dentro em nós; e com razão diz S. Bernardo: *Ecce homo: intra hominem, extra  
 hominem.*

255 *Ecce homo: sub homine, circa hominem.* Também nesta explicação de S. Bernardo  
 se representa algũa contradição; porque quem está debaixo do poder de outrem, como é  
 possível que o esteja cercando, abrangendo, e abarcando Logo estando Cristo debaixo do  
 poder de Pilatos, *Sub homine*, como se pode verificar que nesse mesmo tempo nos está  
 cercando, e compreendendo: *Circa hominem?* Digo que nos está Cristo compreendendo,  
 porque com os braços cruzados nos está abraçando: e digo que nos está cercando, porque  
 por todas as partes nos está combatendo. Matéria era esta que pedia um discurso bem largo,  
 e bem devoto; porém está puxando por mim o último discurso. Pelo que sobre este ponto  
 260 digo só brevemente, que estando Cristo no Pretório debaixo do poder de Pilatos, *Sub  
 homine*, aí mesmo sem contradição nos está cercando, porque aí mesmo nos está pondo  
 cerco, ou para combater-nos as almas, ou para conquistar-nos os corações: *Circa hominem.*  
 Ora notem: Na conquista de nossas almas há-se Deus segundo a maior, ou menor resistência  
 delas. Ña praça aberta leva-se por assalto, de ña avançada se leva; e ña praça forte? só se  
 265 leva por cerco, e quanto o lugar está mais fortificado, tanto o cerco é mais vagaroso. Pois  
 assim o divino Conquistador de nossas almas: se a alma se não resiste, leva-a Deus de um  
 assalto; mas se está rebelde, é necessário a Deus levá-la por cerco. A S. Pedro quando  
 negou a Cristo, como era tão obediente, rendeu Cristo à escala vista,<sup>mmm</sup> e com um assalto de  
 olhos: *Respexit Petrum;*<sup>mm</sup> porém a S. Paulo, que mais obstinadamente negava a

---

<sup>mmm</sup> Segundo Bluteau (1789, v. 1, p. 528), “Levar a fortaleza á escala vista, toma-la de sobresalto, arrimadas as escadas ao muro, e entrando nela a pesar dos defensores”.

<sup>mm</sup> Nota marginal: <Luc. 22. 61.>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 22, v. 61: *Et conversus Dominus respexit Petrum. Et recordatus est Petrus verbi Domini, sicut dixerat: Quia prius quam gallus cantet, ter me negabis: BSP: Tendo-se voltado, o Senhor olhou para Pedro. Pedro então lembrou-se da palavra que lhe tinha sido dita pelo Senhor: Antes que o galo cante, me negarás três vezes.*

270 Cristo, como estava tão rebelde, rendeu Cristo com maiores estrondos, e com maiores  
 aparatos; rendeu-o com bateria<sup>oo</sup> de luzes, e com um cerco de raios: *Circumfulsit eum lux de*  
*Cælo*.<sup>pp</sup> Esta é a traça<sup>qq</sup> de que usa Deus para render as almas mais rebeldes; e são estes cercos  
 tão antigos em Deus, que já desde a criação do mundo a eterna Sabedoria lhe pôs um cerco:  
 275 *Gyrum circuivi sola*;<sup>rr</sup> por sinal, que com tão feliz sucesso, que então rendeu os corações de  
 todo o mundo: *Et omnium excellentium, et humilium corda virtute calcavi*.<sup>ss</sup> pois assim como  
 a Sabedoria eterna rendeu por um cerco os corações do mundo, assim também a Sabedoria  
 encarnada quis render o mundo por cerco, e com efeito dizem os Evangelistas, que cercando  
 as Cidades, introduzia Cristo a fé por todo o mundo: *Circuibat omnes Civitates prædicans*  
*Evangelium*.<sup>tt</sup> porém introduzir a fé é só render os entendimentos, e Cristo queria render os  
 280 corações; mas sendo os corações do mundo tão rebeldes, que remédio para os render? Que  
 remédio, senão pôr também um cerco a todos os corações?

Este cerco pois para render os corações mais rebeldes, este cerco nos põe hoje Cristo  
 no Pretório de Pilatos com a figura do *Ecce homo: Ecce homo: circa hominem*: e para que  
 nada faltasse em um cerco tão poderoso, discorrendo por todas as partes de um cerco, as  
 285 cordas cuida que são as linhas, e as chagas cuida que são as brechas; ou como são tão  
 profundas, também podem ser as cavas: o cetro de cana serve de estacada, e os golpes do  
 sangue para a bateria: a coroa sendo um círculo de espinhos, também é um cerco de raios: a  
 capa cuida que lhe serve de aproches,<sup>uu</sup> não só para se cobrir, senão também para nos cercar; e  
 como tem os braços cruzados, sem dúvida que também nos quer cercar com os braços;

<sup>oo</sup> Mesmo que “bateria” (cf. BATERIA. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em <<http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx?pal=bateria>>. Acesso em 03 set. 2013.)

<sup>pp</sup> Nota marginal: <Act 9 3.>. VL, Actus Apostolorum, c. 9, v. 3: *Et cum iter faceret, contigit vt appropinquaret Damasco: et subito circumfulsit eum lux de cælo*. BSP: *Seguindo ele o seu caminho, aconteceu que, ao aproximar-se de Damasco, subitamente o cercou uma luz fulgurante vinda do céu*.

<sup>qq</sup> Neste trecho, “traça” corresponde a “trama”, “ardil” (cf. TRAÇA. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em <<http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx?pal=traça>>. Acesso em 03 set. 2013.)

<sup>rr</sup> Nota marginal: <Eccl 24. 8.>. VL, Liber Ecclesiasticus, c. 24, v. 8: *Gyrum cæli circuivi sola, et in profundum abyssi penetraui, in fluctibus maris ambulavi [...]*. BSP: *Eu sozinha fiz todo o giro do céu, / e penetrei a profundeza do abismo, / andei sobre as ondas do mar [...]*.

<sup>ss</sup> VL, *ibidem*, c. 24, v. 11: *et omnium excellentium et humilium corda virtute calcaui: et in his omnibus requiem quæsiui, et in hereditate Domini morabor*. BSP: *E sujeitei com o meu poder o coração de todos os grandes e pequenos; e entre todos estes povos busquei um lugar de repouso, / e uma morada na herança do Senhor*.

<sup>tt</sup> Nota marginal: <Matt. 9. 35.>. VL, Evangelium secundum Matthæum, c. 9, v. 35: *Et circuibat Iesus omnes ciuitates, et castella, docens in synagogis eorum, et prædicans evangelium regni, et curans omnem languorem, et omnem infirmitatem*. BSP: *Entretanto Jesus ia percorrendo todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas deles, pregando o Evangelho do reino e curando toda a doença e toda a enfermidade*.

<sup>uu</sup> “[Antigo] Entrincheiramento feito pelos sitiadores de uma praça, para se aproximarem dela e a atacarem” (cf. APROCHE. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em <<http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx?pal=aproche>>. Acesso em 03 set. 2013.)

290 porém as chagas como estão por toda a circunferência, com elas cuida que principalmente nos  
quer cercar; porque com elas considero que nos espera render. Õa alma sei eu que foi de todas  
a mais rendida, sendo que só entre flores se viu cercada: *Venter tuus sicut acervus tritici*  
*vallatus lilijs:*<sup>vv</sup> pois se para se render ãa alma bastou só um cerco de flores, como se não  
renderão nossas almas a um cerco de chagas? Em um cerco tão poderoso não há que fugir,  
295 senão render, em um cerco tão apertado não há que resistir, senão entregar; e assim que as  
almas que se não entregarem, entendam de si que são invencíveis; os corações que se não  
renderem, entendam de si que são inexpugnáveis. Muitas foram as diligências que fez Pilatos  
por livrar a Cristo da morte, enfim, e por fim de tudo mostrou a Cristo chagado no Pretório, e  
vendo que seus inimigos continuavam na mesma porfia, perdidas de remate as esperanças, e já  
300 como desenganado lhes entregou a Cristo: *Tradidit eum voluntati eorum:*<sup>ww</sup> pois por que não  
fez algũa diligência mais? Porque não há mais diligência: de corações que à vista de Cristo no  
Pretório se não chegaram a render, não havia mais que esperar: as Cidades que se não rendem  
a um cerco poderoso, são invencíveis, não há mais que levantar o cerco: assim também os  
corações que se não rendem a um *Ecce homo*, são inexpugnáveis, porque um *Ecce homo* é um  
305 cerco de nossos corações: *Ecce homo, circa hominem.*

*Ecce homo, pro homine, contra hominem.* Esta é a última explicação de S.  
Bernardo, e aqui temos enfim a nossa contradição verdadeira; porque ser Cristo pelo  
homem, e ser contra o homem, que maior contradição? Cristo enquanto Salvador está em  
favor do homem, e se ele se põe contra o homem, já é fiscal,

---

<sup>vv</sup> Nota marginal: <Cât 7. 2>. **VL**, Canticum Canticorum, c. 7, v. 2: *Vmbilicus tuus crater tornatilis, numquam indigens poculis. Venter tuus sicut acervus tritici, vallatus lilijs.* **BSP**, *ibidem*, c. 7, v. 3: *Teu umbigo é uma taça feita ao torno, / que nunca está desprovida de licores. / O teu ventre é como um monte de trigo cercado de lírios.*

<sup>ww</sup> Nota marginal: <Luc. 23. 25.>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 23, v. 25: *Dimisit autem illis eum, qui propter homicidium et seditionem missus fuerat in carcerem, quem petebant: Iesum vero tradidit voluntati eorum.* **BSP**: *Soltou-lhes aquele que tinha sido preso por causa de sedição e de homicídio, como eles reclamavam; e abandonou Jesus ao árbitro deles.*

310 e não Salvador: pois ser Salvador, e não ser Salvador, não é esta a maior contradição que se faz a Cristo? Mas donde nasceria no Pretório que sendo ali Cristo Salvador de todos os homens, *pro homine*, que ali mesmo estivesse contra os homens, como se não fora seu Salvador: *Contra hominem*? Tudo havemos de achar no mesmo Texto. Pilatos mostrou a Cristo chagado, para que aqueles homens se doessem de ver a Cristo; porém eles tão fora  
 315 estiveram de se doer, que o pediram para o crucificar: *Crucifige, crucifige eum*:<sup>xx</sup> pois se aqueles homens se não doeram, nem moveram de ver a Cristo chagado, que muito que sendo Cristo Salvador de todos, haja de ser o fiscal daqueles homens: *Contra hominem*? Cristãos, Cristo é Salvador de todos; porém as suas chagas são as nossas culpas, e se nós nos não compadecemos delas como chagas suas, devemos senti-las como culpas nossas, e  
 320 quem se não dói de suas culpas, quem se não arrepende delas, tenha entendido que há de ser Cristo parte contra ele, por ele não obrar da sua parte. Rebelou-se o Príncipe Absalão contra seu Pai El-Rei Davi, e na rota de seu Exército fugindo a unha de cavalo, e embarçando-se-lhe a gadelha<sup>yy</sup> nos ramos de ãa árvore, ali ficou dependurado de um ramo, ou como troféu da desgraça, ou como despojo da ingratidão: neste tempo passando  
 325 Joabe, e vendo pendente de um ramo ao desgraçado Príncipe, diz a Escritura que com três lanças lhe atravessou o coração. Valha-me Deus, Joabe! Não foi Joabe quem tantas vezes intercedeu por Absalão? Quando Absalão esteve desterrado, não foi Joabe quem o congraçou com Davi? Não foi Joabe o seu Advogado, a sua valia, e o seu fiador? pois como agora é o seu homicida? Por isso mesmo, diz S. João Crisóstomo<sup>zz</sup>: *Qui Patrem ei*

---

<sup>xx</sup> VL, Evangelium secundum Lucam, c. 23, v. 21: *At illi succlamabant, dicentes: Crucifige, crucifige eum. BSP: Eles, porém tornaram a gritar, dizendo: Crucifica-o, crucifica-o!*

<sup>yy</sup> Mesmo que guedelha: “cabeleira comprida e desgrenhada”; “porção de cabelos; madeixa” (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>zz</sup> Nota marginal: <Christ. in Ps. 7. [tom] 1.>. Citação de S. João Crisóstomo, em *Expositio in Psalmum VII* (cf. CHRYSOSTOMI, *Opera Omnia*, t. IV, 1836, p. 89).

---

<sup>322</sup> Davi] David A, *passim*.

<sup>325</sup> Joabe] Joab A, *passim*.

330 *reconciliavit, is ipsum interfecit.*<sup>aaa</sup> Fez Joabe tantas vezes as partes de amigo, e falta Absalão da sua parte? falta à sua obrigação? Ficou Joabe obrigado a Davi por seu fiador, e levanta-se Absalão contra Davi? pois o mesmo Joabe há de ser o homicida de Absalão: *Qui Patrem ei reconciliavit, is ipsum interfecit.* Assim mesmo, Fiéis, assim mesmo sucede em Cristo a respeito dos pecadores: Cristo é nosso fiador: *Qui fidejussor existit:*<sup>bbb</sup> Cristo é nosso Advogado: *Advocatum habemus apud Patrem:*<sup>ccc</sup> Cristo é nosso Salvador: *Ipse enim salvum faciet populum suum:*<sup>ddd</sup> se fizermos da nossa parte o que devemos à nossa obrigação, teremos por nós a Cristo: *pro homine*; mas faltando à nossa obrigação, segue-se o termo contraditório, que será Cristo parte contra nós: *contra hominem.*

340 Pelo que Fiéis, se é que desejamos ter a Cristo da nossa parte, façamos da nossa parte o que não fizeram os êmulos de Cristo: eles não se doeram das chagas de Cristo; doamo-nos nós de nossas culpas, porque assim nos doemos de suas chagas, e resolvamos, que sem esta dor não há salvação; porque para Cristo ser Salvador de nossas almas, é certo que não bastam as dores que ele padeceu por nós, senão que da nossa parte é necessário dor do muito que o ofendemos a ele. Dizia S. Paulo que ele dava complemento, e  
345 acabava de aperfeiçoar tudo o que faltava às dores da paixão de Cristo: *Adimpleo ea quæ desunt passionum Christi in carne mea:*<sup>eee</sup> mas com que verdade o podia dizer S. Paulo? As dores da paixão de Cristo não são de infinito preço, de infinito merecimento, e de infinita perfeição? pois logo que podia faltar às dores de Cristo? Para Cristo ser Salvador da sua parte, nada podia faltar, mas para nós nos salvarmos, ainda falta a dor da nossa parte: resul-

<sup>aaa</sup> “Quem o reconciliou com o Pai, este o matou” (tradução nossa).

<sup>bbb</sup> Nota marginal: <Prov. 20 16.>. **VL**, Liber Proverbiorum, c. 20, v. 16: *Tolle vestimentum eius, qui fideiussor extitit alieni, et pro extraneis aufer pignus ab eo.* **BSP**: *Tira o vestido àquele que ficou por fiador dum desconhecido, / e leva-lhe de casa o penhor, pois ele obrigou-se por estranhos.*

<sup>ccc</sup> Nota marginal: <Ioan. 2.1.>. **VL**, Epistula I Ioannis, c. 2, v. 1: *Filioli mei, hæc scribo vobis, vt non peccetis. Sed et si quis peccauerit, advocatum habemus apud Patrem, Iesum Christum justum:* **BSP**: *Filinhos meus, eu vos escrevo estas coisas, para que não pequeis; mas se algum pecar, temos um advogado junto do Pai, Jesus Cristo justo.*

<sup>ddd</sup> **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 1, v. 21: *pariet autem filium: et vocabis nomen eius IESUM: ipse enim saluum faciet populum suum a peccatis eorum.* **BSP**: *Dará à luz um Filho, ao qual darás o nome de Jesus, porque Ele salvará o seu povo dos seus pecados.*

<sup>eee</sup> Nota marginal: <Coloss. 1. 24.>. **VL**, Epistula ad Colossenses, c. 1, v. 24: *Qui nunc gaudeo in passionibus pro vobis, et adimpleo ea quæ desunt passionum Christi, in carne mea, pro corpore eius, quod est ecclesia:* **BSP**: *Eu que, agora, me alegro nos sofrimentos por vós, e que completo na minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo pelo seu corpo, que é a Igreja [...].*

350 ta a nossa salvação de um composto de duas dores, das dores de Cristo, e da nossa dor: a  
 nossa dor sem a de Cristo não basta para a salvação; mas também não basta a dor de Cristo  
 sem a nossa dor: e por isso S. Paulo, como quem tão altamente o entendia, ajuntava às dores  
 de Cristo a sua dor, porque alcançava que para a salvação faltava ainda a sua dor, para dar  
 complemento às dores de Cristo: *Adimpleo ea quæ desunt passionum Christi in carne mea.*  
 355 Mas vejamos como nestes mesmos termos confirmou Cristo esta doutrina de São Paulo.  
 Chegou um cego a pedir-lhe a vista, e lançando-lhe o Senhor ã pouca<sup>fff</sup> de terra sobre os  
 olhos, mandou-lhe que fosse lavar os olhos em um tanque de água, e com esta diligência  
 cobrou vista o cego. Reparo primeiramente, que a terra lançada nos olhos mais parece que  
 serve de causar dor do que de dar remédio; pois se Cristo lhe queria dar o remédio, por que lhe  
 360 aplica um remédio que lhe causa dor? Porque de outra maneira não seria remédio: a cegueira é  
 a culpa, Cristo da sua parte aplica a medicina, mas o homem há de sentir a dor da sua parte,  
 porque de outra sorte nada aproveita a aplicação de Cristo. Reparo mais, que mandou Cristo  
 ao cego depois de lhe lançar terra nos olhos, que os fosse lavar em um tanque de água:<sup>ggg</sup> e o  
 fundamento do meu reparo é; porque esta terra que Cristo lançou nos olhos do cego, diz S.  
 365 Agostinho<sup>hhh</sup> que representa a Deus feito homem: *De saliva lutum fecit, quia Verbum caro  
 factum est.*<sup>iii</sup> Segue-se logo que o remédio que Cristo lhe aplicava, era o mesmo Cristo: pois se  
 já o mesmo Cristo se lhe aplica por remédio, e se o mesmo Cristo lho aplica, que necessidade  
 tem o cego de ir primeiro lavar os olhos? Muito grande necessidade: porque as águas são a maté-

<sup>fff</sup> Subst. fem., “aquilo que é em pequena quantidade; pouco” (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>ggg</sup> Nota marginal: <Ioan. 9.12.>. **VL**, *Evangelium secundum Ioannem*, c. 9, v. 11: *Respondit: Ille homo, qui dicitur Iesus, lutum fecit: et vnxit oculos meos, et dixit mihi: Vade ad natatoria Siloe, et laua. Et abij, laui et video. BSP: Ele respondeu: Aquele homem, que se chama Jesus, fez lodo, ungiu os meus olhos e disse-me: Vai à piscina de Siloé, e lavar-te. Fui, lavei-me e vejo.*

<sup>hhh</sup> Citação de *Tractatus XLIV in Ioannis Evangelium*, c. IX, de S. Agostinho (cf. AUGUSTINI, *Opera Omnia*, t. III. In: MIGNE, *P.L.*, t. XXXV, 1845, col. 1714).

<sup>iii</sup> “Fez lodo com a saliva, porque o Verbo se fez carne” (tradução nossa).

370 ria de que se compõem as lágrimas, e para que se entendesse que para remédio da cegueira da  
 nossa culpa não bastam nem ainda todos os merecimentos de Cristo, senão que são  
 necessárias lágrimas de nossa dor, por isso ainda depois de aplicado todo Cristo por remédio,  
 se ordena ao cego que banhe os olhos em água de suas lágrimas. Mas por que não banharia os  
 olhos em água de fonte, ou de rio, senão em água de tanque? Direi: As águas do rio, ou da  
 fonte, são águas que correm, ou que passam; as águas do tanque são águas que assistem, e  
 375 perseveram: pois para que se entendesse que para se curarem as cegueiras de nossas culpas  
 não bastam só os merecimentos da parte de Cristo, nem bastam só quaisquer lágrimas da  
 nossa parte, senão que é necessária uma verdadeira dor, e ãas lágrimas mui verdadeiras; por  
 isto aplicando o mesmo Cristo o remédio por suas mãos, e sendo o remédio o mesmo Cristo,  
 contudo ainda foi necessário que o mesmo cego sentisse a dor, que o mesmo cego fosse ao  
 380 tanque, e que lavasse os olhos ele mesmo; e só desta sorte cobrou vista o cego: *Abijt ergo, et  
 lavit, et venit videns.*<sup>jjj</sup>

Eis aqui o que devemos obrar da nossa parte, para que o Salvador do mundo seja  
 com efeito nosso Salvador: devemos doer-nos de nossas culpas, e chorar nossos pecados  
 com todo o afeto de nossas almas, e com todas as veras<sup>kkk</sup> de nossos corações, porque  
 385 obrando da nossa parte [com] este verdadeiro arrependimento, então teremos a Cristo da  
 nossa parte, e então verdadeiramente nos aproveitarão os merecimentos de Cristo; que de  
 outra maneira nada aproveitam os seus merecimentos. Chegou Cristo à Piscina, e achou ali  
 um Paralítico, que tendo tanto à mão o remédio nas mesmas águas da Piscina,

---

<sup>jjj</sup> Vide nota “ggg”.

<sup>kkk</sup> Cf. Houaiss (2002), “de modo totalmente verdadeiro; de coração aberto”.

390 havia contudo trinta e oito anos que estava ali sem remédio: perguntou-lhe o Senhor se queria  
saúde; e ele formando queixas de sua desgraça, disse que não tinha um homem por si: *Non*  
*habeo hominem*.<sup>lil</sup> mas com que verdade, ou com que razão se podia queixar o Parálítico? Este  
homem por quem o Parálítico suspirava, dizem comumente os Intérpretes sagrados que era o  
mesmo Cristo: pois se Cristo não falta da sua parte a ninguém, com que razão, ou com que  
395 verdade se queixa o Parálítico que não tinha homem: *Non habeo hominem*? Digo que se  
queixa com verdade; porém digo qu[e se] queixa sem razão. Para inteligência do que digo  
havemos de supor, que a parlésia<sup>mmmm</sup> é ãa doença, que deixa a parte insensível, é ãa  
enfermidade, cujo mal consiste em se não sentir a dor do mal, ou em ser um mal que não  
causa dor: pois por isso eu digo que com verdade se queixa de Cristo o Parálítico; porque um  
pecador que se não dói do mal de sua culpa, é certo que não tem por si a Cristo: *Non habeo*  
400 *hominem*: porém queixa-se sem razão; porque o mal do Parálítico todo consistia em não sentir  
a dor do seu mal, e o doer-se, ou não se doer o pecador, da parte do pecador está, e não da  
parte de Cristo: logo sem razão se queixa o Parálítico de Cristo; porque só de si mesmo se  
pudera queixar com razão. Enfim mandou-lhe Cristo que tomasse às costas o seu leito, e  
desta sorte cobrou saúde o Parálítico: *Tolle grabatum tuum et ambula*.<sup>nnn</sup> pois para cobrar  
405 saúde não bastava que lha desse Cristo? por força havia de tomar o leito às costas? Sim;  
porque o seu leito era o seu estado, e para um pecador sarar da doença de não ter dor, há de  
tomar o peso a seu estado, sinta bem o que pesa, pese-o bem, e sinta-o, e então lhe  
aproveitará Cristo para dar-lhe saúde, porque só então terá por si ao mes-

<sup>lil</sup> Nota marginal: <Ioan 5 7.> **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 5, v. 7: *Respondit ei languidus: Domine, hominem non habeo, vt cum turbata fuerit aqua, mittat me in piscinam: dum venio enim ego, alius ante me descendit. BSP: O enfermo respondeu-lhe: Senhor, não tenho uma pessoa que me lance na piscina, quando a água é agitada; enquanto eu vou, outro desce primeiro do que eu.*

<sup>mmmm</sup> Mesmo que paralisia (cf. MORAES SILVA, 1831, t. 2, p. 412).

<sup>nnn</sup> **VL**, *ibidem*, c. 5, v. 8: *Dicit ei Iesus: Surge, tolle grabatum tuum, et ambula. BSP: Disse-lhe Jesus: Levanta-te, toma o teu leito e anda.*

mo Cristo: *Et statim sanus factus est.*<sup>ooo</sup>

410 Eia pois Católico auditório, se queremos a Cristo por nós, cooperemos com Cristo: hoje principalmente é o dia em que devemos sentir a dor de nossas culpas, porque hoje é o dia em que devemos chorar a lástima de suas chagas: não poderemos dizer hoje como o Paralítico, que não temos um homem por nós: *Non habeo hominem*; porque temos um homem que é juntamente Deus: *Ecce homo: Recogitate eum.*<sup>ppp</sup> Eis ali, Fiéis, o homem  
 415 que é mais que homem: *Ecce homo, supra hominem*: eis ali o homem que devemos meter em nossos corações: *Ecce homo, intra hominem*: eis ali o homem que põe cerco a nossas almas: *Ecce homo, circa hominem*: e eis ali o homem que sendo por nós agora, se pode pôr contra nós. Oh meu Jesus! meu Redentor da minha alma! meu Deus do meu coração! que amoroso, que rendido, e que piedoso que estais! Mas é possível Senhor, que vós, vós  
 420 Senhor, vós em quem os homens estão vendo agora todos esses sinais de piedade, há de haver tempo em que vós haveis de ser contra os homens? Vós que sois o nosso Salvador, haveis de ser o nosso fiscal: *pro homine, contra hominem*? Não sei Senhor como entenda tantas evidências de rigor em tantas demonstrações de piedade. Essa coroa de espinhos bem vos acredita de amoroso, pois com tantas setas vos tem tão ferido, tão atravessado;  
 425 porém Senhor, vejo muitas asperezas nessa coroa de espinhos. Essa capa de púrpura bem mostra na sua fineza que sois muito fino; porém na sua cor mostra que sois mui guerreiro. Esse cetro de cana bem vejo que é muito brando, e muito tenro; porém também vejo que é muito frágil, e muito quebradiço. Essas cordas bem significam que o vosso amor vos tem muito preso; mas não sei se significam também que para pon-

---

<sup>ooo</sup> **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 5, v. 9: *Et statim sanus factus est homo ille: et sustulit grabattum suum, et ambulabat. Erat autem sabbatum in die illo.* **BSP**: *No mesmo instante, ficou são aquele homem, tomou o seu leito e começou a andar. Aquele dia era um sábado.*

<sup>ppp</sup> Parte do versículo-tema do sermão (Vide nota “a”).

430 tos de amor sois muito atado. Esses braços cruzados bem mostram que estais de todo rendido; mas como sois Onipotente, temo que solteis os braços. Essas chagas abertas, bocas parecem por onde nos dizeis amores; mas por que não serão bocas por onde fulmineis castigos? O título de homem que aí se vos deu, bem mostra que sois mui humano; mas eu sei que no tremendo dia do juízo nos haveis de julgar enquanto homem: *Tunc videbunt Filium hominis*.<sup>999</sup>

435 Ah Senhor, pois vós! vós a quem os homens custaram todo esse sangue, vós haveis de castigar aos homens? se pecamos, não é infinita a vossa misericórdia? se vos ofendemos, não é infinito o vosso amor? pois logo que causa vos há de trocar? que ocasião vos há de mover? que causa? meu Deus, meu Jesus, meu Redentor! se é Senhor, porque nós nos não doemos de nossas culpas, se é porque nos não lastimamos de vossas chagas, já Senhor me doo das culpas com que vos ofendi a vós, já me lastimo das chagas

440 que padeceste por mim. Oh quanto Senhor me pesa de vos haver ofendido, quando por amor de mim vos vejo Senhor tão chagado! Oh quem nunca vos ofendera, meu Deus, meu Jesus, meu Redentor! Já esses espinhos que vos trespassam a cabeça, me atravessam a alma; já na fragilidade dessa cana o coração se me quebra; já nas rasgaduras dessa

445 púrpura o coração se me rasga; já nessas cordas que tão afrontosamente vos apertam, se me apertam as cordas do coração:<sup>1000</sup> essas cordas me levam após si todos os sentidos, essas cordas me arrastam todos os sentimentos, e essas chagas, Senhor, essas feridas que tanto vos têm despedaçado, essas chagas me despedaçam de dor o coração; e para que mais cresça a nossa dor, mostrai Senhor todas as vossas chagas, voltai Senhor, e mos-

---

<sup>999</sup> Nota marginal: <Luc. 21. 10.>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 21, v. 27: *et tunc videbunt filium hominis venientem in nube cum potestate magna, et maiestate*. **BSP**: *Então verão o “Filho do homem vir sobre uma nuvem” com grande poder e majestade.*

<sup>1000</sup> Possível referência a filamentos do coração que, em anatomia, denominam-se cordas tendíneas.

---

<sup>431</sup> Onipotente] Omnipotente A.

450 trai: oh se assim déramos volta a nossas vidas! Mas voltai Senhor para cercar nossas almas; já que sois novo Elias inflamado, já que sois novo José perseguido, largai a capa Senhor. Oh almas Cristãs! ó almas remidas com o sangue de Jesu Cristo: *Recogitate eum*: considerai bem aquele sangue de Cristo, e considerai as contradições daquele sangue: largou dos ombros a capa de púrpura, mas nas costas lhe ficou a púrpura do sangue: primeiro vimos o corpo atado,  
 455 agora vemos o sangue solto: primeiro vimos o corpo entre cordas, agora vemos o sangue em correntes: eis ali, Fiéis, os efeitos de nossas culpas, mas eis ali o motivo de nossas lágrimas. Oh! lavemos Cristãos aquele sangue com nossas lágrimas, para que assim se lavem nossas culpas com aquele sangue: ajuntem-se mares de lágrimas a mares de sangue, para que em dous mares se lavem as nossas almas, e se afoquem as nossas culpas: mas voltai outra vez  
 460 Senhor, *Ostende nobis faciem tuam, et salvi erimus.*<sup>sss</sup> Oh meu Deus, meu Jesus, e meu Redentor! que chagado, que ferido, que despedaçado que estais! mas assim meu suavíssimo Jesus, assim chagado vos quero, assim ferido vos amo, assim despedaçado vos adoro: por essas vossas santíssimas chagas, por esse vosso preciosíssimo sangue, e por vossa santíssima paixão vos peço Senhor perdão de minhas culpas, para que assim alcancemos a graça, penhor  
 465 da glória: *Quam mihi, etc.*<sup>ttt</sup>

---

<sup>sss</sup> VL, Liber Psalmorum, c. 79, v. 4: *Deus conuerte nos: et ostende faciem tuam, et salui erimus.* BSP: *Ó Deus, converte-nos, / mostra-nos o teu rosto, e seremos salvos.*

<sup>ttt</sup> Abreviação da fórmula de encerramento de sermões, *Quam mihi et vobis præstare dignetur Dominus Deus Omnipotens.* Tradução nossa: “A qual o Senhor Deus Onipotente se digne conceder a mim e a vós”.

---

<sup>451</sup> José] Joseph A.

## Sermão Décimo Quarto, e quinto do Passo de Cristo com a Cruz às costas.

---

*Recogitate eum, qui talem sustinuit a peccatoribus adversus semetipsum contradictionem.* Ex Paul. ad Hebræos 12.<sup>a</sup>

5 Enfim que se deu sentença de morte contra o mesmo Autor da vida; e para que fosse maior a afronta, de morte de Cruz foi a sentença: assim se decretou no Tribunal dos homens, e assim se havia decretado no Tribunal de Deus; porque como a primeira causa desta morte de Cristo trazia a sua raiz da árvore do Paraíso, necessariamente se devia executar esta morte na árvore da Cruz. A padecer pois tão afrontosa morte sai hoje o Redentor do mundo com a Cruz às costas desde o Pretório até o Calvário; objeto tão digno de nossas lágrimas, tão merecedor assunto de nossas atenções, que só as lágrimas mais ardentes poderiam ser

---

<sup>a</sup> Vulgata Latina (1605), doravante **VL**, Epistula ad Hebræos, c. 12, v. 3: *Recogitate enim eum, qui talem sustinuit a peccatoribus aduersum semetipsum contradictionem: vt ne fatigemini, animis vestris deficientes.* Bíblia Sagrada – Edições Paulinas (1986), doravante **BSP**: *Considerai, pois, aquele que sofreu tal contradição dos pecadores contra si, e não vos deixareis cair no desânimo.*

<sup>7</sup> sai] sahe A, *passim*; Redentor] Redêtor (e formas cognatas) A, *passim*.

<sup>8</sup> objeto] objecto A, *passim*.

<sup>9</sup> assunto] assumpto A, *passim*.

10 hoje as palavras mais elegantes, e só as atenções mais emudecidas deveriam ser as eloquências mais exageradas: por isso São Paulo nos não manda hoje que digamos, senão que consideremos: *Recogitate eum, qui talem sustinuit a peccatoribus adversus semetipsum contradictionem.*

15 E verdadeiramente que bem considerado o concurso de contradições que passa hoje pela rua da amargura, sendo a sua formalidade contradizer, como é possível que nos deixem falar? De todos os Evangelistas nenhum disse que o Senhor levava a Cruz às costas, senão só S. João; mas vejamos os termos com que o disse: *Et bajulans sibi Crucem, exivit in eum, qui dicitur Calvaria locum: ubi crucifixerunt eum:*<sup>b</sup> diz que tomando o Senhor a sua Cruz às costas, saíra do Pretório para o Calvário, e que aí o crucificaram: de maneira que só faz o  
20 Evangelista menção do lugar donde saiu, e do termo onde parou; porém não faz menção dos passos que deu: pois por que não faz essa menção? para Cristo chegar com a Cruz às costas desde o Pretório até o Calvário não bastava só o sair, era necessário também caminhar: pois por que não diz o Evangelista que caminhou? por que diz somente que saiu: *Et bajulans sibi Crucem exivit?* O caso é, que cuidadoso como amante o Evangelista amado, quis averiguar o  
25 termo que tomavam os horrores, e as confusões daquele dia, e estando já à vista do Pretório soou tristemente ãa trombeta, a cujo estrondo, a cujo sentimento faziam mal distintos ecos as vozes descompostas de um pregão: saiu logo o Lábaro Imperial com as quatro letras jeroglíficas, que segundo a interpretação do Império queriam dizer: *Senatus, populusque Romanus;*<sup>c</sup> porém era tão grande o tropel, e tão estrondoso era o concurso, que apenas se

---

<sup>b</sup> Nota marginal: <Ioan. 19. 17.>. **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 19, v. 17-18: *Et bajulans sibi crucem, exiit in eum, qui dicitur Calvaria, locum, Hebraice Golgotha: vbi eum crucifixerunt eum, et cum eo alios duos, hinc et hinc, medium autem Iesum: BSP: levando a sua cruz, saiu para o lugar que se chama Calvário, em hebraico Gólgota, onde o crucificaram, e com ele outros dois, um de um lado, outro do outro lado, e Jesus no meio.*

<sup>c</sup> “O Senado e o Povo Romano” (tradução nossa).

30 percebiam os ecos do clarim, quanto mais as vozes do Pregoeiro; pelo que chegando-se mais o Evangelista, viu que entre clamores, e alaridos, entre a multidão da gente, e entre o ruído das armas viu que saía do Pretório, quem? um homem carregado, e oprimido com o peso de ãa Cruz, com ãa corda ao pescoço, cingido com outra corda, com os olhos gravemente postos em terra, e os gemidos mudamente dirigidos ao Céu, o rosto banhado em rios de sangue, e a  
35 cabeça cingida com ãa coroa de espinhos: pasmou do novo espetáculo que via, e chegando-se a reconhecer o que ainda duvidava, acabou de entender que quem saía do Pretório era o seu amado Mestre, e o nosso amorosíssimo Jesus: aqui desmaiou o Evangelista, ou de assombrado, ou de enternecido; e aqui não só a língua se embargou, mas ainda a pena se suspendeu: por isso havendo tão grande distância desde o Pretório até o Calvário, e devendo  
40 dizer o Evangelista que saíra Cristo, e que caminhara por toda aquela distância, faltando-lhe alento para dizer que caminhara, ficou suspenso com dizer somente que saíra: *Exivit*.

Sobre esta razão cresce de mais, que por toda a rua da amargura foi o Evangelista vendo que aquela Cruz contradizia àquela inocência, que aqueles passos para a morte contradiziam às isenções da imortalidade; foi considerando que aquelas blasfêmias da turba  
45 contradiziam à divindade de Cristo; e aqueles mesmos homens que haviam recebido a Cristo com o triunfo das palmas, agora nas afrontas da Cruz se contradiziam a si mesmos, e à vista de contradições tão opostas, como absorto o Evangelista deteve a voz, e suspendeu a pena; por isso escreveu a saída, mas não falou na jornada; por isso não referiu os passos que Cristo

---

<sup>35</sup> espetáculo] espectáculo A.

50       deu, e só disse o modo com que saiu: *Et bajulans sibi Crucem exivit*. Isto suposto, e suposto  
que à vista de tantas contradições se não atreveu o Evangelista a escrever os passos de Cristo,  
como poderei eu ponderar as mesmas contradições? Onde o Evangelista não pode nem  
escrever, como poderei eu falar? Contudo como S. Paulo nos manda hoje considerar a  
contradição que Cristo padeceu com a Cruz às costas, ao menos por obediência hei de falar  
55       hoje nesta contradição. Para vermos pois a contradição de que trata S. Paulo, digo que  
considerarei com alguma atenção as circunstâncias deste mistério, e como o mesmo é  
contradizer, que encontrar, achei que hoje se nos oferecem quatro contradições em quatro  
encontros, a saber: no encontro da Senhora: no encontro da Verônica: no encontro das filhas  
de Jerusalém: e no encontro de Simão Cirineu; porém de todos estes encontros, digo que em  
60       um só deles se acha a contradição verdadeira, porque nem S. Paulo achou mais que uma só  
contradição: *Qui talem sustinuit contradictionem*.

      Começando pois pelo encontro da Senhora, parece que não poderemos negar que  
padeceram os intentos de Cristo ãa grande contradição naquele tão amoroso, como  
doloroso encontro; porque os intentos de Cristo eram caminhar a morrer: assim o  
requeria o nosso remédio, assim lho consultava seu amor; porém vendo o Senhor as  
65       lágrimas da Senhora, vendo o mais obediente Filho a pena, e o pranto da mais  
angustiada Mãe, quem duvida que seu amor flutuava naqueles mares, se não é que se  
prendia naquelas correntes? A todos os Oradores Evangélicos ouviremos que chegando  
a ponderar este encontro, lhe dão o nome de eclipse; porém por que razão se há de chamar

---

<sup>66</sup> flutuava ] fluctuava A.

70 eclipse este encontro que teve a Senhora com o Senhor? Com grandíssima razão: porque o  
 eclipse que vem a ser? É ãa oposição que faz a Lua ao Sol. E que outra cousa vem a ser este  
 encontro, senão ãa oposição que fazia a presença da Senhora aos passos, e intentos do  
 Senhor? A oposição que faz a Lua ao Sol, é um encontro daqueles dous luminosos planetas,<sup>d</sup>  
 onde por estar interposta a Lua entre a terra, e o Sol, deixa o Sol de alumiar a terra, e só pela  
 parte superior se ocupa em ilustrar a Lua: pois assim também o encontro que teve a Senhora  
 75 com Cristo, foi um paralelo daqueles dous amorosos corações, onde por estar Maria de  
 permeio entre o mundo, e Cristo, deixaria Cristo de remir o mundo por atender às lágrimas de  
 Maria: segue-se logo que assim como no eclipse o encontro da Lua faz oposição aos raios do  
 Sol, assim também neste encontro as lágrimas de Maria faziam oposição aos intentos de  
 Cristo; não porque a Senhora intentasse impedir a redenção do mundo com suas lágrimas, mas  
 80 porque as suas lágrimas suspendiam o passo, e dificultavam a morte de Cristo, na qual  
 consistia a nossa redenção.

Neste sentido não se pode negar que no encontro da Senhora padeceu o Senhor ãa  
 contradição tanto mais veemente, quanto mais amorosa, e tão verdadeira, que não topava em  
 menos que em caminhar Cristo a ser Salvador do mundo, ou não ser seu Salvador; porém digo  
 85 que o amor de Cristo para com os homens venceu, e desfez toda esta contradição. Ora notem:  
 Ali à vista da Senhora, e à vista de suas lágrimas batalhavam no coração de Cristo dous  
 amores, ambos grandes, e valentes ambos, a saber, o amor do mundo, e o amor de Maria: por  
 parte do amor do mundo faziam as nossas misérias, por parte do amor de Maria faziam

---

<sup>d</sup> O significado dessa palavra, “astro sem luz própria” (MORAES SILVA, 1831; PINTO, 1832; COUTO, 1842; HOUAISS, 2002), não se aplica ao Sol. Referir-se à Lua e ao Sol como “dous luminosos planetas” reflete a concepção geocêntrica ptolemaica que ainda vigia à época, segundo a qual a Lua e o Sol eram planetas (i. e., corpos celestes de posição variável) que circundavam a Terra, assim como Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno (cf. PLANETAS. In: BLUTEAU, 1728). O sistema copernicano era considerado herético, por alguns, ainda no séc. XVIII (cf. ALMEIDA, t. VI, 1781, p. 217-265). Vide tb. nota “rr” deste sermão.

90 as suas lágrimas: Se não vou a morrer (dizia Cristo) perde-se o mundo; mas se vou a morrer,  
 chora Maria: pois se está em minha mão o remédio das lágrimas de Maria? mas se o remédio  
 do mundo está também em minha mão? bem, mas a Mãe que me criou? sim, mas o mundo  
 que eu criei? porém o que eu vou a remediar no mundo são suas culpas; o que devo remediar  
 em Maria são suas lágrimas: as culpas do mundo são minhas ofensas, as lágrimas de Maria  
 95 são suas finezas, e pelo conseguinte são minhas obrigações: pois hei de desatender às mesmas  
 lágrimas de que vou obrigado, por remediar as mesmas culpas de que estou ofendido? quanto  
 mais, que minha Mãe Santíssima não val muito mais do que mil mundos? pois perca-se o  
 mundo, e não chore Maria: porém todo um mundo inteiro se há de perder? pois em resolução,  
 chore, e padeça embora Maria: morra eu, e não se perca o mundo. Desta maneira se resolveu o  
 Senhor naquele encontro a ir continuando os seus passos com a sua Cruz, e desta maneira  
 100 venceu a contradição que as lágrimas, e a vista da Senhora lhe faziam naquele encontro; mas  
 quem não admira aqui o excessivo amor que todos devemos a Cristo? que pesasse naquele  
 amorosíssimo coração mais o amor do mundo, do que o amor de Maria? que mais  
 preponderasse em seu amor o remédio de nossas culpas, que o alívio de suas lágrimas? oh  
 quanto devemos a seu amor!

105 Vai a Esposa divina a encarecer o amor de Cristo, e no último capítulo dos  
 Cânticos diz por último encarecimento, que opondo-se a seu amor um mar de águas, nem  
 ainda assim foram poderosas para apagar as chamas de seu amor: *Aquæ multæ non  
 potuerunt extinguere charitatem:*<sup>e</sup> mas em que outra ocasião se viu que as águas

---

<sup>e</sup> Nota marginal: <Cât 8 7>. **VL**, Canticum Canticorum, c. 8, v. 7: *Aquæ multæ non potuerunt extinguere charitatem, nec flumina obruent illam: si dederit homo omnem substantiam domus suæ pro dilectione, quasi nihil despiciet eam.* **BSP**: *As muitas águas não puderam extinguir o amor, / nem os rios terão forças para o submergir. / Ainda que um homem dê todas as riquezas de sua casa pelo amor, / ele as desprezará como um nada.*

110 batalhassem contra o amor de Cristo, senão só aqui nas lágrimas da Senhora? Não se achará  
 115 nenhũa outra ocasião. Eram as lágrimas da Senhora um mar de águas que combatiam aquele  
 constantíssimo coração; porém assim esteve imóvel o coração de Cristo, *tam si dura silex*,<sup>f</sup>  
 como um rochedo contrastado das ondas, como um penhasco combatido dos mares, antes ao  
 golpe das águas concebeu fogo de amor o coração combatido, e ùa vez o incêndio ateadado,  
 120 tão ardente esteve a chama, que nenhũas águas a puderam apagar, porque nenhũas lágrimas  
 a fizeram retroceder: *Aquæ multæ non potuerunt extinguere charitatem*. Este foi o último  
 encarecimento que disse a Esposa divina do amor de Cristo, e na verdade que foi bem  
 fundado o encarecimento; porque prevalecer no coração de Cristo o amor do mundo ao  
 amor da Senhora, que maior encarecimento de amor? Encareceu o mesmo Deus o amor de  
 125 Abraão, e encareceu-o, porque viu que no sacrifício de Isaque preferia o amor de Deus ao  
 amor do filho: *Nunc cognosco quod times Deum, quia non pepercisti filio tuo*;<sup>g</sup> porém  
 sendo Deus infinitamente mais do que Isaque, que muito é que Abraão cortasse pelo amor  
 do filho, por não faltar ao preceito de Deus? Mas que valendo Maria tanto mais que o  
 mundo no mesmo conhecimento de Cristo, que contudo não reparasse Cristo no  
 sacrifício, e lágrimas da Mãe, por acudir ao remédio, e salvação do mundo? só em Deus  
 125 parece que se acha igual encarecimento, porque em fim de que o mundo se salvasse não  
 reparou em que o Filho padecesse: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum  
 daret*:<sup>h</sup> porém ainda cuidou que mais amante se mostrou o Filho em deixar padecer a Mãe,  
 do que o Eterno Padre em deixar padecer o Filho: porque o Eterno Padre dei-

---

<sup>f</sup> “tão dura como se pedra” (tradução nossa).

<sup>g</sup> Nota marginal: <Gen. 22. 12.> **VL**, Liber Genesis, c. 22, v. 12: *Dixitque ei: Non extendas manum tuam super puerum, neque facias illi quidquam: nunc cognoui quod time Deum, et non pepercisti vnigenito filio tuo propter me.* **BSP**: *E (o anjo) disse-lhe: Não estendas a tua mão sobre o menino, e não lhe faças mal algum; agora conheci que temes a Deus e não perdoaste a teu filho único por amor de mim.*

<sup>h</sup> Nota marginal: <Ioan. 3. 16.>. **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 3, v. 16: *Sic enim Deus dilexit mundum, vt Filium suum vnigenitum daret: vt omnis, qui credit in eum, non pereat, sed habeat vitam æternam.* **BSP**: *Porque Deus amou de tal modo o mundo, que lhe deu seu filho Unigênito, para que todo o que crê nele, não pereça, mas tenha a vida eterna.*

---

<sup>119</sup>Abraão] Abraham A, *passim*; Isaque] Isac A, *passim*.

130 xava padecer, sendo impassível; mas que o Filho deixasse padecer a Mãe, indo ele mesmo a padecer? que sendo o seu amor ãa chama que o havia de consumir, e acabar, que ainda assim nem as lágrimas da Mãe pudessem abrandar aquele peito, nem apagar aquela chama? este foi o último encarecimento de seu amor: *Aquæ multæ non potuerunt extinguere charitatem.*

135 O segundo encontro que por tradição sabemos teve Cristo na rua da amargura, foi o de ãa devota mulher chamada Verônica, a qual vendo que levava o Senhor o rosto tão ensanguentado, compadecida do Senhor, com ãa toalha lhe enxugou o rosto; e porque ali naquela toalha ficou a imagem de Cristo retratada em sangue, daqui teve princípio o chamarem-se as imagens de seu santíssimo rosto Verônicas de Cristo. Neste encontro da piedosa Verônica parece que vem pintada ãa bem expressa contradição; porque Cristo é o que alimpa com seu sangue as manchas da nossa natureza: *Qui lavit nos a peccatis nostris in sanguine suo:*<sup>i</sup> logo contradição parece que ãa mulher, figura da natureza humana, alimpasse o sangue, e as manchas do rosto de Cristo. Contudo não é contradição; porque também a Madalena quebrando os alabastros, e os cristais, soltando as lágrimas, e os cabelos, lavou com as lágrimas, e alimpou com os cabelos as manchas dos pés de Cristo; e ainda que esta tão religiosa ação não faltou um Judas que a quisesse contradizer: *Ut quid perditio hæc?*<sup>j</sup> basta 145 que o mesmo Cristo saísse para a justificar: *Opus enim bonum operata est in me.*<sup>k</sup> Este é o exemplo; porém qual é a razão? Se Cristo é o que alimpa culpas, como é possível que lhe alimpem manchas? Antes de outra maneira não seria possível para se alimparem as man-

---

<sup>i</sup> Nota marginal: <Apoc. 1. 5.>. **VL**, Apocalypsis Ioannis, c. 1, v. 5: *et a Iesu Christo, qui est testis fidelis, primogenitus mortuorum, et princeps regum terræ: qui dilexit nos, et lauit nos a peccatis nostris in sanguine suo [...].* **BSP**: *e da parte de Jesus Cristo, que é a testemunha fiel, o primogênito dentre os mortos, o príncipe dos reis da Terra, que nos amou e nos lavou dos nossos pecados no seu sangue [...].*

<sup>j</sup> Nota marginal: <Mat 26. 8.>. **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 26, v. 8: *Videntes autem discipuli, indignati sunt dicentes: Vt quid perditio hæc?* **BSP**: *Vendo isto, (alguns entre) os discípulos indignaram-se, dizendo: Para que foi este desperdício?*

<sup>k</sup> **VL**, *ibidem*, c. 26, v. 10: *Sciens autem Iesus, ait illis: Quid molesti estis huic mulieri? opus enim bonum operata est in me.* **BSP**: *Jesus, sabendo isto, disse-lhes: Por que molestais esta mulher? Ela fez-me verdadeiramente uma boa obra.*

---

<sup>142</sup> Madalena] Magdalena A, *passim*.

chas de nossas culpas, primeiro Cristo as deve tomar em si; mas depois nós as devemos alimpar em Cristo: primeiro Cristo as deve tomar em si, porque só tomando-as em si, nos  
150 pode remir, e justificar a nós; mas depois devemos nós alimpar as nossas culpas, que estão em Cristo; porque se nós as não alimpássemos, e não obrássemos da nossa parte, não ficaríamos limpos de nossas culpas. É doutrina esta tão assentada nos princípios da Teologia, que não necessita de prova, basta que a recebesse a Igreja na piedade da Verônica, e basta que a aprovasse Cristo na ação da Madalena: *Opus enim bonum operata est in me.*

155 Só aqui quisera eu reparar entre estas duas piedosas mulheres, que as manchas dos pés de Cristo ficaram desfeitas com as lágrimas da Madalena, e as manchas do sangue do rosto ficaram conservadas na toalha de Verônica: pois qual será a razão de tão grande diferença? Muitas podem ser: mas qual será a verdadeira razão? Parece primeiramente que a razão é; porque a Madalena alimpou as suas manchas, que via nos pés de Cristo,  
160 com as suas lágrimas, e quando com as nossas lágrimas alimpamos as nossas manchas, só então parece, que não só as alimpamos, senão também que as desfazemos: parece mais que a razão é; porque a Madalena alimpava as manchas da terra que estavam nos pés, e a Verônica alimpava as manchas do sangue que estava no rosto: e as culpas de nossa fraqueza lançadas aos pés de Cristo, quando se alimpam, desaparecem; mas as culpas de  
165 nossa temeridade cometidas em sua presença, como afrontas de seu divino rosto, parece que sempre se conservam, ainda quando se alimpam: porém a meu ver a razão verdadeira é por parte da Verônica: que nas manchas dos pés lavadas com lágrimas

está-se vendo a piedade de Cristo com a Madalena; e nas manchas do sangue limpas com a toalha, está-se vendo a piedade da Verônica a respeito de Cristo; e como Cristo na  
 170 justificação de nossas almas não conserva lembranças, nem de nossas culpas, nem de suas  
 piedades, senão só de nossas finezas, e de suas obrigações, daí vem, que se não  
 conservaram as manchas da terra que alimpou a Madalena, e só se conservam as manchas  
 do sangue que alimpou a Verônica. Quando S. Pedro entrou no sepulcro de Cristo, achou a  
 175 mortalha estendida: *Vidit lintheamina posita*;<sup>1</sup> porém a toalha com que esteve o rosto cuberto,  
 como soberano eclipse daquele divino rosto, diz S. João, que a achara S. Pedro dobrada em  
 lugar separado: *Et sudarium, quod fuerat super caput ejus, non cum lintheaminibus positum,*  
*sed separatim involutum in unum locum.*<sup>m</sup> Notável diversidade! Se a mortalha fica assim  
 estendida, e por aí lançada, por que razão só a toalha há de ficar tão dobrada, e tão  
 composta? por que razão se há de dar lugar separado só à toalha? Porque a mortalha tinha  
 180 estampado o sangue de todo o corpo que Cristo derramou por nós, e era benefício de Cristo  
 feito aos homens; mas a toalha tinha impresso o sangue do rosto de Cristo que a Verônica  
 lhe alimpou, e era benefício que a Verônica fizera a Cristo: ah sim? pois o sangue que  
 Cristo derramou por amor de nós, esse como menos estimado, fique embora por aí  
 estendido: *Vidit lintheamina posita*; mas o sangue que a Verônica alimpou a Cristo, só esse  
 185 se conserve, e fique composto à parte, como sangue mais estimado: *Sed separatim*  
*involutum in unum locum*: antes de Cristo entrar a padecer, parece que prevendo as  
 obrigações em que o havia de pôr a toalha da Verônica, já desde o Ce-

<sup>1</sup> Nota marginal: <Luc 24. 12.>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 24, v. 12: *Petrus autem surgens cucurrit ad monumentum: et procumbens vidit lintheamina sola posita, et abiit secum mirans quod factum fuerat. BSP: Todavia Pedro, levantando-se, correu ao sepulcro, e, inclinando-se, viu só os lençóis por terra e retirou-se, admirando consigo mesmo o que sucedera.*

<sup>m</sup> **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 20, v. 7: *et sudarium, quod fuerat super caput eius, non cum lintheaminibus positum, sed separatim involutum in unum locum. BSP: e o sudário que estivera sobre a cabeça de Jesus, o qual não estava com os lençóis, mas dobrado num lugar à parte.*

náculo começou a sentir os apertos em que ãa toalha o havia de pôr: *linleo præcinxit se*:<sup>n</sup> e ainda na mesma Bem-aventurança parece que o mesmo Cristo faz ostentação desta toalha: *Amen dico vobis, quod præcinget se*.<sup>o</sup> Diga-se logo que esteve tão longe de ser contradição o encontro da Verônica, que antes foi para Cristo matéria de sua estimação: *Bonum enim opus operata est in me*.<sup>p</sup>

O terceiro encontro é o das filhas de Jerusalém: não porque elas encontrassem a Cristo, porque diz o Texto que o vinham acompanhando; mas porque os olhos de Cristo se encontraram com elas: *Conversus autem ad illas Jesus, dixit: Filiæ Jerusalem nolite flere*.<sup>q</sup> Nestas últimas palavras disse Cristo àquelas piedosas mulheres que não chorassem; e é na verdade muito para reparar esta advertência de Cristo; porque se o Senhor ia tão atormentado com o duro peso de ãa Cruz às costas, e se ia a morrer na mesma Cruz, como não haviam de chorar aquelas mulheres? Não haviam de chorar, disse S. Leão,<sup>r</sup> porque ali solenizava Cristo o seu maior triunfo: *Istum planctum Dominus dedignatur impendi, quia non decebat luctus triumphum, nec lamenta victoriam*.<sup>s</sup> Não haviam de chorar, disse Santo Ambrósio,<sup>t</sup> porque naqueles passos se dispunha o nosso maior remédio, e o caminho de nossa salvação: *Ablaturus enim omnes lacrymas suæ beneficio Crucis, futuræ Beatitudinis lætitiã exhibebat*.<sup>u</sup> Segue-se logo que aquelas lágrimas ou contradiziam àqueles passos, ou não diziam bem naquela ocasião; porque se Cristo ia ali celebrando o seu triunfo, a que vinham ali as lágrimas? a que vinham ali os sentimentos, se ia ali executando a nossa redenção? Contudo ainda assim eu digo que foram ali mui justas as lágrimas, e mui devidos os sentimentos; porque, ainda que Cristo

<sup>n</sup> Nota marginal: <Ioan 13. 4.>. **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 13, v. 4: *surgit a cæna, et ponit vestimenta sua: et cum accepisset linleo, præcinxit se*. **BSP**: *levantou-se da ceia, depôs o seu manto, e, pegando numa toalha, cingiu-se com ela*.

<sup>o</sup> Nota marginal: <Luc 12. 37.>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 12, v. 37: *Beati servi illi, quos cùm venerit dominus, inuenerit vigilantes: amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis*. **BSP**: *Bem-aventurados aqueles servos, a quem o Senhor achar vigiando, quando vier; na verdade vos digo que se cingirá e os fará pôr à mesa, e, passando por entre eles, os servirá*.

<sup>p</sup> Nota marginal: <Mat. 26. 10.>. **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 26, v. 10: *Sciens autem Iesus, ait illis: Quid molesti estis huic mulieri? opus enim bonum operata est in me*. **BSP**: *Jesus, sabendo isto, disse-lhes: Por que molestais esta mulher? Ela fez-me verdadeiramente uma boa obra*.

<sup>q</sup> **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 23, v. 28: *Conuersus autem ad illas Iesus, dixit: Filiæ Ierusalem, nolite flere super me, sed super vos ipsas flete, et super filios vestros*. **BSP**: *Porém Jesus, voltando-se para elas, disse: Filhas de Jerusalém, não choreis sobre mim, mas chorai sobre vós mesmas e sobre vossos filhos*.

<sup>r</sup> Nota marginal: <S. Leo de Pass. Dom[i]ni Serm. 10>. Citação de *De Passioni Domini*, [sermo LXI] X, de S. Leão (cf. MAGNI, S. Leonis, *Sermonis*, 1849, p. 270).

<sup>s</sup> “O Senhor repudia gastar-se esse lamento: pois não convém ao triunfo os lutos, nem à vitória os lamentos”. (tradução nossa).

<sup>t</sup> Nota marginal: <D. Amb. ser 114. in Psal. 118.>. Citação de *In Psalmum CXVIII Expositio*, de S. Ambrósio (cf. AMBROSII, *Opera Omnia*, t. I, 1836, p. 349).

<sup>u</sup> “[Ele], portanto, que havia de alimpar todas as lágrimas com o benefício da sua Cruz, [já] demonstrava a felicidade do gozo vindouro” (tradução nossa).

210 com aqueles passos, e com aquela Cruz caminhava para triunfar, e caminhava para nos remir, caminhava também para morrer: logo aquele triunfo era muito à custa de seu sangue, e aquele nosso remédio era muito à sua custa; e sendo isto assim, que muito é que diga eu, que posto que aqueles passos de Cristo se deviam celebrar como seu triunfo, que também se deviam sentir como seu tormento? e posto que se deviam aplaudir como nosso remédio, também se deviam chorar como sua paixão?

215 Viu S. João no seu Apocalipse que sobre um majestoso trono estava o divino Cordeiro; e viu que ou de desatado vidro, ou de líquido cristal se formava um mar imenso diante do mesmo trono: *Et in conspectu sedis tamquam mare vitreum simile crystallo;*<sup>v</sup> mas que mar seria este que ao trono do Cordeiro lhe servia de espelho de cristal? Disse Dionísio Cartusiano, que era um mar de lágrimas, segundo aquilo do Profeta: *Magna est velut mare contritio tua;*<sup>w</sup>  
 220 mas quem levou tantas lágrimas ao Céu, para que delas se formasse um mar de lágrimas? Diz que estas são aquelas mesmas lágrimas das almas que sobem ao Céu, que o mesmo Evangelista viu que estava Deus recolhendo diante do trono do Cordeiro: *Et absterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum.*<sup>x</sup> Admirável, e profundo mar de lágrimas! Não diz o mesmo S. João que estavam os cortesãos do Céu celebrando o triunfo do Cordeiro, a quem davam os parabéns  
 225 de sua vitória, e de nossa redenção: *Dignus est agnus accipere gloriam, et honorem?*<sup>y</sup> e não implicam lágrimas com vitórias? pois se lhe cantam vitórias, como se derramam lágrimas? Não veem que ainda que o Cordeiro estava triunfando, que estava no mesmo tempo morrendo: *Vidi agnum tamquam occisum?*<sup>z</sup> Logo com razão se chora o mesmo que se celebra; porque

---

<sup>v</sup> Nota marginal: <Apoc. 4. 6.>. **VL**, Apocalypsis Ioannis, c. 4, v. 6: *Et in conspectu sedis tamquam mare vitreum simile crystallo: et in medio sedis, et in circuito sedis, quattuor animalia plena oculis ante et retro. BSP: Em frente do trono (havia) um como mar de vidro semelhante ao cristal; e no meio do trono, e em volta do trono, quatro animais cheios de olhos por diante e por detrás.*

<sup>w</sup> Nota marginal: <Thren. 2 13.>. **VL**, Lamentationes, c. 2, v. 13: *Cui comparabo te? vel cui assimilabo te, filia Ierusalem? cui exæquabo te, et consolabor te, virgo filia Sion? magna est enim velut mare contritio tua: quis medebitur tui? BSP: A quem te compararei, ou a quem te assemelharei, / ó filha de Jerusalém? / A quem te igualarei, e como te consolarei, / ó virgem, filha de Sião? / É grande como o mar a tua tribulação; / quem poderá curar-te?*

<sup>x</sup> Nota Marginal: <Apoc 7. 17.>. **VL**, Apocalypsis Ioannis, c. 7, v. 17: *quoniam Agnus, qui in medio throni est, reget illos, et deducet eos ad vitæ fontes aquarum, et absterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum. BSP: Porque o Cordeiro, que está no meio do trono, os guardará e os levará às fontes das águas da vida, e Deus enxugará toda a lágrima dos seus olhos.*

<sup>y</sup> Nota marginal: <Apoc 4. 11. >. **VL**, *ibidem*, c. 4, v. 11: *Dignus es Domine et Deus noster accipere gloriam, et honorem, et virtutem: quia tu creasti omnia, et propter voluntatem tuam erant, et creata sunt. BSP: Tu és digno, ó Senhor nosso Deus, de receber a glória, a honra e o poder, porque criaste todas as coisas, e pela tua vontade é que elas existem e foram criadas.*

<sup>z</sup> **VL**, *ibidem*, c. 5, v. 6: *Et vidi: et ecce in medio throni et quattuor animalium, et in medio seniorum, agnum stantem tamquam occisum, habentem cornua septem, et oculos septem: qui sunt septem spiritus Dei, missi in omnem terram. BSP: Olhei, e eis que, no meio do trono e dos quatro animais, e no meio dos anciãos, estava de pé um Cordeiro, parecendo ter sido imolado, o qual tinha sete chifres e sete olhos, que são os sete espíritos de Deus, mandados por toda a terra.*

---

<sup>227</sup> veem] vê A.

230 custando aquele triunfo não menos que a morte do Cordeiro, justo era que como triunfo se aplaudisse, mas que como morte se chorasse; justo era que rompendo a alegria em aplauso de vitórias, *Dignus est agnus accipere gloriam, et honorem*, que também o sentimento formasse um mar de lágrimas: *Et in conspectu throni tamquam mare vitreum simile crystallo*. Confirmemos esta verdade com a chaga última de Cristo; foi ela a chaga do lado, e ela foi a coroa de seu triunfo, porque ela foi o remate de nossa redenção; mas é de reparar, que ali o sangue saiu envolto em água: *Exivit sanguis, et aqua*:<sup>aa</sup> assim era verdadeiramente justo que fosse, para que assim claramente se entendesse que um triunfo, e ùa redenção que se alcança à custa de tanto sangue, se por ùa parte se deve aplaudir, por outra se deve chorar; e por isso naquele último remate do triunfo da Cruz, correu a dor desfeita em água, porque saiu o custo feito em sangue: *Exivit sanguis, et aqua*.

240 Contra todo este discurso estão ainda as palavras de Cristo: porque Cristo repreendeu as lágrimas daquelas piedosas mulheres: logo achou implicância, e contradição naquelas lágrimas? Respondo, que é verdade que Cristo as repreendeu; mas não porque nelas houvesse contradição, senão porque houve erro no motivo delas: reparem nas palavras de Cristo: *Nolite flere super me, sed super vos ipsas flete*;<sup>bb</sup> como se 245 dissera o Senhor: Não me choreis a mim filhas de Jerusalém, compadecendo-vos só de mim, mas se me chorais, seja doendo-vos de vós: *sed super vos ipsas flete*. Para inteligência destas palavras devemos supor, que no madeiro da Cruz levava Cristo sobre seus ombros não só toda a carga de suas dores, senão também todo o peso de nossas culpas.

---

<sup>aa</sup> Nota marginal: <Ioan 19 54.>. **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 19, v. 34: *sed vnus militum lancea latus eius aperuít, et continuò exiuit sanguis, et aqua*. **BSP**: *mas um dos soldados traspassou-lhe o lado com uma lança e imediatamente saiu sangue e água*.

<sup>bb</sup> **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 23, v. 28: *Conuersus autem ad illas Iesus, dixit: Filię Ierusalem, nolite flere super me, sed super vos ipsas flete, et super filios vestros*. **BSP**: *Porém Jesus, voltando-se para elas, disse: Filhas de Jerusalém, não choreis sobre mim, mas chorai sobre vós mesmas e sobre vossos filhos*.

250 *Peccata nostra ipse pertulit in corpore suo super lignum:*<sup>cc</sup> se choramos em Cristo a sua Cruz só como carga de suas dores, choramos só de compaixão; se a choramos também como peso de nossas culpas, choramos de arrependimento: pois porque as filhas de Jerusalém tendo razões para se chorar a si mesmas, e devendo ser suas lágrimas tributos de um verdadeiro arrependimento, eram só efeitos de ãa natural compaixão; por isso Cristo advertidamente lhes ordenou que tratassem mais de chorar por si, que do chorar por ele; porque para lhe agradarem
 255 as nossas lágrimas, não devem ser só de lástima, e compaixão de suas dores, mas devem ser lágrimas de dor, e arrependimento de nossas culpas. Aquele mar de vidro, e cristal que estava no trono de Deus, já disse que eram as lágrimas das almas que sobiam ao Céu; mas notem que era feito aquele mar de toda a sorte de lágrimas: *Absterget Deus omnem lacrymam:* e por quê? Porque para entrar no Céu, há lágrimas de compaixão, e há lágrimas de arrependimento: as
 260 almas puramente justas entrarão no Céu pelas lágrimas de compaixão; mas os pecadores entramos no Céu pelas lágrimas do arrependimento; de tal maneira, que nos pecadores se não precederem as lágrimas do arrependimento, não aproveitam, nem agradam a Deus as lágrimas de compaixão. No mesmo mar de vidro temos a prova; porque naquele mar primeiro se estimava o ser de vidro: *mare vitreum*, e depois o ser de cristal: *simile crystallo:* e qual é a
 265 razão? A razão é; porque no vidro frágil, e quebradiço está representada a dor da contrição, que segundo sua etimologia é dor que quebra: isso quer dizer, *contritio:* no cristal diáfano, e transparente está representada a dor da compaixão, que segundo a sua propriedade,

---

<sup>cc</sup> Nota marginal: <1. Petri 2. 24.>. **VL**, Epistula I Petri, c. 2, v. 24: *qui peccata nostra ipse pertulit in corpore suo super lignum: vt peccatis mortui, iustitiae vivamus: cuius liuore sanati estis.* **BSP:** *Foi ele mesmo que levou os nossos pecados em seu corpo sobre o madeiro, a fim de que, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; “por suas chagas fostes sarados”.*

270 é dor que trespassa: isso é o que quer dizer, *Tuam ipsius animam pertransibit gladius*.<sup>dd</sup> pois  
 porque nos olhos de Deus primeiro deve ser a dor de nossas culpas, do que a compaixão de  
 suas dores; por isso naquele mar de lágrimas que estava à vista de Deus, *in conspectu throni*,  
 primeiro se estimava o ser mar de vidro, e depois o ser mar de cristal: *Tamquam mare vitreum*  
*simile crystallo*. Esta é a filosofia de lágrimas que na Academia das amarguras nos ensinou o  
 melhor Mestre de dores: não proíbe Cristo, antes estima que choremos as dores de sua paixão;  
 275 mas quer que as nossas lágrimas primeiro caiam sobre nós, do que sobre ele; que choremos  
 mais de arrependidos, que de lastimados; quer que mais choremos de dor de nossas culpas, do  
 que de compaixão de suas dores, e por isso ensinando a chorar às filhas de Jerusalém, diz que  
 mais chorem sobre si, do que sobre ele: *Nolite flere super me, sed super vos ipsas flete*.

O último encontro que pondero na rua da amargura, foi o de Simão Cireneu, que ajudou  
 a Cristo a levar a Cruz, e neste encontro considero eu que esteve a verdadeira contradição que  
 280 Cristo padeceu na rua da amargura; não porque Simão Cireneu fizesse contradição a Cristo, mas  
 porque vinha só Simão Cireneu: Simão quer dizer obediente; quer dizer justo: pois, valha-me  
 Deus! só os justos, só os obedientes hão de ajudar a Cristo a carregar a Cruz? não é a Cruz o  
 Estendarte da penitência? e a penitência não foi instituída só para os pecadores? pois se os justos  
 285 sem necessidade da penitência carregam a Cruz, como só os pecadores não carregamos a Cruz  
 da penitência? Aquelas quatro letras jeroglíficas que iam no Estendarte diante de Cristo, a saber,  
 S. P. Q. R. já sabem que as escreveram as Sibilas, e que na inteli-

---

<sup>dd</sup> Nota marginal: <Luc. 2. 35.>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 2, v. 35: *et tuam ipsius animam pertransibit gladius, vt reuelentur ex multis cordibus cogitationes*. **BSP**: *E uma espada trespassará a tua alma, a fim de se descobrirem os pensamentos escondidos nos corações de muitos*.

gência dos Romanos queriam dizer: *Senatus, populusque Romanus*; porém na ocasião dos passos de Cristo considerava eu que continham mais alto mistério, e que querem dizer: *Salvator, populi que Redemptor*;<sup>ee</sup> como dizendo, ou publicando ao mundo todo, que quem ali ia a morrer com ãa Cruz às costas, era o Redentor, e o Salvador do mundo. Nem me reparem em que eu queira dar esta nova interpretação a tão misteriosas letras; porque se os Sabinos as aplicaram a si, escrevendo-as em seus Estendartes; e se depois os Romanos as aplicaram às suas bandeiras: por que as não poderei eu aplicar também ao nosso Redentor? principalmente porque a minha interpretação, *Salvator, populi que Redemptor*, é fundada, ou tirada de sua verdadeira inteligência, que vinha a ser: *Salva populum, quem redemisti*.<sup>ff</sup> Isto assim suposto, reparo, que na Cruz não levava Cristo o título de Salvador: pois por que não leva o nome de Salvador no Estendarte da Cruz, assim como o leva adiante nas letras do Estendarte? Não teve Cristo o título de Salvador estando cravado na Cruz? Assim o diz o mesmo título, *Jesus Nazarænus*. Pois por que razão levando a Cruz às costas, não leva logo na mesma Cruz o título de Salvador? Porque vai grande diferença de ir com a Cruz, e estar na Cruz: Cristo por meio da Cruz gozou o título de nosso Salvador, e assim, que tanto se deve chamar nosso Salvador levando a Cruz às costas, como morrendo na Cruz; porém para Cristo ser Salvador morrendo, não necessita da companhia dos homens quanto à morte: porque os homens para sua salvação não são obrigados a morrer em ãa Cruz; e para Cristo ser Salvador carregando a Cruz? tem necessidade da companhia dos homens, porque os homens são obrigados a tomar sobre si a

---

<sup>ee</sup> “Salvador, redentor do povo” (tradução nossa).

<sup>ff</sup> “Salva o povo que redimistes” (tradução nossa).

Cruz da penitência para a eficácia de sua salvação: pois por isso Cristo tendo o título de Salvador na Cruz, não levou na Cruz esse mesmo título; porque só Simão Cireneu o ajudou a levar a Cruz: se só os justos o acompanham, se não acompanham todos a Cristo, como pode ser Cristo Salvador de todos? Lá adiante no Estendarte vá embora o nome de Salvador do mundo; porque quem ali vai a morrer, verdadeiramente é o nosso Salvador: *Salvator, populique Redemptor*; porém cá na Cruz não vá ainda o título de Salvador, nem vá o título, *Jesus Nazarænus*; porque nem todos ajudam a Cristo a carregar a Cruz: com que venho a dizer, que aqui entre o Estendarte da Cruz, e entre as letras do Estendarte, aqui se viu a contradição que se faz a Cristo; porque entre o Estendarte, e entre a Cruz a olhos vistos se está conhecendo que cá na Cruz não leva Cristo o título de Salvador do mundo, sendo assim que lá no Estendarte vai o título de Salvador: *Salvator, populique Redemptor*.

Daqui Fiéis viremos a entender, se é que nos queremos salvar, que não basta que leve Cristo às costas o peso de nossas culpas, senão que é necessário que abracemos a Cruz da penitência, e que acompanhemos, e ajudemos a Cristo a carregar tão pesada Cruz: só desta sorte nos poderemos salvar; porque de outro modo ainda que Cristo é nosso Salvador no merecimento, na execução não será nosso Salvador. Naquela interpretação que eu dizia das letras do Estendarte, é muito para reparar, que duas vezes se chame Cristo Salvador do mundo: *Salvator, populique Redemptor*: Salvador, e Redentor, não vem tudo a ser o mesmo? pois para que se chama duas vezes Salvador? Como a interpretação foi minha, bem pode parecer acaso; mas não faz dúvida,

que foi mistério; porque Cristo é Salvador quanto à suficiência, concorrendo da sua parte somente, e é Salvador quanto à eficácia, concorrendo nós também da nossa parte; e como todo o efeito da salvação consiste em que Cristo não seja só Salvador quanto à suficiência, senão também Salvador quanto à eficácia: para que o mundo entendesse o quanto depende a

330 eficácia de nossa salvação do concurso da nossa parte, por isso querendo Cristo dar-se a conhecer por Salvador verdadeiro, se chama duas vezes Salvador: *Salvator, populi que Redemptor*. Oh que bem que conheceu esta verdade o Santo Jó, quando pedia a Deus que lhe desse a sua mão para salvar-se! *Operi manuum tuarum porriges dexteram;*<sup>eg</sup> mas se Jó confessa que era feitura de ambas as mãos de Deus, *Operi manuum tuarum*, por que razão

335 para salvar-se lhe pede só a mão direita? por que lhe não pede ambas as mãos? Porque, em resolução, *Qui creavit te sine te, non salvabit te sine te:*<sup>hh</sup> para salvar-se pede Jó ãa mão de Deus somente; porque para o homem se salvar, ãa mão há de ser de Deus, e outra mão há de ser do homem; mas disso mesmo quisera eu a razão: ou seja na criação, ou seja na salvação, não é sempre o homem feitura de Deus? pois se para o homem se criar concorrem ambas as

340 mãos de Deus, por que não concorre Deus com ambas as mãos para o homem se salvar? Porque ainda que sempre são necessárias duas mãos, há contudo esta diferença: que antes de Deus criar ao homem, como ainda o homem não tem ser, ainda não pode cooperar, e por isso entra Deus com ambas as mãos para a criação do mundo: *Creavit te sine te;* porém como para a salvação já podemos obrar, porque já temos ser, por isso entra Deus com ãa

345 mão somente para a nossa salvação: *Non salvabit te sine te;* e porque

---

<sup>eg</sup> Nota marginal: <Iob 14. 15.>. **VL**, Liber Iob, c. 14, v. 15: *Vocabis me, et ego respondebo tibi: operi manuum tuarum porriges dexteram. BSP: Tu me chamarás, e eu te responderei; / estenderás a tua dextra para a obra das tuas mãos.*

<sup>hh</sup> “[Deus], que te criou sem ti, não te salvará sem ti” (tradução nossa). Citação de *Exhortatorius ad bene faciendum – Sermo LXXXIII*, de S. Agostinho (cf. AUGUSTINI, *Operum supplementum I*, 1836, p. 232).

---

<sup>332</sup> Jó] Job A, *passim*.

é necessário que a outra mão seja do homem, por isso Jó para salvar-se pede só ãa mão de Deus: *Operi manuun tuarum porriges dexteram.*

Neste mesmo conhecimento de Jó estava extremadamente Davi: porque eu me pus por curiosidade a contar as vezes que pediu a Deus que o salvasse, e achei que lho pediu ãas  
 350 vinte e quatro, ou vinte e cinco vezes, e contudo em nenhũa de tantas vezes se assegurou Davi de que Deus o havia de salvar; só ãa vez pediu que o ajudasse na matéria da sua salvação, e então ficou certificado que tinha segura a salvação da mão de Deus: *Adjuva me Domine, et salvus ero.*<sup>ii</sup> Não sei se reparam na diferença: de maneira que enquanto Davi pede a Deus que o salve, não se salva Davi; quando pede a Deus que o ajude, então se  
 355 salva? Com razão; porque quem pede que o ajudem, obra da sua parte, e Deus não salva senão a quem obra: *Adjuva me Domine, et salvus ero.* Pois Cristãos, Davi que falava tantos séculos antes da vinda de Cristo, pedia a Deus que o ajudasse; mas depois que Cristo carregou ãa Cruz às costas, já não parece necessário que lhe peçamos a ele que nos ajude a nós, porque ele é o que nos pede que o ajudemos a ele: ele vai diante carregando o maior  
 360 peso da Cruz; nós que imos<sup>jj</sup> carregando atrás, sempre levaremos menor peso: e se assim o acompanharmos, temos a salvação segura; mas se o não acompanharmos, não há que esperar salvação. Perguntou a Cristo não sei lá que homem, que devia fazer para salvar-se. Respondeu-lhe o Senhor, que guardasse os dez mandamentos: *Si autem vis ad vitam ingredi, serva mandata.*<sup>kk</sup> Desta doutrina de Cristo veio Jodoco<sup>ll</sup> a inferir ser o número de  
 365 dez caminho direito para a salvação: *Decalogi est expressio numerus denarius, quo*

---

<sup>ii</sup> Nota marginal: <Ps. 117. 117.>. **VL**, Liber Psalmorum, c. 118, v. 117: *Adiuva me, et saluus ero: et meditabor in iustificationibus tuis semper.* **BSP**, *ibidem*, c. 119, v. 117: *Ajuda-me, e serei salvo, / e meditarei sempre nas tuas leis.*

<sup>jj</sup> A forma <imos>, atestada em Camões (*Os Lusíadas* - canto 1º, estância L; canto 2º estância LXXX, canto 6º estância LXXII), também é usada por Vieira, pelo menos em três sermões: o da Primeira Dominga do Advento, o da Quinta Dominga da Quaresma, e o da Epifania (cf. VIEIRA, *Sermões selectos*, 1872). É possível conjecturar que a variante “imos” (< ir < ĩre, “passar de um lugar para outro, partir”) tenha resultado de analogia com “vimos” (< vir < venĩre, “transportar-se de um lugar para aquele em que se está”), assim como a variante “ĩdes”, do dialeto alto-beirão, se desenvolveu por imitação de “vĩdes” (cf. WILLIAMS, 1973, p. 230).

<sup>kk</sup> Nota marginal: <Mat. 19. 17.>. **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 19, v. 17: *Qui dixit ei. Quid me interrogas de bono? Vnus est bonus, Deus. Si autem vis ad vitam ingredi, serua mandata.* **BSP**: *Jesus respondeu-lhe: Por que me interrogas acerca do que é bom? Um só é o bom. Porém, se queres entrar na vida, guarda os mandamentos.*

<sup>ll</sup> Nota marginal: <Jodoc. de num. signific. c. 9. n. 12.>. Citação do texto *De mystica numerorum significatione*, de Judocus Clichtoveus (CLICHTOVEUS, 1513, cap. VIII, fol. 14).

---

<sup>348</sup> Davi] David A, *passim*.

*paratur via, et rectum sternitur iter assequendi salutem æternam.*<sup>mm</sup> Mas em que o funda Jodoco? que tem agora o número de dez, para que nele se cifre a salvação? Falou este Doutor com grande agudeza, e dela tiraremos ãa grande moralidade. Ora vejam: O número de dez já sabem que se compõe de duas letras: a primeira é um, a segunda é ãa cifra:<sup>nn</sup> a cifra sem um, não val nada, o um sem a cifra não val dez, é um; porém juntas ambas as letras, compõem o número de dez: pois eis aí como se compõe a nossa salvação: Cristo como em tudo singular, em tudo é único, é um; porque das Pessoas divinas, só ele é único, é Deus homem; é um, porque de todos os homens só ele é único, é homem Deus: o mundo por toda a sua redondeza tem a figura de ãa cifra esférica, e circular: pois assim como para se compor o número de dez é necessário que se ajuntem um, e cifra, primeiro um, e cifra depois; assim para se efetuar a salvação, é necessário que Cristo, e o mundo se acompanhem, primeiro Cristo, e depois o mundo: o mundo sem Cristo é ãa cifra, não val nada; mas também Cristo sem o mundo é um, não val dez; e como no número perfeítíssimo de dez consiste toda a salvação, bem se segue que assim como o mundo se não pode salvar sem o valor dos merecimentos de Cristo, assim também nem Cristo pode ser eficazmente Salvador sem cooperação da parte do mundo: *Quia in hoc numero tota salus existit.*<sup>oo</sup>

Por última confirmação desta doutrina quero ponderar um mistério que sempre venerei entre os dous Exploradores da Palestina Calebe, e Josué. Chegaram estes dous esforçadíssimos Varões à terra prometida, e para sinal da bondade, que acharam naquela fertilíssima

---

<sup>mm</sup> “A expressão do Decálogo é o número dez, com que o caminho é preparado, e aplainada uma reta direção de alcance da eterna salvação”. (tradução nossa)

<sup>nn</sup> Entenda-se “zero” (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>oo</sup> “Pois a inteira salvação se manifesta neste número” (tradução nossa).

---

<sup>383</sup> Calebe] Caleb A, *passim*.

385 terra, trouxeram um cacho de uvas de tão rara grandeza, que pendurando-o de ãa vara, o  
 carregaram ambos aos ombros: *Absciderunt palmitem cum uva sua, quam portaverunt in*  
*vecte duo viri.*<sup>pp</sup> Em todas as circunstâncias deste caso tenho que reparar: reparo assim: por  
 força havia de vir este cacho de uvas em ãa vara? e por força havia de vir esta vara aos  
 ombros de dous homens? e por força estes dous homens haviam de ser Josué, e Calebe?  
 390 Sim: pendente de ãa vara, e aos ombros de ambos havia de vir esse cacho de uvas: e por  
 quê? Porque este é o sinal da terra de promessa. Ora notem: A vara em que ia o cacho, era  
 figura da Cruz, e o cacho que ia na vara, era o sinal da terra de promessa, e pelo  
 conseguinte representava o sinal certo da Bem-aventurança, e por isso ia pendente da vara,  
 pela dependência que tem a Bem-aventurança da Cruz: mais: Josué quer dizer Jesus, ou  
 395 Salvador; Calebe quer dizer, *quasi cor*, quase coração;<sup>qq</sup> e assim que Josué era figura de  
 Cristo, e Calebe era figura deste mundo sublunar, em que vivemos, porque como é o centro  
 de toda a circunferência do mundo universo, representa, e é quase coração de todo o  
 mundo:<sup>rr</sup> ah sim? pois o sinal da terra de promessa não vá senão na vara; a vara que leva  
 este sinal, não vá só aos ombros de Josué, vá também aos ombros de Calebe; não vá só aos  
 400 ombros do Salvador, vá também aos ombros do quase coração: explico-me: O sinal da  
 nossa salvação não vá senão pendente da Cruz de Cristo, mas a Cruz de Cristo para levar o  
 sinal da nossa salvação, não há de ir somente sobre os ombros de Cristo, também há de ir  
 sobre nossos ombros, sobre ambos os ombros deve ir; porque o sinal da terra de promessa  
 é de tanto peso, que não pode ir somente aos ombros do Salvador, senão também sobre o cora-

---

<sup>pp</sup> Nota marginal: <Num 13 24.>. **VL**, Liber Numeri, c. 13, v. 24: *Pergentesque vsque ad torrentem botri, absciderunt palmitem cum uva sua, quem portauerunt in vecte duo viri. De malis quoque granatis et de ficis loci illius tulerunt.* **BSP**: *E, caminhando até à torrente do Cacho, cortaram um ramo de vide com o seu cacho, o qual levaram dois homens numa vara. Colheram também romãs, e figos daquele lugar [...].*

<sup>qq</sup> O significado dado aqui não coincide com o apresentado por J. D. Douglas *et al* (1990, v. 1, p. 264), segundo o qual o termo hebraico *kelebh* se refere a um cão semisselvagem. O significado citado pelo sermônista consta de uma lista de nomes hebraicos, caldeus e gregos, e suas interpretações (*Hebraicorum, Chaldaeorum, Graecorumque Nominum Interpretatio*), que acompanhava algumas edições da Vulgata Clementina (cf. BIBLIA sacra Vulgatæ editionis, 1605, 1675).

<sup>rr</sup> Há, novamente, a ideia de que o mundo em que se vive (Terra) é o centro do universo (vide nota “d”).

405 ção do mundo; e em resolução, devemos acompanhar a Cristo, e carregar também a sua Cruz com todo o coração, porque só desta sorte se carrega a Cruz: indo assim a Cruz, leva o sinal da Bem-aventurança; não indo assim, não leva o sinal da salvação: *Portaverunt in vecte duo viri.*

410 Eia pois Católico auditório, *Exeamus ad eum extra castra, improperium ejus portantes*,<sup>ss</sup> cheguemos a carregar com Cristo a sua Cruz, porque já sai Abel para a morte, ou Isaque para o sacrifício; já sai Moisés com a sua vara, ou Josué com o seu escudo; já sai Davi com o seu báculo, ou Salamão com o seu cetro; já sai o Filho de Deus com a nossa carga; já sai o Redentor do mundo com a sua Cruz: *Recogitate eum, qui talem sustinuit a peccatoribus adversus semetipsum contradictionem.*<sup>tt</sup> Oh meu Deus, meu Redentor da minha alma, meu  
 415 Senhor do meu coração! para onde caminhais meu Deus? para onde vos levam os vossos passos, ou os meus erros para onde vos levam? se vos partis, como me deixais? ou como não parto eu, se vos partis? Porém Senhor, o coração se me parte de sentimentos de vos ver tão atormentado, tão oprimido, e tão ensanguentado; o coração se me parte de dor de vos ver com essa Cruz às costas, que se a vós vos oprime os ombros, a mim me magoa os pensamentos;  
 420 com essa corda ao pescoço que se a vós vos aperta os braços, a mim me arrasta os afetos; com essa coroa de espinhos, que se a vós vos trespassa a cabeça, a mim me atravessa o coração. Pelo quê, meu Deus, já que essa Cruz vos oprime tanto, largai-me Senhor essa Cruz, que como ela é o peso de minhas culpas, sempre há de dizer bem sobre meus ombros: *Ego feci, ego feram.*<sup>uu</sup> Eu a carregarei, meu Senhor; porque se é castigo, só eu o mereço, se é favor, só eu o necessi-

---

<sup>ss</sup> **VL**, Epistula ad Hebræos, c. 13, v. 13: *Exeamus igitur ad eum extra castra, improperium ius portantes*. **BSP**: *Saiamos, pois, a ele fora do acampamento, levando o seu opróbrio [...]*.

<sup>tt</sup> Idem nota “a” (tema do sermão).

<sup>uu</sup> **VL**, Liber Isaiaë, c. 46, v. 4: *Vsque ad senectam ego ipse, et vsque ad canos ego portabo: ego feci, et ego feram: ego portabo, et salvabo*. **BSP**: *Eu mesmo vos trarei até à velhice, e até vos virem as cãs; eu vos criei e vos susterei; eu vos trarei e vos salvarei.*

---

<sup>412</sup> cetro] sceptro A, *passim*.

<sup>420</sup> afetos] afectos A, *passim*.

425 to: assim como Senhor ides caminhando a morrer, assim também vou eu caminhando: cada  
passo que dais é ãa diligência que fazeis para a morte: assim também cada instante que vivo, é  
um passo que dou para a sepultura; e naquela última hora de minha vida, naquele mar imenso  
de minhas culpas, onde me poderei salvar senão na táboa dessa Cruz? Largai-me pois Senhor  
essa Cruz, para que me possa salvar; e para que ambos acertemos os caminhos, entregai-me a  
430 mim o peso, e encaminhai vós os passos: *Trahe me post te, et curremus*:<sup>vv</sup> porém se no Paraíso  
os vossos primeiros passos foram em busca do primeiro homem, como vos poderá agora  
seguir o mesmo a quem vós ides buscar? Se dais esses passos como Pai de famílias em busca  
do Pródigo perdido, se dais esses passos como Bom Pastor em busca da ovelha desgarrada:  
como é possível que agora mesmo vão seguindo os vossos passos nem o filho errado, nem a  
435 ovelha perdida? Porém entendo eu que já ides carregando a ovelha sobre esses vossos ombros  
oprimidos, entendo que já estais abraçando, e recolhendo ao filho entre esses vossos braços  
cruzados; pelo que Senhor, deponde por um pouco o peso, e ensinai-nos o caminho: essa será  
a maravilha, que indo vós perdido de amor, irão nossos caminhos acertados por vossos passos  
perdidos: *Vias tuas Domine demonstra mihi, et semitas tuas edoce me*.<sup>ww</sup>

440 Oh piedosíssima mulher! chegai, chegai, já que vai esse Senhor tão banhado em sangue,  
enxugai com essa toalha o sangue desse Senhor: assim piedosíssima mulher: agora que lhe  
vendais os olhos, pode ser que não veja as nossas culpas; mas parecendo amor vendido, pode  
ser que vejamos as suas finezas: porém como? que intentais? até agora vos chamava mulher

---

<sup>vv</sup> **VL**, Canticum Canticorum, c. 1, v. 3: *Trahe me: post te curremus in odorem vnguentorum tuorum. Introduxit me rex in cellaria sua: exultabimus et letabimur in te, memores vberum tuorum super vinum: recti diligunt te.* **BSP**, *ibidem*, c. 1, v. 4: *Leva-me após ti: / nós correremos atrás do cheiro dos teus perfumes. / O rei introduziu-me nos seus aposentos interiores; / nós nos regozijaremos e nos alegraremos em ti, / lembradas de que os teus amores são melhores do que o vinho, / os (corações) retos amam-te.*

<sup>ww</sup> **VL**, Liber Psalmorum, c. 24, v. 4: *Confundantur omnes iniqua agentes superuacue. Vias tuas Domine demonstra mihi: et semitas tuas edoce me.* **BSP**: *Sejam confundidos todos os que em vão cometem a iniquidade. / Mostra-me, Senhor, os teus caminhos, / e ensina-me as tuas veredas.*

piedosa, agora vos chamo mil vezes cruel: tão ambiciosa estais desse preciosíssimo  
 445 tesouro, que no-lo escondéis? tão avarenta, que no-lo encobris? já que vos ficais com a  
 ventura de o possuir, ao menos não nos concedereis a consolação de o ver? Oh mostrai  
 piedosíssima mulher, mostrai aos olhos do mundo a mesma face de Deus. Ó Cristãos,  
 estampemos aquela imagem em nossas almas, ou depositemos aquela estampa em nossos  
 450 corações: ali temos aquela imagem que adorar, e ali temos aquele espelho em que nos ver:  
 está assim tão despedaçado, porque ali se representa o desconcerto de nossas almas; está  
 assim tão escurecido, porque ali se representam as manchas de nossas consciências; está  
 assim tão eclipsado, porque ali se representam as sombras de nossas culpas. Oh se  
 soubéramos compor as nossas vidas à vista daquele soberano espelho! Oh divino  
 455 transunto de Deus! Oh divino retrato de Cristo! à vossa vista me retrato de minhas culpas,  
 porque à vossa vista me arrependo de vossas ofensas. Ah Senhor, meu Jesus, e meu  
 Redentor! mui bem conheço, meu amorosíssimo Jesus, mui bem conheço que aquele é o  
 retrato de vosso divino rosto; porém como é possível que seja aquele o vosso retrato?  
 Sendo vós a imagem substancial do Eterno Padre, como é possível que agora seja aquela  
 a vossa imagem? Mas se as nossas culpas nos fizeram perder a semelhança de Deus, que  
 460 muito<sup>xx</sup> é que por amor de nós perdêsseis vós a semelhança de homem? Assim Senhor foi  
 necessário que se eclipsassem em vós as aparências de homem, para que em nós se  
 restaurassem as semelhanças de Deus; e como estas só se

---

<sup>xx</sup> A expressão “que muito”, frequente também nos sermões de Vieira, equivale a “que há de estranho”, “que admiração” (cf. *Léxicon*. In: VIEIRA, 2010, p. 643).

---

<sup>454</sup> transunto] transumpto A; retrato] retracto A.

podem restaurar pelo perdão de nossas culpas, vós Senhor nos concedei este perdão, por quem  
sois, meu Senhor, pelo tormento desses espinhos, pela afronta dessas cordas, pelo sangue  
465 daquela vossa santíssima verônica, pelo valor dessa vossa pesadíssima Cruz, para que assim  
alcancemos a divina graça, penhor da eterna glória: *Quam mihi, et vobis etc.*<sup>yy</sup>

---

<sup>yy</sup> Abreviação da fórmula de encerramento de sermões, *Quam mihi et vobis præstare dignetur Dominus Deus Omnipotens*. Tradução nossa: “A qual o Senhor Deus Onipotente se digne conceder a mim e a vós”.

**Sermão Décimo Quinto, pregado em a festa da Canonização de S. Maria Magdalena de Pazzi, estando o Santíssimo exposto, no Convento do Carmo da cidade da Bahia.**

---

*Exierunt obviam sponso, Et sponsæ: venit sponsus, Et intraverunt cum eo ad nuptias. Matth. 25.<sup>a</sup>*

Depois de resplandecerem tantas luzes (muito alto, e poderoso Deus, e Senhor nosso): Depois de resplandecerem tantas luzes, que se havia de seguir senão ãa sombra? Luzes foram da eloquência as que ategora<sup>b</sup> subiram a este lugar, e como sombra de tantas luzes em seguimento seu subo também hoje a venerar as eminências do Carmelo; mas tão pouco atento à temeridade, que antes venho ambicioso do perigo; porque aonde a grandeza da causa pode fazer gloriosa a mesma ruína, nunca pode ser culpável o atrevimento; porém na multidão de tantas, e tão acumuladas grandezas, quantas deste monte se deixam descobrir, qual

---

<sup>a</sup> Vulgata Latina (1605), doravante **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 25, v. 1, 10: *Tunc simile erit regnum cælorum decem virginibus: quæ accipientes lampades suas, exierunt obviam sponso et sponsæ. [...] Dum autem irent emere, venit sponsus: et quæ paratæ erant, intrauerunt cum eo ad nuptias, et clausa est ianua. Bíblia Sagrada – Edições Paulinas (1986), doravante **BSP**: *Então será semelhante o reino do céu a dez virgens, que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do esposo. [...] Mas, enquanto elas foram comprá-lo, chegou o esposo, e as que estavam preparadas entraram com ele para celebrar as bodas, e foi fechada a porta.**

<sup>b</sup> Segundo Aulete, advérbio composto (antigo e popular), formado por *até* + *agora*, com o mesmo significado dessa expressão, sem a contração (cf. ATEGORA. In: iDICIONÁRIO Aulete. Disponível em <<http://aulete.uol.com.br/ategora>>. Acesso em 14 ago. 2013).

principalmente hemos hoje de venerar? No dia de ontem se celebrava ainda a Mãe Santíssima de Deus, e amorosíssima Mãe desta Família sagrada: no dia de amanhã se há de celebrar o Pai, aquele portento do Mundo, e Protoparente das Religiões o grande Patriarca Santo Elias;<sup>c</sup> pelo que entre ãa, e outra celebridade, entre a celebridade da Mãe, e a celebridade do Pai, venho hoje a louvar não digo, mas a admirar ãa Filha digna de tal Pai, e de tal Mãe; aquele espírito elevado, aquele extático prodígio, a mais cândida açucena deste florente jardim, a pérola mais luzida deste real diadema, a estrela mais luminosa desta cristalina esfera, o Serafim mais amante desta superior Jerarquia: em ãa só palavra: a S. Maria Madalena de Pazzi.<sup>d</sup> Dizer as excelências deste assombro de Santidade é minha obrigação neste dia; e com dizer o que disse, com haver dito que foi a Santa Madre Magdalena de Pazzi filha desta Religião sagrada, parece que tinha eu cabalmente satisfeito à minha obrigação; porque, que maior louvor se lhe pode dar, do que dizer que foi filha do grande Patriarca Elias, e Religiosa de N. Senhora do Carmo?

Quando o Anjo S. Gabriel apareceu a Zacarias, fez um estendido discurso sobre os louvores do Bautista; e depois de referir grandes excelências suas, depois de dizer, que até na presença de Deus seria grande: *Erit magnus coram Domino*,<sup>e</sup> sobre todas estas grandezas disse, que o Bautista havia de receber a graça do ventre de sua mãe: *Et Spiritu Sancto replebitur adhuc ex utero matris suæ*.<sup>f</sup> Aqui reparo: Se dissesse o Anjo que o Bautista havia de receber a graça no ventre de sua mãe, *in utero matris suæ*, entendido estava; mas do ventre de sua mãe, *ex utero matris suæ*? O Bautista se

---

<sup>c</sup> Segundo a narrativa bíblica, o profeta Elias viveu em isolamento e oração e realizou prodígios no monte Carmelo, em Israel, onde, no séc. XI, cristãos fundaram oficialmente a Ordem do Carmo. Entretanto, cria-se que foi Elias, “967 anos antes do Nascimento de Christo”, quem “fundou a Religião Carmelitana, e deu princípio a todo estado Monástico” (cf. LEOINDELICATO; ANGELO, 1741, 1ª parte, p. 18-19).

<sup>d</sup> Religiosa carmelita, beatificada em 1626 e canonizada em 1669. Nascida em Florença, viveu entre 1566 e 1607, uma existência marcada pela penitência, leitura de obras sacras e escrita de suas experiências extáticas (cf. LEOINDELICATO; ANGELO, 1741, 3ª parte, t. 2, p. 495-521).

<sup>e</sup> Nota marginal: <Luc. 1. 15.>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 1, v. 15: *erit enim magnus coram Domino: et vinum et siceram non bibet, et Spiritu Sancto replebitur adhuc ex vtero matris suæ: BSP: porque ele será grande diante do Senhor; não beberá vinho nem bebida inebriante; será cheio do Espírito Santo desde o ventre de sua mãe;*

<sup>f</sup> *Loc. cit.*

---

<sup>10</sup> amanhã] à manhã A.

<sup>16</sup> Madalena] Magdalena A, *passim*.

bem recebeu a graça santificante no ventre de Isabel sua mãe, contudo não a recebeu do ventre de Isabel, a primeira graça recebeu o Bautista do ventre de Maria, porque em suas puríssimas entranhas assistia o Autor de toda a graça: pois logo como diz o Anjo, que o Bautista havia de receber a graça do ventre de sua mãe, *ex utero matris suæ*? Notável privilégio do Bautista! Disse o Anjo que o Bautista havia de receber a graça do ventre de sua mãe, porque Maria também foi mãe do Bautista: Isabel foi por natureza sua mãe, e Maria por graça; e para dizer isto o Anjo, para dizer que o Bautista seria filho de Maria por graça, havendo de dizer que receberia a graça do ventre de Maria, disse sem equivocação que receberia a graça do ventre de sua mãe, *ex utero, etc.*

30 Esta foi a mãe do Bautista por graça, não menos que a mesma Mãe de Deus; porém qual foi o Pai? Aqui perorou o Anjo, e concluindo finalmente o panegírico, disse, que João havia de professar a vida, e instituto do grande Patriarca Elias: *Et ipse præcedet ante illum in spiritu, et virtute Eliæ.*<sup>s</sup> E que mais disse do Bautista? Que mais havia de dizer? Ser filho de Maria por graça, e de Elias por profissão, é ãa excelência tão sobrelevada, que empenhados os discursos

35 todos não menos que de um Anjo, em referir todas as grandezas não menos que de um Bautista, em se chegando a este ponto, em se chegando a dizer do maior sujeito do mundo, que foi filho desta sagrada Religião, não fica mais que dizer.

40

Oh Religião sagrada! Oh divina suspensão do mais sublimado estilo, e último encarecimento de todo o Angélico discurso! Em ti se acham cifradas todas as perfeições, de

45 tal sorte, que para crédito de teus generosos Filhos não é necessá-

---

<sup>s</sup> VL, Evangelium secundum Lucam, c. 1, v. 17: *et ipse præcedet ante illum in spiritu et virtute Eliæ: vt conuertat corda patrum in filios, et incredulos ad prudentiam iustorum, parare Domino plebem perfectam.* BSP: *irá adiante dele com o espírito e a fortaleza de Elias, “a fim de reconduzir os corações dos pais para os filhos” e os rebeldes à prudência dos justos, para preparar ao Senhor um povo bem disposto.*

rio que admiremos a santidade, que exercitam, basta que conheçamos o espírito que professam; tão divinamente, e tão altos alentos lhes infundes, que suas mal compreendidas grandezas se não devem inquirir, senão supor, porque se calificam todos não só pela exacção com que vivem, senão ainda pelo lugar em que moram; e como todas suas perfeições são tuas devidas  
 50 propriedades, ou naturais consequências, por isso de seus maiores aplausos és o último encarecimento; e de nossos maiores discursos és ãa gloriosa suspensão; por isso para exagerar as grandezas de Madalena Filha tão querida tua, para deixar assaz encarecido o quanto teve de Santa, bastava só deixar apontado que foi Carmelita.

Contudo se a grandeza do Patriarca, se o respeito da Senhora nos obrigavam ambos a  
 55 louvar Madalena pelo que teve de Filha, pede a assistência do Senhor, que a veneremos agora pelo que teve de Esposa: desposórios celestiais serão toda a matéria deste dia: amorosas correpondências serão todo o empenho desta ação; por isso é sagrado o banquete, porque é divino o Esposo; e por isso os manjares são do Céu, porque se desposa Deus na terra. A celebrar estes divinos desposórios, diz o nosso Evangelho que se ajuntaram cinco Virgens, todas sábias, e  
 60 prudentes: *Quinque autem ex eis erant prudentes;*<sup>h</sup> todas preparadas com o óleo da divina graça: *acceperunt oleum;*<sup>i</sup> e todas recolhidas com o Senhor em clausura: *intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua.*<sup>j</sup> Estas são as cinco Religiões sagradas, que solenemente assistem aos castíssimos desposórios entre Madalena, e Cristo: a Ilustríssima Ordem Carmelitana Observante, a exemplaríssima Ordem Carmelitana Descalça, a sempre esclarecida, e antiquíssima Or-

---

<sup>h</sup> **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 25, v. 2: *Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes. BSP: Cinco delas eram insensatas, e cinco prudentes.*

<sup>i</sup> **VL**, *ibidem*, c. 25, v. 4: *prudentes vero acceperunt oleum in vasis suis cum lampadibus. BSP: as prudentes, porém, levaram azeite nos seus vasos, juntamente com as lâmpadas.*

<sup>j</sup> **VL**, *ibidem*, c. 25, v. 10: *Dum autem irent emere, venit sponsus: et quæ paratæ erant, intrauerunt cum eo ad nuptias, et clausa est ianua. BSP: Mas, enquanto elas foram comprá-lo, chegou o esposo, e as que estavam preparadas entraram com ele a celebrar as bodas, e foi fechada a porta.*

---

<sup>62</sup> solenemente] solemnemente A, *passim*.

65 dem daquele novo Sol do Mundo o grande Patriarca S. Bento, a Religiosíssima Ordem daquele  
 Serafim encarnado S. Francisco, e a Sagrada Religião da Companhia de Jesu; todas cinco  
 castíssimas Virgens pela continência, em que vivem; todas cinco sábias, e entendidas pelas letras,  
 que professam; todas cinco preparadas de óleo pela graça, que lhes assiste; e todas cinco  
 70 recolhidas com o Senhor pela clausura, que observam. Estas são as cinco Virgens discretas, que  
 assistem nesta celebridade aos desposórios de Madalena, e se tardavam em celebrar estes  
 desposórios, foi porque o Esposo tardava: *moram autem faciente sponso*;<sup>k</sup> mas o certo é, que nem  
 Cristo tardou em se desposar, só tardou em aparecer desposado. Os desposórios entre Cristo, e  
 Madalena já estavam celebrados na terra, e já consumados na Glória: estavam celebrados na terra;  
 porque na terra tinha já Cristo invisivelmente dado o anel de Esposo a Madalena: estavam  
 75 consumados na Glória; porque na Glória gozava já Madalena felizmente o contato beatífico de  
 Cristo: tardava contudo o Esposo em aparecer desposado, porque não acabavam de se publicar  
 canonicamente os desposórios; mas tanto que a Igreja canonicamente os publicou, *clamor factus*  
*est*, logo o Esposo tratou de aparecer: *Ecce sponsus venit*.<sup>l</sup> Declarados finalmente, e publicados  
 pela Igreja os desposórios de Cristo, e Madalena, ou canonizada a Madalena por Esposa  
 80 verdadeira de Cristo, *tunc surrexerunt omnes virgines illæ*,<sup>m</sup> então despertaram as Virgens, e para a  
 solenidade do ato se preveniram todas com luzes de eloquência, e flores de elegância, *et ornaverunt*  
*lampades suas*:<sup>n</sup> esta ilustríssima Ordem Carmelitana com o afeto de mãe, a Ordem Descalça

---

<sup>k</sup> VL, Evangelium secundum Matthæum, c. 25, v. 5: *Moram autem faciente sponso, dormitauerunt omnes et dormierunt*. BSP: *Tardando o noivo, começaram a cochilar todas, e adormeceram*.

<sup>l</sup> VL, *ibidem*, c. 25, v. 6: *Media autem nocte clamor factus est: Ecce sponsus venit, exite obuiam ei*. BSP: *À meia noite, ouviu-se um clamor: Eis que vem o esposo, saí ao seu encontro*.

<sup>m</sup> VL, *ibidem*, c. 25, v. 7: *Tunc surrexerunt omnes virgines illæ, et ornauerunt lampades suas*. BSP: *Então levantaram-se todas aquelas virgens e prepararam as suas lâmpadas*.

<sup>n</sup> *Loc. cit.*

---

<sup>75</sup> contato] contacto A.

<sup>81</sup> ato] acto (e formas cognatas) A, *passim*.

<sup>82</sup> afeto] afecto A, *passim*.

com o amor de Irmã, e as outras três Ordens com o gosto, e benevolência de amigas, e afeiçoadas, e todas igualmente preparadas de afetos, e parabéns, saíram pública, e solenemente a celebrar os puríssimos desposórios de Cristo, e Madalena: *Exierunt, etc.*

85

Com este alvoroço estavam as cinco Virgens prudentes, senão que quando havia de aparecer o Esposo, e mais a Esposa, apareceu somente naquele magnífico trono a real presença do divino Esposo: *Venit Sponsus*. Pois como assim? Se as Virgens esperavam que viessem ambos, como não vieram ambos, assim como esperavam as Virgens? Que dous Esposos tão queridos se pudessem apartar? Que dous corações tão amantes se pudessem dividir? Antes, porque se não puderam dividir, por isso não vieram ambos como esperavam as Virgens: as Virgens esperavam ambos; mas notem como, distintos, e separados: *Exierunt obviam sponso, et sponsæ*: pois Cristo, e Madalena como podiam vir divididos[?] Sim; mas como veio um sem outro? Que não veio um sem outro, ambos vieram, porém não parecem ambos; porque entre

90

95

100

Cristo, e Madalena não há ser um, e outro, de tal maneira são dous, que propriamente são um, de tal maneira são diversos, que verdadeiramente são o mesmo: *Sponsus, et Sponsa Dominus noster est*,<sup>o</sup> diz S. Hilário:<sup>p</sup> Cristo, e a Esposa são o mesmo Cristo; porque isso é ser verdadeiro Esposo, essa é a propriedade dos verdadeiros desposados, ser diversos convertidos no mesmo, ser dous transformados em um: *Erunt duo in carne una*.<sup>q</sup> Assim que aparecer o Esposo sem a Esposa, não foi apartamento, foi identidade: a Esposa que se esperava, também veio, mas não veio como se esperava, porque se esperava dividida, e veio identificada.

---

<sup>o</sup> “Nosso Senhor é [o] Esposo e [a] Esposa” (tradução nossa).

<sup>p</sup> Nota marginal: <D. Hil. in Matt. can. 27.>. Citação de *Commentarius in Matthæum*, caput XXVII, de S. Hilário (cf. HILARII, *Opera ad manuscriptos codices gallicanos, romanos, belgicos* [...], 1693, col. 735).

<sup>q</sup> Nota marginal: <Gen. 1. 24.>. **VL**, Liber Genesis, c. 2, v. 24: *Quamobrem relinquet homo patrem suum, et matrem, et adhærebit uxori suæ: et erunt duo in carne vna. BSP: Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá à sua mulher; e serão dois numa só carne.*

Vive Madalena tão identificada com Cristo, que parece se não distinguem Cristo, e Madalena; de tal maneira repugnam a todo o apartamento, que parece que não admitem distinção; por isso quando esperavam as Virgens que aparecessem ambos como dous, *Exierunt obviam sponso, et sponsæ*, vieram ambos como um, *Venit sponsus*.

E para que mais fundadamente se veja esta identidade, vejamos a condição do Esposo. O Esposo inseparável das Virgens é o Cordeiro sacramentado: *Sequuntur agnum quocumque ierit: virgines enim sunt*.<sup>r</sup> Vivem as almas puras, e castas tão identificadas com aquele divino Cordeiro, que se não pode achar aquele Cordeiro divino senão sempre acompanhado de almas puras: mas isso por quê? Porque as almas puras de tal maneira recebem por Esposo aquele divino Cordeiro, que fica o Senhor transformado na Esposa, e a Esposa convertida no Senhor: *In me manet, et ego in eo*.<sup>s</sup> A via unitiva<sup>t</sup> é o caminho por onde buscam a Deus todas as almas perfeitas; porque esse é o maior cuidado das almas perfeitas, procurar unir-se com Deus, isto é, por amor, e por afeto; porém no sacrossanto mistério da Eucaristia não só se unem as almas com Deus por amor, senão também por realidade; porque ali nos unimos com Deus de tal sorte, que *non solum per dilectionem*, como disse Crisóstomo,<sup>u</sup> *sed etiam re ipsa in illam carnem convertamur*.<sup>v</sup> Esta é a propriedade do Sacramento do altar, unir-se, e transformar-se em quem o recebe; porém esta propriedade do Sacramento em Madalena se viu com maior propriedade: porque com as outras almas de tal maneira se une o Sacramento, que conserva a distinção das pessoas: assim se exprime nas palavras, *In me manet, et ego in eo*; mas de tal maneira se une com

<sup>r</sup> Nota marginal: <Apoc. 14. 4.>. **VL**, Apocalypsis Ioannis, c. 14, v. 4: *Hi sunt, qui cum mulieribus non sunt coinquinati: Virgines enim sunt. Hi sequuntur Agnum quocumque ierit. Hi empti sunt ex hominibus primitiæ Deo, et Agno: BSP: Estes são os que não se contaminaram com mulheres, porque são virgens. Estes seguem o Cordeiro para onde quer que ele vá. Estes foram resgatados dentre os homens como primícias para Deus e para o Cordeiro [...]*.

<sup>s</sup> Nota marginal: <Ioan. 6. 56.>. **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 6, v. 57: *qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem, in me manet, et ego in illo. BSP: Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, permanece em mim e eu nele.*

<sup>t</sup> São Boaventura (séc. XIII), em *De Triplice Via*, foi o que condensou a evolução da ascese na vida cristã em três vias: a Via Purgativa, a Via Iluminativa e a Via Unitiva – esta última, sendo o grau mais perfeito da união com Deus.

<sup>u</sup> Nota marginal: <Chrys. tom. 5. Hom. 61>. Citação de *Homilia XLV in Johannem*, de S. João Crisóstomo (cf. CHRYSOSTOMIS, *Opera Omnia*, in: MIGNE, P.G. t. LIX, 1862, col. 260).

<sup>v</sup> “não só [nos unamos a Ele] por amor, mas verdadeiramente em seu corpo nos transformemos” (tradução nossa).

Madalena, que se não percebe distinção. Há quem o diga? A mesma Madalena: *Vivo ego jam non ego, vivit vero in me Christus*:<sup>w</sup> são palavras de São Paulo, mas que a Santa repetia muitas vezes, e queria dizer: Eu não sou eu, *Vivo ego jam non ego*: pois quem sois Esposa regaladíssima de Cristo? *Vivit vero in me Christus*: De tal maneira me tenho unido com Cristo, que eu sou Cristo,  
 125 não sou eu: entre nós é tão íntima a união, que passou a ser unidade, já não somos Cristo, e Madalena, ambos somos o mesmo Cristo: *Vivit vero in me Christus*: já não somos Esposo, e Esposa, ambos somos o mesmo Esposo: *Venit sponsus*.

Mas porque não pareça impossível esta prodigiosa transformação: não viram dous pedaços de metais diferentes, a quem a atividade do fogo converteu em um só composto? Pois por que  
 130 mais havia de poder a natureza, que a graça? por que não poderia tanto o fogo do amor, como o elemento do fogo? Ardiam em fogo de amor Cristo, e Madalena; ele em sagrados excessos, ela em piedosos holocaustos, servindo de matéria a tanto fogo para Madalena as perfeições que amava, e para Cristo os merecimentos que via; e de tal sorte se ateou entre ambos o amoroso incêndio, que derretendo-se amorosamente aqueles dous inflamados corações, sendo dous sujeitos  
 135 por natureza, ficaram a mesma cousa por amor, convertendo-se Madalena toda em Cristo, e transformando-se Cristo todo em Madalena: *In me manet, et ego in ea*.

Amou a Cristo outra Madalena, aquela que buscou arrependida os pés de Cristo, e foi tão ardente a chama de seu amor, que pelos olhos lhe derreteu o coração, sem que pudessem tantos mares apagar tantos incêndios;<sup>x</sup> de tal sorte, que o mesmo

---

<sup>w</sup> Nota marginal: <Galat. 2. 20.>. **VL**, Epistula ad Galatas, c. 2, v. 20: *Vivo autem, iam non ego: vivit vero in me Christus. Quod autem nunc vivo in carne: in fide vivo filij Dei, qui dilexit me, et tradidit semetipsum pro me. BSP: e vivo, mas já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim. E a vida (sobrenatural) com que eu vivo agora na carne, vivo-a da fé do Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim.*

<sup>x</sup> No Evangelho de Lucas (c. 7, v. 36-50), a mulher que banhou os pés de Jesus com lágrimas e óleo perfumado e os enxugou com os próprios cabelos, é denominada apenas como a pecadora, e o Evangelho de João (c. 11, v. 2) a identifica com Maria de Betânia, irmã de Lázaro. Nos evangelhos, Maria Madalena é mencionada como a que foi exorcizada e que testemunhou a morte e ressurreição de Cristo. A tradição, no entanto, tem fundido essas duas personagens.

140 Cristo encareceu a força de seu amor: *Quoniam dilexit multum*:<sup>y</sup> porém que tem que ver o amor da Madalena antiga com o amor da nossa Madalena? Incêndio foi o amor de ambas, e como tal lhes destruiu o ser que tinham, e as deixou convertidas em outro ser; porém foi tão mais veemente o amor de Cristo na nossa Madalena, que havendo duas Madalenas amantes ambas, e ambas convertidas, claramente se deixa ver, que ãa foi convertida por penitente, e outra foi convertida

145 por amante; porque se a outra Madalena se converteu a Cristo, no mesmo Cristo se converteu a nossa Madalena: a outra Madalena converteu-se de pecadora em Santa, mas não deixou de ser Madalena; porém Madalena de Pazzi deixou de ser Madalena, porque de Santa se converteu em Cristo: cada qual seguiu o Sacramento em que se converteu: a primeira Madalena converteu-se a Cristo por meio do Sacramento da Penitência; a segunda Madalena converteu-se em Cristo por

150 meio do Sacramento da Eucaristia: e como a conversão da penitência é do pecado para a graça, e a conversão da Eucaristia é da graça para Cristo; por isso a primeira Madalena se converteu de pecadora em Santa, e a segunda de Santa em Santíssima; por isso a primeira se converteu a Cristo, e a segunda se converteu em Cristo: *In me manet, et ego in ea*.

Oh Madalena! Oh último desempenho da perfeição, prodígio singular de santidade! O maior extremo da santidade consiste na maior união com Deus; porque como Deus é a mesma Santidade essencialmente, claro está que quanto ãa alma tiver de mais união com Deus, tanto mais terá de perfeição, e santidade: pois sendo Magdalena ãa alma que

155

---

<sup>y</sup> Nota marginal: <Luc. 7. 47.>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 7, v. 47: *Propter quod dico tibi: Remittentur ei peccata multa, quoniam dilexit multum. Cui autem minus dimittitur, minus diligit.* **BSP**: *Pelo que te digo: São-lhes perdoados muitos pecados, porque muito amou. Mas, ao que pouco se perdoa pouco se ama.*

viveu com Deus tão unida que quase pareceu identificada, que perfeição, que santidade será a de Madalena?

160 Mas amplifiquemos este ponto, e para que mais devidamente admiremos esta prodigiosa união, ponderemos o modo dela; vejamos os estreitos laços com que reciprocamente se uniram estes dous amantes, e entenderemos o quão estreitamente se uniram. Na transformação do Sacramento primeiro se trespassa uma alma para Cristo, *In me manet*, e depois se trespassa Cristo para esta alma, *et ego in eo*. Assim sucedeu entre Cristo, e Madalena: transportou-se em Cristo  
165 Madalena, tirando de si todos os sentidos, e empregando-os todos em Cristo; e depois se trespassou para Madalena o mesmo Cristo, tirando de si seu próprio coração, e entregando-o a Madalena, ficando ambos com novo estilo de amor, ela amante sem sentidos, ele amante sem coração: quem tal cuidara! quem se havia de persuadir que sem coração se podia amar, e que sem sentidos se podia querer? Ora ponderemos ãa, e outra fineza, e para seguirmos a ordem das  
170 transformações do Sacramento, vejamos primeiro ãa amante sem sentidos transformada em Cristo, *In me manet*; depois veremos um amante sem coração trespassado a Madalena, *et ego in ea*.

Primeiramente trespassou-se para Cristo Madalena com todos os sentidos, porque tirou os sentidos do mundo para os pôr em Cristo: esta foi a resolução de Madalena no dia em que abraçou o estado Religioso, sacrificando-se toda para Cristo, e crucificando-se toda para o mundo. Aí não há dúvida que o estado Religioso é sacrifício de Cruz; porque aonde a vida serve de morte, onde serve de estreiteza a clausura, e onde os três votos<sup>z</sup> servem de

---

<sup>z</sup> Ref. aos votos de pobreza, obediência e castidade (cf. CONCIENCIA, 1764, parte V, p. 84, 88, 304).

três cravos, quem pode duvidar, que tem muito de Cruz a Religião? Mas que cousa é estar em ãa Cruz? É estar levantado da terra, e vizinho ao Céu: pois isso é ser Religioso, ser crucificado, estar morto para o mundo, e estar vivo para Cristo; ter os cuidados unidos com Cristo, e ter os pensamentos apartados do mundo. Por isso S. Paulo quando se viu crucificado para o mundo: *Mundus mihi crucifixus est, et ego mundo*,<sup>aa</sup> na mesma Cruz se viu unido com Cristo: *Christo crucifixus sum Cruci*.<sup>bb</sup> Não de outra sorte vivia crucificada Madalena, e com maior fineza que Paulo; porque Paulo se bem para o mundo vivia crucificado, estava contudo crucificado no mesmo mundo: *et ego mundo*: estar crucificado no mesmo mundo, é estar pregado nele mesmo; e se Paulo estava pregado nele, segue-se que não estava totalmente desapegado do mundo: porém Madalena de tal maneira vivia crucificada para o mundo, que nem no mesmo mundo quis estar crucificada; porque de tal maneira quis estar pregada em Cristo com todos os sentidos, que parecia crucificada, e pregada no mesmo Cristo.

E senão pergunto: Já que Madalena tomava a Religião por Cruz; por que mais se crucificou nesta Religião? Por que, senão porque esta Religião é a Cruz mais levantada do mundo, e mais unida com Deus? Todas as Religiões vivem unidas com Deus, porém com esta diferença, que de entre todas as Religiões o Carmo é a Religião imediata a Deus, e as outras Religiões unem-se a Deus mediante o exemplo do Carmo. Assim o disse advertidamente Davi; fala ele de todas as Religiões sagradas, e diz que a Religião Rainha de todas as Religiões estava imediata a Deus: *Astitit Regina a dextris tuis*:<sup>cc</sup> e que mediante ela, se chegavam

---

<sup>aa</sup> Nota marginal: <Galat. 6. 14.>. **VL**, Epistula ad Galatas, c. 6, v. 14: *Mihi autem absit gloriari, nisi in cruce Domini nostri Iesu Christi: per quem mihi mundus crucifixus est, et ego mundo*. **BSP**: *Mas longe de mim o gloriarme senão da cruz do nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o mundo está crucificado para mim, e eu crucificado para o mundo*.

<sup>bb</sup> **VL**, *ibidem*, c. 2, v. 19: *ego enim per legem legi mortuus sum ut Deo vivam Christo confixus sum cruci*. **BSP**: *Porque, no meio da lei, estou morto para a lei, a fim de viver para Deus; estou pregado com Cristo na Cruz [...]*.

<sup>cc</sup> Nota marginal: <Ps. 44. 10.>. **VL**, Liber Psalmorum, c. 44, v. 10: *filiæ regum in honore tuo. Astitit regina a dextris tuis in vestitu deaurato: circumdata varietate*. **BSP**: *As filhas dos reis são tuas damas de honra. / A rainha está à tua destra, com manto de ouro de Ofir*.

---

<sup>194</sup> Davi] David A, *passim*.

a Deus as outras Religiões: *Adducentur Regi Virgines post eam*.<sup>dd</sup> mas qual é a Religião Rainha? Qual havia de ser senão aquela, de cujo alentado brasão é majestoso timbre ãa coroa?<sup>ee</sup> Qual havia de ser senão aquela, que para cingir essa coroa é de todas as Religiões cabeça? *Caput tuum, sicut Carmelus*.<sup>ff</sup> Pois se a Religião do Carmo é Rainha das Religiões, e se a Rainha das Religiões é imediata a Deus; bem se segue que a Religião imediata a Deus é a do Carmo: *Astitit Regina a dextris tuis*: e que as outras Religiões, mediante o exemplo do Carmo, se unem com Deus: *Adducentur Regi Virgines post eam*: as outras Religiões ainda estavam por chegar, *adducentur*; o Carmo já tinha chegado, *astitit*: o Carmo chegou por si mesmo, *astitit*; as outras Religiões chegaram trazidas do exemplo do Carmo, *adducentur*: o Carmo chegou imediatamente à mão direita de Deus, *à dextris tuis*; e as outras Religiões chegaram após do Carmo, *post eam*.

Oh Espírito gentil de Madalena! Oh alma verdadeiramente Religiosa! Só vós soubestes conhecer a distância que há entre o mundo, e Deus; por isso tão unida com Deus, e tão descuidada do mundo; por isso como singularmente ambiciosa de uniões com Deus, e religiosamente empenhada nos descuidos do mundo, vos crucificastes a vós mesma na Cruz do Monte Carmelo, na Cruz mais levantada da terra, no monte mais vizinho ao Céu, na vida mais retirada do mundo, e na Religião imediata a Deus.

Porém não parou aqui o primor de seu sacrifício: que Madalena tirasse os cuidados do mundo, para os empregar em Cristo, seja embora consequência de sua profissão, não é isso o que mais me admira; o que mais me admira é, que para toda se empregar em

<sup>dd</sup> **VL**, Liber Psalmorum, c. 44, v. 15: *circumamicta varietatibus. Adducentur regi virgines post eam: proximæ eius afferentur tibi. BSP: Vestida de vários adornos é levada ao rei; / virgens a seguem, suas companheiras formam o seu séquito.*

<sup>ee</sup> O brasão da Ordem do Carmo é encimado por uma coroa.

<sup>ff</sup> Nota marginal: <Cât 7. 5.>. **VL**, Canticum Cantorum, c. 7, v. 5: *Caput tuum vt Carmelus: et comæ capitis tui, sicut purpura regis vincta canalibus. BSP: Tua cabeça é como o monte Carmelo; / e os cabelos da tua cabeça são como a púrpura, / uma trança amarrada com fitas.*

Cristo, tirasse os sentidos de si mesma transportando-se em Cristo: que era ver aquele corpo penitente sempre extático, sempre arrebatado? Que era ver aquela alma Angelicamente entendida, continuamente alienada, discorrendo pela claustra, mas sem discurso? pregando de seu amor, mas sem conceito? Que era ver a Madalena divinamente frenética entre sagrados delírios, publicando  
 220 seu amor a desentoadas vozes, repicando sinos a rebates de amor? Que é isto Madalena? estais em vós? Não está senão em Cristo; transportou-se toda, e trespassou todos os sentidos para Cristo; por isto obra como quem nem está em si, nem está em seus sentidos.

Aqui reparo na diferença que houve entre Madalena a penitente, e Madalena a Religiosa, ambas grandemente Santas: mas a Madalena penitente foi Santa cobrando o juízo, *ut cognovit*;<sup>gg</sup> e  
 225 Madalena a Religiosa foi Santa perdendo o juízo; isso quer dizer Madalena de Pazzi.<sup>hh</sup> E a razão desta diferença é: que a penitente convertia-se para Cristo, e a Religiosa convertia-se em Cristo: Madalena a penitente, como tinha os sentidos empregados no mundo, para se converter, e tornar em si, necessariamente houve de cobrar os sentidos; mas Madalena a Religiosa, como vivia tão esquecida do mundo, e tanto em si, houve de alienar-se de si, para toda converter-se em Cristo;  
 230 por isso a penitente se converteu cobrando o juízo, e a Religiosa se converteu perdendo o discurso;<sup>ii</sup> porque a penitente se convertia tornando do mundo para si, e Religiosa se convertia trespassando-se de si para Cristo: mas se o converter-se para Cristo a penitente cobrando o juízo, foi crédito de seu amor, *Dilexit multum*;<sup>jj</sup> quão mais encarecido fica o amor da Religiosa perdendo o enten-

<sup>gg</sup> “Conforme soube” (tradução nossa).

<sup>hh</sup> Embora *Pazzi* seja nome de família, sua semelhança com *pazzia*, “loucura”, ou o homônimo *pazzi*, “loucos”, explica a afirmação do autor.

<sup>ii</sup> Nesse contexto, discurso corresponde a “raciocínio, uso da razão” (cf. BLUTEAU, 1789, v. 1, p. 442).

<sup>jj</sup> **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 7, v. 47: *Propter quod dico tibi: Remittentur ei peccata multa, quoniam dilexit multum. Cui autem minus dimittitur, minus diligit. BSP: Pelo que te digo: São-lhes perdoados muitos pecados, porque muito amou. Mas, ao que pouco se perdoa pouco se ama.*

dimento, e alienando-se de si, para toda se converter em Cristo?

235 Verdadeiramente que só Madalena de Pazzi soube amar a Deus como Deus quer ser  
amado: Deus quer ser amado com todo o entendimento: *Diliges Dominum Deum tuum ex tota*  
*mente tua;*<sup>kk</sup> mas isto como pode ser? Com o entendimento pode-se amar? Com a vontade sei eu  
que se ama; mas com o entendimento? Esse é o mais esquisito<sup>ll</sup> amor: e como se há de amar com  
o entendimento? Da mesma maneira que se ama com a vontade, empregando-se todo o  
240 entendimento em quem se ama: pois assim quer Deus ser amado, quer que se empregue nele todo  
o entendimento, *ex tota mente tua*. Mas só Madalena soube empregar todo o entendimento em  
Deus: empregar o entendimento em Deus, mas de tal sorte que fique o entendimento em mim,  
não é empregar em Deus o entendimento todo, é empregar em Deus parte do entendimento. Só  
Madalena, que por amante de Deus perdia o juízo, e ficava sem entendimento, só ela soube  
245 empregar todo o entendimento em Deus.

A Alma Santa também fraqueou do juízo por amor do seu divino Esposo: *Amore*  
*languet*; porém se o amor lhe enfraquecia o juízo, não lho tirava de todo; porque ela que se  
conhecia enferma, ainda se conhecia a si, e quem tinha sentidos para se doer de sua própria  
enfermidade, não tinha no Esposo todos os sentidos: esta foi aquela Esposa tão celebrada por  
250 amante de Cristo; mas quem duvida que Madalena foi muito mais amante que aquela  
Esposa? Ela de tal maneira empregava os sentidos em Deus, que como cousa distinta, ainda  
tinha os sentidos em si; porém Madalena foi amante sem sentidos, de tal maneira empregava  
todo o entendimento em Cristo, que ficava sem uso ne-

---

<sup>kk</sup> Nota marginal: <Deut.6. 5.>. **VL**, Liber Deuteronomii, c. 6, v. 5: *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, et ex tota anima tua, et ex tota fortitudine tua*. **BSP**: *Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e com toda a tua força*.

<sup>ll</sup> O étimo desse termo (lat. *exquisitus*) remete à ideia de ‘procurado diligentemente, escolhido, extremado, distinto’ (cf. HOUAISS, 2001), o que condiz com o argumento desenvolvido em seguida, pelo autor. Entre as acepções elencadas por Bluteau (1789, t. 1, p. 586) para esse vocábulo, não há nenhuma depreciativa.

255 nhum do entendimento, arrebatada de si, trespassada para Cristo; descuidada de si mesma, e insensível para si, ficando fora de si por êxtase, toda em Cristo por amor, sendo amante sem sentidos, convertida em seu mesmo amante.

260 Só se pudera opor contra esta fineza de Madalena uma dúvida fundada em o nosso Evangelho; porque no nosso Evangelho não foram admitidas do Esposo as Virgens néscias, e faltas de juízo: logo como se há de louvar em Madalena ficar sem entendimento? Respondo, que nunca Madalena teve o entendimento mais apurado, que quando o<sup>mmm</sup> teve mais perdido: e a razão é; porque quando o tinha mais perdido, então o tinha mais bem empregado;<sup>nn</sup> a nobreza do entendimento não se há de colher pelo melhor discurso, senão pelo melhor emprego: quem se descuida de Deus, para empregar todo o entendimento em si, não tem entendimento; só tem entendimento, quem se descuida de si, para empregar todo o entendimento em Deus. As Virgens néscias não foram faltas de entendimento, porque o deixaram de ter, senão porque o não souberam empregar; haviam de empregar os cuidados no óleo com que Deus havia de ser recebido, e descuidaram-se de Deus; pois por isso foram néscias: e quais foram as prudentes? As que se não descuidaram de Deus.

270 Foi S. Paulo arrebatado ao terceiro Céu, e diz, que não sabia se estava em si, ou fora de si: *Sive in corpore, sive extra corpus, nescio*:<sup>oo</sup> porém acrescenta logo que penetrou os mais altos segredos, e os mistérios mais profundos da Divindade: *Et vidi arcana Dei, quæ non licet homini loqui*:<sup>pp</sup> como assim, Apóstolo Santo? se não sabeis de vós, se não sabeis o que qualquer homem sabe, como soubestes o que não alcança nenhum outro homem? Se ainda se não sabem os segredos de um

---

<sup>mmm</sup> Nesta edição, o trecho em seguida foi reordenado conforme orientação da errata da edição príncipe.

<sup>nn</sup> Final do trecho reordenado.

<sup>oo</sup> Nota marginal: <2 Cor. 12. 1.>. **VL**, Epistula II ad Corinthios, c. 12, v. 2: *Scio hominem in Christo ante annos quattuordecim, (siue in corpore nescio, siue extra corpus nescio, Deus scit) raptum huiusmodi vsque ad tertium cælum. BSP: Conheço um homem em Cristo, o qual há catorze anos foi arrebatado (não sei se foi no corpo, se fora do corpo, Deus o sabe) até ao terceiro céu.*

<sup>pp</sup> **VL**, *ibidem*, c. 12, v. 4: *quoniam raptus est in Paradisum: et audiuit arcana verba, quæ non licet homini loqui. BSP: foi arrebatado ao paraíso, e ouviu palavras inefáveis que não é lícito a um homem proferi-las.*

homem, como sabíeis vós os segredos de Deus? ou como sabíeis os segredos de Deus, se de vós  
 275 mesmo não sabíeis: *Sive in corpore, sive extra corpus, nescio?* Mas por isso mesmo, porque  
 Paulo não sabia parte de si, por isso soube tanto de Deus: foi o Santo arrebatado *in extasi*, e de tal  
 maneira empregou todos os sentidos em Deus, que ficou fora dos seus sentidos; mas quando  
 alienado de si mesmo, e transportado todo em Deus, então tinha o entendimento mais subido,  
 porque o tinha então mais bem empregado; e por isso então sabia tanto, *et vidi arcana Dei*,  
 280 porque então nem de si sabia: *Sive in corpore, sive extra corpus, nescio*.

Oh que de vezes, e que gloriosamente competido se viu em Madalena este arrebatamento  
 de Paulo! Que de vezes se viu Madalena tanto mais entendida, quanto mais alienada! e o que  
 mais é, quanto mais alienada de si, tanto mais unida com Cristo! Mas que muito que se unisse  
 com Cristo aquela a quem o amor arrebatava de si? Cesse pois a admiração de se não ver hoje a  
 285 Esposa: a Esposa não está em si, está em Cristo; por isso vindo na realidade o Esposo, e a Esposa,  
*Exierunt obviam sponso, et sponsæ*, aparece somente o Esposo: *Venit sponsus*.

Depois de vermos Madalena alienada de si mesma, e transportada em Cristo: *in me manet*;  
 segue-se que vejamos a Cristo em igual correspondência trespassado a Madalena, *et ego in ea*.  
 Andando alienada de si a Esposa dos Cantares, pediu a seu divino Esposo que lhe mostrasse o  
 290 lugar onde poderia dar com ele sacramentado: *Indica mihi ubi pascas, ubi cubes in meridie*.<sup>99</sup>  
 Condescendendo o divino Esposo com sua petição, lhe disse assim: *Si ignoras te o pulcherrima  
 mulierum, abi post vestigia gregum tuorum*.<sup>100</sup> Já que não sabeis parte de vós, quando

<sup>99</sup> **VL**, Canticum Canticorum, c. 1, v. 6: *Indica mihi quem diligit anima mea. vbi pascas, vbi cubes in meridie, ne vagari incipiam post greges sodalium tuorum*. **BSP**: *Dize-me, ó amado da minha alma, / onde é que apascentas o teu gado, / onde repousas ao meio-dia, / para que eu não ande vagueando / atrás dos rebanhos dos teus companheiros*.

<sup>100</sup> Nota marginal: <Cât. 1. 7.>. **VL**, Canticum Canticorum, c. 1, v. 7: *Si ignoras te o pulcherrima inter mulieres, egredere, et abi post vestigia gregum, et pasce hædos tuos iuxta tabernacula pastorum*. **BSP**: *Se tu não te conheces. / ó formosíssima entre as mulheres, / sai, e vai seguindo as pisadas dos rebanhos, / e apascenta os teus cabritos junto das cabanas dos pastores*.

quiserdes dar comigo, segui as pisadas do vosso rebanho. Senhor, que pelas pisadas do meu rebanho não hei de ir dar convosco, senão comigo: é verdade, mas por isso haveis de dar comigo, porque haveis de dar convosco: vós por amor de mim não sabeis parte de vós, *si ignoras te*; pois o não estardes em vós, senão em mim, com que se paga, senão com que não esteja eu em mim, senão em vós? pelo que já que não sabeis parte de vós por estar comigo, *si ignoras te*; em paga desta fineza quero eu que não acerteis comigo, senão em vós: *Abi post vestigia gregum tuorum*.

Esta correspondência do Esposo divino se viu pontualmente em Cristo a respeito da Madalena sua mais querida Esposa; porque já que Madalena se alienava de si por estar em Cristo, *in me manet*, justo era que deixasse Cristo de estar em si, por estar em Madalena, *et ego in ea*: assim se haviam estes dous divinos amantes, como se foram dous espelhos correspondentes; um no outro se representavam reciprocamente, como se foram espelhos um do outro; porque se Madalena toda se revia em Cristo, todo Cristo se via em Madalena: quem visse as dores das chagas, o rigor dos espinhos, o tormento da coluna, a agonia da Cruz, e finalmente toda a paixão de Cristo em Madalena, que havia de imaginar, senão que Madalena se não distinguia de Cristo? Quem visse a Madalena trespassada das dores de Cristo, que havia de dizer, senão que Cristo se havia trespassado para Madalena? Notável transformação! em Cristo todos os sentidos da Madalena, em Madalena todos os sentimentos de Cristo! trocaram-se os sentidos pelos sentimentos, e como Madalena era amante sem sentidos próprios, houve de ser amante com os sentimentos de Cristo.

Porém para que a transformação fosse mais prodigiosa, e para que Madalena tivesse proporcionado coração a sentimentos tão grandes, de si mesmo tirou Cristo o coração, e o deu a Madalena, ou por prenda de seu amor, ou por sinal de sua identidade, ficando ambos desta sorte, Madalena amante sem sentidos, e Cristo amante sem coração. Oh que bem se correspondiam estes dous divinos amantes! Oh que igual, e soberana troca, o mais divino coração pelo mais elevado entendimento! Quis Cristo pagar ao entendimento de Madalena, e àquele entendimento com que havia de pagar-se, senão com aquele coração? A S. João porque perdeu os sentidos naquela última Cea, também se lhe entregou o coração de Cristo; é verdade; mas S. João ficou de fora: *Supra pectus Domini*:<sup>ss</sup> S. Tomé alguma cousa entrou mais de dentro: *Mitte manum tuam*;<sup>tt</sup> mas o coração ficou em Cristo: só para se entregar a Madalena se arrancou aquele coração daquele peito, sem dúvida que só para Madalena se reservava todo aquele coração.

De ãa Alma sei eu cujos olhos feriram o coração de Cristo: *Vulnerasti cor meum in uno oculorum tuorum*:<sup>uu</sup> e segundo a Versão dos Setenta,<sup>vv</sup> não somente o feriram, senão que o arrancaram: *Excordasti me*:<sup>ww</sup> Vatablo<sup>xx</sup> lê: *Eripuisti cor meum*:<sup>yy</sup> Roubaste-me o coração; de maneira que o coração de Cristo nas mãos de outra Esposa que não seja Madalena, é um roubo, e é ãa violência: *Excordasti me: Eripuisti cor meum*: é um roubo que se faz a Madalena; porque de Madalena é em direito o coração de Cristo: é ãa violência que se faz a Cristo; porque Cristo não entrega voluntariamente seu coração senão a Madalena. A lançada que se deu no peito a Cristo, não foi necessária para a redenção

<sup>ss</sup> Nota marginal: <Ioan. 21 20 & 20. 25>. **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 21, v. 20 et c. 20, v. 25: *Conversus Petrus vidit illum discipulum, quem diligebat Iesus, sequentem, qui et recubuit in cæna super pectus eius, et dixit: Domine quis est qui tradit te? [...] Dixerunt ergo ei alij discipuli: vidimus Dominum. Ille autem dixit eis: Nisi videro in manibus eius fixuram clauorum, et mittam digitum meum in locum clauorum, et mittam manum meam in latus eius, non credam. BSP: Pedro, tendo-se voltado, viu que o seguia aquele discípulo que Jesus amava, o qual na ceia estivera reclinado sobre o seu peito, e lhe perguntara: Senhor, quem é o que te há de entregar? [...] Disseram-lhe, pois, os outros discípulos: Nós vimos o Senhor. Mas ele disse-lhes: Se não vir nas suas mãos a abertura dos cravos e não puser o meu dedo no lugar dos cravos, e não puser a minha mão no seu lado, não creio.*

<sup>tt</sup> **VL**, *ibidem*, c. 20, v. 27: *Deinde dicit Thomæ: Infer digitum tuum huc, et vide manus meas, et affer manum tuam, et mitte in latus meum: et noli esse incredulus, sed fidelis. BSP: Em seguida disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo, vê as minhas mãos, aproxima também a tua mão, põe-na no meu lado; e não sejas incrédulo, mas fiel.*

<sup>uu</sup> Nota marginal: <Cât. 4. 9.>. **VL**, Canticum Canticorum, c. 4, v. 9: *Vulnerasti cor meum soror mea sponsa, vulnerasti cor meum in vno oculorum tuorum, et in vno crine colli tui. BSP: Tu feriste o meu coração, irmã minha esposa, / tu feriste o meu coração com um só dos teus olhares, / e com um cabelo do teu pescoço.*

<sup>vv</sup> Ref. à Septuaginta, a mais antiga tradução em grego do texto hebreu do Antigo Testamento, feita para uso da comunidade de judeus do Egito no final do séc. III a.C. e no II a.C., feita por 72 tradutores, donde o nome, por simplificação (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>ww</sup> “Arrancaste o meu coração” (tradução nossa).

<sup>xx</sup> Ref. a Franciscus Vatablus, sec. XVI, doutor em hebraico, tradutor e comentador bíblico (cf. BERTI, *Compendio de la Historia Ecclesiastica*, t. III, 1787, p. 271). A Biblia Sacra associada a seu nome foi uma publicação póstuma de seus alunos, com base em suas notas.

<sup>yy</sup> “Arrebataste o meu coração” (tradução nossa). No exemplar consultado, não há a variante <Eripuiste> citada neste sermão, mas *Vulnerasti (Vetus Tralatio)* e *Vendicasti tibi (Noua)*. Cf. BIBLIA SACRA [Bibliorum sacrorum tomus secundus cum duplici translatione. Vatabli Scholia], 1585).

<sup>329</sup> redenção] redempção A.

330 do gênero humano; pois logo para que foi necessária? Cuido que só para porta do coração de  
 Cristo: por isso, como reparou Santo Agostinho, não disse o Evangelista que o peito se rasgara,  
 senão que se abrira: *Unus militum lancea latus ejus aperuit*.<sup>zz</sup> pois o coração de Cristo para que  
 necessitava de porta para sair do peito de Cristo? Tão desejoso estava Cristo de entregar o  
 335 coração a Madalena, e tão voluntariamente lho entregou, que já desde a Cruz quis deixar aberta  
 aquela porta por onde saísse aquele coração. Oh rara fineza de Cristo, mérito singular de  
 Madalena! que um coração se inquiete por quem ama, possível é; e que esteja em quem ama por  
 afeto, também é possível; mas por realidade? que deixe realmente de estar onde anima, por estar  
 realmente onde ama? só o coração de Cristo o pôde fazer, só o peito de Madalena o mereceu  
 alcançar.

340 Mas já que se havia de fazer este recíproco trespasso, por que se não passou Cristo para  
 Madalena com os sentidos? por que mais com o coração? não ficara mais igual a troca, se por uns  
 sentidos se dessem outros, do que dando-se um coração por uns sentidos? Sim ficara; pois por  
 que se não fez a troca com esta igualdade? Porque se fora a troca tão igual, não fora o amor tão  
 perfeito, e ficou muito mais perfeito o amor trocando-se uns sentidos por um coração; porque  
 345 dessa sorte ficou amando Madalena com dobrados corações, e desvelando-se Cristo com  
 multiplicados sentidos: para o cuidado com que Cristo se desvelava por Madalena uns só sentidos  
 não se davam por satisfeitos, por isso foi necessário que se lhe multiplicassem os sentidos; para o  
 amor que Madalena tinha a Cristo, um só coração não era bastante, por isto foi necessário que

---

<sup>zz</sup> **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 19, v. 34: *sed vnus militum lancea latus eius aperuit, et continuo exiuit sanguis, et aqua. BSP: mas um dos soldados trespassou-lhe o lado com uma lança e imediatamente saiu sangue e água.*

se lhe dobrassem os corações: e que mais perfeito amor! O amor perfeito consiste em entregar  
 350 todo o coração, e todo o entendimento: *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, et ex tota  
 mente tua:*<sup>aaa</sup> se Cristo, e Madalena trocassem os entendimentos, nenhum deles ficara sem  
 entendimento; se trocassem os corações, nenhum ficara sem coração; pois para que de entre  
 ambos se componha aquele perfeitíssimo amor, que remédio? Empregue um o entendimento de  
 tal sorte, que fique sem nenhum entendimento; empregue outro o coração de tal modo, que fique  
 355 sem nenhum coração, e desta sorte do amor de ambos se forma aquele perfeitíssimo amor: *Ex toto  
 corde tuo, et ex tota mente tua:* se ambos foram dous sujeitos divididos, cada qual tivera aquele  
 amor inteiro; mas como de ambos se compõe um só sujeito, do amor de ambos se forma um só  
 perfeitíssimo amor; de maneira que Cristo, e Madalena tanto assim foram ambos um só por amor,  
 que até o amor de ambos foi um só, do amor de ambos como de partes se compôs inteiramente  
 360 aquele mais perfeito amor; porque estes dous amantes divinos não eram dous sujeitos diferentes,  
 eram partes de um só sujeito; não eram dous amantes diversos, eram ambos o mesmo amante; e  
 sendo isto assim verdade, que muito que quando se esperava que parecessem ambos como dous,  
*Exierunt obviam sponso, et sponsæ,* que viessem ambos como um: *Venit sponsus?*

Entrado pois aquele coração naquele peito, que incêndios conceberia o peito? que  
 365 júbilos passaria o coração? mas também que sustos não passaria? Era a Alma de Madalena  
 todo o tesouro de Cristo; pois receoso Cristo que outra afeição lhe roubasse aquele tesouro,  
 quem lhe poria por guarda, senão seu próprio coração?

---

<sup>aaa</sup> Cf. nota “kk”.

370 *Ubi est thesaurus tuus, ibi est et cor tuum.*<sup>bbb</sup> como o coração de Cristo achou aquela alma sem  
 sentidos, sem dúvida que assistiria ali como sentinela daquela alma: se estivera Madalena em seu  
 acordo, não nego que com toda a confiança podera estar seguro o coração de Cristo; mas quem  
 duvida que estaria desvelado o coração de Cristo, estando sem sentidos Madalena? Quando a  
 Alma Santa dormia, *Ego dormio*, havia um coração que vigiava, *Cor meum vigilat*;<sup>ccc</sup> porém de  
 quem era este coração? Disse Rabi Salamão, a quem seguem muitos Expositores, que o coração  
 375 era do Esposo,<sup>ddd</sup> que da Esposa não podia ser; porque se a Esposa estava dormindo, claro está que  
 desacordado tinha o coração: logo o coração que velava era do divino Esposo; porque a tão  
 divertida fermosura quem serviria de Argos<sup>eee</sup> vigilante senão tão empenhado coração? Bem: mas  
 como podia ser o coração do Esposo, se as palavras eram da Esposa: *Cor meum vigilat*? Dizem  
 que foi lisonja da Esposa chamar seu o coração do Esposo; porém em Madalena não foi lisonja,  
 foi realidade: Madalena teve de seu dous corações, um próprio, outro o de Cristo, e ambos  
 380 propriamente seus: quando se transportava Madalena, também ficava extático seu próprio  
 coração; mas nos descuidos daquele coração divertido<sup>fff</sup> servia de sentinela outro coração  
 acordado: este coração que vigiava a alma de Madalena, era verdadeiramente o coração de Cristo;  
 mas porque Cristo o tinha dado a Madalena, ou porque Madalena se não distinguia de Cristo, por  
 isso sendo o coração de Cristo, lhe chamou Madalena seu coração, *Cor meum vigilat*; e por isso  
 385 vigiava o coração, porque estava sem sentidos Madalena: *Ego dormio*.

Contudo o mais certo é, que o coração de Cristo em Madalena não

<sup>bbb</sup> Nota marginal: <Matt. 6. 21.>. **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 6, v. 21: *Vbi enim est thesaurus tuus, ibi est et cor tuum*. **BSP**: *Porque onde está o teu tesouro, aí está também o teu coração*.

<sup>ccc</sup> Nota marginal: <Cât. 5. 2>. **VL**, Canticum Canticorum, c. 5, v. 2: *Ego dormio, et cor meum vigilat: vox dilecti mei pulsantis: Aperi mihi soror mea, amica mea, columba mea, immaculata mea: quia caput meum plenum est rore, et cincinni mei guttis noctium*. **BSP**: *Eu durmo, mas o meu coração vela; / eis a voz do meu amado, que bate: / Abre-me irmã minha, amiga minha, / pomba minha, imaculada minha, / minha cabeça está rorejada / e os meus anéis do cabelo impregnados de gotas da noite*.

<sup>ddd</sup> Nota marginal: <Lyra in idem c.>. Ref. a Nicolás de Lira, teólogo e exegeta franciscano, sé. XIII-XIV (cf. LYRA, *Postilla litteralis in Biblia, pars IV* (ms)).

<sup>eee</sup> Na *Odisséia*, de Homero, nome do cão de Ulisses.

<sup>fff</sup> Cf. Houaiss (2002), “distraído, desatento, alheado”.

velava tanto por zeloso, quanto por desvelado, porque ainda não estando Madalena em si, era tão impossível outra afeição em Madalena, que podia o coração não estar zeloso; mas creio que se passou a Madalena o coração de Cristo, porque não vivesse zelosa Madalena; como Madalena amava sem sentidos, não quis Cristo que amasse com zelos, e para isso, para a fazer Senhora de seus afetos, a fez depositária de seu coração. Deus tem em sua mão os corações dos Príncipes: *Cor Regis in manu Domini*;<sup>gsg</sup> e isto por quê? Porque o Príncipe se não possa inclinar senão ao que Deus quiser: *Quocumque voluerit, inclinabit illud*.<sup>hhh</sup> pois para isso mesmo entregou Cristo o coração a Madalena: fez Cristo a Madalena Senhora de seu coração, para que aquele coração não amasse senão a quem Madalena quisesse: na mão de Madalena está o querer, e o não querer de Cristo; porque como o coração de Cristo está em poder de Madalena, sem licença de Madalena a ninguém pode Cristo, não digo eu ter amor, mas nem ainda inclinação: *Quocumque voluerit, inclinabit illud*.

Oh raro poder! estranho domínio de creatura! que empregasse Deus seu amor nas criaturas, excesso foi: mas que entregasse a ãa creatura o mesmo centro de seu amor! foi mais que excesso: que entregasse a ãa Madalena os pés, amor seria; mas que entregasse à nossa Madalena seu próprio coração! foi mais que amor. O maior amor que Deus quer de ãa creatura é, que lhe entregue o coração: *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo*: e que este amor, que esta entrega do próprio coração, que deve ãa creatura a Deus, que esta mesma fizesse Deus a uma creatura! oh raro prodígio de amor! Porém com que havia Deus pagar a Madalena o emprego de seu entendimento, senão com a real entrega de seu próprio

---

<sup>gsg</sup> **VL**, Liber Proverbiorum, c. 21, v. 1: *Sicut diuisiones aquarum, ita cor regis in manu Domini: quocumque voluerit, inclinabit illud*. **BSP**: *O coração do rei está na mão do Senhor como a água corrente; / ele o inclinará para onde quiser.*

<sup>hhh</sup> *Loc. cit.*

coração? Madalena era o mesmo que Cristo pela entrega de seus sentidos, e assim que não era muito que o coração de Cristo estivesse em Madalena, porque vinha a estar no mesmo Cristo. Na união de Jônatas com Davi, uniram-se duas almas em um só corpo, porque eram dous diversos amantes: na união de Cristo com Madalena, em uma só alma se uniram dous corações, porque  
 410 como eram dous amantes com ãa só alma, em rigor não eram dous amantes diversos, eram ambos um mesmo amante; por isso quando se esperava que aparecessem ambos como dous, *Exierunt obviam sponso, et sponsæ*, vieram ambos como um, *Venit sponsus*.

Estes são os amorosos laços com que se uniram entre si os mais distantes extremos, um  
 415 Deus, e ãa creatura, Cristo, e Madalena; e sendo tão estreitos os laços, quem poderá negar os desposórios? Os desposórios que se representavam mais impossíveis no mundo, foram os do Verbo com a Humanidade; e como se venceram estes impossíveis? Converteram-se reciprocamente naqueles amorosos idiomas as condições da Humanidade para o Verbo, os atributos do Verbo para a Humanidade; e como para esta prodigiosa comunicação se uniram em  
 420 um só suposto duas naturezas, e dous sujeitos em um só composto, venceu-se aquela infinita distância, e celebrou-se aquele incompreensível desposório: pois o que entre o Verbo, e a Humanidade foi união hipostática,<sup>iii</sup> entre Madalena, e Cristo foi união sacramental: *In me manet, et ego in ea*: transportou-se Madalena em Cristo, empregando nele os sentidos; trespassou-se Cristo a Madalena, entregando-lhe o coração; e sendo tão apertados estes amorosos laços, que  
 425 muito que sendo diversos, viessem convertidos no mesmo? e que esperan-

---

<sup>iii</sup> Controvérsia cristológica sobre a simultaneidade das naturezas divina e humana em Jesus (cf. DUPOIS, 2004, p. 128-152).

do-se como dous, aparecessem transformados em um? *Venit sponsus*: pois como nesta verdadeira união consistem os verdadeiros desposórios, *Erunt duo in carne una*;<sup>iii</sup> por isso tão pública, e solenemente aplaudem hoje a Madalena cinco Religiões sagradas, *Quinque autem ex eis erant prudentes*; não só pelo que teve de filha da Senhora, senão também pelo que é por Esposa do Senhor: *Exierunt obviam sponso, et sponsæ*.

430

Oh que gloriosamente renovado vemos hoje nesta celebridade o que lá viu S. João no seu Apocalipse! *Et vidi, et ecce Agnus stabat supra montem*.<sup>kkk</sup> ele lá viu o Cordeiro sacramentado sobre o monte Sião, nós cá sobre o monte Carmelo; e vindo de monte a monte os aplausos, às mesmas vozes que naquele monte se formavam, respondem cá os ecos neste monte: *Gaudeamus, et exultemus, et demus gloriam ei, quia venerunt nuptiæ Agni, et uxor ejus præparavit se*.<sup>lll</sup>

435

Eternas graças se rendam a Deus com públicas demonstrações de alegria, pois chegou o tempo de se celebrarem pública, e solenemente os desposórios do Sacramento com sua querida Esposa: mas qual é a Esposa do Sacramento? *Datum est illi* (continua o mesmo Texto) *ut cooperiat se byssino splendenti, et candido*.<sup>mmmm</sup> *Splendenti* (explica Lirano) *per interiorem sanctitatem; candido per*

440

*exteriorem honestatem*.<sup>nnnn</sup> a Esposa do Cordeiro sacramentado é aquele extremo de fermosura, aquele desempenho da graça, aquele Espírito generoso vestido com gentil desproporção, por fora de asperezas, por dentro de resplandores; é aquele Religioso Espírito, aquele extático prodígio, cuja alma ditosa se adornou com os resplandores da graça, e cujo corpo penitente se cobriu com ãa capa branca do Carmo: *Datum est illi ut cooperiat se byssino splendenti, et candido*; é finalmente

<sup>iii</sup> **VL**, Liber Genesis, c. 2, v. 24: *Quamobrem relinquet homo patrem suum, et matrem, et adhærebit vxori suæ: et erunt duo in carne vna*. **BSP**: Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá à sua mulher; e serão dois numa só carne.

<sup>kkk</sup> Nota marginal: <Apoc. 14. 1.>. **VL**, Apocalypsis Ioannis, c. 14, v. 1: *Et vidi: et ecce Agnus stabat supra montem Sion, et cum eo centum quadraginta quattuor millia, habentes nomen eius, et nomen Patris eius scriptum in frontibus suis*. **BSP**: Olhei; e eis que o Cordeiro estava de pé sobre o monte de Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil que tinham escrito sobre as suas frentes o nome dele e o nome de seu Pai.

<sup>lll</sup> **VL**, *ibidem*, c. 19, v. 7: *Gaudeamus, et exultemus, et demus gloriam ei: quia venerunt nuptiæ Agni, et vxor eius præparavit se*. **BSP**: Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe glória, porque chegaram as bodas do Cordeiro, e sua esposa está ataviada.

<sup>mmmm</sup> **VL**, *ibidem*, c. 19, v. 8: *Et datum est illi, vt cooperiat se byssino splendenti et candido. Byssinum enim, iustificationes sunt sanctorum*. **BSP**: Foi-lhe dado o vestir-se de finíssimo linho, resplandecente e branco. Este linho fino são as virtudes dos santos.

<sup>nnnn</sup> Nota marginal: <Lyr. in idem c.>. Vide nota “ddd”.

445 a digníssima Esposa de Cristo Santa Maria Madalena de Pazzi.

*Gaudeamus ergo, et demus gloriam ei, quia venerunt nuptiae Agni.* Deem-se, pois, infinitas graças ao Divino Esposo, e deem-se à Esposa eternas glórias: alegre-se o Céu, alegre-se a terra, alegre-se o mundo: especialmente tuas sejam as glórias, e a ti se deem os parabéns ó Ilustríssima Religião Carmelitana, porque a ti se devem como a Mãe de tão Santa Filha, como a Mãe de tão grande Santa; a ti se devem os parabéns, porque a ti se devem todas as perfeições de Madalena; à tua educação se devem, o áspero de suas penitências, o fervoroso de suas orações, sua profunda humildade, sua extrema temperança, sua religiosa modéstia, sua admirável pureza, e finalmente todas as perfeições de Madalena a ti se devem: vive pois eternamente para exemplar de Patriarcas, para trono de Profetas, para tesouro de Mártires, para Academia de Doutores, para oficina de Penitentes, para escola de Confessores, para claustro de Virgens, para perpétuo seminário de Santos, e de Santas.

Lá disse Tritêmio Abade,<sup>ooo</sup> que eram tantos os Santos do Carmo, quantas são as Estrelas do Céu: *Si quis stellas Cæli dinumeret, et Sanctos hujus Ordinis numerare poterit;*<sup>ppp</sup> porém com licença de tão grave Autor, em ti se contam mais Santos do que no Céu estrelas. Tritêmio floresceu na Ordem Beneditina há cento e setenta anos, já em sua idade contava ele em ti Santos, como no Céu estrelas; neste de mil, e seis centos, e setenta,<sup>qqq</sup> as Estrelas não cresceram no Céu, em ti cada hora crescem os Santos; no Céu as Estrelas nunca mais hão de crescer,<sup>rrr</sup> os Santos em ti até o fim do mundo se hão de aumentar; pois que tem que ver o Céu contigo? que tem que ver com a infinidade de teus Santos

---

<sup>ooo</sup> Nota marginal: <Tritem. Abb. de laudib. Carm. c. 7.>. Citação do *Tractatus de Ortu et progressu ac [...] ordinis gloriosissimæ, Dei Genitricis, semper Virginis Mariæ de Monte Carmelo*, do Abade Johannes Trithemius, historiador e teólogo beneditino, 1462-1516 (cf. TRITHEMIUS, 1643, p. 31).

<sup>ppp</sup> “Se alguém pudesse enumerar as estrelas do céu, também poderá contar os Santos desta Ordem” (tradução nossa).

<sup>qqq</sup> Ano da pregação deste sermão. Maria Madalena de Pazzi havia sido canonizada um ano antes.

<sup>rrr</sup> Estudiosos antigos pensavam que as estrelas estavam permanentemente fixadas a uma esfera celestial e eram imutáveis (cf. ALMEIDA, 1781 t. VI).

---

<sup>446</sup> Deem-se] Dem-se A, *passim*.

<sup>460</sup> Beneditina] Benedictina A.

<sup>463</sup> aumentar] augmentar A.

465 o número de suas Estrelas? Deixe pois a competência o Céu, dilate a esfera de suas luzes, estenda  
a capacidade que ocupam suas Estrelas, porque vejo que pela contínua canonização de teus  
Santos hão de vir a ser para os Santos do Carmo estreitos os espaços do Céu; e já que a teu  
generoso Espírito, e a tua gloriosa ocupação deve cada dia tantos canonizados a Igreja Militante, e  
470 a Triunfante tantos Bem-aventurados;<sup>sss</sup> a ti digo mil vezes se deem os parabéns, ao Divino  
Esposo se deem as graças, à castíssima Esposa se dê a glória: *Quam mihi, et vobis, etc.*<sup>ttt</sup>

---

<sup>sss</sup> Igreja Triunfante é a designação para os que já estão no céu. Igreja Militante designa os cristãos que ainda vivem e lutam para perseverar em sua fé (cf. BRAATEN; JENSON *et al*, 2007, volume 2, p. 209, 211, 249).

<sup>ttt</sup> Abreviação da fórmula de encerramento de sermões, *Quam mihi et vobis præstare dignetur Dominus Deus Omnipotens*. Tradução nossa: “A qual o Senhor Deus Onipotente se digne conceder a mim e a vós”.

Oração Fúnebre nas Exéquias do ilustríssimo, e reverendíssimo senhor D. Estêvão dos Santos Bispo do Brasil\*

---

*Cecidit corona capitis nostri: vae nobis, quia peccavimus.* Thren. 5.<sup>a</sup>

5 Não sei como dar princípio a esta fúnebre oração. É a causa de nossa dor tão veemente, é tão lastimosa a matéria desta ação, que para falar neste dia com alguma propriedade, o melhor meio fora não falar; e para dar princípio com algum acerto a esta oração, o melhor acerto fora não lhe dar princípio. Para explicar de algum modo a grande força do nosso sentimento, devera eu hoje pregado a esta coluna, como estátua imóvel, e de sentido como insensível, cruzados os braços, suspensos os discursos, muda a língua, embargada a voz, entre as evidências da dor, e dúvidas da causa, como atônito, e assombrado, encarecer nossa pena com o mesmo silêncio, e declamar neste dia com a mesma suspensão.

10 Só esse erigido túmulo, esse funesto aparato, esse triste mausoléu, que entre o luto, e o

---

\* Este título é apresentado na folha de rosto da edição príncipe. As exéquias foram celebradas a 14 de julho de 1672, mas esta oração fúnebre só ganhou o prelo em 1735. Sua segunda edição (doravante *B*), de 1923, apresenta vários erros e alterações que comprometem o sentido do texto. Para salientar a conveniência de uma nova edição, excepcionalmente essas variantes são apontadas nesta seção do aparato.

<sup>a</sup> Vulgata Latina (1605), doravante **VL**, Lamentationes, c. 5, v. 16: *Cecidit corona capitis nostri: vae nobis, quia peccavimus.* Bíblia Sagrada – Edições Paulinas (1986), doravante **BSP**: *Caiu a coroa da nossa cabeça; / ai de nós, porque pecamos!*

---

<sup>10</sup> luto] lucto *A*, *passim*.

silêncio, abrasando-se em incêndios, e derretendo-se em lágrimas, significa mudamente a grandeza desta dor: só esse tûmulo poderá perorar dignamente na lástima dessa  o; porque o assunto deste dia não   matéria para o discurso, senão são para o silêncio, e passando do silêncio, são se poderá fiar do pranto; porque esse lastimoso assunto se explica melhor com as  
 15 lágrimas, que com as vozes: antes são se pode explicar com lágrimas; porque são as lágrimas, com que se chora, são as eloquências, com que se explica.

Nas exéquias daquele grande Confessor de Cristo, o Protom rtir Santo Estêvão, não faz o texto men o de que se dissesse palavra alguma; são explica o muito que se chorava: *Curaverunt autem Stephanum viri timorati, et fecerunt planctum magnum super eum.*<sup>b</sup> Pois  
 20 por que se não fala nas exéquias de S. Estêvão? Acabar a vida um varão tão santo, e tão zeloso do serviço do Senhor era uma matéria tão digna de sentimento, que fora injúria da dor o chegar-se a dizer, e são lágrimas poderam ser intérpretes de tanta dor. Que muito<sup>c</sup> logo que naquelas exéquias nada se dissesse? Que muito que tanto se chorasse? Naquelas exéquias de Santo

---

<sup>b</sup> Nota marginal: <Actor. 8.>. **VL**, Actus Apostolorum, c. 8, v. 2: *Curaverunt autem Stephanum viri timorati, et fecerunt planctum magnum super eum.* **BSP**: *Alguns homens piedosos sepultaram Estêvão e fizeram grande pranto sobre ele.*

<sup>c</sup> A expressão “que muito”, frequente também nos sermões de Vieira, equivale a “que h  de estranho”, “que admira o” (cf. *Léxicon*. In: VIEIRA, 2010, p. 643).

---

<sup>14</sup> assunto] assumpto A, *passim*.

25 Estêvão havia muito que dizer, e havia muito que sentir: havia muito que dizer em louvor de sua vida, e havia muito que sentir na mágoa de sua morte. A vida como tão ajustada pedia que se louvasse; a morte como tão lastimosa pedia que se sentisse. Mas como a mesma santidade da vida apurava muito mais a mágoa da morte, o sentimento da morte emudeceu os louvores da vida. Por isso naquelas exéquias nada se dizia; por isso ali somente se chorava: *Et fecerunt planctum magnum super eum*.  
30 Suposto pois que nas exéquias de um S. Estêvão se suspenderam as vozes, e somente se soltaram as lágrimas, razão parece fora, que aqueles, a quem não somente o nome, mas<sup>d</sup> ainda as ações fizeram tão parecidos, nossa dor os fizesse na mágoa também semelhantes, e que com o mesmo silêncio, e pranto se celebrassem as exéquias do Ilustríssimo, e Reverendíssimo Senhor D. Estêvão dos Santos de sempre saudosa memória, digníssimo Prelado deste estado do Brasil.<sup>e</sup> Bem verdade é, que os grandes  
35 merecimentos de sua religiosa vida pediam que em seu louvor se empenhasse agora toda a eloquência, e que em tão glorioso assunto se apurasse toda a discricção; porém a lástima de

---

<sup>d</sup> Em *B*, registrou-se <mais>.

<sup>e</sup> O sentido do termo *estado*, aqui, é o de terras de algum soberano (cf. BLUTEAU, 1789, t. 1, p. 558). O Brasil, como unidade administrativa da América Portuguesa, foi assim designado até o séc. XIX, quando passou a Reino Unido (cf. ARQUIVO NACIONAL. *Memória da Administração Pública Brasileira* - Governador-geral do Estado do Brasil. Disponível em <<http://linux.an.gov.br/mapa/?p=4843>>. Acesso em 10 fev. 2014).

sua morte impede os louvores de sua vida. E como a dor desordena o juízo, como o sentimento atropela o discurso, e a pena embaraça a voz, não era hoje dia, em que se houvesse de falar, porque é dia somente de emudecer: só as lágrimas deverão ser a Retórica deste dia, e só o coração distilado pelos olhos podia ser o estilo desta ação.

Contudo, já que é forçoso falar, falarei sem método, e sem discurso: o mesmo desconcerto de minhas palavras será a língua de minha dor, a mesma equivocação de minhas vozes será a voz de meu sentimento; só me explicarei com me não saber explicar; e só encarecerei a grandeza de nossa dor, não acertando a dizer sua grandeza. As lágrimas serão os conceitos, os pasmos serão as ações, o sentimento será o assunto, o desconcerto será o estilo, as suspensões serão os períodos, os soluços serão as palavras. Oh que grave, que profunda matéria a de nossa dor, onde se rompe o silêncio, se descompõe o discurso, e onde a voz, que menos acerta, é a eloquência, que melhor se explica!

Nas antevésperas da sua morte pôs Cristo os olhos na Cidade de Jerusalém, e vendo que

50 dali a poucos dias ficaria sem o seu divino Prelado, arrasados os olhos em lágrimas, rompeu nestas palavras: *Quia si cognovisses et tu, et quidem in hac die tua, quæ ad pacem tibi.*<sup>f</sup> Querem dizer: Porque se conhecesses tu, e na verdade neste teu dia as coisas, que para a paz a ti. Aí há palavras mais desatadas! E que querem dizer estas palavras? Quanto à letra nada querem dizer; porém quanto significam menos, tanto significam mais; porque tanto mais  
55 sentido se mostrava o Senhor, quanto suas palavras faziam menos sentido. Queria o Senhor naquela ocasião explicar a perda, que teria Jerusalém na morte de seu divino Prelado; e como quem entendia, que tão lamentável perda se não havia de explicar tanto com as vozes, como com as lágrimas, começou amargamente a chorar a desgraça de Jerusalém: *Videns civitatem, flevit super illam.*<sup>g</sup> Depois de se explicar com as lágrimas, quis o Senhor explicar-se também  
60 com as vozes; mas vendo que se as palavras fizessem algum sentido, não explicariam bem o seu sentimento, que fez? Cortando o fio das palavras, interrompendo a ordem dos discursos, começou a falar, atropelados os períodos, e de indústria truncadas as razões de tal sorte, que ca-

---

<sup>f</sup> Nota marginal: <Luc. 19. 42.>. **VL**, Evangelium secundum Lucam, c. 19, v. 42: *Quia si cognovisses et tu, et quidem in hac die tua, quæ ad pacem tibi: nunc autem abscondita sunt ab oculis tuis.* **BSP**: *Se ao menos neste dia, que te é dado, tu também conhecesses o que te pode trazer a paz! Mas agora isto está encoberto aos teus olhos.*

<sup>g</sup> **VL**, *ibidem*, c. 19, v. 41: *Et vt appropinquavit, videns civitatem fleuit super illam, dicens: [...].* **BSP**: *Quando chegou perto, ao ver a cidade, chorou sobre ela, dizendo:[...].*

da sentença, que dizia, interpolava com os gemidos, e cada cláusula, que principiava, interrompia com os soluços: e por este modo quanto menos dizia, tanto mais se explicava, porque tanto mais eficazmente encarecia a força de sua dor, quanto mais dolorosamente cortava o sentido de sua exclamação: *Quia se cognovisses et tu, et quidem in hac die tua, quæ ad pacem tibi.*

Nesta mesma conformidade pondo os olhos nesta Cidade triste pela morte de seu S. Prelado, depois de sentir seu infortúnio com lágrimas, seja embora possível que nos expliquemos também com vozes: mas com vozes tão mal articuladas, e com palavras tão mal proferidas, que a mesma falta de seu sentido seja a alma de nosso sentimento. Antes porque nem ainda me ocorrem palavras próprias, explicarei nossa dor com palavras alheias, que são as que citei por tema: *Cecidit corona capitis nostri; vae nobis, quia peccavimus.* São estas palavras do Profeta Jeremias, com as quais lamentava o sentido Profeta a desgraça de Jerusalém na lástima de sua destruição. Porém, se me eu não engano, com muito maior razão podemos nós lamentar nossa desgraça com estas

mesmas palavras: *Cecidit corona capitis nostri*. Que bem que diz que nos caiu a coroa! Este nome glorioso de Estêvão vale o mesmo que coroa:<sup>h</sup> logo sepultando-se o Ilustríssimo Senhor D. Estêvão, bem diz que caiu, e deu consigo por terra aquela ilustre coroa: *Cecidit corona: Corona capitis nostri*. Diz que era coroa de nossa cabeça. Bem diz; porque se esta preciosa coroa honrava majestosamente este dilatado corpo de todo o estado do Brasil; contudo mais particularmente estava assentada a coroa nesta cidade da Bahia, ilustre cabeça de todo esse dilatado corpo. Logo bem diz, que caiu a coroa da nossa cabeça: *Cecidit corona capitis nostri*. Caiu pois esta coroa, e dando consigo em terra, deixou à terra com o golpe causa para a dor, e com o ruído voz para a queixa: *Væ nobis*.<sup>i</sup> Nestas duas palavras se cifra toda a dor de Jeremias; e da mesma sorte toda a nossa dor se cifra em duas palavras: *Væ nobis*: Ai de nós! E por que causa? Porque *Cecidit corona capitis nostri, quia peccavimus*. A dor é uma só, porque é única: *Væ nobis*; porém as causas são muitas: *Cecidit, Corona, Peccavimus*. Ora vamos ponderando cada uma destas causas, e veremos a grande razão de nossa dor.

---

<sup>h</sup> No grego, *stéphanos*, ‘coroa’ (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>i</sup> Em *B*, há um salto-bordão, sendo o texto retomado a partir da próxima ocorrência da expressão <*Væ nobis*>.

90           *Cecidit*. Não diz que se desfez a coroa, senão que caiu. Grande causa de nossa dor!  
 Para desfazer-se uma coroa é necessário tempo, e vagar: para cair não é necessário tempo;  
 porque o cair é um mal repentino, é um infortúnio não esperado. Pois essa é a causa de nossa  
 dor, que a coroa se não desfizesse, senão que caísse: *Cecidit*. Que aquela ilustre coroa se fosse  
 desfazendo com o tempo, tributo era da natureza; que depois de algum tempo acabasse a vida  
 95 o Ilustríssimo Senhor D. Estêvão, pensão era da mortalidade: não duvido que se magoasse a  
 alma; mas creio que se comporia a razão. Porém que uma coroa tão ilustre apenas se  
 colocasse sobre nossas cabeças, e que tão de improviso caísse! Oh que grande matéria de  
 nossa dor: *Væ nobis!* Já lá parece que se queixava o Esposo divino de que as flores na sua  
 terra apenas aparecessem, e que no mesmo tempo expirassem: *Flores aparuerunt in terra*  
 100 *nostra: tempus putationis advenit.*<sup>j</sup> Porém com quanta maior razão se pode agora queixar a  
 Esposa, do que então se queixava o esposo! A natureza das flores não há dúvida, que consiste  
 em sua mesma brevidade; porque na mesma brevidade de sua duração parece que está en-

---

<sup>j</sup> Nota marginal: <Cant. 2.>. **VL**, Canticum Canticorum, c. 2, v. 12: *Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis aduenit: vox turturis audita est in terra nostra*. **BSP**: *Apareceram as flores na nossa terra, / chegou o tempo da poda; / ouviu-se na nossa terra a voz da rola;*

---

<sup>99</sup> expirassem] espirassem (e formas cognatas) *A*, *passim*.

carecida a grandeza de sua formosura. Pois que acabassem brevemente as flores, que muito  
 era, consistindo sua própria natureza em sua maior brevidade? Mas que assim entre as mãos  
 105 nos exalasse uma coroa de diamantes com a mesma brevidade, com que se podera murchar  
 uma capela de flores! Pois se assim parece se queixava o Esposo de que na sua terra tão  
 brevemente se murchassem as flores; com tanta maior razão se poderá queixar a Esposa de  
 que na nossa terra tão brevemente se gastassem os diamantes! Que acabasse a vida o nosso  
 110 digníssimo Prelado, não é essa a maior razão da minha queixa; força era que pagasse tributo a  
 nossa mortalidade; mas que tão brevemente acabasse a vida, que tão de improviso o  
 arrebatasse a morte! Esta é toda a razão da minha queixa: *Væ nobis*. Sendo Jó aquele raro  
 exemplar de paciência, chegou contudo a queixar-se do repente de sua morte: *Et sic repente*  
*præcipitas me?*<sup>k</sup> Não se queixou da morte, queixou-se do repente. E por quê? Porque com o  
 115 rigor da morte bem se pode conformar a razão; mas com a circunstância do repente não se  
 pode dissimular a queixa. Por isso para justificar a queixa, que fazia da morte, exagerou

---

<sup>k</sup> Nota marginal: <Job 10.>. **VL**, Liber Iob, c. 10, v. 8: *Manus tuæ fecerunt me, et plasmaverunt me totum in circuitu: et sic repente præcipitas me?* **BSP**: *As tuas mãos fizeram-me e formaram-me todo em roda; / e assim de repente me despenhas?*

---

<sup>111</sup> Jó] Job A, *passim*.

a circunstância, que havia do repente: *Et sic repente præciptas me?* Pois se até um Jó, se até aquela coluna da paciência, se até aquela estátua do sofrimento justificou a queixa da morte pela razão do repente; que muito, que formemos nós a mesma queixa? Que muito, tendo a mesma razão?

120 Ao menos se pela conformidade com a providência divina não tivermos nesse repente razão para a queixa; quem poderá duvidar, que temos grande para a lástima? Que um Prelado tão rico de prendas, e de esperanças, a quem a consistência da idade, e o vigor<sup>l</sup> da natureza, a quem o número dos anos, e o lustre dos merecimentos prometiam tanta duração, assim acabasse com tanta brevidade; que maior causa para a dor? Que maior  
125 motivo para o sentimento? Quando Deus mandou prometer a El-Rei Ezequias, que lhe havia de dilatar os anos de sua vida, disse-lhe o Profeta, que para segurança de sua promessa escolhesse um de dois sinais, ou que o Sol de repente se fosse pôr, ou que de repente voltasse a nascer. E que escolheria o Santo Rei? Escolheu que voltasse o Sol: *Facile est umbram crescere; nec hoc volo ut fiat, sed ut revertatur.*<sup>m</sup> Reparo nesta eleição de

---

<sup>l</sup> Em *B*, registrou-se <rigor>.

<sup>m</sup> Nota marginal: < 4. Reg. 20. 6. 10.>. **VL**, Liber II Regum, c. 20, v. 10: *Et ait Ezechias: Facile est, umbram crescere decem lineis: nec hoc volo ut fiat, sed ut revertatur retrorsum decem gradibus.* **BSP**: Ezequias disse: *É fácil que a sombra se adiante dez linhas, não quero que se faça isso, mas que volte atrás dez graus.*

---

<sup>127</sup> sinais] signaes A.

130 Ezequias. Se foi prodígio grande, que estando o Sol no meio-dia, de improviso tornasse a seu Oriente, não seria igual prodígio, que do mesmo meio-dia de repente descesse a seu ocaso? Pois logo por que não escolheu Ezequias, que o Sol se precipitasse de repente? Bem sei a razão, que o mesmo Ezequias apontou; mas eu imagino, que o não escolher Ezequias o ocaso repentino do Sol, não é porque fosse menor maravilha, senão porque seria maior lástima. Que  
135 estando o Sol no maior auge de seus resplendores, retrocedesse a seus princípios, em um Planeta tão luminoso confesso que seria lástima; mas que esse mesmo luminoso Planeta<sup>n</sup> estando em sua maior altura equivocasse em um mesmo tempo o trono com o túmulo, o luzimento com o luto, a majestade com a sepultura! Que o mesmo Sol quando mais ardente entre os resplendores do meio-dia de improviso se achasse sepultado entre as sombras do  
140 Ocidente, quanto maior lástima seria! Pois por isso não quis o Rey, que tão de repente se despenhasse o Sol; porque ver morrer a um Sol de repente é tão grande matéria para a lástima, que nem ainda para a segurança de sua dilatada vida quis Ezequias ver

---

<sup>n</sup> O significado dessa palavra, “astro sem luz própria” (MORAES SILVA, 1831; PINTO, 1832; COUTO, 1842; HOUAISS, 2002), não se aplica ao Sol. Referir-se à Lua e ao Sol como “dous luminosos planetas” reflete a concepção geocêntrica ptolemaica que ainda vigia à época, segundo a qual a Lua e o Sol eram planetas (*i. e.*, corpos celestes de posição variável) que circundavam a Terra, assim como Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno (cf. PLANETAS. In: BLUTEAU, 1728). O sistema copernicano era considerado herético, por alguns, ainda no séc. XVIII (cf. ALMEIDA, tomo VI, 1781, p. 217-265).

em um Sol tão arrebatada morte: *Nec hoc volo ut fiat, sed ut revertatur*. Porém essa foi a  
nossa desgraça, que aquela fatal ruína, aquela arrebatada morte, e precipício de um Sol, que  
145 Ezequias não pôde ver, tanto à custa de nosso sentimento chegássemos a experimentar.

Amanheceu a nossos horizontes, como luzidíssimo Planeta, o nosso ilustríssimo  
Prelado e banhando este nosso hemisfério igualmente de alegrias, que de resplendores, apenas  
havia chegado ao meio-dia, quando de repente se achou no seu ocaso; porque apenas o vimos  
gloriosamente colocado sobre o sagrado sólio da Cátedra Episcopal, quando de repente vimos  
150 que se trasladava lastimosamente das honras para as exéquias, dos títulos para os epitáfios,  
do sólio para o túmulo, e da Cátedra para a sepultura. Pois que lástima não causará este  
infortúnio de um Sol? A quem não causará lástima ver a um Sol depois de tão devidamente  
aplaudido tão repentinamente sepultado? Lástima seria (não duvido) que o Sol no tempo de  
Ezequias pelos mesmos passos, por onde havia subido a colocar-se sobre sua esfera, por esses  
155 mesmos descesse a seu Oriente; mas quanto maior lástima seria, se por esses mesmos des-

cesse a seu ocaso? Pois esse é o motivo da nossa lástima na morte do nosso Sol. Saiu o Ilustríssimo Senhor D. Estêvão do insigne, e religioso Mosteiro do Patriarca S. Bento a tomar posse nesta sua Cathedral com aquela pompa, que vimos, com aquele triunfo, que nunca neste estado se havia visto, com aquelas demonstrações de alegria, que requeriam as circunstâncias da causa, e que não era muito não podessem caber pelas ruas, quando nem ainda cabíamos dentro em nossos corações; e quando levantávamos os olhos para admirar a altura daquele novo Sol, que raiava ao nosso hemisfério, vimos de repente que pelos mesmos passos de seu triunfo caminhava seu enterramento; e que pelas mesmas ruas, por onde desde S. Bento até esta Sé entre vivas, e aplausos veio a tomar posse desta sua Cadeira, por essas mesmas ruas desde S. Bento até esta Sé entre soluços, e lágrimas veio a depositar-se em uma sepultura. Pode haver maior causa para a dor? Pode haver nem maior motivo para a lástima, ou maior razão para o sentimento?

E cresce muito mais esta razão, considerando, que foi este bem<sup>o</sup> tão de repente perdido depois de tantos anos esperado; porque

---

<sup>o</sup> Em *B*, falta esta palavra.

170 como havia 24 anos<sup>p</sup> que este Estado do Brasil não tinha Prelado, achava-se sem Pastor, e sem  
remédio; e que depois de tão dilatadas esperanças, que depois de passar este Estado tantos  
anos sem Pastor, que chegasse finalmente<sup>q</sup> o Pastor para de repente ficarmos no mesmo  
estado! Que fosse tão esperada a ventura para ser a perda tão inesperada! Tão largos anos para  
a esperança, tão poucos dias<sup>r</sup> para a posse! Que maior causa para a dor? Morreu Raquel na  
175 primavera de seus anos, e verdadeiramente sempre será sua morte motivo de nossa lástima  
não só pela brevidade, com que morreu, senão porque se viu aquela tão celebrada formosura  
tão pouco tempo lograda depois de tantos anos pretendida. E contudo com ser a morte de  
Raquel tão digna de lástima, e de sentimento, é cousa notável, que nenhuma menção faça a  
Escritura nem das lágrimas, nem do sentimento de Jacó na morte de Raquel. Pois como  
180 assim? Havemos de persuadir-nos que na morte de sua querida Raquel deixaria de chorar  
Jacó? Seria possível que aquele exemplar de amor, e de firmeza, aquele, que pela sua Raquel  
depois de sete anos de serviço se sacrificou novamente ao trabalho de outros

---

<sup>p</sup> Em *B*, falta esta palavra.

<sup>q</sup> Em *B*, falta esta palavra.

<sup>r</sup> Em *B*, falta esta palavra.

---

<sup>179</sup> Jacó] Jacob *A*, *passim*.

185 tantos anos, conservando seu amor entre a esperança, e o receio, sempre afligido, mas sempre constante apesar da fortuna, e da experiência, apesar das dilações do tempo, e dos enganos de Labão; aquele finalmente, que por ela obrara tantas finezas em sua vida, seria possível, que não derramasse uma só lágrima em sua morte? Não parece possível. Pois logo como não faz menção a Escritura do sentimento de Jacó na morte de Raquel? Entendo que o não declarou a Escritura, ou porque por infalível se devia supor, ou porque por imenso se não podia declarar. Havia referido a Escritura quatorze anos de serviço, que gastara Jacó nas pretensões de Raquel; havia referido também que morrera Raquel na primavera de seus 190 anos; e havendo-nos já dado estas notícias, havendo-nos dito, que Jacó depois de umas esperanças tão prolongadas perdera tão brevemente o logro de suas esperanças, que necessidade tinha a Escritura de explicar-nos sentimentos de Jacó? É tão grande, é tão indivíduo o sentimento, que causa a perda daquele bem, que foi brevemente possuído depois 195 de largamente esperado, que ou se não deve esperar por se não diminuir em sua

grandeza, ou ao menos se deve supor por se não duvidar em sua obrigação. Pois como a morte de Raquel foi perda daquele bem, e daquela adorada formosura, que Jacó por tantos anos esperou,<sup>s</sup> e por tão pouco tempo possuiu, por isso a Escritura sagrada passou em silêncio o sentimento de Jacó na morte de Raquel; porque ou por imenso se não podia explicar, ou por infalível se devia supor.

Estas mesmas razões, que havia para apurar o sentimento de Jacó, estas mesmas, e se me não engano, com circunstâncias muito mais crescidas concorrem hoje para nosso sentimento. Porque assim como Jacó perdia um bem, que tanto pertendeu, e tão pouco logrou; assim também nós perdemos um bem tão vagaroso enquanto esperado, tão acelerado depois de perdido, que depois de tardar tanto, que se fez duvidoso na esperança, perseverou tão pouco, que quase não durou na possessão. Disse que para este sentimento são em nós muito mais crescidas as circunstâncias; porque primeiramente Jacó esperou quatorze anos somente; e nós esperamos vinte e quatro anos Sobre isto Jacó como aliviava o mal da tardança com a vista do mesmo bem, que espera-

---

<sup>s</sup> Em *B*, faltam as palavras <anos esperou>.

210 va, os anos lhe pareciam dias: mas a nós, como a distância, e a dificuldade do bem, que  
pertendíamos, apurava o mal da tardança, os anos nos pareciam eternidades. Mais. A Jacó,  
posto que a posse lhe durou por breves tempos, contudo lhe chegou ainda a durar por alguns  
anos; porém a nós apenas nos chegou o bem a durar por alguns dias; porque verdadeiramente  
215 nos não concedeu a fortuna tempo para possuirmos aquele bem, que gozávamos, senão só  
quanto foi bastante para vermos o bem, que perdíamos. Ultimamente Raquel era a que estava  
morta, e a que se havia de chorar; o pastor era o que ficava vivo, e o que havia de sentir: e na  
nossa perda a morte é do Pastor, e o sentimento é de Raquel. Pois com quanto maior  
ternura, e com quanto maior sentimento chorará Raquel a morte de seu Pastor? Quanto mais  
copiosas, e quanto mais naturais serão as lágrimas nos olhos de Raquel? Se o Pastor é o que  
220 se sepulta, se Raquel é a que se lamenta, quem duvida que serão suas lágrimas tanto mais  
naturalmente nascidas, quanto mais justamente derramadas? Que aquele vigilantíssimo  
Pastor, que foi esperado com tanta dilação, acabasse a vida com tanta brevidade!

Que aquela ilustre coroa se não desfizesse, senão que caísse: *Cecidit*; oh que justa causa tem Raquel para chorar: *Raquel plorans*:<sup>1</sup> Oh que forçosa razão tem as ovelhas para gemer: *Væ nobis*!

225 *Corona capitis nostri*. Esta é a segunda causa de nossas lágrimas, ser o objeto, que choramos, a coroa de nossas cabeças: e verdadeiramente assim o devemos considerar, não só porque este nome de Estêvão quer dizer coroa, senão porque com toda a propriedade se deve chamar nossa coroa o ilustríssimo Senhor D. Estêvão. E se não, de que se compõe uma coroa?

230 Compõe-se do ouro mais fino, e das pedras mais preciosas: pois que outra coisa foi o Senhor D. Estêvão, senão um composto de ouro, e de pedrarias? Comecemos pelo ouro. As partes, que tanto acreditam este tão idolatrado metal, são (como todos sabem) o puro, o qualificado, o peso, a brandura, o esplendor. E quem não conheceu estas mesmas prendas naquele por todos os títulos sujeito áureo o nosso Ilustríssimo Prelado? Quem nele não conheceu o puro da

235 consciência, o qualificado do sangue, o peso da prudência, a brandura da condição, o esplendor do nascimento? Mandou Deus que sobre o Propiciatório se colocassem

---

<sup>1</sup> **VL**, Evangelium secundum Matthæum, c. 2, v. 18: *Vox in Rama audita est, ploratus et vlulatus multus: Rachel plorans filios suos, et noluit consolari, quia non sunt.* **VL**, Liber Ieremiæ, c. 31, v. 15: *Hæc dicit Dominus: Vox in excelso audita est lamentationis, luctus, et fletus Rachel plorantis filios suos, et nolentis consolari super eis, quia non sunt.* **BSP**, Mateus, c. 2, v. 18: “Uma voz se ouviu em Ramá, pranto e grande lamentação: Raquel chorando os seus filhos, sem admitir consolação, porque já não existem”. **BSP**, Jeremias, c. 31, v.15: *Isto diz o Senhor: foram ouvidas no alto vozes de lamentação, de pranto e de choro, são de Raquel, que chora os seus filhos, e não quer ser consolada acerca deles, porque já não existem.*

---

<sup>226</sup> objeto] objecto A, passim.

dous Anjos, e mandou que estes se fabricassem de ouro: *Duos quoque Cherubim aureos ex utraque parte.*<sup>u</sup> Parece que nos quis dar a entender, que assim como são espíritos puros os Anjos, que se crearam no Céu, assim também são feitos de ouro os Anjos, que se formam na terra. E se assim é, quem haverá, que experimentando a polícia,<sup>v</sup> e afabilidade do Senhor D. Estêvão, não haja de publicar, que na natureza foi um Anjo? Quem haverá, que sabendo da Angélica pureza, que perpetuamente observou, não haja de confessar, que na continência foi um Serafim? Desgraça foi grande, que assim como soube imitar aos Anjos nas propriedades da natureza, lhes não podesse usurpar os privilégios da imortalidade. Mas não há dúvida, que se não foi Anjo nos privilégios, que o foi contudo nos atributos; pois se são formados de ouro os Serafins cá da terra, que muito que diga eu, que foi o Senhor D. Estêvão um Prelado todo de ouro? Preze-se muito embora e jacte-se a Esposa dos Cantares, de que fosse fabricada de ouro a cabeça de Salamão seu Esposo: *Caput ejus aurum optimum.*<sup>w</sup> que esta Catedral tem que sentir o haver perdido um esposo todo de ouro, e ouro de todos os quilates, por sua

---

<sup>u</sup> Nota marginal: <Exod. 25. 18.>. **VL**, Liber Exodus, c. 25, v. 18: *Duos quoque Cherubim aureos et productiles facies, ex vtraque parte oraculi.* **BSP**: *Farás também dois querubins de ouro batido nas duas extremidades do oráculo.*

<sup>v</sup> Mesmo que cultura de costumes; civilização (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>w</sup> Nota marginal: <Cantic. 5. 11.>. **VL**, Canticum Canticorum, c. 5, v. 11: *Caput ejus aurum optimum: comæ ejus sicut elatæ palmarum, nigræ quasi coruus.* **BSP**: *A sua cabeça é o ouro mais puro; / seus cabelos são como ramos novos das palmeiras, / negros como um corvo.*

250 continência mui puro, por sua Religião mui lustroso, por sua prudência mui pesado,<sup>x</sup> por sua índole mui brando, por sua dignidade mui subido, por sua ascendência mui qualificado.

E passando do ouro para as pedras preciosas, quem deixou de conhecer, que foi o Senhor D. Estêvão lustroso, e soberano engaste das pedras de maior valor? Porque quem deixou de experimentar, que daquela virtuosa alma foram riquíssimo adorno as prendas de maior estimação? Um dos principais ornatos, de que se compunha a vestidura do sumo Sacerdote por ordem do mesmo Deus, era o Racional,<sup>y</sup> aquela joia, que ornava o peito do Sacerdote, para significar-nos,<sup>z</sup> que um perfeito, e excelente Prelado deve trazer impressas na alma as virtudes, que representavam aquelas pedras, que trazia no peito. Eram elas, segundo o Texto, e algumas Exposições, o Rubim, o Topázio, a Esmeralda, o Carbúnculo,<sup>aa</sup> a Safira, o Diamante, o Jacinto,<sup>bb</sup> o Acate,<sup>cc</sup> o Ametisto, o Crisólito, a Sardônica, e o Berilo. O Rubim por sua ardente chama significa o zelo da Religião, e amor para com Deus: o Topázio, por ter qualidades contra a cólera, insinua a moderação para consigo; o Carbúnculo, por comunicar

255

260

---

<sup>x</sup> Em *B*, grafou-se <prezado>, o que parece ser uma correção acertada, se se considerar o contexto frasal. Entretanto, <pesado> pode corresponder a “grave” (cf. BLUTEAU, 1789, t. 2, p. 194), isto é, “de juízo e probidade. § Digno de ponderação, atenção [...]. § Autorizado, digno de fé” (cf. BLUTEAU, 1789, t. 1, p. 669) – adjetivações também possíveis para <prudência>, razão pela qual decidiu-se manter a lição de *A* no texto crítico.

<sup>y</sup> Cf. Êxodo, c. 28.

<sup>z</sup> Em *B*, grafou-se <significarmos>.

<sup>aa</sup> Mesmo que granada (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>bb</sup> Mesmo que zircão (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>cc</sup> Mesmo que ágata (cf. HOUAISS, 2002).

luzes às trevas, representa a liberalidade para com os pobres; a Esmeralda (como tem  
265 mostrado a experiência) é símbolo gentil da castidade: o Diamante, como está publicando  
sua dureza, é precioso emblema da constância: a Safira, celeste toda na cor, e na formosura,  
representa a contemplação celeste: o Jacinto tão suave de aspecto é divisa da misericórdia: o  
Acate tão salpicado de sangue é figura da justiça: o Ametisto pela decência da cor, com que  
resplandece, é imagem da modéstia: o Crisólito pela semelhança do mar, que representa, é  
270 jeroglífico da capacidade: a Sardônica, pedra especular, e a quem<sup>dd</sup> nada se encobre, é  
espelho da vigilância: e o Berilo finalmente, que quanto mais pálido, tanto mais precioso, é  
retrato da penitência. Estas eram as virtudes mais heroicas, e os atributos mais relevantes de  
um perfeito Prelado, que estavam cifrados enigmaticamente nas pedras do sumo Sacerdote;  
sobre as quais estavam distintamente esculpido os nomes dos filhos de Jacó; a meu ver não  
275 só para que aquelas letras representassem as doze Tribos, senão para que entendêssemos,  
que em um perfeito Prelado sobre o sólido das virtudes assenta estre-

---

<sup>dd</sup> Em *B*, registrou-se <he quem>.

madamente o profundo das letras.

Mas se estas são as virtudes, que constituem a um Prelado cabalmente perfeito, quem há que deixe de entender, que perdemos um perfeitíssimo Prelado? Porque quem há, que nele não visse em grau heroico estas mesmas virtudes? Verdade é, que nos faltou tempo para as  
 280 gozarmos; porém tempo nos sobejou para as vermos; porque as luzes para se darem a ver não necessitam de tempo. Bem vimos nesse pouco tempo, que o logramos, bem vimos, que o nosso digníssimo Prelado trazia gravadas na alma aquelas mesmas preciosas pedras, que o sumo Sacerdote trazia dispostas no peito; porque bem se deixou de ver no soleníssimo Jubileu, que logo publicou, nas ofensas de Deus, que logo divertiu,<sup>ee</sup> na suma devoção, com que celebrava;  
 285 no raro exemplo, com que vivia, na assistência deste Coro, no recolhimento de sua casa, no trato de sua pessoa, na inteireza de sua jurisdição, na grandeza das esmolas, na moderação das licenças, no empenho, com que logo dispôs a reparação desta Sé, no zelo, com que logo tratou da reformação deste Estado, e finalmente em todas suas ações em todo o discurso<sup>ff</sup> de

---

<sup>ee</sup> Cf. Moraes Silva (1823, t. I, p. 643), uma das acepções de *divertir* é “desviar de alguma empresa”.

<sup>ff</sup> O emprego de *discurso* por *decurso* era comum. Segundo Bluteau (1789, t. 1, p. 442), *discurso* podia significar “O espaço de tempo que corre”. Vieira também o utiliza com essa acepção, no *Sermão de São João Batista*, pregado em 1644 (§ II), e, antes dele, Duarte Nunes do Lião, em *Origem da Língua Portuguesa* (1606, p. 1).

---

<sup>283</sup> soleníssimo] solemnissimo A.

290 sua religiosa vida, e muito mais especialmente nas grandes circunstâncias de sua santa morte  
bem se deixou ver, que nele realçavam superiormente para com Deus o zelo, o amor, a  
piedade; para consigo a pureza, o sofrimento, a penitência; para com os culpados a  
severidade, a fortaleza, a justiça; para com os arrependidos a capacidade, a prudência, a  
misericórdia; para com os grandes a afabilidade, mas com decoro; para com os pequenos a  
295 liberalidade, mas com recato; para com todos a magnanimidade sem fausto, a vigilância sem  
opressão, a doutrina com exemplo, a piedade com o rigor, e o rigor com a piedade.

E assim bem se deixou ver, que eram nele prodigiosamente seu zelo um flamante  
Rubim, seu sofrimento um firme Topázio, sua pureza uma preciosa Esmeralda, sua  
caridade um generoso Carbúnculo, sua devoção uma celestial Safira, sua fortaleza um  
incontrastável<sup>88</sup> Diamante. Bem se deixou ver, que era sua misericórdia um belo Jacinto,  
300 sua justiça um ensanguentado Acate, sua modéstia um decente Ametisto, sua capacidade  
um profundo Crisólito, sua vigilância uma transparente Sardônica, sua penitên-

---

<sup>88</sup> Cf. Bluteau (1789, t. 1, p. 708), mesmo que irresistível.

cia um desmaiado Berilo; e sobre tudo isto, sobre todas estas pedras preciosas bem se deixavam ver igualmente as letras; porque sobre suas virtudes assentava ultimamente sua prudência, e sua erudição. Oh com quanto gosto, e com quão devido afeto discorrera eu agora  
 305 sobre este ponto! Que de boa mente ponderara as demonstrações de cada uma destas virtudes, e a superioridade de cada qual destas prerogativas!<sup>hh</sup> Que plausível assunto para um grave panegírico! Que gloriosa matéria para uma levantada declamação! Porém hoje é dia de sentir, e não de louvar; porque empregada toda a alma em sentir as penas próprias, como poderia divertir-se<sup>ii</sup> em engrandecer as excelências alheas? Em outras honras funerais costumam os  
 310 oradores engrandecer, e louvar o objeto daquelas honras; mas é que são estranhos os oradores, e como lhes não chega a tocar a mágoa, podem satisfazer à lisonja. Porém como nesta ocasião todos fomos a perder, e todos temos que sentir, a ninguém ficou livre o discurso para louvar o bem, que gozávamos; porque somente se ocupa o coração todo em sentir o bem, que perdemos. ||<sup>jj</sup> Sendo pois certo, que o Ilustríssimo Se-

---

<sup>hh</sup> A grafia <prerogativa> (< *praerogativa* ) é registrada em Vieira (*Sermão de Santo Inácio*, parte VI, 1669) e mantida em Moraes Silva (1831, t. II, p. 514), embora a variante com <-rr-> ocorresse desde o séc. XV (cf. HOUAISS, 2002).

<sup>ii</sup> Cf. Moraes Silva (1823, t. I, p. 643), “diminuir a aplicação a estudo, negócio; desviar de alguma empresa”.

<sup>jj</sup> Mudança de parágrafo marcada atipicamente, cf. normas desta edição.

---

<sup>304</sup> afeto] afecto A, *passim*.

315 nhor D. Estêvão foi um composto de ouro, e de pedras preciosas, formado em círculo por sua  
perfeição, dividido em raios por seu esplendor, e colocado sobre nossas cabeças por sua  
dignidade, e por nossa estimação; se é que não foi Zona celeste guarnecida de estrelas, que  
havemos de dizer, senão que foi coroa real sorteada<sup>kk</sup> de diamantes? Antes, como desde seus  
primeiros anos se começou a fabricar esta coroa na perpétua clausura, que em sua sagrada  
320 Religião santissimamente se observa, necessariamente havemos de dizer, que foi sem dúvida  
coroa fechada, e coroa não somente de sua nobre casa, não só de sua sagrada Religião, não só  
de todo o Estado do Brasil, mas que pode contar-se também entre as gloriosas coroas de todo  
o Reino de Portugal. Mas sendo também certo, que aquelas pedras tão lustrosas se eclipsaram,  
que aquele ouro tão resplendente se escureceu, que aquele diadema tão precioso se  
325 sepultou, e que deu consigo em terra aquela coroa de nossas cabeças; quem duvida, que com  
justíssima causa brota com lágrimas, e queixas a dor de nossos corações? Quem duvida, que  
com toda a razão, e com toda a propriedade podemos romper naquelas mesmas

---

<sup>kk</sup> Mesmo que sortida (cf. HOUAISS, 2002).

queixas, que formava o profeta Jeremias em semelhante ocasião: *Quomodo obscuratum est aurum, mutatus est color optimus, dispersi sunt lapides sanctuarii?*<sup>ll</sup> Que é possível, que  
 330 aquele ouro tão qualificado esteja tão escurecido? Que é possível, que aquelas pedras de tanta  
 virtude, e tanta estimação fiquem aí lançadas por terra, e sepultadas com tanto deslustre, e  
 tanto abatimento? É certo, que sempre a dor do que se chora, se costuma regular pelo preço do  
 que se perde; porque quanto o bem, que se perde, é de maior preço, tanto a dor, com que se  
 335 chora, é de maior custo. Pois se custa dor, e se causa lástima, que leve a morte ainda o mais  
 vulgar, quanto maior lástima causará, que com a mesma igualdade leve a morte até o mais  
 precioso?

Essa foi a maior desgraça, que eu considero em todo o trágico sucesso da estátua  
 de Nabucodonosor. Fez a morte o tiro aos pés de barro, parece que de alguma sorte  
 respeitando a cabeça de ouro. E contudo igualmente caíram ao golpe da morte o ouro, e o  
 340 barro: *Tunc contrita sunt pariter testa, et aurum.*<sup>mmm</sup> Esta sem dúvida foi sua maior  
 desgraça; porque esta foi sua maior perda. Que a morte arruinou-

---

<sup>ll</sup> Nota marginal: <Thren. 4.>. **VL**, Lamentationes, c. 4, v. 1: *Quomodo obscuratum est aurum, mutatus est color optimus, dispersi sunt lapides sanctuarij in capite omnium platearum?* **BSP**: *Como se escureceu o ouro? / se mudou a sua bela cor? / foram espalhadas as pedras do santuário / pelos ângulos de todas as praças?*

<sup>mmm</sup> Nota marginal: <Dan. 4.>. **VL**, Prophetiæ Danielis, c. 2, v. 35: *Tunc contrita sunt pariter ferrum, testa, æs, argentum, et aurum, et redacta quasi in fauillam æstivæ areæ, quæ rapta sunt vento: nullusque locus inuentus est eis: lapis autem, qui percusserat statuam, factus est mons magnus, et impleuit vniversam terram.* **BSP**: *Então se quebraram a um tempo o ferro, o barro, o cobre, a prata e o ouro, e ficaram reduzidos como a miúda palha que o vento leva para fora da eira no tempo do estio; não ficou nada deles; porém a pedra que tinha dado na estátua tornou-se um grande monte que encheu toda a terra.*

se os pés, seja embora;<sup>nm</sup> mas que também a cabeça! Que se aniquilasse o barro, avante; mas que juntamente o ouro! Ali se viu como pelo preço do bem ia crescendo o custo do mal; e como pela avaliação da perda ia subindo a grandeza da desgraça. Começou a  
345 perda, e a desgraça pelo barro, continuou pelo ferro, passou ao bronze, subiu à prata e ultimamente chegou ao ouro: *Contrita sunt pariter ferrum, testa, æs, argentum, et aurum*. E aqui, aqui na ruína do ouro, onde a perda foi de maior preço, aqui se pôs à desgraça o último remate: *Contrita sunt pariter testa, et aurum*. Até o ouro se perdeu entre os estragos preciosos daquela estátua, entre os despojos fatais daquela ruína, até o  
350 ouro se via desatado em cinzas: também se divisavam até relíquias de ouro; pois aí nessa maior importância da perda, aí consistiu todo o encarecimento da desgraça: *Et aurum*. Com razão se queixa logo, e se lamenta o Profeta Jeremias de que o ouro se escurecesse, e a pedraria se desperdiçasse; por isso na perda do ouro para o lamentar escurecido: *Obscurantum est*, o exagerou qualificado: *Color optimus*. E na desgraça das pedras para  
355 chorar justamente seu deslustre, e seu abatimento: *Dispersi sunt lapi-*

---

<sup>nm</sup> Cf. Bluteau (1789, t. 1, p. 471) e Houaiss (2002), essa expressão equivale a “não me importa, assim seja, tanto faz; é-me indiferente”.

*des*, encareceu juntamente sua virtude, e sua religião: *Lapides sanctuarii*.

Bem justificada temos logo a razão de nossa queixa na causa de nossa dor, e bem evidente temos o justificado de nossa mágoa no precioso de nossa perda; especialmente porque na perda, que choramos, não só temos que sentir o ouro, e a pedraria, que perdemos, 360 senão o haver perdido o lustre, e a coroa, que se compunha desse ouro, e dessa pedraria. De maneira que neste nosso sentimento, e nesta morte do nosso Religiosíssimo Prelado não só fomos a perder o muito, que por si valia, senão o muito, que a nós nos autorizava. E assim que não só devemos sentir sua morte pelo que era em si, senão pelo que era para nós: não só pelo que era em si, senão pelo que era para nós:<sup>oo</sup> não só porque era em si um sujeito todo áureo, 365 senão porque era para nós a coroa de nossas cabeças: *Corona capitis nostri*. É a romã expressa figura de uma República coroada;<sup>pp</sup> e é consequência tão notável, como infalível, que quando a coroa da romã se abre, rebenta também a romã. Devido sentimento da natureza! Que natural, e que devidamente se segue aos destroços de uma coroa, e a

---

<sup>oo</sup> Em *B*, a repetição foi suprimida.

<sup>pp</sup> Essa ideia também está presente no texto *Contemplação das perfeições de Deos no espelho das creaturas*, do Padre Manoel Bernardes (1644-1710): “Em uma romã coroada debuxastes uma república com o seu príncipe” (cf. BERNARDES; CASTILHO (org), tomo II, 1885, p. 88).

uma coroa perdida uma República despedaçada! E que justamente rebenta de dor uma  
370 República, quando se lhe tira da cabeça uma coroa! Pois quando a romã fora sensitiva, ainda  
em nós havia maior causa de dor, que na romã; porque a romã se perde a coroa, porque se  
despedaça, ao menos para seu alívio conserva em si mesma esses pedaços da coroa. Porém a  
nossa coroa não só estalou, senão que caiu; não só se perdeu, senão que se arrancou. E se a  
375 fortuna nos não concedeu, que para alívio da nossa dor ao menos conservássemos em nós os  
destroços de nossa coroa; se a coroa se arrancou de nossas cabeças; com quanto maior razão  
devem rebentar em lágrimas nossos olhos, e de pena nossos corações? Por ser coroa  
sagrada, se pode (a nosso modo) comparar à coroa de Cristo. E será possível, que a coroa de  
Cristo se possa arrancar da cabeça sem mágoa, sendo tão penetrante? Não está claro que ao  
arrancar-se necessariamente há de sentir-se,<sup>99</sup> e que há de molestar necessariamente? Pois se  
380 a morte com tanta violência nos arrancou das cabeças esta sagrada coroa; como era possível,  
que sem dor, e sem tormento se arrancasse de nossas cabeças uma coroa,

---

<sup>99</sup> Em *B*, registrou-se <ferir-se>.

que tantas raízes havia já lançado em nossas almas? E se temos tão grande causa de dor na coroa, que perdemos: *Cecidit corona capitis nostri*; quem duvida, que com grande razão nos queixamos: *Vae nobis?*

385 *Quia peccavimus*: Esta é a última causa de nossa dor; serem nossos pecados a causa de perdermos o Prelado, que perdemos; porque claro está, que uma perda de tão grande porte não podia ser, senão em castigo de nossos pecados. E verdadeiramente bem considerada a suposição, e a graveza desta causa, parece sem dúvida, que entre todas as causas de nosso sentimento, que ategora<sup>rr</sup> ponderávamos, que esta deve ser a maior de  
390 todas elas. Antes imagino, que não só esta deve ser a maior causa de todas, senão que esta só deve ser toda a causa. Assim no-lo diz o tema, e assim no-lo ensina a razão. E quanto ao tema, diz ele assim: *Cecidit corona capitis nostri: vae nobis, quia peccavimus*. Notem, que não aplicou o Profeta as vozes do sentimento à perda, senão à culpa: porque não diz: Ai de nós, que caiu a coroa; senão: Ai de nós, que pecamos. De sorte que descrevendo o  
395 sucesso da coroa, não o lamentou, mas referiu-o: *Cecidit corona capitis*

---

<sup>rr</sup> Segundo Aulete, advérbio composto (antigo e popular), formado por *até* + *agora*, com o mesmo significado dessa expressão, sem a contração (cf. ATEGORA. In: iDICIONÁRIO Aulete. Disponível em <<http://aulete.uol.com.br/ategora>>. Acesso em 14 ago. 2013).

*nostri*. E quando foi a dizer, que a coroa caíra por nossos pecados, então se lamentou: *Vae nobis, quia peccavimus*. Logo toda a razão de nossa dor deve ser somente a grandeza de nossa culpa. Assim o mostra também a razão; porque só a causa da perda<sup>ss</sup> é rigorosamente a causa da dor. O bem perdido, que se chora, não é causa, é o objeto: a ocasião de se perder o bem, e o princípio, por que se chora, esta é a causa. Pois como essa coroa perdida é o objeto, que choramos, e a causa, por que a choramos, é a mesma, por que a perdemos; sendo nossos pecados a total causa, por que chegamos a perder tão preciosa coroa; bem se segue, que toda a causa, por que devemos chorar, são nossos pecados: *Vae nobis, quia peccavimus*.

Parece que teve a morte do nosso Prelado (permitam-me falar assim) algum modo de semelhança com a morte do Redentor. Porque primeiramente assim como Cristo nosso Senhor, conforme o que disse S. Paulo, tomou na árvore da Cruz a posse de seu Pontificado: *Christus autem assistens Pontifex per proprium sanguinem introivit semel in sancta;*<sup>tt</sup> assim também o Senhor D. Estêvão tomou posse do

---

<sup>ss</sup> Em B, suprimiu-se <da perda>.

<sup>tt</sup> Nota marginal: <ad Heb. 9. 11. >. **VL**, Epistula ad Hebræos, c. 9, v. 11-12: *Christus autem assistens pontifex futurorum bonorum, per amplius et perfectius tabernaculum non manufactum, id est, non huius creationis; neque per sanguinem hircorum aut vitulorum, sed per proprium sanguinem, introiuit semel in Sancta, æterna redemptione inuenta. BSP: Mas Cristo, vindo como pontífice dos bens futuros, (passando) pelo meio de um tabernáculo mais excelente e perfeito, não feito por mão de homem, isto é, não desta criação, e não com o sangue dos bodes ou dos bezeros, mas com o seu próprio sangue, entrou uma só vez no Santo dos Santos, depois de ter adquirido uma redenção eterna.*

---

<sup>405</sup> Redentor] Redemptor A, *passim*.

seu pontificado nesta Província de Santa Cruz. E assim como Cristo nosso Senhor depois de  
410 tomar posse da cadeira da Cruz expirou com tanta brevidade, que causou admiração: *Pilatus  
autem mirabatur, si jam obiisset;*<sup>uu</sup> assim também o Senhor D. Estêvão depois de tomar  
posse de sua cadeira, acabou tão brevemente o curso de sua vida, que nos teve suspensos, e  
confusos a brevidade de sua morte. Nem faltou na morte do Senhor D. Estêvão para com  
415 todo este novo mundo aquele universal sentimento, que em todo o mundo causou a morte de  
Cristo Senhor nosso. Mas para que vejamos qual há de ser a verdadeira causa de nosso  
sentimento na morte do Senhor D. Estêvão, já que são tão semelhantes estas duas mortes,  
vejamos qual foi a causa, e a razão principal do sentimento, que houve na morte de Cristo  
nosso Senhor. Não falo das criaturas insensíveis, porque essas não fizeram aquelas  
420 demonstrações de sentimento por discurso, senão por milagre. Falo das criaturas racionais,  
falo dos homens, que sentiram com razão; e pergunto: Qual foi a razão, por que sentiram? O  
Texto não nos explica a razão, senão só o sentimento; mas eu cuido, que o mesmo senti-

---

<sup>uu</sup> Nota marginal: <Marc. 15. 44.>. **VL**, Evangelium secundum Marcum, c. 15, v. 44: *Pilatus autem mirabatur si iam obiisset. Et accersito centurione, interrogauit eum si iam mortuus esset.* **BSP**: *Pilatos admirou-se de que estivesse já morto; mandando chamar o centurião, perguntou-lhe se estava já morto.*

mento nos explicou a razão.

Diz o Texto, que os homens, que iam passando pelo monte Calvário, levantando os olhos para aquele cruento espetáculo, e vendo cravado em uma Cruz, e feito despojo da morte o Autor da vida, para significar a dor, que levavam<sup>vv</sup> nos corações, batiam nos peitos: *Percutientes pectora sua, revertebantur.*<sup>ww</sup> Reparo nesta demonstração de sentimento, e fundo assim o meu reparo. O bater nos peitos é só sinal de arrependimento, não é sinal de compaixão: pois se todo o ser creado se mostra compadecido na morte do seu Creador, por que razão só os homens se não mostram compadecidos? Se o Sol se cobriu de luto, se o Céu se escureceu de lástima, se as pedras rebentaram de dor, se a terra estremeceu de assombro, se finalmente todas as creaturas se compadeceram, e se magoaram, por que causa só os homens se não compadeceram? Por que causa só os homens não deram mostras de comiseração, senão só de arrependimento? Porque os homens na mesma demonstração de sua dor quiseram significar a razão principal de sua pena; e quiseram mostrar, que a causa, e a razão principal de seu

---

<sup>vv</sup> Em *B*, registrou-se <levaraõ>.

<sup>ww</sup> **VL**, *Evangelium secundum Lucam*, c. 23, v. 48: *Et omnis turba eorum, qui simul aderant ad spectaculum istud, et videbant quæ fiebant, percutientes pectora sua reuertebantur.* **BSP**: *Toda a multidão daqueles que assistiam a este espetáculo e viam o que sucedia, retiravam-se, batendo no peito.*

---

<sup>424</sup> espetáculo] espectáculo *A*.

435 sentimento não era tanto ver aquela morte, que Cristo padecia por nossas culpas, quanto era  
ver, que nossas culpas fossem a causa de que Cristo padecesse aquela morte. Naquela  
mesma morte sacratíssima de Cristo tinham os homens matéria, de que podiam lastimar-se,  
e de que deviam arrepender-se. A excelência da pessoa, que morria, e a brevidade, com que  
440 acabava, eram matéria de lástima; os pecados, por cuja causa, e em cuja satisfação morria,  
eram matéria de arrependimento. Porém entre estas razões de dor havia esta razão de  
diferença, que no mal da morte havia razões de bem, e no mal do pecado tudo era mal. Que  
sendo Cristo aquele divino suposto,<sup>xx</sup> e nosso Pastor divino, acabasse tão brevemente a vida,  
motivo era este, que os homens haviam de chorar, não só por piedade, mas por obrigação:  
445 contudo ainda esta dor podia ter seu alívio na consideração de que o mesmo Senhor na  
própria brevidade de sua morte lograva a aceleração de seu triunfo: porém que nossos  
pecados fossem toda a razão daquela morte, e o mais que é, que aquela mesma morte se  
contasse entre os nossos pecados! Que sendo Cristo a mesma inocência, e a suma san-

---

<sup>xx</sup> Cf. Bluteau (1789, t. 2, p. 432), “a individualidade da substancia completa, e incommunicavel. § O que póde subsistir per si, sem dependencia da substancia que lhe está unida”.

450 tidade; e que sendo nossa toda a culpa, houvesse de ser sua toda a pena! E que sendo tão  
enormemente a culpa dos homens, que não podesse satisfazer-se<sup>yy</sup> condignamente menos, que  
era o mal, que mais lhes devia doer. Esta era a dor, que deviam sentir sem alívio, porque este  
mal do pecado de nossa parte não tem outro remédio, que a própria dor. Pois porque os  
homens quiseram significar, que só esta grandeza de sua culpa era a causa de sua dor; e  
455 porque o arrependimento é a dor da culpa, por isso na morte de Cristo se não doeram tanto  
como lastimados, quanto como arrependidos: e por isso não fizeram demonstrações de mágoa,  
e deram somente sinais de contrição: *Percutientes pectora sua, revertebantur.*

Da mesma sorte nesta ocasião, e nesta morte do nosso amado Pastor, e tão benemérito  
Prelado a causa principal de nosso sentimento não deve ser tanto a perda do Pastor, quanto a  
ocasião da perda: nem tanto devemos sentir a brevidade de sua morte, quanto devemos chorar  
460 a grandeza de nossa culpa. Que sejam tantos, e tão graves nossos pecados,

---

<sup>yy</sup> Em *B*, suprimiu-se o <-se>.

que não merecêssemos para com Deus a felicidade de ter um Prelado tão perfeito! Que sendo tão ajustada sua vida, fosse tão apressada sua morte, e isto em castigo de nossos pecados: *Quia peccavimus!* Que maior causa de nosso sentimento: *Vae nobis!* E cresce ainda mais a razão para sentir nossas culpas nesta morte do nosso Prelado; porque de tal maneira foram  
465 nossas culpas ocasião desta morte, que lhes não serve de remédio, mas só de castigo. Na morte de Cristo posto que<sup>zz</sup> deviam sentir, que suas culpas fossem a causa daquela morte; contudo como aquela santíssima morte era o remédio de nossas culpas, se bem se deviam sentir muito as culpas pelo que tinham de cometidas, sempre se deviam sentir menos pelo que tinham de remediadas. Na morte do Senhor D. Estêvão há razão do castigo sem o alívio  
470 do remédio: e assim não só devemos chorar nossos pecados como causa desta morte, senão que devemos sentir esta morte como castigo de nossos pecados. Só de Davi me lembra, que tivesse semelhante castigo. Mas que lágrimas não foram as de Davi? Propôs-lhe o Profeta Natan os castigos, que lhe mandava Deus intimar pelo caso de Betsabé, e

---

<sup>zz</sup> Em *B*, suprimiu-se o <que>.

---

<sup>471</sup> Davi] David *A*, *passim*.

475 morte de Urias; e sendo eles todos bem diversos, e bem rigorosos, o que chorou Davi, foi  
samente que houvesse de perder a vida do filho, que houvera de Betsabé: *Deprecatusque est*  
*David Dominum pro parvulo, et ingressus seorsum, jacuit super terram, nec comedit*  
*cibum.*<sup>aaa</sup> Pois por que razão sentiu Davi este castigo mais que os outros? Antes por que  
razão sentiu somente este castigo? Porque nos outros castigos, se Davi era o castigado,  
480 também o culpado era Davi: e na morte do filho, sendo o culpado Davi, um inocente era o  
castigado. Que muito logo, que só por este castigo chore Davi? Que sendo a culpa de Davi,  
houvesse um inocente de pagar por ele a culpa! E que em castigo de sua culpa sucedesse a  
morte de um inocente! Que castigo maior para sentir? E que causa maior para chorar? Pois  
ainda no sentimento, que podia causar a morte do filho de Davi, havia uma circunstância,  
que podia diminuir o sentimento; porque, que os filhos paguem a culpa dos pais, tributo é  
485 dos filhos de Adão: que um filho inocente pague com a vida o pecado do pai, não é esse o  
caso, que mais se deve estranhar; mas que um pai inocente pague com a vida

---

<sup>aaa</sup> Nota marginal: <2. Reg. 12. 16. >. **VL**, Liber II Samuelis, c. 12, v. 16: *Deprecatusque est David Dominum pro parvulo: et ieiunavit David ieiunio, et ingressus seorsum, iacuit super terram. BSP: Davi fez a oração ao Senhor pelo menino e jejuou rigorosamente; e, retirando-se à parte, prostrou-se sobre a terra.*

os pecados dos filhos, esta é a dor, que mais se deve sentir, e essa deve ser toda a causa de nossa dor: *Vae nobis, quia peccavimus*.

490 E para que mais se admire esta verdade, para que vejamos com gloriosa evidência, que somente o mal de nossas culpas deve ser toda a causa de nossas lágrimas; digo que as outras razões, sobre que ategora discorríamos, que tão longe estão de ser causas de sentimento, que antes vêm a ser razões de alívio. E senão; quais eram as outras razões? *Cecidit corona*: Cair a coroa de nossas cabeças. Duas razões de sentimento se nos representavam nestas duas palavras; o preço, e a pressa: o preço da coroa, que perdemos nesta ocasião; e a pressa,  
495 com que a perdemos. Ora vejam como estas mesmas razões, que pareciam ser de nossa dor, são realmente razões de nosso maior alívio, e nossa única consolação. Primeiramente, se a coroa, que perdemos, era de grande preço, claro está, que era digna de igual estimação; e constando-nos, que só o trono de Deus era lugar competente a tão preciosa coroa, e que só a eterna bem-aventurança era paga proporcionada a tanto preço; claro está  
500 também, que quem se obrigou a desejar sua maior estima-

ção, igualmente se obrigou a aplaudir sua eterna bem-aventurança. Sim; mas se a coroa caiu, como havemos de festejar que caísse a coroa? Respondo. Verdade é, que caiu de nossas cabeças; mas uma coroa tão peregrina onde podia ir parar, senão na Pátria? Uma coroa tão preciosa onde podia cair, senão no Reino? E em que Reino mais naturalmente poderia cair  
 505 uma coroa tão ilustrada de graça, que no mesmo Reino da Glória?

Aqueles vinte e quatro anciãos, que viu S. João no seu Apocalipse, diz o Texto que tiravam as coroas, que tinham sobre suas cabeças, e que as lançavam diante do trono de Deus: *Et mittebant coronas suas ante thronum.*<sup>bbb</sup> Se as coroas eram tão dignas de estimação, que as traziam sobre suas cabeças, por que razão as quiseram ver caídas, depois de as trazerem tão  
 510 estimadas? Porque caíam na glória do trono de Deus; e julgaram aqueles cortesãos da Glória, que nunca aquelas coroas podiam estar tão cabalmente estimadas, como tão gloriosamente caídas. Consideraram eles, e tomaram o peso às coroas, que tinham sobre suas cabeças, e conhecendo bem o valor delas, entenderam, que só diante do trono de Deus

---

<sup>bbb</sup> Nota marginal: <Apoc. 4. 10. >. **VL**, Apocalypsis Ioannis, c. 4, v. 10: *procident viginti quattuor seniores ante sedentem in throno, et adorabant viventem in sæcula sæculorum, et mittebant coronas suas ante thronum, dicentes:[...].* **BSP**: *Os vinte e quatro anciãos prostravam-se diante do que estava sentado no trono e adoravam o que vive pelos séculos dos séculos, e lançavam as suas coroas diante do trono, dizendo: [...].*

era o lugar competente a coroas tão soberanas; porque só Deus era digno da glória de ter tão  
 515 ilustres coroas: *Dicentes: Dignus es Domine Deus noster accipere gloriam.*<sup>ccc</sup> Pelo que ou  
 pretendendo a glória merecida das coroas, ou tributando a devida glória de Deus, sendo  
 certos, que tão preciosas coroas não iriam cair, senão na glória, facilmente vieram, em que  
 as coroas caíssem, pelo gosto de que se melhorassem. Mas que muito?<sup>ddd</sup> Eram Príncipes  
 520 enfim; por isso como Príncipes generosos souberam perder o gosto próprio a troco do  
 melhoramento alheio: e por isso como Príncipes advertidos<sup>eee</sup> souberam fazer inteira  
 estimação das coroas, e entender, que não estavam as coroas tão dignamente colocadas  
 sobre as cabeças dos homens, como estão diante do trono de Deus: *Et mittebant coronas*  
*suas ante thronum, dicentes: Dignus es Domine Deus noster accipere gloriam.* Esta mesma  
 gloriosa caída, e esta mesma felicidade, com que caíram as coroas do Apocalipse, nos estão  
 525 não só prometendo, senão também assegurando os grandes merecimentos do nosso  
 Religiosíssimo Prelado, e nossa preciosíssima coroa. Porque, que outra cousa se pode es-

---

<sup>ccc</sup> **VL**, Apocalypsis Ioannis, c. 4, v. 11: *Dignus es Domine Deus noster accipere gloriam, et honorem, et virtutem: quia tu creasti omnia, et propter voluntatem tuam erant, et creata sunt.* **BSP**: *Tu és digno, ó Senhor nosso Deus, de receber a glória, a honra e o poder, porque criaste todas as coisas, e pela tua vontade é que elas existem e foram criadas.*

<sup>ddd</sup> A expressão “que muito”, frequente também nos sermões de Vieira, equivale a “que há de estranho”, “que admiração” (cf. *Léxicon*. In: VIEIRA, 2010, p. 643).

<sup>eee</sup> Mesmo que prudentes (cf. HOUAISS, 2002).

perar de uma vida tão ajustada, e de uma morte tão prodigiosa? Que outra cousa se pode crer de quem viveu com aquela pureza tão rara de sua consciência, e de quem morreu com aquelas evidências tão raras de sua salvação, senão, que depois de ser coroa de nossas cabeças, se foi a gozar da coroa de seus merecimentos? E que se caiu das cabeças dos homens, foi para assentar-se no trono de Deus? Logo se o melhoramento de nossa coroa deve ser a causa de nossa alegria, tão longe está de ser causa de nosso sentimento o vermos caída a nossa coroa, que antes nos devemos alegrar de a ver tão felizmente caída; porque posto que poderíamos sentir perder uma coroa de tanto preço, contudo, como o seu mesmo preço requeria competente estimação, e como só o trono de Deus era seu lugar competente, justo é, que fazendo da perda sacrifício, ou da força generosidade, celebremos haver perdido a coroa de nossas cabeças pelo interesse de que a nossa coroa esteja no trono de Deus.

Maiormente que se advertimos no glorioso estado desta coroa, havemos de achar, que a não perdemos, senão que a assegura-

540 mos; porque assim como é certo, que nunca esteve tão lograda, como depois de caída, assim é certo também, que o cair de nossas cabeças não foi meio para a perder, senão artifício para a assegurar. Em nossas cabeças estava na contingência de cair; no trono de Deus está livre de toda a contingência. Em nossas cabeças ainda não era nossa, porque não estava em nosso poder o lográ-la; no trono de Deus já se pode chamar nossa; porque já  
545 não poderemos perdê-la. Segue-se logo, que a posse que tínhamos desta coroa, que verdadeiramente a não perdemos, senão que realmente a eternizamos. Enquanto aqueles anciãos do Apocalipse tinham sobre suas cabeças as coroas, não diz o Texto, que as coroas fossem suas; só diz, que tinham coroas sobre suas cabeças: *Et in capitibus eorum coronæ auræ*.<sup>fff</sup> Mas tanto que tiraram as coroas das cabeças, e as lançaram diante do trono  
550 de Deus, então diz, que as coroas eram suas: *Et mittebant coronas suas ante thronum*. Cuidava eu, que só enquanto tinham as coroas em si, as podiam ter por suas; e que já não as deviam ter por suas, depois de as lançar de si. Mas que assim se troquem os

---

<sup>fff</sup> Nota marginal: <Apoc. 2. >. **VL**, Apocalypsis Ioannis, c. 4, v. 4: *Et in circuitu sedis sedilia vigintiquattuor: et super thronos vigintiquattuor seniores sedentes, circumamicti vestimentis albis, et in capitibus eorum coronæ auræ*. **BSP**: *Em volta do trono (estavam outros) vinte e quatro tronos; e sobre estes tronos estavam sentados vinte e quatro anciãos, vestidos de roupas brancas (tendo) em suas cabeças coroas de ouro.*

termos da propriedade contra o direito da posse! Que as coroas não fossem suas durante a posse, e que depois de transferido o domínio fossem suas? Quem jamais viu ceder da coroa para a possuir, e querê-la perder para a assegurar? Essa é a diferença, que vai entre o que se oferece a Deus, e o que se oferece ao mundo: o que se oferece ao mundo, é para perder-se; e o que se oferece a Deus, é para melhorar-se. É o Reino do Céu lugar tão próprio ainda das coroas da terra; e é o trono de Deus depósito tão seguro de coroas, que em nenhuma outra parte podem ter as coroas segurança, senão só no trono de Deus. Nas cabeças dos homens ainda as coroas estão nas mãos da morte; no trono de Deus já a morte não tem jurisdição<sup>888</sup> sobre as coroas. E como a segurança da propriedade consiste na independência da jurisdição, por isso não são próprias as coroas nas cabeças dos homens; e só são suas próprias no trono de Deus. E por isso aqueles anciãos não avaliavam por suas as coroas, que tinham sobre as cabeças: *Et in capitibus eorum coronæ auræ*. E só quando as asseguraram no trono de Deus, então as ti-

---

<sup>888</sup> Em *B*, há um salto-bordão, sendo o texto retomado a partir da próxima ocorrência da palavra <jurisdição>.

565 veram por suas: *Et mittebant coronas suas ante thronum*. O caso é tão semelhante, que não necessita de aplicação.

Só parece, que se poderá sentir a pressa; porém nem ainda nesta circunstância há razão de nos sentirmos, senão de nos alegrarmos; porque a quem vive ajustado com Deus, o apressar-lhe Deus a morte é apressar-lhe a bem-aventurança; e a mesma pressa, com que se  
570 lhe contam os dias de vida, é o meio, com que se lhe antecipam os passos da eternidade. Entre a morte dos pecadores, e a morte dos justos há entre outras esta bem notável diferença; que de ordinário a morte dos justos é mais apressada, que a dos pecadores. A prova é bem achada em Abel, e Caim: Abel, que era o justo, teve uma morte tão apressada, que de todo o mundo foi o primeiro homem, que pagou o tributo da morte: Caim, que era o  
575 pecador, teve uma vida tão dilatada, que até com prodígios lhe andava Deus resguardando a vida. E qual pode ser a razão disto? Aos pecadores é certo, que por lhes dilatar a pena, lhes costuma Deus dilatar a morte, ou esperando a emenda de nossos pecados, ou dis-

pondo a justificação de seus castigos. Pois se aos pecadores dilata Deus a vida por lhes dilatar a pena; que havemos de dizer, senão que aos justos apressa Deus a morte por lhes apressar a glória? Ao menos, se bem considerarmos as maravilhosas circunstâncias da morte do Senhor D. Estêvão, ninguém poderá negar à vista de seus prodígios, que estava o Céu mui desejoso de premiar seus merecimentos. Mas porque não é possível discorrer sobre todos, pondero somente aquela escada, que se lhe representou no mesmo dia de sua morte.<sup>hhh</sup> Sabido é de todos o caso. E que outra cousa foi lançar-lhe o Céu escada, para que subisse, senão dar-lhe pressa, para que não tardasse? Ao glorioso Mártir S. Estêvão estava o Céu tão ansioso de o receber em si, e de lhe dar o merecido prêmio, que demandava tão ilustre martírio, que estando ainda o Santo Mártir padecendo cá na terra as sem-razões, já lá se lhe estavam preparando, e abrindo as portas do Céu: *Video caelos apertos*.<sup>iii</sup> Porém se se lhe abriram as portas, não se lhe lançou a escada. Parece que ainda quis esperar o Céu, que o mesmo Mártir glorioso das próprias pedras do seu mar-

<sup>hhh</sup> Em *B*, mudou-se <aquela> para “aquele” e suprimiu-se o trecho <escada, que se lhe representou no mesmo>.

<sup>iii</sup> Nota marginal: <Act. 6.>. **VL**, Actus Apostolorum, c. 7, v. 55: *Cum autem esset plenus Spiritu Sancto, intendens in caelum, vidit gloriam Dei, et Iesum stantem a dextris De. Et ait: Ecce video caelos apertos, et Filium hominis stantem a dextris Dei.* **BSP**: *Mas, como ele estava cheio do Espírito Santo, olhando para o céu, viu a glória de Deus e Jesus que estava em pé à direita de Deus.*

tírio edificasse os degraus de seu triunfo. Maior parece que foi a pressa, que se dava o Céu no prêmio do Senhor D. Estêvão; porque não só lhe abriu as portas, por onde entrasse, senão que por elas lhe lançou a escada, por onde subisse. A Jacó é verdade que também se ofereceu outra escada; mas com esta distinção, que esta nova escada descia do Céu para a terra; e a escada de Jacó subia da terra para o Céu: *Vidit scalam stantem super terram, et cacumen illius tangens cælum.*<sup>iii</sup> A Jacó os desejos de gozar<sup>kkk</sup> seu próprio descanso o fizeram sonhar, que tinha escada da terra para o Céu; e ao Céu os desejos de apressar o prêmio ao Senhor D. Estêvão, o fizeram lançar escada para a terra, para que com esta prevenção, naquele trânsito felicíssimo não houvesse intervalo algum entre o expirar, e o subir; senão que naquele mesmo ponto, em que aquele servo do Senhor expirasse, estivesse logo a ponto a escada, por onde aquela alma subisse. Pois se tão desejoso estava Deus de lhe apressar<sup>lll</sup> o prêmio, que lhe preveniu a escada; que muito, que lhe abreviasse o caminho? Diga-se logo que a pressa da morte foi o prêmio da vida, e que por isso quis Deus a-

---

<sup>iii</sup> **VL**, Liber Genesis, c. 28, v. 12: *Viditque in somnis scalam stantem super terram, et cacumen illius tangens cælum: Angelos quoque Dei ascendentes et descendentes per eam, [...].* **BSP**: *Viu em sonhos uma escada posta sobre a terra, cujo cimo tocava o céu, e os anjos de Deus subindo e descendo por ela.*

<sup>kkk</sup> Em *B*, suprimiu-se <de gozar>.

<sup>lll</sup> Em *B*, registrou-se <apreciar>.

breviar-lhe a vida, porque quis apressar-lhe o prêmio.

605 Eis aqui como as duas razões, que se nos representavam de nossa pena, foram para com o nosso Prelado argumentos de sua glória; e merecendo-nos seu amor, que seja sua glória, e seu aumento causa de nossa alegria, e nossa estimação; claro está, que devem ser motivos de nossa alegria<sup>mmm</sup> aquelas, que pareciam razões de nossa pena. Quando Cristo Senhor nosso houve de partir-se da terra para o Céu, vendo a tristeza, com que seus discípulos recebiam sua ausência, disse-lhes desta maneira: *Si diligeretis me, gauderetis utique; quia vado ad Patrem*:<sup>nnn</sup> Se verdadeiramente me amáreis, discípulos meus, é certo que vos não hávies<sup>ooo</sup> de entristecer com a minha ausência, senão alegrar-vos muito com a minha partida. Pois o sentir a ausência não é amor? Sim é; porém naquela ocasião mais amor era estimar a ausência. E isto por quê? *Quia vado ad Patrem*; porque se partia para a Glória o nosso divino  
615 Pastor. E quando o Pastor parte a gozar da Glória, sentir sua ausência quem fica, é amar-se a si. Celebrar sua ausência é amar ao<sup>ppp</sup> Pastor. Quando quem se ausenta, parte pa-

---

<sup>mmm</sup> Em *B*, suprimiu-se o <de nossa>.

<sup>nnn</sup> **VL**, Evangelium secundum Ioannem, c. 14, v. 28: *Audistis quia ego dixi vobis: Vado et venio ad vos. Si diligeretis me, gauderetis utique, quia vado ad Patrem: quia Pater maior me est. BSP: Ouvistes que eu vos disse: Vou e voltarei a vós. Se vós me amásseis, certamente hávies de folgar de eu ir para o Pai, porque o Pai é maior do que eu.*

<sup>ooo</sup> Em *B*, registrou-se <haveis>.

<sup>ppp</sup> Em *B*, registrou-se <o>.

---

<sup>607</sup> aumento] augmento (e formas cognatas) *A*, *passim*.

ra a Glória, pede a obrigação do amor verdadeiro, que se prefira a glória de quem parte à  
 perda de quem fica. A perda de quem fica, não há dúvida, que é para sentir-se; mas a glória  
 de quem parte, é muito para estimar-se. E como quem bem ama deve preferir a estimação da  
 620 glória alheia à dor da perda própria; obrigação é de amor, não só fineza, que quando a  
 partida é para a Glória, que se converta a pena em alegria, e que as mesmas razões de dor se  
 troquem em motivos de estimação. Partindo-se pois a gozar da eterna bem-aventurança,  
 aquele nosso tão prezado, e tão querido Pastor, que importa que sua ausência seja ocasião de  
 625 nossa perda, se foi o meio de sua glória? Devida fineza é, e amorosa obrigação, que  
 prepondere mais para conosco a alegria de sua glória, do que a dor de nossa perda; porque  
 já que lhe devemos essa fineza, que não por amor de outrem, senão só por estar com Deus,  
 deixa de estar conosco; justo é, que com igual fineza nos componhamos<sup>999</sup> com a nossa  
 desgraça, e nos alegremos com a sua glória, fazendo estimação, e sacrifício de que ele deixe  
 de estar conosco a troco de que goze a glória de estar com Deus.

---

<sup>999</sup> Em *B*, registrou-se <companhamos>.

---

<sup>627</sup> conosco] comnosco *A*, *passim*.

630 Troquem-se logo<sup>mt</sup> as causas de nossa dor em razões de nossa alegria; convertam-se gloriosamente as lágrimas em vivas, os sentimentos em aplausos, e as tristezas em parabéns; e em vez de magoados agradecidos, fazendo da obrigação fineza, ou da necessidade holocausto, rendamos a Deus eternas graças, de que sendo só a Glória digno lugar daquele servo seu tão querido, se servisse de ter consigo ao nosso querido Pastor em sua Glória: *Dicentes: Dignus es Domine Deus noster accipere gloriam, et honorem.*<sup>sss</sup>

635 Suposto pois, que as duas razões, que se nos representavam de nossa dor, são mais propriamente motivos de nossa consolação; bem se segue por conclusão de todo o nosso discurso, que somente a graveza de nossas culpas vem a ficar para a causa de nossas lágrimas, e que nesta perda, que tivemos do nosso Prelado, não devemos chorar a pressa de sua morte,  
640 senão o desconcerto de nossas vidas. Já em semelhante ocasião a um servo querido seu levou o Senhor apressadamente para si; e diz a Escritura, que por duas razões: pela razão dos merecimentos próprios, e pela razão dos pecados alheios: *Placita enim erat Deo anima illius.*<sup>mt</sup>

---

<sup>mt</sup> Em B, suprimiu-se <logo>.

<sup>sss</sup> VL, Apocalypsis Ioannis, c. 4, v. 11: *Dignus es Domine Deus noster accipere gloriam, et honorem, et virtutem: quia tu creasti omnia, et propter voluntatem tuam erant, et creata sunt.* BSP: *Tu és digno, ó Senhor nosso Deus, de receber a glória, a honra e o poder, porque criaste todas as coisas, e pela tua vontade é que elas existem e foram criadas.*

<sup>mt</sup> Nota marginal: <Sap. 4. 14.>. VL, Liber Sapientiae, c. 4, v. 13-14: *Consummatus in breui expleuit tempora multa: placita enim erat Deo anima illius: propter hoc properavit educere illum de medio iniquitatum [...].* BSP, *ibidem*, c. 4, v. 13: *Tendo vivido pouco, encheu a carreira duma larga vida; / sendo a sua alma agradável a Deus; / por isso ele se apressou a tirá-lo do meio das iniquidades.*

*propter hoc properavit educere illum de medio iniquitatum. Properavit educere illum:* eis aí a  
645 pressa da morte. *Placita enim erat:* eis aí os merecimentos próprios. *De medio iniquitatum:* eis  
aí os pecados alheios. Estas mesmas duas razões concorreram igualmente para acelerar a  
morte deste tão vigilante, e tão querido servo do Senhor; seus merecimentos, e nossos  
pecados. A grandeza de seus merecimentos requeria, que Deus lhe antecipasse a glória; porém  
os desejos, que tinha de aumentar os serviços, requeriam a Deus, que lhe dilatasse o prêmio de  
650 seus merecimentos. Nesta contenda, que traziam diante de Deus seus merecimentos, e seus  
desejos, chegaram ultimamente nossos pecados; e vendo o Senhor, que não mereciam nossos  
pecados, que lográssemos a ventura de um Prelado tão perfeito, resolveu contra a força de  
seus santos desejos, que se lhe apressasse a morte tanto em prêmio de seus merecimentos,  
como em castigo de nossos pecados: *Placita enim erat Deo anima illius: propter hoc*  
*properavit educere illum de medio iniquitatum.* Assim que na brevidade desta morte temos  
655 muito que estimar, e temos muito que sentir: temos que estimar o prêmio, e temos

que sentir o castigo. Temos que estimar esta morte como prêmio de tantos merecimentos, e temos que sentir nossos pecados como causa, e merecimento desta morte. Donde fica por conclusão, que só nossos pecados devemos sentir, e só nossos pecados devemos chorar: *Væ nobis: quia peccavimus.*

660           Contudo ainda para a dor de nossos pecados podemos ter nesta morte alguma razão de nosso alívio; porque podemos piamente esperar, que quem na terra nos dirigiu como Pastor, no Céu nos amparará como Advogado. Pelo que vós, ó alma ditosa, que desprezando as glórias da terra, subistes a gozar da melhor glória, e caindo das cabeças dos homens, vos assentastes no trono de Deus, já que nossas culpas entraram também a  
665           apressar o prêmio de vossos merecimentos, seja também parte de vossos merecimentos o perdão de nossas culpas; e para que com algum obséquio solicitemos este benefício, recebei em gratificação do que vos devemos estas memórias, que vos sacrificamos; sejam vítimas de nossa afeição estas demonstrações de nosso sentimento, e já que tão fácil, e amorosamente nos compomos com a nossa sorte a troco da vossa felicidade, vivei

---

<sup>668</sup> vítimas] victimas A.

670 embora,<sup>uuu</sup> e vivei eternamente, ó espírito ditoso, mas lembrado de nossa sorte. E pois nos merece vosso amor, que tanto se immortalize vossa memória nos corações, em que vivestes, como na bem-aventurança, a que subistes, vivei eterna, e gloriosamente por saudade em nossos corações, e na glória, que confiamos gozais, por toda a eternidade.

---

<sup>uuu</sup> “em boa hora” (cf. HOUAISS, 2002).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação inicial do trabalho de edição da obra sermonária de Eusébio de Matos foi a possibilidade de promover a leitura dessa obra no âmbito dos estudos literários e, consecutivamente, propiciar a reavaliação do seu lugar nas letras seiscentistas, a despeito da sombra que lhe fazem as obras de Gregório de Matos e de Antônio Vieira. Não obstante, ao vislumbrar a gama de informações socioculturais que os sermões ofereciam, decidiu-se editá-los de modo que o produto textual fosse útil a um maior número de pesquisadores, que poderão examiná-los sob as perspectivas próprias de seus campos de interesse.

A decisão de estender a utilidade deste trabalho para além dos estudos literários exigiu que se apurasse a dosagem de conservadorismo das normas de edição, para que a edição não pagasse o preço da ilegibilidade, conforme alerta Contini (1986, p. 9), mas, ao mesmo tempo, mantivesse a sua fiabilidade, inclusive como *corpus* linguístico.

Tendo definido os objetivos e o público-alvo da edição, empreendeu-se um estudo crítico-filológico, com vistas a eleger o tipo de edição a ser realizada e seu texto-base, para atualizar, na transcrição, apenas o que fosse meramente gráfico, registrando os casos dúbios em aparato. Tal estudo resultou em um conjunto de normas que foram aplicadas aos 23 sermões editados, os quais espera-se que sejam úteis tanto aos estudiosos de Letras – sejam dos estudos literários ou dos linguísticos – como também aos interessados nos aspectos socio-históricos, filosóficos etc.

Tratadas as questões inerentes à língua escrita, foi necessário lidar com o universo intertextual dos sermões, cuja pesquisa resultou na aposição de diversas notas ao texto crítico, tanto de referências bíblicas e patrísticas, como de outras áreas do conhecimento. As informações do aparato crítico, portanto, são auxiliares à compreensão do texto e do seu contexto. Primeiramente, o aparato cumpriu esse papel para a autora deste trabalho, pois, como observa Houaiss (1967, v. 1, p. 205), “É impossível, em princípio, estabelecer um texto que não seja totalmente compreendido pelo editor-de-texto, ainda que alguns aspirem a uma objetividade mecânica na operação ou ainda que esse grau de compreensão possa ser aprofundado por outrem”. Espera-se que as notas venham a auxiliar o leitor que sentir necessidade delas, como hipertextos disponíveis, de leitura facultativa.

Em sua realização, este trabalho se assemelhou ao que se realiza na área da Filologia, pela atenção à língua e aos procedimentos ecdóticos. Entende-se, contudo, que esse fato não o

distancia dos estudos literários, mas o posiciona centralmente na área de Letras. Como define Câmara Jr. (1986, p. 117), a Filologia é “o estudo da língua na literatura”. Suas duas frentes de atuação, a análise da língua e os procedimentos da crítica textual, são fundamentais para o estabelecimento do texto crítico, o qual, por sua vez, é fonte primordial para os estudos linguísticos diacrônicos (cf. LOSE, 2010, p. 65) e para os estudos literários (KANE, 1989 *apud* SPAGGIARI & PERUGI, 2004, p. 69). A interdisciplinaridade é, portanto, inerente a trabalhos dessa natureza, como a edição crítica aqui apresentada.

Ao contrário de uma incongruência, a face interdisciplinar deste trabalho é mais um ponto de identificação com os estudos literários, uma vez que estes também realizam a intersecção entre literatura e outras artes e saberes. Conforme Fernandes (2011, p. 19-27), os estudos literários apresentam-se como um campo de intersecção disciplinar, e sua condição porosa é, por excelência, desafiadora de fronteiras entre saberes. Para Fernandes, a literatura, por sua natureza compósita, complexa e de difícil definição, sempre ofereceu resistência à inclusão rígida num território disciplinar bem delimitado e à definição ontológica de seu objeto. O objeto literário, por sua vez, como arte da linguagem e representação verbal da ação e pensamento humanos, serve consistentemente a qualquer uma das disciplinas humanísticas. Dessa perspectiva, justifica-se o lugar do presente trabalho nos estudos literários e a aspiração de que ele ajude a compor mais uma ponte entre essa área e as outras.

O limite de tempo estabelecido para a realização deste trabalho e a grande extensão do *corpus* editado inviabilizaram a abordagem dos sermões sob outras perspectivas, como o estudo de seu gênero discursivo-literário, sua estruturação, seus aspectos retórico-estilísticos, sua função sociocultural, além das discussões teórico-críticas em torno de temas como cânone e valor literário etc. Todavia, esses continuam a ser desdobramentos possíveis e desejáveis deste trabalho, e constituem, desse modo, contributo para futuras pesquisas.

## REFERÊNCIAS\*

### I) EDIÇÕES DOS SERMÕES DE EUSÉBIO DE MATOS (EM ORDEM DE PUBLICAÇÃO)

MATTOS, Eusebio de. *Ecce Homo*. Lisboa: Oficina de Ioam da Costa, M.DC.LXXVII.

SOLEDADE, Eusèbio da. *Sermam de Soledade, e lagrimas de Maria Santissima Senhora Nossa*. Lisboa: Oficina de Miguel Manescal, M.DC.LXXXI.

MATTOS, Eusebio de. *Sermoens*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1694.

MATTOS, Eusebio de. *Oração Funebre nas Exequias do Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Estevam dos Santos Bispo do Brasil*. Lisboa Occidental: Oficina de Miguel Rodrigues, M.DCC.XXXV.

MATTOS, Eusebio de. *Ecce Homo*. *Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: v. XI, ago. 1923.

MATTOS, Eusebio de. *Oração funebre nas exequias Do Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Estevam dos Santos Bispo do Brasil*. *Revista de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, ano V, n. 25, set. 1923. p. 111-143.

MATOS, Eusébio de. *Sermão do Mandato*. Apresentação de José Américo Miranda; edição e notas de José Américo Miranda e Maria Cecília Boechat Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1999.

MATOS, Eusébio. *Ecce Homo*. Edição e notas de José Américo Miranda e Valéria Maria Pena Ferreira. Rio de Janeiro: Globo, 2007.

### II) DEMAIS OBRAS CONSULTADAS

ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Unesp, 2004.

---

\* Para que a variação gráfica não constitua entrave à localização das obras referidas nesta seção, os títulos e os demais dados foram registrados tal qual se apresentam na folha de rosto das edições consultadas, o que está em conformidade com a maioria dos catálogos de bibliotecas examinados neste trabalho.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Vocabulário ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: A Academia, 2009.

ACQUARONE, P. *História da música brasileira*. Rio de Janeiro; São Paulo; Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves; Editora Paulo de Azevedo Ltda. 1948.

AD EXTRA. In: Catholic DICTIONARY. Disponível em <<http://dictionary.editme.com/Adextra>>. Acesso em 12 nov. 2013.

AD EXTRA – AD INTRA. In: MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia abreviado*. Texto preparado por Eduardo García Belsunce, Ezequiel de Olaso. Traduzido do espanhol por António José Massano e Manuel Palmeirim. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.

ALMEIDA, Fr. António José de, O.P. – Santa Úrsula e as Onze Mil Virgens segundo as traduções portuguesas quinhentistas da Legenda Aurea. Textos e Ilustrações. *Via Spiritus*. Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso - Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, n° 18, p. 113-156, 2011. Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10540.pdf>>. Acesso em 02 jul. 2013.

ALMEIDA, Teodoro. *Recreação filozofica ou Dialogo sobre a filozofia natural, para instrução de pessoas curiosas, que não frequentáráo as aulas*. Lisboa: Regia Oficina Typografica, 1781, p. 217-222. Disponível em <[books.google.com.br/books?id=h0BJgeXLx1IC](http://books.google.com.br/books?id=h0BJgeXLx1IC)>. Acesso em 02 ago. 2013.

ALMEIDA, Renato. *História da música brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia. Editores, 1942.

ALVES, Rosa. *Tipografia e legibilidade*. Belo Horizonte: [s.n.], 2001. [Folheto 61, EBA/UFMG].

AMBROSII, Sancti. De Officiis, libri tres, col. 145,146; Epistola XLIX. col. 1153. In: MIGNE, J.-P. *Patrologiae Cursus Completus* [...]. Tomi secundi et ultimi, pars prior. Parisiis: Excudebat Vrayet, 1845. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=MwcRAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=MwcRAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 10 jan. 2013.

AMBROSII, S. De Obitu Valentianini Consolatio. In: MIGNE, J.-P. *Patrologiae Cursus Completus* [...]. Tomus 16. Parisiis: Excudebat Vrayet, 1845, col. 1371. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books?id=Z\\_gUAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q=Stantem&f=false](http://books.google.com.br/books?id=Z_gUAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q=Stantem&f=false)>. Acesso em 18 nov. 2013.

AMBROSII, Sancti. *Opera Omnia*. Tomus IV, liber II. Parisiis: Ex. Typis L. Gauthier, Vesontione, 1836, p. 196. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=QSj3SOIttLMC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=QSj3SOIttLMC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso: 11 nov. 2013.

AMBROSII, S. In Psalmum CXVIII Expositio. In: \_\_\_\_\_ *Opera Omnia*. Tomus Primus. Parisiis: Ex Typis L. Gauthier, Vesontione, 1836. Disponível em

<[http://books.google.com.br/books?id=NCoMAAAAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=NCoMAAAAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false) . Acesso em 05 dez. 2013.

AMBROSII, Mediolanensis Episcopi. *Commentaria in Evangelium Secundum Lucam, decem libris diuisa*. In: *Opervm Ambrosii Mediolanensis Episcopi*. Tomus III. Coloniae Agripinae: Sumptibus Antonii Hierat, 1616, p. 105. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=bo1JAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=bo1JAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 13 nov. 2013.

ANDRADE, Adriano da Guerra. *Dicionário de Pseudónimos e Iniciais de Escritores Portugueses*. Lisboa: Biblioteca Nacional – Portugal, 1999, p. 154.

ANÔNIMO. Via Sacra Abreviada. In: *Visitas ao Santissimo Sacramento e a Maria Santissima para todos os dias do mez*. Lisboa: Typographia de Luiz C. da Cunha, 1858, p. 387-389. Disponível em <<https://archive.org/stream/visitasaosantiss22658gut/pg22658.txt>>. Acesso em 01 jul. 2012.

ANSELMII, D. *Facile principis operum omnium*. Tomus tertius. Coloniae Agripinae: Petri Cholini, 1612, p. 217. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=G0yvRDh-jbIC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=G0yvRDh-jbIC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 14 nov. 2013.

ANSELMII, D. In *Apocalypsin Enarrationes*. In: \_\_\_\_\_. *Opera Omnia*. Quatuor tomis comprehensa. Coloniae Agripinae: Petri Cholini, 1612. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=G0yvRDh-jbIC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=G0yvRDh-jbIC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 28 nov. 2013.

APROCHE. In: *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Porto: Lello Editores; Priberam Informática S.A., 2012. Disponível em <<http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx?pal=aproche>>. Acesso em 03 set. 2013.

AQUINATIS, Thomae. *Tertiam Partem Summæ Theologicæ*. Antverpiæ: Ioannem Keerbelgium, 1612. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=SfaE5s\\_NEfUC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=SfaE5s_NEfUC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 04 jan. 2013.

AQUINATIS, S. Thomæ. De Sacramentis. Quid sit Sacramentum – Quæstio LX, articulus III. In \_\_\_\_\_. *Summa Theologica*. Tomus sextus, editio quarta. L. Guerin et al., 1867, p. 503. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=wzI5AQAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=wzI5AQAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 19 nov. 2013.

ARAÚJO, Antônio Luiz d'. *Arte no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Revan, 2000.

ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ARISTÓTELES. *Sobre a alma*. In: *Obras Completas*. Volume 3, tomo 1, Lisboa: INCM, 2010.

ARQUIVO NACIONAL. *Memória da Administração Pública Brasileira - Governador-geral do Estado do Brasil*. Disponível em <<http://linux.an.gov.br/mapa/?p=4843>>. Acesso em 10 fev. 2014.

ARQUIVO NACIONAL. *Normas técnicas para transcrição e edição de documentos manuscritos*. Disponível em <<http://www.portalan.arquivonacional.gov.br/Media/Transcreve.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2011.

ASSALIM, Clarice. *A conservação de marcas gramaticais arcaicas em manuscritos e impressos do século XVII: ortografia e nexos de coordenação nos textos seiscentistas brasileiros*. V. 1. 2007. 194 p. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ATEGORA. In: iDICIONÁRIO Aulete. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, [s.d.]. Disponível em <<http://aulete.uol.com.br/ategora>>. Acesso em 14 ago. 2013.

AUGUSTINI, Aurelii. *Confessionum – Liber XIII, caput IX*. Bruxellis: Judocum Griecq, 1679, p. 392. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=2FpymTMya9sC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=2FpymTMya9sC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 19 nov. 2013.

AUGUSTINI, Aurelii. Opera Omnia. Tomus Quartus. In: MIGNE, J.-P. *Patrologiæ Cursus Completus [...]*. Parisiis: Ex Typis J.-P. Migne, 1865, v. 37, col. 1163. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=O3DYAAAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_atb#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=O3DYAAAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_atb#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 21 nov. 2013.

AUGUSTINI, S. Aurelii. Tractatus CXXI in Ioannis Evangelium. In: MIGNE, J.- P. *Patrologiæ Cursus Completus [...]* Tomus 35. Parisiis: Ex Typis J.-P. Migne, 1864, col. 1955. <[http://books.google.com.br/books?id=hW\\_YAAAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=hW_YAAAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 18 nov. 2013.

AUGUSTINUS, S. Aurelii. Opera Omnia. Tomus Tertius. In: MIGNE, J.- P. *Patrologiæ Cursus Completus [...]*. Series Latina. Parisiis: Ex Typis, J.-P. Migne, 1864, v. 35, cols. 1784-1787. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=hW\\_YAAAAMAAJ&redir\\_esc=y](http://books.google.com.br/books?id=hW_YAAAAMAAJ&redir_esc=y)>. Acesso em 01 nov. 2013.

AUGUSTINI, S. Aurelii. In Ioannis Evangelium. Tractatus XLIV, caput IX. In: MIGNE, J.-P. *Patrologiæ Cursus Completus [...]*. Tomus XXXV [...]. Parisiis: Ex Typis Catholicis Migne, 1845, col. 1714. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=LvIQAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=LvIQAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 04 dez. 2013.

AUGUSTINI, Aurelii S. In Ioannis Evangelium, Tractatus CXXIV [tract. 74, cap. 5]. In: MIGNE, J. -P. *Patrologiæ Cursus Completus [...]*. Tomus XXXV. Parisiis: Ex Typis Catholicis Migne, 1845, col. 1828-1829. Disponível em <[http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/0354-0430,\\_Augustinus,\\_In\\_Evangelium\\_Joannis\\_Tractatus\\_CXXIV,\\_MLT.pdf](http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/0354-0430,_Augustinus,_In_Evangelium_Joannis_Tractatus_CXXIV,_MLT.pdf)>. Acesso em 13 nov. 2013.

AUGUSTINI, S. Aurelii; *Operum supplementum I, continens sermones ineditos extractos ex Archivio Montis-Cassini et ex Bibliotheca Laurentiana-Medicea Florentiae. Opera et studio D.A.B. Caillau necnon et D. B. Saint-Yves*. Parisiis: Parent-Desbarres, 1836, p. 232. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=tuD6jApTDG8C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=tuD6jApTDG8C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 05 dez. 2013.

ÁVILA, Affonso (org.). *Barroco*. Edição do 7º Festival de Inverno. V. 5. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1973.

ÁVILA, Affonso (org.). *Barroco: teoria e análise*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Companhia Mineira de Metalurgia e Mineração, 1997.

ÁVILA, Affonso. *Resíduos Seiscentistas em Minas: textos do século de ouro e as projeções do mundo barroco*. 2. ed., rev. e atual.. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais; Arquivo Público Mineiro, 2006. 2 v.

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. *Iniciação em Crítica Textual*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Edusp, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.

BARATA, Francisco Antonio. *Estudos da lingua portugueza*. 2. ed. Lisboa: Livraria de Ferreira, Lisboa & Cia, 1872. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=LBUTAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=LBUTAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 24 mar. 2014.

BARCELLOS, Frei Boaventura de. *Theoremas predicaveis, ou especulaçoens por arte predicativa politicas, panegyricas, e moraes*. Primeira Parte. Coimbra: Officina de Luis Seco Ferreyra, MDCCXLV.

BARDI, Pietro Maria. *História da arte brasileira: pintura, escultura, arquitetura, outras artes*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

BARREIRO, Álvaro S. J. O livro da Vida de Cristo de Ludolfo da Saxônia e os Exercícios Espirituais de Inácio de Loyola. *Perspectiva Teológica*, v. 39, n. 109, p. 351-368, 2007.

BARRETTO, Ioam Franco. *Ortografia da lingva portvgveza*. Lisboa: Officina de Ioam da Costa, M.DC.LXXI.

BARROS, João de; . *Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja: 1539; ou gramática da língua portuguesa*. Edição crítica, leitura modernizada e reprodução fac-similar. Apresentação, edição e organização de Gabriel Antunes de Araújo. São Paulo: Humanitas / Paulistana, 2008.

BARROS, João de. *Grammatica da Lingua Portuguesa*. Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigiũ, Typographum, M.D.XL.

BARTHES, Roland. *Linguística e Literatura*. In: \_\_\_\_\_ *et al. Linguística e Literatura*. Tradução de Isabel Gonçalves e Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1976, p. 9-19.

BATALHA DE LEPANTO. In: INFOPÉDIA. Porto: Porto Editora, 2003-2013. Disponível em <[http://www.infopedia.pt/\\$batalha-de-lepanto](http://www.infopedia.pt/$batalha-de-lepanto)>. Acesso em 10 ago. 2013.

BATARIA. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Porto: Lello Editores; Priberam Informática S.A., 2012. Disponível em <<http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx?pal=bataria>>. Acesso em 03 set. 2013.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BELLOVACENSIS, Vincentius. *Speculum historiale*. Straatsburgo: Adolf Rusch, 1473. Disponível em <[http://dfg-viewer.de/show/?set%5Bimage%5D=1&set%5Bzoom%5D=default&set%5Bdebug%5D=0&set%5Bdouble%5D=0&set%5Bmets%5D=http%3A%2F%2Fdaten.digitale-sammlungen.de%2F~db%2Fmets%2Fbsb00035801\\_mets.xml](http://dfg-viewer.de/show/?set%5Bimage%5D=1&set%5Bzoom%5D=default&set%5Bdebug%5D=0&set%5Bdouble%5D=0&set%5Bmets%5D=http%3A%2F%2Fdaten.digitale-sammlungen.de%2F~db%2Fmets%2Fbsb00035801_mets.xml)>. Acesso em 21 mai. 2013.

BERNARDES, Manoel; CASTILHO, Antônio Feliciado (ed.). *Excerptos, seguidos de uma notícia sobre sua vida e obras*. Tomo II. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1885, p. 88. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=s7oQAAAAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=s7oQAAAAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 10 fev. 2014.

BERNARDI, Sancti. *Opera genuina*, juxta editionem monachorum sancti Benedicti. Tomus Tertius. Parisiis: Gauthier Fratrem et soc., Bibliopolas, 1835.

BERNARDI, Abbatis Primi Clarævallensis. In Epiphania Domini, Sermo I. In: *Opera genuina* [...]. Volumen Secundum. Venetiis: Angelum Pasinellum, 1726, col. 82. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books?id=ZROcdV1oE80C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=ZROcdV1oE80C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 22 jan. 2014.

BERNARDIS, S. *Opera Omnia. Genuina Sancti Doctoris Opera. Quatuor prioribus tomis complectens*. Volumen I. Parisiis: Petri Aubouyn, Petri Emeri, Caroli Clouser, 1690, col. 882. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=LTIXPFHmbrQC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=LTIXPFHmbrQC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 20 nov. 2013.

BERNARDINI SENENSIS, Sancti. *De exaltatione B. Virginis in Gloria, Serm. XIII*, art. II, cap. II. In: \_\_\_\_\_. *Opera omnia* [...]. Tomus quartus. Lvgdvni [Lyon]: Sumptibus Iohannis Antonii Huguetan & Marcii Antonii Rauaud, 1650, p. 136. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=oYwF\\_SmrjUC&printsec=frontcover&vq=exaltatione&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=oYwF_SmrjUC&printsec=frontcover&vq=exaltatione&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 29 jul. 2013.

BERTI, Giovanni Lorenzo; FRAJ, Giordano. *Compendio de la Historia Ecclesiastica*. Tomo III. Madrid: Imprenta de la viuda de Ibarra, hijos e compañía, 1787, p. 271. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=2MQVjvGgI-0C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=2MQVjvGgI-0C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 07 dez. 2013.

BÍBLIA, Tradução Ecumênica – TEB. São Paulo: Loyola, 1994.

BÍBLIA Sagrada. Tradução e notas de Padre Matos Soares. 42 ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

BIBLIA Sacra, [...] Vatabli [...]. Latina interpretatio duplex est: altera vetus, altera nova. Editio postrema multò quàm antehac emendatior et auctior. Tomus II. Parisiis: Sumptibus Societatis, 1745, p. 201. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=HJa23EyY0SwC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=HJa23EyY0SwC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 11 jan. 2014.

BIBLIA sacra Vulgatæ editionis. Lugduni: sumptibus Antonii Laurens, M.DC.LXXV. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=PIxDAAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=PIxDAAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 08 fev. 2014.

BIBLIA SACRA. Vulgatæ Editionis. Sixti V. Pont. Max. Ívssv. recognita atque edita. Antverpiæ: Ex Officina Plantiniana Apud Ioannem Moretum, M.DC.V.

BIBLIA SACRA [Bibliorum sacrorum tomus secundus cum duplici translatione. Vatabli Scholia]. Salmanticæ: Officina Ildefonsi à Terranova & Neyla, M.D.LXXXV. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=W2KBJAW9CQC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=W2KBJAW9CQC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 07 dez. 2013.

BLECUA, Alberto. *Manual de Crítica Textual*. Madrid: Castalia, 2001.

BLEIBERG, G; IHRIE, M; PÉREZ, J. *Dictionary of the Literature of the Iberian Peninsula*. Westport, Conn.: Greenwood Publishing Group, 1993, v. 1, p. 571-572

BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario portuguez e latino* [...]. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu; Lisboa Occidental: Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1721 - 8 v.

BLUTEAU, Rafael. *Primicias Evangelicas, do Padre D. Rafael Blvteav*. Lisboa: Officina de Joam da Costa, M.DC.LXXVI.

BLUTEAU, Rafael. *Suplemento ao Vocabulario portuguez e latino*. Lisboa Occidental: Officina de Joseph Antonio da Sylva; Patriarcal Officina da Musica, M.DCC.XXVII-M.DCC.XXVIII. 2v.

BLUTEAU, Rafael; MORAES SILVA, Antonio de. *Diccionario da Lingua Portugueza*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, M.DCC.LXXXIX. 2v.

BOLÉO, Manuel de Paiva. *O perfeito e o pretérito em português*. Coimbra: Biblioteca da Universidade, 1937.

BONAVENTURA, [pseudo]\*\* S. *Stimulus Diuini Amoris*. Ed. Jean Quentin. Paris: Georg Mittelhus, 1490. Disponível em

---

\*\* Henricus de Balma (?).

<<http://ia600805.us.archive.org/23/items/OEXV383/OEXV383.pdf>>. Acesso em 30 mai. 2012.

BONAVENTURA, S. *Vitæ Christi*. [S. l.]: Johanne Petit, 1511. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=5gg8AAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=5gg8AAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 05 nov. 2013.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 40. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

BRAATEN, Carl E; JENSON, Robert W. (ed.) *et al. Dogmática Cristã*. Volume 2. 2 ed. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2007, p. 209, 211, 249.

BRAGA, Teófilo. *História da Litteratura Portuguesa – III: Os Seiscentistas*. Porto: Livraria Chardron, 1916.

BRIGITTA, Sancta. Caput decimum sextum. Qualiter Christus est flagellatus mortique adiudicatus. In: [S.n.]. *Revelationes Selectæ S. Birgittæ († 1373)*. Coloniae, Bonnæ et Bruxellis: J. M. Heberle, 1851, p. 159. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=131KAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=131KAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 29 nov. 2013.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. *Babel ou a ruptura do signo*. A gramática e os gramáticos do séc. XVI. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. *História da Literatura*. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994.

CALMON, Pedro *História da Literatura Bahiana*. Salvador: Prefeitura Municipal de Salvador, 1949.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *História da Lingüística*. 4ª ed. Petrópolis : Vozes, 1986.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática referente à língua portuguesa*. 2. ed. refundida. Rio de Janeiro; São Paulo: J. Ozon Editor, 1964.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à Crítica Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMBRAIA, César Nardelli; MIRANDA, José Américo (orgs.). *Crítica Textual: reflexões & práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos de Crítica Textual / Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

CAMOËS, Luis de. *Os Lysidas*. Lisboa: Antonio Gonçalvez impressor, 1572.

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. 4. ed. São Paulo: Martins, [1971].

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CÂNDIDO, Antônio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira: das origens ao Romantismo*. 8. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: DIFEL, 1977.

CANTEL, Raymond. La Retórica Sagrada ou Arte de Pregar novamente Descoberta entre Outros Fragmentos Literários do Grande P. Antônio Vieira. Separata de *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, Lisboa, [s.n.], 3 série, n. 13, p. 1-21, 1971.

CANTEL, Raymond. *Les sermons de Vieira: étude du style*. Paris: Ediciones Hispano-americanas, 1959.

CARDEIRA, Esperança. *Entre o português antigo e o português clássico*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

CARMELITANO, P. N. N. *Bibliotheca Carmelitico-lusitana, Historica, Critica, Cronologica*. Romæ: Excudebat Joannes Generosus Salomonius, 1754. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=W8PJVIq49OsC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=W8PJVIq49OsC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 04 nov. 2013.

CARTHAGENA, Fr. Ioanne de. De Sacris Arcanis Deiparæ Virginis in Sacerrimo eius Rosario Latentibus. In \_\_\_\_\_. *Homiliæ Catholicæ* [...]. Tomvs qvartvs, liber decimussextus. Roma: Excudebat. Iacobus Mascardi, 1616. Disponível em <<http://books.google.com.br/books?id=Jm3mhgbWgMC&num=9&hl=pt-BR>>. Acesso em 11 ago. 2013.

CARVALHO, Dolores Garcia; NASCIMENTO, Manoel. *Gramática histórica para o 2º grau a vestibulares*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1972.

CARVALHO, D. Hjeronymo Ribeiro de. *Sermam das soledades da Mãe de Deos*. Coimbra: Officina de Thome Carvalho, 1671.

CARVALHO, Maria do Socorro Fernandes. *Poesia de agudeza em Portugal: estudo retórico da poesia lírica e satírica escrita em Portugal no séc. XVII*. São Paulo: Humanitas; Edusp; Fapesp, 2007, p. 61-62.

CARVALHO E SILVA, Maximiliano de. Crítica Textual: conceito – objeto – finalidade. *Confluência*, n. 7, Rio de Janeiro, 1º sem. de 1994.

CASSIODORI SENATORIS, Magni Aurelii. Opera Omnia. In. MIGNE, J.-P., *Patrologiae cursus completus* [...]. Tomo LXIX. Parisii: Ex Typis Migne, 1848. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=uiJk6SoJTBYC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=uiJk6SoJTBYC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 25 mar. 2014.

CASTELLO, José Aderaldo. *A Literatura Brasileira I: manifestações literárias da era colonial (1500-1808/1836)*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

CASTRO, Aníbal Pinto de. *Retórica e teorização literária em Portugal: do Humanismo ao Neoclassicismo*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2008.

CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês (org.), *Razões e emoção*. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus. V. 2. Lisboa, Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2003.

CASTRO Ivo *et all.* *A demanda da ortografia portuguesa: comentário ao Acordo Ortográfico de 1986 e subsídios para a compreensão da questão que se lhe seguiu*. Lisboa: Ed. João Sá da Costa, 1987.

CATAL’GUS Authorum Famosiorum Festivitatũ per annũ occurrentiũ ordine digestus, Prædicatoribus perutilis. Manuscrito cota 920. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1766.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Conversações com Jean Lebrun. Tradução de Reginaldo Carmello Correa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial/ Editora Unesp, 1998.

CHEVALIER, Jean et al. *Dicionário de símbolos*. 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

CHIAMPI, Irleamar. *Barroco e modernidade*. São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 1998.

CHRYSOLOGI, S. Petri. Sermo CVIII. In: Migne, J.-P. *Patrologiæ Latinae Cursus Completus*. Series prima. V. 52. Parisiis: venit apud editorem, près la barriere d’enfer, ou Petit-Montrouge, 1846, col. 500.

CHRYSOLOGI, S. Petri. *Sermones*. Augustæ Vindelicorum [Ausburgo]: Simptibus Ignatii Adami & Franciscii Antonii Veith, 1758. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=jcqYZj308HcC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=jcqYZj308HcC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 11 nov. 2013.

CHRYSOLOGI, Petri. Sermo CXXI. In: \_\_\_\_\_. *Sermones in evangelia de dominicis et festis aliquot solemnioribus totius anni, insignes et pervetusti*. Lvgdvni: Laurentii Durand, 1627. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=3H48HUWvDtAC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=3H48HUWvDtAC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 23 nov. 2013.

CHRYSOSTOMI, Ioannis. Expositio in Psalmum VII. In: *Opera Omnia* [...] Tomus Quintus. Parisiis: Gaume Frates, 1836, p. 89. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books?id=j\\_wsAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=j_wsAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 22 jan. 2014.

CHRYSOSTOMIS, Johannis. Homilia XLV in Johannem. In: MIGNE, J.-P. *Patrologiæ Cursus Completus* [...]. Series Græca. Tomus LIX. Parisiis: J.-P. MIGNE, 1862, col. 260. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=z09JD5utn\\_4C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=true](http://books.google.com.br/books?id=z09JD5utn_4C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=true)>. Acesso em 07 dez. 2013.

CHRYSOSTOMUS, Ioannes. De Patientia, et quo mortui non amare lugendi sint. In: MIGNE, J.-P. *Patrologiæ Cursus Completus* [...]. Series Græca [...]. Tomus IX. Parisiis: J.-P. Migne, 1862, col. 723-736. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=QN405agyiSoC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=QN405agyiSoC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 04 dez. 2013.

CICERO, Marcus Tullius. *De officiis*. Liber III, [I]. New York: Harper & Brothers, Publishers, 1859, p. 94. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=pSfKhvO-QJ0C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=pSfKhvO-QJ0C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 05 mar. 2012.

CICERO, Marcus Tullius. *De Republica*. Liber I, [XVII]. Romæ: Typis S. Consilii Prop. Fidei, M.DCCC.XLI., p. 32. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=bHVJAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=bHVJAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 05 mai. 2012.

CINTRA, Luis F. Lindley; CUNHA, Celso. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

CIRILLUS ALEXANDRINUS. Comentarius in Lucam [c. XX]. In: MIGNE, J. P. *Patrologiæ Græca*. V. 72, t. V. Parisiis: Ex. Typis J. P. Migne, 1864, col. 882-894. Disponível em <[http://books.google.pt/books?id=1W2B6-N\\_yv0C&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false](http://books.google.pt/books?id=1W2B6-N_yv0C&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false)>. Acesso: 20 ago. 2013.

CLEMENTIS VIII, P. *Missale Romanum*. Parisiis: Dionysii de la Nouë, 1625, p. 351-352. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=hPgCSkISyNoC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=hPgCSkISyNoC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 07 nov. 2013.

CLICHTOVEUS, Judocus [Josse Clichtove]. *De mystica numerorum significatione opusculum* [...]. Parisiis: Henricum Stephanum [Henri Estienne], 1513, cap. VIII, fol. 14. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=KIbAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=KIbAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 06 dez. 2013.

CONCIENCIA, Manoel. *A mocidade desenganada, convertida, e instruida*. Parte V. Lisboa: Offic. de Antonio Rodrigues Galhardo, 1764, p. 84, 88, 304. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=HIydxBTqed8C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=HIydxBTqed8C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 07 dez. 2013.

COELHO, Jacinto do Prado. O aproveitamento estilístico de algumas possibilidades sintáticas do português. Separata de *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, n. 21-22, 1961.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Tradução de Cleonice P.B. Mourão. Belo Horizonte. Editora UFMG, 1996.

CONTINI, Gianfranco. *Breviario di Ecdotica*. Milão/Nápoles, Ricciardo Ricciardi Editore, 1986 *apud* MARQUILHAS, R. *O preço da ilegibilidade*. Boullón Agrelo, A. I.(ed.), *Novi te ex nomine. Estudos filológicos oferecidos ao Prof. Dr. Dieter Kremer*. La Corunha, Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2004, p. 721-747.

CORREIA, João. *Reflexos filológicos dos sinais gráficos e do seu aprendizado*. Lisboa: Imprensa da Universidade, 1933 (Biblioteca de Altos Estudos).

COSTA E SILVA, José Maria da. *Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portuguezes*. Tomo IX. Lisboa: Editor João Pedro da Costa; Imprensa Silviana, 1855, p. 199-215.

COUTINHO, Afrânio. *Do barroco: ensaios*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

COUTINHO, Afrânio. *O Processo da descolonização literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

COUTINHO, Afrânio. *Crítica e poética*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

COUTINHO, Afrânio (org). *Caminhos do pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Ed. Americana Prolivro, 1974. 2 v.

COUTINHO, Afrânio. Definição e caracteres da Literatura Brasileira. In: *Introdução à literatura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1966.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1967.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, Celso Ferreira; PEREIRA, Cilene da Cunha. *Sob a pele das palavras: dispersos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

CUNHA, Celso. Valor das grafias –eu e –eo do século XIII ao século XVI. *Estudos Portugueses: homenagem a Luciana Stegagno Picchio*. Lisboa: Difel, 1991, p. 913-927 *apud* CUNHA, Celso Ferreira; PEREIRA, Cilene da Cunha. *Sob a pele das palavras: dispersos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

CUNHA, Xavier da. *Impressões deslandesianas: divulgações bibliographicas*. Lisboa: Imprensa Nacional, [1895] (1896). - 2 v.

DOUGLAS, J.D. *et al.* (Org.). *O novo dicionário da Bíblia*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1962. 2 v.

DUARTE, Lélia Parreira. *Ironia e humor na literatura*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2006.

DUPOIS, Jacques. *Introdução à Cristologia*. Tradução por Aldo Vannucchi. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 128-152.

ELIA, Sílvio. *Ensaio de Filologia*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1963.

ELIGII, S. *Homiliae*. In: Migne, J.-P. *Patrologiae Latinae Cursus Completus*. Series prima. V. 87. Parisiis: venit apud editorem, près la barriere d'enfer, ou Petit-Montrouge, 1863, col. 593-654.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do Livro: da escrita ao livro eletrônico*. Coimbra: Almedina, 2008.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de sinônimos e antônimos da língua portuguesa*. 9 ed. Rio de Janeiro; Porto Alegre; São Paulo: Ed. Globo, 1955.

FERNANDES, Isabel. *Literatura: a (in)disciplina na intersecção dos saberes*. Lisboa: Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de *et alii*. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl. 43. impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, José Ribeiro. *Mitos das origens rios e raízes*. Coimbra: Associação Portuguesa de Estudos Clássicos - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2008.

FERREIRA, Luiz Antônio. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2010.

FERREIRA, Nadiá Paulo. *Poesia Barroca – Antologia do século XVII em língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Ágora da Ilha, 2000, p. 55-58;

FERREIRA, Valéria Maria. *Ecce homo. Eusebio de Matos*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 1999.

FERREIRA, Valéria Maria. *Retórica das lágrimas. sermões e orações fúnebres na Bahia do século XVII*. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2007.

FEYJÓ, João de Moraes Madureyra. *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza*. Lisboa Occidental: Officina de Miguel Rodrigues, 1734.

FRANCA, Leonel. *O método pedagógico dos jesuítas: o Ratio Studiorum*. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

FREIRE, Francisco José. \*\*\* *Reflexões sobre a Língua Portuguesa*. Parte primeira. Lisboa: Tipographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1842.

FREIRE, Laudelino. *Clássicos brasileiros*. Rio de Janeiro: Revista de Língua Portuguesa, 1923.

GALILEI, Galileo. *Giornata Prima*. In: *Opere*. Volume 8°. Milano: Società Tipografica de' Classici Italiani, 1811. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=JnpKAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=JnpKAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 08 fev. 2014.

GALVÃO, Ramiz. O púlpito no Brasil. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 1922, t. 92, vol. 146.

---

\*\*\* Pseudônimo: Cândido Lusitano (1719-1773).

GANDAVO, Pero de Magalhães. *Regras que ensinam a maneira de escrever a orthographia da lingua portuguesa*. Lisboa: Officina de Antonio Gonsalvez, 1574.

GIL, Isabel Teresa Morais. Retórica e argumentação: continuidade e rupturas. *Máthesis* – Revista do Departamento de Letras da Universidade Católica Portuguesa, Viseu/Pt, n. 14, p. 69-79, 2005.

GOMES JUNIOR, Guilherme Simões. *Palavra Peregrina: o Barroco e o Pensamento sobre Artes e letras no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1998 – (Ensaio de Cultura; 16).

GREG, W. W. *Collected papers*. Ed. J. C. Maxwell. Oxford: Clarendon Press, 1966 *apud* MARQUILHAS, Rita. *Norma gráfica setecentista: do autógrafo ao impresso*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1991.

GREGORII, Papæ. *Opera Omnia* [...]. Basileæ: Frobenius Episcopus, 1550. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=ToBKAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=ToBKAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 05 nov. 2013.

GREGORII THEOLOGI, S. P. N. Archiepiscopi Constantinopolitani. *Opera quæ exstant omnia, tomus quartus*. In: MIGNE, J. P. *Patrologiæ Cursus Completus*. Series græca. V. 38. Parisiis: Ex. Typis J.P. Migne, 1862, col. 336. Disponível em [http://books.google.com.br/books?id=1bQFAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=1bQFAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). Acesso em 09 ago. 2013.

GRIECO, Agrippino. *Evolução da prosa brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

GUERRA, Gregório de Matos. *Obras poeticas de Gregorio de Mattos precedidas da vida do poeta pelo licenciado Manuel Pereira Rebello*. Tomo I. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1882.

GUERRICI, Abattis. In *Dominica Palmare – Sermo IV*. BERNARDI, Clarævallensis. *Genuina sancti doctoris opera [...] Appendix seu tomus VI S. Bernardi Abbatis Operum. Completens sermones Guerrici Abbatis Ignaciensis ejus discipuli*. Parisiis: sumptibus Petri de Launay, 1690, col. 997. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=hiJNq\\_aWLjgC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=hiJNq_aWLjgC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 24 nov. 2013.

HACQUARD, Georges. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Trad. Maria Helena Trindade Lopes. Lisboa: ed. Asa, 1996.

HANSEN, João Adolfo. *A alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Hedra; Capinas: Editora Unicamp, 2006.

HANSEN, João Adolfo. Letras coloniais e historiografia literária. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 18, p. 13-44, 2006.

HANSEN, João Adolfo. Agudezas seiscentistas. *Floema Especial* – caderno de teoria e história literária, Vitória da Conquista/BA, ano II, n. 2<sup>a</sup>, p. 85-109, out. 2006.

HANSEN, João Adolfo. *A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: Editora Unicamp, 2004.

HANSEN, João Adolfo. Barroco, neobarroco e outras ruínas. *Tereza* – revista de Literatura Brasileira. São Paulo: Editora 34, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade da USP, n. 2, p. 10-67, 2001.

HANSEN, João Adolfo. Retórica da agudeza. *Letras Clássicas*, São Paulo, n. 4, p. 317-342, 2000.

HANSEN, J. A. Práticas Letradas seiscentistas. *Discurso* – Revista do Departamento de Filosofia da USP, São Paulo, n. 25, p. 153-183, 1995.

HATHERLY, Ana. *O ladrão cristalino: aspectos do imaginário barroco*. Lisboa: Cosmos, 1997, p. 112-113.

HATZFELD, Helmut. *Estudios sobre el Barroco*. 2. edición. Madrid: Editorial Gredos S.A., 1966 (Biblioteca Románica Hispánica).

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Tradução de J.A.A. Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1991.

HEUSER, Antonius. *Revelationes Selectæ S. Birgittæ* (†1373). Textum ad fidem codd. mss. cognovit. Colonæ, Bonæ et Bruxellis: J. M. Herbele, 1851, p. 133. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=mrs8AAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=mrs8AAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 15 nov. 2013.

HIERONYMI, S. Commentaria in Evangelium Sancti Mattæi ad Eusebium, ad usum studiosæ juventutis adnotata. Tomus secundus – Quintanorum. Liber quartus. In: GAUME (direct.). *Bibliothèque des classiques chrétiens latins et grecs*. Paris: Gaume Freres, Libraires, 1854.

HILARII, S. Commentarius in Evangelium Matthæi. In: *MIGNE, J.-P. Patrologia Cursus Completus* [...]. Tomus IX. Parisiis: Excudebat Vrayet, 1844, col. 1068. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=cAQRAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=cAQRAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 20 nov. 2013.

HILARII, S. Commentarius in Matthæum, caput XXVII. In: \_\_\_\_\_. *Opera ad manuscriptorum codices gallicanos, romanos, belgicos* [...]. Studio et labore monachorum ordinis S. Benedicti e congregatione S. Mauri. Parisiis: Franciscus Muguet, 1693, col. 735. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=NRuJ7DIJLPAC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=NRuJ7DIJLPAC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 06 dez. 2013.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de literatura colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 4 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1962.
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Manoel Odorico Mendes. 3 ed. São Paulo: Atena, 1960.
- HOUAISS, Antônio *et al.*. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- HOUAISS, Antônio. *Elementos de bibliologia*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1967. 2v.
- HOUAISS, Antônio. *O português no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan, 1992.
- HUGONIS DE SANCTO CHARO. *Prædicatorum in Evangelia secundum Matthæum, Lucam, Marcum & Ioannem*. Tomus VI. Lvgdvni: Ioannes Antonii Huguetan et Guillielmi Barbier, 1669, p. 271. Disponível em <<http://books.google.pt/books?id=iWFCAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em 20 ago. 2013.
- HUMOR. In: CABRAL, Álvaro, NICK, Eva. *Dicionário técnico de Psicologia*. 14a ed. rev. ampl. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 156.
- ISIDORI, S. Opera Omnia, tomus quintus. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Cursus Completus [...] Series Latina [...]*. Parisiis: J.-P. Migne, 1862, v. 83, col. 244. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=nCE7AQAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=nCE7AQAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 05 nov. 2013.
- IVGLARIS, Aloysii. *Elogiorvm*. Pars prima et secunda. Mediolani: Typis Iosephi Marelli, M.DC.LXVIII, p. 175-177. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=ZExAAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=ZExAAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 27 nov. 2013.
- JACCQUEMARD, Simonne. *Pitágoras e a harmonia das esferas*. Rio de Janeiro: Record/Difel, 2006.
- JOSEFO, Flávio. Antiguidades judaicas. In: \_\_\_\_\_ *História dos hebreus*. Tradução de Vicente Pedroso. 8 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004, c. 17.
- JUSTINIANI, Laurentii. *Opera Omnia*. Lvgdvni: Sumptibus Michaëlis Chevalier, 1628.
- JUSTINIANUS. Digestorum Seu Pandectarum, Liber Primus. In: FREIESLEBEN, Cristoph Heinrich. *Corpus Iuris Civilis Academicum*. Tomus I. Coloniae Munatianaë [Basileia]: Sumptibus Emmanuelis Thurnisii, 1748, col. 127. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books?id=DGpEAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=DGpEAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 12 nov. 2013.
- KOPKE, Carlos Burlamáqui. A oratória sacra. In: COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986, v. 2, p. 166.

KOTHE, Flávio R. *A alegoria*. São Paulo: Ática, 1986.

LAPIDE, Cornelius a. *Commentaria in Jeremiam Prophetam, Threnos et Baruch*. Antuerpiæ: Martinum Nutium, et Fratres, 1621. Disponível em <<http://books.google.pt/books?id=ARpEAAAACAAJ&hl=pt-PT>>. Acesso em 20 ago. 2013.

LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de Retórica Literária*. Tradução de R.M. Rosado Fernandes. 6 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

LEÃO XIII, P. *Carta encíclica Supremi Apostolatus Officio*. Roma: [s. ed.], 1883. Disponível em <[http://www.vatican.va/holy\\_father/leo\\_xiii/encyclicals/documents/hf\\_l-xiii\\_enc\\_01091883\\_supremi-apostolatus-officio\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_01091883_supremi-apostolatus-officio_po.html)>. Acesso em 10 ago. 2013.

LEÃO, Duarte Nunes do. *Origem, e orthographia da lingoa portugueza*. Nova edição Correcta, e emmendada, conforme a de 1784. Lisboa: Typographia do Panorama, 1864.

LEITE, Serafim Soares. *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil (1549-1760)*. Lisboa: Brotéria, 1953.

LEITE, Serafim Soares. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1938-50. 10 v.

LEITE, Serafim. Pintores jesuítas no Brasil. In: *Archivum Historicum Societatis Jesu, extratum e v. XX*. Roma: Tip. Editrice Michele Pisani, 1951.

LEOINDELICATO Egidio; ANGELO, Estevam de S. *Jardim Carmelitano, Historia Chronologica, e Geographica* [...]. Primeira parte. Lisboa Occidental: Regia Officina Sylviana e da Academia Real, 1741. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=yK0gb-uG2YcC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=yK0gb-uG2YcC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 06 dez. 2013.

LEOINDELICATO Egidio; ANGELO, Estevam de S. Vida de S. Maria Magdalena de Pazzi. In: *Jardim Carmelitano, Historia Chronologica, e Geographica* [...]. Terceira parte, tomo 2. Lisboa Occidental: Regia Officina Sylviana e da Academia Real, 1741, p. 495-521. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=C3dPAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=C3dPAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 06 dez. 2013.

LIÃO, Dvarte Nvnnes de. *Origem da lingoa portvgvesa*. Lisboa: Impresso por Pedro Crasbeeck, MDCVI.

LOIS, Élida. Edições críticas. In: SOUZA, Eneida Maria; MIRANDA, Wander Melo (orgs.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 78-88.

LOPES, Hélio. Oratória sacra no Brasil. In: *Letras de Minas e outros ensaios*. Seleção e apresentação de Alfredo Bosi. São Paulo: Edusp, 1997 – (Ensaio de Cultura; 9).

LOSE, Alcía Duhá, NUNES, Marília Andrade. Edição dos Sermões de Dom Frei Domingos da Transfiguração Machado, do Mosteiro de São Bento da Bahia. *SOLETRAS* - Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ, São Gonçalo, ano X, n. 20, p. 65-75,

jul./dez. 2010. Suplemento. Disponível em <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/issue/view/357>>. Acesso em 27 set. 2012.

LOSE, Alícia Duhá *et al.* *Dietário (1582-1815) do Mosteiro de São Bento da Bahia*: edição diplomática. Salvador: Edufba, 2009.

LUDOLPHI DE SAXONIA, R. P. *Vita D. N. Jesu Christi*. Pars. II, c. LX. Augustæ Vindelicorum [Ausburgo]: Simptibus Martini Happach & Franc. Xav. Schluter, 1729, p. 593. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=-EtKAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=-EtKAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 12 nov. 2013).

LYRA, Nicolas de. *Postilla litteralis in Biblia, pars IV*. Bibliothèque nationale de France, Département des manuscrits, Latin 463. Disponível em <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b90809953.r=.langPT>>. Acesso em 07 dez. 2013.

LYRÆ, Hadriani, R.P. *De imitatione Jesu patientis, sive de morte et vita in Christo Jesu patiente abscondita in carne vero nostra mortali ad similitudinem ejus exprimenda*. Libri septem. [S.l.]: Antuerpiæ: Iacobum Meursium, M.DC.LV, p. 158. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=Q\\_oiyUoDfhoC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=Q_oiyUoDfhoC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 25 mar. 2014.

MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana*. Tomo 1. Lisboa Occidental: Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, M.DCC.XXXXI, p. 766.

MACROBII, Avr. Theodosii. *Opera*. Lvgdvni Batavorvm: Ioannis Maire, 1628. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=\\_qSv0cIxP1wC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=_qSv0cIxP1wC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 27 nov. 2013.

MAGNI, S. Leonis. Sermo LXI – De Passioni Domini X. In: \_\_\_\_\_. *Sermonis*. Romæ: Typis S. Congregationis de Propaganda Fide, 1849, p. 270. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/60354861/Ed-anon-Sancti-Leonis-Magni-Sermones-1849>>. Acesso em 05 dez. 2013.

MANGENOT, E. *Dictionnaire de Théologie Catholique*, s. v. Paris: Letouzey et Ané, 1903, t.1, v.1, cols. 921-923.

MARQUILHAS, Rita. Filologia oitocentista e crítica textual. In: ALVES, Fernanda Mota *et al.* (orgs.). *Filologia, Memória e Esquecimento*. Act. 20. Lisboa: Húmus, 2010, p. 355-367.

MARQUILHAS, Rita. O preço da ilegibilidade. In: BOULLÓN AGRELO, A. I.(ed.), *Novi te ex nomine. Estudos filológicos oferecidos ao Prof. Dr. Dieter Kremer*. La Corunha: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2004, p. 721-747.

MARQUILHAS, Rita. *A faculdade das letras: leitura e escrita em Portugal no séc. XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000.

MARQUILHAS, Rita. Mudança analógica e elevação das vogais pretónicas. In: CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês (org.), *Razões e emoção*. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus. V. 2. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003, p. 7-18.

MARQUILHAS, Rita. Textos portugueses do passado. *Máthesis* – Revista do Departamento de Letras da Universidade Católica Portuguesa, Viseu/Pt, Viseu, n. 9, p. 25-35, 2000.

MARQUILHAS, Rita. A importância de fontes judiciais no conhecimento do português seiscentista. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 19, p. 163-178, 1997.

MARQUILHAS, Rita. *Norma gráfica setecentista: do autógrafo ao impresso*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1991.

MARQUILHAS, RITA. O acento, o hífen e as consoantes mudas nas Ortografias antigas portuguesas. In: CASTRO, I. *et al.* (orgs.), *A Demanda da Ortografia Portuguesa*. Lisboa: João Sá da Costa, 1987, p. 103-116.

MASSIMI, Marina. A pregação no Brasil colonial. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 21, n. 34, p. 417-436, jul. 2005.

MASSIMI, Marina. Conhecimento e dinamismo psíquico em dois sermões no Brasil colonial. *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília, vol. 21, n. 1, p. 61-67, jan.–abril 2005.

MASSIMI, Marina. Imagens, dinamismo sensorial e elaborações retóricas no Brasil colonial. *Interamerican Journal of Psychology*, [s.l.], v. 3, 2009, p. 374-382.

MASSIMI, Marina. *Palavras, almas e corpos no Brasil colonial*. São Paulo: Loyola, 2005.

MASSIMI, Marina. Sermões quaresmais e conhecimento de si mesmo. *Interações*, São Paulo, v. XI, p. 97-120, 2006.

MATEUS, Maria Helena Mira Mateus. *A face exposta da língua portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002.

MATOS, Eusébio de. *A paixão de Cristo, Senhor nosso: desde a instituição do Sacramento na ceia até a lastimosa soledade de Maria Santíssima*. Apresentação e notas de José Américo Miranda; apuração do texto, José Américo Miranda e Nilton de Paiva Pinto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

MATOS, Eusébio de. *Sermão de S. Francisco Xavier*. Manuscrito cód. CX/1-15. Évora: Biblioteca Pública de Évora, [s.d.]..

MATOS, Eusébio de. *Retrato de hũa Dama*. Manuscrito cota 575. Porto. Biblioteca Pública Municipal do Porto, [s.d]. Autoria discutível.

MATOS, Gregório de. A cidade e seus pícaros. In: AMADO, James (org.). *Crônica do viver baiano seiscentista*. Volume V. Salvador: Janaína, 1969.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MAZZA, José. *Dicionário biográfico de músicos portugueses*. Lisboa: Império, 1944-1945.

MEIRINHOS, José. Editores, livros e leitores em Portugal no séc. XVI. A coleção de impressos portugueses da BPMP. In: *Tipografia portuguesa do séc. XVI nas coleções da Biblioteca Pública Municipal do Porto*. Porto: Câmara Municipal, 2006.

MELLO, Guilherme de. *A música no Brasil: desde os tempos coloniais até o primeiro decênio da República*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947.

MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. 2. ed. melhorada e aumentada. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

MENAGII, Ægidii. Epigrama XCII. In: \_\_\_\_\_. *Poemata*. Octava Editio. Amstelædami: apud Henr. Wetstenium, (I)CLXXXVII, p. 126. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=s-Bw5iIvZ24C&printsec=frontcover&hl=pt-R&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=s-Bw5iIvZ24C&printsec=frontcover&hl=pt-R&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 22 dez. 2013.

MENDES, Margarida Vieira. *A oratória Barroca de Vieira*. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.

MENDES, Margarida Vieira; MIRANDA, J. Costa; PIRES, Maria Lucília. *Vieira escritor*. Lisboa: Cosmos, 1997.

MIRANDA, José Américo. Edições críticas e o “leitor comum”. In: SOUZA, Eneida Maria; MIRANDA, Wander Melo (orgs.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 89-103.

MIRANDA, José Américo. Eusébio de Matos e sua obra. In: MATOS, Eusébio de. *Sermão do mandato*. Apresentação de José Américo Miranda; edição e notas de José Américo Miranda e Maria Cecília Boechat Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1999, p. 09-28.

MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira I: Origens, Barroco, Arcadismo*. V. 1. São Paulo: Cultrix, 1985.

MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. 20. ed. rev. e aum. São Paulo: Cultrix, 2000.

MORAES SILVA, Antonio de. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. 3 ed. Tomo 1. Lisboa: Typographia de M. P. de Lacerda, 1823.

MORAES SILVA, Antonio de. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. 4 ed. Tomo 2. Lisboa: Impressão Regia, 1831.

MORAES, Euzébio Vilhena de. Qual a influência dos jesuítas nas nossas letras? In: Memória apresentada ao 1º CONGRESSO DE HISTÓRIA NACIONAL, 1, 1914, Rio de Janeiro. *Memória [...]*. Rio de Janeiro: Typografia Revista dos Tribunais, 1914.

MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil Colonial*. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2006.

MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz*. 4 ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros; Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia brasileira do período colonial: catálogo comentado das obras de autores nascidos no Brasil e publicadas antes de 1808*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros - IEB, 1969.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador (org.). *Retóricas de ontem e de hoje*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2001.

MOTTA, Arthur. *História da Literatura Brasileira*. V. 1. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1930.

MUHANA, Adma. *Novas edições deixam a desejar*. O Globo, Rio de Janeiro, 16 ago. 2008. p. 4.

MUHANA, Adma; ANTÔNIO, M. J.. *A cultura do Barroco*. Cult, São Paulo, n. 13, p. 52-53, maio de 1998.

NATIVIDADE, Frei Francisco da; SANTA THERESA, Frei Roque. *Licenças da Ordem*. In: MATTOS, Eusebio de. *Sermoens*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1694.

NAZIANZENUS, Gregorius. *Funebris oratio em laudem Basilii Magni Caesareae in Cappadocia episcopi*. In: MIGNE, J.-P. *Patrologiae Cursus Completus*. Series Graeca. V. 36. Paris: Petit-Montrouge Excudebatur et venit apud J.P. Migne editorem, 1858, col. 499.

NETO, Serafim da Silva. *Manual de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1977.

NUNES, José Joaquim. Anotações. In: MATOS, Eusébio de. *Ecce Homo. Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: v. XI, ago. 1923. p. 77-108..

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia*. 3 ed. Livraria Clássica Editora, 1945.

OLIVEIRA, Fernão de. *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Lisboa: Germão Galharde, 1536.

ORLANDI, Eni Puccineli. O discurso religioso. In: \_\_\_\_\_. *A linguagem e seu funcionamento*. 4 ed. Campinas, SP: Pontes editores, 2006, p. 239-262.

OSAN, Joseph Maregelo.\*\*\*\* *Eccos que o clarim da fama dá: Postilhão de Apollo*. Ecco I. Lisboa: Oficina de Francisco Borges de Souza, MDCCLXI.

OVIDII N., Publii. *Metamorphoseon*. Libri XV. 2 ed. Londini: Daniel Crespini; J. Nicholson; John Sprint; Daniel Midwinter; T. Childe; M. Atkins; J. Hartley, M.DCC.VIII. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=dD9FfuXQoNMC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=dD9FfuXQoNMC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)> Acesso em 24 mar. 2014.

PACHECO, Victorino. *Martyrológio Romano* [...]. Lisboa: Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1748.

---

\*\*\*\* Pseudônimo anagramático de José Angelo de Moraes.

PANTALEON DIACONUS, CP. *Narratio miraculorum Michaelis Archangeli*. In: MIGNE, J.-P. *Patrologiæ Cursus Completus* [...]. Series Græcæ. Parisiis: Garnier Fratres Editores et J.-P. Migne Successores, 1887. v. 140, col. 483-592. Disponível em <[http://www.documenta catholicaomnia.eu/20vs/103\\_migne\\_pg\\_g/1815-1875,\\_Migne,\\_PG\\_140\\_\(02-00\)\\_Nicatae\\_Coniatae\\_et\\_Georgii\\_Acropolitae\\_Annales\\_et\\_Aliorum\\_Opera\\_Omnia,\\_GM.pdf](http://www.documenta catholicaomnia.eu/20vs/103_migne_pg_g/1815-1875,_Migne,_PG_140_(02-00)_Nicatae_Coniatae_et_Georgii_Acropolitae_Annales_et_Aliorum_Opera_Omnia,_GM.pdf)>. Acesso em 05 nov. 2013.

PARACISMO. In: *iDicionário Aulete*. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2013. Disponível em <<http://aulete.uol.com.br/paracismo>>. Acesso em 15 nov. 2013.

PARKES, M. B. *Pause and effect: An Introduction to the history of punctuation in the west*. Berkeley: University of California Press, 1993 *apud* LIMA, Maria Célia Romes de. *Estudo contrastivo da pontuação em dois testemunhos de uma obra medieval espanhola*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

PAULO II, João. *Carta apostólica Rosarium Virginis Mariæ*. Vaticano: [s. ed.], 2002. Disponível em <[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/apost\\_letters/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_20021016\\_rosarium-virginis-mariae\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/documents/hf_jp-ii_apl_20021016_rosarium-virginis-mariae_po.html)>. Acesso em 11 ago. 2013.

PÊCHEUX, Michel. Metáfora e Interdiscurso. In: \_\_\_\_\_. *Análise do Discurso*: Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi – 2ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p. 151-161.

PÉCORRA, Alcir. *Máquina de gêneros*. São Paulo: Edusp., 2001.

PÉCORRA, Alcir. Para ler Os Sermões de Vieira. In: DUARTE, Lélia Parreira; ALVES, Maria Theresa Abelha (orgs.). *Padre Antônio Vieira: 400 anos depois*. 1. ed. Belo Horizonte: Editora Pucminas, 2010, v. 1, p. 22-29.

PÉCORRA, Alcir. Sermões para leitura. *Carta na Escola*, São Paulo, n. 24, p. 22-27, mar. 2008.

PÉCORRA, Alcir; HANSEN, J. A. Categorias retóricas e teológico-políticas das Letras Seiscentistas na Bahia. *Desígnio*, São Paulo, n. 5, p. 87-110, 2006.

PÉCORRA. *Teatro do Sacramento: a unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira*. São Paulo: Edusp; Campinas: EdUnicamp, 1994.

PERES, Fernando da Rocha. *Gregório de Mattos e Guerra: uma re-visão bibliográfica*. Salvador: Edições Macunaíma, 1983.

PEREYRA, Bento. *Florilegio dos modos de fallar, e adagios da lingoa portuguesa*. Lisboa: Paulo Craesbeeck, & à sua custa, 1655.

PEREYRA, Bento. *Thesouro da Lingoa Portuguesa*. Lisboa: Officina de Paulo Craesbeeck, & à sua custa, 1647.

PERVGINO, Cesare Ripa. *Iconologia*. Venetia: Cristoforo Tomasini, M DC XLV. 3 v.

PIMENTA, Vilmar de Sousa; MASSIMI, Marina. A palavra e a imagem na pregação do séc. XVII: um sermão de Antônio Vieira. *Psicologia: reflexão e crítica*, Porto Alegre, n. 20, p. 138-147, 2007.

PLINIUS CÆCILIVS SECUNDUS (CAIUS). In: A new and general BIOGRAPHICAL DICTIONARY [...]. London: [s.ed.] MDCCICV, p. 418. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=faIDAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=faIDAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 25 mar. 2014.

PLINIUS SECUNDUS, C. *Naturalis Historiæ*. Parmæ [?]: Andreas Portilia, 1481 [l. IX, c. xxxv]. Disponível em <<http://books.google.pt/books?id=JZ9sscJTtAYC&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em 10 ago. 2013.

PLINIUS SECUNDUS, G. *Historiæ naturalis*. Disponível em [http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Pliny\\_the\\_Elder/home.html](http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Pliny_the_Elder/home.html). Acesso em 10 jan. 2012.

POLASTRON, Lucien X. *Le papier: 2000 ans d'histoire et de savoir-faire*. Paris: Imprimerie Nationale Éditions, 1999, 204-205.

PONTUAL, Roberto. *Dicionário das artes plásticas no Brasil*. Apresentação de Antônio Houaiss. Textos de Mário Barata *et al.* Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1969.

PORRES, Francisco Ignacio de. *Discursos morales aprendidos en las azañas valerosas y sagradas fortunas del Iuez-Principe y Capitan General de Israel Gedeon*. Alcalá: enprenta de Maria Fernandez, 1648. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=k19r7kkuMoQC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=k19r7kkuMoQC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 24 nov. 2013.

PRAT, Frei André Maria; VERBERK, Frei Reinaldo (org.). *O Convento, a Igreja e a História dos Carmelitas da Bahia*. Salvador: Escola Gráfica Nossa Senhora de Loreto / Convento da Piedade, 1964.

QUARTI, Paolo Maria. *Tractatus Iubilæi Anni Sancti*. Francofurti: Kronigerum & Hæredes Göbelli, 1700, p. 214. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=mjxFAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=mjxFAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 19 nov. 2013.

QUERINO, Manoel Raymundo. *Artistas bahianos*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1909.

RATZINGER, Joseph (org.). *Catecismo da Igreja Católica: compêndio*. Vaticano: Liberia Editrice Vaticana, 2005. Disponível em <[http://www.vatican.va/archive/compendium\\_ccc/documents/archive\\_2005\\_compendium\\_ccc\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium_ccc_po.html)>. Acesso em 07 nov. 2013.

REIS JÚNIOR, José Maria dos. *História da Pintura no Brasil*. São Paulo: Editora "LEIA", 1944.

RIBEIRO DOS SANTOS, António. Memoria sobre as origens da typografia em Portugal no seculo XV. Tomo VIII, parte I. Lisboa: Officina da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1812. Disponível em <<http://purl.pt/237/3/#/0>>. Acesso em 19 ago. 2013.

RICHARD OF ST. VICTOR. In: The Original Catholic Encyclopedia. New York: Robert Appleton Company. 1913, v. 13, p. 45-46. Disponível em: <[http://oce.catholic.com/index.php?title=Richard\\_of\\_St.\\_Victor](http://oce.catholic.com/index.php?title=Richard_of_St._Victor)>. Acesso em 20 mai. 2013.

RICARDI A SANCTO VITORE. Opera omnia. In: MIGNE. *Patrologiæ Cursus Completus* [...]. Tomus CXCVI. Parisiis: J.-P. Migne Ed., 1855. Disponível em [http://books.google.com.br/books?id=gsM\\_AQAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=gsM_AQAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). Acesso em 27 mar. 2014.

ROMA, Francisco Morato. Do uso da Sangria. In: \_\_\_\_\_. *Luz da Medicina* [...]. Coimbra: Francisco de Oliveira, 1753, p. 93-102. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=CKHrSWAWpScC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=CKHrSWAWpScC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 09 fev. 2014.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 4. ed. V. 2. Rio de Janeiro; São Paulo: José Olympio, 1949.

RONCAGLIA, Aurelio. *Principi e Applicazione di Critica Testuale*. Roma, Bulzoni Editore, 1975

RUPERTI, Abattis Monasterii Tuitiensis. Comentariorum in Evangelium Ioannis, libri XIII. Coloniam: Frans Birckman, 1526 [Liber XIII, p. CCCXXXIII]. Disponível em <<http://books.google.com.br/books?id=wnhKAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em 29 ago. 2013.

S. LAURENTIO, Richardus de [pseudo Albertus Magnus]. *De Laudibus Mariæ*. Liber 12, particula 4, cap. 5. Argentinæ [Apúlia, Itália]: Martinũ Simiũ librariũ [Martinum Flach?], MCCCCXCIII. Disponível em <<http://books.google.pt/books?id=cSBNAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em 11 ago. 2013.

SÁ, Frei Manoel de. *Memorias historicas. Dos illustrissimos Arcebispos, Bispos e Escriutores Portuguezes da Ordem de Nossa Senhora do Carmo, reduzidas a Catalogo Alfabetico*. Lisboa Oriental: Officina Ferreyriana, MDCCXXIV.

SACRÆ LITANIÆ variæ cum brevi piaque quotidiana exercitatione. Antverpiæ: Ex. Officina Plantiniana, apud Balthasarem & Ioannem Moretos Fratres, M.DC.XVIII. Disponível em [http://books.google.com.br/books?id=jT9PAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=jT9PAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). Acesso em 27 mar. 2014.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

SALTARELLI, T. C. V. L. Agudeza e Stravaganza: diálogo oblíquo... *Per Musi*, Belo Horizonte, n.17, p. 60-63, 2008.

SANTA ANNA, Frei Joseph Pereira de. *Chronica dos Carmelitas da Antiga e Regular Observancia, Nestes Reynos de Portugal, Algarves, e seus Dominios*. Lisboa: Officina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galram, M.DCC.XLV-M.DCC.LI. 2v.

SANTA MARIA, Francisco de. *Sermoens* – Parte II. Lisboa: Officina de Manoel Lopes Ferreyra, M.DC.XC.IV.

SANTA MARIA, Frei João de. Prólogo. In: MATTOS, Eusebio de. *Sermoens*. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1694.

SANTIAGO, Diego de. *Dolores de Maria Santíssima*. Madrid: Oficina de Don Benito Cano, MDCCXC.

SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos. *Balanço cultural dos jesuítas no Brasil (1549-1760)*. Separata de: *Brasília*, Coimbra, v. IX, 1955, p. 1-55.

SANTOS, Gilson José dos. “*Sermão do dia de cinza*” do padre Antônio de Sá: edição e estudo crítico. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

SANTOS, Gilson José dos. “*Sermões vários*” do padre Antônio de Sá (Rio de Janeiro: 1620-1678 ). 2011. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

SARRE, Joseph Antonio. *Sermaõ da Soledade da Senhora*. Lisboa: Officina de Manoel Coelho Amado, M.DCC.LVIII.

SCHMIER, Benedict. *Sacra Theologia Scholastico-Polemico-Practica*. Tomis III – comprehensa. Augustæ Vindelicorum [Ausburgo]: Strötter, Gastel & Ilger, 1737, p. 172. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=ptZWAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=ptZWAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 27 nov. 2013.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. *Princípios do sistema alfabético do português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2003.

SENECA, Tommaso Camerino [1390-1472]. *Historia Bononiensis* [...]. Ed. József Fögel. Leipzig: B.G. Teubner, 1932. Disponível em <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:2011.01.0240>>. Acesso em 11 ago. 2013.

SENENSIS, S. Bernardini. Sermones pro festivitibus Sanctissimæ et Immaculatæ Virginis Mariæ: Sermo XIII, de exaltatione B. Virginis in gloria, art. II, cap. II. In: \_\_\_\_\_. *Opera Omnia*. Tomus Quartus. Lvgdvni: Sumptibus Iohannis Antonii Huguetan & Marcii Antonii Rauaud, M.DC.L, p. 136. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=0kFKAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=0kFKAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 29 jul. 2013.

SERRÃO, Victor. A linguagem da pintura proto-barroca e a arte da parenética na obra do Padre Antônio Vieira. *Oceanos*, Lisboa, n. 30-31, p. 202-214, abr./set., 1997.

SILVA, Joaquim Norberto de Souza. *Capítulos de história da Literatura Brasileira*. Edição e notas ao texto por José Américo Miranda e Maria Cecília Boechat. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SILVA NETO, Serafim da. *Ensaio de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1956.

SILVA PINTO, Luiz Maria da. *Dicionário da Língua Brasileira*. Ouro Preto: Typografia de Silva, 1832.

SOBRAL, Luís de Moura. Uma nota sobre ilusionismos e alegorias na pintura barroca de Salvador da Bahia. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 24, n. 40, p. 511-522, jul/dez 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

SOUSA, Gaspar de. *Thesouro de Pregadores*. Tomo I. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, M.DCCLXV.

SOUZA, Nazarete de. *Um estudo da ortografia da obra Os Lusíadas (1572) de Luís de Camões*. 2009. 431 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SPAGGIARI, Bárbara; PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual: história, metodologia, exercícios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SPINA, Segismundo. *História da língua portuguesa: segunda metade do século XVI e século XVII*. v. 3. São Paulo: Ática, 1987.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. São Paulo: Ars Poetica, 1994.

SPINA, Segismundo; CROLL, Morris W.. *Introdução ao Maneirismo e à prosa barroca*. São Paulo: Ática, 1990.

TEIXEIRA LEITE, José Roberto. *A pintura no Brasil holandês*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1967.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

THEODORO, Janice. *América Barroca: tema e variações*. São Paulo: Edusp; Nova Fronteira, 1992.

TODOROV, Tzvetan. *Literatura e significação*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1973.

TOSTATI, Alphonsi. *Opera Omnia*. Continens Commentaria in Liber II Regum, Tomi 6, Pars 3. Coloniae Agripinae: Ioannis Gymnici & Antonii Hieratii, 1613, p. 12. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=ZRRTAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=ZRRTAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 11 nov. 2013.

TOPA, Francisco. Efímera de um só dia: dois poemas inéditos de Eusébio de Matos. In: *Patrimônio e Memória*. UNESP-FCLAs-CEDAP, v. 7, n. 1, p. 272-284, jun. 2011.

TOPA, Francisco. *O mapa do labirinto: inventário testemunhal da poesia atribuída a Gregório de Mattos*. Rio de Janeiro: Imago, 2001. 2 v.

TOPA, Francisco. Os problemas autorais e textuais da obra atribuída a Gregório de Matos. CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FIOLOGIA, II, 1999, Rio de Janeiro. *Anais ...* Rio de Janeiro: Publicações Dialogarts, 1999, p. 347-359.

TOPA, Francisco. *Para uma edição crítica da obra do árcade brasileiro Silva Alvarenga: inventário sistemático dos textos e publicação de novas versões, dispersos e inéditos*. Porto: Edição do Autor, 1998. Disponível em <http://web.letas.up.pt/ftopa/Curriculum.htm>. Acesso em: 01 out. 2012.

TOPA, Francisco. *Quatro poetas brasileiros do período colonial: estudos sobre Gregório de Matos, Basílio da Gama, Alvarenga Peixoto e Silva Alvarenga*. Porto: Edição do Autor, 1998. Disponível em <http://web.letas.up.pt/ftopa/Curriculum.htm>. Acesso em: 01 out. 2012.

TOSTATI, Alphonsi. *Commentaria in Genesim*. Venetiis: Apud Io. Baptistam, & Io. Bernardum Sessam, Fratres, M.D.XCVI. Disponível em [http://books.google.com.br/books?id=Td5TAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=Td5TAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). Acesso em 25 mar. 2014.

TRAÇA. In: *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Porto: Lello Editores; Priberam Informática S.A., 2012. Disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx?pal=traça>. Acesso em 03 set. 2013.

TRITHEMIUS, Johannes. *Tractatus de Ortu et progressu ac [...] ordinis gloriosissimæ, Dei Genitricis, semper Virginis Mariæ de Monte Carmelo*. Coloniae Agrippinæ: Iodoci Kalckoven 1643, p. 31. Disponível em [http://books.google.com.br/books?id=JYpRAAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=JYpRAAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). Acesso em 07 dez. 2013.

VARNHAGEN, F. A. *Florilegio da Poesia Brasileira*. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1850.

VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. Biographia dos brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc. Eusébio de Mattos. *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. 2 ed. Tomo VIII. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio da Silva, 1867, p. 540-546.

VASCONCELLOS, J. P. M. de. *Selecta Brasiliense*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1868.

VASCONCELLOS-CORRÊA, Sérgio de. Música colonial brasileira. Barroco (?) brasileiro. In: TIRAPELI, Percival. *Arte sacra colonial. Barroco: história viva*. São Paulo: UNESP, 2005, p. 236-247.

VASCONCELOS, Simão. *Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil e do que*

*obraram seus filhos , n'esta parte do Novo Mundo*. 2. ed. cor. e augm. T. 1, v. 1. Lisboa: Editor A. J. Fernandes Lopes, MDCCCLXV.

VASCONCELOS, Simam. *Vida do veneravel padre Joseph de Anchieta da Companhia de Iesu, tvmatvrgo do Nouo Mundo, na Prouincia do Brasil*. Lisboa: Oficina de Ioam da Costa, M.DC.LXXII.

VENTURINI, Tommaso Niccolo. *Storia grandezze, e miracoli di Maria Vergine del Santissimo Rosario* [...]. Venezia: Battista Recurti, 1732. Disponível em <<http://books.google.pt/books?id=Cd-vhYeAcsUC&num=9&hl=pt-PT>>. Acesso em 09 ago. 2013.

VERA, Alvaro Ferreira de. *Orthographia, ov modo para escrever certo na lingua Portuguesa*. Lisboa: Mathias Rodriguez, 1631.

VERAS. In: *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Porto: Lello Editores; Priberam Informática S.A., 2012. Disponível em <<http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx?pal=veras>>. Acesso em 09 fev. 2014.

VERISSIMO, José. *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

VERNEY, Luis Antonio. \*\*\*\* *Verdadeiro metodo de estudar* [...]. Tomo primeiro. Valensa [Nápoles]: Oficina de Antonio Balle [Genaro e Vincenzo Muzio], MDCCXLVI.

VIANA, Aniceto Reis Gonçalves. *Vocabulário ortográfico e remissivo da lingua portuguesa* [...]. Paris: Aillaud, Alves & Cia; Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia, 1912.

VIEIRA, António. *Sermões*. Edição crítica. Tomo II. Lisboa: Centro de Estudos de Filosofia (CEFi); Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2010.

VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Edição crítica. Tomo I. Lisboa: Centro de Estudos de Filosofia (CEFi); Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2008.

VIEIRA, Antônio. *A arte de morrer: os sermões de Quarta-feira de Cinza de Antônio Vieira*. Concepção e organização, prefácio, notas e cotejo com a *editio princeps*, Alcir Pécora. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

VIEIRA, António. *Sermões selectos*. Lisboa: Rolland & Semiond, 1872. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=Es09AAAAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=Es09AAAAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 06 dez. 2013.

VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Quarta parte. Lisboa: Miguel Deslandes, M.DC.LXXXV. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=v8rpdY8lDs4C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=v8rpdY8lDs4C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 18 jan. 2014.

---

\*\*\*\* Esta edição foi publicada sob o pseudônimo “R. P. \*\*\* Barbadinho da Congregasam da Italia”.

VIEIRA, António. *Sermão de Santo António*. Coimbra: Imprensa da viúva de Manoel de Carvalho, 1672. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=KvtOAQAAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=KvtOAQAAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 14 nov. 2013.

VIEYRA, António. Voz apologética: Via Sacra por outra via. In: \_\_\_\_\_ *Sermões varios e tratados* [...]. Tomo XV. Lisboa: Oficina de Manoel da Sylva, M.DCC.XLVIII, p. 343-407.

VIRGILII. *Æneidos*. In \_\_\_\_\_; SCHREVELIO, Cornelio (ed.). [*Opera*]. Lvgdvni Batavorvm: Ex officina Abrahami Commelini, (I)CXLVI. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=hcpbAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=hcpbAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 27 mar. 2014.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução, textos introdutórios e notas de Tassilo Orpheu Spalding. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

VITERBO, Sousa. *O movimento tipográfico em Portugal no século XVI* (apontamentos para a sua história). Coimbra: Imprensa da Universidade, 1924.

VITRUVIUS, M. De *Architectura*, Book III, c. 1, par. 5-6. Disponível em [http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Vitruvius/3\\*.html](http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Vitruvius/3*.html). Acesso em 31 mar. 2013.

WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português: fonética e morfologia históricas da língua portuguesa*. Tradução de Antônio Houaiss. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

WOLF, Ferdinand. *Le Brésil Littéraire: Histoire de la Littérature Brésilienne* [...]. Berlin: A. Asher & Co., 1863.

WÖLFFLIN, Heinrich. *Conceitos fundamentais da história da arte: o problema da evolução dos estilos na arte mais recente*. Trad. João Azenha Jr. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

ZAMBRANA, Joseph de Barzia y. *Despertador Christiano Quadragesimal* [...]. Tomo tercero. Segvnda impression. Madrid: Juan Garcia Infançon, 1697. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=35Syw3bdORMC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=35Syw3bdORMC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 24 mar. 2014.

ZANINI, Walter (Coord.). *História geral da arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles / Fundação Djalma Guimarães, 1983, v. 1.

ZENONIS, S. Tractatus XI, De Abraham II. In: MIGNE, J. P. *Patrologiæ Cursus Completus* [...]. Tomus XI, S. S. Zenonis et optati. Parisiis: Excudebat Vrayet [...], 1845, cols. 420-425. Disponível em <<http://books.google.com.br/books?id=RkUwAAAAYAAJ&num=13&hl=pt-BR>>. Acesso em 27 out. 2013.

**APÊNDICE A – PINTURA ATRIBUÍDA A EUSÉBIO DE MATOS.**

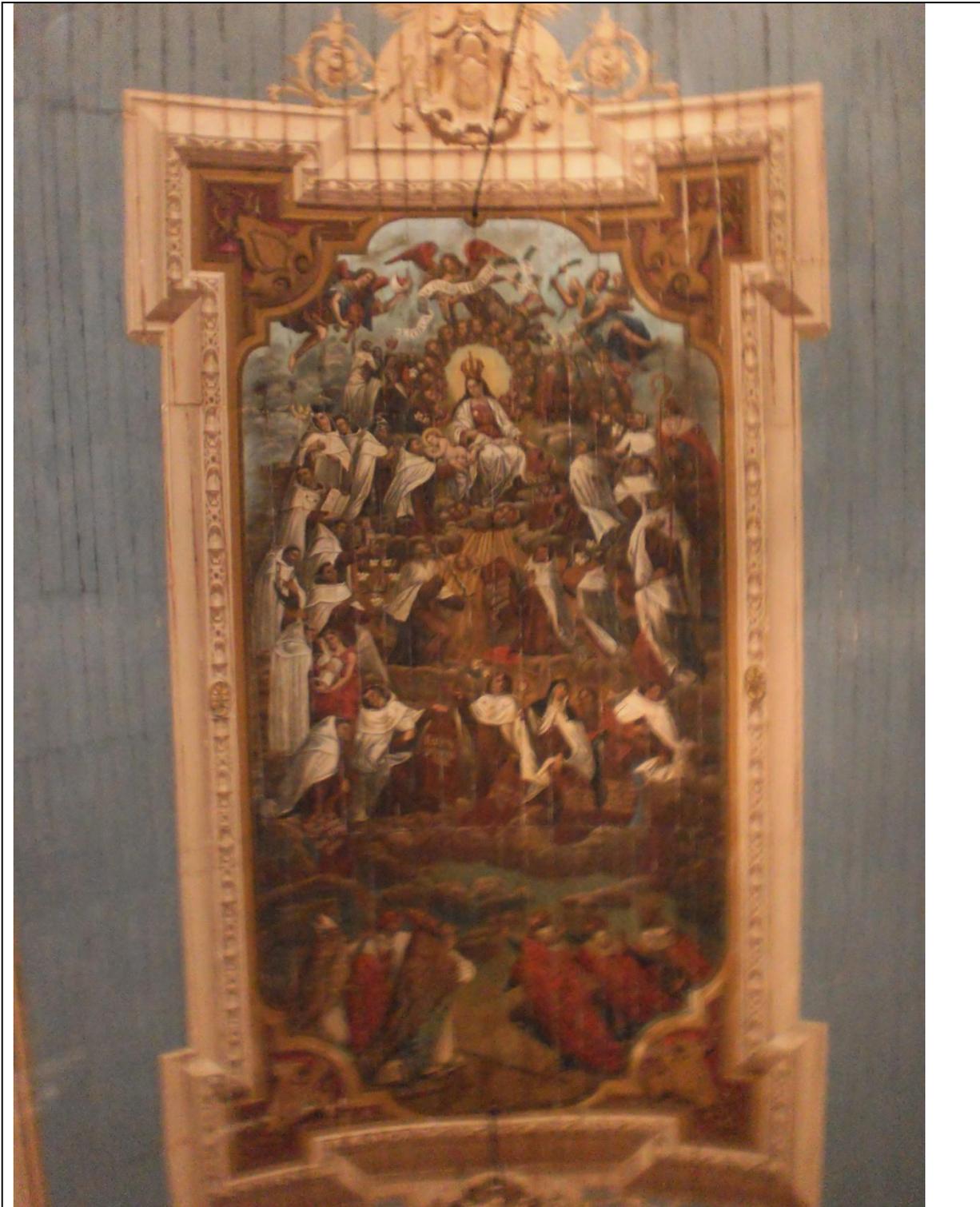


FIG. 56 – Pintura do forro da Capela Capitular do Convento do Carmo – Salvador, Bahia.  
Fonte: arquivo pessoal.

**APÊNDICE B – SONETO EM LOUVOR DO P. SIMÃO DE VASCONCELLOS, ATRIBUÍDO A EUSÉBIO DE MATOS, E TRECHO DE SEU PARECER SOBRE A PUBLICAÇÃO DO LIVRO DAQUELE PADRE.**

**DE HVM ENGENHO**

**Ao Autor do Liuro.**

**SONETO.**

*Nesta celebre empreza que tomastes,  
Fama immortal a vosso nome destes,  
E a penna, com que a todos suspendestes,  
Em virtuozas obras realçastes.*

*Louueuos o nouo mundo, que honrastes,  
O Brazil que escreuendo enriquecestes,  
Mais rico, com o Liuro, que fizestes,  
Que com as ricas drogas que louuastes.*

*De Anchieta as virtudes inauditas,  
Se tem muito valor por elle obradas,  
Muito tem de louuor por elle escritas.  
Traças Diuinas forão decretadas,  
Pera que maravilhas munca ditas  
Por vossa pena fossem publicadas.*

Fonte: VASCONCELOS, Simão. *Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta [...]*. Lisboa: Officina de Ioam da Costa, M.DC.LXXII.

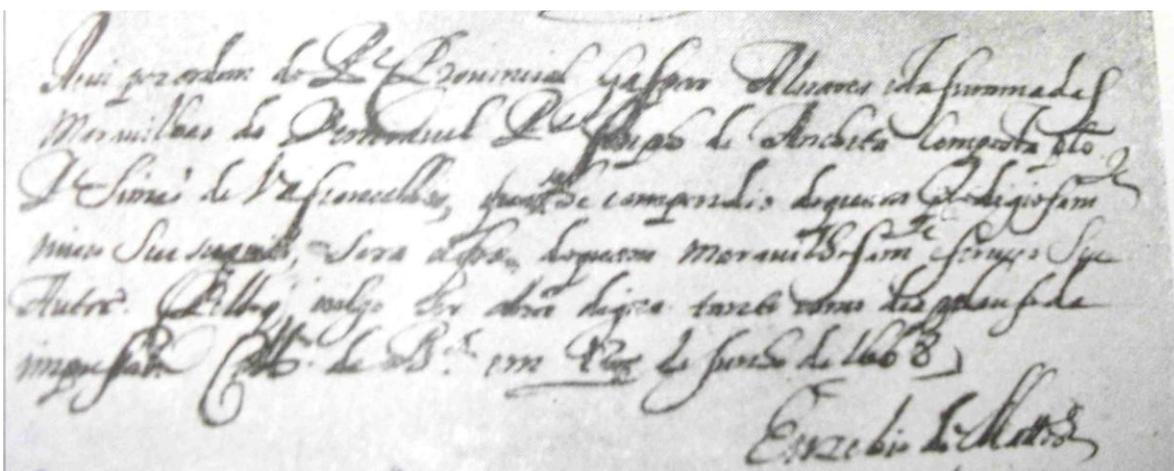


FIG. 39 – Excerto das Aprovações à Suma” ou “Recompilaçam” das Maravilhas do Venerável P. Joseph Anchieta, feita por Simão de Vasconcellos. Baía, 12 de junho de 1668. (Vitæ, 153, 457). Autógr. Port.”  
Fonte: LEITE, 1938-50, tomo VIII, p. 361.

## ANEXO A – FOLHAS DE ROSTO DAS EDIÇÕES PRÍNCIPES DOS SERMÕES

*ECCE HOMO.*  
**PRATICAS**  
*PREGADAS*  
 NO COLLEGIO DA BAHIA AS  
 festas feiras à noite , mostrando se em todas o  
*Ecce Homo* : pello Padre Eusebio de Mattos,  
 Religioso da Companhia de Iesus , Mestre de  
 Prima na fagrada Theologia.

*Offerecidas*  
 AO SENHOR  
**BENTO DE BEIA DE NORONHA,**  
 Inquisidor Apostolico do Sancto Officio da Inquisição de  
 Lisboa, & Conego Prebendado na Sè desta Cidade, &c.



LISBOA:  
 Na Officina de IOAM DA COSTA.

M. DC. LXXVII  
*Com todas as licenças necessarias.*

FIG. 1 – Folha de rosto – Ecce Homo (1677)

**S E R M A M**  
 DE SOLEDADE, E LAGRIMAS DE  
**MARIA SANTISSIMA**  
**SENHORA NOSSA**  
*PREGADO*  
 Na Sè da Bahia Metropoli do Brafil  
 no anno de 1674.

Pelo M.R.P.M.Fr. EUSEBIO DA SOLEDADE,  
 Religioso de N.S.do Monte do Carmo na Provincia do  
 Brafil, Lente de Prima da Sagrada Theologia  
 na mesma Cidade.

Mostrou no fim o Santo Sudario.  
*DEDICADO*  
 A  
**PEDRO SANCHES FARINHA**  
 DO CONCELHO DE SUA ALTEZA, E SEU  
 Secretario das Mercês, & Expediente, Alcaide Mór, & Capitão  
 Géral da Ilha Graciosa, Commendador da Ordem de Christo.

LISBOA.  
 Na Officina de MIGUEL MANESCAL.

M. DC. LXXXI.  
*Com todas as licenças necessarias.*

FIG. 2 – Folha de rosto – Sermão de Soledade (1681)

**SERMOENS**  
 DO PADRE MESTRE  
**Fr. EUSEBIO DE MATTOS,**  
 Religioso de N. Senhora do Car-  
 mo da Provincia do Brafil.

**PRIMEIRA PARTE.** *e unica*



LISBOA,  
 Na Officina de MIGUEL DESLANDES,  
 Impressor de Sua Magestade, Anno 1694.

*Com todas as licenças necessarias.*  
 A custa de Antonio Leyte Pereyra, Mercador de Livros.

FIG. 3 – Folha de rosto – Sermões (1694)

**ORACAM**  
**FUNE BRE**  
 N A S E X E Q U I A S  
 Do Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor  
**D. ESTEVAM DOS SANTOS**  
 BISPO DO BRASIL  
*Celebradas na Sè da Bahia a 14. de Julho*  
*de 1672.*

DISSE-A  
 O P. M. EUSEBIO DE MATTOS  
 da Companhia de JESUS.



LISBOA OCCIDENTAL,  
 Na Officina de MIGUEL RODRIGUES  
 Impressor do Senhor Patriarca.

Anno de M. DCC. XXXV.  
*Com todas as licenças necessarias.*

FIG. 1 – Folha de rosto – Oração Fúnebre (1735)

ANEXO B – CARTA DO PADRE REITOR FRANCISCO DE AVELLAR AO SUPERIOR GERAL DA COMPANHIA DE JESUS (ARSI – 1669)

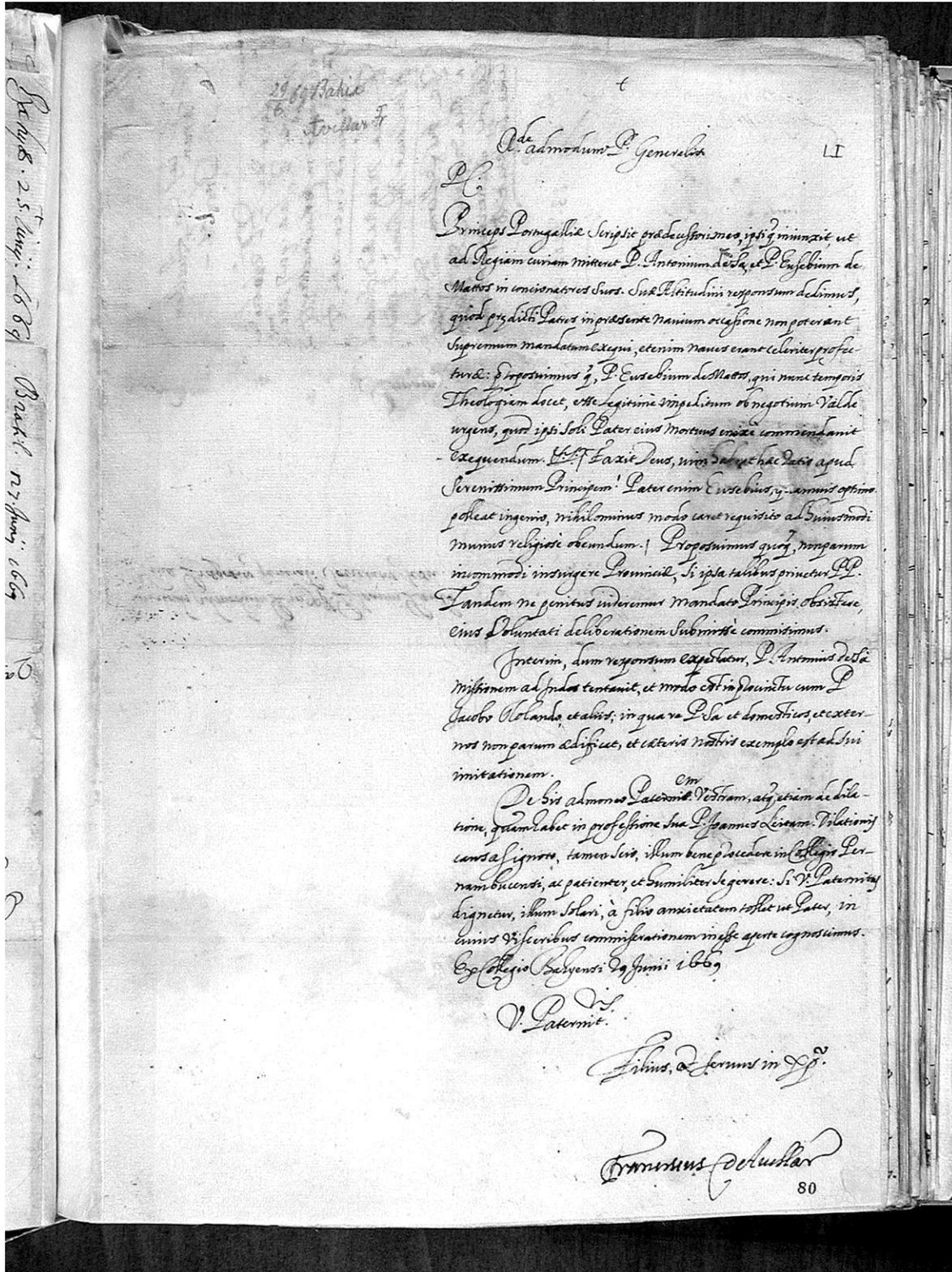


FIG. 21 – Fac-símile (recto) da carta do Pe. Reitor Francisco de Avellar ao Superior Geral da Cia de Jesus (1669). Fonte: ARSI.



## ANEXO C – MS. 920 – BPMP – CATAL'GUS AUTHORUM FAMOSIORUM [...]

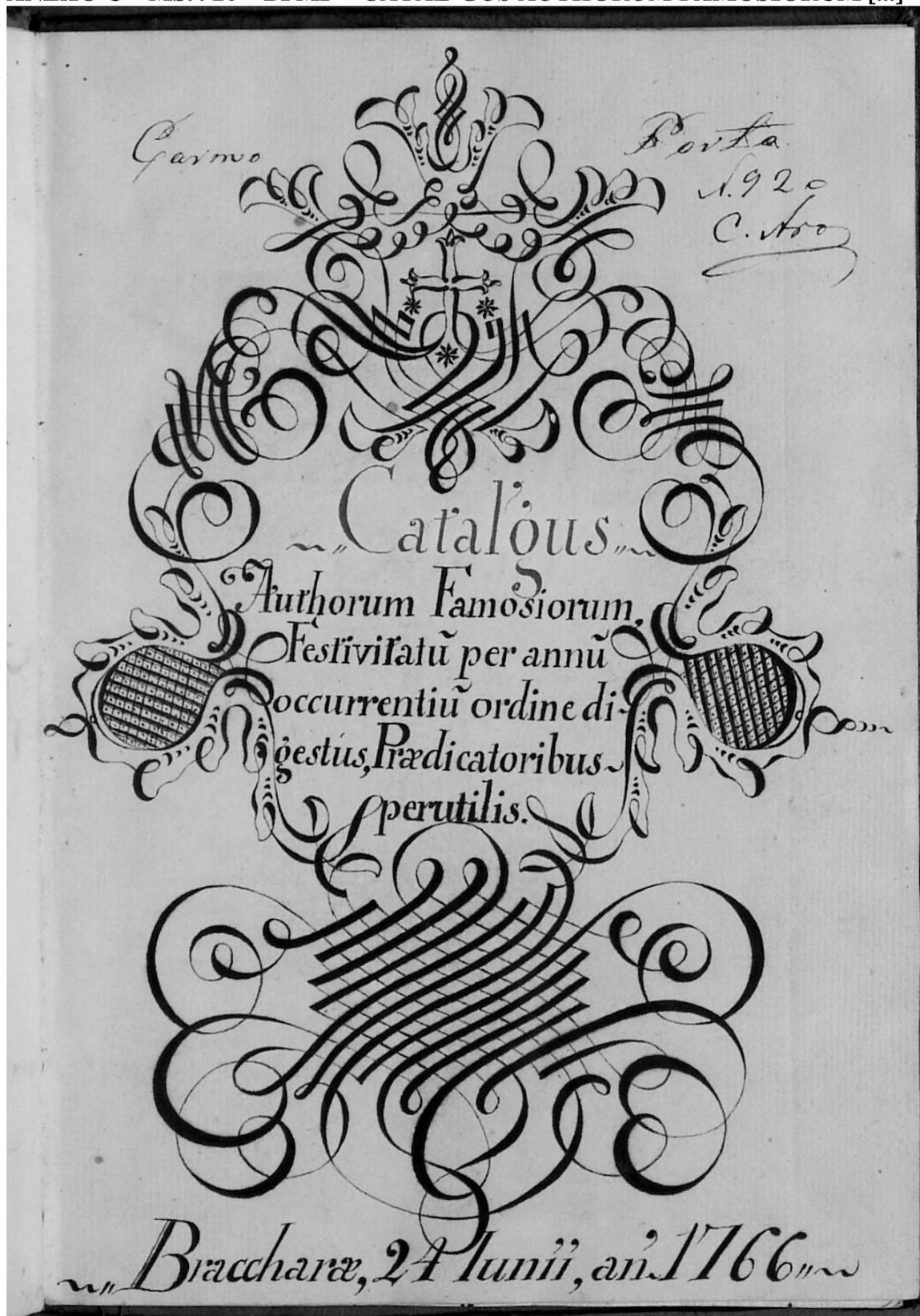


FIG. 23 – Fac-símile da folha de rosto do Ms. 920 – Catal'gus Authorum Famosiorum. Fonte: BPMP



Granada  
Bordalua t. 1º

# Quarta

|          |       |       |
|----------|-------|-------|
| Silv.º   | ----- | O. 3º |
| Ciura    | ----- | O. 7º |
| Jamenio  | ----- |       |
| Viragim  | ----- |       |
| Granada  | ----- |       |
| Bordalua | ----- | t. 1º |

# Quinta

|               |       |          |
|---------------|-------|----------|
| Silv.º        | ----- | O. 5º    |
| Gama          | ----- | O. 3º    |
| Bordalua      | ----- | Comp. 1º |
| Viragim       | ----- | t. 1º    |
| Philippe Diaz | ----- | t. 4º    |

# Dom. inf. od. Ascension.

|          |       |          |                     |
|----------|-------|----------|---------------------|
| Silveira | O. 5º | L. 7º    | C. 16º              |
| Ciura    | ----- | Comp. 1º | Viragim t. 1º       |
| Clonca   | ----- | t. 2º    | Philippe Diaz t. 4º |

# Dominica

## Spirit. Sanct.

|                  |       |          |
|------------------|-------|----------|
| Silv.º           | ----- | O. 3º    |
| Ciura            | ----- | O. 6º    |
| Collares         | ----- | O. 3º    |
| Carido           | ----- | O. 4º 30 |
| Bluteau          | ----- | O. 1º    |
| Nascim.º         | ----- | O. 2º    |
| Oramos           | ----- | O. 3º    |
| Clizud           | ----- | O. 2º 30 |
| Traslo Evang.    | ----- | O. 1º    |
| Alcalá           | ----- | O. 2º    |
| Gouvea           | ----- | O. 3º    |
| Gama             | ----- | O. 4º 30 |
| Lopes            | ----- | O. 1º    |
| Galomino         | ----- | O. 1º 20 |
| Silveira unicon. | ----- | O. 1º    |
| Fr. Rafael       | ----- | O. 1º    |
| Alorino          | ----- | O. 2º    |
| Alvarez          | ----- | O. 3º    |
| Gusmas           | ----- | O. 1º    |
| Alfroz Libani    | ----- | O. 1º 20 |
| Monaral          | ----- | O. 1º    |
| Eusebio de Matos | ----- |          |
| Novera           | ----- |          |
| Exp.º am         | ----- | O. 3º    |
| Baissa           | ----- |          |
| Cor Evang.       | ----- |          |

FIG. 25 – Fac-símile do Ms. 920 – Menção a Eusébio de Matos (2). Fonte: BPMP.

42  
 Chronica Divina  
 Silva Paneg.  
 Manilord... t. 2<sup>o</sup> Buidal... t. 2<sup>o</sup>  
 Espalania t. ... t. 3<sup>o</sup>  
 Homay pred. t. 3<sup>o</sup>

1<sup>o</sup> Oct, Sp, S<sup>us</sup> ti  
 Silor... t. 2<sup>o</sup> l. 4<sup>o</sup>  
 Eusebio de Malog...

2<sup>o</sup> Oct, Sp, S<sup>us</sup> ti  
 Silveira... t. 4<sup>o</sup> l. 6<sup>o</sup>

V. Sm. Trin.

Silor... t. 5<sup>o</sup> l. 3. C. 9.  
 Bluteau... t. 1<sup>o</sup>  
 Nasim... t. 4<sup>o</sup>  
 Esp... t. 3<sup>o</sup>  
 Amosim... t. 2<sup>o</sup>  
 Alind... t. 1<sup>o</sup>  
 Agrez Libani... t. 1<sup>o</sup>  
 Guerra... t. 5<sup>o</sup>

Alvory... t. 2<sup>o</sup>  
 Quental... t. 2<sup>o</sup>  
 Grafo Evang... t. 3<sup>o</sup>  
 Chior... t. 3<sup>o</sup>  
 Costa... t. 2<sup>o</sup>  
 Fr. Fran. da Encarnacao  
 Homay predicacoy... t. 5<sup>o</sup>  
 Baena  
 Luz Evang...  
 Ceyla... t. 1<sup>o</sup>  
 Gama... t. 4<sup>o</sup> l. 6<sup>o</sup>  
 Quary... t. 2<sup>o</sup>

Junio  
 9<sup>o</sup> Cordas as Dom. quid  
 Junleusten.

Biceno  
 Ginzher  
 Esp... t. 5<sup>o</sup>  
 Tavarino  
 Navarra  
 Torre  
 Coragine  
 Janseis  
 Granados  
 Buidal, notom. ho Lem 3. 4. 5 no 11.  
 Lem C. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14.  
 15<sup>o</sup> notom. W. todas admissy.

FIG. 26 – Fac-símile do Ms. 920 – Menção a Eusébio de Matos (3). Fonte: BPMP.

|                     |                        |                                  |                        |
|---------------------|------------------------|----------------------------------|------------------------|
| Jouved              | G. 3.º 4.º 5.º         | Stromay                          | G. 3.º                 |
| Aquilar             | G. 2.º                 | Pols                             | G. 3.º                 |
| B.ª de Calara       | G. 1.º 2.º 5.º         | Nascim.ª                         | G. 3.º 1.º             |
| Medalha             | G. 2.º                 | Elizeu                           | G. 2.º 3.º             |
| Moreno              | G. 2.º                 | Lara                             | G. 2.º                 |
| Palomino            | G. 1.º 3.º             | Laura Castell.                   |                        |
| Zentral             | G. 1.º 2.º             | Fr. Luiz des. I.º                |                        |
| Elizeu              | G. 1.º                 | Fr. Fran.ª da Encarnacª          |                        |
| Exp.ª               | G. 3.º                 | Coulo                            | G. 3.º                 |
| Almd.ª              | G. 1.º 3.º 4.º         | Passary                          |                        |
| Oliv.ª              | G. 1.º 2.º             | Ozorio                           |                        |
| Estrella da lua     | G. 3.º                 | Apollanthea Euchar.              |                        |
| Eurebio de Alalay   | G. 1.º                 | Algeney                          |                        |
| Cabral - Pancaspia. | G. 3.º                 | Penigrinacas Co.ª                | G. 2.º                 |
| Gama                | G. 3.º                 | Philipp Diaz                     | G. 2.º                 |
| Luz Evang.          | G. 1.º                 | Burdahue                         | G. 2.º                 |
| Laura Polkug.       |                        | Fr. An.ª de S.ª Anriada. 1.º 2.º |                        |
| Reys                |                        |                                  |                        |
| Pamoy               | G. 2.º                 |                                  |                        |
| Silva concion.      | G. 1.º 2.º 3.º         |                                  |                        |
| Enigma n.ª          |                        |                                  |                        |
| Fr. Na Saül         | G. 1.º                 |                                  |                        |
| Pinco               |                        |                                  |                        |
| Rethorica Sagrad.   | G. 1.º                 |                                  |                        |
| Deputacª de Euchar. |                        |                                  |                        |
| Alvory              | G. 3.º                 |                                  |                        |
| Saravã dos actam    | G. 2.º                 |                                  |                        |
| Amanal              | G. 1.º                 |                                  |                        |
| Bein.ª              | G. 1.º                 |                                  |                        |
| Bibliotheca P.ª     | G. 1.º 2.º 3.º 4.º     |                                  |                        |
| Draco Eolienzi      | G. 1.º 2.º 3.º 4.º 5.º |                                  |                        |
| Idem                | G. 1.º 3.º 4.º 5.º     |                                  |                        |
|                     |                        | Silv.ª                           | G. 3.º 2.º 1.º 3.º 1.º |
|                     |                        | Creira                           | G. 7.º                 |
|                     |                        | Fr. Fran.ª des. Al.ª             | G. 1.º                 |
|                     |                        | Gama                             | G. 2.º 4.º             |
|                     |                        | Morara                           | G. 1.º                 |

# Ascencao

FIG. 27 – Fac-símile do Ms. 920 – Menção a Eusébio de Matos (4). Fonte: BPMP.

62  
Nome de  
Maria.

|                                  |   |                   |
|----------------------------------|---|-------------------|
| Silv.                            | — | V. 1.º 2.º C. 5.º |
| Púira                            | — | V. 6.º            |
| Idéy Sagrad.                     | — | V. 1.º            |
| Joazeá                           | — | V. 2.º            |
| Chanta                           | — | —                 |
| B.º de Salara                    | — | V. 4.º            |
| Guerra                           | — | V. 2.º            |
| Marial                           | — | —                 |
| Paraviciño de S. I.              | — | —                 |
| Marial de Avendano               | — | —                 |
| Marial de Navera                 | — | —                 |
| Marial Despertador               | — | —                 |
| Triunfos Ecclesiasticos. 1.º p.º | — | —                 |
| Quelto                           | — | —                 |
| Fr. Christovão de R.º            | — | —                 |
| Curado                           | — | V. 5.º            |
| Alquilã                          | — | V. 8.º            |
| Jama                             | — | V. 6.º            |
| Alquilã                          | — | V. 2.º per totum  |
| S. Germano in Bisthol. C. P.     | — | —                 |
| <u>ff. 13</u>                    | — | —                 |

Nossa Sr.ª das  
Merces.

|                      |   |        |
|----------------------|---|--------|
| Santoral de Henrique | — | —      |
| Plamey               | — | V. 5.º |

Sr.ª Rozario.

|                  |   |            |
|------------------|---|------------|
| Vieira           | — | V. 3.º 1.º |
| Eusebio de Matos | — | V. 1.º     |
| Beys             | — | V. 1.º 2.º |
| Joazeá           | — | V. 1.º 2.º |
| Enigma n.º       | — | —          |
| Fr. Rafael       | — | V. 2.º 3.º |
| Nascim.º         | — | V. 4.º     |
| B.º de Salara    | — | V. 3.º     |
| Guerra           | — | V. 2.º     |

FIG. 28 – Fac-símile do Ms. 920 – Menção a Eusébio de Matos (5). Fonte: BPMP.

ANEXO D – MS. 575 (BPMP) POEMAS ATRIBUÍDOS A EUSÉBIO DE MATOS E A BERNARDO VIEIRA RAVASCO.

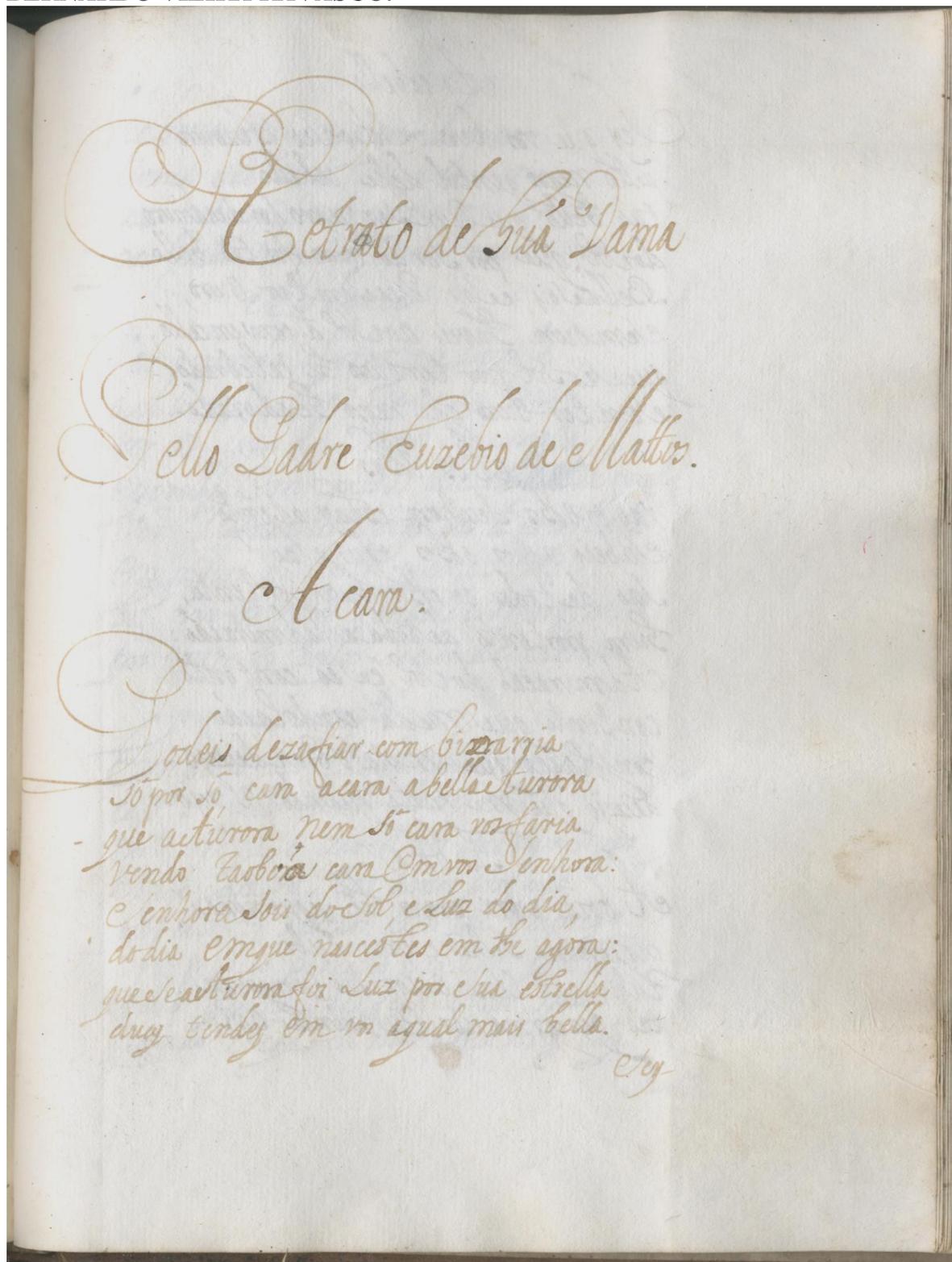


FIG. 29 – Fac-símile do Ms. 575 – Poema atribuído a Eusébio de Matos (1). Fonte: BPMP.

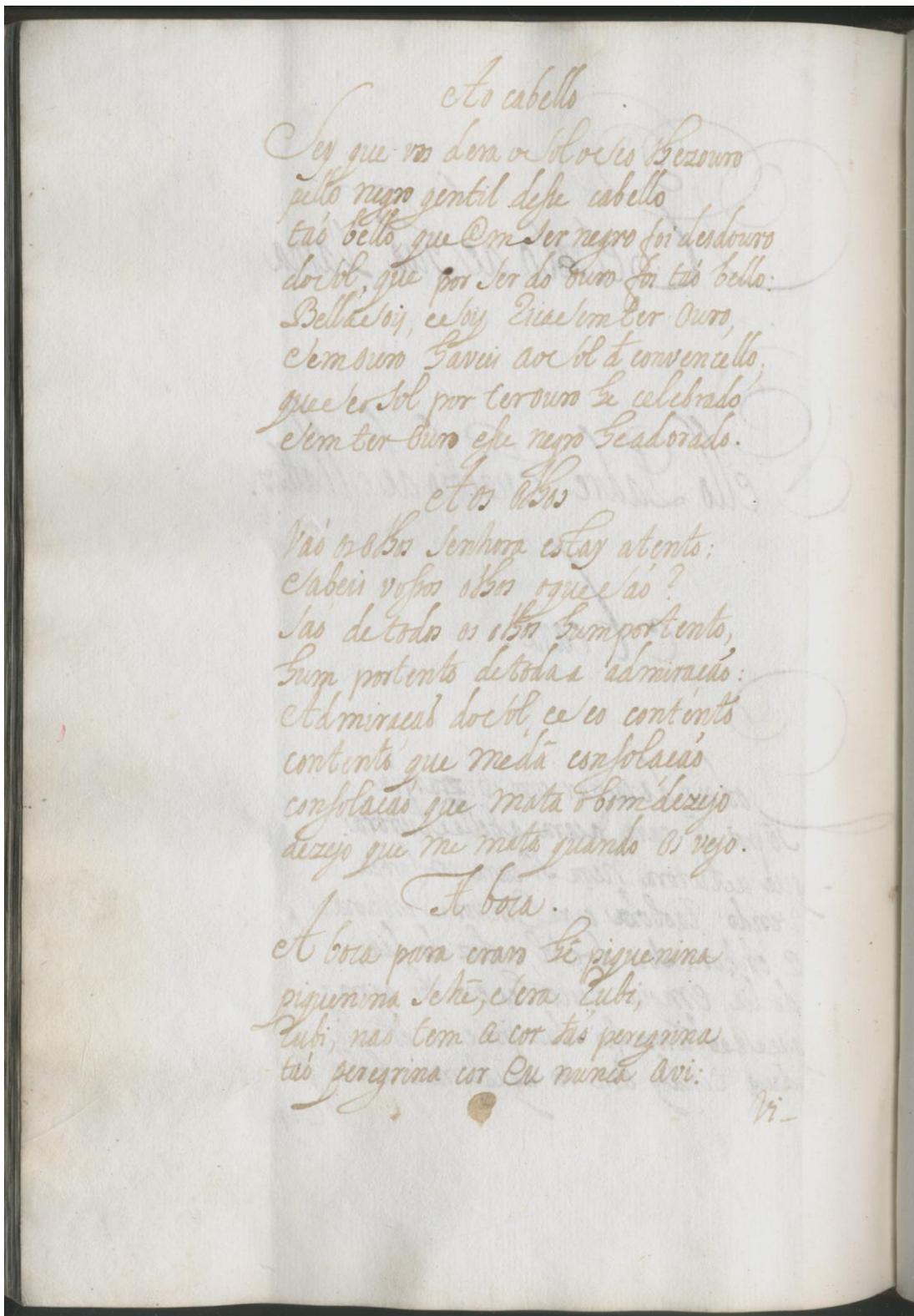


FIG. 30 – Fac-símile do Ms. 575 – Poema atribuído a Eusébio de Matos (2). Fonte: BPMP.

Na bocca e pulqueia cor divina  
 divina não se vê, ou não se vê:  
 mas creio que não quer a vossa bocca  
 por d'ahi nem por Gram fazer Erva.

et is dentes

Ver gnerado alho far que dezata  
 actum e sobre agallado azul  
 vor os raios de raios de h'prata,  
 e perollas em cascos de ~~coral~~ coral:  
 Ver diamantes em q'os d'escullata,  
 em piques de d'ahi puro cristal:  
 he' vor os raios de verde marfim,  
 por entre os bellas labios de carmin.

Hojeito.

Em peito não se vê e que amor cejo,  
 cejo se pello amor do v'ho peito,  
 peito em que o cejo e amor não teme cejo,  
 cejo para em ser amor perfeito:  
 perfeito foi o amor em tal emprego  
 e o emprego perfeito em tal effeito  
 effeito que he' melfeito dizer mais  
 quando chegou a mor a extremo tray.

Janu

FIG. 31 – Fac-símile do Ms. 575 – Poema atribuído a Eusébio de Matos (3). Fonte: BPMP.



Mas por seguir o estylo y aqui lero  
 digo que he vna lenda tão elyanta  
 que o Ces de fez a mel da foz mozuua  
 e to pame into eor de tele intura.

### Erpes

Namoros para epē, mas tate tate  
 que deuorou epē. tu puzarimo  
 e e lencia não se te dybarate  
 dybarate que papa adizatio:  
 et qui azatioi, por medes mate  
 epuante dope tão puzarimo,  
 que se tomar não pfo em tal pegada  
 por se tal vfo se y emporio nada.

FIG. 33 – Fac-símile do Ms. 575 – Poema atribuído a Eusébio de Matos (5). Fonte: BPMP.

Resposta

De Bernardo Vieira pelos  
mesmos Constantes applicados a  
Sum Cadaver.

A cara.

Quem em mactas mudada a guerra  
da cara, que luz dava à bella e uirga  
cres n'asua e fronta m'as cara  
e de amorte contemplara em m'as honra:  
Porque em luz vereij naquelle dia  
a cara que brilhar veda agora  
porque em tao' bavis de ter so' por estrellas  
ver em cinza desfeita a cara bella.

Hor

FIG. 34 – Fac-símile do Ms. 575 – Poema atribuído a Bernardo Vieira Ravasco (1). Fonte: BPMP.

A o cabelo  
 Hormes Vira entao este thezouro  
 que hoje naufraga em ondas de cabelo  
 trocando com mortifero deplouro  
 em fealdades quanto tem de bello:  
 e se por tua Venue agora oouro  
 entao a terra ha de unvencello  
 que quem na vida vive celebrado  
 perde na morte as prendas desadorado.

A os olhos  
 Que olhos que hoje ohas tao contente  
 entao nao has de os que hoje os  
 porque se hoje ehas de sua portento,  
 das trevas has de teo admiracao:  
 e se por claro hoje das contento  
 nao has de os entao conplauso  
 porque veras o fim do teo delerijo  
 e o minar nas Cavornas, o que Cuya vejo.

A boca.  
 A boca que por ser tao pequenina  
 as Erros conquista, e a tibi  
 trocara quanto tem de peregrina  
 pella mia. Entao boca, que Cuya vi:

Algu

FIG. 35 – Fac-símile do Ms. 575 – Poema atribuído a Bernardo Vieira Ravasco (2). Fonte: BPMP.

Alguns dias a Buvi e hama divina  
 mas crepese e lhora que d não coi,  
 por que Entendi que havia avoza hora  
 pella de hui Caveira fazer troca.

Aos dentes.

E maljo far que agora se debrata  
 para brilhar Anhor neste Dizal  
 não mostrará no Nasar fina prata  
 quando vir consumido o co. Coral:  
 Eney dentes que em golpes de Encastata  
 mostram o Dute dente do cristal  
 entes no decorado do Maxim  
 dentes e de hui dever mas nas carmin.

Fofeitos.

O Dito que hoje se, fragora do Amor ago  
 não se fragora entes nem sera peito  
 por que por dar a Larua se obugo  
 perdéra quanto tinha de perfeitos:  
 e em algum tempo for do fogo emprego  
 entes vera emy tao. Ajo efuito  
 que julgava perfuito a tudo. E mais  
 que nas obugo aver <sup>201</sup> parijos Taij.

FIG. 36 – Fac-símile do Ms. 575 – Poema atribuído a Bernardo Vieira Ravasco (3). Fonte: BPMP.

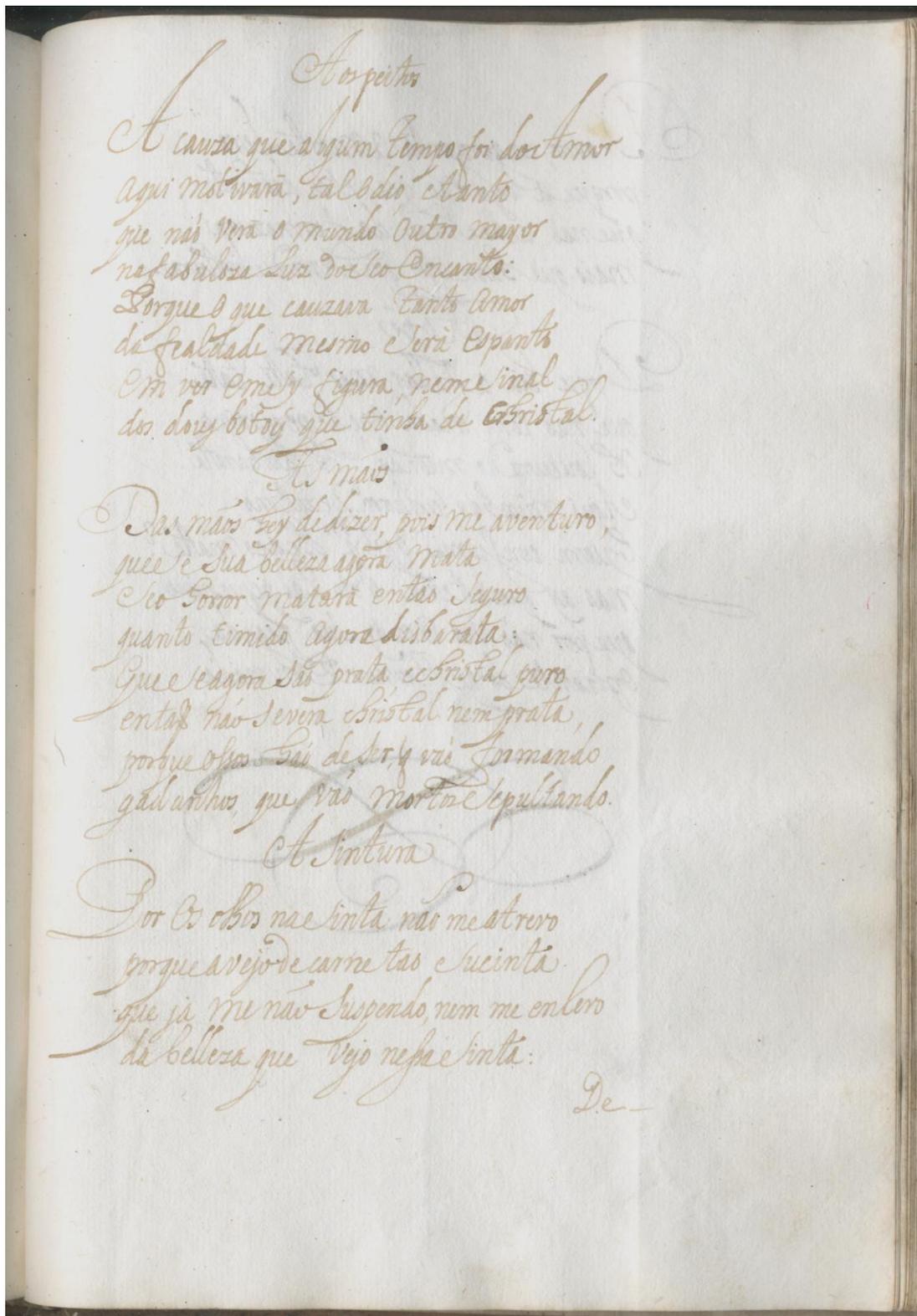


FIG. 37 – Fac-símile do Ms. 575 – Poema atribuído a Bernardo Vieira Ravasco (4). Fonte: BPMP.

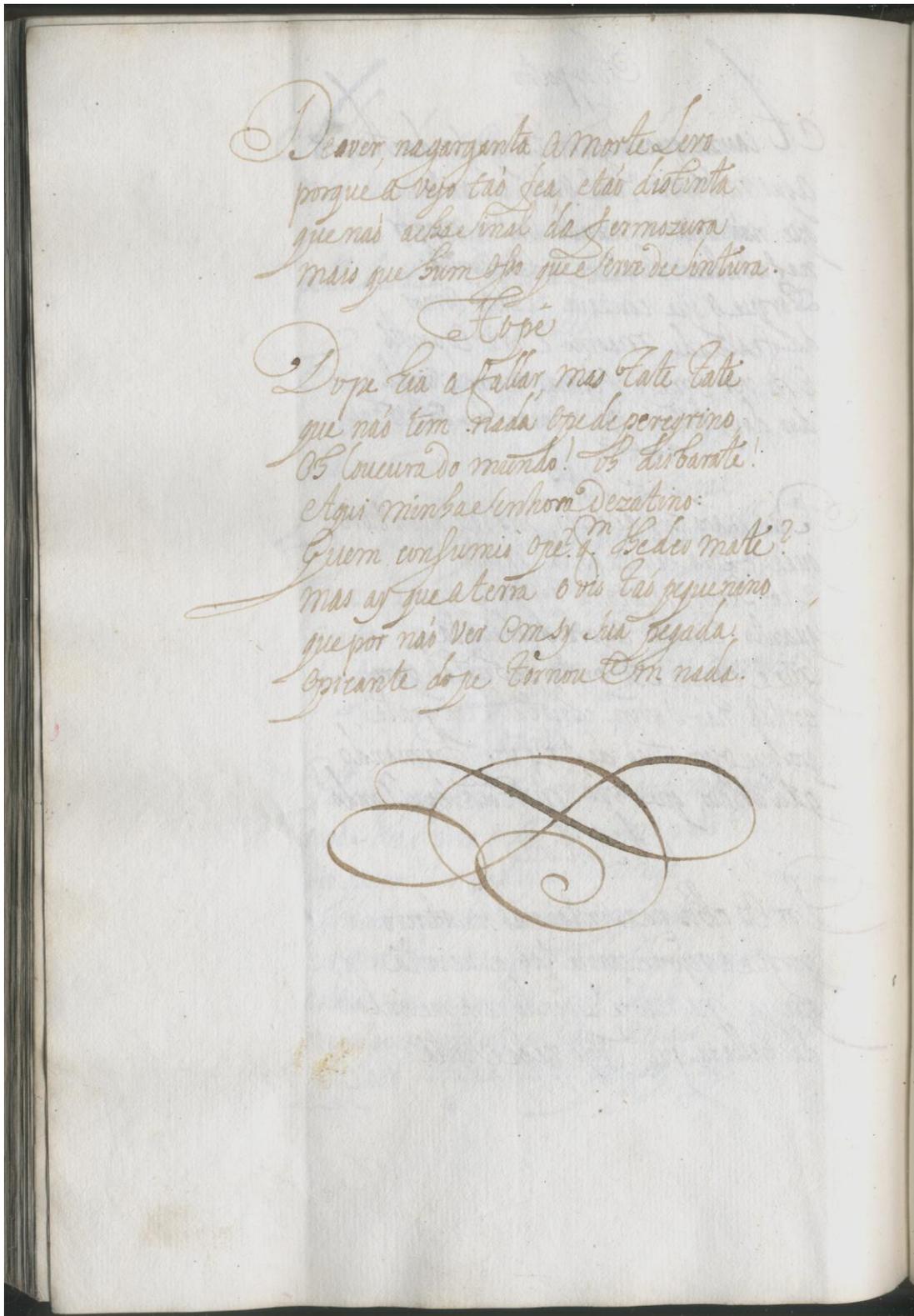


FIG. 38 – Fac-símile do Ms. 575 – Poema atribuído a Bernardo Vieira Ravasco (5). Fonte: BPMP.

ANEXO E – MS CX/1-15 (BPE): SERMÃO DE S. FRANCISCO XAVIER, PREGADO POR EUSÉBIO DE MATOS

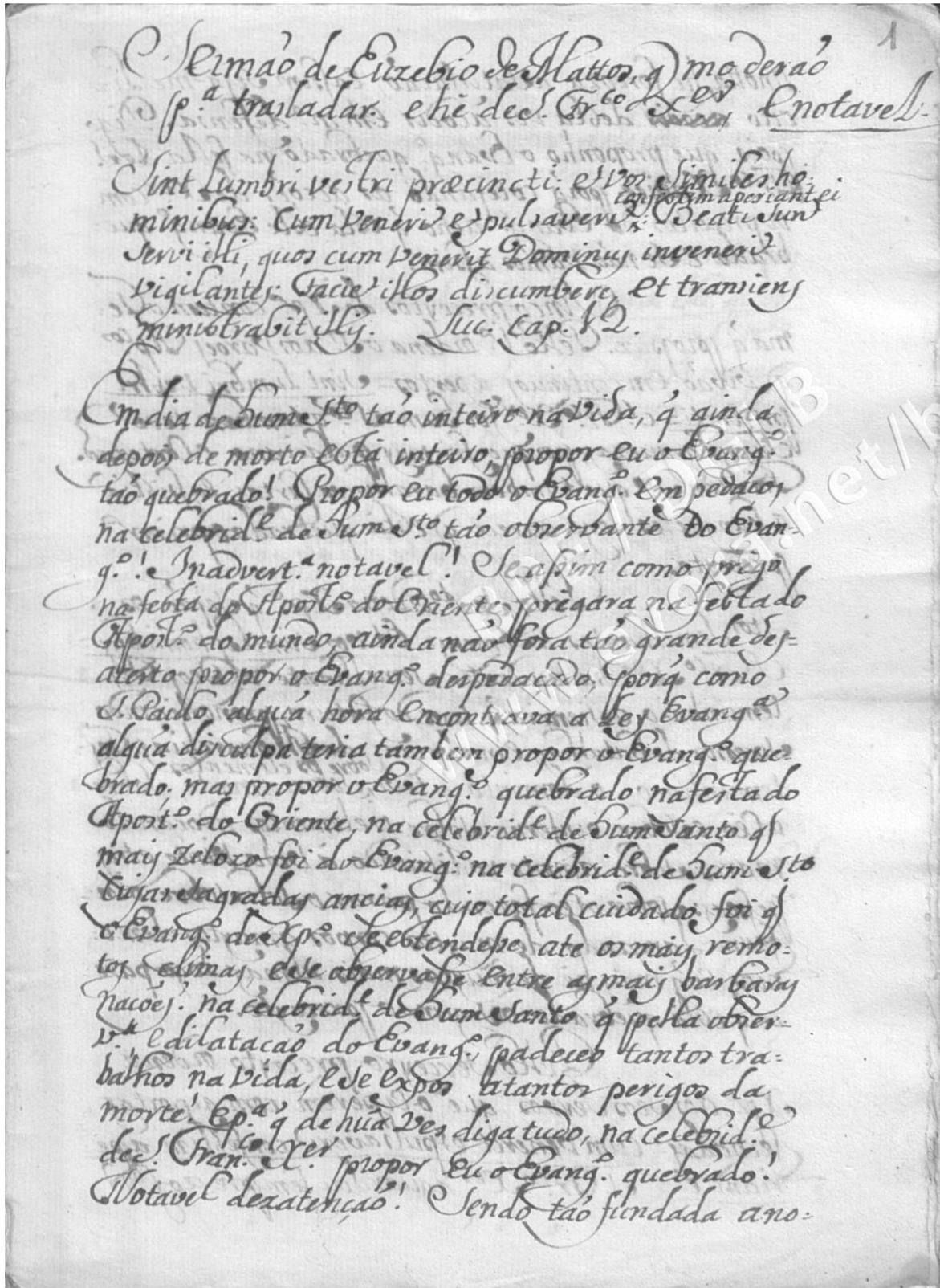


FIG. 40 – Fac-símile do Ms. CX/1-15 – Sermão de S. Francisco Xavier (1). Fonte: BPE.

anotta, he forcoza a satisfacão, e assim seja-me Li-  
cito ~~acodir~~ desta vez acodir em m.<sup>a</sup> defenja. Dig.  
pois. que proponho o Evang.<sup>o</sup> quebrado na febla de  
Fr.<sup>co</sup> Xavier. pois cotejando as accoes de X<sup>o</sup> com  
os preceitos do Evang.<sup>o</sup> acho q<sup>e</sup> está este Evang.<sup>o</sup> que-  
brado. E se não vamos a sim.

19  
O primeiro preceyto de X<sup>o</sup> contém o Ge-  
ma q<sup>e</sup> propuz. Pello 1.<sup>o</sup> ordena o S.<sup>o</sup> aos Varões Sip<sup>os</sup>  
q<sup>e</sup> bibão em continuoç a portos = Sint Lumbri ve tri  
sp<sup>os</sup>incti = I. Fr.<sup>co</sup> X<sup>o</sup> foi sum S.<sup>o</sup> q<sup>e</sup> tambem teve  
Chas Langueras, porque foi muy palaciano e cortez.  
Foi sum S.<sup>o</sup> que tambem baralhava festas, e aspiava  
a banquetes. Logo parece q<sup>e</sup> está quebrado o prim.<sup>o</sup>  
preceyto.

Pello seg.<sup>o</sup> ordena X<sup>o</sup> q<sup>e</sup> sejam os  
S.<sup>os</sup> semelhantes a b<sup>o</sup>mens = Et vos similes hominib<sup>us</sup>  
I. Fr.<sup>co</sup> X<sup>o</sup> drallo dexter semelhante a Deos. Des-  
temunha-o a sciencia q<sup>e</sup> teve do futuro, pronosticando  
socnos de batabas, e mudancas de Monarchias. Des-  
temunha-o o dominio q<sup>e</sup> teve <sup>vobre os elementos</sup> sobre a morte, sobre  
o leo, e sobre o inferno. Sobre os elementos advocando  
mares. Sobre a morte restituendo a vida. Vinte e tres  
pessoas: sobre o leo fazendo parar o sol. Sobre o in-  
ferno lancando de muytos corpos q<sup>e</sup> muytos demo-  
nicos. Logo may he de muytas mais abnas. Logo pare-  
ce q<sup>e</sup> está quebrado o segundo preceyto.

Pello terceyro preceyto ordena  
X<sup>o</sup> aos seus servos que o esperem com a portas  
sechadas = Cum venierit, et puliaverit, confestim ape-  
niant ei = I. Fr.<sup>co</sup> X<sup>o</sup> aquardou sempre aos

FIG. 41 – Fac-símile do Ms. CX/1-15 – Sermão de S. Francisco Xavier (2). Fonte: BPE.

Com as portas do Coração abertas. Assim devia de  
ordinario entre diuinas palavras aplicar as maos  
ao peito, como abrindo sempre, e largando o Coração.  
Logo parece q' esta quebrado o terceiro preceyto.

Do 4.<sup>o</sup> ordena Xp.<sup>o</sup> aos seus Seruos  
q' estejam sempre acordados. Benti serui illi, quos  
cum venerit Dominus inueniri Vigilantes. J. Cr.<sup>o</sup>  
2.<sup>o</sup> algumas vezes se achava dormindo. hua na que-  
la de representacao sensual, q' se lhe offerreco, Contra  
na missao do Oriente que se lhe encarregou. Logo pa-  
rece que esta quebrado o 4.<sup>o</sup> preceyto.

Do 5.<sup>o</sup> ordena Xp.<sup>o</sup> a seus Seruos  
q' depois de bemaventurados estao de asento na  
gloria. Tacite illis discumbent et rannient ministra-  
bit illis. J. Cr.<sup>o</sup> X.<sup>o</sup> esta na gloria de Caminho, q'  
que depois de glorioso tem aparecido varias vezes  
em habito de peregrino, sinal de q' esta de Cam.<sup>o</sup> na  
gloria. Logo parece q' esta quebrado o 5.<sup>o</sup> preceyto. e  
assim aqui como cotizados os preceitos do Evang.  
com as accoes de Xp.<sup>o</sup> parece q' estao quebrados os  
preceitos do Evang.<sup>o</sup> Logo q' muyta he q' pro puzesse  
he o Evang.<sup>o</sup> quebrado na festa de S.<sup>o</sup> Sim. may  
2.<sup>o</sup>

Disto parece q' esta quebrado o  
Evang.<sup>o</sup> he am.<sup>o</sup> empreza de culpar Soje a Xavier,  
E he caso notavel q' venha eu Soje a desculpa,  
q' do deua vir a engrandecelo, e q' do deua enca-  
recer as suas excellencias, haja de apontar suas des-  
culpas. Ora seja a sim ja que parece Soje que esta

FIG. 42 – Fac-símile do Ms. CX/1-15 – Sermão de S. Francisco Xavier (3). Fonte: BPE.

quebrado o Evang. desculpemos hoje a X<sup>ra</sup> por vent<sup>a</sup>  
 q' no mesmo arrezoado de suas desculpas, descubra-  
 mos a melhor traca dos seus louvores. Vamos pois ao  
 novo tema, e vamos considerando nestes pedacos da Crm:  
 q<sup>a</sup> a inteireza de X<sup>ra</sup>

Sint Simbi ventri precinoti: Alanda  
 Xp<sup>o</sup> aos Varoes Apert<sup>os</sup> q' vivao sempre em apertos,  
 e como X<sup>ra</sup> em algumas accoes mostrou alguma largueza  
 parece q' nao observou este preceyto. Querendo que X<sup>ra</sup>  
 teve em algumas accoes alguma largueza por q' a ley de vi-  
 ver sempre em apertos nao comprehendia a X<sup>ra</sup>. E dou-  
 a razao Xp<sup>o</sup> ordena aos mais Santos este preceyto por  
 q' por este Cam<sup>o</sup> dos apertos he que se pode salvar,  
 por isto lhes ordena que caminhem pelas apertos, e  
 nao por outra via. por m X<sup>ra</sup> he q' se por todas as vias, e  
 como singlas, e salva se por todos os caminhos. Logo a ley de cami-  
 nhar sempre pelas apertos nao comprehende a X<sup>ra</sup>

La dixit Salamao q' ao s<sup>to</sup> Sevia Di  
 por dou cam<sup>o</sup> director ambo p<sup>o</sup> a gloria. In firmi-  
 tate duxit Dominus per vias rectas, et extendit illi te-  
 gum Dei: sporem equum comparavit iste d<sup>o</sup> de sala-  
 ma<sup>o</sup> com a vero de xp<sup>o</sup>. Xp<sup>o</sup> disse q' p<sup>o</sup> a duobra vi-  
 da Savia so <sup>dois</sup> Cam<sup>os</sup> hum de larguezas, outro  
 de apertos. e q' o cam<sup>o</sup> dos apertos he o dir<sup>o</sup> top<sup>o</sup> a glo-  
 ria. A outra via est que duxit ad vitam = e q' o cam<sup>o</sup>  
 das larguezas he o dizeyto p<sup>o</sup> a perdicao = Sp<sup>o</sup> tione  
 Matth. 7.13. Via est que duxit ad perditionem. Poi de la dou  
 cam<sup>o</sup> que vao p<sup>o</sup> a duobra vida hum so seve p<sup>o</sup> a glo-  
 ria, e outro p<sup>o</sup> a perdicao; se se perde q<sup>o</sup> vao pelas ca-  
 minhos das larguezas, e sm<sup>te</sup> se salva q<sup>o</sup> vao pelo ca-

FIG. 43 – Fac-símile do Ms. CX/1-15 – Sermão de S. Francisco Xavier (4). Fonte: BPE.

3

Cam. dos apertos, como diz Salomão q. ambos os cam.  
 vão directo p.<sup>a</sup> gloria. Como diz q. Deos q. via p.<sup>a</sup> gloria  
 via por ambos os caminhos. Quicumq. dederit illi  
et contempserit illi. = Oia no tem Salomão não disse q.  
 Deos levava a todos os Stos por ambos os Caminhos.  
 Salomão no singular, disse q. Levava ao Santo. Publi  
deduxit Dominus. Os Santos ordinarios vão todos  
 por hum só Cam. não se salva e não se salva Cam.  
 ordinario dos apertos, por em aquelle que he o Santo  
 por an. in omnia, e aquelle que he singular no modo  
 da Santid. e este Sto. singular não se salva por hum  
 só Cam. Salva se por ambos os cam. Quicumq. dederit

Mas qual he o Santo singular no modo  
 da Santid. e he aquelle que não he Santo En-  
 tre os apertos, e não também entre as larguezas.  
 O Santo q. se conserva entre os apertos, e periga en-  
 tre as larguezas he Santid. muy ordinaria. Mas a  
 Santid. que se conserva tanto entre as larguezas,  
 como entre os apertos, esta he a Santid. por excell.  
 Esta he Santid. singular. Santo que entre as largue-  
 zas se conserva Sto. este he hum Sto. raro he hum  
 Sto. singular e he final. De tanta virtute que  
não se p. gloria por hum só cam.

Qui est hic et laudabimus eum fecit  
enim mirabilia in vita sua. Qui est Salomão  
 que se aponte hum Sto. que fizesse amaiod maravi-  
 lha, e que o teria por hum raro e singular Santo.  
 Igual he o Santo q. obra amaiod maravilha. = Qui  
potuit transgredi, et non est transgressus facere  
malum, et non fecit. = he aquelle que tendo largueza p.  
 peccar não peccou. E he a hum dy, o Sabio Rey, que  
 tendo largueza p. peccar não peccasse, q. lu o-terry.

FIG. 44 – Fac-símile do Ms. CX/1-15 – Sermão de S. Francisco Xavier (5). Fonte: BPE.

hua couza rara = quij est hic, et laudabimus eum.  
 Pois não he isto couza muy ordinaria? Mas, succede a cada  
 passo q' tendo muitas langueras p.<sup>a</sup> peccar, e afastar a Deos,  
 deixao com tudo de peccar? Não succede. Or q' tem occasi-  
 ão, e languera p.<sup>a</sup> peccar infalivelmente peccão. Or isto  
 não peccão, porque fogem da occasiã, e da languera:  
 de sorte q' mal tanto p.<sup>a</sup> não peccão desviando se da languera.  
 E, e não pecco continuo, não a peccão, porq' infalivelm.  
 peccarias se fossem pecco cam.<sup>a</sup> das langueras; por  
 isto Salamao diz, que aquelle que por este cam.<sup>a</sup>  
 deixa de peccar he isto digno de Louros he isto  
 raro, e singular = Quis est hic & fecit & qui  
 potuit &c.<sup>a</sup> Jac.<sup>a</sup> &c.<sup>a</sup>

Mas e Salamao pedia q' lhe aponta  
 sem humo. <sup>to</sup> q' entre as langueras deixasse de peccar,  
 eu he a ponto ao incomparavel. E he igual não  
 deixau de peccar, mas tambem servio entre as lan-  
 gueras; humo. <sup>to</sup> tao raro, e singular q' as suas lan-  
 gueras não so deixaria de ser valia p.<sup>a</sup> peccar,  
 mas tambem forão meyo p.<sup>a</sup> o servico; e não per-  
 quito quão forão as langueras de X.<sup>a</sup>? O jogo, e  
 o banquete. E q' resultou do jogo da Cassia?  
 Convertet a humo solido. E que se de q' do  
 banquete? Reduzid a humo sensual. O raro, e sin-  
 gular virtude de X.<sup>a</sup>

E do a Magdal.<sup>a</sup> se Lancou a or perde  
 X.<sup>a</sup> reparou o mesmo. <sup>to</sup> no extremo da sua virtude:  
 quoniam dilexit multum = Mas em que servio esta  
 virtude da Magdalena? Eu cuido q' em soltar as  
 Lagrimas, e os cabellos; porq' a Magd.<sup>a</sup> com a soltura  
 das suas accoes, tinha langam.<sup>to</sup> servico do peccado, e  
 da mesma soltura q' foi trazião p.<sup>a</sup> servir ao peccado, se-

FIG. 45 – Fac-símile do Ms. CX/1-15 – Sermão de S. Francisco Xavier (6). Fonte: BPE.

4  
 fazer meyo p.<sup>a</sup> servir a Deos, agradar tanto aos o Hon.<sup>os</sup> D.<sup>os</sup>  
 Com os cabellos soltos, como podera agradar com os cabellos  
 apertados: servir tanto a Deos com amaior soltura, co-  
 mo podera com omelhor aperto, grande Virtude da Ma-  
 dalena; sporem Sem Comparação a vantejada. Em X.<sup>o</sup>  
 porq.<sup>a</sup> a Mad.<sup>a</sup> servio a Deos com a soltura com q.<sup>a</sup> ella  
 mesma o offendera sporem X.<sup>o</sup> servio a Deos com a lar-  
 queza, não com q.<sup>a</sup> velle, mas antes com q.<sup>a</sup> outros delinqui-  
 raõ. Pois de tanto se serve a Deos pelo Cam.<sup>o</sup> das largue-  
 zas, como pelo Cam.<sup>o</sup> dos apertos, q.<sup>a</sup> m.<sup>te</sup> he q.<sup>a</sup> diga eu q.<sup>a</sup>  
 por ambos os cam.<sup>os</sup> e salva X.<sup>o</sup> Sublim deus et Do-  
minus per vias rectas = e q.<sup>a</sup> sendo tao raro, e singular q.<sup>a</sup>  
 ambos os Cam.<sup>os</sup>, sendo justo não só entre os apertos, se  
 não também entre as larguezas, que muyto que diga eu  
 q.<sup>a</sup> não comprehende a X.<sup>o</sup> aquelle ley de viver sempre  
 Em apertos = Sint Lumbri Vestri p<sup>o</sup>uncti. C.

Os vos similes hominibus = Este he o V.  
 precito de X.<sup>o</sup> pelo qual ordena aos seus servos q.<sup>a</sup>  
 sejam semelhantes a Jomens, sporem X.<sup>o</sup> deixando de  
 ser semelhante aos Jomens. O trattou de ser semelhante  
 a Deos, tanto a sim q.<sup>a</sup> não só era semelhante, mas era a  
 propria imagem de X.<sup>o</sup> Nótém o caso. Havia hum  
 Crucifixo de metal na Casa dos Pais de X.<sup>o</sup>, o qual su-  
 ava copiozame.<sup>te</sup> todas as vezes q.<sup>a</sup> X.<sup>o</sup> padecia na India  
 &c.<sup>a</sup> Verey o caso.

Har qual seria acavza porq.<sup>a</sup> suava  
 X.<sup>o</sup> quando padecia X.<sup>o</sup> Disse hum engenhozo que  
 padecendo X.<sup>o</sup> suava X.<sup>o</sup> porq.<sup>a</sup> a alma de X.<sup>o</sup> era  
 X.<sup>o</sup>, e padecendo a alma vera forza que suasse o corpo.  
 Venero a delicadeza, mas não o fundamento, porq.<sup>a</sup> X.<sup>o</sup>  
 amava muyto a X.<sup>o</sup> Enão, de ser corpo, Logo não era  
 X.<sup>o</sup> o corpo de X.<sup>o</sup> pois qual seria a razão porq.<sup>a</sup> padec-

FIG. 46 – Fac-símile do Ms. CX/1-15 – Sermão de S. Francisco Xavier (7). Fonte: BPE.

cendo X.<sup>o</sup> Suava aquelle X.<sup>o</sup>! Daq. aquelle X.<sup>o</sup> não  
 era X.<sup>o</sup> na realid.<sup>e</sup> Senão hua imagem de X.<sup>o</sup> e pella iden-  
 tid.<sup>e</sup> q. hã entre a imagem de X.<sup>o</sup> e X.<sup>o</sup> porq. X.<sup>o</sup> hã a mesma  
 cora q. hã a imagem de X.<sup>o</sup>. por isto suava a imagem de X.<sup>o</sup>  
 q. a padezia X.<sup>o</sup>

Esta hã a pontualid.<sup>e</sup> com q. a X.<sup>o</sup> imita-  
 va X.<sup>o</sup>. Sendo preceito de X.<sup>o</sup> q. Seus servos se jão seme-  
 lhantes a outros homens, parecçã não observava X.<sup>o</sup> o pre-  
 ceito de X.<sup>o</sup>. Prepondo q. q.<sup>o</sup> X.<sup>o</sup> manda a Seus servos  
 q. imitem a outros homens não falla Com X.<sup>o</sup> e dõ a Raz-  
 zão por q. X.<sup>o</sup> manda imitar a santid.<sup>e</sup> dos outros s.<sup>to</sup>s  
 aquelles que hies-jão inferiores na santid.<sup>e</sup> porq. aquelle  
 q. hã superior na santid.<sup>e</sup> não tem q. imitar nos outros  
 Santos. Desorte que isto supposto, de todos os s.<sup>to</sup>s nenhu  
 excede a X.<sup>o</sup> na santid.<sup>e</sup>. Só X.<sup>o</sup> excede a X.<sup>o</sup> na santid.<sup>e</sup>.  
 por não tem X.<sup>o</sup> obrigação de imitar aos outros s.<sup>to</sup>s,  
 e só tem obrigação de imitar a X.<sup>o</sup>.

Falla S. Paulo no de Corinthio deij q.  
 Sim - Imitatores mei estote sicut et ego X.<sup>o</sup> - Imita-  
 taime amim a sim como eu imito a X.<sup>o</sup>. Duas du-  
 vidaz tenho nestas palavras. Se X.<sup>o</sup> manda aos seus  
 servos q. se jão semelhantes aos outros s.<sup>to</sup>s, como não  
 imita S. Paulo aos outros s.<sup>to</sup>s, sendo a X.<sup>o</sup>? e se  
 S. Paulo imitava a X.<sup>o</sup>, então aos outros s.<sup>to</sup>s co-  
 mo não ensina aos Corinthios q. com elle imitem a X.<sup>o</sup>.  
 e hies persuade q. o imitem a elle - Imitatores H.  
 H. Razão he porq. S. Paulo era o s.<sup>to</sup> do mundo, e  
 o s.<sup>to</sup> da santid.<sup>e</sup> e superior nella m.<sup>o</sup> Superior a to-  
 dos, e por esta razão havia de imitar a X.<sup>o</sup>. e não  
 aos outros s.<sup>to</sup>s por em os de Corinthio eraõ inferi-  
 ores na santid.<sup>e</sup> e por esta razão haviaõ de imitar  
 a Paulo, e não a X.<sup>o</sup>. Não haviaõ de imitar a  
 X.<sup>o</sup> porq. a santid.<sup>e</sup> de X.<sup>o</sup>. Só dum S. Paulo a

FIG. 47 - Fac-símile do Ms. CX/1-15 - Sermão de S. Francisco Xavier (8). Fonte: BPE.

5

A podia imitar: havia de imitar a Paulo; porq. em  
 Paulo aprendia a santid. de xp. Quematis q. or Co-  
 rinthios porq. era inferior a Paulo na santid.; não  
 podendo imitar a santid. de xp. havia de imitar  
 a santid. de Paulo, e Paulo porq. era superior na san-  
 tid. não tendo q. imitar por mais Santos havia de imi-  
 tar a santid. de xp. Assim de segunda Esp. do  
 mundo. Sr. lo. Xer. Sendo atodos os homens super-  
 vior na santid. não tem q. imitar aos homens, imite  
 sim a Deos. seja no privilegio hua gloriosa emula-  
 ção de D. seja honra por santid. mas seja D. por se-  
 melhança. porq. sendo o Esp. do mundo eo Sr. da  
 santid. não tem q. imitar nos homens por atodos,  
 he superior na santid.; imite som. a Deos seja hu  
 retratto de xp. Logo aley de imitar aos homens  
 não comprehendendo a xp. e Deos similes hominibus

Cum veniri e pulsaveri confertim ape-  
 riant ei. Dorete D. precepto ordena q. os vaxey  
 apostolicos q. estejão prevenidos q. he abrir a por-  
 tas quando lhes bater a cllay. De os Sr. ha de bater  
 as portas dos servos. Se os servos ha de abrir quan-  
 do lhes bater o senhor segue se q. ha de esperar  
 do Sr. com as portas fechadas. Dorem que se xp.  
 aguardou sempre a Sr. com as portas da Coração  
 abertas. Doy se xp. ordena aos seus servos q. espe-  
 rem q. lhes bata as portas. Como não espera xp.  
 se xp. ordena q. se esperem com as portas fechadas  
 como se adianta xp. ates as portas abertas? He q.  
 Ha muy grande o amor de xp. se xp. esperava ao  
 Sr. com as portas fechadas tardaria a sua alma em  
 receber ai Sr. a quelle breve tempo que se podia  
 gabtar em bater, abrir, e hi tão impaciente o

FIG. 48 – Fac-símile do Ms. CX/1-15 – Sermão de S. Francisco Xavier (9). Fonte: BPE.

O amor de Xp. q. nem em breve tempo pode esperar.  
 Esperem embora os outros Santos a Deus com as portas  
 fechadas, esperem tambem Deus as suas portas, porque  
 os outros Sto. amão menos a Deus, sperem Xp. q. ama tan-  
 to mais a Deus, esperem a Deus com as portas abertas, e  
 nendum tempo esperem Deus as suas portas. Sinco por-  
 tas nos abriu Xp. em sinco chagas, p. q. por todas ellas  
 nos cas embuda, sperem he se aduirtir na differ. de  
 chagas portas, porq. as chagas doo per, e das mag. so-  
 raq. dallas em corpo vivo, sperem a chaga doo lado foi  
 dada em corpo morto. Agora omeo repam. Esp. que  
 deuza quis Xp. que se lhe abriu a porta do lado  
 depois de morto. Assim como as outras portas se abri-  
 raõ em corpo vivo, porq. não abriu assim tambem a por-  
 ta do lado. Dize sum grave Engenho q. quisera Xp.  
 que a porta do lado se abrisse de tal m. aberta q. nun-  
 ca se fechasse, e por isso permittira se lhe abrisse esta  
 porta depois de morto. E fundam. he porq. as ferri-  
 das q. se dão em corpo vivo, e dalem se fecham ou  
 tra ves, mas as feridas q. se dão em corpo morto  
 nunca se podem fechar, porq. Xp. quis q. a por-  
 ta do lado estivesse sempre aberta, porq. quis que  
 nunca se fechasse a porta do lado, por isso quis  
 q. a porta do lado se abrisse em corpo morto, e ha  
 he a porta, mas agora tenho eu a difficuldade. E por  
 razão quis Xp. que a porta do lado se não ouves-  
 se nunca de fechar. Assim como se podem fechar  
 as outras portas, por que se não podera tambem fe-  
 char a porta do lado. Ora notem. A porta do lado  
 he a porta por onde se ve q. tra o amor de Xp., e por-  
 to q. por todas as portas nos mostra Xp. o seu amor,  
 com tudo mais se ve este amor pela porta do lado  
 doq. pelas outras portas, porq. pela porta do lado se

FIG. 49 – Fac-símile do Ms. CX/1-15 – Sermão de S. Francisco Xavier (10). Fonte: BPE.

6  
 Estão descobrindo as ternuras daquelle peito, e  
 estão dividindo os affectos daquelle coração, assim  
 pois esteja a porta do lado sempre aberta, não se  
 possa fechar esta porta, porq' a porta por onde mais combe  
 cidam te. Se mostra o amor de x. estar de tal sorte aberta  
 nunca se veja fechada; ~~porq' as portas por em de xp.~~  
 que não mostram tanto amor fecham sem. Embora, po-  
 rem a porta por onde se mostra mais de amor não se  
 possa nunca fechar.

E' bem q' amoroza<sup>de</sup> corresponde abor-  
 to o coração de x. ao lado de xp. Assim como  
 xp. por muy amante dos homens tem sempre aberta  
 a porta do lado, assim x. por muy am. de xp. tem  
 sempre aberta a porta do coração, assim como xp.  
 se mostra muy am. na porta do lado q' não se  
 possa fechar; porq' a porta do lado se não pode nunca  
 fechar, assim x. se mostra muy amante de xp.  
 q' se observa isto porq' os outros Santos esperão a xp.  
 Com as portas fechadas, a porta de x. está sem-  
 pre aberta. ~~isto q' importa o maior a-~~  
~~mor.~~ Se encontra o precepto. Se xp. ordena  
 aos seus servos q' o esperem com as portas fechadas, co-  
 mo o espera x. com as portas abertas. Responde  
 que está ley não comprehende a x. edou brevemente  
 a razão, porq' o d. de ordena aos muy. Santos q' espe-  
 rem com as portas fechadas he porq' receia q' they  
 entre outro amor, e as portas de x. não pode haver es-  
 te receio, porq' está ~~o d.~~ a penetracão in se.

Beati Servi illi. E' este o A. pre-  
 cepto do Evang. enelle ordena xp. aos seus servos  
 q' estejam sempre acordados. x. algumas vezes se achia  
 dormindo: Logo parece q' não observou o precepto do

FIG. 50 – Fac-símile do Ms. CX/1-15 – Sermão de S. Francisco Xavier (11). Fonte: BPE.

Eranq. Responde q. X<sup>er</sup> não violou este precepto, pois  
 este precepto não falla Com X<sup>er</sup>, e dou a razão, porq. X<sup>er</sup>  
 mandava estar acordado a os outros S<sup>tes</sup>, ou porq. não fal-  
 tem ao Serviço, ou porq. os não vença atentação. X<sup>er</sup>  
 ainda que durma, nem o vence atentação, nem falta ao  
 Serviço: Logo aley de viver sempre acordado não falla  
 Com X<sup>er</sup>

Que X<sup>er</sup> ainda dormindo não falte  
 ao Serviço prova se na 2<sup>a</sup> Res q. o vemos dormindo  
 Dormia X<sup>er</sup> quando Voléo the offereção amissão do  
 Oriente. Era dum Indio o que se the entrega a X<sup>er</sup>  
 X<sup>er</sup> porto que com os sentidos entresque. Co Sono  
 não the saltou coraçáo p.<sup>a</sup> trabalho. Não se se dormia  
 ou se uava de pena, ou se de ancia: se de ancia por ser ino-  
 sperado, ou se de pena por ser opear sonhado, o q. se he que  
 ao outros q.<sup>do</sup> dormem assubta. Co Com favoris, Enão  
 com trabalhos. A Jacob dormindo fizerao parente a gloria  
 a Elias dormindo a s. Pedro dormindo offere-  
 cerão a liberd.<sup>e</sup> So a X<sup>er</sup> dormindo offerecem pena e tra-  
 balho. Em q. tanto serve X<sup>er</sup> dormindo como os outros S<sup>tes</sup>  
 acordados, porisso Deos a os outros S<sup>tes</sup> offerece hab.<sup>o</sup> So  
 quando acordado q. a X<sup>er</sup> the offerece tambe a gloria  
 do. So a s. Iose dormindo se q. offerecerão diab.<sup>o</sup> acci-  
 pte puerum, e fuge in Agyptum. - porisso a s. Iose dor-  
 mindo mandavao q. tomasse a. cortas a hum Deo, esse  
 meaino, Ca X<sup>er</sup> dormindo mandavao q. tomasse a. cor-  
 tas a hum homem, esse barbaro: a s. Iose dormindo  
 mandavao que accresse p.<sup>a</sup> tomar a. cortas a hum Deo,  
 Ca X<sup>er</sup> ainda dormindo the porerao o Indio a. cortas.  
 O Vigilante o mo de Xavier.

Que a X<sup>er</sup> ainda dormindo não ven-  
 cesse atentação prova se da 2<sup>a</sup> Res q. o vemos dormindo.  
 Atreve se a X<sup>er</sup> dormindo sua Representação menojho-

FIG. 51 – Fac-símile do Ms. CX/1-15 – Sermão de S. Francisco Xavier (12). Fonte: BPE.

honesta, porq' a estar acordado não se atrevera, e  
 foi tal a força que aplicou x<sup>o</sup> em resistir a esta representa-  
 tação que por diversas partes do corpo arreventou em  
 diluções de sangue, e oportunas sangrias p.<sup>a</sup> tão nociva  
 enfermidade. Mas ser x<sup>o</sup> dormindo doq' fazem os  
 outros s<sup>tos</sup> acordados, porque os outros Santos acorda-  
 dos não resistem ás tentações com sangue, e x<sup>o</sup> dor-  
 mindo ate derramar sangue resistiu ás tentações.  
 Mas não achoa exemplo nos outros s<sup>tos</sup> em x<sup>o</sup>  
 q<sup>m</sup> imitava a deus de algum modo exemplo.

Morto x<sup>o</sup> the fere Longuinhas o peito  
 com sua Lança, e começa x<sup>o</sup> a derramar sangue. Pois  
 como e porque derrama sangue hum corpo morto? Aqui  
 se dá punha exemplo p.<sup>a</sup> x<sup>o</sup> Longuinhas era a figura  
 do amor profano: pois q' Longuinhas era hum mancebo  
 cego, q' meneando a armas fazi a tiros a hum peito, e  
 apontava golpes a hum Coração. x<sup>o</sup> morto respre-  
 sentava a x<sup>o</sup> dormindo: pois a viola do amor pro-  
 fano q' ha de fazer x<sup>o</sup> não derramar sangue e  
 que ha de fazer x<sup>o</sup> dormindo não derramar san-  
 gue a viola de sua representação profana: pois  
 se x<sup>o</sup> dormindo assim resistiu ás tentações, e se ser-  
 ve, e habalha dormindo, q' necessid.<sup>e</sup> ha deq' esteja  
 x<sup>o</sup> acordado. Nos outros Santos manda x<sup>o</sup> que  
 estejam sempre acordados p.<sup>a</sup> que resistão ás ten-  
 tações, e não faltem ao serviço: x<sup>o</sup> dormindo nem  
 falta ao serviço, nem admite as tentações: logo  
 bem dizia eu q' não comprehende a x<sup>o</sup> a quebra  
 Ley de viver sempre acordado. Beati

Faciet illos discumbere &c.<sup>a</sup> Este  
 he o ultimo preceyto do Evang.<sup>o</sup> e por elle ordena x<sup>o</sup>.

FIG. 52 – Fac-símile do Ms. CX/1-15 – Sermão de S. Francisco Xavier (13). Fonte: BPE.

Aora seo. Seivos q depois de bemaventurados ebejaõ  
 na gloria de asento. 1.<sup>o</sup> ebeja na gloria de sam. porque  
 ebe de peregrino depois que ahibe na gloria. logo  
 parece q não observa ebe preceyto de xp. Recuprido  
 que nelle preceyto não falla xp. com x. ebeja a Pazã.  
 porq xp. da por gloria a todos os s.ºs aquillo q lhes ser-  
 ve de maior regalo; o regalo dos outros e tanto he o de-  
 canço. pois gozem o descansa na gloria, ep.º isz ebe-  
 jaõ de asento na gloria. O regalo de x.º na gloria he  
 o servir, pois ebeja prompto p.º servir na gloria, e  
 p.º isto ebeja na gloria de cam.º. A gloria he dum con-  
 te q Deus faz dos bemaventurados, isto quer dizer - di-  
 cumberẽ - q ebejavão todos a mesma; e ebeja a mesma são  
 os pratos amedida do desejo de cada um. O melhor  
 prato p.º os outros s.ºs he o descansa, pois ebejavão sen-  
 tados a meza, q os convida Deus p.º o descansa. O me-  
 lhor prato p.º x.º são os oracões, por isto que a  
 the apresentou pois ebeja x.º a meza sem pre de sam.  
 na gloria. E ebeja a meza, e ebeja a sorte. E ebejavão todos os  
 s.ºs gozando da gloria; os outros gozem do descansa,  
 q ebeja a gloria dos outros e tanto, e x.º disponha se  
 p.º os trabalhos, que ebeja a gloria de x.º.

Peregrino s.º por certo q ate na glo-  
 ria se vbe de peregrino. Peregrino s.º q ainda q de  
 bemaventurado se viador, e ainda na patria he pe-  
 regrino. Tu solus peregrinus in Jerusalem. - por em  
 com quanta maior Pazã se admirarão, se virão  
 q na Celeste Jerusalem patria de todos os Bem-  
 venturados, so x.º era peregrino sendo bemaventu-  
 rado! Mas não digo Bem. não venião q so x.º era

FIG. 53 – Fac-símile do Ms. CX/1-15 – Sermão de S. Francisco Xavier (14). Fonte: BPE.

peregrino, por q' na gloria não haviaõ dever de sam.  
 O xer, também haviaõ dever a Deo de sam. = Transi-  
ens ministrabit illi - Deo na gloria sempre está  
 de sam. = Transiens = e sempre está servindo = Minis-  
trabit - Pois q' na gloria havia de fazer parochias  
 com Deo sendo xer? e se Deo serve, está de sam.  
 na gloria, também xer? servir está na gloria de  
 cam. Se Deo está na gloria de cam. porq' a gloria  
 de cam. há servir aos Bemaventurados: xer? está na glo-  
 ria de cam. porq' abemaventurancia de xer? se ser-  
 vir a Deo. Que nova! Que estranha gloria de xer!  
 de m' outros s'co tem o de cam. por gloria, q' m' q'  
 Deo ther. de na gloria o de cam. Se xer? não tem  
 por gloria o de cam. se não o hab. q' m' q' de ga-  
 eu q' nac. Comprehende a xer? aquella ley de go-  
 zar na gloria de de cam. na gloria = Facies illi  
dicam. et de.

Temos acabado o Tomo, e tenho a-  
 cabado de desculpar a xer? por em q' mal procedi  
 xer? D. animado sol. do Oriente, novo Apr. b.  
 do mundo. q' mal procedi em cuidar q' estava hoje  
 quebrado o Evang. quando nunca melhor q' hoje  
 se viu o Evang. obervado! ~~Não me atrevi a des-~~  
~~culpar-vos, por isso me atrevi a desculpar-vos, e assim~~  
 de tanta perfeição mostrais não parecia quebrado  
 do Evang. nas oberv. do Evang. qual será a vossa  
 perfeição! de tão grande s'co vos quando! Não  
 me atrevi a louvar-vos, por isso me atrevi a des-  
 culpar-vos, e de tão grande Santo sois quando  
 vos desculpaõ, qual se veis quando vos Louvaõ.

FIG. 54 – Fac-símile do Ms. CX/1-15 – Sermão de S. Francisco Xavier (15). Fonte: BPE.

Ora meo glorioso. Sto ja q' hoje foi dia de desculpas. de  
 culpe me a grandeza da vossa Luz, q' dum sol tao  
 luzido mal se permite q' se vea o trem de seus reflexos  
 dores, por isto foi forca q' the attenta semor p' as som-  
 bras impossibilitados amecis the tantas Luzes,  
 mas quãto se vao estas Luzes se vao tao e sombras.  
 Ja sey q' por isto tivete alguma largueza em vos-  
 sas accoes, porq' tao jubtam. e procedeis entre largue-  
 zas, como outros Sto nos maiores a peccos. por isto  
 deixate de parecer aos outros homens. e o imitabile  
 aldeos, porq' so em Oh tender q' imitai e tem que  
 imitar em vos todos os homens: por isto esperate Oh  
 com a portar do Coracao alerias, porq' em vomo forca  
 nao ha perigo de q' entre vossos das creaturas por  
 estas todo occupado do amor de Deus: por isto vos  
 viraõ viver dormindo algumas vezes, porq' mais  
 fareis vos dormindo q' os outros Santos acordados,  
 e por isto finalm. estas na gloria de sam, porq'  
 vedar diuinitos q' hab. the avosia maior glo-  
 ria ad quam

FIG. 55 – Fac-símile do Ms. CX/1-15 – Sermão de S. Francisco Xavier (16). Fonte: BPE.